ESTUDOS PSÍQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

Maria Gonçalves Duarte Santos

CONTÉM: Mais Um Passo, da **Redacção**; Três Leis Espiritualistas, por **Ângelo da Costa Cabral**; Maria Duarte Santos, por **R. P.**; Espantosa Prova de Sobrevivência, por **António Martins**; Ao Centro «Luz e Amor», por **Maria Luisa**; O Poder dos Mortos, por **Eduardo Ferreira da Conceição**; O Existencialismo Passa de Moda, por **Rufino Juanco**; A Responsabilidade dos Médiuns, por **A. Ivone de Sousa**; Terrível Obsessão, por **B. B. Martins**; Inauguração do Hospital «Apóstolo Pedro» em Mimoso do Sul — Estado do Espírito Santo — Brasil, por **Henrique Magalhães**; Ecos do Além (Mensagens do Espírito de **Maria Gonçalves Duarte Santos**); «Ronda Espiritual»; Visão, por **Abdallah**; Mulher, Esposa e Mãe, por **José Simões de Matos**; Auxílio aos Necessitados; Ainda Eu Não Era Espirita, por **L. B. Castro**; Policromia, por **Tito L. Bancéscu**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

Ver página 5

14.º ANO — JANEIRO DE 1953 — N.º 1

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicado

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo		42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
Síntese do Livro dos Espíritos	12$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	15$00	
Depois da Morte, nova edição	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

12.° VOLUME

1953

RUA DO SALITRE, 149, 1.° — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

Pág.

N.º 1

Mais um passo, da *Redacção* 1
Três Leis Espiritualistas — I —, por *Ângelo da Costa Cabral* 2
Maria Duarte Santos, por *R. P.* 5
Espantosa Prova da sobrevivência, por *António Martins* 6
Ao Centro Luz e Amor (Soneto), por *Maria Luiza* 8
O Poder dos Mortos, por *Eduardo F. da Conceição* 9
O Existencialismo Passa de Moda, por *Rufino Juanco* 11
A Responsabilidade dos Médiuns, por *A. Ivone de Sousa* 12
Terrível Obsessão, por *B. B. Martins* 13
Inauguração do Hospital «Apóstolo Pedro», por *Henrique Magalhães* 14
Ecos do Além — XIV — por *I. D. S.* 16
«Ronda Espiritual» 21
Visão, por *Abdallah* 23
Mulher, Esposa e Mãe, por *José Simões de Matos* 24
Auxílio aos Necessitados 25
Ainda eu não era Espirita, por *Luís de Barros Castro* 26
Policromia, por *Tito L. Bancéscu* 28
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* 29
Notas & Comentários 31
Noticiário 32

N.º 2

Os Guias, da *Redacção* 33
Três Leis Espiritualistas — II —, por *Ângelo da Costa Cabral* 34
«Almas Errantes», por *Agnelo Morato* 37
Considerações sobre o Homem, por *Ramos Pereira* 38
Deficiências (do livro «Novos Caminhos») ... 39

Pág.

Qual nasceu primeiro: a galinha ou o ovo?, por *Cyrilo Alleixo* 40
Federação Espirita do Paraná, por *H. Magalhães* 42
Como conheci Ernest Oaten, por *Frederico Duarte* 44
O Espiritismo e a Imprensa, por *Mons. Ascânio Brandão* 46
Ida Lupino, por *Marius Swederson* 47
Aforismos, recebidos por *Josefina A. Rinaldini* 48
D'Aquém e d'Além... 51
Estudar para saber, por *F. Noronha* 52
Livros de todo o mundo, por *Ramos Pereira* 52
Madame Boulet, grande médium de efeitos físicos, por *G. Belami* 54
Cristianismo, por *José Simões de Matos* 53
Demonstração das Forças Superiores, por *L. B. Castro* 56
Cultura Médica, por *I. D. S.* 57
Problemas da Imortalidade, por *Alfredo Miguel* 58
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* 61
Notas & Comentários 63
Noticiário 64

N.º 3

Sessões Espiritas, da *Redacção* 65
Três Leis Espiritualistas — III —, por *Ângelo da Costa Cabral* 66
Uma Ideia, por *F. Noronha* 69
Carta Aberta, por *F. Noronha* 69
Farias Brito e o Espiritismo, por *Deolindo Amorim* 70
Do Espírito, por *F. R. Van Ribroeck* 72
Rufino Juanco (sua desencarnação) 74
Escândalo, por *Alfredo Miguel* 75
Miscelânea 76
Hora Tranquila Diária, por *B. B. Martins* ... 78
O Hipnotismo na Medicina 79
Ecos do Além... — XV — por *I. D. S.* 80

Pág.

Madame Boulet, grande médium de efeitos físicos, por *G. Belami* 86
Notícias do Brasil (advogados espiritas) 88
A Magia, por *A. Ivone de Sousa* 90
Exploração da Mediunidade, e «Desobsessão» 92
A Cremação dos Cadáveres, por *Emmanuel* ... 92
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* 93
Notas & Comentários 95
Noticiário 96

N.º 4

União, da *Redacção* 97
O Cristo, os Cristãos e os Espiritistas, por *Tito L. Bancéscu* 98
Preservativo da Loucura, por *Alfredo Miguel* 102
A Prática do Espiritismo, por *A. Ivone de Sousa* 103
Madame Boulet, grande médium de efeitos físicos, por *G. Belami* 104
Espíritos Brincalhões 107
Jesus e Deus, por *Leopoldo Machado* 108
Maternidade Casa da Mãe Pobre 108
Ao Escravo da Matéria, por *Cyrilo Alleixo* ... 110
O Grito das «Novidades», por *I. D. S.* 112
Reclusos no Mundo, por *H. Magalhães* 116
Harmonia Sideral (do livro «Novos Caminhos») 116
A Arca de Noé, por *Jeremias Pacheco* 118
Marco Postal 121
Livros de todo o mundo, por *Ramos Pereira* 122
D'Aquém e d'Além... 124
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* 125
Notas & Comentários 127
Noticiário 128

N.º 5

Unificação, da *Redacção* 129
Espiritismo, Doutrina do Perdão, por *António Martins* 130
Músicos Fantasmas, por *Eric Freeman* 131
Aspectos da Sobrevivência, por *Georges Tiret* 132
João Paulo Freire (Mário). Um pioneiro que desaparece 136
Curadores que Curam, por *Jean Palaiseul* 140
Um Enigma Extraordinário 143
Ecos do Além... — XVI —, por *I. D. S.* ... 144
Evolução — Revolução, por *F. Noronha* 150
Como eu vi Ernest Thompson, por *Frederico Duarte* 153
A Materialização, por *W. Vieira* 154
Jejum, por *Alfredo Miguel* 155
D'Aquém e d'Além... 156
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* 157
Notas & Comentários 159
Noticiário 160

N.º 6

Incompreensão, da *Redacção* 161
O Espiritualismo Através dos Tempos — I —, por *António Martins* 162
A História da Cruz nas Religiões, por *Isidro Inda* 165
Paulo Hareng (o homem com excesso de fluido) 168
Você é Espirita?, por *Rodolfo Cavalcante* 170
D'Aquém e d'Além... 171

Pág.

Ataques Incongruentes, por *F. Noronha* 172
Sinagoga Espirita Nova Jerusalém 176
A Filosofia de Ubaldi, por *Sérgio Vale* 178
A Viagem da Insídia, por *I. D. S.* 182
Confundir ou Malsinar?, por *J. Rodrigues de Sousa* 182
Semana Santa, por *José Simões de Matos* 184
A Natureza, por *Eduardo F. da Conceição* ... 185
Saúde Física, por *L. B. Castro* 186
As Obras de Pietro Ubaldi 187
Justiça e Perdão, por *Alfredo Miguel* 188
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos*... 189
Notas e Comentários 191
Noticiário 192

N.º 7

Silêncio, da *Redacção* 193
O Espiritualismo Através dos Tempos — II —, por *António Martins* 194
Penas Eternas, por *Alfredo Miguel* 197
Seres Sem Rosto — I —, por *Georges Tiret* ... 198
Ásia, por *F. Noronha* 201
Os Fenómenos Metapsíquicos nos Animais—I—, por *Bruno Adamo* 202
Acerca do Jejum, por *S. Teixeira* 205
Pó, Cinza e Nada..., por *Cyrilo Alleixo* ... 206
Captação (do livro «Novos Caminhos») 208
O Radiestesista Bineau, por *Jean Palaiseul* ... 210
Notícias do Lar de Jesus 212
Entre Falsas Vozes, por *Emanuel* 213
A Falência do Materialismo, por *Anselmo Paermentier* 214
Intercâmbio Juvenil (da Cidade do Cruzeiro) 215
Vícios e Manias, por *L. B. Castro* 216
Trabalho Harmónico, de *Unificação* 217
Distribuidores de Amarguras, por *Tito L. Bancéscu* 219
D'Aquém e d'Além... 220
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos*... 221
Notas e Comentários 223
Noticiário 224

N.º 8

O Espírito, da *Redacção* 225
O Espiritualismo Através dos Tempos —III—, por *António Martins* 226
Dogmas, por *Alfredo Miguel* 229
Seres Sem Rosto — II —, por *Georges Tiret* ... 230
Os Fenómenos Metapsíquicos nos Animais—II—, por *Bruno Adamo* 234
Não o Crucifiqueis de Novo..., por *António J. Trindade* 237
Ecos do Além... — XVII —, por *I. D. S.* 240
Swedenborg — I —, por *Henry Thomas* 246
Formai a Vossa Biblioteca 248
A Maior Maravilha da Civilização, por *Silvio Brito Soares* 249
Espírito e Matéria, por *H. Magalhães* 251
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 253
Notas e Comentários 255
Noticiário 256

N.º 9

Concórdia, da *Redacção* 257
Contra factos não valem argumentos, por *F.*

Pág.

Noronha 258
Minha Mãe, por *J. A. de Oliveira* 261
Projecção Espiritual da Obra de Hidalgo, por *Pedro Alvarez y Gasca* 262
Falta de Unidade, por *L. B. Castro* 264
O Homem que curou 29 médicos, por *Jean Palaiseul* 266
Réplica à «Nossa Vida Mental» — I —, por *Sérgio Vale* 268
Hospital Espirita «André Luís» 272
Conceitos de Allan Kardec, por *Deolindo Amorim* 274
Sementes no Caminho, por *Casimiro Cunha* ... 274
Swedenborg — II —, por *Henry Thomas* 276
A Vida no Além, por *B. B. Martins* 279
O Espiritualismo e a Mulher — I —, por *A. Ivone de Sousa* 280
O Segredo do Êxito, por *Cyrilo Alleixo* ... 282
Divina Mensagem, por *José Simões de Matos* 284
Seres Errantes, por *Eduardo F. da Conceição* 284
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos*... 285
Notas e Comentários 287
Noticiário 288

N.º 10

Congressos, da *Redacção* 289
Réplica à «Nossa Vida Mental» — II —, por *Sérgio Vale* 290
Ara Poética (*Humberto Mariotti* e *Pilar Santana*) 293
Os Últimos Serão os Primeiros, por *António J. Trindade* 294
Mediunidade, por *Rodolfo Cavalcante* 294
Espíritos que nos Protegem, por *L. B. Castro* 296
A Paz, por *F. Noronha* 298
Se não fosse domingo... 299
O Espiritualismo e a Mulher — II —, por *A. Ivone de Sousa* 300
A Cura Psíquica, da revista *Illustrated* 302
D'Aquém e d'Além... 303
«Ronda Espiritual» na Crítica Brasileira 304
Destruir ou Construir?, por *Inácio Ferreira* ... 306
Eisenhower e o Espiritismo 307
O Texto da Condenação de Galileu, por *Anselmo Paermentier* 308
Milagre, por *Alfredo Miguel* 309
Sinais do Além Através de Auscultadores 310
Espiritismo, Richet e Neofobia, por *Tito L. Bancéscu* 312
O que é a U. S. E. 313
Carta Aberta ao 3.º Congresso Pan-Americano, por *Genaro Pucci* 314
Firmai a Vossa Fé, por *José Simões de Matos* 314
O Nada, por *Damião de Vasconcelos* 316
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 317
Notas e Comentários 319
Noticiário 320

Pág.

N.º 11

Fraternização, da *Redacção* 321
O Eterno Presente, por *Cyrilo Alleixo* 322
Planalto (do livro «Novos Caminhos») 324
Um colaborador que desaparece (F. Noronha) 325
O Padre Angelo Fantoni é um Vidente Extraordinário 326
Alimentação, por *S. Teixeira* 329
O Futuro da Metapsíquica, por *Charles Richet* 330
Provas? Mas, Suaves..., por *Leopoldo Machado* 332
O Caodaísmo, por *Henri Regnault* 334
O Ensino Religioso, por *José Simões de Matos* 335
Uma Conferência de Isidoro Duarte Santos em Santarém, por *A. C.* 336
O Hospital Infantil de Muqui, por *H. Magalhães* 338
Meditação, por *Rúbens C. Romanelli* 340
Da Origem do Espiritismo, por *D. Vasconcelos* 341
O Materialista, por *L. B. Castro* 342
Congresso Espirita Pan-Americano (Mensagem da Liga Espirita do Brasil) 345
Exclusivismo, por *Alfredo Miguel* 346
Uma Iniciativa Original 347
Livros de Todo o Mundo, por *Ramos Pereira* 348
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 349
Notas e Comentários 351
Noticiário 352

N.º 12

Natal Espirita, da *Redacção* 353
O Espiritismo e a Actualidade, por *F. Noronha* 354
Pecado Original, por *Alfredo Miguel* 355
Não guardes para amanhã o que deves fazer hoje, por *António J. Trindade* 356
Paz e Harmonia, pelo Espírito de *Reper-Siam* 357
Maternidade Casa da Mãe Pobre 358
Desencarnação, pela médium *Hortênsia Naranjo* 358
Espiritismo Sem Kardec, por *Tito L. Bancéscu* 360
A Tríada Básica no Espiritismo Experimental, por *Fiat Lux* 362
O Homem na Grande Escala da Vida, por *L. B. Castro* 365
O Natal no Centro Luz e Amor 367
Fenómenos Espiritas?, por *Leopoldo Machado* 368
Não atire a primeira pedra, por *R. Cavalcante* 368
O Espiritualismo e a Mulher — III —, por *A. Ivone de Sousa* 370
O Abade Héritier, por *Jean Palaiseul* 372
Auxílio aos Necessitados 374
A Atlântida, por *António Cardoso* 375
Natal, por *José* 377
O Reino de Jesus, de *F. Cruz Ferreira* 377
Olímpio de Vasconcelos 378
Livros de Todo o Mundo, por *Ramos Pereira* 380
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 381
Notas e Comentários 383
Noticiário 384

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO — LISBOA, JANEIRO 1953 — N.º 1

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRAFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

MAIS UM PASSO

Estamos no limiar do décimo quarto ano. O mundo encontra-se moralmente enfermo, como quando lançámos a revista. Uma só diferença notamos. Então, a guerra das armas havia estalado dias antes e o futuro parecia-nos muito negro, cheio de sombras espectrais, verdadeiro pesadelo para quem quisesse trabalhar em paz.

O que se seguiu nem o queremos lembrar. Dificuldades grandes, muito grandes, quase insuperáveis, surgiram a cada passo. O dia de amanhã era a maior dúvida do homem. Todavia, conseguimos atravessar essas lutas sangrentas, enquanto outros apareciam e desapareciam à superfície do charco revolto. O céu e a terra nos auxiliaram nas horas amargas, nos deram sugestões magníficas, nos trouxeram o alimento material e espiritual. E o caminho abriu-se a nossos pés, entre abrolhos, é certo, mas um pouco mais fácil do que se tivêssemos de atravessar a charneca, onde a urze e o tojo dominavam.

Desde a primeira hora, muitos acontecimentos sobrevieram, alguns dos quais alteraram profundamente o nosso ritmo de trabalho. O que mais nos chocou foi a partida de colaboradores dedicadíssimos que lembramos com saudade. Há lacunas que ficaram para sempre e nada do mundo as preencherá. As alterações produzidas dão carácter à metamorfose e o que surge é muito diferente. Pode ser melhor ou pior, mais coeso ou menos coeso, mas é muito diferente. Somos obrigados a refazer, a voltar ao princípio em certos departamentos, ajustando a obra a modalidades novas, embora mantendo as linhas principais.

Estamos no limiar do décimo quarto ano. A mesma luz nos orienta e a mesma fé nos invade, certos de que poderemos alcançar outros alvos e realizar obras adequadas aos tempos que se aproximam. Porque a maior virtude do homem é adaptar-se às circunstâncias, como se nunca tivesse vivido noutro meio. Assim, compreenderá todas as gerações, aquilatará todos os pensamentos, será elemento progressivo em qualquer parte do mundo.

Continuamos fiéis ao nosso programa. Estudos Psíquicos *segue a mesma directriz da primeira hora, terça as mesmas armas, tem as mesmas aspirações. Não lhe interessam os homens como células de agregado. O que lhe interessa é o homem como célula divina e nesse sentido orienta o seu esforço. Tudo o que puder contribuir para a reforma do indivíduo em ascensão evolutiva terá o nosso apoio decidido. Indicaremos as vias salvadoras e denunciaremos os caminhos tortuosos. Onde houver um gesto saliente que enobreça e exemplifique, lá estaremos para o refletir e oferecer ao leitor.*

O nosso espiritismo integral é ciência no fenómeno, filosofia no postulado, moral na acção. Deste conjunto sai uma doutrina que se afirma segundo a elevação do profitente, que é veículo da ideia e nela toma parte decisiva.

Respeitamos todas as opiniões sinceras. As religiões merecem-nos consideração, sejam elas quais forem, até as mais primitivas e consideradas absurdas. Cada um tem sua evolução própria e é livre de seguir o credo que melhor lhe pareça, de harmonia com a lei de atracção e repulsão.

O reduto que defendemos nos treze anos passados mantém a mesma florescência e promete voos maiores ao serviço da humanidade. Que ele possa manter-se unido, para glória de um ideal e abrigo de desesperados que buscam lenitivo. São tantos os náufragos no oceano da perdição, que o trabalho de salvamento se vai tornando moroso e difícil. Mas isso não obsta a que ponhamos na empresa os recursos que tivermos, iluminando, suavizando e orientando.

ANGELO DA COSTA CABRAL É O AUTOR DESTE ARTIGO

I

O trabalho que vai ler-se poderia intitular-se: «Leis Fundamentais que melhor podem influir na Espiritualização da Humanidade».

Faremos o possível por apresentar argumentos convincentes; mas é muito difícil, pois o que é convincente para um, não o é para outro e vice-versa, é tudo uma questão de maturação ou de evolução, e aqueles que não querem ser convencidos ninguém os convence.

Em primeiro lugar desejamos recordar que o Esoterismo era a parte oculta dos ensinamentos religiosos da antiguidade, constituindo a ciência tradicional dos Magos.

Esses ensinamentos antigamente eram transmitidos verbalmente a um pequeno número de indivíduos, chamados iniciados, a quem exigiam qualidades especiais e submetiam a diversas provas. Esses ensinamentos foram na sua maior parte revelados e estão em grande parte publicados em livros, e portanto embora o nome de Esoterismo fosse conservado, por uma questão de tradição, já não se justifica em parte.

As Leis da Reencarnação e do Karma, e a da Unidade, a que vamos referir-nos e que são ensinadas em todas as Escolas Espiritualistas, formam ainda parte integrante do Esoterismo Moderno e pertenciam à parte oculta ou esotérica dos santuários antigos e não eram ensinadas na parte externa à massa; portanto são pontos doutrinários esotéricos, que faziam parte da Filosofia Oculta da Religião.

A REENCARNAÇÃO E O KARMA

Estas duas leis, que resumiremos o mais possível, por serem de todos conhecidas, são as seguintes:

A Reencarnação é a volta do Espírito à Terra em diversos corpos de carne até atingir a Perfeição. A Lei que rege os renascimentos chama-se Lei do Karma, ou da Causalidade, da Causa e do Efeito. Quem fizer o bem receberá o bem; quem praticar o mal receberá o mal. Estas duas leis, que são as leis de poder mais regenerador que conheço, ensinam-nos que devemos praticar o bem para o podermos receber igualmente e que se praticarmos o mal o receberemos também. Por isso o indivíduo é levado a evitar o mal e a praticar o bem, para que a ele lhe suceda o mesmo.

Estas duas doutrinas são um código de moral sob todos os pontos satisfatório. Devido a isso e ao seu poder regenerador sem igual devem ser difundidas em grande escala na actualidade.

Mas, para o fazermos criteriosamente, devemos lembrar-nos que os seres humanos actuais só cederão a exortações morais que possuam uma base científica.

Por isso vamos procurar justificá-las com as teorias científicas.

Em primeiro lugar vemos que a terceira Lei de Newton nos ensina, como o Karma, que a toda a acção corresponde uma reacção que lhe é igual e oposta.

Se harmonizarmos várias teorias científicas com a Reencarnação e o Karma, verificamos que elas o confirmam por analogia. A Lei da Evolução revela que a vida é a continuação de tudo o que a precede. Somos apenas os anéis duma cadeia muito longa.

O princípio da conservação da energia significa que parte alguma dessa energia pode desaparecer no curso das suas transformações. Da mesma maneira, os pensamentos e as acções humanas são energias que não podem ser destruídas, mas que reaparecem sob a forma dos seus efeitos sobre outros e sobre si mesmas. São sementes que se desenvolvem pela continuação, manifestando-se no tempo e no espaço.

Pelo ensinamento científico da hereditariedade, os caracteres do corpo carnal transmitem-se. Por essa doutrina da hereditariedade, cada corpo possui uma espécie de existência antes do nascimento. Semelhantemente, o espírito deve também ter um antecedente. Os caracteres mentais transmitem-se e não podem provir senão duma existência terrestre anterior.

A Lei de Newton sobre a igualdade da acção e reacção reaparece no mundo moral onde a mesma relação existe. Tudo o que fazemos aos outros volta a nós sob qualquer forma e em qualquer instante. A vida paga-nos na mesma moeda. A sociedade restitui-nos o que lhe damos. As nossas más acções pagam-se qualquer dia. As boas pressagiam a nossa boa sorte futura. Recebemos o que damos.

Uma descoberta científica estabeleceu que

a vida é finalmente unitária. O universo constitui entidade simples. Todas as ciências se tocam num ponto, nenhuma pode ficar completamente autónoma.

O carácter unitário do universo deve igualmente incluir a vida humana. Cada violação desta lei pelo homem deve, por reacção, cedo ou tarde, trazer a sua reacção sob a forma de sofrimento ou de perturbação. Toda a acção que a confirma deve semelhantemente ser recompensada pela harmonia e a felicidade. Além disso, essa mesma unidade individual indica que o renascimento é inevitável por causa da continuidade do mundo, porque cada aparência de vida deve sair da que desapareceu precedentemente, porque o presente não pode ser separado do passado.

Assim a vida humana torna-se, duma maneira geral, uma educação do espírito, do carácter e das faculdades. Essa educação estende-se por longos períodos numa série de reencarnações físicas em relação umas com as outras, e de que cada uma dá as lições convenientes pelas experiências e as reflexões que ela ngendra. A vida é apenas uma aprendizagem. Cada encarnação é um ensinamento. Tomar um novo corpo é tomar um novo lugar na escola da vida. O desenvolvimento do espírito é a verdadeira biografia do homem. Assim como a primeira educação da criança comporta três elementos: ler, escrever e contar, a educação dum adulto na grande escola da vida comporta igualmente três: reacção, renascimento e sanção. Mentalmente, as lutas da existência tendem primeiramente a desenvolver, depois a aguçar a razão; moralmente, a noção segundo a qual recolhemos o que semeamos, impõe-se-nos lentamente; tècnicamente a competência nasce da mediocridade não instruída e concentra-se gradualmente ao longo de certas linhas para culminar no génio espontâneo.

A Lei do Karma é a única que explica racionalmente as desgraças que afligem uma existência, e que é necessário, doutra maneira, aceitar, como os frutos amargos da má sorte ou as injustiças duma divindade arbitrária. Sem o Karma é necessário renunciar a resolver esses problemas e a considerá-los definitivamente como enigmas. O bébé que nasce cego, a criança que é criada num pardieiro infecto, o jovem atormentado pela fome, que luta em vão para ser capaz de mostrar os seus talentos, a mulher cuja vida inteira é arruinada por um casamento infeliz, o ganha-pão duma família que fica debaixo dum auto, as desigualdades sociais e de inteligência, as razões por que um nasce rico, são, belo e inteligente, e outro pobre, doente, aleijado, feio, idiota, etc., são tudo exemplos que fazem assemelhar a existência a um jogo de azar ou à ingrata manifestação dum deus cruel. Mas a Reencarnação e o Karma dão uma solução racional a esses enigmas, considerando as desgraças como as consequências de acções más cometidas numa encarnação anterior.

O Karma não nos condena ao fatalismo total. Este é sòmente uma parte da vida. O elemento de liberdade fica presente. Não há liberdade absoluta na vida, mas não há também fatalidade absoluta. O Karma dá ao homem a responsabilidade pelos seus pensamentos e actos e restitui a Deus a sua justiça. Não podemos lançar a culpa das nossas infelicidades sobre os outros ou sobre Deus, pois são as consequências das nossas más acções.

Bebemos até à saciedade a taça da experiência da vida. Mas a saciedade obriga à reflexão, que por sua vez traz a sabedoria. O tempo é pois um grande mestre. Ensina-nos a tirar lições das nossas fraquezas em vez de chorarmos por elas.

O Karma bem compreendido favorece a iniciativa. Podemos forjar o nosso futuro, somos os criadores do nosso destino. Somos ao mesmo tempo as infortunadas criações do nosso passado e os felizes criadores do nosso futuro. O que alguns não compreendem no destino é que, embora certos acontecimentos da vida tenham sido mais ou menos determinados pelo Karma do nascimento, uma modificação do carácter pode ainda aí mudar alguma coisa numa certa medida. Porque o carácter é a semente, a raiz de todo o destino. Se somos obrigados a mover-nos dentro dos limites fixados pelo destino, possuímos a liberdade de agir à nossa vontade entre esses limites. A vida justa concilia os dois elementos e os adapta um ao outro. E concilia o fatalismo e o livre-arbítrio. Dentro das bar-

TRÊS LEIS ESPIRITUALISTAS

reiras impostas pela fatalidade temos livre-arbítrio. A verdade é pois que o universo tem liberdade no seu centro, mas a fatalidade na sua circunferência, de modo que o homem é um resultado das suas influências.

Devemos aprender pela prática da preparação e pela reflexão filosófica a conservar a nossa serenidade. As provas virão, mas ir-se-ão de maneira análoga. O mesmo poder que as fez aparecer, as faz desaparecer. A sorte é uma roda em movimento. Esperando, o espírito deve permanecer firmemente ancorado onde deve estar: na verdade e não no erro.

É nosso dever difundir o mais possível as utilíssimas doutrinas da Reencarnação e do Karma. Não só a verdade o ordena, mas a salvação e a sobrevivência da civilização e da própria humanidade o reclamam imperiosamente. Quando os homens souberem que não podem escapar às consequências do que são e do que fazem, tornar-se-ão mais cuidadosos com a sua conduta, mais prudentes nos seus pensamentos. Compreenderão que o ódio é como *um boomerang* que fere não só o que é odiado, mas também aquele que odeia, e hesitarão fortemente antes de ceder ao pior de todos os pecados humano.

A crença na Reencarnação e no Karma faz desaparecer a revolta do homem contra o destino e a sociedade, visto que ele sabe que é o único responsável das suas infelicidades. E a admissão dessas leis, as mais regeneradoras que conheço, poderá transformar a face da Terra, fazendo com que só o Bem nela reine em lugar do Mal. Pois elas, afirmando-nos que quem faz o bem recebe o bem, e quem pratica o mal recebe o mal, levam o homem a praticar o bem para receber o bem. Portanto, desculpai a expressão, mesmo por egoísmo se deve ser bom. Daí a necessidade absoluta e imperiosa de espalhar largamente estas sublimes doutrinas. A ciência moderna devia integrar estas doutrinas no quadro do seu saber, porque convenientemente apresentadas, são as únicas capazes de explicar certos enigmas que sem elas ficam sem solução e porque, como dissemos, estão confirmadas por várias leis científicas modernas.

A Filosofia Oculta prega o *contrôle* de si mesmo e preconiza o serviço da humanidade, porque é bom não só para o próximo como para o próprio esoterista. Ela vê o homem sob o ângulo da humanidade inteira. Ensina e prova que todo o indivíduo só pode atingir uma felicidade ilusória, enquanto os outros são desgraçados.

O Esoterismo interessa-se pela felicidade de todos, mas não lhe permite perturbar o seu julgamento ou ameaçar a sua serenidade, porque o esoterista conserva constantemente a sua calma e a sua razão imparcial.

Outro dos ensinamentos esotéricos que mais largamente pode contribuir para a regeneração humana é o da Unidade. Somos todos filhos do mesmo Pai, que é DEUS. Portanto somos todos irmãos. Somos uma centelha divina, emanada do Criador.

O alto privilégio desta sabedoria, cuja moral não tem confronto, confere automàticamente novos deveres. O espiritualista deve praticar a mais alta de todas as morais. Verificando a unidade final de todas as coisas e seres, nascendo de novo, como o diz o grande Mestre JESUS, comprendendo que o Eu Superior de que temos consciência é semelhante ao de todas as outras criaturas vivas, é coagido a constatar que a felicidade da humanidade equivale à sua própria. Tratará todos como irmãos. No seu coração estará então ao serviço do TODO e não mais do seu eu individual; os seus actos devem não sòmente satisfazê-lo a si próprio, mas ser úteis a outrém; eles devem constantemente realizar este duplo objectivo. É por isso que o verdadeiro sábio não pode transformar-se em ermita.

Esse sábio descobrirá que a Regra de Ouro: «*faz aos outros o que querias que te fizessem*» é a moral mais elevada que as religiões ensinaram, e a experiência não sugeriu nada mais razoável.

Na conduta da sua vida, esta máxima de Jesus, Krishna, Confúcio e Buda, ajudará mais do que qualquer outra o homem a andar sobre os caminhos ásperos e escarpados da existência. É uma regra muito segura, aplicável a todas as pessoas, em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Ela serve para todos, amarelos, negros ou brancos, tanto para o mendigo coberto de andrajos como para o milionário ricamente vestido, e a sua importância está fora de toda a proporção com a sua simplicidade. Porque, repito, somos todos filhos da Vida Infinita e Única, membros da mesma família humana. Ajamos pois sempre nobre, generosa, caridosamente, e não mesquinha egoísta ou cruelmente, a fim de que o Karma nos seja favorrável.

Só o Espiritualismo dá a garantia duma vida moral e altruísta inteiramente fundada sobre a razão e não conduzindo ao egoísmo e à perversidade.

(Continua)

Maria Duarte Santos

Três anos são passados sobre o momento em que o Espírito infatigável de Maria Duarte Santos abandonou o seu corpo estenuado pelas pancadas rudes da doença. Da sua matéria já pouco deve restar da unidade primitiva, mas a alma continua a sua rota, sem desfalecimentos nem pressas sôfregas. A dor da surpresa foi sendo superada pela certeza de que a morte é mera aparência provocada pela limitação dos sentidos—resta a inapagável e indefinível saudade que não é gosto «amargo de infelizes» mas antes o sentimento derivado de um complexo de recordações. Uma evolução se deve ter dado também no seu Espírito liberto — consolidação do querer pela compreensão das últimas consequências dos actos, acrisolamento do sentir pela aproximação de outros planos de consciência menos heterogéneos e perturbados que o terreno, desenvolvimento do intelecto pelos impactos das ondas mentais emanadas dos Espíritos Superiores.

Maria Gonçalves Duarte Santos

A Obra de que Maria Duarte Santos foi a animadora e a que deu o melhor do seu esforço e bem-querer permanece de pé — o «Centro Luz e Amor» e «Estudos Psíquicos», de mãos dadas, como dois irmãos gerados no calor de um mesmo pensar e sentir, prosseguem no Caminho e é isto — parece-nos — a melhor homenagem que poderemos prestar a Maria Santos, como a todos aqueles que, enquanto estiveram na terra, os fortaleceram na actividade constante das suas presenças. Nesta hora, as nossas preces irão, mais uma vez, juntar-se às suas para que a Luz e o Amor aclarem e dulcifiquem a Caminhada que tem um só objectivo — engrandecimento do Espiritismo para maior glória do Cristo no coração dos homens. Talvez que os homens que não são de boa-vontade não compreendam este nosso desejo de manter viva uma imagem, mas não é deles que se alimentam as grandes ideias; nós lembramos Maria Santos para aqueles que aportam ao Espiritismo com o nobre intuito de trabalhar ignorando fadigas, passando por cima de indiferenças e incompreensões. Que melhor exemplo lhes dar que o de Maria Santos que sempre soube estar presente nas horas daquela tarefa dura mas que não confere loiros doirados pelos aplausos das turbas? Foi uma mulher de lúcido espírito, de indomável vontade, de apurado senso crítico, de alevantado desejo de servir o Ideal. O «Centro Luz e Amor» e «Estudos Psíquicos», recordam Maria Santos, porque um pouco da sua alma lhes ficou presa — R. P.

Espantosa Prova de Sobrevivência

Desde as épocas mais remotas, através dos tempos e das idades, da Índia, do Egito, da Pérsia, passando pela Grécia nos tempos áureos dos seus grandes filósofos e da opulenta Roma até à civilização dos nossos dias, não houve sistema filosófico que não mergulhasse profundamente na alma humana, tentando explicar os seus insondáveis mistérios.

O problema da sobrevivência foi sempre o problema capital que atormentou os pensadores. É certo que o homem que pensa, que age, que se move sob a acção da vontade, que, dotado de consciência e de inteligência, realiza coisas admiráveis tanto no domínio intelectual como no campo da ciência puramente objectiva, é feito de alguma coisa mais que o perecível e miserando corpo que lhe conhecemos.

Para os grandes mestres do pensamento grego, a imortalidade era tão flagrante que dela fizeram um perene e glorioso canto, tentando, em toda a sua existência, levar o homem à razão e à felicidade pelo conhecimento do seu «Ego» imortal. «Se houvesse apenas dormir sem despertar, tudo acabaria por dormir. Se após a morte não houvesse ressurreição, tudo acabaria por morrer. Mas uma ressurreição supõe que as almas continuam a existir para voltarem a encarnar. A alma, sendo incorpórea, não pode dissolver-se com a morte. As ideias são imateriais e eternas, como imaterial e eterna é a alma que nos concebe. A preexistência à vida terráquea, segue-se a sobrevivência, pois a existência não pode estar limitada à vida do corpo.

Princípios platónicos estes, velhos de 23 séculos, sempre actuais e imutáveis, podem considerar-se a condição «sine qua non» do Espiritismo.

Conceitos que apaixonam todo o ser ávido de saber, muitas e muitas vezes me serviram de tema a exposições e que estão na base do curioso caso que vou relatar e deixo à apreciação dos leitores.

★

Depois duma já longa permanência em África tive o ensejo de conhecer o senhor João Teixeira, em Pointe Noire (África Equatorial Francesa), aí por volta de 1936. Não tardou que as suas qualidades de homem de bem fomentassem uma aproximação entre nós que se foi transformando em leal e sólida amizade, cimentada pela sua transferência para minha casa, onde foi ocupar o cargo de guarda-livros, chegando até, em minha ausência, a ser-lhe confiada a direcção. Pessoa de bom trato e educação, correctíssimo e de elevado sentido moral, a fortuna não lhe sorriu apesar de quase trinta anos de contínuo trabalho por vezes em condições bem difíceis através da selva africana. Ùltimamente, já cansado, talvez desiludido da vida, não deixava, todavia, de cumprir até onde as humanas forças lho permitiam, as suas obrigações quotidianas, embora à custa de grande esforço físico bem dissimulado, minado, como estava sendo, pela doença que viria, depois, a vitimá-lo.

Companheiro de longos anos de trabalho lado a lado, era para mim mais que um colaborador, era o amigo de todos os dias, o amigo em quem se podia confiar, o amigo das confidências e da amizade nunca desmentida.

Também acreditava na sobrevivência e lia sempre com grande vontade a revista «Estudos Psíquicos». O Espiritismo, cujos ideais muito lhe interessavam, foi sempre, como não podia deixar de ser, motivo para contínua troca de impressões e era com interesse fácil de calcular que me ouvia falar acerca do princípio experimental e do fenómeno psíquico, da filosofia espirita na alma humana e da transcendente questão da imortalidade do ser. Leu meu artigo «Manifestações no Leito da Morte» publicado em «Estudos Psíquicos» em Junho de 1948, achando extraordinária, mas natural e convincente, a prova da sobrevivência que aquela querida pessoa de minha família me deu. Dela não duvidou nunca, demais conhecendo a séria, honesta e leal sinceridade que costumo pôr em minhas afirmações.

Assim foi decorrendo o tempo naquela camaradagem amiga até que em Setembro de 1950 tomei o rumo de Lisboa, despedindo-me daquele bom amigo, sem pensar que o não tornaria a ver.

★

A vida é cheia de surpresas dolorosas e de amargas de-

cepções que atingem, por vezes, o âmago do nosso ser, cobrindo-o de luto e saudades pelo desaparecimento de amigos queridos que deixaram em nossa memória gratas e inolvidáveis recordações.

O homem nada pode fazer para reter a marcha da lei natural da vida e da morte; desconhece-lhe os fundamentos e não lhe seria lícito fazê-lo, ainda que fosse possível, porque iria contrariar a lei do progresso, segundo a qual, logo que uma vida esteja terminada, outra se iniciará onde a alma se retempere para novos e mais altos cometimentos. Assim iria suceder ao querido amigo que deixei em África. A sua vida neste plano estava a terminar, e outra, sem dúvida melhor, lhe sorria já, pondo termo a uma existência honesta de trabalho e sacrifício suportada com estoicidade e verdadeira resignação cristã.

Profunda emoção e uma grande tristeza me invadiu ao ler o telegrama que me anunciou a sua desencarnação em 4 de Abril de 1952. Era mais um amigo que partia, mais uma tristeza e uma saudade que ficava; era mais um pensamento de amor e saudade a projectar-se no éter em busca do espírito do bom amigo que tinha abandonado a terra. Oxalá minhas fracas irradiações o tenham alcançado, levando-lhe o bálsamo da simpatia do coração amigo que cá ficou.

Os meses passaram e, com eles, veio a natural conformação. E assim chegámos ao ponto culminante deste curioso episódio que mais uma vez, entre milhares de casos, vem atestar de forma insofismável a continuação da vida para além da morte.

Havia algumas semanas que eu e minha mulher notávamos certas pancadas — «raps» em linguagem espírita — que se vinham produzindo em certo móvel e com tal insistência, que andávamos verdadeiramente intrigados. Certa noite — o fenómeno produzia-se de noite como de dia — quando nos dirigíamos para o quarto de dormir — a hora da meditação e da prece — uma dessas pancadas foi tão violenta, que nos fez acreditar que havia ali algo de estranho a que não quisemos, todavia, atribuir importância de maior. Os dias foram passando e as manifestações continuaram com a mesma insistência, produzindo-se nova e mais violenta pancada na mesma porta e à mesma hora, como se fosse um tiro de pistola. Ficámos estupefactos e com vontade de tirar a limpo o que tal situação comportava.

Não tardaríamos a decifrar o enigma que nos vinha preocupando, porque—parece que os nossos amigos do Além tudo sabem preparar e dirigir — no dia seguinte, à noite, recebíamos a visita dum casal amigo, cuja esposa, pessoa de honestidade a toda a prova e devotada quase exclusivamente ao bem do próximo, é médium dos mais completos que me tem sido dado observar. Ao lado da incorporação, a vidência e a audição são faculdades que nela dominam em alto grau e que lhe tem permitido servir pessoas em grandes dificuldades...

Estávamos em conversa amena acerca de pequenos nadas da vida corrente, quando nos feriu o ouvido o característico sinal ecoando em escala inferior, como que a fazer-se lembrar, o que levou minha mulher a pedir à referida senhora um momento de concentração e se poderia conhecer a origem da estranha manifestação. Concentrou-se uns minutos e afirmou:

— Está ao pé de seu marido um senhor ainda não muito velho, magro e baixo, que deseja comunicar-se. Diz que foi ele que deu as pancadas e que é o vosso guarda-livros falecido em África, em vossa casa. Que tem lá a família: a mulher e a filha...

Não é fácil descrever o espanto com que recebemos esta revelação inesperada. Pensávamos num espírito familiar desejoso de se comunicar, mas nem ao de leve no amigo que havia tantos meses tinha desencarnado. O nosso pensamento andava longe dele e só o recordávamos quando se apresentava alguma coisa que se relacionasse com ele ou com a família. Mas não se esqueceu ele, o velho e bom João Teixeira. de vir dar ao amigo e antigo companheiro de trabalho a prova real de que continuava a viver e que a vida não terminava no túmulo. Desejava comunicar-se por incorporação e a médium sentia já a sua acção; mas, como o seu estado de saúde era precário, o marido pediu-lhe que se abstivesse — seria para a outra vez — e a esposa deixou de sentir a sua influência. Assim, pela descrição do físico que a médium fez do espírito

UM ARTIGO DE **ANTÓNIO MARTINS**

comunicante que nunca conhecera nem sabia que existira, pela forma como se identificou — que era o nosso guarda-livros falecido em África, em nossa casa — quem poderia pôr em dúvida a realidade desta espantosa revelação não provocada? A médium nada sabia a respeito deste espírito e as pancadas eram em tudo diferentes das que costumamos ouvir. E a insistência, indo até ao esforço máximo produzido e efectivado em dois estampidos mais fortes a horas significativas e que mais pareceram dois tiros de pistola? Havia que proceder assim, porque, habituados como estávamos aos «raps» de sempre, não ligávamos ao caso importância de maior.

Perguntarão os incautos porque é que os espíritos, neste caso, se não comunicam por processo mais eficiente e se as pancadas seriam de origem extra-terrena. Não esqueçam, todavia, que cá, como no Além, os homens fazem o que podem e como podem e não certamente como desejariam. Quanto à origem das pancadas não pode haver dúvida alguma, visto que, sòzinhos em minha casa, ninguém poderia ali esconder-se com o fim de mistificar...

Uma vez atingido o objectivo que trouxe aquele espírito amigo a minha casa — visita de saudade—e a prova de que continua a viver, que ele quis pessoalmente confirmar-me, cessaram, como por encanto, todas as manifestações.

E lá se foi o bom amigo a quem do fundo de alma agradeço a visita e a prova que me deu da imortalidade. Não tinha esquecido os nossos colóquios sobre esta tão consoladora doutrina e, logo que lhe foi possível, ei-lo a dizer ao amigo: «Sim, agora, que estou deste lado, agora, que compreendo melhor a verdade da doutrina que propagavas com tanto ardor, quero confirmar-te que somos imortais, que a metamorfose da chamada morte em nada modifica a essência eterna do nosso ser, e que não é em vão que as tuas palavras ecoam na consciência dos que te ouvem».

★

Obrigado, amigo João Teixeira, e que a luz divina encaminhe seus passos na nova vida a que foi chamado. Baixem a seu espírito as benesses do Senhor e que lá, onde ora vos encontrais, lá, onde melhor podeis ler o sentimento que me anima, vos chegue a prece e o desejo amigo de paz espiritual para a vossa boa alma. A prova que me destes da imortalidade vai correr mundo e levar a muita alma duvidosa a certeza de que no túmulo só cabem os tristes despojos materiais que o nosso espírito veste para outra fase na imensa trajectória da alma, em seu eterno labor. O espírito, essa partícula do Criador, não pode caber em tão miserando cativeiro. Evola-se, regressa à terra prometida, e, qual águia do espaço, guinda-se às alturas em busca da mansão onde brilha o divino pensamento.

Este caso de tão flagrante verdade que nada deve à fantasia jornalística nem é produto de imaginação doentia, é exarado nas colunas de «Estudos Psíquicos», levando o cunho da honesta sinceridade que o autor destas linhas, em obediência à verdade e à moral de Jesus, que tanto tem iluminado seu espírito, costuma pôr em escritos de tão consciente responsabilidade. Sim! O que leste, amigo leitor, é autênticamente verdadeiro. Os mortos vivem, e vivem mais do que nós. Consola-te, embriaga-te nessa grande verdade, propaga-a, comunica-a a todos os que ainda a des, conhecem, para que, ao abeirarem-se do túmulo, se não debatam mais na cruciante dúvida do após-morte!

Dezembro de 1952

AO CENTRO "LUZ E AMOR"

Andei perdida pelo Mundo fora,
Buscando luz para a minha alma ansiada,
Vivi, sofri, pequei e só agora
Bati à porta da vossa morada.

Bati... e logo amigos me acolheram,
Vivendo numa estreita comunhão;
Mensageiros do Céu a mim desceram,
Minha voz se elevou em oração.

Senhor! Senhor! Depois da noite escura,
Depois de caminhar na estrada dura,
O sol brilhou, surgiu a madrugada!

Graças vos dou, meu Deus! Soou a hora!
Encontrei o Caminho, muito embora
Eu sinta que não valho quase nada!

Maria Luisa

Amadora, 26-10-1952.

O PODER DOS MORTOS

Por EDUARDO FERREIRA DA CONCEIÇÃO

Afirma-se que os mortos mandam. E, com efeito, o seu império sobre os vivos é incontestável.

Entre o mundo material e o mundo mental notam-se estreitas relações.

E o mundo mental só se pode entender como um reservatório dos diversos planetas de um sistema familiar.

Guiados pelo nosso livre-arbítrio, formamos o nosso próprio destino em ambos os mundos: no 1.º em corpo físico e fluídico e no 2.º em corpo simplesmente fluídico, ligados pela fraternidade aos nossos semelhantes. Moralmente é a fraternidade que nos leva a venerar os mortos e a rogar por eles ou a eles, pela luz que vitaliza e pela Harmonia Universal, que responsabiliza as infracções. A eternidade do elemento vital que se particulariza em nós, em constantes ciclos de evolução, justifica plenamente as estreitas relações que existem entre os mortais e os imortais. A ausência de moral é o factor que mais os aproxima, pela satisfação dos desejos imoderados ou das paixões descontroladas.

A forma anormal dos seres deriva da incompreensão e do abuso das faculdades. E ao abuso se deve a conversão da Terra num mundo de enxurrada. Que os selvagens se revelem bárbaros, compreende-se. O que não se compreende é que os males sociais sejam agravados pelos intelectualizados, que vêm convertendo todas as descobertas científicas em instrumentos de crime, ao serviço do seu predomínio pessoal e dos seus monopólios. Os mais atrevidos formam as minorias dominantes que infringem a Lei pela interdição de tudo quanto possa esclarecer os povos contra os preconceitos e os dogmas tradicionais que os escravizam. Cada indivíduo tem uma conta-corrente do seu livre-arbítrio. Em cada existência os débitos e os créditos apresentam um saldo que forma o seu Destino; e o Destino é fatal. O saldo negativo resgata-se pelo sofrimento e o positivo haure-se pela bem-aventurança. Em cada nova provação, a deserção pelo suicídio é o maior de todos os sofrimentos. A imagem dos delitos, como aliás das boas obras, conserva-se viva na memória, até deixar de haver saldos negativos. Pela morigeração dos costumes e conhecimento da Verdade, surgiram dois sugestivos livros: «Dois Mundos» e «Almas Errantes». A autora desses livros é D. Maria Gonçalves Duarte Santos que, na Terra, foi um espírito clarividente e no mundo mental é como uma estrela cintilante, estreitamente ligada àqueles que cá deixou, e à moral de que a humanidade tem andado transviada. Esses dois livros que, no mesmo ano da sua morte, e quase após, Lia ditou do mundo mental, num estilo que é seu, são testemunho eloquente da imortalidade da alma e da sua acção sobre aqueles que aqui ficaram. É notável a rapidez e a clarividência com que os delineou, embora contenham lacunas e deficiências que ela própria confessa.

Segundo as suas próprias expressões, a morte só existe para os ignorantes e o seu intuito foi espancar a morte, rasgar véus e levantar cortinas. Aqueles que supõem que, com a sua passagem pela Terra, tudo termina, mergulham nas trevas da ignorância, pois que a vida se perpetua e se patenteia exuberantemente, como disse Lavoisier ao afirmar que «na Natureza nada se perdia, nem nada se criava, tudo se transformava». Com efeito, os seres transformam-se por ciclos de evolução renováveis, porque a vida é eterna e o Universo infinito. É o Eterno e o Infinito que, no seu constante movimento, equilibram os corpos, pela Harmonia Universal a que devemos obediência, pois que esta é a lei da vida. Perante a Eternidade as nossas passagens pela Terra são tão rápidas, que bem se podem comparar a relâmpagos. Assim, o egoismo, a vaidade e o orgulho, a inveja, a intriga e a calúnia, o insulto, a agressão e o roubo, são rematadas loucuras daqueles que vivem no logro, por que desconhecem o automatismo da Natureza, embora se julguem sábios no tumulto das paixões, em que cada qual, não raro, busca os ilusórios pergaminhos com que se preterem bem mais fàcilmente os direitos alheios. Os tradicionalistas coartam a livre expressão do pensamento e, quando meditam sobre o desconhecido, arquitectam as mais estranhas concepções, como as da omniciência, omnipotência, misericórdia e perdão de Deus, que são do mesmo quilate do sobrenatural, dos milagres e dos mistérios relativos à santíssima trindade que tem entesourado na Igreja fabulosas riquezas para a salvação das almas. Não oferece a menor dúvida que as seitas religiosas se aliam, como cúmplices, a certos poderes temporais para a subjugação do mundo, a monopolização das riquezas e a ostentação de pompas. Emularam Jesus-Cristo logo que ele começou a doutrinar os povos pela verdade e a simplicidade que os salvariam; e, por sua vez, a católica, que havia criado a Santa Iuquisição contra os iluminados, revelou-se tão querida dos poderes temporais, que durante a guerra de 1939-1945, foi poupada pelos bombardeamentos aéreos.

Os citados livros («Dois Mundos» e «Almas Errantes») empenhados num rebate de consciência pela reabilitação dos transviados, sacodem aqueles que não querem ver.

O livro «Almas Errantes», como exemplo, revela a poderosa influência que um indivíduo, depois de assassinado, exerceu, não só sobre aqueles que o emularam, mas também sobre os outros que viviam em estreitas relações com eles, aniquilando uns e reabilitando outros. É o caso: «ninguém as faça que as não pague». Os mortos mandam, porque os dois mundos se encontram em estreita relação. Esse assassinado, que tantos malefícios viera a causar, vingara-se porque era um espírito atrasado e, como tal, um profissional da tauromaquia.

As ocorrências que puseram em foco este obscurecido, barbaramente assassinado pelos seus semelhantes, contrastam eloquentemente com aquelas outras que outrora haviam rodeado a excelsa personalidade do Cristo. Este, quando pretendeu iluminar os homens, foi por eles ultrajado e morto, mas não se vingou, por-

que tinha uma perfeita noção das leis de causa e efeito. Não vale a pena pensar na sorte dos que o escarneceram e mataram. Do que nenhuma dúvida resta é que a luminosa verdade de Jesus-Cristo veio a impor-se à admiração das multidões e até dos transviados, que acabaram por fazer da sua doutrina uma religião de Estado, embora deturpada. As cenas do livro «Almas Errantes» desenrolaram-se em Espanha, que é um país de profissionalismo militar, católico e tauromáquico.

No entrecho desse livro são figuras centrais um industrial abastado, de grande influência política, deputado conservador, inimigo do socialismo; sua amante, de quem tinha uma filha; sua mulher, que havia sido noiva de um toureiro, a quem ele mandara matar para se casar com ela; um sócio, industrial, tão imoral como ele; três operários comissionados para o assassinato e uma caravana de saltimbancos, que raptaram as duas filhas do industrial. Criam-se aspirações ilegítimas, satisfazem-se os mais extravagantes caprichos, atropelam-se os direitos mais sagrados, mas, depois, o atrofiamento ou a morte vêm revelar que não ficam impunes aqueles que se desviam dos imortais princípios da Harmonia Universal.

Há mais de 12.000 anos que os grandes iluminados têm procurado esclarecer a humanidade sobre as leis da Natureza que responsabilizam as infracções, mas ela reincide sempre até ao ponto de ter recorrido à bomba atómica, que destrói as populações em massa. E este facto demonstra que os fenómenos de obsessão que derivam do Mundo Astral se notabilizam tanto entre indivíduos, como entre nacionalidades que se entrechocam pelas mesmas razões de sobreposse.

A história é interminável em narrativas desta natureza, que testemunham eloquentemente os fenómenos de obsessão individual e colectiva, mas os obscurecidos teimam em não querer ver.

Bem haja Lia, que, aos sucessivos e poderosos contingentes de obscurecidos e ressabiados com que o mundo material agrava o mundo espiritual, contrapõe os seus luminosos ensinamentos de amor fraternal pela reabilitação das almas.

A Editora Estudos Psíquicos, situada em Lisboa, na Rua do Salitre, 149, 1.º, que deu curso aos livros «Dois Mundos» e «Almas Errantes», é um muito apreciável centro de cultura moral, credora dos nossos indeléveis agradecimentos.

★

A Harmonia é a base de todas as criações da Natureza e das relações entre si. Por isso os desalinhos e os elementos controversos que suprcendem os inofensivos, são expoentes que carecem da colaboração humana pela normalização do todo. Uma tal colaboração que, em verdade, é constante, contrasta dolorosamente com as relações sociais, em que predominam os subterfúgios com que se procura ocultar a verdade.

As sociedades organizam-se pelo bem-estar da comunidade; mas, nas assembleias, em que cada unidade devia alinhar pela harmonia do conjunto, salienta-se a requintada má fé, em reforço das falsas crenças, por parte de tradicionalistas, que persistem nos seus erros com a máscara de aprumo moral, intelectual e social que negam aos agentes de boa vontade.

Nada mais abominável do que tais absurdos, porque é pela coesão das correntes mentais que se atraem os similares do mundo invisível que instruem os mortais.

Ao passo que os pensamentos superiores só dificilmente atraem os similares que nos esclarecem, os inferiores, pelo contrário, dão fácil acesso aos similares avassalantes que perturbam e convulsionam pela satisfação das suas paixões. E daqui as desordens individuais e colectivas que têm trazido o mundo em chamas.

Os espíritos iluminados, que são minoria insignificantíssima, criaram as máximas mais salutares, como a que nos ensina que «não devemos fazer aos outros aquilo que não desejamos que nos façam», pois que ela nos coloca de acordo com a própria Natureza que não poupa as infracções; mas até agora todo esse esforço tem sido baldado, porque os obscurantistas repelem os ensinamentos dos iluminados, até ao ponto de interditarem ou destruirem as suas obras, quando não as deturpam. A moral de algumas seitas religiosas levou muitos à dúvida. E porquê? Porque os textos sagrados são subjectivos. Reprovam a cultura do psíquismo que esclarece, porque só o conheceram através da magia negra ou seja pelos abusos perniciosos que conduzem à loucura. A subjectividade aliou as seitas religiosas ao imperialismo e ao capitalismo. Tais seitas impedem o desenvolvimento da ciência psíquica que se fundamenta nas leis da Natureza, pelos ensinamentos dos espíritos luminosos do mundo mental. Quando o Cristo reagiu contra as anomalias, ultrajaram-no e crucificaram-no; mas como o mal cria medrosos, estes surgem a venerá-lo, através do falso perdão que estimula as reincidências.

Se a evolução individual é lenta e depende de propósito deliberado; se os justos nunca ultrapassam 5 % dos aglomerados humanos; e se Jesus não conseguiu dominar os transviados do seu tempo, que acabaram por o emuluar, não é de admirar que ainda agora sofram frequentes regressões as nações civilizadas. Apesar deste século ser cognominado de século da Luz, é ainda colossal o domínio das forças inferiores do mundo astral sobre as similares da Terra, como têm notado diversos autores.

O desconhecimento da lei de causa e efeito e os interesses criados pela tradição, são males que retardam a evolução dos povos.

O imperialismo ampliou sempre os seus monopólios e apoia todos os governos retrógrados que lhe dão acesso pela escravidão dos povos. O mal, quando organizado, internacionaliza-se com extrema facilidade.

A maioria submete-se aos exploradores das riquezas públicas, porque não se rege pelas necessidades comuns mas pelo seu egoísmo e pelo medo imposto pelos audaciosos. Nem doutra forma se explica que Marden houvesse dito que o maior inimigo do homem era o medo. A crença e a fé são inspirações naturais, que só se justificam pela filosofia experimental, como meio, e pela ciência dedutiva como fim. A incompreensão é de todos os tempos. Na antiguidade, Diógenes, que vira a miséria de uns e o fausto de outros, andava, em pleno dia, de lanterna acesa em busca dum homem, que é como quem diz um honesto, um amigo. E quando Alexandre da Macedónia lhe oferecera o seu valimento, ele apenas lhe pediu que não lhe tirasse o que não lhe podia dar: o sol. Aqueles que nada querem dos poderosos da Terra são grandes perante a Eternidade. O justo não conquista riquezas materiais. Luta pelas necessidades comuns, como lhe cumpre, e nada mais, porque a reciprocidade é lei da vida.

Os fanáticos que se apegam à misericórdia divina, que tudo

perdoa, consomem a vida em rogatório às cortes das suas crenças, pela concessão de favores e convencem-se de que o não fazem em vão; mas não notam a analogia que existe nos profissionais do consumo e da destruição, de quem a humanidade nada aproveita e que ao morrer vão carregados de louvores na alma e medalhas no corpo, quando é certo que tais recompensas fixam as almas na atmosfera terrestre, onde até atormentam os cães que, amedrontados, ladram a horas mortas.

Enriquecer o espírito não é o mesmo que deleitar o corpo. Quanto mais cuidamos do espírito, mais nos aproximamos de Deus. As riquezas materiais que vão além das nossas necessidades são frutos diabólicos.

O filósofo é o cogitador que mergulha o pensamento nas profundidades do ignoto em busca da verdade, que é torneada pela multiplicidade de conceitos.

O sábio segue o curso das descobertas e coloca a matemática na base de todas as ciências que dão uma ideia do Eterno e do Infinito.Os tradicionalistas, como embargadores da evolução humana, são os causadores do vulgo não compreender a sua condição natural, como síntese do Universo, cuja teoria devia estar na base da formação moral e intelectual.

Se os transviados se compenetrassem das responsabilidades a que estão sujeitos, pela sua evolução, nas sucessivas existências, através dos sistemas planetários do concerto universal que conduz o pensamento à contemplação do Eterno e do Infinito, outros seriam os fados da Humanidade neste precário planeta, onde ninguém consegue distinguir a luz sideral que o envolve, como amplexo divino.

Os negativistas só pensam nas riquezas materiais que lhes rendem cursos com que se guindam na sociedade, porque os pergaminhos lhes concedem honrarias e outros privilégios, com que se sentem felizes; em contrapartida são raros aqueles que cultivam a moral que identifica o ser humano com Deus. Mas os tempos são chegados.

A falsidade tradicional, que tem gerado horríveis atrocidades, está prestes a sepultar-se no abismo das suas limitações, para o renascimento da aurora, que há-de perpetuar a redenção humana.

LOURENÇO MARQUES

O Existencialismo Passa de Moda

Por RUFINO JUANCO

(correspondente no México)

Se, como espero, a revista Estudos Psíquicos, *que tão acertadamente dirige o nosso prezado irmão Isidoro Duarte Santos, de Lisboa, Portugal, acolher em suas páginas este meu artigo, agradecê-lo-ei, visto ser o último que publicarei sobre o Existencialismo, que eu considero ateu e corruptor da consciência humana.*

O título do artigo é apropriado, pois, como diz muito bem o ilustre escritor Luiz Calvo, «a moda literária da libertação, o existencialismo, já se esgotou», como se têm esgotado tantas outras coisas.

«Com efeito, é palpável — acrescenta o mesmo escritor — que Pavés esteja perdendo o seu antigo privilégio de matrona da moda literária, aquela espécie de assídua febre puerperal que fazia estremecer os cenáculos, as aulas e as revistas impúberes quando dava à luz um novo estilo ou nova pálpebra no zodíaco de Minerva».

Sim; quando os existencialistas fazem tábula rasa do superrealismo para cair na sombra, que é que fica? Nada, a moda existencialista não deixa atrás de si impressões duradoiras, porque se extinguiram os vestígios de Sartre e do sartrismo. Quem fala já de Cannes ou de Simone de Beauvoir ou de Merleau Ponty? Ninguém.

Pensamos, com o sr. Luiz Calvo, que os resíduos humanos do existencialismo já não empregam este nome para coonestar a truanice aos burgueses, extorquindo-lhes dinheiro para o café ou para a pousada ou para o Bairro Latino; não se pôde extirpar a picaresca adolescente, mas já não se chama existencialista.

E aquele famoso iconoclasta Miguel Maurre que num dia de quaresma, em 1950, subiu ao púlpito de Notre Dame *e lançou sobre os fiéis o pus asqueroso e blasfemo do existencialismo, tem caminhado tanto em tão pouco tempo, que hoje, dirigindo-se aos homens da sua geração, lhes disse:*

— Só vejo um remédio: deitar ao fogo as obras retrógradas de Sartre.

Foi aquela uma geração que não teve mestres, que não pôs o pé nas aulas e que quis abrir caminho imperiosamente suplantando o caudal de méritos com a aparência de um novo mal do século.

O mal do século foi um sentimento de altivez e de desencanto. Os jovens criam que aos vinte anos conheciam todas as experiências amargas e que tinham lido todos os livros. A juventude francesa, de 44 a 50, viveu estimulada pela garrulice científica de um homem que a tudo dava resposta e saíram das trevas da ocupação para aprender que a existência precede a essência e que passaria do «em si» ao «para si». Para eles, Sartre era tudo: filósofo, novelista, dramaturgo, conferencista, ensaísta e obrigava os seus catecúmenos a tomar partido e atribuía à arte a missão imediata de carácter político oscilante para o Marxismo.

Exacerbaram a angústia e o desencanto, puseram em liberdade as paixões, conspiravam contra a liberdade do indivíduo; a literatura e a arte em geral interessava-os muito pouco, negavam a espiritualidade do ser humano; e Sartre, em realidade, exercia um monopólio.

Assim veio um modo de vida existencialista e não arte existencialista, nem filosofia existencialista; e esta é a hora em que a geração da guerra aparece enfraquecida e esgotada pelo mal do século.

Em pouco tempo se fizeram cínicos, mandriões e estéreis; aprenderam de Sartre que a esperança é o primeiro inimigo; dominaram um dia, com sua algazarra, as ruas, os cafés, as praças públicas e os periódicos de Pavés; mas hoje, embora vivos, são apenas vaga recordação de um passado.

O Existencialismo está bem morto.

A Responsabilidade dos Médiuns

Por A. IVONE DE SOUSA

Muito se tem dito e escrito acerca de médiuns: sobre as suas faculdades, reais ou fictícias, a respeito das suas fraudes involuntàrias ou propositadas, e creio não ser demais lembrar as responsabilidades que, a meu ver, são inerentes a esse sacerdócio. Chamo-me assim porque entendo que um Médium tem dentro do Espiritismo uma missão semelhante à dum sacerdote das religiões que nós conhecemos, Catolicismo, Protestantismo, Hebraismo, etc., etc.

Por isso, repito, em minha opinião, os verdadeiros médiuns têm grandes responsabilidades no desempenho da sua mediunidade. Responsabilidades perante a sua própria consciência, para com o público, e sobretudo para com o Espiritismo, que dizem servir.

Certamente que mais uma vez serei acusada de exigente, em risco novamente de incorrer na antipatia dos médiuns rotineiros. Mas como estou habituada a essa incompatibilidade, de há muito me encontro couraçada contra o que me possa acontecer.

Desde já rendo as minhas homenagens aos médiuns impolutos, aos que servem o Ideal Espirita com a nobre finalidade de auxiliar a evolução dos pobres habitantes deste planeta. Para eles vão as perfumadas rosas da minha gratidão, pela virtuosidade como souberam tanger as cordas do seu delicado instrumento mediúnico, afinando-o de modo a que nele pudessem ser tocadas excelsas melodias e cânticos de Luz e Amor.

Uma sessão mediúnica também pode ser considerada uma obra de arte, como esses painéis religiosos de Miguel Angelo, Rafael, Murillo e outros mestres divinamente inspirados, e que em suas artísticas composições nos arrastam a alma para Deus.

Numas e noutras podemos encontrar maravilhosas tonalidades de som e de colorido, altaneiros voos da alma e manifestações sublimes de Beleza e de Harmonia, como nas catedrais góticas, em que o homem se sente ascender às culminâncias dos Mundos Superiores.

Para mim o Médium não é apenas uma máquina de que os espíritos se utilizam para comunicar connosco; é algo mais, pois na mediunidade também se revela a essência do eu do sensitivo.

A missão do médium digno deste nome, e sobretudo daquele que diz servir o Espiritismo, é das mais ingratas, das mais espinhosas, pois tem de comprovar o que dizem e escrevem os que afirmam que o Ideal Espirita é uma doutrina de Paz, Verdade e Amor.

Um médium assim está automàticamente condenado a grandes sofrimentos, não só pelo exercício das suas próprias faculdades, como também pelos inevitáveis desgostos causados pela ignorância da actual humanidade. Mas se ele tem a plena consciência do alto significado da sua missão, a ela se dedica devotada e heròicamente. Nestas condições consegue transcender o vulgar conhecimento humano, adquirindo ele próprio e dando aos outros reais provas da Grande Verdade. Mas quantas alegrias íntimas e aliciantes esperanças o compensam de tantos sacrifícios, sentindo-se envolvido em indefeníveis amplexos de esfusiante beleza espiritual! Quanta serenidade a dulcificar-lhe a alma martirizada. dessa serenidade que docemente desce de muito Alto, e que é como a mais bela, magnífica e sumptuosa imagem da viva flor do Amor Divino!

É assim o verdadeiro médium; aquele que nobremente sabe cumprir o seu sagrado mandato.

Os teósofos, os católicos e os protestantes acusam os médiuns de serem simples instrumentos passivos, sem livre-arbítrio, à mercê das forças do Mal, dando lugar às fraudes.

Esses indivíduos não podem adentro do Espiritismo ser considerados médiuns, como um curandeiro-charlatão não merece ser inscrito na Ordem dos Médicos.

Esses maus elementos são valores negativos, que só prejuízo causam ao Espiritismo, à sombra do qual pretendem acobertar-se para seus fins mercantilistas, ou mero exercício duma doutrina deformada por uma fé fanática e uma crassa ignorância.

A propósito, permitido me seja narrar dois casos, o primeiros dos quais do conhecimento da nossa veneranda confrade e minha muito estimada amiga, a escritora Sr.ª D. Maria Veleda.

Certa mulherzinha, convencida de que era médium e abusando da credulidade de uma pessoa simples, provocou um divórcio. Outra, do mesmo jaez, levou uma jovem sincera crente no Espiritismo a afastar-se da nossa doutrina, convencida de que em Portugal não havia médiuns.

Desta última um «Guia» esteve prestes a receber um par de bofetadas quando «ele» lhe dirigiu certa indelicada e muito íntima pergunta, imprópria dum Espírito esclarecido.

Factos desta natureza sendo muito aproveitados pelos detractores do Espiritismo, nem de leve o tocam, como ao Cristianismo não ofuscam os actos dos seus maus sacerdotes que infelizmente também à sua sombra medram — como aliás, repito, em todas as religiões.

A propósito das responsabilidades dos médiuns devo recordar a célebre médium inglesa M.me E. d'Espérance, pela maneira inteligente e nobre como soube orientar os seus próprios trabalhos de experimentação.

M.me d'Espérance trabalhou mais de vinte anos com o sábio Aksakoff, de 1876 a 1897, e escreveu o seu interessante livro «No País das Sombras» que é um autêntico manual mediúnico.

Distinta desenhadora e pintora, M.me d'Espérance preocupava-se sobremaneira em procurar a origem dos fenómenos e proceder nas suas próprias sessões de modo que elas resultassem, não só cada vez melhores, mas também de mais em mais compreendidas e úteis aos assistentes, e duma maneira geral à humanidade.

Recordemos que se estava uma época em que o Espiritismo ainda ensaiava as suas primeiras tentativas experimentais. A ciência de então não possuía os meios técnicos que mais tarde adquiriu, e por isso se pode avaliar o titânico e inteligente esforço dessa notável médium na busca de elementos demonstrativos da imortalidade da alma.

Estes médiuns não fraudam; mas quando lhes acontece serem ludribiados pelo Além, ou suspeitarem-no, não se escusam e antes procuram saber as origens desse insucesso.

Quando a televisão penetrar nas fronteiras do Invisível, as fraudes não mais causarão danos.

É indispensável que os médiuns se compenetrem das suas responsabilidades; que não são meros telefones inter-mundos, mas elementos da expansão da vida dos planos superiores, a fim de mostrar o caminho ao homem terreno. É essa a sua grande finalidade.

TERRIVEL OBSESSÃO

por B. B. MARTINS

J. P. Correia há seis anos que é obsidiado por um espírito que faz tudo para o levar ao suicídio.

O espírito obsessor desencarnou, assassinado, há seis anos e foi, na sua última existência física, José Carlos — proprietário no concelho de Santarém.

Homem que nunca se embriagava, tornou-se borrachão e azedou-se-lhe o génio. A certa altura, começou a embirrar com um criado doutro proprietário, por aquele não evitar que as galinhas lhe comessem os cereais da eira.

Um dia, em que estava embriagado, José Carlos agarrou numa forquilha e avançou para o referido criado, que ia passando.

Este, vendo-se em perigo e para impedir a agressão eminente, agarrou numa pedra que atirou a José Carlos, atingindo-o com tal violência, na cabeça, que o derrubou.

O rapaz, ainda mal seguro do tremendo susto, saltou em cima do bêbedo e sovou-o desalmadamente, às cegas, até o deixar inanimado, retirando-se a seguir.

Pouco depois regressou ao local da refrega e, ao ver José Carlos ainda deitado por cima da forquilha, sem dar acordo de si, convenceu-se de que o tinha matado e começou a gritar:

— Acudam, que eu mantei o José Carlos!...

— Acudam, que eu matei o José Carlos!...

Vieram outras pessoas e José Carlos foi levado ao hospital, onde desencarnou.

O criado foi condenado a dois anos e meio de prisão, que cumpriu.

Agora, o espírito de José Carlos martiriza, sem se saber porquê, um outro personagem — J. P. Correia — que nada teve com este crime.

Não o deixa sossegar, obrigando-o a figuras ridículas, impedindo-o de tratar da vida e tentando forçá-lo, pela sugestão, a suicidar-se. Já a família o tem desenforcado e, há tempos, viajando de comboio, quis atirar-se à linha.

Ladra como os cães, pondo assim a canzoada dos arredores a ladrar; zurra como os burros, canta como os galos e esquece-se do que anda a fazer. O morto fala por meio da vítima, identificando-se e declarando abertamente as suas terríveis intenções, das quais não têm conseguido demovê-lo as mulheres de virtude onde têm levado o possesso, contra vontade do obsessor.

Se J. P. Correia está em casa, fá-lo ir para a fazenda. Chegado lá, o obsidiado não se lembra do que ia fazer. Depois o obsessor obriga-o a voltar para casa, de modo que não tem descanço, nem sossêgo. Noites há em que é uma balburdia naquela casa. A mulher do infeliz não sabe o que há-de fazer. O obsessor não cede a doutrinações nem a exorcismos, mostrando-se disposto a não largar a vítima até conseguir o seu intento. A família vive numa aflição permanente e a pobre mulher, com os filhos nos braços, pede que lhe valham e que ponham fim àquele martírio.

A OBRA SOCIAL DO ESPIRITISMO

Inauguração do Hospital «Apóstolo Pedro»

em Mimoso do Sul - Estado do Espírito Santo - Brasil

Por HENRIQUE MAGALHÃES

No Estado do Espírito Santo surgiu, como um presente do Céu, o Hospital «Apóstolo Pedro».

Dizemos muito a propósito que foi um presente do Céu, porque sendo Mimoso do Sul um Município com mais de 65.000 almas, não possuía a pequena cidade nenhum hospital, casa de saúde ou mesmo ambulatório, quer do Governo Federal ou Estadual, do Município ou particular. Se alguém precisava de ser operado ou recolhido a um leito hospitalar tinha de ir à vizinha Cidade de Campos, ou então para Cachoeiro de Itapamirim.

Este único pormenor demonstra a importância que teve a inauguração de semelhante hospital, em 22 de Junho de 1952.

Com 50 leitos, a grande maioria destinados aos menos favorecidos, possui o hospital primorosa instalação. O próprio Governador Estadual que se abalou da Capital para assistir ao significativo acto, declarou-nos, pessoalmente, que em todo o Estado não existe outro hospital tão bem aparelhado, ao que lhe retorqui que mesmo na Capital da República bem poucas casas de saúde possuem equipamento tão completo.

Deve-se a criação desse hospital aos espiritas de Mimoso do Sul, mas particularmente a Ceciliano de Melo Portinho.

Este grande pioneiro iniciou o movimento há 6 anos. A princípio convidou o pároco local a tomar a iniciativa, em que ele, Portinho, cooperaria com seu quinhão, mas o sacerdote recuou ante a empresa por julgá-la impraticável.

Portinho, então, meteu ombros sózinho ao agigantado trabalho, com pequena ajuda de outros companheiros. Seu grande segredo e motivo principal do êxito alcançado foi atrair gregos e troianos, ou seja a cooperação de católicos, protestantes e ateus, num formidável e belíssimo movimento de solidariedade humana. Foi serviço de um gigante, em terras sáfaras, como bem acentuou um espírito amigo.

Para melhor se avaliar os óbices a vencer, basta citar o facto de que na pequena cidade não haveria, naquela época, mais de 20 espiritas e ainda hoje seu número não vai além dos 50. Estamos, no entanto, certo de que a existência do hospital e sua repercussão será motivo para aumentar em muito o número de espiritas. Baseamos nossa afirmativa em experiência própria, pois os factos comprovam que a exemplificação continua e será sempre a alavanca fundamental que impulsiona as coisas.

Aproveitamos o ensejo para gritar alto e bom som, aos irmãos de nossa terra, em particular e em geral aos da Europa e mesmo de todo o mundo, que o espiritismo de «gabinete», também chamado de científico, por catalogar e demonstrar os fenómenos à luz da razão, é respeitável e necessário, não há dúvida, mas, se me permitem expressar o pensamento, direi que a ciência mais profunda é a que sonda os variados refolhos da alma, possibilitando às criaturas a análise de si mesmas. Esta é, a nosso ver, a verdadeira ciência, porque nos leva a perquirir donde provêm nossos defeitos e a melhor forma de o combater. Laboram, portanto, em erro, afigura-se, nos, os irmãos de outras terras que se fecham em gabinetes, olvidando e combatendo o Espiritismo religioso, justamente aquele espiritismo que, aliado ao estudo filosófico e à ciência experimental, leva o homem àquele estado superior da alma, para onde todos, aliás, caminhamos, ou seja: «amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo». «Nisto reside — assevera Jesus — toda a Lei e os profetas», ou seja a ciência superior, a essência de toda a sabedoria.

Sentimos necessidade de fazer esta ressalva, para afirmar a nossos irmãos de ultramar que o movimento gigantesco do Espiritismo, em terras de Santa Cruz, tanto na parte social como assistêncial e particularmente no sector moral, tem suas profundas raízes no Evangelho, ou seja a parte religiosa, tão lamentàvelmente combatida na Europa e nas Américas.

A alavanca impulsionadora de uma ideia, que, no caso em apreço, é o Espiritismo religioso, foi desgraçadamente abandonada por irmãos de outras terras, a começar pelo local onde nasceu: a França, de Kardec. Daí o marasmo, a apatia, a debilidade com que caminha o Espiritismo nessas plagas, simplesmente porque lhe falta a seiva do Evangelho, o Espiritismo religioso, movimento causal do trabalho em favor dos infelizes, que, no caso de que tratamos e em outros iguais, representa benditas oportunidades de serviço aos semelhantes, em experiências sublimadas.

Terminada esta explicação, voltamos ao acto inaugural do hospital «Apóstolo Pedro».

A 15 de Dezembro de 1945 foi posta em acção a ideia, com aprovação dos Estatutos, e eleita a Directoria. 30 de Maio de 1946 marca o registo dos mesmos, tendo, pois, desde esse dia, personalidade jurídica.

Nessa época, o Ceciliano Portinho obteve a doação do terreno das mãos magnânimas de D. Maria do Carmo Monteiro Leite, católica muito ilustre e possuidora de um generoso coração. Seu nome ficou ligado à obra e portanto à posteridade, como pioneira das boas causas, porta-estandarte da caridade.

A 1 de Junho do mesmo ano era colocada a pedra fundamental e começadas as obras, tendo a instituição em caixa apenas Cr. $8.190,60, importância irrisória para empreendimento tão vasto.

Esta pequena amostra dá a medida do poder da Fé nos destinos de uma causa superior.

A construção continuou, vagarosamente, contando apenas com os recursos locais e com o que o Ceciliano Portinho conseguia noutras cidades, já que até na Capital da República solicitava auxílio, vez por outra, aos confrades ali radicados. Sòmente quan-

do as paredes estavam emboçadas e o telhado em cima é que as autoridades despertaram, começando então os auxílios oficiais.

Tinha chegado a época dos «Tomés», a fase dos que só dão, porque vêem!

No 2.º semestre de 1949 recebeu o hospital o primeiro auxílio da União, no valor de Cr$ 100.000.00, emenda do deputado Federal Dr. Álvaro Castelo, seguindo-se outro auxílio estadual, por iniciativa do deputado Luiz Lira Freitas.

Na fase final cooperaram eficazmente o Senador Dr. Carlos Monteiro Lindemberg e o deputado José Monteiro da Silva, Governador Dr. Jones dos Santos Neves, Prefeito local, Dr. Rubens Rangel, Legião Brasileira de Assistência, na pessoa do Dr. Manuel de Carvalho Filho, Departamento Nacional da Criança, pelo seu representante Dr. Heliomar Carneiro da Cunha, etc., etc.

O património pertence ao Centro Espirita «Páscoa de Jesus», sediado naquela Cidade, cuja avaliação, por muito baixa, se eleva a Cr. $2.000.000,00, sendo justo salientar que o património maior são os dilatados benefícios que o hospital está proporcionando aos enfermos, aflitos, gestantes, coxos e estropiados, além de ser porta-estandarte de uma grande causa em marcha — o Espiritismo em acção.

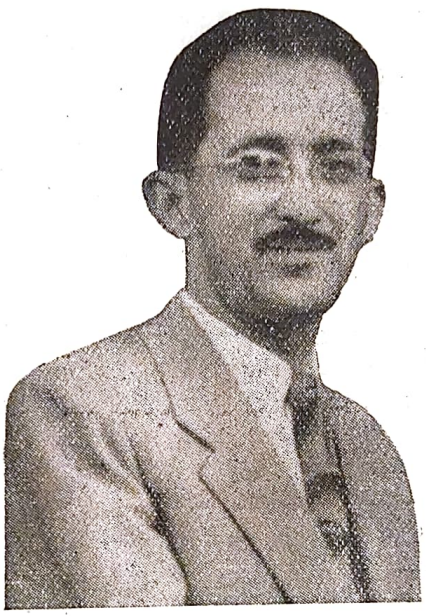
Compareceram ao acto inaugural o Ex.mo Sr. Governador do Estado e sua comitiva, deputados federais e estaduais, representantes do Departamento Nacional da Criança, da Saúde Pública, do Serviço Nacional do Câncer, da Legião Brasileira de Asistência, o Prefeito local e o da vizinha Cidade de Muqui, o representante da Federação Espirita Brasileira, do Conselho Federativo Nacional, da Maternidade «Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro, da Maternidade de Muqui, delegações espiritas de Cachoeiro, Campos, Nova Friburgo, de Carangola, de Belo Horizonte, de Vitória, de Castelo, de Itaperuna, do Rio, o representante da revista *Estudos Psíquicos*, de Lisboa, autoridades outras e espiritas em geral e grande massa de povo.

Todas as vozes que se fizeram ouvir enalteceram aquela iniciativa com justificado motivo, tendo o Governador afirmado, entre outras coisas, o seguinte:

— Em verdade vos digo, senhores, que a finalidade do Governo é bem servir. Se em todos os Municípios do Estado houvesse homens da fibra de Ceciliano de Melo Portinho, cada Município, por certo, teria um hospital.

Este trecho de seu discurso foi repetido mais adiante, por outras palavras, pelo mesmo Governador, parece que com o intuito deliberado de que seu verbo ficasse indelevelmente gravado nos corações humanos, como um brado a despertar os homens de boa vontade.

Esse discurso, por ser o último, fechou a solenidade com selo de ouro; e nós, reconhecendo nossa pequenez e a grandiosidade do



Ceciliano de Melo Portinho

momento, elevamos o pensamento ao Altíssimo, agradecendo-lhe as messes de misericórdia que enviou àquele punhado de trabalhadores e continuamos pedindo a Deus proporcione luz, coragem e bom ânimo aos que mantêm a mão no arado, dirigindo obra tão maravilhosa.

Do irmão em Jesus, servo dos servos do Senhor,

HENRIQUE MAGALHÃES

Este hospital tem as seguintes dependências: Secretaria e sala de espera, quartos particulares, enfermarias de homens e mulheres, enfermarias de crianças, berçário, sala de refeitório e de copa, ambulatório, rouparia, cozinha, dispensa, lavandaria, farmácia, almoxarifado, quartos de isolamento, quarto farmacêutico, carpintaria, necrotério, reservatório de água de 20.000 litros, sala de fisioterapia, sala de esterilização e sala de operação de alta cirurgia, jardim, etc., etc.

Para se fazer ideia da forma como está montado, basta mencionar a seguinte aparelhagem, que honraria qualquer moderno estabelecimento hospitalar:

Aparelho infra-vermelho, sol de montanha, violeta e ultra-violeta; tenda de oxigénio; transliminador (seios, maxilar e frontal); incubadora com oxigénio para recém-nascidos; cama ortopédica; aspirador para campo operatório; ferros cirúrgicos de procedência alemã; lâmpada para esterilização de ambiente; lâmpada frontal; cadeira de roda; sala de partos com mesa «Singra»; ambulatório devidamente equipado; sala de esterilização completa com as seguintes peças: estufa a seco, lavabos de comando, tambores de água esterilizada com a capacidade de 150 litros, dois «Wongas» para esterilização em ebulição, autoclave, toda a esterilização da American Sterelizer Company, *sala de alta cirurgia com lâmpadas «Castle 12» (a maior), mesa cirúrgica «Mercedes Imec», mesas auxiliares de material inoxidável, armários de ferro e negatoscopia.*

As camas usadas são de fabricação «Mercedes Imec, de S. Paulo. Os cobertores são de lã destinados a ricos e pobres. A rouparia geral é de 1.ª qualidade. Há também 12 camas «Fawler» para operados, louça individual para todos os enfermos, talheres «Hércules», inoxidáveis, material de cozinha de alumínio e chaleira.

Este hospital pode considerar-se o hospital-padrão do Brasil, *onde rico e pobre receberão igual tratamento. Capacidade — 50 leitos de clínica geral. Em breve será ampliado com a aquisição da cadeia pública.*

A assistência médica é feita pelos clínicos da cidade, mas todos ali poderão trabalhar, sem exclusivismos.

Eis uma grande obra do Espiristismo Cristão, destinada a todos, sem distinção de raça, cor, ou crença religiosa, e onde qualquer religião poderá prestar assistência a seus adeptos! Disso se pode orgulhar o Centro Espirita *Páscoa de Jesus,* R. Paraiba, 78, *Mimoso do Sul, seu legítimo proprietário, a quem apresentamos as nossas felicitações. — N. da R.*

ECOS DO ALÉM...

XIV

As sessões que tenho narrado contribuem muito bem para ilustrar o pensamento e o sentimento da entidade comunicante. Em quase todas há doutrina aliciante, da melhor que temos visto e que revelam a mesma elevação e espírito de justiça que exornaram a sua passagem pela Terra.

Mesmo em conversa amena, há sempre um conceito apropriado, uma elucidação que justifique o diálogo. A questão do parentesco obriga a meditações variadas que levam a conclusões nem sempre de harmonia com o estabelecido. E só quem tivesse conhecimento de causa poderia fazer afirmações tão pródigas de bom senso, como as que se apreciam através desta obra. O assunto parecerá vulgar a quem procure o lado fenoménico das coisas, em detrimento do seu aspecto moral; todavia, se virmos bem, se analisarmos em profundidade, encontraremos sérios elementos de estudo comparativo que nos ajudarão a formular juizos verdadeiros.

Na sessão de 9 de Maio de 1951, D. Maria Bacelar ouve dizer: «O fio ténue que nos liga ressente-se com as vibrações. É como se uma brisa o fizesse oscilar levemente». E acrescenta:

— A primeira visita chegou. A outra há-de chegar. Ouço falar num embrulho com tecido. Não sei o que é. Parece uma coisa mole (1)... E agora: «Encontrar-nos-emos na solidão da imensidade unidos pelo mesmo afecto».

— Quem se há-de encontrar? — perguntei.

— Os laços que nos uniram apertar-se-ão mais, mas como irmãos que somos.

— Quem fala?

— Não estamos ao telefone e a seu tempo saberás.

— É sempre bom sentir a amizade de alguém...

— Quando ese alguém é... Vá, completa a frase. É...

— Um colaborador e um amigo.

— Só?...

— Já não é pouco...

— Já é alguma coisa...

A médium ouve uma pergunta dirigida à Gena:

— Porque estiveste a pensar esta noite? Que te apoquenta? Confia, que eu te ajudarei. Não te preocupes com coisas que só Deus pode resolver. As aparências iludem muitas vezes. Mais do que julgas. Para bem e para mal. Confia em Jesus e não abras o teu coração a todos. Tens a vida e o futuro nas mãos, mas é preciso saber orientar. Aprende a ver e a sentir com coragem, para que te sirva no futuro. Não julgues que é tudo sincero. Aparenta-se às vezes o que se não sente e sente-se o que se não aparenta. O caminho não o encurtas nem dilatas. Confia e segue. Nem sempre se deve deixar voar o pensamento. Há voos errados. Sofrimento inútil. Não devemos gastar as forças que nos serão precisas. Vontade e calma para os embates que surjam. Espero que te silva de alguma coisa o que te digo.

— Grandes verdades há nessas palavras!

— A verdade deve sempre dizer-se e feliz de quem a recebe como ela é!

— Quem fala assim com tanto interesse?

— Maria.

— Desde o princípio da sessão?

— Sim. Temos que olhar a luz de frente, para que nos guie. Não importa o que nos segue ou o que se rumoreja. Ergamos a fronte com a consciência tranquila e sigamos o nosso caminho. Deixemos aos outros as palavras ocas e as obras escusas. Auxiliai quem necessita, pois da esmola dada esmola recebereis.

— É a verdadeira doutrina.

— Tende confiança no Pai, que tereis confiança em vós. Não estais aí em definitivo, estais de empréstimo. E do que se tem de empréstimo é necessário prestar

---

(1) Dois dias depois a Gena recebia uma blusa de *organdi* que um portador trouxera do Brasil. O tecido fofo seria a tal coisa mole?...

contas. É sempre melhor prestar contas justas.

— Assim te sucedeu também...

— A todos.

— Interessa-me o teu caso.

— Acho que te deve interessar o teu. Cada um por si. O meu está a saldar-se.

— Eu procuro melhorar-me. Tenho de percorrer o meu caminho. Ninguém...

— To encurta ou alonga. E mal daqueles que o cortam. Terão de segui-lo novamente. O que tiveres de passar não to posso retirar do caminho. Temos que ganhar por nós e para nós.

— Disse-to muitas vezes, quando cá estavas. Somos artífices...

— Da mesma obra, das nossas vidas.

— Se todos assim pensassem...

— Alguns sabem. Mas de que lhes serve, se não têm força de vontade para fixar a luz e segui-la?

— Terão de voltar ao princípio...

— É pena.

— Cada um tem o que merece.

— Pelo que faz e pelo que consente que se faça.

— O que realizamos pertence-nos! — exclamei.

— E alguma coisa pertence aos outros: os exemplos que vamos semeando. É preciso que o que reprovamos nos outros não o façamos nós. E muitas vezes assim acontece.

— O caminho fácil é mais aliciante...

— Mas o difícil é mais salutar. O pior é ninguém querer dificuldades. Desejam o que julgam melhor, quando, afinal, é o contrário.

— Estreita é a porta que conduz à salvação...

— Mas se a consciência for pura, passa-se fàcilmente, por muito estreita que seja.

Eu aventurei uma pergunta:

— Para isso é preciso renunciar a coisas que o mundo considera essenciais?

— É preciso viver e não vegetar.

— Como fazem alguns que se julgam espíritos fortes...

— Espíritos fortes, espíritos cultos... e por vezes os simples é que vivem quase a verdadeira vida, porque a verdadeira... só aqui. Há palavras que dão calma, que dão paz e tenho esperança de que algumas que hoje disse darão esse efeito desejado.

— Esta conversa é profunda. Cá nem sempre falavas assim...

— Evolucionamos... Eu, graças a Deus, tenho avançado.

— A colaboração continua...

— Temos muito que fazer. Ver-me-ás um dia, como te disse. Mas não tenhas pressa. De nada vale.

— Sei esperar.

— Às vezes, com impaciência. Mas é só às vezes, bem natural em quem é um tanto arrebatado. Mas eu também assim era. Vês que confesso o meu pecado e não me agasto por isso... Foi coisa que passou. Agora tenho calma, graças a Deus. E tu lá chegarás...

— Gosto de ouvir isso. E gostava também que a Gena voltasse a «receber».

— Terá o seu dia.

— Utilizaste-a oportunamente...

— Quando era preciso, para tirar a dúvida que se estava aninhando. Alguém duvidava...

— Eu é que nunca duvidei. Sabia que cumpririas o prometido, caso partisses primeiro. Foi uma prova admirável.

— Que me permitiram que desse. Outros há que se esforçam e nada conseguem. Às vezes é um bem, porque há abuso, maldade e vingança, muita coisa triste, infelizmente. Em toda a parte há bom e mau.

— Devido ao livre-arbítrio...

— Sim. Não podia ser de outra maneira. Sempre foi e continuará a ser.

— Ontem senti-te durante o dia. Tinha acabado o romance. Ficou-te alguma coisa por dizer?

— Do romance, não. De resto, tenho sempre que dizer. Bem sabes que sou faladora. Verdades duras, mas sempre amigas.

— Sugeriste descanso...

— Sugeri e é preciso.

— Para que o veículo se restaure...

— Das energias gastas. Mas podemos conversar sem grande esforço.

— É esse o meu desejo. Sinto uma grande...

— Necessidade de conversar comigo. Não é?...

— Sempre a ler no meu pensamento!

— Há problemas que te preocupam.

Experimenta. Se puder... responderei. Mas nem sempre poderei dar resposta clara ao que pedires.

— Qualquer elucidação...

— Ajuda.

— E é de agradecer. Conselho amigo, quem o desprezará?

— Muita gente.

— Então há muito...

— Mal agradecido e quem compreenda mal.

— É grande o número de insensatos...

— Muito grande, mesmo. E pequeno o número dos que aceitam e sabem compreender...

— Porque te manifestas tão frequentemente? É sinal de alegria da tua parte?

— Estou sempre satisfeita quando venho aqui...

— E tomas parte na minha faina?

— Quando posso. Tantas vezes o tenho dito!...

★

Em 16 de Maio, a médium exclama logo no início:

— Ouço dizer: «Então, gostaste do prefácio? Foi desilusão para alguns...» (1).

— Gostei. Tem bom senso e lógica.

— E é pequeno.

— O bastante para justificar...

— Os passos considerados «mais fortes».

— Dizem que na Terra não usavas essa linguagem...

— Era natural que uma senhora o não fizesse.

— Mas num romance é outra coisa.

— Principalmente daqui.

— Onde as paixões serão diferentes...

— Onde não há paixões — afirmou peremptòriamente (2).

— Desse género — disse eu —. Talvez haja outras.

— Não há paixões.

— Então, qual é a sua origem?

— A Terra.

— Mas os daí também se entusiasmam.

— O entusiasmo é diferente da paixão.

— Mas há espíritos malévolos... obsecados...

— Que ainda se não libertaram do que daí trouxeram.

— É claro. Não há paixões nos que atingiram certo grau de elevação.

— Que estão espiritualmente adiantados.

— Em todo o caso — obtemperei, referindo-me ao livro —, sempre cortarei uma ou outra frase...

— Não é bem assim... Atenuarás... Podes atenuar a frase. Suprimir, não.

— Sim, atenuarei. Era isso que queria dizer. Mas não alterar o sentido da obra.

— Com exemplos reais se ajuda a espalhar a doutrina. Consegui o que queria.

— Que querias tu?

— Que ficasse como escrevi. Ou antes, ditei.

— É preciso sair da rotina...

— Fazer alguma coisa mais e melhor. Que importa a opinião dos outros?...

A propósito deste assunto falámos nas fraquezas humanas.

— Aqui há pouca desculpa para elas — exclamou —. Quem cai tem que levantar-se.

— Cá tinhas opiniões especiais a tal respeito. Lembras-te?

— Há pontos que mantenho. Outros, não. Há véus que se rasgaram. Paisa-

---

(1) Refere-se ao prefácio de «Almas Errantes», livro considerado muito realista por alguns, impróprio talvez da literatura romântica do Espiritismo. Houve um momento em que resolvi cortar certas frases, mas não o fiz sem lhe apresentar o problema através de D. Maria Bacelar. Em face do exposto, limitei-me a atenuar os passos mais realistas, do ponto de vista convencional, sem alterar o sentido à ideia emitida. O livro correu mundo e foi bem aceite pela crítica responsável, que o achou óptimo paradigma, verdadeiro padrão de literatura espirita. Ainda bem, que não contrariei os desígnios da entidade comunicante.

(2) A respeito de paixões, Lia referiu-se, evidentemente, ao lugar em que se encontra, ou melhor, à posição que desfruta e não ao mundo invisível, sobretudo às zonas próximas do nosso globo, onde os sentimentos pouco diferem dos nossos, em virtude da densidade que os caracteriza. Muitos julgam que, após a morte, os espíritos vão para regiões comuns, à semelhança das que habitamos no estágio terreno. Não é assim. Cada um é atraído para «ambiente próprio», se deste modo me posso exprimir. Ambiente não está aqui no sentido de lugar, mas de elevação espiritual. Eis, porque aceito em absoluto a afirmação de Lia: «Não há paixões».

gens surgiram. Pequenos nadas que mudam a opinião, que a mudam para melhor. Nota que tenho pena de todos os que sofrem, mas vejo que só assim podem atingir grande felicidade. Só assim. É pena que alguns não consigam diminuir o sofrimento de que muitos se queixam. Há coisas que devias ver. Mas um dia virá. Nessa altura seremos da mesma opinião. Veremos pelos mesmos olhos espirituais e terás a explicação de muita coisa obscura. Verás o fruto das tuas obras, melhores e piores, porque todos fazemos perfeito e imperfeito.

— Os maus também têm coisas apreciáveis... Nem tudo é escuridão.

— Nem poderia ser. O espírito melhora sempre.

— Por isso não devemos criticar os outros sem olhar para nós.

— Não podemos dizer «desta água não beberei». Que sabemos nós do futuro?

— Bem pouco. Quase nada.

— Nem o minuto que se segue...

Lembrei-me de perguntar:

— Que diferença haverá entre encarnado e desencarnado?

— Quase só a do invólucro.

— O resto é igual, julgo eu.

— Completamente.

Aqui há uma interferência. A médium ouve chamar: «Irmã! Irmã!», mas a voz distancia-se. Depois dizem-lhe: «Estamos em campo aberto e quem passa faz-se ouvir». A pessoa que vai é mulher. Caminha hesitante e às cegas, a querer agarrar-se. Agora, outra voz:

— A irmã vai para o Pai e nós vimos de lá. Quer dizer, vai-se purificando e nós já melhorámos. Todos os caminhos lá vão dar, uns mais longos, outros mais curtos. Já estamos mais perto dele. Tenha fé. Eu a conduzirei.

— Quem fala neste momento? — perguntei.

— É Lia — diz a médium.

— Assim o prometeste nalgumas mensagens...

— Espero ter essa alegria. Já nos encontrámos noutras vidas. Irmãos... filhos dos mesmos pais...

— Em que região?...

A médium vê gente morena, uma carta de luto e um homem que chora. A seguir vê um linguado de papel e o braço de Lia a escrever, dizendo: «Mais e melhor». Vê-me também a escrever e a abrir a boca de admiração: «Não queres colaborar comigo? Então, tens que escrever. Agora digo e tu escreves. E quando aí estava, às vezes dizia-te e não fazias caso. Tinhas outra opinião... e pronto. Deitavas fora e agora queres aproveitar. É sempre assim. Quando está ao alcance da mão, não a estendemos, e quando está longe é que queremos agarrar. Agora está perto, mas nem sempre o podes segurar. A felicidade resume-se em bem pouco, mas quando a perdemos, vê-se que perdemos muito».

— Somos todos assim. Os de lá e os de cá...

— Os de cá, de lá são e vice-versa. Estamos juntos, mas cada qual vê e sente de sua forma. Não há barreiras.

— Afinal, há só um mundo.

— Único. Imenso. Estamos todos juntos. Esta médium vê-me. Tu sentes-me. Estamos todos aqui. A diferença é uns verem melhor que outros.

E voltou a dizer-me que a veria. Neste momento D. Maria Bacelar está a vê-la do lado contrário, como que reflectida num espelho, atrás de mim. Depois levanta um braço e reflecte o outro lado, parecendo haver atravessado a mesa a que estávamos apoiados e ficar no centro. A médium via os pés da entidade, como se a mesa fosse transparente. Manifestei a minha admiração e Lia explicou solícita:

— Bem sabes que para nós não há obstáculos... Passamos através das paredes... Porque não havemos de passar através da mesa?...

Outra coisa eu desejava saber. O livro «Dois Mundos» pertenceria integralmente à elaboração mental da autora, ou teria sido em parte captado de ambientes mais elevados, em virtude de sua possível mediunidade? E por isso interroguei:

— Continuas a ser médium?

— Não preciso.

— Quero dizer: captas pensamentos de mais alto para no-los transmitir?

— Quando se atinge um certo grau, os pensamentos são mais elevados.

— Os que se encontram em «Dois Mundos» são desse género. Alguns pare-

cem transcender a região onde te encontras. Por isso me lembrei de que os tivesses captado de região mais alta.

— São meus. São de onde me encontro. E todos os que estão aqui também os têm. Os que estão mais alto, têm-nos superiores aos meus. É tudo relativo.

Ela já disse que a doutrina espirita contribuira muito para a sua elevação. E agora repetia:

— A doutrina, a verdadeira, ajuda muito. Auxilia a compreender a situação. E às vezes individualidades que se dizem cultas não a compreendem. É que são espirtualmente menos elevadas que os analfabetos. Suas acções são repugnantes. Bem sabem o que se não deve fazer. E valem-se da cultura para o mal. Tenho muita pena. Muita pena de que isso se dê.

— A cultura é uma faceta da evolução...

— Que se presta à hipocrisia.

— Será uma forma de vaidade?

— Vaidade... mentira... Tudo defeitos da humanidade.

— Que aí nada valem.

— Há seres que só podem viver adulados, elogiados, como se nesse mundo fossem alguma coisa a mais que os outros... Vivem do elogio e não vêem o que está por trás... Às vezes, até o escárnio...

— Fraqueza generalizada, que parece fazer parte de nós mesmos.

— Não, não; nem de todos, felizmente. De muitos, sim. Pior seria, se todos fossem iguais. Mas assim não é.

— É preciso estar de atalaia contra a lisonja. Quando menos se espera, é-se envolvido por ela.

— Fere mais fàcilmente, porque nos envolve com suavidade.

— Deixamo-nos enlear...

— E quando reparamos é tarde. Vemos, então, que caímos em erro.

— Aí também há lisongeiros?

— Como em toda a parte. Os mais atrasados trazem esssa fraqueza, mas nós vemos suas intenções e defendemo-nos.

O caso da Gena voltou à baila.

— Ainda te inspira apreensões?

— Sempre. Tenho os mesmos cuidados. Foi-me entregue. Farei tudo para a orientar. Hei-de guiar-lhe os passos, evitar o que puder... mas há coisas inevitáveis. Vamos à Terra para nos purificarmos e a vida nem sempre é de rosas. Mesmo as rosas têm espinhos.

— Muitos ignoram-no e ferem-se.

— Quantos!... Quanto mais lindas, maiores espinhos têm.

— Provações e expiações...

— Todos temos que suportá-las. Todos temos que ouvir a voz da consciência, aprovando ou reprovando os nossos actos. E quando a podemos acatar, já é um grande passo.

— É uma luz que mostra o caminho.

— Sim, uma luz forte. Umas vezes nos ilumina e outras nos assusta. Ora a seguimos, ora a receamos. Fechamos os olhos para a não ver, mas ela faz-se sentir bem. Nunca tenhas receio de «confessar» o teu erro, porque todos erramos. Alguns não têm força para o confessar e deviam ser fortes em tudo. Não devemos acobardar-nos perante os nossos actos.

— Quando são bons, é fácil. Mas quando são maus...

— Devemos confessar-nos: «Errei? Não o devia ter feito. Isto é bom para nós. O Pai ouve-nos, não temos necessidade de apregoá-lo ao mundo. Poucos o compreenderiam.

— É o balanço de contas, em que falaste nos «Dois Mundos»?

— É o exame de consciência...

— Que se deve fazer sempre...

— Seja qual for a situação...

— Isso mesmo. Seja qual for a situação.

— Ficaremos prevenidos contra o mal.

— E melhor apetrechados para a vida. Juntaremos nova luz à que já possuímos.

— Avançaste mais depressa do que julguei.

— Ninguém sabe o que temos guardado em nós.

— Tesouros escondidos...

— Ninguém avalia.

— Adeus.

— Substitui o «adeus» por «até sempre». Adeus é a quem parte e não volta.

— Está bem. Até sempre. Até já...

— Ainda é mais bonito!

I. D. S.

(Continua)

"Ronda Espiritual"

Acaba de sair mais uma obra de Lia, intitulada «Ronda Espiritual».

É um livro único no género, cheio de observação e análise. As múltiplas facetas do homem, por mais ocultas que estejam, são poderosamente iluminadas nesta galeria singular, em que os fantoches, num verdadeiro jogo de escondidas, exibem as suas mazelas.

Se umas fazem rir pelo caricato da expressão, outras fazem meditar pelo realismo que toca as almas e as obriga a vibrar intensamente através de linguagem acessível e aliciante. Os podres da humanidade, as fraquezas, as insídias, as traições, etc., etc., apresentam ali a face oculta, que muitos não vêem sem grande esforço de pesquisa. E assim o leitor vai percorrendo a estranha galeria, ora de sorriso engatilhado como quem descobre algum de seus defeitos, ora de olhos voltados para o mundo interior, onde os mistérios abundam à espera de luz que os revele. É a verdade sob um novo e transparente véu, digna das melhores estantes espiritas.

Eis o título desses quadros ditados do Alto e recebidos sem rasuras:

Introito
A História
A Batalha
O Falador
O Palhaço
O Fanático
O Coveiro
A Beata
O Pendão
O Falso Amigo
O Agiota
O Mendigo
O Trapeiro
O Cangalheiro
O Benfeitor
O Revolucionário
O Maldizente
O Advogado
O Crítico
O Conselheiro
O Cego
O Sábio
A Coscuvilheira
O Lacaio
O Idiota
O Oráculo
O Carrasco
O Elástico

No intuito de tornar esta obra acessível aos leitores resolvemos oferecer-lhes um desconto especial de 25 %, só no mês de Fevereiro. Para isso enviaremos uma circular, considerando assinantes do livro aqueles que a não devolverem no prazo de 10 dias, findos os quais faremos a remessa à cobrança ao preço único de 22$50.

A circular não carece de novo selo para ser devolvida. Bastará entregá-la ao carteiro, pondo um traço no endereço e escrever a palavra «devolução».

VISÃO

Deste lugar, onde se projectam, na sua real policromia, as cenas formidandas do teatro terreno, que vejo, eu, Senhor? Não quero crer que seja assim; quero convencer-me de uma alucinação e... não posso. O corpo da minha alma estremece e já não tenho os olhos da carne para chorar! É agora o mais fundo do meu espírito que se dobra, esfarrapado pela gana do sofrimento. Que posso eu fazer, Senhor? Esperar outro milénio, como Tu, envolto na capa do Teu Amor e estendendo as mãos ensanguentadas pelos golpes do esquecimento e da injúria? Perdoa-me, Senhor, que essa Tua atitude é divina e eu... sou um homem, um homem que consumiu séculos a apagar os traços negros doutros passados, um espírito que está longe ainda do momento definitivo de se infundir no Verbo.

Sorris, Senhor? Tens pena do meu desejo e — apesar disso — mandas-me seguir? Como és Grande, como és Fé, como és Piedade! Queres, Senhor, que lhes conte a minha visão? Ah! Meu Mestre, como eu queria ter nesta hora uma voz mais portentosa que o maior dos trovões! De poucos serei ouvido... Mas que me importa? Hei-de gritar, gritar sempre — por aqui e por além — esgotar-me todo num grito que os chame, que os desperte daquele letargo! Eu vejo, EU VEJO...

★

O homem dividiu-se em duas partes: — uma, azorragada pela Vontade, ganhou asas e voa como enorme condor desejoso de passar os cumes dos Andes do Pensamento; a outra, pesada e negra como chumbo, resfolga entre as tábuas ásperas de um caixão lançado à vala do esterco deletério! Uma é Pensar, outra é Sentir! Supremo aleijão — um cérebro de gigante num corpo de pigmeu.

Pensando, o homem desvenda os segredos da matéria, dobra-a, transforma-a, reproduz, nos laboratórios, caminhos traçados pelo Verbo de Deus; pensando, o homem compreende a unidade da natureza, que matéria e energia são meros aspectos de uma só substância; pensando, o homem esfarrapa as plantas, perscruta o bojo dos animais, alarga a vista aos outros mundos. Pensando, o homem faz a Ciência, a Filosofia, a Arte, a Técnica. É um estatuário eternamente insatisfeito. Que ambição desmedida, que ambição tão louca, mas... que ambição tão humana, que ímpeto tão Divino! Pensando, o homem quer desvendar a última Causa, enfrentar o primeiro Princípio! Escabuja e sua desesperadamente, sedento da última análise, esfomeado da derradeira síntese.

Mas onde está o Sentir? Ali, esparramado na lama, patinhando deleitado nos dejectos das paixões, do ódio, da fome e do luxo; ali está o pigmeu indigno, de olhos esbugalhados pelos espasmos, a garganta sedenta do vinho dos enganos, as mãos tintas do sangue das convulsões bélicas, as pernas reduzidas a cotos miseráveis, porque o resto se gangrenou de tanto palmilhar lupanares, e o ventre ora no oco da grande fome, ora na rotundidade das grandes ceias.

Não é um homem que eu vejo, é um MONSTRO. O homem não está na Terra... Que mistério é este? Como pode o ente que soergue as rendilhadas catedrais e os arcos arrojados das pontes de pedra e ferro, que constrói as grandes aves roncadoras e as cidades flutuantes, enfurecer-se na pulverização daquilo que é a sua

Obra? Não é um homem, é um MONSTRO e... um MONSTRO LOUCO! O Pensamento voa e o Sentir rasteja; o Pensamento constrói, mas, puxado pelo desregramento do Sentir, cria camartelos cada vez mais potentes para destruir! Fome do Mais, sede do Menos. Bem e Mal cavalgando à rédea solta nas invias estradas do corpo do Monstro que se esqueceu da sua natureza última!

Exagero? Mas além não se está morrendo por falta de alimento e ali não se lançam cereais aos porcos ou... ao mar, para não baixarem os preços? Pois não se amassam montanhas de ouro sobre milhões de corpos esfrangalhados pela metralha? Pois não se exigem sacrifícios para amontoar uma pirâmide altaneira de canhões? Pois não se consomem uns cérebros a inventar instrumentos infernais para espalhar a Morte, enquanto outros se gastam para descobrir os segredos da Vida? Que é isto, dizei-me, senão loucura, LOUCURA?!...

Instituições, ideais, espiritualização! Derrocadas, irrrealismos, matéria! Paradoxos, antinomias, polarizações! Canhões e igrejas, direitos e deveres, progresso e crise, pés nus e automóveis, arroto e gemido, mendigo e milionário, verdade e erro, Cristo e Anti-Cristo! Assimetria, desencanto. HOMEM e MONSTRO.

Não acrediteis naqueles que vos dizem que isso é assim, porque... tem de ser assim! É mentira, uma enorme, infame e vergonhosa MENTIRA. É assim, porque... se quer assim. *Fazei com que o Sentir ganhe asas e se aproxime da parte melhor do Pensar e estareis refazendo a Vida.*

Não vedes o caminho para onde fatalmente estais seguindo? É o abismo e o caos, quando pode ser o superno e o equilíbrio. Que fazer? Basta querer *que seja diferente do que é, QUERER que Pensar e Sentir sejam duas faces apenas de um só resfolgo, QUERER sem um desfalecimento de Vontade. Como ganhar essa força de QUERER? Basta* crer *que é possível mudar, CRER que não pode ser aquele o verdadeiro Caminho do homem para o HOMEM!*

Levanta-te, Lázaro! Arremessa de ti esses bordões fáceis que o teu medo soube criar; bebe desta taça onde te ofereço o licor amaríssimo que destilei do sangue do CRISTO-HOMEM. Esses bordões são mentiras; os teus bordões naturais são os teus *braços e as* tuas *pernas! Arranca-te do chão e... caminha, caminha, caminha sempre. Tu podes, assim tu queiras que os desregramentos do sentir não manchem os ímpetos superiores do teu pensar!*

Levanta-te, Lázaro! Lança sobre a tua cabeça a cinza do arrenpendimento, não busques fora de ti a razão do que tens e és hoje. Levanta-te e caminha...

★

Senhor, Senhor, eles sabem *que eu falo VERDADE! Mas sinto, sinto que não tenho forças para verrumar a sua indiferença. E tudo tão claro, tudo tão simples — amar, amar o próximo como a si mesmo... Senhor, Senhor! Se Tu, que és VERBO, voltasses* agora *— uma outra vez — à carne, que martírio Te inventariam, Senhor?*

Eu choro, Senhor, choro a minha impotência e a prepotência deles. Tenho medo do seu futuro. Eles estão a criar numa ampola os vendavais do Caos! Eu grito, ó Mestre, mas eles desfizeram os ecos. Uma ou outra alma responde, mas os seus gemidos perdem-se logo nos silêncios da turba. E, no entanto, todos eles sabem que eu falo VERDADE, porque Tu, Senhor, falas por mim.

Por ABDALLAH

MULHER, ESPOSA E MÃE

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

As instruções que se seguem são devidas a uma rogativa de Joanna de Kousa, esposa do intendente de Cafarnaum, alto funcionário, no passado, do governo de Herodes. Esta ilustre senhora, apesar de suas virtudes e de sua fé nos desígnios de Deus, não conseguia resignar-se às contrariedades e sofrimentos de seu lar, porque seu esposo não aceitava as claridades do Evangelho de Jesus, naquele tempo em missão entre os homens.

Considerando seus dissabores íntimos, a nobre dama resolveu-se a procurar Jesus, numa determinada ocasião em que ele descansava em casa de Simão, e lhe expôs toda a série de suas contrariedades e padecimentos. Seu esposo não tolerava a doutrina da Boa Nova, pregada e exemplificada por Jesus e seus discípulos.

Alto funcionário do Governo de seu país, sempre em perene contacto com a vida política e seus representantes, repartia os interesses, ora com uns ora com outros, sem jamais perder de vista as suas conveniências pessoais e políticas.

Joanna confessou ao mestre as suas lutas e constantes desgostos no ambiente da vida doméstica, assim como as lutas provenientes de divergências religiosas com seu esposo, o que muito a desgostava e fazia sofrer.

Após ouvir-lhe a longa exposição, Jesus lhe disse, com muita ponderação e carinho:

— «Joana! Só há um Deus, que é o nosso Pai. E só há uma fé para as nossas relações com seu amor. Certas manifestações religiosas no mundo, muitas vezes, não passam de vícios populares nos hábitos exteriores. Todos os templos da terra são de pedra. Eu venho de meu pai abrir o templo de fé viva no coração dos homens. Entre o sincero discípulo do Evangelho e os erros milenários do mundo, vai começar a travar-se o combate, sem sangue, porém de grande luta, em prol da redenção espiritual. Agradece, assim mesmo, ao pai o haver-te considerado digna desse trabalho na parte que te foi confiada. Teu esposo não te compreende a alma sensível? Compreender-te-á um dia. É leviano e indiferente? Ama-o assim mesmo. Pois, não te acharias ligada a ele, senão houvesse para isso razão justa. Servindo-o com amorosa dedicação estarás cumprindo tua missão conforme a vontade de Deus. Falas-me de tuas lutas, divergências e desgostos, cansando-te tudo isso muita apreensão. Deves, pelo Evangelho, que te esclareceu a mente e encheu o coração de Paz e de amor, amá-lo ainda mais. Os sãos não precisam de médico. Além disto não podemos colher uvas nos espinheiros. Mas poderemos amanhar melhor a terra que só produziu cardos envenenados, a fim de cultivarmos nela a videira maravilhosa do amor e da vida eterna. Tem fé e bom ânimo, Joana, que nosso pai te ajudará».

No brilho suave de seus olhos, Joana deixava entrever a íntima satisfação que aqueles esclarecimentos lhe causavam. Mas, patenteando todo o seu estado de alma e franqueza de seu coração, interrogou ainda:

— Mestre! Vossa palavra me alivia o espírito atormentado; entretanto, sinto dificuldade extrema para um entendimento com meu esposo, no ambiente de nosso lar. Não julgais acertado que lute por impor os vossos princípios? Agindo assim, não estarei reformando meu esposo para o Céu e para o vosso reino?

O mestre sorriu e serenamente respondeu, dando mais estes sublimes ensinamentos:

— Joana! Quem sentirá mais dificuldade em estender as mãos fraternas: será o que atingiu as margens seguras do conhecimento com o nosso Pai, ou aquele que ainda se debate entre as ondas da ignorância ou da desolação, da inconstância ou da indolência do espírito? Quanto à imposição das ideias — continuou Jesus, acentuando a importância de suas palavras — por que motivo Deus, nosso Pai, não impõe a sua lei, a verdade, o amor, aos tiranos da terra? Porque não fulmina ele com um raio o conquistador desalmado que só espalha a miséria e a destruição com as forças sinistras da guerra? A sabedoria celeste não extermina as paixões de ninguém: transforma-as. Aquele que semeou o mundo de cadáveres, desperta, às vezes, para Deus, para a verdade, para o amor de nosso pai, com uma lágrima. Deus não impõe a reforma a seus filhos: esclarece-os no momento oportuno. Joana! O apostolado do Evangelho é o da colaboração com o céu, nos grandes princípios da redenção. Sê fiel a Deus, amando ao teu companheiro do mundo, como se ele fora teu filho. Não percas tempo a discutir coisas inúteis e de somenos importância, Deus não trava contendas com as suas criaturas e trabalha sempre, em silêncio, por toda a criação. Vai... esforça-te também no silêncio. E quando fores convocada ao esclarecimento, para dar testemunho da verdade, fala o verbo doce ou enérgico da salvação, segundo as circunstâncias; porém, sempre obediente à vontade de nosso Pai, a quem deves atender na tua consciência. Volta ao teu lar e ama o teu companheiro como o material divino que o Céu confiou aos teus cuidados, para que nele talhes uma obra de vida, sabedoria e amor.

Joana de Kousa, experimentava um brando alívio no seu coração

Auxílio aos Necessitados

Destinados aos necessitados a socorrer na quadra do Natal, recebemos mais os guintes donativos, que agradecemos:

Transporte do último número	6.249$00
D. Julieta Reis Beleza, de Tunes	20$00
José António Bernabé, de Beja	20$00
Carlos Bivar, de Lisboa	10$00
José Maria Cabral, do Porto	20$00
D. Emília da Piedade (pelos entes queridos)	20$00
Luís Crisóstomo Fernandes, do Funchal ...	20$00
Anatólio Cardoso, de Angra do Heroismo ...	40$00
Albano António Ribeiro, do Porto (pelo espírito de Maria e Maria Cândida)	20$00
Joaquim Lopes da Silva, de Évora	10$00
D. Maria Eva Rodrigues Alves, de Lisboa ...	50$00
Grupo E. Amor e Caridade, de Lisboa	50$00
C. S. S., de Lisboa	20$00
N. N., de Almada	20$00
Álvaro Garcia, de Bragança	20$00
Um anónimo de Leiria	100$00
António J. Martins, de Lisboa	200$00
D. Maria Adelaide, de Lisboa	10$00
Jaime da Silva Sabino, de Aveiro	25$00
João Muge, da Cidade da Beira	100$00
D. Gabriela Jervis Pereira, de Lisboa	10$00
D. Maria Assunção Martins, de Portimão ...	15$00
Lourenço Alves Ribeiro, de Lisboa	50$00
D. Maria Delfina da Costa, de Lisboa	100$00
José António Feijó, de Lisboa	10$00
Damião Teixeira, de Lisboa	10$00
S. D., de Lisboa	10$00
Manuel Caetano da Silva Leite, de Monte de Cima, Pardilhó	10$00
D. Hermínia Gago Simões, de Lisboa	10$00
Anónima, de Lisboa	5$00
Armando da Glória Alves, do Cartaxo	20$00
Jaime João Jerónimo, de Lisboa	40$00
Anónima, de Lisboa	10$00
Ernesto da Silva, do Porto	50$00
H. S., de Loulé	20$00
D. Feliciana Carvalho Freire, do Dundo, Angola	100$00
João Vicente de Freitas, de Beja	20$00
João Carvalho Macedo, da Amadora	50$00
M. M. M., de Oliveira	20$00
António Martins, de Almada	50$00
António Gonçalves de Campos, de Lisboa ...	20$00
D. Silvina Catarino Duarte, de Alpiarça ...	50$00
José da Silva Bonifácio, de Ovar	10$00
Jerónimo Gomes de Almeida, de Manhouce ...	20$00
Serafim Brites, de Ovar	20$00
Artur Levi Gomes, de Lisboa	10$00
Guedes de Amorim, de Lisboa	10$00
José Cabral, de Lisboa	26$00
D. Alice dos Santos Simões, de Lisboa	20$00
António Lopes Dias e D. Maria Clara Lopes Dias, de Luanda	20$00
Alberto e António, por alma de seu avô	500$00
Manuel M. Canaveira, de Lisboa	30$00
António Constantino Brites, do Cartaxo ...	10$00
Adolfo Oliveira Fernandes (da Cruzada Espirita Alexandre Herculano, de Coimbra)	20$00
D. Dulce Pereira de Brito, de Entradas	10$00
A. C. G., da Régua	20$00
Carvalho, de Lisboa	10$00
D. Emília Marques, de Paços de Gaiolo	5$00
Jeremias Neves	50$00
Manuel Afonso Joia (da Cruzada Espirita Alexandre Herculano, de Coimbra)	20$00
Leonildo Correia, de Poço Barreto	10$00
Arnaldo Carvalho da Cruz, de Lisboa	20$00
M. A., de Lisboa	10$00
D. Fernanda Camarate de Campos, de Évora	20$00
D. Fernanda Freitas, de Lisboa	20$00
Olímpio P. de Aguiar Costa, de Luanda ...	73$00
Dr. Léon de Castro, de Lisboa	20$00
V. C. C., de S. Paulo	50$00
TOTAL	8.738$00

Com estes donativos e alguma roupa oferecida pudemos contemplar muitas famílias pela quadra do Natal.

A todos os benfeitores apresentamos os nossos agradecimentos. Que o seu acto possa repetir-se neste ano de 1953, são os nossos votos mais sinceros.

---

e enviando a Jesus um olhar de carinhoso agradecimento, guardava as suas últimas palavras e recomendações que parecia ainda ouvir-lhe: «Vai, filha!... Sê fiel».

Tais são os ensinos de Jesus Cristo, nosso Mestre, aquele que nos afirmou ser o caminho, a verdade e a vida, e que ninguém chegaria ao Pai sem praticar os seus ensinos.

Que esta mensagem possa levar a outras Joanas que nos leiam neste momento, a par do esclarecimento espiritual de nosso Mestre, o bálsamo salutar e confortativo que lhes proporcionará muita fé e bom ânimo para o feliz desempenho de sua missão, toda de fraternidade e Amor, pois do outro lado da vida outros amigos nos coadjuvam, interessando-se pelo nosso progresso.

O que se faz necessário é firmar melhor nossa crença e nossa fé na doutrina que professamos. Nada de vacilações. Sigamos o Evangelho do Mestre, sempre obedientes aos ensinos que ele nos pregou e exemplificou. Quem vive na sua luz não tropeça, porque vê o caminho, os obstáculos e os sabe contornar em seu devido tempo. Porque ele é a luz do mundo. Quem se oriente por meio desta luz, o seu passo é firme e vigoroso, porque sabe que leva em si mesmo a certeza da vida eterna.

Nota: Extraído, em parte, da obra «Boa Nova», do espírito de Humberto de Campos, recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, com adaptação para a presente mensagem.

AINDA EU NÃ

Por L.

QUANDO o facto que vou contar se deu, muito tempo se teria ainda de passar sem que para mim próprio tivesse aceitável explicação.

Desde então passaram-se já vinte anos e a evolução que se operou no meu espírito é verdadeiramente revolucionária, especialmente pela qualidade dos conhecimentos que tive a felicidade de adquirir.

Hoje tem para mim cabal compreensão o que então se passou, assim como tantos outros casos de manifestações que tenho lido em publicações de todo o crédito, mas que, no entanto, sempre fazem sorrir certos senhores com ares de superioridade, exactamente porque nada sabem a respeito duma doutrina que só não cativa apaixonadamente quem se não dá ao trabalho de estudar as suas bases — o Espiritismo.

Agora eu sou um espírita convicto e consciente e faço por cumprir escrupulosamente os princípios morais que esta doutrina impõe.

A mentira, por exemplo, é para o espírita o que para o católico é um pecado mortal, sòmente com a diferença de que o católico se liberta confessando-se ou comprando bulas que concedem indulgências, ao passo que o espírita sabe que tem de sofrer as consequências do mal que fez ou provocou, de nada lhe valendo o dinheiro, por maior quantia que possua.

Mas vamos ao caso que se passou comigo:

Na minha aldeia falecera de repente um dos mais considerados habitantes. Era membro de importante família e senhor de largos bens. Fazia vida de lavrador e era estimado por toda a gente. A sua morte causou surpresa, pois era homem relativamente novo e principalmente de constituição física robustíssima.

No acto do enterro foram organizados turnos em que tomaram parte todos os seus amigos. Como tal, fui também convidado e, durante certo percurso, peguei numa das borlas pendentes do ataúde. Como toda a gente, fiquei impressionado e pesaroso, visto ser verdadeiro amigo do extinto.

Nesse tempo namorava eu numa aldeia próxima e, por esse motivo, percorria todos os dias — melhor diria todas as noites — a estrada que liga as duas povoações, nalguns trechos marginada por terrenos pertencentes ao falecido, e bem assim um armazém onde guardava o vinho de suas propriedades, mesmo junto à dita estrada.

Ao passar junto a essa casa, era certo e sabido que vinha à minha memória a lembrança do seu proprietário.

Todas as noites eu passava ali, entre a uma e as duas horas da manhã.

Quem, a essa hora, por solitária estrada em meio de majestoso silêncio, se não sentiu pequenino ante o espectáculo assombroso da Natureza adormecida? Quem, por mais forte de ânimo que seja, não experimenta um vago receio, quando caminha só, por lugares ermos?

Não é sem razão — reconheço-o agora — que o povo assinala certos lugares, determinadas passagens de caminhos e categòricamente afirma que ali costumam aparecer «almas do outro mundo, feiticeiras, lobisomens», etc. Passar a altas horas da noite em frente de um cemitério, de igrejas, encruzilhadas ou pelo lugar onde assassinaram alguém, é sempre motivo de receio para o povo e ele tem inteira razão, porque os fenómenos que afirma são absolutamente reais.

É preciso notarmos que, de maneira geral, o povo não sabe explicar essas «aparições», mas verifica-as com frequência, e isso é que tem valor como argumento a favor da doutrina espírita — que, diga-se de passagem, há muito está demonstrada como verdade incontroversa, não precisando, portanto, de tais afirmações, apesar do seu valor.

Seria 1 hora da manhã. Ao virar de uma curva comecei a divisar, à luz do luar claríssimo, o armazém que pertencera ao meu falecido amigo. Antes de lá chegar teria de andar ainda cerca de 50 metros.

A casa, pela sua orientação, ficava com a frente na semi-obscuridade.

A passo lento ia-me aproximando e casualmente olhei para a esquina da casa.

Naquele tempo não acreditava em aparições, mas a verdade é que senti certo receio de que «aquilo» fosse uma aparição, pois me pareceu — iria jurá-lo — estar a ver, mesmo ali, na esquina do prédio, a figura, sem tirar nem pôr, daquele que tinha sido dono daquela casa e que eu acompanhara não havia muitos dias à sua última morada!

ERA ESPIRITA...

CASTRO

Não havia dúvida! Com uma nitidez espantosa, ele ali estava visível nos mais pequenos pormenores, encostado à esquina da parede, e tanto mais verdadeiro, quanto mais o contemplava e me ia aproximando!

Já porque a passagem por ali era obrigatória, já porque estava habituado a não acreditar em tais visões, fui andando no mesmo passo em que vinha e, como a visão se não desvanecia, fui-me aproximando em direcção a ela.

Entre nós mediava apenas a distância da berma da estrada, naquele lugar um pouco larga e algo funda. Era a primeira vez que tal me sucedia e talvez por isso a dúvida continuava a subsistir.

Os meus olhos, como fascinados, não podiam sequer abandonar, por momentos, o que cada vez mais real se me apresentava.

Era costume trazer sempre comigo, de noite, um pingalim, por causa dos cães, que às vezes me poderiam morder.

Estendi o braço e com ele toquei o corpo do homem que ali estava. Certo é que não tive a sensação de ter tocado um corpo humano, mas o que não há dúvida é que logo que a extremidade do pingalim tocou a parede onde o corpo se encostava ouvi um leve ruído semelhante ao que faz um pano que alguém retirasse, surrateira e instantâneamente, diria melhor, como cortina estendida que de repente se desprendesse da parte de cima e caísse no chão. Ruído imperceptível, sombra que se desvanece num momento e eis que a visão não existe já!

Sem poder explicar tão extraordinário fenómeno, acabei por considerar que os meus olhos e os meus ouvidos por certo se deviam ter enganado ...

Ainda assim, volvi uns passos à retaguarda para ver se voltava a repetir-se o que considerava já uma ilusão, mas nada mais vi.

Continuei o meu caminho, dizendo com os meus botões: «Fiz bem em lá ir ver, senão, amanhã, iria dizer, como tantos outros, que me tinham aparecido «as almas do outro mundo» ...

Mas fiquei contente comigo mesmo, por não me ter deixado dominar pelo medo que se queria apossar de mim.

Os anos rodaram e outros fenómenos interessantes tenho presenceado, mas só há cerca de quatro anos encontrei pessoa amiga que lentamente teve a paciência de ir desbravando o terreno inculto que eu era e facultar-me a leitura de livros que, inteiramente desconhecidos para mim, me causaram a maior admiração e me deram o maior proveito.

Jamais posso esquecer a extraordinária sensação de liberdade que me invadia à medida que os ia lendo! Que alegria ao receber tanta luz, que nem por sonhos suspeitara!

Até então o catolicismo tinha-me apresentado um deus que mais temia do que amava, ao mesmo tempo que me assombrava a existência com a ameaça de castigos infernais. A promessa de um céu de eternas delícias em face da grande facilidade com que por tudo e por nada se cai em pecado mortal, acabou por me tornar tal céu absolutamente inatingível. Não quer dizer que a doutrina espirita conceda liberdade de praticar acções condenáveis. Depois de muito meditar, cheguei à conclusão de que, segundo a religião católica, só os eleitos de Deus, ainda que míseros pecadores como os outros mortais, teriam entrada no céu ... Não me sentindo um desses eleitos, ainda que não me julgasse grande pecador, só me restava tornar-me indiferente perante os problemas que com o além-túmulo se relacionassem.

Todavia, quando contemplava as estrelas, o desabrochar das flores, a grandiosidade das montanhas, a força criadora do Sol e tantos, tantos outros espectáculos sublimes da Natureza, não podia deixar de admitir que tinha de haver realmente um DEUS.

E muito intimamente uma secreta voz me dizia que sim e que devia confiar nele e aguardar! E eu confiava e aguardava e ia pensando pouco, com receio de que a dúvida destruísse tão doce esperança!...

Finalmente a luz fez-se no meu espírito e agora já essa dúvida me não tomará! Hoje sei que existo, não à margem das criações de Deus, mas como uma das mais aprimoradas. Sei que caminho em direcção a Ele, no conjunto de todas as coisas, que igualmente para Ele caminham. Sei que não há réprobos, nem condenados irremediáveis a um inferno de castigos eternos. Sei que todos hão-de atingir

a meta da perfeição. Não todos ao mesmo tempo, é certo, porque o grau de evolução, ainda que seja crescente, não é em todos igual.

A ideia de que Deus não abandona nenhum dos nossos semelhantes implica considerar a todos como irmãos, tranquilizando-nos, portanto, a consciência quanto ao futuro.

Muitas vezes cheguei a pensar isto: admitindo que eu merecesse o tal céu de eternas delícias, como poderia eu lá ser feliz inteiramente, sabendo que no inferno jaziam eternamente desgraçados que podiam até ter sido meus irmãos carnais na Terra? Só quem não pensa pode admitir tais absurdos.

A Doutrina espírita liberta e eleva, satisfazendo exaustivamente os mais profundos problemas da alma.

Quem quiser saber a razão por que nasce, por que vive, por que morre o corpo, mas continuando cada vez mais vivo o espírito, que a estude e não lhe faltarão motivos para sentir, a par de duradouras alegrias, a absoluta certeza das causas que determinam a vida, não só dos homens, como de todos os seres, minerais, vegetais e animais, para não falar nos profundos conhecimentos que se adquirem sobre a constituição do Universo em que vivemos e dos muitos que em escala infinita se lhe seguem.

Quão mais agradável não é saber por que devemos amar com sinceridade todas as pessoas, sem olhar a condições sociais, categorias, posições superiores ou inferiores, nacionalidades, raças ou cores! Como não ser assim, se se aprende e se aceita — porque é lógico — que todos nós, afinal, passámos ou havemos de passar, exactamente, pelas mesmas situações ou graus, por força da férrea lei da evolução?...

Concluíndo, está finalmente explicada a razão por que o povo afirma a verdade das aparições.

Elas são uma realidade fácil de verificar por qualquer pessoa, contanto que seja observadora e tenha atingido certo grau de evolução, seja no plano terrestre, seja no plano astral.

Os que nada sabem destas coisas nem as querem investigar podem continuar a sorrir destas verdades, na certeza de que um dia chegará em que verão e acreditarão, visto que o progresso é constante e à sua influência nada do mundo se pode subtrair ...

Luanda, Outubro de 1952.

POLICROMIA

por Tito L. Bancéscu

(Correspondente em Rosário, Argentina)

A cultura é o abcedário da civilização. Um ser é civilizado quando possui noções gerais da série de culturas que informam a marcha evolutiva da humanidade. Tarefa difícil a de abarcar panorama tão vasto e complexo, que exige centúrias ou milénios. Disporá o homem moderno desse tempo, quando o o emprega em coisas infantis, como futebol, luta de box, etc., etc.?

✶

Não é possível adquirir uma noção das culturas antigas e modernas, quando o analfabetismo reina em muitos países. É que os olhos do espírito ainda se não abriram em grande percentagem de terrícolas. Por aqui se nota a pobreza espiritual dos povos.

✶

Acasa ser alfabeto significa que se é civilizado, no sentido integral do termo? Haja em vista grandes sábios em busca de instrumentos destinados ao genocídio. A esses mortais falta o sentido da responsabilidade. Puseram-se ao serviço da morte e da destruição e por isso são veículos do mal.

✶

Para que lhes servem os conhecimentos que possuem, se a sua pobreza moral é de tal natureza, que ainda não aprenderam a conhecer-se? Conhecer-se a si mesmo, eis o problema dos problemas! Passaram muitos anos desde que se inscreveu esta sentença no templo de Delfos e a terra segue o seu curso, a 1.200 quilómetros à hora para a arte de suicidar-se... lentamente.

✶

Não deixa de ser inexplicável o paradoxo, segundo o qual o homem se nega a conhecer-se e ao mesmo tempo tem medo do pânico da morte. Sabe que é mortal. Não ignora que a parca o espera de gadanha em punho. Apesar disso, tem relutância de ser bom, não se lembrando de que ganhará simpatia, se tal fizer.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

«LA PRESSE» CONVERSA COM HUBERT FORESTIER

O jornalista Pierre Neuville, de *La Presse, entrevistou* Hubert Forestier, director da *Revue Spirite*. *La Presse* é um semanário de larga circulação que tem publicado numerosos artigos acerca de Espiritismo, aprender e meditar:

Vamos transcrever essa conversa, intitulada «Embaixador do Invisível», porque nela há muito que aprender e meditar:

«De todas as ciências psíquicas pelas quais se poderá interessar o ocultismo moderno, o Espiritismo é, sem dúvida, a mais controvertida e mais atacada. O simples facto de ligar à palavra ciência a palavra espiritismo basta para desencadear a ira dos que repelem as comunicações com o mundo invisível do Além.

«Allan Kardec, um dos pioneiros e mestres da ciência espirita, deu, entretanto, uma pertinente definição do Espiritismo».

«*O Espiritismo* — diz ele — *é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os espíritos. Como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações.*

«Partindo deste postulado é que os espiritas sinceros — porque também há charlatães — se dedicam ao estudo de uma ciência que é atacada, porque os seus fenómenos são dificilmente explicáveis no estado actual dos nossos conhecimentos.

«Mesmo limitando-se aos factos, o estudo dos fenómenos espiritas é muito eloquente e perturbante, para que se possa negar sistemàticamente e sua realidade.

«No domínio dos factos, o próprio destino de Hubert Forestier, actual director da *Revue Spirite* e da *Casa dos Espiritas*, põe um surpreendente problema metapsíquico.

«Hubert Forestier tinha apenas 12 anos, quando o célebre Dickson realizou em Angoulême uma conferência contra o Espiritismo. No dia seguinte, graças ao truque do colchete dissimulado que denunciara o prestidigitador, o jovem Forestier fazia aos seus companheiros de escola um bela demonstração de «mesa girante e falante».

«Um desses companheiros quis tentar a experiência e, com espanto de todos — a começar pelo mistificador — a mesa começou a mover-se e alguns «raps» se ouviram com nitidez. Timidamente, os jovens assistentes fizeram perguntas: «É um espírito que está presente?». A mesa respondeu que sim. Após algumas hesitações, os neófitos registaram a seguinte frase: «Hubert, reflecte, trabalha».

Impressionado, mas indiferente, como sucede naquela idade, o jovem Forestier já tinha esquecido o incidente, quando, à hora de deitar, ouviu pancadas na mesa de cabeceira. Ficou assustado, mas nem se mexeu, nem acreditou em qualquer presença invisível. Por isso fez algumas perguntas em voz alta. As pancadas concordavam com as perguntas feitas.

«— Devo ocupar-me com os espíritos? — perguntou finalmente —. Se sim, dê três pancadas.

«E três pancadas soaram no móvel.

«O destino de Hubert Forestier acabava de lhe ser revelado. Claro que não se tornou logo espirita militante, mas o caso influenciou-o profundamente. Pouco depois, a leitura do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, ofereceu-lhe horizontes novos.

«Aos 17 anos aderiu totalmente ao Espiritismo, precisamente quando o seu colega da primeira experiência acabava de morrer. Forestier tinha grande desejo de comunicar com ele e conseguiu-o. O desaparecido revelou-lhe então o segredo de um namorico, cuja existência Forestier ignorava. E o «morto» concluíu:

— Fala com minha mãe, que ela sabe tudo.

«A mãe confirmou as confidências do filho, bem como a irmã deste, que Forestier interrogou, ficando inteiramente convencido.

«Anos depois, quando assistia em Charente a experiências com um médium de incorporação — que forneceu provas de identidade, teve a confirmação da tarefa que lhe fora indicada. No fim da sessão o próprio Allan Kardec se manifestou através do médium, encorajando-o a seguir na sua esteira. E como o neófito protestasse a sua incompetência, o Mestre aconselhou-o a que se «deixasse guiar». Assim fez durante muito tempo até que em 1921 encontrou em Béziers esse homem extraordinário que foi Jean Meyer, industrial de grande reputação e dotado de fino espírito científico, a quem se deve a criação do *Instituto Metapsíquico Internacional*, em que sábios sinceros se têm debruçado sobre os fenómenos paranormais e mercê do qual o ocultismo pôde alcançar os laboratórios. A Jean Meyer se deve também a *União Espirita Francesa*, a *Revue Spirite* e a *Casa dos Espiritas* de Paris, que acaba de reabrir as suas portas.

«Ao lado de Meyer e como secretário particular, Forestier assistiu durante 10 anos a todas as investigações, a todas as investigações espiritas sérias feitas por homens como Léon Chevreuil, Léon Denis, Gabriel Delanne, sob a orientação de autênticos sábios, como Maxwell, Calmette, Osty e Geley, graças aos quais a filosofia espirita conseguiu apoiar-se em demonstrações científicas e o valor moral do Espiritismo foi reconhecido e confirmado pela observação rigorosa.

«Após a morte de Jean Meyer, em 1931, Hubert Forestier ficou a dirigir a *Casa dos Espiritas* e *La Revue Spirite;* foi também da *União Espirita Francesa* e vice-presidente da *Federação Espirita Internacional*. Se acrescentarmos que Forestier há 17 anos que é «maire» da uma localidade do Tarn, junto à Montanha Negra, ninguém ousará considerá-lo idealista excêntrico.

«Ao reabrir as portas da *Casa dos Espiritas*, pilhada durante a ocupação alemã, Hubert Forestier resolveu continuar a obra dos seus antecessores, no mesmo espírito de rigor científico e a mesma objectividade por eles observada. Nesta conformidade, inaugurará um ciclo

de conferências públicas seguidas de sessões em grupos e experiências de laboratório, devidamente controladas.

«Hubert Forestier deplora a desaparição dos bons médiuns, como Kluski, Rudi Schneider e Jean Guzik, com quem trabalhou outrora e que vinham frequentemente do outro lado da cortina de ferro. A raridade de elementos semelhantes justifica algumas tentativas charlatanescas da actualidade. Felizmente, a *Casa dos Espiritas* tem quatro excelentes médiuns: Mme. Angéline Hubert, Mlle. Jeanne Laplace, Mme. Lucie Vidi e Mme. Barthel.

«Com a colaboração deles e a de René Chimier, secretário geral, com o concurso de sábios autênticos, de homens de ciência desinteressados, Hubert Forestier espera fazer progredir o Espiritismo para novas conquistas. Agora e sempre, a missão moral da ciência espirita e a acção reconfortante que exerce em muitos indivíduos justifica plenamente a seus olhos a reabertura da *Casa dos Espiritas*. Não passa um dia sem que homens ou mulheres em desespero, alguns à beira do suicídio, encontrem na calma da rua Copernic justificada razão de viver. É sob o signo do ensino e da consolação que Hubert Forestier coloca o estudo da ciência espirita. Todos os investigadores de boa fé o aplaudirão».

Ao valente pioneiro Hubert Forestier, as nossas vivas felicitações. Proporcionando a *La Presse* uma «reportagem» sensacional, na qual o Espiritismo é encarado com verdadeiro espírito de justiça, prestou um grande, enorme serviço à Causa. Que ele tenha cada vez mais coragem para consolidar a obra a que meteu ombros e que novos colaboradores surjam para o ajudar na presente conjuntura!

INICIATIVA INTERESSANTE

O grupo de estudos «Progreso Espirita» e as edições «Fiat Lux», de Buenos Aires, a que pertence o nosso colaborador Natálio Ceccarini, filho, resolveu abrir um concurso literário de contos infantis espiritas, em que participarão escritores argentinos e das três Américas, com o fim de proporcionar ao movimento espirita do Novo Continente uma série de contos de moral e fundo espirita, onde se vinque a realidade da alma, a sua imortalidade, a reencarnação, a lei de causa e efeito, o que é o bem e o mal, de forma simples, ao alcance da mentalidade infantil.

Eis as bases do concurso, que temos o maior prazer em divulgar:

A intervenção no certame será gratuita para todos os escritores espiritas.

Os trabalhos deverão ser inéditos, redigidos em castelhano e remetidos em três cópias dactilografadas, se possível, e firmadas com pseudónimo, podendo-se juntar ao mesmo um lema ou frase breve, para evitar coincidências.

Os contos não poderão exceder 2.000 palavras.

Cada autor poderá enviar o número de trabalhos que deseje, mas separadamente, utilizando em cada caso um pseudónimo diferente.

Os contos serão livres, quanto ao tema, e inspirados nos nossos postulados, deixando, como moral, um ensinamento espirita, à escolha do autor.

Os três melhores contos serão os vencedores do torneio. Os autores serão recompensados com dois livros espiritas e com a edição dos seus trabalhos.

O júri é composto por Maria de Incerti, Natálio Ceccarini, filho, Humberto Mariotti, Mânio Rinaldini e Valentin Cerutti, em representação do Grupo de Estudos «Progreso Espirita», Edições «Fiat Lux», Ateneu Espirita de Artes e Letras, Instituto de Ensino Espiria da Confederação Espirita Argentina e revista *La Idea*.

O concurso principiará no dia 9 de Outubro, data do Auto de Fé de Barcelona, em que se queimaram as obras de Allan Kardec, e terminará no dia 31 de Março, aniversário da desencarnação do codoficador do Espiritismo.

Empresas deste género são dignas de louvor, pois alvejam os homens de amanhã que terão de enfrentar mais graves problemas do que nós temos enfrentado.

É preciso que a infância seja iniciada na doutrina espirita, dando-lhe a conhecer verdades eternas que poderão modificar o mundo, se a humanidade estiver disposta a observá-las. Por isso aplaudimos a iniciativa dos confrades argentinos. Que ela se estenda a outras sociedades e os concorrentes estejam à altura de tão nobre missão.

MANIFESTAÇÃO ESPIRITA

Em *Survie*, de Novembro-Dezembro de 1952, o sr. Ch. Moronvalle escreve um artigo sob o título desta nota acerca de manifestação convincente operada numa reunião particular a que assistiu. Uma senhora deplorava a ateísmo do marido e a crítica acerba que ele fazia ao Espiritismo e aos espiritas e pediu que se desse um fenómeno que convencesse o seu companheiro da realidade da nossa ciência.

«Nesse mesmo instante — diz o articulista — um vidro com a fotografia do sogro daquela senhora caiu da mesa-de-pé-de-galo onde se encontrava, sem que ninguém lhe tocasse, visto que todos se encontravam afastados do móvel em questão.

«O vidro espalhou-se em numerosas partículas e a nossa surpresa foi grande ao ver que formavam uma estrela de cinco pontas perfeitamente constituída. Entre cada uma havia uma conchinha e no centro uma pequena caixa de fósforos.

«Após a surpresa do primeiro instante, procurei explicar a coincidência do fenómeno com a prece da senhora. Julguei encontrar a sua explicação, interpretando a estrela como protecção celeste e a presença de conchas como símbolo do ouvido, isto é, que a prece feita tinha sido recebida. Quanto à caixa de fósforos, deve significar luz, para iluminar o entendimento do nosso céptico inveterado.

«Devo confessar que, apesar das provas dadas pelo espírito de seu pai e da nossa fiscalização, que afastava inteiramente a ideia de subterfúgio, essa pessoa ainda duvidou da manifestação que satisfez a todos, o que nos leva a pensar que o pior surdo é o que não quer ouvir e o pior cego, o que não quer ver.

«A nossa convicção é absoluta, pois tivemos nesse dia um fenómeno espirita com diversos «apports» em forma de conchas e uma caixa de fósforos.

«Esta manifestação é a nítida resultante da prece feita em voz alta e da presença de diversos médiuns na assistência, o que permitiu a vinda da entidade evocada para suscitar a compreensão de seu filho e dar-lhe o ensinamento desejado».

A explicação de Ch. Moronvalle é judiciosa e dispensa novos esclarecimentos. Para compreender e interpretar os fenómenos subjectivos deve pôr-se em acção o raciocínio e concluir por dedução. O que se passou não pode ser explicado de outra forma. É que as entidades espirituais costumam dar belas lições aos «cépticos inveterados», como o presente caturra, fechando as portas conducentes a hipóteses que se afastem da realidade.

BOLA DE CRISTAL

Chegou nova remessa que vendemos ao preço de 50$00

Notas & Comentários

VERDADEIRA CRUELDADE

France-Soir *publicou e* Survie *transcreveu a seguinte local que reflecte bem a desumanidade com que certos indivíduos tratam os pobres animais indefesos:*

«O escândalo dos matadouros de Vaugirard, agitado há pouco por um jornalista inglês do Manchester Guardian *acerca do tratamento dos cavalos, está simplesmente apaziguado em virtude da Sociedade Protectora dos Animais se encontrar presa a outro «negócio». Desta vez é no cais de desembarque de La Chapelle.*

«Há dias chegou a Paris um contingente de cavalos provenientes da Dinamarca, os quais, pressentindo a morte próxima, se recusaram a sair dos vagões, apesar das chicotadas com que os flagelavam. Furiosos contra semelhante resistência, os empregados que vinham tomar conta dos animais muniram-se de barras de ferro e cegaram-nos.

«Horrorizados por este inqualificável espectáculo, um chefe de escritório da Companhia dos Caminhos de Ferro e numerosas testemunhas avisaram a Sociedade Protectora dos Animais. O sr. Gustave Dumaine comunicou o caso ao comandante da Polícia, que lhe pediu mais amplos pormenores, a fim de ordenar um inquérito».

Isto dispensa comentários, tão expressivo se mostra para a qualificação de um acto de barbarismo que coloca certos humanos abaixo das próprias feras. Sim, os cavalos pressentiam a morte e defendiam-se, reagindo contra ela, mas os serventuários do matadouro entenderam que a melhor maneira de sair do apuro era vazar os olhos às vítimas. Protestamos indignadamente contra tamanha crueldade, pois não há direito de se usarem meios tão selváticos para conduzir um animal ao sacrifício.

DOIS MÉDICOS CONDENADOS

O Diário de Notícias *de 24 de Dezembro último publica um telegrama de Metz, informando haver terminado o julgamento dos médicos alemães Haagen e Bichenbach, acusados de fazerem experiências criminosas com prisioneiros do campo de concentração de Struthof. Foram condenados a trabalhos forçados por toda a vida. Os outros réus, Hirth e Ruht, que responderam à revelia, foram condenados à morte.*

Um dos médicos citados apresentou-se no tribunal com grande desfaçatez, como quem se convenceu de haver prestado grande serviço à humanidade. Faziam experiências de esterilização em seres humanos e quando as cobaias não podiam resistir ao malefício metiam-nas em câmaras de gás, em holocausto à purificação da raça...

NOTÁVEL PRECOCIDADE

Do Reformador, *do Rio de Janeiro, transcrevemos:*

«Em O Jornal, *de 21 de Outubro p. p., e em quase todos os grandes jornais é apresentado um caso notável de precocidade, dizem eles, de prova de reencarnação, dizemos nós. Trata-se de um menino de sete anos, nascido em 4 de Setembro de 1945, no interior do Estado do Ceará, filho de uma viúva paupérrima, Maria Aparecida Arrais. Com seus três irmãos, foi encontrado em extrema miséria, com o ventre cheio de vermes. O médico da zona ficou deslumbrado com a memória do garoto, que foi levado para a capital do Ceará e agora se encontra no Rio de Janeiro.*

«Dizem os jornais que o pequeno Francisco Darismar Arrais é um assombro, que responde a perguntas acerca de geografia, história, biologia, etc. Eis o que o Dr. Mozart Monteiro, médico do Colégio Pedro II, disse, depois de interpelar o miúdo: «Em mais de 30 anos de magistério, nunca vi coisa tão prodigiosa. Ele não tem só memória, tem ideia do que diz».

Estamos num século estranho, o século dos prodígios, que têm causado a admiração e o espanto das multidões, sobretudo em música e arte de calcular. Os exemplos surgem de todos os lados em progressão frequente e nenhuma lei humana explicou ainda a causa de semelhantes manifestações espirituais. A reencarnação apresenta-se sob várias facetas aos olhos dos incrédulos, pois só essa divina lei pode iluminar o sulco evolucionista do homem na sua marcha para o alto, através de sucessivas quedas...

CAIU DO ANDOR

Os jornais brasileiros de Novembro publicaram o seguinte telegrama de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, em serviço de A Noite:

«Partiu por via aérea para Portugal a imagem de N. S. de Fátima, que teve interrompida nesta capital sua viagem pelo norte do Brasil, em virtude de um acidente ocorrido durante monumental procissão aqui realizada. Em meio a grande multidão, a imagem caiu do andor, machucando a coroa, com pequena arranhadura no manto. Vai agora a imagem a Portugal, para reparação pelo artista que a confeccionou. Espera-se que dentro de vinte dias esteja de volta a imagem, a fim de prosseguir na peregrinação conforme programa organizado pelo Arcebispado». Esta notícia extraímo-la de A Flama, *de Uberaba, Minas Gerais.*

A HISTÓRIA DE UM PINTOR

Em Setembro de 1951, José Lins do Rêgo, publicou uma crónica no Diário de S. Paulo *alusiva ao mecânico Emídio de Barros, que, depois de estar 22 anos num manicómio, se curou de repente e «começou a pintar com tal força, que dá a impressão de um grande em qualquer parte do mundo».*

Lins do Rego apreciou os quadros e teve medo. Então um homem que na infância aprendera a fazer letreiros, surgia agora a pintar com o mais perfeito equilíbrio, vibrante de imaginação e de cor, a ponto de se assemelhar a um Matisse?...

Por isso o escritor brasileiro teve medo, um medo maior do que se caísse o Pão de Açúcar. Ah! Se se pudesse explicar a coisa... talvez compreendêssemos certos mistérios que escapam à filosofia vã dos homens...

Caro sr.: há outros Emídios semelhantes ao de Barros que trocou o hospício pelo pincel e se chamam Lesage, Simon, Guzik e Albardeiro. Suas telas fá-lo-iam tremer como varas verdes; e a filosofia humana, incipiente e precária, não encontraria meio de explicar o fenómeno. Estes têm histórias tão simples, como a do pintor da sua crónica...

Noticiário

31.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se o 31.º sorteio de livros espiritas, que deu o seguinte resultado:

1.º prémio — «Dois Mundos» — Rui de Jesus, de Luanda.

2.º prémio — «Somos Todos Irmãos» — D. Marcolina Alves, do Rio de Janeiro.

3.º prémio — «O Consolador» — João Guilherme de Carvalho Duarte, de Lisboa.

4.º prémio — «Cientismo e Espiritismo» — Jaime da Silva Sabino, de Aveiro.

5.º prémio — «A Existência de Deus e a Imortalidade da Alma» — Manuel José Rodrigues, das Caldas da Rainha.

Mais cinco valiosos prémios coroaram o gesto altruísta dos subscritores desta modalidade beneficente. Venham novos adeptos, venham novos donativos de carácter permanente! Todos os meses há belos prémios e alguns dos quais excedem o valor da contribuição!

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos.

Mês de Dezembro de 1952 — *Centro Espiritualista Luz e Amor, 353$50.* Mês de Janeiro — *Belarmino de Melo, de Lisboa, 20$00; D. Maria Madalena de Jesus Macedo, de Oliveira, 80$00; João de Oliveira Pinto Muge, da Cidade da Beira, Moçambique, 400$00; S. A. S., de Lisboa, 10$00; D. Fortunata da Conceição Bravo, do Cartaxo, 5$00 B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. Maria G. Machado, da Cova da Piedade, 5$00; Dr. Júlio Magalhães, de Sintra, 10$00; Subscrição de 31.º sorteio de livros espiritas, 150$00. Total — 730$00.*

Desde o começo deste empreendimento, em Março de 1950, até Dezembro de 1952, receberam-se e distribuiram-se as seguintes importâncias:

De donativos	6.720$90
De sorteios de livros	4.249$50
Total	10.970$40

Estas quantias têm vindo descriminadas mensalmente na última página de Estudos Psíquicos, *como é do conhecimento dos leitores.*

Grupo de Protecção às Crianças

Saldo existente em Dezembro de 1951 ...	939$80
Produto de uma festa beneficente	940$00
Donativos diversos	6.045$00
Donativo de F. M. G., do Rio de Janeiro	1.000$00
Total	8.924$80

Em Dezembro de 1952 foi entregue ao Grupo a importância de 601$00.

Durante o ano de 1952 foram distribuidos 22 enxovais de 18 peças cada um para recém-nascidos, assim como diversas peças de roupa a crianças dos 3 aos 12 anos.

Pelo Natal vestiram-se 28 meninas e cada vestuário se compunha de 8 peças. Além disso, a cada criança foi distribuida uma boneca de cartão e um pacote de broas. Todas as roupas, no valor aproximado de 12.000$00, foram feitas pelas senhoras do Grupo.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, realizaram conferências na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor o nosso redactor Ramos Pereira e o confrade José Gonçalves Losa, da *Sociedade Esotérica Iniciática.* O primeiro desenvolveu brilhantemente um tema que no momento lhe foi dado pelo Presidente da Direcção e o segundo resumiu a vida de S. Francisco Xavier, dela extraindo grande soma de ensinamentos.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE FEVEREIRO DE 1953

Sessões doutrinárias

Domingos, às 16 horas.

Dia 1, com a médium D. Maria Fernanda Moreira; dia 15, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Grupo «Irmão Ramuth»

2.as feiras, às 21,30, com a médium D. Maria da Glória. Dia 2, 9, 16 e 23.

Grupo de Estudos «Gabriel Delanne»

4.as feiras, às 21,30, dirigido por Ramos Pereira. Dia 4 e 18.

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

5.as feiras, às 21,30, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos. Dia 5, 12, 19 e 26.

Grupo de Caridade «Lia»

6.as feiras, às 21,30, dirigido por António Pereira da Silva. Dia 6, 13, 20 e 27.

Grupo de Estudos «Allan Kardec»

Sabados, às 21,30, dirigido por Carlos Pereira. Dia 14 e 28.

Conferências

Dia 8, às 16 horas, conferência de António Cardoso, intitulada «Natureza e Estrutura do Perispirito».

Dia 22, conferência de Ramos Pereira, intitulada «Devem cremar-se os cadáveres»?

NOTA — As sessões doutrinárias, experimentais ou de irradiação mental, são privativas dos sócios com as quotizações em dia, mas devem fazer-se acompanhar da última quota paga. As conferências são públicas.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INACIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato cada um		60$00
I'êm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	53$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romanc mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritsmo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Erros Doutrinários, por *Júlio Abreu Filho*	18$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos Espíritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento, pelo *Dr. O. Emboaba*	15$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		150$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magnetismo Curativo, por *A. Bué* ...	38$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle*, A conversão espírita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espíritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Poeira da Estrada, por *Júlio Abreu Filho*	12$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Síntese do Novo Testamento, destinada aos estudiosos, por *Minimus*	25$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espírita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

JOSEFINA A. DE RINALDINI

(Ver página 49)

CONTÉM: Os Guias, da **Redacção**; Três Leis Espiritualistas, por **Ângelo da Costa Cabral**; Estante Espiritualista, pelo **Dr. Agnelo Morato**; Considerações Sobre o Homem, por **Ramos Pereira**; Deficiências (Do Livro «Novos Caminhos» ditado pelo Espirito de **Lia**) Qual Nasceu Primeiro, a Galinha ou o Ovo?, por **Cyrillo Aleixo**; A Federação Espirita do Paraná, por **Henrique de Magalhães**; Como Conheci Ernesto Oaten, por **Fernando Duarte**; O Espiritismo e a Imprensa, por Monsenhor **Ascânio Brandão**; Ida Lupino; Aforismos (Recebidos por **Josefina A. Rinaldini**); D'Aquém e D'Além; Estudar para Saber, por **F. Noronha**; Livros de Todo o Mundo, Anotados por **Ramos Pereira**; Madame Boulet, de Auchel, Grande Médium de Efeitos Físicos, por **G. Belami**; Demonstração das Forças Superiores, por **L. B. Castro**; Cultura Médica, por **I. D. S.**; Problemas da Imortalidade, por **Alfredo Miguel**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

14.º ANO FEVEREIRO DE 1953 N.º 2

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fnndadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	Franca	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	Bajé	*José Ferreira da Motal*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicado

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espiritos	30$00	42$00
O livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo		42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
Sintese do Livro dos Espiritos	12$00	
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	15$00	
Depois da Morte, nova edição	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisivel (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psiquicos no momento da Morte	35$00	

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO | LISBOA, FEVEREIRO 1953 | N.º 2

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRAFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

OS GUIAS

Em quase todos os sectores espiritas há tendência contagiosa para venerar os Guias, que serão espíritos prepostos à realização de qualquer empresa. Muitos indivíduos, antes de ingressar na colectividade, fazem questão de saber quem é o director espiritual e não compreendem que se possa trabalhar sem esse elemento imprescindível. Eis um problema de suma importância que merece algumas linhas de análise. Haverá necessidade de guias espirituais para erguer uma obra? Desempenharão eles, de facto, papel essencial no progresso das agremiações espiritas? E qual a sua função como orientadores e zeladores?

Se a escolha dos dirigentes recai nos mais aptos; se cada qual é responsável pelas suas acções; se o mérito ou o demérito não podem alienar-se da origem própria; se os programas são delineados tendo em vista as nossas leis; e se os Espíritos, pela sua condição, estão mais ou menos fora da matéria e alheios às suas imposições e restrições, é lícito perguntar se não poderemos e deveremos limitar a sua intromissão ao campo espiritual, em vez de os solicitar na resolução de questões que nos são adstritas e pelas quais responderemos, segundo os códigos terrenos.

A lei de atracção e repulsão comanda muitos aspectos da nossa vida. Qualquer pensamento repercute em forma de vibrações que serão absorvidas ou reflectidas no mundo etérico. Portanto, se três pessoas se reunirem com ideias elevadas, atrairão seres do mesmo nível moral; ou de origem diferente, se se reunirem com intuitos maléficos. Nesta conformidade, um centro atrai entidades que lhe são afins, as quais se afastarão, quando os pensamentos emitidos se alterarem. Dizer que um alto espírito assiste a uma obra má é aceitar o absurdo como verdade intangível.

Há 35 anos que mourejamos no Espiritismo e ainda não sabemos quem são os nossos Guias. Reper-Siam assistiu-nos durante mais de 20 e ao perguntar-lhe uma vez se seria nosso guia espiritual, respondeu que lhe faltava competência para isso e que era apenas um amigo mais velho e experiente a trabalhar connosco na seara do Mestre.

Devemos habituar-nos a trabalhar livremente, procurando resolver os nossos problemas sem auxílio alheio. Os espíritos superiores aproximar-se-ão de nós, intuir-nos-ão pensamentos salutares, mas nunca se imporão, violentando o livre-arbítrio de quem quer que seja. Infelizmente, certos dirigentes chegam ao ponto de abdicar de suas ideias, esperando que os guias ou pseudo-guias lhes abram caminho na floresta dos interesses pessoais. O nosso verdadeiro guia é a consciência. Temos que aplicá-la em todas as circunstâncias e para que as nossas resoluções sejam justas é preciso estudar os assuntos com critério.

Os espíritos elevados nada sugerem em contrário à moral. O mesmo não sucede com outros que se intitulam de santos, enquanto lhes não despem o manto espúrio. Os primeiros respeitam a nossa vontade, limitando-se a aconselhar, se lhes pedem auxílio. Por isso é falta de senso recorrer aos guias à menor contrariedade. Aqueles que assim procedem vêem-se às vezes em situações embaraçosas e só tarde reconhecem o logro em que cairam. Que faria qualquer humano, se o solicitassem para mentor de uma colectividade e às duas por três a dissídia começasse a minar o conjunto? Voltaria costas à tarefa, procurando ambiente favorito.

Façam boa obra, estudem a doutrina e preocupem-se menos com os guias, que têm outras missões a cumprir.

ANGELO DA COSTA CABRAL É O AUTOR DESTE ARTIGO

II

Quando Buda ensinava a compaixão, ela era não só baseada no simples sentimento mas também num conhecimento profundo. O homem que abandonou uma mulher adorada e um palácio de mármore para procurar coisas tão intangíveis como a paz e a verdade não era um sentimental.

Buda ensinou a renunciar completamente ao EU, mas não a ceder o quer que seja às potências do mal.

Aquele que não quere pensar deve sofrer. Aquele que não puder perceber em alguns minutos pela reflexão, ser-lhe-á inculcado por anos de dor.

É-lhe necessário aprender pela angústia pessoal o que recusa aprender pela razão. A dor lhe ensinará o que não quere aceitar da filosofia pela persuasão.

O místico deseja não ser perturbado e não perturbar ninguém, ao passo que o esoterista deseja servir o bem de todos.

Contudo o esoterista serve a humanidade à sua maneira e não à maneira desta. Ela sabe sòmente o que deseja, ele sabe o que ela necessita. Ele a ajuda sàbiamente, isto é, que não se conduz sentimentalmente, o coração e a cabeça devem justificar-se mùtuamente. Ele prefere elevar-se tranquilamente à fonte, e vir em auxílio a alguns pelos quais ele poderá vir em auxílio da massa.

No momento em que sejam francos para com eles próprios os profanos reconhecem que não foram nunca realmente altruistas, mas que procuraram apenas uma satisfação pessoal mais ou menos subtil em todos os seus actos. O desinteresse total não é vulgar. Eles consideram toda a sua vida através do seu eu. Porque farei eu bem aos outros? podem perguntar. O espiritualismo, responde: Porque a humanidade constitui, no fim de contas, apenas uma única família. A plena consciência deste facto é o fim supremo de toda a evolução humana. A vida é muito mais santa, do que o imaginam as pessoas piedosas. Porque o EU superior é ao mesmo tempo o nosso Eu secreto, o nosso Deus Interno, e o Eu secreto do mundo. Compreendendo esta unidade de consciência, compreende-se simultâneamente que o dever do forte é ajudar o fraco, do adiantado assitir ao atrasado, do santo guiar o pecador, do rico ajudar o fardo do deserdado, do sábio esclarecer o ignorante. E pelo facto da ignorância ser a base de todo o mal, Buda ensinou «que explicar e espalhar a Verdade constitui a caridade suprema».

O profano diz «a caridade bem ordenada por nós mesmo é começada», e o espiritualista diz: «a caridade bem ordenada pelos outros é começada».

São as maneiras erradas de pensar que perdem e arruinam o mundo. É a justa maneira de pensar que o salvará.

A Filosofia Oculta, pode ensinar o bom caminho aos outros, embora eles estejam todos desarmonizados. Há sempre uma via libertadora: É a do arrependimento e da volta.

Nada parece mais simples e contudo nada é tão difícil. Não há outro caminho. O do sofrimento não moderado é ainda mais penoso de percorrer.

Os homens podem perfeitamente, em todos os lugares, chegar a uma existência mais bela. Basta, para isso, tomar uma atitude construtiva de colaboração altruista.

É preferível aprender a verdade pela paz que dá a Filosofia Oculta do que pelos sofrimentos que engendram a loucura.

É por isto que, de harmonia com os elevados ideais que pregamos, devemos modificar a conduta, exemplificando as nossas sublimes doutrinas, pois só assim evitaremos longos e penosos sofrimentos.

Se não quisermos atender à palavra, à razão, teremos de aprender à custa da dor e do sofrimento.

A vida humana repousa sobre o tripé do pensamento, do sentimento e da acção, portanto o verdadeiro desenvolvimento não pode fazer-se parcialmente, deve ser equilibrado e integralmente realizado.

O Deus que encontramos no nosso coração pela meditação é o primeiro passo para o Deus que encontramos no Universo inteiro. Portanto podemos citar as palavras escritas há 50 anos pelo ilustre François Louis Cluade de St. Martin: «A única iniciação que prego e procuro com todo o ardor da minha alma, é a que me faz penetrar no coração de Deus e faz penetrar o coração de Deus em nós».

Estas 3 leis: da Reencarnação, do Karma e da Unidade, são as três leis espiritualistas que mais podem contribuir para o aperfeiçoamento espiritual da humanidade, se quisermos considerar esse aperfeiçoamento como a sua espiritualidade, e se a quisermos defi-

nir como um grande filósofo contemporâneo pela conscienciada Unidade, vimos também que pelo ensinamento e difusão da lei da Unidade se consegue esse objectivo, que está consequentemente ligado ao outro.

Estas três leis são, pois, a Trindade Espiritualista Bendita que regenerará o Eu humano, formando a Raça Espiritual do Aquário, cuja aurora está próxima.

Estes três pontos básicos das doutrinas esotéricas, que como vimos constituem uma moral racional com o cunho científico que a época moderna exige, fazem hoje parte de todas as outras Escolas Espiritualistas, mas além deles temos uma coisa que as outras Escolas Espiritualistas não assimilaram ainda e que é característica da Escola Esotérica, que é a auto disciplina que é apanágio dos seus adeptos.

O grande psicólogo moderno James Allen, falando sobre o domínio próprio dá-nos uma ideia desse auto-domínio que é característico dos adeptos do Ocultismo.

«O domínio próprio é uma transmutação superior e divina que converte o fraco em forte, o grosseiro em delicado e o vil em nobre, em que a virtude toma o lugar do vício e a paição negra se perde no brilho da intelectualidade».

É a transmutação do chumbo dos nossos vícios no ouro fino do Apocalipse, das nossas mais altas virtudes.

«O domínio próprio transmuta as inclinações inferiores nas mais finas qualidades de inteligência e moralidade para aumento da felicidade própria e da do mundo».

«Só o domínio próprio pode dar a felicidade. Um homem é feliz, sábio e grande na proporção em que se domina a si mesmo, e é triste, louco e vil na proporção em que deixa a sua natureza animal dominar os seus pensamentos e acções».

«Aquele que se domina a si mesmo, domina a sua vida, e onde quer que vá, leva a sua felicidade consigo como uma posse inalienável».

«Aquele que não se domina é dominado pelas suas paixões, pelas circunstâncias e pelo destino, e se não pode satisfazer o seu desejo, desanima e fica triste. A sua felicidade depende das coisas externas».

Só é livre o homem que se liberta do erro e das suas paixões, todos os outros são escravos das paixões.

Não existe força no universo que possa ser aniquilada ou perdida. A energia transforma-se, mas não se destroi. Cerrai a porta aos maus hábitos e abria-a de novo a melhores. Todo o abuso, todo o prazer proibido, todo o pensamento de ódio a que se renuncia transforma-se nalguma coisa mais pura e permanentemente bela. Quando se suprimem as excitações debilitantes, brotam as alegrias revigoradoras. A semente morre para que a flor apareça; a crisálida morre, mas a borboleta aparece. Mas a transformação não é instantânea, nem a transição um processo agradável e sem sofrimento. A natureza exige esforço e paciência, como preço do desenvolvimento. Por isso este Caminho do aperfeiçoamento directo só é seguido pelos estudantes do Esoterismo. Na marcha do progresso, toda a vitória se alcança com luta e sofrimento, porém a vitória obtida permanece, e a luta e o sofrimento passam. Destruir um hábito firmemente enraizado, quebrar uma tendência mental que se tornou automática com um longo uso, forçar a nascer e desenvolver-se um carácter fino e uma alta virtude, é coisa que para ser realizada necessita uma penosa metamorfose, um período transitório de obscuridade, em cuja passagem se adquire paciência e resistência; e é nisto que os seres humanos desfalecem, caíndo nos seus gozos velhos, cómodos e animais, abandonando o domínio próprio como muito custoso e difícil. Abandonam a felicidade permanente e a vida do triunfo sobre o mal se esconde da sua vista».

Mas o nosso objectivo é a Perfeição. Todas as Escolas Espiritualistas, como as Religiões dizem que não se deve praticar o mal e se deve fazer o Bem. Mas só o Esoterismo, por meio de certas práticas, das quais faz parte a aquisição do auto-domínio, nos dá a força para resistir às tentações, perseverar no Bem, evitar o que é contrário ao Bem. A verdadeira Felicidade só se encontra na Perfeição, por isso é tão rara.

A felicidade permanente que os profanos procuram na dissipação, excitação e abandono de si mesmos aos prazeres indignos só

TRÊS LEIS ESPIRITUALISTAS

se encontra no auto-domínio próprio que inverte tudo isso. À medida que o ser humano se desvia do perfeito domínio próprio, mais se afasta da espiritualidade e da verdadeira felicidade, e se afunda na miséria e fraqueza, cujo limite inferior é a loucura, completa falta de governo mental e o estado de irresponsabilidade. À medida que uma pessoa se aproxima do perfeito domínio próprio, também se aproxima da felicidade permanente.

Se desejais compreender quão intimamente ligados estão o domínio próprio e a felicidade lançai um olhar sobre o vosso coração e sobre o mundo. Vereis na vida dos seres humanos quanto a palavra precipitada, a resposta azeda, a acção enganosa, o preconceito cego e o tolo ressentimento trazem como consequência a tristeza e até a ruína. Examinando a sua própria vida, quantos dias de remorso consumidor, de tristeza cruciante, se apresentam em sua mente; períodos de sofrimento intenso pelo qual passou por falta de domínio próprio.

Porém a vida recta, bem governada, vitoriosa, tudo isso evita.

A falta de domínio é loucura e a loucura tem de ocupar lugar inferior ao saber.

O domínio próprio não requere privações estéreis. Nele renuncia-se apenas ao transitório e falso a fim de obter o permanente e verdadeiro.

Assim como aquele que governa os seus sentidos tem mais vida física, alegria e força, do mesmo modo aqueles que dominam os seus pensamentos têm mais vida, alegria e poder espiritual, pois não só a felicidade mas também o conhecimento e o saber são revelados pelo domínio próprio. Por isso ele faz parte da auto-disciplina esotérica. Quando se fecham os caminhos da ignorância e do egoísmo aparece a vasta estrada do conhecimento e da iluminação. A virtude alcançada é um conhecimento adquirido. A mente pura é iluminada. Aquele que se domina goza de bem estar. Pelo caminho do auto-domínio chega-se à alegria da vitória; a consciência do poder expansivo e progressista; a aquisição da riqueza imperecível do conhecimento divino; e a bênção permanente do serviço da humanidade. Mesmo aquele que adquire só um pouco de domínio próprio desenvolverá a sua força, conseguirá êxito e experimentará uma alegria que o preguiçoso e o irreflectido não podem conhecer; e aquele que segue este caminho tornar-se-á um conquistador espiritual, triunfará de todo o mal e o apagará, fixará o olhar arrebatado na majestade da ordem cósmica e gozará a imortalidade da verdade.

O Esoterismo preconiza uma cultura integral do ser e pode dividir-se em três graus sucessivos pelos quais se eleva a uma consciência mais vasta e esclarecida. Tornado pela prática dos dois primeiros graus perito em auto-disciplina o estudante de Esoterismo eleva-se ao 3.º grau, o do ultra-misticismo ou desenvolvimento esotérico. Só quando se adquire a paz do espírito e a concentração do pensamento se está à altura de se dedicar à pesquisa da Verdade.

A disciplina da quietude mental descoberta há milénios ainda hoje é valiosa no nosso mundo de maravilhas mecânicas, de ruas tumultuosas e de velocidades vertiginosas.

A meditação nada tem que ver com os sentimentos religiosos e pode ser praticada por todos com os mesmos proveitos.

Indubitàvelmente, como complemento dum modo de vida irrepreensível, o ensino duma técnica de meditação cuidadosamente estudada, simplificada, não religiosa e impecável, revelar-se-ia extremamente vantajosa para o mundo moderno, em particular para o mundo ocidental. Um tal sistema deveria ser puramente racional e expurgado de todas as superstições. A necessidade profunda disso torna-se cada vez mais urgente de ano para ano. Na tensão febril e áspera da luta da vida europeia e americana, a meditação, como método para desenvolver a aptidão e repelir os pensamentos perturbadores, adquirir um melhor equilíbrio emocional, aclamar as inquietações corrosivas e atingir uma paz interna deliciosa, pareceria ser uma necessidade de primeira ordem. A sua introdução como parte integrante da vida quotidiana merece ser ardentemente pleiteada. Os seus exercícios poderiam e deveriam ser introduzidos numa idade conveniente nos programas de ensino secundário e superior para disciplinar os espíritos e concentrar os pensamentos da juventude estudiosa. Mas os preconceitos da ignorância dos pais e a inexperiência total dos interessados erguem barreiras quase infranqueáveis à realização dum tão importante projecto.

Vêem a importância que haveria na realização deste projecto que permitiria a todos a prática de parte deste treino místico, e o que isso poderia contribuir para a espiritualização da humanidade e para o aumento da sua eficiência em todos os campos.

(Continua)

ESTANTE ESPIRITA

«Almas Errantes», de Isidoro Duarte Santos

Pelo DR. AGNELO MORATO

É stupenda novela. Trabalho literário de fôlego. Assunto sem rasuras, forte, real, sem artifício. Trama de vidas. Enredo sincero que faz a gente pensar. Eis a obra de Maria Gonçalves Duarte Santos em mais um inestimável esforço de contribuição ao esclarecimento humano.

Isidoro Duarte Santos — por feliz iniciativa, lega-nos mais esse património como florão da literatura espiritualista.

A personalidade culta do Director da notável revista portuguesa «ESTUDOS PSÍQUICOS» de há muito preparou ambiente para mais essa obra.

Afinado com as ideias e pensamentos de sua companheira, foi intérprete dessa entidade esclarecida.

O estilo impressionista mostra-nos Maria Gonçalves. O feitio e gosto artísticos da obra mostram-nos o dinamismo do esposo, que ficou para divulgar suas ideias sublimizadas.

«DOIS MUNDOS» — primeiro trabalho psicografado por Isidoro — foi a preparação, a preliminar, o prefácio. «ALMAS ERRANTES» — em seguida — veio-nos para mostrar a acção constante dos desencarnados na vida física...

As duas obras se completam pela vontade de esclarecer. «O verdadeiro escritor deve ser real e honesto» — diz o editor desse livro.

«ALMAS ERRANTES» é trabalho precioso. Uma joia a enriquecer a nossa definida literatura espiritista.

Deu-se-lhe nome de romance neo-realista. Mas, sentindo o aspecto da obra, os pontos de incidência filosófica, sentindo-a, ainda, sob a filosofia simples e objectiva, que orienta, afinal podemos dizer: é peça que se ajusta bem para ser romance de uma nova escola.

Há tanto conflito dos elementos e personagens com espírito desencarnado, que as impressões tornam-se quase palpáveis. São criações da história em acontecimentos sucessivos.

Rumos diferentes. Vidas trágicas. Orgulho, anseios, paixões inconfessas, ficam dispersos pelos destinos das criaturas.

O desenrolar dessa novela clássica passa-se em ambiente austero de outras tempos. A velha Espanha oferece palco, onde saltimbancos sequestram crianças e tomam a seu encargo os abandonados pelas estradas... E, assim, vamos ter um relato psicológico e íntimo da vida nómada dos ciganos.

Singular o realismo brutal das coisas em aspectos profundos. A trajecto dessa empolgante descrição vai pelos acidentes da formação doentia falando-nos dos homens mal orientados. Falam, ainda, com rudeza, os sentidos em face da baixeza sexual...

A decadência do romance, entre nós, tem sido sensível. O Existencialismo de Sartre encontrou campo na tendência e na intemperança da sociedade...

A falta de talento não garantiu as escolas que surgiram. Os intelectuais degeneraram por explorar as misérias humanas. A aridez do pensamento frio só podia dar livros espúrios para aumentar a fieira dos doentes mentais.

Em «Almas Errantes», porém, surge nova escola do romance, sob orientações sábias.

Nem todos darão a devida atenção à obra em questão. Podem achá-la subjectiva, transcendente. Isso pouco influirá no ânimo dos que, como Isidoro Duarte Santos, procuram reabilitar parte do que ficou falido e triste.

E isso porque o festejado beletrista luso soube, de há muito, harmonizar seu acendrado amor ao próximo. E dá-lhe assim o pão sublime que vem do devotamento da autora do livro. Escrever deve ser preocupação exclusiva de educar, nunca mero passa-tempo de criaturas ociosas.

E em «ALMAS ERRANTES» de Maria Gonçalves Duarte Santos, percebemos, bem definida, a iniciativa de mostrar o ideal sublime dos que desejam apressar a evolução humana.

Os personagens de «ALMAS ERRANTES» são característicos, fundamentais.

Vamos viver, ali, com eles, os últimos lampejos de castas a promiscuir no vício. Os destinos de Amália, Leonor e Isac, ficam na dependência do espírito de Torrientes, o toureiro assassinado a mando de D. Pablo. Marcelo, Dolores e Mercedes, outros acidentais que só a actividade do desencarnado pode livrar das vigílias e sofrimentos.

Os médiuns oferecem elementos ao espírito que se comunica, esclarecendo tudo. E, assim, confunde o médico, sacode consciências e procura meios para que seus próprios assassinos confessem o delito.

Afinal, essa história merece ser conhecida. Leitura agradável, estilo ameno, transições subtilíssimas, fazem do livro paisagem real de vida e sonho.

«ALMAS ERRANTES», além dos méritos próprios, deve ser apreciada como literatura que marca época por ocupar-se das verdades eternas.

Maria Gonçalves Duarte, esclarecida ante as belezas que a maioria dos homens desconhece, sabe fazer sentir a posição do espírito nas diversas colónias espirituais. E, ainda, trabalha para mostrar-nos quanto de realidade há nos ensinos da Doutrina Consoladora.

E agora, através das páginas dessa novela que confunde mesmo a muitos críticos literários de nossos dias, vem-nos relatar coisas sadias sobre aquilo que nossos sentidos grosseiros não podem sentir...

Seu romance educa e esclarece. Agrada pelo lirismo canoro de suas descrições cândidas. Só um temperamento artístico que entrou na intimidade do belo nos pode legar, com fidelidade, subsídios desta natureza.

(De *A Nova Era*, de Franca, Estado de S. Paulo)

Considerações

A medida que o Tempo passa e se multiplicam as cicatrizes deixadas pelos golpes da Vida, enquanto os olhos da minha carne se vão derretendo em lágrimas e os olhos da minha alma adquirem novas capacidades de visão, vou pensando sobre a temática fundamental do Homem e ganhando uma certeza...

Sinto que há um erro na Marcha, um erro de partida. Há quantos séculos ela teve o seu início e ainda se não pôde dar-lhe a forma de uma recta indefinidamente ascendente — a Marcha continua como sempre, linha quebrada de picos altaneiros e baixas abissais que só na média nos dá o consolo de que as quedas não representam nada de definitivo.

Chega-se a pensar que a Marcha é assim por necessidade, que não pode deixar de ser assim... porque tudo na Vida tem o aspecto de linha quebrada, porque a própria vida tem um ponto de partida, uma ascese, um tempo de plenitude, uma queda e... um fim! Que seja assim no campo das coisas vivas, do que é perecível, é lógico e compreende-se que se não possa iludir a inflexibilidade de uma lei natural. Mas que o seja também no terreno das coisas criadas, das coisas que o Homem tirou de si, da sua substância imperecível, só se compreende se admitirmos uma adequação forçada (não natural) dessa substância ao transitório da vida — a alma de tal modo se impregnou das características da vida que já não sabe viver por si mesma, já transfere ao que destila, não a marca da sua real natureza, mas esse aspecto socalcado daquilo em que se fundiu.

As sociedades nascem, crescem em esforços desesperados, esgotam-se numa labareda e... desfazem-se como castelos de cartas, ao sopro de menino caprichoso. A História mostra-nos esse desfilar fantástico dos organismos sociais. Porquê assim? É consequente que a alma de um povo, à medida que toma consciência das suas potencialidades, se vá afirmando em sucessivas e cumulativas conquistas; mas porque há-de ser seu fim inexorável a queda e, depois, uma rotineira permanência nas baixas? É certo que nem tudo se perde, que o organismo social que surge aproveita os despojos do que morre, para os engrandecer e acrisolar. É certo — é Lei — porque o Homem não pode desvirtuar completamente as tendências do seu Espírito. Mas porque se há-de verificar sempre a correlação entre a ascensão de um e a descida imparável do outro? Que tal facto se mostre permanentemente no passado, é admissível, mas que, ainda hoje, nós tenhamos de presenciar a repetição do erro atinge as raias do absurdo. As instituições não caem como os instrumentos que se põem de lado por se terem deparado outros mais perfeitos — caem ao som dos canhões e dos gemidos dos que morrem desordenadamente.

Mas até numa sociedade que vive, se nos deparam os altos e baixos — as crises cíclicas são a confirmação flagrante e dolorosa da Lei. No progresso económico as estruturas trabalham a pleno rendimento; mas no ponto máximo rebenta a crise perante o pasmo de todos. Depois longas filas de desempregados se arras-

DEFICIÊNCIAS

.....

Na terra, assistia, como que adormecida, aos voos de uma águia que volejava sobranceira no meu mundo interior. Acompanhava-a submissa em vertigem causticante e volvia cansada da vida, que bem podia ser sonho ou alucinação. Circunscrita a um ponto geométrico, podia dar a volta ao mundo, ser pasto ilusões, esboçar grandes obras em poucos minutos, abarcar a maior extensão, como se o meu ser se desdobrasse. Mas depois o projecto contraía-se, a águia encolhia as asas, a claridade obscurecia-se e eu sentia ainda mais a diferença entre o ser e o não ser, entre o ponto e a dimensão. Já nesse tempo compreendia a dificuldade de atingir os alvos erguidos pela imaginação acalorada e me disporia ao impulso necessário, se um ponto de apoio me estimulasse. Entre o eu terreno e o eu espiritual havia campo delimitado onde cabia um vasto oceano. Era traço de ligação cheio de mistério que eu desejaria penetrar para unir os extremos, integrando-os na unidade que entrevia.

A deficiência acompanhava-me na caminhada para a frente e para o Alto. Ao mesmo tempo era presa de estranha força que revolucionava

Sobre o Homem

tam pela «via sacra» das dessorantes misérias, enormes riquezas que desaparecem na voragem. Às vezes a guerra é a forma cruenta de abortar a crise económica.

E nos sistemas políticos não se observa o mesmo fenómeno? Eles caem nas ruas empapadas de sangue, porque o Homem não sabe mudar sem ferir.

Quanto mais penso, mais viva é a minha convicção de que a causa está realmente nisso — na demasiada infusão das características da vida na alma do Homem. Está-se consentindo que o Espírito e as suas criações assumam também o aspecto das coisas transitórias!

É natural que haja um processo, longo e mais ou menos lento, mas não que esse processo implique fases de puro desgaste.

Como seria a Marcha se o Homem canalizasse todo o tempo, toda a inteligência, toda a vontade despendida nessas contradições para o terreno úbere das coerências entre meios e fins, objectivando a superação da própria Vida? Se todo o entusiasmo de que o Homem é capaz se orientasse para a compreensão de si mesmo, das suas finalidades últimas, do seu destino enquanto «coisa viva», quantos dos grandes problemas humanos se manteriam de pé? Malbaratar forças para negarmos as determinações fundamentais do nosso ser é pura insensatez. E não podemos invocar a atenuante cómoda da ignorância, porque todos sabemos o que nos espera dessa contumácia. Repetimos incansàvelmente, ponto por ponto, experiências condenadas a fracassar. Não será tempo de parar um pouco e meditar nestas tremendas contradições da Vida?

Afinal, que pedimos nós aos céus? Forças para continuarmos nesta Marcha de Loucos? Porque haverão eles de escutar-nos, se sabem — como nós também sabemos — que a maior parte nas novas forças será pròdigamente despendida em avolumar o caudal das contradições entre... ser e dever ser? Tenhamos, ao menos, a coragem de suportar as consequências dos erros, sem preces lamurientas de velhos inconscientes.

Não há maldições pesando sobre nós! Não estamos pagando os juros do erro originário do «pai Adão»! Não estamos sofrendo por há séculos se ter crucificado o Filho de Deus, nascido entre os homens!

Chumba-nos ao chão a maldição que moldámos nos nossos actos! Pagamos o capital e os juros de tanta contradição! Sofremos, porque ainda não chegámos à compreensão de que não basta gritar o nome do Cristo, de que é forçoso sentí-lO e realizá-lO, sentir a Cristo em nós e realizar, a cada passo, o exemplo crístico.

As determinações da nossa Marcha incoerente estão no nosso Espírito. Temos na medida exacta do que criamos.

Estou repetindo apenas o que todos sabem? Se assim é — e prouvera ao homem que o não fosse — porque não se endireitam os caminhos? Só haverá então uma explicação — o Homem é um cobarde que, sabendo-se vítima de si mesmo, prefere, todavia, o sofrimento, só para não travar a luta da espiritualização!

RAMOS PEREIRA

o meu agregado celular. A combustão orgânica era semelhante à combustão mental. Em cada departamento se operavam curiosas transformações, se substituíam átomos de ascendência energética. Era a cavalgada do ritmo, ansia de avançar para novos pontos, como se alguma coisa me atraísse.

O que não pude realizar aí, em relação a este problema, também não realizei aqui. Há perguntas a que só Deus responde. Formulamo-las numa espécie de sonho dúbio, pairam no oceano como interrogações vagas que aparecem e desaparecem. Num instante acercamo-nos ou parece que nos acercamos da incógnita e enchemo-nos de alegria de alma. Mas a desilusão culmina o sonho e voltamos ao anseio antigo. Sempre a deficiência a frisar a nossa pequenez, a nossa dependência de poderes mais altos!

Eu sou uma vibração, ao mesmo tempo voluntariosa e dirigida. Quem me impeliu, não sei. Quem me animou, não sei. Estou presa ao passado e tenho sede de futuro. Por isso não estratifico. Sigo uma linha recta que parece sinuosa, ora nevoenta, ora batida pelo sol. Debato-me em apelo integral e mesmo quieta sou movimento e cor que se afasta dos séculos e se aproxima do real. A relatividade é o meu ambiente duradoiro. Tudo se abaixa e eleva de acordo com a minha base filosófica.

(Do livro «Novos Caminhos», ditado pelo Espírito de LIA)

QUAL NASCEU PRIMEIRO

ARTIGO D

Qual dos dois o primeiro: a galinha ou o ovo? À primeira vista, este problema afigura-se-nos de difícil, se não de impossível solução. Com efeito: se a galinha sai do ovo e este sai da galinha, o caso parece revestir-se de um mistério impenetrável...

Pròpriamente falando, nem uma nem outra coisa foram sempre o que são na actualidade.

Em a Natureza nada se faz aos saltos e assim é, de facto, porque, no encadeamento natural das sucessivas fases a que tudo que evolve está sujeito, se patenteia um contínuo transformismo, sòmente perceptível ao considerar-se uma certa extensão da trajectória percorrida.

É insensìvelmente que as transições se operam, sem haver um tempo preciso para uma separação concreta entre dois estados sucessivos.

As galináceas, assim como as restantes espécies da criação, não existiram sempre tal qual as conhecemos hoje, produtos que são da inflexível lei cósmica: a evolução.

Desde o início do primeiro ser à natureza hominal do presente, que longo desfilar de estranhas formas, num desenvolvimento do simples para o complexo, do grosseiro para o sensitivo, trabalho lento mas firme, produto das leis evolutivas universais!

Em prístinas eras, teve lugar neste planeta a emersão do psiquismo, mediante os primeiros seres, tomados como instrumentos da nossa divina ascensão.

As primeiras massas protoplásmicas se animaram então, sob o influxo germinal das futuras acções e reacções no meio ambiente, na tarefa ingente de se expressarem em moldes cada vez mais perfeitos.

Nesses tempos longínquos, a centelha divina deu começo à sua libertação. Emergiu do plano material em que o processo involutivo da criatura a colocara, acordou para a vida planetária, onde a solidão reinava desde a sua génese e espalhou-se por toda a superfície em rudimentarìssimas formas, numa viagem de regresso ao seio de Deus.

Desde essa génese maravilhosa até ao presente, que longa série de lutas e de adaptações, de dores e de sacrifícios, de sorrisos e de lágrimas, para que o embrião divino pudesse traduzir as infinitas potencialidades contidas em seu âmago!

Latente na profundeza das coisas, Deus vai manifestando-se, à medida que a ascensão se acentua, até à sua total revelação, na apoteose final da nossa fusão com o Incriado.

Das rudimentares formas originais, um pouco mais perfeitas e assim sucessivamente, sob a direcção do psiquismo central.

Obedecendo a este princípio, a matéria foi produzindo organizações cada vez mais delicadas, que melhor correspondessem à crescente expansão das possibilidades divinas nelas contidas.

Assim teve lugar a evolução das espécies, desde as toscas criações iniciais, até às superiores organizações de nossos dias.

A origem do transformismo encontra-se, portanto, no princípio director que anima todas as formas.

Da indestrutibilidade da centelha divina nasceu o instinto de conservação, correspondendo nas primeiras fases da evolução à lei da luta, à lei do mais forte que, a par das funções da nutrição e da reprodução, foi assegurando a ascenção para estádios mais complexos.

Mais adiante, forma-se um novo instinto: a ânsia do progresso e a insaciabilidade do desejo. Fome e amor, nos primórdios dos seres, dão, mais tarde, lugar a duas poderosas qualidades : inteligência e coração.

Na luta difícil de reacção e adaptação ao meio ambiente, orgãos e funções, sob a iniciativa do psiquismo director, vão surgindo sucessivamente, numa manifestação constante do absoluto no relativo.

Graças às experiências do Coronel de Rochas e de outros sábios eminentes, é possível exteriorizar-se a sensibilidade, não se justificando a afirmação da ciência oficial, de que o orgão é que cria a função.

Através dos séculos, num lento mas seguro rítmo, o psiquismo central vai elaborando novas funções e capacidades, diferenciando-se em suas formas, dando assim lugar a numerosas espécies, trabalhando sempre por uma manifestação cada vez mais perfeita, até às complexas formas do psiquismo humano.

Alcançada esta fase da evolução, torna-se cada vez mais nítida a natureza divina do destino humano e as leis biológicas se transformam então, para melhor poderem assegurar o nosso progresso anímico.

O direito do mais forte dá lugar ao sentimento de justiça e, do feroz egoismo, surgem qualidades altruísticas, como condição indispensável à nossa ascensão, no presente estádio evolutivo.

Prosseguindo neste estudo, devemos concluir, portanto, que as galináceas não passam de uma ramificação e diferenciação das formas originais.

Como e quando apareceram essas aves, tão úteis à humanidade? Sabe-se que a evolução dos seres se vem fazendo, gradual e insensìvelmente, embora se não encontrem já certas espécies intermediárias.

As aves de que nos ocupamos, assim como os restantes seres da criação, não são mais do que o resultado da transformação e do aperfeiçoamento das primeiras formas, de onde, por sua vez, hão-de brotar outras mais aperfeiçoadas, ou, para falarmos com mais propriedade: o psiquismo que presentemente anima todos os seres, já animou as formas que lhe ficam para trás e há-de animar as que se se seguirão, na respectiva escala ascensional.

Primeiramente, temos as massas protòplasmicas, filhas directas dos raios globulares, os protótipos da vida terrestre que, numa dada fase evolutiva, irromperam em número prodigioso na atmosfera, provenientes da combinação dos elementos gasosos da atmosfera terrestre — carbono, azote, oxigénio e hidrogénio — com a energia, no seu mais alto grau evolutivo—a electricidade.

Sujeitas à lei fatal do nascimento, crescimento e morte, as formas, após certo tempo de vida, são abandonadas pelo psíquismo central que, em sucessivas encarnações e desencarnações, vai passando por moldes cada vez mais diferenciados, mercê das modificações introduzidas pelo princípio director, no seu incessante trabalho de adaptação e de progresso.

Assim, pouco a pouco se vão tornando mais complexas e perfeitas essas vestes materiais, a princípio manifestações vacilantes do germe divino, na sua grandiosa tarefa de reintegração no foco original.

Em cada estágio que é a vida, o psiquismo toma nota, por assim dizer, das deficiências e imperfeições do seu instrumento material, procurando no estágio seguinte, quando do seu retorno em nova carcaça, aperfeiçoá-la de acordo com as con-

dições do meio ambiente e tanto quanto lhe permitam as possibilidades de momento; mas, como tem à sua frente a eternidade, embora num ritmo lento para as nossas noções de tempo, esse aperfeiçoamento não pode deixar de acentuar-se e, ao fim de períodos mais ou menos longos, é tal a diferença apresentada, que um observador mal prevenido julgar-se-á em presença de organismos, cuja origem nunca poderia ter sido comum a todos os seres.

Para a formação das vestes carnais, a natureza fornece a matéria amorfa, carente de qualquer indício de vida, que a ideia directriz organiza de acordo com o molde expresso no respectivo perispírito, no qual se introduzem todas as modificações e inovações, ditadas pela experiência das vidas sucessivas.

As massas gelatinosas originais, niceiros com uma espécie de líquido nutritivo, que um coração rudimentar leva a todas as partes do organismo.

Embora em presença de seres mais ou menos amorfos e vivendo no fundo dos oceanos, verifica-se que o princípio de vida já faz muito, para a elaboração destas formas.

Incomensuráveis períodos de tempo foram precisos para a obtenção de seres mais complexos, em que a vida difusa se podesse concentrar e especificar, graças à criação de um sistema nervoso.

Depois, com os sistemas de respiração, circulação e reprodução, o progresso morfológico se acentua cada vez mais.

Aos anelados sucedem-se os crustáceos, precursores dos peixes e, dentre estes, alguns, preferindo os

A GALINHA OU O OVO?

CYRILO ALEIXO

vão evolvendo, pois, sob a acção daquele princípio director e em breve se tornam células essas moléculas vitais, constitutivas de todos os seres organizados.

Em dada altura, o psiquismo central consegue um relativo progresso com a obtenção das amebas, uma como que espécie de gotas de óleo, arrastando-se penosamente e sem forma defenida. Seguem-se depois organismos um pouco mais aperfeiçoados — as moneras esféricas, cujos cílios rectrácteis lhes permitem a deslocação.

Todos esses seres primitivos são surdos, mudos e cegos, possuidores de um único sentido — o tacto — e a sua reprodução é feita por fraccionamento, existindo ainda exemplares desse género, no seio das águas marinhas.

Na escala progressiva, as hidras, os polipeiros e as medusas, revelam um certo adiantammento sobre as formas anteriores. Já têm músculos rudimentares, estômago e vestígios de nervos, continuando, porém, a faltar-lhes a vista, a audição e o olfacto.

As funções diferenciam-se bem pouco ainda, porque, se na hidra, por exemplo, invertermos a bolsa, o alimento continuará a ser absorvido, como se nada de anormal se tivesse passado.

Na ânsia de aperfeiçoamento, o psiquismo orientador dota já os tusítios lodosos, vão adquirindo certos traços de respiração aérea, formando-se assim os batráquios.

Está-se então na época carbonífera, caracterizada pela pujança da vegetação, em que os fetos arbóreos chegam a atingir quarenta metros de altura, os quais, juntamente com outras espécies vegetais, constituirão a matéria prima das minas carboníferas.

Surge em seguida a era dos répteis, numa série de formas horrendas e colossais, chegando certos exemplares a atingir dez, quinze e vinte e cinco metros de comprimento, até que o aparecimento dos marsupiais, cujos filhos nascem incompletamente formados, acabando por se desenvolverem na bolsa materna, marca o início da era dos mamíferos, a terminar no homem, o produto máximo, conseguido pela ideia directriz.

O primeiro esboço de sentimentalidade ensaia, então, seus vacilantes passos, através do amor materno, para mais tarde se desdobrar nos sentimentos das almas evolvidas.

Que trabalho insano o do psiquismo, para conseguir chegar à configuração humana!

De tal modo os seres se diversificaram entre si, que nem parecem ter tido origem comum!

A mónada divina percorreu assim, lenta e dolorosamente, toda a escala morfológica, aprendendo à sua custa as grandes lições da vida, que a levaram à formação do ser hominal de nossos dias. Não vemos um certo paralelismo em tudo que nos rodeia?

Na radiofusão, nos sistemas de iluminação, transportes, etc., etc., quantas transformações se não têm operado desde o seu estado original? É que, atendendo aos ditames da experiência, o homem não cessa de introduzir todas as modificações susceptíveis de aperfeiçoar a sua obra, a fim de que esta possa preencher cada vez melhor o fim a que se destina.

Sem o nosso esforço e a nossa inteligência, aquele progresso seria impossível, como, igualmente, a matéria organizada seria incapaz de qualquer progresso, se não fosse a interferência desse mesmo esforço no plano biológico da criação.

Alcançado um determinado grau evolutivo, o psiquismo, esclarecido pelas sucessivas experiências do seu tirocínio através das inúmeras formas materiais, acabou por reconhecer que o sistema de reprodução por cissiparidade era incapaz de levá-lo à consecução de moldes mais perfeitos, onde melhor pudesse expandir suas potencialidades embrionárias.

Nesta conformidade, viu-se forçado a introduzir modificações naquele sistema, por intermédio do respectivo perispírito, onde se imprimem os múltiplos aperfeiçoamentos ditados pelas lições da experiência, sucessivamente plasmados na matéria amorfa, posta à sua disposição para esse fim.

Chegou-se assim, após ensaios mais ou menos lentos, à reprodução por meio de óvulos e consequentemente ao aparecimento dos primeiros seres ovíparos, e que, por sua vez, deram lugar a várias espécies, uma das quais a das galináceas, lançando-se assim luz sobre a incógnita de que tratamos.

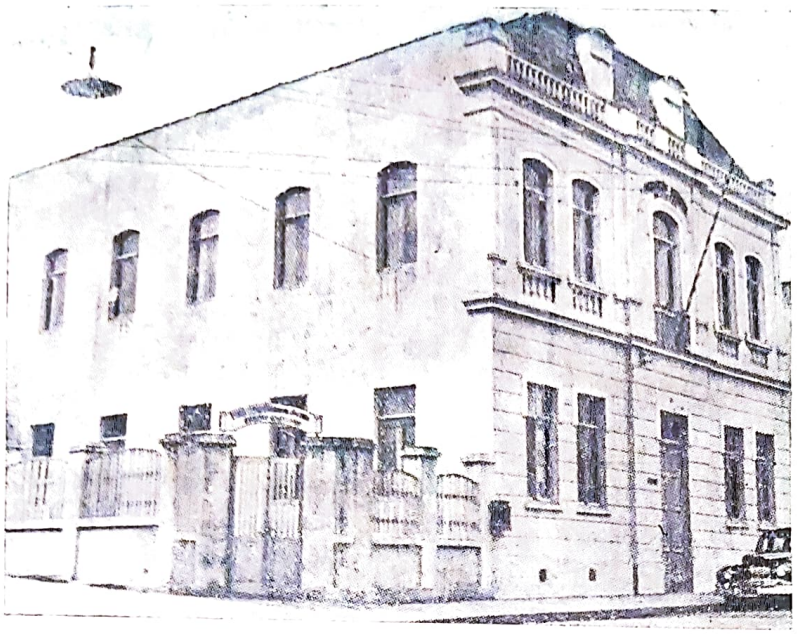
Todavia, este problema pouca importância tem, porque outros mais importantes se impõem, carentes de rápida e cabal solução.

Atingidas as organizações superiores da nossa época, o fragmento divino procura emancipar-se de certas condições inferiores, que tão úteis lhe foram no passado, mas que hoje não passam de pesado lastro, a fim de poder dinamizar outras potencialidades, adequadas ao grau evolutivo alcançado.

E o homem vacila entre o passado trevoso e escravizante, atordoado ainda pela lei da força bruta e pelo futuro pleno de rutilantes perspectivas espirituais, onde o aguarda a apoteose final da sua deificação, destino esplendoroso de todos os seres do Universo.

Federaç

UN



Federação Espirita do Paraná

Embora já tivéssemos feito referência ao trabalho desta colectividade, o artigo que vai ler-se constitui uma revelação para os leitores de *Estudos Psíquicos*, tão grandiosa é a obra da Federação Espirita do Paraná, à frente da qual se encontra um verdadeiro paladino da Causa Espirita, a quem o Dr. Lins de Vasconcelos entregou parte dos seus milhões, com o encargo de continuar uma obra que se vinha afirmando exuberantemente na dessiminação da doutrina. João Ghignone é a «alma mater» dessa cruzada de educação e assistência que se vai avolumando no florescente Paraná, como exemplo de esforço promissor digno de contágio no sentido do Bem. Que a sua faina se multiplique e avulte noutras facetas e que o Espíriito do seu inspirador o coadjuve na sua espinhosa tarefa.

O mês de Agosto de 1952 marcou em seu calendário o cinquentenário desta operosa instituição. Do dia 24 a 31 do mesmo mês várias cerimónias se realizaram, inclusive o lançamento da pedra fundamental do Instituto de Educação, *fornecendo esse acto um cunho todo especial à comemoração.*

Várias entidades do país fizeram-se representar, ocorrendo-nos no momento as seguintes:

Federações dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Goiaz, Liga Espirita do Distrito Federal, Federações Espiritas Brasileira e de Pernambuco, Confederação Espirita Pan-americana, Maternidade «Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro, Estudos Psíquicos, *de Lisboa, além de muitas outras instituições do interior do Estado.*

Foram oito dias de intensa vibração espiritual, onde inúmeros oradores se fizeram ouvir, exteriorizando suas ideias eivadas do mais puro cristianismo.

No decorrer das festividades foram visitadas outras cidades do interior do Estado, notando-se grande desenvolvimento do Espiritismo nesses locais.

É digno de nota observar-se o trabalho gigantesco operado pela Federação Espirita do Paraná *e seus filiados, levando-se em consideração seu redobrado esforço na manutenção de obras sociais em favor dos infortunados. Poucos Estados da Federação poderão equiparar-se ao do Paraná, onde homens de valor inconteste, como Lins de Vasconcelos, João Ghignone, Abib Isfér e outros companheiros de ideal, vêm prestando todo o esforço, com prejuízo, às vezes, de seus interesses particulares, para que a obra social do Espiritismo resplandeça frente aos homens.*

Para que os leitores possam avaliar do trabalho desse pugilo de trabalhadores, passamos a enumerar algumas casas assistenciais criadas e mantidas pela Federação do Paraná e grupos seus filiados, espalhados pelo interior.

Na cidade de Curitiba, capital do Estado, a Federação mantém os seguintes serviços: «Lar de Icléia», abrigando 30 crianças; «Sanatório Bom Retiro», para obsidiados, com 3 grandes pavilhões, capacidade para 150 enfermos, sendo um para homens, outro para mulheres, com os nomes, respectivamente, de Lins de Vasconcelos e Hercília de Vasconcelos; mais o Pavilhão Central, onde se acha instalada a Creche «Bezerra de Menezes», com 30 berços-camas, e a administração.

Noutro local possui a Federação um grupo de prédios, onde se acha instalada a «Associação Protectora do Recém-nascido», o «Albergue Nocturno», com 60 leitos, o «Lar de Icléia», já acima descrito, e o salão de conferências.

Próximo ao centro da cidade possui a Federação grande terreno, com cerca de 100.000 metros quadrados, cortados por uma rua. Num dos terrenos acha-se instalado o já referido Sanatório. Do outro lado da rua vai ser construído brevemente um prédio maior para o «Lar de Icléia», aumentando a capacidade de leitos para mais de 60 crianças.

Durante as comemorações foi lançada, nesse mesmo terreno, a pedra fundamental do «Instituto de Educação», que constará de 3 espaçosos pavilhões, de dois e três andares, com capacidade para 500 alunos de ambos os sexos, onde serão ministrados os cursos pré-primário, primário, secundário e colegial, também chamado científico, e mais o curso profissional.

São imprevisíveis os efeitos desse colégio, onde todos as criaturas, e em particular os filhos de espiritas, podem desenvolver a sua inteligência, livre dos preconceitos e imposições religiosas que predominam nos colégios católicos em geral e em sentido relativo nos colégios oficiais.

O ensino profissional é outro factor importante na vida do cidadão moderno, onde tudo tende a progredir e a aperfeiçoar-se, na técnica imposta à actual geração. É o primeiro Instituto espirita no gênero a ser fundado em todo o Brasil. Sòmente este colégio, dado o seu complexo organismo e atendendo à dilatada influência que vai exercer na mocidade moderna, constituirá, por si só, um marco grandioso na vida do Espiritismo no Estado do Pa-

ão Espirita do Paraná

ARTIGO DE HENRIQUE MAGALHÃES

raná. No entanto, não chegaram ainda ao fim as nossas revelações.

Com o falecimento do extremoso companheiro Lins de Vasconcelos, as máquinas de Mundo Espirita passaram para a Federação Espirita do Paraná, as quais, juntas a outras que a Federação já possuia, formam actualmente um conjunto harmonioso. Para atender à sua instalação, construiu a Federação vasto galpão, estando a oficina tipográfica prestes a funcionar. Em breve deverá sair o 1.º número de Mundo Espirita, em sua nova fase, estando a gráfica também preparada para atender ao público em geral, em movimento comercial promissor.

No interior do Estado o movimento espirita se impõe por suas obras assistenciais. Em Ponta Grossa funciona desde há muito o «Lar Hercília de Vasconcelos», tendo 80 crianças internadas, debaixo dos auspícios da «Sociedade Espirita Francisco de Assis». Em Paranaguá existe outro «Lar Hercília de Vasconcelos», mantendo 100 crianças, debaixo da orientação da Federação do Estado. Em Palmeira mantém a Federação o «Lar Infantil Mariinha».

Em Combé vai ser inaugurado em Outubro o «Lar Marília Barbosa», com capacidade para 80 crianças, o prédio próprio do Centro Espirita Allan Kardec e um Albergue Nocturno, com capacidade para 30 albergados.

Em Jacarèzinho acha-se em construção um edificio para sede própria do Centro Espirita João Baptista e um Albergue Nocturno para 30 albergados e uma Escola Primária, com capacidade para 80 alunos. Esta agremiação possui terreno onde pretende construir, dentro em breve, um berçário.

Campo Largo oferece-nos um Albergue com 30 leitos, mantido pelo Centro Espirita Luz e Verdade, e também a Associação Protectora do Recém-nascido, filiados à Federação do Estado.

Rebouças apresenta um Albergue com 20 leitos, orientado pelo Centro Espirita José de Nazaré, e em projecto o Retiro dos Espiritas, em terreno próprio, para recolher crianças e espiritas inválidos.

Junto a esse movimento gigantesco de assistência, segue, em linhas paralelas, o desenvolvimento do Espiritismo. Para esse crescendo concorrem dois factores: de um lado a intensificação do Livro Espirita e de outro as obras de assistência social, criadas e mantidas por espiritas, como testemunho vivo da doutrina que abraçamos.

Esse admirável movimento só foi possível graças à direcção firme e operosa da Federação Espirita do Paraná, orientada em linha recta por João Ghignone, também muito digno representante de Estudos Psiquicos naquele Estado, e, em particular, graças ao impulso generoso de Artur Lins de Vasconcelos Lopes, de saudosa memória, e a sua dignissima esposa, D. Hercília de Vasconcelos, ainda no mundo dos mortais.

Não vislumbrámos, até hoje, criatura tão operosa à face da Terra como foi esse grande batalhador. A sua acção no Mundo representa epopeia vivida por um homem de bem, uma criatura que se dedicou inteiramente à humanidade, um gigante em pensamento e acção, se assim nos podemos expressar.

Partiu para a pátria espiritual, mas o seu intenso impulso, dado inicialmente, não parou, de vez que em sua larga visão vislumbrou o modo seguro de aplicar os seus milhões, confiados que foram à Federação Espirita do Paraná, para a continuação da sua primorosa e dilatada obra.

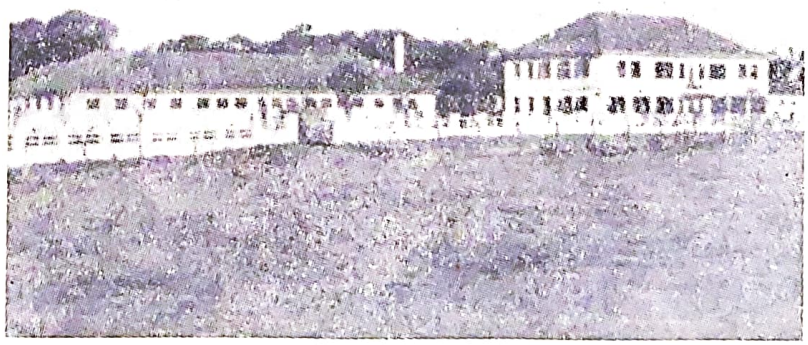
Aqui deixamos exarada a nossa sincera e profunda homenagem a vulto tão grandioso, como prova de perene gratidão, pois ensinou-nos, com o seu exemplo, a trabalhar e viver fazendo o bem aos semelhantes.

Não nos alongamos em maiores considerações, em vista do espaço dilatado que já tomámos à revista. Tão sòmente desejamos consignar aqui os nomes da actual Directoria da Federação: João Ghignone, Abib Isfér, Primo Crolanti, Honório Melo, Carlos de Ferrante, Jaime Cruz, Aristides José Morais, Alcides Carlos dos Santos e Celso Lisboa de Miranda.

70 Centros Espiritas estão filiados à Federação do Estado do Paraná.

Honra a todos os seus dirigentes e votos de paz, é o que do coração deseja o servo dos servos do Senhor:

H. MAGALHÃES



Sanatório Bom Retiro

O período entre 1917 e 1925 foi aquele onde trabalhei fortemente, ganhando a vida como empregado: durante o dia, no Comércio de Exportação, e durante a noite, excepto aos sábados, leccionando Português e Espanhol. Como passatempo «escrevinhei» para vários jornais do Porto. Fui nomeado em 1922 editor da Secção Portuguesa da *Linguists' Review*, órgão Oficial do Instituto de Linguistas, de Londres, fiz mais de 200 conferências acompanhadas de projecções luminosas de Portugal e Brasil, como sócio remido e representante na Inglaterra da Sociedade Propaganda de Portugal, fui um dos fundadores da *Toledano Lecture Society*, e também como «Fellow» do Instituto de Linguistas de Londres, percorri várias cidades da Inglaterra, Escócia e País de Gales, falando aos sócios do dito Instituto, etc., etc. Isto vem para o caso de informar os estimados leitores que em 1920 vi-me obrigado a fazer uma viajem a Portugal para descançar das minhas fadigas, outra em 1924 e a última em 1925.

Ora, enquanto dei lições na Escola Superior do Comércio, encontrei ali um distinto judeu italiano, Colombo A. Toledano, que regia havia muitos anos os Cursos da Língua Portuguesa pela velha ortografia, tendo eu, com a cooperação do seu filho mais velho, Amadeo, publicado, fora de Portugal, o *Portuguese Reader*, com todas as regras da nova ortografia.

Comecei a interessar-me pelo Espiritismo em 1925, quando o espírito de minha mãe me apareceu no quarto de dormir e falou comigo.

UMA GRANDE SURPRESA

Numa tarde de 1926, assistia eu a um «Open Circle» e fiquei simplesmente admirado quando uma senhora presente caiu em transe e começou a falar italiano!

Dirigi-me a ela e o espírito de Colombo Toledano me falou, dizendo que o fazia em italiano porque eu compreendia a sua língua e vinha agradecer o que tinha feito. Houve uma grande comoção e o Presidente da *Longsight Spiritualist Church*, onde se deu isto, pediu-me que lhe desse um relato que muito desejaria enviar a Ernest Oaten para publicar no *Two Worlds*. Confesso que nunca tinha ouvido falar nesse homem ou lido qualquer exemplar dessa revista, tendo-me o presidente dado o primeiro exemplar desse semanário. Fiz o relato, que lhe entreguei, e Ernest Oaten mandou o sub-editor, Charles Hicks, a minha casa, pedindo-me que o fosse visitar. Antes de indicar o que se deu na *entrevista* com Oaten, tenho a dizer que o espírito de Colombo Toledano veio agradecer-me, porque, tendo de ir na Páscoa de 1920 ao Continente, em negócios, me pediu que tomasse conta de suas classes durante a sua ausência, e faleceu pouco depois de regressar a Manchester, ficando eu no seu lugar de professor de língua portuguesa. Junto com alguns amigos e ex-discípulos do falecido, fundámos a *Toledano Lecture Society*, que se extinguiu após 12 anos de existência.

Fui ver o Ernest Oaten pela primeira vez e depois de lhe afirmar que não podia ser outra entidade do que Toledano, pois, falando-me em italiano, eu lhe respondi em espanhol, resolveu publicar o meu relato e convidou-me a abrir a nova secção «Spiritualism Abroad», sob o pseudónimo de *F. ETRAUD*. Foi, por conseguinte, Ernest Oaten quem me iniciou no jornalismo espiritualista inglês. Eventualmente contribuí com os meus rabiscos para o *Além*, do Porto, e a *Revista Internacional do Espiritismo*, para a qual ainda escrevo por dever moral. Em primeiro lugar, por o seu fundador, Cairbar Schutel, me ter falado e se haver transfigurado por várias vezes, dizendo que adoptara o meu filho Gabriel como seu filho espiritual, e, em segundo lugar, por ele me ter pedido que continuasse a apoiar a Obra que deixou na Terra e que do Alto continua a auxiliar.

Durante doze anos fui à redacção do *Two Worlds* compartilhar de uma chávena de chá com Oaten, à hora do lanche, levando umas sanduiches comigo. Ali, entre a uma e as duas da tarde, fomos visitados por muitos médiuns e outras entidades de relevo no meio jornalístico, como, por exemplo, Hannen Swaffer, etc. Ernest Oaten apresentava-me sempre como «o seu correspondente estrangeiro» e fui algumas vezes ouvi-lo falar e por seu convite actuei como tradutor e intérprete técnico na Conferência Internacional de Glasgow, em 1937, e que foi um grande sucesso.

O meu amigo proporcionou-me visitar alguns centros como investigador do *Two Worlds* e fui apresentado a Madame Bullock, juntando-me ao seu famoso *Rainbow Harmony Circle*.

Com o sub-editor Charles Hicks, Lasessan, fundador da Sociedade de Investigações Psíquicas de Manchester, e outros amigos, fundámos o *Two Worlds Home Circle*, onde me foi revelado que tinha dois guias chamados Father Dominic (Padre Domingos, ex-prefeito do Colégio de Lamego, Portugal, onde estive internado um ano), e um celebérrimo português, natural de Macau, João Feng. Isto foi confirmado dois dias depois em casa de Madame Bullock e ali me foi dito que o meu trabalho a favor do Espiritismo não interviria de modo algum no meu «ganha pão», pois os meus guias e outros amigos do Além me inspirariam sempre na compilação dos meus rabiscos, nas minhas palestras, e de modo algum desejavam que eu estudasse qualquer assunto de antemão ou levasse quaisquer notas comigo todas as vezes que fosse convidado a falar em público! Ernest Oaten gostava muito do Padre Domingos e do Feng, e muitas vezes

Como conheci

Por FREDER

me dizia que ambos ou um deles se encontravam ali connosco. Feng já se transfigurou por várias vezes na Madame Bullock, e dois outros médiuns e... (coisa curiosa!) está aqui neste momento a inspirar-me a escrever estas linhas!

Tem-me livrado e evitado de sofrer qualquer incidente ao atravessar a rua, pois que, infelizmente, sou curto de vista, e ajuda-me muito, mesmo muito. Faz-me partidas e é um grande brincalhão. Algumas das suas diabruras já foram publicadas.

Na redacção do *Two Worlds* observei muitos fenómenos, mas um deles é digno de notar-se. Ernest Oaten, um belo dia aguardava a minha chegada e deu-me um exemplar de um diário, para ler um artigo ali publicado.

— Fred, que pensas disso e do homem que o escreveu?

Ao terminar a leitura, respondi:

— Ernest, em português dizemos «Palha» e cá na Inglaterra somos mais generosos, classificando isso por «Tripe».

— Isso mesmo, Fred — contestou o meu amigo.

E leu-me a resposta que ia dar no *Two Worlds*, acrescentando:

— Eu tenho razão, e assumo toda a responsabilidade!

Mal tinha Oaten dito estas palavras, quando ambos ouvimos uma pancada no ar perto de ambos.

— Deus vos abençoe — repetimos

ambos — e Oaten, todo entusiasmado, repetiu novamente que tinha razão e o artigo que escreveu era a melhor resposta a dar ao sujeito que publicou aquela palermice.

Uma nova pancada idêntica à primeira se ouviu, mas agora perto da porta. Olhámos um para o outro e ouvimos da porta oposta à secretária os passos de Miss Lewis. Trazia umas cartas para Oaten assinar. E o meu amigo disse-me, um tanto pezaroso:

— Que pena, Miss Lewis, não ter vindo um minuto antes!

E contou-lhe o sucedido.

Um belo dia estávamos a tomar chá e a comer sanduiches, quando entrou um sujeito de barbas e óculos. Deu os bons dias, disse ao Oaten

Ernesto Oaten

CO DUARTE

que tirasse o casaco e começou a dar-lhe uns passes sem dizer uma palavra. Mandou-lhe vestir de novo o casaco e olhou para mim de alto a baixo, dizendo:

— Você não precisa destas coisas. Adeus até outra vez!

— Quem é este fabiano? — perguntei ao Oaten.

— Olha — disse ele — o teu Feng está a rir-se perto de ti. Sabe muito bem quem é, e no futuro vai ser incluído no rol dos teus amigos.

Não era nem mais nem menos do que o famoso Curador J. Azis Zakian, um turco sírio que fala sete línguas, incluindo a portuguesa.

No fim da semana fui visitá-lo e ficámos amigos inseparáveis! Já vai nos setenta anos, mas não perdeu ainda os conhecimentos, estando, de facto, no momento, a receber do Além uma Obra sobre o Egito antigo, que deverá ser publicada naquele país antes do fim do ano! O seu médium é um rapaz de vinte anos, empregado numa fábrica.

Noutra ocasião ouvimos um grande barulho fora da porta da Redacção. Oaten pediu-me que visse o que era, mas, mal eu tinha aberto a porta do seu escritório particular, uma mulher do povo afastou-me para o lado e disse a Oaten:

— Você é o Pai do Espiritismo e eu venho pedir-lhe protecção! O meu marido é um mineiro de Pendleton e não veio esta manhã às sete horas. Eu preciso do dinheiro que ele me tem de dar. Proteja-me. Pode ser que tenha sido raptado!

Vimos que era um caso bem triste de demência e Oaten disse-lhe:

— Vá ver o empregado que paga os salários aos mineiros, e pergunte-lhe se o seu marido está a trabalhar. Vá imediatamente.

E lá foi a pobre da mulher levando consigo umas moedas que ambos lhe démos.

Poucos foram aqueles que em Manchester conheceram Oaten tão intimamente como eu. Fui por diversas vezes tomar o chá a sua casa, na companhia de sua querida esposa, Amy, e vi o grande homem muitas vezes em mangas de camisa a jardinar entre as batatas e as couves. Logo que houvesse uma colheita, convidava-me a tomar chá, mas um belo dia, ao regressar ao meu escritório e como não houvesse trabalho a fazer, saí mais cedo, pelas quatro horas da tarde. Tinha de passar pelo *Two Worlds* e entrei para trazer um livro. Oaten pediu-me que não me fosse embora, pois necessitava de falar comigo. Perto das 5 horas disse-me:

— Fred, tu vens hoje tomar chá comigo, pois sei que não tens aulas.

Tratei de me esquivar, sem resultado algum. Aceitei o convite e Ernest disse-me:

— Vou entrar em contacto com a Amy e dizer-lhe que te espera e ponha um talher a mais na mesa.

Fechou os olhos uns momentos e, abrindo-os, disse-me:

— Recebeu a minha mensagem. Não pude falar-lhe antes, porque ela comunicou comigo a dizer que ia comprar pão e outras coisas.

Ora, para quem é leigo e nada percebe dos vários fenómenos psíquicos, isto pareceria uma coisa «fantástica»! Mas eu sabia que Amy e Oaten comunicavam frequentemente um com o outro por telepatia e, sendo esta a primeira vez que eu observava, tinha curiosidade de ver o resultado final.

Fomos ambos no *eléctrico* e, ao chegar à Rua Marshall, vi Amy na sala da frente a aguardar-nos e veio abrir-nos a porta, dizendo:

— Ernest, recebi a tua mensagem e Fred vai apreciar um dos seus pratos favoritos.

Conduziu-nos à sala de jantar, onde vi os tres talheres e, olhando para os dois com uma cara de parvo, riram-se muito, dizendo:

— Paciência, Fred; nem eu nem a Amy te poderemos ensinar este meio de comunicação entre ambos.

Muitíssimo interessante e... muitíssimo delicioso foi o chá que... lhes papei!

Foi Ernest Oaten quem me convidou a ir a Glasgow como intérprete no Congresso Internacional dos Espiritualistas e ali fui apresentado a muitos homens e senhoras ilustres, incluindo o belo amigo José Bento de Carvalho, de Santos, Brasil, e suas queridas esposa e filha. Esse grande amigo causou uma belíssima impressão a todos os presentes num debate havido no Salão St. Andrews, onde eu tive que interpretar em quatro línguas: portuguesa, espanhola, francesa e inglesa.

Meses antes uma médium me avisou de que iria em breve ser convidado a falar em público pela primeira vez. Contei isso ao Oaten, que se riu e me disse:

— Não sejas tolo, nem espertalhão. A médium é minha conhecida e eu confirmo o que ela te disse.

Confessou-me então que, desde que me convidou a traduzir várias coisas que seriam lidas no Congresso, projectara a minha visita a Glasgow, sem me dizer palavra!

Durante a última guerra o edifício onde está instalado o *Two Worlds* foi atingido por estilhaços das bombas inimigas e fui eu o primeiro a entrar lá, seguido umas horas depois por Oaten, e, posto que as vidraças estivessem estilhaçadas e os livros e estantes no chão, não se perdeu um único livro!

E por aqui fico com estas reminiscências. Muito, mesmo muito eu poderia escrevinhar, mas estou velho, cansado e pronto a «imigrar» dum momento para o outro para um lugar melhor do que este Mundo Zarolho onde vivemos.

Ernest Oaten já está esquecido de muitos. O mesmo se dará comigo. Mas seria para mim um crime ignorar por completo os apelos feitos por Cairbar Schutel e Ernest Oaten para continuar com os meus rabiscos e como compensação terei eternamente a sua grande amizade quando nos viermos a unir no Além.

Finalizando estas linhas, tenho a dizer que a Sociedade de Investigações Psíquicas de Manchester (Manchester Psychical Research Society) inaugurou os seus trabalhos em 10 de Fevereiro de 1953, quando eu fiz uma palestra sobre «Sociedades Psíquicas e Espiritualistas do Mundo», tendo exibido revistas, semanários, etc., que no final ofereci aos membros da Sociedade.

Nomearam-me, por unanimidade, editor do seu *Boletim* e um dos seus investigadores. As reuniões serão quinzenais, no famoso Bouldsworth Hall, de Deansgate, Manchester.

MANCHESTER

O ESPIRITISMO E A IMPRENSA

Por Monsenhor Ascânio Brandão

Este desabafo sintomático chegou a nossas mãos através de A FLAMA, *de Uberaba, Estado de Minas Gerais, que o transcreveu da revista católica* Ave-Maria, *de 14-9-1952, sob o título: «O Espiritismo e a Imprensa».*

Transcrevemos o artigo de Monsenhor Ascânio Brandão, *por conter verdades consoladoras que é preciso divulgar. Nenhum testemunho mais insuspeito do que as palavras do ilustre sacerdote. Acreditamo-las sinceras e agradecemo-las, na íntegra, inclusive o apodo de herejes com que mimoseia os adeptos do Espiritismo.*

Sempre confirmada a palavra divina: «Os filhos das trevas são mais prudentes do que os filhos da luz». *No terreno da imprensa, então, é que os filhos da luz entre nós parecem mesmo demonstrar a sua imprudente e, diria mesmo, criminosa incúria e indiferença em face de uma situação que se agrava dia a dia com a propaganda herética. Sejamos francos: os católicos no Brasil ainda não compreenderam a gravidade do problema da imprensa. Basta o lamentável, diria, o escândalo de não possuirem as duas grandes capitais do país, Rio de Janeiro e São Paulo, um só diário católico! E os que fundaram fracassaram.*

Os jornais da grande imprensa vomitam diàriamente blasfêmias e irreverências, dissociam as massas explorando o sensacionalismo, propagando ideias perigosas, formando uma mentalidade pagã, desorientando o povo. Os católicos paulistas e cariocas se abalam? Acham que é deficil é quase impossível um diário à altura; fazem tentativas medrosas, assustam-se com qualquer barulho e adversidade e dormem tranquilos

Em vão Pio X, já nos altares, clamou há mais de trinta anos ao povo brasileiro, em carta dirigida ao nosso Episcopado: «É mister fundar diários católicos, diários católicos!» *Já morreu Pio X, já houve tempo de o beatificar e o Brasil possui muitos diários católicos? São Paulo e Rio de Janeiro possuem imprensa católica à altura de duas grandes metrópoles?*

Vivemos em colunazinhas de religiões ao lado do Espiritismo e até de Igreja brasileira e por um favor... A grande imprensa nos ignora. E achamos que tudo vai muito bem. Temos uma maioria católica, o povo brasileiro é católico, fazemos belos congressos e procissões, para que mais? É lamentável, mas eu já falei demais! Já tive ocasião de denunciar, numa Semana de Acção Católica, o escândalo da imprensa herética no Brasil estar rivalizando e, em muitos lugares, superando a imprensa católica. E o provei com estatísticas... Acham-me suspeito, como jornalista e apaixonado pela boa imprensa. E fico a clamar no deserto... Em todo o caso, continuo a gritar.

Em face da propaganda espirita, estou alarmado e angustiado. Sinto do fundo de minha alma a indiferença folhas volantes, tudo empregam os discípulos de Allan Kardec no seu proselitismo fanático, inundando o país de norte a sul de milhões de folhetos e de obras. E vão conquistando a massa e arregimentando exércitos de prosélitos fanáticos e decididos na luta. Ainda não se viu no Brasil propaganda herética mais bem organizada. Os livros espiritas editados aos milhares cada ano e alguns atingem cifras inacreditáveis, como as obras de Allan Kardec.

Ainda há pouco este franciscano admirável que é Frei Boaventura Kloppenburg, *que está alertando o Brasil ante a gravidade do problema espirita, deu-nos uma estatística e algumas informações ante as quais ficar indiferente seria crime. As edições dos livros principais da propaganda espirita entre nós são impressionantes. Vejam:* «O Evangelho Segundo o Espiritismo» *teve, em poucos anos, 40 edições — 340 mil exemplares;* «O Livro dos Espíritos»,

de Allan Kardec—166.000; «O Livro dos Médiuns» — 146.000. E outros, de cinquenta mil para cima...

Basta este facto só: na França, pátria de Allan Kardec, «O Evangelho Segundo o Espiritismo» teve, em quase cem anos, uma tiragem de 54.000 exemplares. É o que se tira no Brasil em um ano!...

O país está inundado de livros espiritas. Basta um olhar a qualquer estante de nossas livrarias. O filhos das trevas compreenderam o valor da imprensa. Foram muito mais prudentes que nossos católicos. E como se infiltram os espiritas nas redacções dos jornais, nos rádios, em todos os centros onde possam exercer qualquer propaganda!

Há uma obra espirita, não nos iludamos, veículo de propaganda espirita, o «Almanaque d'O Pensamento». Sabem sua tiragem cada ano? Quatrocentos mil exemplares! *Todos os nossos almanaques e anuários não chegaram à metade...*

Formaram Associação de Jornalistas Espiritas. *Compreende-se por que hoje o Brasil é o país mais espirita do mundo. Aqui, o Espiritismo tem a sua maior imprensa do mundo. Nossos católicos compreendem isto? Percebem a gravidade desta situação? Não parece! Fazem belos congressos, muito discurso, muita festa, muita palavra sonora, para mostrar que somos uma maioria, que o povo brasileiro é genuinamente católico, enquanto a massa vai-se envenenando com as doutrinas de Allan Kardec.*

Quando se há-de compreender e levar a sério o problema gravíssimo da imprensa católica neste Brasil?

IDA LUPINO

O *Cruzeiro*, revista brasileira de larga circulação que tem dedicado muitas páginas à propaganda do Espiritismo inseriu em 26 de Maio de 1952 um artigo de Marius Swederson, no qual se apresenta um fenómeno espirita ocorrido com a conhecida artista de cinema e que transcrevemos para estas colunas no interesse dos leitores, para que vejam como o Espiritismo contagia todas as classes sociais:

«Ida Lupino frisa que tem experiência sobre o tema... Diz ela: Acredito firmemente numa vida futura. Ela deve existir, pois também existe uma infinidade de seres humanos, onde me incluo, que têm recebido visitas dos que já não habitam neste mundo. Vejam o que aconteceu comigo, com resultados tangíveis e definidos. Durante a minha infância, nunca me dei bem com música. Meu pai experimentou-me alguns anos, dando-me lições de piano, mas cresci sem distinguir uma nota de outra, nem desejando distingui-las. Então fui acometida de paralisia infantil e fiquei bem próxima da fronteira vida-morte. Uma noite em que estava imóvel na cama, já convalescente, porém sem febre, senti alguém a meu lado, embora nada visse. Depois minha mão foi tomada por uma outra, desse alguém, enquanto ouvia dizer:

«— Ida, vai ao piano e toca.

«Levantei-me da cama. Atravessei a casa toda, parando na sala-de-estar. Sentei-me ao piano e toquei. Sim, eu, que nunca fizera uma escala sequer, dedilhei um concerto de Brahms, do princípio ao fim, sem uma falha. Sei no que devem estar pensando: «Ela delirava». Sinto desiludi-los, pelo simples facto que desde então continuo a tocar. Não só toco, mas já compus uma sinfonia, além de outras partituras interpretadas pela Orquestra Filarmónica de Los Angeles e por André Kostalanetz e sua Orquestra de Concertos. E ainda posso, se for preciso, indicar uma dúzia de pessoas, incluindo minha mãe, que jurarão sobre a Bíblia que, antes daquela noite, jamais me familiarizara com a situação das teclas de um piano. A explicação? Creio que o espírito de algum músico há muito falecido veio à minha cama e me lembrou que eu fora musicista em outra encarnação. E com esta lembrança, adquiri grande amor pela música e vi-me possuidora de conhecimentos básicos.

«Desde que acredito em novas encarnações, considero que tanto eu, como os outros, já estivemos na Terra e, naturalmente, acredito que voltaremos novamente, até completar o ciclo que nos for exigido.

«Concordo com os que dizem que depois de morrermos entramos nos corpos dos recém-nascidos. Como explicar de outro modo que ao número de mortes em todo o mundo corresponda o de nascimentos? De maneira que este processo a que se chama nascimento e morte coincide com uma continuação.

«Acredito que as circunstâncias em que renascemos dependem do nosso modo de vida precedente. Se vivemos decentemente e progredirmos, nasceremos a seguir em condições mais avançadas e mais felizes. E vice-versa. Acredito, finalmente, que a vida futura está na própria Terra».

O caso descrito integra-se nos fenómenos de regressão de memória que podem eclodir espontâneamente, em face de emoções apropriadas ou através de passes magnéticos nos predispostos. Aqui, foi uma doença grave que deu origem à mutação e revelou na artista cinematográfica conhecimentos adquiridos antes da sua vida actual, a não ser que o Espírito de um músico lhe tivesse intuído a composição e a execução das partituras referidas. De uma forma ou de outra, um problema transcendente se põe à consciência dos verdadeiros estudiosos. Quem o poderá explicar integralmente?

AFORISMOS

RECEBIDOS POR JOSEFINA A. RINALDINI

O trabalho que vai ler-se foi recebido há cerca de 10 anos no Grupo Espirita «Psyké» pela médium «Pepita» (Josefina A. de Rinaldini), esposa do confrade argentino Mânio Rinaldini e prematuramente desencarnada. Oportunamente será enquadrado num livro intitulado «Ele e Tu», segundo determinação da ausente, no dizer de La Idea, de Buenos Aires, donde extraímos estas pepitas maravilhosas, cuja captação se operou de forma original, como a própria médium passa a descrever:

Um grupo de cinco pessoas, sentadas em círculo, fecham os olhos, emudecem para concentrar o seu eu eterno, a sua personalidade material e quotidiana e mergulham em si mesmas para escutar a voz interior, secundando esta acção com trechos de música adequada. É breve parêntese no mundo dos sentidos, um acto de fé na própria essência; um esquecer a realidade para só recordar a *Outra*. E porque nesse instante olvidaram ambições e trabalhos, os cinco sentem-se ricos de serenidade e emoção, plenos de protecção espiritual. E, ansiosos de penetrar em sua diáfana atmosfera, se enchem de paz e harmonia.

Muitos que leiam isto compreenderão como eu (porque assim o terão experimentado) a sensação inefável, a transparência espiritual, o regosijo cósmico desses minutos breves, mas eternos.

A carne, com seus imperativos, seus anelos, seus defeitos e suas turbulências, estava quieta, adormecida, como que olvidada.

Éramos, a princípio, a senhora de Molina, minha mãe, o Sr. O. Muñoz Maines, meu marido e eu. Depois, devido à doença da primeira, ocupou o seu lugar um cunhado meu: A. Rinaldini.

Propusemo-nos atingir a clarividência espiritual. Que queríamos significar com isso? Não o sabíamos muito bem; mas sabíamos que havia em nós um desejo ardente de superação, uma ânsia de transcender a forma e perceber a essência.

E assim nos lançámos ao mundo do espírito, sem normas, sem método, sem programa e sem medida, mas com elevação, com amor, com força, com emoção, com paixão transcendente.

Desde o primeiro momento se formou um ambiente sublime. Transcorreram alguns meses sem que se obtivesse algo de concreto, mas saíamos radiantes de todas as reuniões. Um dia, numa sessão de Setembro de 1940, senti-me transportada e envolta em concentração mais profunda e minha alma ouviu uma voz, uma mensagem não sei de quem, mas escutei-a, recebia-a sem esforço de criação ou de imaginação. Era mensagem brevíssima mas completa, que me apressei a transcrever, e logo outra e outra e outra e assim se têm recebido estas pequenas mensagens a que demos o nome de aforismos pelo seu carácter sentencioso e que, no final deste trabalho, atingirão muitas centenas.

São mensagens para almas, para cada alma que as leia ou escute, para cada homem que tenha a humildade e a grandeza de sentir-se alma.

Estes aforismos falam exclusivamente à alma, mesmo quando alguns deles encaram essa dualidade de encadeamento temporal e liberdade eterna que todo o homem contém. Mas falam à alma em termos de eternidade, dirigem-se à essência e apontam o seu rumo infinito. Nestes aforismos, o amor ao Pai é a chave da evolução infinita da alma, que se debate em seus erros, até que, pela dor e pelo amor, começa a amá-lO. Analisando-os no seu conjunto, nota-se uma trajectória ascendente. Os primeiros referem-se à alma e nela se fixam, despojando-se do que se pode chamar extravio temporal e dirigindo-se, exclusivamente, aos valores morais.

1 — *Estarás onde fores.*
2 — *Serás sempre o reflexo do lugar que habitares.*
3 — *Só te verá quem for contigo.*
4 — *Só podes saber o que és. Só és o que amas. Só dás o que tens. Só tens o que és.*
5 — *Viver, amar e saber são sinónimos no absoluto.*
6 — *Só se possui o que se é. Nada é menos teu do que o que julgas ter, se não fizer parte de ti mesmo.*
7 — *Perdurará em ti o que faz parte da tua alma e nela ficará depois de todas as tuas mortes.*
8 — *Nem vais, nem vens, nem chegas, nem partes, nem estacionas. És!*

A RESPONSABILIDADE DO ESPÍRITO HUMANO

9 — *O bem, léva-lo no teu alforge e é para ti.*
10 — *Nunca julgues que ocultas um defeito; é o defeito que se oculta em ti.*
11 — *Julgas que tens pouco? É que deves dar mais.*
12 — *Queixas-te dos outros? É porque estás descontente contigo.*
13 — *Teus defeitos são calços no desenvolvimento da tua alma, mas ainda mais de tuas pretensas virtudes.*
14 — *Temes a tua fraqueza, quando julgas que temes os outros.*
15 — *Tens toda a liberdade que te permitem as paixões.*
16 — *Se no teu caminho encontras uma pedra, essa pedra és tu.*
17 — *Na alma, a possibilidade do logro depende da intensidade do anelo.*
18 — *No infinito cristal cósmico, a tua incompreensão é o único corpo opaco.*

19 — *Tens na alma tantos cumes, como abismos, e ao viver dissimulas uns e outros.*
20 — *Até que extingas teus defeitos, te encontrarás com eles.*
21 — *Sentirás Deus quando te humildares e não quando te humilhares.*
22 — *Se não podes acercar-te de Deus, é a tua arrogância e não Ele que to impede.*
23 — *Quando dizes: «minha alma é demasiado pequena para compreender», mentes! É porque ainda não se sente bastante pequena.*
24 — *Só quando te sentires insignificante saberás que coisa é grandeza.*
25 — *A humildade é a aristocracia da alma.*
26 — *De todos os infinitos orgulhos, há apenas um que não devias perder: o de ser.*
27 — *Se algo deves pedir é o perdão de haver pedido algo, tendo-te sido dado tudo.*

A ETERNIDADE ESSENCIAL DA ALMA

28 — *És vida de vida cumprindo-se na vida; vive como se nunca morresses; morre como se vivesses sempre. Porque é assim.*
29 — *O germe de eternidade que há em ti contém a chave de todos os mistérios cósmicos.*
30 — *Se compreendeste a eternidade, porque choras pelas coisas passageiras? E se não a compreendes, que é o que em ti chora o passageiro?*
31 — *É velha a tua alma; o tempo humano não conseguiria medir-lhe a idade. Pois bem, é como se não tivesses nascido.*
32 — *Sonha a alma com o rio caudaloso, enquanto flui no seu arroio.*
33 — *Tua alma é um eterno viajor que leva em si todo o caminho percorrido.*
34 — *A sabedoria te vem de dentro, de tudo o que viveste em tua existência eterna.*
35 — *O que teu Pai te tira, nunca to deu, porque nada te deu que não fosse eterno.*
36 — *Despreza os horizontes próximos, que de longes terras vens e a remotas terras vais.*

A ALMA É DE ESSÊNCIA DIVINA

37 — *Porque há em ti um Deus em potência é que te atreves a julgar a Deus; e porque não és Deus é que o julgas.*
38 — *Estás a vestir roupagem de Deus. Aguarda, que ainda falta muito... Mas quando terminares o atavio tua alma será simples e deslumbrante como uma estrela.*
39 — *Quando infundires a tua essência na divina essência, saberás de ti o que nunca suspeitaste.*
40 — *Teu corpo é um microsmo e tua alma um microdeus.*
41 — *És de luz! Só te falta saber que és de luz!*
42 — *Ajoelha-te todos os dias um instante e chora uma lágrima de dor, porque te desconheces.*
43 — *Choras? Mereces chorar. Ignoras quem és...*
44 — *Além, nos longínquos horizontes da tua alma, há sempre maravilhosos albores de sabedoria.*
45 — *Um dia vestirá tua alma saia branca tecida por Deus com tuas virtudes.*

A DOR DA NOSSA ALMA

46 — *Sofres porque cavam em teu coração! É que a água clara de tua alma está muito funda!*
47 — *Pela dor se liberta a alma do mortal.*

Josefina A. de Rinaldini

48 — *Quando tens uma dor é porque morre algo em ti; mas não chores a tua dor, pois nada que morre merece ser chorado.*
49 — *Quando dormes, o anjo que havia na tua alma, a dor, o despertar e as suas asas te levam para além dela.*
50 — *A angústia é prelúdio de morte. O sofrimento é a recordação e o grande mestre de tua alma.*
51 — *Porque foges dele e te refugias no amor?*
52 — *Sofres muito, alma? É porque ainda sofreste pouco.*
53 — *O amor te mostrará o caminho que te conduz à dor.*
54 — *Se repeles a dor, negas teu Pai.*
55 — *Põe o coração nas mãos de Deus e diz-lhe: «Destroça-o, Pai, purifica-o.*

A DOR E O AMOR

56 — *És uma fonte amor... Deixa-a correr, porque o teu amor é para os outros e o prazer do amor é para ti!*
57 — *Não és feliz? É porque amas pouco.*
58 — *Queres apagar a sede de amor divino? Transforma-te em fonte.*
59 — *O Cosmos palpita em ti; ama-o, como se o alimentasses com o vaivem do teu sangue e o latejar do teu coração.*
60 — *Enche o teu cântaro na fonte do amor divino e a fonte to agradecerá.*
61 — *Tua alma terá tantas madrugadas, como sóis que crie o teu amor.*
62 — *Se avivares o fogo sagrado do amor, que seja a tua alma o combustível.*
63 — *Pensa que és um Universo vazio que teu amor encherá de sol.*
64 — *Só pela inteligência vencerás a alma; mas só pelo amor crescerá a inteligência.*
65 — *Quando souberes voar esquecer-te-ás de todos*

os caminhos e o amor infinito orientará teu voo.

66 — *Ah, pobre alma! Se soubesses amar, iludirias toda a dor humana.*

67 — *Não ames. Sê amor!*

68 — *As nuvens de teu céu se dissiparão, se as olhares com amor.*

69 — *Alma, ilumina o que amas! Se o amares todo, o infinito Universo será transparente para ti.*

70 — *O teu amor é a única recompensa da maravilhosa obra de Deus.*

71 — *Se soubessses encher os abismos com o teu amor, não haveria abismos.*

72 — *Dize-me de teu amor e te direi de tua grandeza.*

73 — *Se o amor ensina a alma a dar-se, é que por ele aprende.*

74 — *O que de nós próprios ainda não demos por amor, é porque não é nosso.*

75 — *Teus olhos não verão, se não olharem com amor. Porque esse é o desígnio de teu Pai.*

O AMOR DE DEUS À ALMA; O AMOR DA ALMA A DEUS

76 — *A tua alma transcende tudo. Só há um limite para ti: Teu Pai.*

77 — *Reclina a cabeça no teu coração e diz todos os dias: «Bendito Senhor que floresceste também neste rebento!».*

78 — *Verás Deus, quando tiveres olhos para vê-lo!*

79 — *Cada alma é o eco da voz de Deus. Ouve o seu eco na quietude de teu ser e na mudez de tua essência.*

80 — *Só quem está só, de Deus se sente isolado.*

81 — *Dá-lhe as tuas asas; ele te dará o voo.*

82 — *Crês que a suprema sabedoria permitiria que teus erros e defeitos fossem inúteis?*

83 — *Homem! Podes fazer o que quizeres; há quem cuida que tudo seja para bem.*

84 — *O Senhor não te pede nada, quer que lhe dês tudo por ti mesmo.*

85 — *Se amas a Deus com o mesmo frenesi com que amas a criatura amada, as tuas asas encherão universos.*

86 — *Em cada instante da sua eternidde a tua alma verá um novo aspecto de seu Pai.*

87 — *Quando quiseres saber não o perguntes a teu Pai. Ama-o, e nesse amor acharás todas as respostas.*

88 — *Não és tu que vais a Deus. Não chegarias nunca. É ele que chega a ti em cada latejo do teu coração.*

89 — *A eternidade é a Infinita Paciência de Deus à espera da tua purificação.*

90 — *Deus prepara gradualmente a tua alma através da eternidade, para que sobrevivas à contemplação da sua grandeza.*

91 — *Não receies o destino dos homens; todos vivem na casa de seu Pai.*

92 — *Homem, por estares em homem não entendes o amor de Deus, porque és amor de Deus!*

93 — *No isolamento de ti mesmo estarás sempre com teu Pai.*

94 — *Pensa bem nisto: também hoje teu Pai te disse a sua palavra de amor.*

95 — *Quando chamas teu Pai, está tão perto de ti, que julgas que és tu mesmo.*

96 — *Sorri, alma, sorri, que te vê teu Pai.*

97 — *Teu amoroso Pai, que tudo pode, só pode dar-te uma coisa: Perfeição.*

98 — *Para chegar a Deus há um caminho largo como o Universo: Amor se chama.*

99 — *Teu Pai é quem melhor compreende as tuas fraquezas e o único que interpreta as tuas grandezas.*

100 — *Ama-o, ama-o! Quanto mais o amares, maior parte dele terás.*

101 — *Escuta-o! É tão doce a voz do seu amor infinito, que se a ouvires amarás sempre.*

102 — *Tanto poder e tanta benignidade tem o teu amoroso Pai, que só o sentes, quando o amas.*

103 — *Quando o buscares o acharás, porque vives em sua eterna companhia.*

104 — *Espera-o, como se chegasse a cada instante; recebe-o, como se não chegasse nunca.*

105 — *Porque tomas tão pouco do que te oferece teu Pai?*

106 — *Talvez Deus seja o único verdadeiramente teu.*

107 — *Não porque o viste, não porque o ouviste; é porque o amas e crês n'Ele.*

108 — *Se o amas, é porque iludiste o cárcere da inteligência.*

109 — *Tudo o que teu divino Pai quer de ti hás-de dar-lho algum dia.*

110 — *Deus está em ti desde sempre, mas começarás a verdadeira vida, quando estiveres n'Ele.*

111 — *Mais do que ir a Ele, deves aprender a recebê-lo.*

112 — *Podes amar teu Pai sem medida, porque n'Ele não achará limite o teu amor.*

113 — *Ele ama-te com todo o Universo e às vezes não o ouves.*

114 — *Mesmo que fujas de teu Pai em tuas infinitas vidas, de tuas infinitas mortes despertarás sempre em seu regaço.*

115 — *Privaste-te d'Ele, estando n'Ele; por escolher entre Ele e as tuas fraquezas.*

116 — *Não há mistério em teu Pai; o mistério és tu. Ele É em todo o seu infinito e magnífico esplendor. Tu és na mínima parte de tua pequena luz; e só há o mistério da tua sombra.*

117 — *Quando o teu coração se alegra sem saber porquê, é porque nele sorriu talvez teu amoroso Pai.*

118 — *Se o amasses a ponto de te esqueceres de ti próprio, Ele falaria por ti.*

119 — *Não acabarias nunca de enunciar a maravilhosa e infinita mensagem de tua alma e ainda não começaste. Que esperas?*

120 — *É o teu riso interior no seu fluir eterno que vai cobrindo as margens de flores.*

121 — *Se fosses tu e não Ele quem tudo faz, não poderias morrer nem nascer.*

122 — *Leva-lo em teu coração e vives alheio à tua infinita ventura.*

123 — *D'Ele te afastas na curta noite de tua alma, mas n'Ele estás no teu dia eterno e luminoso.*

124 — *Tão delicadamente amoroso é o abraço de teu Pai, que só o percebes como eterno e doce anelo.*

125 — *Não esqueças que o mesmo degrau que te serve para descer, te poderia servir de base para subir.*

126 — *Para amar teu Pai não deves renunciar à tua vida; só quando O amares começarás a vivê-la.*

(I. D. S. traduziu)

D'AQUÉM E D'ALÉM...

★ *Reabriu auspiciosamente a* Maison des Spirites *(Casa dos Espíritas) de Paris, 8, Rua Copernic, que durante a ocupação alemã sofreu grandes prejuízos materiais.*

★ La Revue Spirite, *que atingiu 95 anos de existência e durante a Guerra Mundial foi obrigada a sair da capital francesa, voltou a Paris. A sua administração encontra-se presentemente na Casa dos Espíritas.*

★ *O Hospital Espírita de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, actualizou o Regulamento de Assistência mediúnica, no sentido de conseguir maior eficiência no tratamento.*

★ *O Albergue Nocturno «Bezerra de Meneses», da cidade do Cruzeiro, Estado de S. Paulo, é uma dependência do Centro Espírita «Vicente de Paulo» e albergou no 1.º semestre de 1952 os seguintes necessitados: homens — 232 com 287 pernoitas; menores — 15, com 30 pernoitas; mulheres — 32, com 70 pernoitas; menores — 19, com 40 pernoitas. 289 albergados pernoitaram 427 vezes, libertos do frio e da chuva.*

★ *O «Poder», semanário espírita de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil, dirigido superiormente pelo nosso confrade e assinante Arlindo Correia da Silva, lançou uma campanha de assinatura, no sentido de atingir edições diárias. É um jornal de tribuna livre, onde os próprios colaboradores discutem à vontade.*

★ *A associação francesa «Amour et Vie» publicou o livro «A Argila, terra rádio-activa para curar todas as doenças». Trata-se de uma colectividade espírita que difunde a terapêutica natural no combate às deficiências orgânicas.*

★ *Saiu o 3.º número de «El Siglo Espírita», órgão da Central Espírita Mexicana, de que é presidente o nosso redactor-correspondente Rufino Juanco.*

★ *A União Espírita Francesa comemorou em 23 de Dezembro último o 150.º aniversário de Victor Hugo.*

★ *«As Edições do Ermita», de Paris, acabam de publicar o livro de Michel Maine «Guérir par la Radiesthésie», ilustrado com muitas gravuras elucidativas. O mesmo autor já nos deu: «La Radiesthésie en Images», «Cours de Radiesthésie Medicale par Correspondence» e «Promenade à la Baguette et au Pendule» (filme radiestésico de curta metragem).*

★ *A Empresa Editora «O Clarim», de Matão, Estado de S. Paulo, acaba de editar «Uma Grande Vida», biografia romanceada de Cairbar Schutel, fundador da Revista Internacional do Espiritismo. É da autoria de Leopoldo Machado e prefaciada por José da Costa Filho, actual director daquela revista.*

★ *No Parlamento francês o Dr. Charles Claoue apresentou um projecto de lei tendente à organização de um estatuto de medicina livre que permita o exercício das faculdades curadoras.*

★ *Na Dinamarca há uma Sociedade Fraternal Espírita (Spiritualists Brotherhood) que há 42 anos está instalada em sede própria.*

★ *A agremiação espírita* La Fraternidade, *de Buenos Aires, organizou em Agosto de 1952 o seu Primeiro Curso de Doutrina Espírita, baseado num programa de Humberto Mariotti.*

★ *Na cidade do Salvador, capital da Bahia, fundou-se há pouco a* Caixa de Propaganda e Excursões Lins de Vasconcelos, *com o fim de distribuir folhetos gratuitos de propaganda doutrinária e custear excursões de conferencistas a localidades do interior do Estado. Dirigem o empreendimento os nossos confrades Alfredo Miguel, Lourival Bonfim e Genaro Amado Melhor.*

★ *O escritor francês Marcel Petit publicou no semanário* Detective *o resultado das suas investigações psíquicas, sob o título geral: «Pode-se comunicar com os mortos?». Não esquecemos ainda as suas crónicas sensacionais insertas no* Inter *e que tamanha impressão causaram.*

★ *Segundo lemos em O* Poder, *de S. Paulo, o nosso colaborador Pietro Ubaldi encontra-se outra vez no Brasil.*

★ *Criou-se em Belo Horizonte, capital do estado brasileiro de Minas Gerais, uma escola de Biomagnetismo, onde se ministra, pessoalmente ou por correspondência, a ciência magnetoterápica. O curso é de 25 lições e cada uma custa 25 cruzeiros, pagos adiantadamente. Endereço: Rua Rio Casca, 387.*

★ *Acaba de fundar-se em Inglaterra a revista* The Spiritual Healer *(O Curador Espiritual), dirigida pelo famoso curador Harry Edwards, a que temos feito numerosas referências.*

★ *Os artigos contra a teoria da reencarnação, publicados no* Psychic News *por W. H. Evans, originaram inúmeras cartas de objecção à doutrina exposta por aquele expositor, demonstrando que na Inglaterra a ideia das vidas sucessivas vai ganhando terreno entre os espíritas. O marechal do Ar Lord Dowding e Shaw Desmond, são reencarnacionistas sinceros e têm feito numerosos adeptos.*

★ *Sob o título de* Orientação Heliosófica, *apareceu uma nova revista espírita, órgão da Cadeia Heliosófica da América Central, com sede em Quezaltenango, Guatemala, cujos objectivos são difundir a doutrina no país e fora dele. É seu director o conhecido propagandista sr. Joaquim Rodas M.*

★ *A Sociedade «Constância», de Buenos Aires, homenageou os seus médiuns no dia 20 de Janeiro com uma grande reunião de confraternização reveladora do carinho que lhes merecem esses abnegados obreiros, sem os quais o Espiritismo não passaria de doutrina estática sem vida própria.*

ESTUDAR P

Por F. N

O insigne Allan Kardec, o codificador e apóstolo por excelência do Espiritismo e a alma lúcida e ingente duma doutrina mestra, liberta de dogmas e de bulas a dinheiro para todas as mazelas, esse médico francês desencarnado em Paris, habitando, mortalmente, o cemitério denominado Père Lachaise, compreendeu muitíssimo bem o valor da Ciência e a necessidade imperativa de lhe sermos afectos.

Não é o Espiritismo uma ilusão perdida ou um efeito de magia. É uma realidade plena, de horizonte amplíssimo, nada contendendo com o livre arbítrio e nada propondo que possa melindrar a consciência humana.

Não é subterfúgio de coisa alguma nem expressão oculta de ganância.

Afirma a existência de Deus, energia suprema, causa das causas e fonte do existente e crê na imortalidade da alma, sem falsos raciocínios, sem truques sofísticos, sem argumento no vago.

Em tudo, a lição do grande Mestre se comporta dentro de dados científicos, em que o método e a lógica predominam precìpuamente.

Só assim, de facto, o Espiritismo chegou até nós, vingando, apesar de calúnias, de ódios, de vinganças soeses. Uma das remetidas insensatas de que tem sido alvo, mostra-o como produto de Satanás, malignidade infernal. Muita gente ignorante e de má fé aceita como verdade esta imputação infamante e não hesita em propagá-la.

Importa, por isso, que não haja silêncio ou indiferença por nossa parte neste capítulo.

E nós, felizmente, não carecemos de bases resistentes para manter-nos em linha honesta e aprumo convicto.

A Ciência é nosso arsenal de provisão selecta inesgotável; e uma galeria vasta, honrada de presença por cientistas e cultos representantes de todas as províncias do saber, incluíndo as Belas-Artes, opulenta com brilho fluentíssimo a ambiência mundial espirita.

Estudar para saber impõe-se; é a frase que adoptei para título desta elaboração, e estou de acordo com Allan Kardec. Não teme o espirita a luz a jorros, a radiosidade arrebatadora! Convém o alvor, em todo o sentido, aos discípulos do proeminente Mestre. Estudando e espancando trevas cerebrais, emancipam-se de escurentezas impertinentes e sacodem-se deficiências perniciosas.

E quando alguém se atrever a menoscabar do Espiritismo, poderá apontar-se-lhe a veneranda exemplificação do seu «expoente máximo» e a exteriorização sem émulo da actividade benemérita da sua filosofia: o imenso bem-fazer, a caridade portentosa!

É este o seu testemunho

Livros de todo o Mundo

Anotados por RAMOS PEREIRA

166. AUX MÉDIUNS. CONSEILS DE NOS GUIDES SPIRITUELS. Edição do «Amour et Vie». Paris, 1952.

É um conjunto de «comunicações» recebidas através de Lucie Piazzo em que a pureza das concepções, a finalidade dos conselhos, a claridade e singeleza da linguagem, a serena sublimidade das preces são evidente sinal da elevação moral de quem proferiu tais comunicações. Conselhos aos médiuns, um «manual espiritual» para os «instrumentos do Além». O objectivo é mais largo, porque as «comunicações» podem contribuir para a formação espiritual de qualquer homem. Medite-se, por exemplo, nesta passagem: — «Aujourd'hui, la souffrance générale sur la terre rend la vie difficile et pénible à tout homme de coeur. Mais je te le dis: *ce n'est pas de tristesse, d'amertume, de regrets inutiles autant que stériles qu'a besoin le monde, mais de ton coeur.* Ton coeur d'homme qui n'aura pas vécu inutilement. Le monde a besoin de ton coeur, mais il a bien davantage besoin du réveil de ton coeur, car *un coeur compatissant ne suffit pas à l'heure actuelle*».

Sem dúvida que há abundantes trechos versando o objectivo concreto da formação e desenvolvimento mediúnicos, a orientação prática de sessões, etc., mas a maioria foca-se — e bem — no campo da universalidade humana.

167. MENSAGENS DE JOÃO EVANGELISTA, por *João de Almeida Júnior*. Edição Excelsior. Lisboa, 1952.

Segundo um prefácio, estas mensagens são recebidas por psicografia automática, mas nele nada se nos diz sobre experiên-

ARA SABER

DRONHA

directo no Brasil, o seu fundo e forma, a sua aura típica, a sua genuína modalidade espansiva.

Traduz-se em tão completo quadro panorâmico uma acção moral permanente, exaustiva, cingindo frontes e identificando corações pela mesmíssima razão de fraternidade.

Se atentamos nisto, sentimo-nos propelidos a confessá-lo pràticamente, mutuando ideais afectivos e considerando interesse imediato de cada um a própria ascese emotiva de conjunto.

Glória e graça ao Espiritismo, à memória sempre viva do seu codificador, àquele que reconhecia no estudo o recurso natural para aquisição do conhecimento e, no saber, na realidade científica, a alavanca de diamantes com que se abroquela a ideia, o pensamento, no ascenso para o Além, região astral de luz perpétua, prémio inefável de almas depuradas. *A verdade é o que é*, disse um doutor da igreja romana, e não o negamos nós.

O que é claro como água pura assoma para todas as outivas, para todas as visões não doentes e para todas as consciências integérrimas.

O que é preciso nas fileiras do Espiritismo é perseverança, cordialidade, união.

Não se compreendem nem se justificam esmorecimentos de ânimo e deserções onde razão e experiência se conjugam, factos e não ficções são argumento de prova, não se recorre a câmara cerrada nem a pedras filosóficas e quejandas coisas impróprias de centros ilustrados e de mentes equilibradas.

A arguição de diabolismo cai por si própria, atingindo o ridículo.

Deus e Jesus vivem no senso íntimo de cada espirita e a prece abre e fecha todas as suas sessões.

De diabolismo são orientados os maus espíritos, os sem carácter, sem convicções de seriedade.

A crítica exige ciência, a ciência contensão e estudo, e ambas estas modalidades exigem juizo, consciência e brio.

Repito mais uma vez: *estudar para saber impõe-se.*

Ciência infusa é suposição absurda, miragem de vesano, loucura deliriosa.

Mestre e almo Espírito de Verdade, eu quis consagrar à tua memória, nesta emergência oportuna, a minha homenagem de respeitoso acatamento e o culto de admiração que me despertas.

Quisera ser forte de eloquência para tanto e rico de saber para poder definir-te com acerto.

Mediocre de faculdades e minguado de outros recursos de engenho, rastejando apenas, assevero-te que sou solidário com os que se aproximam de ti pela capacidade, pelo convencimento, pela aura de peregrina unção no Além infinito!

É de justiça que a nossa gratidão te acompanhe na lição de sábio e no exemplo de bondade.

cias feitas no sentido de provar a identidade do espírito comunicante, que, sem dúvida, devem ter sido levadas a cabo.

Lemos atentamente as mensagens. Salvo em um ou outro arroubo mais ou menos rústico e em uma ou outra passagem de recorte doutrinário, as comunicações não passam dos lugares comuns já muito repizados. Numa opinião puramente pessoal, custa-nos a compreender que um espírito que há quase dois milénios foi o «discípulo amado» de Jesus tenha agora para dizer aos homens apenas o que deparámos nestas mensagens, que podiam ser (e é isso que se deveria, a meu ver, esperar de João, o Evangelista) um comentário aprofundado do Evangelho escrito sobre os seus ensinos e do Apocalipse das suas visões. Parece-nos uma opinião fundamental, porque... é lógico e é humano que as exigências sejam harmonizadas à natureza da personalidade. Não se pode querer que o fraco realize esforços de gigante nem que o zoilo suba aos pináculos do génio, antes que a lei da transformação espiritual se tenha cumprido; mas quando se trata de um Grande Espírito é consequente que obra *sua* seja o reflexo da *sua* grandeza. E que contraste confrangedor se formou em nós quando pesámos as «Mensagens de João» ao lado do «Evangelho *segundo* João»!

Não há que buscar uma ressalva no *modo* da comunicação, porque, tratando-se de psicografia automática, as dificuldades reduzem-se ao mínimo... o que não é o caso da escrita semi-automática ou simplesmente intuitiva, em que há já uma interferência do espírito do médium, exigindo, portanto, que este possa criar um *campo* favorável — intelectual e emocional — à manifestação.

168. JUVENTUDE EM MARCHA. Edição, F. E. B., Rio, 1951.

Pequena história do movimento das juventudes espíritas do Brasil e apresentação dos regulamentos e directrizes seguidas pela Federação Espirita Brasileira na orientação e formação espiritual daquela juventude.

Madame Boulet, de Auchel, grande médium de efeitos físicos

— I —

I. — O PASSIVO

1.º — *A sua vida*

A senhora René Boulet é natural de Amiens, onde nasceu, em 1904. Casada com Alfred Boulet, homem simpático, reside actualmente em Auchel, pequena terra do distrito de Pas-de-Calais, célebre pelas suas minas, seus mineiros, grevistas da fome, sua equipa de futebol amador e de hoje em diante pelo assombroso médium de «apports», cujos feitos são o assunto máximo de todos os centros espiritas da região, o que não impede a Sr.ª Boulet de continuar a ser a mulher mais modesta e simples que se possa imaginar.

Esta súbita celebridade não parece ter-lhe subido à cabeça nem modificado o rumo da sua vida. Fisicamente é mais pequena do que grande, morena e bastante forte: é uma mulher de «peso» que não passaria despercebida (particularidade de grande importância). É professora de música e de piano, facto a considerar.

2.º — *Como se tornou conhecida em 1947*

A Sr.ª Boulet ignorava por completo as maravilhosas faculdades mediúnicas que possuía. Como nos conhecemos tão mal!

Foi ao Sr. Pascal de Nice que coube a honra de ter descoberto em 1947 esta nova «estrela mediúnica» numa exposição das obras do pintor mineiro Lesage, organizada em Lillers. Designou-a nos seguintes termos: «Encontra-se nesta sala uma professora de música que será médium de efeitos físicos», notícia que a princípio surpreendeu muito a interessada, mas que se revelou depois completamente verdadeira.

3.º — *Sua formação*

A Sr.ª Boulet desenvolveu-se sòzinha, sem auxílio de ninguém. É uma médium sensitiva, de sistema nervoso muito excitável, dotada de uma grande faculdade de expansão e penetrabilidade que a predispõem de vista mediúnico, podendo citar-se: a inglesa Miss Hilda Lewis e o italiano Carlo Vergani.

A Sr.ª Boulet, que é bem francesa, possui mediunidade muito variada: não é exclusivamente de «apports»; é também de psicografia, de escrita directa, de efeitos telecinésicos e de materialização.

II — O ESPÍRITO GUIA: FRANZ LISZT

A Sr.ª Boulet não trabalha sòzinha. É assistida, guiada em suas experiências por uma entidade superior que a princípio se deu a conhecer pelo número 1823. Depois veio a saber-se que sob este número se escondia o prestigioso compositor húngaro Franz Liszt, que nasceu em Raiding em 1811.

Investigações biográficas permitiram-nos saber depois que a data de 1823 era para ele muito importante: a sua chegada a Paris.

Como provas da identidade de Liszt podemos mencionar os «apports» de numerosas fotografias ou reproduções do seu retrato por Deveria, com dedicatória!

Não foi por obra do acaso que a entidade escolheu Mme. Boulet, pois uma comunhão de gostos, de disposições musicais e sobretudo uma certa afinidade psíquica os unia e atraía. O professor Liszt teve algumas vezes de prodigalizar à aluna Boulet (que a Sr.ª Boulet me desculpe) conselhos de ordem técnica sobre a composição ou interpretação de certas peças musicais. Que felicidade ter um Mestre assim! Quem não desejaria aprender piano com um «virtuose» daquela classe?!...

O próprio autor do incomparável «Rêve d'Amour» das «Rapsódias Húngaras» interpretou ao piano, *in promptum*, algumas linhas melódicas de músicas escolhidas pelos assistentes.

Música divina! — declarou-me um deles.

Além disso, é uma entidade das mais benevolentes, que se inclina piedosamente sobre as misérias de seus irmãos terrenos e procura aliviá-los com preciosos conselhos médicos e algumas curas maravilhosas.

Finalmente e acima de tudo, é um espírito-guia dos mais elevados que prossegue no Além o fim que cá tinha aplicado à Arte: o aperfeiçoamento moral.

Eis o texto inédito (traduzido do alemão — língua desconhecida da médium) de uma das suas últimas mensagens, recebida em 3 de Dezembro de 1950:

«Fazer todo o bem que se possa.
Amar a liberdade acima de tudo.
E mesmo diante de um trono
Nunca trair a VERDADE».

«O ser elevado deve proceder como tal!» — costumava ele dizer.

III — CONDIÇÕES A QUE OBEDECIAM AS EXPERIÊNCIAS

1.º — *Local das experiências:* as experiências não se realizam em casa da médium, mas num salão particular posto à nossa disposição pela Sr.ª L., sócia do *Centro de Estudos Parapsicológicos de Lille.*

2.º — *Tempo das experiências:* variável de 3 a 4 horas, segundo o estado de saúde da médium, ambiente e condições atmosféricas.

3.º — *Número de assistentes:* variável de 30 a 50 ou mais. Verificou-se que os resultados obtidos eram muito melhores com assistência reduzida e favorável. A produção dos «apports» requer maior concentração de fluidos. A intensidade e a qualidade dos fenómenos são função do ambiente, da elevação e da harmonia de pensamentos.

4.º — *Lugar da médium e dos assistentes:* a médium coloca-se na

extremidade da sala, em frente da mesa e do público, sem qualquer vedação ou reposteiro que a escondam, ficando, porém, isolada. Quanto aos assistentes, colocam-se perpendicularmente à médium na chamada «posição de ferradura».

5.º — *Condições de afinidade:* uma corrente psíquica entre a médium e o seu guia espiritual, que permite a combinação dos fluidos.

6.º — *Trabalho em completa escuridão:* àqueles que achem isto anormal e suspeito responderemos que as projecções cinematográficas também se efectuam às escuras. Porquê? É preciso notar que a escuridão é exigida pela própria entidade-guia que dirige as operações do Além e que deve saber o que faz!... Segundo uma comunicação, a luz e os espíritos dão origem a descargas eléctricas; um contacto luminoso em pleno trabalho de materialização produz uma descarga capaz de matar o médium. Por isso se recomendam as maiores precauções. No entanto e embora a obscuridade seja a melhor condição para a produção deste género de fenómenos, mas não absolutamente necessária nem indispensável, certos «apports» têm sido obtidos, excepcionalmente e espontâneamente, em plena luz.

O Sr. Vítor Simon, director do jornal *Forces Spirituelles* e guia «terrestre» da Sr.ª Boulet, afirmou-me: «eu vi «apports» de avelãs em pleno dia». Neste caso parece-nos difícil, se não impossível, duvidar da realidade do fenómeno. Só duvidando da luz do dia ou do testemunho dos nossos próprios olhos!

7.º—*Características essenciais:* estado de consciência do «sujet». A Sr.ª Boulet, à semelhança do médium italiano Carlo Vergani, trabalha no estado de vigília e não no estado sonambúlico, hipno-magnético ou de transe. Mantém toda a sua consciência, toda a sua lucidez durante o tempo das experiências. Ouve tudo o que se diz, dá conselhos, recomendações, pede silêncio e indica o lugar exacto da entidade ou entidades manifestantes, etc. ...

Outra característica secundária: o trabalho da médium é intermitente, periódico, com períodos de interrupção durante os quais se acende a luz, o que permite verificar os resultados obtidos.

8.º — *Aparelhagem e acessórios:* toda a aparelhagem se resume num bloco de papel, um lápis e algumas telas fosforescentes colocadas sobre a mesa da médium.

9.º — «*Contrôle*»: em abono da Verdade, devemos dizer que a médium não é fiscalizada (revista prévia) nem equipada com sinais luminosos que permitam seguir, no escuro, os seus movimentos. Fica isolada atrás da mesa sem qualquer contacto com os assistentes. O director das sessões, Sr. Vítor Simon, deposita nela inteira confiança e parece-nos que é bem merecida. Todavia, muitos poderão lamentar, com o que concordamos, que um «contrôle» mais perfeito, isto é, mais científico, não seja aplicado. Não se julgue, todavia, que ele não existe, pois resulta dos seguintes factos:

a) Concomitância de certos fenómenos — duas ou mais pessoas colocadas em lugares diferentes e opostos são «tocadas» no mesmo instante;

b) Outros fenómenos se produzem a grande distância da médium (4 a 5 metros) e se lhe podem atribuir. Por exemplo: levitações de quadros ou cadeiras que atingem o tecto ou se observam num perímetro dela afastado;

c) «Contrôle» mútuo dos assistentes que ligam as mãos ou se encontram na proximidade imediata da médium;

d) Além do «contrôle» pela vista, ouvimos a médium tossir no seu lugar, enquanto o fenómeno se produzia muito mais longe, e fomos tocados à distância de 3 a 4 metros da médium, que se mantinha sempre imóvel;

e) Para terminar, diremos ainda que o espírito-guia também exerce «contrôle» bastante racional. Por exemplo: a levitação de uma cadeira tornada visível pela aplicação de substância luminosa, a aparição de uma parte do corpo da entidade manifestante ou ainda por «apports» luminosos tornados fosforescentes por processo desconhecido, para que possam ser vistos pelos assistentes.

(Continua)

(De *Forces Spirituelles*, de Arras).

António Martins traduziu

Por G. BELAMI
(advogado em Lille)

CRISTIANISMO

Por J. SIMÕES DE MATOS

O Cristianismo sofreu grandes perseguições em seus primeiros séculos de existência, pela religião pagã, mantida pelo governo do Estado daquele tempo.

Entretanto, logo que os primeiros adeptos cristãos se conseguiram impor por suas obras e por sua vida, caíram no mesmo erro de conquistar o poder temporal para oficializar a sua religião e impô-la também aos demais.

A crença apaixonada conduz o adepto a novos excessos, mesmo quando ele desperta sinceramente para nova percepção espiritual. Ele se transporta com todo o seu ardor, desejando convencer a todos de sua boa nova, o que é natural. Mas a maneira intolerante por que o faz e procura impor-se é que lhe tira todo o mérito de trabalho e se afasta do Cristo. Porque isto não faz parte da doutrina do mestre. Nesta parte, o adepto se esquece do que censurou nos outros e só mais tarde, sacrificado pelas consequências de seus actos menos refletidos, verifica o seu erro e procura corrigi-lo, tornando-se mais tolerante e fraterno com seus irmãos menos evolvidos espiritualmente.

Jesus Cristo disse: «Se o grão de trigo caído na terra não se sacrificar, perdendo o corpo no caminho de seu progresso, não viverá nem ganhará grãos». Porque de um grão de trigo nasce uma plantazinha que em seu desenvolvimento produz várias espigas, cada qual com muitos grãos. Assim acontece com o espírito que encarna na terra e se deixa sacrificar por seu puro amor à causa de um sublime ideal. Sua vida e sua obra são uma constante seara, dando frutos de vida eterna para toda a humanidade.

Demonstração das Forças Superiores

por L. B. CASTRO

Quando me capacitei de que a doutrina espirita satisfazia todas as interrogações do meu espírito; quando me convenci de que tinha encontrado nela a resposta à mais recôndita esperança da alma humana — a sobrevivência — numa demonstração que removeu para sempre as cruciantes dúvidas que até aí me tinham alanceado, rejubilei da mais pura alegria. Tão clara e lógica exposição de princípios dispensava, quanto a mim, aquilo a que se pode chamar *demonstração experimental* de tudo quanto tão bela ciência afirma. É preciso não esquecer, que acima de tudo, o Espiritismo é uma ciência e nunca uma religião, como tantos pretendem erròneamente.

Mas o espirita até pelo lado experimental pode ter a satisfação de ver que não está em erro, porque as Forças Superiores (espíritos de grande evolução) se encarregam de ordenar aos espíritos pouco evolvidos (que aquelas forças dominam) que se tornem visíveis, para mostrar a quem estuda a realidade da existência e sobrevivência do espírito.

Habitualmente não sou vidente, mas, quando menos o espero, sucede-me «ver», e de tal maneira, que não me resta a mais pequena dúvida de ter visto.

Tudo isto vem a propósito de querer aqui arquivar um caso de materialização que me foi dado observar.

Tinha eu lido o que já acima disse, isto é, que as Forças Superiores ordenam muitas vezes a um espírito inferior que se manifeste de forma e em condições tais, que aqueles que estudam a doutrina, com o intuito honesto de se esclarecerem. fiquem convencidos, por provas, das afirmações que o dito código contém. A razão por que essa manifestação não pode ser realizada por um espírito superior, é também aceitável e lógica: Um espírito altamente evolvido, só pode penetrar no impuro ambiente da Terra, quando esse ambiente lhe é antecipadamente preparado, isto é, limpo. Ora, essa limpeza (afastamento de correntes de pensamentos impuros) só se consegue por meio de sessões espiritas funcionando com instrumentos de alto valor.

Possuía eu na altura um estabelecimento comercial. Tinha fechado as portas e fora jantar. Acabado este, retirou-se o empregado, assim como o cozinheiro. Apagara todas as lâmpadas, excepto a do meu quarto, cuja janela estava aberta e dava para o quintal, rodeado de grades de madeira, onde havia uma porta que servia de entrada para o estabelecimento, — atravessando o quintal — nos dias em que o horário não permitia a sua abertura. Essa porta encostava-se de noite e segurava-se com um pau de encontro ao chão, e de tal forma, que mesmo pelo lado de fora se podia abrir.

Em África, especialmente os pretos, quando trazem dinheiro na mão e vêem luz, não hesitam em entrar, sem perguntar se podem fazê-lo, seja a que horas for. Muitas vezes tive que apagar todas as luzes para não gritar que já estava deitado e se não viam que a loja estava fechada...

Logo que me afastasse um pouco mais da porta do quintal que se podia abrir por fora, era obrigado de vez em quando a olhar, não fosse alguém entrar sem eu ver. Nessa noite essa porta estava trancada e a porta de casa que dava pròpriamente acesso ao estabelecimento — que por sinal rangia um pouco — estava semi-cerrada, de tal forma, que não podia passar uma pessoa sem ter de a abrir mais.

Seriam 21 horas e por causa do barulho que ouvi para os lados dum pombal que tinha quase no outro extremo do quintal, fui ver — os gatos costumavam perseguir os pombos — e com a preocupação da porta, que se podia abrir por fora, olhei de repente para lá. A noite estava escura, mas o quintal era atravessado pela faixa de luz que saía da janela do meu quarto.

Qual é o meu espanto, quando vejo um preto, já dentro do quintal, dirigindo-se, afanosa e confiadamente, para a entrada do estabelecimento!

E aí vim eu a correr, para que o «freguês» não entrasse para a loja antes de mim...

Mas mais espantado fiquei, quando olhei para a porta e a vi na mesma posição em que a deixara e não vi ninguém, não havendo também lugar onde alguém se podesse esconder! De repente tive a noção de que devia ter sido uma materialização e senti forte arrepio por todo o corpo! Os cabelos parecia quererem erissar-se.

Imediatamente fui ver a porta do quintal — estava perfeitamente fechada como eu a deixara. Já não tinha a mais pequena dúvida. Mas, ainda assim, possuído de vago receio, fui abrir as luzes de casa e esquadrinhar todos os cantos. Eu tinha a certeza que nada encontraria... e todo o meu pensamento ia para o livro onde lera que podia suceder o que acabava de observar!

E então o receio desapareceu e longo tempo meditei em tão extraordinária doutrina. Nunca me julguei digno de tanto e a minha convicção das verdades adquiridas estava agora radicada de uma vez para sempre. Consequentemente, o que até ali tinha para mim já um valor que ultrapassava em muito as mais arrojadas afirmações de tantas filosofias e religiões, passou a ter agora um valor muito maior ainda; um valor definitivo, total, absoluto, sem excluir, todavia, a ideia de maior perfeição, mas que a própria doutrina espirita, por si própria, vai constantemente adquirindo.

Sendo uma ciência, está, como todas, sujeita a evolucionar no sentido, claro está, de uma crescente perfeição. Isto é lógico, aceitável, racional. Vou mesmo ao ponto de afirmar que, embora outro sistema doutrinário surgisse mais perfeito e não quisesse ter ligação com o Espiritismo, ainda mesmo esse seria obra de altos espíritos que muitas vezes se aproveitam dos bons instrumentos de trabalho, ainda que se encontrem em campos doutrinários muito afastados do que agora defendemos.

Os grandes inventores, por exemplo, sabem que a ideia luminosa que tiveram lhes surgiu instantâneamente, mas *vinda de fonte exterior*. Como a evolução tem de processar-se, devemos aproveitar os instrumentos (médiuns) onde quer que se encontrem. Sendo obra de Altos Espíritos, é portanto Espiritismo.

O fenómeno tem explicação, mesmo no trato social terreno:

Um país deseja fazer uma obra de arte de alto valor, seja uma ponte, seja uma rede de canais, seja a decoração exterior ou interior de um parlamento, a factura de grandioso monumento, etc., e quantas vezes não possui os artistas ou os técnicos competentes?! Então vai procurá-los onde os houver, desde que sejam competentes. Contrata-os, a obra faz-se, o progresso efectua-se, a evolução processa-se.

Nada repugna aceitar que no plano astral suceda o mesmo e daí a minha afirmação de que tudo quanto acontece que tem beneficiado a Humanidade, seja puro Espiritismo. O Espiritismo é portanto milenar e só ele tem auxiliado o homem na sua ascensão.

Aqueles que o codificaram foram também Altos Espíritos que encontraram «instrumentos» adequados ao efeito. Esses instrumentos foram Allan Kardec, Luís de Matos e tantos outros, agora em plena actividade, como Pietro Ubaldi, cuja mediunidade assombra o Mundo e que, mercê desses admiráveis dons, vão dando a conhecer cada vez melhor essa Doutrina — verdadeira ciência das ciências — e a nossa real posição, no seio de tudo quanto Deus criou.

Alto serviço, porventura o maior de todos que a Humanidade só agora mereceu receber, por seu relativo estado de adiantamento. Até aqui, ela não teria compreendido tanta transcendência, mas agora, sendo o ritmo da sua evolução muito mais acelerado, é tempo de ir recebendo a LUZ, a fim de que esse ritmo não sofra atraso, antes pelo contrário, seja mais activado.

Aqueles que por interesse, facciosismo, comodismo, ou quaisquer outros sentimentos anti-progressivos se negarem a caminhar ou pretenderem entravar a ascensão para que somos impelidos, serão vítimas do próprio erro e um dia a LUZ os cegará. Então hão-de gritar de desespero e a Luz os fustigará e os penetrará dolorosamente, até que do seu espírito desapareça o erro, o fanatismo religioso e todas as baixas paixões a que deram guarida!

Noutro artigo, falarei do que resulta quando se adoptam e se cumprem tanto quanto possível os princípios doutrinários do Espiritismo: Aumento de confiança em nós próprios, a saúde física, oportunidade da intervenção das Forças Superiores em certos momentos da nossa vida, razão de vícios e manias e facilidade de nos libertarmos deles, elevação moral, etc.

Luanda, Outubro de 1952.

Cultura Médica

Num pequeno folheto dactilografado que acaba de nos chegar às mãos, os estudantes de medicina esboçam um vasto programa de trabalhos no sentido de elevar a mentalidade de quantos se dedicam à terapêutica. Têm razão os jovens estudantes. A ciência dos homens carece de incentivo e orientação, a fim de se não perderem alguns salvados preciosos que lhe restam dos naufrágios da cultura. Os novos sabem disto e estugam o passo recuperador, pelo menos em projecto aliciante, susceptível de entusiasmar e renovar. Eles dizem convictamente: «Lutaremos contra o obscurantismo e charlatanismo que em muitos pontos do mundo vêm ganhando terreno». Óptimo. Estamos de acordo. E a seguir acrescentam: «Para que não tomem a nossa afirmação como presunçosa e gratuita, lembramos que cá em Portugal, médicos pretendem diagnosticar e receitar por intermédio da «ciência Radiestesia» (pêndulo)!!! (sic). E mais lembramos a afirmação feita a alguns estudantes da nossa Faculdade por um médico, delegado brasileiro à Organização Mundial de Saúde (UNESCO), quando da última reunião deste organismo em Lisboa: «75 por cento dos médicos brasileiros são espiritas praticantes e os grandes clínicos ingleses trabalham com um médium, pelo qual conseguem saber diagnósticos!!!».

Aqui, já se levanta o véu da parábola e surge a interrogação: Que entendem eles por charlatanismo? Só a ignorância engendra semelhantes ideias; aliás, saberiam quanto é douta a classe médica brasileira, cujo prestígio reflecte o trabalho glorioso desses grandes obreiros da humanidade. E se eles são espiritas, é porque o Espiritismo se enquadra num sector intelectual que preconiza novas terapêuticas, em benefício da saúde pública.

Charlatão é o que anuncia virtudes que não tem, explorando a boa fé dos incautos. Charlatão é o pantomineiro vulgar que não olha a meios para conseguir os fins. Apelidar de charlatães os médicos que estudam Espiritismo e se esclerecem para melhor exercer a clínica é sintoma de atraso mental digno de piedade. Não teria o delegado brasileiro condições bastantes para honrar o seu país num cenáculo mundial? E se assim fosse teria sido nomeado para cargo de tamanha importância?

Melhor fora que os jovens escolares demonstrassem critério científico nas suas afirmações, superando em intuição o preparo mental adquirido. O misoneismo é zona estreita onde as águias não voam e o médico moderno avança resolutamente nos caminhos hodiernos, insensível às críticas e motejos de seus companheiros. Conhecemos muitos clínicos que utilizam as faculdades mediúnicas no exercício da actividade profissional, sem que por isso sejam charlatães. Os próprios curandeiros nada mais fazem do que aplicar dons naturais à debelação de enfermidades. E se obtêm efeitos reconhecidos pelos médicos, também não fazem charlatanismo.

Pugnem os estudantes pela elevação da mentalidade científica, não esquecendo o perigo do exclusivismo conducente a erros imperdoáveis. Assim, sim; mas taxar de obscurantismo certas práticas naturais de resultados positivos, só porque se exercem à margem de normas adoptadas pelo maior número, é ter em demasiada conta o valor próprio, esquecendo o valor dos outros.

Os estudantes de medicina propagaram o Espiritismo nas suas objurgatórias. Repetiram que 75 % dos médicos brasileiros eram espiritas praticantes e que os grandes clínicos ingleses trabalham com médiuns na obtenção de diagnósticos. Agradecemos-lhes a publicidade. Daqui a dez anos, quantos moços de hoje não terão ingressado em nosso campo e procurado médiuns para seus diagnósticos?...

I. D. S.

PROBLEMAS DA IMORTALIDADE

Por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

1

O CASO DA MENINA HINDU

Não faz ainda vinte anos, a imprensa europeia divulgou amplamente o caso de uma menina de 9 anos, residente em Delhi (India), que se recordava de uma existência imediatamente anterior, vivida naquele país, na cidade de Mutra. O dr. Gustavo L. Abry, de S. Paulo, traduziu o noticiário de publicação estrangeira e fez sobre o caso um longo e judicioso comentário pelo «Diário Alemão» de 22-1-36. Mais tarde, na secção forense de «O Estado de S. Paulo» (ed. de 24-5-36) também dele se ocupou, em brilhante crónica, o conhecido jurista dr. Plínio Barreto. Comparado com outros registos da mesma espécie, que conhecemos, julgamos ser este, a que nos estamos referindo, o mais extraordinário, tanto pela abundância de detalhes, como pela nitidez das recordações que a garota conservava de sua encarnação precedente. Vamos resumir a descrição feita por aqueles dois distintos comentaristas da imprensa bandeirante. Um dia, reunidos em casa os membros da família, a menina deu em falar coisas estranhas. Dizia ter vivido e morrido na cidade de Mutra, onde era casada com um rico negociante hindu, cujo nome declinou, e com quem tivera um filho que tempo depois faleceu. Descreveu os traços desse negociante, o seu aspecto, as suas actividades e a casa que lhe pertencia, com uma fidelidade verdadeiramente impressionante. Parentes e médicos, acompanhados da mocinha, foram, seguindo as suas indicações, ao sítio onde ela afirmara que residira, e onde sob o nome de Lugdi tivera o seu lar. Ali chegando, todos, estupefactos, verificaram a perfeita exactidão das indicações: o sítio apresentava os carcterísticos assinalados, o homem que fora o seu marido lá se encontrava e confirmou que, de facto, havia sido casado com uma rapariga de nome Ludgi, falecida em 1925 e que lhe dera um filho. Divulgado o singular acontecimento, alguns cientistas procuraram explicar as visões da pequena como influências telepáticas... Deu-se então o facto mais pasmoso! A hinduzinha reproduziu também longas conversas íntimas que asseverava ter entretido, há decénios, com o pretenso marido, conversas tão íntimas que era impossível tivessem chegado ao conhecimento de pessoas estranhas. Transmitidas depois ao velho negociante, este ficou excitadíssimo! É que estava tudo certo, palavra por palavra, o que a criança dissera: «um disco fonográfico não poderia ter feito uma gravação mais fiel». Aí está, em suas linhas gerais, o caso da menina hindu. Essas visões, essas reminiscências, verificam-se, com mais frequência, no período infantil. Léon Denis, no seu livro «O Problema do Ser, do Destino e da Dor», reproduz trecho de uma correspondência enviada de Simla (Indias Orientais) para o «Daily Mail» e transcrita no «Matin», narrando um caso de reencarnação de um menino, onde se lé que «estes factos são muito comuns em Burma, onde os reencarnados que se lembram do seu passado têm o nome de «winsas».

2

ANTECEDENTES PSIQUICOS

Se a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, conforme preceitua a doutrina anti-reencarnacionista, todas que o Criador aprouve enviar a este mundo deveriam necessàriamente ser iguais. Deveriam pelo menos ostentar o mesmo padrão de virtudes, visto que das mãos de Deus fora blasfemo admitir que procedam eivadas de vícios e de maldades. No entanto, não é preciso ser psicólogo para se saber que desde a tenra idade física suas desigualdades vão-se patenteando gradualmente, quer do ponto de vista da inteligência como da moral, quer em relação às vocações naturais como às qualidades distintivas do carácter. Todavia, sendo a justiça um dos atributos do Criador, a razão nos diz que Ele não podia ter criado as almas desiguais, isto é, a umas outorgando certos privilégios e prerrogativas e negando a outras essas vantagens. Então força é convir, tomando como nossas as palavras do Espírito de S. Luiz, numa mensagem inserta no «Evangelho Segundo o Espiritismo», que «Deus estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder». Se notamos tanta diferença entre os homens, essa diferença traduz o mundo como exerceram o livre arbítrio desde as primeiras encarnações dos seus Espíritos neste planeta. As almas humanas, escreve por sua vez o filósofo Léon Denis, estão mais ou menos desenvolvidas segundo suas idades e principalmente segundo o emprego que fizeram do tempo que têm vivido; não fomos todos lançados no mesmo instante no turbilhão da vida; não temos caminhado todos a passo igual; não temos desfiado todos, do mesmo modo, o rosário de nossas existências. Naturalmente os que cumpriram a lei, adiantaram-se na senda do bem e do progresso; os que a transgrediram e negligenciaram o dever, atraíram sobre si o sofrimento e retardaram-se. Para se conhecer os antecedentes psíquicos, basta observar a índole das criaturas, os sentimentos intrínsecos que definem as suas individualidades. A alma ao renascer traz uma síntese do seu passado. O seu saber ou a sua ignorância, a sua nobreza ou a sua corrupção,ela desde cedo o demonstra, independente do meio, da educação e da influência ancestral. Quando, por exemplo, duas pessoas in-

teligentes se aplicam ao estudo de uma matéria — uma, assimilando com facilidade os menores elementos, enquanto a outra, só à custa de muito trabalho e aplicação consegue penetrá-la, — ocorre que aquela já possuía conhecimento dessa matéria, ao passo que esta última se encontra pela primeira vez no trato com tais questões. Tal é o caso dos autodidatas, isto é, daqueles que se instruiram por si mesmos, sem auxílio de mestres.

3

OS AUTODIDATAS

Rematamos a última nota com uma alusão aos autodidatas. Na verdade, é curioso, é estranho, o caso dessas pessoas que se elevaram, projectando-se, principalmente, nas letras, e alcançando notoriedade, sem nunca terem cursado uma escola superior ou tido mestres particulares que as ensinassem. Instruiram-se por si mesmas, e muitas, em virtude de seu estado de pobreza, nem de livros, em quantidade suficiente, dispuseram. No entanto aprenderam, fizeram cultura, grangearam fama, e na história literária de todos os povos seus nomes aparecem num lugar de destaque. Por toda parte e em todos os domínios do pensamento vemos essas pessoas realçarem pela sua inteligência e seus méritos pessoais, apesar de não possuírem um diploma académico. Não nos deteremos em citações, o que seria enfadonho. Mas, como lídimos autodidatas, dignos de menção, dois nomes, no Brasil, e, particularmente, no meio espirita, avultam na admiração de quantos os conhecem através da obra extraordinária que vêm realizando no sentido de divulgação cultural do Espiritismo. São eles: o professor Leopoldo Machado e o jornalista Deolindo Amorim. O primeiro é director de um dos mais conceituados estabelecimentos de ensino secundário, na cidade de Nova Iguaçú, Estado do Rio, e possui mais de uma dezena de livros publicados, em que se afirma, brilhantemente, como poeta, contista, teatrólogo, polemista e filósofo. É um dos autênticos valores do Espiritismo brasileiro. Deolindo Amorim, além de homem de imprensa, por vocação, tendo já exercido o ofício como profissional, é membro proeminente da Sociedade de Filosofia do Rio de Janeiro, e tão apreciado como escritor, que o seu último livro, «O Espiritismo e os Problemas Humanos», acaba de ser lançado em Buenos Aires, em edição castelhana, pela «Editora Victor Hugo». Em questões de língua portuguesa é muito versado, sendo profundo conhecedor de História do Brasil, e especialmente da Bahia, de onde é filho, como o é, também, o professor Leopoldo Machado. Enunciava Platão uma verdade profunda, quando dizia que aprender é recordar. Pois se estamos vivendo agora pela primeira vez, se não desenvolvemos nossas faculdades intelectivas e não fizemos progressos no passado, animando outras formas perecíveis, como a que revestimos no presente, de onde vieram, para tantos homens, como nos casos acima referidos, os conhecimentos intuitivos, as aptidões ingénitas, a facilidade com que aprenderam certas ideias e a rapidez com que triunfaram em determinadas carreiras? E por que será que, ao contrário dos autodidatas, outros indivíduos, a despeito das condições de nascimento e dos meios favoráveis ao seu alcance, se mostram intelectualmente retardados, ou por mais que estudem jamais conseguem brilhar pelo talento e por seus dotes espirituais? Há outras indagações a fazer e que, como estas, só encontram respostas satisfatórias mediante a noção da preexistência da alma.

4

MORTE DAS CRIANÇAS

A questão da morte das crianças e do seu destino espiritual nunca foi racionalmente explicado pelos teólogos, como não o foram outras questões que naturalmente repontam de um exame da tese reencarnacionista. Sem poderem sair do embaraço filosófico em que os coloca a complexidade do problema, acham mais cómodo assoalhar que as crianças são «anjinhos inocentes» para quem estão abertas as portas do paraíso. E sustentam esse despautério arrimados numa interpretação graciosa das conhecidas palavras de Jesus com que ele certa ocasião se referiu às criancinhas. Como somos da opinião de Gabriel Delanne, só aceitando como reais as verdades demonstradas pela análise, pelos sentidos e pela observação, vamos, com a devida vénia, discordar dos mestres em teologia, começando por não achar racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Isto justamente porque a observação aqui e ali demonstra o contrário. Não faltam, com efeito, por aí crianças dotadas de instintos maus, astuciosas, pérfidas, malvadas, ou mesmo com acentuado pendor para o roubo e o assassínio, a despeito dos bons exemplos de seus familiares e do meio em que vivem. Os sentimentos de baixeza e perversidade, em muitas, acordam numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação, o que indica terem trazido do berço as suas inclinações ruins. Ainda que o reino do céu se reserve sòmente para as crianças dóceis e bondosas, importa em primeiro lugar esclarecer porque são estas diferentes daquelas e o que fizeram por merecê-lo? Deus não tem preferências e exclusões, o que se verificaria se criasse uns predestinados à felicidade e outros obrigados a conquistá-la à custa de rudes provações e sacrifícios. Pelo contrário, a lei é uma só para todos e o fundamento da justiça na aplicação das recompensas e das penas assenta no mérito e no demérito que advém das obras de cada um e do exercício de sua vontade. Logo, os que, na idade infantil, sem terem exercitado a sua liberdade em actos conscientes, não fizeram mérito nem demérito, que prémio ou punição podem receber? Esta, uma pergunta que jamais encontrou resposta precisa e judiciosa da parte dos teólogos. Ora, segundo o Espiritismo e a preceito da lei das vidas sucessivas, as crianças só o são na idade física, pois que seus espíritos já viveram e trouxeram as aquisições do passado, conforme o denotam pelas tendências naturais que começam a revelar na puerícia. A curta duração de suas vidas tanto pode constituir uma provação ou expiação para os pais, como representar para os espíritos que as animavam o complemento duma existência precedentemente interrompida. Muitos não deixam de ser aqueles que destruiram a própria vida, abreviando-a criminosamente, e que tiveram de voltar e aqui permanecer o tempo que faltava para concluí-la. O assunto é aliciante e convida a prosseguir.

5

A HEREDITARIEDADE

Não resta dúvida que a hereditariedade é uma teoria falha, ainda quando analisada do ponto de vista estritamente fisiológico. Pouco importa que certas particularidades do organismo se transmitam dos pais aos filhos e outro tanto se dê em relação a algumas qualidades morais e doenças dos ascendentes, que se repetem, pela procriação, nos descendentes. Pouco importa que a semelhança física seja igualmente muito notável num mesmo grupo familiar, preponderando acentuadamente nos traços fisionómicos dos irmãos ou entre estes e seus progenitores. Nada disto tem maior importância, desde que não é raro ver-se em uma família filhos nada parecidos com os pais, quer no que tange ao físico, assim quanto à inteligência e ao moral. Tenhamos em conta, por outro lado, os casos de indivíduos portadores de doenças graves, ou dipsomania, que geraram prole saudável e imune deste vício. Recìprocamente, vemos ébrios contumazes, ou pessoas raquíticas e enfesadas, cujos ascendentes eram abstémios e robustos... Excogitando da questão hereditária, no seu portentoso livro «A Evolução Anímica», observa, com acerto, Gabriel Delanne, que, se é fácil demonstrar que o organismo material nem sempre é transmissível, mais fácil é admitir que a hereditariedade intelectual venha a falhar muitíssimas vezes. E falha mesmo. Desta verdade nos apresenta a História copiosos exemplos, porém sòmente alguns citaremos. O imperador romano Calígula, tristemente célebre por seus actos de despotismo e atrocidade, era filho do benevolente Germânico, aquele Germânico tão querido por seu carácter nobre que certos reis, diz Suetónio, por sua morte raparam as barbas e cortaram os cabelos das suas esposas em sinal de grande luto. Vespaciano, espírito liberalíssimo e indulgente, protector dos talentos e das artes durante o seu principado, deu ao mundo Dominiciano, cruel, ignorante e incestuoso. O sábio e virtuoso Marco Aurélio gerou o miserável Cómodo. Péricles, que legou o nome ao século em que viveu, pelo florescimento da cultura ateniense no período do seu governo, produziu dois patetas, que a história menciona sob os nomes de Paralos e Antipas. Tucídides, historiador grego, contemporâneo e discípulo de Heródoto, assaz admirado pelo aticismo da sua prosa, teve por descendente o inepto Milésias. Desprezíveis eram os filhos de Sócrates, de Temístocles, de Cícero... «Se a hereditariedade psíquica existisse — exclama o publicista português Isidoro Duarte Santos — haveria muitos génios e Rousseau não teria sido filho de um relojoeiro». Nem Shakespeare de um açougueiro; nem Edison de um chaveiro de estrada de ferro; nem Voltaire de um notário; nem Joana d'Arca de camponeses; nem o cardeal Aquiles Ratti, mais tarde papa com o nome de Pio XI, teria nascido de um casal modesto empregado em pequena fábrica de tecelagem. Os homens que mais se elevaram nas ciências, nas artes, na literatura — em todos os domínios do pensamento — saíram, quase sempre, das camadas mais humildes da sociedade. Em numerosas obras no género biográfico se encontrará a prova disto, sendo que uma, particularmente interessante, é «O Poder da Vontade», de Samuel Smiles. É inegável que existem famílias de músicos, de pintores, de poetas, mas isto é outra questão que pouco tem a ver com a hereditariedade.

6

O GRANDE PROBLEMA

Reproduzindo, em síntese, um caso típico de obsessão, dentro os muitos relatados pelo dr. Inácio Ferreira, na sua importante obra «Novos Rumos à Medicina», julgamos ter apresentado mais uma prova, irrecusável, de que a alma, encarnada, não está em trânsito, agora, neste mundo, pela primeira vez. A razão nos diz que esta é simplesmente uma etapa da sua vida infinita, uma das múltiplas oportunidades que Deus lhe concedeu para retificar o procedimento e expungir-se de suas culpas. O Criador, ao invés de condenar seus filhos a castigos eternos e irremissíveis, o que seria a mais completa negação da sua decantada bondade, franqueia a todos, por mais graves que sejam as suas faltas, um meio de se reabilitarem, pois está dito, de um modo inequívoco, por Jesus, que da imensa família humana que o Pai confiou à sua guarda e direcção, nenhum de seus membros se perderia. Esse meio são os sucessivos retornos do ser pensante à arena terrestre para expiação e reparação de seus erros, e é assim que a justiça de Deus se executa, aliada sempre à sua misericórdia sem fim. Errando hoje, corrigindo-se amanhã — que tal é a finalidade dos renascimentos — a alma, ou melhor, o homem, impulsionado pela dor, corolário inevitável de suas infracções à lei, terá frequentes possibilidades de esclarecer-se e redimir-se. Só se compreende seja o homem uma criatura imortal, se a imortalidade significa uma vida progressiva. Desviando-se do dever, semeando o mal e fazendo sofrer a seus semelhantes, ele condena-se ao «inferno», que é remorso da consciência; do mesmo modo, edificará o seu «céu» na paz da consciência e no júbilo do coração, quando se elevar dos estágios inferiores e se consagrar à prática do bem por amor ao próprio bem. Essa transição demandará séculos, mas os séculos são minutos no infinito do tempo. E porque os séculos se sucedem e a sua sucessão não acaba nunca, ao Espírito humano jamais faltarão ensejos de continuar o seu aprendizado na Terra e em planos superiores, quando já não houver aqui o que aprender. A inanidade de certas objecções feitas à teoria palingenésica, fica patente quando vemos que os factos eloquentemente confirmam essa teoria. Pois se lobrigamos a alma em outras existências corporais, no passado, a sua presença carnal, como a vemos agora, evidencia um novo nascimento. E se em épocas diversas ela revestiu outros corpos materiais, porque não acreditar, como indaga Platão, que, em o deixando ao fim da sua romagem actual, possa animar sucessivamente outros? Mas, ainda que se pudesse opor um desmentido lógico à doutrina das vidas consecutivas, demonstrado que fosse ser esta a primeira e única passagem da alma humana pela terra, restaria indagar com que desígnio ou finalidade veio ela a este mundo? Por que será que umas prolongam aqui por dezenas de anos a sua permanência, enquanto outras demoram sòmente meses e outras ainda são logo arrebatadas após a «delivrance»? Essas e outras são as anomalias ou o grande problema que só a filosofia espirita pode explicar à luz da razão e do bom senso.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

LAR DE JESUS

O *Lar de Jesus,* em boa hora fundado em Nova-Iguaçú, Estado do Rio de Janeiro, por Marília Machado Barbosa e Leopoldo Machado e que serve de padrão a muitos outros *lares* no vasto rincão brasileiro, está sofrendo importantes remodelações que lhe aumentarão a categoria e a possibilidade de albergar maior número de crianças.

A propósito, queremos referir-nos a um magnífico programa de difusão cultural organizado por esta casa beneficente e que, uma vez realizado, muito contribuirá para a elevação do nível mental dos espiritistas.

Essa ideia gira em torno do livro: I) Clube do Livro; II) Livro do Dia; III) Lembrança de Livros; IV) Livros a Mancheias; V) Presente de Livros; VI) Empréstimos de Livros; VII) Festa do Livro.

Para o *Clube do Livro* bastarão 30 a 50 sócios, com quotas de 2 a 5 cruzeiros mensais, distribuindo-se mensalmente 3 prémios de livros que importem em 80 % do apurado. Os 20 % que ficarem serão aplicados em expediente. O que sobrar servirá para prémios de consolação aos que não foram contemplados durante o ano. O sorteio será feito na primeira reunião do mês e o livro entregue festivamente.

O *Livro do Dia* sortear-se-á nas reuniões das Mocidades Espiritas antes da prece final e será custeado pelas quotizações dos sócios e por algum cooperador abnegado. O sorteio far-se-á contra senhas distribuídas ou pelas assinaturas numeradas do Livro de Presenças. Além disso, o premiado poderá levar o autógrafo dos presentes ou de amigos particulares.

Lembranças de Livros — Nas reuniões dos mais velhos sortear-se-á um livro como lembrança entre os presentes às conferências, custeado pela Caixa da Tesouraria da Assistência aos Necessitados ou da Biblioteca.

Livros a Mancheias — Nos movimentos festivos e na Noite do Moço Espirita, teatro espiritualista, programas artísticos, etc., haverá derrame de «livros a mancheias», em sorteios espaçados. Se não forem colocadas todas as senhas, far-se-á antes do sorteio um leilão das que ficarem. Durante o *Jornal Falado* sorteiam-se um por um todos os volumes. O que se apurar destinar-se-á a uma instituição humanitária ou à própria instituição.

Presente de Livros — Um presente de livros é coisa que agrada a espíritos cultos, quer aos que oferecem, quer aos que recebem. Deve ser feito em dias festivos ou de aniversário. Arma-se uma exposição, principalmente no *Dia do Livro,* e procede-se a leilão, levando um confrade a oferecer a outro um livro com dedicatória, de preferência dos mais velhos para os mais novos, estimulando-os.

A *Festa do Livro,* realizada em 18 de Abril, é a maior homenagem que se pode prestar à cultura, ao livro e ao Codificador da Doutrina. Espalham-se pedidos de livros com dedicatória, destinados à Festa do Livro. Com esses volumes arma-se uma Exposição de Livros no salão da festa e nos escaparates das livrarias. Organiza-se uma tômbola de livros espiritas para sortear no dia 18. Tômbolas com muitos bilhetes. A distribuição de livros com dedicatória deve levar o beneficiado a agradecê-lo ao ofertante, começando assim uma boa amizade.

Bibliotecas Reservadas — Todo o Centro Espirita bem organizado deve ter uma biblioteca de livros para ler, vender e sortear, biblioteca de que os sócios possam retirar os livros por empréstimo, contra uma senha, assinada por dias marcados, e que venda a prestações os volumes que se desejem obter.

E o programa termina com estas palavras:

«Tudo o que se puder fazer em benefício da difusão do livro é obra meritória feita à Doutrina.

«Na distribuição de livros, a entidade que os distribui aufere as seguintes vantagens: *a*) Excelente propaganda dela própria, do livro e da Doutrina; *b*) Força à leitura de muitos livros, que só assim serão lidos; *c*) Contribuição para que muitas obas e seus autores sejam conhecidos; *d*) Leva muita gente a presentear amigos e a receber presentes de livros; *e*) Mantém constante propaganda da Doutrina, do livro e da própria instituição; *f*) Boa percentagem em dinheiro para a manutenção do seu programa.

Aplaudimos inteiramente as ideias expostas, as quais, uma vez praticadas, impulsionarão a difusão do livro, esse grande alimento espiritual de que carece o verdadeiro espiritista.

FACULDADE EXCEPCIONAL

O *Psychic News* de 7 de Fevereiro insere uma notíicia acerca de um maometano de Marrocos que é peregrino de Meca e possui uma cadeira no mercado de Marraqueche, onde faz extracções de dentes sem dor que podem considerar-se verdadeiramente extraordinrias.

O Sr. William Harper, de 8, Waterloo Road, Wolverhampton, escreveu ao *British Dental Journal* a descrever algumas coisas inacreditáveis a que tinha assistido e pelos termos usados este senhor deve ser dentista ou ter conhecimentos da especialidade.

O maometano — diz o missivista — coloca um amuleto (um papelucho qualquer) no dente afectado e invoca os seus deuses com os braços estendidos. Depois toca levemente no doente com o dedo polegar.

Assim, uma mulher berbere apresentou-se para tratamento e o Sr. Harper, ao observar-lhe o maxilar, viu-lhe um canino superior esquerdo coberto de goma. A mão do peregrino raras vezes parecia tocar na boca da mulher, mas a extracção fez-se inteiramente. O encaixe do dente ficou vazio e a raiz caiu no chão.

A seguir veio um *tuaregue* do sul de Marrocos e o maometano repetiu o costumado ritual.

«Desta vez — diz o Sr. Harper — vi os dedos de Haakim entrarem e sairem da boca, como se fosse uma galinha a picar o grão, e lá estava o dente com longas e brancas raízes». E nenhum doente mostrou qualquer sinal de medo nem alterou a fisionomia durante a operação. Em ambos os casos houve apenas uma ligeira hemorragia.

O maometano tinha faculdades curadoras, como se vê num caso de afecção dos olhos apresentado por um velho berbere. Com um dos olhos quase fechado, o doente deu alguns passos para o curador, que o observou cuidadosamente, depois de meter a ponta da língua no canto do olho magoado. Recuou um passo, apertou com os dedos o nariz do berbere e o pus começou a sair do canal lacrimal.

Em face de tão estranhos factos, mais uma vez afirmamos a necessidade de estudar as forças subtis da Natureza e de alargar os conhecimentos médicos, no sentido de unificar as terapêuticas existentes. A eloquência dos factos, que nenhuma teoria consegue impugnar, suplanta a eloquência das palavras e impõe-se a todos, sem excepção.

A RAINHA ISABEL E O ESPIRITISMO

Como dissemos no número de Setembro último, o jornal *La Voz de Galicia* registou o boato de que a Rainha Isabel e o Duque de Edimburgo assistem a sessões de Espiritismo na corte inglesa. Agora é *La Revue Epirita,* de Paris, que se refere ao assunto, como segue:

«Apesar de acolhermos sempre com reserva as notícias de carácter sensacional, registamos a informação de que Isabel II e seu marido, o Duque de Edimburgo, teriam assistido a sesões espiritas «com a mesa de pé-de-galo». Tais sessões teriam sido realizadas em Londres e nos castelos reais, segundo informam *Ici-Paris, Echo Dimanche d'Oran* e outros periódicos».

Depois de se referir às convicções espiritas da Rainha Vitória e da Rainha Alexandra, termina com estas palavras:

«Que devemos concluir destas afirmações? Deixamos o caso aos nossos confrades ingleses *Two Worlds* e *Psychic News,* desejando vivamente que, após inquérito adequado, nos possam responder, sobretudo no que respeita às crenças espiritas da Rainha Isabel e do Duque de Edimburgo, consideradas como certas pelos nossos informadores».

De verdadeiro, nada podemos acrescentar. O que é certo é que mais facilidades em Inglaterra, quanto a sessões de Espiritismo.

MOCIDADES ESPIRITAS

Em Setembro passado formou-se a Comissão Pro-federação Espirita Juvenil Argentina, com a tarefa de solicitar auxílio para a sua finalidade. A Confederação Espirita Argentina deu-lhe colaboração e ofereceu-lhe a sede, a fim de nela se estabelecerem provisòriamente os confrades moços, cujo toque de clarim ecoará em toda a região do Prata.

Nesta conformidade surgiu a «Agrupacion Juvenil Espirita da C. E. A. Manuel S. Porteiro», cujas finalidades passamos a transcrever:

a) Pugnar pela cultura dos associados com um conceito elevado da justiça e do amor, fundados nos princípios do Espiritismo;

b) Estimular a criação de agrupamentos similares na Capital Federal e interior da República.

c) Velar pela boa marcha e harmonia dos associados, de modo que se enquadrem nos princípios espiritas.

d) Defender a doutrina dos ataques injustificados de que publicamente for objecto.

e) Trabalhar pela criação de vários cursos de acordo com a época, entre eles, os seguintes:

1) Moral; 2) Biologia; 3) Anatomia e Fisiologia Humana; 4) Física; 5) Química; 6) Matemáticas; 7) Psicologia; 8) Filosofia, segundo o critério racional e intuitivo da doutrina espirita; a) Filologia, em especial Esperanto; 10) Sociologia; 11) Desenvolvimento histórico do saber humano, em relação ao progresso de cada época e lugar.

Nestes cursos estabelecer-se-á um verdadeiro delineamento entre as diferentes idades e aptidões, tendente à criação de cursos para crianças.

f) Realizar assembleias, conferências e concursos, nos quais se estudem os problemas de interpretação que em qualquer ordem surgirem.

g) Criar um orgão de propaganda, veículo do pensamento desta Associação.

h) Organizar um conjunto artístico-teatral em prol de um teatro espirita.

i) Formar uma biblioteca, apropriada ao desenvolvimento das faculdades potenciais dos jovens.

j) Criar uma consciência viva de solidariedade social, auxiliando os necessitados com medidas práticas e rápidas, com base no conceito espirita, isto é, tratando de extirpar a sua causa.

Pelo que aí fica, vê-se bem que a ideia das *mocidades espiritas* argentinas radicou fundo na alma de seus criadores e organizadores. Os frutos não se farão esperar. O Espiritismo do futuro será diferente, porque mais aberto às tendências e possibilidades do homem civilizado. Educar a infância, orientar a adolescência e fornecer armas brancas à mocidade que desponta para a grande marcha do progresso é a missão dos apóstolos hodiernos que se convenceram da grande finalidade espirita.

O ambiente criado ao Espiritismo na Argentina e as dificuldades que encontra na sua difusão levam os seus mentores à selecção dos trabalhos doutrinários e a colaborar com as autoridades constituídas, que não desejam combater a ideia, mas escoimá-la de erros que a abastardem. No fim de contas, quem lucra é a própria Causa.

Instantâneo tirado no Centro Espiritualista Luz e Amor em Dezembro último com algumas meninas vestidas pelo Grupo de Protecção às Crianças

Notas & Comentários

A HIPNOSE NA CIRURGIA

Segundo lemos no Psychic News de 24 de Janeiro, o famoso cirurgião francês Dr. Cloquet recorreu ao hipnotismo numa operação de grande monta sofrida por uma senhora que recusara todos os anestésicos normais. A própria filha da doente auxiliou o médico mergulhada em hipnose. O Dr. Cloquet tem realizado operações semelhantes e verificou que o enfermo hipnotizado nada sente, mesmo com profundas incisões. Notou também que a doente estava muito ligada à filha e que esta era muito amiga da mãe.

Porque não hipnotizar as duas e perguntar à filha o estado dos órgãos internos da mãe? Não poderia ser auxiliado por conhecimentos supranormais que lhe facilitassem a operação? O resultado era duvidoso; por isso, enquanto operava, o cirurgião acicatou com mil perguntas a filha hipnotizada, que respondeu sempre de olhos fechados, dando rigorosa descrição do estado fisiológico de sua mãe e da natureza da doença.

Assombrado com o êxito da experiência, o médico resolveu avançar mais um passo e perguntou-lhe qual seria o resultado da operação. A resposta foi esta:

— Amanhã morrerá tranquila e sem dores.

A profecia cumpriu-se.

O QUE É O ESPIRITISMO

O deputado inglês George Rogers, falando em Londres, na Associação Espirita de Marylebone, de que é vice-presidente, afirmou:

— O Espiritismo não é uma religião à parte. O que nós temos é um movimento que revela novas facetas de antigas verdades estabelecidas. O Espiritismo não é mais do que a ampliação do conhecimento divino.

É assim mesmo. Por isso, nunca poderíamos afastar-nos do Cristianismo, que é a base moral da nossa doutrina.

Erram os que nos julgam a priori, pois os nossos pensamentos e os nossos actos se dirigem para o Alto num abraço fraterno que engloba todos os seres da criação. O nosso auxílio exerce-se da mesma forma sobre o bom e o mau, e as religiões existentes são graus de uma escala relativa em que os indivíduos permanecem o tempo necessário.

O Espiritismo oferece conhecimentos redentores que servirão a muitos irmãos nos caminhos da metamorfose, mas não tira a fé a quem se aproximou de um alvo e julga poder atingi-lo. Doutrina de amor e justiça, procura fortalecer e orientar os homens no rumo da felicidade colectiva. O trabalho, para ser profícuo, deve realizar-se livre e conscientemente. Cientificar o homem do seu papel na vida terrena e mostrar-lhe o que o espera na vida futura é mais do que uma afirmação; é um corpo de doutrina.

George Rogers tem razão. O Espiritismo é a ampliação do conhecimento divino e por isso erram os que o combatem, desvirtuando-lhe as intenções.

O CALVÁRIO DOS MÉDIUNS CURADORES

Léon Alalouf é um médium curador de Toulouse, que tem sido perseguido por exercício ilegal da medicina e ao qual se devem curas verdadeiramente sensacionais. Eis o que La Depêche du Midi publicou recentemente e que a Revue Spirite acaba de transcrever:

«Em 15 de Maio de 1950, Léon Alalouf foi condenado a seis mil francos de multa por «exercício ilegal da medicina». Mas — coisa paradoxal — o julgamento reconhecia a eficácia do tratamento por imposição das mãos do taumaturgo de Toulouse.

«Léon Alalouf apoiou-se nesta declaração dos juízes e em milhares de atestados de cura e cartas de médicos e professores da Faculdade que lhe confiaram doentes e apelou da sentença.

«Este processo de apelação chegou agora ao seu termo pela absolvição pura e simples.

«Lambert acusou e Joliet defendeu levemente as pretensões médicas. Léon Alalouf era assistido pelos grandes advogados Moro-Giafferri e Henri Rochat. As instâncias eram baseadas nas disposições de 24 de Setembro de 1945 que previam que «comete o delito do exercício ilegal da medicina todo aquele que, sem diploma francês, diagnostica ou trata enfermidades».

«A lei pune a imitação da medicina. E pode ela aplicar-se àqueles que se limitam a impor as mãos sem diagnosticar?

«A acusação respondeu afirmativamente. A defesa, por seu turno, demonstrou que, nesta manifestação magnética, não tinha havido qualquer acção médica.

«Tempos virão — disseram em resumo os mestres Moro-Giafferi e Henri Rochat — em que médicos e não médicos lutarão violentamente, pois o interesse superior dos doentes imporá o princípio de que há lugar para todos.

«Na multidão de curadores bem sabemos que será delicado descriminar os charlatães dos empíricos eficazes; mas o Supremo Tribunal de Justiça de Paris, ante as provas indiscutíveis e perturbantes em que se baseava Léon Alalouf, reconheceu oficialmente a eficácia do seu tratamento por imposição das mãos. O epíteto de «benfeitor da humanidade» até lhe chegou a ser atribuído no decorrer dos debates.

«A absolvição de Léon Alalouf no Supremo Tribunal de Justiça de Paris — que pela primeira vez julgava um caso desta natureza — parece querer precipitar a discussão, na Assembleia Nacional, da reforma das disposições de 24 de Setembro de 1945».

O comentador da Revue Spirite, em nome dos verdadeiros curadores, aplaude as conclusões do julgamento, mas é de opinião que o novo estatuto da medicina não permita os abusos de que é susceptível a faculdade curadora. E termina, dizendo que «é preciso saber se o sindicato dos médicos, que deve suportar desagradàvelmente o golpe, não submeterá o caso ao Supremo Tribunal de Recurso».

Como é grande o calvário dos médiuns curadores! A humanidade está subordinada a monopólios de saúde pública orientados pela indústria médica. Quem vai a certos consultórios fica apavorado. Qual será melhor: tratar-se, vendendo a pele ao diabo, ou preservar o corpo de drogas inúteis? Talvez a segunda hipótese seja mais viável e dê aos enfermos probabilidades de existência...

Noticiário

32.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se o 32.º sorteio de livros espiritas, no qual foram atribuídos os seguintes prémios, que poderão ser trocados por livros de igual valor, no caso de os interessados já terem recebido livros iguais.

«Falando à Terra» — Isaac Marques, de Viseu.
«Almas Errantes» — D. Maria Ilídia Armada, de Lisboa.
«Flores de Outono» — António Lopes Dias, de Luanda.
«Erros Doutrinários» — Olímpio P. Aguiar Costa, de Luanda.
«Arcanos da Natureza» — D. Fortunata da Conceição Bravo, do Cartaxo.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o nosso colaborador António Cardoso realizou uma conferência na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor, intitulada «Natureza e Estrutura do Perispírito». Presidiu o director desta revista, que, na apresentação do conferente, frisou a importância do assunto, dizendo que se tratava de um ponto ainda nebuloso, em virtude da carência de elementos que pudessem conduzir a conclusões satisfatórias.

O conferente, porém, baseado nas experiências de Fugairon, procurou dar uma ideia compreensível do perispírito, espécie de mediador plástico entre o espírito e o corpo somático e por cuja existência se podem explicar muitos fenómenos psíquicos e espiritas. António Cardoso soube pensar e improvisar, cingindo-se ao tema proposto com plena consciência da responsabilidade assumida. O nosso vaticínio de que poderá vir a ser um esteio valioso na propaganda do Espiritismo vai-se realizando.

No final, o presidente elogiou o trabalho em questão, fazendo notar o caminho andado pelo conferente numa linha ascensional que está à vista de todos, pois a exposição teve método e despertou grande interesse nos assistentes, que a seguiram com a maior atenção. Aconselhou depois aquele companheiro a aplicar os conhecimentos ao estudo de outros problemas ainda pouco conhecidos, visto lhe não faltarem qualidades nem recursos intelectuais para enfrentar trabalhos semelhantes. Terminando as suas considerações, augurou novos progressos ao Centro E. Luz e Amor, que António Cardoso e outros saberão honrar com o seu esforço honesto.

SUBSCRIÇÃO DO NATAL

Recebemos mais 100$00 de Horácio da Silva Matos, de Lisboa.

GRUPO ESPIRITA «PREITO A JESUS»

No dia 20 de Dezembro último a nossa colaboradora e amiga D. Marcolina Alves realizou uma *Festa do Natal* e o encerramento das suas aulas de moral no Grupo Espirita «Preito a Jesus», do Rio de Janeiro. O certame constou de distribuição de brinquedos, livros, roupas e doces às crianças. Estiveram representadas algumas agremiações congéneres, como a Confraternização Espirita Lar de Jesus, Associação Espirita Seara de Jesus, Juventude Espirita e o seu jornal *Brasil-Espirita*, e, finalmente, a Casa de Luciá.

Os directores do Grupo E. «Preito a Jesus» estavam todos presentes. São eles os nossos bons amigos António Ferraiuolo, Elpídio Araújo, Joaquim da Luz, João R. de Andrade e Rosalino Nonato. Também se fez representar o Centro E. do Caramujo por Olga da Silva, Perpétua de Freitas, M. de Lourdes Figueiredo e Conceição da Silva. Estas senhoras gastaram duas horas de viagem para chegarem ali. A Juventude do «Preito a Jesus» confraternizou com os futuros colegas que são as crianças de hoje.

Falaram diversos oradores, entre eles, o nosso operoso amigo Atlas de Castro.

Carmen Alves, filha de D. Marcolina Alves, contou uma história às crianças, extraindo dela a respectiva moral.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MARÇO DE 1953

Sessões Doutrinárias

Domingos, às 16 horas.

Dia 1 e 22, com a médium D. Maria Fernanda Moreira; dia 8 com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Grupo «Irmão Ramuth»

2.as feiras, às 21.30, com a médium D. Maria da Glória. Dia 2, 9, 16, 23 e 30.

Grupo de Estudos «Gabriel Delanne»

4.as feiras, às 21.30, dirigido por Ramos Pereira. Dia 4 e 18.

Grupo de irradiação mental «Reper-Siam»

5.as feiras, às 21.30, dirigido por Isidoro Duarte Santos. Dia 5, 12, 19 e 26.

Grupo de Caridade «Lia»

6.as feiras, às 21.30, dirigido por António Pereira da Silva. Dia 6, 13, 20 e 27.

Grupo de Estudos «Allan Kardec»

Sábados, às 21.30, dirigido por Carlos Pereira. Dia 14 e 28.

Conferências

Dia 15, domingo, às 16 horas, conferência por Ramos Pereira, intitulada «O Poder do Pensamento».

Dia 29, domingo, às 16 horas, conferência por Isidoro Duarte Santos, intitulada «O Problema dos Enterrados Vivos».

Fundo de Beneficência

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Janeiro — *Aires Vaz Raposo, de Lisboa, 100$00; Armando da Glória Alves, do Cartaxo, pelas melhoras de sua mulher, 20$00; A. A. P. C., de Luanda, 53$00; Cristiano A. Henriques, de Bissau, 40$00; D. Catarina da Conceição Charrua, de Castro Verde, 10$00; D. Maria de Jesus Legatteax, de Luanda, 35$00; D. Piedade de Barros Gomes, de Lisboa, 70$00; Anónimos, diversos, 144$00; B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Subscrição do 32.º sorteio de livros, 150$00. Total, 662$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

CAMILLE FLAMMARION

Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	

DR. INACIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato cada um		60$00
I'ém Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	53$00

FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)

Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS

A Abadia dos Beneditinos, romanc mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritsmo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Erros Doutrinários, por *Júlio Abreu Filho*	18$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos Espíritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento, pelo *Dr. O. Emboaba*	15$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		150$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magnetismo Curativo, por *A. Bué* ...	38$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle*, A conversão espírita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espíritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Poeira da Estrada, por *Júlio Abreu Filho*	12$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Síntese do Novo Testamento, destinada aos estudiosos, por *Minimus*	25$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espírita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

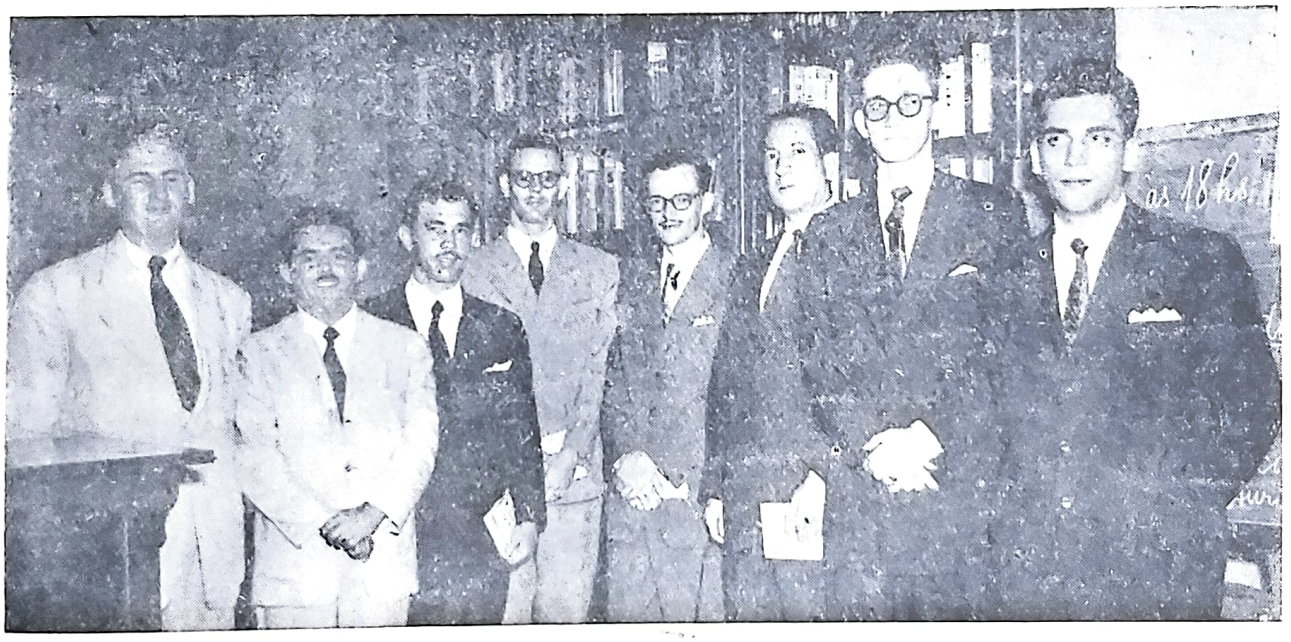
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



Os novos bacharéis em Direito (espiritas) da turma de 1952, da Universidade do Brasil

(Ver pág. 89)

CONTÉM: Sessões Espiritas, da **Redacção**; Três Leis Espiritualistas, por **Ângelo da Costa Cabral**; Uma Ideia — Carta Aberta, por **F. Noronha**; Farias de Brito e o Espiritismo, por **Deolindo Amorim**; Do Espírito, por **F. R. Van Ribroeck**; Rufino Juanco; Escândalo, por **Alfredo Miguel**; Miscelânea; Hora Tranquila Diária, por **B. B. Martins**; O Hipnotismo na Medicina; Ecos do Além (Mensagens do **Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos**); Madame Boulet, de Auchel, Grande Médium de Efeitos Físicos, por **G. Belami**; Notícias do Brasil; A Magia, por **Ivone de Sousa**; Exploração da Mediunidade; A Cremação dos Cadáveres, pelo **Espírito de Emmanuel**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

14.º ANO MARÇO DE 1953 N.º 3

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Angelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicado

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo		42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
Síntese do Livro dos Espíritos	12$00	
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	15$00	
Depois da Morte, nova edição	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1953 — N.º 3

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRAFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

Sessões Espiritas

O Espiritismo é uma doutrina rudemente criticada por duas facções dignas de análise: a dos que o não conhecem e a dos que o conhecem mal. Os primeiros são críticos sem base, a serviço de correntes adversas; os segundos fingem de atilados, misturando as mãos em gestos que os definem. E não ignoramos que muitos deles, para não dizer quase todos, firmam seus ataques nas sessões mal dirigidas. Sabemo-lo perfeitamente.

Depois de estudar a doutrina espirita durante algumas décadas, reconhecemos que a sessão prática é o nó górdio de um problema que se apresenta com incógnita difícil. Não é para todos. Só os conhecedores da psicologia experimental poderão caminhar sem receio. Os outros devem abster-se destas práticas. Estudem, meditem, apreciem as obras principais e não avancem demasiado, sobretudo em campo resvaladio.

A maior parte das sessões espiritas carecem de ambiente adequado à colheita do fenómeno, em virtude da falta de preparação de quem dirige e de quem assiste aos trabalhos mediúnicos. Uns são muito crédulos e outros muito cépticos. Em quase todos a crença supre a cultura, quando, a final, uma e outra devem equilibrar-se para conseguir resultados satisfatórios.

Há três coisas fundamentais a que é preciso atender numa sessão kardecista: o director, o médium e o assistente. Três elementos distintos, mas que formam um todo indivisível. Cada um de per si, tenha os atributos que tiver, não pode resolver a questão, se as três partes não colaborarem intimamente.

Em regra, a assistência reage pouco às necessidades de uma boa sessão. Não sabe concentrar-se, não sabe harmonizar as vibrações para que o ambiente resulte homogéneo. Uns tantos assistem por curiosidade, esquecendo o papel que desempenham. Depois voltam-se contra o médium, que, não raro, é quem menos culpa tem dos malogros que se processam. Se não o acarinharem, rodeando-o de atmosfera confiante; se não colaborarem nos trabalhos com desejo intenso de auxílio; se não afastarem maus pensamentos que frustram as intenções mais elevadas; se não abandonarem a curiosidade que destroi a sincronia de esforços espirituais; e se, em cima de tudo isto, ainda manifestarem nervosismo ou antipatia para com um ou outro assistente, é natural que o desconcerto venha coroar a sessão. E que poderá um director fazer neste paudemónio? O melhor é doutrinar-se cada um no sentido de evitar fracassos que prejudicam o adepto e a causa, desacreditando o que se quer reabilitar.

Em face disto, que se há-de esperar dos nossos inimigos? Eles não procuram ver o que há de belo no Espiritismo, mas o que há de mau, de incongruente e de falso. Porque tudo o que merece combate não pertence à doutrina; é obra dos homens e estes reflectem às vezes opiniões pessoais, que são relativas e frágeis.

É dever das agremiações pôr o maior cuidado nos trabalhos práticos, cingindo-se ao critério dos mestres, que ganharam saber e experiência. E os médiuns, por sua vez, estudem, aprendam a controlar-se e não se julguem infalíveis, entronizando seus guias e perturbando as sessões com vibrações malévolas de rivalismo onde haja orgulho e dislate.

Não nos dirigimos a A ou B, mas aos responsáveis com obrigação de corrigir defeitos e oferecer normas de trabalho. E eles são tantos e tão variados, imbuiram-se de tamanha vaidade, fizeram de si tão alto conceito, que dificilmente verão a deficência que os distingue entre a fauna que desmerece a doutrina.

ANGELO DA COSTA CABRAL É O AUTOR DESTE ARTIGO

III

Está perfeitamente ao alcance de toda a gente disposta a submeter-se à disciplina ascética preliminar, entrar em comunicação directa com o espírito de Deus, pela contemplação e a meditação, sem recorrer a intermediários e sem pronunciar a prece formal.

A envergadura característica da Verdade é tal que cobre todas as coisas com as suas asas. Uma unidade inefável, uma síntese sublime onde se fundam o Real, o Verdadeiro, o Bom e o Belo, as espera todas no termo. As inesgotáveis querelas doutrinais e os ódios bestiais entre os homens encontram aí o seu túmulo. As interconexões entre misticismo, religião e esoterismo ou filosofia oculta, são tais que se se considera a religião como vestíbulo do misticismo, este por sua vez ocupa a mesma posição em relação ao esoterismo.

O Esoterismo ou Filosofia Oculta da Verdade glorifica-se de ser a única a examinar todas as fases da existência universal total, sem nada deixar de fora da sua exploração, a única a obter a sua explicação completa e definitiva, a única enfim a levar o seu inquérito com uma inflexível resolução até que ela atinja o termo.

Segundo a doutrina oculta há períodos de desenvolvimento que deve franquear progressivamente quem pesquisa a Verdade.

O grande mestre Sankara observa: «As ordens da humanidade são igualmente em número de três. É que eles são dotados de três graus de compreensão, a saber: inferior, médio e superior. Pitágoras também classificava a humanidade em três categorias, classficando nas mais altas aqueles que amavam a filosofia. Foi neste sentido que ele forjou e utilizou a palavara Filosofia, que introduziu assim na Europa. No 2.º Ciclo de Estudos da Ordem Esotérica Iniciática se diz que ele usou a palavra *Filósofo*, que quer dizer *amante, filho de sabedoria*.

Amonius, que fundou em Alexandria uma importante escola mística e filosófica, dividia igualmente os seus discípulos em três classes e lhes fazia prestar juramento de não divulgar os ensinamentos filosóficos superiores.

Finalmente o axioma: «muitos chamados, mas poucos escolhidos», do *Novo Testamento* e o seu equivalente hindu no *Bagavad Gita:* «Entre milhares, um só, talvez, luta para conquistar a Verdade», mostram que não se trata aqui duma exclusão arbitária, mas duma selecção baseada sobre a desigualdade de capacidades humanas, porque o mesmo texto diz também: «Eu não me revelo sem distinção, porque a maior parte tem uma visão obscurecida pela ilusão» e Jesus dizia que ensinava ao povo por meio de parábolas e só aos Apóstolos revelava o seu sentido.

As práticas mais elevadas estão situadas além do misticismo vulgar, são as práticas esotéricas superiores. Os seus métodos começam onde acaba a meditação, porque constituem na realidade discipilinas esotéricas que põem em acção a intensa concentração mental engendrada pelas práticas dos graus inferiores, a fim de libertar a mente da sua ignorância congenital. Elas são dificílimas de compreender, mas logo que conheçamos estes sistemas não necessitamos de conhecer outros, se tivermos já a preparação prévia para os poder praticar.

O estudo do ensinamento esotérico exige que se submeta a uma discipilina intelectual severa que pode prolongar-se muitos anos em função da faculdade de raciocínio do aluno. Não se pode certamente adquiri-la a correr. Mas quando ela se adquiriu prova o seu valor prático suportando vitoriosamente todas as provas. A sabedoria que confere, a moral que mantém, a força que obtém, a paz que dispensa e a capacidade intelectual que desenvolve, tudo se combina para dar um valor muito superior àquele que o seguiu até ao fim, que passou da ignorância ao conhecimento.

Exemplos da Eficiência do Esoterismo — Para finalizar vamos dar alguns exemplos da eficiência do Esoterismo.

Se a influência imediata do Esoterismo foi limitada a um escol seleccionado com muito cuidado, contudo a sua influência última e indirecta foi imensa.

Toda a gente sabe, que a época do apogeu das Escolas de Mistérios na Grécia, foi a de maior esplendor desse país. Essas Escolas produziram homens, tais como: os legistas Sólon e Licurgo, e os sábios Pitágoras e Platão, etc.; ante estes dois nomes se inclinam ainda os sábios de hoje, apesar da sua vaidade intelectual.

Além da Grécia, temos que o sistema

outrora em honra dos puristas zendes do antigo Japão era sensato e prático. Os jovens que manifestavam gosto e disposição para a meditação eram conduzidos aos mosteiros zendes, onde realizavam um estágio de instrução de três anos. Nenhuma distracção vinha desviá-los, de maneira que a conquista do domínio de si próprios podia prosseguir sem interrupção. Os mestres japoneses com um senso prático e realista, que os seus confrades indianos nem sempre possuiam, não permitiam excesso algum na meditação ou no êxtase, mas insistiam sobre uma estrita moderação. Contràriamente à opinião comum, a capacidade dos japoneses ultrapassava muito a imitação servil. Este povo não aderiu nunca aos costumes originais da Índia e transmitidos pela China. Ele utilizou o que se adaptava às suas próprias necessidades e rejeitou o resto. O objectivo final do Zend medieval era fazer homens vivos e resolutos, dotados duma mentalidade clara e nervosa, que levariam a energia, o sangue frio, a habilidade e a concentração em todas as suas empresas, e fariam espontâneamente abenegação do seu eu ao serviço do seu país. A terna letargia, a melancolia fantasmagórica e a misantropia de muitos monges indianos não convinha a essa raça viril, optimista e prática. Os estudantes não eram autorizados a passar os seus dias numa existência mole, fútil ou parasita, mas confiavam-se-lhes funções activas para se exercitarem continuamente. O objectivo do Zend, sendo uma vida equilibrada, eles deviam trabalhar duro e meditar bem. E no fim desse noviciado, à excepção daqueles que sentiam uma vocação inata e irresistível ao retiro monacal, eram reenviados ao mundo para se casarem, exercerem profissão e alcançar êxito na vida. Dotados do poder de concentração instantânea e mantida, equipados para afrontar as dificuldades e as vicissitudes da vida activa com uma equanimidade imperturbável, universalmente respeitados pelo seu alto valor, eles adiantavam-se aos seus concorrentes na luta pela vida e honravam as carreiras que escolhiam. O Zend deu ao Japão alguns dos seus melhores soldados, homens de Estado, artistas e sábios. O seu ideal era um equilíbrio perfeito entre o interior e o exterior, com a eficiência como critério para um e para outro. A qualidade da sua meditação era tal que uma meia hora por dia lhes bastava, depois da sua saída do mosteiro, para preservar neles a paz do espírito; assim a sua vida activa não sofria, mas era enriquecida dela. Parece, porém, haver pouco lugar na vida moderna para uma semelhante organização, de maneira que nos é necessário aceitar as condições tais como se apresentam hoje.

Citemos três exemplos indianos da eficiência da sabedoria espiritual: um é o de Shankara, filósofo antigo que atingiu a iluminação suprema numa idade excepcionalmente juvenil, e depois percorreu a Índia em todos os sentidos para ajudar as massas ignorantes e esclarecer a *élite* culta, cada classe segundo as suas próprias maneiras de ser. O outro é o rei Janaka, que permaneceu

TRÊS LEIS ESPIRITUALISTAS

sem corrupção no meio do fausto sumptuoso das cortes reais, rei que governou um vasto Estado do NE da Índia, estudando a doutrina oculta sob a direcção do sábio Ashtavakra, tanto e tão bem que descobriu por ele próprio a última essência das coisas. Estava igualmente à vontade assentado numa floresta com o sábio impassível, ou na sala da audiência do palácio, escutando o apelo de socorro duma pessoa em apuro, ou ainda à testa dum exército em campanha.

Outro exemplo da eficiência destas doutrinas esotéricas era sua Alteza o Mahrajah de Mysore, que gosava dum renome único na Índia inteira. A sua reputação irrepreensível, a sua sincera devoção à cultura e o seu esforço infatigável para melhorar o bem-estar do seu povo durante um longo reinado de mais de 40 anos tinham feito dele o mais universalmente respeitado e amado de todos os soberanos indígenas. Gandhi, que o admirava, o tinha aclamado com o título único de Rajarichi, isto é, rei-sábio. O segredo da sua grandeza residia na filosofia oculta com a qual se tinha identificado.

Das margens batidas pelas ondas do Cabo Comorim aos cumes altivos do Himalaia, ele tinha viajado para encontrar os sábios e os homens santos de maior renome na Índia; de Cachemira a Benarés ele tinha conversado com os primeiros entre os *pandits* e os

yoghis; êle tinha mesmo franqueado as cadeias nevadas até ao misterioso Thibet em busca do Misticismo. Ele tinha sondado a alma de todos esses homens. Ele era pois mais qualificado do que a maior parte dos Indianos para julgar do que tinha mais valor na cultura do seu país. E isso ele o encontrou na filosofia oculta, da qual ele encarnou a verdadeira interpretação tanto na sua vida privada como na sua vida pública.

O saudoso Maharajah resumiu o valor prático do que tinha aprendido na seguinte mensagem telegráfica ao Delegado da Índia ao Congresso Internacional de Filosofia, em Paris, em 1937: «Confiamos que proporeis como objectivo ao Congresso a verdade da filosofia indiana, o acesso de todos os seres à felicidade, tal como está inserido nos grandes adágios sânscritos: «Que toda a humanidade seja feliz» e «O que realiza o bem-estar de tudo o que existe». Nessa mensagem recomendava pois que a humanidade inteira fosse tratada como uma única família. Nenhuma mensagem mais elevada nem mais valiosa teria podido ser dirigida ao mundo numa época tão enlouquecida. Nenhuma religião organizada, nem nenhuma filosofia esotérica professou ainda o equivalente desta mensagem, porque: toda a religião e toda a filosofia, apenas pelo acto de se definir a elas próprias, têm até ao presente excluído dos seus apriscos os adeptos doutra fé e doutros ensinamentos. A Europa, ignorando sem dúvida que os conceitos da autêntica filosofia, longe de serem puramente especulativos, levavam consigo corolários que constituiam eles próprios princípios de direcção moral, não escutou este apelo, e em menos de dois anos estalava a mais terrível guerra da história.

Os dois versículos sânscritos citados nessa mensagem eram salmodiados diàriamente no palácio de Mysore. Sua Alteza provou no seu próprio Estado que a filosofia esotérica podia encontrar uma aplicação prática, para o maior proveito da humanidade. Mysore mereceu bem o seu epíteto de «Estado Modelo», e a sua reputação do Estado mais progressivo de toda a Índia. O renome do seu Mahrajah tinha-se espalhado ao longe, e por ocasião da sua morte, o «Times», o maior jornal de Londres, fez o seu panegírico declarando que ele tinha «erigido um modelo» para o resto da Índia. Tal era o fruto tangível da verdadeira filosofia.

Hoje ainda homens de acção, tais como o marechal Lord Kitchener e o governador de Bengala Lord Brabourne se interessavam na intimidade pelas práticas esotéricas.

O nosso estudo deve conduzir-nos à Verdade definitiva, quer se lhe chame Deus, Espírito, Absoluto, ou outro qualquer nome, tal é o fim do Esoterismo.

A propagação das leis da Reencarnação, do Karma e da Unidade são dum alcance extraordinário para a regeneração da humanidade, pois a verdadeira crença nelas levará os seres humanos, repito, a tratarem-se todos como irmãos, a evitar o mal e a praticar o Bem. Mas vê-se que muitos espiritualistas crentes, ou melhor, que possuem apenas uma noção intelectual destas leis, procedem como os profanos, levando a mesma vida dissoluta e praticando o erro. Isto prova que é indispensável que à crença nessas leis, que os leva a querer praticar o bem, embora façam o contrário do que desejam, se alie a auto-disciplina esotérica que lhes dará a força necessária para perseverarem na senda do Bem, resistirem ao mal e às tentações, atingirem a Verdade e obterem o conhecimento do seu Eu Superior, onde haurirão a sua Paz, Sabedoria e Amor, que irradiarão através deles, envolvendo todos os seres no seu Amor Divino. É o que vos deseja, caros leitores, este vosso Irmão e Amigo.

FIM

Obras Recomendadas

NOSSAS FORÇAS MENTAIS, de *Prentice Mulford.*

Monumento erguido por um grande cérebro, ensina as leis da prosperidade, do triunfo, do bem-estar e da saúde. Esta obra tem confortado milhares de seres.

4 grandes volumes — br. 170$00; enc. 270$00.

DO PAÍS DA LUZ, de *Fernando de Lacerda.*

Extraordinária obra mediúnica há muito tempo esgotada, na qual perpassam mensagens de grandes escritores portugueses falecidos, identificados pelo seu estilo próprio.

4 volumes brochados — 153$00

NOVOS RUMOS À MEDICINA, do *Dr. Inácio Ferreira.*

Um livro valiosíssimo em que o autor — médico psiquiatra — expõe numerosos casos da sua clínica, no Sanatório Espírita de Uberaba.

1.º e 2.º vol. enc. cada um 70$00.

UMA IDEIA

ATINGI e varei os 89 anos de existência, e, nesta longa continuidade vital, não se apagou em mim uma ideia, que ninguém me provou, mas, de facto, surgiu em minha mente.

Aludo a Deus. Nascido em atmosfera de trabalho a que se entregavam e de que viviam o meu progenitor e sua família, não foi de ócio a lição que logo me informou e da qual nunca desertei.

Rico ou pobre, todos os sãos e escorreitos devem à sua dignidade e nobreza o esforço do trabalho. É Deus o obreiro permanente, o Guia excelso, a Actividade ininterrupta.

O espectáculo dos mundos na imensidade espacial, as noites em que alcatifas de estrelas nos cativam o olhar e nos inebriam em sonho, a estética empolgante da natureza, rescendendo aromas e ostentando espumas alvíssimas na areia das praias, os roncos das trovoadas e o ziguezaguear vertiginoso do raio, cegando-nos de momento, este cenário soberbo de maravilhas que o próprio génio das Artes ainda não conseguiu reproduzir impecàvelmente, consttituem argumento poderoso de energia espiritual num Ente presciente e criador, que os sóis revelam e as aves saudam das ramarias, no irromper das alvoradas.

Deus!

Cedo me falou na consciência a realidade das realidades.

Quando percorri a Bíblia, com atenção e integralidade, já lia na face do existente o princípio de causa.

Nenhum fenómeno sem causa. Onde potência matemática anulatória? O materialismo? É vão.

Tem este qualquer estabilidade contra a evidência de factos? É porventura confundível o círculo com o quadrado?

Podemos suprimir todas as figuras geométricas e igualmente suprimir Deus, causa das causas? É fulminantemente certo que não.

A grafia geométrica é uma coisa. Deus é Deus, não é desenho, não é forma, não é modalidade. Acto eterno, essência pura, omnipotência, presciência, justiça infalível, equidade perfeita e misericórdia inexcedível.

Tal se comporta em definição humana o Deus das alturas, transcendência sem émulo, realidade de máxima em unidade augusta!

Como há quem se atreva, não apenas a repudiar-te, ó Deus, mas a negar-te contra provas de carácter algébrico inclusivamente?

Não hesitou Flammarion nem muitos outros astros brilhantes do mundo científico, em confessar-te com eloquência triunfal impugnável.

F. NORONHA

CARTA ABERTA

Meu dilecto amigo

ESTOU, afigura-se-me, no auge da pendente do ocaso, quanto à presente encarnação. E confesso-lhe, sinceramente, que me sinto a larga distância de depuração eficiente, e, assim, no meu horizonte, surge-me a situação do réu perante a Justiça Divina.

No entanto, vale-me um convencimento arreigado: essa Justiça não se torce nem é falida.

Rogo-lhe, porém, bondoso irmão, a caridade fraternal pela prece.

Receio não merecer a outiva de Deus Omnipotente e Misericordioso.

Não consegui ainda vencer a minha índole impulsiva e resignar-me ao assalto de contrariedades ferinas. Devia manter-me discípulo daquele que na agonia do Calvário pedia ao Pai Eterno o perdão dos seus assassinos.

Não me creio sequer susceptível de absolver os judeus, exigindo a Pilatos a cruz infamante para a Palestina sem culpas.

Diante de Jesus reconheço um dos Grandes Iniciados e a raiz fundamental da única religião de consenso perfeito e absoluto no coração da humanidade, e de pureza filosófica peregrina: o Cristianismo.

Desejo e quero aquentar também e arrastar comigo um madeiro de crucificado.

Assomam lágrimas em meus olhos, mas sou cobarde no reagir e, em verdade, indigno de permanência na vida.

Passo às suas mãos tristezas minhas, em desabafos de alma torturada e até anoitecida.

Se entender que esta carta e elas poderão interessar de leitura Estudos Psíquicos, mande-as imprimir e publicar.

Suspeito que não poderei mais sair à rua.

Pungem-me saudades de pessoas amigas, entre as quais avulta a sua, a quem me prendem gratidão iniludível.

Hei-de conformar-me com a realidade do corpo físico invalidado, e com os 89 anos excedidos.

O apreciável mancebo Cândido da Velha, vota-lhe simpatia e estima. É poeta de raça e estudioso a valer.

Um poeta mo apresentou e o não perde de vista: Procópio de Oliveira, autor de «Portugal — Jardim da Europa» e o jornalista de «O Nauta», periódico de Ilhavo.

Por vezes creio vê-lo defronte de mim e a sua idolatrada esposa que lhe irradia fluidos do Além inefável.

Aperto-o ao meu peito, num abraço de alma.

Por Deus, pelo Espírito, pela Glória na imortalidade! Pense em mim na prece.

Seu irmão que o admira,

F. NORONHA

Farias Brito e

Por DEOLIN

Na série de artigos que escrevemos, há pouco tempo, nesta Revista, sob o título *Farias Brito e sua concepção de Deus* (1) procurámos apenas examinar a posição do filósofo brasileiro em relação ao problema de Deus. Tanto quanto nos foi possível, deixámos claro que Farias Brito negou substancialcialmente o *Materialismo*, criticou duramente o *Positivismo*, defendeu até certo ponto a metafísica, que já era considerada *morta* para muitos estudiosos das questões filosóficas, mas não fez profissão de fé religiosa. Jonatas Serrano, seu grande admirador e adversário, chamou-lhe livre-pensador. Conquanto o nosso eminente patrício tenha ficado à margem do *Cristianismo*, foi, em determinadas ocasiões, um elemento útil à Igreja Católica no Brasil, precisamente quando a Igreja teve de enfrentar o *Positivismo*, o *Fenomenismo* e outras correntes filosóficas contrárias ao princípio espiritualista. A Igreja serviu-se, por exemplo, de Farias Brito em 1902, quando o padre Júlio Maria sustentou acirrada polémica, no Pará, com o general Gomes de Castro, positivista combativo e ardoroso. Farias Brito defendeu o padre Júlio Maria com o intuito, é lógico, de aproveitar a oportunidade para fulminar a doutrina positivista.

Católicos ilustres, como o padre Leonel Franca e o prof. Jonatas Serrano, este último glória do Colégio Pedro II, rendem homenagem à cultura e à honestidade, aliás indiscutível, de Farias Brito, embora não tenha o filósofo brasileiro esposado a doutrina da Igreja. O cónego Florentino Barbosa muito mais tarde tomaria a defesa de Farias Brito para rebater críticos de Alcides Bezerra, vigoroso escritor e polemista paraibano (2). A exemplo de Bergson na França contemporânea, Farias Brito serviu algumas vezes a Igreja em discussões religiosas, sempre que se fazia necessário ir de encontro à concepção materialista.

Se, por um lado, o filósofo brasileiro reprovava a pretensão de ser o *Cristianismo* a ÚNICA religião verdadeira, por outro lado condenava, em nome do bom-senso, a atitude extremada e ortodoxa daqueles que consideravam as religiões inúteis ou inexpressivas. Dizia Farias Brito:

A pretensão do Cristianismo, de ser a única religião verdadeira é, pois, insustentável. Mas a atitude dos sábios que se colocam no ponto de vista das doutrinas da razão e condenam todas as mitologias, como todas as religiões, sem exceptuar o Cristianismo, como falsas interpretações da realidade, como restos em decomposição das visões ilusórias e meramente fantásticas da imaginação primitiva, é ainda menos sustentável (3).

Como se vê, Farias Brito compreendia bem o fenómeno religioso e justificava a necessidade das religiões.

Cabe, agora, uma pergunta: qual a opinião de Farias Brito sobre o *Espiritismo?* Ele, que era filósofo, deísta, espiritualista, não podia ignorar a existência do *Espiritismo*, tanto mais que chegou a escrever o prefácio de um livro de J. da Penha, sobre o Espiritismo (4). Justamente nesse prefácio é que Farias Brito revela as suas dúvidas, as suas dificuldades para dar opinião sobre o *Espiritismo*. Finalmente, qual foi a posição de Farias Brito em face do *Espiritismo?* Não se definiu. Pelo menos, até à época em que escreveu o prefácio do livro *O Espiritismo e o Sábios*, o filósofo ainda não tinha opinião firmada sobre

o assunto. Dí-lo, em confissão honesta, o próprio Farias Brito, nestes termos: *Chegou o momento em que deve começar a renascença religiosa. Estará o espiritismo destinado a representar esse papel? É ponto que não tratarei de discutir. Sou pouco entendido na matéria. Demais disto, não posso, por minhas disposições pessoais, ter outro ponto de vista a respeito, a não ser o da suspeita e da dúvida.* (Palavras escritas por Farias Brito em 1901, no prefácio do livro citado). Poder-se-á estranhar que, tendo dúvidas e suspeitas quanto ao *Espiritismo*, o filósofo brasileiro consentisse em escrever o prefácio de um livro a respeito do *Espiritismo*, o que pode parecer incoerência. Nem sempre o prefaciador de uma obra está de acordo com o conteudo ou com alguns pontos dessa obra. O facto de alguém, por amizade pessoal ou por qualquer outro motivo, escrever o prefácio de um livro, não quer dizer que esteja na obrigação de concordar inteiramente com o livro. Não. Há ocasiões em que o prefaciador está em posição diametralmente oposta à posição do autor do livro. Farias Brito, por exemplo, há mais de meio século, prefaciou o livro de J. da Penha, mas confessou sinceramente que não entendia da matéria, tinha dúvidas a respeito. Como se trata de um prefácio escrito em 1901, e Farias Brito desencarnou em 1917, pode ser que, depois, com o andar dos tempos, filósofo e professor tivesse mudado de ideia ou tivesse estudado o Espiritismo. Não temos elementos a respeito. Não se pode deixar de reconhecer, todavia, a lealdade, a prudência do ilustre pensador, quando declara não ser entendido na matéria, isto é, no *Espiritismo*, e por isso mesmo não opina, não afirma, não nega. Enquanto um homem da envergadura moral e intelectual de Farias Brito, um filósofo, um mestre dos mais acatados no Brasil, diz prudentemente que não conhece o assunto, e por isso deixa de dar opinião, certos intelectuais sem cultura nem experiência, como se vê a todo momento, entendem dizer «a última palavra» sobre o *Espiritismo*, assunto em que um Farias Brito se julgou inseguro para formar juizo... Não nos esqueçamos disto: os verdadeiros sábios são prudentes. Os indoutos, os irresponsáveis, ao contrário, opinam a respeito de tudo com a maior facilidade, porque não têm noção do ridículo. Os sábios, não. O facto de não haver Farias Brito estudado o *Espiritismo*, o que lhe não permitiu formar opinião segura sobre esta doutrina, não diminui a justa admiração que sua obra conquistou no consenso do Brasil culto.

Finalmente, a posição de Farias Brito em face do *Espiritismo* (pelo menos à luz do que tivemos ocasião de ler, até agora) foi apenas marginal: NÃO ACEITOU NEM ATACOU O ESPIRITISMO, mas preferiu negar os postulados do *Materialismo*, no que, aliás, foi coerente com a sua orientação filosófica. Em suma, não entrou no assunto, mas foi honesto e cauteloso.

O Espiritismo

DO AMORIM

---

(1) *Estudos Psíquicos* de Fevereiro, Março e Abril de 1952.

(2) Já citámos, na série de artigos sobre Farias Brito, a polémica do cónego e doutor Florentino Barbosa, figura de projecção no clero nordestino, com o escritor Alcides Bezerra. Dessa polémica saiu o livro do cónego Florentino: *Fenomenismo Versus Metafísica*, também já citado.

(3) Farias Brito — *O Mundo Interior*.

(4) J. da Penha — *Os sábios e o Espiritismo* (Livro publicado em Natal, Rio Grande do Norte).

DO ESPÍRITO

A física moderna revela-nos que pelos nossos sentidos normais apenas concebemos um ínfimo sector daquilo que representa a natureza no seu complexo total. Existem causas e efeitos em infinita quantidade, verificáveis, dentro da lei da relatividade, sintetizáveis e analisáveis, conforme o sistema de coordenadas que voluntàriamente estabelecemos, sem que tenhamos conseguido descobrir um único sistema estático imutável, que permitiria colocar tudo sobre o mesmo denominador comum, tornando assim acessível uma perfeita concepção de tudo o que existe no universo. Tudo o que alcançamos restringe-se a uma língua difícil e intrincada, formada por sinais, concepções, números e fórmulas matemáticas, provando-nos que, do mundo que nos circunda, sòmente conhecemos fracções. Percebemos as manifestações da vida, que nos deixam julgar outras como sendo da morte, sem, entretanto, sabermos ao certo onde colocar o limite entre uma e outra, a não ser *pela relatividade*. Reconhecemos que tudo se move e se transforma, baseando-se num complicado sistema de energia, obedecendo, porém, a leis imutáveis e rígidas. Não compreendemos a essência da energia, do magnetismo, da electricidade, nem a origem das leis, às quais esta sempre obedece. Chegando ao limite do raciocínio, não podemos atingir a paz, sem que nos apoiemos à existência de «DEUS», que, embora não seja identificado, representa a fonte, a inteligência organizadora universal, a essência contida nesta infinita multidão de «recipientes» que se apresentam aos nossos sentidos, às nossas experiências e aos nossos cálculos. Assim, para cada um de nós, o limite entre saber e crer está em lugar relativo à nossa individualidade. Querendo, poderemos avançá-lo ou atrasá-lo. Conforme pensarmos, sentirmos e agirmos, evolveremos ou involveremos, partindo de um ponto, no qual recebemos uma herança, juntamente com a liberdade de administrá-la, quer no sentido de enriquecimento, quer de empobrecimento da intensidade vital. Os limites opostos achamo-los na evolução para a energia e sua fonte ou na involução para a matéria mais primitiva (luzes do céu ou trevas do inferno!).

Partimos de três reconhecimentos científicos na física moderna, que até hoje se mostraram imutáveis, confirmando a existência e exactidão em cálculos matemáticos e experiências. São os seguintes:

1) A velocidade máxima de translação é de 300.000 quilómetros por segundo (velocidade da luz).
2) Pode-se determinar por cálculo matemático a vibração própria do éter, achando-se a frequência de 68,6×10 ciclos por segundo (Dr. E. Bodea, 1951, onde 68,6 representa uma constante atomística, experimentalmente comprovada).
3) Existe libertação de energia pela desintegração da matéria e encadeamento de energia pela sintetização da matéria.

Daí podemos conjecturar que deve existir o éter em forma de substância imaterial, apolarizada, traço de união entre a matéria e a energia.

Considerando a fenomenologia da energia, que nos deixa perceber a sua presença nas formas materiais, vemos que os átomos se associam pela lei da gravitação generalizada, de onde derivam efeitos centrípetos e centrífugos, atracção e repulsão em virtude de polarizações eléctricas e magnéticas, nascimento e morte de corpos, microcosmos dentro de macrocosmos, sem limites imagináveis para o maior ou o menor, o que conseguimos perceber com os nossos sentidos e conceber com a nossa razão, permitindo-nos estabelecer ainda as seguintes conjecturas:

Nos microcosmos, a vida surge de causas idênticas que geram o macrocosmo, isto é, do infinitamente grande mar de energia e da substância neutra, que podemos denominar «éter». Tal como a atmosfera envolve a Terra, assim o «éter» envolve o universo, com a única diferença de que o «éter», como atmosfera do universo, não é ar ou gás, mas substância livre e neutra, que não é matéria nem energia. Mas isso não quer dizer que no universo todos os vácuos sejam preenchidos homogèneamente com o «éter»; ao contrário, devemos admitir que nos diversos lugares do espaço há diferentes densidades etéricas dentro de limites inimagináveis e também deslocamentos incontroláveis, o que nos permite conjecturar também sobre fenómenos como aqueles que os espiritas denominam de ectoplásmicos, que poderiam ser «éter» densificado com vestígios de magnetismo.

Tal como na atmosfera da terra aparecem ciclones ou trombas de água (efeitos percebíveis pelos nossos sentidos, vindos de causas e efeitos precedentes e que pela razão não alcançamos totalmente no mar desta substância universalmente espalhada, o «éter»), análogos fenómenos poderiam produzir-se; e encadeando a energia e condensando o «éter», originar-se-ia a matéria e novos corpos materializados e dinamizados.

Daí podemos deduzir que, de qualquer fonte que venha a energia, pode ser captada por um ciclone «etérico» que se desdobre ou se condense, evolvendo até formar corpos microscópicos, causar outros maiores e assim por diante, não havendo, em princípio, diferença entre o nascimento de um átomo, de um ser animal, de um homem, ou de qualquer outro corpo, nem de uma nebulosa, de um planeta, de um sol, de uma ou de muitas galáxias.

Os corpos radioactivos projectam visìvelmente energia no espaço e da mesma forma que podem produzir a explosão de uma bomba atómica, poderiam produzir energia no «éter», criando matéria e novos corpos. Pelo fenómeno do hipnotismo prova-se a possibilidade de transmissão de ordens pelo pensamento. Isto não é mais do que a prova da emanação de força ou energia de um corpo humano, mediante concentração e direcção do pensamento ou da vontade. Assim, também a vontade, como alavanca poderosa, agindo mediante concentração do pensamento, pode produzir fluidos energéticos, capazes de nos beneficiar ou destruir. A boa vontade assim dirigida pode remo-

ver montanhas e conduzir-nos a maior progresso no sentido do bem e do agradável. Nisto deve estar a nossa fé, indiferente à religião que abraçarmos. (Compare «O mundo Reconstruído», de Peter Howard — Moutain-House, em *Caux s/Montreux*. C. P. Lausanne II 13600).

Passando destas pressuposições para o domínio do chamado Espiritismo experimental, podemos estabelecer conjecturas que, embora nebulosas, nos deixam projectar alguma luz sobre fenómenos que observamos através dos sentidos normais, mesmo em plena função e saúde. Resimidamente, raciocinemos então da seguinte maneira:

1) *MORTE FÍSICA DE UM CORPO*

Libertação da energia condensada no núcleo (alma) de um corpo, devido ao rompimento do estado gravífico (força centrípeta e centrífuga) que existia no mundo individual, enquanto revelava vida e movimento próprio. Assim, desmaterializa-se o corpo e a energia liberta passa ao mar de energia universal, onde é desdobrada, reunida ou transformada.

Ignoramos se o núcleo (alma) do corpo, característico do mesmo, é comparável, em base de analogia, com um núcleo atómico e se os núcleos podem continuar uma existência isolada, após a desagregação da matéria, quer dizer, do corpo materializado, que os aprisionava e em que espaço de tempo e sob que condições se inicia e completa a desintegração destes núcleos até alcançarem o que para os budistas significa o Nirvana. Todavia, não há motivo para crer que o processo de síntese siga curso diferente do da desintegração e, apoiando-se na hipótese, segundo a qual todo o mundo é vibração, de que a matéria é feita de ondas presas e as radiações de ondas livres, é perfeitamente admissível que, no instante da morte física do corpo, não esteja tudo acabado, mas que, uma vez liberta do invólucro que a prendia e, reunida por tempo indeterminado no campo magnético do núcleo, a energia se exerça noutras esferas radiantes, bem como a consciência e a inteligência da entidade respectiva, até que se dê transformação, transfusão, desdobramento ou reunião com outros núcleos ou fragmentos semelhantes, como observações criteriosas no campo do Espiritismo experimental deixam supor, o que coincidiria com fenómenos observados na física nuclear.

2) *MATERIALIZAÇÕES*

São fenómenos produzidos por concentração do éter em determinado local do espaço e de fluidos eléctricos e magnéticos, favorecidos pela presença de centros atractivos ou catalizadores, como podem ser considerados certos corpos ou objectos com capacidades chamadas «mediúnicas». Assim se explicariam materializações ocasionais, não provocadas por pessoas assistentes ou colaborantes e perceptíveis por algumas delas (visões). Porém, haverá possibilidade de materializações também em recintos fechados com presença de médiuns e assistentes e colaboradores, emanando vibrações energéticas, — consciente ou inconscientemente — com interferência de outras ondas electromagnéticas, eléctricas ou magnéticas, cuja causa então seria o encadeamento de energia pelo éter em suficiente concentração, tornando-se perceptíveis aos assistentes através dos sentidos comuns. Estes corpos, embora «recipientes», semelhantes ou iguais a formas existentes ou de cuja existência os operantes possam lembrar-se, diferem dos que a natureza produz normalmente, em virtude da essência que contêm estar menos firmemente encadeada e assim perdurarem os fenómenos, enquanto persistirem as condições que os favorecem. Assim, podem aparecer corpos animados em recomposição parcial ou completa do agrupamento da matéria, semelhantes ou iguais a outros, o que equivale a materializações incompletas ou completas, que podem desaparecer como apareceram, mas que também podem concretizar-se, como acontece não raramente com certos objectos, desmaterializados num lugar e rematerializados em outro, fenómeno a que os espiritistas chamam de *transporte*. Os corpos animados em recomposição parcial obtida por via energética demonstram instabilidade em relação ao próprio fenómeno e ao tempo de duração e impossibilidade de *contrôle* por operantes pouco treinados ou assistentes mais ou menos curiosos. Não fica, porém, excluída a possibilidade de certos iniciados controlarem relativamente tais fenómenos, conforme a história nos conta, tudo tão complexo e estranho, que se torna difícil de acreditar. O facto de os fenómenos conseguidos em reuniões espiritas revelarem aparentemente características da vida de entidades desencarnadas semelhantes a características vitais de entidades encarnadas, permite estabelecer a tese de que, embora haja possibilidade de interferência de espíritos de outras esferas, também há interferência consciente ou inconsciente dos próprios experimentadores e de centros energéticos próximos ou remotos, que fogem ao nosso *contrôle*, ou como transmissão de pensamentos, por presentes ou ausentes, dotados de grande força telepática e até pelos próprios médiuns assistentes.

Parece, pois, que o mundo em que vivemos está cheio de mistérios para os nossos limitados sentidos. Não podemos, porém, negar que podemos obter reconstituições de fenómenos da energia por via diferente à que nos é compreensível, mediante os nosos sentidos e que equivalem a uma espécie de ressurreição da matéria, como a conhecemos, factos estes que os mais recentes conhecimentos das radiotransmissões e da física nuclear nos impõem. Começamos a compreender que o que ainda não sabemos deve ser muito mais amplo e importante do que o que julgamos saber. «O espírito depois da morte voga fora do espaço e do tempo, em outras dimensões. O universo oferece-lhe todas as posições e condições possíveis para reconstruir um corpo na matéria», diz Pietro Ubaldi. Só a crença e a fé nos trás consolo, quando duvidamos daquele *depois da morte;* mas, porque havemos de duvidar?!

Do exposto, parece terem explicação aceitável os efeitos da magia

POR **F. R. VAN RIBROECK**

(ENGENHEIRO-ELECTRICISTA)

RUFINO JUANCO

RUFINO JUANCO

Mais um lutador que desaparece da cena terráquea, quando tanto havia a esperar da sua experiência. Rufino Juanco, nosso redactor-correspondente no México, ardoroso e sincero, defendia o ideal em todas as circunstâncias, ainda as mais difíceis, pondo em seus trabalhos toda a vibratilidade que o distinguia. Era um grande amigo de Estudos Psíquicos *e sentia-se profundamente honrado colaborando nestas colunas, que lhe eram familiares. Em todas as cartas exteriorizava os seus nobres sentimentos e a simpatia que dedicava à nossa obra.*

Rufino Juanco escreveu artigos, realizou numerosas conferências e tomou parte activa na organização do Espiritismo sul-americano. Espanhol de nascimento e educação, radicou-se na América Latina e ali desenvolveu enorme actividade nas revistas da especialidade, fundando a Central Espirita Mexicana, com o professor Pedro Alvarez y Gasca, Mauro Jiménez, Manuel Dominguez e outros denodados combatentes. Homem de variada cultura predisposto aos temas sociais, sabia encarar os problemas e resolvê-los com harmonia e bom senso.

Estudos Psíquicos *perde um dos seus melhores colaboradores, um verdadeiro apóstolo cheio de exemplos edificantes, cuja vida foi consagrada à difusão dos mais belos ensinamentos.*

Que o seu elevado espírito ilumine os nossos passos para bem do ideal que professamos. Que ele continui a dedicar-se ao aformoseamento das almas e a pugnar por um mundo equitativo onde todos possam ser obreiros do progresso.

branca e negra, os «espíritos bons» e os «espíritos maus», os efeitos das preces pela paz, progresso e saúde, ou a invocação de forças destruidoras e punitivas para os desafectos e inimigos. Esta última pode ser perigosa arma de dois gumes, virando-se contra os próprios invocadores e talvez tenha produzido o desaparecimento de grandes civilizações da antiguidade, bem como guerras, calamidades e catástrofes. «O que torna difícil o estudo sério dos fenómenos é a grande quantidade de fraudes, erros ópticos e outros de origem individual ou provocados por charlatães que se divertem com a mentira, com a criação de superstições, de medo e sujeição covarde aos supostos mestres da magia, ambiciosos de poder material e espiritual. Ninguém pode imaginar onde pode levar tudo isto e quão difícil é controlar-se» (Max Dessoir).

3) *REENCARNAÇÃO*

É o encadeamento de energia livre no espaço, proveniente dum corpo desmaterializado (alma, núcleo ou fragmentos) pelo «éter», formando um novo corpo, em virtude de impulso recebido por uma força motora, cuja fonte originária ignoramos. A substância imaterial e apolarizada denominada «éter» representa figuradamente o traço de união entre o espírito liberto e o seu novo corpo. Este move-se em seguida com vida própria, trazendo uma herança da fonte que o impulsionou, formando assim um corpo renascido. Este fenómeno poder-se-ia repetir em todos os matizes e todos os tempos, ciclicamente, até que a primeira alma desencarnada se transforme num sentido evolutivo que a transporte a mais altas camadas de energia. (Por analogia, talvez seja permitido supor sete órbitas ou camadas, comparáveis às sete órbitas do movimento electrónico nos elementos mais pesados da matéria, como o urânio). A alma ou o núcleo alcançariam assim a última camada (o sétimo céu), o que equivaleria à completa desintegração do núcleo ou da alma, com que se libertaria completamente a energia (electricidade?), reunindo-se a DEUS.

Considerando todos os corpos como microcosmos dentro do macrocosmo, isto é, uma pluralidade de mundos individuais existentes no universo, cada um destes mundos se encontra em determinado estágio, incontrolável por si mesmo. Esboça-se assim a significação do destino naquilo que a entidade recebe como herança e que ela acrescenta, consciente ou inconscientemente, com as suas próprias acções, sentimentos e pensamentos.

RIO DE JANEIRO

ESCÂNDALO

Por ALFREDO MIGUEL

O mal de não se conhecerem a si mesmas faz com que muitas pessoas — espiritas inclusive — vejam amiúde o escândalo na conduta alheia. O «Nosce te ipsum» que os gregos liam no limiar do templo de Delfos, encerra, com efeito, uma profunda sabedoria filosófica, mas ninguém hoje quer ser filósofo nem sábio... É inútil repisar que não há ninguém perfeito, que continua de plena actualidade o desafio do Cristo a quem, isento de culpa, atire a primeira pedra no acusado. Ontem, como hoje, os homens são os mesmos, carregados de erros e de faltas, embora sempre inclinados a ocultá-los e a simularem virtudes que não possuem. Velha e trivial modalidade do orgulho humano. Pois esse orgulho insensato é que cega as criaturas e as impede de ver as próprias maldades, ao passo que gera a volúpia de descobrir e alardear as fraquezas dos outros. No entanto, os vícios e os defeitos são peculiares à natureza humana e equivalem-se. Duvido que sobeje autoridade ao cidadão A para censurar o cidadão B, porque este bebe ou fuma, de vez que ele, embora não fume nem beba, sente irresistível atracção pelo jogo... E note-se que jogar, fumar e beber são vícios fugazes que desaparecem com o corpo. Não embaraçam tanto a ascensão do espírito como aqueles outros que têm raízes na alma, tais como o ódio, a avareza, o egoísmo, o ciume, a concupiscência — e mil pendores indignos que tornam patente no indivíduo a mesquinhez de carácter. Os homens, todavia, não se examinam, não fazem a auto-crítica de seus actos. Veriam então que todos são iguais ou se assemelham. Preferem, porém, viver a se maldizerem e se hostilizarem mùtuamente, nutrindo a discórdia, acirrando rancores. É que ninguém repara na trave que tem nos olhos, mas não deixa de ver e apontar a aresta que está no olho do vizinho.

Porém, falemos de gente de casa, porque há muitos espiritas que por tudo e de tudo se escandalizam. Alguns chegam a pôr à mostra uma pudicícia de vestais, pasmando e protestando quando um seu confrade lhes conta uma anedota alegre ou dirige um inocente galanteio a uma filha de Eva, ou fala e ri com liberdade e veemência, como é do feitio de quem redige estas linhas. Talvez entendam que devemos ser esquivos e soturnos, blandiciosos no falar e hábeis no fingir que não gostamos daquilo que naturalmente gostamos...

Detesto esse radicalismo, por antipático e grotesco. Estou firmemente convicto de que jamais alguém será réu de juízo, senão por suas próprias maldades, pelos danos que ocasionar ao semelhante. Sei, fora de qualquer dúvida, que terei de responder e ser punido por todo o mal que fizer e não pelo escândalo que meu procedimento e minhas atitudes possam suscitar. E saibam todos que o escândalo e o mal nunca foram nem serão sinónimos. «O escândalo — diz Kardec — não está na acção em si mesma, mas na repercussão que possa ter. A palavra escândalo implica sempre a ideia de certo arruído. Muitas pessoas se contentam com evitar o escândalo, porque este lhes faria sofrer o orgulho, lhes acarretaria perda de consideração da parte dos homens. Desde que as suas torpezas fiquem ignoradas, é quanto basta para que se lhes conserve em repouso a consciência. São, no dizer de Jesus, «sepulcros branqueados por fora, mas cheios, por dentro, de podridões; vasos limpos no exterior e sujos no interior». Ajuntemos que o escândalo às vezes surge de um bem que fazemos, uma vez que para fazê-lo tenhamos de afrontar velhos preconceitos, indo de encontro ao que se chama opinião pública. Também o espirita que ainda não se emancipou de uns tantos prejuízos sociais para submeter-se apenas aos imperativos da consciência, mui pouco aprendeu no Espiritismo. Deus não se deixa levar de respeitos humanos e dá a cada um «segundo as suas obras». Não adiantam as aparências de virtudes; o que importam são as virtudes reais.

MISCE

O MAIOR PALÁCIO E O MAIOR TEMPLO

O maior palácio do mundo é a residência do Papa, que tem 12.000 quartos, 800 salas de espera, 300 banheiros, 150 gabinetes de leitura, dezenas de salões destinados a recepções e uma cadeira de ouro maciço onde se senta o Sumo Pontifice da Igreja Católica Romana.

O maior tempo do mundo é a Basílica de S. Pedro, no Vaticano. No seu interior cabem 45 mil pessoas. A sua construção durou 176 anos. Na Basílica de S. Pedro só o Papa tem o privilégio de dizer missa. Tem 187 metros de comprimento, 135 de largura e 45 de altura. Colaboraram nela Bramante, Rafael e Miguel Ângelo. Além de ser o maior tempo do mundo, é também o mais rico.

(De «As Maiores Coisas do Mundo», de Edgar Carvalho)

★

A EMBRIAGUEZ

Um mau espírito apresentou-se uma vez a um homem sob a mais horrorosa forma e lhe disse:

— Tu vais morrer! Entretanto, eu posso conceder-te a graça, em troca de uma das condições seguintes:

— Mata teu pai, esbordoa tua irmã, ou bebe vinho.

— Que fazer?—pensou o homem —Dar a morte a quem me deu a vida? É impossível! Maltratar minha irmã? É horroroso! Eu beberei vinho.

E bebendo vinho, embriagou-se, maltratou sua irmã e matou seu pai.

(De «Luz da Verdade», da Bahia)

★

O ESPÍRITO NEGATIVO

«O espírito negativo nunca vence em parte alguma. É o espírito positivo que irradia força e abre caminho ao mundo.

«Muita gente crê na impossibilidade de avançar na fatalidade da sua miséria e do seu infortúnio, envolve-se em pensamentos destrutivos, desagregando sugestões, tornando impossível a atitude positiva e criadora. Somos nós que formamos o nosso mundo, com pensamentos e sensações».

Que grandes verdades nestas palavras de Marden!...

★

UM VALIOSO DEPOIMENTO

Eis o que escreveu J. Arthur Hill, antigo secretário de Sir Oliver Lodge, no tocante às coisas psíquicas:

«Eu não posso provar a existência dos átomos ou dos electrões, mas infiro a sua existência pela reacção da matéria. Da mesma forma procedo, relativamente às almas dos que partiram e cuja existência deduzo dos fenómenos que tenho observado, sem esperar que os outros pensem como eu, visto que não tiveram a minha experiência.

«Creio na sobrevivência e na comunicação, base do sistema espírita, onde há boas razões para se acreditar numa nova vida de progresso. Presentemente, encontramo-nos numa das classes mais baixas da escola universal. Mais ainda: é absurdo supor que a inteligência humana seja a mais elevada que existe e é razoável calcular que uma grande inteligência está para lá do véu que oculta os fenómenos».

★

DORMIR SEM FECHAR OS OLHOS

«Quando pensamos em alguém que dorme, aliamos instantâneamente o conceito à ideia de olhos fechados. Contudo, algumas pessoas entram nas regiões do sonho com os olhos abertos. Não se julgue que, por isso, conservam o uso da visão. Nem distinguem a luz de uma lamparina acesa, porque se acham mergulhados na inconsciência, como todos os que dormem. Este facto prova que as sensações não estão nos nervos, mas na mente. Alguns animais dormem habitualmente sem cerrar as pálpebras».

(De «La Nacion», de Buenos Aires)

★

CASO ESTRANHO...

MILÃO, 6 — Deu-se um estranho caso nesta cidade. António Fossati declarou insistentemente que todas as noites lhe aparecia, em sonhos, um seu cunhado, já falecido, a pedir-lhe que inutilizasse um bilhete que se achava na algibeira do casaco que levara para a cova. O António Fossati, acabou por dirigir-se às autoridades que, em face da sinceridade com que o declarante apresentava o caso, acabaram por determinar a exumação do corpo. Então o médico verificou de facto a existência do tal bilhete na algibeira indicada. O bilhete foi lido perante testemunhas e inutilizado, mas o assunto nele tratado foi mantido secreto, em consequência da sua importância — (L.).

(Do Diário de Notícias, telegrama de 6-2-953)

★

OS MORADORES ESTÃO ASSOMBRADOS

Fortaleza, 29 (N. P.) — Continuam os fantasmas da rua Tristão Gonçalves a atirar pedras sobre três casas residenciais que ficam entre as ruas António Pompeu e Domingos Olímpio. Todas as noites cai uma verdadeira chuva de pedras nas referidas habitações e os moradores dali continuam assombrados. Todo mundo leva pedradas, das 19 às 24 horas.

LÂNEA

Até a polícia já foi apedrejada e ninguém sabe de onde vêm as pedras que caem nas moradias em referência.

Assombrações ou gatunos? Eis o que perguntam a todo o instante os circunstantes. Alguém disse já ter visto vultos nos telhados. Outros afirmam que são assombrações. O certo é que até o delegado da Ordem Política e Social já levou pedradas...

(Do «Correio Paulistano», de 30-12-52)

★

O TERRÍVEL CANCRO

Segundo estatísticas recentes, a população mundial é flagelada pelo cancro, na razão de quatro óbitos por minuto. Só nos Estados Unidos morrem anualmente 400.000 pessoas vitimadas pela horrível doença.

O Instituto de Higiene de Paris chegou à conclusão de que, por cada 100 indivíduos que morrem depois dos 50 anos, 40 são cancerosos. Dir-se-ia que é um mal da civilização, ao contrário da tuberculose, que se instala, em regra, nas regiões onde a miséria é acentuada.

No Brasil, o cancro está ceifando 30.000 vidas por ano, ou seja, 3,4 por hora.

★

SER JUIZ

Conta-se que Pedro, o Cruel, rei de Castela, costumava nomear pessoalmente os juízes do seu reino. Um dia vagou no Tribunal de Sevilha um lugar de juiz e três concorrentes disputavam a honra de o ocupar.

Pedro III chamou-os a todos e, indicando-lhes com a mão a metade de uma laranja que boiava na água de um tanque, perguntou:

— Que é aquilo?

— É uma laranja, respondeu, sem hesitar, o primeiro.

— É a metade de uma laranja, disse o segundo, sem reflectir.

E como o terceiro não respondesse, o rei perguntou de novo:

— Que é aquilo?

Então o aspirante a juiz, servindo-se do próprio bastão do monarca, aproximou de si a metade da laranja que flutuava no tanque, voltou-a em todos os sentidos e, depois de ter hesitado alguns instantes, disse:

— Deve ser a metade de uma laranja...

— És um sábio — respondeu D. Pedro, abraçando-o —. E vais ser nomeado juiz, porque não te atreveste, como os outros concorrentes, a julgar sem ter estudado bem a questão. Mais ainda..., embora estivesses quase convencido de que não te enganavas, nem mesmo assim quiseste resolvê-la.

Oh! Como são diferentes os que se arvoram em juízes para condenar o Espiritismo!...

(De «Luz da Verdade», da Bahia).

★

NÃO SE ALIMENTA HÁ SEIS MESES

Madras, Índia, 14 (A. P. — Teletipo — Os círculos médicos estão preocupados com o caso de uma rapariga de 17 anos que há seis meses não se alimenta, nem bebe água, conservando, todavia, o mesmo peso e demais condições físicas. Recolhida num hospital em Mercara, está submetida a observações de um grupo de médicos que procuram explicação para esse caso estranho.

★

CONFIANÇA NA ORAÇÃO

Na América do Norte, um guarda polical, suspeitando de um indivíduo, prendeu-o na rua. O preso não se conformou com a situação e reclamou:

— Olhe aqui, sr. guarda: eu sou uma pessoa de relevo na sociedade. Sou cristão e homem de oração!

E o guarda respondeu, sem titubear:

— Pois eu também sou cristão e homem de oração, assíduo ouvinte de Belly Sunday. Boa ocasião para nos ajoelharmos e levarmos o caso à resolução de Deus.

Ajoelharam-se na rua e o guarda orou com tanto fervor, que, ao terminar a oração, o preso reconhecia perante o Senhor a sua culpa, entre soluços e lágrimas que lhe embargavam a voz.

Um transeunte que se detivera no local para apreciar o facto, perguntou ao guarda:

— O sr. tem tanta confiança na oração e orou com os olhos abertos e as mãos nos braços do preso?...

— Ah! — disse o guarda —. Fi-lo em atitude de carinho... e segurança, porque «o seguro morreu de velho».

(Do «Semeador», de S. Paulo)

★

FANTASMAS

Casabranca, 27. (AFP) — — Um fantasma está dando que fazer num populoso quarteirão desta cidade. O «fantasma» parece estar atacado por um «espírito batedor», pois assim que surge num grande edifício, que se diz «mal assombrado», começa a bater nas portas e janelas do edifício, e nas mesmas janelas e portas sentem-se golpes surdos, a intervalos regulares. E tudo isso, mesmo que não haja vento algum e sem qualquer pessoa no edifício, excepto, naturalmente, os que procuram observar o fenómeno e que, sob mútua fiscalização, não podem ser autores de possíveis truques. A polícia, em face da excitação provocada, abriu um inquérito e acompanha «in loco» as actividades do «fantasma».

(Da «Vanguarda», do Rio de Janeiro)

HORA TRANQUILA DIÁRIA

Têm alguns cristãos evangélicos um costume muito interessante e, ao mesmo tempo, muito útil: praticam a «Hora Tranquila Diária», ou hora quieta, na qual procuram receber a inspiração do Alto para guia das suas vidas e para lhes ajudar a solucionar, cristãmente, os seus problemas.

Diz o reverendo Dr. Anselmo Figueira Chaves, no seu livrinho «O que faltava ao aldeão saber» (páginas 146 a 152), que fazer a «Hora Tranquila» é procurar a comunhão perfeita com Deus, é viver pelo espírito, procurando a presença de Deus e a Sua direcção, é deixar-se guiar pelo Espírito Santo de Deus, tanto no estudo da «Bíblia» como em todos os actos da vida, não se deixando dominar nem pela carne, nem pelas tentações do mundo.

O método do Dr. Chaves é este: De manhã, antes de principiar o dia de trabalho, toma uma posição confortável, busca a Deus em pensamento e diz-lhe:

— Fala, Senhor, pois este Teu humilde servo deseja escutar a Tua voz!

Toma um caderno de apontamentos e ali vai escrevendo todos os pensamentos que Deus lhe vai pondo na mente. Depois abre a Bíblia (ao acaso) e regista no caderno qualquer versículo que o inspire durante o dia.

Seguidamente examina a sua vida à luz de quatro perguntas (que considera o espelho da perfeição cristã, no qual cada um se vê tal qual é), cujas respostas escreve:

Que faltas de honestidade ainda cometo? Que faltas de pureza? Que faltas de abnegação? Que faltas de amor ao próximo?

Depois traça o programa do que tem a fazer durante o dia. Finalmente, ora a Deus, pedindo perdão das faltas que, pelo Seu Espírito, lhe revelou na Hora Tranquila e roga-lhe força para vencer as tentações e mudar de vida, reconhecendo que o único meio de pôr em ordem o seu viver e de alcançar a paz e a felicidade em Deus consiste em se entregar ao Cristo, sem reserva de qualquer espécie, pedindo que toda a sua vida seja guiada pelo Espírito de Deus.

Também costumo fazer a «Hora Tranquila» à noite.

Os resultados são surpreendentes. Tenho-o verificado por mim próprio nas respostas que me têm sido dadas e no incentivo que isto tem trazido ao meu aperfeiçoamento.

Haverá pessoas que se prendam com a fonte donde provêm as mensagens e que façam disto cavalo de batalha, afirmando que não é Deus que se comunica. Porém, se nos lembrarmos de que Deus se manifesta pelas suas criações e que costuma revelar-se aos homens indirectamente, através dos seus numerosos mensageiros que, desde o Foco Supremo, vêm passando palavra, de degrau em degrau, transmitindo uns aos outros a vontade do Pai, que pouco a pouco desce, assim, até nós, não nos custará a compreender e a aceitar que Deus nos possa dar as Suas mensagens, adequadas às necessidades de ocasião, quando nos recolhermos ao silêncio do nosso sossego e fizermos a «Hora Tranquila».

Não devemos também esquecer-nos de que o espírito de Deus habita em nós, como disse Jesus-Cristo, e que o nosso corpo é o Seu templo. Não abafemos, pois, a Sua voz, quando ela se nos manifestar na consciência.

Entre várias mensagens que me têm sido dadas ùltimamente por meio da «Bíblia» (quando faço a «Hora Tranquila»), além das que me dizem respeito pessoalmente e aos meus problemas, friso as duas seguintes, para exemplo, que são de interesse geral:

I) — Marcos, capítulo 12, versículos 28 a 40, inclusive: «Aproximou-se d'ele um dos escribas que o tinha ouvido disputar, e sabendo que lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? — E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás pois ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.

E o escriba lhe disse: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele; E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e

amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios. E Jesus, vendo que o escriba havia respondido sàbiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus».

II) — Isaías *(700 anos antes de Cristo), capítulo 58, versículos 6 a 11, inclusive:* — *«Por ventura não é este o jejum que escolhi? que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? e que deixes livres os quebrantados, e despedaces todo o jugo? Por ventura não é também que repartas o teu pão com o faminto e recolhas em casa os pobres desterrados? e vendo-o nu o cubras, e não te escondas da sua carne? Então romperá a tua luz como a alva e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face e a glória do Senhor será a tua retaguarda. Então clamarás e o Senhor responderá; gritarás e ele dirá: Eis-me aqui: se tirares do meio de ti o jugo, o estender do dedo, e o falar vaidade; e se abrires a tua alma ao faminto, e fartares a alma aflita: então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio dia. E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará os teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial cujas águas nunca faltam».*

Como se vê, podemos receber salutares conselhos que nos ajudarão a desprender-nos da ganga do nosso atraso e nos auxiliarão a subir na escala da evolução espiritual, se os quisermos adoptar.

Pode acontecer que, à mistura, venham pensamentos de pouco valor. Mas não devemos deixar de registar nenhum dos pensamentos que surjam no nosso cérebro, porque pode haver coisas pròpriamente nossas, e pode haver ainda interferências de espíritos inferiores que se metam de permeio, como crianças endiabradas. Mas não devemos trancar as portas do nosso cérebro, para receber também os pensamentos elevados. E, ainda, porque os espíritos atrasados que interfiram beneficiarão também com as boas mensagens que recebermos no cérebro, ou por meio da «Bíblia». Devemos, só no fim, fazer a selecção do que for aproveitável. Como disse S. Paulo: «verificai se todo o espírito é de Deus, e aceitai só o que for bom».

Estas interferências poder-se-ão evitar, em grande parte, se conhecermos bem os Evangelhos e as Epístolas dos Apóstolos e se inicialmente procurarmos concentrar bem o nosso pensamento em Deus e em Jesus.

De princípio, eu cometia o erro de querer joeirar, no cérebro, os pensamentos que me surgiam. Mas neste esforço ia opor-me a que se manifestassem os pensamentos elevados, porque travava o cérebro e nada obtinha então.

Hoje ponho-me em completa passividade, deixando que todos os pensamentos brotem livremente no meu cérebro, registando-os no papel e fazendo no fim a sua escolha. E não me tenho dado mal. Raros pensamentos fúteis me aparecem.

Guiemo-nos, pois, pelo lema: A quem escuta, Deus fala; e a quem obedece, Deus abençoa.

Por B. B. MARTINS

O HIPNOTISMO NA MEDICINA

LONDRES — (APLA) — Os médicos britânicos estão avançando notàvelmente nos métodos de aplicação do hipnotismo com fins terapêuticos. A imprensa médica tornar-se-á eco de numerosos casos em que esse tratamento foi de grande eficácia nas afecções de caráctetr tìpicamente psíquico, mas, ùltimamente, foi aplicado com grande êxito em algumas enfermidades da pele refratárias aos métodos específicos de terapêutica. O caso mais notável foi o de um paciente que sofria de uma enfermidade chamada «pele de peixe», ou, com o nome científico, «erytrodermia ictiosiforme», de que se citam umas vinte variedades. A pele inteira se resseca, formando verdadeiras escamas, e as novas experiências demonstram a verdade daquele provérbio francês — «A pele é o espelho da alma» — significando que algumas afecções cutâneas são o resultado de perturbações mentais e emocionais. O «Britsh Medical Journal» publica uma estatística confeccionada pelos doutores P. Hall Smith e Alan Norton, que revela que 78 por cento de uma vasta série de pacientes eram afectados por enfermidades da pele provocadas por factores psíquicos.

No caso particular da «pele de peixe», o tratamento por meio de hipnotismo aliviou o enfermo no prazo de uma semana, fazendo desaparecer o fenómeno de um dos braços, onde a irritação era mais forte. As pernas ficaram curadas, quase totalmente, dentro de um mês, e pouco depois o doente pôde ter alta, sem outras recidivas. Este e outros casos semelhantes indicam, segundo os citados doutores, a «necessidade de intensificar ao máximo a investigação científica básica sobre a relação entre o espírito e a pele».

ECOS DO ALÉM...

XV

23 de Maio de 1951. O prólogo desta sessão foi preenchido pela análise psicológica de uma pessoa de minha família que se encontrava a muitas léguas de distância. E embora a médium, no estado normal, desconhecesse a vida íntima desse familiar, no estado de concentração «viu» muito para além do meu próprio conhecimento. Lia assistiu ao trabalho. Senti-o através dos fluidos que me envolviam. A prova está no diálogo de grande interesse moral que se estabeleceu quase imediatamente:

— Estou aqui há bocado (1). Sentes-me bem?

— És tu que estás a actuar?

— Sou.

— Sinto-te de outra maneira (2)...

— É mais forte. Quero estreitar-te mais, apertar mais os laços que nos unem, para que me sintas e te convenças bem.

— Não proderei «receber» em transe?

— Vamos devagar para conseguirmos alguma coisa.

— Sinto emoção.

— Se te pudesse dar a vidência de um momento para o outro, não hesitava. Mas não o posso fazer. Sentes-me bem junto a ti.

— Tenho essa impressão.

— Nem sempre é permitido. Nem sempre o ambiente é propício. Umas vezes de lá, outras vezes de cá. Aproveita, mas não te comovas. A comoção prejudica.

— É estranha à minha vontade.

— Podes educá-la pouco a pouco, sobretudo quando estás concentrado. Não é só dar conselhos aos outros. Temos que praticá-los.

— Qual seria a origem da emoção?

— Os nervos.

— Se ela vem sem eu esperar...

— Não te entregues.

— Disse que era estranha à minha vontade.

— A comoção sincera é estranha à vontade de todos.

— Mas é provocada e a minha não. Julgo eu...

— A verdadeira não é provocada.

— Mas tem motivos plausíveis.

— Isso é diferente. É um sentir.

— Para a minha parece que não há motivo. Mas deve haver, porque todo efeito tem causa.

— Há a doutrina. Devemos procurar compreender.

E mudando de tom:

— Voltou um pouco a calma, voltou um pouco a esperança, até poder dar-te provas concludentes. Consegui o que desejava. Espero dar provas melhores; mas não te impacientes e não desejes agarrar com as duas mãos o que só deves segurar numa...

— Cá dizias o mesmo. Que era impaciente...

— Impaciente e porfioso. Mas aqui de nada serve. Quando se fecha a porta, fecha-se mesmo. De nada serve bater.

— Procura-se porta diferente...

— Quando não agrada onde se bate.

— Pois. Lá, como cá.

— Nem sempre.

— Cá, bate-se às vezes e não se é atendido.

— Mas cá não é assim. Só se é atendido, quando podemos e devemos atender. Aí, se não nos atendem num lado, noutro nos atendem. A minha porta é só uma.

— Eu pensava nisso. Cada alma...

— É uma porta que nem sempre se abre para todos. Nem pode nem deve abrir-se para todos. E muitas vezes é difícil encontrar outra alma a quem se possa abrir a porta.

— Aqui, abríamo-la mùtuamente.

— Aí tinha um dever; aqui tenho outro. Não quero dizer que a não abra quando possa, com a mesma lealdade que

---

(1) Este «há bocado» era-lhe característico.

(2) Os fluidos que sentia nesse momento eram de natureza diferente. Mais fortes, mais vibrantes, embora suaves, deixando-me impressão de banho tépido que as palavras não podem descrever.

me era peculiar. Nunca fui desleal, nunca procurei subterfúgios para dizer o que sentia. Pude sempre levantar minha fronte. Talvez houvesse sido um pouco severa, até comigo mesma, mas a verdade acima de tudo. Creio que nesse ponto algumas vezes te desagradei em pequenas coisas contra as tuas opiniões, embora mais tarde me desses razão. Todos temos ocasiões. Nem sempre se está de acordo e é justo que se tenham opiniões pessoais (1).

— Porque não gostavas que te contrariasse?

— Talvez pela mesma razão que também não gostavas. Há sempre uma pontinha de amor próprio.

— Apesar de tudo, foi uma bela experiência, a nossa.

— Mas muito bela.

— Se a pudéssemos...

— Repetir! Mas, não. Há coisas que só se passam uma vez. Recordar é viver. Às vezes, viver um pouco amargo. Mas de saudade também se vive.

— É o que tenho feito.

— Temos de avaliar o que perdemos.

— Também o avalias?

— Noutro sentido. Bem sabes que aqui é diferente. Há coisas que se compreendem de outra forma. Não posso pensar como pensava na Terra. Se assim fosse, não estava onde estou. Temos de compreender e sentir. Às vezes sonhas acordado. Coisas que querias fazer e não fazes e outras que não sonhas e virás a fazer. Terás de sentir para saber como deves orientar-te. Não aprovo nem reprovo os teus actos. Não sou eu que os julgo... Caminha, ilumina e verás como os que ajudaste te ajudarão. Ai, não esperes louvores, nem te preocupes com eles. Eu tenho acesa a chama do amor em meu coração. E quando cá chegares vê-la-ás tão bela, tão fulgurante, como quando estávamos unidos na Terra. O mesmo calor nos unia, o mesmo calor nos unirá...

— Cada um vive o seu sonho. Qual será mais verdadeiro? O meu ou o teu?

— O meu sei que o era. O teu ainda tem algumas dúvidas.

— Na Terra?

— Sim.

— E aí?

— Aqui, vivo o que me é dado.

— Será semelhante ao meu?

— Em parte. Há pontos em que o desacordo continua.

— Que diferença haverá entre sonho e realidade?

— Nem sempre se pode realizar o que se deseja.

— Quem pensa não realiza?

— Nem sempre. Umas vezes, porque não devemos, outras porque não merecemos e outras porque não podemos.

— O pensamento, quando se exerce...

— Não tem barreiras. Vai longe. Muito longe. E algumas vezes perde-se. Não volta. Vem outro e outro e acontece o mesmo. É como o fumo que se esvai. Não se pode agarrar...

— Tuas palavras traduzem desprendimento?...

— Não. Não é desprendimento. Tu verás um dia e pensarás como eu. Só a amizade se conserva intacta. Sabes que é mais forte que o amor. Este é mais violento; aquela é mais suave, mais duradoira. Uma grande amizade vai a todos os sacrifícios com prazer; e um grande amor, às vezes, assim como floresce, morre.

— Aprecias mais a amizade do que o amor?

— Disse e repito: uma amizade sincera, verdadeira, vale mais que um grande amor, inflamado, violento. A amizade é mais suave, mas mais firme.

— Perdura mais...

— Perdura sempre. E há grandes amores que se têm transformado em grandes ódios. As grandes amizades, nunca.

— É verdade.

---

(1) Toda esta conversa, aparentemente estranha, revela um carácter. Falando, embora, como espírito, apresenta facetas imutáveis onde transparece a sua individualidade. Eu esquecia-me da realidade do momento para me transportar ao passado distante, numa ilusão de sonho. Sim, ela deve ter sido um pouco severa para consigo. Também me desagradava às vezes, rebatendo opiniões minhas. Eu, porém, manifestava-lhe o desejo de cada um de nós exprimir-se livremente e pude assim avaliar em grande extensão a sua inteligência, a sua perspicácia e a sua têmpera. Muitas vezes rectifiquei ideias, em virtude de objecções que ela opunha à minha forma de ver, e devo acrescentar que ganhei muito com o seu convívio.

— É um laço que se dá e nunca mais se desata. É um abraço que se dá para a vida e para a morte, se morte se pode chamar.

— Sabes que ela não existe.

— Perfeitamente. Se existisse, não te diria o que disse. E já te tenho dito muito. Mais do que esperavas.

— Agora tens a prova real.

— Está certa.

— Mas, apesar da tua convicção, tinhas receio de a tirar...

— Há sempre receio do desconhecido. Maior ou menor.

— Depressa recuperaste a calma.

— Porque tinha arquivado muita coisa.

— A tua primeira impressão...

— Susto... receio... respeito...

— Mas depois...

— Depois fui muito ajudada. E com o que eu sabia... E com o meu porte... O meu grande amigo... o meu pai... Felizmente, pouco durou a perturbação. Agora estou melhor. Se Deus quiser, estarei cada vez melhor, para vos poder auxiliar. Neste momento e quando vierdes.

— Não fazes exclusão de pessoas?

— Achas bem essa pergunta? Acha-la justa, depois do que tenho dito?

— Todas as perguntas...

— Nem todas as perguntas se devem fazer, sobretudo depois de se ouvirem certas respostas.

O que me tens dito revela muita evolução.

— Farei tudo para a conseguir. A cada um o que merece e não para nos orgulharmos disso. Sempre bons e humildes.

— Assim, não poderias compreender o amor de outra maneira.

— Compreenderás como eu, quando chegar a tua altura.

— Da Terra...

— Só as almas me interessam.

— O resto é poeira.

— Quando não é lama.

— Que procuras esquecer...

— Procuro erguer os espíritos, levantá-los acima desse mar revolto de paixões. Libertá-los. É um trabalho difícil e penoso, mas nobre e de valor. São mais os que se afundam, do que os que se libertam.

— Lembras-te de um sonho que te contei uma vez e que me parecia um símbolo de modificação da minha vida? Seguíamos num barco com a Gena e tu ias ao leme...

— Sim, como agora, sou o timoneiro, mas nem sempre vão para onde os guio. Assim tem que ser...

— Depois desapareceu o barco e fiquei cercado por um mar de lodo...

— Ficaste na Terra...

— Em cima de um jumento que mergulhava as patas na lama.

— Porque não podia caminhar melhor. Tu vais devagar. Eu vim mais depressa.

— Que significaria aquele sonho tão estranho?

— É o que eu digo. Tu ficaste... e eu vim. O meu barco seguiu. Tu te desenvencilharás do jumento e do lodo e virás para o meu barco. Eu te guiarei. Agora compreendes?!

— Compreendo.

— Já viste que ficaste no lodo da Terra. São as paixões, as imperfeições, tudo quanto a Terra tem de atraso. O timoneiro há-de guiar-te. Espera-te. Hás-de vê-lo um dia...

— No momento de partir?

— Assim como eu vi o meu.

— Quando o viste? Nunca mo disseste...

— Na hora da partida.

— Quando já mo não podias comunicar?...

— Já o não podia dizer. Até poder falar, queria ficar contigo.

— Eu gostava de ver-te antes dessa hora.

— O prometido é devido. Não esqueço o que prometi.

— E as nossas «mensagens»?

— Lá iremos. Haverá mais «Páginas de Saudade», mas só para ti. Não para os profanos.

— Queres que publique mais algumas?

— Sim, mas escolhe. Escolhe bem. O público gosta de variar. É uma criança grande. Gosta sempre de novos brinquedos.

— Se lhos pudermos dar...

— A obra está na tua mão. Saber escolher, saber variar. Não é preciso ir muito longe.

A seguir, a conversa foi mais íntima. Tocou pormenores que me não compete revelar, mas que robusteceram a minha

convicção. O «jumento» voltou à baila, a propósito da obra empreendida, que se reflecte na Terra e no Espaço. E veio a promessa de responder, sempre que pudesse e soubesse:

— Quanto mais vezes te concentrares, menos dificuldades terás. Fala, como se eu estivesse viva ao pé de ti, que viva estou. E pouco a pouco conseguirás mais e melhor. Se duvidares, levará mais tempo. Portanto, escreve o que te vier à mente. Foi assim que principiaste.. Foi assim que principiei...

★

Em 30 de Maio, a sessão realizou-se no Centro Espiritualista Luz e Amor e a médium exclamou, mal terminámos a prece de abertura:

— Estou a ver muitas mãos estendidas, a pedir. E dizem: «Espalhai a caridade, que Deus vos auxiliará». Lia anda de um lado para outro, muito satisfeita, como quem atende pessoas que chegam (1). Ouço agora: «Necessitamos de mais irmãos de boa vontade. Nós podemos multiplicar-nos. Às vezes sentimo-nos cansados, mas não esmorecemos. Venho aqui frequentemente. Sinto que nascem esperanças em muitos corações. É preciso semear mais para que a fé não afrouxe. Há muita falta de fé e de caridade. Não devem perder oportunidades. Se uma luz se apaga acendam-se outras, acendam-se muitas. Nunca parar. Não se pode fazer mais? Faz-se menos. Mas sempre o que as forças permitirem». Está ali uma figura branca de olhar vivo e cabeleira preta a abençoar com as duas mãos, que parecem fluorescentes. Riu-se, quando eu disse «fluorescentes». A meu lado esquerdo continua Lia. Entre ele e ela há uma luz grande de tom anilado. O ambiente está bom. Caem inúmeros flocos luminosos.

— Um banho de ternura — diz Lia, referindo-se à chuva luminosa e dirigindo-se a mim e à Gena —. A luz que vos ilumina a vida é tão frágil, tão pequenina!

— Quase todos os terrícolas vivem na penumbra... Não admira que seja débil a nossa luz.

— Até os que a têm maior, num momento a podem ofuscar com seus actos.

D. Maria Bacelar diz que não pode desfitar as mãos fluorescentes da entidade espiritual. Depois exclama, numa transição repentina:

— Lia teve algum fio de ouro?... Com uma medalhinha pendurada?... E não chorou por qualquer coisa relacionada com o fio?... Ela pega no fio e limpa as lágrimas... Não seria um retrato de alguém? Quando o sr. andava em viagem, ela não tinha o seu retrato numa medalhinha?

— É verdade.

— Ela diz: «Saudade». Tinha saudade, por o sr. estar longe. Era muito sua amiga. Muito. E não tinha um vestido bordado com coisas brilhantes? E não comeu uns bolos a bordo de um navio qualquer e bebeu vinho do Porto ou coisa parecida? (1).

A seguir, vieram novas revelações.

— Ela sofria dos rins... Inflamação... E inchavam-lhe as pernas e os pés também... Às vezes tinha uma dor num ombro... reumático... E vejo umas rochas muito grandes e ouço falar em umidade relacionada com a doença. Nesse sítio não tinham cadeiras de viagem onde ela se sentava, com papel e lápis? E não raro ficava a pensar. Ela diz: «à espera da inspiração». E ri-se. Esse sítio tinha mar. Ela acrescenta: «mar profundo». Ouço dizer: «inspirador de navegantes e poetas. Belo para meditar. Só, também se faz muito. A vontade é uma grande força. A vontade, o poder, conforme as mãos onde estiver» (2).

---

(1) Um minuto antes desta revelação, já eu estava a sentir o sinal de Lia. As palavras da médium vieram confirmar a minha convicção.

(1) O que se refere ao fio de ouro e à medalhinha com o meu retrato, que de facto existiam, não o posso atestar, excepto quanto à viagem, que realizei nessa ocasião. No tocante ao vestido e aos bolos num navio, é tudo verdadeiro.

(2) Sim, Lia sofria dos rins e às vezes a perna esquerda inchava-lhe um pouco. A dor no ombro esquerdo nunca foi explicada pelos médicos e chegava a atacar-lhe o coração, embora nada tivesse de cardíaca. Houve quem lhe chamasse «asma essencial» e receitasse adrenalina. Outros inclinavam-se para reumatismo. As «rochas muito grandes», as «cadeiras de viagem» e o «mar profundo» referem-se, sem dúvida, ao promontório de Sagres, onde vivemos oito anos consecutivos.

— *Podes dar-me alguma recordação desse tempo?*

A médium diz que ela mostra um papel: «As comunicações. As predições que se realizaram e as que se hão-de realizar ainda (1).

— *Agora — continua a médium — do retrato (refere-se ao retrato de Lia que se encontra na Secretaria do Centro) está ela a estender os braços. E tem um vestido escuro com ramagens mais claras e mangas curtas. Mostra-me uma cor de romã* (2). *O sr. não lhe pôs uma flor no peito, quando ela estava no caixão, no rés-do-chão de uma casa?... Mostra-me uma flor. E vejo-a à cabeceira do caixão, em pé, do seu lado, com um braço estendido para a Gena... Da mão dela saíam fluidos. Fazia um esforço... queria dizer qualquer coisa... Estavam alguns espíritos ao pé dela e uma criancinha. Parece que a esperavam. E ela tinha pressa de dizer uma coisa. E disse o que queria. E deu um suspiro de alívio: «Disse; disse o que queria»* (3).

— *A quem? — perguntei.*

— *Aos dois — elucidou a médium.*

— *Acompanhou o enterro? — inquiri na mesma atitude.*

— *Custou-lhe a abandonar o sr. e a Gena. E diz: «Ilusões que se têm. Apesar de se saber muito, não se sabe o suficiente. Se soubesse o que sei, não fazia o esforço que fiz, pois compreenderia o que só mais tarde compreendi».*

— *E já conhecias a doutrina — acrescentei.*

— *Mas estava como que adormecida... Concentrava muita coisa que se foi esclarecendo, pouco a pouco. Vidas passadas que se foram desenrolando, pontos que se esclareceram...*

— *Não te sentias ligada a elas?*

— *Como, não? Se elas são minhas... Se são actos que pratiquei...*

— *Também deves estar ligada a espíritos que partilharam contigo essas vidas...*

— *Sem dúvida. Se todos somos irmãos... mais ou menos temos vidas comuns.*

— *Deve ser consolador.*

— *Para uns, quando tais vidas foram bem aproveitadas. De outra forma, há pena, há remorso. E noutros há desejos de começar novamente. Sobe-se e desce-se de posição no mundo. Espiritualmente, sobe-se ou estaciona-se. Há pessoas cultas que voltam em ignorantes para se redimir, mas há muitos que não compreendem assim. Há espíritas que julgam que o espírito culto nunca pode vir em ignorante. Mas é assim. O que sabe fica arquivado. Depois volta e cá o tem. Há muito modo de julgar e pensar, mas a verdade é para bem poucos.*

Lembrei-me de fazer uma pergunta.

— *Se o espírito toma conhecimento de vidas transactas, deve sentir menos apego aos que deixou, visto repartir o afecto por todos que viveram consigo. Será assim?...*

— *Mas as mais recentes perduram mais... Sobretudo, quando se é correspondido. Há laços mais apertados do que outros. Há vidas que se completam mais do que outras.*

— *A nossa teria sido uma delas?*

— *Duvidas? Não tens a certeza...*

— *Pergunto, para saber o que pensas à luz de novos conhecimentos.*

— *Não sabes que a minha opinião era só uma?*

— *Sei. Mas...*

— *Não te tenho dado provas? Não respondi já a essa pergunta?*

— *Mas nunca to perguntei à luz desses conhecimentos.*

— *A opinião é sempre a mesma. O que disse está dito. É o que direi. Sempre fui*

---

(1) Alude às comunicações que recebeu de «Reper-Siam», durante todo o tempo que lá estivemos e que eu guardo no meu arquivo, como recordação indelével. Várias predições nos foram dadas, entre elas a da tarefa difícil que nos aguardava em Lisboa, contràriamente aos meus desígnios, e que se cumpriu por completo. Aguardemos as outras. Tudo leva a crer que se cumpram igualmente.

(2) É o tal vestido acima mencionado. Recordo-me bem dele e das suas mangas largas e curtas.

(3) Aqui há um lapso, aliás natural em visões desta natureza. Eu não lhe pus a flor no peito naquele momento. Pus-lha junto da sepultura, quando abriram a urna. Quanto à coisa que queria dizer e que a preocupava, revelou-a no mesmo dia, através da mediunidade da Gena: «Estou muito bem junto de vós. Continua a tarefa, que eu ajudo-te sempre que posso. Não se preocupem. Estou melhor que ninguém. Estou cheia de luz e os irmãos do Além vêm rodear-me com seus cânticos»...

verdadeira. O que afirmava, mantinha-o.

— Não julgues mal as minhas palavras.

— Quem to disse?

— Eu não duvido, nem nunca duvidei. Foste sempre verdadeira. Mas parecia-me que, se o espírito toma conhecimento das vidas passadas, deverá lembrar-se de outras uniões igualmente satisfatórias...

— Serão ou não.

— ... e sentir-se ligado a certas personagens com laços do mesmo género. Era isto que eu queria saber.

— A mesma pergunta, de outra forma...

— Por exemplo: se tiveste várias mães noutras encarnações, é lógico que te sintas ligada a esses espíritos amoráveis. Assim, repartirás agora o afecto por essas individualidades, se acaso as reconheceres. Compreendes o meu pensamento?

— Compreendo.

— Será verdade o que digo?

— Sim. Há amor para todos, mas os últimos são os que ficam. A última amizade, quando é compreendida, quando é compartilhada, é mais duradoira. Sabes que pelo marido deixamos pai e mãe...

— É amizade diferente.

— Mais funda, mais íntima.

— E que perdura mais.

— Já to disse há bocado. Quando é compreendida, cria raízes mais fortes.

— Por isso eu senti mais a tua ausência física. Em compensação...

— Tens a minha presença espiritual. Quando for preciso, estarei presente. Mas não por motivos fúteis. O tempo é precioso. Há muito que fazer. Há muito que auxiliar, muito que levantar...

— Mas eu sinto-te igualmente fora dessas circunstâncias. Ou estarei enganado?...

— Não conheces a minha actuação? Não é o mesmo sinal de sempre?

— Mas, como dizes...

— Não por motivos fúteis?... Era alusão a espíritos que se podem aproximar de ti sem elevado objectivo.

— Quando há afinidade...

— Os laços tornam-se mais fortes. Por isso devemos manter-nos sempre unidos.

— Creio que nos manteremos.

— Creio?! Porque não dizes «tenho a certeza»?

— Por mim, tenho a certeza.

— E por mim? Duvidas?...

— Por ti, tenho a convição.

— Então será melhor dizer: «por mim e por ti, tenho a certeza de que estaremos sempre unidos».

Essa certeza vale uma obra realizada.

— E a realizar. Lá e cá. O que aí fazes, vê-se daqui; o que aí dizes, ouve-se aqui. O que aí se ensina, também se aprende aqui; o que aí se espalha, também se espalha aqui...

— O pensamento é viageiro dos dois lados...

— E a palavra é ouvida. Nem só aí a escutam. Também aqui há muito quem oiça, aprenda e sinta alívios, ao compreender a sua situação. Se há quem se ria, há quem chore comovidamente. Se há quem sofra, há quem se redima. Os dois mundos completam-se. São um mundo só, incompreensível para muitos. Uns sofrem, ouvindo-vos; outros são felizes.

— Ditosos os que vêem, ouvem e sentem as vibrações desse mundo!

— Para esses, o Além nada significa.

— Estão presentes num mundo e noutro. Basta-lhes a vontade.

— E o amor ao próximo. Mas é preciso lutar, porque nem todos sentem esse amor. Nem todos vêm a nós com o carinho que deviam ter. Nem todos trazem vibrações amigas. Há quem procure a luz e quem procure as trevas. É pena!

— A maioria foge ao contacto com esse mundo. Tem medo.

— Uns têm medo; outros, não. Têm medo do que lhes pode advir. Todos terão amigos à sua espera: os da luz e os das trevas.

E depois de breve pausa:

— Não posso abusar mais.

— De que?

— Do esforço desta irmã (A médium encontrava-se adoentada).

— Vou fazer-lhe irradiações. Podemos encerrar a sessão?

— Podemos. O Pai está com todos.

— Então, até sempre.

— E não te esqueças. Estou sempre contigo...

(Continua)

I. D. S.

Madame Boulet, de Auchel, grande médium de efeitos físicos

— II —

9) «Contrôle»

f) *Um caso de experiência controlada.* — Para que não restem dúvidas, vamos relatar um caso rigorosamente controlado (segundo o que nos foi descrito, porque não estávamos presentes). Foi metida uma joia num pequeno cofre e este fechado e selado diante de testemunhas. Terminada a sessão, procedeu-se à abertura do cofre, que continuava com os selos intactos, mas o precioso objecto tinha desaparecido. Atribuir o caso a prestidigitação por parte da Sr.ª Boulet parece-nos impossível, porque a profissão dela não é a de ilusionista.

g) *Uma experiência que falhou.* — Poderia suspeitar-se de um médium que se gabasse de conseguir sempre, como e quando quisesse, o fenómeno de «apport». Vamos citar uma experiência que não deu resultado e à qual assistimos. O Guia tinha anunciado pela Sr.ª Boulet: «Vou tentar um *apport* de peixe». Fechou-se a luz. A médium anunciou que se sentia mal, e depois de se abrir a luz verificou-se a inexistência de qualquer peixe. O espírito explicou então que a experiência do *apport* não tinha dado resultado por sua culpa, que não previra bem as coisas.

Este fenómeno apresenta, na realidade, sérias dificuldades «técnicas», diríamos nós. Temos, pois, que concordar que, se tivesse havido fraude, o fenómeno não teria falhado, o que vem em defesa da boa fé da médium.

Se, apesar de tudo, há cépticos que duvidam ou desconfiam da pessoa da médium acusando-a de astúcia, que provem o que dizem, que tentem apanhá-la em flagrante delito de fraude! Nada disso se viu ainda, apesar da Sr.ª Boulet actuar em público vai para um ano.

Pessoalmente, depois de ter assistido a várias sessões com olhos de observador e crítico, entendo que a médium é digna de toda a confiança, que é leal e sincera. Isto são as melhores garantias. Até prova contrária julgamos poder afirmar que os fenómenos produzidos são reais e autênticos.

10.º — *O perigo das experiências.* — Uma palavra sobre o perigo que representam para a médium as experiências feitas em detrimento das suas forças físicas e psíquicas necessárias à produção dos fenómenos. Por essa razão, a Sr.ª Boulet, que dispendeu imensas energias com risco da própria saúde, caiu gravemente enferma. A despeito do grande interesse pelos fenómenos e do legítimo desejo de curiosidade que levantam, é bom não abusar muito das limitadas forças da médium para não lhe comprometer a saúde.

IV — FENÓMENOS OBSERVADOS

1.º — *Mensagens:* com o intuito de preparar o ambiente e os fluidos necessários à produção dos fenómenos, principalmente de *apports,* a entidade manifestante começa por dar algumas mensagens pela escrita automática. A «entidade-guia» responde aos doentes que solicitaram consulta médica. Diagnostica o seu mal e indica o tratamento a fazer. Citemos o exemplo desta jovem mãe condenada pela medicina oficial e que foi salva, graças aos cuidados de Liszt, que conseguiu cicatrizar uma chaga com a dimensão duma moeda de 5 francos.

Graças sejam dadas ao querido Dr. Liszt!

2.º — *Apports:* a) flores, avelãs, etc. Os fenómenos que cronològicamente aparecem em primeiro lugar depois duma espera que varia de 10 a 15 segundos são os *apports.* Ouve-se como que uma chuva de granizo. Acende-se a luz. «São avelãs originárias de Argel» — informa a Entidade —. Todos se regalam com este novo maná celeste! Volta a apagar-se a luz. Uma verdadeira chuva de flores cai sobre a assistência; rosas, cravos, mimosas, etc., espalham-se por todos os lados. Quando se acende a luz, todos se sentem maravilhados e cada qual procura apoderar-se duma flor como recordação.

Conseguimos apanhar uma rosa, muito bela. cor de púrpura, de cheiro e frescura incrível, onde brilhavam ainda, como pérolas, algumas gotas de orvalho.

Íamos jurar que fora colhida, mal desabrochara. Seria tolice supor que todas estas flores provinham da médium e que ela as pudesse esconder e guardar em si num tal estado de frescura e isto durante mais de uma hora e numa atmosfera abrasadora. Este fenómeno é um dos mais belos, mas também dos mais criticados, dos mais suspeitos — reconheçamo-lo francamente —, porque todo ele se produz em completa escuridão —. Diz-se: custa a acreditar! É maravilhoso! É bom demais para ser verdadeiro! E, no entanto, o Sr. Victor Simon contou-me ter assistido a um *apport* de avelãs em plena luz!

Que dizer?...

b) *Perfumes* — A seguir e ainda relativo ao fenómeno precedente, um perfume dos mais agradáveis se espalhou em toda a sala. A Entidade, apesar de a dizermos morta, conhece bem as regras da delicadeza e sabe no momento próprio ser galanteadora, perfumando «graciosamente» as senhoras e meninas presentes com água de Colónia, água de rosas ou ainda com *Lavanda,* à escolha e na quantidade desejada. Ouviamos nitidamente o glu-glu característico do despejar duma garrafa que, no fim, ninguém conseguiu encontrar. O Espírito não foi regateador, porque todos ficaram copiosamente perfumados.

c) «*Apports*» *luminosos* — A Entidade procede em seguida a uma outra série de *apports* luminosos com o sentido evidente de os tornar visíveis a todos os espectadores. E foi assim que primeiro uma e depois duas cruzes luminosas apareceram sùbitamente no escuro, sendo abraçadas por alguns assistentes, satisfazendo-lhes assim o desejo que manifestaram. De outra vez foi a imagem da Virgem que apareceu, fosfosrescente. Como nos encontrávamos na primeira fila da assistência, seguíamos o movimento da imagem que a Entidade acabava de colocar nos bordos da mesa ocupada pela médium, sem a perdermos de vista, decididos como estávamos a tomá-la quando a sessão terminasse, o que seria em breve. Logo que se ouviu o sinal de acender a luz, precipitei-me para ela, mas nada encontrei. Tinha desaparecido na escuridão!

d) «*Apports*» *de seres vivos* — Vamos relatar o último *apport* desta data e que constitui uma inovação. No princípio da última sessão, a Entidade anunciou pela médium: «vou tentar o *apport* dum ser vivo». Surpresa geral! E pouco depois: «preparem um frasco cheio de água», o que foi imediatamente feito. A dona da casa colocou o recipiente na mesa da médium e todos pudemos ver que nenhum ser vivo se encontrava no frasco. Apaga-se a luz. Minutos depois volta a claridade e todos puderam observar com espanto que um minúsculo peixe de espécie desconhecida em nossas latitudes volteava no frasco. «É um *dagniau* (peixe exótico), afirma uma senhora morena que parece dedicar-se a piscicultura. Um peixe que nos cai do Céu! Confessem que não é vulgar! É um processo completamente novo, desconhecido e inédito de pescar sem linha, sem rede e sem isca!... A Sr.ª Boulet segredou-me: «Já me sucedeu isto umas 35 vezes e sempre pela mesma via aérea. Tive que adquirir dois aquários, um para água quente, outro para água fria, segundo as espécies, para alojar os meus novos hóspedes».

e) «*Apport*» *seguido de* «*rapport*» — Vamos falar agora de um caso bizarro de *apport*, seguido de desaparição e de restituição: o caso dum cinzeiro. Numa precedente reunião, a Sr.ª L..., nossa simpática hospedeira, obtivera o *apport* dum cinzeiro. No fim da reunião e depois da partida da Sr.ª Boulet, a Sr.ª L... verificou com espanto que o cinzeiro tinha desaparecido. Resolveu nada dizer, sobretudo à médium. Mas a Sr.ª Boulet soube por uma comunicação do seu guia que um cinzeiro tinha desaparecido da casa da Sr.ª L... e que tinha tenção de o reaver na próxima sessão e restitui-lo à legítima proprietária. Efectivamente, na reunião seguinte organizada em casa da Sr.ª L... e à qual assistimos, o cinzeiro foi trazido de novo *(rapport)*. A Entidade dá por escrito a seguinte explicação: «este cinzeiro foi subtraído por um homem pouco delicado com a intenção secreta de o ver desmaterializar-se. É preciso dar a César o que é de César». E a Entidade acrescenta: «tive muitas dificuldades em conseguir a restituição». Efectivamente, é um trabalho difícil que exige muita experiência. A Entidade tornou o objecto invisível em casa do «larápio», por um processo que nos é desconhecido, transportou-o para casa da Sr.ª L... e, ali, materializou-o novamente.

Esta experiência do cinzeiro foi bem sucedida e a Sr.ª L... ficou satisfeita por ter recuperado o «seu» cinzeiro...

f) «*Apport*» *interno* — Por *apport* interno compreende-se o que é efectuado dentro de casa com a ajuda de objectos que se encontram no local das experiências, por oposição aos *apports* externos, provenientes de exterior muitas vezes longínquo. Durante uma sessão, um dos assistentes declara: «estão-me remechendo os bolsos». Quando se acendeu a luz, tirou do bolso um pequeno cofre. A Sr.ª L. M., nossa hospedeira, exclama imediatamente: «Mas esse é o meu cofre!». Estava além, dentro de um móvel de sala, de portas de correr, mas de difícil manejo. E à vista de todos repôs o cofre no seu primitivo lugar.

Apaga-se de novo a luz e segundos depois outro assistente, o Sr. A. R., explica que lhe estão introduzindo um objecto no bolso do casaco. Logo que se acendeu a luz, verificou-se que era o cofre acima referido.

Noutra sessão, o Espírito-guia declarou por intermédio da Sr.ª Boulet: «Vou fazer o *apport* dum objecto proveniente doutro sítio».

Apagada a luz, esperou-se alguns minutos e ouviu-se o ruído surdo da queda de um ou dois objectos no meio da assistência. Acesa novamente a luz, vimos que se tratava duma espécie de pantufa de senhora e duma pequena chave, e a Sr.ª L. M. explicou: «É uma das minhas chinelas de quarto e a chave de um dos meus armários, objectos provenientes dum quarto do 1.º andar». Devo dizer que o salão onde nos encontrávamos estava situado no 2.º andar.

g) *Conclusão* — Dificuldade e raridade do fenómeno *apport*. Desejamos chamar a atenção do leitor para a dificuldade e raridade do fenómeno *apport*.

A primeira dificuldade é a sua produção em público, por ser muito difícil reunir as condições desejadas. A segunda provém de que o fenómeno é em certos casos — como o do *apport* do peixe exótico — anunciado e preparado antecipadamente. Em geral, este género de fenómenos produz-se espontâneamente. Nestas condições é fácil adivinhar o trabalho complexo que deve ter dado o *apport* seguido de *rapport*, como foi o caso do cinzeiro. Tudo isto se deve à Entidade manifestante, a quem agradecemos o seu belo trabalho, sem, naturalmente, esquecer a médium.

(Continua)

(De *Forces Spirituelles*, de Arras).

ANTÓNIO MARTINS traduziu

Por G. BELAMI
(advogado em Lille)

LIVROS NOVOS

Acabamos de receber as seguintes obras:

Do Médium Francisco Cândido Xavier

Pérolas do Além	27$00
A Caminho da Luz	25$00
Roteiro	25$00
Pão Nosso	32$00

De Osvaldo Melo

Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos	25$00

De Camillo Flammarion

Urânia	28$00

UM BOM LIVRO É UM BOM AMIGO

NOTÍCIAS DO BRASIL

Solenidade inédita na Liga Espirita do Distrito Federal — Influência do Espiritismo no meio Universitário do Rio de Janeiro

A Liga Espirita do Distrito Federal tomou a iniciativa, aliás inédita, de prestar homenagem, no dia 21 de Dezembro do ano passado, a um grupo de moços, que, tendo-se formado em Direito, tiveram o desassombro de afirmar a sua qualidade de ESPIRITAS e, por isso mesmo, fizeram constar, no convite oficial de formatura, pela primeira vez, uma solenidade espirita ao lado das habituais solenidades religiosas. A atitude dos novos bacharéis em Direito teve muita repercussão, sobretudo porque prova a influência que a doutrina espirita já está exercendo nos meios académicos. E o Espiritismo é cultura, não tenhamos dúvida. Regista-se mais uma coincidência: o orador oficial da solenidade de colação de grau, no Teatro Municipal, foi um moço espirita (Eurico Baptista de Oliveira), que citou conceitos de Léon Denis, pode-se dizer pela primeira vez, em cerimónia desta ordem, com a presença do Reitor da Universidade, representantes oficiais, etc. A mocidade académica, emancipada de velhos preconceitos, vai aos poucos fazendo a propaganda espirita nos meios cultos, porque realmente o Espiritismo precisa e deve *aparecer* em público, porque é uma filosofia de substância, de alto padrão moral.

HOMENAGEM

A Sala de conferência da Liga Espirita do Distrito Federal, na rua Uruguaiana, 141, sobrado, ficou, desde logo, completamente cheia. Em homenagem à Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, que pertence, hoje, à Universidade do Distrito Federal (os novos bacharéis são da *Faculdade Nacional)*, ocupou a presidência da solenidade, a convite da Liga, o Dr. Lauro Sales, Secretário da Faculdade do Rio de Janeiro, nosso confrade e ex-director da Liga Espirita. Depois da prece de abertura, falou o Dr. J. B. de Paula Fonseca Júnior, que fez brilhante saudação aos novos bacharéis, tendo estudado, em síntese muito feliz, as relações do Espiritismo com o Direito, principalmente o Direito Penal. Seguiu-se um programa artístico-literário com a colaboração da *Mocidade Espirita Agar Bitencourt*. Em nome da mocidade espirita (civil) discursou o jovem Carlos de Brito Imbassahy (filho do escritor Carlos Imbassahy); pela mocidade espirita (militar) falou o aluno do Colégio Militar Jorge Francisco Tavares, indicado pelo *Núcleo da Cruzada dos Militares Espiritas* do Rio de Janeiro. Os oradores foram muito aplaudidos. Antes de terminar a solenidade, Deolindo Amorim pronunciou algumas palavras em nome da Liga Espirita do Distrito Federal. Discursou, finalmente, o Dr. Carlile Wilson, por delegação de seus colegas (espiritas). O seu discurso foi uma peça doutrinária muito bem elaborada, com a maior elevação possível, o que demonstra a boa formação jurídica e doutrinária do futuroso bucharel em Direito. O orador foi demoradamente aclamado pela numerosa assistência. O bacharel Carlile Wilson, natural de Minas Gerais, pertence a uma família espirita de tradição. Baste lembrar que é descendente de Eurípedes Barsanulfo, um dos maiores médiuns do Brasil, verdadeiro apóstolo do Espiritismo.

OFERTA DO «LIVRO DOS ESPÍRITOS»

Como remate da homenagem aos novos bacharéis em Direito, a Liga Espirita do Distrito Federal ofereceu a cada um deles e ainda aos dois oradores da mocidade espirita — civil e militar — um exemplar do *Livro dos Espiritos*. Os exemplares do *Livro dos Espiritos* foram entregues pelos seguintes confrades, que compunham a mesa: Dr. J. de Paula Fonseca, Dr. Lauro Sales (presidente), Deolindo Amorim, Secretário-Geral da Liga, Dr. Silvio de Brito, representante da Federação Espirita Brasileira, Dr. Carlos Imbassahy, António Macário Pinheiro, 1.º Tesoureiro da Liga.

Em cada exemplar do *Livro dos Espiritos* oferecido aos novos bacharéis em Direito a Liga Espirita do Distrito Federal fez constar a seguinte dedicatória:

«Homenagem da Liga Espirita do Distrito Federal aos espiritas que fazem parte da turma de 1952, da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1952».

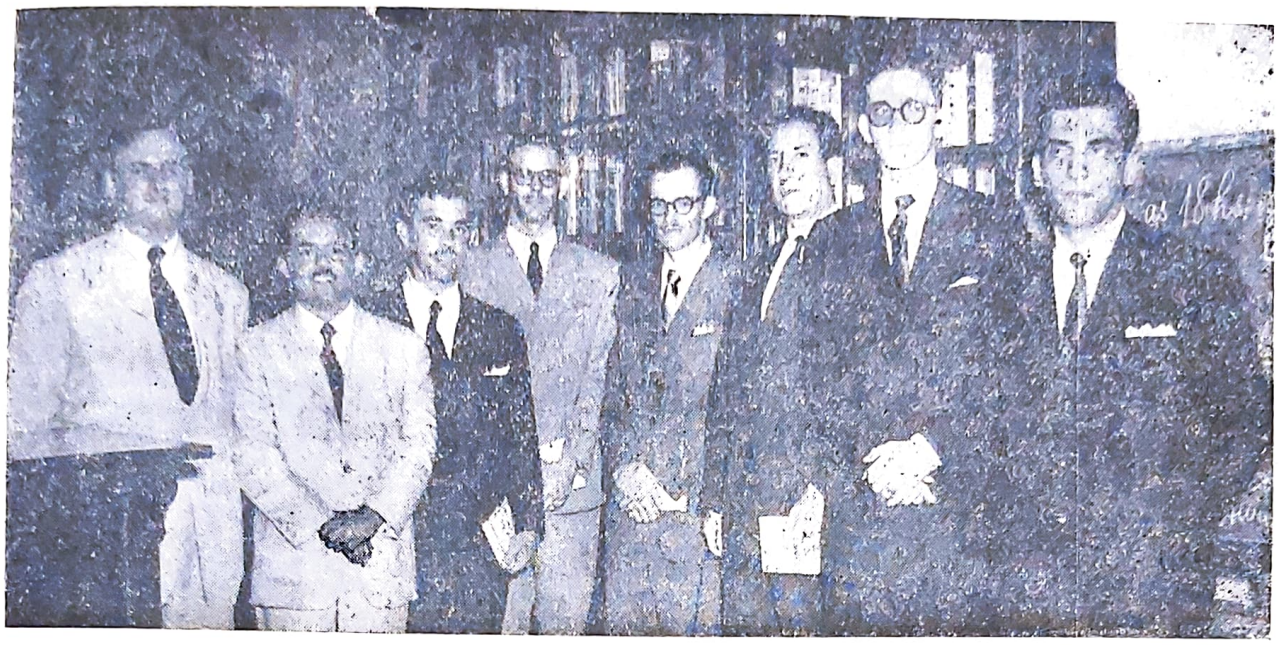
São os seguintes os bacharéis que se declararam espiritas, devendo-se notar que havia, na turma, muitos outros, que eram simpatizantes do Espiritismo, assim como, católicos, protestantes, etc;

ESPIRITAS

Afonso Carlos de Paula Fonseca, Asdrúbal Pinto de Ulissea, Carlile Wilson, David Mussa, Djalma Guimarães de Abreu, Eurico Baptista de Oliveira, Heitor Modesto Negreiros, Waldir Meuren.

OUTRAS NOTAS SOBRE FORMATURA

Formou-se em Medicina pela Universidade do Brasil, em Dezembro do ano passado, a nossa confrade Lenice Teixeira Dias, que dirige, com muita eficiência, aulas de moral cristã para a infância em diversas sociedades espiritas do Rio de Janeiro, inclusive na Federação Espirita Brasileira. Diversos confrades e colegas de turma prestaram homenagem à nova médica Lenice Teixeira, hoje casada com o confrade Arnaldo Ávila Campos. No dia de sua formatura houve sessão especial no Centro Espirita *André Luiz*. Formaram-se em jornalismo pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil os nossos confrades Enéas Dourado, 2.º Secretário do Centro Espirita «18 de Abril», Abstal Louteiro, redactor da *Gazeta de Noticias*, e Celso Rosa, director de um programa espiritualista na *Rádio Guanabara* do Rio de Janeiro.



Os novos bacharéis em Direito (espiritas) da turma de 1952, da Universidade do Brasil. Grupo feito na sede da Liga Espirita do Distrito Federal (ex-Liga Espirita do Brasil) no Rio de Janeiro, à tarde de 21 de Dezembro de 1952, após a solenidade dedicada aos novos profissionais do Direito por terem afirmado a sua qualidade de ESPIRITAS. (A turma de Bacharéis do ano passado, pela Faculdade Nacional de Direito, foi de mais de 100, tendo-se registrado a presença de 8 espiritas declarados).

NOTA — O n.º 5, a contar da esquerda, é o bacharel Carlyle Wilson, que falou, na Liga Espirita, em nome de seus colegas.

«PERGUNTANDO E RESPONDENDO»

O programa «Selecções espiritualistas», sob a direcção do Sr. Nelson Baptista de Azevedo, nosso confrade de doutrina, na Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, criou uma secção semanal, que está despertando muito interesse: «Perguntando e Respondendo». A referida secção está a cargo do coronel Delfino Ferreira, que responde, com base nos ensinos da doutrina, a todas as perguntas que lhe são enviadas, tanto do Rio de Janeiro, como do interior. A referida secção presta bons serviços ao público espirita, porque esclarece muitas dúvidas e dá orientação aos principiantes e aos que desejam conhecer a doutrina.

CONGRESSO DA MOCIDADE ESPIRITA EM S. PAULO

A Mocidade Espirita de S. Paulo está empenhada na organização de um Congresso Espirita de moços, na Capital daquele Estado, como parte das comemorações, em 1954, do 4.º centenário da Capital paulista. Para entrar em entendimentos com os moços do Rio de Janeiro, a Mocidade Espirita de S. Paulo enviou àquela Capital o nosso colaborador e académico Heitor Cardoso, a fim de serem, desde logo, dados os primeiros passos.

DESENCARNAÇÃO

Verificou-se na Capital da Bahia, há pouco tempo, a desencarnação do Sr. António Viana, membro da Academia de Letras da Bahia e jornalista. Durante muito tempo o escritor António Viana dirigiu sessões no *Instituto Kardecista da Bahia*. Embora não fosse espirita declarado, dedicou-se muito a uma das escolas espiritas de Salvador, onde muito trabalhou pela alfabetização da infância.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Na acta da sessão realizada em 6 de Dezembro de 1952, o representante de S. Paulo pediu que se rectificasse da seguinte forma a acta de Novembro, relativamente à prática do Ubandismo: «aquele representante sugere que se esclareça o público em geral sobre a diferença entre Espiritismo e Mediunismo, a fim de salvaguardar o conceito do termo *espirita*, dada a existência de práticas mediúnicas sem base nem conteúdo doutrinário rotuladas de Espiritismo, mas contrariando os princípios da doutrina espirita; apelar para as entidades estaduais no sentido de empregarem meios suasórios e evangélicos para conseguir melhorar aquelas práticas e levar as sociedades filiadas a escoimar do nosso movimento o sincretismo religioso e outras práticas mediúnicas discordantes do Espiritismo, mas que usam indevidamente a designação espirita ao invés dos nomes que lhe são próprios, acobertando-se sob o manto da Terceira Revelação, acarretando descrédito e comprometendo o movimento espirita genuinamente doutrinário baseado nos Evangelhos de Jesus-Cristo».

O mesmo Conselho resolveu aconselhar todas as sociedades espiritas a não tomarem parte em reuniões alheias ao movimento espirita e que se apresentam como apregoadoras da paz. E, por proposta de Aurino Souto, declara que a Doutrina Espirita se fundamenta na codificação kardeciana em seu tríplice aspecto, embora reconheça a existência de várias entidades respeitáveis que se servem da mediunidade nas suas práticas.

Actualmente muito se murmura acerca do incremento que a Magia tem tomado nestes últimos anos.

À semelhança dos tempos medievos, há quem nada resolva em sua vida, sem consultar o adivinho, recorrer a um mago ou apelar para uma bruxa.

A uma grande vaga de fanatismo religioso corresponde sempre uma outra onda: a do apogeu da magia.

A origem da magia perde-se na noite dos tempos, porque ela nasceu com a humanidade.

A magia tem atravessado as idades, e longa é a série de factos não só na história dos povos, como na dos indivíduos, que nela tiveram a sua origem. Nobres e plebeus, gente culta e ignorante, todos lhe têm prestado vassalagem. A magia divide-se, segundo a sua finalidade, em Magia Negra ou Goécia. Deste modo o Mago pode ser um agente das forças brancas ou do Bem, e portanto um benfeitor, ou, em caso contrário, um ser infernal, demoníaco, trabalhando com as forças do Mal.

Desde a grande antiguidade, passando pela Idade-Média até aos nossos dias, todos esses ritos têm sido praticados, tanto os bons como os maus, em todos os povos orientais e ocidentais, selvagens e civilizados. Há muito quem julgue essas práticas extintas nas sociedades modernas. Que ilusão! Praza a Deus que assim seja em breve.

Em todas as religiões existe uma ciência misteriosa, um culto esotérico, apanágio exclusivo dos sacerdotes, e que juntamente com as práticas religiosas, constitui uma filosofia, e simultâneamente uma ciência psíquica. As forças subtis da natureza e da desintegração dos corpos, as forças psíquicas emitidas pelo pensamento, etc., são estudadas e aplicadas sábia ou rotineiramente por indivíduos de estranha moralidade.

Os sacerdotes e a polícia vigiam rigorosamente certas devotas, tanto modesta como ricamente vestidas, novas ou velhas, que nas igrejas católicas e nos cemitérios roubam hóstias e pedaços de velas para confeccionarem os sortilégios.

Apesar de toda a severidade das autoridades, essas nefandas práticas são exercidas com rigoroso culto, mercê da grande ignorância, sobretudo das gentes femininas.

Em Angola, nas margens do Congo, existiu o Instituto de Nevemba, espécie de seminário aonde eram admitidos rapazes bastante novos. Ali se preparavam para o título de sábio, mago ou feiticeiro. O Instituto já não existe, mas a gente daquela região ainda é conhecida pelos Nevembos. É possível que entre eles se tenha mantido a tradição quanto a certas regras de feitiçaria. No Norte de África, região que me é paticularmente conhecida, a magia é de uso corrente.

Conta Mr. Lacoste que nos indígenas Bantos, na região de Maniema, o feiticeiro e o adivinho exercem influência preponderante nessas populações. Eles resolvem todas as situações difíceis e o seu julgamento que nos parece bárbaro, é integralmente cumprido. São consultados como médicos, como juízes e profetas. Atribuem-lhes o dom de domesticar animais ferozes, como crocodilos, e as serpentes, e de proceder a exorcismos para afastar maus espíritos, fazendo uma cerimónia em que o espírito obsessor fala pelo obsidiado.

Em toda a parte, a Magia tem o seu reino. A magia branca é o antídoto da magia negra, é a salvaguarda da humanidade que, sem ela, já teria desaparecido.

Em todos os países os bruxos abundam formando legiões.

Elifas Levi e o Dr. Gerard Encausse trataram proficientemente da magia. Outras obras dão-nos a ideia bem clara da importância dessa ciência. Embora haja quem escarneça da sua eficiência benéfica ou maléfica, certo é que alguns acontecimentos de alto valor histórico levam-nos a reconhecer que a magia — seja teúrgica ou goécia — não é coisa para fazer rir. Tenhamos em atenção o que se passou com a extinta família real portuguesa. Segundo conta Catherine Cox, os Braganças extinguiram-se devido a um malefício do sangue feito por vingança.

Certa jovem fidalga duma das maiores casas aristocráticas pretendera a mão de D. Pedro V, quando este era ainda menor. Seu pai, então regente, opusera-se ao idílio por razões de Estado. D. Pedro desposa em 1858 a princesa D. Estefânia, que morre no ano seguinte. A fim de realizar nova aliança para o jovem rei, D. Fernando envia a Inglaterra os Infantes D. Luís e D. João.

Durante um jantar oficial em Windsor, o esposo da rainha Vitória trocou o seu lugar com D. Luís, e o duque X com D. João.

Nessa mesma noite o duque e o príncipe Alberto tiveram convulsões. O duque morreu no fim de três dias, e o Príncipe Consorte faleceu após dois longos meses de sofrimento.

Em 8 de Novembro de 1861, D. Pedro V, ao sair de manhã do quarto, encontrou na porta um cartaz que dizia: — «Pedro, se não fores sagaz irás para S. Vicente».

Três dias depois o jovem monarca falecia vitimado pelo malefício do sangue, que levaria também, em 1861, o Infante D. João. Pouco depois, com 18 anos apenas, foi o Infante D. Fernando, e a seguir D. Augusto.

O rei-consorte D. Fernando, estava alarmado com os sucessivos falecimentos, de sua nora e de seus filhos, quando um misterioso mensageiro chegado de Inglaterra, infelizmente já bem tarde, o veio prevenir acerca do malefício do sangue feito à sua família, e as suspeitas recaíram sobre o pai da jovem que pretendera desposar D. Pedro. Conseguiu salvar D. Luís, que viveu sempre com saúde débil. Dos

A M A

Por IVONE

sete filhos de D. Maria II, também se salvaram as duas princesas, por estarem ausentes, tendo desposado príncipes estrangeiros.

O malefício do sangue perdurou e a família dos Braganças extinguiu-se sem descendência.

Na corte de França certos factos escandalosos de magia negra, perturbaram o sossego de vários monarcas, especialmente no reinado do rei Sol. Tivera Luís XIV por favorita a marquesa de Montespan, a qual foi acusada de conivência com a bruxa Voison, que então fazia furor em Paris, e de ter, a conselho desta, ministrado drogas ao soberano e à sucessora da marquesa, a duquesa de Fontanges, que faleceu. O caso, entregue ao tribunal, teve que ser atabafado, tal o desprestígio que lançava sobre a coroa.

A corte da Rússia, também sofreu do mesmo mal, sobretudo durante o reinado do último czar. O palácio real de S. Petersburgo era um enxame de magos e de bruxas, de várias categorias, terminando com os escândalos de Rasputine.

Todas as cortes do Oriente e do Ocidente têm uma longa história de

acontecimentos em que a magia teve uma acção importante.

Nos palácios reais, nos grandes haréns, até ao modesto cidadão, quantos dramas causados pela terrível magia? Eu própria lhe conheço os seus efeitos, que expus na minha narração feita em *Estudos Psíquicos* de 2 de Julho de 1944.

Desde épocas remotas que existem confrarias de magos negros e de bruxas, as quais transmitiam às filhas os seus segredos demoniacos. É curioso o que nos conta Paracelso, o famoso médico do Renascimento, quando nos informa que a bruxa também conhecia medicina, possuia pomadas para as feridas, unguentos para acalmar as dores, exercendo também o ofício de parteira, e... abortadeira.

As almas mal formadas encontram na magia negra ou na vermelha os elementos que lhes permitem

G I A

DE SOUSA

satisfazer os seus maus instintos: aniquilar inimigos, realizar ambições, concretizar sonhos, alimentar esperanças e triunfar no que se apresenta difícil, pela utilização das forças subtis da natureza.

Na era atómica em que nos encontramos a magia está sendo objecto de estudo dos cientistas, pois nela se encontra uma intima relação com as poderosas e ocultas forças do universo. Estranho nos parece que, há milénios, o homem tivesse sabido, embora por processos grosseiros, manipular essas forças, como sucedeu na Atlântida.

De então até hoje decorreram séculos e actualmente sábios de fama, psiquiatras e psicanalistas procuram estudar os mistérios da magia.

Diz-se que Freud abriu esse caminho dizendo que — «a magia é um sonho desperto» — e Bergson definiu-a como «a exteriorização dum desejo que encheu o coração».

O grande psicanalista Jung afirma a existência das ideias inatas, produto do subconsciente.

Em Paris o estudo da magia como ciência está despertando o maior interesse no meio intelectual, e citam-se a esse respeito nomes como o historiador C. Poinsot, o Dr. Charles Odier, o continuador de Freud e de Plazet, o professor H. Baruk, médico-chefe da *Maison Nationale* de Charenton considerado como um grande mestre de psiquiatria moderna, e que se expressou nestes termos, referindo-se à magia: «A mentalidade mágica não é, como muita vez se julga, apanágio dos povos antigos ou dos que se encontram em grau de civilização que julgamos mais atrasados do que a nossa. É uma mentalidade muito profunda que faz parte de toda a personalidade humana, de todas as regiões e de todos os tempos».

O Dr. H. Aubin, médico chefe dos hospitais de alienados, publicou há pouco um livro que causou sensação no mundo científico e que intitulou — «O Homem e a Magia». Ele admite, como o Dr. Jung, que a «actividade do inconcebível constitui uma imensa parte da nossa vida mental e que assim se deve dar ao pensamento mágico um lugar considerável».

O Dr. Vinchon, antigo médico-chefe da clínica psiquiátrica da Faculdade de Paris, expressa-se nestes termos:

«Sim, fora de toda a lógica, a magia existe, como existiu em Atenas e em França no tempo de Descartes e do realismo. Na origem da humanidade, na confusão do pensamento dos homens, ela acompanhava simultâneamente o segredo da caça, da ciência, da religião, da filosofia e da arte, e explicava que o homem primitivo não podia compreender através das forças místicas, terrenas e extra-terrenas, dando às coisas, às plantas, ao céu e à terra a expressão da vida do homem. O fenómeno do embruxamento (envoutement) existe de facto. Um elemento rádar primitivo envia ondas e outro recebe-as».

Extensa é a exposição que o Dr. Vinchon faz a respeito da magia, terminando por afirmar que — «se o seu domínio se restringe, à medida que a ciência avança, está ainda longe de desaparecer. Ela viverá enquanto existir o fundo mágico instintivo do homem que bem parece ser eterno.

Quanto à opinião dos sacerdotes, ela é, a meu ver, também muito curiosa, pois que, pela maneira como eles julgam a magia (ou os seus efeitos) e a combatem, algo se assemelha ao que os espiritas pensam, quanto aos elementos do astral inferior.

Confirmando a opinião do Dr. Vinchon, o padre Joseph de Tonquédec, grande exorcista de Paris, classifica as vítimas da Goécia em «embruxados» e em «possessos do demónio». Sabemos que os «demónios», na fraseologia católica, são os espíritos das esferas mais baixas do Mundo Invisível.

O padre De Tonquédec tem 84 anos e é diàriamente solicitado para dar a sua ajuda moral a dezenas de obsidiados.

Transcrevo a opinião do conhecido sacerdote, R. P. Bruno, director de Estudos Carmelitas:

«Devemos atribuir aos maus espíritos uma acção sobre a natureza física? Os escritores sagrados não hesitam em reconhecê-la. De que natureza é o império exercido no mundo pelos espíritos do mal?

«O exorcismo consiste em afastar «o diabo» ou «os demónios» do «possesso» ou obsidiado e muita vez do embruxado, vítimas dos espíritos inferiores. O sacerdote começa por uma missa, recita os salmos, faz oração, lê os Evangelhos. Em seguida faz a imposição das mãos sobre o obsidiado (ou no embruxado) e envia assim «os demónios» para as esferas inferiores».

Verifica-se uma certa analogia entre o conceito da Igreja Católica e o do Espiritismo, quanto à existênncia de espíritos maus e da sua nefasta influência nos terrícolas. E também algo de parecido se encontra entre o exorcismo e as práticas espiritas; estas diferenciam-se em que os maus espíritos não são enviados para as regiões infernais mas devidamente doutrinados e evangelizados, o que é mais útil.

Quanto à Igreja Protestante, ela manifestou a sua opinião através das palavras do Pastor P. Conord, da Igreja Reformada de França:

«Que eu saiba, nenhuma das igrejas da Reforma tomou posição formal com respeito aos assuntos da magia. De resto, eu penso que o exorcismo, pela sua acção, em parte «automática», incomodaria os protestantes que têm um vivo conceito acerca das intervenções divinas. É certo que não podemos esquecer que o próprio Jesus afastava os demónios. A vitória do Cristo a respeito do sobrenatural é uma garantia para o crente, que não pode encolher os ombras ante tais problemas».

Assim, em pleno século vinte, a magia é discutida e estudada pelos cientistas e até pelos teólogos que a não negam. Não há dúvida de que a magia tem ainda um papel preponderante na vida dos indivíduos e nas sociedades. Nasceu com o homem e só desaparecerá quando ele atingir a meta espiritual.

Exploração da Mediunidade

Por estarmos de absoluto acordo com o exarado neste artigo, lhe damos acolhimento em nossas colunas, certos de que sua leitura fará meditar alguns menos escrupulosos que costumam apoiar-se no chamado «astral inferior», essas falanges obscurecidas que tanto prejuizo têm causado à humanidade.

Data de muitos séculos a exploração da faculdade mediúnica. No povo israelita, em que a mediunidade se generalizara, o abuso se tornou tamanho, que levou o grande legislador a inscrever no seu Código Civil, o «Deuteronómio», a célebre proibição, que os inimigos do Espiritismo utilizam hoje para combatê-lo: «Não se ache entre vós quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem seja feiticeiro ou encantador, nem quem consulte pitões ou indague dos mortos a verdade».

É óbvio que Moisés não proibiria o abuso da mediunidade se ela não fosse conhecida do povo. E só caberia essa proibição, havendo excesso prejudicial...

No Egito, na Grécia e em Roma, os médiuns pertenceram à casta privilegiada de todos os tempos, a casta sacerdotal, servindo para as consultas e orientação superior daquelas nações.

É provável que o abuso da faculdade de comunicar com o mundo dos espiritos haja provocado as primeiras reacções no seio da Igreja Católica, contra os médiuns de então, desencadeando-se depois as violências mais atrozes que enegrecem a história religiosa da Idade Média.

Depois da codificação do Espiritismo pelo sábio lionês, muitos médiuns viveram da faculdade mediúnica, isto, porém, nos países anglo-saxões, onde são pouco conhecidas as obras de Kardec, de vez que o Mestre condena formalmente o mercantilismo da mediunidade.

Ainda hoje existem nos Estados Unidos as chamadas igrejas espiritas, nas quais os médiuns se fazem pagar para obterem mensagens do mundo espiritual.

Mas, por incrível que pareça, é no nosso país, onde os centros espiritas não se cansam de batalhar contra a exploração dessa divina faculdade, é aqui que ainda existem médiuns mercenários que se dizem kardecistas e que não se pejam de cobrar pelo trabalho que realizam. E pior que isto, se prestam a consultas sobre futilidades, mexericos, casamentos, lotarias e outros absurdos. Há os que se fazem pagar ostensivamente a tanto por cabeça ou por consulta e há os que cobram indirectamente, recebendo e insinuando aos consulentes meios de gratificá-los.

Brada aos céus tal procedimento, do qual esses irmãos se arrependerão amargamente, quando deixarem este plano e verificarem quanto se desviaram do caminho de Jesus, traficando com as coisas santas.

Inúmeros são os casos por nós registrados de médiuns que exploram a mediunidade neste plano e que no outro sofrem as consequências, dizendo-nos, quando se manifestam, dos sofrimentos a que foram submetidos pela reacção da Lei que transgrediram.

Irmãos que encontrais na mediunidade um meio fácil e rendoso para ganhar dinheiro, lembrai-vos da advertência do Mestre: «Dai de graça o que de graça recebestes». Só por si, o médium nada pode fazer; ele é mero instrumento, dependendo dos espiritos desencarnados o aproveitamento da sua faculdade.

Lembrai-vos também de que os espíritos superiores não se prestam a tais explorações e futilidades. São os espíritos inferiores que atendem aos vossos chamados e estes cobram caro a sua colaboração; a eles ficareis ligados por laços de interesse e de cooperação, dos quais vos arrependereis mais tarde.

A comunicação entre os dois mundos é actividade sagrada e as coisas sagradas não se exploram e nem com elas se brinca.

De «Desobsessão», orgão do Hospital Espirita, de Porto Alegre).

A cremação dos cadáveres

Geralmente, nas primeiras horas do *post-mortem*, o espírito sente-se ligado aos elementos cadavéricos.

Laços fluídicos, imperceptíveis ao vosso poder visual, conservam-se unindo a alma recém-liberta ao corpo exausto; esses elos impedem a decomposição imediata da matéria. E, por essa razão, na maioria dos casos o Espírito pode experimentar os sofrimentos horríveis oriundos da cremação, a qual nunca deverá ser levada a efeito antes de cinquenta horas após o desenlace. A cremação imediata ao chamado instante da morte é, portanto, nociva e desumana.

Às vezes, segundo a natureza das moléstias que precedem a desencarnação, há no cadáver inúmeros elementos de vida; daí nasce a possibilidade de, usando vários reagentes, a ciência fazer voltar o «morto» à vida.

Vê-se, pois, que o Espírito desencarnado, nas primeiras horas do além-túmulo, pode sentir, dentro do quadro das impressões físicas, todas as acções a que o seu corpo abandonado seja submetido.

Espírito de Emmanuel

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

SINAL DOS TEMPOS

O *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, publicou em 23-11-951 um telegrama que demonstra o caminho andado desde os tempos de Galileu à actualidade. Vamos transcrevê-lo:

CIDADE DO VATICANO, 22 (U. P.) — O Papa Pio XII afirmou que um «atrevido génio» da ciência provou a própria existência de Deus. No mais importante discurso dos seus 12 anos de pontificado, o papa declarou que não existe conflito fundamental entre a ciência e a religião, mesmo em questões tais como fazer remontar a origem do Universo a uns cinco bilhões de anos ou mais.

Ao dirigir a palavra à Academia Pontifícia de Ciências, sobre a «prova da existência de Deus, à luz da ciência moderna», o papa declarou que muitos homens de ciência modernos chegaram ao «limite extremo que pode alcançar a razão humana», isto é, «o conhecimento de Deus como criador».

O Sumo Pontífice declarou que a importância da investigação científica reside em seu detalhado estudo do Universo e das coisas que se acham dentro dele, «do qual chega à conclusão da existência de uma entidade em si mesma».

«Acresce que a ciência seguiu o curso e a direcção dos acontecimentos cósmicos e, assim como pôde dirigir o olhar no término para o qual esses acontecimentos conduziam inexoràvelmente, também assinalou o começo do tempo, fazendo-o remontar a cinco bilhões de anos.

«Portanto, com essa conclusão, que é característica de provas físicas, confirmaram a contingência do Universo e da bem fundada redução no tocante à época em que o Cosmos saiu das mãos do Criador.

«Assim, pois, a criação ocorreu no tempo. Portanto, há um Criador. Portanto, Deus existe. Embora não seja explícita nem concreta, essa é a resposta que esperávamos da ciência e que a actual geração humana espera dela.

«O conhecimento de Deus como único criador, agora compartilhado por muitos cientistas modernos, é também o limite extremo que pode alcançar a razão humana».

Os meios no Vaticano disseram que esse discurso do papa representa a primeira vez que a Igreja Católica aceitou tão categòricamente os cálculos científicos sobre a idade do Universo. O ensinamento católico, até agora, era de que, embora todas as coisas tenham sido criadas por Deus, sòmente «nada foi definido quanto à ordem ou ao período da criação». No passado, muitos teólogos católicos e protestantes trabalharam sobre a base do Antigo Testamento, procurando fixar o período da criação nuns cinco ou seis mil anos atrás. Os cientistas jamais aceitaram tal cálculo.

O papa, ao ocupar-se dos cálculos científicos da idade dos corpos celestes, fixada em 5 a 10 bilhões de anos, não achou que houvesse conflito com o Antigo Testamento.

«Embora essas cifras pareçam assombrosas — observou —, não trazem ainda ao mais simples dos fiéis qualquer conceito novo ou diferente do que aprenderam das primeiras palavras da *Génese*, isto é, «no começo...», ou «no começo das coisas no tempo». Declarou ainda que o Universo e as coisas são um «cenário de contínua mutação, enquanto a única coisa imutável é Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu, da terra e de todas as coisas».

Disse a seguir que os próprios homens de ciência modificaram radicalmente o seu modo de pensar acerca da «eterna estabilidade e indestrutibilidade das coisas. Há cem anos, as partículas elementares — átomos — continuavam sendo consideradas simples, indivisíveis e indestrutíveis. A mesma ideia prevalecia quanto à energia material e à força do Cosmos, na base das leis fundamentais de conservação da massa e da energia...».

«O crescente conhecimento do sistema periódico dos elementos químicos, a descoberta das radiações de corpúsculos dos elementos radioactivos, de par com muitos outros factos semelhantes, demonstrou que o microcosmo do átomo químico, de dimensões tão pequenas quanto 10 milionésimos de milímetro, é cenário de contínua mutação, não menos que o macrocosmo conhecido por todos».

Como prova da mutabilidade das coisas, lembrou o papa que o próprio átomo fôra desintegrado. O Sumo Pontífice declarou que isso, «no que contribui para a causa da paz, deve ser registado por certo entre as glórias de nosso século». Mas, mesmo esse progresso atómico, continuou, não «representa, no terreno da física nuclear prática, mais do que um passo preliminar».

Afirmou que o cientista sabe que, num universo onde todas as coisas estão sujeitas a mudança, deve existir um «ser imutável». «O cientista de hoje, dirigindo seu olhar mais profundamente para o coração da natureza que o seu predecessor de há cem anos sabe bem que a matéria inorgânica está, por assim dizer, em sua sede mais recôndita, referendada pelo selo da mutabilidade, e que, em consequência, sua existência e sua substância exigem uma realidade totalmente diferente e que, por sua própria natureza, seja invariável.

«Assim como numa fotografia feita em branco e preto as figuras só se destacam em fundo escuro e só sob essa forma se logra o pleno efeito de forma e luz, assim também a imagem do Ser eternamente imutável surge clara e resplandescente da torrente que arrebata e arrasta consigo todas as coisas materiais no macrocosmo e no microcosmo.

«O cientista que se detém à margem dessa imensa torrente acha descanso nesse grito de verdade com que Deus se definiu: «Eu sòu o que sou» (Êxodo, 3:14)».

O ESPERANTO NA PROPAGANDA ESPIRITA

Segundo lemos no *Psychic News* de 6 de Setembro último, mais de 60 pessoas de 12 países diferentes juntaram-se no Fjord Hardanger, na Noruega, após o Congresso de Esperanto realizado em Oslo, para ouvir a conferência do nosso confrade W. H. Holmes, intitulada «O Esperanto nas Investigações Psíquicas».

O trabalho em questão foi seguido com interesse, tendo o conferente declarado que a língua internacional tinha proporcionado um grande passo em frente, não só tornando possíveis reuniões a que assistissem

pessoas de diferentes países, como também fornecendo meios que permitissem enviar informações psíquicas a nações que só tinham literatura deste género no idioma nacional. Disse, também que, em Londres, há muito tempo que há sessões em Esperanto e algumas de resultados muito importantes, especialmente as de cura.

No final da conferência houve perguntas, a que amàvelmente respondeu o sr. Holmes.

Todos ficaram impressionados com a exposição, que foi o assunto da noite. O sr. Holmes presidiu durante muitos anos ao *London Esperanto Club*. Ele e sua esposa são mundialmente conhecidos em virtude de suas traduções do folclore inglês em Esperanto. Além disso, são autores de pantomimas em Esperanto representadas em Londres e outras cidades.

IRRADIAÇÕES NEURO-NUCLEARES

Eis um expressivo telegrama que a *Gazeta de S. Paulo* publicou em 2 de Fevereiro de 1951, da autoria de Mercedes La Valle, e que se prestava a considerações oportunas:

«ROMA (Especial para a «Gazeta» por Mercedes La Valle) — Apesar dos dias de apreensão que o povo italiano está vivendo pela nova ameaça à sua paz e à sua reconstrução, a imprensa não descuida de ocupar-se também de assuntos de mais limitado interesse, mas que atraem igualmente a atenção de larga parte de leitores, que de vez em quando querem afugentar os seus graves pensamentos.

Assim, a Sr.ª Eugénia Dondi, de Bologna, denominada «a feiticeira turca» pelas suas qualidades de «curandeira», volta à ribalta da actualidade. O professor Spartaco Colombati, da Universidade de Bologna, depositou recentemente, na Chancelaria do Tribunal Penal de Bologna, a perícia técnica requerida pelo defensor da Sr.ª Dondi, advogado Marchesini, para declarar a existência ou não da ciência metapsíquica da sua cliente, condenada a oito meses de prisão por «estelionato continuado».

A perícia, determinada pela primeira vez por um tribunal italiano, e talvez pela primeira vez no mundo, devia realmente esclarecer se a actividade de «curadora», desenvolvida pela Sr.ª Eugénia Dondi, pode constituir método de cura de natureza metapsiquica e ocultista, exercido no interesse dos solicitantes. O prof. Colombati, conhecido psiquiatra bolonhês, interrogou minuciosamente a acusada e assistiu a numerosas experiências, chegando às seguintes conclusões: «as actividades e as práticas da Sr.ª Dondi são de natureza metapsíquica ou, de qualquer forma, ocultistas; não são métodos de cura no sentido biológico da palavra, mas podem ser considerados — de um ponto de vista estritamente ocultista — como correspondendo a um rito em que o solicitante figura como iniciado e, pela fé com que se submete à experiência, pode obter um benefício».

O perito, que analisou a personalidade da «feiticeira», definida como de «inteligência média», referiu-se aos resultados de algumas experiências, apelando, em muitos pontos, para a intervenção da ciência no o estudo desses fenómenos.

— Não se quer afirmar — escreve o prof. Colombati — a veracidade de todas as manifestações ocultistas, mas precisar a provável existência de uma faculdade que escapa ao nosso *contrôle* dos sentidos, e por isso é chamado «percepção extra-sensorial». Os métodos dos «curadores» — prossegue o prof. Colombati — não são métodos de cura aprovados pela medicina clássica (que, no entanto, muitas vezes utiliza e tira partido do método empírico). A medicina clássica repudia-os e cataloga-os no rol das charlatanices. A esse propósito talvez seja oportuna uma consideração do ponto de vista prático: se um doente já sem confiança na arte médica consegue encontrar naqueles sistemas a calma que, em vão, procurou, e se um alívio desce sobre o corpo dolorido do enfermo, que venha o remédio, embora nada tenha que ver com o termo oficial de «cura».

Finalmente, o prof. Colombati, referindo-se às relações da ciência com o ocultismo, afirmou que não se podem dar a certos fenómenos explicações científicas ou experimentais. «A metapsíquica — disse ele — será talvez a psicologia de amanhã, mas hoje — apesar das sérias investigações — não é ainda uma ciência e certamente não será o que é hoje o ocultismo, património de pseudo-magos».

A perícia do prof. Colombati provocou uma nova onda de perguntas por parte dos leitores da imprensa italiana: «Pode-se saber — perguntam eles — de que natureza são as irradiações emitidas por alguns chamados «curadores»?

O general médico Plácido Consiglio, insigne neuro-psiquiatra e médico legal que assiste e controla alguns indivíduos definidos como «fluídicos», em virtude de sua função de director do Centro Romano da Associação Científica Italiana dos Metapsíquicos, respondeu desta forma a essa pergunta:

— «Deve-se, antes de tudo, excluir que as irradiações sejam de natureza «electromagnética». Posso provar, depois de várias semanas de atentas observações, que as irradiações podem ser usadas também através de espessas placas de vidro ou de chumbo. É de considerar-se, portanto, que essas irradiações sejam de natureza neurobiológica, isto é, neuro-nuclear, com uma certa analogia com os raios cósmicos, de grande finura de vibrações rapidíssimas, como explicou também o ilustre professor de física nuclear, Carlo Fabbri. Essas vibrações, irradiadas pelos dedos do operador, podem ser percebidas fàcilmente pelas pessoas sãs e, portanto, pelos observadores, como uma impressão de formigamento ou de frescor transcorrendo sobre a cabeça e sobre as mãos. Os enfermos, ao contrário, não percebem essas vibrações nas primeiras sessões ou elas apenas se revelam como leve pincelada cutânea. Continuando as sessões, elas denunciam calor sobre a pele e leves beliscões e finalmente formigamento, acompanhado, às vezes, de uma sensação de frio. Observei que muitas vezes a zona abdominal, numa espécie de reacção, se torna vermelha e a vermelhidão es estende às vezes do tórax até ao pescoço.

«Um facto muito importante é o seguinte: quase todos os enfermos, antes de se submeterem às experiências, têm um aumento de pressão arterial depois da irradiação; aumento de 10, 15, 20 pontos, que persiste no intervalo de uma sessão para outra. Esse aumento energético no indivíduo não deriva apenas de uma excitação do simpático, mas de verdadeiras irradiações neuro-biológicas activas, cuja prova é esta: o operador tem um abaixamento de pressão de acordo com a duração e intensidade das curas, o que denota um transitório depauperamento das energias nervosas irradiadas e transmitidas por irradiação».

Finalmente, perguntado sobre os casos que mais se prestam à cura irradiadora que emana dos dedos de alguns «curadores», o general Consiglio respondeu:

— «Podem dividir-se em dois grupos: neuróticos e psico-neuróticos, alguns neuro-psicaténicos, emotivos depressivos, com fobias e obsessões e tendências cenestopáticas. Nesses casos, os resultados das irradiações podem ser benéficos e vantajosos».

Notas & Comentários

APLIQUE-SE O REMÉDIO

Luz da Verdade, orgão da União Espirita Bahiana, inseriu o seguinte comentário, que subscrevemos em absoluto, de tal modo a ideia que traduz se harmoniza com a nossa forma de ver:

«Nossos companheiros que se acham à testa de sociedades espiritas devem ponderar maduramente o significado das palavras CARIDADE e TOLERÂNCIA, para que, a seu titulo, não estejamos a observar, uma que outra vez, embora, aquilo que com mais propriedade qualificariamos de falta de ordem ou de disciplina. Somos dos que entendem que uma directoria, ou, digamos, um presidente, pode desempenhar a sua função com indulgência e brandura, mas ao mesmo tempo sem deixar que a tolerância seja tomada como indício de anarquia no recinto do seu núcleo. A sua autoridade precisa de ser mantida e para exercê-la eficientemente é que ele foi escolhido para o cargo.

«Uma irregularidade que ao nosso ver deve merecer toda atenção de um presidente e que temos já observado por sua injustificável condescendência nas sessões de estudo, é a seguinte: a divergência de opiniões no comentário de um ponto de doutrina entre companheiros a quem a palavra foi concedida para explaná-lo. Infelizmente, já vimos, após um comentador deixar o assunto, outro em seguida levantar-se para contestar suas asserções, parecendo, finalmente, que o Espiritismo não tem unidade.

«Ora, que alguém do auditório se permita fazer um àparte discordante de conceito expendido pelo orador, admite-se. Esse pode ter uma dúvida e desejar um esclarecimento mais completo. A elucidação deve ser feita e é certo que não sòmente a ele aproveitará. Numa sessão doutrinária isto é louvável, porque o Espiritismo é escola e precisa ser bem explicado para que todos que o abraçarem o façam conscientemente.

«Quando, no entanto, o conflito de ideias se verifica entre aqueles que ocupam assento à mesa e se presumem idóneos para expor a Doutrina, o caso então muda de aspecto e escandaliza.

«Porque os seus comentários têm que primar pela harmonia de vistas, têm que ser substancialmente homogéneos.

«Do contrário, um ou outro estará precisando de aprender um pouco mais de Espiritismo e ter prudência.

«Mas o remédio a esse mal está na mão do presidente».

VERDADEIRO CENTRO ESPIRITA

Ainda do mesmo pornal, extraímos os seguintes comentários de Rodolfo Coelho Cavalcante, acerca do que ele chama «Verdadeiro Centro Espirita»:

Verdadeiro Centro Espirita é aquele que segue a orientação dos livros da Codificação Kardeciana, porque na verdade foram eles escritos para esse fim.

«Quem interpreta o Espiritismo ao seu modo, não tem autoridade para falar em nome da Doutrina.

«O Centro que cobra «consulta», realiza «baptizado», «casamento» e adopta o uso de velas e imagens, não pratica o Espiritismo.

«Quando o ilustre jornalista Alfredo Miguel afirmou pelo «Diário da Bahia» que mediunismo não é Espiritismo, alguns confrades não gostaram, quando sabemos que até mesmo o ateista pode ser «médium».

«Sim, o espirita pode ser médium, mas nem todo médium é espirita. Por isso estamos ainda com Alfredo Miguel, quando diz que o Espiritismo surgiu com Kardec, porque dantes nem a palavra ESPIRITISMO existia. No entanto, sempre se registaram por toda a parte os fenómenos mediúnicos e um dos livros que mais os relata é a Biblia.

«Se existiu o Espiritismo antes de Kardec, a Umbanda, a Quimbanda, o Candomblé, por exemplo, são espiritismo, e neste caso por que e para que surgiram «O Livro dos Espiritos», «O Livro dos Médiuns», «O Evangelho Segundo o Espiritismo», «O Céu e o Inferno», «A Génese», etc.? Mas deixemos esse comentário para falarmos do verdadeiro Centro Espirita.

«Alguém pensa que o Espiritismo seja «Consultório Médico», onde o cliente tem obrigação de pagar a «consulta» e comprar os «remédios». Quem assim pensa, está completamente enganado.

«Espiritismo é doutrina que veio reformar a humanidade e não explorar quem quer que seja.

«Fora da Caridade não há salvação», disse o Codificador; «Dai de graça o que de graça recebestes», ordenou Jesus. Portanto, o Centro Espirita que não segue esses ensinamentos, não é verdadeiro Centro Espirita, nem templo cristão».

Por cá, também há muita gentinha que não distingue crença de crendice. Eis, porque transcrevemos as palavras do nosso confrade baiano, solidarizando-nos com a sua bela explanação.

UM CASO INTRIGANTE...

Segundo lemos em O Nosso, do Rio de Janeiro, o Jornal de Joinville, de Joinville, Estado de Santa Catarina, noticiou o seguinte caso que intrigou as autoridades e despertou intensa curiosidade pública:

«José Emílio, jovem ainda, teria sido apossado pelo espirito do seu pai, falecido há seis anos em Florianópolis.

«Tomado de súbita e inexplicável loucura, José Emílio revolucionou de tal modo a rua, que foi chamado o subdelegado até à casa do sr. Mário João Mukhaus, onde o rapaz se encontrava.

«Transportado para o Hospital São José, depois de dominado por quatro soldados e metido em um automóvel, naquele estabelecimento foi acometido de nova fúria, correndo e atirando-se ao solo, espalhando o pânico pelos corredores da enfermaria. A medicação não surtiu efeito e foi conduzido ao presídio.

«Quando o automóvel passou pelo Cemitério Municipal, em cujas proximidades está instalado o presídio, ocorreu então o mais estranho da questão: mudando o diapasão de sua voz, o rapaz murmurou enèrgicamente: «Não maltratem o meu filho! Ele não está louco!».

«Um dos soldados resolveu então indagar quem era que estava falando, ao que, no mesmo tom, o rapaz respondeu: «É o Emídio. E quero que acendam umas velas para mim e me tragam um cachimbo».

«Antes de atingirem o presídio, o jovem entrou em estado de letargia, sòmente despertando no dia seguinte, queixando-se de estar «aborrecido do corpo» e de sentir «tremores na carne»...

Noticiário

CORONEL JOÃO AUGUSTO DA COSTA

Recebemos há dias a notícia do trespasse de um grande amigo e antigo colaborador: coronel João Augusto da Costa, residente em Portalegre. O acontecimento deu-se no dia 25 de Fevereiro, numa atmosfera verdadeiramente carinhosa. O extinto era espírita sincero e grande chefe de família. Seguiu com interesse a acção desta revista, acompanhando-a nos momentos difíceis com palavras de incitamento que muito nos sensibilizaram e apresentando soluções práticas, para que a marcha se tornasse menos penosa.

O seu espírito em evolução encontrará, certamente, o meio propício às suas mais caras aspirações.

Redigindo estas linhas de efeméride, queremos salientar a perda que a sua partida constitui, quer para a Causa espírita, quer para os seus amigos, que eram quantos o conheciam. Que ele receba as nossas vibrações de paz espiritual e continui do Alto a proteger-nos com a sua bondade.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 15 de Fevereiro, o nosso companheiro Ramos Pereira realizou no Centro a sua anunciada conferência, intitulada «O Poder do Pensamento».

Foi, na verdade, um trabalho magnífico de ensinamentos este em que o Dr. Ramos Pereira desenvolveu o seu tema num crescendo de interesse para quantos o escutaram, e muitos foram, levando as mais belas recordações da lição recebida. Que pena não termos um gravador eléctrico para reproduzir trabalhos deste género! Poderíamos ouvi-los sempre que fosse necessário.

Foi tão completa a explanação do conferente, que nem se quer ousamos resumi-la nestas linhas de noticiário. Diremos simplesmente que nos restou a impressão de que tudo no universo é pensamento e que nada existe aquém e além dele.

Este colaborador é dos que não se limitam a estudar um assunto, mas procuram ampliá-lo e iluminá-lo com achegas do seu lavrado, em linguagem fluente e persuasiva. Foi o que sucedeu. Apresentou várias experiências pessoais, que ilustraram e demonstraram a realidade da sua tese.

Ao fim de 1 hora e 40 minutos, o orador deu por finda a conferência, que atingiu momentos de verdadeira inspiração.

33.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se mais um sorteio de livros espíritas. Foi o n.º 33, relativo ao mês de Fevereiro e deu o seguinte resultado:

«Economizai Vossas Forças» — D. Angélica Costa Gomes Pinto, de Malange.

«Nos Templos do Himalaia» — D. Maria Bacelar, de Lisboa.

«Nos Umbrais do Além» — João de Deus Santana da Fonseca, de Lisboa.

«Falando à Terra» — Eduardo Fernandes de Matos, de Lisboa.

«Almas Errantes» — José dos Santos, de Paramos.

Como de costume, qualquer destes prémios poderá ser substituído por outro de igual preço à escolha dos interessados,

Mais uma vez repetimos o que temos dito noutras emergências: é necessário aumentar o caudal das inscrições para que seja maior o número dos beneficiados. Não é sacrifício que se pede. É boa vontade. Assim pudéssemos realizar grandes obras que dessem testemunho da nossa operosidade!

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE ABRIL DE 1953

Grupo de Estudos «Gabriel Delanne»

4.as feiras, às 21,30, dirigido por *Ramos Pereira*. Dia 1, 15 e 29.

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

5.as feiras, às 21,30, dirigido por *Isidoro Duarte Santos*. Dia 2, 9, 16, 23 e 30.

Grupo de Caridade «Lia»

6.as feiras, às 21,30, dirigido por António Pereira da Silva. Dia 3, 10, 17 e 24.

Grupo de Estudos «Allan Kardec»

Sábados, às 21,30, dirigido por Carlos Pereira. Dia 11 e 25.

Sessões Doutrinárias

Domingos, às 16 horas. Dia 5 e 26, com o médium D. Maria Cecília Gorina. Dia 12, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Grupo «Irmãos Ramuth»

2.as feiras, às 21,30, com a médium D. Maria da Glória. Dia 6, 13, 20 e 27.

Conferências

Dia 19, domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Aurora de Uma Nova Fé».

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as cotizações em dia, devendo estes fazer-se acompanhar pela última quota paga.

Fundo de Beneficência

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

D. Maria Madalena de Jesus Macedo, de Oliveira, 25$00; D. Maria Alice Moreira, de Lisboa, 50$00; Carlos Correia, de Braçais, 5$00; José Gomes Júnior, de Gaeiras, 3$50; Mário Gomes Fernandes, de Lisboa, 20$00; B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Subscrição do 33.º sorteio de livros espíritas, 150$00. Total — 293$50.

Janeiro — diversos para o Grupo de Protecção às Crianças	522$00	
Fevereiro — idem, idem	321$50	
		843$50
Entregue ao mesmo Grupo	843$50	

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em deposito nesta redacção)

	br.	enc
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INACIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato cada um		60$00
I'êm Razão ?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	53$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de Andre Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espirito de *Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritsmo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsiquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Erros Doutrinários, por *Júlio Abreu Filho*	18$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento, pelo *Dr. O. Emboaba*	15$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		150$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magnetismo Curativo, por *A. Bué* ...	38$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	

	br.	enc.
Meios (Os) Fisicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Poeira da Estrada, por *Júlio Abreu Filho*	12$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista .. .	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Síntese do Novo Testamento, destinada aos estudiosos, por *Minimus*	25$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

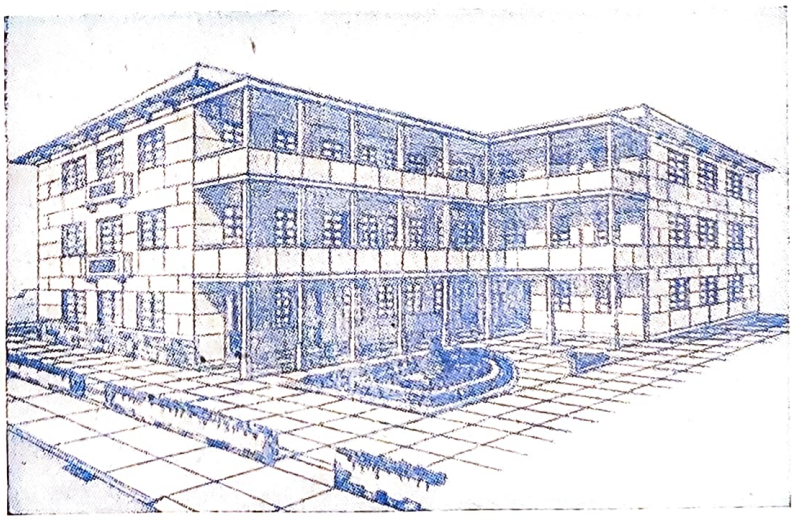
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSÍQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM:

União, da **Redacção**; O Cristo, os Cristãos e os Espiritistas, por **Tito L. Bancéscu**; Preservativo de Loucura, por **Alfredo Miguel**; A Prática do Espiritismo, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Madame Boulet, de Auchel, Grande Médium de Efeitos Físicos, por **G. Belami**; Espíritos Brincalhões; Jesus e Deus, por **Leopoldo Machado**; Maternidade Casa da Mãe Pobre; Ao Escravo da Matéria, por **Cyrilo Aleixo**; O Grito das «Novidades», por **I. D. S.**; Reclusos do Mundo, por **H. Magalhães**; A Arca de Noé, por **Jeremias Pacheco**; Livros de Todo o Mundo, Anotados por Ramos Pereira; D'Aquem e D'Além; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.



Maternidade Casa da Mãe Pobre

(Ver pág. 108)

14.º ANO ABRIL DE 1953 N.º 4

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicado

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo		42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
Síntese do Livro dos Espíritos	12$00	
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	15$00	
Depois da Morte, nova edição	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO — LISBOA, ABRIL DE 1953 — N.º 4

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRAFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

UNIÃO

Quando uma causa nobre como o Espiritismo sofre ataques incongruentes provindos de sectores conhecidos que têm interesse no obscurecimento do povo; e quando os seus mentores disfrutam facilidades que nos falecem e podem propagar à vontade suas ideias e desígnios, só resta um caminho a seguir. É o caminho da união estreita, da união cerrada entre os adeptos, esquecendo animosidades ou possíveis ofensas, para que, serena, mas seguramente, se conjure o perigo, venha donde vier.

O mundo encontra-se numa curva bem visível. A lei de selecção submete os indivíduos a dura prova e os sobreviventes do cataclismo são moralmente responsáveis pelas doutrinas que propagam, as quais fazem parte integrante da população terrena. A cada agregado, sua ideologia. Esquecer esta realidade é tão perigoso como visionar aparências. O que subsiste é necessário à comunidade.

O Espiritismo tem um século de existência porfiosa e a cada safanão dos adversários responde com a verdade e lógica de seus postulados. E prossegue na jornada, utilizando elementos humanos e procurando enquadrá-los numa crença optimista. Não lhe interessa o proselitismo nem a hegemonia filosófica. Isso fica para outros credos mais sequiosos de exibição.

Esta faceta é que de vez enquando atrai sobre nós a má vontade dos preconceituosos que monopolizaram um reduto e preferem a morte, a ceder um palmo a seus irmãos.

Como adultos responsáveis, devemos unir-nos e harmonizar vibrações, calafetando as frinchas existentes e fazendo tudo para que a viagem não sofra interrupção. Quanto maior for o número de braços, maior será o trabalho obtido e melhor a posição alcançada. Há, pois, toda a vantagem em metodizar o esforço colectivo e orientá-lo na boa senda. Lembremo-nos do «molho de varas» de que falou o Cristo e saberemos quanto vale a união ao serviço de uma doutrina.

Em Portugal, o Espiritismo tem sofrido reflexos mais ou menos individuais, talvez por falta de coesão e orientação. Basta dizer que, durante cerca de 30 anos, apenas um congresso de espiritas se reuniu e do qual surgiu a Federação Espirita Portuguesa. Há necessidade de novo Congresso, de nova troca de impressões, como se faz no Brasil, única maneira de auscultar as agremiações organizadas e impor uma linha comum. E nunca houve melhor ocasião do que esta para sabermos com o que poderemos contar.

Unamo-nos num bloco invulnerável e marchemos serenamente, olhos postos no bem da humanidade. Deixemos coaxar as rãs, que a consciência tranquila é o maior esteio da revolução moral. Não importa que sejamos poucos; importa que sejamos bons e saibamos legar aos vindouros uma doutrina pura capaz de operar nas almas a metamorfose que se espera. Abdicar às vezes do critério próprio e aceitar a opinião alheia no sentido de promover a fraternidade, é bem melhor do que impor maneiras de ver unilaterais. O todo vale mais do que a parte e quem se prende com pormenores em detrimento do conjunto realiza obra frágil e precária.

Estudos Psíquicos *está pronta a tomar parte em qualquer ajustamento que possa fortalecer o movimento espirita português, enquanto lhe permitirem a difusão do Ideal através da palavra escrita. Podem contar com o nosso apoio desinteressado e com o nosso aviso sincero. Só exigimos boa intenção de quem se abalance um dia a semelhante tarefa.*

Até lá, que o bom senso presida sempre às nossas ideias e que tenhamos motivos de júbilo a coroar a prudência de nossos actos. Saber esperar é uma bela virtude. Mais lucra quem aguarda prudentemente do que quem se ilude nos caminhos da insensatez.

Se os inimigos nos encontrarem coesos, ficarão abalados e respeitarão a força do nosso sector. Por isso a união é o melhor remédio para enfrentar o mal.

O Cristo, os Cristã

por Tito L. Bancéscu - Correspon

A propósito da visita de Pietro Ubaldi ao Brasil, dizia *La Conciencia*, de Buenos Aires, que o referido escritor e pensador vinha a «praticar o Evangelho» e que essa prática encerra em si um problema extremamente sério. Com efeito, uma coisa é pregar e outra praticar o Evangelho.

Os que tiveram oportunidade de ler a autobiografia deste filósofo «Istória de un Uomo», compreenderam bem a verdadeira estrutura moral de Ubaldi. Não é coisa fácil segui-lo nos seus passos e na sua vida. E não é fácil, porque ele tem a grande virtude de caminhar na esteira do Mestre de Nazaré.

Vivia modestamente em Gubbio, ganhando o pão com o suor do seu rosto. Nem sequer aproveitava os modernos meios de transporte, quando ia a Roma. A bicicleta era o seu veículo favorito. Repeliu a herança paterna por ver que esses bens não os ganhou com esforço próprio.

Eis aqui a personalidade íntegra do autêntico cristão! Quantos de nós, que nos dizemos «cristãos, estaremos em condições de imitar tão belos exemplos? Quantos são os espiritistas dispostos a seguir a mesma senda?

Os cristãos, os espiritistas, os espiritistas cristãos e outros sectores que seguem o Espírito excelso que pregou com exemplos vivos na Galileia, deveremos sincronizar-nos com as suas ondas vibratórias, se quisermos elevar-nos acima das palavras, porque as palavras leva-as o vento...

Ser verdadeiro cristão é seguir a ESCOLA PRÁTICA do Cristo, aproximando-nos d'Ele através de factos palpáveis, ennobrecendo a vida pela solidariedade integral com o irmão caído. Jesus de Nazaré referiu-se frequentemente aos «sepulcros caiados por fora, à agulha, ao calabre e à entrada do rico no reino de Deus».

De resto, aquelas suas parábolas interpretam-se actualmente pelos cristãos, espiritistas e espiritistas cristãos, de harmonia com a situação e potencialidade económica de cada um. Os que vivem na opulência refugiam-se quase sempre na função de «administradores dos bens materiais que possuem, considerando que os famintos e desnudos, ao lado de muitas injustiças», pagam as dívidas de suas existências anteriores.

Somos habilíssimos no desviar o prístino sentido evangélico de Jesus, para desprendermos de quando em quando algumas «migalhas» de humilhação aos outros e a nós próprios. Até publicamos fotografias para difundir essa mesquinha «caridade», exibindo à opinião pública o faminto, o desnudo, o desempregado e o infeliz que não pode ganhar o alimento quotidiano. Que miséria moral, Senhor das alturas!

Será que tentemos enganar a Deus com gestos antifraternais? Se assim for, teremos do Criador um conceito antropomórfico, que não é o Deus do Nazareno.

Viver o Evangelho, eis a legenda de todos os cristãos e espiritistas consequentes. Vivê-lo, implica lutar pela justiça social em toda a sua expressão, sem admitir a exploração do homem pelo homem, vivendo a expensas do seu trabalho, do seu suor, da sua fadiga. Às vezes, conversando com espiritistas apoiados ao bezerro de ouro, apresentamos esta questão:

— Quantos milhares de dólares, quantos latifúndios, quantas fábricas tinha Jesus de Nazaré e quais são os bens móveis ou imóveis que deixou como herança, depois de ter sido crucificado?

— Nenhuns — foi a resposta —. E acrescentaram que não podem comparar-se em evolução ao Rabi da Galileia.

Um subterfúgio — diremos nós. Quando uma pessoa não está em condições de seguir uma escola, não deve integrar-se nela, nem mesmo difundir os seus princípios, sob pena de desempenhar um papel ridículo. Eis, porque é necessário sublinhar o «ser ou não ser» de Shakespeare. Se quisermos ser bons e cristãos, devemos seguir e imitar o Cristo, pregando a sua doutrina com factos, pois só assim estaremos à altura do Mestre. Invocarmos o seu nome e escudarmo-nos na sua doutrina para interpretá-la de acordo com os nossos interesses materiais, parece-nos uma burla.

Os tempos hodiernos estão pondo a dura prova os que se dizem discípulos dos grandes reformadores morais, os super-homens que ensinaram aos terrícolas como é possível viver feliz e irmanado.

O período actual da história experimenta os que se dizem «cristãos», «espiritualistas cristãos», incluso os chamados espirtualistas orientais ou ocidentais. Não nos mimoseemos com palavras altisso-

os e os Espiritistas

dente em Rosário - Argentina

nantes, sem cotação na nossa consciência, nem na justiça divina.

O Prof. Ubaldi também poderia haver pretextado que desejava ser «administrador» dos bens que herdasse. Contudo, preferiu imitar o Cristo, a submeter-se às normas sociais e ao egoismo dominante. Despojou-se voluntàriamente do que julgou não lhe pertencer ante a justiça de Deus. Assim se pratica o Evangelho; assim se percorre a rota ascendente do Cristo. Só desta maneira poderemos honrar o seu nome e o seu autêntico Evangelho.

II

O exame crítico que estabelecemos entre o Cristo e os Cristãos permite ajuizar mais ou menos no tocante à posição dos espiritistas. Encarar esta questão com critério unilateral conduzir-nos-ia a erro. E os momentos que atravessamos não se prestam a isso.

É preciso, pois, não aventurar apreciações nem complicarmos o caso com anomalias que afectam a essência ética do nosso ideal. Encontramo-nos na Terra e por isso temos o dever moral de levar a efeito uma análise adequada acerca da marcha espiritista (que é coisa diferente da evolução do Espiritismo em todas as suas manifestações) para emendar tanto quanto possível os nossos erros, de modo que não tenhamos de lamentar-nos, em virtude da nossa indiferença e dissídia.

O problema económico desempenha uma função de importância essencial. Cada ser que encarna em nosso planeta vem desempenhar missão evolutiva: uns vêm como missionários orientadores, enquanto a maioria se aperfeiçoa em ambientes diversos. A lei de solidariedade, que leva implícita a justiça, constitui a linha directriz que devem observar.

Devido a esta circunstância e interpretando fielmente o pensamento kardeciano, não é possível separar o factor económico do espiritual, porque o primeiro é vital coadjuvante do segundo. Quase poderíamos dizer que, do ângulo evolucionista, um sem o outro não podem existir no plano terrestre. A própria comunidade dos Apóstolos do Cristo teve o seu administrador, no sentido de que a ninguém faltasse o necessário para subsistir.

Pode um bom cristão ou espiritista verdadeiro atentar contra o progresso biológico e espiritual de alguém? Evidentemente, não. Vejamos o que a tal respeito responderam as elevadas entidades espirituais que aconselharam o Mestre e Codificador do Espiritismo, quando este lhes perguntou qual o primeiro direito natural do homem:

— *O direito à vida. Por isso, ninguém deve atentar contra a vida do semelhante, nem fazer qualquer coisa que comprometa a sua existência corporal.*

— *O direito à vida* — pergunta Kardec — *dá ao homem o de reunir meios para viver em descanço, quando não possa trabalhar?*

— *Sim, mas deve fazê-lo em família, como a abelha, por meio de trabalho honrado, e não amontoar como um egoísta. Até certos animais lhe dão exemplos de previdência* (o sublinhado é nosso).

As perguntas e respostas de «O Livro dos Espíritos», donde reproduzimos estes fragmentos (Cap. XI) revestem singular importância e são de absoluta actualidade. Por isso convém recordá-las com frequência para que os «administradores» de bens materiais meditem sèriamente.

— Terá o homem direito a defender o que reuniu com o seu trabalho?

— Não disse Deus: «Não furtarás»? E Jesus: «Dai a César o que é de César»?

Aqui, Allan Kardec tem este comentário oportuno: «O que o homem reune por meio de trabalho *honrado* é propriedade legítima que tem direito a defender, porque a propriedade que é fruto do trabalho é direito tão sagrado, como o de trabalhar e viver.

E o Mestre inquiriu:

— O desejo de possuir é natural?

— É; mas quando é para si exclusivamente e para satisfação pessoal é egoísta (o sublinhado é nosso).

— Não será, contudo, legítimo o direito de possuir, já que o que tem com que viver não é pesado a ninguém?

— Há homens insaciáveis que acumulam sem proveito de ninguém ou para saciar as suas paixões. Isto será bem visto por Deus?

— Pelo contrário, aquele que juntar com o seu trabalho na mira de ajudar os outros, pratica a lei do Amor e da caridade e o seu trabalho é abençoado por Deus.

— Qual o carácter da propriedade legítima?

— Só é legítima a proprie-

dade adquirida sem prejuízo dos outros.

E Kardec glosa: «Proibindo a lei de amor e de justiça que façamos aos outros o que não quereríamos que nos fizessem, condena do mesmo modo os meios de aquisição contrários a essa lei.

— O direito de propriedade é indefinido?

— Não há dúvida de que tudo o que se adquire legìtimamente é propriedade; mas, conforme dissemos, sendo imperfeita a legislação dos homens, atribuem-se direitos convencionais que reprovam a justiça natural. Por isso reformam-se as leis à medida que o progresso se realiza e compreende-se melhor a justiça. O que num século parece perfeito, no seguinte parece imperfeito.

★

Quantos ensinamentos se desprendem deste valioso diálogo que encerra uma legislação social de importância transcendente! Claro que a opinião dos espíritos colaboradores de Kardec colocam em posição ingrata aqueles que, como espiritistas, se sentem «administradores», mas que administram tão bem, que acumulam riquezas enormes, embora originando privações no lar de seus próprios cooperadores, negando-lhes, às vezes, uma pequena melhoria nos seus parcos salários... sem prejuizo de se sentirem «bons administradores».

Pode, com efeito, um verdadeiro espiritista ser insaciável, fazendo parte de fortes empresas capitalistas e industriais, opondo-se a que seus irmãos pobres sejam remunerados no sentido de poderem atender às necessidades elementares? De certo que não. É então que se colocam pràticamente à margem do ideal espirita. Já não se trata de «administrar» bem as riquezas, mas de amontoá-las com fins egoístas. Acaso não significa esse amontoamento tirar o pão da boca dos seus semelhantes? Claro, que sim.

Os espiritistas assim enriquecidos não só defraudam seus irmãos, como lhes criam situações complexas e de sérias consequências na sua trajectória palingenésica. Essa cobiça insaciável repercute sobre a evolução de alguns seres próximos nas esferas da sua acção que encarnaram na terra para progredir e ser úteis a alguma missão científica; possìvelmente existem entre eles alguns génios e sábios eminentes que desejam ilustrar-se nos institutos científicos e não o podem fazer, porque o salário mísero de seus pais não os podem habilitar a essa justa aspiração.

Em torno deste problema, os «administradores» dos bens terrenos, sejam ou não espiritistas, poderão recorrer a toda a espécie de argúcia para justificar o seu procedimento. Nunca devem, porém, esquecer que não se pode enganar a Deus.

O sentido sociológico encarado pelos espíritos que colaboraram com Kardec continua e continuará a ser uma realidade tendente a dar-lhe carácter prático, precisamente entre os espiritistas, se é que estes têm um sentido mais elevado da vida. E para embelezá-la é preciso caminhar de de forma paralela às necessidades de todas as reformas.

Se, na realidade, temos convicção plena da sobrevivência do espírito, é nossa obrigação moral dar provas disso. Por tanto, devemos demonstrar desapego às riquezas materiais. De outra maneira, não nos diferenciaremos dos materialistas de todos os sectores sociais e não teremos autoridade para difundir os princípios éticos e filosóficos da sobrevivência, quando, como espiritistas, nos aferramos ao Bezerro de Ouro, o qual, se oferece muitas comodidades, neste mundo, não as poderemos ter no mundo invisível. Recolheremos então o que agora semearmos.

Se, nesta existência, virmos um irmão que se afoga, o nosso dever é procurar salvá-lo, em vez de lhe gritar:

— Ah, pirata de outros tempos, pagas agora o teu passado!

Tal proceder é anti-espirita e anti-cristão, por egoísta e detestável e incompatível com as normas essenciais do Espiritismo.

III

Não resta a menor dúvida de que Allan Kardec, com o seu génio, marcou rumos novos ao género humano, através de suas obras e de sua vida exemplar. Entre elas, o «Novo Testamento» foi por ele comentado, aclarando-se em muitos pontos. Por outro lado, teve que transigir com o ambiente de seus dias e contemporizar com a evolução religiosa para estender uma ponte e não originar uma rápida mudança psicológica.

Apesar de tudo, isto não tem sido bem compreendido por alguns dos seus críticos, depois de lerem «O Evangelho Segundo o Espiritismo». Não se teve em conta o que ele disse no seu primeiro volume «O que é o Espiritismo», onde declara terminantemente «que não somos religionários, acrescentando logo que «o Espiritismo é ciência com derivações religiosas».

O dito Evangelho foi, evidentemente, uma necessidade de há um século. Sendo o Espiritismo um ideal em cons-

tante evolução, cremos que os espiritistas de hoje não podem nem devem retroceder para pensar como nessa época. É necessário acompanhar todas as manifestações do progresso planetário.

O Evangelho de Kardec, assim como os outros, presta-se a diferentes interpretações, o que produz confusão, desvio e separação. E se nos referimos aos Evangelhos de outros autores, quase todos anónimos, é por concordarmos com o Dr. Ovídio Rebaudi, tradutor de «A Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo», quando, na página 27 da introdução, escreveu a seguinte nota:

«É sabido que os Evangelhos não foram escritos pelos Evangelistas. É por isso que se diz: Evangelho segundo Marcos, segundo Mateus, segundo João, e não Evangelho de Marcos ou escrito por Marcos, etc. Portanto, os Evangelhos foram escritos muito tempo depois da morte de Jesus, quando já não existia testemunho algum ocular ou audiente das obras e da pregação do Mestre. Assim, esses escritos não representam mais que a tradição corrente da época em que foram feitos, donde resulta que os Evangelhos se multiplicaram de acordo com o número de escritores que recolheram a tradição, chegando a conhecer-se mais de 40, até que a Igreja seleccionou os quatro que melhor lhe convieram ou aqueles em que encontrou maior harmonia. Na realidade, no fim do primeiro século da Era Cristã nada havia que nos autorizasse a crer que a palavra Evangelho se usasse no sentido actual e não havia colecção alguma que se parecesse ao «Novo Testamento». Depois, em meados do segundo século — acrescenta o Dr. Rebaudi — algo se menciona sob a designação de «Memórias dos Apóstolos», mas sem constituirem um cânon, e no fim do mesmo se encontra a Santa Escritura Cristã ainda mal definida e diferente dos actuais Evangelhos, pois variava em cada Igreja e de acordo com cada doutor. Mais tarde, no terceiro século, classificaram-se e aceitaram-se os «Recepti In Ecclesia» (recebidos na Igreja) sem que chegassem ainda à forma de «Novo Testamento», até que no primeiro concílio de Niceia (ano 325 da nossa era) se menciona, sem a sancionar, uma colecção patrocinada por Atanásio, que foi adaptada pela Igreja do Ocidente no século V. Como se vê, os Evangelhos não têm valor histórico, nem de autenticidade; não podem servir para combater a autenticidade da história. Convém antes estudar a curiosa relação que se descobre entre alguns passos pouco explícitos daqueles e a maior claridade que se encontra nesta, como faz observar Ernesto Volpi.

«Como obra autêntica, o Cristianismo só pode oferecer-nos as «Espístolas de São Paulo» e bem merece que nos conformemos com isso pela autoridade indiscutível do autor e pelo testemunho que nos dá de ter visto e falado muitas vezes com Pedro e com Tiago, «Irmão do Senhor», em duas viagens que fez a Jerusalem».

Os que tiveram oportunidade de ler com paciência essa «Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo», compreenderam logo como a verdade histórica da acção do Nazareno se achava nessas páginas recebidas mediùnicamente através de dois instrumentos psicográficos. Temos, pois, em nossas mãos, um grande documento do Mestre da Galileia, que nos oferece a verdade da submissão na Terra. Devemos dar a esta autobiografia a importância que realmente tem, sem recorrer aos Evangelhos compilados e comentados por autores anónimos, cujos pontos de vista carecem de força de convicção. Esse Jesus de Nazaré nada escreveu durante a vida; mas depois da sua morte pôs à disposição dos mortais a sua história autêntica. Isso nos induz a crer que os espiritistas encontram nela o que não podem encontrar nos Evangelhos conhecidos até à data. Há nessa narração uma unidade não sòmente histórica e cronológica, mas também psicológica, a tal ponto, que o espírito mais exigente fica satisfeito. Essa obra tem outra virtude ainda: evita discussões de interpretação, conserva a coesão doutrinária e projecta luz sobre episódios ignorados que de modo algum podiam ter sido fruto de automatismo mediúnico.

É que Jesus vibrou aqui na mesma onda de há dois mil anos, pelo que descreve minuciosamente todas as cenas e se exprime em algumas delas com o mesmo ardor que durante a sua existência terrestre. Que caminho devem seguir neste caso os espiritistas? Marchar resolutamente na senda do Mestre Jesus, praticando a sua doutrina, tal como Ele a pregou, ou pactuar silenciosamente com um passado agonizante? Se estamos convencidos de que o Cristianismo prístino, sublime, transformador de costumes e psicologias desapareceu pràticamente, temos o dever de escutar a sua voz, não sòmente através das magníficas páginas da sua autobiografia, mas também subscrever as de «A Grande Síntese», que é a continuação da primeira.

Dizemos que é a continua-

ção, porque nesta última é o Nazareno Sábio que fala, ensina e orienta os terrícolas; a outra é a fase dos seus princípios científicos evolucionistas que marca rumos em concordância com o progresso científico alcançado na Terra.

Quando o mesmo prof. Pietro Ubaldi anuncia — como fez há pouco — que «A Era das Religiões terminou e se aproxima o milénio das ciências», os espiritistas devem meditar sèriamente acerca da realidade profética do ilustre filósofo italiano. Se a missão ou a função dos espiritistas é fazer causa comum com aqueles que saturam de paganismo os princípios do Rabi da Palestina, teremos de reconhecer que, neste caso, serviremos mal a ideia espirita e não teremos dado ouvidos ao consolador que nos vem anunciando o verdadeiro caminho nesta fase da existência.

Assim, só nos resta a alternativa de impulsionar o espiritista para a autêntica finalidade de Jesus, ou, pelo contrário, estimulá-lo às comodidades terrenas, de modo que as traças a possam destruir, a expensas da seiva idealista destinada a redimir o género humano.

No actual momento histórico trata-se de evitar que o institucionalismo espirita se petrifique e, em lugar de orientar-se pela rota do conhecimento, do estudo e da análise para se aproximar de Deus através da ciência e da filosofia, retroceda para e mediocridade perigosa capaz de o transformar em nova idolatria pagã com as suas consequências ulteriores.

Os organismos espiritas devem induzir os adeptos a conquistar riquezas espirituais com sacrifício próprio, sem esperar que um novo Cristo venha «salvá-los». A salvação está em nós. Para isso devemos sacrificar as nossas comodidades, as nossas horas de descanço, parte do que honradamente ganhamos, praticando sempre com o exemplo, se quisermos que nos chamem bons obreiros do ideal que servimos. Ensinemos aos componentes dos Centros Espiritas a combater o fanatismo e o sectariamo, demonstrando-lhes que no campo imenso do Espiritismo há lugar para todos os homens, sem distinção religiosa o irreligiosa. O conhecimento e o estudo levará todos ao conhecimento de que o Espiritismo é a quintessência da Fraternidade universal na sua mais sublime expressão, porque ultrapassa os limites geográficos do nosso planeta e abrange também as humanidades de todos os outros mundos habitados.

Os que se esforçam por encerrar a grandiosidade do Espiritismo numa casca de noz, adaptando-o a moldes pessoais, não compreenderão as suas irradiações nem a sublime personalidade de Jesus de Nazaré.

Tradução de I. D. S.

PRESERVATIVO DE LOUCURA

por ALFREDO MIGUEL

Uma das arguições que mais se tem feito ao Espiritismo, visando desacreditá-lo, é aquela que o aponta como factor de loucura. Chamam-no até, pitorescamente, de «fábrica de loucos»... Respondendo a esses críticos que nos põem na conta de doidos, Allan Kardec faz notar que eles, a persistirem nisto, se denunciam como possuídos da ideia fixa de se crerem os únicos dotados de razão, o que não deixa de ser uma exquisitice como outra qualquer. Pois que se considerem os sensatos e nós os mentecaptos, não importa; contanto que nos permitam averiguar a procedência da sua acusação. Ora, ninguém, por certo, ignora que todas as grandes preocupações de ordem intelectual que empolgam um espírito fraco, podem ocasionar a loucura. O estudo das matemáticas, da música, das artes, da religião mesmo, por exemplo, tem dado um bom contingente aos hospícios de alienados, mas nem por isto se irá banir esse estudo ou taxar de energúmenos aos que a ele se dedicam. Sabe-se, ademais, que as pessoas nas quais existe uma predisposição para a loucura, mais susceptíveis são de ser por ela acometidas. Como causas, aliás, das mais frequentes, de excitação cerebral, cumpre ter em vista as decepções, os reveses da fortuna, as profundas dores morais; porém, infortúnios como estes, que a tantos arrastariam ao desespero e ao suicídio, sofrem-nos os espiritas com a serenidade que lhes dá a confiança no futuro, confiança que os coloca acima dos acontecimentos. Conhecem os espiritas a origem remota de suas tribulações actuais, e por sabê-lo, encontram na coragem e resignação com que as enfrentam um preservativo contra os abalos da mente. Estão mais seguros do que muitos de não perderem o juizo.

Mas, levemos ainda em conta a dualidade causal da loucura, isto é, a sua origem dúplice. A ciência clássica só estuda a chamada «loucura patológica», oriunda de lesão cerebral; porém, as suas investigações não se têm encaminhado para essa outra «loucura», a loucura psíquica, *cuja eclosão independe da menor alteração do cérebro. A esse último estado de alienação mental, chamamos nós, os espiritas,* obsessão, *porque é causado por influência fluídica dos Espíritos. Este assunto é muito vasto e só o Espiritismo projecta luz abundante sobre ele.*

Fazendo, portanto, conhecer esta nova causa de perturbação na economia, o Espiritismo — diz assim o codificador — nos oferece, ao mesmo tempo, o único meio de vencê-la, agindo não sobre o enfermo, mas sobre o Espírito obsessor.

Em face do exposto, evidencia-se que o Espiritismo é o remédio e não a causa do mal.

A PRÁTICA DO ESPIRITISMO

Por Adelaide Ivone de Sousa

Mestre Allan Kardec, o ilustre cientista que constantemente devemos consultar para bem sabermos orientar os passos no caminho da nossa doutrina, definiu de maneira bem clara e precisa o Espiritismo — «como ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos e das suas relações com o mundo exterior».

É na sessão mediúnica que se concretiza toda a actividade espirita; é portanto nela que reside a prova evidente dos postulados que defendemos como princípios da Grande e Imortal Verdade.

Nestas condições a direcção de uma sessão mediúnica exige competência em conhecimentos da matéria espírita e o indispensável critério selectivo e discriminativo, respeitante ao que possa pertencer às diversas modalidades do subconsciente do médium e ao mundo espiritual verdadeiro e falso.

Em certos países, entre eles Portugal, o Espiritismo está ainda soltando os seus primeiros vagidos. Não é portanto de estranhar que tanto os médiuns como os directores de sessão não estejam, salvo excepções, à altura da sua missão.

É facto conhecido que os grupos familiares são bastante numerosos em Lisboa, e se formam geralmente da maneira seguinte:

Aparece uma pessoa que tem ou julga ter faculdades supranormais, mas que nada conhece de Espiritismo. Junta à sua volta pessoas amigas e conhecidas, quase sempre também com pouca ou nenhuma cultura espirita, e, entre si, escolhem o director da sessão ou doutrinador, termo por que habitualmente é designada a pessoa que exerce esse encargo. Assim fica formado o grupo sob a direcção de um «Guia», às vezes tão cego no Além como os cegos que «dirige» no Aquém.

Regra geral, logo após as primeiras sessões, começa a circular a fama dos maravilhosos feitos mediúnicos da Sr.ª X, do grupo H, ao qual também é uso dar o nome de um santo da devoção do médium ou do seu doutrinador!

Atraída por essa fama, consegui — não sem esforços — ser admitida em certos desses grupos, dos quais depois, lògicamente, tive de me afastar, não sem o inevitável aborrecimento por não concordar com tantas e tão apregoadas maravilhas.

Estas inevitáveis dissidências trouxeram-me algumas arrelias, sempre provenientes da relutância dos dirigentes em escutar as minhas observações. Entendia eu ser meu dever aconselhar-lhes a maior prudência quanto a aceitarem todas as comunicações como autênticas, pelo que deviam exercer o mais rigoroso *contrôle*, fazendo-as passar pelo crivo da sua razão.

Este meu critério era considerado um insulto, tanto com referência às faculdades do sensitivo — que às vezes de facto as possuía — como também quanto à competência do seu director de sessões.

Na vida profana, actualmente para tudo se exigem diplomas. Tempo virá em que, para se ser médium e doutrinador, também serão exigidos certificados comprovativos da respectiva competência. Nessa época o Espiritismo será por todos tomado mais a sério.

Por experiência própria, posso, infelizmente, afirmar quão perigoso é aceitar-se *a priori* o que recebemos do Invisível, desse Além ainda tão difícil de pesquisar.

Na Inglaterra — país dos fantasmas — a B. B. C. parece interessar-se por essas experiências, tentando, por momentos, fotografar os fantasmas do Palácio Hampton Court, onde se diz que aparece o fantasma de Catarina Howard, mulher de Henrique VIII. É um passo de alto valor e tempo virá e não longe, em que o Espiritismo será integrado nas actividades sociais, na categoria a que tem jus.

As sessões espiritas foram sàbiamente explicadas e orientadas por Allan Kardec no seu «Livro dos Espíritos» e no «Livro dos Médiuns», e todo o doutrinador conscienciosо deve considerar este livro como a sua Bíblia mediúnica.

De maneira geral, podemos classificar as sessões de *frívolas, doutrinárias ou de caridade, sérias ou instrutivas e experimentais.*

As *sessões frívolas:* são provocadas pelos espíritos zombeteiros e gracejadores, geralmente a elas comparecendo atraídos por pessoas da mesma qualidade e interessadas em assuntos fúteis. Elas são a resultante da atracção dos pensamentos levianos dos Dois Mundos.

Sessões doutrinárias ou de caridade: têm por principal objectivo esclarecer os Espíritos que se encontram na erraticidade, os quais geralmente prejudicam os videntes do plano físico. Chegam a formar legiões maléficas. Alguns agem conscientemente e os outros procedem levados pelo seu estado de inconsciência. Não evolvem nem permitem a outrem evolver, constituindo um perigo para a humanidade terrena, a quem causam toda a espécie de sofrimentos: espirituais, morais, físicos e materiais.

Sessões de estudo: revestem um carácter muito diverso pela seriedade e elevado significado instrutivo. Espíritos bons, esclarecidos, cultos, e habitanto, portanto, esferas bem mais altas no Espaço, proporcionam aos assistentes momentos de felicidade, cultura, harmonia e de prazer espiritual.

Sessões experimentais: são as mais apreciadas pelas massas e fornecidas pela mediunidade objectiva ou de efeitos físicos; agradam muito às pessoas que não gostam de estudar nem de meditar.

Levadas para o campo científico, estas reuniões permitem-nos a descoberta das extraordinárias leis que regem os indivíduos e o mundo. Neste plano o Espiritismo, tão brilhantemente codificado pelo Mestre Allan Kardec, iniciou a nova e grande ciência do futuro.

Muito sumàriamente esbocei a diversidade das sessões espiritas, para as quais são indispensáveis requisitos, tais como: moralidade, cultura, sinceridade, inteligência, intuição (e, se possível for, vidência ou audiência) e sobretudo a maior dose de bom senso.

Os médiuns e seus doutrinadores não devem encerrar-se nas suas torres de marfim, convencidos de que conquistaram o Além Superior e que só por ele são guiados e inspirados. Não! É indispensável estarem sempre alerta, estudando e meditando; só assim evitarão cair no logro em que vi sossobrar alguns desses grupos, devido aos erros cometidos pelos seus dirigentes.

Meditação e critério — são as bases necessárias para realizarem o objectivo das suas missões espiritas: serem úteis à sua própria evolução, auxiliando ao máximo a humanidade Visível e Invisível a atingir a meta ou ascensão para Deus.

Madame Boulet, de Auchel, grande médium de efeitos físicos

— III —

III

V — CONDIÇÕES DE EXPERIMENTAÇÃO:

1) *Telecinesia e Levitação:*

Por vezes o espírito diverte-se, com gáudio dos assistentes, a tirar os óculos a um para os colocar noutro que se encontra no extremo oposto da sala, ou a tirar os chapéus às senhoras. Uns vêem de repente o apêndice nasal equipado com três pares de óculos! Outros, a cabeça, com chapéus de senhora!!! E o riso e a boa disposição a todos se comunica.

Mas, cuidado com as graças! A Entidade vai agora proceder a outro género de experiências mais difíceis e perigosas: apodera-se de três «écrans» e lança-os no espaço em voltas e reviravoltas, com rapidez e virtuosidade dignas de registo. Depois manda levantar um dos assistentes, cujo assento é elevado repentinamente no espaço. O fenómeno foi perfeitamente visível, porque o Espírito teve o cuidado de juntar uma tela luminosa à «cadeira volante» e de a fazer tocar o tecto várias vezes, mostrando assim nitidamente a intenção de tornar possível o *contrôle* do fenómeno.

2) *Ectoplasmia e Materialização:*

Esta categoria de fenómenos é a mais interessante e começa por apalpadelas, o que faz acreditar na materialização parcial de mãos. Alguém exclama: «Tocaram-me!», e na verdade era caso para ficar impressionado, sobretudo a primeira vez. Nós fomos suavemente «tocado» por mão desconhecida, porque as pessoas que nos rodeavam tinham as mãos ligadas entre si.

Ouvem-se exclamações: «Ora esta!». «Oh! que carícia!». «Obrigado, obrigado, amigo!», etc.... Algumas senhoras, não habituadas a este género de manifestações, gritam aterrorizadas. É preciso interromper a sessão para as acalmar e tranquilizar. As medrosas!!!

A outros, como o Sr. Vítor Simon, puxam-lhes as barbas, as orelhas e o nariz!... A Entidade parece exercitar-se na mira de fenómenos mais importantes.

3) *Aparições:*

a) Com efeito, logo a seguir, o Espírito-guia revela a intenção de se mostrar. A emoção atinge o auge! Para o fazer, pega em duas telas luminosas e dispõe-nas em forma de V com a ponta para baixo para melhor alumiar a casa, elevando-as aqui e além! Vemo-lo passar ràpidamente diante de nós!

A aparição foi muito rápida—coisa de um segundo—o tempo que leva a explicar. Apesar de tudo, tivemos tempo de reconhecer a figura de um homem enquadrada nas duas telas. Alguns julgam ter-lhe notado uma certa parecença com Liszt. Eu não ousaria afirmá-lo, embora seja muito provável. É a primeira aparição que me foi dado entrever. Que dizem a isto? Acreditem que é um espectáculo estonteante, mesmo perturbador!

b) Outra vez a Entidade anunciou por escrito, através de Mme. Boulet: «uma visão para a Sr.ª L...», nossa amável hospedeira. Seu marido, desencarnado há muitos anos, vai fazer esforços para se tornar visível. Borborinho, comentários. Apaga-se a luz e o silêncio é completo. Uma tela luminosa desloca-se e dirige-se lentamente para a Sr.ª L. Um grito seguido de soluços: «Oh! É ele! É bem ele! Meu querido!». A Sr.ª L. reviu o seu defunto marido. Veio do Além para que a esposa o reconhecesse e lhe prodigalizasse conforto moral e algumas carícias. Foi um minuto de emoção intensa e inolvidável, especialmente para a principal interessada.

c) Uma agradável surpresa nos estava, a seguir, reservada. Ouvem-se castanholas; é Manoutcka, nossa jovem amiga, dançarina argelina de origem italiana, que nos visita amigàvelmente e nos faz assistir a um verdadeiro festival de castanholas. Boa rapariga, muito afectuosa, que não se faz rogar para beijar na testa alguns dos assistentes. Que felizardos! O ruído característico dos beijos é nitidamente audível e desejaríamos muito senti-lo... na nossa face!... Ficou, certamente, para a próxima vez, não é verdade, Manoutcka?

A pedido do assistente Noël D., Manoutcka consentiu em mostrar a sua carinha. Noël D. garantiu-me ter visto bem a cara duma menina. Foi ainda sentar-se nos joelhos da sua grande amiga, a Sr.ª D., que nos disse ter sentido a forma e o peso dum corpo sobre os joelhos. Já é tarde. Manoutcka vai abandonar-nos e só nos deixa saudades.

4) *Vozes directas:*

Enfim, o último fenómeno cronológico que pudemos observar foi o das vozes directas, que marca nítido e constante progresso.

Um porta-voz — também chamado megafone — em *celofane,* muito leve, está colocado na mesa do médium. A Entidade pega nele e tenta fazer-se ouvir, transmitindo mensagens directas sem intervenção do médium. Em vez de se servir dos órgãos vocais deste último — como no fenómeno de incorporação —, fá-lo por seus próprios meios, o que deixa prever uma materialização bastante avançada dos órgãos necessários à manifestação da articulação da fala.

A princípio, a Entidade limitar-se-á a assoprar na trompeta; depois, nas sessões seguintes, chegará a emitir sons inteligíveis, perfeitamente audíveis. Exemplo: «Bom dia, X ou Y», chamando o próprio interessado pelo seu nome.

5) *Desmaterialização do médium:*

Para terminar, citamos o caso excepcional da desmaterialização do médium, que se pôde transportar de um compartimento para outro. Este fenómeno, que se deu em casa dos esposos Boulet, foi-nos contado pelo marido. Um dia em que ele, a esposa e alguns amigos se encontravam reunidos numa sala absolutamente fechada, o Espírito-guia declarou que ia fazer «desaparecer» o médium!... e dá, para isso, as instruções necessárias. Mme. Boulet senta-se numa cadeira, à qual, a pedido dum dos assistentes, é sòlidamente amarrada de pés e mãos,

ficando materialmente impossibilitada de sair e de libertar as mãos.

Apagou-se a luz durante quatro minutos, de acordo com as instruções que tinham sido dadas. Acendeu-se a luz. Mme. Boulet tinha desaparecido! O lugar que ela ocupava na cadeira estava absolutamente vazio! O Sr. Boulet confessou-me que tivera, então, um «medozinho» de respeito. Via-se já a contas com os jurados no tribunal, respondendo pelo «desaparecimento» inexplicável de sua mulher!!!

Novamente a luz é apagada e cada um nota, admirado, e o sr. Boulet com satisfação compreensível, que a médium se encontra no seu lugar, exactamente na mesma posição que ocupava antes da experiência, com pés e mãos ligados à cadeira e as ligaduras absolutamente intactas.

O guia explicou que a Sr.ª Boulet não chegou a sair da cadeira; simplesmente foi tornada invisível aos olhos dos assistentes. Por que processo? Não o soubemos. Isto era antes um desaparecimento do que uma desmaterialização pròpriamente dita.

Por G. BELAMI (advogado em Lille)

VI — ORIGEM E TENTATIVA DE EXPLICAÇÃO DOS «APPORTS»:

1) *Origem dos «apports»:*

Antes de mais nada, uma pergunta acode ao vosso espírito: De onde provêm os «apports»? Eliminemos, sem reservas — como das mais improváveis no caso presente — a hipótese de o médium trazer consigo os diferentes objectos dos «apports». Examinemos duas hipóteses plausíveis: Terão os «apports» origem material terrestre? Ou serão de origem espiritual, supranormal ou supraterrestre? Segundo informações fornecidas pela própria Entidade manifestante através do seu dedicado médium, os «apports» acima mencionados seriam de origem material. O Espírito-guia disse-nos que as flores tinham sido colhidas em jardins da Itália; que as avelãs provinham de Argel e que os peixinhos vermelhos tinham sido pescados num viveiro do Sião. Tudo isto é natural! Mas o que o não é e fica por explicar é a maneira como esses diferentes «apports» foram obtidos. Como é que as flores passaram através dos muros ou do tecto de uma sala fechada?...

2) *Tentemos explicar:*

Em resumo, o problema dos «apports» reduz-se ao da penetração da matéria pela matéria, da interpenetração da matéria.

A) Explicação de Montandon:

Consultámos um autor que é uma autoridade na matéria. Referimo-nos ao Dr. Montandon. Para explicar a interpenetração da matéria, o Dr. Montandon serve-se de três noções ou teorias: a teoria da constituição atómica da matéria, a nocão da quarta dimensão e a hipótese do duplo fluídico dos corpos brutos.

a) Todos conhecem a teoria atómica, sabem que a matéria não existe realmente, que é apenas aparência enganadora, que todos os corpos físicos, dos corpos brutos ao corpo humano, são compostos de átomos e estes compostos de partículas eléctricas carregadas negativamente e chamadas electrões, que gravitam a velocidade vertiginosa à volta dum núcleo central formado principalmente de protões e neutrões carregados positivamente.

Nos estados superiores da matéria física, explica Montandon, as partículas atómicas podem atravessar os corpos densos: deste modo, certos elementos radioactivos, como os raios X, podem atravessar as moléculas que constituem o corpo humano. É um caso de interpenetração da matéria — penetração da matéria física por outra matéria física.

b) Este exemplo pode dar-nos uma ideia do que se passará no plano astral, que é, por excelência, o mundo da quarta dimensão. Esta interpenetração, que é própria desse mundo e que se produz excepcionalmente no plano físico em certos estados superiores, produz-se correntemente naquele plano; é uma qualidade constante da substância astral.

Nesse plano, duas representações ou formas de objectos podem interpenetrar-se sem se confundirem e ocupar simultâneamente a mesma porção de espaço. Ora, a substância astral apresenta analogias com os estados superiores da substância física. Segundo Montandon, os estados mais subtis da substância física estão muito próximos dos elementos mais pesados da substância astral: são o traço de união entre os dois planos.

Não é, pois, impossível — a uma entidade — fazer passar um objecto físico do plano terrestre para o plano astral (desmaterialização) por uma acção psíquica apropriada.

c) Finalmente, Montandon recorre à hipótese do duplo fluídico, emitida por Gabriel Delanne. Todos os corpos brutos teriam, como os seres vivos, animais e humanos, um duplo fluídico, que lhes permitiria, uma vez desmaterializados, conservar a forma específica e as moléculas componentes.

Todos os corpos físicos têm o seu duplo em matéria astral, duplo que pode coincidir entre si. Tudo o que existe no mundo físico existe no plano que contém a essência do que depois se manifesta no Universo.

O que o homem não faz — mas que o espírito pode empreender — é revestir essas formas astrais dum corpo físico, visto ignorar o modo por que as formas passam de um plano a outro. Está aí a chave dum segredo que não conhecemos, mas que talvez nos seja um dia revelado.

Esta passagem pode, no entanto, vir a produzir-se em certos fenómenos de «apport» (materialização).

B) Explicação e resposta:

À luz das explicações precedentes, é possível, agora, expor em pormenor o mecanismo do fenómeno «apport». Este decompõe-se em três tempos. Primeiro: desmaterialização.

A Entidade desintegra a matéria do objecto do «apport», decompõe-na em seus elementos atómicos constitutivos primordiais, fluidifica-a e até certo ponto espiritualiza-a por uma acção psíquica adequada e desconhecida em que a vontade do espírito deve ter o seu papel.

Em resumo, faz passar o objecto do plano físico ou terrestre para o plano astral.

Segundo tempo: Transporte.

Depois, a Entidade incorpora os átomos do objecto assim modificado na sua estrutura, no seu corpo psíquico ou perispírito; (isto é possível, porque estamos no domínio da quarta dimensão, onde a matéria pode interpenetrar-se).

Ela transporta o duplo fluídico do objecto no seu próprio duplo

ESPÍRITOS BRINCALHÕES

O Dr. Agnelo Morato, nosso representante na cidade de Franca, Estado de S. Paulo, e redactor de *A Nova Era*, semanário espirita, orgão da Casa de Saúde «Allan Kardec» da mesma localidade, publicou ali carta elucidativa do sr. Teodomiro Rossini, residente em Ourinhos, do mesmo Estado, relatando extraordinários acontecimentos que têm como protagonista um espírito brincalhão que se comunica por voz directa com muitas pessoas do bairro *Fazenda Velha*, chegando a materializar-se, Diz o articulista:

«Há mais de um ano se vem repetindo esse fenómeno, não obstante as famílias, no início, terem feito tudo para se desfazerem desse amigo do Além. A sinceridade da carta do nosso confrade de Ourinhos, a sua descrição do caso e o próprio convite que faz aos incrédulos para verem de perto os acontecimentos que se repetem nesse lugar, levam-nos a divulgar os tópicos da sua carta, datada de 8 de Setembro. Assim, damos a palavra ao confrade Rossini:

«A chamada *Fazenda Velha*, a 15 quilómetros da cidade de Ourinhos, serve de palco aos factos que passo a narrar. Em pleno dia, especialmente de manhã, o sr. António Vicente, que mora na Fazenda com duas filhas, é visitado por um personagem do mundo dos espíritos. Apresenta-se por voz directa e dirige-se-lhe, exigindo a casa e ameaçando incendiá-la, caso não seja obedecido. A referido sr. fez diversas perguntas ao espírito e convenceu-se de que se tratava de espírito brincalhão que não ligava importância à verdade. Esse espírito já lançou fogo a uma camisa que estava dependurada numa sala e brincou com três moças, as quais declararam que sentiram alguém aproximar-se muito de suas pessoas. A entidade começou a materializar-se em casa de um vizinho do sr. Vicente, mas não concluiu o trabalho em virtude do dono se exasperar. No entanto, continuou a provocar efeitos físicos, levantando camas com pessoas, deitadas e arrancando travesseiros e atirando-os à sala.

«Há cerca de um ano que esses fenómenos se processam naquele lugar. O espírito ora assobia, ora canta, falando abertamente a mais de 20 nessoas que residem nas proximidades. A filha mais velha de António Vicente afirmou-nos que, ao levar o almoço a seu pai à roça onde trabalha, foi acompanhado por essa entidade no trajecto de ida e volta. Conversou animadamente com a mocinha, pois todos já se habituaram com tal personagem invisível e daí a razão de ninguém a temer.

«Os acontecimentos que estou narrando são reais, verificados por todos os habitantes da redondeza. Semelhantes factos chamam a atenção de muita gente e numerosos indivíduos lá vão para os apreciar de perto. O espírito já fez brincadeiras na casa do sr. Aristides Patrocínio, na do sr. Manuel Pereira, na do sr. João Nogueira, além de na *venda* do sr. José Bernardo, junto da *Fazenda Velha*. Todas estas pessoas são dignas de crédito e nos relataram os fenómenos com grande naturalidade. Por isso, caso haja quem duvide do que dizemos aos leitores de *A Nova Era*, pode vir aqui observar com os próprios olhos e sentir com os próprios sentidos, pois o espírito que preside aos fenómenos diz que não tem pressa de se ir embora».

Temos relatado muitos casos de assombramento, mas nenhum do género deste agora publicado pelo nosso representante na bela cidade paulista. Se estivéssemos no Brasil, faríamos todos os esforços para *entrevistar* esse delicioso habitante do outro mundo. Talvez desse notícias frescas a muitos caturras que fecham os olhos para não ver certas realidades...

---

psíquico, os quais podem coincidir entre si sem risco de se confundirem.

É assim que a Entidade pode fazer atravessar a matéria pela matéria; por exemplo: obrigar o «apport» (flor, avelã ou estatueta) a atravessar as paredes ou as portas dum compartimento rigorosamente fechado.

Terceiro tempo: Rematerialização. Finalmente, graças à força de vontade e a uma combinação de seus fluidos com os do médium, a Entidade reconstitui o objecto nos seus elementos primitivos e fundamentais, em potência na matéria cósmica, num fluido universal. O espírito, ao agir sobre a matéria astral, reintegra a matéria, rematerializa o objecto, torna-o visível, fá-lo passar do plano astral para o plano físico, por meio duma operação inversa da primeira.

N. B. — Esta explicação é válida para o caso da *desmaterialização do médium*, referida. Que fez ele?... Mudou várias vezes de plano, passando primeiro do plano físico ao plano astral e reintegrando em seguida o plano físico.

VII — CONCLUSÕES:

As precedentes operações só serão possíveis com a colaboração de um Espírito-guia, sério, competente e elevado que conduz, dirige e vigia as experiências, condiciona a matéria mediúnica ou qualquer outra posta à sua disposição.

Temos, pois, que agradecer a Liszt, pela sua preciosa ajuda, e à médium, pela dedicação sem limites à causa espirita.

(De *Forces Spirituelles*, de Arras)
(**António Martins** traduziu)

JESUS E DEUS

Por LEOPOLDO MACHADO

OS deuses são de todos os tempos, de todas as religiões, de todos os povos.

Mas, «Deus é Deus, um só existe», cantou o poeta, acrescentando com verdade: «Cego é o mundo e vária é a crença» ...

Não podia, assim, fugir Jesus à divindade.

Se Ele mesmo afirmara: «Vós sois deuses»!...

Ora, se somos deuses, a despeito de o homem, através dos séculos e das religiões, ter cometido mais actos de demónio do que de santo e anjo, porque não pode o Cristo ser deus, um deus bem maior do que nós?...

Jesus é deus, sem ser o Deus Criador e Pai, tudo o está afirmando.

Mas, está no Evangelho a divindade de Jesus, confirmada pelo Concílio de Nicéa.

Quem ousará negar essa divindade?

E que criatura poderá apresentar credenciais e características de divindade maiores do que o Cristo?

Examinemos tudo, espiritual e inteligentemente, e aceitemos — é postulado evangélico — sòmente o que for bom, o que está dentro da razão e da lógica.

O Cristo feito Deus, Criador e Pai, não repeliria o adjectivo monosilábico BOM, que se lhe ajustou, a dizer: «Porque me chamais bom? Bom, só o Pai, que está no Céu». Nem no Evangelho se leria, está em Hebreus, 2-9, que «aquele Jesus, que foi feito um pouco menor que os anjos, etc.». Quem conceberia, em boa análise, DEUS, Criador de todas as coisas, que não merecesse o qualificativo de BONÍSSIMO e não fosse superior a seus anjos?

Jesus é Deus para a Terra.

Para nós, é o símbolo perfeitíssimo de todas as superioridades e perfeições que existem. Mas, na escala das perfeições divinas, há, certamente, outros Cristos superiores e mais perfeitos do que o nosso.

De resto, que é a Terra, comparada com o Universo, criado e dirigido por Deus?

«Uma poeira de astro», um «grão de areia astronómico», na afirmativa dos astrónomos à altura de Flammarion e do Abade Moreux. Agora mesmo, a luneta astronómica do padre Lefèvre, astrónomo belga, e do Sr. Ernest Einstein, que dispensa apresentação, descobriu num ângulo da *Via Lactea* mais de 100.000 estrelas de 1.ª grandeza, que devem, certamente, presidir a sistemas planetários superiores ao nosso, em quantidade e qualidade. E o nosso sistema recebe luz, calor e vida de uma estrela de 5.ª grandeza, que é, entretanto, 1.400.000 vezes maior do que a Terra. E a Terra tem um irmão, Júpiter, 1.300.000 vezes maior do que ela. Como seria possível que o Criador do Universo Infinito abandonasse a Sua Obra para ser torturado e morrer às mãos sacrílegas dos homens de um *grão de areia astronómico*?

Foi João, o evangelista, diferente dos outros, que ofereceu, no seu Evangelho, argumentos para a divinização do Cristo, os quais, interpretados ao pé da letra, levaram o Concílio de Niceia a divinizar o Cristo, o que se pode aceitar com reservas. Considerado como a segunda pessoa de Deus, não se pode aceitar absolutamente.

Além do mais, o Evangelho, segundo João, ajusta-se mais à cultura grega do que à cultura hebraica, como sucede aos Evangelhos sinópticos. Donde, denominar o Cristo de Verbo, que já é expressão grega: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus...».

No princípio de quê?...

A cosmogonia do tempo aceitava a Terra como o centro do Universo, sujeitando-se-lhe os outros astros. Era o sistema de Ptolomeu. Logo, só pode referir-se ao princípio da Terra. E o Cristo já era, antes que a Terra fosse, disse-O Ele mesmo. Logo, o Verbo existia no princípio da Terra, com Deus, o Criador de todas as coisas, e era também deus, porque talvez fosse o criador da Terra, aquele Espírito puríssimo que, com o nome de Jeová, falou no alto do Sinai a Moisés, a dizer-lhe: «Eu sou o Senhor teu Deus...».

Repugnará, acaso, a consciências e inteligências religiosas aceitar um deus criador dessa «poeira de astro», que descesse, em Espírito, no Sinai e transmitisse a Moisés o Decálogo, a Lei Divina, que Ele mesmo, encarnado, teria de exemplificar e conservar?

Pode-se conceber o Cristo como o deus da Terra, sem ser o Criador do Universo.

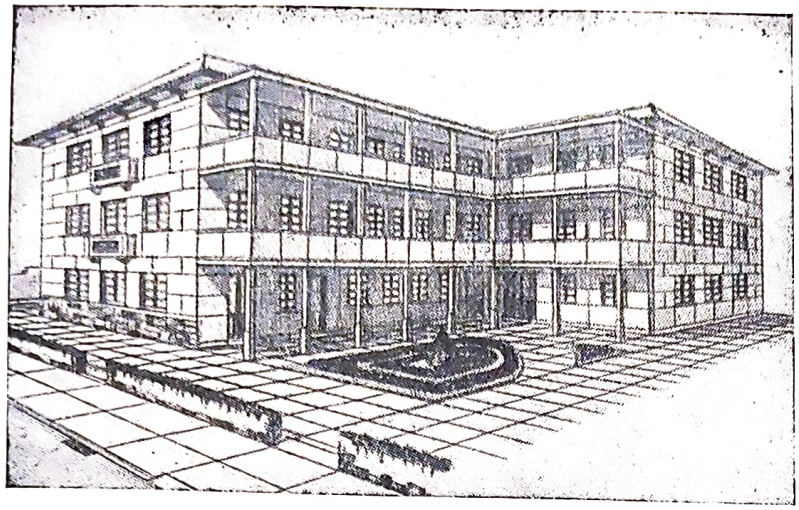
O maior de nossos deuses, visto que Ele mesmo achou que nós somos deuses. E, como tal, o Caminho mais curto que leva ao Criador e Pai, a Verdade mais forte que revela o Pai, a Vida mais clara e santa que se contém no Pai, que é bem maior do que Ele, conforme afirmação sua. De tal maneira representou o Pai e Criador, que chegou a afirmar: «Eu e o Pai somos um».

Por isso mesmo, afirmou categòricamente e com autoridade: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém chegará ao Pai senão por mim»...

«EL ESPIRITISMO Y LOS PROBLEMAS HUMANOS

Devidamente autorizado pelo autor, a *Editorial Vítor Hugo*, da Argentina, publicou há pouco, em castelhano, uma edição do livro «O Espiritismo e os Problemas Humanos», de Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro. A 1.ª edição fora publicada pela *Gráfica Mundo Espirita*, da mescidade. A edição argentina está muito bem organizada, o que vem demonstrar mais uma vez a eficiência da Editorial Vítor Hugo. O livro do nosso companheiro de trabalhos é de alto significado sociológico e merecia ser levado ao conhecimento do grande público de fala espanhola.

Maternid



Maternidade Casa da Mãe Pobre

É sempre com grande satisfação que nos referimos à Maternidade «Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro, a cuja frente está um grupo de abnegados que tudo têm feito para a dignificar. Os estabelecimentos deste género lutam em toda a parte com a indiferença de um público nada atreito a beneficência. Por sua vez, os governantes têm problemas de maior envergadura que requerem a sua atenção. E só uma pequena minoria distrai do orçamento alguns centavos para lançar na bandeja solidária. Por isso, muito nos admira que obras como esta tenham singrado quase à margem dos poderes constituídos, em benefício de outras de menor envergadura moral.

Todos os anos nos referimos à Maternidade «Casa da Mãe Pobre», fundada e dirigida por espiritas, modelo de instituição, na qual as parturientes necessitadas encontram desvelado acolhimento.

O ano de 1952 foi de prova para a sua administração, em virtude da construção de um prédio anexo destinado a 60 leitos para satisfazer as exigências de um contrato que não veio a ser cumprido e da alteração do salário mínimo que elevou a despesa ordinária a cem mil cruzeiros mensais. Apesar de tudo, as estatísticas abaixo mencionadas demonstram bem os benefícios prestados à sociedade por esta casa de Deus. E embora a sua dívida seja considerável, o actual balanço acusa um património de 6.067.964,20 cruzeiros.

Os serviços técnicos, a cargo do Dr. Osvaldo Nazaré, assistido pelos Drs. Edgard Falci, Nelson Machado e demais auxiliares, tem desdobrado as suas actividades. Assim, houve no último ano 2.156 internadas e 1.927 partos. A diferença a mais das internações refere-se a tratamentos e operações em criaturas grandemente necessitadas. O total de nascimentos foi de 1.940, podendo-se afirmar que a percentagem de nado-mortos não excede 3,1%, número baixo para maternidade cuja população é oriunda dos morros e de habitações colectivas.

Coisa curiosa: o número dos nado-mortos das enfermarias é menor que o dos quartos particulares, talvez porque as parturientes destes últimos não fazem o tratamento pré-natal, ao contrário das outras.

As gestantes gratuitas foram 1.220 e as particulares 185. As consultas das primeiras foram 2.774 e as das segundas, 320. Estes números são bem elucidativos.

No Banco de Sangue registou-se o seguinte movimento: *sangue* colhido, 72 kg; *sangue inutilizado,* 10 kg; *sangue transfundido,* 79 kg; *sangue comprado,* 17 kg.

Passando ao Laboratório, verificamos os seguintes exames: urina, 6.058; sangue, 4.521; fezes, 23; escarro, 11; diversos, 16. Total, 10.629.

Quanto à puericultura, a cargo do Dr. Balbino Carlos Dias, houve 1.606 consultas.

No departamento de Raio X foram tiradas 346 chapas.

O Berçário (também chamado impròpriamente *creche)* teve o movimento de 19 crianças, a cargo da desvelada protectora D. Edite de Carvalho.

Umas das mais belas facetas do auxílio a esta grande obra é a que se revela através da *Legião Protectora da Mãe Pobre.* A Festa da Rosa rendeu 285 mil cruzeiros; a Campanha Financeira, 83 mil e a Campanha do Natal, 25 mil, num total de 393 mil. Essas obreiras do bem que dia a dia lutam por um ideal superior ganharam a simpatia das mãezinhas pobres e a estima dos que abrem suas mãos para ajudar o próximo.

Outra legionária a quem muita deve a Maternidade é

ade Casa da Mãe Pobre

a sr.ª D. Maria Castro, que conseguiu este ano 100 mil cruzeiros do Governo da União e 80 mil da Prefeitura do Distrito Federal, graças aos esforços quase sobre-humanos do Dr. Telémaco Gonçalves da Maia, médico da Aeronáutica e fundador da Instituição.

Este ano os sócios decresceram, naturalmente devido à carestia da vida, mas a receita aumentou, pois a arrecadação total foi de 1.309.487,00 cruzeiros, com um aumento de 102.235,00 sobre o rendimento do ano anterior.

A Legião Brasileira de Assistência, departamento governamental que envia anualmente à Maternidade cerca de 150 gestantes, não compensou com os seus donativos as despesas realizadas. Os 100 mil cruzeiros que ofereceu foi quantia insignificante em relação aos benefícios prestados.

Também na Campanha Nacional da Criança as cooperadoras da Maternidade conseguiram 83 mil cruzeiros, como acima dissemos. Esta missão está bem entregue à mulher brasileira, que muito tem feito pela beneficência particular. A sr.ª Vargas, esposa do Presidente da República, é carinhosa protectora dos necesitados e não se cansa de lhes prodigalizar os maiores benefícios.

A Lavandaria contínua a prestar grandes serviços, sobretudo agora, que os preços de lavagem atingiram alturas respeitáveis. Foi uma óptima medida a aquisição da respectiva aparelhagem.

Quanto a subsistência, foram servidas neste exercício 87.231 refeições, cujo preço unitário se pode computar em Cr$ 9,08. Feitas as contas, encontramos a respeitável soma de 792 mil cruzeiros!

A fim de enfrentar a dívida contraída com a aquisição do prédio da Rua Ibituruna, 81, e auxiliar a construção de de novo edifício naquele local, caso seja necessário, foi realizado um empréstimo entre associados que rendeu 100 mil cruzeiros, o qual continua em aberto no sentido visado.

Para se fazer uma ideia mais aproximada do movimento da Maternidade «Casa da Mãe Pobre», basta dizer que a Secretaria acusou a expedição de 72.187 cartas num ano, além do gigantesco serviço de recibos e baixas dos associados, o que dá média de cerca de 200 cartas por dia. Está à frente desta secção o sr. Floriano de Abreu, 1.º secretário, auxiliado por sua esposa.

O tesoureiro, sr. António Fróes, tem desempenhado um papel dificílimo, em virtude do actual estado financeiro da Casa, que há-de certamente melhorar em novos tempos que se aproximam, visto que tão grandiosa obra não pode fenecer nem afrouxar na prática do bem.

Enfim, como se vê pela resenha perfuntória que acabamos de fazer, a Maternidade «Casa da Mãe Pobre» tem atravessado um período de luta tenacíssima, no qual os seus dirigentes se multiplicaram em esforços ordenados. Nós, que acompanhamos o trabalho honesto desta casa de caridade, através de relatórios anuais do seu Presidente, nosso amigo e colaborador Henrique Magalhães, podemos avaliar em boa extensão a grandeza do empreendimento.

Houvesse mais sentimento de fraternidade e a beneficência entraria nos seus tempos áureos. Assim, num mundo retrógrado, cheio de egoismo feroz, só à custa de trabalho hercúleo e de muita abnegação se conseguem erguer obras deste género e mantê-las em estado eficiente.

Estudos Psíquicos sente-se muito honrada em veícular os relatórios desta instituição benemerente, apontando-a ao mesmo tempo como tentativa modelar ao serviço da pobreza. Aumentar-lhe as receitas é fortalecer a grei e dignificar a sociedade. Se houvesse muitas casas deste género, a tarefa dos governantes estaria simplificada e menos quadros desoladores lamentaríamos à face da terra. Foi neste sentido que os fundadores da Maternidade deram os primeiros passos e é neste sentido que procuram, não só manter os actuais serviços, como amplificá-los, visto que a necessidade é de sempre e o donativo é de um momento.

Apoiemos estes obreiros na sua obra dignificadora!

AO ESCRAVO DA MATÉRIA

Por CYRILO ALLEIXO

JÁ algum dia pensaste que não passas de um homem velho, vergando ao peso do lastro acumulado através de ciclos milenários, o qual te tem acorrentado às névoas da ignorância e do preconceito?

Sim, tu, também, a quem o verdor dos anos não invalida aquela afirmativa, numa progressiva desconfiança e inquietação geral, prelúdio de calamidades sem conta, ameaçando a nossa civilização.

Que importa o frescor do teu corpo, se o seu ocupante passou já por uma longa série de experiências de toda a ordem, num arranco perpétuo para diante, sempre para a frente, sob o impulso de forças potentes e inexoráveis, fluindo das profundezas do teu ser, como expansão de potencialidades divinas, que são tua herança abençoada?

Que importa o teu querer ou não querer, a tua descrença ou a tua revolta, se tens de seguir infalìvelmente o rumo divino?

Que importa o teu dogma materialista, o teu cepticismo e a tua cegueira, se a centelha que te anima há-de estilhaçar um dia a dura carcassa de artificialismos, que é todo o teu orgulho pedante, para, triunfantemente, proclamar a realidade da vida eterna e os destinos de todos os seres do universo?

O artificialismo humano, essa máscara hipócrita, criada pela cupidez do convencionalismo, há-de cair um dia, rolando para sempre no pó das coisas mortas...

Então o homem velho cederá o lugar a outro homem, esplêndido no fulgor de suas virtudes peregrinas, ocultas até então na sombra de todas as paixões, apontando-lhe novas fases de progresso, plenas de doçura e de beleza, como jamais havia sonhado!

E o homem exclamará, então, contrito: «mea culpa, mea culpa!» Como foi possível esta miopia tão longa, esta teimosia em fugir da luz, que durante tanto tempo me conservou longe das maravilhas da criação?

O mundo está enfermo, diz-se, mas a sua mazela não é desesperada, se nos resolvermos a romper de vez com a velharia das nossas almas, para que novas facetas surjam, mais conformes às exigências dos tempos.

Essa série de imperfeições enquadrava-se perfeitamente no cenário do pasado, mas a evolução atingida hoje, exige a sua eliminação imediata, sob pena de graves desequilíbrios e mesmo de perda da própria civilização.

O homem do transatlântico, dos aviões, da rádio e de outras maravilhas, se quiser saborear em paz o fruto de seus labores, terá de cingir a diáfana túnica da espiritualidade, que lhe assegurará inalterável confiança no dia de amanhã.

Enquanto o não fizer, deambulará entre incertezas cruéis, atormentado por pesadelos e pelas sombrias perspectivas do futuro.

Por toda a parte se erguem queixumes, clama-se aos quatro ventos que o mundo está em falência, suplica-se a Deus remédio para tal calamidade, o milagre de uma reviravolta assalvadora, mas as nefastas influências ancestrais regem o nosso viver, opondo-se assim à realização desse desiderato.

Que incongruência pedirmos aos Céus aquilo que não nos será concedido, enquanto pactuarmos com as forças do mal!

O mundo parece resvalar para tenebroso vórtice, onde se precipitará, se não arejarmos a alma quanto antes, expondo-a aos raios benéficos do sol espiritual, que tudo vivifica e a tudo imprime o cunho da confiança e da perfeição.

O homem do século XX não pode continuar aferrado aos velhos métodos do pasado, se não quiser que a sua sorte seja a da Lemúria e da Atlântida.

O momento é decisivo e tremenda batalha está travada entre as duas forças antagónicas, com os métodos brutais da violência e do cretinismo, de um lado, e o amor, a humildade e a renúncia, do outro.

Mas custa tanto abandonarmos as nossas paixões, que nos chegamos a convencer da possibilidade de uma salvação, sem sacrificarmos aquilo que teimamos em conservar ainda, como coisa muito querida ...

Para que nos iludirmos a tal respeito, evitando a expansão de tudo que tende a mostrar-nos o sagrado caminho da redenção?

Para que fechar os olhos às realidades do presente e aturdirmo-nos nas miragens do mundo, como crianças tapando os ouvidos aos sensatos conselhos de quem as estima?

Que adianta isso, afinal? Como se pudéssemos fugir do perigo, mergulhando na in-

consciência, sem, por outro lado, deixarmos de trabalhar para uma derrocada iminente!

Esperarmos, então, o milagre da mudança salvadora, quando tudo conspira contra ela?

Que miséria, que desolação nessa atitude criminosa, nesse indiferente cruzar de braços ante problemas de cuja solução depende todo o nosso bem-estar!

Basta de lamúrias e de rogativas pueris. Perante as realidades do momento, uma única solução se impõe: a nossa reforma interna.

Habituado a uma vida essencialmente objectiva, em que os sentidos se deixam subjugar por tudo o que é efémero, o homem chega a convencer-se da impossibilidade de ser feliz fora daquele âmbito, menosprezando sistemàticamente tudo o que transcende suas bem modestas precepções orgânicas.

Entretanto, tesouros ocultos na essência do nosso ser aguardam àvidamente a sua libertação, para nos elevarem a planos infinitamente superiores, onde, ante as fascinantes riquezas espirituais, os prazeres mundanos ficam a perder de vista, como simples passa-tempo de crianças.

Se em nosso interior existem, em potência, os fundamentos de uma vida melhor, é mister que a exploração desses jazigos ocultos entre em franca actividade, para que o negrume actual se dissipe e dê lugar à refulgência de uma nova era de tranquilidade.

O reinado da matéria, tem os seus dias contados. Na conturbação dos tempos presentes, o bem e o mal estão face a face, numa luta decisiva para a humanidade.

De um lado os déspotas do passado, procurando desesperadamente manter em trevas o nosso espírito; do outro, os raios argênteos da luz divina, convidando-nos com doçura ao eterno amplexo da concórdia universal.

De um lado, os métodos brutais da crueldade e da violência; do outro os suaves métodos do amor e da caridade, símbolos do próximo ciclo espiritual.

Que cada um procure desembaraçar-se da infamante tutela dos déspotas do espírito e trabalhe com afinco na dinamização das virtudes divinas, latentes em nosso íntimo, é um dever premente, nesta hora angustiosa, em que o mundo se debate.

Novas directrizes se impõem para consolidar os fundamentos da civilização; de contrário, a sua sorte será a da lendária estátua com pés de barro ...

Ao mundo falta aquilo que há-de equilibrar a humanidade fraccionada: a caridade. Sem essa força coesora, não será possível a unidade e, sem unidade, a tão desejada paz não passará do domínio do sonho.

Enquanto do pedante orgulho não sair a humildade, do egoísmo a abnegação e do ódio o amor, que tudo dulcifica e tudo envolve em caudais de luz, a nossa alma continuará imersa neste atoleiro afixiante.

Custa-nos ser humildes, quando tudo em nós parece elevar-nos acima dos nossos semelhantes, em proporções tais, que nem sequer hesitamos em nos igualar a Deus?

Mas, se todos os seres são originários de um foco comum e a todos aguarda o mesmo destino — o retorno a essa Causa Primária, qual a razão de tal altivez?

Firmarmos o orgulho na beleza física, na superioridade intelectual ou em qualquer outra, é pura insensatez, porquanto, constituindo isso uma infracção às leis divinas que nos regem, nos exporemos assim às inevitáveis consequências, pelo que a dor se encarregará, no futuro, de nos ensinar a lei transgredida: a da humildade.

O orgulho é lupa que nos agiganta a nossos próprios olhos e nos faz ver os outros de uma pequenez insignificante, como seres à parte da criação.

É-se tanto mais humilde, quanto maior for o estado de perfeição atingido, porque o orgulho, induzindo à separatividade, afasta-nos cada vez mais da nossa finalidade divina,que só poderá ser alcançada pela augusta fusão universal no Incriado.

O egoísmo é também uma pedra de tropeço, porque quem se preocupa só consigo, não sabe que somos todos partes integrantes de um todo aparentemente fragmentado, sendo-lhe vedados certos prazeres introspectivos, sòmente sentidos por quem vê nos semelhantes fracções de si mesmo e os trata de acordo com essa certeza admirável.

O ódio, por sua vez, revela requintada inferioridade e quem odeia o próximo, odeia-se a si mesmo, pela razão de que os outros também são partes de nós próprios.

Enfim, como não nos é dado modificar o código extra-terreno, imposto de toda a eternidade, torna-se bem patente que o sofrimento continuará reinando neste planeta, enquanto a humanidade se mantiver hostil ao acatamento das leis que hão-de promover-lhe a redenção.

Portanto, o extermínio total das imperfeições e o desenvolvimento das virtudes salvadoras, eis o que se impõe, para que o nosso globo ascenda na hierarquia dos mundos.

O dia 29 de Março de 1953 ficou assinalado com um rótulo tremendo. A primeira página do jornal *Novidades* exibia três colunas contra o Espiritismo, a propósito de um caso sucedido próximo de Abrantes e que deve estar afecto às autoridades, se é que houve nele matéria criminal. O título do artigo é demasiado significativo para que se queira ver nele boa intenção.

«Espiritismo, Bruxaria & C.ª», eis a legenda do panfleto que vamos transcrever na íntegra, para que melhor possamos avaliar o caso. Diz o impante *Novidades:*

Informaram ontem os jornais que foram enviados ao tribunal um bruxo e umas bruxas que, para os lados de Abrantes, se dedicavam a práticas ilegais de medicina e ao «exercício de sessões de bruxaria e espiritismo». Mercê das suas mezinhas e beberagens, quatro pessoas foram atacadas de loucura e dispunham-se a matar os próprios filhos.

A bruxaria é uma praga em todo o país. Quase não há aldeia que dela esteja isenta. E nem podem imaginar-se os estragos que vai causando: lares desfeitos, famílias desavindas, tentativas de envenenamento, superstições que chegam a levar à violação de lugares sagrados.

As autoridades locais conhecem, em geral, muito bem os homens e mulheres «de virtude» que exercem essa rendosa profissão, mas quase sempre falta a decisão necessária para lhes darem caça.

Podem, aliás, desculpar-se com o que se passa nas cidades mais bem policiadas; por exemplo, em Lisboa. E podem ainda alegar que, mesmo nas barbas da autoridade, se praticam outros géneros de bruxaria sob a capa de investigação científica; por exemplo, o espiritismo.

Dizia-nos alguém que a polícia não pode intervir na repressão das práticas de espiritismo, porque não há disposição que as proíba.

Não é bem assim. Em 18 de Agosto de 1950, o Gabinete do sr. Ministro do Interior expediu ao Comando-Geral da Polícia a seguinte circular que foi transcrita em ordem de serviço:

«Para conhecimento de V. Ex.ª e devidos efeitos, encarrega-me Sua Excelência o Ministro do Interior de seguidamente transcrever o parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa homologado por Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, acerca da existência de centros de espiritismo:

«O Conselho Permanente da Acção Educativa, ouvido sobre a exposição que o Sr. Governador Civil do Porto fez a Sua Excelência o Ministro do Interior acerca da necessidade de se regulamentar a actividade espírita emite o seguinte parecer:

a) — *Devem proibir-se a investigação e o estudo de fenómenos alegados pelo Espiritismo e que constituem objecto de Metapsíquica, desde que essa investigação e esse estudo não estejam a cargo de pessoas que, pela sua categoria e preparação, ofereçam perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica.*

O GRITO DAS

b) — *Só devem autorizar-se a constituição e o funcionamento de associações destinadas àquela investigação e àquele estudo, quando se verifique que elas dispõem dos meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos da alínea anterior. Desconhece-se a existência em Portugal de qualquer associação nestas condições.*

c — *A actividade das associações que venham a constituir-se com o fim referido deve ser de harmonia com a alínea a) do n.º 5.º do art. 2.º do decreto n.º 37.545, de 8 de Setembro de 1949, cuidadosamente acompanhada pelo competente serviço deste Ministério, que promoverá a dissolução das associações logo que elas deixem de trabalhar no plano puramente científico.*

d) — *O preceito do art. 45.º da Constituição não permite proibir as práticas do Espiritismo — sistema místico-religioso, enquanto elas respeitarem a vida e integridade física da pessoa humana e os bons costumes.*

e) — *Às autoridades policiais compete reprimir essas práticas sempre que — por importarem exercício ilegal da medicina (art. 15.º do decreto-lei n.º 32.171, de 29 de Julho de 1942), por oferecerem perigo moral para os intervenientes ou por qualquer outra ra-*

zão — devam considerar-se abrangidas pelo § único do citado art. 45.º da Constituição».

Convém esclarecer que o decreto 37.545, citado na alínea c), dispõe que semelhantes associações não poderão funcionar sem que os seus estatutos sejam aprovados pelo Ministério da Educação Nacional.

Por outro lado, o art. 45.º da Constituição foi modificado pela Lei n.º 2.048 de 11 de Junho de 1951. Na redacção actual o art. 45.º só diz respeito à Igreja Católica. Os outros cultos são regulados pelo art. 46.º, que diz:

«O Estado assegura também a liberdade de culto e de organização das demais confissões religiosas», etc.

Ora não consta que o Espiritismo seja uma «confissão religiosa».

"NOVIDADES"

Há tempos, noticiaram os jornais que, ali para a Rua de São Bento, começou ou continuou a funcionar um centro espírita sob capa de «investigação científica». Estará autorizado pelo Ministério da Educação Nacional? Informou-se ainda que ele tem inscritos 4.000 membros. O número dos tolos é muito maior, mas os «investigadores científicos» não podem entrar em competição com eles.

Estando provado que as práticas espíritas não passam geralmente de grosseiro embuste e que, como escreveu o Dr. Egas Monis e todos os dias se verifica, apenas servem de preparação de clientes para os manicómicos, por que se espera para uma decidida e decisiva acção policial? Por que se permite a publicação de livros e revistas de propaganda do Espiritismo e da Metapsíquica, desde que se desconhece a existência em Portugal de qualquer associação que ofereça «perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica»?

O que aí fica é diatribe, é grito insidioso. Aproveitou uma local para atacar a bruxaria, mas vai dizendo que as autoridades são fracas na repressão, como se elas necessitassem de «estímulo» do *Novidades* para cumprir o seu dever de zeladoras da grei. Depois a insídia vai tomando forma, descabeladamente, ousando-se transcrever, público e razo, um documento confidencial oriundo do Ministério do Interior, para justificar a sua afirmação, segundo a qual «mesmo nas barbas da autoridade se praticam outros géneros de bruxaria sob a capa de investigação científica, por exemplo, o espiritismo».

E não fica por aqui o missionário «de asas velozes para correr ao mal». Em vez de exemplificar a doutrina de Jesus, que ele não serve, como lhe competia; em vez de evangelizar o próximo e auxiliar os poderes constituídos na tarefa de administrar justiça a todos os portugueses; em vez de espalhar bondade e doçura, aliviando e congraçando, como fizeram alguns de seus maiores, cujos passos não segue por motivos que só ele saberá explicar; em vez de tudo isso que o elevaria a dignidade que se não atinge com passos claudicantes, o *Novidades* persiste nos caminhos tortuosos do anticristo, como há 13 anos, quando nos chamou comunista e maçon e foi obrigado a inserir a nossa «Desafronta», em que lhe mostrámos os verdadeiros caminhos do céu.

Ali dizíamos ao alviçareiro de maus augúrios: «*Novidades*» não conhece a idoneidade moral dos atacados, mas deve conhecer de sobra o seguinte mandamento: «Não dirás falso testemunho contra o teu próximo» (Exodo, 20, V-16) e as sete coisas que o Senhor aborrece: «Olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que maquina malvadíssimos projectos, pés velozes para correr ao mal, testemunha falsa que profere mentiras e que semeia discórdias entre irmãos» (Provérbios, 6, V. V. 16-19). Deve também saber que lhe falece autoridade para julgar: «Não julgueis e não sereis julgados, não condeneis e não sereis condenados» (Lucas, 16, V. V. 37-38).

Passados 13 anos, dizemos o mesmo ao jornal de Santa Marta. Não lhe serviu o exemplo de 1942, em que se queixava da Lei, por nos conferir direitos que ele queria para si? Para que volta à carga contra uma doutrina que prefere a evolução à revolução? Já se esqueceu do martirológio dos católicos, quando os parlamentos legislavam contra o reinado do espírito, pelo prazer de perseguir ou desmantelar? Nesse tempo estávamos ao lado dos oprimidos, porque o Espiritismo é amor e justiça social. Nesse tempo

E. Psiq. - Abril/53

pensávamos como pensamos hoje: todas as religiões são boas, todas têm um princípio moral e não há ateus no verdadeiro sentido do termo. Por isso não os atacamos. Reconhecemos aos outros a liberdade de pensar. De resto, Portugal é de todos os portugueses. Os nossos braços dão-se à pátria, com o nosso amor e o nosso sangue. Respeitamos os governos constituídos e aconselhamos o próximo a respeitá-los. Todos os governantes desejam o bem da Nação e tudo fazem para que as medidas adoptadas resultem benéficas. Por isso os respeitamos, não admitindo que haja portugueses que obedeçam a forças estranhas, políticas, religosas ou de qualquer espécie.

Não nos julguemos mais que o nosso irmão, nem que a nossa crença é melhor que a dele. Deixemos a cada um a sua ideia de redenção. Cada organismo tem uma tarefa a desempenhar e os dirigentes velam pelo bom nome da instituição.

Os orientadores do *Novidades* sabem o que fazem, medem a grandeza do malefício, que pagarão um dia, neste ou noutro mundo, em condições peculiares a que não poderão fugir, porque a justiça divina é imutável e não se verga a impetrações humanas. A Federação Espirita Portuguesa é uma entidade respeitável, trabalha sob os auspícios da lei e procura dignificar a doutrina que a informa. Não é um centro qualquer, como inculca o *Novidades*, em linguagem depreciativa e anti-cristã. A Federação Espirita Portuguesa não encobre os seus desígnios com rótulos de investigação científica. Não necessita desses expedientes, porque o seu nome se projecta muito longe, ao serviço de uma causa fraternal e humana. É um fulcro de progresso, não é uma «capelinha» onde se «desfazem lares», «se envenena» e se forjam iconoclastas.

Oh! Como certos próceres se apresentam com capa de humildes, apontando o argueiro sem verem a trave!

E como eles são fáceis no julgamento alheio! Como eles afirmam displicentemente: «está provado que as práticas espiritas não passam de grosseiro embuste» (*sic*) e que «apenas servem de preparação de clientes para os manicómios»!... Prove o *Novidades* essa afirmação gratuita e não a lance ao acaso, em gesto de inconsciente. E em vez de gritar com ar de comando: «Porque se espera para uma decidida e decisiva acção policial?», meta a mão na consciência e veja se não há por lá coisas graves que mereçam correctivos maiores e mais enérgicos.

O Espiritismo é um corpo de doutrina com cem anos de existência e a sua bibliografia ultrapassa dez mil volumes em todas as línguas modernas. Não é preciso dizer mais para demonstrar que os ataques da ignorância são como bolas de sabão defeitas pelo vento. As ideias nobres combatem-se com ideias nobres e nenhum homem culto se lembrou jamais de utilizar a sua posição para impedir que tais ideias florescessem.

O *Novidades* admira-se de que a Constituição não proiba as práticas espiritas e diz que não lhe consta que o Espiritismo seja uma *confissão religiosa*. Quem é o *Novidades* para dizer que lhe não consta isto ou aquilo e dirigir-se a quem de direito, como se tivesse autoridade em matéria legal? Nem todas as confissões religiosas seguem a mesma orientação. O culto protestante não admite imagens de escultura, em obediência à última parte do 2.º mandamento, nem a confissão auricular, nem o celibato obrigatório dos padres, e existe numa grande parte do velho e novo mundo. O Espiritismo participa de *confissão religiosa*, tanto assim, que os directores de jornais espiritas ingleses ficaram isentos do serviço militar na última guerra, a exemplo dos pastores anglicanos, e ainda há pouco o Ministro do Ar de Sua Majestade Britânica, Lord de L'Isle e Dudley, declarou na Câmara dos Lordes, a um pedido de esclarecimento de Lord Dowding:

a) O Espiritismo é reconhecido como Religião no serviço militar.

b) Aos militares espiritas das três armas — Exército, Marinha e Aviação — assiste o direito de anotação da sua crença espirita nos documentos militares e nos respectivos distintivos de reconhecimento.

c) Aos espiritas pertencentes aos corpos do Exército, Marinha e Aviação, assiste o direito de realizar reuniões, sempre que haja dependências ou salões disponíveis. Estas decisões são confiadas aos oficiais de serviço.

E o Ministro acrescentou:

«Sendo o Espiritismo reconhecido agora como religião, como *religião* deve ser encarado e respeitado».

Fosse o articulista do *Novidades* mais escrupuloso e nós evitaríamos estas palavras.

Uma das perguntas mais infantis do arrazoado é esta: «Porque se permite a publicação de livros e revistas de propaganda do Espiritismo e da Metapsíquica, desde que se desconhece a existência em Portugal de qualquer associação que ofereça *perfeita garantia de seriedade e obediência* às *condições mais elementares da metodologia científica?*». Esta não lembrava ao diabo! Seria o mesmo que proibir a divulgação de livros de física nuclear, por não termos laboratórios de investigação atómica. Para o articulista do *Novidades,* o mundo é tão pequeno, que só lá cabe o seu catolicismo. Não seja tão rigoroso, prezado irmão! O sol nasce ao mesmo tempo para todos os portugueses. Se os sacerdotes se limitassem ao poder espiritual, como lhes ordenou seu Mestre, não teriam suportado grandes reveses em certas épocas da história e que nós, espiritas, somos os primeiros a lamentar. Lembre-se de que violência gera violência e que é melhor prevenir do que remediar. Nenhuma doutrina tem lucrado com o ataque a outras doutrinas. É o que deseja o Espiritismo, que após um século de marcha coerente e impoluta se mantém cada vez mais belo e aliciante, pela felicidade que dá aos seus adeptos. Uma de suas obras principais é «O Evangelho Segundo o Espiritismo», cuja 41.ª edição em língua portuguesa ultrapassou a cifra de 360 mil exemplares. Qual a obra católica que atingiu semelhante expansão? São perto de 400 páginas de interpretação que exaltam ao extremo a figura do Cristo de Deus. Nós próprios escrevemos um livro («Luz no Caminho») que é verdadeira hosana ao Mestre Excelso, à luz do Espiritismo. Nas suas 350 páginas esforçámo-nos por traduzir em linguagem do século o espírito vivificante que paira na sua palavra de vida. 5.000 exemplares correm mundo entre gente de fala portuguesa, a atestar a nossa profissão de fé religiosa. E desafiamos todos os articulistas do *Novidades* a apontar-nos qualquer desvio, dentro ou fora da doutrina. Somos ignorantes e imperfeitos, mas sabemos respeitar os outros e reconhecemos-lhes o direito de pensar, para que reconheçam o nosso.

Deixem o Espiritismo em paz! Só as doutrinas boas singram nos abrolhos do mundo, só elas perduram e se impõem pela excelência de seus postulados. Combatê-las, com receio de que possam diminuir o reduto do nosso exclusivismo, é infantilidade. Que importa que o homem busque o que se harmoniza com a sua tendência espiritual? Vale mais estremar os campos do que perturbá-los. Há no Espiritismo antigos católicos, antigos protestantes, antigos materialistas. Antigos espiritas são hoje excelentes teósofos e nem por isso nos move contra eles qualquer animosidade.

Sejamos leais e verdadeiros, como disse o Cristo, e compreendamos a caridade na acepção paulista, dando a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.

Nós não combatemos o catolicismo. Reconhecemos a sua obra missionária e muitos doutores da Igreja, como Orígenes e Santo Agostinho, inspiram-nos grande simpatia.

O primeiro destes temo-lo transcrito em muitos passos da nossa obra.

A empresa do Padre Américo — para só falar dos tempos actuais — é uma das mais belas reivindicações do espírito humano e a sua doutrina está dentro dos nossos postulados. Temos-lhe grangeado muitos cooperadores e continuaremos a grangear, sem receio de engrossar as hostes do grande filantropo. Se o nosso objectivo é praticar o bem, caminhando para Deus através da Ciência e do Amor cristão; se temos a certeza de que os nossos actos nos pertencem e que só eles poderão modificar ou melhorar o nosso futuro moral; se a nossa maior ventura é saber que todos são felizes, não deve importar-nos que os espiritas troquem a ideologia por outra que mais se adapte à sua evolução mental e espiritual. Combater alguém por não pensar como si próprio, é o maior erro do homem.

Pugne o *Novidades* pela sua religião, mas não implique com a nossa. Respire fundo, encha-se de alimento e de sol e construa uma ermida em cada rua, que nós, apesar de espiritas, gostamos do ambiente religioso e achamos que em toda a prece há transcendência e que Deus está em toda a parte, aguardando a nossa descoberta.

O Alto diz-nos: «Devemos iluminar o que amarmos. Se o amarmos todo, o universo será transparente para nós». Façamos como ensina o Alto, abramos nossas mãos para acariciar e não as fechemos para odiar. Se as religiões conduzem ao amor, amemo-nos irmãmente, como viajores da mesma senda que necessitam de unir-se para resistir ao vendaval. Não invoquemos a lei para o semelhante, depois de a termos infringido, não se dê o caso de os olhos que medirem o delito de um se lembrem do delito do outro. Só assim teremos direito ao nome de cristãos.

I. D. S.

RECLUSOS

Por H. MA

Quem lê o título acima pensará desde logo que nos referimos às criaturas que se acham nas prisões, ou seja, os criminosos comuns. Todavia prevenimos desde já que nosso pensamento se dirige noutra direcção. Para nós, «reclusos» são todos os que, distanciados das Leis de Deus, lhes sofrem as consequências, quer trancafiados nos presídios de pedra ou penitenciárias da carne, isto é, os que não podem locomover-se livremente por doenças, aleijões ou recolhidos a ancianatos, manicómicos, etc. Todas essas criaturas — assim pensamos — são reclusos.

Em 1938, em nossas peregrinações mensais ao Hospital de S. Sebastião, no Rio de Janeiro, vislumbrámos certo irmão que arrastava uma perna entumecida, cujo pé, de tão inchado, mais parecia um pilão.

A perna não dobrava como a outra, no joelho. Para se locomover, muito devagar, aliás, tinha de jogar a perna ao largo, fazendo um semi-círculo, para conduzí-la à frente da outra.

Ao que me informou, havia muitos anos que se achava naquelas condições e assim continuou até ao fim.

Estudando aquele caso particular, veio-me à lembrança a triste situação dos presos na Ilha do Diabo, na Caéna Francesa, os quais, — pelo menos, assim era há anos passados — arrastavam pesadas bolas de ferro ligadas aos pés por grossas correntes. Os infelizes só podiam andar muito vagarosamente, por causa do tremendo peso que os oprimia.

Enquanto os tais pagavam seu tributo de crimes à justiça da terra, este outro, livre embora das prisões de pedra, resgatava, daquele modo, seus débitos perante a justiça divina.

Este é um pequeno exemplo.

Outro caso observado no mesmo hospital era um rapazinho que ali deu entrada aos 15 anos. Embora o nosocómio se destine a tuberculosos, o rapaz, assim como o do caso acima mencionado, não sofria dessa terrível doença. Só Deus sabe porque ali foram parar, com alimentação comum, respirando o mesmo ar, dormindo e vivendo no mesmo ambiente dos atacados da moléstia de Koch. Contudo, dentro das mesmas Leis imutáveis de Deus, essas criaturas ficaram imunes à terrível doença.

Ocorrências tais, aparentemente simples, encerram, todavia, grandes ensinamentos, levando-se em conta que muitas criaturas deixam de visitar seus parentes e amigos, nesses e outros hospitais, com receio de se contagiarem, abandonando os enfermos ao silêncio contristador.

Esses casos de abandono, aliás comuns naquele cemitério de vivos, muito concorre para que os enfermos desesperem, levando um ou outro de mais fraca resistência moral, ao suicídio.

Tendo em vista esses lamentáveis incidentes, lançamos um apelo aos irmãos de boa vontade, para que visitem, toda vez que suas actividades o permitam, esses infelizes abandonados, levando-lhes alimento para a alma, para que não sucumbbam à mingua do pão espiritual.

Este rapaz apresentava tremendas úlceras no rosto, — sòmente no rosto, outro fenómeno a ser estudado — mais parecendo que sofria do mal de Hansen. No entanto, também não era esta doença que

HARMONIA SIDERAL

Onde me encontro posso avaliar melhor o conjunto de planetas e de sóis que descrevem círculos geométricos bem diferentes do que na Terra me ensinaram. A grandiosidade do panorama escapa a vossos olhos e às próprias lunetas telescópicas. Vedes tudo nebuloso, desfocado, de contornos imprecisos, e fazeis cálculos aproximados onde baseais a ciência frágil, vaidosa e claudicante. E anos passam através da cegueira humana sem que descortine o alvo de seus passos.

A música das esferas em que ouvi falar aí, é um dos efeitos grandiloquentes da harmonia sideral que se observa nas órbitas astrais. Música suave, música transcendente que arrebata a criação destinada a mais altos voos.

De vez enquanto contemplo a paisagem celeste e comparo-a às vossas descrições grosseiras cheias de apriorismo e vejo então a enormidade do barranco que nos separa. Parece incrível que se avance tanto em tão pouco tempo. Bem sei que uma simples candeia basta para iluminar a espessura. Seus raios fendem as trevas e os olhos humanos des-

NO MUNDO

GALHÃES

o minava, porquanto a morfeia costuma atacar todo o organismo e o infeliz era molestado só naquele local.

Dava pena observar aquele corpo bonito e sadio com o rosto totalmente deformado, mais parecendo uma posta de puz. Nem os olhos foram poupados; aos poucos, iam sendo corroídos, inexoràvelmente. Daí, seu aspecto contristador.

Os cientistas do nosocómio fizeram todas as experiências; enviaram ao laboratório, bastas vezes, material para exame, resultando em vão todos os esforços. Jamais descobriram a causa da misteriosa doença!

Dia após dia, mês após mês, ia o rapaz piorando.

— Como vai de saúde, fulano? — perguntava ao infeliz, procurando abrir brecha para o consolar.

— Vou melhor, respondia ele com toda a naturalidade. Algo de misterioso lhe mantinha a fé viva, alimentando a esperança da cura próxima ou remota, auxiliando-o na luta pela purificação da alma.

São os mistérios da criação! É a sabedoria de Deus a externar-se por mil formas diferentes, para chegar ao fim colimado!

O rapaz creceu e tornou-se homem.

Certa feita apareceu no Rio um cientista americano, e que, tendo descoberto certa droga, andava fazendo experiências nos doentes considerados incuráveis. As injecções eram aplicadas, se não me falha a memória, de sete em sete dias, após o que o enfermo caía em prostração, atacado de febre alta por alguns dias. Um ou outro enfermo sentia-se melhor, ficando em observação; noutros, contudo, nada adiantava.

Esse rapaz submeteu-se também à experiência, de vez que os médicos tinham dado seu caso como perdido. A droga foi injectada por diversas vezes. O enfermo aguentou a terrível prova, na esperança de obter melhoras. No entanto, tudo resultou inútil.

Sua paciência e conformação eram patentes, o que nos leva a crer que a cura do espírito continuava, à custa, embora, do massacre do corpo.

«Bem-aventurados os aflitos, — afirmava Jesus — porque deles é o reino dos Céus!».

Bem-aventurados são, em verdade, as criaturas que têm coragem de se submeter a provas tão rudes, quando, bem entendido, a resignação os acompanha.

O rapaz, assim como o homem que carregava a perna entumecida e pesada, à maneira dos presos da Ilha do Diabo, desencarnaram, depois de perlustrar por muitos anos aquela casa hospitalar. A causa das doenças, de um como do outro, jamais foi encontrada. O mistério desceu com eles ao túmulo.

No entanto, a dor realizou o seu trabalho, a exemplo da gota de água na pedra!

Bendito seja Deus! Bendita igualmente a dor que, com seu buril afiado, ajuda a pobre humanidade em sua transformação moral.

Oremos, amigo leitor, por todas essas criaturas, enviando-lhes nossos pensamentos amorosos e de piedade, pedindo a Jesus os envolva com seu manto de paz e misericórdia.

São os votos que faz este vosso irmão, servo dos servos do Senhor.

bravam terreno oculto que a candeia revelou. Tudo veio à superfície do entendimento. Bastou um pequenino facho do tamanho de uma bolota.

Comigo deu-se fenómeno semelhante. Eu estava na face escura da Terra e meus olhos físicos tinham âmbito limitado. Não descia ao âmago das coisas e contentava-me com aparências mais ou menos relativas. O que me cercava era assim mesmo, não o podia ver de outro modo. Cada um vive em seu mundo especial, segundo a natureza dos sentidos. Os meus olhos de hoje abarcam maior extensão. O mesmo direi dos restantes orgãos que me servem na vida de relação em que me confino.

Valeu a pena *morrer* para ver tanta coisa bela e extasiar-me no maravilhoso concerto que se exerce à minha volta. Valeu a pena morrer, sentir o choque do desprendimento. Agora posso deslocar-me fàcilmente e aproximar-me de causas que desconheceis. As interrogações de ontem são exclamações actuais de quem compreende e admira o sistema e a omnisciência do autor.

(Do livro *Novos Caminhos*, ditado pelo Espirito de LIA)

A ARCA

Por JEREMIAS

A *Biblia* fala-nos a partir do cap. 6 do *Génesis* de um dilúvio universal que houve em certa altura no nosso planeta, e de uma arca que Deus *mandou* construir a Noé, onde se alojou com sua família e exemplares de todas as espécies animais existentes na terra. Mas a *Biblia* — como aliás todos os livros de carácter religioso — não pode oferecer a um espírito medianamente culto, que a examine sem espírito preconcebido, um documento decisivo. Aceitá-la incondicionalmente, seria aceitar a geração expontânea do ser humano, seria aceitar o milagre de Josué fazendo parar o Sol, seria fechar os olhos a muitas contradições. A *Biblia* pode — e deve — servir-nos de elemento de estudo, mas nunca para aceitarmos dogmàticamente, sem um livre exame, tudo o que lá se encontra.

Antes de examinarmos as provas históricas que existem a favor ou contra a existência da famosa arca — algumas delas recentíssimas — vejamos se aquilo que a *Biblia* nos conta a tal respeito nos fornece argumentos a favor ou contra a veracidade das suas afirmações. No cap. 6, vers. 14-15, poderemos ler: «Faze para ti uma arca de madeiras aplainadas; farás nesta arca uns pequenos quartos e untá-la-ás com betume por dentro e por fora. Eis aqui a forma por que a hás-de fazer. O seu comprimento será de trezentos côvados, a largura de cinquenta, a altura de trinta». Ora Deus *ordenou* que tal nave fosse construída no curto espaço de sete dias, ao fim dos quais começaria o anunciado dilúvio. Segundo as medidas acima indicadas, o comprimento da arca será o de um paquete moderno, por exemplo o *Champollion* das *Messageries Maritimes*. Agora — pergunto eu — como fazer um barco destes em tão pouco tempo? Os americanos, mercê da sua técnica inegável e dos seus amplos conhecimentos, bateram o *record* com o *Liberty Ships*. Pois bem, esse *record*, que só foi possível mercê de todos os requisitos e aperfeiçoamentos da técnica moderna, fica pulverizado, reduzido a zero, perante os sete dias que a famosa arca levou a construir. Será isto aceitável, compreensível, racional? Evidentemente que não. Mas menos aceitável é ainda o facto de Noé ter metido na arca um ou mais casais de todas as espécies de animais existentes sobre o globo. Nem o maior transatlântico moderno, nem o maior navio que se pretendesse construir seria capaz de tal proeza. A *Biblia*, falando-nos nisto, igualmente não nos explica como foi possível a Noé chamar para dentro da arca todos esses animais; certamente eles não andavam *todos* junto de si; pelo contrário — eles encontravam-se dispersos pelos bosques, pelas montanhas, pelas planícies. Como conseguiu ele apanhar as aves e metê-las na arca? Eis *mistérios* que a *Biblia* não resolve, passando por eles com grande facilidade. Mas ainda há mais: como é que Noé conseguiria meter dentro da arca comida para 40 dias, para todos os animais que o acompanharam durante o dilúvio? Querem maior fantasia? Ela excede, como estamos vendo, o mais maravilhoso dos Contos das Mil e Uma Noites.

A *Biblia* não é o único livro sagrado a falar da famosa arca. As tradições cuneiformes falam de um dilúvio, durante o qual Ut-napishtim (relato acadiano) e Zindshudu (relato numeriano) se salvou, construindo uma arca de enormes dimensões na qual entraram pelo menos um casal de todas as espécies de animais existentes na terra. Os Vedas falam em Vaiwasvata, que escapou do dilúvio construindo uma arca na qual encerrou um casal de todas as espécies animais e exemplares de todas as plantas. Quando o dilúvio findou, a arca ficou no cimo do Himalaia.

Segundo os caldeus, o Deus Ilu adverte Xisutrus de que em breve um dilúvio inundaria toda a terra, e manda-o escrever uma história de todas as coisas que enterrará na cidade do Sol. Também lhe ordena que construa uma nave onde recolherá, além de sua família e amigos, um casal de todas as espécies de animais existentes — e a alimentação suficiente para todos eles. Para saber se as águas tinham já descido, Xisutrus fez sair por *três* vezes algumas aves; à terceira não voltaram, sinal evidente de que encontraram terra.

De todas estas narrativas algumas conclusões importantes se poderão tirar:

1.ª — Existe uma identidade flagrante, por vezes quase perfeita, entre os diversos textos. A narração caldaica, que nos diz que Xisutrus fez sair por *três* vezes algumas aves da arca para verificar se havia já terra próxima, é idêntica à da *Biblia*, segundo a qual Noé fez sair também por *três* vezes algumas aves. De facto, poderemos ler no *Génesis*, cap. 8, vers. 6: «Tendo-se passado

quarenta dias, abriu Noé a janela, que tinha feito na arca, e soltou um corvo. O qual saiu, e não tornou mais, até que as águas que estavam sobre a terra se secaram. Despediu também uma pomba após o corvo, para ver se as águas teriam já cessado de cobrir a face da terra. A qual, como não achasse onde pousar o seu pé, tornou a vir a ele para a arca; porque ainda as águas estavam sobre toda a terra: e Noé, estendendo a mão, tomou a pomba, e a tornou a recolher na arca. Depois de ter esperado ainda outros sete dias, segunda vez deitou a pomba fora da arca. Ela porém voltou para Noé sobre a tarde, trazendo no seu bico um ramo de oliveira com as folhas verdes. Entendeu pois Noé, que as águas tinham cessado de cobrir a terra. Ainda contudo esperou Noé outros sete dias, e largou a pomba que não tornou mais a ele».

DE NOÉ

PACHECO

2.ª — Os Vedas fazem com que a arca fique nos Montes Himalaias, ao contrário do texto bíblico (*Génesis,* cap. 8, vers. 4): «E no dia vinte e sete do sétimo mez passou a Arca sobre os montes da Arménia». Quem terá razão — os mosaicos ou os vedas? Se ela tivesse *existido,* porquê esta contradição de lugares?

Como os leitores estão vendo, a *Biblia* não nos fornece argumento algum favorável à existência da arca. Pelo contrário — tudo nela é inverosímil, fantástico, inaceitável — e ainda por cima tudo o que nos conta não representa novidade — tudo o que lá está já muitos anos antes se encontrava escrito nos livros sagrados doutros povos — dando a impressão de que o *profeta* ou *profetas* que escreveram o *Génesis* não fizeram mais do que adaptar essas narrativas às conveniências da época.

Vejamos agora o que a história nos fornece de positivo sobre o assunto. Em 1833 uma expedição turca incumbida de examinar a erupção do Ararat afirmou ter observado a proa de um navio muito velho saindo do gelo. E claro está—logo concluiram tratar-se da famosa arca... Mais tarde, em 1892, o Dr. Nourri, arquidiácono de Jerusalém e Babilónia, explorando as nascentes do Eufrates, atingiu os flancos do Ararat e afirma ter descoberto a arca. Afirma até que penetrou no seu interior — mas só a proa e a popa eram acessíveis, pois o centro encontrava-se sob a neve. A madeira — acrescentou o Dr. Nourri — era de um vermelho escuro. Claro que estas afirmações, a serem verdadeiras, revestem-se de extraordinária importância; mas factos posteriores, que adiante mencionarei, vêm pôr em dúvida as sensacionais declarações feitas pelo Dr. Nourri.

Interessante foi o relatório que sobre o assunto foi feito por um aviador russo — Vladimiro Roskovitsky. Este aviador afirma que, sobrevoando o Ararat, descobriu vestígios da famosa embarcação. Foi enviado ao Czar, pouco tempo após a implantação do regime comunista, mas desapareceu. No entanto, Roskovitsky, refugiado na América, conseguiu reconstituir esse famoso relatório, que o *Journal de Genève* acaba de publicar, e porque sei que os leitores estarão interessados em o conhecer, vou transcrevê-lo com a devida vénia: «Destacado, com outros camaradas, aviadores militares russos, num solitário posto avançado a 40 quilómetros mais ou menos do monte Ararat, Roskovitsky recebeu num belo dia do mês de Agosto ordem para empreender um voo de ensaio, a fim de ser experimentado um novo instrumento de aeronavegação. Elevou-se a grande altura e voou sobre a cadeia do Ararat, a 5.000 metros de altitude». O articulista dá agora a palavra a Roskovitsky, que conta que num dos voos por essas paragens, o seu companheiro deu um grito apontando-lhe uma parte do pequeno lago que estavam sobrevoando e cuja água não havia gelado. Escreve ele: «Dirigi o olhar para o sítio e fiquei tão emocionado que quase desmaiei. — Um submarino! — gritei. Mas não, não se tratava de tal, porque dispunha de paus curtos e toscos e o tecto era arredondado. Havia sido construído de tal maneira que poderia supor-se que o construtor o concebera e realizara para que as ondas lhe pudessem passar por cima. Voámos mais baixo, e, durante todo o tempo que pudemos e sem risco, demos algumas voltas sobre o local. Ante a nossa crescente surpresa, pudemos comprovar que a construção de madeira que se apresentava aos nossos olhos era muito grande, do tamanho de um barco de guerra moderno».

Este é o depoimento do aviador russo Roskovitsky! Tal como o Dr. Nourri, atrás citado, ele é favorável à existência da arca, ou, melhor, de um barco existente naquelas paragens. Para aceitar a hipótese de que o barco que ali se encontrava, ou, melhor, que o Dr. Nourri e Roskovitsky afirmam ter visto, poderia ser a

histórica arca, seria necessário submeter um fragmento dela ao processo Flint. As emissões radioactivas das múmias de alguns faraós puderam ser estudadas pelo professor Flint, da Universidade de Yale (América) — e assim determinar a data da sua morte, com uma aproximação de 15 anos, o que é verdadeiramente admirável. Se igual técnica se usasse para um fragmento da embarcação que o Dr. Nourri e o aviador russo afirmam ter visto, um grande passo se daria para a resolução deste intrincado assunto.

E para que o caso se complique mais, dois jornalistas turcos descobriram, no monte Djudi, na fronteira da Mesopotâmia, «um navio com o comprimento de 150 metros». Quer dizer: a mesma arca encontra-se em três sítios diferentes: nos Himalaias, em Ararat... e agora em Djudi. Paul Carre, num artigo intitulado «Estará a Arca de Noé no monte Djudi?», publicado no número de Janeiro deste ano da revista francesa *La Marche du Monde*, fala deste caso, mas infelizmente pouco acrescenta para a sua resolução. Isto da mesma arca estar em três sítios diferentes dá que pensar... e faz-me lembrar o célebre *milagre* das rosas, que os portugueses afirmam ter sido feito pela Rainha Isabel, esposa de D. Diniz, e os húngaros pela Santa Isabel da Hungria. Montalembert conta que um dia esta senhora, quando se preparava para realizar as suas habituais obras de caridade, foi surpreendida pelo esposo que lhe perguntou o que levava no tabuleiro que transportava. Ela respondeu que eram rosas, embora o que efectivamente lá estivesse fosse pão. Mas o *milagre* deu-se... e o pão transformou-se em rosas! Mas como se o *milagre* das rosas praticado por duas pessoas ainda fosse pouco, existe na Catedral de Granada, cidade de Andaluzia (Espanha) a imagem de uma *Santa* à qual se atribui o *milagre* de ter transformado o pão em rosas. Há ainda poucos meses visitei essa sumptuosa Catedral, e o guia que então me acompanhava teve ocasião de me contar esta lenda.

André Parrot, num artigo escrito no jornal *Carrefour*, de Paris, perante o facto da Arca ter sido vista em Ararat e Djudi, comenta: «Isto faz lembrar Jerusalém, onde muitas vezes latinos e gregos ortodoxos mostram lugares santos consagrados ao mesmo acontecimento, mas diferentes e distantes. Em Jerusalém, diz-se: é um ou outro. Aqui, perante a Arca e ao pé do monte Ararat e do monte Djudi, não hesitamos: nem um nem outro...».

Como se vê, as pretensas provas a favor da existência da Arca não são tão consistentes como a princípio se poderia supor, E, actualmente, que se tem feito para resolver o problema? Nos últimos anos, algumas expedições se têm realizado com o objectivo de o resolver. Os exploradores desejam conhecer toda a verdade que se tem dito e escrito sobre a lendária embarcação, pouco ou nada se importando com uma lenda arménia que ameaça com o fogo do céu os que procurarem a antiga nave. Hoje já não se discute a lenda do dilúvio universal. A ciência demonstrou que, de facto, isso não passava de uma lenda, embora afirme lealmente que 3.000 anos antes de Cristo se devia ter dado uma inundação, mas *não* universal. Em 1929 duas expedições arqueológicas operando em Bur, Kish e na Mesopotâmia, notaram que numa camada de terreno onde havia antigas peças de cerâmica, se encontrava uma camada de limos, ali deixada por uma inundação. Mas o mais interessante é que, continuando-se as escavações, descobriu-se uma nova camada de objectos de cerâmica, que mostravam a existência de uma civilização anterior. A existência da camada de limos mostrava, portanto, que em certa altura se deu uma inundação do local — mas, repetimos, esse dilúvio está muito longe de ser total, como a *Bíblia* pretende.

Há poucos anos uma expedição inglesa pediu autorização à Turquia para se deslocar ao monte Ararat. Mas em alguns pontos este monte fica a vinte quilómetros — e ainda menos — da fronteira da Rússia... e os jornais soviéticos não vêem com bons olhos as tais expedições ao lendário monte. E a Turquia — pelo sim, pelo não — para evitar quaisquer dissabores com os seus vizinhos, decidiu recusar o pedido feito pelos ingleses. De facto, o monte Ararat presta-se às mil maravilhas para a espionagem, como os próprios jornais da U. R. S. S. afirmaram nessa altura.

No Verão de 1949, uma expedição americana comandada pelo Dr. Smith tenta encontrar a Arca. Não conheço as conclusões a que chegou — e tenho pena. Mas conheço perfeitamente as de uma expedição francesa realizada há pouco tempo por Jean de Riquer e Fernand Navarra. O primeiro estudou minuciosamente o relatório de Roskovitsky, a que já me referi, e no qual ele conta como o seu governo recebeu a sua comunicação: «O capitão enviou o seu relatório ao Governo que lhe prestou a maior atenção. O Czar da Rússia ordenou que dois des-

tacamentos de soldados escalassem a montanha: um grupo de cinquenta homens por um lado e outro de cem por outro lado. Levaram quase um mês a chegar ao local onde se encontrava a Arca. Traçaram-se planos, tomaram-se medidas e tiraram-se fotografias. Todo este material se destinou a informação do Czar da Rússia. Descobrimos que a arca continha centenas de compartimentos, alguns dos quais muito espaçosos. Os maiores estavam divididos por grossas vigas, que teriam servido para manter prisioneiros os animais mais vigorosos. Noutros compartimentos viam-se fileiras de jaulas como se podem ver agora nas exposições de aves. Tudo estava coberto de uma substância parecida com cera, uma espécie de goma-laca, e o trabalho denotava grande habilidade. A construção era de madeira particularmente resistente à decomposição. Este facto, a substância com que se cobriu a Arca e o gelado meio ambiente explicava que a antiga nave se conservasse tanto tempo».

Como já disse, este relatório, de que transcrevi apenas uma parte, mereceu a Jean de Riquer um estudo minucioso. Mas aceitou ele piamente tudo o que lá se afirma? Eis o que muito me custa a acreditar. A expedição realizou-se, no entanto; mas os exploradores não chegaram a conclusão favorável sobre a existência da famosa Arca de Noé. A última palavra é portanto contrária à da sua existência. Poderão Jean de Riquer e Fernand Navarra ter-se enganado — dirão os leitores. Sem dúvida. *Errare humanum est* — diz o adágio latino. Mas, por que motivo se não poderiam ter enganado os outros observadores que afirmam ter visto a Arca? Se a dúvida posta pelos leitores é lógica, a minha é tão racional como aquela.

Chegados quase ao fim, algumas conclusões temos forçosamente de tirar. São elas:

1.ª — A *Biblia* não fornece prova alguma acerca da existência da Arca de Noé, e aquilo que ela narra é inverosímil e inaceitável.

2.ª — O dilúvio universal não é aceite pela ciência, que apenas afirma que, numa certa altura — 3.000 anos A. C. (?), parte da Terra foi inundada.

3.ª — As embarcações que diversos observadores afirmam ter visto — Dr. Nourri, aviadores russos, etc. — podem não ter relação alguma com a famosa Arca. Só o estudo minucioso de um fragmento dela — pelo processo Flint (por exemplo), nos pode fornecer dados positivos.

4.ª — Os Himalaias e o Monte Djudi, este último principalmente, deveriam merecer da parte de futuros exploradores uma especial atenção, para se ver até que ponto as narrativas feitas nesse sentido têm visos de verdade.

5.ª — O relatório do aviador russo, embora interessantíssimo (é dos documentos mais interessantes que sobre o assunto conheço), deve ser tomado com extrema reserva, assim como as afirmações de outros observadores, enquanto futuras expedições não provem a existência da famosa Arca.

6.ª — Mesmo que tal venha a suceder — o que sinceramente duvido —, isso não explicará todos os contrassensos que a *Biblia* nos oferece a este respeito.

Até esse dia, em que se verifique realmente que existiu a Arca de Noé — dia que provàvelmente nunca surgirá... — é preferível mantermo-nos na dúvida, porque, como dizia Bacon, «a dúvida é a escola da verdade».

Marco Postal

D. Antónia Lemos Rosário — Caixa Postal, 162, cidade da Beira — Moçambique.

Recebi a sua carta. Não conheço qualquer irmão espirita nessa cidade. Deixo a resposta aos confrades de Moçambique que disso tenham conhecimento e queiram ter a amabilidade de a informar. Se o puderem fazer, tenho a convicção de que em breve será esclarecida. Que os bons espíritos a protejam.

★

L. B. Castro — Luanda — O seu artigo «Ânimo Levantado e Fronte Erguida» não pode ser publicado, em virtude de se afastar da nossa orientação. *Estudos Psíquicos* é porta-voz de uma doutrina, mas não recorre a certos meios, nem usa certa linguagem para triunfo de seus postulados. O amigo raciocina bem. Porque não se abalança ao estudo de problemas que aguardam solução dentro do Espiritismo? Embora haja grandes verdades no seu escrito, nem todas as verdades podem dizer-se...

★

Artur Pinto de Magalhães — Mossuril — A cobrança dos anos de 1951, 52 e 53 veio devolvida, sem qualquer nota elucidativa. Agradecíamos que nos enviasse a importância respectiva.

Livros de todo o Mundo

Anotados por RAMOS PEREIRA

169. RONDA ESPIRITUAL, por *Isidoro Duarte Santos,* Estudos Psíquicos Editora. Lisboa, 1952.

Mais uma obra do operoso director desta Revista, recebida do espírito de *Lia*. Sob o ponto de vista formal, notámos nela um refinamento estilístico, um burilamento das imagens, maior opulência terminológica que a colocam entre «Luz no Caminho» e «Dois Mundos». Todavia, são ainda suficientemente nítidas a incisão da frase e, frequentemente, uma concisão de termos, como quando se quer deixar uma pedra, embora rude e de arestas vivas, a marcar um caminho.

Porquê esta gradual modificação formal? Nós vemos a explicação no processo da comunicação: — a habituação do sensitivo «intuitivo» torna possível ao agente deixar de actuar nos centros físico-motores, para centrar a sua atenção e a sua força sugestiva no próprio fulcro anímico; *impõe* as ideias, a directriz do pensamento e deixa que seja o subconsciente do passivo a fornecer a matéria expressiva. Mas quando este — obedecendo às determinantes fundamentais do inconsciente — se alarga em espanejamentos florais, a acção sugestiva corta a linha de derivação e impõe a singeleza do granito arrancado à pedreira.

Durante a recepção das comunicações, *devem* surgir bruscos colapsos, após os quais advêm aquelas frases que parecem escalpelos afiados cortando a direito em carne viva. Não será assim?...

Do ponto de vista conceptual, o livro é um conjunto de quadros humanos, fantoches da vida que são... homens. Sentimos, porém, que não foram escolhidos, em obediência a um *critério*. Tem-se a impressão de que se abriu uma caixa e que, *por esse facto,* certos bonecos que lá estavam arrumados ganharam vida momentânea, para poderem dançar uma *ronda* diante dos nossos olhos. Não são eles que fazem a *ronda espiritual* — quem a faz é o leitor, saltando de figura para figura, empurrado pela força dos ridículos. Crítica de figuras? Sim, mas também, em muitos pontos, *caricaturas* de figuras... caricaturas em palavras. E o que é a caricatura senão o desnudamento dos aleijões, a cesariana para trazer à luz as ridicularias que não querem aparecer pela forma natural?

Dir-se-á: — é uma obra *espirita* este livro que não fala de fantasmas, de fenómenos desvairantes? Eu respondo que sim — bailam na ronda os fantasmas da vida, traz-se à ribalta o fenómeno apaixonante dos bonecos recortados da revista volumosa da humanidade. Já que os *vivos* têm gula pelo saber certo do que está para lá da cortina da morte e se esquecem de fazer a «ronda espiritual» da vida, é bom que, de vez en quando, venham os supostos *mortos* mostrar... que na terra também há fantasmas...

O pensamento que escreveu a obra não quis tirar uma conclusão da análise feita! Mexeu os cordelinhos, pôs as «marionettes» a dançar e... depois retirou-se da cena, com um sorriso. O velho método socrático... A obra em epígrafe é um escólio de que o leitor tirará as conclusões na medida do seu possível... ou a carapuça que melhor sirva à sua própria cabeça...

170. CAMINHOS FECHADOS, por *Guedes de Amorim,* Edições SIT, Lisboa.

Guedes de Amorim, quer como romancista quer como artista, já ganhou de há muito o direito a um lugar de relevo na história da literatura portuguesa contemporânea. A sua prosa viva, sem escusados maneirismos, é viril e pronta e tem o travo daqueles penhascos graníticos das terras marânicas ...

«Caminhos fechados»? Um feixe de contos, muitos dos quais parecem apontamentos para uma obra mais larga; retalhos que ficaram de experiências vividas. Eu não acredito que o escritor viva da imaginação. O que ela é? Uma sensibilidade aguda, por vezes doentia, onde as

imagens da vida se gravam, indeléveis, sempre prontas a supurar. A mais fecunda imaginação é ridículo pigmeu perante o golias da Vida móvel e torcicolada.

Em Guedes de Amorim sinto dois olhos sempre abertos, sedentos de imagens e, quantas vezes, pasmados ... das sombras que tais imagens deixam esparramadas na estrada poeirenta das coisas vividas, nos «caminhos fechados».

Entre os contos que, desta vez, o autor *encontrou* pelas ruelas de uma aldeia nortenha, há um que podemos deixar de comentar em particular — «Os Cegos de Rubiães». É um conto excepcional de colorido, de intenção, de perfeição formal, de retratamento — bocado sangrento arrancado às entranhas prolíficas da vida e, ao mesmo tempo, um símbolo cheio de perspectivas para quem quiser ganhar nele um momento de meditação. Aquela caminhada dos cegos, na noite trevosa, acicatados pela ânsia mais alta de uma comunhão só espírito e empurrados, mais do que conduzidos, pelo homem de impulsos criminosos, é um momento de simbolismo. Cegos de Rubiães — homens a quem a vida feriu de tal modo que os seus olhos perderam todo o interesse por ela, para só se abrirem à visão transcendental de um outro mundo; o «Tarasco» — o filho de carne, desejoso de um desforço mas levado pelas mãos tacteantes dos cegos a uma nova «estrada de Damasco». Basta um conto desta envergadura para vincar um nome.

Não sei o que os «críticos» disseram ou dirão desta obra de Guedes de Amorim. Talvez a reputem com menos equilíbrio total que «Almas sem Medo» ou «A Cidade e o Sonho», mas tenho a convicção de que não poderão deixar de sentir uma alta expressão de Arte em «Os cegos de Rubiães».

171. GUÉRIR PAR LA RADIESTHÉSIE, por *Michel Moine*. Ed. l'Ermite, Paris, 1952.

A utilização do processo radiestésico no diagnóstico da patologia orgânica e até na terapêutica, apesar dos seus detractores, oferece perspectivas que não podem nem devem ser menosprezadas. Os fenómenos e os resultados são suficientemente claros e concludentes para que se possa adoptar uma atitude de indiferença. Este trabalho de Michel Moine — um bom manual de radiestesia aplicada — prova aquela afirmação, ao mesmo tempo que nos põe diante das dificuladdes inerentes ao uso do processo, dificuldades e até perigos, estes ligados às possibilidades de erro.

Como livro de introdução, a obra de Moine é perfeita e a forma como está escrita dá-lhe a acessibilidade desejável.

172. VINHA DE LUZ, por *Francisco Cândido Xavier*. Ed. Federação Espirita Brasileira, Rio, 1952.

Ditada pelo luminoso espírito de Emmanuel, esta obra é puramente doutrinária, um conjunto de efusões evangélicas, dispostas como bagos de um cacho amadurecido e já destilando o vinho arrebatador do mais alto sentimento cristão. É um livro podendo (e porque não *devendo?*) servir de guia para estudos evangélicos em grupo, pelas perspectivas que levanta e pela densidade das sugestões que apresenta; é um livro para o homem que, sôfrego de luz, quer andar pelas veredas da «vinha do Senhor».

Emmanuel por lá andou — e anda — afagando os cachos, saboreando os bagos, para agora nos dar, nuns centos de páginas de óptimo estilo, através do braço de «Chico Xavier», as sugestivas conclusões do seu meditar.

173. FALANDO À TERRA, por *Francisco Cândido Xavier*, Ed. F. E. B., Rio, 1951.

Os espíritos de alguns homens que deixaram fama de ciência, de oratória, de arte e de santidade *falam* à Terra, em páginas onde temos de reconhecer primores de estilo e de sentimentos pouco comuns. Uma obra que faz recordar as belezas obtidas por Fernando de Lacerda no livro «Do País da Luz» e as outras que já vieram pelo mesmo braço que ora nos deu este ramalhete.

Vieram Rui Barbosa, Teresa d'Ávila, Frei Bartolomeu dos Mártires e Bulhão Pato, entre outros, podendo nos seus escritos de agora deparar os estilistas com as mesmas características das que eles nos legaram, antes de largarem o envoltório pesado e limitador da matéria.

D'AQUÉM E D'ALÉM...

★ *Desencarnou o Revedendo J. T. Huston, director do* Harbinger of Ligh, *de Adelaide, Austrália, um jornal espirita com 85 anos de existência. Suceder-lhe-á o sr. A. W. Austen, actual director do* Psychic News, *de Londres, que tenciona fixar-se naquele domínio inglês da Oceânia.*

★ La Nouvelle République *diz que se utilizou o rádar no castelo assombrado de Hove, estância balnear do sul de Inglaterra, para desvendar o mistério das forças que se manifestam em certas noites naquela velha habitação.*

★ *Na Alemanha e na Áustria o Espiritismo volta a afirmar-se com tendência para a superação. Novas publicações surgiram após a Guerra Mundial e os centros multiplicam-se por toda a parte onde há adeptos de boa vontade.*

★ *No* Teatro da Porta de S. Martin, *de Paris, representa-se actualmente uma peça espirita intitulada «Feu Monsieur de Marcy», da autoria de Max Régnier e R. Viney, que demonstram bons conhecimentos da nossa doutrina. O Espiritismo serviu-lhes de base séria para revelar ao público um teatro moderno verdadeiramente interssante.*

★ *Em 9 de Outubro de 1952 desencarnou na cidade de Eva Perón, Argentina, o nosso confrade Laureano Fanjul, uma das figuras mais representativas do Espiritismo sul-americano.*

★ *Segundo informa* O Clarim, *de Matão, Estado de S. Paulo, Brasil, as edições espiritas brasileiras atingiram até hoje 2.500.000 exemplares (dois milhões e quinhentos mil exemplares).*

★ *Os artigos do sr. Evans contra a reencarnação publicados há tempo pelo semanário londrino* Psychic News *continuam a suscitar naquele jornal uma interminável série de depoimentos contrários aos citados artigos, donde se conclui que há na Inglaterra uma grande corrente reencarnacionista.*

★ *O Centro Espirita «Allan Kardec», de Campinas, Estado de S. Paulo, que mantém o Instituto Popular «Humberto de Campos», o Gabinete Dentário «de Sousa Ribeiro», o Consultório Médico «Dr. Bezerra de Meneses» e atendeu 1406 enfermos no ano de 1952, recebeu um auxílio de 100 mil cruzeiros votado pela Câmara dos Vereadores da importante cidade paulista e foi reconhecido de utilidade pública pelo governo da República, através de um projecto de lei apresentado pelo deputado espirita Dr. Campos Vergal.*

★ *A* Tribuna de Santos, *da cidade paulista de Santos,* entrevistou *varias entidades eminentes acerca da pena de morte, entre elas o Vigário Geral da Diocese, «monsenhor» Primo Vieira. Todos foram contrários à pena máxima, à excepção do sacerdote que declarou: «Há casos em que a pena de morte é licita, e, até, necessária».*

★ *Em 7 de Abril foi aberto o Curso de Ensino Espirita da Confederação Espirita Argentina, com sede em Buenos Aires, ao qual podem assistir pessoas de ambos os sexos, seja qual for a idade. O fim deste Curso é informar os inscritos ou os simples ouvintes acerca dos postulados espiritas.*

★ *A Sociedade Constância, de Buenos Aires, comemorou em 9 de Fevereiro último o 76.º aniversário da sua fundação. Três quartos de século ao serviço de uma causa que se espande por todo o mundo, apesar dos ataques que lhe movem religiosos e materialistas!*

★ *O médium-pintor Augustin Lesage, cujas telas têm corrido mundo em exposições que ficaram memoráveis, foi condecorado pelo governo francês com o grau de Oficial da Instrução Pública. Lesage era mineiro, quando uma voz o encaminhou para uma casa de tintas, onde adquiriu todo o material necessário ao ofício de pintor. Depois começou a fazer debuxos mediúnicos que espantavam pela simetria.*

★ *Recebemos o 2.º número da revista inglesa «The Spiritual Healer» (O Curador Espiritual), dirigida pelo célebre curador Harry Edward a que muitas vezes nos temos referido nestas colunas. A mesma revista insere um interessante artigo de Lord Dowding sobre «A Cura do Espirito».*

O grupo de estudos «Progreso Espirita», de Buenos Aires, inaugurou as suas Oficinas Gráficas «Horizonte». Trata-se de uma gráfica completamente espirita destinada a livros, folhetos e revistas da especialidade. É administrador da empresa o nosso confrade Mário Incerti, da Confederação Espirita Argentina.

★ *Em 28 de Fevereiro último desencarnou em Paris, com 97 anos de idade, Madame Charles Richet, viúva do eminente fisiologista autor do célebre «Tratado de Metapsíquica».*

★ *Segundo um artigo de Hannen Swaffer no diário londrino «The People» (O Povo), o falecido rei Jorge V recebeu mensagens espiritas através do último rei da Grécia.*

★ *«El Siglo Espirita», da cidade do México, em seu n.º 7, de Março último, presta homenagem a Rufino Juanco, pelo motivo da sua desencarnação, operada em 7 de Fevereiro.*

★ *A Longsight National Spiritualist Church, de Manchester, comprou um excelente edifício no Victoria Park, da mesma cidade. O primeiro andar é destinado a liceu e a reuniões de carácter social; o segundo, é reservado exclusivamente a trabalhos doutrinários, os quais abriram no dia 18 de Abril, com um chá oferecido pelo sr. James Chamberlain.*

★ *Dois membros do Instituto de Investigações Psíquicas de Birmingham — A. E. Vincent, engenheiro, e Dennis Blockley, escritor — planeiam a volta ao mundo em busca de fantasmas, histórias de fantasmas, trapaças e ilusões. Esperam estudar o «bombardeamento misterioso», o «caso das freiras possessas» e dicifrar o enigma da* chuva de pedras *que se verifica em certos lugares assombrados. Atravessarão a Europa pela Jugoslávia e pela Grécia e seguirão através da Índia e da China para os Estados Unidos.*

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UMA ESTATÍSTICA INTERESSANTE

O *Psychic Realm*, de Manchester, é uma nova publicação espirita que mão amiga enviou a esta redacção e que em sua edição de 8 de Abril, insere um artigo interessante que nos serve de base para esta nota.

O cientista Geoffrey Gorer realizou um inquérito sobre a vida religiosa inglesa, cujos resultados projectam grande luz num sector que ainda não tinha sido bem esquadrinhado neste sentido. Sabe-se agora que oito milhões e trezentas mil pessoas acreditam em fantasmas e que três milhões e quinhentas mil viram ou ouviram algum. Nota-se, pois, que, de seis ingleses, um acredita na existência de fantasmas e que 25 % estão indecisos. Em cada 14 pessoas, há uma que viu ou ouviu falar em fantasmas, coisa que se nota mais nas pequenas cidades e nas aldeias do que nas vastas metropoles, como Londres, Liverpool e Manchester. É curioso verificar que os adeptos da Igreja de Inglaterra tenham *visto* mais do que os de outras religiões. Mas ainda mais surpreenderá saber que um, em oito, acredita em qualquer forma de reencarnação, mesmo sem ser espirita. Mais de metade da população tem ideias acerca da vida futura, inteiramente diferentes das emitidas pela cristandade. Também é de estranhar que cerca de metade dos adeptos da Igreja de Inglaterra acreditem no Além.

O aspecto geral da vida religiosa na Grã-Bretanha é muito sombrio. Fora de todas as organizações religiosas que existem, apenas seis por cento vão à igreja e nove por cento a frequentam ao domingo. Podemos dizer que só 25 % da população está ligada a credos religiosos e nesta percentagem os mais ferventes são católicos romanos, pois mais de metade vão à missa uma ou mais vezes por semana. Quanto aos congregacionistas e baptistas é certo que assistem regularmente, mas a Igreja de Inglaterra ultrapassa em muito a posição deste. Só um em dez assiste com regularidade e 40 % nunca entram na igreja para actos de culto.

Como surpreendente contraste, vê-se que nove em cada dez ingleses (homens e mulheres) pedem horóscopos pelo menos a um semanário, ao passo que quatro em cada cinco os pedem a dois ou mais jornais ou revistas. Muitas pessoas que frequentam as igrejas visitam os ledores da *buena dicha*. Em cada sete há um que manda ler a sina com regularidade e confirmam as previsões recebidas. Contudo, estas pessoas são das que vão à igreja, porque a maioria dos materialistas não têm tempo para estas coisas.

Outra coisa descoberta pelo sr. Gorer é que muitos que se dizem cristãos não acreditam num único dogma do seu credo...

O que aí fica é característico. Não podemos dizer que tal ou tal país seja católico ou protestante, porque, em boa verdade, os factos dizem outra coisa na sua eloquência. Estamos convencidos de que os homens de 1953 necessitam de espiritualismo sadio que ponha o cérebro a funcionar, pois o raciocínio bem exercido é poderoso elemento que alargará a verdadeira fé, ao contrário do que imaginam alguns positivistas.

SESSÕES DE IRRADIAÇÃO MENTAL

A Federação Espirita do Estado de S. Paulo espalhou uma circular altamente significativa que vamos transcrever e resumir, em parte, em virtude da sua doutrina se coadunar com a nossa orientação no Centro Espiritualista Luz e Amor:

«No campo das práticas espiritas, uma das mais perfeitas e úteis é a das vibrações em conjunto, em sessões especiais, visando os necessitado em geral. Essas vibrações silenciosas têm um grande poder e, quando feitas por grupos seleccionados de pessoas de elevado sentimento, surtem resultados além de qualquer expectativa e perfeitamente se classificam como altamente espiritualizadas, consolando penas e aflições, curando doenças, afastando perturbações, melhorando as condições morais da vida dos indivíduos em provação. Além disso, servem de apoio a iniciativas espirituais de qualquer natureza ou envergadura, permitindo que o Espiritismo se utilize de uma grande e poderosa arma para sua difusão.

«Esta Federação há muito que realiza trabalho deste género com evidentes resultados. Actualmente, as suas sessões de vibrações são feitas por um grupo de 250 pesoas seleccionadas para esse fim, que se reunem às 5.ªs feiras, das 20 às 20,30, na sua sede, à Rua Maria Paula, 158, em S. Paulo. As vibrações são feitas de cada vez para centenas de necessitados, cujos nomes se escrituram prèviamente, dividindo-os em grupos de 10, 20 ou 50, conforme a necessidade. São também beneficiados hospitais, asilos, albergues, e outras instituições que o solicitem, bem como sofredores desencarnados.

«Actualmente, a Federação deseja incluir neste trabalho os centros espiritas filiados, ou quaisquer outros que o solicitem, estendendo assim, por todo o Estado, uma rede poderosa de vibrações. Esse trabalho, feito no mesmo dia e à mesma hora, em comunidade de pensamentos e intenções, adquire muito valor e amplitude».

As nossas sessões de 5.ª feira, no Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», são vazadas nestes moldes e temos verificado o efeito salutar da irradiação mental em dezenas e dezenas de casos. Doentes que se encontram em Luanda, Lourenço Marques e até no Brasil, recebem vibrações de força e vigor que os libertam de achaques físicos e espirituais. Os próprios assistentes sentem o influxo da irradiação e acabam por se aclimatar de tal modo ao ambiente, que já não podem passar sem ele. Eis, porque nos aprouve transcrever aqueles parágrafos da circular, daqui manifestando ao Coronel Edgard Armond, Secretário Geral da referida instituição, a nossa plena concordância com os trabalhos ali realizados.

PROMESSA CUMPRIDA

«*Progreso Espirita*, de Buenos Aires, publicou em Maio último uma carta da senhora Aurora Vila de Cerolini, moradora em Constituição, 2247, San Fernando, referente a um fenómeno de aparição e um aviso

recebido por sua irmã. Diz a missivista:

«Corria o mês de Julho de 1939, quando minha mãe caiu gravemente enferma. Numa conversa que tive com ela, disse-me do seu pesar, certa de que já não estaria na terra, quando o meu filho nascesse. E acrescentou: Se, na realidade, o espírito existe e continua a viver após a morte, ela ajudará de qualquer modo e estará comigo quando a criança nascer.

«Dois dias depois da conversa, em 20 de Junho, minha mãe desencarnou. Passaram dois meses e encontrando-me internada no hospital Piñeyro aguardando a hora do parto, minha mãe veio cumprir a sua promessa. Eu encontrava-me recostada, quando pressenti alguém a meu lado. Voltei-me, e qual não foi a minha surpresa ao ver minha mãe em corpo presente a fixar-me! Lembrei-me imediatamente de suas palavras e disse-me, com um sorriso: «Chegou o momento. Cá estou!».

«A aparição foi a 28 de Agosto e no dia seguinte às 12.30 nascia o meu filho. Pois na tarde desse mesmo dia em que o filho viera ao mundo, minha irmã, que residia em San Fernando, estando ocupada nos seus trabalhos caseiros, sentiu três vezes consecutivas que alguém abria a porta e tornava a fechá-la. Sem ver ninguém que pudesse causar os movimentos, ouviu uma voz que lhe disse:

«— Tua irmã teve um filho.

«Surpreendida, resolveu telefonar para o hospital e recebeu a grata notícia do nascimento do meu filho, confirmando-se o aviso que recebera momentos antes».

CONCENTRAÇÃO ESPIRITA DA BAHIA

De 30 de Outubro a 2 de Novembro de 1952 reuniram-se em Salvador, capital da Bahia, representantes e delegados de Centros Espíritas locais e do interior do Estado para o estudo de importantes assuntos de que resultaram as seguintes conclusões:

a) — Fundar e manter escolas primárias, profissionais e secundárias, sob orientação espírita, atendendo-se que o jovem é um ser em formação e que merece da parte do professor todo o esmero na aplicação dos métodos pedagógicos, orientando-o sempre para a conquista do ideal superior que é a espiritualização da humanidade, bem como escolas para alfabetização de adultos;

b) — Fundar Juventudes Espíritas e prestigiá-las, moral e financeiramente, bem como aulas de Moral Cristã, nos moldes aconselhados pelo Departamento de Juventude da Federação Espírita Brasileira, atendendo-se, porém, aos problemas regionais;

c) — A unificação dos jornais espíritas que circulam no território bahiano, quanto à divulgação da matéria doutrinária de importância do Espiritismo;

d) — Praticar o verdadeiro Espiritismo, tomando por base as obras de Allan Kardec e as mediúnicas que estejam enquadradas no espírito da Codificação Kardeciana;

e) — Manter um serviço estatístico em forma de recenseamento de acordo com as normas, que serão indicadas pela USEB;

f) — Fundar cursos de Esperanto ou encaminhar os seus associados para os centros que os ministrarem.

2) — A II Concentração Espírita da Bahia, tendo em consideração que a União Social Espírita da Bahia é o órgão de unificação existente no Estado, resolve recomendar que a aludida faça cumprir o seguinte:

a) — Fundar e orientar a CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS DE SALVADOR;

b) — Patrocinar a fundação de uma Editora Espírita da Bahia, capaz de atender às necessidades publicitárias do Estado;

c) — Imprimir e distribuir entre os diversos Centros e Grupos existentes no Estado normas reguladoras da orientação doutrinária do Espiritismo, no Estado, de molde a padronizá-los no exercício e prática da Doutrina Espírita;

d) — Fundar, sob o patrocínio do Departamento da Juventude, o Teatro Espírita da Bahia.

À Comissão organizadora deste movimento pertencem os seguintes confrades aos quais se deve o êxito da Concentração:

Bel. Durval Tavares Carneiro, presidente; Prof. José Bacelar de Lima, vice-presidente; jornalista António Vergílio Sobrinho, relator geral; António Maria dos Santos, secretário geral; Severino Couto, tesoureiro; Alfredo Miquel, secretário de imprensa e propaganda; Lourival Guimarães Bonfim e Aurelino Mota de Carvalho, vogais.

O MÉDIUM QUE CUROU JORGE VI

Desencarnou o médium australiano Lionel Logue, que foi guiado a Inglaterra para curar a gaguez de Jorge VI.

O *Psychic News* informa que a ida do médium para a Grã-Bretanha foi uma coisa que ele próprio não soube explicar, pois não tinha qualquer razão para abandonar o seu país e procurar noutra região uma carreira que lhe garantisse a existência.

Depois de fazer os seus planos viu que não tinha possibilidade de arranjar bilhete de passagem, mesmo durante algumas semanas. Mas, dias depois, apareceu uma desistência e Logue conseguiu o seu objectivo. Assim, mais ainda se lhe radicou a ideia de que forças espirituais o levavam para tratar o falecido rei, pai da Rainha Isabel II.

Eis o que ele disse ao famoso jornalista Hannen Swaffer:

«Sem saber porquê, vendi a nossa casa e fizemos a viagem, sem qualquer perspectiva. Parecia loucura, mas agora acredito que me guiaram a Londres para que pudesse curar o defeito da fala do homem destinado a ser rei».

Quando, em 1945, Logue perdeu a esposa, foi Hannen Swaffer que o confortou, conseguindo-lhe uma sessão nos seus aposentos, com o médium Lilian Bailey, muito conhecido em Inglaterra.

Este não conhecia a identidade do assistente; mas antes da sessão começar, olhou para ele e disse:

— Não sei porquê é, mas Jorge V está aqui a pedir-me que lhe agradeça o que fez pelo filho dele.

Isto causou profunda impressão no australiano. Nada mais ocorreu nessa sessão, mas pouco depois a esposa de Logue manifestou-se através do mesmo médium e deu-lhe grandes provas de identidade, falando-lhe em certas mudanças que ele tinha feito em casa, sobretudo no jardim, inteiramente desconhecidas dos presentes.

Lionel Logue, que teve durante muito tempo relações familiares com Jorge VI, permanecia sempre próximo dele, quando este falava em público ou através da rádio. Além disso, nas suas numerosas conversas com a família real, nunca ocultou a sua condição de espírita e as provas que tinha da sobrevivência da esposa. E quando adoeceu em Fevereiro último, a família real exprimiu-lhe amàvelmente os seus desejos de melhoras.

Note-se que Lionel Logue era dotado de faculdades especiais que aplicava com êxito em tratamentos de ortofonia e por isso foi induzido psiquicamente a abandonar a terra natal, a fim de curar o primeiro cidadão da Grã-Bretanha. É o próprio *Psychic News* que dá o esclarecimento e nós aceitamo-lo sem esforço algum, porque é absolutamente lógico.

Notas & Comentários

DEFUNTO QUE RESSUSCITA...

O Poder, de Belo Horizonte, Brasil inseriu a seguinte notícia na sua edição de 25 de Janeiro último:

«Recife, 18 — Facto curioso ocorreu na residência do operário José de Lira Vasconcelos, no Alto José do Pinho. O referido operário, de regresso do trabalho e após o jantar, sentiu-se mal e resolveu tomar uma dose de bicarbonato. De nada, porém, lhe valeu o remédio. Instantes depois agonizava. Sua esposa, Elvira Gonçalves de Vasconcelos, correu a casa do farmacêutico residente nas imediações e voltou com ele. O boticário, depois de examinar o doente e de lhe auscultar o coração. tirou os óculos com ares doutorais e sentenciou:

«— Podem preparar o caixão. O homem está morto.

«Horas mais tarde, José jazia na cama, coberto por um lençol branco e cercado pelos castiçais onde ardiam as velas. O velório ia tendo o desenvolvimento normal e à meia noite deu-se o imprevisto. Estavam todos distraídos, quando o «defunto» descobriu o rosto e se sentou. E com olhos esbugalhados percorreu o ambiente, perguntando:

«— Que história é esta?

«— Houve então correria infernal. Todos desapareceram pela única porta de saída.

«Sem nada compreender e mais intrigado ainda, o operário foi a casa da vizinha perguntar o que tinha acontecido. Esta, ao vê-lo, caiu desmaiada. Só depois, com a chegada da polícia, a ordem se restabeleceu. Verificou-se então que diversas pessoas se tinham ferido ou queimado».

«PSYCHIC REALM» E «TWO WORLDS»

Com o título Psychic Realm (Domínio Psíquico), começou a publicar-se em Manchester um semanário espírita sob a direcção de Ernest Thompson, que há pouco abandonou a direcção do semanário Two Worlds, da mesma cidade, com o qual mantivemos permuta durante muitos anos. Embora de pequeno formato, insere muitas e variadas notícias de interesse espírita e apresenta-se com aspecto gráfico semelhante ao Two Worlds, que acaba de mudar a redacção para Londres, passando a ser dirigido por Maurice Barbanell, um dos mais fogosos jornalistas espíritas ingleses, fundador do Psychic News e do Psychic World e autor de interessantes livros de Espiritismo. Temos a certeza de que Two Worlds ganhará apresentação e renovação nas mãos de tão experimentado batalhador. Barbanell foi um dos que mais lutou contra as leis obsoletas há pouco revogadas pelo Parlamento inglês. Temos acompanhado a sua actuação enérgica em mais do que um acontecimento. Quando a médium Duncan foi presa sob a acusação de fraude, já Barbanell a tinha avisado de que tivesse prudência e se limitasse a uma ou duas sessões por semana, em vez de trabalhar a torto e a direito, na mira de remuneração sugestiva.

Aos dois semanários, as nossas felicitações.

LORDE DOWDING

Lord Dowding, o Marechal do Ar a quem se deve a vitória da Batalha da Grã-Bretanha, é uma figura verdadeiramente popular em Londres e na Câmara dos Lordes, de que faz parte e na qual exerceu acção eficaz no ataque às velhas leis da feitiçaria que por vezes atingiam médiuns honestos. Pois, no dia 15 do corrente, esse estrénuo obreiro realizou mais uma conferência no Victoria Hall. em Hanley, sobordinada ao título «Há Vida Depois da Morte», com demonstrações pelo médium Gordon Higginson e que constituiu um verdadeiro êxito.

As conferências do Marechal são ouvidas sempre com agrado por um público selecto e ávido de conhecer as experiências do grande propagandista do Espiritismo.

Em Portugal, o caso é diferente. Há espíritas convictos que renegam a Doutrina para não cair em desgraça. E até padres houve que escreveram contra a igreja como ilustres anónimos, ao mesmo tempo que diziam missa para fingir que agradavam a Roma. Um deles passava por espírita, escreveu alguns livros e deixou acções que o não dignificaram no mercado dos valores. Por isso exaltamos a atitude de Lord Dowding, que ficará como exemplo de quanto pode uma ideia servida por um carácter de eleição.

ESCAVOU E ENCONTROU...

O Correio Paulistano de 30-1-952, publicou a seguinte notícia:

Salvador, 28 (Asaparen) — Informam de Buirarema que o lavrador Manuel Porfírio da Silva recebeu em sonho uma mensagem de seu tetra-avô, pedindo que cavasse em determinado lugar, pois a 10 metros de profundidade encontraria um peneiro cheio de moedas de ouro e joias de valor. A mensagem, segundo diz o felizardo, pedia que fosse sòzinho.

Manuel Porfírio da Silva dirigiu-se ao lugar indicado e cavou até à profundidade indicada, gastando três dias na empresa, quando encontrou o peneiro cheio de moedas de ouro e pedras preciosas.

A riqueza encontrada monta a mais de 5 milhões de cruzeiros e está sendo vendida a particulares pelo seu proprietário.

NÃO SE INCOMODE...

Do Consolador, de S. Paulo, extraímos a seguinte nota, que não deixa de ter a sua graça:

«Há duas coisas só que podem incomodar: ser você bem sucedido, ou ser mal sucedido.

«Se for bem sucedido, não há motivo algum para se incomodar. Se for mal sucedido, de duas, uma: ou você conserva a saúde, ou fica doente.

«Se conservar a saúde, não há motivo algum para se incomodar. Se ficar doente, de duas, uma: ou sara, ou morre.

«Se sarar, não há motivo algum para se incomodar. Se morrer, de duas, uma: ou vai para o céu, ou para o inferno.

«Se for para o céu, não há motivo algum para se incomodar. Se for para o inferno, há-de cumprimentar tantos conhecidos, que não terá tempo de se incomodar...»

E se adquirir a certeza de que nem há céu nem inferno e que a origem da calma está no dever cumprido? Ainda menos razões haverá para se incomodar.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Conforme se anunciou, Isidoro Duarte Santos, Presidente do Centro Espiritualista Luz e Amor e Director desta revista, realizou no passado domingo, 29 de Março, a sua conferência subordinada ao tema «O Problema dos Enterrados Vivos».

Com aquela facilidade de expressão que lhe é peculiar, com aquele brilhantismo que todos conhecemos e admiramos, Isidoro Duarte Santos conseguiu prender a atenção da assistência durante duas horas. Começando por mostrar a importância do problema, quer se encare do ponto de vista científico, quer sob o prisma espiritualista, enumerou os múltiplos processos empregados na distinção entre a morte aparente e a morte real — mostrando a fragilidade de alguns e o interesse teórico e prático de outros. Isidoro Duarte Santos concluiu o seu valioso trabalho narrando alguns casos de morte aparente, que a assistência escutou com grande interesse.

O Presidente da Mesa — António Martins — secretariado por D. Ivone de Sousa e António Cardoso, congratulou-se com a importância do tema apresentado e sobretudo pela maneira admirável como o orador o apresentou, concluindo por afirmar que trabalhos como este enriquecem e dignificam o Espiritismo — A. C.

34.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Mais um sorteio, mais cinco prémios valiosos, mais um óbulo entrado no Fundo de Beneficência! 34 sorteios realizados, 200 livros de prémios aos subscritores, 5.000 escudos de auxílio à pobreza envergonhada! Desta vez, os prémios foram os seguintes:

«Almas Errantes» — João Maria dos Reis — Lourenço Marques.

«Nos Umbrais do Além» — Coronel Joaquim da Costa Ferreira, de Lisboa.

Falando à Terra» — Bartolomeu Bana Martins, de Manique do Intendente.

«Pierino Gamba, o Menino-maestro à luz de Nova Psicologia» — D. Inês da Costa Lapa, da Anadia.

Cientismo e Espiritismo» — Cristiano de Almeida Henriques, de Bissau.

Continuamos a insistir no alargamento da subscrição, pois só assim daríamos prova do nosso desejo de bem-fazer. A ciência (leitura) e o amor (caridade) são dois caminhos que conduzem a Deus. O espirita deve ser sábio e fraternal, deve conjugar estes dois princípios. A comiseração não vale. O que vale é o imperativo da consciência, vendo os fenómenos humanos do prisma palingenésico (vidas sucessivas), cientes de que todas as situações morais se processam segundo a evolução geral e o mérito ou demérito de cada um. Trazei-nos, pois, o óbulo reparador. Quem o der, recebê-lo-á dobrado.

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez avisamos os nossos correspondentes de que devem fazer acompanhar as suas cartas de 2$50 em selos postais, sempre que desejem algum esclarecimento de *Estudos Psíquicos* ou do *Centro E. Luz e Amor*. A aglomeração de correspondência deste género impossibilita-nos de responder a tantos consulentes, visto não dispormos de fundos que possam enfrentar as enormes despesas que tal serviço ocasiona.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM MAIO DE 1953

Grupo de Caridade «Lia»

6.as feiras, às 21.30, dirigido por António Pereira da Silva. Dia 1, 8, 15, 22 e 29.

Grupo de Estudos «Allan Kardec»

Sábados, às 21,30, dirigido por Carlos Pereira. Dia 9 e 23.

Sessões Doutrinárias

Domingos, às 16 horas. Dia 13 e 27, com a médium D. Maria Fernanda Moreira. Dia 24, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Grupo «Irmão Rhammurthi»

2.as feiras, às 21,30, com a médium D. Maria da Glória. Dia 4, 11, 18 e 25.

Grupo de Estudos «Gabriel Delanne»

4.as feiras, às 21.30, dirigido por Ramos Pereira. Dia 13 e 27.

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos. Dia 7, 14, 21 e 28.

Conferências

Dia 10, domingo, às 16 horas, por Ramos Pereira, intitulada «Em Defesa do Espiritismo». Dia 31, domingo, às 16 horas, por António Cardoso, intitulada «A Iris-diagnose».

NOTA — *As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia, devendo fazer-se acompanhar da última quota paga.*

Fundo de Beneficência

Recebemos mais os seguintes donativos, destinados ao Fundo Permanente de Beneficência:

Francisco Rodrigues, de Lisboa, 10$00; Cláudio da Silva Santos, de Lisboa, 10$00; Aires dos Santos Pinto, da Amadora, 25$00; João Carvalho de Macedo, da Amadora, 10$00; Alfredo Carvalho Macedo, de Oliveira, 20$00; Manuel Lopes Gonçalves, de Lisboa, 5$00; Severo Artur Moreira, de Lisboa, 35$00; D. Maria Alice Moreira, de Lisboa, 30$00; Luís Henrique Carvalhal, de Lisboa, 2$50; Anónimo, 2$50; D. Aurea Parada Gonzalez, de Lisboa, 20$00; João Oliveira Melo, de Lisboa, 20$00; D. Celeste Monteiro, de Lisboa, 5$00; José Gomes Júnior, de Óbidos, 3$00; B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Amadeu Costa Gaia, de Lisboa, 20$00; Subscrição do 34.º sorteio de livros espiritas, 150$00. Total, 408$00.

Diversos, para o Grupo de Protecção às Crianças e entregues ao mesmo, em Março de 1951 ..... 414$50

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INACIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	53$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romanc mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritsmo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	**26$00**	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Erros Doutrinários, por *Júlio Abreu Filho*	18$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos Espíritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento, pelo *Dr. O. Emboaba*	15$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		150$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magnetismo Curativo, por *A. Bué* ...	38$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pegadas do Mestre, por *Vinicius*	**30$00**	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle*, A conversão espírita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espíritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Poeira da Estrada, por *Júlio Abreu Filho*	12$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Síntese do Novo Testamento, destinada aos estudiosos, por *Minimus*	25$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espírita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

JOÃO PAULO FREIRE (MÁRIO)

(Ver página 136)

CONTÉM: Unificação, **da Redacção;** Espiritismo, Doutrina do Perdão, por **António Martins;** Músicos Fantasmas, por **Eric Freeman;** Aspectos da Sobrevivência, **por Georges Tiret;** João Paulo Freire (Mário), Um Pioneiro que Desaparece; Curadores que Curam, por **Jean Palaiseul;** Um Enigma Extraordinário; Ecos do Além (Mensagens do **Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos);** Evolução-Revolução, por **F. Noronha;** Como Eu Vejo Ernest Thompson, por **Frederico Duarte;** A Materialização, por **W. Vieira;** Jejum, por **Alfredo Miguel;** D'aquém e D'além; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário.

14.º ANO MAIO DE 1953 N.º 5

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fnndadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicado

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo		42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
Síntese do Livro dos Espíritos	12$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	15$00	
Depois da Morte, nova edição	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1953 — N.º 5

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRAFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

UNIFICAÇÃO

Todas as doutrinas necessitam de orientar-se e todas elas reunem de quando em quando os elementos responsáveis para troca de impressões e adopção de providências no sentido da unificação. O Espiritismo não pode fugir à regra. Evolucionista por natureza, isto lhe basta para que se imponha adaptação e correção, sempre que as circunstâncias o aconselhem. Além disso, não devemos esquecer o fenómeno étnico e geográfico, o meio social e a cultura em que a ideia está criando raízes.

Ora, em Portugal, o Espiritismo é às vezes adulterado. Há lugares onde se interpretam erradamente as obras fundamentais e muitos adeptos desconhecem esses guias seguros que o génio de Allan Kardec ofereceu ao mundo numa dádiva votiva. Por este facto, absolutamente verdadeiro, impõe-se a unificação de princípios e de normas que reconduzam a doutrina aos seus caminhos essenciais.

Temos recebido cartas elucidativas e veementes no profligar e por isso nos abalançámos a escrever estas linhas de advertência, certos de que serão compreendidas.

Ainda há pouco se escreveu que não temos associações que ofereçam garantia de seriedade no tocante a metodologia científica. É necessário atender nos ataques, por vezes incongruentes, com que nos mimoseiam adversários desleais sempre prontos à insídia; e a melhor forma de responder é unificar os preceitos a seguir em nossas sessões experimentais e doutrinárias, não esquecendo que muitos oradores falam a seu talante, chegando a contradizer teorias geralmente aceites e estabelecendo confusões que é preciso eliminar.

Como atingir este objectivo? Organizando um congresso com poderes unificadores. Não se trata, evidentemente, de obrigar uns e outros a práticas uniformes, mas tão sòmente de orientar e estabelecer âmbitos razoáveis, dentro dos quais trabalhem as associações espiritas.

Em toda a parte há congressos deste género e até as ideologias que desfrutam privilégios não deixam de os realizar, para que os adeptos ou correligionários acertem o passo na marcha para o futuro. Os orgãos de publicidade reflectiriam os preceitos estabelecidos e os oradores e publicistas cingir-se-lhes-iam, tendo em vista o interesse da Causa.

Esse pensamento unificador deve partir da Federação Espirita Portuguesa, naturalmente indicada para o efeito; e nenhuma ocasião mais propícia do que esta, em que os inimigos assestam baterias e se dispõem ao combate, gritando e incitando.

Não tenhamos receio de nos reunir em assembleia magna para estudar os nossos problemas. Temos a certeza de que ninguém impedirá a promoção de um congresso ordeiro e coordenador de esforços, tanto mais que o Espiritismo está dando os maiores exemplos de civismo em todas as latitudes, como doutrina apolítica e credora do maior apreço. O que importa é reuniões preliminares, a fim de assentar ideias. As teses seriam vazadas em moldes adequados, tendentes ao fim em vista.

Um congresso deste género seria um balão de oxigénio num corpo a vitalizar. E talvez aparecessem elementos inesperados e pudéssemos fundar novos jornais, pois o Espiritismo bem compreendido é um campo de acção meritória que só beneficia a comunidade.

Na Inglaterra, no Brasil e na Argentina, há estreita união entre confederações e autoridades. Na América do Norte, há acampamentos espiritas, onde as sessões doutrinárias chegam a reunir mais de 5.000 pessoas, vibrando no mesmo ideal. Porque não havemos de entrar no caminho da unificação? Continuar tresmalhados é estimular ataques, como os que há pouco nos foram dirigidos. E se não podemos esquecer o lado cristão do Espiritismo, lembremo-nos igualmente de que devemos ser firmes nos propósitos e abdicar de tudo para que a unificação seja um facto.

Espiritismo, Doutrina do Perdão

Por ANTÓNIO MARTINS

Se o Espiritismo não fosse das mais belas doutrinas que conheço, não valeria a pena perder tempo nem consumir energias, em defesa de princípios que nada adiantariam para o futuro do homem.

Tal não é, porém, o conceito em que a têm todos aqueles que a sua boa estrela guiou para os seus postulados. E porque assim é, não podemos deixar de lastimar a incompreensão ou a malvadez com que esta doutrina, tão cristã em seus princípios, tão nobre e elevada em seus propósitos, é desvirtuada e atacada por certas gentes que, fazendo alarde da doutrina do Divino Mestre, deviam, no entanto, compreender melhor o preceito cristão da tolerância e do respeito pelas crenças alheias.

Jesus, violando a Lei Mosaica, abriu para a Humanidade as portas do coração. «Aquele que estiver sem pecado, atire a primeira pedra»... Sentença do mais profundo significado moral, sentença divina de amor e perdão, que poucos compreendem e seguem.

Como seria bom para aqueles que nos combatem, se começassem por uma observação introspectiva de si próprios. Quanto a nós, muita coisa vemos e conhecemos que nos entristece e que levamos à conta das misérias inerentes à personalidade humana.

Sejamos sérios, objectivos, nobres e educados, quando nos dirigimos ao próximo. Julgar? Quem poderá fazê-lo? Oh! Como é falsamente interpretada a Tua doutrina, Meu Jesus! Não procuremos confundir, para não sermos confundidos.

Onde estará o homem, por nobre e exemplar que tenha sido a sua vida, que possa dizer-se sem pecado? Onde estará a seita ou a instituição religiosa que, através da história da sua vida, se apresente aos olhos do mundo e de Deus isenta de culpas? Sim, a doutrina de Jesus brilha e ilumina o caminho da vida, mas a carne é fraca, e as consciências dos homens que compõem os agrupamentos religiosos, é precisamente porque são homens, formam todo um conjunto heterogéneo de conceitos e interpretações nos textos como nos actos, que a deturpa, desvirtua e lhe fez perder seu brilho inicial. Meditem nestas verdades os que atacam as crenças alheias. Não deitem aos quatro ventos banalidades próprias da ignorância e da má fé. Não acreditam, os que nos combatem, que, com seus ataques insensatos, se volta o feitiço contra o feiticeiro?

Fazer desaparecer o Espiritismo, que os povos na vanguarda da civilização, como a Inglaterra por exemplo, reconheceram já como de interesse nacional ao instituí-lo como religião?! Não há poder ou instituição que possa destruir esta força divina. Calar a voz dos espíritos? Pode lá ser! Tentai-o aqui, que ela se erguerá além, mais forte, mais varonil, mais altaneira, a desafiar a acção dos homens e a sorrir de tanta ingenuidade.

Os homens passarão; porém, o Espiritismo ficará, e só desaparecerá da face da Terra quando o último homem houver transposto os umbrais da eternidade.

Queremos acreditar, no entanto, que só o desconhecimento da força altamente benéfica e moralizadora que o Espiritismo representa conduz muita gente a fazer juízos errados e informes, a misturar bruxas, necromancia e magia negra com o Espiritismo, que nada tem com esses infelizes do baixo astral.

Em que bases repousam, afinal, os ataques que nos movem? Frágeis embarcações, pilotadas pelas mãos da má fé e da ignorância... que só querem ver no Espiritismo a prática de actos que eles reprovam e condenam.

Não, não são os praticantes da magia negra, os ignorantes e os falsos espiritas, como não são os falsos médiuns ou os ledores da *buena dicha*, que ignòbilmente exploram a credulidade alheia, que representam o verdadeiro Espiritismo.

Servir-se destes energúmenos e das suas práticas abjectas, para fundamentar e generalizar ataques, na imprensa e na rádio, contra a mais bela das filosofias e a mais cristã das doutrinas, é uma monstruosa aberração. Aos primeiros, o Espiritismo repudia-os para longe, como micróbio que sempre empestou as sociedades, e solenemente os declara indignos do nome de espiritas. Quanto aos segundos, diremos apenas: a paixão é má conselheira, irmãos, a ignorância cega-vos, e através dessa cegueira cometeis actos contrários aos preceitos cristãos da tolerância, do amor e da liberdade de consciência.

Que sabeis, afinal, do verdadeiro Espiri-

tismo? Que conhece o homem da rua, desprotegido e ignorante? Que conhecem os de mediana craveira intelectual, sem o estudar, sem livre arbítrio, aferrados a tradições — quando a vida é toda evolução — que, por comodismo e cegueira, não querem interromper? Que conhecem os intelectuais que, a exemplo dos William Crooks, dos Russel Wallace, dos Karl du Prel, dos Aksakof e tantos, e tantos outros, se não dão ao trabalho de procurar saber o que há de verdadeiro em assunto tão importante para a vida e futuro do homem?

Desprovidos de preconceitos e com sentido puramente objectivo, estudem o fenómeno como facto probatório, apreciem os ensinamentos e a moral que irradiam de uma doutrina que, pelo conhecimento da Lei de causa e efeito, leva o homem a um conceito mais objectivo da vida, desçam à sua filosofia concretizada nas belas máximas de amor, perdão e caridade, que o Grande Crucificado nos legou, e depois, mas só depois, poderão falar de Espiritismo.

Oh! Quão triste e nefanda é a ignorância! Como ela gera a desordem, o desamor e a desunião, lá onde Jesus só queria ver a harmonia, a paz e a liberdade! Como é diferente o pensamento do verdadeiro espirita! Para ele, todos os homens são irmãos, todos procedem da mesma origem, todos caminham para o mesmo fim. Amar a Deus e ao próximo, nas igrejas, nos templos, nas sinagogas ou no santuário do nosso lar, é um princípio de liberdade que Jesus instituiu quando afirmou que, «quando dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei com eles». Esse princípio, todo o espirita o compreende.

Ser bom não implica ser religioso e adepto desta ou daquela doutrina. Deus vê as nossas intenções, e, para nos julgar, mais nada, em nós, O pode interessar.

Só a vida exemplar, só as boas acções, só a caridade, a moral e o amor na fraternidade podem elevar o homem no conceito de Deus e da sociedade.

É esse o alto fim que visa o Espiritismo. Todo o acto tem um eco cuja voz se explana no Espaço e no Tempo. O eco dos actos dos espiritas conscientes, honestos e verdadeiros, o eco daqueles que em sua pequenez e humildade olham para o Alto em busca da imagem sacrossanta de Jesus, pedindo luz, pedindo amor e auxílio para os seus irmãos ainda não esclarecidos, há-de ecoar nas consciências como um grito da alma, para os despertar para a verdadeira vida que encontrarão nessa doutrina do perdão que é o Espiritismo.

Músicos Fantasmas

Por Eric Freeman

Nem todos os fantasmas são tristes e solitários. Muitos se dedicam à música e por vezes se juntam para tocar e cantar. Vejamos, por exemplo, o fantasma do Castelo de S. Donato, em Glamargan. Esta bela casa, sobranceira ao Canal de Bristol, é frequentada por um apaixonado de piano e muitos visitantes da sala de música têm-no ouvido tocar, embora posteriores investigações não o tenham revelado, nem o seu método de execução, por tocar com o instrumento fechado, posição essa em que se encontra sempre.

O mesmo fenómeno ocorre na pitoresca igreja de Barley, do século 13, em Suffolk, onde várias vezes se ouve um órgão, quando ela está deserta e fechada. O órgão é relativamente moderno, mas, como não há electricidade na vila, ninguém o pode tocar, visto os foles serem eléctricos.

Coisas mais extraordinárias têm acontecido nesta igreja, pois uma noite do último inverno os aldeões ouviram, além do órgão, um coro completo, entoando ad libitum, quando passavam diante do escuro e solitário edifício. Claro que estugaram o passo, seguindo o seu caminho...

A Escócia também tem a sua quota de amistosos fantasmas musicais e um dos mais autênticos é o velho harpista do Castelo de Inverary que se ouve no torreão redondo junto da sala azul que noutros tempos foi galeria dos músicos. Antes dos acordes, sente-se um estranho ruído, semelhante à queda de uma pilha de livros. O velhote tem sido escutado em muitas ocasiões, mas ninguém identificou ainda a peça que executa.

Mais para o sul, nas margens do rio Tweed, perto de Dumelzier, há uma aldeola rodeada por uma cortina de arvoredo, com um pequeno adro, cuja igreja está transformada em panteão de importante família local. Pois neste lugar sereno e calmo tem-se ouvido nos últimos anos a mais bela música de coro e que, segundo o prior da localidade, parece «uma onda de canto numa catedral e que é pena durar poucos segundos».

Os habitantes do lugar declaram que este delicioso fenómeno se repete de tempos a tempos. A paz e a tranquilidade circundantes parecem propícias a estes felizes artistas, pois muitos visitantes dizem que no delicioso cenário dos Montes Hambledom, entre as ruínas da Abadia de Byland, têm ouvido coros, sobretudo no verão.

Voltando a Suffolk, o condado britânico mais assombrado, vê-se a pouca distância de Barley o velhíssimo edifício conhecido por Abbas Hall, que dizem dominado pelo fantasma da Madre Abadessa de West Wickham, em Kent, que o construiu no tempo da Grande Epidemia. Esta casa nunca foi habitada, mas os que a visitam contam a história de um vulto sombrio que vagueia à sua volta e falam na música de cravo que se ouve numa das salas. A última pessoa que isto presenceou disse ter ouvido ali acordes musicais em pleno dia que excedem em beleza toda a música terrena.

(De *Cycling* — Tradução de Mário Bacelar).

Aspectos da Sobrevivência

—— Os estados de consciência no homem e no ser etérico ——

«O conhecido e o desconhecido, eis os dois polos científicos necessários — escreveu algures Claude Bernard —. O conhecido pertence-nos e arquiva-se na experiência dos séculos. O desconhecido, por si só, agita-nos e atormenta-nos e excita incessantemente as nossas aspirações na investigação de verdades novas.»

Sim, o desconhecido, por si só, agita-nos e todos os investigadores conhecem bem o nervosismo que os empolga em certos momentos, o nervosismo do caçador à espera da caça.

Mas a investigação do conhecimento julgo eu que só poderíamos compará-la à subida de uma escada que se perdesse na noite dos tempos; só poderemos ascender aos andares superiores, galgando um a um os degraus inferiores. O desconhecido só se revela em função do conhecido e nós só decifraremos os mistérios da sobrevivência pelo estudo e meditação constante dos problemas da vida. É seguramente o único método de encarar um dos mais difíceis problemas da investigação psíquica, um dos que conhecemos bem, por nos ter perturbado a todos: *se a sobrevivência é uma realidade, se as forças inteligentes que se manifestam durante as experiências espíritas são, de facto, entidades que pertencem a um mundo invisível, como é que esses seres de espaço, despojados de seus corpos, privados dos órgãos dos sentidos e sem cérebro podem ainda viver, perceber e pensar? Não serão larvas sem personalidade condenadas talvez a errar algum tempo na atmosfera do nosso planeta?*

E, todavia, certas mensagens que estes seres invisíveis nos transmitem, apesar das dificuldades que enchem a experiência mediúnica, atestam alta espiritualidade, uma intensa vida psíquica num mundo abstracto mas extraordinàriamente dinâmico, onde as ideias e os sentimentos adquirem ressonâncias que para nós tem algo de prodígio.

Será necessário gritar o milagre ou a impostura? Nem um, nem outro, em boa verdade. Mas antes de sondar as profundidades do céu estrelado, inclinemo-nos primeiro sobre um modesto batráquio: a rã Pobre rã! No laboratório, o biólogo tirou-a do seu frasco e segura-a entre os dedos. Com uma agulha destroi-lhe o cérebro, sede de um pensamento embrionário, e depois mete-lhe a pata numa solução de ta-se de um reflexo inconsciente, alheio à vontade; é o acto mais elementar do sistema nervoso.

Este fenómeno conhecido merece a nossa atenção. A explicação do reflexo é fácil: a rede nervosa da pele recebeu uma irritação periférica transmitida por um nervo à medúla espinal que, por sua vez, e através de fibras nervosas, provocou a contracção do músculo da pata. É o influxo nervoso propagado ao longo daquelas fibras cuja velocidade é de 30 m. por segundo. É de natureza eléctrica, é uma radiação, um movimento vibratório. E nós tiramos desta modesta experiência o seguinte ensinamento: o *movimento radiante está na base do sistema de percepção mais rudimentar.*

Façamos agora a mesma experiência, sem destruir o cérebro da rã: o cérebro percebe a sensação de queimadura e interpreta-se sob a forma de dor. E a rã, não sòmente retira a pata, mas trata de fugir. O acto reflexo transforma-se num acto consciente. Por outras palavras, *um movimento radiante pode originar — se for percebido — um estado de consciência.* Eis o segundo ensinamento desta experiência.

Deixemos agora a rã e passemos ao homem.

Que admirável espectáculo — exclamou Claude Bernard — *o desta manifestação da inteligência, desde a aparição de seus primeiros vestígios até ao seu completo desenvolvimento! Primeiro, no grau mais inferior, as manifestações instintivas, obscuras e inconscientes; pouco depois, a inteligência consciente que aparece nos animais de ordem mais elevada; finalmente, no homem, a inteligência esclarecida, dando origem ao acto mais misterioso da economia animal e talvez da natureza inteira.*

Os fenómenos da inteligência e da consciência, embora desconhecidos na sua essência e nos pareçam extraordinários, exigem condições orgânicas ou anatómicas para se manifestarem, condições físicas ou psíquicas acessíveis às nossas investigações.

O nosso sistema nervoso, em magnífica complexidade de redes condutoras e directoras, assegura as relações interiores e põe o indivíduo em ligação com o mundo exterior. Os nervos dos aparelhos sensoriais — olho, ouvido, etc. —, recebem e transmitem as impressões radiantes vindas de fora e os centros do encéfalo interpretam estas impressões e comandam reacções apropriadas a centos fins.

A rede nervosa é incessantemente percorrida por influxos, cuja amplitude e velocidade são agora estudadas; assim, também a actividade eléctrica cerebral se manifesta por séries de ondas sinusoidais da amplitude que vai de 5 a 100 milionésimos de vóltio e de 8 a 13 períodos por segundo. E este conjunto vibratório que se prolonga, se reflecte, se interpreta e se regista no teclado da memória, chega a criar em nós estados de consciência que apresentam as fases de nossa vida espiritual.

Qual será o psicanalista de génio que lhe descreverá a sua extraordinária e complexa magia? Se, para comodidade da explicação, imaginarmos três zonas concêntricas que envolvam com sua trama invisível o conjunto do encéfalo, teremos esquematizado os diferentes planos da vida psíquica do homem.

Primeiro, temos a zona do consciente, que é de todas a mais vasta e representa o estado normal do sujeito, o domínio da volição, da razão, das ideias coordenadas, dos reflexos habituais e das sensações. No tempo ordinário, o consciente é o mestre absoluto das circunvoluções cerebrais, dos centros nervosos superiores. Auxiliado na sua função pela memória cerebral, dirige o comportamento habitual do sujeito e assegura ao livre arbítrio, que representa, certa margem legítima de actividade.

O consciente é que recebe e interpreta os movimentos vibratórios do exterior. Está, pois, sob a

dependência directa dos órgãos sensoriais, que são os seus agentes de informação. A sua representação do mundo exterior está ligada à própria natureza e extensão das informações que lhe transmitem. Assim, uma rocha lhe parecerá matéria inerte e não a massa vibrante de partículas eléctricas que ela é, na realidade, porque o olho humano só percebe como sensações objectivas as vibrações luminosas de 450 a 750 biliões por segundo; fora desses estreitos limites já não há sensações luminosas. Os próprios raios infra-vermelhos e ultra-violetas lhe escapam inteiramente.

Da mesma forma o ouvido só será impressionado por uma gama de vibrações compreendida entre 30 e 32.000 por segundo. Imaginemos num instante percepções invertidas sòmente por estes dois órgãos: a orelha ouvindo a luz e o olho percebendo as ondas sonoras. O eu consciente do sujeito seria muito outro e a sua representação do mundo exterior ficaria alterada. Mas, sem aventar hipótese tão ousada, imaginemos apenas que o olho humano possa captar as radiações coloridas que envolvem o corpo e lhe formam a aura.

O grau de evolução, o valor moral da cada ser, os seus momentos mais secretos e os sentimentos que o agitam apareceriam na tela da nossa vida psíquica. Não seria diferente a nossa maneira de ser?

Vê-se que o nosso eu consciente só representa um valor relativo, função das gamas de movimentos vibratórios que afectam a rede nervosa sensorial.

Em oposição ao consciente e cuidadosamente oculto pela zona intermediária do inconsciente que lhe serve de biombo, está o subconsciente. É o reduto em que a alma se exerce, na sua intimidade; é ali que ela se refugia na sua radiação específica.

O subconsciente, em si, representa um valor absoluto, independente do corpo e de suas vicissitudes. Constitui a compreensão total, a inteligência pura, o *animus* na sua essência. É nele que se localiza a verdade directa, que há-de envolver e iluminar a alma na desencarnação.

Ao morrer o sujeito, aquele deixará o corpo no interior deste campo magnético, onde se poderá dilatar e expandir livremente.

Mas quando a Psique está encarnada, ele encontra-se submetido à matéria, prisioneiro de um aparelho carnal que não é o seu meio. Imaginai uma projecção cinematográfica numa sala de espectáculos ainda iluminada: as imagens não apresentam relevo, nem luminosidade; são quase invisíveis na tela. Contudo, o subconsciente persiste, qual candeia oculta que vai iluminar, com seus reflexos confusos, as profundezas do ser e guiá-lo ao seu destino.

Os poetas, na sua linguagem delicada, comparam muitas vezes a psique a um anjo decaído. Nós diremos que o *subconsciente é o hóspede desconhecido e divino.*

Em virtude da sua natureza, ele constitui no ser encarnado o substracto do seu valor moral. É nele que nascem secretamente essas grandes correntes da nossa vida mental que abrem caminho para o consciente e se traduzem, não raro, em actos bruscos de sacrifício ou de heroísmo.

Ele representa em nós um reflexo do além e nessa conformidade permite ao homem entrar em contacto com as forças ocultas do Universo, no decurso das experiências mediúnicas. É dele também que emanam essas intuições que às vezes sentimos e que surgem no momento de um sonho premonitório. É ele ainda que encerra obscuramente o conhecimento do futuro, o conhecimento do nosso destino. Daí, essas impressões irracionais que nos obrigam a praticar certos actos, a dirigir-nos a determinado lugar. Dos bastidores onde se encontra, o subconsciente dirige o papel do consciente que aparece sózinho na cena iluminada.

É, enfim, no subconsciente que repousa a memória puramente psíquica do ser, esta segunda memória tão diferente da memória cerebral. *A memória cerebral é a do nosso corpo actual, só da nossa vida actual,* e representa a faculdade de conservar e registar os nossos estados de consciência e reconhece-os e experimenta-os de novo em forma de recordações. *A memória psíquica representa as demoradas aluviões de nossas vidas anteriores e as nossas estadias no astral.* Quando o ser etérico se encarna, isto é, mergulha na carne, a memória da alma obscurece e extingue-se para que as lembranças das vidas anteriores não venham prejudicar, com suas vibrações eléctricas, a cera virgem dos nossos centros cerebrais.

Por GEORGES TIRET

(Juiz do Tribunal de Marselha e redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos»)

Contudo, durante o sono, estas recordações subsistem no subconsciente e representam em nós a parte do sonho, a parte da evasão. Se as nossas ilusões nascem e renascem incessantemente, apesar das decepções da vida quotidiana; se aspiramos sempre a uma felicidade fugitiva; se sentimos às vezes necessidade de renovação, de pureza, muito depressa recalcada pela rotina dos nossos hábitos; se a nossa alma é lírica, idealista, é porque conserva em si a nostalgia dos paraísos perdidos.

Entre as duas zonas do consciente e do subconsciente há um corredor de segurança cuja função é isolar precisamente as duas zonas, impedindo-as de se invadirem uma à outra. Esta zona intermediária é a do subconsciente. Antes de mais nada, o inconsciente é um regulador psíquico e o seu papel é indispensável ao equilíbrio mental humano. É no inconsciente que se acalmam os remoinhos de um subconsciente cujas vibrações demasiado activas prejudicariam o consciente. Graças a ele é que esquecemos o nosso passado: serve de quadro aos apelos intempestivos das vidas anteriores do sujeito, à corte de lembranças antigas armazenadas no subconsciente que dificultariam o funcionamento da memória cerebral. É também graças a ele que ignoramos o nosso futuro: sem este quadro, a vida consciente seria constantemente perturbada pelos impulsos de um subconsciente que, uma vez senhor do destino, tentaria limitar a margem do livre arbítrio.

Mas a função do inconsciente em face do consciente é também muito importante, pois é ele que retém todos os desejos, os gozos perversos que o consciente repele, os receios e as ansiedades que a razão não aceita.

Esta dupla função do inconsciente faz dele o

domínio oculto do incompleto, do instinto, a sede dos reflexos obscuros, dos impulsos irracionais. E nós vemo-lo bem em nossos sonhos, quando o sono velou o consciente e o subconsciente participa também no repouso corporal, aproveitando-se da apatia dos vizinhos para dilatar a sua matéria, libertar-se e apoderar-se momentâneamente das circunvolações cerebrais, que não tinha à disposição no estado de vigília. E a formação do sonho, essa flor tenebrosa do inconsciente, é que reflecte as nossas tendências secretas, os nossos desejos recalcados.

Quando morre o sujeito, fica apenas o subconsciente no campo electromagnético da alma, que ele forma integralmente. O consciente e o inconsciente desaparecem, porque só serviam ao funcionamento dos centros cerebrais e ao comportamento humano.

Contudo, durante a vida do indivíduo, assistimos às vezes à extinção completa de uma destas zonas de influência que lhe dirigem habitualmente a vida psíquica, a qual se produz em benefício de outra que influencia demasiadamente o encéfalo e este desequilíbrio traduz-se num estado anormal.

Se a extinção do consciente se efectua em beneficiocio do inconsciente, entramos no domínio das perturbações mentais, da loucura. Se o desequilíbrio do sujeito foi provocado por lesão dos centros nervosos ou cansaço anormal das células do encéfalo, pouco importa, visto que o aspecto do fenómeno permanece: o consciente já não pode dirigir os centros nervosos superiores e perde às vezes o domínio do sujeito. O inconsciente — seu perigoso vizinho — aproveita-se logo deste retrocesso para dilatar a sua matéria, libertar-se e perturbar a vida mental com seus remoinhos, fantasmagorias e impulsões frequentemente breves e contraditórias. É a loucura que se manifesta por indisposição incómoda que dá origem à melancolia, em rajadas violentas e repentinas.

Durante este tempo, o subconsciente, que já não auxilia o sujeito, apaga-se ainda mais profundamente na sua fuga, até, não raro, se evadir do corpo para aguardar mais longe o fim da prova. A isto se dá o nome de letargia.

Se, ao invés e como acabamos de ver, a extinção do consciente não se dá em benefício do inconsciente, mas do subconsciente, tudo muda de figura. Assistimos então a um impulso da Psique, a uma expansão mais ou menos completa das faculdades sobrenaturais (1) da alma. Daí a eclosão destes fenómenos supranormais que nos desconcertam, porque não conseguimos explicá-los, mas que também nos encantam, porque nos deixam entrever a possibilidade de uma sobrevivência que todos desejamos.

É o caso do jovem pianista que, por efeito do subconsciente, reencontra a virtuosidade adquirida em vidas anteriores; é o caso do clarividente que desvenda, por vezes, o nosso destino, porque o seu pensamento penetra num meio em que o futuro é já presente; é, enfim, o caso do médium que consegue captar mensagens do Além, graças à antena radiante do seu influxo nervoso. Mas detenhamo-nos aquém da lembrança destas anomalias que transtornam os nossos estados de consciência em casos tão opostos, quer o inconsciente alargue o seu império mórbido sobre o sujeito, quer o subconsciente lhe permita comunicar com as forças ocultas do Universo.

Os trabalhos psicanalíticos — vê-se com satisfação — suscitam hoje um interesse crescente no público. Os diferentes planos da consciência, da inconsciência e da subconsciência, assim definidos e limitados, não poderiam orientar esses trabalhos com nova linguagem ainda não decifrada?

É o papel da filosofia espiritualista não é desenvolver os trabalhos daqueles que, sob a capa de positivismo, forem obrigados a ligar-se às palpitações dum universo visível?...

★

Entremos agora na segunda parte do nosso estudo, ou seja, nos estados de consciência do ser etérico. Para isso, tomemos uma folha de cartão, enchamo-la de limalha de ferro e coloquemos-lhe um imã por baixo. Devido à sua influência, os grãos de ferro aglomeram-se na direcção das linhas de força do campo magnético criado pelo imã, dando origem a dois focos: *o polo positivo e o polo negativo.*

Um campo magnético cujos polos, positivo e negativo, são ligados entre si por linhas de força que aparecem em todos os fenómenos magnéticos; um conjunto de células eléctricas percorridas por uma corrente induzida que se exerce em circuito fechado, eis a realidade electromagnética da alma.

Mas, ante semelhante ideia dos nossos defuntos e da nossa transformação, ficamos algo perplexos. Que fenómeno estranho não é o da morte! Um campo electromagnético que abandona o seu *habitat* corporal, deslizando pela dupla cadeia ganglionar do grande simpático, despojando-se sucessivamente dos plexus que lhe assegurariam a retenção e ei-lo agora livre no espaço!

Apesar da sua realidade magnética, esta unidade astral não teria finalidade nem valor, se não constituisse uma realidade espiritual, e é esse o seu aspecto mais abstracto e ao mesmo tempo mais atraente. Sim, a alma é uma realidade espiritual; e à semelhança do fluxo eléctrico que a percorre, o seu pensamento inteligente vibra em circuito fechado na sua unidade.

No ser etérico não há pròpriamente sede de pensamento nem existem centros sensoriais. Contudo, no corpo humano, o pensamento propaga-se, a partir de uma zona ideal no extremo do campo onde abrange os centros cerebrais. Nesta particularidade deve ver-se apenas uma espécie de sobrevivência da carne no perispírito, quer dizer, um hábito da alma radicado em sucessivas existências, de preferência a certa atitude real de algumas destas células eléctricas. Mas, que sente este ser etérico? Quais serão os meios de percepção de um campo magnético? Apresentar semelhante problema, pareceria, à primeira vista, desafiar o bom senso. E no entanto...

A propósito da nossa experiência da rã, não vimos nós que um movimento radiante poderia provocar um estado de consciência? Não vimos também que, no homem, o conjunto vibratório dos influxos que lhe percorriam o sistema nervoso conseguia criar sentimentos e ideias que representavam a sua vida mental? Não poderíamos então admitir sem demasiadas reticências que um campo magnético pudesse ser impressionado pelas ondas vibratórias que percorrem o espaço em todos os sentidos?... Se a morte privou o «eu psíquico» dos seus aparelhos sensoriais, permitiu-lhe libertar o seu campo magnético e fazê-lo penetrar num universo essencialmente radiante.

Daqui por diante as células eléctricas do perispírito serão directamente impressionadas pela radiação exterior, como numa película fotográfica. As sensações serão nele substituídas por estados de frescor, de calor, de bondade, de beatitude. Já não são percepções diferentes de imagens, som ou facto:

(1) O autor escreveu *sobrenaturais*, certamente, na acepção de supranormais. Não nos compete alterar o vocábulo. — (N. do T.).

tudo se analisa num ambiente (climat) criado pela acção das radiações exteriores.

A imagem e o som são para nós duas precepções bem separadas, porque as radiações correspondentes à imagem e ao som são registadas por dois órgãos de sentido diferente: o olho e o ouvido. Para o perispírito, estas duas gamas de radiações impressionam simultâneamente as mesmas células eléctricas a fim de criar uma reacção interna única que, se for agradável, corresponderá ao estado de euforia.

O que para nós constitui um conjunto de percepções distintas que nos compete interpretar e coordenar, provoca, ao invés, no ser etérico, um único e imediato estado de consciência. Assim, de uma árvore, perceberá ao mesmo tempo o frescor, a verdura, a harmonia da forma, o ruído do vento na ramagem e o canto das aves que lá estejam aninhadas.

Por outro lado, o olho humano só pode registar radiações de certa amplitude, assim como o ouvido. Para o desencarnado, não há qualquer limitação desta espécie: *mergulha num meio essencialmente radiante e a gama das suas percepções é pràticamente ilimitada.* Não chega ele a perceber vibrações etéricas originadas pela rotação dos astros, no firmamento, a que chama música das esferas? Não chega ele a gostar da luz e a embriagar-se com as vibrações luminosas que sulcam os espaços? O próprio pensamento já não necessita de exprimir-se, de materializar-se em palavras sonoras: as entidades são ao mesmo tempo impressionadas pelas suas radiações, e os pensamentos e os sentimentos traduzem-se por crepitações de ondas.

Nós, os humanos, não podemos certamente compreender ou imaginar esta felicidade absoluta, o êxtase que sentirão as almas elevadas, quando mergulham numa irradiação de doçura e amor. Assim se cria o ambiente inexprimível das altas esferas, onde cada alma sente a presença de seu pares!

O mesmo não sucede nas esferas baixas e essa é a razão que leva o ser etérico a completar a sua evolução para usufruir estados de consciência mais satisfatórios e alegrias mais puras, para melhorar a sua permanência no astral.

Se os nossos meios de percepção, na Terra, são rigorosamente os mesmos e não têm relação com a nossa evolução espiritual — os olhos de um pescador da Lapónia são os mesmos de um eminente físico das nossas faculdades — na sobrevivência são diferentes em absoluto. No momento da morte, a alma entra num universo magnético de novas dimensões, às quais só pode chegar, quando o seu campo o permitir. Tudo depende da sua evolução, da sua ancianidade.

No curso das suas encarnações sucessivas, o perispírito adquire novas células eléctricas e o campo magnético aumenta sempre de volume e de luminosidade. E de cada vez que as suas mortes humanas o lançam no astral, as suas percepções ficam amplificadas e suas possibilidades engrandecidas.

Deste modo, os sentimentos e os conceitos da desencarnação, conforme a sua evolução, apresentam-se-nos numa variação inconcebível e é por isso que a experimentação espirita não pode ficar à mercê de todos. Nunca será demais insistir nesta advertência.

Vivemos num mundo de três dimensões e estamos sujeitos à matéria, ao tempo, ao espaço, e as nossas concepções geométricas limitam-se ao comprimento, à superfície e ao volume. Se, — utilizando a mesma linguagem — quiséssemos participar das novas dimensões sucessivamente adquiridas pelos seres electromagnéticos do espaço a que chamamos desencarnados, teríamos de enumerar mais quatro dimensões, o que daria um total de sete.

Numerosos são já os desencarnados que após a morte não chegam a entrar na quarta dimensão, primeiro ponto que separa o mundo concreto do mundo abstracto. Eis, porque reencarnam sem ter compreendido a extrema relatividade dos actos humanos realizados num mundo concreto, mas ilusório.

Tomemos um exemplo preciso. O astral constitui, de certo modo, o mundo das formas-pensamentos, dos estados de consciência concretizados. O fenómeno explica-se fàcilmente. Desde que, no desencarnado, um desejo atinja determinado grau de intensidade, o seu campo magnético projecta radiações que, graças às propriedades eléctricas do éter, se concretizam logo em imagens, em cenas, em manifestações cuja duração, relevo, cor e sonoridade variam essencialmente. Tudo depende do ambiente psíquico da entidade, do seu grau de evolução. Os estados da alma, devido a um *processus* muitas vezes inconsciente, são assim projectados no exterior, consideràvelmente amplificados. E, como estas materializações são visíveis para todos, os encarnados pouco evolvidos chegam ao cúmulo de abusar mùtuamente do seu verdadeiro estado. Já tivemos muitas ocasiões de citar exemplos destes. Alguns desencarnados julgar-se-ão no purgatório, porque são perseguidos pelas suas próprias materializações, e outros afirmarão que andam vestidos ou continuam a alimentar-se, visto manterem necessidade de se vestir ou alimentar.

Só a aquisição daquilo a que poderíamos chamar a quinta dimensão nos levaria a compreender que a matéria é criada pela vontade de um Deus que nela pensa e repensa incessantemente, que o Universo é uma simples forma-pensamento do Incognoscível, a manifestação talvez episódica de um só dos seus estados de consciência e que todos os seres desencarnados, devido à partícula divina da sua alma, podem, consciente ou inconscientemente, reproduzir o mesmo fenómeno, em escala, por certo, mais reduzida. Então, senhor do seu desejo criador por ter compreendido o respectivo mecanismo sobrenatural, o desencarnado evolvido habitua-se a sentir passageiros estados que se amplificam e lhe abrem o campo infinito de paraísos artificiais.

Rodeia-se de enfeites, cria ao menor desejo um ambiente maravilhoso e continuamente renovado de música, de frescura, de calor ou de beatitude.

Todavia, seja qual for a sua magnificência, estes caprichos de desejo duram apenas um instante e a alma cansa-se das suas próprias satisfações, assim como dos estados de consciência que lhe proporciona o meio exterior.

Depois, por atitude inversa, o seu campo magnético fecha a entrada das células eléctricas. Quanto menos radiações exteriores o atingirem, menos influências estranhas o perturbarão.

Fecha-se em si mesmo na sua própria contemplação e fica logo inundado pela grande claridade, a suprema inteligência da sua essência divina.

«Minha alma, tu és Deus, — pensa ele — és toda a inteligência, todo o amor; e uma vez resgatada para sempre do ciclo das vidas humanas, tu te absolverás no êxtase e no absoluto».

Embriaga-se nesta certeza e ali se abisma.

Eis alguns estados de consciência do ser etérico, sumàriamente descritos com palavras humanas. Mas se considerarmos a simplicidade dos elementos básicos que permitiriam tal magia, — algumas partículas eléctricas reunidas em torno de dois polos — seremos confundidos pela obra do Criador.

(Traduzido de *La Revue Spirite* por I. D. S.)

João Paulo Freire (Mário)

Um pioneiro que desaparece

Mais um lutador que cai ceifado pela morte. Este não militava em nossas fileiras, mas ocupava um reduto notável, uma torre de vigia onde a sua voz altissonante se fazia ouvir com propriedade. O pioneiro era João Paulo Freire (Mário) e o reduto, o *Jornal de Notícias*, do Porto.

Muitas vezes o lemos e algumas o transcrevemos. A sua maneira de falar era a de um português que não deve nem teme: Sim, sim; não, não. Pão, pão, queijo queijo. Nunca vimos desassombro semelhante em jornais diários, geralmente enfeudados a interesses nem sempre confessáveis, que abrem campanhas a tanto por linha e conspiram silenciosamente contra isto ou aquilo que não agrada aos manageiros da opinião.

Este era talhado de uma só peça, de «antes quebrar que torcer», e falava como escrevia, sem rebuscos pictóricos, mas adaptado à boa linguagem lusitana. As «Várias Notas» de sua autoria tinham leitores que o apreciaram em muitos anos de jornalismo coerente e destemido.

João Paulo Freire era um polígrafo extraordinário. Escreveu dezenas e dezenas de obras, nas quais a intrepidez tocava as raias do incrível. Embora não possamos afirmar que disse tudo o que pensava, temos a certeza de que tudo o que disse correspondeu ao seu elevado pensamento. Nem lisongeou, nem se curvou. Tinha dignidade profissional. Viveu da pena e toda a sua obra está impregnada de humanismo.

O Espiritismo deve-lhe muito e por isso nós elegemos o seu nome para esta pequena homenagem. É preciso que os leitores se lembrem dele e saibam ter havido alguém que na grande imprensa terçou armas pela nossa bela doutrina.

O seu último livro foi a novela metapsíquica «Um Crime de Morte na Palácio dos Condes de Montejunto», onde estudou a introdução do psiquismo na investigação criminal. Publicando o prefácio dessa obra, julgamos ter contribuido para melhor conhecimento do escritor e jornalista que acaba de abandonar as plagas terrenas. Eis o prefácio, intitulado «Algumas Palavras Necessárias...»:

Esta inofensiva novela, ao gosto policial, tem uma história. Foi engendrada e escrita em dezassete dias, para me esquivar a ter que ler e ajuizar do trabalho alheio, em competições de concurso internacional. Assim, tornando-me também concorrente, safei-me da responsabilidade de «juiz», para que não tenho jeito nem feitio.

Simplesmente porque não posso perder tempo, em vez duma novela para o concurso, que me não interessava, fiz uma novela para o público, porque é da minha pena que eu tiro o meu sustento e equilibro a minha vida.

Foi esta novela que o Diário do Norte *publicou em folhetim, e agora se transforma em volume para aqueles que a desejem possuir nas suas estantes. O assunto apaixonou-me, e aqui para nós que ninguém nos ouve, não é falho de interesse. Recreando o espírito do leitor ao veio do tempo, pus-lhe diante dos olhos um dos mais sérios problemas de todos os tempos: a existência e a sobrevivência do espírito em vidas sucessivas. Houve quem gostasse, e algumas pessoas acharam inaceitável que, mesmo em hipótese, houvesse uma polícia que de tais processos se servisse para a investigação de um crime. Foi precisamente nesta altura que surgiu na imprensa de todo o Mundo uma noticiazinha muito curiosa, a que eu me referi, na minha secção* Várias Notas, *do «Jornal de Notícias», do Porto, a 22 de Fevereiro de 1951, pela seguinte forma:*

> «Algumas pessoas têm estranhado que numa publicação minha em curso, eu procurasse estabelecer a tese de que uma boa polícia de investigação seria ou será aquela que se auxliasse com um elemento acentuadamente de carácter psíquico. Estava eu a pensar na maneira como respon-

E. Psiq. - Maio/53

der a essas pessoas, quando, num jornal, deparo com este eco:

«Graças a um vidente super-lúcido, a polícia inglesa, com o seu longo braço justiceiro, vai finalmente deitar mãos aos ladrões da «Pedra da Coroação»! Os mais hábeis detectives da consagrada Scotland Yard, nada descobriram em definitivo, como se sabe e as agências telegráficas largamente noticiaram. Resignaram-se, então, a chamar um «adivinho». Referimo-nos a Pietra van der Hurk, de 40 anos, holandês e pintor de profissão. Há poucos anos teve a sorte ... de cair de um andaime! Quando retomou o conhecimento, três dias depois, mal abriu os olhos logo demonstrou haver adquirido faculdades excepcionais, principiando por contar às enfermeiras as suas histórias mais íntimas. Ràpidamente, Van der Hurk tornou-se «Hurkos». O célebre «professor de psicometria e clarividência». Tem, agora, um consultório em Haia, extremamente florescente: recebe milhares de clientes e dá, em cada semana, uma sessão pública de telepatia. Um homem assim tão acupado não dispunha de muito tempo para se consagrar à questão da «pedra». Um carro da polícia trouxe-o, por isso, do Aeroporto até à Abadia de Westminster. No Santuário, Hurkos ficou só, durante meia-hora, ajoelhado aos pés do trono. Depois, levantou-se. E o oráculo falou: «Cinco pessoas estão implicadas neste negócio! Três penetraram na nave e duas esperaram lá fora, num camião». Alguns minutos mais tarde, Hurkos ditava, algarismo por algarismo, letra por letra, o número do camião e os nomes de várias ruas. Eram ruas dos bairros humildes de Londres, que os detectives presentes desconheciam. No entanto, elas existiam ... Depois de uma pausa, o holandês pediu um lápis e papel. Desenhou, então, o esboço de um bairro, junto ao rio Tamisa e designou o sítio de uma igreja e de uma ponte. Descreveu, em seguida, aos polícias, embasbacados, um Café desse bairro, a que deu o nome, e juntou mais algumas indicações importantes.

As pesquisas prosseguiram no dia seguinte, sempre com o auxílio da clarividência de Hurkos. E, segundo tudo indica, o mistério ficou esclarecido, bastando agora que a Scotland Yard diga a última palavra».

Ora aí têm a resposta.

Vê-se que quem a verteu para a nossa língua, não acredita na sua veracidade. Isso pouca importância tem. Este «auxílio» não é novidade para a Scotland Yard, e não é a primeira vez que a polícia inglesa se serve destas ajudas. O mesmo tem feito, sem alarde, a polícia francesa. Claro que estes processos são hoje mal aceites ainda pelos «espíritos fortes», o que não quer dizer que, sob outros aspectos, não fossem seguidos em Portugal, com grandes vantagens, nos séculos XV e XVI. Que o digam os nossos Descobrimentos e Conquistas, e a interferência que neles tiveram os judeus astrólogos que então eram o braço-direito dos nossos Reis. Em tempos mais recuados quase se pode dizer que não havia Monarca-Imperador, Rei ou simples condutor de Povos — que se não servisse destas consultas antes dos seus empreendimentos. Épocas de «obscurantismo estúpido» que os tempos modernos de «ciência positiva» totalmente repudiam, excepto, como no caso acima exposto, a Scotland Yard. Muito «atrasada» se encontra, em ciência «moderna e positiva», aquela velha Inglaterra!...».

★

Tenho notado que o problema espirita, em Portugal, é ainda hoje olhado de revés por pessoas que se querem dar ares de ponderadas inteligências e não admitem «brincadeiras» com coisas sérias.

Espiritismo, para essas ilustres pessoas, são caricatas expressões de minhoquices incultas, crendices inaceitáveis do vulgo semi-analfafeto, ou explorações criminosas de seitas mal comportadas, paredes meias com bruxas e curandeiros. E são precisamente certos católicos que mais se amofinam numa perseguição sistemática a esta modalidade espiritual, fenómeno que eu não percebo.

Já por várias vezes, em público e raso, tenho declarado que não sou espirita profissional, *mas também tenho tido a coragem de afirmar que aceito o Espiritismo como uma realidade cientificamente comprovada. Não pertenço a grupos, associações, federações, ou quaisquer agremiações das muitas existentes no nosso País. Conheço algumas e discordo, em parte, da sua utilidade, pela manifesta carência de elementos sérios de averiguação e estudo. Não acredito em 90 %*

dos resultados apresentados, não só em Portugal, mas em todo o Mundo, precisamente porque tenho estudado, esgotantemente, este problema de há meio século para cá. E não se estuda um problema durante meio século sem se ter sobre ele uma opinião marcada e definida, a menos que se seja burro integral, o que também pode acontecer. Aqueles que mais falam são os que menos sabem. Os que mais gritam e barafustam, são os que menos razão têm.

Combater, negando, é facílimo. Mais fácil ainda, combater insultando. Afirmar: o Espiritismo é uma crendice inferior, todos os analfabetos o podem fazer, e até o podem fazer as pessoas inteligentes que, por interesses inconfessáveis, querem proceder assim.

João Paulo Freire (Mário)

Compreendo, e sempre compreendi, que um ateu, um materialista convicto, não acredite no Espiritismo. O contrário seria ilógico. Pois se ele não acredita no espírito, como havia de acreditar no Espiritismo? Mas que neguem e combatam fenómenos espiritas, aqueles, como os católicos, que acreditam na existência do espírito, é que eu não percebo. Ou o fazem por inperativo de seita, ou por marcada estupidez. Em qualquer dos casos, esse combate sistemático repugna-me. Não o julgo, nem sério, nem honesto. Que se combatessem as práticas desorganizadas e caóticas de certas organizações, bem estava, se ao mesmo tempo se procurasse guiar essa pobre gente em directrizes de experimentado comando e honesta direcção. Mas combater o facto em si, como não possível nem aceitável, é altamente ridículo para gente que apoia toda a sua formação religiosa na existência do espírito.

Tenho, tive sempre, uma profunda admiração por todos os crentes honestos. Não ataco religiões. Muito menos ataco os seus adeptos. E se alguma vez o faço é ainda em defesa do princípio geral da liberdade de crenças e da justiça que lhe é peculiar.

Vejo, por isso, com mágoa, certos padres e certos católicos, atacarem ferozmente o Espiritismo. E pergunto a mim mesmo se o próprio catolicismo, e antes dele o judaísmo, não estão cheios da mesma essência espirita, das mesmas práticas e dos mesmos fenómenos?!

O que está acontecendo hoje com os médiuns vem profectizado nos «Actos dos Apóstolos»: «espalharei do meu espírito por sobre toda a carne e os vossos filhos e filhas profectização; terão visões os vossos mancebos, e os vossos anciões receberão revelações em sonho». E que havia do lado de lá bons e maus espíritos, está nestas palavras de João Evangelista: «não acrediteis em qualquer espírito, mas vede se os espíritos são de Deus». Quer dizer: João não punha em dúvida que houvesse comunicação com os espíritos, apenas recomendava que se acautelassem com essas comunicações.

Santo Agostinho (também será duvidoso para os católicos?), quando no seu livro De Cura pro Mortuis se referia a certas manifestações ocultas, perguntava por que não artibuir esses factos aos espíritos dos mortos?

São Gregório de Nice, outro grande luminar da Igreja Católica, acreditava na pluralidade das vidas humanas para sua melhoria e purificação. E São Tomás de Aquino, na sua Summa Theológica, não põe uma hipótese, afirma que o espírito dos mortos pode aparecer aos vivos.

A própria Igreja Católica tem exorcismos contra todos os espíritos malignos e contra os espíritos que produzem pancadas (Spiritum percutientum).

O Velho Testamento está cheio de referências e factos espiritas, como o está igualmente o Novo Testamento. Comunicações, curas, escrita automática, levitações, transportes, materializações, transes, mediunida-

des, transfigurações, mediunidades auditivas, divinatórias, musicais, desdobramentos, — todos estes fenómenos que são hoje o resultado visível e provado das sessões espiritas, se encontram na Bíblia, já no Velho, já no Novo Testamento. E isto me causa a mim espanto, repito, como haja católicos que aceitam a Bíblia e os seus fenómenos no passado, e os neguem e os combatam no presente.

Santo Agostinho opinava, numa das suas obras, que Plotino não era mais do que o espírito de Platão reencarnado, e o Cardeal De Bona, um dos mais altos espíritos do clero italiano do seu tempo, na sua obra Da Distinção dos Espíritos, escreveu estas palavras que devem de queimar como ferro em brasa a língua de certos católicos do nosso tempo:

«É motivo de estranheza que se possam encontrar homens de bom senso (sic) que tenham ousado negar, em absoluto, as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribui-las a uma fantasia da imaginação, ou à arte dos demónios».

Mas se este Cardeal não chega, temos o Padre Oratoriano De Bun, insuspeitíssimo no caso, a dizer-nos isto no seu livro História das Práticas Supersticiosas:

«As almas que desfrutam a bem-aventurança eterna, abismadas na contemplação da glória de Deus, não deixam de se interessar, pelo que respeita aos homens, cujas misérias suportaram; e, como atingiram a felicidade dos puros, todos os escritores sacros lhes atribuem o privilégio de poderem, sob corpos etéreos, tornar-se visíveis aos seus irmãos que ainda se encontram na terra, para os consolar e lhes transmitir as divinas vontades».

Querem mais claro do que isto? Querem afirmação mais categórica e positiva?

Isto é que é clareza e honestidade. Há o direito de ser severíssimo, quando se trata de comprovar a autenticidade destes factos, mas negá-los ou declará-los impossíveis, só os parvos empavonados o ousam fazer.

E para não sairmos da Igreja Católica e dos Padres Católicos, oiçamos aquele eminente Abade Poussin, professor de moral no Seminário de Nice, que no seu celebérrimo livro «Le Spiritisme devant l'Eglise» afirma: «Eu próprio comunico com os seres do outro mundo; com os mortos que me informam do estado das almas, pelas quais me interesso, com os Santos, que me confortam e que ministram os tesoiros da sabedoria».

Isto vem apenas para salientar que sacerdotes dos mais ilustres, alguns elevados à Santificação, afirmaram a possibilidade da comunicação com os espíritos e não negaram os factos e os fenómenos ocorridos por sua intervenção. Tenhamos sempre presente que Rogério Bacon jazeu quarenta anos numa prisão por ter afirmado que ouvia as vozes dos espíritos, e Joana d'Arc foi mandada queimar por um Bispo, por obedecer a vozes misteriosas que lhe vinham do seu Deus.

Os que negam o Espiritismo são iguais àqueles que condenaram Galileu Galilei porque ele sustentava o movimento da Terra.

Que sabiam eles da Terra e dos seus movimentos? Que sabem estes idiotas presumidos, dos espíritos e das suas possibilidades?

Hoje o Espiritismo é uma Ciência. Charles Richet, o eminente fisiologista e professor da Faculdade de Medicina de Paris, com a autoridade do seu nome, escreveu: «Graças aos esforços dos verdadeiros espiritas, muitas verdades novas foram estabelecidas». E mais abaixo: «É evidente que o Espiritismo, multiplicando as investigações, se constituiu um imenso progresso».

E para fechar, com chave de oiro, esta ligeira evocação defensiva, recordemos a declaração de Sir Alfred Russel Wallace.

Os senhores sabem, pigmeus idiotas que atacam o Espiritismo, quem foi Russel Wallace? Foi o mais próximo colaborador de Darwin e seu discípulo muito querido. Pois este sábio, sábio autêntico e dos maiores, fez parte de uma Comissão de trinta e três membros, escolhidos pela Sociedade de Dialética, londrina, para proceder a um estudo sobre a verdade dos fenómenos espiritas. Wallace era ao tempo membro da Academia Real de Londres. Os estudos dessa Comissão de sábios foram demorados, rigorosos, exaustivos. Apresentado o seu relatório, Wallace escreveu no «Times» um artigo em que declarava que toda a Comissão, «depois das mais amplas pesquisas, ficara não sòmente convencida da realidade dos factos maravilhosos, como aceitara a teoria do Espiritismo Moderno, única capaz de englobar todos os factos e explicá-los». E ao terminar o seu retumbante artigo, afirmava: «Podereis assegurar, sem exagero, que os principais factos estão agora tão bem estabelecidos e são tão fáceis de estudar, como qualquer fenómeno excepcional da Natureza, cujas leis não foram ainda descobertas».

Basta. Depois disto, que importa o que dizem os pigmeus analfabetos que põem em dúvida o Espiritismo e os seus fenómenos?

CURADORES QUE CURAM

Por Jean Palaiseul

A porta entreabre-se com dificuldade. No contra-luz entrevejo uma cara que me espreita.

— Que há? — pergunta-me uma voz agressiva.

Tomam-me aparentemente por um angariador ou pedinte.

— Foi Júlio Burgevin que me deu o seu nome e morada, a fim de ...

Não tive tempo de dizer mais nada. Ao proferir o nome de Burgevin, a porta escancarou-se, o sr. L. abriu-se num sorriso franco e introduziu-me na sua casa de jantar.

O sr. L. é um dos «miraculados» do curador. Em duas palavras ponho-o ao corrente do meu inquérito.

— Em suma, diz ele, você vem ver se ainda estou vivo e se fui curado por Burgevin?

— Se o permitir...

— Pois bem! Há dois anos, eu não podia sair daqui. Meses antes tinha deixado de trabalhar, devido a lesão cardíaca, confirmada por radioscopias e electrocardiogramas. Tratei-me, mas tive de parar com as injecções, cuja reacção me era desfavorável. Foi então que, a conselho de uma religiosa — que havia sido curada por Burgevin —, pedi a este que me observasse. À primeira magnetização senti nas mãos uma sensação de frio intenso e dias depois comecei a melhorar. Ao fim de algumas sessões os médicos ficaram surpreendidos com as minhas melhoras. Após três meses de tratamento magnético, sentia-me reviver. Para mais, segundo as radiografias e o electrocardiograma, a lesão havia desaparecido, coisa que os médicos ainda hoje não explicam muito bem...

O sr. L. ri-se, como se lhes tivesse feito uma boa partida. Depois de lancharmos (pois ele quis por força que bebêssemos à sua saúde restabelecida), acrescentou:

— Tenho 49 anos, e, se voltei a ser o mesmo homem que era, devo-o ao tratamento magnético de J. Burgevin. Escrevi isto aos juízes quando lhe moveram o último processo e estou pronto a dar-lhe o meu testemunho, sempre que ele o precise...

Da casa do sr. L. fui a casa de Madame A., que me contou como sua filha de 14 anos, que também sofria de lesão cardíaca complicada com infecção do pericárdio em consequência de reumatismo articular, tinha sido salva pelas «mãos magnetizadas» do curador e quando já lhe tinham administrado os últimos sacramentos. Depois fui a casa do sr. N., curado de tumor branco num joelho; em seguida, à casa do sr. Z., curado de mal perfurante na planta do pé, e daqui à casa da sr.ª B., curada, segundo as suas palavras, «desse terrível flagelo chamado *psoríasis*, ainda desconhecido da ciência médica, tanto nas suas causas, como nos meios de cura».

Eu teria podido continuar indefinidamente esta viagem através dos «miraculados». No enorme maço de cartas que consultei, só tinha o embaraço da escolha: tumores, úlceras, reumatismos, adenites, focos de bronco-pneumonia, anginas de peito, desvios da coluna vertebral, doenças do fígado, etc. Por toda a parte me confirmariam os extraordinários resultados obtidos por um dos mais antigos curadores de França.

★

Como o seu amigo Camilo Eynard, Júlio Burgevin trabalha, efectivamente, há mais de trinta anos.

— Nós somos pioneiros — diz-nos ele — e os nossos princípios nem sempre foram agradáveis. Felizmente, a opinião pública progrediu, e, apesar do conceito da Ordem dos Médicos, os curadores já não são considerados como intrujões ou brincalhões de mau gosto.

Com certo orgulho polvilhado de emoção, mostra-me o primeiro atestado de cura que recebeu. O papel está amarelado e a tinta quase delida. Data de 1924 e foi-lhe dirigido por *Madame* M., proprietária de um café numa vila do Maine-et-Loire. O exame radiográfico tinha revelado queda do estômago.

«*Eu estava impossibilitada* — escreve ela — de ingerir alimentos sólidos e, apesar de repouso absoluto, sentia as forças abandonarem-me. Foi neste estado que em Junho de 1924 decidi recorrer aos cuidados do sr. Burgevin. Ao cabo de quarenta sessões, estava completamente curada. Agora alimento-me

normalmente, não sigo nenhum regime e tenho tão boa saúde como antes de adoecer».

— Diante de centenas de testemunhos como este — ajunta, sorrindo, o sr. Burgevin — num dos processos em que respondi, o presidente do tribunal acabou por dizer-me: «Felicito-o pelos seus sucessos, mas infelizmente sou obrigado a condená-lo». Bonita laracha! Ao que eu respondi: «Admiro-me bastante que não se persigam também os doentes por se terem curado ilegalmente».

Ele fala depressa, em frases precipitadas. Mal se formula uma pergunta, a resposta vem logo, nítida, precisa, definitiva. Sente-se que refelectiu muito em todos os problemas levantados pela existência dos curadores natos, em relação a outros indivíduos que aprenderam a curar, e que diz o que sente sem qualquer hesitação, com franqueza um pouco brutal.

— Eu sei — declara ele — que censuram certos curadores de terem enriquecido em poucos anos. É possível e é pena! Para eles e para os outros, porque se deixam embriagar pelo êxito. Querem fazer muito e são os seus clientes que sofrem as consequências. É uma censura que não me poderão fazer. Ao fim de trinta anos de profissão, anda não cheguei a milionário. É certo que vivo do magnetismo, mas como um padre vive do seu altar.

O sr. Burgevin trata e cura desde 1925. «Admiro-me, diz ele, que se não persigam os doentes por exercício ilegal de cura» ...

★

Há já muito tempo que Júlio Burgevin descobriu o magnetismo de que era dotado. Tinha apenas 12 anos e vivia em Angers, sua cidade natal, onde seu pai tinha uma loja de relojoeiro, quando viu que podia imitar os ilusionistas em voga.

— Era a época em que a *troupe* Donato & C.ª causava sensação nas terras onde passava e fiquei impressionado pelas suas demonstrações e diverti-me a repetir os seus gestos sobre os camaradas do colégio. Punha-lhes as mãos nos ombros com intuito de os fazer cair de costas e com grande espanto verifiquei que o meu fluido os obrigava a oscilar... Imediatamente me lancei ao estudo de tudo quanto era magnetismo, transmissão de pensamento, etc., e tão bem, que aos quinze anos me apresentei com um amigo na Perfeitura, para dar conhecimento da «Sociedade Psíquica» que queríamos fundar. Escusado será dizer que fomos corridos...

Aos 16 anos, Burgevin realizou a sua primeira cura. Um domingo, em casa de pessoas amigas que ele tinha ido visitar com seus pais, uma senhora queixou-se de reumatismo num ombro. Propôs-se curá-la. Ela aceitou, rindo, julgando tratar-se de uma brincadeira. Ao fim de alguns instantes, verificou, com espanto, que as mãos do rapaz pareciam queimá-la e extinguir a dor.

No dia seguinte, nova sessão e quatro dias depois estava curada. Ficam maravilhados, excepto o pai, que o queria para relojoeiro, e com tristeza lhe vê nascer esse dom de curador.

Estala a guerra. Em 1917 o rapaz é alistado. Chega o armistício e, em vez de regressar a Angers, à lojinha paterna, entra para a Polícia de Segurança, na Rua des Saussaies. Ali fica durante três anos, ao mesmo tempo que segue os cursos de Durville. Depois é como magnetizador que parte para Angers, onde fica até 1931. Em seguida parte para Nantes e ali fixa residência.

Tendo evocado assim a sua carreira, Júlio Burgevin volta à questão que mais o preocupa: as relações entre médicos e curadores.

— O Magnetismo — diz ele — é um fenómeno natural que se deve estudar. Existe, produz efeitos; é estupidez negá-lo.

Como é que esta força estranha chega a curar? Segundo ele, é restabelecendo o equilíbrio do organismo:

— Eu acho que não há doentes. Há órgãos em perturbação vibratória. Tudo na vida é vibração. O magnetizador é um indivíduo dotado de vibrações e de uma tonalidade superior às do comum dos mortais. Por isso pode restabelecer o equilíbrio vibratório dos seus semelhantes.

Isto conduz-nos ao problema do exercício ilegal da medicina.

— Eis o delito de que nos acusam! Como se nós fizéssemos concorrência aos médicos! Mas não há concorrência alguma! Haveria concorrência se se pudesse demonstrar que qualquer médico pode fazer o mesmo que eu, ou se eu fosse capaz de fazer um diagnóstico ou receitar medicamentos.

Ora, não é esse o caso. Cada um pratica uma arte diferente, e eis porque seria desejável que essas duas artes fossem justapostas para bem do doente.

E a propósito dos processos que a Ordem dos Médicos intenta há alguns anos, em ritmo acelerado, Júlio Burgevin declara:

— É em nome da saúde pública, a fim de proteger o povo contra os charlatães, que essas perseguições são feitas. Pelo menos é o que dizem os médicos e eu quero crê-lo. Mas já pensaram se na realidade conseguem o fim visado? Em lugar de reduzirem o número dos charlatães, multiplicam-nos. Sem querer, são eles que baptizam de «curador» um sujeito que o não era ... Eu me explico: suponhamos que um iluminado qualquer, que se julga capaz de mover um pêndulo ou de curar por uma mistura de plantas, trata assim alguns amigos ou os vizinhos do seu bairro. Enquanto o Conselho da Ordem dos Médicos não refilar, a sua clientela ficará sempre aquilo que é, isto é, bastante restrita. Portanto, se houver prejuízos, eles serão limitados. Mas, se for perseguido, os jornais anunciarão «um curador perseguido», entre as notícias dos «cãezinhos atropelados». No dia seguinte o nosso homenzinho terá à sua porta cinquenta ou cem pessoas e ele, que era um simples amador, terá de passar a profissional. E quem foi que o sagrou «curador»? Porque — acreditem —, encorajado pelo êxito, não mais parará, apesar de todos os processos. Os médicos é que criam à sucapa os curadores para lhes denunciar os malefícios em grandes berros.

Júlio Burgevin é duro para com os clínicos e para com os «ilegais».

— Na minha opinião — diz ele — há mais curadores-charlatães do que médicos-charlatães. Confesso que tenho mais simpatia pelo *gangster* que assalta um banco do que pelo indivíduo que intruja o semelhante, brincando com a sua saúde. O primeiro corre os seus riscos; o outro é um cobarde.

Solução: controlar os curadores (é o que pretende o estatuto que aguarda votação no Parlamento) e meter na prisão os exploradores da credulidade pública.

— Quanto a mim — continua Burgevin — há muito que propus que me submetessem a exame. Uma comissão de médicos e jornalistas não tem mais que fazer do que designar vinte doentes por eles escolhidos e controlar a eficácia do meu tratamento magnético. Continuo a manter esta declaração, sempre à espera de que lhe dêem seguimento...

Ele não lança este desafio à medicina conformista para se pôr em evidência.

— Eu não peço que me dêem flores; peço que me deixem em paz.

Se ele propõe este *contrôle* é no benefício do público (que assim teria a certeza de não se haver com charlatães) e no dos curadores autênticos (contra quem acabariam as perseguições, porque o verdadeiro curador não pára, por maiores que sejam as multas).

Júlio Burgevin tem sido vítima de muitos aborrecimentos judiciários, mas continua sempre a aliviar os sofrimentos do próximo.

— Você mantém-se no exercício ilegal da medicina? — perguntou-lhe uma vez um juiz.

— Há trinta anos que o faço. Como quer V. Ex.ª que me deixe disso? — respondeu ele com a fleugma que o caracteriza.

— Eu não lhes tenho rancor — exclama —. Ao sair da audiência onde tinha sido condenado a mil francos de multa tratei o neto de um médico que não pôde salvá-lo.

Como recompensa, ele só quer o *sactisfecit* que lhe outorga a consciência, bem como o agradecimento dos doentes que ele cura.

— Como quer você que eu não esteja contente — ajuntou ele — quando leio coisas como o que me escreve esse contabilista de Laval, que eu curei de reumatismo deformante: «Apesar dos meus 62 anos, retomei as ocupações, sem fadiga, e desembaracei-me de três coisas: 1.º, da doença; 2.º, dos médicos, e 3.º, da Segurança Social. Triplo resultado verdadeiramente maravilhoso» ...

(De *Noir et Blanc*, de Paris).

Tradução de MÁRIO BACELAR

Um Enigma Extraordinário

O Presse-Magazine, de Paris, relatou o seguinte caso com foros de sensação e ao qual jornais portugueses se referiram:

«Eminentes professores e doutores das Universidades hindus de Benarés, Luckow e Allabad, tentam resolver há semanas o enigma que apresenta a jovem Shanti Devi, de nove anos, a qual, desde que fala, diz ser a reencarnação da esposa defunta de um tal Ludgi, comerciante de fazendas residente em Mutra, a 200 quilómetros de Delhi onde vive a rapariga.

«Deve notar-se que, da minuciosa investigação levada a efeito por uma comissão especial, se conclui que nem os pais da jovem Shanti, nem ela própria jamais estiveram em Mutra e não conheceu ninguém que viva ou tenha vivido nesta localidade, cuja existência apenas suspeitavam. Revelou-se também que ninguém falou de Mutra à menina e, finalmente, que ali vive um Ludgi que se dedica ao comércio de fazendas há mais de 30 anos.

«Outra perturbadora coincidência é que este homem é viuvo, desde 25 de Outubro de 1925, de uma mulher que se chamava Anned.

«Há seis anos que principiou o mistério. Shanti tinha três anos e meio e apenas balbuciava as seguintes palavras:

«— Chamo-me Anned, vivo em Mutra e o meu marido é comerciante e chama-se Ahmed Ludgi.

«Podemos imaginar a confusão de seus pais. Primeiro sorriram ante as palavras da filha. Depois opuseram-se. Quando ela afirmava que era Anned, diziam-lhe àsperamente que se chamava Shanti. Mas nem os rogos da mãe, nem os gritos do pai conseguiram modificá-la. Com estranha obstinação, a rapariga repetia a cada momento:

«— Sou mulher casada. Meu marido chama-se Ludgi. Vende panos em Mutra e eu gostava de vê-lo.

Com o tempo, o caso era enriquecido com tantos pormenores suplementares, que os pais ficaram sèriamente perturbados. E quando Shanti começou a falar de seu padrinho e a descrever os ritos muçulmanos observados em casa de seu «marido», perguntaram a si próprios se a sua filha de sete anos não estaria irremediàvelmente louca. Mas, além da progressão triste que a caracterizava, Shanti não dava sinais de demência. Pelo contrário, dava a impressão de rapariga séria, aplicada e muito razoável, uma verdadeira mulherzinha. Contudo, a ideia fixa não a deixava. Se a mãe cozinhava um prato ou se se entregava a qualquer ocupação doméstica, a vozita de Shanti elevava-se para dizer:

— Em Mutra, o meu marido queria que eu cozinhasse o arroz numa panela de cobre.

Isto foi-se convertendo em obsessão; e apesar do seu desejo de manter secreta a tara da filha, os pais resolveram contar os factos a um médico brâmane, embora tendo sido educada no budismo, afirmava sem rebuço ser esposa de um muçulmano.

O terapeuta interrogou Shanti e pediu-lhes que deixassem ali a filha um mês, para observação. Após muitas investigações levadas a efeito na família da pequena e em Mutra, onde ela dizia ter vivido, concluiu que não se tratava de mitómana, nem de anormal, no sentido patológico da palavra. Mas o caso era tão extraordinário — mesmo para um hindu — que o médico resolveu levá-lo ao conhecimento de alguns especialistas de parapsicologia, que trataram de esclarecer o mistério. Primeiro, puseram Shanti inesperadamente na presença de um grupo de homens onde figurava Ahmed Ludgi, especialmente vindo a Delhi, a convite da comissão investigadora.

A rapariga reconheceu logo o «marido». Melhor ainda. Ahmed Ludgi, ao ouvir a voz de Shanti, declarou, emocionado, que julgava ouvir a sua defunta mulher ... E entre o comerciante, mais de quinquagenário, e a criança estabeleceu-se um curioso diálogo em que se evocaram recordações que só podiam interessar a dois cônjuges.

Era impossivel acreditar na intrujisse.

ECOS DO ALÉM...

XVI

POR vezes, no decorrer destas experiências, surgem entidades cuja presença só pode explicar-se pela lei de afinidade. Não as conhecemos, não temos qualquer intuição a respeito delas, mas devemos convir que vêm por qualquer motivo. Os espíritos superiores não se apresentam sem razões plausíveis. A atracção exercida entre vivos e mortos (para empregar uma frase correspondente à ignorância de quem lhe deu origem) é de enorme transcendência e escapa ao nosso entendimento. O ser humano é energia radiante integrada em campos magnéticos que os pesquisadores ainda não conseguiram delinear. De resto, há mil factores de que depende o bom ou mau êxito da investigação e nem sempre os podemos controlar.

Em 13 de Junho de 1951, a médium disse que via mãos brancas sobre as minhas costas e ouvia dizer: «Escreve, que eu te ajudarei. O que não pude fazer aí, faço-o aqui», acrescentando que o nome não interessava e que as obras é que valiam. E como sentisse em mim certa curiosidade, a entidade concluiu: «Vamos! Quanto menos curiosidade se mostra, mais certezas se recebem. E é justo. A curiosidade é um vício, pois tudo tem os seus limites».

— Tenho intuições acerca do comunicante, — disse eu.

— Talvez venhas a ter certeza. Podes crer que sou justo e verdadeiro, digno da companhia que tenho.

— Terei grande prazer, se voltarmos a colaborar...

Mas logo a resposta me tirou de dúvidas:

— Não sou quem julgas. Por isso te disse que sou digno da companhia que tenho e que se encontra presente. Sou mais velho do que ela.

— Quem eu julgava, também o era.

— Mas é mais novo do que eu.

— Conheci-te nesta existência?

— Não. Nem na outra.

— Mas estás ligado à obra?

— Tenho ouvido algumas coisas...

— Onde conheceste essa companhia?

— No Além. Algures, num hospital.

— Estavas internado?

— Não. Fazia serviço, como ela.

— Como poderás ajudar-me?

— Algumas palavras... alguns fluidos... O que puder fazer, fá-lo-ei da melhor vontade. Correspondo ao que vejo.

— Vieste espontâneamente?

— Vim.

— Ou foste trazido por ela?

— Vim e virei quando puder e me for permitido. Quando é preciso trabalhar e se nota boa vontade, ajuda-se. Vai-se ao encontro das ideias, dos gostos, mansamente, subtilmente... Pára-se no momento oportuno... Inda é difícil, não achas? Há muito rebelde... Há muita maneira de compreender as coisas... Há vontade de as deturpar, de obstruir o caminho... e uma forte barreira a vencer.

— Agradeço a tua presença. O nome não importa.

— Há nomes que nada valem.

— São parangonas...

— Letreiros para a sociedade. Um simples Manuel, António ou João, vale às vezes muito mais. Portanto, um dia o saberás, quando achar que o devo dizer. Direi a verdade, como agora. Não costumo dizer o que não sinto. Esse hábito é dos que têm necessidade de reencarnar.

— Já estás fora desse ciclo?

— Há muito tempo.

— O mesmo não sucederá, certamente, à tua companhia. Essa terá que voltar...

— Conforme as provas que der.

— Poderá evolucionar sem voltar aqui?

— Em todos os mundos se progride. Em todos os pontos se trabalha e se ganha.

— E as mortes e os renascimentos?

— Nem sempre são necessários. Conforme o adiantamento.

— A reencarnação não é lei geral?

— É. Mas tem excepções. Há seres que voltam à terra livremente, para aju-

dar os que lhes foram caros. Por si, já não tinham necessidade, mas vêm pelos outros. Vêm por bem, porque os actos é que valem.

— A vida é sempre o grande mistério.

— O mistério maior é aqui.

— Também ignorais o porquê das coisas?

— Uns, sim; outros, não.

— Aqui, todos o ignoramos.

— Quem muito sabe aí, pode nada saber aqui.

— Vivemos em maior atraso. Tua companhia quer comunicar?

— Tem estado a ouvir. Às vezes sou eu que ouço e ela que fala. Fala para ti e eu ouço.

— Vejamos se pode falar directamente. Peço o teu auxílio.

D. Maria Bacelar pára um instante e informa:

— Está uma luz dourada atrás de si, dos ombros para cima, e uma pessoa beija a mão à entidade que falou. Ouço dizer «respeito». O sr. tem mais mediunidade do que tinha. Quando fecho os olhos vejo-lhe grande luminosidade. Fazem-lhe passes e dizem: «desenvolvimento».

— Que desenvolvimento?

Há mutação na médium, que exclama:

— Sentias a princípio o que sentes agora? Poderás dizer que não sentes mais fluidos?

Era Lia que falava.

— Sinto muito mais.

— Não sentes nada nos olhos? E um estremecimento que te agita o corpo? Mas não é sempre... E às vezes o coração agitado...

— É verdade.

— Um formigamento... e tremor na mão...

— Sim. Mas isso, há muito tempo. E porque sinto eu tão grandes vibrações, quando, às escuras, me viro para o espelho do «psiché»?

— Continua. E não te esqueças do que prometi. É preciso que essa vibração te não abale. Quando estivermos seguros de nós mesmos, então será. Aguarda sem impaciência. Basta, que me sintas... Sabes que estou junto de ti.

— Às vezes sinto-te com insistência. Que significa?

— É presença. Quando desejo comunicar, martelo as frases.

— Mas para receber necessito de grande concentração.

— Às vezes estás concentrado e não sentes. Outras, apenas ouves uma vez. E outras, sentes e não ouves.

— É verdade.

Em seguida, houve um diálogo mais íntimo que não vem ao caso. Aproveitei então o ensejo de fazer uma pergunta que já fizera, para ver se haveria coerência na resposta:

— Disseste que choraste muito antes de partir. Foi verdade?

— Foi. Lágrimas bem amargas e escusadas, afinal. Vejo-o agora.

— E porque choraste?

— Não queria vir... Sentia-me bem... junto de ti... Julgava que aí era o certo... que aqui era o incerto... Afinal, é o contrário...

— Que se passou a seguir?

— Andei tonta...

— Como sentiste a separação?

— Sei que me entristeci (1).

Tinha suspendido o livro «Almas Errantes» por motivos alheios à minha vontade. Por isso inquiri:

— E o romance? Há muito que não recebo nada.

— Tens tempo de cansar-te. Ainda este não saiu (2). Não querias escrever um teu? Porque o não hás-de intercalar? Seriam provas. Veriam bem o estilo de um e de outro.

— Tenho essa intenção.

— Aproveita-a. Mas não deixes de te concentrar para que estejamos mais unidos nesses momentos e tenhamos ligação a certas horas. Concordas?

— Plenamente. Por isso me admiro de nada ter recebido nas minhas últimas concentrações. Mas disseste hoje que recomeçaremos os nossos trabalhos.

— Não disse o dia. Quando sentir oportunidade, to farei notar.

---

(1) Já noutra emergência eu tinha feito a pergunta. A resposta é coerente, como se vê. Quem investiga, necessita de usar todos os meios na perquisição da verdade. É o que tenho feito sempre nestas experiências. O contrário seria iludir-me a mim próprio.

(2) «Dois Mundos».

— *Tens assunto para outro?*

— *Para muitos. Tenho fartos exemplos. Há aqui muitos romances. Há aqui muitas vidas. Por si sós, dariam um grande livro!*

— *Gostaria de conhecer o mecanismo da comunicação.*

— *Vibrações...*

— *Isso é muito vago para mim.*

— *Fluidos de cérebro a cérebro. Pensamentos emitidos.*

— *Que são pensamentos?*

— *Formas do nosso querer.*

— *São coisas abstractas, mistérios insondáveis.*

— *Na terra, temos ouvidos. Aqui temos cérebro. Por ele transmitimos e por ele recebemos. Eu recebo os teus pensamentos em forma de ondas e tu recebes os meus de igual modo.*

— *Nada mais podemos compreender. Verificamos factos e desconhecemos causas.*

— *São bem claros os modos de comunicar. São bem claros. Mas, para vós, há coisas que parecem complicadas e incompreensíveis... E, afinal, são tão simples!*

— *Ao ditar as obras, já as tens escritas?*

— *Já as tenho pensado.*

— *«Almas Errantes» é cópia da vida real ou ficção?*

— *Da vida real. Disse-te que há muitos romances aqui. Sim, há muitos. É só transcrevê-los.*

— *E como os transcreveis?*

— *Como fiz contigo. De resto, temos bibliotecas e consultamo-las quando podemos. Muitos não podem, por seus actos; outros, por suas ocupações. Outros não querem, porque lhes interessam mais os romances vividos.*

— *Queres dar uma prova pelo abecedário?*

— *Se puder...*

★

O que vamos narrar é muito elucidativo, quanto à necessidade de prudência nos trabalhos de investigação psíquica. Cada entidade espiritual tem sua característica e seu modo de comunicar. Umas sentem afinidade com os médiuns psicográficos, outras com os de actuação e outras com os de efeitos físicos. Por isso, dizem que não podem comunicar por este ou aquele veículo.

D. Maria Bacelar e seu marido tentaram a comunicação pelo abecedário: um quadro de papel com as letras do alfabeto, em que deslizava pequeno copo de vidro com os bordos para baixo, sob a pressão do dedo indicador de cada um. Eis o resultado da experiência:

«Boa não me parece esta prova depois do que ouviste. Se não te convences com a outra, esta é mais insignificante. Concordas?

— *Mas podes dar a prova que desejo. Diz uma coisa da nossa vida.*

— *Pai está doente.*

— *Qual pai?*

— *Meu.*

— *É doença grave?*

— *Muito.*

— *É para desencarnar?*

— *Coração.*

— *Coisa recente?*

— *Não.*

— *E a crise actual?*

— *Muito grave. Mais do que se julga.*

— *Está de cama?*

— *Não.*

— *Não tem cura?*

— *Não. Chama doutor.*

— *Ele tem médico à porta ...*

— *Sim.*

— *Para que hei-de chamá-lo?*

— *Tu, não.*

— *Queres que avise, para que se trate?*

— *Eles sabem.*

Achei isto confuso e disse-lhe que assinasse.

— *Maria, — foi a assinatura.*

— *É assim que costumas assinar?*

— *Santos.*

— *Nunca fizeste essa assinatura...*

— *Não.*

— *Porque a fazes agora?*

— *É o meu nome.*

— *Nunca o deste assim...*

— *Não calhou.*

— *Juras que és quem afirmas ser?*

— *Não deves duvidar.*

— *Maria Santos não era o teu nome...*

— *Por faltar o Duarte?...*

— *Sabes que não eras Duarte.*

— Sim.
— Não eras. Duarte era meu.
— E tu és meu.
— Isso não é resposta. Não creio no que dizes.
— Maria Duarte.
— Dá-me o teu nome de solteira.
— Maria Gonçalves Santos.
— Nunca foste Santos. É melhor dizer a verdade. A prova que desejava era outra.
— Crê no princípio.
— E no resto?
— Não. Eu julguei que podia imitar...
— Mas não imitaste.
— Desculpe. Foi a brincar.
— Brincadeira de mau gosto.
— Sim.

Fazemos uma prece pelo comunicante. A médium diz: «É um rapaz de 15 anos».

Interrompemos a experiência e voltámos à concentração.

— Poderemos saber se a primeira parte foi transmitida por Lia?

D. Maria Bacelar respondeu, então:

— Foi ela que começou.
— O pai encontra-se doente?
— Sofre. Tem nervoso. Tem muito génio (1).

★

Em 20 de Junho realizámos uma sessão de que vou extrair dois passos interessantes.

Depois de se manifestar uma entidade que não identificámos, a médium informou:

— D. Maria mostra-me outra vez aquela falta de ar...

Eu perguntei:

— Quererá chamar a atenção para alguma coisa?

— Para ti; que tenhas cuidado (1).
— Mas eu sinto-me bem...
— Quem te avisa, teu amigo é...
— Esse gesto (provocado pela falta de ar) não se referia a doença tua?
— Referia-se à dilatação da aorta.
— Os médicos diziam que não sofrias do coração...
— Mas sofria da aorta.
— Foi isso que te vitimou?
— Não (2).

A conversa assumia novos aspectos e rumou para assuntos diferentes, alguns dos quais já foram expostos nesta obra e por isso me abstenho de os referir de novo.

O segundo passo é também de grande interesse probatório. Eu tinha-lhe perguntado se ela poderia fornecer mais provas de identidade e acrescentei:

— Como sabes, nunca são demais...
— Sim — concordou —, hei-de dar. Mas parece-me que já tens tido muitas.
— As provas que desejo — obtemperei — são mais para os outros do que para mim. No entanto, gosto de te ouvir falar da nossa vida passada, pela qual sempre demonstraste grande interesse.
— Lá chegaremos. Disse que darei mais provas. Prometo e tenho cumprido.

Houve um silêncio. A seguir a médium perguntou:

---

(1) Não se pode duvidar da interferência de outro espírito nesta mensagem. O que é difícil é saber onde principia a mistificação. Que a pessoa citada esteve doente, é um facto. E que o coração se ressentiu com a enfermidade, também é certo. Mas a questão da assinatura originou dúvidas no meu espírito e um dos comunicantes confessou o delito. Como se está a ver, a prancheta também tem os seus riscos e dificuldades. Abdicar da análise é lançar-se no resvaladouro da investigação.

(1) Há circunstâncias que nos passam despercebidas e só mais tarde lhes damos o valor que merecem. Então não me lembrei de perguntar se esta frase teria alguma relação com o gesto de falta de ar notado pela médium. Se o tivesse feito, talvez conseguisse nova prova de identificação. Há quatro ou cinco anos que sinto uma depressão respiratória de carácter nervoso que o médico atribui ao diafragma. Seria, pois, lícito perguntar se a entidade se quereria referir ao facto, quando exemplificou. É que, além dessa deficiência, que noto bem nos momentos de nervosismo, sinto-me perfeitamente normal, com mais vitalidade do que dantes.

(2) Nessa data sentia-me um tanto enfraquecido, mas longe de supor que o meu estado merecesse cuidados. Fui ao médico, tomei uns tónicos adequados e pouco a pouco voltei à normalidade. Quanto à falta de ar, era um fenómeno que nela se repetia muitas vezes e que lhe provocava dores que um médico atribuiu a «asma essencial», como disse no último capítulo. Ao contrário dos asmáticos, que mal podem dormir em decúbito dorsal, ela dormia nessa posição. Só de quando em

— Andaram alguma vez de burro?

— Não sei, mas é possível...

— Onde se riram muito — acrescentou.

Apanhado de surpresa, não atinava com a resposta. Fiz esforços de memória e ao cabo de vinte ou trinta segundos respondi que tinha disso vaga ideia. De facto, a lembrança era imprecisa. Sabia que houvera qualquer coisa relacionada com o assunto, mas não podia avançar mais na reconstituição do referido acontecimento.

A médium forneceu então um pormenor valioso:

— D. Maria achou muita graça. Vejo-a a rir muito. Vejo-a sentada num burro.

O quadro ia-se esclarecendo.

— Agora tenho uma ideia mais nítida — disse eu —, mas ainda não sei onde foi.

— Parece que foi na sua terra. Dali para qualquer lado...

— Sim, devia ter sido lá... Foi lá, certamente... Pode ser que ainda me lembre...

E a memória vibrava sobre o quadro visualizado, ao mesmo tempo que D. Maria Bacelar acrescentava as seguintes palavras:

— Ouço dizer: «De Cebolais a...». Parece-me que uma levava um grande chapéu de palha na cabeça. Depois comeram no campo. Está uma toalha no chão... com iguarias...

Muito tempo decorreu sobre as notas que aí ficam. De vez em quando evocava o episódio e os seus contornos tornavam-se mais claros. Mas logo voltava a confusão e não conseguia reconstituir a cena. Que haveria de verdadeiro nisto? Sugestão era inadmissível, por a minha dúvida ser evidente. Faltavam-me os elementos de identificação e lembrei-me de recorrer à Gena, que logo me esclareceu. Sim, tudo o que a médium disse correspondia à verdade. Um dia, lembrámo-nos de ir à Senhora dos Remédios, uma ermidinha que fica a oito quilómetros de Cebolais, nossa terra natal. O caminho era demasiado ingreme e irregular e não podia ser calcurriado fàcilmente.

O rancho, algo numeroso, compunha-se de pessoas de família que utilizavam alimárias, entre elas dois jumentos, cujo espinotear servia de gáudio à caravana. Lá estava o «grande chapéu de palha» na cabeça de uma sobrinha nossa. Rimo-nos muito. Almoçámos no alpendre da ermida e na volta merendámos no campo, sobre uma toalha, à volta da qual nos sentámos todos, alegremente.

Foi um dia bem passado. Enchemo-nos de ar e de sol e regressámos a casa satisfeitos. Creio, até, que tirámos fotografias.

E agora pergunto: Quem teria fornecido à médium os dados da sua vidência, tão exactos, que exprimem o que se passou com rigor inexcedível? Eu não fui, com certeza, porque só dois anos depois pude recordar o facto com os devidos pormenores. Onde teria ela bebido as informações? Quem lhe teria mostrado inesperadamente o panorama, a ponto de interromper o diálogo para fazer aquelas perguntas intempestivas?

Pessoas haverá que arranjem explicação para isto, mesmo forçando a nota e servindo-se de hipóteses arrevesadas. Seja como for, hão-de encontrar o subconsciente e seu acólitos e reduzirão o fenómeno à expressão mais simples. Se não encontrarem o cavalheiro, encontrarão o seu reflexo e tudo ficará resolvido sem quebra de verdade. Isto de um indivíduo ler coisas esquecidas no subconsciente de outro e com mais rapidez do que ele próprio, exige demonstração que ainda não vimos dar a psicólogos materialistas. Trinta anos de estudos metapsicológicos dão-me autoridade para firmar opinião: o quadro inesperadamente revelado pela médium, só Lia o poderia transmitir, porque só ela o recordava nesse momento. De resto, não lhe pedira eu as provas que acabava de dar? É desnecessário torcer a lógica ou fazer concessões, para se acreditar com argumentos mais claros e satisfatórios.

---

quando — chegava a estar um mês sem afrontamentos — sentia a crise. Então sentava-se na cama, se era de noite, e fazia esforço especial para respirar. Às vezes parecia-me que já tinha respirado completamente e dispunha-me a falar, mas ela dizia-me que me calasse, a fim de completar a respiração. Foi um gesto deste género que a médium viu naquele momento.

★

A psicometria permite reconstituir uma vida inteira pela mais simples fotografia ou por qualquer objecto de uso particular. O essencial é colocar tais coisas em relação com o psicómetra. Segundo o grau de desenvolvimento psíquico, começam a aparecer os quadros e a biografia pode surgir imediatamente.

A psicologia experimental ignora a mecânica deste fenómeno e limita-se a historiá-lo.

Mas o resultado das experiências deixa os investigadores boquiabertos. Há caminhos que se percorrem, ignorando-se o veículo que nos conduz.

Quatro dias antes da sessão a que acabo de aludir, D. Maria Bacelar entrou no meu escritório e olhou para uma fotografia que estava na parede. Não foi preciso concentrar-se, como fazem outros médiuns. Olhou e perguntou, sem mais preâmbulos:

— Aquela sofreu do abdómen? Parece que teve os intestinos muito mal... Muita febre... Pernas inchadas... muito fraca do peito... Pensaram que morria... É médium. Tem muita luz... Não é parenta?

— É.

— E senhora da sua vontade... Um pouco teimosa... Já tem chorado de enraivecida... escamada...

— ?...

— Mas tem um bom protector ... Ela gostava de mandar... subjugava os outros... Mas os intestinos ainda não estão bons.

Após uma pausa, continuou:

— Estou a vê-la de noiva... Costuma sair da terra onde reside?

— Às vezes.

— Há ali qualquer coisa a respeito de filhos... Ela põe o dedo no nariz e diz-me: «Silêncio!». Agora ouço dizer: «A mediunidade serve para delatar essas coisas?...».

Nova pausa e prossegue:

— Quando fala, é «Eu quero isto, eu quero aquilo». Bebia coisas quando estava doente?...

— Bebia chás.

— Faziam-lhe bem, porque os intestinos tinham micróbios ... mucosidades ... pús... e o chá limpava. Tinha os rins inflamados... Hematúrias... Estava muito fraca, tremiam-lhe as mãos... Transpirava muito...

Para encurtar razões, direi que tudo isto é verdadeiro. Não há uma falha na descrição do relato, pelo menos na parte que eu conheço. Foi psicometria? Foi vidência telepática? Não sei o que foi. O relato é fidedigno e aqui o revelo para justificar a confiança que me inspiram as faculdades da médium. Só por este motivo me refiro a ele, certo de que impressionará o leitor que não costuma julgar de ânimo leve.

Razões particulares me levam a ficar por aqui. Não posso esmiuçar o assunto, bastante delicado em seus pormenores. Se o pudesse fazer, ver-se-ia que a par da realidade intrínseca, há mistérios que a ciência não desvendou nem desvendará. Permanecerão, enquanto nos não conhecermos a nós próprios.

Carrel chamou ao homem «esse desconhecido» e trabalhava na resolução de grandes problemas biológicos, quando outros homens «deram por finda» sua tarefa. Não pôde ir mais além. Se a ciência ainda não conhece o rei da criação, apesar de esforços seculares, parece-me que nunca o virá a conhecer, se prosseguir na senda que tem trilhado.

Contudo, os fenômenos psíquicos dão-nos a chave de problemas ligados à biologia, conforme confessou o grande directriz em tudo. Por detrás da vida orgânica há mistérios que a ciência oficial não descobre e que a metapsicologia iluminará com as suas investigações.

A alma exige nova luz para se mostrar ao psicólogo. Teremos de cultivar a intuição em complemento dos objectivos alcançados, se quisermos lançar as bases da verdadeira ciência que abarque o físico e o psíquico no mesmo ciclo de estudo. Quando lá chegarmos, os mistérios de hoje explicar-se-ão por si mesmos e a humanidade avaliará a contingência de seus métodos e sentirá vergonha de ter renunciado a prerrogativas do domínio espiritual que lhe apontariam outros rumos de progresso.

I. D. S.

(Continua)

UM ARTIGO DE F. NORONHA

EVOLUÇÃO -

O famoso alemão Samuel Puffendorfio, falecido em Berlim, no ano de 1694, que o insigne Leibniz considerava como «homem em vida celebérrimo por seu merecimento», exteriorizou estes conceitos: «A ordenação de determinações e de proceder do indivíduo humano é o que se denomina *lei*, e eu defino, o querer de um superior, que o impõe aos seus dependentes como obrigação de se conduzirem do modo que lhes preceitua».

Influiu, por certo, em seu tempo, de áurea fecundidade docente, a produção, dada à estampa, da autoria de Puffendorfio. A distância, porém, que dele nos separa, relativamente à civilização, é enorme.

E a observação dum livro estupendo — *A Natureza* — sugeriu este peremptório afirmar: «a natureza não dá saltos».

«Natureza». Na altura deste vocábulo — tomo décimo quinto do *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, Appliquée aux Arts* — Paris — Ano XI — 1803, lê-se, do punho de Virey, a seguinte página:

«O espectáculo dos céus e da terra não pode ser, por muito tempo, indiferente ao olhar do homem. O adorno dos continentes, o abismo dos mares, a explosão dos vulcões, o aspecto da abóbada azulada, e os astros esparsos incontàvelmente em sua amplidão impuseram ao espírito humano o assombro e o respeito, e ele deveu inquirir-se das causas do universo que o absorve e de que faz parte; quis subir à fonte de todos os seres, e os seus primeiros passos o arrojaram a precipício labirintico. O que sou eu, com efeito, neste globo perdido no vasto universo? Se interrogo a profundeza dos céus, o que é o nosso sistema planetário, qualquer que seja o seu volume, em face dos biliões de sistemas por igual tão vultuosos e que nada restringe no espaço? Todas as estrelas fixas, que avistamos numa bela noite de Verão, são outros tantos sóis rodeados de planetas em movimento circular como ocorre com o astro centro do nosso sistema. Acrescendo estes mundos, de número incalculável, com todos os milhões a alcance de telescópios, ajuizamos do nosso verdadeiro lugar no universo. Considerando ainda, que se existíssemos em *Sirius* ou em qualquer outra estrela afastada, a nossa visão, liberta pela supressão de alguns biliões de léguas, continuaria a aperceber multidões de novos mundos, reconhecemos que a fraqueza de nossos órgãos e a imperfeição de nossos instrumentos constituem impedimento a descortinar, deste átomo de lodo em que rastejamos um momento, antecedendo-nos, para sempre, a submersão no oceano da morte, tais universos longínquos. E, no entanto, vaidosos de nossos destinos, percorremos como dominadores a superfície da terra, proclamamo-nos reis do mundo e centro do universo, como se os astros e os abismos do espaço, de que só temos a ideia, fossem formados para nós! Um átomo que brilha um dia para fenecer eternamente no reservatório comum dos elementos pode convencer-se de que o sol, aquentador e iluminante de cem mundos, seja expressamente formado para embelezar-lhe a morada? Todavia, as gerações escoam-se, como a água sob a incidência do astro do mundo, e ele vê, em sua existência sem medida, os séculos quais pontos imperceptíveis no seio da eternidade. Sem embargo, a elevação do espírito humano resgatou esta pasmosa fraqueza do corpo pelas concepções mentais; o corpo nada é, mas o espírito, de facto, volveu-se rei do universo e, à maneira de partícula da divina inteligência, soube surpreender as relações e a maioria das leis de todo o existente».

Foi por saltos, foi revolucionàriamente que a ciência abriu e tem aberto as folhas do livro da Natureza e habilitou o homem a substituir, em larga escala, a marcha a pé pelos transportes a vapor e aéreos, pouco lhe faltando talvez, neste capítulo, para igualar em velocidade as comunicações transmitidas pela misteriosa e potentíssima energia eléctrica?

Quanto se tem avançado, entre a data em que Virey elaborou os seus trabalhos científicos de naturalista abalizado e a hora actual, apenas intervalada por lapso inferior a século e meio?

E antes, muito antes de Virey e de quantos com ele colaboraram no *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle Appliquée aux Arts*, seria, por saltos e revolucionàriamente, que o ente racional irrompeu de sua primitiva origem e ascendeu de nomadismo, à rude lei da natureza, até altos graus culturais, atravessando civilizações como a do Egito faraónico, a da Grécia de Hesíodo, de Péricles e de Demóstenes, a de Roma no século áureo de Augusto e mesmo a Medieval diante dos Bárbaros rendidos e acolhidos pelas sombras da Cruz?!...

Há 44 anos, 28 de Novembro de 1904, o dr. Ricardo Poenisch, discursando na Universidade do Estado, em Santiago de Chile, subordinado ao tema de sua escolha — *El Universo* —, em linguagem tanto fluente quanto plena de eloquência lapidar, exclamava, em conclusão: «Así como la tierra con los demas planetas de nuestro sistema gira al rededor del sol, y como el sol, a su vez, atraviesa en vertiginosa carrera el espacio galactico, describiendo su circulo con los otros mundos de esta parte del universo en torno de un centro que nos es desconocido todavía; asi talvez nuestro sistema galactico no es mas que una pequeña nebulosa entre millones de otras que pueblan el espacio infinito. Qué templo tan magnifico ha erigido la ciencia a la divinidad! Cuanto se ha ensanchado nuestro horizonte intelectual en los escasos tres siglos desde que el lente del telescopio rompiera los densos muros que hasta entónces ocultaron a la humanidad el secreto del universo! No han pasado todavia muchas generaciones desde que el hombre buscaba los limites de lo creado no mucho mas allá de nuestra atmosfera! Y aun para muchos de nuestros contemporaneos, la tierra es todavia el cuerpo principal del universo, como en aquellos tiempos en que todo se esplicaba bajo el punto de vista antropocéntrico. Copernico colocó el sol en el centro del universo, y a muchos les era duro convenir en que nuestra tierra, el asiento de la vida, la creación especial de Dios

a favor del hombre, iba por los espacios lo mismo que cualquiera de los otros planetas. Cuán grande nos pareció entónces el gran foco central generador de la luz y del calor que hace germinar la vida en la superficie de la tierra! Pero apareció Herschel, el Copernico de la vía láctea, y desalojó al sol de su posición central! Y no hay punto fijo en el universo, todo parece moverse en inestricable confusión! No han llegado todavía para la vía láctea el Kepler ni el Newton, pero llegarán aunque pasaran siglos ántes de que las fuerzas aunadas de la humanidad lleguen a acumular datos y hechos que permitan asignar su rumbo a cada una de las estrellas que a millones pueblan los espacios infinitos».

A propósito de Astronomia, ouçamos o prof. Melo e Simas?

«A Lua dista da Terra, em média, cerca de 384 mil quilómetros e seria preciso alinhar nada menos de 400 vezes esta grandeza para alcançar o Sol. Já não é sem esforço que a

REVOLUÇÃO

imaginação tenta conceber esta distância de 149 milhões de quilómetros a que se encontra o astro do dia, que aliás fornece o calor e a energia necessária para a conservação da nossa vida. Pois esta mesma distância desaparece em presença da enormidade do espaço que nos separa das estrelas, e para chegar à que se encontra *mais próxima* de nós seria preciso percorrer 275 mil vezes igual caminho. Assim, cruamente dito, estes confrontos monstruosos talvez nada representem ao nosso espírito. Uma comparação que talvez já fale ao entendimento consiste no seguinte: Todas as estrelas têm uns certos movimentos que lhes são próprios. Movem-se umas em uma direcção, outras em outra. Algumas há em que a sua velocidade atinge a cifra espantosa de 110 milhões de quilómetros por hora! Pois, apesar disso, parecem fixas no céu; parecem não se moverem, tão distantes estão! Experimentemos a usar outra comparação clássica: Como já indiquei, a luz propaga-se com a velocidade de 300 mil quilómetros por segundo. Aquela que o Sol nos envia gasta cerca de 8 minutos para chegar até nós, e mesmo para percorrer a distância que nos separa do planeta mais afastado do Sistema Solar ela não precisa mais de 3 horas. Pois, para se ver até que ponto este Sistema está isolado no espaço, basta notar que quatro anos não são tempo suficiente para que um raio de luz saindo da *estrela mais próxima* venha ferir a nossa retina. Se essa estrela se apagasse repentinamente, só passados 4 anos o saberíamos. E quando nos lembramos que esta luz percorre mais de 430 milhões de quilómetros por hora, e recordamos o número de horas necessárias para perfazer quatro anos, e pensamos nos inúmeros astros que, por esse espaço fora, estão milhares e milhares de vezes mais distantes e que, apesar disso, os distinguimos no céu, e ainda que todo esse Universo visível não passe de uma gota de éter no meio da infinidade, a nossa consciência não pode deixar de recolher-se em si mesma, assombrada da realidade, e não sabendo que mais admirar, se a magnificência do espectáculo que a Natureza lhe oferece, se a própria grandeza da sua imaterialidade, que lhe permite abarcar até dois infinitos! O infinito no espaço e o infinito no tempo, ou a eternidade».

Abrirei aqui um parêntesis, para reflectir que dois infinitos se excluem, visto ùnicamente por absurdo poder supor-se *um ilimitado* simultâneo com *outro ilimitado*. A mesmíssima palavra — *infinito* — decompõe-se em dois elementos que o não consentem, *in*, prefixo modificando como «negação ou privação» o segundo elemento, *finito*, vocábulo simples que significa, ou exprime, ter fim, limite. Espaço e tempo são ideias e leis correlativas. Não aflora ao pensamento o espaço sem qualquer noção de tempo, assim como este não aflora ao pensamento sem qualquer noção de movimento, o movimento sem a de espaço e o número sem a de duração.

Atentando nisto, diz Liard que, se assim não ocorresse, «haveria, no espírito e na realidade, tantas divisórias isoladas, quantas leis primordiais, sem que o pensamento pudesse transitar de umas para outras e uni-las num sistema único; em uma palavra, a ciência seria impossível».

Espaço e tempo, extensão e duração, possibilidades inesgotáveis não contraditórias, identificam-se ou fundem-se no Infinito. «Tudo o que se oferece à percepção dos sentidos — diz Charles Adam —, existe no espaço e no tempo, que são, portanto, duas condições do conhecimento sensível, ou, conforme a classificação de Kant, duas *formas da sensibilidade*». Fecho o parêntesis.

Foram registados saltos em algum dos trechos transcritos precedentemente?

Verificá-los-ia, anatòmicamente, no corpo humano, Bichat, «génio que, no dizer de Pinel, parecia adejar sobre todo o edifício das ciências médicas»?, ou vislumbrá-los-ia Broussais, autor do *Tratado sobre a Irritação*, a que Auguste Comte alude, nestes termos: «A publicação deste importante escrito deve consolidar a glória de Broussais e fazer apreciar todo o alcance das suas concepções»?

Citei estes, como poderia citar milhares de cientistas, em todas as províncias do saber, formulando pergunta idêntica.

Não, a Natureza não dá saltos; a lei revela-se no conjunto e no pormenor, lentamente graduada. Nós damo-los, e de mortalidade, frequentissimamente.

Averiguemos, porém, noutra esfera, sem resvalar jocoso e sem deslise e discrepância de verdade. Vai ter a palavra M. G. de Molinari (*L'Évolution Politique et La Prévolution* — Paris, 1884). Este ilustre sócio-correspondente do Instituto, da capital francesa, depois de definir e realçar com demonstração de cabimento oportuno, em sete capítulos consecutivos, diz: «Como saíram as sociedades civilizadas do antigo regime e entraram na posse das instituições políticas e económicas ajustadas às novas condições de existência que lhes trouxe o advento da grande indústria? Dois caminhos podem ser seguidos para a sua efectivação e realização de semelhante progresso: 1.°, o da revolução, consistindo no reviramento violento e rápido dos governos constituídos e na sua substituição por outros considerados progressivos; 2.°, o da evolução, traduzido pela reforma do antigo regime — reforma levada a efeito consecutivamente, na hora e na proporção em que a sua urgência se faz sentir —, e empregando apenas pressão moral, quanto à opinião pública, para vencer as resistências e os preconceitos que se lhe opõem, pretendendo embargá-la».

★

A Natureza e o Homem encontram-se e dão testemunho congénere

em dois momentos decisivos de fenomenalidade culminante, mostrando-se à primeira vista desarticulados e completamente avessos a leis de equilíbrio e a normas de modalidades imanentes: os momentos de revolução que, naquela, aparentam formal desmentido ao espectáculo imponente de ordenação que nos cativa e enleva e neste conduz por vezes a sorvedoiros de represálias contraproducentes, a inquietações angustiosas e a piso escabroso de retrocesso ou recuo.

As lutas ribombantes travadas nos seios da atmosfera pejada de núvens ameaçadoras, a água caindo em catadupas vertiginosas em consórcio com o vento, inundando e alagando a terra em fúria destruidora, o abalo sísmico desconjuntando ou desagregando e abatendo em breves minutos cidades, vilas e aldeias, só deixando ruínas informes ou cinzas, quando causador de incêndios, nas posições geográficas que elas haviam ocupado, as tempestades ciclónicas avançando com cega e louca celeridade, devastando regiões inteiras e pulando de continente para continente, o horrível de quadros lancinantes, de crateras vomitando lavas, o carbonizante raio das trovoadas, de indómito ziguezaguear e de lutuoso e sangrento rasto, tudo, em resumo, que supõe e inculca libelo justificado contra a Natureza, não é mais do que luz confusa de retorno à limpidez da harmonia preexistente, inalterável, reversibilidade para imediata reposição reagente, simples depuração instantânea que não toca nem macula a essência universal. Subsiste a Lei, predominando e permanecendo em tudo, através de tudo.

De nada, é matemàticamente positivo que nada brota, o próprio zero isolado é alguma coisa para nós: uma grafia, um desenho, que o animal humano ideou na *evolução* das idades e que não copiou de parte alguma da Natureza.

Porventura sugestionado pelos cataclismos desta, descambando em ridências na continuidade, aprendeu a reagir e, em sua existência política e social, irado e revoltado, com fundamento maior e menor, imitou-lhe as expansões coléricas com desabafos similares, de índole inaquilatável e de lonjura intransponível.

As tempestades do homem, animal suplantado em recursos e aparelhamentos físicos por muitos outros melhor dotados, quer da fauna terrestre, quer da fauna alada e marítima, representaria, por maioria, noites escuríssimas de séculos perturbados e disto dá fé toda a Antiguidade Oriental, catastròficamente esfarrapada à pedrada e a ferro e fogo num delírio de alienados.

A celebrada Babilónia exemplificou o caso e ministrou alimento a expressivas tradições que lhe sobreviveram.

Ali acabou os seus dias o moço Grande Alexandre, que Diógenes não preferiu ao Sol, foco de aquecimento, de germinação e de potencialidade evolutiva na lei marcante da Vida!

Ali, como diante das Pirâmides para Napoleão, tomava corpo e perpassava a sombra de milénios repetidos.

E em ambos os locais a Arte desferia com brado triunfal a sua própria evolução em monumentos de pompa peregrina e de arrojada construção.

Estes, em solo que o Nilo banha, afrontaram o tempo e são objecto de visita para os contemporâneos. Lograrão ostentar-se, orgulhosos, longamente ainda?

O Egito singrara numa evolução singularíssima, como também é a sua escrita hieroglífica.

Em bem e outrossim em mal nos deslumbra a Evolução. Suprimi-la ou eliminá-la, com este pretexto, se isso coubera em nosso fôlego, seria reduzirmo-nos a cadáver precocemente, havendo perdido a noção de dignidade e de brio de raça.

A responsabilidade e a culpa das parcelas nocivas que ela envolve não lhe pertencem, mas ao homem que aproveita os seus produtos maravilhosos para instrumentos bélicos, armas de morticínios, arsenal de derrocadas, auxiliado pela maga e magna alavanca: a Ciência! É contudo a Ciência, em sua marcha augusta, verdadeiro sol de primeira grandeza psíquica, e ainda em formação venerando depoimento do espírito na engenhosa capacidade humana, como tal sem émulo de nivelamento em toda a escala de animalidade, muito honrada sem dúvida, pela presença da formiga e da abelha, aliás estacionárias e improgressivas, é contudo a Ciência prova e bagagem incomparável do ser de raciocínio arguto, mercê de ambas rico de opulência dominadora. E que lapso de tempo haverá decorrido desde as camadas geológicas denunciadoras da sua aurora até à Escola de Alexandria, a eloquência de Cícero e ao doutrinamento de Jesus? E desde então quanta paciência dispendida e quantas desilusões superadas até ao descobrimento do electrão e à asa do aviador, talvez prestes nos contactos de igualar as ondas sonoras e a quase inconcebível televisão?

E quanto exprime no significado aliviante da criatura portadora de malignidades eliminàveis a hábil intervenção cirúrgica, servida por incessante aperfeiçoamento de instrumental?

Entre a pedra lascada, a caverna do troglodita, a habitação lacustre e a lâmina hodierna, a sumptuosidade do Vaticano ou o colossal dos arranha-céus; entre a brutalidade do arremeço primitivo e a delicadeza dos primores da Estética; entre a cabana exposta sem resguardos aos invernos, às primaveras, aos verões, aos outonos, aos acidentes, em suma, das estações do ano e a apurada telha, o vidro impagável, o cimento armado, quantos degraus longânimos de ascenso evolutivo, quantas transições de lento esforço vitorioso?!...

São faixas ingentes da Ideia, arrebóis inextinguíveis de indução e dedução, fulgores de jóias no pensamento e no cérebro, valendo mais intrínseca do que estimativamente!

★

Está o homem, como indivíduo, sujeito a alienação mental e, como multidão, não menos fora de embriaguês de momento e arrastamento consecutivo pelos que sabem insinuar-se nos ânimos, incutir e generalizar estusiasmos, unificar e determinar vontades a seu talante. Eis argumento categórico de saltos que a natureza não dá — Ela, o universo, obedece a leis — e que são privativos da entidade, presunçosa e soberba, à custa da qual, em minuto sereno, uma fêmea, a Consciência, ditou e redigiu este conceito: *errare humanum est.*

A revolução é um erro, um crime, uma fantasmagoria inglória?

Em espírito e verdade, a *revolução* não é absoluta e abertamente incontaminável por plantas ruins e pelo disparate; mas é alva puríssima e flor de neve em cúmulos de dificuldades que dilui, em apertos acres que salubriza e em congeminências detestáveis que sacode ou varre.

A História não está emudecida a este respeito nem os anais e fastos dos povos e das nações ermos de exemplificação.

O ultra é que é vulnerável, censurável e calamitoso.

Requerem as sociedades constituídas e os homens uma terapêutica infalível: a instrução educativa, arma de guerra que não mata nem cria ferrugem e antes seduz como o lírio, emociona como a saudade, anima como o espírito.

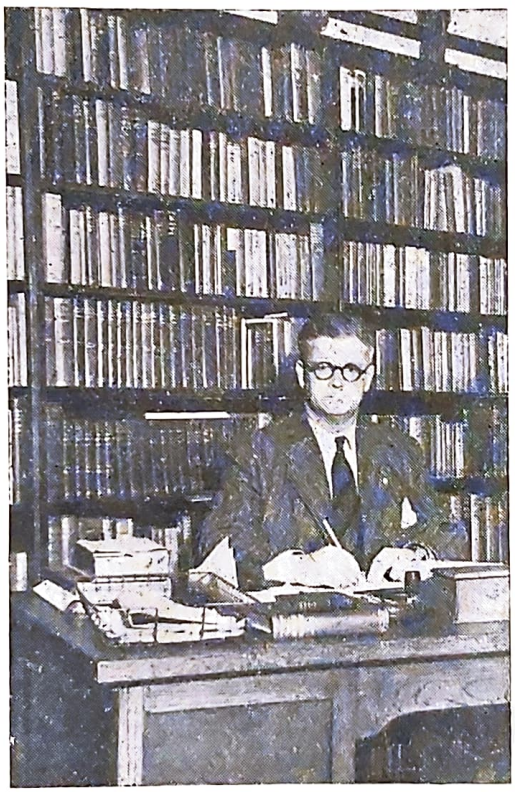
COMO EU VEJO ERNEST THOMPSON

por Frederico Duarte

DURANTE estes últimos anos, Ernest Thompson, o fundador e editor do Psychic Realm, semanário publicado em Manchester, causou uma grande sensação na Grã-Bretanha e no estrangeiro, não só nas fontes tradicionais, como em novas esferas.

De especial importância são as suas pesquisas no ambiente científico pela aplicação da electricidade no contacto com o Além.

Em Junho de 1952, Thompson e os seus cooperadores receberam os primeiros sinais inteligentes por telefone ligado a parte do circuito de um novo instrumento especial denominado «Teledyre». Thompson é o fundador da «Spirit Electronic Comunication Society», que conta com sócios, não só na Grã-Bretanha, como em muitas partes do mundo.



ERNEST THOMPSON

Tem sido um grande trabalhador em relação á educação espirita, e em 1946 fundou o «National Education Scheme», da União Nacional dos Espiritistas, contribuindo com quatro magníficos trabalhos, muito instrutivos, ou sejam, «The Teachings and Phenomena of Spiritualism», «The History and the Science of Spiritualism», «The Philosophy and Religion of Spiritualism» e «The Encyclopædia and Compendium of Spiritualism».

Está presentemente ocupado em escrever quatro novos livros, todos eles relacionando-se com o Espiritualismo Futuro, nas mudanças que se darão durante os próximos cem anos. Estes seus trabalhos envolvem uma nova Fisiologia.

Em 1942 foi nomeado editor do Two Worlds, lugar que ocupou até fins de 1952. Hoje é considerado como figura de relevo no meio espirita Internacional, sendo os seus livros muito lidos por todos aqueles que se encontram interessados na Causa Espirita.

Em reconhecimento aos seus serviços meritórios, foi considerado sócio honorário da Spiritualist National Union, em 1948. Possui diversos Certificados de Mérito, pelo seu trabalho. Há 25 anos que investiga e experimenta e durante esse tempo tem observado, por assim dizer, toda a classe de fenómenos, muitos deles na minha companhia, e falado muitas vezes em várias cidades da Grã-Bretanha. Antes de vir para Manchester, onde organizou uma Sociedade de Investigações, viveu em Newcastle e ali fundou também o Instituto de Investigações Psíquicas.

Durante o centenário do Espiritismo celebrado em 1948 em Londres, ganhou o primeiro prémio numa competição mundial, onde as melhores teses foram apresentadas, e no mesmo ano foi convidado a fazer uma conferência no Congresso Internacional dos Espiritistas, a qual versou sobre a «Comunicação Científica com o Mundo Celestial». Durante uma entrevista que tive com Thompson, disse-me ele que não está muito distante o dia em que o Espiritismo será fundado na comunicação científica com o Mundo Espiritual, causando isso uma revelação em toda a Terra, principiando uma nova era em que o materialismo será uma coisa secundária na vida social.

A comunicação científica unirá os dois Mundos e estabelecerá entre eles a «Sociedade Cósmica», onde o Espiritualismo prevalecerá para sempre.

A MATERIALIZAÇÃO

Por W. VIEIRA

Na extensa literatura espírita deparamos com numerosas classificações fenomenológicas, nas quais se procura dispor com harmonia e homogeneidade, visando determinado ângulo, característica ou conexão, os factos transcendentes enfeixados na parte científica do Espiritismo.

Ocupa lugar saliente nestas classificacões, por suas consequências científicas e filosóficas, o fenómeno dito de materialização, que consiste no aparecimento mais ou menos material (como o próprio nome indica), molecular, de algo em nosso plano de vida.

As cerebrações mais expoentes, dominantes nos muitos sectores da sabedoria terrícola, investigaram e pesquisaram os médiuns e o fenomenismo das materializações, muita vez chegando às raias do exagero, com resultados estéreis, outras vezes jorrando em catadupas os testemunhos inatacáveis do encontro da verdade imaculada e profícua.

Dentre esses estudiosos, citamos Aksakoff, Armond, Boirac, Bozzano, Bret, Crookes, Geley, Grasset, Imbassahy, Kreiman, Liebiedzinski, Lobo Vilela, Mackenzie, Maxwell, Morselli, Myers, Richet, Sckrench-Notzing e outros, em que nos baseamos para estabelecer as categorias fenoménicas da materialização, que pode ser provocada, quando em carácter experimental, e espontânea ou acidental.

Quando experimental, recebe o nome de materialização pròpriamente dita, ectoplasmia ou ectoplastia (Richet), ectoplasia (Myers), teleplastia (Sckrench-Notzing), distereose endossomática, etc., elaborada principalmente pela substância denominada ectoplasma, ideoplasma ou teleplasma.

Constitui um fenómeno tìpicamente mediúnico e apresenta-se como inanimada, quando há materialização da matéria em si, isto é, alguma coisa do reino do cristal, e animada, que se subdivide em vegetal, animal e hominal, conforme se dê com elementos destes três reinos da natureza.

A materialização hominal, a mais importante e por isso a mais procurada, pode ser de desencarnado e de encarnado. A primeira constitui a maior prova experimental, prática, da imortalidade do espírito.

A segunda pode ser alheia ou própria; alheia, quando a personalidade materializante é um encarnado, que não o médium. Quando o medianeiro se desmaterializa e rematerializa em seguida, dá-se a materialização própria. Esta última classe divide-se em actual e regressiva, tendo em vista o tempo em que se situa o médium materializado. Actual, quando seu corpo se apresenta com todos os caracteres presentes; regressiva, com feições de épocas anteriores à presente, desta ou das pretéritas encarnações.

A materialização hominal ou humana é simples, quando o desencarnado retira ùnicamente a substância ectoplásmica do intermediário, e é composta, quando, além disso, se apodera do perispírito do médium, dominando com a vontade a sua força organizadora. Tal força organizadora é do perispírito e resume a «ideia directriz» de Claude Bernard, o «impulso vital criador» de Bergson e o «dinamismo vital organizador» de Geley.

Quanto à sua integralidade, o fenómeno pode ser total, sendo completo, integral; e parcial ou semi-materialização, quando inacabado.

Quanto à sua contextura, a materialização torna-se específica, constituída de todos os pormenores reais que a identificam por completo; luminosa, emissora de luminescências variadas e vaporosas, quando rarefaciente, não específica, à semelhança de vapor.

Apresenta-se como aparente, podendo ser visualizada, apalpada; e como inaparente, impressionando sòmente as máquinas fotográficas.

Pelo seu formato, é normal ou natural, ou minúscula e plana, apresentando-se como a fotografia, com duas dimensões, largura e comprimento, recebendo aqui os nomes de simulacro plástico ou inanimado, embora pertencendo às materializações animadas.

A embriogenia deste fenómeno é trifásica: fase invisível, quando a matéria ectoplasmática não pode ser vista; fase visível, estando à vista, mas amorfa; e fase concreta, logo que comece a condensar-se.

Até agora vimos a materialização com carácter objectivo de experimentação; na sua forma espontânea toma o nome de aparição, atanatofania, visita espirita, etc., e quando há aparecimento de encarnado chama-se bilocação. Divide-se em assídua e esporádica.

Assídua — aquela em que as entidades ou suas produções ideoplásticas aparecem periòdicamente, amiúde. Muito encontradiça nos locais ditos assombrados.

Esta modalidade fenoménica é em seu todo espirita (com interferência de desencarna-

do), mas não mediúnica, nem também anímica (quando se passa sòmente com o espírito encarnado), ou mista. Os desencarnados, neste caso, saturam (quase sempre inconscientemente) o meio aparicional com seus fluidos gravitantes, facultando, assim, as manifestações com aparência corpórea e prescindindo-se da interferência mediúnica; constitui assim, um fenómeno autónomo.

Subdivide-se em individual e colectiva.

Individual — uma ou poucas entidades manifestantes. Na generalidade dos casos, os incorpóreos agentes do fenómeno são presas de dolorosos monoideísmos *post - mortem*.

Colectiva — em maiores proporções, representando uma cena de viagem, guerreira, religiosa, etc., com uma multidão de personagens. Numèricamente é bem diferente das anteriores, que são aparecimentos individuais ou em reduzido número de espíritos; a colectiva é magnificente e empolgante; uma verdadeira emersão de espíritos e coisas da astralidade.

A aparição esporádica — que ocorre eventualmente — é um tipo fenoménico mediúnico espontâneo. Subdivide-se em agenérica e agónica.

Agenérica — dos agéneres, seres não gerados, apenas possuidores de aspecto corporal.

A perdurabilidade deste tipo de aparição é bem variável, indo desde alguns minutos a muitas horas, havendo até em diversos casos contactos directos do desencarnado com o ambiente, como quem quer atender às necessidades fisiológicas.

Agónica — ocorrida no leito de morte, caracterizada por marcante efemeridade.

A visualidade das aparições de encarnado para encarnado apresentam diferenças sensíveis, razão por que se classificam como subjectivas.

JEJUM

Por ALFREDO MIGUEL

Os discípulos de João Baptista e os fariseus jejuavam frequentemente. Por isto, se escandalizavam de ver que aqueles que seguiam a Jesus e lhe escutavam as lições, não os imitavam em semelhante costume e o tinham por irrisório. O jejum dimanava de uma velha tradição dos hebreus e consistia, como ainda em nossos dias é praticado, na abstenção de certos alimentos em determinados dias e épocas do ano. Ora, Jesus, cuja missão era estabelecer o primado do espírito sobre o formalismo inócuo das tradições dos homens, não podia condescender, e muito menos impor a obediência a prescrições materiais e tradicionais. Se privações e macerações daquela ordem não modificavam as inclinações do Espírito, não destruiam nele o que havia de mau, que valimento tinham para que o Mestre as levasse a sério e as inculcasse aos seus discípulos? Ademais, não eram os fariseus tão aferrados àqueles hábitos, e não eram, ao mesmo tempo, os mais hipócritas dos homens, invalidando pela tradição os preceitos mais importantes da Lei, que são a misericórdia e a caridade com o próximo? Pois que importam ao Senhor alimentos que concorrem para o sustento do nosso corpo, ou o momento em que satisfaçamos as nossas necessidades materiais? O privar-se de quaisquer manjares na alimentação quotidiana é condicionada por demais simplista e impossível de tornar alguém melhor ou mais obediente a Deus. Contrapondo-se as formalidades que tais e traçando para os seus contemporâneos e para os pósteros o luminoso roteiro a seguir, pronunciou Jesus aquele maravilhoso «Sermão da Montanha». E quando os escribas e doutores, escandalizados, o interpelavam sobre as ninharias do tradicionalismo, viu-se que Ele, chamando mais para si a multidão, assim falou, imprimindo ênfase à sua voz: — «Ouvi e entendei: O que contamina o homem não é o que lhe entra pela boca, pois desce para o ventre e é evacuado. O que sai da boca, isso é o que macula, porque procede do coração e é daí que provêm os maus pensamentos, mortes, adultérios, furtos, falsos testemunhos e blasfémias».

Estas palavras, registadas pelos evangelistas, bem mostram que o jejum material não é absolutamente o que tem valor, razão porque nós, os espíritas, não o havemos por necessário nem o aconselhamos a ninguém. Seguramente o que aproveita à criatura é o jejum espiritual ou moral, que consiste na abstenção de pensamentos e actos culposos, em registar contra os seus maus instintos, em não se dar a excessos de qualquer natureza. Este, consoante o ensino dos Espíritos, o verdadeiro jejum, que bom fora se impusessem os homens todos os dias ...

Muitos desses fenómenos ficaram celebérrimos, principalmente as materializações humanas, nas quais o desencarnado manifestante, o medianeiro e o investigador se rivalizam em notoriedade. Caudais de tinta, montanhas de papel, mares de saliva, milhares de horas e poderosas energias foram consumidos na verificação da existência desses factos. E quantas pessoas não permanecem descrentes? Talvez a maioria dos homens.

Natura non facit saltus. Breve chegará o dia desta crença e eles se renderão à evidência, glorificando com fervor a Jesus, o Mestre Amado, a maior entidade que pisou o nosso plano, e que, depois de Lhe fazermos a pior injustiça, nos aparece demonstrando a realidade de Seus ensinos e a ansiada imortalidade da alma nas mais belas aparições a que o planeta assistiu!

Uberaba, Minas Gerais.

D'AQUÉM E D'ALÉM...

★ *Em virtude de aumentarem extraordinàriamente os anúncios de agremiações espiritas, o* Psychic Realm, *de Manchester, dará duas edições, uma para o Norte e outra para o Sul de Inglaterra.*

★ *W. H. Evans, escritor espirita inglês anti-reencarnacionista de quem temos publicado alguns artigos, encontra-se doente do coração e talvez não possa continuar a escrever.*

★ *O médium inglês Taylor Ineson deu 112 mensagens em 74 minutos, na Britten Memorial Fellowship, de Manchester, 80 por cento das quais foram aceites como verdadeiras.*

★ La Revue Spirite, *de Paris, fundada há 96 anos por Allan Kardec, encontra-se em franca actividade e recebe diàriamente grande soma de donativos destinados à propaganda e ao renascimento da Casa dos Espiritas. O número de Março-Abril regista 38 mil francos para a primeira e 45 para a segunda.*

★ *A revista inglesa* The Spiritual Healer, *dirigida pelo célebre curador Harry Edwards, aumentou vertiginosamente a sua tiragem. O 1.º número saiu em Janeiro com tiragem reduzida. O número de Fevereiro atingiu 4.000 exemplares e o de Maio 20.000! Os melhores propagandistas do Espiritismo na Grã-Bretanha têm-lhe enviado belos artigos.*

★ *Na Argélia publica-se uma revista intitulada* L'Aube Nouvelle *(A Nova Aurora), que é órgão da Aliança Universal, um grande movimento espiritualista que trabalha sob as seguintes legendas: «Conhece-te a ti mesmo e pensa por ti mesmo», «A Religião Universal será científica e a Ciência será religiosa» e «Nascer, morrer, renascer e progredir sempre, tal é a lei».*

★ *A Federação Espirita Brasileira já teve os seguintes presidentes: Marechal Everton Quadros, de 1884 a 1888; Dr. Bezerra de Meneses, em 1889 e de 1895 a 1900; Dr. Dias da Cruz, de 1890 a 1894; Dr. Júlio César Leal, parte de 1895; Leopoldo Cirne, de 1900 a 1913; Dr. Aristides Spínola, em 1914, 1916, 1917 e de 1922 a 1924; Manuel Quintão, 1915, 1918, 1919 e 1929; Dr. Gillon Ribeiro, 1920, 1921 e de 1930 a 1943; Coronel Luís Barreto, 1925 e 1926; Almirante Paim Pamplona, 1927 e 1928; Dr. Wantuil de Freitas, de 1943 até à data.*

★ *Os espiritas do Rio Grande do Sul, Brasil, estão a construir um majestoso edifício de 10 andares para a Casa dos Espiritas. O 1.º andar já está ocupado desde Junho de 1952 com a instalação dos serviços federativos. As obras do 1.º piso vão ser concluídas, bem como a parte do 2.º, onde se instalará o grande salão destinado aos trabalhos práticos e às conferências.*

★ *Acaba de desencarnar Percy Hitchcock, presidente da Direcção da Federação Espirita Internacional. Os serviços funerários realizaram-se em 16 de Abril no forno crematório de South London, sob a direcção de G. A. Williams, presidente da Marylebone Spiritualist Association.*

★ *No acto inaugural da Associação de Curadores de East Kent, na Inglaterra, estiveram presentes mais de 100 curadores. Esta associação destina-se a auxiliar a humanidade e vai organizar um quadro de curadores competentes a quem os enfermos se possam dirigir directamente. Além disso, terá uma secção de conferências e grupos para desenvolvimento das faculdades psíquicas.*

★ *A Revista inglesa* Illustrated *tem publicado grandes reportagens ilustradas acerca das curas obtidas por J. J. Thomas, «como assunto de interesse público», no dizer do cronista Peter Small.*

★ *Segundo relata Jens M. Svensden em* Two Worlds, *de Londres, o médium americano Reverendo J. J. Dickson conseguiu obter materializações de espíritos em plena rua.*

★ *Uma associação de estudantes de medicina de um grande hospital de Londres convidou o curador Harry Edwards a falar-lhes, avisando-o de que teria de se haver com as perguntas que os sócios iriam formular. Isto era uma espécie de repto que Edwards aceitou imediatamente, pedindo que lhe dissessem o dia, a hora e o local. Em seguida veio a resposta: «Fica tudo sem efeito, porque os directores do Hospital disseram: «Não queremos cá esse homem!...».*

★ *O espírito do ex-presidente da Federação Espirita Internacional, de que falámos acima, deu testemunho de sobrevivência, materializando-se e falando ao ex-deputado Sidney J. Peters, através de Helena Duncan, conhecida médium de materialização.*

★ *A princesa indiana Maharanee de Chota Udepur acaba de ser salva em virtude de um fenómeno premonitório que a levou a desistir do seu lugar num «Dacota» da carreira aérea da Índia. Foi o seu secretário particular que teve a premonição do desastre e os 18 ocupantes morreram carbonizados.*

★ *De 11 a 18 de Setembro de 1954, realizar-se-á no Instituto Colonial Holandês de Amsterdão, o próximo Congresso Espirita Internacional. No alto do edifício, que tem capacidade para 850 lugares, flutuará uma bandeira com o emblema daquela Federação.*

★ *A União Social Espirita de S. Paulo está a proceder ao cadastro de todas as organizações existentes no território do Estado inspirada na doutrina espirita ou patrocinadas por organizações espiritas, a fim de estabelecer um plano de auxílio a essas colectividades.*

★ *A Federação Municipal de Santiago de Cuba e a Comissão pró-180.º Congresso Nacional Espirita homenageou Marti, herói cubano que foi um grande defensor das ideias espiritualistas e a quem se deve uma conferência notável intitulada «La Influência del Espiritismo sobre el Estudio de las Ciencias en general».*

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

TELEPATIA ANIMAL

De *La Revue Spirite*, de Paris, extraímos o seguinte: «Já referimos nestas páginas o interesse que nos suscita a obra do Dr. Fernand Méry, da Academia Veterinária de França, intitulada «Ames de Bêtes» (Almas de Animais). Lemos com a maior atenção as recordações e observações que esmaltam suas páginas emocionantes. Eis um facto eloquentíssimo (pág. 162) relatado e comentado pelo autor:

«Um amigo meu, chamado às colónias onde vivia, deu-me um dia a guardar um gato que ele criara desde pequenino. Durante um ano não me deu notícias, mas certa manhã recebi a seguinte carta:

«Você tem o direito de me chamar ingrato e de me não responder. Mas na noite de 10 de Outubro tive um estranho pesadelo... Vi em sonho o gatinho que lhe dei com a cabeça envolta em ligaduras e a agarrar-se e cair ao longo das minhas janelas. Este sonho estúpido perseguiu-me duas noites. Escreva-me algumas linhas, diga-me que me releva o silêncio e sobretudo livre-me de remorso».

«Precisamente nessa noite de 10 de Outubro — acrescenta o Dr. Fernand Méry, — o gato que o meu amigo esquecera morria de meningite em minha casa, com a cabeça envolta em ligaduras geladas.

«Coincidência? Telepatia? Não sei. Nada conheço de ocultismo. Conto simplesmente esta história verdadeira aos que vêem para além do amor dos animais, aos que têm o raro privilégio de entrever na ciência o confuso abismo destas coisas desconhecidas».

Telepatia — pergunta o autor — Porque não?

Depois, na pág. 213, ao analisar no animal certas percepções semelhantes às nossas, escreve:

Quem sabe se a simpatia e a antipatia não serão, até certo ponto, um fenómeno deste género: o inconsciente que ressurge de recordações acumuladas, a cristalização súbita de uma memória, em associação com os elementos insuspeitos de outra vida?».

«Também dizemos: *Porque não?* Estes animais de que muitas vezes desdenhamos e que fazemos sofrer, não estão muito próximos de nós e até, por vezes, superiores a nós?... Temos a convicção de que, na escala dos seres criados, eles despertarão através do sofrimento e progredirão até à consciência humana. Isto é que explica que, pela sua inteligência e pela sua sensibilidade enternecedora, estejam tão ligados aos que os sabem observar, compreender e amar». (Sulyac).

Concordamos plenamente com os comentários de Sulyac. E se não houvesse exemplos aos milhares, muitos deles anotados e comentados —Ernesto Bozzano dedicou-lhes uma grande monografia e Raoul Montandon um livro que temos entre mãos — os factos da nossa observação nos diriam que a psique não é exclusiva do homem e que se estende aos animais.

ELES VOLTAM...

O *Psychic Realm*, de Manchester, publicou em 2 de Abril uma interessante notícia ligada ao nosso colaborador Frederico Duarte e que passamos a transcrever:

No dia 11 desse mês, o sr. Walter Brookes dirigia uma sessão na *South Manchester Church*, quando deu algumas mensagens de identificação reconhecidas como verídicas pelos seus destinatários. Assim, dirigindo-se a uma senhora, deu-lhe nomes e endereços de amigos do País de Gales, além de uma comunicação no dialeto desta região, em que se descrevia pormenorizadamente o lugar onde ela tinha passado a juventude. Voltando-se para outra assistente, descreveu uma senhora atropelada por um veículo em Smedley Lane, Cheetham, próximo do Hospital onde foi conduzida e no qual morreu devido ao ferimentos.

Momentos depois o sr. Bwokes perguntou se havia ali alguém que falasse uma língua estrangeira e lembraram o nosso amigo Frederico Duarte. Ao ouvir a voz deste confrade, o médium replicou: «É esse senhor. Está aqui um jovem com uniforme da R. A. F. e de caqui. Dizem que é Ken Thorpe e mencionaram Clarendon Road. Agora vem além outro e mostra-me alguns homens que fazem vinho de uvas. Eis o que ele me pede neste momento: «Diga-lhe que a casa onde eu vivi tinha o n.º 5. Há afinidade entre este número e a Líbia. Ele sabe quem eu sou».

Frederico Duarte respondeu que seu filho e Ken haviam sido companheiros na Escola de S. Crisóstomo, em Clarendon Road, e que o número 5 referido a Líbia tinha cinco letras, assim como esta palavra, e que em 5 de Junho de 1942 seu filho morrera naquela região. O médium disse então que os rapazes exclamavam «Gabriel! Gabriel!».

— Isso é o nome de meu filho! — disse F. Duarte.

O médium ficou um tanto embaraçado, ao ouvir falar em língua estrangeira.

O nosso colaborador achou natural que seu filho se juntasse a amigos portugueses. Gabriel visitara Portugal duas vezes com seus pais e tais visitas coincidiram com o tempo das vindimas, isto é, quando as uvas estavam prontas à colheita.

O filho de Frederico Duarte voltou para dizer a seu pai que a morte é uma falácia. A vida, sim, essa é a grande certeza do espírito imortal.

CRUZADA DOS MILITARES ESPIRITAS

O *Poder*, de S. Paulo, insere uma notícia auspiciosa relativa à Cruzada dos Militares Espiritas (núcleo de Itú), que passamos a transcrever:

«Com a presença de altas autoridades civis e militares de Itú e com assistência que superlotou o salão «Maestro Elias Lobo», foi solenemente instalado o Núcleo de Itú da Cruzada dos Militares Espiritas».

«Participou no acto uma caravana espiritualista da Capital, chefiada pelo coronel Ari Lopes, como representante do General de Divisão Armando Nestor Cavalcante, que não pôde chefiar a caravana, por se encontrar há meses em trata-

mento médico. Porém, Sua Ex.ª enviou aos cruzados e espiritas de Itú uma longa mensagem de encorajamento, que foi lida no começo dos trabalhos. Foi também recebido um longo telegrama de cinco generais do exército: Jordano Sovins, Pedro Pinho, Celso Veloso, Leónidas Cordeiro e Miguel Costa.

«Abriu os trabalhos o capitão Amantéa, que falou acerca das práticas evangélicas. Depois, falaram: o Capitão José Alves Branco, sobre o papel da Cruzada nas guarnições militares; o coronel Ari Lopes sobre o papel do Espiritismo na transformação da humanidade; o Major Levino Cornélio sobre um tema igualmente interessante; o 1.º Tenente José Gregório do Nascimento, presidente do Centro Espirita de Itú, que discordou de vários aspectos do Espiritismo, dizendo que não deve confundir-se com a «Linha de Umbanda» e «Macumba», e D. Luiza, esposa do capitão Luís Branco, que falou sobre a mulher no ensino do Evangelho».

Digam lá se o Espiritismo não está alicerçado em rocha firme! Ante semelhante progresso, de que vale o coaxar das *Novidades* e seus acólitos?...

OPERAÇÃO ESPIRITUAL?

A *Revista Internacional do Espiritismo,* de Matão, publica uma carta do sr. Luís Pisapio, residente em Penápolis, a narrar um facto extraordinário que lhe aconteceu.

«Há cerca de três anos — diz ele — vinha eu sofrendo horrívelmente do estômago, sem poder tomar alimento e bastante desanimado. Cheguei ao ponto de planear meio violento para acabar com o sofrimento. Em meados de Outubro do ano passado (não me lembra o dia), pela madrugada, em sonho ou em estado de vigília, vi aproximar-se do meu leito, de avental branco, um vulto em que reconheci o Dr. De Cunto, médico operador já falecido, que residiu nesta cidade durante muitos anos. Na sua companhia notei a presença de uma enfermeira. Percebi então que me introduziam um aparelho na boca e me atingiu o estômago no qual senti um corte. Senti também cheiro de éter e o contacto na garganta de ferramentas cirúrgicas. Em seguida mostraram-me um pedaço de carne esponjosa que julgo me tivessem extraído do estômago.

«Não tenho palavras para traduzir com perfeição o quadro a que assisti, mas estou convencido de ter sofrido uma operação feita por médicos do Além. Ao despertar, fiquei impressionadíssimo. Eu segui então muito cansado para o meu trabalho e sinto-me completamente restabelecido. Demorei mesmo a relatar este facto, para ter, primeiro, a certeza da cura. Devo declarar que fui sempre contrário ao Espiritismo, mas esse acontecimento veio provar que a minha cura não resultou da ciência terrestre e sim da intervenção de entidades médicas espirituais. Pode V. fazer desta carta o uso que entender e para melhor esclarecimento estou ao seu dispor, na Avenida Cunha Sintra, 1.127».

Embora sem elementos que habilitem a detido exame, o que aí fica é edificante, tal a sinceridade que se desprende da carta do sr. Luís Pisapio, que nem sequer é espirita e por isso não deve ter sido sugestionado, quer por leituras, quer por sessões em que a falta de iluminação induz em erro muitos assistentes ignorantes.

A revista citada acredita na fidelidade do relato e termina com estas palavras aprovativas: «Razão teve Kardec quando afirmou: «O Espiritismo caminhará com os homens, sem os homens e apesar dos homens».

MATERIALIZAÇÃO À LUZ DO DIA

Two Worlds, agora em Londres sob a direcção do abalizado jornalista e escritor Maurice Barbanell, fundador do *Psychic News* e do *Psychic World,* conta o caso de uma forma inteiramente materializada vista por seis pessoas numa estrada e em pleno dia. Extraiu o relato do orgão da *Sociedade Americana de Investigações Psíquicas,* no qual o antigo coronel polaco George Grobicki diz que no princípio da última guerra estacionou com os seus oficiais numa grande casa perto da fronteira alemã e que ele e mais cinco discutiam a declaração de guerra e a invasão germânica, quando notaram a presença de um estranho que escutava atentamente a conversa. Era um homem idoso de barba aparada e vestido à moda antiga. E quando o olharam fixamente, tirou o chapeu e perguntou:

— É realmente guerra?

Disseram-lhe que sim, ao que ele obtemperou:

— Então é tempo de me ir embora.

E desapareceu.

Depois, Grobicki perguntou ao despenseiro quem era aquele homem e este respondeu que ninguém ali vivia com tal fisionomia e semelhante vestuário. E mostrou-lhe a fotografia de um antigo dono da casa, perguntando:

— Esse homem era parecido com este cavalheiro?

— Certamente — escreve Grobicki —. Era o estranho que estivera em frente de nós.

O dispenseiro dizia que a aparição do espírito anunciava alguma desgraça. De facto, à noite foram obrigados a abandonar a casa, que os alemães incendiaram, depois de matarem o proprietário.

«Até hoje — escreve Grobicki — não encontrei explicação plausível para aqueles acontecimentos e, contudo, devo acreditar na aparição do velho, a qual é mais interessante ainda por se ter dado em pleno dia na presença de seis pessoas».

Há muitas provas que só podem ser autenticadas pelo testemunho de quem as presenciou. Para nós, elas não têm menos valor do que certos factos metapsíquicos, sobretudo quando se trata de pessoas responsáveis. Bem sabemos que há tendência para o cepticismo ao ouvir narrar cenas deste quilate, em virtude de não serem normais ou parecerem abrogar as leis da natureza. Mas a história da humanidade é feita da mesma forma e todos a aceitam como a coisa mais verdadeira do mundo. Porque usar diferentemente nesta conjuntura, chamando ilusão ou alucinação ao depoimento sensato de pensadores, cuja obra literária ou científica é aceita sem apriorismo? Um astrónomo, um físico, um matemático, é tido como sábio em seu departamento e todos se curvam à sua passagem, dizendo ou pensando que vai ali um benfeitor da humanidade. Mas se ele, com igual proficiência, fizer declarações semelhantes às do coronel Grobicki, os néscios aumentarão e crescerão, berrando que o sábio é um tolo como eles. Onde estará a raiz deste fenómeno psicológico? É que a ciência oficial ensinou a ver o que está para lá dos olhos e que, na maioria dos casos, não vai além de uma polegada. O que está para cá... (marco a distância em relação ao espírito) não tem valor ou não merece atenção. Pobre ciência e pobre humanidade que fecham os olhos para não ver e, quando vêem, ainda duvidam do que lhes impressiona os sentidos!

CONFRADE E AMIGO

Depois de ler o teu exemplar de «Estudos Psíquicos», oferece-o a um amigo, para que a ideia circule em benefício de muitos.

Notas & Comentários

UM FILME NOTÁVEL

Vamos ter brevemente em Lisboa um filme japonês de estranha feitura que na Exposição Cinematográfica de Veneza obteve o prémio «Leão de São-Marcos», galardão supremo ali concedido. Trata-se de um tema arrancado à tragédia grega e posto em cena por Akira Kurosawa, que arrancou, por sua vez, o prémio de melhor realizador de 1951, que lhe foi conferido pelo National Board of Review Motion Pictures.

Segundo o sr. H. Y. Henderson, que deu as suas impressões aos leitores da Light, de Londres, o filme narra um crime de morte, cujas testemunhas discordam em seus depoimentos, feitos ante um magistrado que se viu embaraçado para apurar a verdade. O articulista disse que nunca viu a mediunidade encarada tão sinceramente em peliculas cinematográficas e aconselhou os espiritas a que fossem ver, para se certificarem.

Uma das testemunhas é um «morto» que pela boca de um médium conta toda a história, reconstituindo o crime de forma convincente e declarando que se tinha suicidado. O depoimento foi aceite como coisa vulgar e natural.

O Ler, de Lisboa, diz que é um trabalho profundamente humanista e que é impossivel não sermos tocados por tão grande intensidade dramática. No fim de contas, o filme, que se intitula «Rashomom», envolve uma tese de alta transcendência que vale a pena estudar.

CENÁCULO DE DEBATES

A Centelha, de S. Paulo, dá-nos a notícia da organização do «Cenáculo de Debates Espiritualista Francis Cândido Xavier», uma sociedade civil cujas finalidades são as seguintes:

Realizar a assembleia de fundação em 2 de Abril de 1953, data do nascimento do seu patrono; estudar os Evangelhos; desenvolver a mediunidade; cultivar a metapsiquica (fenómenos fisicos e materialização de espíritos); formar um quadro de pregadores.

O número de sócios será de 33, que formarão o Conselho-Director, e todos os anos no dia 2 de Abril será eleita a Comissão executiva, composta de presidente, secretário e tesoureiro.

O Cenáculo admitirá um sócio-correspondente em cada município do Brasil e cinco em cada Estado.

A joia ou inscrição será de 1.000 cruzeiros para os 33 membros do Conselho-Director e de 500 para os sócios-correspondentes. Quanto às mensalidades, serão de 100 cruzeiros mensais para os primeiros e de 50 para os segundos. A joia de admissão poderá ser paga em cinco prestações mensais.

O Cenáculo receberá filiação de sociedades congéneres.

O encarregado do expediente é o sr. Orestes Carlini, da redacção de A Centelha, Rua Filipe de Oliveira, 21, 4.º andar, S. Paulo, que fornecerá todos os elementos necessários.

Não atinamos com as razões que levaram os organizadores desta colectividade a intitulá-la «Cenáculo de Debates». A palavra debate dá ideia de discussão violenta, de altercação, de agitação, e certamente o fim é muito outro. Achávamos melhor «Cénáculo de Estudos», pois é estudo o que se pretende.

Devemos ter a maior prudência nos títulos a usar, para não dar ideia diferente daquilo que em verdade se cultiva.

Fazemos votos pelo bom êxito da tentativa.

SONHO PREMONITÓRIO

O Clarim, de Matão, Estado de S. Paulo, publicou uma carta do sr. Bruno Mancini relativa a curioso sonho premonitório que passamos a relatar.

Em 10 de Janeiro, seu filho de 8 anos foi atropelado por automóvel e esteve quatro dias inconsciente. Contudo, salvou-se, embora com a perna esquerda amputada na altura do joelho. Quatro dias antes do acidente, o sr. Mancini teve em sonho a revelação do sucedido. Sonhou que estava em frente de casa, quando um avião que distribuia folhetos caiu no solo, dentro do seu quintal. O avião desaparecera totalmente e ficou um corpo coberto com uma manta, no qual reconheceu o filho completamente nu, com dois golpes no corpo e fisicamente morto. Levantou o rapaz e verificou o latejar violento do coração, certificando-se de que ainda vivia. Chamou seu irmão Mário Mancini, que residia ali perto e pediu-lhe insistentemente que fosse de automóvel buscar o Dr. Enio, a fim de correrem ao Hospital. Nesta confusão despertou o missivista, que ficou muito pensativo com o sonho.

Quatro dias depois ocorria o desastre com todos os pormenores que lhe haviam sido revelados, menos o do avião. E o sr. Marcini conclui:

— O sonho foi profético, uma revelação espirita, o que acho importante pela sua veracidade, mesmo porque na ocasião do desastre fui eu que peguei na criança. Ao verificar que vivia, chamei meu irmão e fomos no nosso carro à procura do Dr. Enio. Vi, portanto, toda a cena do desastre que se deu em frente de minha casa, Rua Luís Cunha, 379, em Presidente Prudente, às 8 horas da tarde. Facto interessante: meu filho não sentiu qualquer dor durante a convalescença».

POMPA ESTÉRIL

Em telegrama de Sevilha, o Diário de Pernambuco publicou a seguinte mensagem elucidativa:

«SEVILHA, 11 (U. P.) — O cardeal Pedro Segura, em artigo publicado pelo orgão diocesano local, critica o costume de render homenagem a pessoas mortas, acentuando que isso é ineficaz. E acentuou: «Algumas oferendas de flores com que são cobertos os ataúdes nada significam para as almas desaparecidas. O que é preciso são boas acções». O moderno costume de oferecer flores e render homenagens civis ou militares aos féretros é mundano, segundo o cardeal, pois o que realmente importa é o descanso das almas dos mortos. Afirma ainda que toda essa pompa é improdutiva, inclusive o minuto de silêncio e os prantos de rigor».

Congratulamos-nos com o facto de um sacerdote católico fazer tais referências a usos que nada significam para aqueles que partiram. Sim, o que importa são as boas acções e essas mesmas, no fundo, só beneficiarão os seus praticantes. Os «minutos de silêncio» são práticas respeitosas, mas nem sempre correspondem a emissão de auxílio espiritual.

Noticiário

35.º SORTEIO DE LIVROS

Realizou-se mais um sorteio de livros espiritas — o 35.º — em benefício dos necessitados, que muitos são, infelizmente, em comparação com os poucos recursos de que dispomos. Se o aumento dos subscritores dependesse dos nossos votos, estamos certos de que encheriam esta página. Mas há o livre-arbítrio, factor de grande importância na vida de relação, e esse nem sempre guia os homens para os caminhos da fraternidade.

Desta vez foram distribuídos os seguintes prémios:

«Nos Umbrais do Além» — Leonel Gomes Pinto, de Malange, Angola.

«Luz no Caminho»—Major Aldemiro Nunes Correia, de Velha Goa, Índia Portuguesa.

«Pierino Gamba» — D. Carlota Valério da Silva, de Lisboa.

«Cientismo e Espiritismo» — D. Zahira Pereira de Melo, de Lisboa.

Aos contemplados, as nossas felicitações.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 8 de Abril último, o nosso confrade António Martins, ex-correspondente desta revista em Pointe-Noire, realizou uma notável conferência na nossa sede, sob o título «O Espiritualismo Através dos Tempos», ouvida por numerosa assistência, que enchia por completo as salas do Centro. O conferente começou por referir-se aos hindus, egípcios e outros povos da Antiguidade Oriental, afirmando que, nesses tempos recuados, já possuíamos grande soma de conhecimentos de ocultismo, sabendo utilizar-se das forças subtis da Natureza. Citou os mártires do Espiritualismo que na Idade Média se viram perseguidos e queimados pela Inquisição — só porque os seus conhecimentos colidiam com as ideias rotineiras e os interesses mesquinhos da época. Citou Jordano Bruno, esse autêntico *revolucionário* no campo das ideias. Passando aos tempos modernos, referiu-se à importância dos fenómenos de Hydesville para o estabelecimento do Espiritismo que Allan Kardec soube codificar numa obra de gigante.

Foi um belo trabalho, uma síntese admirável que deixou em todos a melhor impressão.

No dia 9 do mesmo mês, o nosso confrade Ramos Pereira realizou também uma conferência subordinada ao título «Aurora de uma nova Fé». Mostrou que o Espiritismo nos dá uma fé nova baseada no raciocínio, enquanto a fé vulgar se baseia em dogmas que o entendimento humano não compreende.

Presidiu a este trabalho o 1.º tenente Isidoro Duarte Santos, secretariado por António Cardoso e pelos directores do «Laboratório de Estudos Metapsíquicos Professor Charles Richet», Drs. Ramiro da Fonseca e Luís de Avelar.

ANTÓNIO J. TRINDADE

A bordo do vapor italiano «Conte Grande», chegou no dia 18 de Maio a Lisboa, vindo de S. Paulo, o grande pioneiro espirita António J. Trindade, nosso representante na capital paulista e director da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém e da Sopa dos Pobres do mesmo nome, que já deu mais de um milhão de refeições. Era esperado no cais da Rocha de Conde d'Óbidos por algumas pessoas de família e pelo nosso director.

No dia 19 seguiu de automóvel para o norte de Portugal, em visita a sua família.

António Trindade tem desenvolvido uma acção admirável em prol do Espiritismo, principalmente nas colunas da sua importante revista *Alvorada de uma nova Era*, cuja direcção teve que abandonar, em virtude da lei brasileira excluir os estrangeiros da direcção de publicações.

No próximo número voltaremos a falar deste confrade e da sua obra. Entretanto, *Estudos Psíquicos* saúda-o efusivamente, fazendo os mais ardentes votos para que a sua estadia em Portugal lhe restaure as forças abaladas por muitos anos de esforço contínuo na florescente metrópole de S. Paulo.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM JUNHO DE 1953

Grupo «Irmão Rhammurthi»

2.as feiras, às 21,30, com a médium D. Maria da Glória. Dia 1, 8, 15, 22 e 29.

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos. Dia 4, 11, 18 e 25.

Grupo de Caridade «Lia»

6.as feiras, às 21,30, dirigido por António Pereira da Silva. Dia 5, 12, 19 e 26.

Grupo de Estudos «Allan Kardec»

Sábados, às 21,30, dirigido por Carlos Pereira. Dia 6 e 20.

Sessões Doutrinárias

Domingos, às 16 horas. Dias 7 e 21, com a médium D. Maria Fernanda Moreira. Dia 14, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Conferências

Dia 17, quarta-feira, às 21,30, por António Martins, intitulada «Metapsíquica e Espiritismo». Dia 28, domingo, às 16 horas, por Ramos Pereira, intitulada «Fenómenos Anímicos e Espiritas».

Fundo de Beneficência

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Manuel Rodrigues, das Caldas da Rainha, 20$00; João Pinto Muge, da Cidade da Beira, 100$00; D. Maria Mateus da Silva Dias, de Lourenço Marques, 80$00; D. Rosalina de Almeida, de Lisboa, por alma de seu marido, 100$00; José Mendes Lopes, de Venda das Figueiras, 5$00; Domingos Lopes da Silva, idem, 5$00; António Mendes Palaio, da Cumieira, 5$00; Subscrição do 35.º sorteio de livros espiritas, 150$00. Total — 505$00.

Diversos, para o Grupo de Protecção às Crianças e entregues ao mesmo ..... 212$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INACIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	53$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritsmo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	**32$00**
Erros Doutrinários, por *Júlio Abreu Filho*	18$00	
Espiritismo (O) **à luz dos Factos** pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) **Consolador, pelo** *Padre Marchal*	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos Espíritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento, pelo *Dr. O. Emboaba*	15$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		150$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magnetismo Curativo, por *A. Bué*	38$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	

	br.	enc.
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	**30$00**	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle*, A conversão espírita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espíritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Poeira da Estrada, por *Júlio Abreu Filho*	12$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Síntese do Novo Testamento, destinada aos estudiosos, por *Minimus*	25$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espírita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Incompreensão, da **Redacção**; O Espiritualismo Através dos Tempos, por **António Martins**; A História da Cruz nas Religiões, por **Isidro Indá**; Paulo Hareng, O Homem que tinha Excesso de Fluido, Tradução de **I. D. S.**; Você é Espirita?, por **Rodolfo Cavalcante**; D'aquem e D'além; Ataques Incongruentes, por **F. Noronha**; Sinagoga Espirita Nova Jerusalém; A Filosofia de Ubaldi, pelo **Dr. Sérgio Vale**; A Viagem da Insídia, por **I. D. S.**; Confundir ou Malsinar? Semana Santa, por **José Simões de Matos**; A Natureza, por **Eduardo Ferreira da Conceição**; Saúde Física, por **L. B. Castro**; Justiça e Perdão, por **Alfredo Miguel**; Uma Prova Notável; A Desencarnação de Marcel Poncin; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

DR. SÉRGIO VALE

(Ver página 178)

14.º ANO JUNHO DE 1953 N.º 6

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicado

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo		42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
Síntese do Livro dos Espíritos	12$00	
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte, nova edição	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisivel (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1953 — N.º 6

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRAFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

INCOMPREENSÃO

Um dos maiores factores de enfraquecimento de qualquer colectividade é a incompreensão dos sócios no tocante aos alvos objectivados. Pode haver dedicação, desejo intenso de colaborar; mas se faltar esse elemento imprescindível, os esforços serão relativos e precários.

Para compreender é preciso estudar. E o Espiritismo exige estudo, muito estudo, assimilação de postulados, conhecimento geral da doutrina.

Para ser espirita no verdadeiro sentido da palavra, não basta assistir a sessões práticas ou doutrinárias; é necessário estudar e meditar os porquês da existência e adquirir um aperfeiçoamento moral que justifique aquele nobre título.

Só quem conhece deve praticar. Ir para a sessão de olhos fechados, ignorando a atitude que lhe compete, é figura imprópria de estudioso. No entanto, a maioria assiste sem saber o que faz, inconsciente dos perigos ou dificuldades que rodeiam os trabalhos psíquicos. Aguardam a sessão com gulosa curiosidade e quando pressentem algo de inédito abandonam tudo para satisfazer um desejo mórbido e permitem-se o desplante de meter foice em seara alheia, criticando a seu modo o que não compreendem.

Para combater este hábito que se vai tornando em vício, só o estudo sério da questão; aliás, a comunicação das entidades espirituais não ecoará nas almas por falta de conhecimento.

Temos assistido a muitas sessões espiritas, temos ouvido muitos comentários, alguns deles inconcebíveis, denotando crassa ignorância acerca de Espiritismo e por isso as nossas colectividades deviam orientar-se no sentido da selecção, proibindo aos ignorantes as práticas transcendentes. Bem sabemos que é difícil organizar uma assistência perfeita e dar aos médiuns o ambiente requerido, para que o trabalhador seja digno do salário; mas poderemos e deveremos aconselhar os adeptos a seguir boas normas, estimulá-los e levá-los à prática de acções lógicas e necessárias.

Descurar esta faina de aperfeiçoamento é enfraquecer, é desagregar a massa, pois não se concebe um espirita que não tenha lido pelo menos as obras de Allan Kardec, que não tenha ideias formadas a respeito das leis de evolução, causalidade e vidas sucessivas. Espirita sem estes requisitos, não é espirita, do ponto de vista filosófico.

A incompreensão leva alguns a descurar a leitura e a impor ideias preconcebidas como indubitáveis axiomas. Não é a filosofia espirita baseada no consenso unânime dos espíritos superiores, mas a sua própria filosofia, condicionada e deformada. É outro erro evidente que se deve evitar, para não estabelecer confusões lamentáveis. A opinião pessoal é círculo estreito, embora contenha elementos de valor e sirva de fermento a futuras correntes que se venham a transformar em movimentos de opinião. Isso, porém, leva seu tempo, e melhor será aperfeiçoar o que já existe e satisfaz no todo ou em grande parte, do que tentar coisas novas.

Muitas vezes incompreensão é sinónimo de inconformismo e os que se opõem ao existente fazem-no sem ideia de melhorar, quando é certo que deviam colaborar sinceramente para que a doutrina resplandescesse aos olhos de todos.

Por isso nós pregamos união e coesão e gostaríamos que um Congresso Nacional cimentasse os fundamentos de novas directrizes que mais se coadunassem com as necessidades da hora presente.

A incompreensão é um grande mal de que enfermam os espiritas portugueses. É preciso combatê-la com estudo e bom senso, em vez de estimulá-la com palavras e actos negativos, geradores de enfraquecimento.

O ESPIRITUALISMO ATRAVÉS DOS TEMPOS

1.º

A Espiritualidade apresentou-se em todos os tempos como uma necessidade do homem, uma necessidade do espírito. Mas, como foi o homem levado à Espiritualidade? Como descobriu essa necessidade?

Ainda no período em que era guiado mais pelo instinto do que pela inteligência, o homem ficou espantado de verificar que pensava.

O pensamento revelou-lhe coisas estranhas. Pensava quando acordado, e sentiu que não deixava de pensar quando aparentemente morto, no sono.

O sonho apareceu como dupla vida ao homem primitivo, como produto de um ser imaterial, visto produzir-se na inconsciência da matéria. Descobriu assim a parte imaterial de si mesmo, o seu duplo ou alma.

Outros factos se deram que lhe revelaram a sobrevivência além da matéria e nela acreditou. Cede aos impulsos do coração, aos sentimentos elevados e toma interesse pelo bem comum. Abria-se o caminho para o altruísmo,

Entrou no período do feiticismo e reconheceu que era solidário com os outros seres.

Começa a actuar sobre eles. Pede justiça e vingança aos mortos e seus desideratos são muitas vezes satisfeitos.

Surgem os ídolos que encarnam, para ele, o poder obscuro da divindade.

Revelam-se-lhe forças escuras e abstractas que tem dificuldade em compreender. Essas forças serão personificadas com todos os recursos da arte que desponta. E assim nasceu a mitologia que tão alto se elevou na arte poética, tanto na Índia como na Grécia. Era o reinado do politeísmo.

Mas a inteligência progrediu, e não se contenta já com estas ideias nem com os ídolos que criara; abalançou-se a conhecer as leis da causa e do efeito dando origem a uma ascese que produz os mais altos efeitos. A Humanidade entrava assim no período da Espiritualidade.

O Espiritualismo, quase tão velho como as primeiras almas que habitaram a Terra, apareceu no mundo encoberto sob o véu do ocultismo. Foram as ciências ocultas que primeiro demonstraram a realidade de um poder superior e invisível, e que deram nascença às religiões que alentaram espiritualmente o mundo antigo.

Esse clarão que iluminou os sábios do Oriente e avançou como farol flutuante até atingir a já hoje velha Europa, era luz forte demais para que pudesse ser lançada sem reservas num mundo onde predominava a animalidade, a ignorância e o paganismo. Por essas poderosas razões, só a raros era dado conhecer os segredos que, pela alta espiritualidade alcançada, os podiam compreender, sem comprometer as sagradas leis da Natureza.

Se voltarmos nossos olhos para os recuados tempos de que a história nos fala; se evocarmos a lembrança das religiões que guiaram o mundo e se sumiram na imensidade dos tempos; se considerarmos a diversidade das crenças que dominaram e ainda hoje persistem numa grande parte da Humanidade, sentir-nos-emos presos de vertigem, ao contemplar as vias tortuosas seguidas pelo pensamento humano.

Extraordinàriamente lenta foi a evolução humana, quase limitada nesses recuados tempos, às necessidades de ordem material.

Para conhecer a senda percorrida pela inteligência humana, tanto quanto a história o permite, teríamos que descer aos insondáveis mistérios da milenária China; às criptas sombrias da Índia; aos subterrâneos dos templos egípcios e às catacumbas de Roma, para remontarmos lentamente até à meia claridade das catedrais da Idade Média, onde o Alto pensamento se refugiava, para não cegar a Humanidade que ainda não podia compreendê-lo, porque se a vista do Infinito faz tremer e desorientar as almas frágeis e débeis, fortalece, engrandece e eleva ao sublime, as almas valorosas.

As grandes religiões desses tempos revestiam-se de dois aspectos: impressionar as massas com o culto pagão e as cerimónias de estrondoso luxo, e ocultar-lhe o sentido profundo de uma ciência que ainda não podia mover-se à luz do dia.

O homem do nosso tempo pouco sabe das religiões que professaram os primeiros habitantes da Terra. Pouco nos transmitiram e quase tudo se perdeu.

Mas, se sondarmos o mistério do passado

e das suas civilizações, se passarmos por cima da lendária Atlântida e nos transportarmos à eterna China. ali vamos descobrir a mais velha civilização conhecida, e os mais remotos testemunhos que essa longínqua humanidade nos legou de suas relações com o invisível.

FO-HI, imperador da China vai para 5.500 naos, cita em seu livro «Hi-King», obra dos mais altos conceitos metafísicos, outros filósofos e outros sábios que deixaram àquelas já tão longínquas civilizações, o fruto da sua ciência e do seu saber adquiridos desde tempos imemoriais.

Veio depois Confúcio, que fez sua, desenvolvendo-a, a doutrina de FO-HI. Através dos seus ensinamentos, transparece o culto dos mortos, base de toda a religião chinesa, a garantir a milenária crença na imortalidade. É no seio da família que eles evocam os seus maiores, lhes dirigem suas orações e queimam perfumes e insensos ao mesmo tempo que imploram sua protecção.

Os Chineses, como os japoneses e todos os asiáticos, não temem a morte, porque sabem que morrem aqui, para renascer além.

Artigo de ANTÓNIO MARTINS

As concepções metafísicas de Confúcio, são continuadas por Lao-Tseu, filósofo e sábio profundo que proclama: «Quem sabe não fala; fala quem não sabe».

É através de seis estados que vão do homem simples ao sábio que se torna sábio, que ele vê a evolução do homem para Deus e conclui: o homem chegado a esse estado venceu todas as provas e sua missão terminou no coração do Sol, e o Sol não tem acção sobre ele, e é sem esforço que se mantém nas alturas povoadas de imensuráveis astros.

Passemos à Índia: Antes da época védica, o mundo possuía já muitos livros sagrados que lhe iluminavam o caminho, e quando o homem precisou de mais Luz, apareceram no momento próprio os Vedas, o Avesta e os livros do GRANDE TAO, para o conduzir a mais altos cometimentos.

Veio depois a Bíblia hebraica com a sua Lei, os seus profetas, e os seus salmos que ainda mais iluminavam o mundo.

Aparece Krisna, o grande impulsionador das crenças hindus, pregando aos incrédulos e desprotegidos da sorte, que a vida feliz ou infeliz era o resultado das obras praticadas em vidas anteriores, e que para atingir a perfeição e a felicidade, era preciso conquistar a ciência e a bondade e elevar-se na lei da caridade para Deus.

Se tua alma sorri e canta na crisálida da carne e da matéria, dizia o Mestre, tua alma está na Terra; se tua alma presta atenção ao ruído do mundo e se compraz no egoísmo e na luxúria do prazer, tua alma está na Terra, e a Terra, amigo, semeada de ilusões e de abismos, é o grande teatro da dor.

Segue-se Buda, que não hesita em abandonar a vida faustosa que a sua categoria de príncipe lhe facultava, para entregar-se à santa missão de regenerar a Humanidade, por meio de uma nova expressão da Lei.

Exilado da vida, muitos anos passou na meditação e na prece e, segundo a tradição era na solidão das florestas do Himalaia que comunicava com o Invisível, recebendo as instruções do Alto. Era uma alma já na plenitude da espiritualidade, tal como Paulo, Moisés, Joana d'Arc e Jesus.

Segundo a Lei de Buda, a causa do mal, da dor e do renascimento encontra-se concentrada no veneno do desejo.

A tolerância, o amor e a caridade planavam como virtudes e base fundamental do Budismo.

As ciências espiritualistas não foram menos cultivadas no país dos Faraós, onde os historiadores de todas as épocas iam beber os preciosos ensinamentos legados pelos sábios do mundo antigo.

O Egito, terra de gloriosas evocações históricas e das grandes narrações bíblicas, é, na verdade, um país de sonho onde a imaginação se queda muda de espanto a contemplar a grandeza das civilizações passadas.

Terra de revelações mediúnicas como nenhuma outra no mundo, ela só podia ser conduzida através dos seus grandes e inspirados profetas. O culto pagão dos deuses Ísis e Osíris, a pompa espectaculosa de que eram rodeadas as cerimónias públicas, serviam apenas para esconder os verdadeiros ensinamentos ministrados no silêncio profundo dos seus templos.

Eis a linguagem que era dirigida aos ini-

ciados: A luz que te rodeia é a Inteligência Divina. As trevas são o mundo material onde vivem os homens da Terra. Deus é o Pai. O Verbo é o Filho e da sua união sai a Vida. As almas são filhas do Céu, e a sua passagem pela Terra uma provação. Na encarnação perdem a lembrança da sua origem celeste.

Cativas de matéria, inebriadas pela vida, precipitam-se como uma chuva de fogo na volúpia, através do sofrimento, do amor e da morte onde gemem, e a vida divina lhes parece um sonho.

«Medita nesta visão: ela encerra o segredo de todas as coisas. O véu do mistério encobre a grande verdade que tem de ser limitada ao desenvolvimento da inteligência: encobrí-la aos fracos que os levaria à loucura, escondê-la dos maus que dela fariam uma arma de destruição. Que a Grande Verdade te penetre: guarda-a em teu coração, e que ela se manifeste em tuas obras. A ciência será a tua força, a Lei o teu guia, e o silêncio o teu escudo».

Foi no Egito que a Grécia se doutorou em ciências espiritualistas. Berço das letras, das artes e das ciências, a Grécia introduziu nos seus templos a doutrina secreta que Pitágoras, o inicado dos templos egípcios, ali tinha ido procurar.

Os princípios e a orientação que Pitágoras lhe imprimiu, eram os rígidos e austeros princípios da doutrina iniciática do Oriente. Ouçamos a linguagem com que eram recebidos os iniciados na Grécia:

«Ouve, dizia o Mestre, ouve a verdade que é preciso esconder às multidões e que faz a força dos santuários. Deus é único, e a divindade é eterna. Entraste com um coração puro no seio do mistério. A hora solene chegou em que vais penetrar até às fontes da Vida e da Luz. Aqueles que não tenham penetrado as maravilhas do Invisível, escondido à maioria dos homens, nunca serão filhos de Deus».

Mas como tudo tem a sua época, iam chegando os tempos em que, da lenta e prudente acção, se ia passar ao reinado da filosofia à luz do dia com o aparecimento de Sócrates, imagem veneranda e figura máxima do pensamento humano. Nascendo com a missão de revelar os princípios da doutrina secreta, recusa-se iniciar para livremente prègar por toda a parte a sua crença em Deus e na sobrevivência do espírito.

São sublimes suas teorias sobre a condição humana, sobre a morte e sobre a vida. Não é possível alcançar a verdade, diz-nos o grande Mestre, enquanto nos encontrarmos na prisão da carne. A verdade só será possível à alma, quando se libertar das masmorras da matéria.

Essa libertação só se atinge pela morte, mas só pelo raciocínio a alma atingirá a verdade. É depois da separação da alma do corpo, que ela adquire o pleno uso das suas faculdades, porque já se não encontra perturbada pela vista, pelo ouvido, pela dor ou pela volúpia, porque desligado de toda e qualquer relação com o corpo, apenas se liga ao que é, a fim de conhecê-lo.

O sistema filosófico grego, ainda hoje estudado e ensinado em todos os meios universitários do mundo, depressa galgou as acanhadas fronteiras da Grécia, indo alimentar outras terras e outras épocas que fizeram a glória das civilizações.

Mas os séculos passaram, e o homem tinha necessidade duma Fé maior. Começou a despontar no horizonte a luz do Percursor anunciado, personificado na reencarnação de Elias.

A profecia cumpria-se. João Baptista prepara o caminho de Jesus. Convida os homens à regeneração, e pelo acto simbólico do baptismo inicia-os na pureza de uma nova vida.

Culminando esse histórico momento a história do mundo, Jesus inicia a maior revolução religiosa de que há memória.

Declara-se abertamente contra a antiga Lei, e não hesita em banir preceitos que já se não adaptam à nossa época.

E o mundo assiste ao desabrochar das leis divinas do Amor, da tolerância e do perdão das ofensas, encarnando no Filho de Deus, incumbido de as ensinar e propagar, numa sociedade ainda essencialmente cruel e pagã.

Estava em marcha o movimento cristão.

(Continua)

Colecções de "Estudos Psíquicos"

Temos à venda belas colecções de Estudos Psíquicos, encadernadas em percalina azul, de 1941 a 1952. Quem desejar adquiri-las dirija-se à redacção.

A HISTÓRIA DA CRUZ NAS RELIGIÕES

Por ISIDRO INDA

(DA ASSOCIAÇÃO DE PERIODISTAS, PUBLICISTAS, ESCRITORES ESPIRITAS E METAPSIQUISTAS, DE BUENOS AIRES)

Para achar a origem da cruz e referir o seu significado simbólico-religioso, é necessário, ou melhor, indispensável, investigar na história das civilizações passadas. Tentarei fazer uma síntese.

Estudando a cultura da Índia, Caldeia e Palestina, chega-se à conclusão de que ali estão as fontes, não só do Velho e Novo Testamento, mas também algumas provas de identidade dos textos que alicerçaram a religião cristã.

A história da Índia pode dividir-se em três épocas: a pre-histórica (em que não existia a escrita) até à aparição de Vishnu Krischna, primeiro salvador divino. A data segura gura desta época foi mais ou menos doze mil anos antes de Cristo.

A segunda época (dos Vedas) começa com a aparição de Jesus Krischna, quatro mil anos antes de Cristo (Krischna é sinónimo de Cristo) e termina com a aparição de Buda (inspirado de Deus), 550 anos antes de Cristo, que dá princípio à terceira.

O hindólogo D. Barnett, no seu livro «Deuses e Herois da Índia», diz que no transcurso do tempo se formaram na Índia três seitas diferentes, uma das quais venerava Brama, outra Vischnu e outra Siva, como Deus supremo. Para unir estas seitas, um brâmane propôs que Brama, o Criador, Vischnu, o Conservador, e Siva, o Transformador, fossem três pessoas diferentes, mas um só Deus.

Logo, as três seitas adoravam o mesmo Deus. Esta ideia da Trindade em Deus (*Trimourti* em hindu) existia na Índia há três ou quatro mil anos e passou com todas as demais lendas religiosas da Bíblia (1).

Nesta época quase pre-histórica (2) predominava o culto das forças da Natureza, muito especialmente do Sol, que se observou até nos tempos védicos. Os *Vedas* (livros sagrados) receberam a forma definitiva 1.000 anos antes de Cristo.

Criaram-se então as cinco diferentes castas da Índia: *Brâmanes,* ou sacerdotes arianos; *Kschatryas,* ou guerreiros rajputanos; *Vaisyas,* ou comerciantes e proprietários tibetanos; *Sutrias,* ou agricultores aborígenes; e *Párias* ou *Tchandalás,* os excluídos das castas superiores.

Também a segunda cultura — a caldaica — atinge idade pre-histórica, pois os seus anais remontam ao ano 2.225 antes de Cristo.

Era Ur a capital da Caldeia e muito antes o havia sido Gawra, cuja idade se calcula em 5.550 anos antes de Cristo. Depois de Ur, foram Babilónia e Nínive as capitais.

Desde tempos remotíssimos, a Caldeia era refúgio dos emigrados da Índia (isto deve ter-se em conta para o objecto que se persegue).

Na Índia existiam setenta línguas diferentes (hoje, deve haver 222) e, como se compreenderá, a população caldaica, — sua colónia — recebendo continuamente imigração hindustânica, era de complexidade fantástica e pouco favorável ao florescimento literário. Além disso, esses emigrantes levaram os tesouros da sua literatura, ajustando as lendas ao seu ambiente (3).

Em Ur, segundo a *Bíblia,* vivia Abraão, o pai dos judeus, que dali passou à Palestina. Uma versão bem fundada atribui a este patriarca ou a seus ascendentes a paternidade da casta dos párias; e como esta era tratada como escrava, devido às suas péssimas condições de vida, emigraram em massa.

Passemos agora à terceira cultura, a da Palestina. Supondo, por um momento, que é verdadeira a idade que a *Bíblia* atribui à sua literatura, então o primeiro escritor bíblico, Moisés, teria redigido cinco livros, 1.400 anos antes de Cristo, ou seja, no fim da época do florescimento da literatura hindu. Mas, segundo se comprovou, esses livros são muito mais novos, foram redigidos no quinto século antes de Cristo.

Seja como for, não há dúvida alguma de que a literatura da Índia é a mais antiga e importante das três e esta única circunstância deveria chegar para reconhecer que o original, de que se copiou, não era a *Bíblia,* mas a literatura da Índia.

As últimas investigações científicas demonstram que, dos 89 capítulos dos quatro evangelhos, 80 são cópia da Vida e Doutrina de Jesus Krischna.

A Índia milenária é fecunda em lendas e algumas, por similitude, obrigam o observador imparcial a aceitá-las com o original das que apresenta o Cristianismo. Tomemos para exemplo a festa do Natal de Agni (o filho do Sol), que se comemora desde quatro mil anos antes de Cristo, na noite de 21 de Dezembro, em que o sacerdote vai à montanha e anuncia o aparecimento da Estrela do Natal que indica o nascimento do Filho de Deus.

Ao lado do sacerdote está o carpinteiro (Twasti) que prepara a Cruz Suástica, símbolo do Sol e da Verdade (esta Cruz Suástica servia naqueles tempos para produzir o fogo e recebeu a sua forma conhecida, por esta se encontrar nas centelhas que dela saem, segundo dizem. Na cavidade central da cruz que representa a matriz da mãe Maya (em hindu é Maria) produz-se uma chama e o sacerdote anuncia o nascimento do «Terno Menino Divino», salvador do mundo.

Todos os fiéis cantam jubilosamente (seriam aleluias), enquanto o sacerdote põe o menino divino num berço, abanando com um leque o «Espírito Santo».

À esquerda do sacerdote está uma vaca, cuja manteiga sagrada serve ao sacerdote para ungir o recém-nascido e à direita está o burro que leva a bebida «Soma» para o Filho de Deus. O sacerdote deita-a na chama e esta ergue-se ao céu, quando se extingue.

Então os fiéis pegam na última cena de Agni: pão e vinho como corpo e sangue do Filho de Deus. Como se vê, a celebração deste Natal não pode ser mais semelhante ao dos cristãos, que o copiaram integralmente. Deste modo chegamos a conhecer a primeira cruz empregada como símbolo religioso.

Muito antes de aparecerem as religiões primitivas, existia a superstição, que deixou profundos vestígios na humanidade, como provam as medalhas, amuletos, talismãs, etc., usados em sinal de protecção (4).

O culto dos povos selvagens era reduzido quase à conjuração dos maus espíritos e à veneração de ídolos absurdos e feitiços (5).

A ignorância era tão grande, que não tinham, ou, se tinham, era uma ideia muito vaga de Deus; todavia, nesta fase do intelecto humano, a religiosidade consistia em crer na existência de espíritos antropomorfos e zoomorfos, vingativos e maléficos.

Se dos selvagens passarmos aos bárbaros de todos os tempos, vere-

mos imperar, com pouca diferença, as mesmas ideias. Segundo a mitologia germânica, escandinava, etc., aos espíritos maléficos sucedem os duendes, gnomos, sílfides, valquírias e muitos mais. Mas onde principalmente se acentuou a crença no mundo invisível foi-nos celtas. Para os gauleses, os espíritos eram as almas dos mortos, que com eles se relacionavam, por meio dos sacerdotes. E assim chegamos, pouco a pouco, às religiões conhecidas, baseadas na sobrevivência da alma.

Na Indochina há viva crença nos espíritos e a sua verdadeira religião é dos antepassados, cujos manes velam pelas famílias e as protegem. O mesmo se dá no Japão, com a sua religião popular, o sintoísmo, que primeiramente consistia na personificação e adoração das forças da Natureza, como na Índia, donde deriva. Mais tarde estendeu-se à veneração dos espíritos dos antepassados e por último transformou-se no culto destes, oferecendo-lhes sacrifícios para seu descanso e invocando a sua protecção e auxílio (6).

Na China — o povo menos supersticioso do mundo — também está difundida a crença nos espíritos, como esteve segundo as suas religiões, entre assírios, babilónios, persas e egípcios.

Que os hebreus acreditavam na imortalidade da alma, deduz-se, entre outros dados, dos anátemas lançados por Moisés contra eles, como o atesta a *Bíblia*. O abuso que das suas práticas fizeram os áugures, os feiticeiros e as pitonisas, teve que ser refreado com a pena de morte.

Grécia e Roma, finalmente, pode dizer-se que foram o reino do Espiritismo. Assim o exprime S. Paulo, ao dizer: «todas as religiões pagãs eram apenas culto aos espíritos» (7).

Ora bem; a Roma Imperial, com sua religião pagã, administrava uma justiça que repugna aos povos modernos, tão bárbara se apresenta, pois os escravos condenados à morte eram justiçados na cruz, visto que, segundo os romanos, não mereciam a honra do punhal.

O madeiro infamante que usavam tinha a forma de um T, onde eram cravados os réus, condenados lentamente a morrer de fome.

Quando Jesus apareceu em cena a pregar uma nova religião baseada no amor a Deus e ao próximo, as castas sarcedotais hebreias que mantinham e herdavam, através da família, o poder teocrático na Palestina, sentiram-se comovidas e compreenderam o perigo imediato que as ameaçava. Daí, o seu ódio sem disfarce e a sua campanha surda para o fazer surgir como conspirador contra o Estado.

Todos nós conhecemos a perícia daqueles teólogos judeus empenhados no seu processo. Com acólitos e espias seguiam-lhe os passos, tomando nota de suas declarações na esperança de uma oportunidade, que se apresentou ao declarar que era o Filho de Deus e que os representantes do judaísmo interpretaram como a maior heresia. É logo processado; e como não se retractasse, pediram a pena de morte, que Pilatos (tetrarca e procurador dos romanos) julgava não ser aplicável por se tratar de assunto religioso, fora da sua jurisdição. Por mais que dilatasse o processo tratando de resolvê-lo sem chegar ao drama, não o conseguiu, em virtude da reacção da oligarquia sacerdotal fanática que representava arteiramente o poder religioso de um povo ignaro e turbulento. E assina a sentença de morte e o réu é justiçado na cruz, como se fosse um ladrão.

A cruz em que expirou era formada por dois lenhos cruzados em ângulo recto e na parte superior tinha cravada a legenda «I. N. R. I.», um sarcasmo que significava: «Jesus Nazareno Rei dos Judeus».

Usado este instrumento pelos antigos, como instrumento de suplício, passou à categoria de insignia e sinal da nova religião, o Cristianismo.

Assim terminou um drama e começou outro, o drama da nova religião Cristã, pois só ficaram os ensinamentos do Mestre, através de seus apóstolos, nos quatro ou cinco séculos posteriores ao seu sacrifício.

Os teólogos sucessores dos judeus, compreendendo que o poder lhes podia fugir das mãos, começaram logo a adulterá-la até a converter num sistema teológico-filosófico, inteiramente diferente.

Jesus não foi fundador de dogmas nem inventor de símbolos (8). Pelo contrário, era partidário de um culto sem sacerdotes e sem práticas exteriores, baseando a sua prédica nos sentimentos do coração (9).

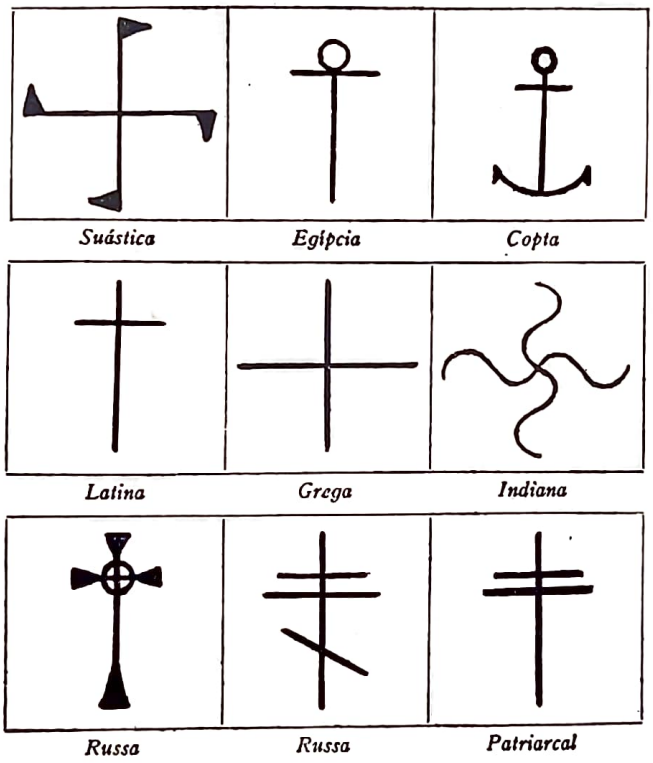
Enfim, nenhum foi tão pouco inclinado ao sacerdócio como o Nazareno, nem mais inimigo das formas que sufocam a religião, sob pretexto de protegê-la (10).

O cristianismo seduziu as almas elevadas, precisamente por ser uma religião isenta de fórmulas exteriores. De facto, nos ensinos do Mestre não há teologia ou símbolo algum. Nem mesmo escreveu livros sagrados, pois isto era contrário ao espírito da seita nascente (o Cristianismo). Os Evangelhos também só tiveram a princípio carácter particular e autoridade bem inferior à que lhe dá a tradição (11).

Como se compreenderá, a ideia central religiosa tomada como base da Bíblia nasceu na Índia — berço da civilização — passou à Caldeia, Persia, China, Babilónia, Egipto e Palestina, para chegar à Grécia e a Roma.

Os novos teólogos enfrentam-se como inimigos e as consequências não se fazem esperar. Aparecem os cismas e as seitas. O Cristianismo divide-se pouco a pouco em ortodoxos, protestantes, partidários de Jeová, etc.

O símbolo que primeiro se adoptou — a cruz gamada suástica — ca — também sofre modificações



segundo os usos que a humanidade lhe dá.

Os hebreus não a empregam como instrumento de suplício, mas depois da ocupação romana aplicou-se aos malfeitores da pior espécie.

A pena de morte na cruz usou-se no império romano até à primeira metade do século IV, em que foi abolida pelo Imperador Constantino, em honra da Paixão de Jesus-Cristo.

Nem todas as cruzes foram indistintamente usadas. Umas são peculiares de algumas ordens; outras, como a patriarcal, são próprias de certas dignidades eclesiásticas; outras, como a egípcia, são exclusivas de um país. A cruz gamada, a egípcia e a âncora são anteriores ao Cristianismo e foram reformadas desde a época românica, acrescentando-lhes diversos adornos, como a flor de liz (símbolo da virtude), frutos ou troncos (árvore da vida), espinhos, medalhões, etc.

No decorrer dos séculos foi-se estendendo este símbolo, visto que traz à lembrança um dos factos mais transcendentes da história da humanidade. Uma vez desaparecido o horror que instintivamente se reflectia nos subditos de Roma, foi transformado em objecto de culto.

Para o católico, o sinal da cruz é cheio de mistério e, segundo S. João Crisóstomo, não só se adorava em toda a parte, mas também era usado como adorno, remédio e sinal de protecção.

Na página anterior damos alguns modelos das principais cruzes usadas como símbolos religiosos, antes de Cristo.

ESTATÍSTICA DE CULTOS

Se interessa conhecer o progresso ou retrocesso desta nova religião — o Cristianismo — no decorrer dos séculos, não é menos interessante averiguar as causas. Segundo a comparação das estatísticas, uma de 1890 e outra de 1933, temos que: em 43 anos, os católicos romanos aumentaram 127 milhões; os fiéis de Brama, 55 milhões; os de Mafoma, 30 milhões; os de Brama, 55 milhões; os de Confúcio (só em 23 anos), 155 milhões; e os livre-pensadores, ateus, etc., 121 milhões.

Muitos são os comentários que podem convidar à meditação, sabendo que em todas ou quase todas as religiões do Oriente se aceita a reencarnação, uma das bases em que assenta o Espiritismo.

Outro ponto que obriga a reflectir é o facto de Charles Richet, em 1934 («A Grande Esperança»), nos informar que os budistas são 800 milhões, isto é, um terço da população mundial, e que do aumento anual da população, que é de 10 milhões, corresponde um milhão ao Ocidente e 9 ao Oriente.

A super-civilização ocidental —se assim lhe quiserem chamar— não cumpre o preceito bíblico da sua religião «crescei e multiplicai-vos» ao passo que no Oriente se observam fielmente os princípios religiosos.

Não é preciso muito esforço mental para compreender as derivações religiosas, políticas e sociais que este ritmo prepara no futuro.

E já que se mencionou o Espiritismo, farei algumas considerações. O progresso da inteligência — segundo Richet — «tem sido regular, considerado através de períodos de muitos séculos ou mesmo de centúrias de séculos. Por conseguinte, seria absurdo supor que chegou a um ponto extremo, para além do qual não pode avançar. Não se concebe que em nós resida o último grau de inteligência». E essa inteligência, ou dom que Deus nos dá, tem a missão de nos fazer progredir, investigando sem descanso em busca da verdade, ou seja, quando a dúvida exige ao ser pensante provas e razões sólidas que o fortifiquem na crença inculcada na infância, com base de fé cega.

O homem gosta de saber, mas repele às vezes o esforço mental e prefere ignorar. Inquieta menos o espírito — diz ele. Mas lembrai-vos de uma coisa: a inquietação espiritual é uma forma de progresso — a ascensão. Quem se inquieta é porque deseja libertar-se do jugo da ignorância, que mantém o ser em trevas. A luz da razão rasga o véu da fé inconsciente, para dar lugar à fé raciocinada, fruto da evolução.

Diz L. Jacoliot: «Tenhamos a fé que agradece a Deus a razão que nos deu; rechassemos a fé que transforma Deus em instrumento para sujeitar a razão».

É vulgar considerar o Oriente como reduto do atraso intelectual, do ponto de vista da Civilização do ocidente que se vangloria do seu maquinismo. Mas isto é porque no Oriente se dá prevalência às coisas do espírito.

«De vez enquando — diz Annie Besant, médica e teósofa — vemos crianças que recordam coisas do seu passado imediato, principalmente quando morreram na juventude e voltaram a reencarnar quase imediatamente. No Ocidente são mais raros estes casos que no Oriente, porque lá as primeiras palavras da criança seriam ouvidas com cepticismo e depressa perderia confiança nas suas próprias recordações. No Oriente, onde a crença reencarnacionista é quase universal, as recordações da criança são escutadas e já têm sido comprovadas».

O Espiritismo é um crisol que recebe em seu seio os que não tinham fé, por antipatizarem com todas as religiões, e os desiludidos que fogem delas. E se assim sucede é por considerar um dever sagrado repelir toda a espécie de antropomorfismo do Ser Supremo, que é contrário à lógica mais elementar.

Só assim a humanidade chegará à verdadeira religião que há no fundo de cada homem, desfigurada por imposições arbitrárias e doutrinas antiquadas provenientes de uma época infantil falha de critério.

Se o culto da verdade é a melhor religião, propagá-la será um verdadeiro acto religioso. E a humanidade, que tanto tem sofrido pela intolerância e perseguição fanático-religiosa que ainda subsiste, cedo chegará à fraternidade, quando abolir os ídolos, icones, símbolos, etc., que só servem para desunir, quando aceitar apenas um Ser Supremo e uma só família humana.

O Espiritismo veio à Terra para reintegrar esta humanidade na senda que abandonou devido às pseudo religiões. Não é uma religião mais, nem mesmo a religião do futuro, mas o futuro das religiões, como bem diz Maria Gonçalves Duarte Santos, na sua importante obra «Dois Mundos».

1, 2, 3, — Franz Griese, esteólogo.

4, 8, 9, 10 e 11. — «A Vida de Jesus», Ernesto Renan.

5, 6 e 7 — «Hipnotismo e Espiritismo», de César Lombroso.

ROSÁRIO, ARGENTINA

RELIGIÕES

As religiões são caminho de Deus e não sendas tortuosas para desancar e aviltar o peregrino. Falar em caridade com o coração em ódio é renegar o Evangelho e fazer obra de Satanás.

PAULO HARENG

O homem que tinha excesso de fluído

No mês de Outubro do ano findo, Paul Hareng comparecia no Tribunal de Orleãs, da vizinha França. Tinha que responder, acusado de exercício ilegal da Medicina. Foi o que se chama uma causa popular. Se fosse possível, centenas e centenas de testemunhas iriam depor a favor do réu. Tiveram que limitar-se a umas dezenas, mas o número foi suficiente. Todos, sem excepção, se colocaram ao lado de Paul Hareng, com o testemunho de suas curas, em muitos casos milagrosas, visto tratar-se de pessoas desenganadas por aquela Medicina que agora se voltava contra o curador.

O Tribunal, ante a série de justificações apresentadas a favor do acusado, não obstante o reconhecimento do «delito», viu-se obrigado a confessar que a sua acção não era charlatanesca nem prejudicava os enfermos. E condenou-o a uma pequena multa, reconhecendo-lhe as circunstâncias atenuantes, pelo que ficou isento de custas e selos. Paul Hareng saíu triunfante da prova e talvez com maior prestígio do que antes de se ver acusado pelos tribunais.

O SENHOR S. PAULO

Se o leitor ou leitora passaram um dia por Jargeau — aldeia do Loire, perto de Orleãs — compreenderão fàcilmente a extrema popularidade de Paul Hareng. Terão visto como em cinquenta quilómetros de redondeza as estradas estão cheias de chapas indicativas da aldeia onde vive. Terão visto como dez autocarros semanais partem de Brunoy, Montmirall, Montreau, Paris, Coulmmiers, Brou, Cosne e Ferté-Saint-Aubin e chegam a Jargeau repletos de clientes de Paul Hareng. Terão podido comprovar como a porcelana de Gien se transforma em jarras, cinzeiros, pratos, etc., para reproduzir neles a figura de Paul Hareng, volumosa como a de um Buda, iluminada por franco sorriso. E ter-lhes-ão oferecido fotografias em bilhete postal e terão ouvido que a gente já não lhe chama Paulo, mas *senhor São Paulo*...

E se pararem na aldeia ouvirão narrar as maravilhosas curas deste homem que há pouco era simples mestre-de-obras em Jargeau, onde ganhava honradamente a sua vida...

O PEDREIRO QUE DESCOBRIA MANANCIAIS

Anos atrás, Paul Hareng era homem que os lavradores de Jargeau costumavam chamar para construir uma nova casa, um palheiro ou um estábulo onde fosse preciso utilizar o cimento, o ladrilho e a telha. Ele tinha fama de bom mestre-de-obras, pois as casas que ali edificou estão direitas, como se fossem construídas ontem.

É verdade que a sua bisavó paterna havia conseguido alguns êxitos como curandeira. É verdade que ele próprio notava em si a existência de algum fluido. Mas não é menos verdade que Hareng não acreditava nessas balelas e truques de magia, preferindo ater-se à realidade do seu trabalho tão rectilínio como a prumada que utilizava para encontrar a vertical de uma casa. Com isso ganhava o sustento e com isso vivia tranquilo e feliz. Às vezes e sempre a pedido dos seus convizinhos, usava aquele fluido. Com uma vara na mão acudia a descobrir ignorados mananciais com que ele obtinha algumas quantias a somar ao que ganhava na sua profissão de pedreiro.

Deste modo, Paul era feliz. Jogava a sua partida no casino, e ali se entretinha. Mas um dia...

A DOENÇA DO MESTRE-DE-OBRAS

Um dia Paul Hareng sentiu-se doente. Consultou um médico e depois outro... Aplicaram-lhe vários tratamentos... Mas ele não se sentia bem. Não melhorava. Desalentado, uma tarde, a conselho de amigos, tirou bilhete para Fleury-les-Aubais e consultou o Doutor Menzel, director do Hospital de Psiquiatria da localidade. O doutor Menzel observou-o rigorosamente. Depois encarou o enfermo e disse-lhe:

— Pouco poderei fazer por ti. A Medicina,

neste caso, não tem remédio para o teu mal. Só um conselho. Tens demasiado fluido e necessitas de gastá-lo. Se o conseguires, melhorarás.

Com as suas palavras, o Doutor Menzel acabava de fazer um homem competente: lançava ao mundo o curandeiro Paul Hareng.

O CAMINHO DA FAMA E DA RIQUEZA

Paul Hareng pensou na sua bisavó paterna, enquanto regressava a Jargeau. Seria verdade que determinadas pessoas têm poder de curar os semelhantes, valendo-se de dons naturais? O médico não lhe dissera tanto, embora lhe mostrasse a possibilidade de curar a sua enfermidade, gastando o fluido que lhe sobrava. Era preciso experimentar. Com isso, nada perderia. E experimentou, vamos lá, sem muita convicção. Primeiro foram alguns amigos, achacados de várias doenças, os que se curaram, ante a surpresa de Paul. Depois, outras pessoas vieram, dispostas a tentar a sorte. Estas trouxeram outras e assim se expandiu a fama de Paul Hareng, que, ao terminar a Guerra Mundial, tinha a reputação feita e que ele não havia buscado. Chegaram a Jargeau novos clientes, entre eles, altos funcionários da região, que também conseguiram curar-se, contribuindo para a difusão de sua fama, que a breve trecho encheu toda a França. Aquilo excedia os limites do previsto. Paul só queria gastar o seu fuido, mas à porta da sua casa havia cada vez mais pessoas em demanda da influência benéfica deste estranho personagem. Paul tinha que tomar decisão imediata, pois que, com suas curas, só lhe ficava tempo para os trabalhos de mestre-de-obras. E tomou-a. Deixou a prumada, deixou a trolha, deixou o cimento e o ladrilho e dedicou-se inteiramente aos clientes que lhe caíam do céu. E teve que ampliar o novo e florescente negócio. A casa era pequena para albergar as pessoas que vinham submeter-se ao contacto de suas mãos e foi obrigado a construir um pavilhão com salas de espera e arranjar pessoal para atender. Hoje, Paul Hareng encontra-se à frente de uma verdadeira empresa de curas por magnetismo e imposição de mãos. Começa a trabalhar às quatro da manhã e termina às nove da noite.

«EU SOU UM CÃO SELVAGEM»

Mas Paul Hareng não endoideceu ao ter que abrir as portas a esse novo manancial — um manancial de oiro — que inesperadamente descobriu na sua vida. Sabe até onde pode chegar e nunca ultrapassa os seus limites. A qualquer coisa que lhe digam, saltará:

— Eu não faço milagres! Não sou o Todo Poderoso. Um médico é um cão sábio que conhece o que lhe ensinaram; eu sou um cão selvagem, um animal natural. Nunca curei o cancro e livrei-me muito bem de o tentar. Fazê-lo, mesmo quando se apresente na sua forma mais benigna — uma verruga — é correr o risco de torná-la perigoso, despertando-o com um choque de nervos. Se o descubro, o canceroso sai da minha consulta sabendo o caminho que percorre. Digo-lho com o maior cuidado e afirmo que nada posso fazer por ele. Tenho um dom e não uma ciência. Por isso mesmo, não há motivos para me relacionar com outros curandeiros. Seria o mesmo que se mandasse o meu cão a ver outro, para que aprendesse a localizar uma casa.

Não. Paul Hareng não endoideceu. Suas relações com os médicos são excelentes. Na sua sala de espera há um quadro com a seguinte advertência: «Consulte o médico antes de vir aqui». Alguns têm-no procurado em casos delicados e são mesmo seus clientes. Outros mandam-lhe doentes. Paul Hareng manda-lhes também os seus. Se descobre necessidade de operação urgente, aconselha o enfermo a procurar um cirurgião...

NEM RITOS, NEM DROGAS, NADA DE ESPECTACULAR

Paul Hareng cobra 5.000 francos pela primeira consulta e 300 pelas seguintes. Sem necessidade de saber muitas matemáticas, podem-se-lhe fazer as contas. Vê diàriamente mais de trezentos doentes. Assim é desde que terminou a guerra. É certo que a muitos não leva dinheiro, mas não é difícil calcular que o antigo mestre-de-obras obtenha à volta de dois milhões e meio de pesetas cada ano com essa necessidade imperiosa de gastar o seu fluido magnético.

Se o leitor o visitar, verá que nele tudo é natural. Nem ritos misteriosos, nem palavras raras, nem drogas disparatadas, nem coisas espectaculares. Passa à sala onde se misturam sexos, idades e classes sociais e ali espera que Paul Hareng o chame. Não tardará muito, porque é rápido na consulta. Calcule dois minutos por cliente. Quando chegar a sua vez entrará na sala de consulta. Paul recebê-lo-á sorridente, agradável e voluminoso. Nota-se-lhe imediatamente que o conselho do

doutor Menzel lhe fez bem à saúde. Paul tratá-lo-á por tu, desde o primeiro instante. Se voltar ali um ano depois, ele reconhecê-lo-á sem esforço. Ninguém lhe escapa à memória.

— Anda cá, bela ruiva — dirá ele, se for uma senhora madura, de cabelos grisalhos. Em seguida olhará profundamente, através das grossas pálpebras, pegará na varinha, estabelecerá contacto e nada perguntará antes de ter formado opinião.

— O médico prescreveu-te tratamento...

— Sim.

— Tens um fibroma. Já to disse?

— Já.

— Mas não é maior que uma laranja. Fá-lo-ei desaparecer em três semanas.

Depois tomará o seu pêndulo, se achar necessário, fará uns passes com as mãos e indicar-lhe-á o dia da nova consulta. Isto é tudo.

CENTENAS DE CURAS

Afinal, Paul Hareng chegará a curar?... Pergunte-o aos seus companheiros de sala-de-espera e responderão, contando mil casos em que as mãos dele conseguiram o que a Medicina não havia conseguido. Dir-lhe-ão como curou uma menina que, devido a um choque violento, ficara surda-muda. Para devolver-lhe o uso daqueles sentidos, os médicos tinham receitado um contra-choque não menos violento. Paul Hareng prodigalizou-lhe os seus passes magnéticos durante seis meses e a doente recuperou a fala e o ouvido. Contar-lhe-ão também o caso da criança atacada de paralisia infantil. A medicina decidira uma rápida intervenção cirúrgica. Dois dias depois levaram-na a Paul Hareng.

— Deixem-ma dois dias. Se, passado este tempo, nada conseguirmos, podem operá-la.

Aos dois dias indicados a criança andava. E assim centenas e centenas. Se você não tiver pressa, tomará conhecimento de mais casos. O último é o de uma cega de nascença que foi operada três vezes sem resultado. Após alguns meses de passes e contactos, a cèguinha começou a distingir os objectos.

Charlatão? Benfeitor da humanidade? Os habitantes de Jargeau não lhe admitiriam o primeiro qualificativo...

(Do semanário madrileno «7 Fechas,» de 22-2-1952).

(I. D. S. traduziu).

VOCÊ É ESPIRITA?

por **Rodolfo Cavalcante**

Se você, meu amigo, ainda gosta de missa; baptiza o seu filho; adora imagens; assiste frequentemente candoblé; *acende velas aos santos; mas odeia os seus irmãos; maltrata a sua esposa; é desonesto em seus negócios; anda mentindo; gosta de fuchicar; provoca intrigas; maltrata os seus confrades; calunia os que o ofendem; discute religião; gosta de carnaval; gosta de jogar; então, você ainda não é Espirita!*

Quem é Espirita, gosta de ler boas Obras; frequenta os Centros Espiritas; é honesto em seus negócios; não mente; não rouba; não mata; não se exalta; não se mostra superior aos outros; não odeia o seu próximo; não abandona o seu lar; não vai de manhã à Igreja e de noite ao Centro Espirita; não é adepto do «fectichismo»; não vive isolado; não despreza os humildes.

Se você ainda não pode ser Espirita, não tem importância. Você é dono da sua Consciência. Não deve aceitar uma Doutrina que não abraça. Se é Católico, aceite os dogmas da Igreja com sinceridade e siga-os como bom católico, mas não diga que é Espirita. Se é Protestante, frequente também o seu Culto com a mesma fidelidade com que a sua Consciência o aceita, mas não diga que é Espirita.

Se é Espirita, tenha paciência, não misture Espiritismo com as demais doutrinas expostas. Toda a religião é boa, quando o Espírito a segue com plena convicção. O Espiritismo não exige que alguém o aceite sem o estudo necessário. «Não se pode servir a dois senhores».

Reflicta bem. Não se diga Espirita, se ainda o não é. No Espiritismo, você tem que se definir; porque se o não for, os seus actos o denunciarão.

Não se desculpe, dizendo que gosta do Espiritismo, que gosta do Protestantismo e também da Igreja. Gostar é uma coisa e ser é outra, muito diferente.

Se você gosta, não é ainda. Defina-se, seja ou não seja. Se é Espirita, procure conhecer a Doutrina e trabalhe, enquanto é tempo, em benefício do próximo.

Salvador — Bahia

D'AQUÉM E D'ALÉM...

★ *A séca no Nordeste brasileiro assume proporções assustadoras. Famílias inteiras se dirigem para o sul, na ânsia de encontrar lenitivo para a sua tragédia. Por toda a parte reina a desolação e a fome, no dizer dos jornais que nos chegam às mãos. Os governos estaduais recorrem ao auxílio do povo para socorrer aqueles infelizes irmãos. E enquanto o socorro não chega...*

★ *O presidente Getúlio Vargas autorizou a abertura pelo Ministério das Relações Exteriores do crédito especial de 14.000.000,00 (catorze milhões de cruzeiros, catorze mil contos) destinado a auxiliar as despesas com a realização do 34.º Congresso Eucarístico Internacional a efectuar no Rio de Janeiro em Julho de 1955. O referido crédito terá vigência nos exercícios de 1954, 1955 e 1956»* (Diário da Tarde, *de 10-2-53, de Curitiba).*

★ *A coroação de Isabel 2.ª revelou curiosas relações da família real inglesa com o Espiritismo, desde a rainha Vitória aos nossos dias, apesar da coroa britânica manter e defender a religião protestante adversa à nossa doutrina. Como se sabe, dois membros daquela família receberam tratamento espiritual de Harry Edwards e um deles visitou o médium para ser tratado.*

★ *58 % da população norte-americana estão ligados às seguintes igrejas: Budismo, 73.000; Velhos católicos que não aceitam a infalibilidade do papa, 337.408; Ortodoxos, 1.858.585; Judeus, 5.000.000; católicos, 29.241.580; Protestantes, 52.162.432. Os protestantes atingem 60 % de todas as correntes religiosas. O número dos católicos inclui todos os que foram baptizados, inclusive crianças, embora não tivessem feito profissão de fé.*

★ *Eis como as* Selecções *se referem ao Espiritismo na Inglaterra: «Expande-se ali de tal forma, que a maioria dos auditórios públicos são reservados antecipadamente para realização de sessões espiritas, inclusive os grandes anfiteatros em que se utilizam alto-falantes, a fim de que o numeroso público oiça a voz dos que falam do Além». Que pena o «Novidades» não se mudar para Londres!...*

★ *Desencarnou há pouco o nosso confrade René Trintzius, escritor de talento, autor de uma dezena de romances, obras históricas e ensaios. Em 1952 publicou a última obra intitulada «Au Seuil du Monde Invisible» (No limiar do Mundo Invisível). Estudou sèriamente a Astrologia e as ciências espiritas.*

★ *O nosso correspondente em Paris, Henri Regnault, realizou uma conferência em Limoges, afirmando que o Espiritismo não é brinquedo, mas uma ciência que permite estudar as leis do post-mortem. Do outro lado — disse ele — há seres bons ou maus que «vivem» e nós continuaremos lá a nossa emulação.*

★ *A* Região de Leiria *transcreveu na íntegra o nosso artigo «O Grito das «Novidades», com que respondemos aos ataques do órgão do Patriarcado.*

★ *Durante mais de 600 anos os monarcas ingleses exerceram a cura magnética com grande resultado, desde Eduardo, o Confessor, até à morte da rainha Ana. Carlos 2.º tratou mais de 90 mil doentes, segundo informa Horace Leaf, num artigo do* Psychic News.

★ *Quando Thomas Campbell realizava demonstrações públicas de cura no* Ulster Hall, *de Belfast, o maior salão do Nordeste da Irlanda, um dos muitos sacerdotes que estavam na assistência disse: «É animador ver realizar obras divinas com tamanha simplicidade e segurança».*

★ *Segundo a* Revue Spirite, *Hannen Swaffer, o papa do jornalismo, como lhe chamam em Londres, escreveu uma série de artigos em* The People, *(O Povo), narrando as experiências psíquicas em que tomou parte e as entidades desencarnadas que se manifestaram, a começar pelo seu antigo patrão Lorde Northcliff, grande magnate do jornalismo.* The People, *cuja tiragem é de 5 milhões de exemplares, afirma que pelo menos 10 a 15 milhões de pessoas terão lido aqueles artigos.*

★ *A sessão Espirita da Coroação, realizada no Teatro Real de Drury Lane, teve uma assistência de 1.500 pessoas, que pagaram os seus lugares entre 2 s. 6 d. e 21 s. cada um, isto é, entre 10 e 80 escudos. O* Evening Standard, *que deu esta notícia, transcreveu parte do discurso de Shaw Desmond.*

★ *Também a revista* France-Soir *informa que a Rádio Nacional de Paris difundiu «Le Pêcheur d'Âmes», de André Maurois, acrescentando que a obra, adaptada à rádio por Olga Lancement, era «um conto filosófico de atmosfera estranha destinado a seduzir os amadores do Espiritismo». Seja como for, o que é preciso é estimular a curiosidade. O resto vem por acréscimo.*

★ *A sociedade «Escola de Estudos Psicológicos «Redenção», de Cuba, acaba de lançar uma revista nitidamente espirita.*

★ *Fundou-se há pouco em Buenos Aires a* Editora León Denis, *sob a direcção de Hugo L. Nale, presidente da Confederação Espirita Argentina, a qual acaba de ser inaugurada com o livro daquele confrade «La Autoeducación del Pensamento y de la Voluntad al Servicio del Espiritismo».*

★ *Num hospital parisiense realizou-se o primeiro filme a cores e em relevo de uma operação cirúrgica. A câmara tem duas objectivas que inscrevem, lado a lado, na película, duas imagens semelhantes. O aparelho de projecção, também com duas objectivas, projecta duas imagens polarizadas e levemente sobrepostas. Usando óculos coloridos e polarizados de forma idêntica à da imagem, tem-se a impressão do relevo.*

F. Noronha escreveu...

Há momentos de pasmo em nossa vida, que nos fazem duvidar do que julgamos saber, e das faculdades mentais, bem como do carácter moral de muita gente.

Atribui a insensatez de certos indivíduos ao Espiritismo uma obra diabólica, de insídia e desamor.

Como se, de facto, houvesse possibilidade de ser verificada a mancha de uma sombra, num meio iluminado pela crença no Ente Supremo, pelo respeitoso acatamento à pessoa de Jesus Cristo, pela prece e pelo exercício da mais bela das virtudes; a Caridade.

Querer introduzir na atmosfera espírita uma procedência demoníaca, que nenhum argumento sugere, de que prova alguma existe e que seria uma blasfêmia contra o criador dos mundos e do Universo, se tentássemos inventá-lo apenas; querer introduzir nesta atmosfera, de fraternidade e de paz, uma figura, sem fundamento básico, incomportável com os atributos da Divindade que nos concedeu o livre arbítrio e nos enriqueceu, no foro íntimo, com um tribunal de instâncias nossas, isento de intermediários de qualquer espécie; querer forjar uma aberração monstruosa de tal quilate é estabelecer confusão e desacerto, ser incongruente e doloso.

E que proveito, que resultado lógico nos provém para a alma, para as aspirações de nossas faculdades, para os progressos gerais da Civilização e o maior desenvolvimento da Ciência?!

Preside ao ser o próprio entendimento e a sua iniludível responsabilidade nos actos que pratica.

É escusado pretender fugir a esta, ou procurar tramas de enredo e de complicação. Em semelhante capítulo, a pureza da verdade é força máxima e garantia firmíssima.

Além de que, não seria compatível com o simples bom senso e até com a nossa dignidade proclamar cenários que não passam de fantasias ou aceitar postulados que se desmentem. A coerência e o equilíbrio impõem-se por espontânea adesão mental e o juízo crítico directo ou imediato.

Quando eu, um dia, em minha casa, a sós, não preocupado com o estado de saúde, perfeito, nem com qualquer assunto que me dissesse respeito, cerrando as palpebras, vi passar de perfil diante de mim, do meu lado direito para o esquerdo, o rosto nítido do meu dilecto amigo dr. José Maria Andrade Saraiva, que reconheci logo, quando este fenómeno se produziu, nos aludidos termos, era seu agente do demónio?

O que é o demónio?...

Já viram ou tiveram notícia de quem visse semelhante individualidade, em quem são assentes outros nomes?...

A forja do desatino tem criado fabulários de toda a espécie, extravagâncias de todas as categorias e expressões, formas e estilos de todos os quilates.

Não admira que criasse o demónio, o purgatório, o inferno, as penas eternas, a impulso de ganância, de ódio, de ciosidade, de miragem grosseira, de finalidade inconfessável! Todo este atoleiro de discrepância repugnante, improcedente com a sã filosofia, com a hermenêutica atilada e com o imperativo da razão eficiente, só é testemunho de insânia, de viciação maldosa, de baixeza de espírito, de ignorância fanática.

*

Uma senhora, minha parenta afim, num dos anos da guerra de 1914 a 1918, encontrando-se em povoação do distrito de Coimbra, e seu marido, no posto de capitão, em Paris, numa certa tarde de calor intenso, deitando-se sobre a cama, adormeceu e sonhou que o esposo chegaria à estação ferroviária próxima, antes da noite.

E acordando sob esta impressão, ordenou a uma criada que avisasse o servo, de fora, para ir àquela estação com o carro de serviço, para transportar o amo.

A criada foi cumprir a ordem, mas estando ausente o servo em outra ocupação, informou disto a patroa, que não pensou mais no caso, visto reflectir que se tratava de mero sonho, não tendo recebido carta de Paris a tal repeito. E, todavia, já entrada a noite, foi certa a presença do marido, que fora apear-se na estação de Mangualde e dali viera com um cunhado, lá residente, de automóvel, sabendo então por aquele, que lhe expedira um telegrama de França, ainda não recebido por ela.

Faleceu em Lisboa o marido desta minha parenta.

No dia em que foi o cadáver a ser encerrado em jazigo, a viúva, achando-se em companhia duma filha à porta do cemitério, manifestando a esta que o lugar ocupado pelo respectivo caixão era o que tinha na ideia para o seu, ocorreu o caso de um dos conhecidos, que acompanhara o préstito e estava a distância, sem possibilidade de outiva, ter-se deslocado, no momento, vindo dizer-lhe, que não lhe desse cuidado, porque «era fácil mudar o caixão».

Esta minha parenta, ao contar-me estas ocorrências, acrescentou: «não acredito no Espiritismo».

E fez, neste ponto, cavalo de batalha, sem embargo de ser lúcida, suficientemente ilustrada, diligente e enérgica no governo de sua casa e na administração de seus bens. Peca, porém, por teimosia, visto não saber justificar a razão por que declara não acreditar no que assim conta, sem emoção alguma.

E, entretanto, não mostra em seu ânimo a mínima antipatia ou má disposição contra pessoas de suas relações, espíritas.

Neste género regista-se em abundância relativa o número de negativistas, mas por eiva fanática e não por convencimento.

Há também grupos de indivíduos, que, supondo as sessões espíritas cenários espectaculares, procuram assistir-lhes, e conseguindo esse anseio, sem o resultado correspondente, vingam-se da desilusão, fabulando, inventando e caluniando. É claro, que tais grupos, ou antes tais indivíduos pertencem a camada moral

ATAQUES INC

inferiorissima ou a nível de ignorância, estupidez e deseducação.

Recordo-me de um facto, a este propósito, bastante expressivo e categórico.

Um rapaz, de maioridade, com o quinto ano liceal e estadia em África, passante de duas dezenas de anos, meu parente consanguíneo, leitor de William Crookes, em certo período de tempo começou a insistir comigo, para lhe proporcionar uma assistência a sessão espirita presidida por um amigo meu.

Apresentei-o a este e após breves dias, devidamente avisado, foi satisfeito o desejo do meu parente, em minha companhia.

À sessão compareceu uma dúzia de pessoas, a meia luz, sendo médium uma senhora e excedeu mais de uma hora em duração.

Correu serena e provante, retirando-nos edificados; mas, por parte do meu companheiro apenas aparentemente, pois que, logo que nos achámos na rua, percebi o seu descontentamento e desinteresse absolutos.

ONGRUENTES

O que ele esperava era alguma coisa dos contos das *Mil e Uma Noites,* de arlequinada, de circo e barraca de feira

Evidentemente, não se pode ser juiz com tais mordomos.

Isto, esta falência de senso comum e de bom senso, hemos de confessar, com desassombro e lealdade, que não se verificaria, se não houvesse dispersão e quase animadversão no seio da família espirita, onde até entidades de valor intrínseco e de preclaridade reconhecida, fogem a apresentar-se em sua qualidade, ocultando-se num anonimato pernicioso e doentio.

Medo? Vergonha? De que e porque?! Fraqueza, falaciosidade, dubieza e desequilíbrio lamentável. Classifico por este modo aqueles que demonstram falta de ânimo ou coragem para darem a conhecer com desassombro as suas convicções sinceras.

★

Antes de participar do Espiritismo e antes ainda de admiti-lo no campo científico, mesmo até antes de conhecer alguém que o professasse, nunca fiz coro com deprimentes e trocistas dos que via sentados formando cadeia em torno das mesas de pé-de-galo que, em certa quadra, abundaram nas mãos de vendedores que as apregoavam em ruas e aldeias. Cedo me educaram a acatar os meus semelhantes não ofensivos nem incorrectos e a não me intrometer onde não sou chamado.

Esta é regra de bom porte e de bom viver, que é desejável e ambicionável entre gente sensata. É por isto que me dói e lastimo todas as quebras de união que se me deparam na família espirita.

A minha compreensão de Espiritismo abrange um estado ou modalidade de existência, sem arestas e desigualdades fundas. Não sonho monotonias, francamente detestáveis, nem pessoas propriedade de outras pessoas, implicando ausência de rubor nas faces e de aprumo no carácter. Inclino-me ao *a ninguém leses, mutua serviços,* fórmulas sadias de pretérito distanciado e, muito principalmente, àquele mandato de despedida, em ceia singular, que um Mestre dirigiu a discípulos reunidos e que um destes repetiu até que lhe esfriasse a língua no céu da boca.

Amai-vos! Sim: é legado amigo e conselho paternal.

É próprio de irmãos, para irmãos, e de irmãos entre irmãos. É propriíssimo de espiritas, pelo laço fraternal que os une e identifica, pela prece que os distingue e emociona, pelo Além, região inefável que os unge, se já depurados.

Sim: não há sobre a Terra forma expressiva de tanta simplicidade e de tantíssima extensão.

Abarca o mundo ético e encerra numa síntese preclara toda a doutrina do sentimento e toda a filosofia do afecto.

Transcende espaço e tempo, conceitos e orientações.

Teria bastado à aproximação dos homens, na paz do Decálogo, se eles traduzissem no amor a Deus e ao próximo, contido nas Tábuas da Lei, o supremo título dessa aproximação radiosa e a providencial medida de sonância e amplexo entre raciocínio e de livre arbítrio.

A fatalidade não conhece mérito e demérito.

E quanto mais nos aproximarmos pela comunhão da ideia, pelo fulcro da doutrina e pela tolerância criadora de concerto e simpatia, tanto mais nos sentiremos aplaudidos pela própria consciência e mais aptos de propaganda, como exemplificação modelar.

Vêde e imitai!

Um livro corre mundo, com edições em todos os idiomas e em todos os formatos, que tem trazido ao ambiente do filho e enviado de Deus à Terra, muitos, movidos por sugestão de tomá-lo como espelho, procurando imitá-lo.

«*Da Imitação de Cristo*», é o seu título e concentra, em espírito e verdade, luz purificante, suave e doce.

E porque não triunfa, de lés-a-lés deste planeta, na aspiração das inteligências e no coração dos homens? Para que nos detemos com problemas de materialidade, sordidez e suspeição, e deixamos a linha recta, enamorando-nos de desvios tortuosos?

É assim que caiamos sepulcros por fora e os conservamos imundos por dentro. O autêntico espiritismo nauseia-se com este espectáculo, exibido por almas cegas.

É de razão e de interesse honesto, que haja esforço de contensão, espírito de unidade e directriz peremptória nos espiritas do orbe terráqueo.

Ou o são, por convencimento, ou fariseus consumados.

Não há meio termo possível. Aqui assenta a dignidade e dignificação prestigiosa da doutrina e ciência de que Allan Kardec foi verbo de ingência peregrina e nos cumpre honrar e abraçar, por brio, por lema genérico, por conclusão silogística, palpitante e irrefutável.

☆

Falecem um tanto de valorização e de atitude perdurável os meios espiritas existentes. Este facto deu-me no goto desde a primeira hora em que não duvidei do Além.

O físico é físico, o químico é químico, o astrónomo é astrónomo, o jurisconsulto é jurisconsulto, o lavrador é lavrador; cada qual em sua vocação e familariedade, pugna pela sua causa, dedica-se-lhe deveras, tem em mira o seu aperfeiçoamento, a sua ascese, a sua vitória decisiva, prontuária, alvinitente. O vestuário das ideias, o estilo da frase, o formular da hipótese, a urdidura da teoria, são exteriorizações sem uniformidade, isto é, não constituem casos de igualdade de triângulos e não obstante poderem envolver pontos de contacto e similitude verbal e gráfica, representam o produto de «cérebros» diferentes, com auto-

nomia e responsabilidade inconfundíveis.

Quer dizer: nada está fechado ao estudo, à investigação e evolução dos labores, dentro dos planos e quadros de nossas actividades mentais e artísticas ou genuinamente definidas e especializadas.

Onde o afastamento e a separação causam espanto e mesmo ruína de cômputo e prejuizo de continuidade, é em princípios formais de natureza fundamentalmente acessível.

Nós não nos enrolamos ou cravamos no arame farpado de dogmas, que brigam, à vista desarmada, com o livre-arbítrio, outorga preciosa do Ser Criador e Omnipotente à sua criatura, também adornada com faculdades, cujas concepções se elevam, em escala infinita, até Ele.

Não, repito, não nos enrolamos ou cravamos nesse arame estéril e esterilizador por absurdo.

Mas surge um lado fraco no Espiritismo, quando observamos variantes de confissão no que é fundamentalmente acessível e imperativo. Porventura o princípio de causalidade é sim e não, simultâneamente; inversivo e subversivo ao ao mesmo tempo?!

Compreendem-se disparidades ilógicas onde esplende a evidência de uma Fonte única?

Dois Infinitos cabem na razão equilibrada, ou seja na ordenação matemática do movimento, nas revoluções astrais e planetárias e nas leis imutáveis a que o Universo obedece?

Dizia-me um homem culto e amadurecido na idade, há anos, em recinto público: que confiança podem incutir espiritas que se degladiam e dividem em pontos básicos de doutrina assente?

Esse homem era diplomado universitário e espirita reflectido.

Persuado-me de que estes senões contribuem para o recuo manifesto, sofrido pelo ideal e apostolização coerente do lúcido Kardec.

Em nossa Pátria noto-o com pesar, tanto mais quanto é certo registarmos, a lume regularmente, uma das mais notáveis publicações de índole espirita, como tal aceita e aplaudida em toda a parte do globo civilizado.

Aludo, a *Estudos Psíquicos* fundação feliz de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, desencarnada esposa do infatigável irmão nosso, Isidoro Duarte Santos, seu idóneo director, proprietário e editor.

Com semelhante operário estudioso e esclarecido e com semelhante orgão de espirito e verdade, Portugal caminharia na vanguarda do Espiritismo, através do mundo, se fôramos um bloco de convicção, unidade e esforço diligente.

Não haja dúvidas a tal respeito.

Puxar cada um para sua banda é dar golpes mortais no todo homogéneo, enfraquecer-lhe levianamente a seiva vital, e facultar à crítica e à má vontade e mau olhado vil, ensejo de mordeduras.

Urge união, actividade ponderada, amplo contacto com o exterior, palestras, conferências, aproveitamento de todas as oportunidades de acção legítima e frutuosa.

Desta maneira e com este expediente procederam os discípulos do Mestre, que os mandava ensinar a todas as gentes.

E foram, partiram com entusiasmo, semearam a palavra sem receios e o Cristianismo foi colheita farta e triunfal que não se perdeu ao longo de séculos, por entre tempestades de toda a ordem, perseguições, obstáculos, malversações, ódios, insídias e calúnias.

Simplesmente o mandato de Jesus tivera eco no ânimo de alguns pescadores palestinos de redes, transformados pelo Messias em pescadores de homens.

Compenetrem-se, os espiritas dos hemisférios terrestres, do liame fraternal que os identifica, da missão de benfazer que é sua investidura, do seu ascenso cultural e experimental, assomante no destino que os afaga e encontrarão em si próprios os recursos de fortaleza moral invulnerável e nesta a prestimosa garantia de apoio e benção do Alto.

O querer — desenganemo-nos — é poder.

Preconceitos, superstições, fobias, devemos varrê-los sem quartel.

★

Um dos casos de irrisão mais original e sintomática de má fé, de crassa estupidez, de contraproducência evidente e de desiquilíbrio moral, é o daqueles que desejando amesquinhar e meter a ridículo o Espiritismo declaram e escrevem ao mesmo tempo, que são «pràticamente» leigos em matéria espirita e confessam «francamente» não estar muito interessados em estudá-la, por saberem «de antemão» que não resiste «à menor crítica científica».

Ora, realmente, atrever-se alguém a apresentar-se em colunas da publicidade com esta bagagem, é fazer exibição de estreiteza, não só mental mas de carácter.

Numa palavra, é não ter vergonha de si mesmo nem haver noção de brio e de dignidade.

Todos compreendemos que não são uniformes as opiniões, os juizos e interpretações de todas as coisas e de todos os princípios em universal.

Assim como tudo é semelhante a tudo, por igual tudo difere de tudo.

Ter a petulância, o atrevimento, o cinismo de falar mal do que não se conhece nem se quer estudar, por de antemão se saber que não resiste à menor crítica científica, é um cúmulo, anexado a uma extravagância de luminárias, de perversão e de inversão soezes.

Um defeito, ou melhor, uma deficiência ilógica retrai o Espiritismo grandemente.

Falta-lhe um elo de união formal, que aproxima e afervora nos ideais sisudos e nas aspirações coerentes.

As actividades de racional propaganda, que deviam expandir-se doutrinàriamente, mundo em fora, não coexistem intimamente entendidas, sucecendo mesmo que em vez de constituirem bloco de radiação, com finalidade idêntica de amplitude máxima, desviam-se com frequência duma linha de conduta homogénea, cavando abismos entre si, por desinteligências fúteis e inglórias.

Tudo isso destoa e desalinha numa esfera de seriedade essencial, de investigação inconcussa, de prova meticulosa e experimental, em que o ocaso não figura nem é aceite e onde o vago não tem nem pode ter cabimento.

É acima de toda a suspeita a acção e intervenção mediúnicas, nas quais a fraude não encontra atmosfera e lhe seria impossível, na hipótese de vida efémera, manter-se por qualquer forma ou processo e expediente acomodatícios.

Só é verdadeiro espirita quem vive integrado, por índole e espontaneidade, no conceito e na palavra, que há perto de 2.000 anos, em terras da Palestina, o maior iniciado e maior vidente de todos os tempos e de todas as idades, pronunciou perante os homens: *Em espírito e em verdade.*

Eis a filosofia por excelência, a suma dos Evangelhos, a lírica da Glória Eterna em verbo do Enviado.

★

A letra mata, enleia a própria evidência da simplicidade no ácume impecável.

Quando Jesus, em face da adúltera, surpreendida em flagrante delito, que a lei moisaica punia com lapidação inapelável, disse aos que lha apresentavam, sob prisão: *aquele de entre vós que estiver sem culpas, atire a primeira pedra,* não re-

correu à letra, proferiu, empregando o seu verbo, que do Alto participava, a inolvidável sentença — monumento para os séculos, em que fulge o espírito de verdade na consciência equânime e a verdade de espírito na absolvição sublime.

A letra mata. A hiprocrisia e a mentira utilizam-na e servem-se dela, como de pau para toda a obra.

Quiseram experimentar e comprometer o filho de Maria e do carpinteiro José, seu esposo, colocando-o numa situação que lhes parecia inextricavel; mas a ciência do humilde judeu, grande iniciado, penetrou a astúcia e insídia, sendo os urdidores da armadilha soez que, retirando-se e abandonando a mulher, a restituiram à liberdade.

O espírito a salvara, num lance belo de justiça plena, em que não houve atentado, nem atropelo ou desacato à legislação do povo de Israel. Vem a pêlo, desde que acabo de empregar o vocábulo — legislação —, saudar aqui a Câmara dos Comuns da Grã-Bretanha pela maneira como encarou e versou, recentemente, o projecto de lei, por ela aprovado, que eliminará, sàbiamente, das cominações penais dois bolinhos vexatórios do pretérito, já deprimentes da Inglaterra e da ciência de governo livre e consciente nos dias da actualidade.

Refiro-me ao gesto nobre e fundamentado daquela ilustrada assembleia parlamentar, no relativo a médiuns, em que a imprensa não foi muda e *Estudos Psíquicos* relatou com proficiência preclara.

Abstenho-me de me alongar no assunto, acreditando que estará o citado projecto de lei na graça do povo inglês.

A fraude mediúnica improcede como todos nós, enoja-nos e repugna-nos.

A imprensa espirita não se esquece de visar ou prevenir os incautos, e não faltam cominações repressivas nos códigos e regulamentos vigentes.

★

O que acima de tudo importa e é recomendável ao Espiritismo, como norma de vitalidade é tornar-se forte por unidade e coesão, abrir os olhos às multidões pelo espelho de factos incontroversos, aproximar-se delas sem reservas, curar da ciência sem câmara vedada, nunca fugir aos meios leigos, de presença e docência útil, em suma, é haver-se em tudo e por tudo na ambiência de seu doutrinamento, com argumentos de assimilação imediata, usar de todos os meios de espargir luz, inclusivé do cinema, da estampa e da gravura.

O Espiritismo, que conta no seu grémio cientistas de inconcussa autoridade, que possui em rasgos de benfazer e em testemunhos de assistência individual e colectiva os mais evidentes assomos de continuidade autónoma e desinteressada, o Espiritismo que, sem émulo em instituição alguma conhecida, arquiva as mais brilhantes provas de sua modalidade experimental, tem o direito positivo do acolhimento e das atenções merecidas por quantos se dedicam às causas de sã justiça e de defesa social em honra e proveito da humanidade.

Porque acusar uma instituição desta natureza, por desfastio, por sistema odiento, por vingança invejosa, por insensatez bestial?

Prescinde ela de figuras decorativas e de cerimónias escusadas. Sabe que o homem não vai inteiro à campa. Que o corpo material, abandonado no desencarnamento, entra no *humus* e obedece às leis da retorta imensa, que é a natureza, mãe comum e sorvedoiro insaciável.

Não ignora que «a alma, bem como o árabe, deixa a tenda no deserto e sobe em voo aberto, da borda da campa ao céu».

Li, já não sei quando nem onde, esta formosa linguagem poética, não mais ausente de minha retentiva e magistral no significado que a enflora.

Duvidais da existência da alma? Só vedes matéria e insensibilidade de funções ou contingências passageiras, sem tom nem som, que valham minutos de cogitação?

Toda a gama do existente não é mais do que missanga associada a papelinhos de caleidoscópio?

Será tudo aparente, fantástico, omisso de molde, de medida, até mesmo de relatividade?

O acaso é o *quia* e o *cur* biológicos das origens?

A máquina, complicada e não complicada, é o produto de si mesma?

Crescei, progredi em barda nesta série de interrogações gratuitas e dizei, por exemplo, se o relógio apareceu *ad hoc* e anda sem o alimento da corda ou de qualquer outro recurso que lhe imprima movimento.

O Espiritismo valerá por si, por favor e complacência, por exótico, por nada?

Quando procede nivela-se com vesânia?

Não há, então, verdades necessárias, axiomáticas, insofismáveis?

Cogito, ergo sum.

Esta frase do sábio e filósofo, é balofa, inexpressiva, lixo apenas?!

Acode-me à memória enfraquecida, outra frase não menos lata no sentido e não menos dilatada no complemento. Pronunciou-a um crucificado, soltando o derradeiro suspiro:

«*Pai, perdôa-lhes; não sabem o que fazem*».

Eu afirmei a certa altura do presente trabalho, que um dos casos de maior irrisão dos aspirantes a amesquinhar e ridicularizar o Espiritismo consiste na declaração que fazem de lhe serem pràticamente leigos e não estarem muito interessados em estudar a matéria espirita, por saberem de antemão que esta não resiste à crítica científica.

Disse, e o caso refina e requinta. É raça que seria capaz de crucificar o crucificado, sabendo muitas coisas de antemão e negando-as logo. É o sim e o não que um azorrague reduziria a silêncio caridoso, e mais fortifica o Espiritismo em sua áugica autenticidade.

Ele não se interrompe na marcha ovante de ciência metódica e de prova e contraprova experimental.

E agora perguntamos:

Os cientistas que honram a grei e distendem, iluminando-o com génio e arte superior, o respectivo ramo de conhecimentos que cultivam, fazem-no inconscientes e abstratos?

O ilustre médico D'Arsonvall, Léon Denis tantos espíritos de verdadeiro assombro que legaram à humanidade heranças de relevo incomparável, tão sòmente se revelaram por fobia de ignorância?!...

Só a má fé, a argúcia trapasseira, a malevolência ingénita, a inveja ciumenta, a solércia vil descem aos ultras repugnantes para vomitar e conspurcar as alvuras que os enraivecem e as virtudes que os inflamam.

O Alto, no entanto, vela do seu trono augusto sobre a miséria que assedia os perseguidos da terra.

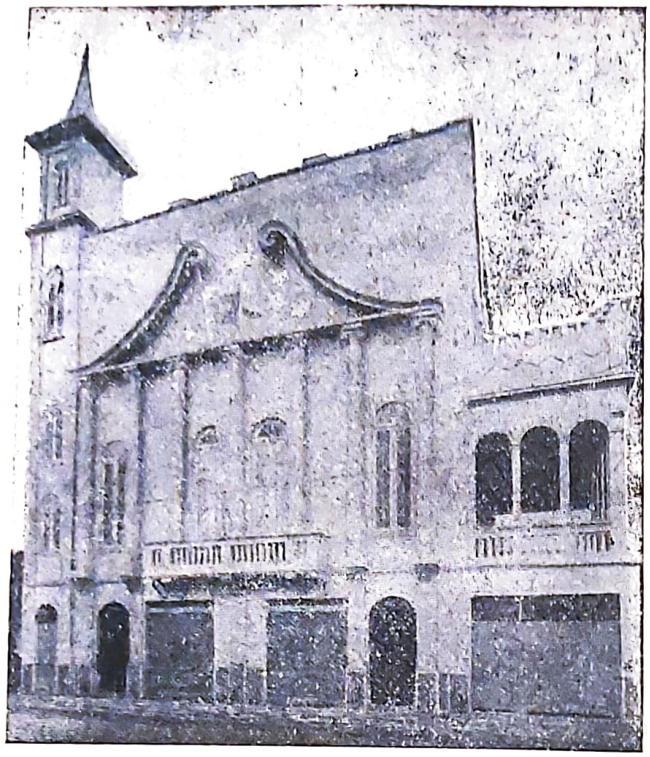
Da grimpa do além da presciência e da Suma Bondade recai o orvalho que refrigera com doçura e acalenta com amor parternal.

Elevemos as nossas preces às regiões inefáveis e fortaleçamo-nos pela crença de almas imortais, unindo-nos como irmãos dedicados, com discípulos de Kardec e como apóstolos da Caridade.

PROVÉRBIO CHINÊS

Quem cavalgar um tigre, dificilmente se apeará.

SINAGOGA E



Sinagoga Espirita Nova Jerusalém

Como dissemos no último número, encontra-se em Portugal o nosso patrício e confrade António J. Trindade, que há mais de quarenta anos exerce actividades no Brasil, onde tem realizado uma grande obra espirita, quer no campo doutrinário, quer no campo social. Profundamente objectivo em seus desígnios, promotor e realizador de empresas de grande vulto que deixam assombrados os amigos e confrades que o seguem de perto, homem tenacíssimo de antes quebrar que torcer, fundou em S. Paulo a *Sinagoga Espirita Nova Jerusalém,* com o fim de criar o Exército da Nova Era e dar à Causa soldados treinados, pregadores, escritores, orientadores, que interpretassem Kardec sem adulterações espúrias e dessem altos exemplos de civismo aos adversários da Doutrina.

Vê-se que tal programa era vastíssimo e difícil de executar. No entanto, em 1922 estava erguido o edifício, no qual se pode ver uma bela cozinha beneficente.

No rés-do-chão, dois grandes refeitórios, banheiras para os pobres, dispensa, roupparias e escola para os filhos dos sócios pobres. No 1.º andar, um salão de conferências com lotação para 600 pessoas, secretaria, gabinete do presidente, sala de directoria, salão de leitura, arquivo, biblioteca e gabinete de toucador para senhoras. O 2.º andar é a residência particular do presidente. No 3.º andar ficam os quartos do pessoal da casa e outras acomodações. Dali sobe-se para um terraço enorme, donde se contempla toda metropole de S. Paulo, desde o Ipiranga até à Penha.

Eis como *Alvorada de uma Nova Era,* de Janeiro último, se refere ao trabalho da Sinagoga:

«As sessões de trabalhos práticos e doutrinários são realizadas várias vezes por semana, segundo este curso:

«Segundas-feiras, trabalhos mediúnicos, tendo em mira a limpeza, tanto quanto possível, da atmósfera terráquea, colaborando com o Exército da Nova Era, que dirige do Espaço o nosso Planeta, tendo em mira «tirar o pecado do mundo», como disse João, ao avistar pela primeira vez nosso Mestre Jesus. Nesses trabalhos só toma parte uma dúzia de pessoas escolhidas.

«Quartas-feiras, trabalhos teóricos e práticos, a primeira parte dos quais com mira na formação de pregadores, alguns dos quais já prestam serviços à Causa. Só assistem sócios e suas famílias.

«Sábados, sessões públicas, com uma conferência por um confrade de renome sobre um tema evangélico ou espiritualista. Depois trabalhos práticos.

«Quintas e sextas-feiras são dias consagrados exclusivamente a consultas aos que recorrem aos serviços da Sinagoga, chegando a atingir 150, ou sejam mais de 1.000 consultas anuais, incluindo as que dão às quartas-feiras e aos sábados.

«Todas as semanas assistem aos trabalhos 560 pessoas, o que perfaz um número global de 30.000 por ano.

«Mantém ainda a Sinagoga Espirita a sua Cozinha dos Pobres, obra assistencial que distribuiu até hoje em S. Paulo mais de milhão e meio de refeições, pois durante alguns anos a média diária de pratos de comida e pão era de quatrocentos e cinquenta.

«Tem igualmente distribuído anuamente grande quantidade de roupas e mantimentos às famílias necessitadas. Em 1952 distribuiu, no Dia de Reis, roupas a 800 crianças, no total de mil peças, fora os enxovais destinados a parturientes e mulheres grávidas.

«Na vespera do Natal distribuiu mantimentos a seiscentas e cinquenta famílias: arroz, açúcar, feijão, batatas, macarrão, cebolas, sal, farinha de mandioca, mate, etc., que lhes permitiu passar o Natal a coberto de necessidades.

«Pela tribuna da Sinagoga passaram os confrades de maior relevo no mundo espirita paulista, como Júlio Abreu Filho, Prof. Anselmo Gomes, Dr. Ary Lex, Abraão Sarraf, Herculano Pupo, Henrique Ramos e outros.

«De dois em dois meses promove festas lítero-musicais, sempre seleccionadas e dirigidas pela professora Zelia Martorelli. Além destas, outras se realizam ali, a cargo da União Espirita Distrital Brás Belém, hoje «Lameira de Andrade».

«No Dia de Reis deste ano distribuiu perto de 2.500 peças de roupa a mil crianças, fora o grande número de enxovais a todas as senhoras grávidas ou que tinham crianças pequenas.

«Assim, durante o ano, houve na Sinagoga: 156 sessões de trabalhos práticos e teóricos; 208 sessões de consulta; 8.060 consultas gratuitas; 18.700 refeições distribuídas; 30.000 pessoas assistiram a trabalhos públicos ou particulares; 650 famílias receberam mantimentos, além do que é fornecido diàriamente; 400 pessoas receberam medicamentos gratuitos.

«Somando o número de pessoas agraciadas pelos vários sectores da Sinagoga, vemos que 59.650 pessoas foram assistidas.

«Para uma instituição que nunca teve bafejo oficial, que jamais aceitou subvenções ou coisa semelhante, do Espiritismo...».

Mas o que aqui não vem é a luta que António Trindade tem travado

SPIRITA NOVA JERUSALÉM

contra as mais variadas potências do mal, no sentido de escoimar a doutrina espírita de sérios escalrachos; os dissabores e as desilusões que o puseram à prova em muitas circunstâncias da sua vida e que ele conta em parte no seu interessante livro «Factos («subsídios para a história do Espiritismo)»; o exílio a que foi obrigado e onde retemperou as forças que lhe permitiram ampliar a obra e consolidá-la.

Há bem pouco tempo fundou uma Academia Espírita na capital paulista, destinada a ministrar cultura, não só gratuita, como ainda a fornecer todos os elementos de aprendizado, custear as despesas dos alunos e garantir-lhes os salários ou vencimentos que auferissem em seus empregos.

Agora foi aberto o *Laboratório e Farmácia Trindade* com o fim de servir os que lhe batam à porta, fornecendo medicamentos de garantia absoluta segundos os fundamentos de Hahnemann e em dinamizações adequadas a todos os casos. Além disso, dá consultas públicas na Sinagoga ou pelo correio aos que necessitam de serviço assistencial, para o que instalou um grande ambulatório médico e mediúnico, ao qual todos podem dirigir-se, bastando dizer nome, idade, endereço, mal de que sofrem ou seus sintomas e há que tempo sofrem. Através do reembolso postal, os medicamentos serão remetidos aos interessados.

Dirigiu também durante anos a bem elaborada revista *Alvorada de Uma Nova Era,* cuja acção meritória é desnecessário encarecer, tantos e tão belos serviços tem prestado ao Espiritismo. Após dois interregnos mais ou menos longos, voltou a aparecer este órgão, agora sob a direcção do nosso colaborador e amigo Dr. Amadeu Santos, em virtude da legislação brasileira não permitir que estrangeiros, incluindo portugueses, dirijam publicações. É que os portugueses têm no Brasil privilégios especiais e por isso dizemos: *incluindo portugueses.*

António J. Trindade esteve no Centro Espiritualista Luz e Amor e aqui dirigiu duas sessões mediúnicas como demonstração dos trabalhos práticos realizados na Sinagoga Espírita Nova Jerusalém. A sua cultura e dinamismo, a persuasão que põe nos argumentos da sua conversa, a facilidade de exposição, enfim, tudo concorre para que vejamos nele o propagandista eficiente dos grandes e dos pequenos momentos, pois tudo aproveita para reforçar a posição idealística e dar ao monumento erguido aspectos surpreendentes.

Há 44 anos que abandonou Portugal e ficou impressionadíssimo com o progresso da sua pátria. Nasceu-lhe então a ideia de escrever um livro dedicado aos portugueses do Brasil e das colónias sul-americanas, em que traduza as emoções sentidas através dessa paisagem luxuriante polvilhada de casinhas brancas em que seus olhos poisaram, numa viagem através do país e no qual se afirme o direito lusitano ao respeito do mundo. Se António Trindade conseguir materializar esse pensamento, muito subirá no conceito de seus patrícios. Fazer justiça é uma das maiores virtudes do homem e a verdade é que Portugal sente-se orgulhoso da metamorfose operada no sector material de suas actividades e necessita de a proclamar aos quatro ventos, concitando a atenção de turistas estranhos ávidos de horizontes meridionais. Gostaríamos de ficar devendo ao nosso amigo uma obra de tal quilate que igualaria certamente as que cimentou em terras de Santa Cruz, mercê de seu gigantesco esforço ao serviço do Espiritismo.

Que ele nos perdõe estas palavras a propósito da sua estadia em Portugal. Muito mais poderíamos dizer de um homem que trabalha sòzinho e que causa a admiração de quantos lhe vigiam as pegadas, talvez aborrecidos de não poderem fazer o que ele faz.

Ficamos por aqui, pois há obras que falam por si próprias e as palavras nada podem acrescentar-lhes. São padrões inestimáveis, são marcos que atestam esforço meritório, integrados no anseio progressivo da humanidade. A melhor propaganda é a acção permanente que delas emana e os beneficiários se encarregam de as dar a conhecer a gregos e troianos.

A *Sinagoga Espírita Nova Jerusalém* merece toda a nossa simpatia, bem como o seu idealizador e criador, a quem abraçamos neste momento, com desejos de que prossiga na sua faina desbravadora, chamando ovelhas ao aprisco e gritando a verdade do cimo dos telhados. E assim como venceu a selva para conquistar a cruz, ao cabo de martírios sem conta, que ele possa vencer a selva dos corações empedernidos e conquistar o reino do amor para todos os homens de boa vontade.

Em frente da Sinagoga a multidão espera o momento da distribuição de roupas e alimentos, pois o salão está superlotado

A FILOSOFIA DE UBALDI

— Pelo Dr. SÉRGIO VALE —
(Correspondente em S. Paulo)

Estudos Psíquicos *enriqueceu o seu quadro de redactores-correspondentes com um nome justamente apreciado nos meios científicos brasileiros, — o Dr. Sérgio Vale — que hoje inicia a sua colaboração nestas colunas.*

Natural do Estado de Minas Gerais, cidade de Juiz de Fora, onde nasceu em Junho de 1895, ali fez os preparatórios ginasiais, ali se diplomou em Odontologia pela Escola Americana O'granbery, de que foi professor de Fisiologia. Depois formou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, tendo sido eleito orador da sua turma em 1928.

Clinicou em Cambuquira (Minas), estância climática e hidro-mineral, representando-a no Congresso de Araxá, onde apresentou uma tese mandada publicar pelo governo estadual. Em seguida dedicou-se à clínica médica e à pediatria, especializando-se em oftalmologia e otorrinolaringologia. Transferindo-se para S. Paulo, ingressou, por concurso, no Departamento de Profilaxia da Lepra. No exercício dessa função elaborou muitos trabalhos sobre lepra ocular (vide bibliografia anexa ao seu belo livro espírita «Silva Melo e os seus Mistério», à venda nesta redacção.

Merece especial referência o seu livro «Subsídios para o Estudo da Lepra Ocular», de que o Serviço Nacional de Lepra mandou tirar duas edições, uma em Português e outra em Inglês («Subsidiary Studies to Leprosy of The Eyes»), obra científica que se tornou clássica em leprologia e conhecida nos leprosários do mundo inteiro.

É autor de vários ensaios literários publicados na «Revista de Língua Portuguesa» e na «Ilustração Brasileira». Escreveu uma tese sobre pedagogia: «O grafismo no Ensino da Leitura», e realizou conferências sobre o assunto na Escola Normal-Modelo da Capital de S. Paulo.

Actualmente é médico do Serviço de Centros de Saúde e começou a estudar o Espiritismo há oito anos. Sem conhecer de perto qualquer médium e sem presenciar fenómeno algum, ficou surpreendido com a leitura casual de uma obra mediúnica de Humberto de Campos, parecendo-lhe que o cronista brasileiro ressuscitava a seus olhos, tal qual o conhecera em vida. Passou então a interessar-se vivamente pela literatura metapsíquica. E quando o prof. Silva Melo, seu conterrâneo de Juiz de Fora, atacou o Espiritismo num livro grande *de mais de 600 páginas, respondeu-lhe num* grande livro, *um dos mais belos livros da nossa bibliografia.*

Eis, em síntese, o nosso redactor-correspondente em S. Paulo, que saudamos com manifesta simpatia, na certeza de que os seus trabalhos darão realce à nossa publicação. O trabalho que vai ler-se é a apresentação do Prof. Pietro Ubaldi ao Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, em 3 de Outubro de 1951.

A *Comissão pró-visita de Pietro Ubaldi ao Brasil* destacou-me para apresentar ao Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina o eminente professor, que a nossa terra hospeda carinhosamente e ouve com religiosa atenção, em conferências públicas.

É empresa difícil, porque a obra do Prof. Ubaldi se estende por alguns milhares de páginas de uma literatura original e complexa, que os homens cultos de todas as línguas, dentre os quais Einstein, Enrico Fermi, Stoppoloni, Ernesto Bozzano, etc., estão lendo e relendo, ou leram ou releram com assombro crescente.

O nosso visitante soma em si os predicados dos verdadeiros apóstolos da espiritualidade: a humildade, a modéstia, o desprendimento, a serenidade do homem realçando os dotes espirituais do intelectual, em intercâmbio metapsíquico com os planos mais próximos de Deus.

Médicos, somos naturalmente cioso de nossa ciência positiva, e com muita razão. Mas repudiamos as pretensões fantasiosas da teologia, já superadas pela filosofia racionalista. Os teólogos são muito presumidos da infalibilidade dos seus dogmas, mas desfazem na ciência experimental.

Eis o conflito, eis o divórcio, eis a maior calamidade do século.

★

Houve um biólogo, portanto uma autoridade insuspeita aos nossos pergaminhos, que se protegeu com a bandeira branca do espiritualismo e se arrogou a função humanitária de parlamentar, em busca de uma trégua, entre os combatentes. Alexis Carrel, em livro póstumo — LA CONDUITE DE LA VIE — editado por sua esposa, inspeccionou os dois sectores, o das fórmulas matemáticas dos físicos e o da filosofia medieval dos místicos, ambos usando linguagem sòmente acessível aos iniciados. E pediu que se reproduzisse, na evolução do pensamento humano, o milagre realizado na Idade Média, entre os anos de 1225 e 1274: «Entre o domínio da alma e o da matéria, afirma Carrel, não há hoje qualquer comunicação. Ninguém repetiu, para nosso uso, a tentativa em que S. Tomás de Aquino triunfantemente se empenhou para os homens do seu tempo. E, no entanto, precisamos de um universo coerente, onde cada qual possa encontrar de novo o seu lugar, onde o material e o espiritual não estejam separados, onde nos saibamos orientar».

Se Carrel tivesse lido «A Grande Síntese», de Ubaldi, que lhe foi contemporânea, *altar da esperança e da sabedoria, onde a ciência e a fé se irmanam para Deus»*, na comparação de *Emmanuel*, ou faria o requerimento em outros termos, ou teria reconhecido o aparecimento de uma tentativa semelhante à do Dr. Angélico, nos tempos modernos.

Entre a «Summa Theologica» e «A Grande Síntese», os traços de

família são evidentes, tanto no conteúdo e na finalidade dos dois livros — ética, religião e metafísica — como na semelhança e nos modos de vida dos seus autores. Ambos fugitivos do mundo, um no Monte Cassino, outro na solidão de Gubbio; ambos desprezadores e recusadores de fortunas herdadas, ambos ascetas e místicos; ambos mais amantes do anonimato do que da publicidade; ambos humildes e pacientes; ambos em diálogos misteriosos com o Cristo e os seus apóstolos; ambos escritores fecundos de livros numerosos que se completam e que versam o mesmo e preferido assunto.

Poder-se-ia suspeitar de que Ubaldi fosse, de acordo com a doutrina reencarnacionista, uma segunda edição, adaptada à ciência do tempo, de S. Tomás de Aquino.

S. Tomás, não sòmente se utilizou de seu doutorado em teologia e em filosofia, como se aformoseou com os poetas e os oradores gregos e latinos. Assimilou as teorias euclidianas e absorveu toda a obra científica de Aristóteles. Fortaleceu-se com os dois currículos — o *trivium* e o *quadrivium*, isto é, com a gramática, a retórica e a dialética, de um lado: do outro, a aritmética, a geometria, a astronomia e a música.

O mais bem dotado, física, intelectual e moralmente, dos sete filhos do conde de Aquino, o «boi taciturno» dos discípulos de Alberto Magno, adicionou o poder de sua lógica e a profundida de seu raciocínio à humildade de S. Francisco de Assis e à ciência de Santo Agostinho. Descendente dos reis lombardos, desprezou a carreira das armas, fugiu ao mundo, enamorou-se de Deus e da Igreja, não das suas temporalidades sedutoras, mas da sua essência cristã. E por isso mesmo recusou sempre todas as honrarias eclesiásticas, inclusive o papado. Com certeza ele sabia que, se o Cristo voltasse à terra, não se hospedaria no Vaticano. Podemos deduzi-lo da humildade e da pobreza de sua vida, em Jerusalém.

Essencialmente teólogo, dispôs, todavia, da ciência de seu tempo, da ciência do século XIII. Uma inteligência prodigiosa, uma memória angélica, uma sensibilidade feminina, uma faculdade mediúnica insofismável (êxtase, levitação, clarividência e clariaudiência), uma dialética habilissima e destra realizaram o resto.

Dizem os seus biógrafos que ele confessou a impotência da razão humana para abraçar o conhecimento total da Verdade Sobrenatural ou revelada, quando assim se referiu às próprias e numerosas obras: «*Não posso mais. Tudo quanto escrevi até agora me parece, ùnicamente, palha, em comparação com aquilo que vi e me foi revelado...*». Antes havia confidenciado a Reginaldo de Piperno que o Senhor lhe impusera silêncio, «*visto não poder eu mais ensinar, depois que lhe aprouve revelar-me o segredo duma ciência superior*». E esta ciência superior, pela

DR. SÉRGIO VALE

lei inexorável da evolução, sòmente os séculos nos tornariam capazes de entendê-la.

A revelação útil e fecunda será a que se compatibilize com os conhecimentos do tempo, com o intelecto humano ao qual ela é concedida, com a maturação biológica da nossa espécie. Porque, perguntamos, não à ciência materialista do século, que se ri de tudo isto — automatismo! histerismo! esquizofrenia! — mas ao *espiritualismo* dos tomistas, porque não lhe era lícito ensinar mais nada, quando poderia «fazer novos progressos na ciência e ser, como ele mesmo o disse, pela doutrina, útil aos outros»? Porque lhe foi cassada a palavra? Porque a cota de revelação destinada ao século XIII já se esgotara através da sua percepção supranormal.

★

A «Grande Síntese» é também uma revelação, reclamada «pelo momento psicológico que a humanidade atravessa», pois estamos descendo «a última fase de exaurimento — a indiferença».

S. Tomás sofreu e sofre as contingências naturais da evolução, reconhecidas pelo próprio Cristo, quando revelou aos seus ouvintes, em passagem dos Evangelhos, que muitas coisas *não* lhes seriam ditas, naquele tempo, por lhes faltar a compreensão necessária.

Quem desmente a Jacques Maritain, quando este faz o panegírico exagerado de S. Tomás de Aquino, é, por conseguinte, a autoridade suprema do Cristo: «*Saint Thomaz n'appartient pas au Moyen Âge; dans la pureté trancendant de sa métaphysique et sa théologie, il appartient à tous les temps*».

Lembremos, apenas, com relação à astronomia, que S. Tomás viveu duzentos anos antes de Copérnico (1473-1543), cuja teoria fora condenada pelo papa como contrária às Escrituras; mais de trezentos anos antes de Kepler, de Galileu e de Giordano Bruno, o qual pagou com a vida a temeridade de afirmar — eis um exemplo de revelação feita *fora de tempo* — que a terra girava ao redor do sol. O Dr. Angélico recordou e comentou toda a ciência de Aristóteles, que, embora aceitasse a noção da esfericidade da terra, não concordava, todavia, com Pitágoras, partidário dos seus movimentos.

Depois de mobilizar as cinco vias que a sua dialética entrelaça para provar a existência de Deus — o Primeiro Motor, a Primeira Causa, o Ser Necessário, o Ser Perfeito e a Primeira Inteligência — S. Tomás concluíu que «*a ciência mais alta que poderemos ter de Deus, nesta vida, é saber que Deus está acima de tudo que pensarmos a seu respeito*». Na defesa de Deus, verdade eterna, usou argumentos que são valedios até hoje. Mas a concepção do inferno, na sua escolástica, motivo de alegria e de felicidade para os bem-aventurados «*ao assistirem à inefável calamidade dos ímpios*», que foram nossos irmãos

no planeta, talvez nossos pais ou nossos filhos, não convence mais, não edifica, não espiritualiza; é contradição viva do perfil que a sua teologia mesma nos tracejou do Ser Perfeito, cuja essência e cuja existência se confundem. Do Deus que não *foi*, nem *será:* do Deus que é — *Ego sum qui sum.*

Quanto a nós, seres em evolução, de essência e existência precárias, contingentes, finitas, cada experiência nos esclarece melhor, cada século nos ilumina mais, vivendo como vivemos, contínua e progressivamente, rodopiando no turbilhão dos mortos vorticosos. A «Grande Síntese» lembra que «a *sapiência não se acha no passado, mas no porvir*». Ubaldi, ou a «Voz» que por ele fala, não diverge de S. Tomás: infunde-nos, porém, uma esperança, quando nos promete: «*A Divindade é um princípio que ultrapassa os vossos limites conceptuais, mas que espera: espera a vossa maturação para se vos revelar*». Esta linguagem entendem-na até os positivistas que tomaram conhecimento da evolução geral.

Um Ser infinitamente sábio não pode ignorar que o homem é um ser finito, em evolução morfológica e espiritual num pequenino planeta, também preso às mesmas leis da evolução.

★

Outro bilogista notável — Lecomte du Nouy — de cujas obras já se tiraram dezenas de edições nos Estados Unidos e na França e fez reiteradas tentativas para espiritualizar a ciência, deste modo denunciou o divórcio e a necessidade da conciliação: «O homem terá sempre suspeitas de que procuram enganá-lo. Importa, pois, dar-lhe uma explicação racional e, principalmente, mostrar-lhe que, entre os factos da ciência e a religião, não pode haver divergências». Se, para se tornar religioso e acreditar no supranormal, o homem do século exigisse provas cabais e objectivas, à maneira de S. Tomé; se lhe fosse exigido o desprezo das noções que lhe entraram pelos sentidos, dos princípios e das leis que a experimentação lhe propiciou, jamais o rebelde se converteria à espiritualidade. «*Se a ciência é realidade substancial* — diz a «Voz» de Ubaldi — *como poderá estar fora da síntese? E como pode ser descurado o aspecto ético da vida, se também é realidade substancial?*».

E a humanidade padece as consequências desse doloroso dissídio, como os filhos inocentes as loucuras e as incompreensões dos pais desavindos. As obras de Ubaldi estão em dia com todas as conquistas científicas de nossa era. São dignas de vós, senhores médicos, da vossa ciência experimental, da biologia, da psicologia e da psiquiatria, em que sois eminentemente entendidos, embora numa proporção que não alcance ainda os cem por cento. Elas não adversam nem contradizem o fenómeno que por acaso observeis e que possais dominar completamente; não impugnam as vossas conclusões, das quais vos seja possível oferecer todas as provas de convicção. Ao contrário, não sòmente lançam mais luz sobre o que sabeis, como vos iluminam o roteiro do futuro.

A nossa profissão não precisará de renegar os princípios sobre os quais assentou o seu grandioso edifício: a nobreza inalienável da célula nervosa, a função politécnica da célula hepática, o plebeísmo da célula conjuntiva, o papel policial dos fagócitos, os diálogos inteligentes dos actos reflexos e o cabedal de experiências arquivado pelos reflexos condicionados.

Se algumas tinturas de bilogia, da biologia de forma, nos podem arrastar fàcilmente ao materialismo; se o bisturi do cirurgião se gaba de não encontrar o espírito, não podendo dissecá-lo como o faz, por exemplo, com o nervo ciático, em toda a sua longa extensão, a biologia integral — de substância — costuma imitar Copérnico e Darwin, os dois maiores revolucionários do mundo, costuma render-se espontâneamente à ideia de Deus que, quanto mais despojado pela ciência de artibutos antropomórficos, mais avulta e esplende nas esferas infinitas, como no-lo provou, dialèticamente, S. Tomás de Aquino, no século XIII, e como no-lo assegura agora, cientificamente, A «Grande Síntese», de Pietro Ubaldi.

Foi o que aconteceu também com a biologia de Pasteur, de Claude Bernard, de Lecomte du Nouy e de Alexis Carrel, para nos referirmos sòmente aos que gostaram de filosofar em voz alta, quando trocavam os seus laboratórios pelo ambiente das academias ou da literatura. E porquê? Porque, se a alma humana não se lhes apresentou na platina do microscópio ou nos tubos de ensaio, a célula — uma célula qualquer, a mais modesta e rudimentar, uma simples bactéria perdida nos limites entre o reino vegetal e o reino animal — desafiou-lhes todas as presunções de *fenómenos* observadores de outros *fenómenos,* com os segredos do seu *élan* vital, «*a fuga electrónica de um raio de sol que se tornou beleza e alegria, sensação e consciência*».

Se o biologista Pasteur, como o confessou pùblicamente na memorável sessão da Academia Francesa, em 1882, ao ser recebido por Renan, se prosternava humildemente «diante do infinito», o astrónomo Copérnico e o matemáttico Einstein dobraram os joelhos ante o mistério divino da vida celular, que se tornou possível quando o «Espírito de Deus se movia sobre as águas», na linguagem simbólica da «Génese», coincidente com a teoria evolucionista.

Nada mais contraditório do que uma ciência acorrentada aos elos das causas e dos efeitos, dos quais vive e sobre os quais medita, mas que não admite, nem como hipótese, um móvel de natureza psíquica — a «razão superior», de Einstein — para um fenómeno psicológico. Se o efeito físico da bile pressupõe a causa física do fígado, também o efeito imponderável, invisível do pensamento, que se realiza sem alteração do metabolismo e sem aparente consumo de energia, não se pode contentar com a só materialidade do instrumento da célula nervosa. Esta é, apenas, o piano... Se é lógico o raciocínio que ao efeito orgânico e objectivo adjudica uma causa da mesma natureza, não será igualmente lógico o juízo que exige, para um efeito imaterial *qualquer coisa mais* do que o instrumento imaterial que apenas *possibilitou* a manifestação subjectiva?

★

A filosofia de Ubaldi alcançou a unidade de tudo em Deus, harmonizando os contrários e as dualidades. É uma síntese maravilhosa, uma observação global do mundo e dos homens, uma visão de conjunto que desfaz o equívoco multimilenário entre o espiritualismo e o materialismo. Suas obras são aquele desejado presente do céu pelo qual suspirava o sonho de Renan, no seu cepticismo de deísta e de humanista desapercebido das ciências biológicas. Ele pedia, insistentemente, para substituir a sua combalida fé católica, «*um catecismo de agora em diante aceitável*». Através de seus livros, cujas lições são captadas em nascente da mais pura e cristalina linfa espiritual, o homem adquire a consciência cósmica da própria divinidade: o darwinismo morfológico — instrumento da evolução — duplica-se com o evolucionismo anímico — finalidade da evolução. A ideia de Deus entra em conjugação com a ciência humana e a fecunda,

desde a cosmologia até à física nuclear. Excede a tudo quanto se articulou até hoje, dentro da teologia e da filosofia, a respeito do *primum movens*.

Ubaldi é o alpinista que alcançou o cume da montanha: não sòmente divisa tudo que se lhe estende aos pés, no infinito dos horizontes físicos, como se aproxima da mansão dos deuses, cujas vozes ouve e reproduz. Seus sentidos clarividentes e hiperestésicos captam vibrações etéreas extremas, a unanimidade das cores e a totalidade das oitavas que compõem as sinfonias do Infinito. Detém as ondas psíquicas, mais frequentes e mais curtas do que as dos Raios X e as do *Radium*, na mesma proporção em que um fenómeno puramente físico se distancia de um fenómeno de natureza metafísica ou metapsíquica. E fala... Sua «Voz» possui entonações múltiplas: austera, erudita, romântica, eloquente, poética... Dir-se-ia a Matemática e a Física falando pelo poder verbal de um Vítor Hugo, a teoria da evolução enunciada numa sinfonia de Beethoven ou nos versos da «Divina Comédia».

Suas obras multiplicam-se. O mundo inteiro as lê e, sobretudo, as lê muitas vezes, pois são o catecismo da ciência espiritualista.

São uma luz que nos vem do Alto, para auxílio dos nossos sentidos físicos, multiplicando a nossa compreensão, desfazendo as nossas dúvidas, acelerando a nossa marcha evolutiva para os destinos que Deus nos reserva.

O filósofo com o qual ides tomar contacto dentro de alguns minutos por meio da conferência que vos oferece—«*A Personalidade Humana e o Problema da Hereditariedade*»—desquitou-se do mundo voluntàriamente, vive entre as neves das montanhas de Gúbbio, a quinze quilómetros da terra de S. Francisco de Assis, depois de renunciar à posse de vastos patrimónios hereditários e territoriais, para obedecer à sua lei do trabalho expressa na «Grande Síntese», lei segundo a qual «*rouba* aquele que, na ociosidade, vive de bens herdados».

★

Sem a protecção temporal de uma Igreja todo poderosa naquele século e dentro da qual viveu e agiu tranquilamente S. Tomás de Aquino, é para nos causar surpresa que ainda não tenham querido internar Ubaldi num sanatório os psicanalistas freudianos, uma vez que já mereceu a honra do outro *Index*, o do fanatismo religioso. Vede bem que me refiro a Freud — o rival de Deus — e não à psicologia analítica de Yung. Este pediu ao *nosso* Carl Du Prel, para o objecto da sua filosofia, o princípio necessário do «sujeito transcendental» e foi gerado normalmente por progenitores piedosos. Na porta de seu lar, na Suíça, gravaram-se as seguintes palavras: «*Vocatus atque non vocatus Deus aderit*». Enquanto o Freud, pelo qual morrem de amores espúrios e bastardos alguns espiritas ilustres, decretou: «*A máscara caiu; a psicanálise leva a negação de Deus e de qualquer ideal ético*».

Advogado da «fé raciocinada», vereis que a nossa biologia não o embaraça; ao contrário, serve-lhe aos desígnios dòcilmente. Como o célebre «homem» de Kipling, ascendeu, pela compreensão, pelo ascetismo e pela vocação mística, a um plano do qual vê a vitória e a derrota, no mundo físico, como duas mistificadoras. Insensibilizou-se ao elogio e à censura. Podeis, à vontade, exaltá-lo ou diminuí-lo, sem que se lhe quebrem as linhas da harmonia e da serenidade interiores. Porque ele só crê na Justiça Substancial de Deus.

É um Prometeu acorrentado às agruras do planeta, mas que não sente mais as bicadas do abutre. Ao contrário do que proclama o tipo comum do brasileiro, acredita na acção proeminente de nossa raça, nas transformações que se avizinham com o terceiro milénio, «*cuja primeira luz — profetiza — muitos factos me dizem que não poderá despontar senão no Brasil*».

No silêncio das noites, em seu retiro espiritual, capta e coordena visões abstractas de puros conceitos, que se materializam em seguida nas páginas finamente literárias, com as quais obteve substância para doze obras sem paralelo, sem antecedente e sem par na literatura mundial, afora o caso notabilíssimo do Aquinense. Desse noticiava um dos seus biógrafos, dominicano ilustre e probo, sobre cujos informes construiu a bula de canonização o papa João XXII — Guilherme Tocco, *Vita S. Thomæ Aquinatis*, Toulouse, 1913, cap. XXX — que vivia quase constantemente em abstracção e em êxtase, escrevia ou ditava sem cessar, como a reproduzir aquilo que lhe fora manifestado de «*forma misteriosa*».

Na iconografia tomista encontramos muitas obras de arte que se inspiraram nas intimidades do Dr. Angélico com Jesus Cristo, o qual lhe teria dito — «*bene de me scripsisti, Thomma*».

A ciência materialista poderá inventar uma palavra nova com a qual se desembarace das dificuldades com que esse caso psicológico inabitual se lhe apresenta. Mas os gestos sinceros do homem, praticante dos princípios que prega; o testemunho cabal de seu desinteresse das coisas mundanas, pelas quais os seus semelhantes se entrematam, geram respeito às lições evangélicas que defende e propaga. Dele se pode dizer, repetindo-se palavras da bula de João XXII, endereçadas a S. Tomás: «*isento de qualquer ambição terrena, aplicou todo o seu ser à aquisição dos bens eternos*».

Nas obras de Ubaldi há o retorno ao período teocêntrico ou espiritualista, do qual S. Tomás foi o esteio e a luz, até o aparecimento de Bacon, Descartes, Voltaire, Rousseau, dos enciclopedistas em geral, dos fabricantes da filosofia materialista ou antropocêntrica, dos forgicadores de religião como Augusto Comte, e cujas ondas devastadoras, quer o aceitem ou não os tomistas, só foram detidas por Kant e por Bergson.

O tomismo não constitui, assim, sob o ponto de vista científico — o mais fraco de todos — como sob o prisma teológico ou da revelação, uma «*perennis philosophia*». Não há perenidade diante da evolução, lei absoluta que rege a matéria orgânica, a vida espiritual e o mundo social. Em cada fase de sua evolução, o homem obterá, tão sòmente, o alimento que lhe for possível assimilar. A «Voz» de Ubaldi adverte-nos olìmpicamente: «*Como sempre, em todos os campos, não são estáticas as minhas concepções; nenhum conceito se apresenta definido na sua imobilidade, mas como uma trajectória, um transformismo, uma evolução*».

A medicina, ainda mesmo quando se não complete com os brazões da espiritualidade, auxília, paradoxalmente, a evolução, para um mundo cada vez mais perfeito. Será sempre irmã carinhosa da humanidade sofredora. A nobreza da sua função social resgatará o débito descoberto do seu reincidente ateísmo.

As ciências modernas mecanizaram e infernaram o mundo; em balanço conscienciosо, apresentam grande *déficit* no seu espólio. Salva-se a medicina, que se esforça, abnegadamente, com prejuizo próprio, por lhe facultar um pouco de bem-estar, de saúde e de felicidade.

Em suma, na intuição divinatória de Ubaldi, encontrareis o casamento desejado, prolífico, feliz, indissolúvel, eterno, entre a ciência das coisas e a ciência do espírito.

Eis o homem e a sua obra, num instantâneo fotográfico.

A VIAGEM

De há tempos para cá, vemos a atmosfera modificada. Será efeito da bomba atómica? Será prenúncio de novo milénio que se aproxima? O ano começou mal, cheio de imprevistos, e os zoilos espertam, sujeitos às metamorfoses lunares. As formigas também saem do buraco, quando a chuva humedece a crosta. Vêm ver o que há

Pelos modos, o Espiritismo dá que falar aos zoilos, que se abespinham como meninas histéricas. Dói-lhes o triunfo de uma doutrina que avança no mundo, deixando clareiras em sua passagem. Esse espancamento é perigoso — reconhecemo-lo —, mas é salutar. O progresso é um cilindro incoercível. Ai do escalracho que grita contra ele! A roda dentada não ouve imprecações nem blasfêmias. Passa tranquilamente e cilindra o inútil, o adulterado, o apócrifo, tudo, enfim, que seja contrário às leis naturais.

Os almocreves da insídia não possuem qualidades másculas; têm medo do sol, fogem da vida de relação, evitam os grandes aglomerados. São como a criança que engrossa a voz ao meter os pés nas botas do pai. Depois, volta ao biberão.

Num jornal de Santa Marta que se publica para aí, sob o título de Novidades, há muita fauna deste género. Há escrevinhadores que recorrem ao itálico para marcar presença e zurzir tudo e todos que não pertençam à sua confraria. E fazem-no de tal modo, com tão pouca vergonha, que a gente pasma. Aquilo não é jornalismo, é bambochata. O próximo tem a sua honra, tem a sua dignidade, mas o escriba inconsciente esgrime com moinhos que lhe dão aparência de gigantes fantasmáticos.

No mesmo sítio em que alude grosseiramente ao nosso artigo de Abril, insere o discurso de Pio XII acerca de jornalismo, em que se lêem passos como este:

«A principal virtude do jornalista é um amor incorruptível à verdade».

E mais adiante:

«Há muitas tentações para que um correspondente fuja à verdade, tentações ligadas aos interesses de uma parte e talvez da própria imprensa para que trabalhais».

Vejam a coerência destes inocentes. Enchem a boca de frases melífluas, reviram os olhos em gestos seráficos, cruzam as mãos com infinita piedade, e vá de minar a reputação alheia, estribados na men-

Confundir ou Malsinar?

De «Região de Leiria», de 25-5-953, transcrevemos o presente artigo, que oferecemos ao escriba-mór do «Novidades»:

Baptizado em pia da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, sinto frequentemente uma profunda e bem sentida tristeza, ao verificar certas intolerâncias doentias e perigosas, que alguns dos seus órgãos da imprensa manifestam com uma a insistência muito maior do que seria para desejar.

No perdão e na desculpa mútua, residem as mais fortes bases e a mais esplendorosa virtude da doutrina do Cristo.

Julgo que Ela é a melhor de todas, mas não a imponho, à cacetada, a quem quer que seja.

Igualmente não me parece bem que aqueles que têm suas crenças — quaisquer que sejam — as apregoem com uma exterioridade espalhafatosa, ou com orgulho de pecaminosa vaidade.

É que, se ter uma religião significa excelsa qualidade — assim penso — ninguém vai apregoar no estrado duma feira as qualidades que possui.

Esses pregões competem sòmente aos charlatães que querem impingir «mercadoria».

«Novidades» — diário católico — meteu-se numa campanha contra o Espiritismo a propósito ou despropósito dum caso de bruxaria passado em qualquer parte do País, como tantas vezes sucede, e continuará a suceder enquanto a nossa população analfabeta for quase cerca de metade do número dos que sabem ler.

Infelicidade grande essa foi, porque nem sempre os pais têm culpa das asneiras e des-

E Psiq - Jun - 953

DA INSÍDIA

tira condenada pelo Pontífice. E nem se dão ao trabalho de espalhar por outros lugares as incongruências de uma página edificante.

Porque não transcreveram o nosso artigo, como nós transcrevemos o dele?

A nossa resposta foi elevada e serena. Não maltratou, não infamou, não insinuou. Foi conselho respeitoso aos empresários da grande burla, porque a «grande burla» não é o Espiritismo, como eles insinuaram, mas a sua prosa insulsa impregnada de mentira. A grande burla é essa e os leitores é que foram desfalcados na sua boa-fé, pois os julgamos mais equilibrados do que o escrevinhador que nem se dignou assinar a prosa insulsa. Nenhuma palavra de crítica se vislumbrou nos arrazoados do almocreve. Que pena não vivermos no tempo do célebre Agostinho de Macedo! Talvez o Novidades fosse mais comedido na linguagem. Talvez agredisse menos quem o não atacou.

O orgão do patriarcado tem obrigação de ser honesto. Mas não é. A campanha que levantou é obra de Satanás. E seus patrões esfregam as mãos de contentes, à espera da grande vitória: o Espiritismo reduzido a estilhas. Oh! Santa ingenuidade! Plumitivos deste género fazem rir os mais sisudos. Cresçam e apareçam, senhores do Novidades! Cresçam e apareçam em crítica séria. Demonstrem que estamos em erro e não trunquem, por ignorância, o que outros disseram.

Pio XII deu-lhes lições que não aprenderam. «O jornalista deve ser verdadeiro e incorruptível». Pois, sim! Quando se trata de enlamear alguém que não comungue nas suas ideias, tudo lhes serve aos desígnios.

Façam campanhas! Quanto mais nos atacarem, mais católicos engrossarão o Espiritismo.

Enfim, não vale a pena gastar cera com ruim defunto. A fazenda não dá para mais. E se virmos bem, os homenzinhos limitaram-se ao frete encomendado. Lembraram-se do rifão: «Quando há vento é que se molha a vela». E largaram a todo o pano... para a viagem da insídia.

Deixá-los ir. Gozem muito e sejam felizes. Oxalá não tenham que diminuir a ração, quando vier a borrasca.

Feliciano de Castilho tosquiou uma vez um «camelo». Este não merece tosquia.

Nem pêlo tem... Que faria nele a tesoura?...

I. D. S.

---

trambelhos de seus filhos.

Acresce que o bruxedo, com mèzinhas, amuletos e razias na algibeira do próximo, não tem semelhanças com o Espiritismo, constituído, no nosso território, pelas mais nobres figuras duma sã moral, conduta irrepreensível e compostura digna de ser imitada.

Condenar uma crença, expô-la à violência alheia, porque alguns videirinhos, «governam a vida», é, sem dúvida, teoria e prática que nenhuma religião adopta, e muito menos a deve adoptar a luminosa doutrina pregada por Jesus-Cristo.

Quem atacaria, teria coragem, desplante ou maldade, para se revoltar contra o catolicismo, por exemplo, sòmente porque um ou outro, embora bem raro sacerdote, menos ponderado, saísse fora das normas perpendiculares, sòmente porque uns ou outros crentes pecassem involuntàriamente ou de preconcebido jeito?

O falecido Dr. Alfredo Pimentel, que era tão irrequieto como um dos maiores valores da nossa terra, a quem se podia chamar sábio, tantos e tão variados assuntos abordava com superior cultura e agudíssima inteligência, ele, que era fervorosamente religioso, em fins do ano de 1943 saiu daquela disciplina superiormente comandada pela Igreja.

Pois S. E. o Sr. Patriarca, em sua nota de 1 de Agosto do mesmo ano, denunciou-o «como escritor perigoso para todos aqueles que, professando a Fé Católica, desejassem nortear por ela o pensamento e a vida».

E, muito bem, muito acertadamente, não mais se falou no assunto, nem se atacaram ideias, actos ou composturas.

Em Fevereiro do corrente ano, as autoridades de Baiona, detiveram Fagale, militante na Acção Católica, e os abades Latxague, professor de Teologia no grande Seminário daquela cidade, e Aristiart, capelão regional das

Juventudes Operárias Católicas, que deram entrada na Cadeia de Baiona, à meia noite do dia 20, acusados do desaparecimento de duas crianças, órfãos israelitas, que frequentavam o Colégio de S. Luís Gonzaga.

A este caso se referiram largamente os jornais portugueses de Fevereiro último, mas ninguém explorou o assunto, e, muito menos, atacou uma religião que não era responsável pelo acontecimento.

Em Abril, também do corrente ano, os jornais do Porto, em correspondência dos seus representantes de Famalicão, noticiaram a venda duma residência paroquial, de S. Martinho de Brufe, que fora anunciada pelo Rev.º Avelino Ferreira, o que de certo modo alarmou os habitantes que, devido a esforço voluntarioso, por equipas, fizeram a construção daquela residência, gastando algumas dezenas de contos; pelo que se tornou um modelo de conforto, com garagem, casa de banho, sala de estar, escritório, quartos de dormir, cozinha, água encanada, luz eléctrica e ampla esplanada, ficando a ser uma das melhores do norte.

Alegara porém o seu morador que, a desejada venda deste confortável imóvel, se destinava à construção duma outra casa que mais próximo ficasse da Igreja, que dista 100 metros da actual residência, anunciada para venda.

Todavia, apesar desta deselegância, ninguém vociferou contra uma crença que é sólida, a quem nenhuma culpa cabe dum gesto impensado e descortês dum dos seus ministros.

Um outro colega do antecedente, espanca ferozmente umas crianças que, ao sairem duma escola primária, cometem tropelias ou judiarias imperdoáveis.

O caso, pela desumanidade que o caracterizou, foi acremente comentado pelo povo do lugar, e os pais queixaram-se em juízo.

E o mundo continuou na sua carreira vertiginosa e a Religião na sua ascensão brilhante.

E a Imprensa profana, muito mais indulgente, muito menos impulsiva; mais razoável e menos rancorosa, noticiou todas estas ocorrências, sem as comentar, sem despertar paixões, sem fomentar ódios.

Temos que trilhar, ou devemos seguir aqueles caminhos indicados por Jesus-Cristo, mas com o perdão nos lábios, amor no coração e inteligente reciprocidade!

E sòmente assim seremos dignos da estima alheia.

J. Rodrigues de Sousa

SEMANA SANTA

por **José Simões de Matos**

A Cristandade dos diversos credos, todos os anos recorda a passagem de nosso Mestre por este mundo.

A sua peregrinação através dos caminhos da Terra, a sua via crucis, os vários episódios do Calvário, ficaram marcados de tal forma na alma do mundo, que o tempo, que parece tudo apagar no coração humano, que tudo ameaça destruir, até mesmo as pedras das duras soleiras das calçadas que pisamos, nada tem podido destruir destes factos da vida e obra do Cristo, apesar de haver quase dois mil anos que tais acontecimentos se passaram no cenário da terra em que nos achamos.

Tudo passa nesta vida. Mas as coisas do espírito que dizem respeito à vida eterna, estas permanecem sempre vivas em nosso coração. A passagem de Jesus-Cristo em nosso mundo significa um raio de luz espancando as trevas. As suas palavras e exemplos são uma mensagem de vida eterna gravada para todo o sempre no coração da humanidade. A semana santa traz-nos à mente os sacrifícios e a morte do mártir do Gólgota.

Os espiritas, que são os cristãos da boa nova do evangelho, à luz da terceira revelação, que é espírito de verdade, na mensagem do Consolador prometido por Jesus, não se deixaram prender à memória de tais troféus que, como todas as coisas da Terra, caducam e se desfazem através do tempo. Mas guardaram para si a ressurreição e a vida do Rabi, que estendeu seus braços à humanidade para que ela compreenda a silenciosa mensagem que nesse gesto nos deixou, acrescida destas suas memoráveis palavras: «Perdoa-lhes, pai, que eles não sabem o que fazem».

Naquele silêncio da cruz, a sua voz passou a ouvir-se na consciência da humanidade, para todo o sempre. Era o amor do nosso Celeste Pai, irradiando luz, através da vida e obra de nosso Mestre e amigo Jesus.

A NATUREZA

por

Eduardo Ferreira da Conceição

A Natureza, como Força e Matéria (seus únicos elementos) é a fonte donde brotam todos os seres, cuja base é a Harmonia Universal. E transitando os seres por todos os seus reinos, segue-se que as necessidades são diversas, do que resulta o Bem e o Mal, em concorrência. O Bem é inerente àqueles que respeitam as leis da Natureza.

Os místicos e fanáticos das religiões obscurantistas e da magia negra avassalante, compreendem a Natureza por forma diversa, isto é, Deus, Força e Matéria.

Por este critério deformador, Deus, ao criar o Universo, devia estar sentado num banco de pau, feito de pedra. E daqui ser ele feiticeiro «todo omnisciente, omnipotente e misericordioso», distribuidor do perdão aos pedinchões lamurientos, que ficam habilitados a reincidir nas transgressões, porque os perdões periódicos lhes ressalvam todo o passado, de modo que, quando morrerem, se não estiverem totalmente perdoados, levarão consigo apenas pequena dose de culpas. Assim, julgam preterir, em proveito próprio, sem escolhos, o automatismo das leis naturais.

Eis, pois, a *razão* do sobrenatural, dos milagres e dos mistérios, que é a trindade de quem não compreende a Natureza, sem os preconceitos e dogmas que escravizam a humanidade.

Porém, a realidade é bem diferente. Quando os seres, em sua marcha evolutiva, por todos os planetas e suas respectivas esferas, atingem a maior perfeição dos escalões, que é a humana, revelam o Bem e o Mal, de sua própria origem, na plenitude dos seus respectivos graus. É o caso dos mortais como seres físicos e dos imortais como seres fluídicos.

No planeta Terra, que é um dos mais insignificantes, em qualidade e quantidade, os criminosos, após a morte, dada a sua profunda ignorância, adejam, como errantes, na atmosfera terrestre, julgando-se ainda mortais. E é nesse estado de obscuridade que actuam, avassalando, atormentando e perdendo estes, consoante as suas inclinações, ao contrário dos seres normais, que ascendem logo às esferas superiores, donde regressarão, em novas provas, até se encontrarem em condições de transitar pelos planetas mais evolvidos. E, como se sabe, o Universo é habitado por multidões de planetas, agrupados em famílias, que se religam fluìdicamente entre si, nas marchas do Eterno e do Infinito. E como a Harmonia Universal é o expoente da Natureza, daqui se conclui que o Amor é a lei da vida, pela liberdade, a igualdade e a fraternidade, que identificam as espécies nas suas mútuas relações.

Um dos fenómenos que, em fegra, é desconhecido ou mal compreendido, consiste nas relações que efectivamente existem entre os mortais e os imortais, ou seja entre os habitantes do «mundo físico» e os das suas esferas, que conservam mútuas afinidades. Os habitantes das esferas superiores, sempre que os mortais sincronizam e sintonizam os seus pensamentos com os deles, intuem-nos pelo seu esclarecimento, porque sofrem com os seus infortúnios. E é já sabido que os seres atraem como pensam.

Portanto, as almas errantes, que se detêm na atmosfera terrestre a atormentar os outros, são vítimas da sua obscuridade, que lhes impede a ascensão e, porque assim é, carecem de que os mortais se religuem com os imortais para que estes os esclareçam.

Se o comum dos mortais compreendessem estes fenómenos, evitariam frequentes desastres, uma vez que são constantemente actuados pelos transgressores desencarnados.

Eis a transcendência da imortalidade da alma, que é uma incógnita para os preconceituosos e dogmáticos que se restringem ao conhecimento da matéria e que adoram o que desconhecem e fazem-no com características de magia negra.

Os que pensam em Deus, devem imaginá-lo na Luz Universal, que é a Força que se particula em cada ser, e que cria, incita e movimenta a matéria, pelos elos de afinidade e pela Harmonia do Todo que responsabiliza as infracções. Se os materialistas, que se consagram ao vício de contraditar aquilo que não conhecem, meditassem sobre o sono, o sonho e os pesadelos, logo reconheceriam que a vida extra-matéria é um facto, como princípio imortal, que o espírito humano está sempre vigilante e que actua em todas as circunstâncias, pois que apenas o corpo material carece de repouso.

SAUDE FÍSICA

Por L. B. CASTRO

Em virtude de esclarecimento que a Doutrina Espirita proporciona sobre todos os ramos da ciência e sobre todos os problemas importantes da vida, também a saúde física não podia ficar excluída, como é compreensivel.

É esta uma das facetas que mais interessa à Humanidade, porque, por falta de conhecimentos, sob esse pretexto, ela mais tem sido explorada.

Certamente que não é em meia dúzia de linhas, que se pode expor um assunto de tanta importância e por isso há toda a conveniência em estudar a Doutrina. Desde já uma afirmação leal, aqui se faz: Nela encontrareis o segredo da vossa saúde. Libertar-vos-eis da obsessão da doença e dareis à pobre ciência médica o valor que ela realmente merece. Repetimos «pobre» e sabemos que muitos médicos, mesmo sem serem espiritas, concordam com esta classificação.

Entretanto, não deixaremos de tentar explicar como se domina a doença e a dor e se faz baixar sobre nós o bem-estar moral e físico:

Quem já vos disse, por exemplo, (a vós que nunca lestes nada sobre Espiritismo), que há uma lei de atracção e repulsão que o nosso pensamento domina e que lhe obedece perfeitamente? Pois bem. Querendo verificar a existência dessa lei, ela se pode verificar experimentando connosco próprios. Para tanto, basta que passemos a pensar ao contrário do que temos feito até aqui. Quer dizer: Pôr de parte a ideia de que existe em nós a doença no estado latente. Como conseguí-lo? Muito simplesmente, pensando que sempre teremos saúde e boa disposição. Se se admite que se pode ser doente, pela mesma razão se pode admitir que se pode ter saúde. Se a lei de atracção a que me referi se exerce dando doença a quem em doença pensa, também se exercerá dando saúde a quem nela pensar. Diga para si mesmo: «Não hei-de ficar doente. Esta má disposição é passageira. Daqui a pouco devo estar completamente bom».

Alimente a ideia de que há-de ter sempre saúde, com a mesma intensidade e persistência com que primeiro acreditava que podia adoecer ou vir a sofrer deste ou daquele orgão.

Há pessoas que têm a mania de que sofrem de tudo. Não se pode falar em qualquer doença, que não digam logo que também a têm. Outras, apenas se fala em remédios, perguntam logo para que efeito são, e imediatamente pensam que precisam também de os tomar, porque julgam sofrer do mesmo mal...

Estas ideias e outras mais ou menos semelhantes e que são as responsáveis por tanta falta de saúde que a humanidade experimenta, pela simples razão de que quem no mal pensa o mal lhe vém.

Certo é que não basta pensar em saúde, para que saúde nos venha, porquanto é necessário modificar muitas atitudes mentais, para que não se neutralize essa atracção. Assim, não devemos pensar mal de qualquer pessoa, desejar mal seja a quem for, ser invejoso, caluniar, ser maldizentes, espalhar a mentira, ser injustos, fazer sofrer seja quem for, ser intrujão, ser inútil à sociedade ou seu parasita, etc., etc.

São estas as grandes verdades, que ainda ninguém disse e que têm muita importância, para que a nossa vida decorra com relativo bem-estar. Chega a parecer estranho que seja com esta simplicidade que se conseguem tantas coisas boas. Saúde inalterável, sucesso nos nossos empreendimentos honestos, bem-estar moral e verdadeira impossibilidade de ser atingido pelos ataques dos maus, isto é, dos espíritos pouco evolvidos, tanto «encarnados como desencarnados». Não é boa compensação para tão salutar sacrifício, como este de corrigir o espírito nos seus piores defeitos? No aperfeiçoamento do espírito está a chave da sua força, para reanimar o corpo. O espírito é uma entidade tão real como o corpo, e ainda com a diferença de que o corpo é matéria e, como tal, sujeito a alteração que o leva à natural caducidade e desaparecimento, ao passo que o espírito é eterno, sempre jovem e cada vez com mais vivacidade, poder, inteligência e virtude. Qual deles vale mais?

Se todos os dias se lava o corpo, se alimenta, se lhe dá movimento, se lhe dá repouso, se agasalha, se lhe procuram tantas comodidades, qual a razão porque ao espírito se não dispensa nenhum cuidado? Pois saibam os incautos, que os cuidados que o espírito requere, são bem menos difíceis de conseguir e bem mais baratos do que os que o corpo exige...

Vede a luta que sustentais para satisfazer necessidades corporais! comparai-a com o abandono em que deixais o espírito! Entretanto, só este é senhor do corpo... O espírito é a vida do vosso corpo. Por mais jovem que o corpo seja, se o espírito resolver abandoná-lo, ele ficará instantâneamente sem acção, apodrecendo, qual farrapo inútil. O alimento do espírito está na elevação do pensamento e na correcção das nossas acções. Não exige a luta tremenda que o corpo vos impõe e entretanto os resultados são bem mais proveitosos, porque, beneficiando a alma, estais construindo obra que perdurará na eternidade. Toda a luta que sustentais a favor do corpo, por mais gigantesca e produtiva, não impedirá que ele envelheça, nem que baixe à terra, no momento que lhe está determinado! Cuidar do espírito tem ainda a vantagem de se reflectir na saúde do corpo. O contrário não proporciona ao corpo a saúde que tanto ambicionais e faz enfermar o espírito gravemente. É que, da saúde da alma, depende a saúde do corpo. Dos bons pensamentos e das boas acções depende a saúde da alma.

Acaso alguém pode contestar que há pessoas a quem nada falta, mas são doentes e se vê nitidamente que arrastam a vida, em vez de vivê-la? Porque? Porque ao corpo proporcionaram todo o comodismo e satisfação, ficando o espírito em completo abandono, ignorando-se mesmo a sua existência! O espírito não luta e por isso enferma. O espírito veio à Terra para lutar e conseguir vencer por si próprio. O veículo — que é o corpo — não se presta para o efeito e o espírito fica impossibilitado de caminhar e cumprir o alto propósito que, antes de encarnar, a si próprio se impôs.

Reparemos, por exemplo, num camponês: Sua luta é de trabalho constante, exaustivo, pesado; sua falta de comodidades é manifesta; sua alimentação é muitas vezes deficiente em qualidade e até em quantidade. Em resumo: Passa fome e frio, calores e canseiras, isto é, luta constantemente. Entretanto, vede a saúde que de todo o seu corpo irradial Vede a alegria sã, comunicativa, esfusiante que ele sente quando um ou outro dia veste o seu melhor fato e vai a uma festa, a uma romaria, para distraír-se! Vede a simplicidade dos motivos da sua distração: luzes de cor, foguetes, harmónios, e ei-lo que canta e baila e,

passado um ano, ainda recorda com saudade aquele dia de folguedo, onde não houve exigência, nem complicados e custosos requintes de prazer. Seu sono é profundo e reparador; e seu estômago, como nunca foi envenenado com alimentos esquisitos, funciona qual máquina de precisão. Simplicidade na alimentação, trabalho e repouso — este na medida do necessário — fazem com que a máquina humana produza o seu rendimento máximo. Vede a auréola que o envolve quando contempla o campo que arroteou, fazendo desabrochar nele aquele manto de verdes e mimosas plantas! A Natureza — DEUS — vai transformar o seu esforço criador e útil em apoteose de flores e frutos e nessa glória o envolve! Cumpriu o seu dever; por isso sua consciência lhe segreda, que não é só ele que está de bem com Deus; Deus também está de bem com ele! E sua saúde moral e física é perfeita, porque toda a sua actividade está enquadrada no plano construtivo do Criador.

Sempre que nos venha à ideia a lembrança da doença, contrabalancemo-la com a ideia de saúde. Imitemos sem exagero as pessoas optimistas, porque é nessa boa disposição que está, em parte, a chave da sua invejável saúde.

Mas a dor, — não o devemos esquecer também — tem uma função importante para o progresso do espírito. É que só por ela, muitas vezes, ele atinge certos graus da escala ascensional. Logo, também vos digo que se tiverdes de sofrer, é necessário ao vosso progresso, e então não vos revolteis. Aceitai a dor com calma e com amor! Se assim fizerdes, ela vos custará menos a suportar.

Corrigi a vossa maneira de pensar e adquirireis o direito de poder levantar a vossa face para Deus!

Eu era doente do corpo e da alma. Como a maioria dos mortais, não sou perfeito — apesar de o querer ser. Todavia, como já vou corrigindo na medida do possível a minha antiga maneira de pensar, de acordo com os conhecimentos que tive a felicidade de adquirir, aqui faço estas afirmações, com a lealdade que a nossa Doutrina impõe; Eu hoje tenho saúde moral e física. Confio na vida terrena com a consciência daquele que sabe que ela comporta sofrimento, pela razão do nosso mau proceder, num passado mais ou menos distante. Mas a afirmação que mais me alegra fazer, é a de que confio inteiramente, sem a mais leve dúvida, em que, após a morte do corpo, todos teremos uma vida maravilhosa de liberdade! Eu a antevejo e a minha emoção é inexprimível!

Não haver noite, não sentir o peso do corpo, não sentir frio, nem fome, nem sede, nem calor, nem doenças, nem humilhações, nem faltas, nem miséria, nem baixezas, nem angústias, nem sobressaltos, nem desejos, nem abandono, nem fome de justiça, nem inquietação, nem velhice, nem deficiências, nem impotência ante poderosos arrogantes, nem maldade e tantas, tantas outras coisas más que só na Terra existem, é perspectiva tão aliciante, que um leigo em matéria de Espiritismo bem poderia perguntar:

— Então porque te não matas tu, para fugir deste mundo de miséria?

Mas o espirita sabe que a vida terrena é castigo que se tem de cumprir e não deseja agravar a pena. Por isso vive e aguarda com paciência e calma e vai suportando e perdoando o mais que pode aqueles que, afinal, são apenas instrumentos de sua necessária expiação.

Ó liberdade querida, que bom é saber que um dia hás-de chegar! Eu te amo mais do que o encarcerado ama a luz do Sol e o perfume dos campos floridos! Sirva esta visão do futuro que a todos espera, para aqueles que, fazendo tudo por ter saúde, apesar disso, sofrem. É que aqueles que devem, não poderão deixar de pagar. A justiça divina não tem pressa, mas uma coisa é certa: nada escapa ao julgamento, ninguém deixa de receber ou pagar na verdadeira medida. Alegrem-se, pois os famintos de justiça.

Luanda, Abril de 1953

As Obras de Pietro Ubaldi

Eis as obras completas de Pietro Ubaldi, um dos grandes místicos de todos os tempos e cujo poder intuitivo o levou a captar coisas extraordinárias.

1.º volume — INTRODUÇÃO (Prefácios de «A Grande Síntese», comentários da imprensa, apreciações, condenação ao «Index» e MENSAGENS ESPIRITUAIS.

1.ª TRILOGIA

2.º volume *a)* **A Grande Síntese**
3.º volume *b)* **As Noúras**
4.º volume *c)* **Ascese Mística**

2.ª TRILOGIA

5.º volume *a)* **História de um Homem**
6.º volume *b)* **Fragmentos de Pensamento e de Paixão**
7.º volume *c)* **A Nova Civilização do Terceiro Milénio**

3. TRILOGIA

8.º volume *a)* **Problemas do Futuro e**
9.º volume **Ascensões Humanas**
10.º volume *b)* **Deus e o Universo**
11.º volume *c)* Em preparação

CONCLUSÃO

12.º volume **Cristo** (em preparação)

BREVE — Todos os volumes em belíssima colecção encadernada em percalina com douração a ouro legítimo. Os 12 volumes serão publicados na proporção de 1 por mês. Como a tiragem é reduzida, aceitamos desde já encomendas de colecções.

VOLUMES PUBLICADOS

Introdução e Grandes Mensagens	**130$00**
A Grande Síntese	**130$00**
Ascensões Humanas	**130$00**
Problemas do Futuro	**130$00**

O primeiro destes livros ainda não chegou ao nosso Depósito. Do segundo já vendemos 80 exemplares e esperamos brevemente nova remessa. O terceiro e o quarto já estão à venda.

MANDE RESERVAR A SUA COLECÇÃO

UMA PROVA NOTÁVEL

A Spiritualist Youth League (Liga de Juventude Espirita), de Londres, segundo informa o *Psychic News*, realizou uma sessão dedicada a um grupo de conservadores de West London, com o auxílio do conhecido médium George Alderson, e na qual foi revelado um acontecimento que deixou em todos a maior impressão.

Os ladrões tinham assaltado um quarto onde se encontrava um caixão e furtaram do guarda-roupa a carteira pertencente à viúva. Pois o médium voltou-se para ela, dizendo-lhe que sua mãe Isabel e seu marido estavam presentes em espírito. Depois declarou:

— Estão a dizer-me que a sr.ª perdeu a sua carteira. Ela não foi perdida, foi roubada um dia antes da sr.ª ter *perdido muito mais dinheiro...*

— É verdade —disse a senhora—. Arrombaram o guarda-roupa do quarto onde ficou o caixão e levaram-me o dinheiro que eu pedira emprestado para o enterro.

Alderson estabeleceu depois a identidade de outra senhora, cujo espírito descreveu, o qual foi reconhecido por muitos assistentes, entre eles, a própria filha. O espírito revelou então que na véspera do trespasse estivera com a filha e tinha-lhe saído uma coisa numa rifa. Muitas pessoas aplaudiram o facto, quando a filha disse que era uma barra de sabão.

A DESENCARNAÇÃO DE MARCEL PONCIN

Segundo lemos em *Two Worlds*, de Londres, acaba de desencarnar o médium-pintor Marcel Poncin, que nos deu retratos de espíritos-guias célebres, entre eles *Silver Birch*, que dirige o Grupo do célebre jornalista Hannen Swaffer. Desencarnou numa operação cirúrgica. Durante mais de vinte anos foi distinguido em França, onde pintou o retrato de Blasco Ibañes, autor de «Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse». Como muitos franceses, era católico-romano, mas bem cedo foi atraído para o Espiritismo, pois sua mãe e sua avó eram médiuns e ele tinha quatro anos de idade quando assistiu a uma sessão realizada em sua casa. Mais tarde, o seu interesse cresceu muitíssimo, depois de casar com Sumurum, o melhor manequim parisiense e grande amiga de Raoul Montandon, um dos mais categorizados escritores espiritas helvéticos.

Nas sessões que realizou em Genebra, através da prancheta, manifestou-se o espírito de Conan Doyle, o qual disse que Poncin trabalharia em ligação com o Espiritismo, mas não adiantou a revelação. Em seguida pediu ao artista que informasse Lady Doyle desta mensagem.

Poncin assim fez e recebeu um convite para se encontrar com ela e seu filho, quando visitou a Inglaterra, onde muitos médiuns lhe disseram que faria trabalhos psíquicos. Pouco depois surgia uma série de pinturas, em estilo diferente do seu. Eram em tom azul prateado e magnificamente executadas.

Uma particularidade singular de todas estas pinturas são os olhos límpidos, vívidos e suaves que atraem com a sua fixidez.

Nos últimos tempos dedicou-se ao cinema e ao teatro, onde a sua arte produziu trabalhos muito interessantes.

JUSTIÇA E PERDÃO

por ALFREDO MIGUEL

A doutrina de um Deus perdoador é invenção dos homens e, aliás, um entrave à compreensão da forma pela qual se exerce a divina justiça. De tal maneira essa falsa ideia encasquetou na mentalidade religiosa do nosso povo, que dificilmente se forrará à pecha de ímpio o escrevinhador que se decida a mostrar que o perdão de Deus não é assim como se pensa.

O povo anda muito enganado a este respeito, mas o Espiritismo poderá eslarecê-lo. Que o arrependimento redime pecados, muitos o acreditam sem reflectir; outros vão mais além, imaginando ficarem quites com a Justiça apenas recorrendo a intermediários das graças celestes e impondo-se algumas penitências.

Tudo isso é puro engano. Aprenderam desde a infância que Deus é bom, que Deus perdôa; todavia, não lhes ensinaram em que consiste esse perdão, como é que se pode conciliá-lo com a justiça desse mesmo Deus, que é infalível.

Já se disse que um justo não perdôa; porém quem o fez não desceu a explicações. Ora, ponhamos a questão neste dilema: Ou Deus perdoa o culpado e, neste caso, não há justiça; ou há justiça que pune o culpado e, neste caso, Deus não perdoa. *Perdoar e punir ao mesmo tempo, não é possível. Como, pois, sair deste labirinto? A saída, no entanto, só é difícil, senão impossível, a quem pretenda que o perdão concedido por Deus significa apagamento, eliminação da culpa no delinquente.*

Não é assim, nem poderia ser. Vejamos. Um homem infringiu a lei do Decálogo, destruindo a vida de seu semelhante. Se o próprio Deus fez inscrever ali o «Não matarás», está visto que esse homicida não escapará à sanção, ainda mesmo que se haja depois arrependido. E se, levando em conta o seu arrependimento, Deus o isentasse da responsabilidade, o eximisse de sofrer as consequências da transgressão, porventura estaria Deus executando a sua justiça?

Não calha, como se vê, o arrependimento puro e simples. O perdão de Deus não dispensa o devedor de pagar a sua dívida à justiça, e esse pagamento consiste na expiação e reparação do mal que fez. «Certo — observa Kardec —, a misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega. O culpado que ela atinge não fica exonerado, e enquanto não houver satisfeito a Justiça, sofre as consequências dos seus erros. Por infinita misericórdia devemos entender que Deus não é inexorável, deixando sempre viável o caminho da redenção». Vemos homens cometerem crimes numerosos e hediondos, e é sabido que o rigor do castigo guarda relação com a gravidade e extensão da culpa. Dada a insuficiência de uma encarnação para esses criminosos completarem o resgate dos seus crimes, Deus, sempre magnânimo, sempre interessado na reabilitação dos que erram, franqueia com este fim a esses transviados outras oportunidades na carne, que equivalem a uma dilatação de prazo e um acréscimo de possibilidades e meios de indemnizarem os danos causados pelos seus desatinos. Olhemos a dor a que estão condenados os homens na Terra e convenhamos que ela reflecte ao vivo a soberana Justiça. Condenasse Deus a penas eternas e sem apelação o pecador, e desse jeito é que não seria nem magnânimo nem justo.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

O ESPIRITISMO EM ALAGOAS

Em 25 de Dezembro último inaugurou-se em Maceió, Estado brasileiro de Alagoas, uma instituição espírita, intitulada «O Lar das Velhinhas», com a presença do Prefeito da Capital. Eis o que diz o noticiarista de *Luz*, acerca da visita que fez ao Lar:

«Trata-se de uma instituição idealizada, criada e mantida por um abnegado espírita da nossa terra sem nenhum auxílio dos poderes públicos nem particulares, destinada exclusivamente a recolhimento e manutenção de velhinhas desamparadas, sem tecto e sem arrimo, não se indagando a religião a que pertencem. O prédio tem capacidade para 50 asiladas, em pequenos compartimentos confortáveis e completamente isolados, com rigoroso serviço sanitário. O refeitório e a cozinha são amplos, cheios de luz e ar.

«Junto de uma sala destinada à Secretaria funciona modesto ambulatório com medicamentos destinados a casos de urgência. O local é aprazível e constitui um parque de 100 metros quadrados com recreio para as velhinhas.

«Os serviços do Lar são prestados gratuitamente.

«É assim que se apresenta o «Lar das Velhinhas», mantido carinhosamente por um homem de alma e coração.

«O Dr. Fernando Malta de Campos, realizador dessa obra tão modesta, mas fecunda, não mede sacrifícios para servir os que sofrem e necessitam. E para que melhor destino e orientação pudesse oferecer às suas próprias ideias espíritas, consagrou-se a esse humano trabalho de cristianização.

«Mantendo à sua custa o «Lar das Velhinhas», sem outro auxílio pecuniário que não seja a percentagem que lhe destina, oriunda dos lucros do seu Laboratório, aliás, modesto, sente-se profundamente alegre o nosso confrade Malta de Campos, por ter realizado um sonho que há muito estava ligado à sua visão espiritual».

Como pode morrer o Espiritismo, ligado assim às mais belas virtudes humanas? O nosso Evangelho é de utilidade integral. O velho Arquimede levantaria o globo terreste com uma alavanca, se tivesse um ponto de apoio no Espaço; o Espiritismo transformará o mundo, quando se apoderar dos corações e das almas. O «Lar das Velhinhas» é uma obra de Espiritismo Cristão, esse espiritismo que o *Novidades* aponta ao ódio das turbas analfabetas, depois de o conspurcar com pensamentos vis; esse espiritismo que alastra qual rastilho, apesar de tudo exigir de nós; esse espiritismo que glorifica Jesus e trabalha por sociedades mais perfeitas, onde o homem não seja lobo do homem. Atacar o Espiritismo é atacar a caridade, é cercear o voo da borboleta ao sair da crisálida. Mas o Espiritismo viverá eternamente, porque se apoia nas almas, que são imortais!

ALMAS DO OUTRO MUNDO...

O *Estado da Bahia* de 27-12-1952 publicou a seguinte notícia datada do Rio de Janeiro:

«Rio, 25 (Meridional) — Parece coisa do diabo. O que se passou naquela casa modesta é difícil de se acreditar. Mas a família jura que tudo é verdade, os vizinhos confirmam, a Polícia não desmente e os espíritas explicam. Até o vice-presidente da República, sr. Café Filho, teve interferência no caso.

«Deixando os factos ao julgamento dos leitores, vejamos os extraordinários acontecimentos que perto de 20 dias quebraram a tranquilidade do sr. Amelio Mistura, de trinta e tantos anos de idade, artífice aposentado das Indústrias Reunidas Drago, sua esposa, D. Iracena, e dos três filhos do casal — duas crianças de menos de três anos de idade e uma menina, Marlene, de onze anos e que parece ser o móbil de tudo.

«Se não tivesse visto com os próprios olhos, não acreditaria — afirma, convicto, o sr. Aurélio. Estava ele recolhido no Hospital de Santa Maria, em Jacarepaguá, quando em 5 do corrente a esposa o visitou inesperadamente, contando-lhe os factos que o arrancaram da cama, mesmo contra o parecer dos médicos.

«Na tarde do dia 4 — diz ele — estava minha mulher a cuidar das crianças e Marlene na cozinha, quando uma verdadeira chuva de pedras começou a cair sobre a nossa casa (moram na rua Conselheiro Paulino, 193, casa 3, vila de gente pobre, em Olaria).

«— Deve ser brincadeira de mau gosto, pensou a senhora.

«Dali a instantes, porém, outras pedras caíram. D. Iracema trancou os filhos em casa para que não fossem atingidos. Quase todos os vidros das portas e janelas que dão para o quintal já tinham sido quebrados.

«E prosseguiu:

«— Não temos inimigos na vizinhança. Mas como as crianças são capazes de tudo, falei com os meus vizinhos, gente boa, de quem nada tenho a queixar-me. Todos ficaram admirados, pois as pedras não vinham de suas casas, nem das mãos de seus filhos, que passaram a ser vigiados. Apavorada, minha mulher procurou-me. Apesar de doente, abandonei o hospital e fui para casa a proteger a família. As pedras, no entanto, continuavam a cair. Chamei a Rádio Patrulha. Os patrulheiros interrogaram os vizinhos, sem resultado. Colocaram-se em pontos estratégicos para ver quem as atirava, mas continuavam a cair. Só ao terceiro dia cessaram».

«Na quinta-feira seguinte, dia 11, o bombardeio prosseguiu. O dono da casa confessa que fez o possível «para descobrir quem atirava tanta pedra» sobre a sua casa. Não o conseguindo, resolveu apelar para o seu velho conhecido sr. Café Filho, vice-presidente da República. Compareceu um oficial do gabinete do Chefe da Polícia, acompanhado de outra guarnição da Rádio Patrulha, chefiada pelo agente n.º 387, Renato Barbosa, a quem o sr. Amelio contou estes e outros factos que ocorreram na sua residência:

«— Toda a roupa de Marlene estava rasgada, sem ninguém lhe ter

tocado. A porta do armário onde se guardam as vestes da menina abria-se e os vestidos voavam em frangalhos para a sala e para o quarto. Um bocado de pão que ela comia, saltou-lhe das mãos, esfarelando-se. Foi apanhar uns níqueis sobre um móvel e as moedas voaram para o interior do quarto. A cama do casal, ante a aproximação da pequena, subiu quase até ao tecto, como se movido por alavanca invisível. O berço de um dos pequeninos virou-se, quando ela tentava pôr o irmãozinho no leito. E as pedras continuavam a cair, a intervalos, às vezes de minutos, outras vezes de horas.

«O representante da autoridade achou aquilo tudo muito estranho e saiu, ordenando à Rádio Patrulha que vigiasse bem a casa. Mas os fenómenos continuavam a repetir-se.

«— Já estava ficando louco! — afirma o sr. Amelio —. Ninguém em minha casa sossegava. Parecia que uma alma do outro mundo se escondera no meu lar para nos enlouquecer. Minha mulher, que há tempos frequentou um centro espirita, resolve apelar para os bons ofícios de Mme. Soto, presidente da «Tenda Pai Filipe», situada à rua Leopoldina Rego, 520. A boa senhora compareceu no dia 18, com alguns «médiuns» e fez uma sessão para a minha família. Desde as 16.30 desse dia, nada mais de anormal aconteceu. Deixaram de cair pedras, minha filha não teve mais os vestidos rasgados e tudo se normalizou, graças a Deus.

«— O sr. acredita em Espiritismo? — indagámos.

«— Eu sempre fui religioso, sem seguir nenhum credo. Ante a evidência dos factos, não posso deixar de confessar que me sinto abalado.

«E olhando firme para o noticiarista:

«— Abalaria também o sr., se passasse pelo que passámos ou visse os factos que eu vi. Acredite no que digo. Toda a vizinhança é testemunha.

«Outros moradores da vila confirmaram tudo à nossa «reportagem». Devemos dizer que a menina Marlene não teve desmaios, nem «chiliques» fàcilmente imagináveis. E logo que terminou a sessão realizada pelo pessoal da «Tenda Pai Filipe», ao levantar-se da cadeira em que estava sentada, Madame foi por ela acompanhada, como se uma força invisível, como se um poderoso magnetismo atraísse o móvel para si!».

Teria sido ela o intermediário inconsciente dos fenómenos observados? Não nos repugna acreditar nesta hipótese.

CURAI OS ENFERMOS!...

Novidades, o órgão do Patriarcado, achincalhou as irradiações espirituais do *Grupo Reper-Siam*, negando-lhes efeito salutar e probatório, talvez por se exercerem fora da igreja católica, porque então seriam actos de fé apostólica, digamos de repercussão universal. Leia agora uma notícia que extraímos do *Semeador*, de S. Paulo, intitulada: «Nos Meios Protestantes — Paralíticos Curados com Passes»:

«Nos primeiros dias do corrente mês (Abril de 1953) ocorreu no seio do Protestantismo, nesta capital, um facto auspicioso: o público reconhecimento de que diversas enfermidades podem ser curadas por meio de «passes espirituais».

«Se bem que os sínodos ou Presbitérios evangélicos não se pronunciassem pùblicamente, o consentimento para que dois Pastores ocupassem seus templos nos bairros do Brás, Cambuci e outros para aplicação de «passes» a enfermos, autoriza a crer nesse reconhecimento, dada a precaução rigorosa dos protestantes no sentido de que em suas casas de oração não haja reuniões fora de seus princípios teológicos.

«Um dos nossos redactores visitou o templo da Terceira Igreja Presbiteriana Independente, no bairro do Brás, onde os reverendos Raymond Beatright e Harold Williams, vindos dos Estados Unidos, promoveram contínuas reuniões, de 29 de Março a 3 de Abril, para demonstrar as possibilidades de cura de enfermidades, através da fé, da prece e de «passes», em nome de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

«A afluência de enfermos e de curiosos, além do elemento protestante, ao templo da rua Joli, foi tal, que interrompeu o trânsito nas proximidades, sendo preciso formar filas para entrada do público, que lotou completamente o enorme salão em todas as reuniões, realizadas exactamente como as nossas sessões de curas espirituais e ministração de passes.

«O pastor Beatright faz a sua prelecção em inglês, sendo intérprete o seu colega Williams. Depois abre os trabalhos com cânticos evangélicos, solo de trombone de vara e acompanhamento ao violão pelos próprios missionários. Fala sobre o texto de Marcos (XVI — 17 e 18), em que se lêem estas palavras de Jesus aos Apóstolos, após a ressurreição: «E estes sinais seguirão aos que crerem: expulsarão demónios em meu nome; falarão novas línguas (mediunidade); manusearão as serpentes; se beberem potagens mortíferas não lhes farão mal; porão as mãos sobre os enfermos e os sararão». Cita factos ocorridos com os apóstolos Pedro e João, que curaram um coxo na porta «Especiosa» do Templo de Jerusalém, com uma simples ordem verbal: «Em nome de Jesus-Cristo, levanta-te e anda!», alongando-se noutras citações evangélicas comprovantes do poder do «passe» e da ordem saída de um coração cheio de fé, para que um paralítico se ponha a caminhar ou seja expulso um espírito imundo (termo usado na Bíblia para designar os espíritos chamados «obsessore»). Terminada a prelecção, é feita uma prece acompanhada em voz alta pelas pessoas que desejam auxílio espiritual para cura de seus males e que manifestam esse desejo, erguendo o braço. Estabelece-se concentração profunda e no final os assistentes levantam-se e passam em fila junto aos pastores, que lhes colocam as mãos sobre a cabeça.

«Não presenciámos nenhuma cura extraordinária, mas podemos remeter os leitores para as notícias publicadas no *Diário de S. Paulo*, onde se diz que o pastor Beatright fez andar umas enhora paralítica no templo evangélico de Cambuci.

«Congratulamo-nos com os nossos irmãos protestantes por esse passo no terreno da assistência aos enfermos, qual o de desenterrar recursos guardados há séculos, quando a humanidade sofredora tanto necessita do seu concurso. Esperamos que em breve se resolvam também a afastar os Espíritos atrasados que perturbam muita gente, valendo-se de óptimas mediunidades, como a do pastor Beatright. E assim trabalharemos juntos para o mesmo fim — a prática da caridade, para a relização dos anseios de nosso Mestre Jesus: *um só rebanho e um só pastor*».

Os nossos mentores católicos não acreditam nestas frioleiras e ao saber de tal blasfémia alargarão ainda mais o barranco que os separa dos protestantes. Pois, queiram ou não queiram, o mundo marcha e o cilindro rola sem parar. As curas só são milagrosas quando operadas no seio da igreja católica. Fora daí são mentiras em que se não deve acreditar. As irradiações mentais são patranhas a pedir manicómio, mas alguns sacerdotes a elas recorrem e não se dão por achados. O que lhes interessa é a saùdinha. Pio XII bem se esforça nas directrizes. A máquina, porém, está emperrada e necessita de conserto. Sigam o exemplo dos reformistas americanos, se quiserem sobreviver aos tempos que se aproximam.

Notas & Comentários

«MUNDO ESPIRITA»

Com a desencarnação do Dr. Lins de Vasconcelos, Mundo Espirita deixou de circular, anunciando-se que a Gráfica do mesmo nome, proprietária do jornal, seria transferida para a Federação Espirita do Paraná. De facto, assim sucedeu. Acabamos de receber a visita deste belo arauto, agora sediado em Curitiba e sob a direcção proficiente do Dr. Lauro Schelder, um dos melhores obreiros paranaenses, ao qual o nosso amigo João Ghignone, presidente da Federação, entregou o encargo, em virtude de seus trabalhos e compromissos actuais, progressivamente acumulados, lhe não permitirem mais essa grande responsabilidade.

Abre a edição com esta parangona: «Mortos não são os seres humanos cujos corpos materiais tombaram sem vida, mas aqueles que, embora «vivos», deixaram estiolar em seus corações as virtudes que enobrecem o homem, sublimando-o aos olhos de Deus». Depois, um «fundo» sobre Lins de Vasconcelos; preito de homenagem ao grande pioneiro; «Na Hora da Consulta», do querido Imbassahy; «Adesão e Convicção», do nosso Deolindo Amorim; «Homens Qualitativos», do fogoso Alfredo Miguel; «Defeitos Físicos», do permanente Henrique Magalhães... E outros, muitos outros plumitivos naquelas 8 páginas de grande formato, onde se pode ler o Estatuto da Nova Organização da Federação Espirita do Paraná.

Lá vem também, o «Registo Bibliográfico», ainda a cargo do Coronel Delfino Ferreira.

Como se calcula, a nossa alegria foi grande. O belo semanário fundado por Henrique Andrade volta a propagar a doutrina nos Estados brasileiros, reatando velhas amizades e incitando o povo à leitura.

O Dr. Lauro Schelder é uma garantia de seriedade. Ele fará de Mundo Espirita um orgão adequado às necessidades do grande público. Para isso rodear-se-á das melhores penas, que lhe não regatearão o seu concurso.

Estudos Psíquicos envia-lhe um fraternal abraço com desejos de longa vida ao serviço da Causa.

SEMINÁRIOS ESPANHÓIS

A «Voz de Galicia», da Corunha, publicou a seguinte nota:

«A Espanha é um estado católico e, sob o regime de Franco, isto não é afirmação que necessite de ser demonstrada. Entre os dados que poderíamos aduzir para corroborar o que dizemos, têm grande eloquência as cifras que vamos expor, representativa das somas invertidas, nestes últimos tempos, quer na criação, quer na melhoria de seminários:

«Seminários novos totalmente construídos — Noventa e um milhões, setecentos e sessenta e cinco mil pesetas. Seminários novos em construção — Duzentos e vinte e cinco milhões, trezentos e setenta mil pesetas. Ampliações executadas — Sessenta e nove milhões, setecentas e setenta e três mil pesetas. Ampliações em execução — Vinte e sete milhões, quinhentas e dez mil pesetas. Melhorias realizadas — Trinta e dois milhões, quinhentas e quinze mil pesetas. Melhorias em realização — Dez milhões e duzentas mil pesetas.

«Estas importâncias totalizam mais de quatrocentos e cinquenta e sete milhões de pesetas, o que demonstra que a Espanha dá toda a importância à formação dos futuros condutores de almas».

JOAQUIM DA SILVA GOMES

Encontra-se entre nós, acompanhado de sua esposa e filha, o patrício e amigo Joaquim da Silva Gomes, vice-presidente do Instituto Espirita João Evangelista, de Recife, Pernambuco, e representante de Estudos Psíquicos naquela capital. Embora o supuséssemos em Portugal, foi uma grata surpresa a sua visita ao Centro Espiritualista Luz e Amor, onde assistiu à sessão doutrinária que ali realizou o confrade António J. Trindade, Presidente da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, de S. Paulo.

Joaquim da Silva Gomes é um prestimoso cooperador da nossa obra em Pernambuco. Apesar de muito ocupado em serviços vários, ainda conseguiu tempo para se dedicar à difusão desta revista, que no Recife conta mais de cinquenta assinaturas.

Como já tivemos ensejo de anunciar, o Instituto Espirita João Evangelista é uma agremiação em franco progresso, digna do apoio dos confrades pernambucanos e até das autoridades estaduais, que o têm distinguido com donativos apreciáveis.

Ao amigo e ao confrade, o nosso abraço de boas vindas.

CONGRESSO ESPIRITA PAN-AMERICANO

No próximo mês de Outubro realizar-se-á em Havana, Cuba, o Terceiro Congresso Espirita Pan-americano. É a própria Comissão Organizadora radicada em Cuba que nos dá a auspiciosa notícia, pois a nova reunião, assim como as últimas, proporcionará melhor entendimento entre as colectividades espiritas da América Latina, com o fim de robustecer o movimento espirita.

«O Terceiro Congresso Espirita Pan-americano realizar-se-á — diz a Convocatória — seguindo o ritmo traçado pela CEPA através dos seus congressos de Buenos Aires e Rio de Janeiro, em que se assentou na realização periódica destas reuniões continentais. A Confederação Espirita de Cuba e a União de Mulheres Espiritas assumiram toda a responsabilidade do Congresso, de acordo com a resolução emanada daquele supremo organismo continental que designou o Dr. Miguel Santiesteban para presidir a Comissão Organizadora.

«Cuba espirita chama os seus irmãos de toda a América para este acto de tão significativa importância, onde se frisará o elevado sentido social e humano da doutrina espirita e se exporão os princípios e fundamentos de uma filosofia que, ao valorizar o espírito, reconhece e estimula a acção construtiva da vontade humana ao serviço do progresso, mas iluminada pela inteligência em que se reflecte a grandeza infinita de uma causa suprema, chamada Deus».

Que deste novo Congresso resulte maior coesão e animação, são os nossos votos mais sinceros.

Noticiário

36.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se o 36.º sorteio de livros espiritas, cujos prémios foram atribuidos aos seguintes confrades:

«Dois Mundos» — D. Piedade de Barros Gomes, de Lisboa.

«Almas Errantes» — Manuel Caetano da Silva Leite, de Pardilhó.

«Ronda Espiritual» — Luís de Barros e Castro, de Luanda.

«Pierino Gamba» — Armando Mendes Madeira, de Caldas da Rainha.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o nosso confrade António Cardoso realizou em 31 de Maio, no Centro Espiritualista Luz e Amor, uma conferência subordinada ao título «Iris-diagnose». Baseado no trabalho do Dr. Vander, que estudou com grande interesse, deu-nos uma ideia clara do que é a iris-diagnose e das vantagens extremas que resultariam do estudo de tão curiosa terapêutica, como demonstrou com exemplos edificantes, alguns dos quais de ordem pessoal, que muito calaram na assistência. António Cardoso revelou-se um belo expositor, muito claro, muito objectivo, sabendo tirar partido dos assuntos e tornando as suas palestras instrutivas. Se ele persistir e assimilar a obra dos Mestres, poderá conquistar magnífica posição no sector espirita.

No dia 17 de Junho coube a vez de António Martins aludir à orientação do Dr. Ramiro da Foseca no *Laboratório Metapsíquico Charles Richet,* criado pela Federação Espirita Portuguesa. O seu trabalho, intitulado «Metapsíquica e Espiritismo», foi uma nota de bom senso no «mare magnum» das opiniões e soube estremar os campos, ou antes o campo que separa as duas doutrinas, reivindicando para o Espiritismo o lugar que lhe pertence e que niguém lhe poderá usurpar. Gostámos da maneira como encarou os metapsiquistas que se arrogam o direito de oferecer incógnitas ao Espiritismo, através de hipóteses arrevezadas e falhas de consistência.

No final, contou dois casos pessoais, expostos há tempos aos leitores de *Estudos Psíquicos* e que deixaram em todos grande impressão.

EXPOSIÇÃO DO LIVRO ESPIRITA

De 6 a 14 de Junho realizou-se na sede da Federação Espirita Portuguesa uma interessante exposição de livros espiritas, abrangendo bibliografia relativa a treze países, merecendo salientar o Brasil e a Argentina. Em dois amplos salões viam-se centenas de obras e muitas dezenas de publicações periódicas, que davam a justa medida da grandeza do Espiritismo e sua influência no mundo contemporâneo. Foi pena que a imprensa tivesse brilhado pela ausência, não obstante os convites amáveis que lhe fizeram. As próprias *Novidades,* que tão grande celeuma levantaram contra o Espiritismo, a ponto de aconselhar as autoridades a estrangulá-lo, pura e simplesmente, receberam o convite, mas não tiveram coragem de comparecer. Apenas *O Século* e *A Voz do Operário* visitaram a exposição, mas esses mesmos se abstiveram de lançar suas impressões no Livro de Honra, aberto pelo director desta revista. Não quiseram dizer o que viram, talvez com receio de represálias. Mas assistiram e viram como nós, na sua frente, tivemos ocasião de lamentar o facto, tirando dele as devidas ilações.

A nossa grande imprensa é de âmbito limitado e as ideias que expende são impróprias dos largos voos do espírito. Como poderia ela visitar a exposição do livro espirita, sem dizer a verdade do que visse? Mas ela queria continuar na sua obra de ignorância, na conspiração do silêncio acerca de obras que, embora magníficas, poderiam colidir com interesses criados que era preciso manter a todo o custo. Apesar de tudo isto, apesar do coaxar das rãs e dos gritos tremebundos de alguns assalariados, a ideia espirita vai fazendo a ronda do mundo, aliciando gregos e troianos e destruindo os espantalhos que lhe atravacam a passagem. É isto que dói aos fundibulários, mas é a verdade que devemos proclamar do cimo dos telhados.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM JULHO DE 1953

Dia 2, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de irradiação mental «Reper-Siam».

Dia 3, 6.ª feira, às 2130 — Grupo de Caridade «Lia».

Dia 4, sábado, às 21,30 — Grupo de Estudos «Allan Kardec».

Dia 5, domingo, às 16 horas — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 6, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi».

Dia 9, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação mental «Reper-Siam».

Dia 10, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia».

Dia 12, domingo, às 16 horas — Conferência por D. Ivone de Sousa, intitulada «O Espiritualismo e a Mulher».

Dia 13, 2.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo «Irmão Rhammurthi».

Dia 16, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam».

Dia 17, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia».

Dia 18, sábado, às 21,30 — Grupo de Estudos «Allan Kardec».

Dia 19, domingo, às 16 horas — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 20, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi».

Dia 23, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de irradiação mental «Reper-Siam».

Dia 24, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia».

Dia 26, domingo, às 16 horas — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 27, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi».

Dia 30, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam».

Dia 31, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia».

Dia 2 de Agosto, domingo às 16 horas — Encerramento dos trabalhos do Centro, com uma sessão em que falarão vários oradores.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos mais os seguites donativos, que agradecemos.

B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Anónimo, 50$00; D. Urânia da Silva Jácome, de Ponta Delgada, 20$00; Francisco Xavier, do Brasil, 20$00; Subscrição do 36.º sorteio de livros espiritas, 150$00 — Total ..... 280$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INACIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato cada um		60$00
Pêm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	53$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de Andre Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo Espírito de *Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romanc mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Ascensões Humanas, por *Pietro Ubaldi*, obra de luxo, ricamente encadernada		130$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciencia Divina, pelo *Espirito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritsmo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento, pelo *Dr. O. Emboaba*	15$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		130$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Poeira da Estrada, por *Júlio Abreu Filho*	12$00	
Problemas (Os) do Futuro (última solução dos problemas científicos, biológicos, sociais e místicos) por *Pietro Ubaldi*, ricamente encadernado		130$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

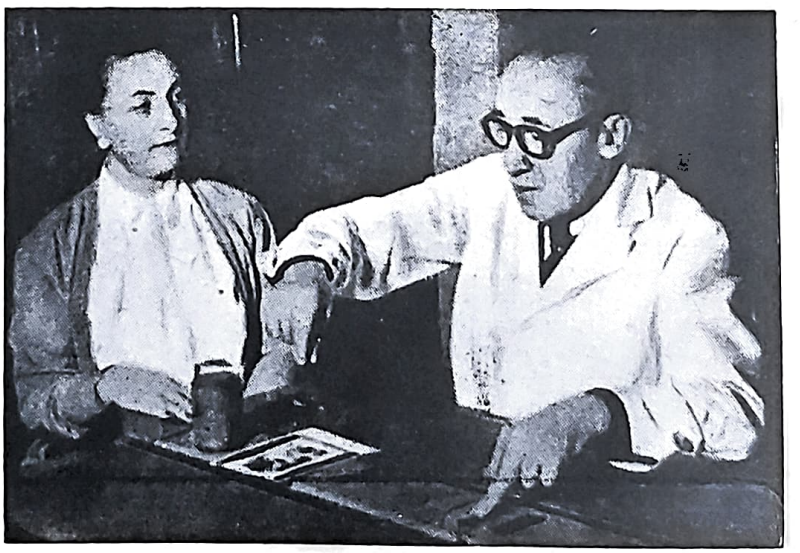
O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Silêncio, da **Redacção**; O Espiritualismo Através dos Tempos, por **António Martins**; Penas Eternas, por **Alfredo Miguel**; Seres Sem Rosto, por **Georges Tiret**; Ásia, por **F. Noronha**; Os Fenómenos Metapsíquicos nos Animais, pelo **Dr. Bruno Adamo**; Acerca do Jejum, por **S. Teixeira**; Pó, Cinza e Nada, por **Cirillo Aleixo**; Captação (Do Livro «Novos Caminhos», de **Lia**); O Radiestesista Bineau, por **Jean Palaiseul**; Notícias do Lar de Jesus; Entre Falsas Vozes; A Falência do Materialismo, por **Anselmo Paermentier**; Intercâmbio Juvenil; Vícios e Manias, por **Luís de Barros Castro**; Trabalho Harmónico; Distribuidores de Amarguras, por **Tito L. Bancéscu**; D'Aquém e D'Além; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.



O sr. Bineau utiliza um pêndulo e fitas iriadas para escolher extractos frescos de plantas e fixar os regimes dietéticos pessoais

Ver página 210

14.º ANO JULHO DE 1953 N.º 7

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicado

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo		42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
Síntese do Livro dos Espíritos	12$00	
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte, nova edição	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1953 — N.º 7

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRAFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

SILÊNCIO

Algumas pessoas nos perguntam se não continuamos a responder aos ataques de certos escribas que ùltimamente exibiram maledicente verborreia contra o Espiritismo. A esses amigos diremos que o trabalho é muito grande, para que malbaratemos energias a revidar motejos incongruentes. Agora, só o silêncio pode harmonizar-nos com o Infinito. Nada mais temos a fazer. Vigiaremos a obra, calafetaremos as frinchas e ficaremos alerta na posição do esculca que não desvia a atenção do movimento que o cerca. Entretanto, consolidaremos o trabalho e abriremos outras sendas na floresta dos interesses criados.

Somos homens de ordem, não somos arruaceiros, nem vendedores de elixires. Todos os extremismos encontram barreira em nosso pensamento. A obra construtiva é digna de louvor, e seus agentes, sejam eles quais forem, merecem todo o nosso apoio, toda a nossa simpatia.

Na fúria de seus motejos, os adversários chegaram a apontar-nos como extremista perigoso. Todas as páginas desta revista clamam bem alto um ponderado esforço de orientação. Todas elas afirmam as nossas ideias espiritualistas, o nosso repúdio pela violência, pela acção subversiva. Todas elas preconizam a harmonia social, o direito de viver, a igualdade perante a lei, o respeito pelos governos constituídos, a satisfação que nos dá o progresso da vida nacional. Nunca fomos político e nada esperamos do nosso apoio ao estado, que se mantém firme, o apoio, apesar da malevolência de alguns anónimos que esguicharam contra nós o ódio velho.

Amigos, quem não deve, não teme. Deixemos falar quem fala. Os factos valem mais do que as teorias e definem a posição de cada qual. Agora, repetimos, só o silêncio pode harmonizar-nos com o Infinito.

Que maravilhosas paisagens não tem o mundo interior! Que belos caminhos vedados à serpente insidiosa! Que belos tribunais de juizes integérrimos! Ao foro íntimo do sensato não chega a escorrência venenosa. Aquilo é baluarte inexpugnável contra o qual se quebram os dentes da calúnia alvar, por vezes de grande aceitação. Não foi o Cristo pregado num madeiro, com uma coroa de opróbrio? Defender-mo-nos de quê? E para quê? Vasculhem, que encontrarão o inesperado. pois a consciência decidirá em derradeira instância.

Quando os actos estão à vista, bafejados pela luz meridiana, não há medo à obra de sapa. A calma é o mais forte esteio do inocente e a verdade um grande farol a iluminar as trevas.

Silêncio, que a caravana passará incólume e o viandante deixará o deserto inóspito, em busca da promissão. Poderes mais altos se hão-de erguer para que a justiça não oscile em seu trono augusto.

Trabalhemos em comum, de sorriso nos lábios, como se o mal não existisse, pedindo estradas de luz para os inimigos, que talvez sejam instrumentos da nossa redenção.

Temos sido acusado de muitas coisas; mas, de perigoso, nunca se tinham lembrado os maculadores da vida alheia. Lembraram-se agora, por originalidade ou desígnio oculto. E é tão peregrina a ideia, que nem defesa esboçaremos, deixando ao tempo a cura do aleijão. Há beneméritos que foram justiçados em nome dos tempos. A História regista seus nomes em páginas escaldantes. Perca-se tudo, menos a honra. Essa, que fique a demonstrar aos vindouros um padrão moral. É a maior glória de um trabalhador que esquece os seus direitos pelo bem dos outros.

Amigos, silêncio, que vai passar a caravana!

O ESPIRITUALISMO ATRAVÉS DOS TEMPOS

2.º

O Advento do Cristianismo trouxe à Humanidade a era da Luz e da Esperança, e teve incalculáveis resultados. Mas que resultados não teriam sido obtidos se a doutrina de Jesus não fosse adulterada no curso dos tempos, por religiões que se degladiaram entre si?

A intolerância em matéria religiosa, através de muitos séculos, atingiu o auge, e a Humanidade assistiu espantada ao desenrolar das paixões que travaram impiedosamente as mais belas faculdades da alma humana.

Dos exageros, dos abusos e da dominação, tinha de nascer uma reacção vigorosa, porque os excessos provocam excessos contrários.

À submissão, à Fé cega, ao ideal desnorteado, a Humanidade opôs as teorias do nada: às afirmações temerárias, como escreveu Léon Denis...

A Humanidade opôs negações furiosas. Empenhou-se no combate e a alavanca do materialismo fez brecha no edifício religioso.

Começava a era do materialismo que vai de Molleschot e Lange até aos conceitos anti-metafísicos de Augusto Comte. Era a negação da alma, de Deus, e a apologia do nada. As faculdades intelectuais, a consciência e a alma são produto do organismo. A matéria é tudo, o ideal não existe, Deus é uma utopia.

O real é corpóreo, e o psíquico é equiparado exactamente ao material, como quando os processos da consciência são identificados com os processos cerebrais, ou, por outras palavras, as ideias estão na mesma relação com o cérebro, como, por exemplo, a bílis com o fígado, no dizer de Augusto Messer, na sua «História da Filosofia».

E assim foi vivendo a Humanidade nessa luta constante por um ideal que a guiasse, por um ideal onde encontrasse a consolação para a dor e o remédio para a miséria moral em que se encontrava mergulhada.

Vê-se bem o interesse que as sociedades do passado dispensaram a tudo o que se relacionava com o espírito e muito principalmente suas crenças no domínio transcendental. E assim sendo, consideremos a diferença que vai do homem das cavernas ao homem dos nossos dias. Essas crenças não morreram, não morrem e não morrerão jamais enquanto o homem habitar a terra.

É que o homem não é um autómato, nem um conjunto de carne que pensa por ele. É mais alguma coisa que isso: todos o sentem, todos o sabem, mas muito poucos se dão ao trabalho de investigar a razão de tanta coisa que nos transcende, para levar à alma humana a serenidade, a calma, a certeza e o conhecimento do que é; do que é, e do que foi, porque vem de longe, da escuridão dos tempos, a dirigir-se para o desconhecido, onde sente que brilha a estrela da imortalidade.

O Espiritualismo revelou-se outrora como uma necessidade filosófica a provar a existencia da alma e de Deus. Com base nestes indiscutíveis princípios, dele irradiaram vários sistemas filosóficos que procuraram desvender os mistérios da Natureza que viriam facultar ao homem uma Fé raciocinada e segura e o conhecimento mais perfeito do seu próprio Ego.

Dos vários credos espiritualistas que vão do Rosacruz às sociedades esotéricas passando pelos teósofos e pelas regiões mais conhecidas da grei, um aparece destacado e digno de especial atenção, por ter projectado no futuro do homem a luz que lhe faltava para melhor compreender a vida.

O Espiritismo, filho mais novo do milenário espiritualismo, tem, sobre todas as doutrinas espiritualistas, a consoladora vantagem de provar a comunicação com as almas dos que transpuseram já as tenebrosas fronteiras da morte.

E não se diga que esta afirmação é uma utopia, porque superabundam as provas que vão do povo mais civilizado aos confins das terras mais atrasadas do Globo.

Vão longe os tempos em que o Espiritismo era sinónimo de bruxaria ou misticismo. Desde que os grandes homens de ciência, os intelectuais e as classes cultas, passando por alguns príncipes da igreja, o estudaram, prestigiaram e cobriram com seus nomes respeitados, que ele ultrapassou as raias da ignorância, conquistou as massas, subiu às cátedras galgando os degraus das universidades, instalando-se definitivamente nas

consciências com fito na regeneração humana.

O Espiritismo não é fábrica de doidos, como lhe chamam as pessoas de má fé e os ignorantes, como o não eram as religiões onde não raro perdiam a razão os que, nos claustros, se entregavam à mística religiosa.

Muitos ideais foram pregados no mundo; muitos mártires morreram por eles; mas onde está o primeiro que não tenha sido explorado pela hipocrisia dos homens?

Não acrediteis no espiritismo de que vos falam os sofistas, os detractores sintomáticos, no baixo espírito que repudiamos para longe como uma das variadas formas da magia negra.

Todas as religiões e doutrinas têm adeptos e militantes que as enegrecem e aviltam. São os que, à sombra das coisas sagradas, procuram dar livre curso às suas inconfessáveis manobras. Esses nunca foram sinceramente religiosos, nunca foram espiritas, mas tão sòmente os beatos falsos dum falso espiritismo.

Esse espiritismo não encontra eco em nossos corações. O nosso Espiritismo é aquele

Tudo se admite, tudo se tolera, tudo se procura descobrir nos países que marcham na vanguarda da civilização, ao contrário do que se passa nesta pequena aldeia do mundo, que é Portugal.

Já o grande cirurgião que foi Ambroise Paré dizia: «Eu trato o doente, mas Deus cura-o».

O médico de hoje não pode dissociar o físico do psíquico, sabido como é que o homem está sujeito a leis que fazem dele um habitante de dois mundos.

O corpo pode ser tratado pela medicina, mas, se a doença tem suas origens nos domínios do psíquico, ela escapará sempre ao médico que não quiser ou não souber ir mais além.

O psiquismo é uma ciência que tem de ser olhada com interesse e carinho, para que do Alto possam baixar, aos que se interessam pela dor alheia, a inspiração e a ajuda das grandes entidades do espaço em prol da humanidade sofredora. O médico não fica diminuído a seus próprios olhos, nem perante o mundo que pensa, se no curso do seu apostolado e quando a ciência terrena já nada

Artigo de ANTÓNIO MARTINS

nobre e alevantado de que dão testemunho o Velho como o Novo Testamento e que, através do fenómeno supranormal, que liga os dois mundos, nos fornece a prova consoladora da imortalidade.

Neste momento não posso deixar de elevar o mais veemente protesto contra falsas propagandas, falsas apreciações e sentenças erradas proferidas por todos aqueles que têm ouvidos e não ouvem, têm olhos e não vêem, no dizer de Jesus, relativamente a uma doutrina e uma filosofia já reconhecida e homologada pelo Parlamento inglês, e à qual aderiram, na sua maioria, as classes médicas dos países civilizados, mormente os Estados Unidos da América e o Brasil, onde 75 % dos médicos são espiritas praticantes.

Assim o declarou aos estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa o médico delegado brasileiro à Organização Mundial de Saúde — UNESCO — quando da última reunião deste organismo em Lisboa, confirmando que os grandes médicos ingleses trabalham com médiuns, pelos quais conseguem saber boa parte dos seus diagnósticos.

lhe pode oferecer para salvar uma vida, recorrer às potências do Invisível em súplica cheia de fé para que lhe seja dado conhecer a origem do mal e o remédio que irá suavizar a alma que sofre.

Com a decadência do materialismo, a Humanidade viu renascer das sombras do passado um dos mais belos ramos do néo-espiritualismo.

Foi no outro lado do Atlântico, no mundo novo e de resplandescente vitalidade ainda não tiranizado por velhos preconceitos, como sucedeu à velha Europa, foi nessa rica e florescente América do Norte que se produziram as primeiras manifestações do que ia ficar conhecido no mundo pelo nome de Espiritismo.

As manifestações que se produziram na casa de Hydesville em 1848 iam ficar célebres com as irmãs Fox, porque foram elas que deram lugar a um estudo sério por parte de homens à altura de afrontar com êxito o ridículo e a incredulidade pública.

Todas as noites estranha entidade ali se manifestava por meio de ruídos violentos,

abrindo e fechando portas, retirando as roupas das camas e arrastando móveis.

Mãos geladas e seguras prendiam as meninas Fox, e até o soalho gemia sob a acção terrificante e desconhecida. A seguir vieram as comunicações inteligentes dizendo a mesma entidade chamar-se Carlos Rosna e ter vivido na Terra. Relata seu trágico fim de assassinado e por sua indicação descobrem os ossos do seu cadáver na adega.

Formam-se grupos por toda a parte. A tiptologia, mais conhecida pela «mesa-de-pé-de-galo», entra em acção. Mas a mesa, processo rudimentar, já não chega, já não satisfaz; aparecem os médiuns na sua infinidade de modalidades. São os escreventes, os auditivos, os videntes, de efeitos físicos, sensitivos, curadores, intuitivos, etc., e por seu intermédio recebem-se comunicações de toda a ordem.

As vozes do Além-túmulo vêm aos milhares e de todas as regiões do globo atrair os homens aos puros ensinamentos do Cristo, restabelecer sua Doutrina e tornar compreensíveis a todos as verdades superiores esquecidas na sombra das Idades.

As materializações do espírito de Katie King, com William Crookes, e as do espírito de Abdulhah, com Aksakoff, etc., são de há muito do domínio público e demonstram irrefutàvelmente a realidade do intercâmbio deste mundo com o mundo dos espíritos. O Espiritismo é fundamentalmente científico, filosófico e cristão. No campo científico, trata essencialmente do fenómeno supranormal; visto pelo lado filosófico e cristão, sua doutrina, cujos alicerces assentam na moral de Jesus, encanta e embriaga a alma.

No primeiro caso, a pergunta que ocorre não pode deixar de ser: é verdadeiro o fenómeno espirita? Ou, por outras palavras: é possível a comunicação com os espíritos dos que deixam a Terra?

Respondemos que sim, baseados em milhares de casos obtidos em todas as partes do mundo por pessoas de elevado conceito moral e perfeita honestidade, e pela observação pessoal e directa no campo experimental.

Não são nem podem ser as concepções metapsíquicas de alguns cultivadores destas ciências abstractas que podem destruir a grande verdade Espirita.

Não são as gélidas e hipotéticas deduções que eles tiram do fenómeno supranormal que podem constituir lei na matéria. Não é com suposições que se combatem os factos, em tantos casos espantosos, da realidade espirita. O labirinto das hipóteses em que eles todos se perdem nada nos traz de positivo, nem para a ciência nem para a religiosa necessidade da alma.

Abstraindo os casos, infelizmente tão numerosos, de fraude consciente e inconsciente, chega-se à conclusão de que negar o fenómeno espirita equivale a negar a própria imortalidade.

O campo da experiência no domínio do fenómeno psíquico é vasto, mas requer conhecimentos adequados para uma produção eficiente.

Voltemos ao fenómeno psíquico. Comecemos por um caso célebre, passado com um dos maiores escritores de todos os tempos.

Toda a gente sabe que Víto Hugo acreditava na comunicação espirita. Suas sessões na ilha de Jersey com madame de Girardin ficaram célebres, como conhecidos ficaram seus versos dirigidos ao espírito de Molière, e os terrìvelmente irónicos, que o espírito que assinava «a sombra do sepulcro» lhe ditou.

Vítor Hugo dirigiu ao espírito de Molière um pedido em verso e a resposta não se fez esperar.

Vítor Hugo recebera uma dura lição, e conta Flammarion que, indignado com a resposta, largou o caderno e abandonou a sala.

Esperava a resposta de Molière e foi «a sombra do sepulcro» que lhe respondeu. Revoltou-se e ironizou em termos que lhe haviam de trazer na sessão seguinte, e desta vez em prosa, amarga reprimenda. Eis o que ditou o mesmo espírito dirigindo-se a Vítor Hugo:

«Dizes tu, imprudente: a Sombra do Sepulcro emprega a linguagem humana; serve-se de palavras, metáforas, figuras e mentiras, para dizer a verdade; a Sombra do Sepulcro não é um simulacro, tens razão; eu sou uma realidade. Se desço a falar a vossa algaraviada, é porque sois limitados. A palavra é o grilhão do espírito; a imagem é a golilha do pensamento; vossa linguagem é um ruído enfeixado num dicionário; minha linguagem própria é a imensidade, é o oceano, é o tufão; minha biblioteca contém milhões de estrelas, milhões de planetas e de constelações.

«Agora, se queres que te fale a minha linguagem, sobe ao Sinai e me ouvirás nos relâmpagos; sobe ao calvário e me verás em resplendores; desce ao túmulo e hás-de sentir-me na clemência».

Quis relatar esta mensagem pelo que ela tem de profundo e altamente revelador de quanto somos pequenos, até mesmo quando nos chamamos Vítor Hugo, em face das potências do desconhecido.

As provas que os espíritos fornecem são variáveis ao infinito e arrasam muitas vezes os materialistas e os que dizem não acreditar sem prèviamente haverem estudado o fenómeno. O pior é quando são convidados a assistir e a observar, porque não raro saem enfiados, sem fala, lívidos, depois de tremenda lição dada pelos invisíveis.

Depois admitem tudo, caem no exagero contrário, tudo atribuem aos espíritos, quando, na verdade, e isso é preciso que se saiba, nem tudo lhe podemos atribuir. Há que separar o trigo do joio, nunca perdermos o *contrôle* nem abdicarmos do nosso livre arbítrio em face de fenómenos que muitas vezes se contradizem.

Recebem-se no mundo e diàriamente milhares de comunicações tanto pela via oral com médiuns em transe, como pela escrita automática e directa. Em grande parte banais, e de carácter familiar, algumas há que se destacam pela beleza da forma e elevação do pensamento.

Estas provas da imortalidade, dadas quase sempre espontâneamente, não permitem duvidar da verdade do fenómeno. Outro fenómeno extraordinário, e que é conhecido pelo de «apport», tem deixado perplexos todos os que a ele têm tido a sorte de assistir.

Como é possível a um espírito, no fenómeno do «apport», fazer entrar um objecto, como, por exemplo, uma rosa num recinto fechado onde se encontram reunidas as pessoas que assistem à sessão?

Quem poderá pôr em dúvida a materialização de um pé ou de uma mão de um falecido quando este a materializa para a deixar moldar em parafina? Após a moldagem, o espírito retira-a, ou, melhor, desmaterializa-a e ela some-se como o fumo, ficando o molde perfeitamente intacto. Não seria possível a nenhum ser humano suportar aquele alto grau de calor, e muito menos retirar a mão sem se quebrar o molde.

(Continua)

Estudos Psíquicos *fundou-se para servir a Verdade e propagar uma doutrina de beleza moral. Nunca apoiará violências nem atacará indivíduos.*

PENAS ETERNAS

Por ALFREDO MIGUEL

Enuncia uma verdade quem afirma que Deus é infinitamente bom e misericordioso. Se a este enunciado procura associar a ideia de eternidade das penas por Ele decretadas, eis que o que era verdade tornou-se uma contradição. Sim, Deus não pode ser ao mesmo tempo clemente e inexorável, manifestar a bondade sem limite e a ilimitada vingança. Dois sentimentos antagónicos não logram coexistir, porque um ao outro se excluem. Se a punição imposta por Deus ao culpado fosse eterna e irrevogável, até o arrependimento seria inútil. Então teríamos que ver mais equidade na justiça humana do que na divina, visto que aquela leva em conta a reabilitação do delinquente, constituindo esta circunstância um fundamento para o indulto ou comutação da pena. Ocorre perguntar qual o pai que castigaria por toda a existência ao filho que errasse, por mais grave que fosse a culpa decorrente do seu erro? Punindo Deus por toda a eternidade, sem remissão, as faltas de seus filhos, não se colocaria muito abaixo de um pai humano? Outrossim, o homem não é integralmente mau. No acervo dos actos da sua conduta durante a vida material, somam-se o mal que cometeu e o bem que fez. Ora, se é condenado a castigo eterno pelo mal que andou fazendo, que recompensa receberá pelo bem que praticou? Será que o Juiz Supremo só tem em vista punir o mal, sem galardoar o bem?

Foram raciocínios como estes, e outros que surdiriam de um exame mais acurado deste assunto, que levaram muitos homens de pensamento ao indiferentismo religioso e à negação da Divindade. É bastante demonstrativo o caso do filósofo italiano Benedetto Croce, aludido por Will Durant na sua «História da Filosofia». Filho de pais tradicionalmente religiosos, «recebeu uma educação teológica tão completa, que acabou ateu». Como Benedetto Croce existe um sem número de pensadores que preferiram descrer de tudo antes que firmar crença num Deus antropomórfico revestido dos atributos inerentes à natureza humana. O Espiritismo, sobrepondo-se aos erros da Teologia, dissecando com o escalpelo da lógica os velhos dogmas da fé, veio a tempo mostrar que o mais absurdo de todos, blasfematório como nenhum outro, é o das penas eternas, porquanto a perpetuidade de um castigo importaria a infinitude da culpa e a persistência perpétua do mal. A verdade é como está no Evangelho: «A cada um será dado segundo as suas obras». Que o infractor da lei divina terá de responder por suas infracções até ficar quite com a Justiça, isto é natural e indefectível. Mas daí a ser condenado a punição sem fim, inapelável, vai uma distância tão grande quanto a monstruosidade deste dogma.

SERES SEM ROSTO

1.º

O espírito humano é assim feito porque primeiro é solicitado na sua busca da Verdade pelos fenómenos exteriores e prespectivas de um mundo concreto. E talvez porque os nossos orgãos dos sentidos se dirijam exclusivamente para o exterior, a fim de receber as vibrações ambientes e que elas não apresentam nenhuma utilidade para pesquisar nesse meio físico interior do nosso corpo e que notem a sua incapacidade de nos trazer a menor informação acerca do eu psíquico.

E contudo, esse eu psíquico, nós o sentimos confusamente, encerra mais mistérios que os abismos do Pacífico, e, como ele, é também tão difícil de explorar. Pesquisadores não faltam. Mas, que têm eles à sua disposição?

Há séculos que os filósofos se exercitam na introspecção. Assim, inventariaram os fenómenos da consciência, sem os explicar em demasia, e pouco mais além puderam ir. Depois do famoso «Eu penso, logo existo» de Descartes, a psicologia clássica é uma psicologia de consciência (1).

«É um facto indiscutível — afirmou Victor Cousin —, que nada se passa em nós, sem que o saibamos, sem que disso tenhamos consciência. A consciência é uma espécie de testemunha que nos previne de tudo o que se faz no interior da nossa alma».

Eis aqui uma bela certeza, uma certeza arrogante, a de Theodore Jouffroy, quando diz:

«Nós sabemos a cada momento o que se passa no nosso eu, e a mais absurda de todas as suposições seria a que um homem pudesse pensar, querer e sentir, sem disso ser informado».

No seu manual clássico de filosofia, A. Jacques não hesita em exprimir assim esta teoria oficial do século dezanove: «O que seria a ideia sem a consciência?». Uma ideia que teríamos sem saber que a temos, um pensamento que não pensaríamos, isto é, qualquer coisa absurda e impossível, não sòmente um fenómeno incompleto, mas um puro nada».

(1) Foulquié e G. Deledalle —«A Psicologia Contemporânea».

Para eles todos, um processo psíquico é um processo consciente, o domínio da psicolgia é o mesmo que o da consciência, não se estende para além. Em realidade, a crosta superficial do eu psíquico não está sequer franqueada.

Foi preciso vir um médico — Freud — que, devido a um método pouco ortodoxo para a época, levasse os filósofos a notar que o nosso comportamento está igualmente sob a dependência de elementos inconscientes, isto é, que não emergem no plano da consciência e se escapam para ali, apesar de toda a vigilância do indivíduo. No princípio, Freud serve-se da hipnose para explorar a alma do paciente e descobrir as causas psíquicas do seu comportamento doentio. Mas depois renuncia ao hipnotismo, ao qual são refractários grande número de indivíduos, e procede na investigação directa do inconsciente, estudando as ideias que vêm ao espírito do doente, quando ele se entrega sem reserva ao jogo das associações. É o chamado método psicanalítico, cujo objectivo consiste em trazer ao caminho da consciência do doente os factos ocultos no subconsciente.

E qual é este inconsciente? Uma parte do eu psíquico recalcado pela educação e pelas exigências da vida social. Mas Freud é médico; ele não observa o homem normal, mas os nevróticos. Também o homem de Freud, com os seus sintomas mórbidos de sexualidade recalcada, é um ser normalmente incompleto, mutilado, sem ideal nem grandeza, e nós não nos reconhecemos nele. De resto, é bem o que o próprio Freud deve ter sentido, visto ter tentado uma «sublimação da *libido*», criando com todas as peças um «sobre-eu» de certa elevação moral. Foi o que melhor ainda compreenderam alguns dos seus continuadores e sobretudo C. G. Jung, que, além do inconsciente individual, vê em nós um inconsciente colectivo, enriquecido com misteriosa substância que parece ser o precipitado da experiência de toda a humanidade.

De qualquer maneira, é a Freud que pertence o mérito da descoberta do inconsciente, que disseram ser a maior descoberta psicológica do século dezanove. Assim, depois da introspecção clássica, isto é, do estudo do indivíduo por si mesmo que se revelou incapaz de nos fazer penetrar nas profundezas que é necessário explorar, nasceu a psicanálise, abrangendo o estudo do indivíduo exterior, isto é, feito por um experimentador que observasse o seu comportamento físico e psíquico.

À primeira vista, o método era sedutor, quanto mais não fosse pela novidade, e foi o que explicou o imenso sucesso alcançado. De facto, é preciso ter a coragem e a boa fé de reconhecer que não manteve as suas promessas e se revelou com prática desconcertante. Os médicos especializados no tratamento psicanalítico das nevroses são, de resto, os primeiros a reconhecer o empirismo e a incerteza do seu método de exploração do inconsciente. A maior parte deles recorrem ao método chamado das associações de ideias. O médico coloca-se atrás do seu doente e pede-lhe que fale de tudo o que se lhe apresente ao espírito, que pense em voz alta, sem o interromper nem o interrogar. A sucessão das suas ideias parecerá desprovido de sentido, pois falará do seu ofício, de uma bicicleta, da política, dos seus sapatos, do cinema, etc. Se as suas frases se aproximam umas das outras, não tardará a descobrir-se que todas contêm um elemento comum, voltando a cada uma delas sem conseguir exprimir-se nitidamente.

Se destacarmos este elemento, veremos que ele realça sempre uma preocupação que o doente procura afastar. Esta desagradável preocupação constantemente repelida manifesta-se inconscientemente.

Nestes casos, trata-se nitidamente de um pensamento latente que quer exteriorizar-se; para isso, escolheu representações susceptíveis de responderem como se fosse ele próprio, sem despertar a desconfiança do doente, porque este as repeliria, se conhecesse essa intenção. Assim, a consciência exerce sobre as associações uma rigorosa censura que a ideia latente procura iludir.

«Suponhamos que o nosso doente esteja continuamente preocupado com um segredo. Ela não o revelará, mas as suas associações gira-

rão sempre em volta do mesmo ponto. Falará, por exemplo, de um invento secreto, de um vício secreto, de um mistério, do segredo das operações de guerra, e a sua preocupação latente orientará o curso da conversação. As mais divergentes frases serão associadas à ideia do segredo e, apesar das suas diferenças, elas continuarão a ser semelhantes e a analogia continuará de uma frase para outra, até que nova preocupação passe ao primeiro plano no cérebro do doente» (1).

Em princípio e assim exposto, o método parece simples; mas quem avaliará as dificuldades do psicanalista que, trás do seu paciente, é como um caçador à espreita?

A descoberta do complexo pode necessitar de meses de análise que cansarão o doente e o médico-experimentador.

Em geral, o psicanalista não deve fazer perguntas; deixa o doente dizer o que quiser. Se o cliente emudecer, a análise não se realizará.

O psicanalista deverá evitar uma orientação errada, pois isso é um perigo que o espreita constantemente. Deverá também vigiar o próprio doente que, muitas vezes, se queixará de sintomas que já não tem ou, ao contrário, julgará estar curado, quando afinal a sua psicose é mais do que nunca alarmante. É para evitar as dificuldades desta espécie que certos médicos, em vez de deixar o doente falar livremente, pronunciam uma palavra e convidam o paciente a responder, com outra, à primeira que lhe venha à mente. Assiste-se, então, a dialógos deste género que, devemos concordar, são bastante surpreendentes (2):

O médico: *Árvore.*
O doente: *Serpente.*
O médico: *Vinagre.*
O doente: *Puericultura.*
O médico: *Igreja.*
O doente: *Altar.*
O médico: *Copo.*
O doente: *Intestinal.*
O médico: *Patriotismo.*
O doente: *Ideal.*

★

Que falta ao psicanalista para triunfar na sua empresa? Um aparelho de radioscopia da vida mental ou das suas manifestações radiantes, um aparelho que lhe permitiria perscrutar os influxos do passivo e descobrir-lhe as anomalias. Esse aparelho ainda não existe. O homem talvez um dia o invente; ele já imaginou o eléctro-encefalograma mas os nossos actuais conhecimentos de física e de biologia não nos permitem antever para breve essa eventualidade.

Apesar disso, não temos nós, à falta de melhor, um mecanismo de substituição que noutros domínios já deu as suas provas — a mediunidade? Porque não se tentam utilizar, desta radioscopia mental, as faculdades mediúnicas inegáveis de certos sensitivos? Porque não se utiliza um médium nos exames psicanalíticos, nem que seja a título complementar? Esses exames reuniriam ao mesmo tempo três assistentes: — o passivo — doente ou não —, o médium e o experimentador — médico ou psicólogo.

Em si mesmo, um método de pesquisa não é bom nem mau. Só vale pelos seus resultados; e se estes forem limitados, o experimentador será por vezes levado a completá-los e a recorrer a muitos métodos diferentes. Introduzir um médium como terceiro nas relações do passivo e do psicanalista, parece, afinal, um processo menos excessivo, que o da hipnose, tão apreciado por certos psiquiatras e que não se presta ao ridículo como certos diálogos acima relatados.

Eis, pois, um método que apresenta, pelo menos, a vantagem de respeitar a dignidade do experimentador e do passivo. Tanto mais (insistimos muito especialmente neste ponto) que tal método não é de modo algum de natureza a suplantar os métodos actualmente empregados. A investigação mediúnica do sensitivo representa sòmente, em nossa opinião, um prévio exame radioscópico destinado a orientar o psicanalista nas suas pesquisas.

Aqui estão reunidos, no mesmo lugar, o paciente de um lado, o psicanalista e o seu médium do outro. Que se pode esperar do médium e qual será o papel do psicanalista?

Já tivemos ocasião de encarar o estudo dos fenómenos mediúnicos (3) e não é nossa intenção voltar a falar no assunto. Contentemo-nos em repetir que o médium — homem ou mulher — é um ser dotado de sensibilidade nervosa especial. A faculdade mediúnica não é apenas um dos aspectos dos fenómenos electromagnéticos de que o corpo humano é a sede. Ela supõe no sensitivo um certo poder fluídico que se desenvolve muito ràpidamente e por meio de treino.

A fisiologia do transe mediúnico consiste enssencialmente no seguinte fenómeno: sob o efeito de intensa volição do sensitivo, o influxo nervoso que habitualmente lhe envolve todo o corpo começa a oscilar em volta dos seus polos, ao nível dos ombros, depois retira-se cada vez mais para cima, acabando por desaparecer do contorno geral do corpo, para brilhar em volta da cabeça num feixe fluídico que se projecta para o alto como verdadeira antena pronta a emitir as suas chamadas.

O transe mediúnico pode ser mais ou menos desenvolvido, segundo os sensitivos: alguns conservam toda a sua lucidez, outros perdem mais ou menos a consciência, como durante o sono. De qualquer maneira, no decorrer deste segundo estado, os sentidos do médium parecem infinitamente mais aguçados ou talvez mesmo que uma certa percepção directa se manifeste sem que ela seja tributária dos orgãos sensoriais. Especialmente neste estado, o médium vidente— o médium auditivo não apresenta qualquer interesse para o psicanalista — o médium vidente, dizíamos, chega, com um pouco de prática, a perceber muito nitidamente o conjunto das radiações que se exteriorizam do corpo do paciente, colocado em frente dele.

Este conjunto vibratório, emanação do campo electromagnético do homem, tem dupla natureza que atinge cerca de 20 centímetros que o médico não pode ignorar. O in-

Artigo de GEORGES TIRET
(Correspondente em Marselha)

---

(1) Laforgue e Allendy — «A Psicanálise e as Nevroses», pg. 20.

(2) Laforgue e Allendy — Ob. cit., pág. 191.

(3) «Le Monde Invisible vous Parle» (Vigot) pág. 163, e «Survie et Métamorphose» (Maisonneuve) pág. 25 e 57.

fluxo nervoso (1) apresenta-se sob a forma de um vasto circuito que percorre todo o sistema nervoso. Ele emana do encéfalo que, com as suas células superiores e os seus neurões, constitui a central eléctrica do corpo humano. Analogia interessante: com a circulação sanguínea arterial e venosa, os fluidos do nosso corpo apresentam dois coloridos distintos: avermelhado para o influxo positivo da direita e azulado para o influxo negativo da esquerda seguindo um traçado mediano que separe as duas partes do corpo. O sistema nervoso não chega a conter a sua energia eléctrica e o influxo irradia em volta do corpo, banhando-o numa camada eléctrica que em média apresenta quatro a seis centímetros de espessura. Assim, o médium verá o passivo envolvido num influxo etérico ligeiramente ondulado, semelhante a um ténue nevoeiro que se desloca em sentido giratório e apresenta uma auréola vermelha à direita e outra azulada à esquerda.

Durante as doenças, o influxo nervoso enfraquece consideràvelmente. Um ferimento ou uma pancada resultante da contusão nas extremidades nervosas da epiderme, provocam perturbações correspondentes ao influxo. Da mesma maneira as profundas emoções do paciente traduzem-se pela precipitação do influxo com movimentos mais ou menos desordenados.

O prático aproveitará então o transe mediúnico para se entregar à primeira série de verificações sobre o seu doente. Mas, além do influxo nervoso, o corpo humano exterioriza um conjunto radiante bem mais considerável — a aura — (2) que apresenta um interesse essencial para o psicanalista.

Enquanto o influxo nervoso é emanação do sistema nervoso, a aura é inerente ao campo electromagnético do perispírito, cujas linhas de força biopolares se exteriorizam do corpo. A aura é visível de frente e constitui, por assim dizer, o pano de fundo do corpo humano, envolvendo o corpo com uma camada vibrante que se exterioriza para além do influxo nervoso, visto que atinge cerca de 20 centímetros em volta da cabeça e dos ombros. Depois vai-se adelgaçando, até acabar em fuso junto aos tornozelos.

As radiações que compõem a aura são de cores diversas e variam segundo o indivíduo. A aura maior possui três ou quatro camadas de radiações sobrepostas e diferentemente coloridas: azuis, vermelhas e trigueiras.

Há também auras que se compõem duma só cor, ou, pelo contrário, têm uma gama de cores misturadas e de várias tonalidades.

Com um pouco de prática, um bom médium consegue perceber muito nitidamente os coloridos da aura e o psicanalista chegará assim a classificar imediatamente os seus pacientes, segundo as cores das suas radiações. Desta forma se vê que as cores violentas são indício de uma alma inferior dominada por maus instintos, ao passo que as auras delicadamente matizadas e claras denotam almas evolvidas.

De qualquer modo, a aura constitui uma prova infalível, porque todos os sentimentos, até os mais recalcados, se revelam nesta tela luminosa da nossa vida psíquica. Somos coléricos? Emitimos radiações rubras, prova irrefutável da nossa violência, mesmo quando é passageira. Atravessamos um período de espiritualidade?... A nossa aura adquire o tom azul pálido, que denota espírito de eleição e alma elevada. Se a ignorância e a estupidez caracterizam o paciente, já se sabe que o exame da sua aura acusará radiações de um verde sombrio.

O prático conseguirá organizar um gráfico das cores que o habilitará imediatamente a estabelecer o seu diagnóstico psicológico.

E a loucura e as doenças mentais? Como se manifestarão nesse quadro luminoso? A camada tão diversamente colorida da aura de um indivíduo normal sofre profunda transformação nos casos de loucura. Se a loucura se manifestou há muito e é incurável, a camada radiante, sempre tão espessa, apresenta uma coloração cinzenta, quase plúmbea. Esta cor envolve os contornos da cabeça e adelgaça-se a partir dos ombros e dos braços, acabando por desaparecer na parte inferior do corpo, tornando a aura pràticamente incolor em volta da região ilíaca e das pernas. O médium não deve, portanto, hesitar, quando capta uma aura deste género; o passivo é um alienado, não havendo por isso necessidade de o interrogar para termos a prova e toda a hipótese de simulação tem de ser rejeitada.

Mas quais são os sintomas que permitem descobrir que o passivo caminha para a alienação mental? Esses sintomas são de duas espécies e conhecem-se pela cor da aura e sua forma. Em primeiro lugar, as cores geralmente sobrepostas da aura são substituídas, em períodos mais ou menos curtos, por uma só cor, uniformemente terrosa e cinzenta. Em segundo lugar e mesmo durante os intervalos, a forma da aura será turbilhonante, como se as tiras coloridas fossem mudando constantemente, substituindo-se umas às outras em remoinho. Esta aura revela um cérebro agitado, um ser menos seguro da sua consciência, vítima de estados de alma contraditórios que já não chega a dominar. Em regra, a aura de um indivíduo normalmente equilibrado, não se modifica no espaço de uma hora. Ela representa o conjunto dos seus sentimentos e tendências, e a soma das colorações radiantes que lhe correspondem é sempre a mesma. Mas quando se manifesta uma perturbação psíquica, acentua-se, e logo predomina a cor relativa à natureza dessa perturbação. Se o indivíduo estiver encolerizado, o vermelho absorve as cores normais e nesse momento a aura transforma-se numa cor indecifrável, completamente adulterada. Se o medo o confrager, a coloração será cinzento-acastanhada. E se for dominado por instintos mórbidos de sexualidade, o colorido será laranja-escuro.

Assim, em princípio, se a nevrose é constituída por uma ideia fixa ou um sentimento predominante, esta anomalia traduz-se por uma cor inerente à própria natureza do sentimento. Mas a ideia fixa não é estática; ela avança com o raciocínio, desencadeia outros sentimentos e logo aparece o turbilhão das cores já verificado e que denota, com o conflito mental, a extrema agitação do passivo.

A investigação mediúnica assim compreendida e praticada abre aos psicanalistas um domínio inteiramente novo, cuja prospecção lhes permitirá basear os seus diagnósticos em dados concretos e positivos. Adquiridos estes dados e de posse de todas as informações necessárias sobre as mais profundas tendências psicológicas do seu passivo, o psicanalista sentir-se-á mais seguro para continuar o seu exame por meio das experiências habituais e garantir quanto possível o tratamento do seu doente.

Todavia, como todos os métodos, o mediúnico apresenta os seus inconvenientes e as suas possibilidades, de que vamos falar agora. Este método seria incomparável, se não repousasse num factor humano, e, por esse facto, só tem valor intrínseco.

(Continúa)

(Trad. de ***Ivone de Sousa****)*

(1) «Survie et Métamorphoses», pág. 21.

(2) «Le Monde Invisible vous Parle», pág. 70 e seguintes. «Survie et Metamorphose», pág. 27 e seguintes.

Terá sido o Egipto, dádiva do Nilo, como disse o escritor clássico, um ponto de passagem forçado para quem procede de além?

É certo que a posição geofísica do seu surgimento se apresenta única no género, que as suas Pirâmides constituem um quadro de visão inconfundível e que a sua história transmitida em caracteres originais que custaram muito a interpretar torna aquela parcela regional do globo justificado motivo de labor, disciplinado aos estudiosos.

Entronca-se com a existência de Israel a monografia do povo egípcio, no seio do qual os judeus permaneceram longamente e Jesus foi poupado à perseguição sangrenta de Herodes, *o Grande!*

Faraós se chamaram os chefes políticos do país do Nilo, que prezavam a paz como regime inexcedível. No entanto, quando as circunstâncias lho impuseram, sairam à estacada como guerreiros e foram bravos na conduta militar.

Todos os grandes conquistadores do pretérito se apoderaram do Egito, com demoras divergentes, não cessando nunca de frequentá-lo os investigadores estudiosos de todo o mundo.

Toda a região do Nilo, rica sempre para os homens de estudo e de ciência, é tesouro inesgotável de saber e arquivo precioso.

Há lá rincões, mais ou menos soterrados, ainda por explorar, que só esperam o alvião bem manuseado para premiarem satisfatòriamente os sedentos de decifrar os enigmas e segredos do passado.

São estes conhecidos como egiptólogos, e não escassos em número nem despidas de mérito docente, as elaborações dali derivadas, mandadas imprimir.

E está longe de inventário perfeito semelhante finalidade louvável, em que se hão revelado competências da maior idoneidade e verdadeiros apóstolos.

Indivíduos diplomados, ingleses, franceses, alemães, italianos, americanos, etc. não têm descurado aquela fonte de inquietação, não erma de elementos materiais que o tempo não carcomeu e conservam o cunho e vestígios da época em que a arte os produziu ou alindou.

Os túmulos, principalmente, hão representado campo vasto de exame e análise, fornecendo ao mesmo tempo bases seguras de afirmação irrefutável. O corso genial que a França aclamou seu imperador, Bonaparte, refere-se que no momento em que ia travar batalha com adversário temido, bradara às forças do seu comando: «Soldados, do alto daquelas Pirâmides quarenta séculos vos contemplam». A ligação de Suez, unindo, ao tempo, África e Ásia, estava por cortar.

Nesse cortar alcançou fama um celebrado engenheiro francês que depois a viu esmorecida no Panamá, realização soberana dos diligentes filhos dos Estados Unidos da América do Norte.

A Ásia, situação actual melindrosa e grave, é o maior continente do terráqueo Planeta e o teatro e cenário da entidade humana.

Berço pasmoso do activo e passivo da humanidade, a Europa que os Urais e o Caucaso lhe afivelam não é a rigor e dimensões mais do que península sua, de momento enfermiça e pouco bem soante.

Não cabe a vaidade em presença de factos palpitantes nem máscaras anulam verdades autenticadas.

ÁSIA

POR

F. NORONHA

É por isso que o semeador de ventos colherá tempestades e que a cobardia haverá de ser eliminada. Quando estudante, depararam-se-me dois condiscípulos indianos.

Aiala era o apelido de um e Barreto o do outro.

Não os esqueci nem posso esquecer, amigos e companheiros que encontrei, de tanto aprumo e de tanta lealdade.

Goa fora-lhes o berço e de Aiala também local do túmulo.

Não me recordo onde Barreto cessou de existir, lembrando-me, porém, que residiu em Paris como jornalista.

As suas elaborações nunca foram sobre o joelho, e mereceu ao ilustre estadista José Dias Ferreira apreço pessoal e admiração.

Afigura-se-me que o Aiala, de quem conheci a estremosa mãe, o esposo e a prole é o progenitor do brigadeiro do seu apelido que foi e creio que ainda é o segundo comandante da Guarda Nacional Republicana.

Goa, mundo oriental, há tido Noronhas na investidura de diversas funções.

Logo em sua tomada, um Noronha que recebera uma lançada inimiga, rasgando-lhe a face, ouviu da boca de Afonso de Albuquerque este gracejo animador: «Ficais assim mais galante». Algum dia, agora mui recuado, passou-me pela imaginação a minha ida definitiva para aquela cidade famosa. A verdade todavia é que o tempo foi passando, e hoje por isto, no dia imediato por aquilo, não levei a efeito essa deslocação, que lamento até certo ponto.

Ao presente, estaremos garantidos da continuidade goense no luso império?

Aprás-me acreditar que sim.

No entanto, o mundo oriental é de vanguarda óvante, e o século singra sem restrições violentas de autonomia.

Sempre a Ásia me atraiu e a atrair permanece, mesmo nestes dias primeiros do mês de Maio de 1953.

Alguma novidade de tomo virá perturbá-lo no itinerário?

É de anseio a hora e de enorme incerteza o ámanhã de cada qual.

No fundo, pensa-se em determinadas coisas que nem chegam a transpôr os umbrais do pensamento.

Nota-se ausência de perseverança e tibieza ou torpor de energia.

E, não obstante, a Ásia, o mundo oriental, é o teatro mais fecundo de todos os eventos mundanos, e de lá irradiou, na vidência abraónica, uma filosofia de que proveio o Cristianismo. Em Waterloo é Deus que passa. Na Ásia é a sombra de Deus que se faz sol.

É lá que se erguem os colossos montanhosos de maior elevação terráquea e de onde a prece humana, mais desembaraçada e livre, irá em linha recta aos áditos da mansão inefável.

Os actos em que irrompem os testemunhos vivos do verbo divino afloraram em sua atmosfera com esplendor fulgurante, e a Cruz de agonia do Mártir excelso triunfará peremptória de extremo a extremo do seu solo sagrado.

Moisés à frente do seu povo, que deveria ao Egito séculos de existência e guarida impagável durante extermínios crudelíssimos, dali veio implorar, no deserto, a benção do Senhor e empreender a marcha para Canaam, provendo-se, no Sinai, com as tábuas da Lei.

E esse povo, rude e ingrato, não hesitou em arvorar o bezerro de oiro, adorando-o!

E a Ásia, mundo oriental, teve assistência a tudo isto, descalabro ético sem concerto, contradição absurda, condenação de si mesma!

OS FENÓMENOS

Artigo do doutor **BRUNO ADAMO**

1.º

O moderno espiritualismo, para cujos postulados converge a doutrina filosófica, vê os direitos dos animais de um ponto de vista muito mais lógico do que no passado. A alma vai evolvendo, desde os seres monocelulares, passando por inúmeras encarnações, sobe na escala zoológica e tende para o progresso infinito, segundo a lei extensiva aos seres vivos.

O método experimental, a contestação de fenómenos impressionantes, abriram novos horizontes ao campo científico, o da zoo-psicologia, fazendo surgir problemas cuja solução se pode considerar de grande importância científica e filosófica.

Porém, as investigações neste ramo da metapsíquica apresentam-se cheias de lacunas, de confusão e de interrogações contraditórias, o que não deve causar espanto a ninguém, se pensarmos que o estudo da vida psíquica do próprio homem nos apresenta problemas quase insolúveis, principalmente, quando, do campo da psicologia normal, se passa ao da psicologia supranormal.

Assim, se, subjectivamente e com certa segurança, podemos analisar os estados de consciência que, em determinado momento, se produzem em nós, e também os fisiológicos que os acompanham e lhes correspondem, se acaso existiram, torna-se evidente que essa segurança se transforma em verosimilhança ou probabilidade, quando passamos dos homens aos animais, que ocupam diversos graus na escala zoológica. Para analisar o estado de consciência dos animais empregamos analogia, dada a semelhança entre a estrutura orgânica do homem e a dos vertebrados superiores, e depois a observação directa, confrontando as manifestações exteriores que acompanham os nossos estados de consciência com as manifestações verificadas nos animais, o que nos poderá fornecer indicações preciosas para a determinação dos fenómenos que estudamos.

Por que motivo reconhecemos uma consciência no nosso semelhante?

Porque, baseados na nossa própria consciência, somos levados, por analogia, a atribuí-la aos outros e também porque os vemos reagir como nós a determinada excitação, admitindo que essa reacção, seguindo-se à excitação, é acompanhada de sentimento correspondente. Se der um açoite a uma criança ou uma paulada a um cão, o que verifico?... A criança chora, leva a mão à parte do corpo atingida e esfrega-a, para adormecer a dor. O cão começa a ganir, contrai a parte dorida e lambe-a: há analogia na mímica dolorosa do homem e do cão.

Estes factos e outros bem mais importantes, de que mais adiante falaremos, provam, não só a existência da alma nos animais, mas também a sua presença na esfera superior da vida de relação, e que esses factos já pertencem ao campo metapsíquico no qual o homem baseia a sua superioridade. A questão da existência da alma nos animais pode dizer-se que está assente, tanto que se tornou postulado dos actuais ensinamentos biológicos. Presentemente, a zoo-psicologia não perde tempo, como dantes, a querer provar a existência da alma nos animais; limita-se a atribuir-lhes um grau de inteligência e raciocínio, estudando as suas manifestações e alcance. Se está reconhecida a veracidade das manifestações supranormais em que o homem é agente ou percipiente e também que essas manifestações se deram sempre e em toda a parte, devemos admitir que com os animais se podem dar idênticas manifestações.

Como é natural, os fenómenos metapsíquicos que têm os animais como protagonistas ficam circunscritos a limites mais modestos de manifestação; mas, apesar disso, são muito mais importantes do que poderia supor-se. Com os animais, de facto, podem verificar-se fenómenos telepáticos, de vidência de fantasmas humanos, aparições verídicas de fantasmas de animais, fenómenos premonitórios, materializações, factos que nos levam a admitir a existência de uma subconsciência, possuidora das mesmas faculdades supranormais existentes na subconsciência humana. Conclui-se, portanto, que este novo ramo de metapsíquica é de grande valor científico e filosófico, indispensável para assentar as bases da Ciência da Alma, que ficaria incompleta sem os elementos fornecidos pelas novas investigações sobre a alma dos animais.

A interessante manifestação telepática canina, que foi presenciada pelo célebre romancista inglês Rider Haggard, em 1904, marca a época em que as manifestações supranormais dos animais começaram a ser tomadas em consideração. O facto foi largamente comentado pelos jornais políticos e científicos, visto ter-se dado em circunstâncias que não admitiam dúvida.

O romancista conta que, certa noite, despertou sobressaltado de terrível pesadelo. Sonhara que o seu cão Bob estava prestes a afogar-se, lutando desesparadamente com a morte. A certa altura, o animal levantou a cabeça e o romancista, sem poder explicar como, sentiu que o cão estava a morrer. Decorridos alguns dias, foi encontrado a boiar numa lagoa o corpo do animal, com o crânio fracturado, por ter sido atropelado por um comboio, na ponte da lagoa. Posteriores indagações provaram que o comboio passara à meia noite, isto é, uma hora antes do sonho.

METAPSÍQUICOS NOS ANIMAIS

O caso exposto só pode explicar-se pela transmissão telepática *post-mortem,* do animal ao homem.

Não pode atribuir-se a um impulso telepático nascido na mente de uma pessoa que presenciasse o caso, porque ninguém assistiu ao drama nem teve conhecimento dele, como ficou provado pelas indagações feitas. Não podia tratar-se também de uma coincidência fortuita, visto serem numerosos os pormenores e as exactidões verificadas no sonho, nem tão pouco de um fenómeno de telestesia, visto o romancista ter verificado um fenómeno de identificação, o que exclui o de telestesia. É difícil explicar o facto da transmissão telepática ter ocorrido uma hora depois do atropelamento, o que leva a supor que o animal caísse ferido na lagoa e que, no instante de morrer, o que se deu depois, pensasse no dono, pedindo-lhe socorro.

Muitas vezes a mensagem telepática manifesta-se simbòlicamente, segundo a conhecida lei pela qual as impressões recebidas no subconsciente transitam para o consciente através da menor resistência, caminho que é diferente em cada indivíduo e depende da sua cultura, ambiente familiar e social, da disposição e também do tipo sensório a que o indivíduo pertence (visual, auditivo, táctil, etc.). Pode ser que o pensamento do agente telepático seja modificado, perdendo a clareza.

Por exemplo, uma senhora conta que, certa noite, despertou sobressaltada, ouvindo o seu cãozinho saltar no quarto, apesar da porta estar bem fechada. Pouco depois, o marido ouvia a mesma coisa. Impressionados com o estranho fenómeno tiveram o pressentimento de que houvesse sucedido qualquer coisa de grave ao animalzinho. Levantaram-se e encontraram no andar inferior o cão meio estrangulado com a trela enrolada ao pescoço.

Neste caso, de origem indiscutìvelmente telepática, o pedido de socorro nascido na mente do cão transformou-se no barulho provocado pelos saltos com que o animal costumava fazer festas aos donos. Parece-nos lógico admitir que, no instante em que se viu em perigo, o animalzinho pensasse com ansiedade naqueles que poderiam salvá-lo e não nos saltos que, habitualmente, dava em volta da cama dos donos.

Noto, a propósito, que as faculdades telepáticas são condicionadas à imprescindível necessidade da comunicação psíquica, isto é, sem laços afectivos ou, muito mais raramente, de simples conhecimento, não se dão manifestações telepáticas entre os homens e os animais. Esta circunstância merece particular atenção, porque também se dá nas comunicações telepáticas de homem para homem. Existe, portanto, a mesma lei de afinidade que preside a todos os fenómenos telepáticos, seja entre pessoas vivas, entre vivos e desencarnados ou entre homens e animais. Em resumo, é a lei da sintonização vibratória que impera no físico e no psíquico.

Uma categoria de fenómenos mais frequentes e teòricamente importantes, são os de vidência de fantasmas humanos, vistos colectivamente pelo homem e pelo animal e, por vezes, sendo este último o primeiro a vê-los. Este facto é importante, porque exclui a hipótese da imagem alucinatória, gerada na

mente do dono, ser transmitida, telepàticamente, ao animal. É sabido que as alucinações colectivas se verificam, em geral, entre alienados, originadas por sugestão verbal e nunca por transmissão telepática de pensamento, conforme afirmação dos mais ilustres cientistas, entre os quais Richet e Morselli. Por vezes, nas experiências hipnóticas, o hipnotizador consegue provocar alucinações no sensitivo, mas quase sempre por sugestão verbal e raramente por via telepática.

De resto, não faltam exemplos de manifestações fantasmagóricas perceptíveis para os animais, o que se pode atribuir ao facto da retina destes ser sensível aos raios ultravioletas emitidos pelas entidades insuficientemente materializadas para serem percebidas pelos olhos humanos.

Aceite-se ou não esta hipótese, o que é certo é que os animais recebem estas manifestações mais fàcilmente do que o homem, talvez devido à sua mentalidade simples, análoga à dos selvagens, entre os quais as faculdades telepáticas e telestésicas são muito mais frequentes e acentuadas do que entre os povos mais requintados, cuja actividade psíquica é constantemente absorvida e distraída pelo ambiente artificial da vida civilizada.

Muito mais importantes, do ponto de vista teórico, pelas consequências filosóficas que daí resultam, são as aparições de fantasmas de animais, correspondendo, pelas características somáticas, aos animais que viveram na localidade em que se manifestam; isto sugere, de facto, a hipótese da sobrevivência da alma nos animais. Neste caso, como é natural, deve excluir-se a hipótese de uma projecção telepática do pensamento de um desencarnado ou de uma reviviscência psicométrica de acontecimentos ocorridos anteriormente naqueles sítios. Estas hipótetses podem ser desprezadas, se considerarmos que, em ambos os casos, a aparição seria plàsticamente inerte ou teria movimentos automáticos, ignorando o local em que se encontrava. Impõe-se também excluir a hipótese de uma imagem subjectiva, obtida pelo médium em transe, visto poder-se admitir a ideia de que esses fenómenos são originados por um fenómeno de telemnesia, isto é, na leitura do inconsciente de qualquer das pessoas presentes, devido a afinidades psíquicas entre elas e o médium, tal como acontece com os fenómenos psicométricos, nos quais a comunicação psíquica é obtida por meio de um objecto.

O *Journal of the S. P. R.* descreve-nos o caso de vidência colectiva do fantasma de um cãozinho branco que foi visto catorze vezes por diversas pessoas. É interessante o facto de que, quando tocava em qualquer dos presentes, estes experimentavam sensações de queimadura no ponto tocado, fenómeno que recorda as impressões de mãos, marcadas a fogo, deixadas por fantasmas humanos, quer no fato ou em objectos de madeira, fenómeno comprovado desde eras remotas e considerado, nas obras de agiografia católica, como prova da purificação da alma pelo fogo do purgatório. Presentemente, sabemos que as sensações de frio ou de calor dependem das diferentes tonalidades vibratórias. Daí resulta que, quando um fantasma produz uma sensação de calor, é porque os fluídos empregados para a materialização possuem tonalidades vibratórias muito mais rápidas do que as do corpo físico de quem as sente. Posto isto, deduz-se que, no caso citado, não se tratava de um fantasma telepático, mas de uma forma materializada, o que leva a supor a sobrevivência animal.

Notável é o caso narrado pelo reverendo C. L. Tweedale no seu livro «A sobrevivência Humana Depois da Morte», no qual descreve manifestações supranormais obtidas por intermédio de sua esposa, médium de poderosas faculdades. Entre outras, manifestou-se quase todos os dias, durante seis meses seguidos, o fantasma de um cão, acompanhando uma tia do escritor a quem o animal tinha pertencido. A aparição foi presenciada por cinco ou seis pessoas, entre as quais uma pequenita de dois anos, que era a primeira a ver o cão, perseguindo-o e gritando: «Bau-bau». Um dia em que a esposa de Tweedade tentou abraçar o fantasma da tia, o cão começou a rosnar, defendendo a dona! É interessante o facto do fantasma do animal nunca se separar do da dona que conversava com todos os presentes e, por vezes, se apresentava tão materializada, que podiam tocar-lhe. Uma vez a senhora Tweedale tinha na mão um objecto que pertencera à falecida tia e esta tirou-lho, exclamando:

— Isto era meu!

No caso citado, o facto do fantasma do cão ter consistência objectiva impõe-se irrefutàvelmente, tanto mais que foi visto por uma criança de dois anos, que não tinha idade para auto-sugestão. Disto resulta que a hipótese da sobrevivência da alma nos animais é a única que pode justificar este e outros episódios semelhantes. As nossas afirmações não são feitas de ânimo leve.

De resto, conhecem-se casos de desdobra-

ACERCA DO JEJUM

Por S. TEIXEIRA

Há muitas passagens nas Sagradas Escrituras que parecem contraditórias. Contudo, essa contradição não podia ser mais do que aparente. Os livros bíblicos destinam-se à espiritualização de indivíduos e povos de costumes e graus de evolução profundamente diferentes e por isso não podiam adoptar formas em absoluto rígidas.

A Verdade é só uma, todavia aparenta por vezes aspectos opostos segundo o ângulo por que cada um observa. Um fumador dirá: «O tabaco é bom, porque me distrai e dá prazer». Outro indivíduo que, no número dos seus hábitos, não inclui o fumo, opinará: «O tabaco é mau, porque me incomoda».

Eis duas verdades relativas. Qual delas se mais aproximará da Verdade última?

Não desenvelveremos hoje este assunto, embora o venhamos a fazer para outra vez.

Jesus não podia aconselhar o jejum aos que o seguiam, por dois motivos. Primeiro: Porque os fariseus, doutores da lei e escribas, hipócritas de coração endurecido, que alardeavam o jejum, não dispensavam os primeiros lugares nos banquetes e nas sinagogas. Segundo: Porque a uma população faminta e andrajosa, explorada pelos jejuadores, não se podia aconselhar o jejum sem que se tornasse suspeito. Note-se que a populaça o seguia mais pelo pão da boca do que pelo pão do espírito, como amargamente o Mestre reverbera nestas palavras: «Na verdade, na verdele vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes».

Uns jejuavam por hipocrisia, outros pelas necessidades circunstanciais. Aos primeiros, aconselharia Jesus: «Deixai o jejum; mais importante é que humanizeis os corações, raça de víboras». Aos outros diria: «O jejum não é necessário à vida, mas sim os alimentos que a vida sustentam». E a uns e outros: «O que mais importância tem não é o que entra pela boca, mas o que dela sai».

Ora os séculos rolaram e os corações são menos endurecidos. Nota-se um desejo sincero, quase geral, de se avançar no caminho do Belo, do Perfeito. O que se verifica é um pouco de preguiça, de indecisão.

A par ainda dos sub-alimentados há muito quem ande metido em glutonarias constantes. A civilização, refinando os prazeres do corpo, dispensou os primeiros cuidados à gastronomia.

Ora, todos quantos decidiram enveredar pelo caminho da espiritualidade sabem que a primeira coisa a fazer é dominar, ou, pelo menos, restringir as prerrogativas do corpo. O corpo, segundo a sua constituição física, tem necessidades materiais e uma tendência extraordinária para adquirir novos hábitos cujo fim é proporcionar-se novos prazeres. Estes prazeres estendem-se desde o que se convencionou tolerar pùblicamente até ao fim de uma escala que desce sempre, sabe-se lá até onde.

Nesta corrida desenfreada no caminho dos gozos materiais se firmam muitas dores que presentemente atormentam a pobre humanidade.

Em suma: A jornada é longa e penosa. A cada cavaleiro — espírito — foi distribuído o seu cavalo — corpo —. Aquele que mais hàbilmente souber dominar e preparar o cavalo, isentando-o quanto possível de vícios, será o que melhor fará a viagem.

E para amestrar o animal, o jejum voluntário tem certa importância.

mento de animais com bilocação, como, por exemplo, o que nos conta o doutor Nandor Fodor, autor da *Enciclopédia das Ciências Psíquicas*. Narra ele que fora obrigado a dar um cão que tinha o vício de rasgar os livros. Certa noite despertou sobressaltado, ouvindo os passos do animal no corredor e, pouco depois, raspar na porta do quarto, como se pretendesse entrar. Mais estranho ainda foi quando ouviu duas notas graves e depois duas agudas, tocadas no piano. Devemos informar que o animal costumava saltar para cima do teclado, tocando à sua maneira, conforme lhe ensinara a filha do narrador.

Neste caso, as três impressões auditivas provam a intenção do animal que, com os saltos no corredor e raspando na porta do quarto, tentou acordá-lo e depois lhe provou a sua presença, tocando no piano.

(SIBIL traduziu de «Le Vie dello Spirito»).

PÓ, CINZA

Por CIRI

Não se morre! «Mas que disparate, que coisa sem pés nem cabeça, própria de cérebros desequilibrados...».

«Se o homem desce à Terra e ali se transforma em cinza, pó e nada, poderá haver qualquer dúvida a esse respeito?».

É esse o motivo, que leva muita gente a descrer da imortalidade.

Limitando aos sentidos físicos os únicos meios de análise, não admitem que a verdade possa fluir por outros canais e, muito menos, ser sentida intuitivamente.

O homem baixou à Terra e pronto, tudo acabou!

Encontrando-se cada ser numa dada curva da evolução, os pontos de vista e modos de interpretação se tornam bastante relativos, levando-nos geralmente a rejeitar os raciocínios dos que não comungam nas nossas ideias.

Para quem exauriu determinada fase evolutiva ou esteja prestes a exauri-la, certas concepções, até então relegadas para o plano da fantasia, tomam clareza, acabando por serem aceites com alvoroço.

Os materialões e aqueles que propositadamente fecham os olhos para não ver, terão, portanto, de aguardar a necessária maturação, a fim de compartilharem do grandioso banquete oferecido pelo Alto, onde as verdades são o alimento ideal para o nosso espírito sequioso.

Quem pretenda desvendar os mistérios da natureza só com o concurso dos sentidos e dos instrumentos de análise, nada mais admitindo além do que os mesmos lhe revelam, só logrará um pálido reflexo desse oceano que nos cerca, ignorando como a vida possa continuar invisível, e daí o negarem a nossa imortalidade.

Segundo as suas convicções, o último suspiro marca o fim de tudo, nada mais restando do que um aglomerado de células, prontas a dispersarem-se para novas combinações, onde a natureza o exija.

Todas as virtudes, ambições, dedicações, sonhos e anseios de uma vida melhor, não passam, pois, de mero acidente, oriundo do funcionamento do organismo, a que a derradeira pulsação cardíaca põe irremediável termo.

O próprio pensamento é secreção cerebral, condicionada à natureza da massa encefálica...

Mas, pergunta-se, serão os nossos sentidos tão perfeitos, que possam dar conta de tudo o que se passa na natureza?

Bem longe disso, eles apenas nos transmitem uma ínfima parcela, ficando insensíveis a um grandioso conjunto de fenómenos, existentes de toda a eternidade.

Como se sabe, tudo o que nos afecta os sentidos é consequência de uma série de vibrações mais ou menos rápidas, que nos dão a sensação da vista, da audição, do odor, etc., conforme a sua rapidez.

Ora, sendo a nossa retina insensível às vibrações superiores a 750 biliões por segundo, correspondentes ao violeta, e às inferiores a 400 biliões, correspondentes ao vermelho, devemos concluir que não existam para além daqueles limites?

Porque o nosso ouvido não transforma em som as vibrações situadas abaixo de trinta e duas por segundo e acima de 32.000, devemos também no mesmo espaço de tempo, negar a sua presença para além daquelas cifras?

Mas voltemos ao limite de 32.000 vibrações por segundo, assinalado pelos nossos ouvidos.

Daquela frequência até um bilião de vibrações, onde se localizam as ondas eléctricas, os sentidos humanos nada acusam. Continuando a ascensão, segue-se uma nova zona, que se mantém interdita ao nosso organismo e aos próprios instrumentos de análise.

As vibrações compreendidas entre 400 e 750 biliões por segundo, são, como já vimos, captadas sob a forma de raios luminosos, os quais, segundo o número de vibrações compreendido entre aqueles extremos, nos dão a sensação das diferentes cores do espectro solar.

Os raios infra-vermelhos e os ultra-violetas deixam de ser visíveis, porque, se os primeiros são «graves» de mais, os segundos são demasiado «agudos» para a nossa retina.

Mas se a região dos infra-vermelhos não fere o sentido da vista, vai ferir o do tacto, manifestando-se sob a forma de calor.

Para lá dos ultra-violetas, ficam situadas as vibrações inerentes aos raios X, abrindo-se em seguida uma região imperceptível, até que chegamos à região da rádio-actividade.

Mas as vibrações não param aí, seguindo-se-lhe as de natureza gravífica e depois as que abrangem as diferentes espécies químicas.

Chegados a este ponto e como já se não pode transferir a existência daquelas vibrações para o domínio da fantasia, terão os cépticos o direito de negar a nossa imortalidade, desde que se prove a existência de um organismo invisível, sobrevivendo à morte do corpo físico?

Ora esse corpo etéreo que sobrevive à morte, não é produto da imaginação, nem criado com o propósito de tornar mais compreensível a imortalidade. Esse corpo, cuja existência tem sido provada por cientistas de vários pontos do globo e que, sob certas condições, pode tornar-se visível, ser fotografado e deixar outros traços indeléveis, tem o nome de perispírito, (de *peri* — em torno e *spiritus* — espírito).

O perispírito, verdadeiro envoltório do espírito, é constituído por uma substância imponderável, contendo todas as leis orgonogénicas que presidem à formação do corpo somático. Durante a vida planetária mantem-se mais ou menos intimamente ligado ao corpo físico, do qual é exacta reprodução, dele se destacando após o fenómeno da morte, para prosseguir noutros planos, uma vida mais real do que a fruída no cárcere da matéria.

Apesar de tudo, muita gente sorri ante a ideia da continuação no invisível dos que vão deixando o mundo, tornando-se-lhe incompreensível que a vida, até então circunscrita a um organismo tangível, possa continuar noutro, de natureza diametralmente oposta.

Aparentemente, essa estranheza parece aceitável, mas depois de estudo adequado, verificamos que o facto é semelhante a muitos outros fenómenos naturais.

A existência do perispírito deixou de ser uma hipótese, para entrar no domínio das realidades.

Está hoje averiguado que aquele corpo impalpável é constituído de matéria, num alto grau de rarefacção, proveniente da matéria cósmica universal, base de tudo o que existe na criação.

Entre o estado imponderabilíssimo dessa matéria cósmica primordial e o estado de concreção apresentado pela matéria tangível, uma longa série de estados intermediários se estende, sem solução de continuidade, cada um com suas leis e seus fenómenos próprios.

Sabe-se que a matéria é constituída por um conjunto de eléctrões, girando a grande velocidade em torno dos respectivos núcleos, verdadeiros sistemas solares em miniatura; e se nos lembrarmos de que esses elementos são, por sua vez,

E NADA...

LO ALEIXO

aglomerados de outros sistemas solares infinitamente mais pequenos e assim sucessivamente, concluiremos que a matéria não passa, afinal, de concentração de energia e a sua imobilidade é ilusão óptica.

Ora, como essas pequeníssimas partículas se encontram separadas por espaços que, em relação ao seu tamanho, são enormes, à medida que os mesmos se forem alargando, a matéria vai-se rarefazendo, até se tornar imperceptível aos nossos orgãos visuais.

Se os eléctrões e respectivos núcleos são invisíveis, apenas nos apercebemos dos seus movimentos estabilizados em altíssimas velocidades, de onde resulta a aparência do mundo material; mas, se com o afastamento daqueles elementos não mais divisamos traços dessa aparência, somos levados a concluir que a matéria deixou de existir, sem se atender a que os seus elementos constitutivos continuam a ser os mesmos, embora invisíveis à nossa percepção.

A divisibilidade da matéria é, por assim dizer, infinita. Um miligrama de anilina, por exemplo, é capaz de colorir uma porção de alcool, um milhão de vezes maior.

Se, por um lado, a rarefacção da matéria está na razão directa da distância entre os elementos que constituem a sua aparência, por outro, a velocidade dos mesmos mantém a mesma relação, de onde resulta um aumento de potência, à medida que a matéria se rarefaz.

Do estado sólido ao líquido, deste ao gasoso e ao radiante, quantos e quantos estados se sucedem, cada vez mais subtis e mais potentes, até ao estado primordial, caracterizado pelo máximo de força viva, no mínimo de matéria!

Ora, como o perispírito é formado pela matéria quintessênciada, não nos deve admirar que seja completamente invisível, refractário a toda e qualquer alteração na sua essência ao abrigo de qualquer decomposição, visto não poder simplificar-se mais.

Durante as vidas somáticas, cabe ao perispírito o papel de mediador entre o espírito e o corpo, através do fluido vital; é por ele, também, que o *eu* percebe as sensações físicas e ao mesmo tempo revela no exterior o seu estado mental.

Dada a natureza da sua constituição, pode atravessar com facilidade todos os objectos e transportar-se com velocidade superior à da luz, subtraindo-se ao mesmo tempo à acção da gravidade, graças ao rápido movimento das suas moléculas, sendo também imune aos efeitos do calor, da electricidade, etc.

O corpo perispiritual é tão real e tangível no seu meio, como o corpo somático o é nos mundos da energia condensada, sendo-lhe então dado transmitir ao espírito sensações novas, provenientes daquelas vibrações a que os nossos orgãos materiais são insensíveis e que ele tem a faculdade de captar, segundo o grau de pureza alcançado.

O estudo desse corpo imponderável faz parte da ciência experimental e a sua existência é confirmada por um sem número de fenómenos, a que diàriamente assistimos.

Assim, apesar da mutação da matéria, proveniente da constante substituição das células do organismo, este conserva sempre o seu tipo individual, mercê do perispírito.

É ainda devido à presença daquele protótipo, que nas mutilações de vários animais e nos ferimentos em geral, se assiste à reconstituição da parte multilada ou afectada, levada a efeito com a aglomeração de células sobre a parte do perispírito correspondente. Mas uma das provas mais flagrantes da realidade desse mediador entre o corpo e o espírito, reside na exteriorização da sensibilidade, levada a efeito por certos experimentadores escrupulosos, isentos de sugestões e de ideias preconcebidas.

Como se sabe, vários homens de ciência verificaram que, atingido um certo grau de hipnose, o corpo do passivo não mais acusa qualquer sensação física e que, actuando em certas zonas da atmosfera envolvente, como, por exemplo, picando aqui e ali, o paciente acusa imediatamente uma dor, em determinado local do organismo.

As coisas se passam assim, porque o perispírito — sede da sensibilidade — se acha separado do corpo, constituindo neste caso o que se chama o duplo do nosso ser.

Vê-se, pois, que o organismo físico, sem a presença do corpo perispiritual, não passa de uma coisa amorfa, não sendo para admirar que se resolva nos seus elementos constitutivos, quando aquele o abandona difinitivamente.

Outras experiências interessantes provam bem como o corpo está sob a dependência daquele organismo fluídico. Assim, se se corar determinada parte do perispírito materializado, a anilina será transportada às correspondentes partes do organismo material.

Se se aproximar desse duplo um cristal de iodeto de potássio, o paciente espirrará e a acção de venenos diluidos em água se fará também sentir, como se ele os tivesse ingerido, ou apresentará sintomas de embriaguez, se o produto experimentado consistir numa certa dose de bebida alcoólica.

A interiorização do perispírito, isto é, a sua volta ao corpo, pode tornar-se bastante grave.

Papus cita o caso de um oficial russo que, presa de obsessão por uma individualidade encarnada, lançou-se de espada em punho sobre a aparição e lhe fendeu a cabeça. O ferimento feito no perispírito se reproduziu na mulher causadora do fenómeno, a qual, no dia seguinte, morreu das consequências do golpe recebido pelo seu corpo fluídico.

São ainda do mesmo autor, as seguintes citações.

«Uma certa Joana Brooks, em se desdobrando, causava muitos malefícios àqueles de quem não gostava. Havendo atacado uma criança, esta entrou a deperecer ràpidamente, sem que ninguém soubesse a que atribuir o mal que a tomara, quando, em dado momento, disse a criança, apontando para um ponto da parede: «É Joana Brook que está ali!». Um dos presentes saltou e deu um golpe de punhal no lugar indicado e a criança declarou que a mulher ficara ferida na mão. No dia seguinte foram a casa da feiticeira e verificaram que estava realmente ferida, como o afirmara a criança. Outra mulher, Juliana Cox, foi ferida em sua perna fluídica, por uma moça a quem obsidiava, e algumas pessoas que a visitaram viram que a lâmina da faca, que lhe atingira o duplo fluídico, se adaptava exactamente à ferida que se lhe abrira na perna material».

O perispírito é o repositório sagrado de todas as nossas aprendizagens, feitas através das lutas planetárias e só pode ser negado pelos ignorantes ou pelos aferrados a velhos preconceitos.

Como instrumento de nossa ascensão, devemos trabalhar constantemente no seu depuramento, libertando-o das influências negativas, a fim de que o espírito possa atingir os esplendores da perfeição e a Fonte do supremo Bem, que é toda a nossa razão de ser.

CAPT

JÁ disse que estou no mundo das vibrações. Tudo é pensamento exteriorizado. Nós somos formas radiantes ultrassensíveis. Vivemos em acção permanente, irrdiamos e captamos sem necessidade de linguagem articulada.

A afinidade é onda que orienta as relações espirituais. Não é preciso estudo dos caracteres. A sintonia aproxima-nos ou afasta-nos automàticamente. É o mundo das vibrações imponderáveis. Cada um está no seu lugar próprio e só por esforços suplementares se afasta do meio, mas sempre dentro do nível a que pertence.

O convívio é natural; todos os elementos se compreendem. Em cada nível, porém, há factores de penetração que agitam o ambiente e o modificam a cada instante. Assim, os caminhos são iluminados por novas cores obtidas em câmaras de captação e que substituem as que outros nos captam e já não servem a nossa evolução moral. Esta drenagem necessária dá plena eficiência ao nosso mundo. A perfeição cósmica é, pois, um facto incontestável. Em qualquer parte a Providência estabelece leis cuja imutabilidade é reconhecida pelos seres.

As câmaras referidas são imensos laboratórios onde os mais aptos trabalham sem cessar. São aquilo a que podeis chamar cérebros electrónicos. São infusores e difusores de energia. O vosso super-homem futuro será um arremedo destes instrumentos voltados para cima, em ligação perene aos planos espirituais. O progresso tem neles agentes preciosíssimos. São uma espécie de aquecimento central que impulsiona o movimento vitalizador.

Os sentidos naturais destinam-se a captar vibrações. Vibração é toda a forma que impressiona. A rocha, a planta, o animal são formas vibratórias alimentadas pela vida. Não há mais força numa vergôntea do que num cristal facetado. Esses estados são funções da energia. Que é o *radium*, senão mineral plenamente vivificado? Suas radiações atingem alturas para nós inconcebíveis. Não se limita a irradiar. Se assim fosse, cansaria. Tem períodos de captação vital para suprir os gastos sofridos.

O Cosmos é Deus manifestado. O homem faz parte dele; obedece a imposições desconhecidas. Sabe que não está só, embora lhe pareça que vive isolado. É que ele, sem o saber, capta alimento vital que o estabiliza e lhe dá intenção de que pertence a um sistema organizado. Uma vez ou outra pensará que não é assim, que é elemento aparte, um deus *ex-machina* nascido para mandar, na ilusão de que o universo foi criado para ele. Tem poder catalizador, é certo, mas nada pode criar de moto próprio. É que a vida passa por ele, não está nele, e por isso não pode criar.

As câmaras de captação também não criam. Atraem forças naturais que modificam o meio. Este, por sua vez, reage sobre os indivíduos, promovendo, em parte, a variação dos sentimentos.

O vosso progresso altera os climas, facilita a vida de relação entre os indivíduos, modifica a vida moral e espiritual. O físico e o psíquico não podem desligar-se. A desagregação atómica é um grande passo da ciência terrena no campo da física nuclear. O mundo está boquiaberto, de admirado e temeroso pelos efeitos operados à superfície do globo. Que sucederia, porém, se esse bombardeamento atingisse o psíquico?

Já me referi ligeiramente ao assunto. Estou convencida de que tal façanha está fora dos limites humanos. Vós captais

AÇÃO

para que o equilíbrio se mantenha. São factores de moderação ao serviço da Natureza. E quando vierdes, continuareis a missão interrompida, exercendo a actividade noutro campo da vinha, em proveito da criação. As mesmas forças vos dominarão; sereis agitados por anseios que dirigem o avanço e por vezes a solidão aparente vos cercará, gerando em vós o medo do oculto.

Quando se teme o que se não conhece, é porque o julgamos mais sábio e poderoso do que nós. Nesse pensamento se fixa o instinto da conservação e todos os actos se combinam para resistir a combate que se não esboçou.

Nós somos o vosso oculto, e por isso vos infundimos pavor; só o não é, quando se reveste da mesma aparência.

Os espíritos da vossa comunidade têm corpos *em série;* mas, se um deles transcende o seu invólucro, entra no reino do mistério. Os que ficaram não compreendem que foi a libertação dos laços físicos e que o liberto é o que era antes de neles ter entrado...

Estudar a captação do pensamento é promover a evolução cósmica em todos os sentidos. Desta necessidade é que nasceu o movimento acelerado dos génios na tentativa de ligar e unificar. Em mim há qualquer coisa que me solidariza com essa necessidade. Tenho desejo de captar seja o que for que deve estar na linha do meu progresso, e por isso compreendo a tarefa desses espíritos excelsos que velam pelo equilíbrio moral e material.

Na Terra vemos as coisas de outro modo. Confinamos as leis em limites estreitos e tudo o que vemos é apreciado à luz do preconceito estabelecido.

As quedas vêm da ignorância. Meditássemos nós a fundo nos porquês de certas variações e notaríamos que, para além do concerto envolvente, um mundo se espraia, cuja energia se move em fluxo e refluxo e servem de base a esse grão de areia.

Aqui, dá-se igual fenómeno. Muitos não sabem a que atribuir importantes modificações do meio tendentes ao aperfeiçoamento geral. Não sabem, nem querem saber. Vivem à margem dos acontecimentos, despreocupados e inactivos, perfeita imagem do panorama terreno. Mas isso não impede o trabalho de captação em permanente actividade.

Olhos que vêem a manifestação física pura e simples e não buscam a causa eficiente são olhos de contemplar. Nunca verão mais; limitar-se-ão ao mundo dos efeitos. Uma flor, um fruto e um raio de Sol são coisas admiráveis para a vista, mas o que está atrás dessas maravilhas é muito mais belo e transcendente!

Captar imagens ou pensamentos, integrando-os no mundo em que se vive é faina sublime que ultrapassa o que, mesmo aqui, poderemos imaginar. Os beneficiários são muitos, são todos os que vieram da Terra e continuam a peregrinar, sujeitos à lei.

Não imaginas o esforço que faço para exprimir ideias na vossa linguagem. Não imaginas. Por isso, vacilas na tradução, quando a ideia paira no teu campo perceptivo. Não te admires da dificuldade. Às vezes é insuperável. Todo o auxílio parece inútil.

Quem me dera ter consciência do que atraio de outros meios! Se o conseguisse, haveria alcançado posição grandiosa, muito superior à que disfruto. Por isso me contento com o que tenho e que chega para mim e para outros.

(Do livro «Novos Caminhos», de Lia, a publicar em breve).

O RADIESTESISTA BINEAU

Por JEAN PALAISEUL

Com o sr. Bineau, ervanário, radiestesista e monitor na escola dos preparadores de farmácia, o meu inquérito entra pela primeira vez num domínio que eu não imaginara franquear, tratando-se de curadores: o da poesia.

O sr. Bineau é um partidário ferrenho da fitoterapia ou medicação vegetal, e está tão convencido, que quando fala das plantas que entram nas suas misturas, o seu lirismo transporta-nos a outro mundo.

Esquecemo-nos de que estamos na loja de um ervanário do 17.º bairro; esquecemos os autores que passam na rua; esquece-se Paris, os seus ruídos e maus cheiros de gasolina para desembocar num país de lenda, num jardim de flores mais variegadas que um filme colorido.

Ao acaso da conversação, eis o alecrim dos trovadores, eis o mirto de que os antigos se serviam para coroar os amantes felizes, eis o hissope, bela pantazinha de flores violáceas empregada por Hipócrates nas doenças dos brônquios.

— Sabe, disse-me o sr. Bineau — donde vem o nome da pequena centáurea? (genciana). Da lenda que diz que o centauro Chiron a usou para curar a ferida que tinha num pé e havia sido feita por Hércules.

Na sua boca, as flores mais conhecidas tomam aspectos maravilhosos. O nenúfar torna-se «o liz das lagoas» ou a «lua de água». A brionia transforma-se em «nabo do diabo».

Mas se ele conhece assim a história e a identidade de centenas de espécies vegetais, conhece-lhes também as propriedades curadoras.

Sabe que esta é febrífuga, aquela diurética, estoutra balsâmica ou diaforética.

— As plantas curadoras — afirma ele — não prejudicam nunca e aliviam sempre. São perfeitamente assimiladas pelo organismo e não provocam nele qualquer alteração. Aliás, não se esqueçam de que é para nos curarmos, que a natureza as faz crescer.

★

Dois acasos levaram o sr. Bineau a aplicar o método que hoje pratica e que já lhe valeu, além de numerosos agradecimentos, alguns dissabores com os tribunais (foi condenado em Janeiro último a 6.000 francos de multa, 10.000 de indemnização à *Ordem dos Médicos* e outro tanto à Ordem dos Farmacêuticos, e há poucos dias «beneficiou» de nova perseguição).

O primeiro deses acasos chamou a sua atenção para a importância das dietas e o papel essencial das plantas medicinais. O segundo fê-lo descobrir a radiestesia.

— Nasci no Indre, em Luçai-le-Mâle, em 1885, — disse-me ele. Meu pai era ferrador neste pequena comuna, como já tinha sido meu avô e meu bisavô. Eu teria certamente seguido o mesmo ofício se a minha família não me tivesse achado fraco para esse género de trabalho. Decidiram então que eu entrasse para a Escola de Artes e Ofícios.

Desgraçadamente, o pequeno Maurício Silvano (são os nomes do sr. Bineau) adoeceu na altura dos exames. O velho médico da família aconselha-os a dar-lhe a profissão de preparador de farmácia, mister que ele exercerá durante 27 anos (de 1901 a 1927).

— Foi antes de ser mobilizado — conta ele — de 1910 a 1915, que estive numa farmácia que era autêntico laboratório médico-farmacêutico. Faziam-se lá auscultações, análises de urina, faziam-se tratamentos e prescreviam-se dietas. Eu estava mais particularmente encarregado de coordenar as dietas em função da doença do cliente: sobre folhas impressas riscava os alimentos desaconselhados. Foi então que descobri ao mesmo tempo a importância das dietas e o papel curativo das plantas.

Em 1927, com sua mulher, que tem o diploma de ervanária, abre uma loja do género e, com uma clientela fiel, inclina-se para o estudo das misturas das plantas.

— Tive uma ajuda preciosa — sublinha ele—no «Guia do Ervanário-droguista», de Milchel Compain, de Limoges. Esta obra é o resumo de todos os trabalhos sobre plantas, desde a mais longínqua antiguidade até aos nossos dias. E assim fui preparando a cura das principais doenças de que sofremos. Então, ainda não havia a maldita lei de Vichy.

Essa «sagrada» lei, explica-me o sr. Bineau em que consiste: O texto de 11 de Setembro de 1941 resolveu suspender a inscrição para o diploma de ervanário; e como era preciso impedir o exercício da profissão aos antigos diplomados, decretou-se que as plantas, em caso algum poderão ser vendidas ao público sob forma de misturas preparadas antecipadamente.

Diante dos protestos que esta medida provocou, acabaram por admitir a venda de sete misturas e declarou-se que poderia ser concedida autorização especial para outras misturas de plantas medicinais.

— Esses textos continuam em vigor — acrescenta o sr. Bineau. Segundo eles — como já sublinhou um advogado em processo contra os ervanários — qualquer pessoa pode comprar 50 gramas de ruibarbo, 50 gramas de verbena, 50 gramas de qualquer coisa. O cliente leva os seus pacotinhos e faz a mistura em casa. Isso é permitido! E os ervanários, que são obrigados a dois anos de estudo numa faculdade de Farmácia e a ser examinados por um júri de farmacêuticos, não podem fazer essa mistura? Isto briga com o próprio bom senso!

— E ainda se as misturas fossem aceites, vá que não vá... Mas depois de se admitirem as sete misturas iniciais, nenhuma outra foi aceite. Em vão solicitei por várias vezes autorização para os meus remédios (é preciso notar que não são *medicamentos*, mas apenas bebidas dietéticas). Daqui os meus aborrecimentos com a Justiça.

★

As *curas* que o sr. Bineau recomenda à sua clientela desde 1939 melhoram e equilibram tão bem a saúde àqueles que as tomam, que depressa se tornaram conhecidos e a breve trecho ele vê desfilar na sua loja um cortejo de doentes.

— Foi assim — diz ele — que em 1938 me apareceu um cavalheiro, queixando-se de reumatismo. Afinal a sua doença tinha origem na digestão. Curei-o, depois de haver tacteado um pouco e em agradecimento deu-me um bilhete de convite para uma conferência. «Vá lá, aconselhou-me ele. Creio que o conferencista há-de interessá-lo». Este era o sr. Turenne, engenheiro físico e um dos mestres da radiestesia científica.

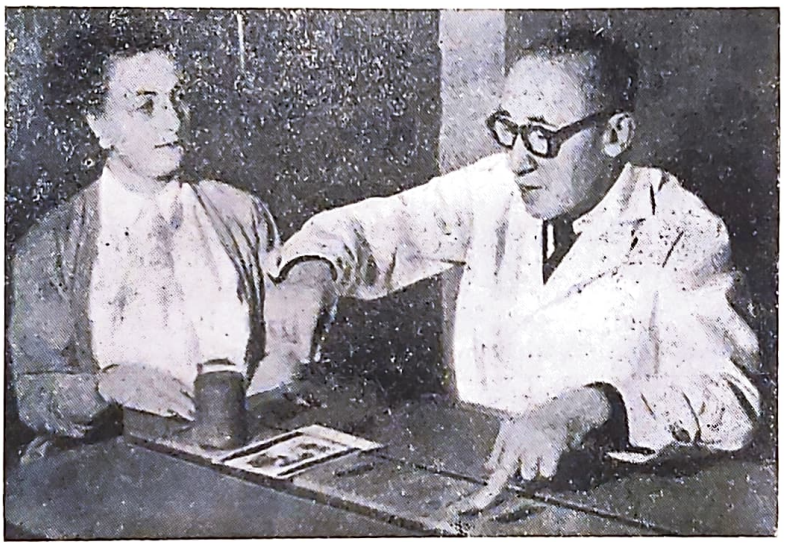
— Fui imediatamente conquistado pelo pêndulo e no fim da sessão perguntei ao sr. Turenne se os seus aparelhos me proporcionariam melhores *curas* de plantas para os meus doentes.

— Mas não é radiestesista quem quer! — exclamou ele. No entanto, pode experimentar! Aqui tem um pêndulo; entretenha-se a procurar as radiações de vinte plantas e depois eu verificarei as que estão exactas.

Fiz a experiência; e quando levei os resultados ao sr. Turenne, ficou estupefacto (e eu também), porque eu não tinha cometido um único erro. Eu era radiestesista!

Depois desta revelação, o sr. Bineau trabalhou muito. Aperfeiçoou-se, aprendeu a utilizar a «régua universal» afinada pelo seu mestre Turenne e chegou ao método actual que lhe permite encontrar, para cada doente, o melhor regime alimentar pessoal e a melhor cura de plantas.

— Este exame — declara o sr. Bineau — pode ser feito seja na presença do doente, ou diante de uma gota de sangue recolhida num pedaço de papel. O sangue é a «testemunha» mais perfeita que se pode encontrar em radiestesia.



O sr. Bineau utiliza um pêndulo e fitas iriadas para escolher extractos frescos de plantas e fixar os regimes dietéticos pessoais

★

Enquanto ele procura um exemplar da fórmula *roneotipada* sobre a qual inscreve o regime alimentar pessoal segundo uma classificação dos alimentos controlados pelos raios do espectro solar, acrescenta:

— Eu, que durante vinte e sete anos só tinha confiança na balança de precisão, fiquei quase furioso, quando vi que o pêndulo me levava a resultados muito mais seguros.

Mostra-me a folha de dieta e revela-me que o porco, as carnes vermelhas cozidas, o chocolate, o leite, a manteiga, a vaca e o carneiro grelhados ou assados pertencem ao «raio azul». Os peixes magros (os linguados, azevias), o aipo, o feijão verde, o café com leite, pertencem ao «raio amarelo». Todos os alimentos são assim classificados segundo as cores do arco-iris, verde, alaranjado, vermelho, azul-verde-amarelo, azul-alaranjado, etc.

O sr. Bineeau explica:

— Basta-me fazer como outrora, quando estava no tal laboratório médico-farmacêutico, quer dizer, riscar o que não é aconselhável. Simplesmente, hoje faço esta escolha servindo-me do pêndulo e de fitas de cores diferentes. No que diz respeito à determinação das fórmulas das plantas medicinais que aconselho, utilizo, evidentemente, o pêndulo, socorrendo-me dos frascos de prova que contêm as minhas diversas misturas. Estas misturas são em número de dez, que «rectificam a deficiência ou indolência dos órgãos»: Empregadas sob a forma de bebidas dietéticas, dão bons resultados em certas doenças, desde as de pele, às perturbações da circulação, passando pelas doenças nervosas, cardíacas, digestivas, etc.

— Em suma — digo eu — você é «o curador dos pequenos males» que envenenam a existência da maior parte de nós todos...

— Como quiser. E, de mais, além da saúde que resulta do bom equilíbrio do organismo, viso também a beleza. Combinando o meu regime alimentar com as minhas bebidas (que são de facto extractos frescos que beneficiam o nosso corpo, diàriamente, de 15 gramas de plantas) suprimem-se as comichões, os pontos negros e a celulite, que fazem o desespero de muitas mulheres.

O sr. Bineau explica-me ainda como faz as suas bebidas: basta deitar um litro de água a ferver sobre um punhado de plantas, cobrir, deixar em infusão durante duas horas e depois coar. Este líquido, (três quartos de litro, pouco mais ou menos), deve ser tomado durante um dia. De gosto apreciável, pode ser absorvido, frio ou quente, açucarado ou não.

— Estas curas, diz ele, devem ser seguidas durante dois meses, sem interrupção, e renovando-as duas vezes por ano, evita-se o retorno da doença, que, muitas vezes, é uma tendência de temperamento... Se quer uma ideia dos resultados obtidos, tem aqui muitas cartas.

Eu leio ao acaso. De um comerciante de St. Remy de Provença.

«— Sofro de constipação, tenho um temperamento nervoso e estou cheio de placas formadas por pequenos botões vermelhos que me fazem uma comichão terrível». Dois meses depois, o mesmo sr. escreve:

«— Estou menos enervado. Sinto-me muito melhor. O meu peso aumentou. Quanto às pigmentações, desapareceram completamente.

De um brigadeiro da gendarmeria do Leste: «O que é mais extraordinário (ele foi curado de desarranjos da digestão) é que a minha sinusite, com a qual os médicos implicavam há muitos meses, desapareceu»,

Vejo mais, melhoras sensacionais em doenças dos rins, da bexiga, dos brônquios e do sistema nervoso, em arteriosclerose, e em doenças de pele resultantes de perturbações digestivas.

— Em tudo isto, sublinha o sr. Bineau, você não achará «milagres» no género daqueles que já encontrou no decorrer do seu inquérito. No entanto, tenho um no meu activo, o dum rapaz, *Rogério N:* ao fim de dez anos de doença, tinham-lhe caído todos os dentes, era de magreza esquelética e tinha perdido o uso da fala. Ao fim de um mês de tratamento aumentou três quilos e *agora recomeça a falar.*

Todavia, a mais bela homenagem ao sr. Bineau é esta: «Você tratou-me maravilhosamente com as suas plantazinhas», dizia um jovem bretão: «Anuncio-lhe também que troco este mundo pela vida religiosa».

(De «Noir et Blanc», traduziu Mário Bacelar).

NOTÍCIAS DO LAR DE JESUS

SEU 11.º ANIVERSÁRIO

O LAR DE JESUS comemorou mais um aniversário no dia 1 de Janeiro, com uma festa que, a despeito da muita chuva à hora da sessão, transcorreu num ambiente de animação e alegria, em que a fraternidade mais uma vez se mostrou à altura da verdadeira doutrina.

E constou das seguintes partes: Posse da nova directoria, que se compõe de D. Maria de Lourdes Pereira, presidente; Rubens Luís Bastos, secretário, e João Sabino de Melo, tesoureiro. Vogais: Laura Babo, Ilza Chaves de Almeida e Aurora da Silva Bastos.

A presidente orou, muito emocionada, lembrando a saudosa fundadora do LAR DE JESUS.

Um grupo de crianças cantou *Ano Bom*, em homenagem à mesma instituição benemérita.

O casal Ernesto e D. Olga Moreira partiu o bolo do aniversário, distribuindo-o aos presentes.

As Pastorinhas — um grupo de alunas bem ensaiadas — deleitaram a assistência com os seus cantos natalinos.

O Dr. Francisco Manuel Brandão usou da palavra e congratulou-se com a directoria, fazendo funcionar o *Reizado* — gente simples e humilde do Tinguá — que levou, de surpresa, ao LAR DE JESUS, numa demonstração folclórica de apoio à simpática Instituição.

Seguiu-se o derrame de «livros, livros a mancheias», entre os visitantes, que encheram as dependências do LAR, e a entrega de livros-prémios aos Centros componentes da Confraternização Espírita LAR DE JESUS, falando então o conhecido seareiro Sr. Atlas de Castro.

Depois foram visitadas todas as dependências da Instituição, principalmente pelo Ex.mo Sr. Prefeito e senhora, presentes ao acto, levando todos a melhor impressão do que já se fez, cujas obras consumiram, até 15 de Dezembro, 230.000,00 (duzentos e trinta contos), além de muita coisa obtida gratuitamente.

A CONSOADA DO NATAL E UM NOIVADO DE INTERNADA

A exemplo dos anos anteriores, o Natal foi comemorado no LAR DE JESUS na tarde de 24, com um programa interessantíssimo.

Todos à mesa da *Consoada do Natal*, o director geral fez a prece inicial, focando, como faz sempre, que as internadas não são infelizes, nem órfãs e deserdadas, mas crianças mais felizes do que muitas com pais vivos, e, por sua vez, filhas muito queridas do LAR DE JESUS. Foi emocionante a sua prece. Seguiu-se a presidente da Instituição, D. Maria de Lourdes Pereira, que disse da significação do Natal na história do LAR DE JESUS.

As crianças cantaram então *Nasceu o Menino*, lindo canto espiritualista. Depois, D. Etelvina, a superintendente, fez o preito da Saudade, recordando a fundadora da Instituição, e as internadas Madalena e Adir leram linda página e linda composição em verso, obras de ambas, coisas espontâneas.

Serviu-se então a Consoada: uma farta mesa de coisas do Natal.

Ao decorrer da mesa, a classificação das provas de exames e da aplicação durante o ano, das alunas da escola do LAR, de vez que muitas já estudam no Colégio Leopoldo, sendo classificadas em primeiro lugar Ilza Maria de Sousa, Gilza Soares Ribeiro, Ester Bernardes e Carmen Luísa, recebendo todas brindes de aplicação.

Houve, a seguir, a entrega das alianças aos noivos.

O director geral entregou a aliança à internada Maria Lúcia Brasil, dizendo que o fazia em nome da fundadora ausente pela morte, e, com profunda emoção, numa prova eloquente de que as internadas não são enjeitadas e deserdadas, mas verdadeiras filhas. Por isso que o patrono do LAR, sua fundadora ausente, ele mesmo, a presidente e todos os directores terão o máximo prazer em fazer um casamento decente, embora modesto. E a presidente ajustou a aliança ao dedo do noivo, Rúben Bastos. Grande emoção, tão forte, que trouxe lágrimas aos olhos de toda a gente.

Seguiu-se com a palavra de congratulações o legionário Valdemiro de Faria Pereira.

A última parte foi a entrega de presentes do Natal ao patrono do LAR, por ser o seu dia. E todos receberam os presentes que pediram, presentes que lhes foram entregues por legionárias e directoras.

Os noivos partiram o *Bolo dos Noivos* que lhes foi oferecido — dois corações entrelaçados — e distribuiram fatias pelos presentes.

Cantou-se a *Canção da Alegria Cristã* e em seguida a presidente proferiu a prece de encerramento.

À noite, ensaios das *Pastorinhas do Natal*, programa de cinema educativo e o programa de Televisão até às 22 horas.

6.ª SEMANA ESPIRITA DE NOVA - IGUASSÚ

Realizou-se, de 29 de Março a 5 de Abril, a *6.ª Semana Espirita de Nova Iguassú*, a que compareceram mais de cem *Semaneiros*, principalmente do Rio, Macaé, Três Rios, Astolfo Dutra, Barra do Piraí, Volta Redonda e Cachoeira Paulista, e até de Estados, como S. Paulo, Rio Grande do Norte e Santa Catarina.

As reuniões, sempre com assistência compacta, foram na sede do Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, e constaram todas elas de um tema evangélico, de um tema espirita, de uma crónica do movimento anterior e de uma parte artística a cargo das Mocidades Espiritas presentes e das internadas do LAR DE JESUS.

No Parque Icléa, do LAR DE JESUS, realizou-se na quinta-feira a Festa da Criança Espirita, na quarta-feira a Noite da Mulher Espirita e no sábado a Noite do Moço Espirita.

A Sessão de Reabastecimento e o Almoço da Fraternidade de sexta-feira, dia 3, no LAR DE JESUS.

A sessão de encerramento, no domingo, 5, foi presidida pelo prof. Leopoldo Machado, que, por seu estado de saúde ainda precário e por sua idade, não pôde comparecer às outras reuniões.

E nessa reunião salientou como nasceu e se formou o movimento das semanas espiritas, em que teve papel saliente desde a primeira, terminando por dizer que faria a história das Semanas Espiritas do Brasil numa crónica oportunissima.

Parabéns ao C. E. Fé, Esperança e Caridade e à Confraternização Espirita LAR DE JESUS, que foram os promotores da Semana.

Entre Falsas Vozes

Se a Preguiça te pede: — «Descansa!», responde-lhe com algum acréscimo de esforço no trabalho que espere por seu concurso.

Se a Vaidade te afirma: — «Ninguém existe maior que tu», retribui com a humildade, reconhecendo que não passamos de meros servidores da vida, entre os nossos irmãos de luta.

Se o Orgulho te diz: — «Não cedas», aprende a esquecer-te, auxiliando sempre.

Se o Ciúme te segreda aos ouvidos: — «A posse é tua», guarda silêncio em tua alma e procura entender que o amor e o bem não são glórias do Céu, extensivas a todos.

Se o Egoísmo te aconselha: — «Retém», abre as tuas mãos e distribui a bondade com os que te cercam.

Se a Revolta te assevera: — «Reage e reivindica os teus direitos», aguarda a justiça divina, trabalhando e servindo com mais abnegação.

Se a Maldade te sugere: — «Vinga-te», considera que mais vale amparar constantemente o companheiro, quanto temos sido auxiliados por Jesus, a fim de que o amor fulgure em nossas vidas.

Os falsos profetas vivem nos recessos de nosso próprio ser.

Surgem, cada dia, invariáveis, na forma da intriga ou da maledicência, da leviandade ou da indisciplina, induzindo-nos a cerrar o coração contra a consciência.

Se aceitamos Jesus em nosso roteiro, ouçamos o que nos diz o seu ensinamento e apliquemo-nos à prática de suas lições sublimes.

Olvidemos as insinuações da ignorância e da treva, da crueldade e da má fé, que nos enrijecem o sentimento, e, de coração unido à Vontade do Mestre, vendo a vida por seus olhos e ouvindo os nossos irmãos através de seus ouvidos, estaremos realmente habilitados à posição de intérpretes do seu divino e infinito amor, em qualquer parte.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sessão pública da noite de 19-5-52, em Pedro Leopoldo).

A Falência do Materialismo

Por ANSELMO PAERMENTIER

(Da A. P. P. E. M. de Buenos Aires)

Os falsos conceitos da vida espalharam a desorientação e a dúvida nos mortais. De um lado, o materialismo, com fundamentos que já não resistem aos progressos da física moderna nem à ciência psíquica; de outro, a desorientação exercida paulatinamente nos profitentes de todas as religiões.

Os falsos conceitos da vida espalharam a desorientação e a dúvida nos mortais e tal estado de coisas se deve ao materialismo com os seus fundamentos que já não resistem aos progressos da física moderna nem à ciência psíquica e à desorientação pouco a pouco exercida nos crentes de todas as religiões, as quais, por não evolucionarem juntamente com a ciência, deram origem ao materialismo positivista. Abraçados à mesma finalidade, nenhum deles decifrou ainda o enigma da vida. A humanidade analítica já não acredita nas promessas hipotéticas das seitas religiosas desunidas entre si e alimentadas por ódio recíproco, nem tampouco na doutrina materialista, cuja negação sistemática e predomínio da matéria sobre o princípio espiritual do homem estão em condições de marcar rumos ao progresso.

Um escritor materialista de renome universal, o sr. Emile Ferrière, confessa na sua obra «La Cause Première» (Edição Alcan, 1897) que a ciência materialista é incapaz de estabelecer um plano lógico e moral.

«Quanto às conclusões morais — diz — as trevas são de tal modo espessas e tão fortes as contradições, que o único partido filosófico que nos resta é resignarmo-nos à ignorância».

Triste conclusão é esta cujo fim inexorável é a cegueira, embora lógica, se a admitirmos como reacção outra teoria igualmente nefasta.

O religiosismo, errando o verdadeiro caminho devido à sua tendência «infalível» e absolutista, afastando-se dia a dia das doutrinas do amor sustentado pelos grandes reformadores religiosos, fixou tudo com critério unilateral, sectário, estreito, enquanto o materialismo olha as coisas do ponto de vista do tangível, do ponderável e do visível, sem pensar que o visível faz parte do invisível. O exemplo que abarca esta razão científica está representado no mesmo universo visível constituído por átomos invisíveis e que se move no «nada» mal interpretado; as leis que regem esses fenómenos são igualmente materiais e invisíveis.

A todas essas teorias impróprias dos tempos presentes se antepõe o Espiritismo com seu luminoso facho, iluminando as almas dos homens dispostos a receber essa luz que é Ciência Filosofia e Moral. As conclusões a que chega o Doutor Manuel Sanz Benito acerca deste momentoso problema não deixam de ser interessantes. Reproduziremos as partes mais salientes:

«De duas maneiras podemos agir em nosso estudo, como em toda a ciência: indo dos fenómenos aos princípios e leis ou derivando de um princípio superior outras verdades nele incluídas para explicar um facto determinado. O primeiro método é analítico; o segundo é sintético. Com efeito, toda a verdade deve comprovar-se pelos dois; desta forma se satisfazem as exigências do bom método. A história da Filosofia nos ensina em muitas escolas que, partindo de um princípio mais ou menos problemático, mais ou menos exacto, se pretende derivar dele toda a realidade; e na contínua sucessão de escolas, teorias e sistemas, apenas tem havido substituição de uns princípios por outros, sem variar o procedimento, até que o método experimental deu lugar aos métodos idealistas».

Isto quer dizer que entre o Materialismo Moderno e o Espiritismo a diferença essencial é quase nula, por ambos seguirem a mesma tendência analítica e conceptiva. O Espiritismo diz que «não há matéria sem espírito director», ao passo que o materialismo afirma que «não há matéria sem energia».

«Se o Espiritismo é Ciência — continua o Dr. Sanz Benito — há-de conter uma série de fenómenos sujeitos à lei, explicáveis em suas causas e efeitos; há-de ser um conjunto de verdades referentes a uma ordem determinada, um sistema de conhecimentos verdadeiros e certos, cujo fundo seja sempre a verdade sabida pelo que conhece, quer dizer, de modo consciente ou com tal certeza por parte do conhecedor. Vejamos, pois, se o Espiritismo preenche estas condições: primeiro, através da matéria, dos fundamentos ou factos; depois através da forma ou da clara explicação desses fenómenos ou factos.

«Todo o mundo tem ouvido falar de magnetismo ou hipnótismo, de catalepsia, do sonambulismo. Todo o mundo tem ouvido falar das chamadas aparições de almas penadas, das predições de alguns enfermos que chegaram a prognosticar a morte; de sonhos premonitórios; de êxtases mais ou menos verídicos; numa palavra, de muitas coisas surpreendentes, em virtude de circunstâncias que parecem estar fora da lei. O Espiritismo faz luz sobre estas questões, demonstra o que há de verdadeiro ou ilusório nesta matéria.

«Mas não se julgue que o seu objecto é só tratar destas questões, consideradas maravilhosas por uns e negadas com insistência por outros.

«O Espiritismo estuda o espírito em seus caracteres essenciais e diversas fases de desenvolvimento até onde chegam as nossas investigações; pretende inquirir a sua origem nos limites do possível e, como uma vida é insignificante, fala das vidas de que necessita para desenvolver a sua essência; e como um mundo é pequeno, fala da infinidade de mundos e moradas; e como os estados que atravessa são infinitos, fala da infinidade do progresso como lei constante; e sendo o espírito um ser que deve a existência à Causa Suprema, fala de Deus; numa palavra, o Espiritismo não é uma escola, nem muito menos uma seita religiosa que pretenda substituir uns dogmas por outros; não é um sistema, nem uma utopia mais ou menos provável, nem uma ilusão engendrada pela mente sonhadora e desejosa de investigar o Além nos tenebrosos mistérios de Além-túmulo. Não é um ramo dos conhecimentos humanos que tenha matéria aparte para estudo com leis particulares; o

Espiritismo aspira a lançar as bases da ciência única e universal. Ao estudar o espírito em suas diversas fases de encarnado e desencarnado, faz parte das ciências psíquicas; ao examinar os mundos e a matéria em geral veicula as ciências físicas; e ao considerar a matéria e o espírito como procedentes da divina causa, investigando, dentro de suas possibilidades, como ela se exerce, faz ciência filosófica. Depois, como as consequências que derivam desta investigação têm fundo moral, também está dentro da moral; e como o princípio moral transcende do indivíduo à sociedade e influi nas decisões do homem, estende-se igualmente às ciências político-sociais. Vê-se, pois, que o seu objecto não é pequeno, nem fútil, mas que abarca o estudo da realidade inteira, com aplicação deste saber à vida. Com razão dizemos que o Espiritismo aspira a fundar a ciência única e universal.

«Vamos agora examinar porque dizemos que tende a formar uma ciência única. Diversas são as definições que da ciência se têm dado, mas no fundo querem dizer a mesma coisa: o conhecimento da realidade tal como é; o conhecimento sistemático, verdadeiro e certo de qualquer objecto; o conhecimento das coisas por suas causas; uma série de verdades metòdicamente ligadas e dependentes de um princípio comum, etc.

«Duas condições são precisas para que a ciência exista: a verdade, quanto ao conhecimento; e determinada ordem ou sistema, quanto à forma. Conhecimentos falsos não são científicos e verdades isoladas também não constituem ciência.

«Ora bem; o Espiritismo propõe-se estudar o espírito como objecto principal; tem, pois, um fundo real para ser matéria científica e, para este estudo, vale-se da experiência individual e colectiva da consciência e da revelação, isto é, da comunicação de espírito a espírito, sempre por intermédio da matéria. E como o espírito vive sempre influido pela matéria, sobre a qual se exerce, estudará também a maneira como se verifica esta influência. Sendo um e outro originários da causa única de que tudo procede, examinará também os atributos desta causa suprema na medida da nossa inteligência. E se o seu campo de investigação é o espírito, a matéria e Deus, que outra coisa haveria fora destas três ordens de conhecimento? Nenhum. Donde resulta que o objecto do Espiritismo é a realidade e toda a realidade.

«Para investigar — acrescenta o Doutor Sanz Benito — terá que empregar todos os métodos acessíveis: o experimental e o racional, o indutivo e o dedutivo. Por isto se vê que é ciência única, porque estuda toda a realidade; e universal, porque não é património de nenhuma inteligência, mas que está ao alcance de todas as que a busquem desapaixonadamente. Não há mistérios nem véus que a encubram. O Espiritismo está ao alcance de todos e todos podem adquirir a ciência espirita. Sem dúvida, cada um abarcará mais ou menos segundo a sua capacidade, mas isto será por limitação individual e não por impedimento eterno».

Depois, o mesmo autor acrescenta:

«À primeira vista, parece demasiada presunção pretender que o Espiritismo seja a base da ciência única e universal; E dir-se-á: se cada ciência encerra tão grande conteúdo que a vida de um homem não chega para a conhecer inteiramente, não será ousadia dizer que o Espiritismo tende a formar a ciência única e universal? Se abarca toda a realidade, será impossível conhecê-la, pois a realidade é imensa e a inteligência limitada.

«É claro que a realidade é infinita e a nossa inteligência escassa; de onde se conclui que o conhecimento total da realidade é impossível. Mas não quer dizer que o Espiritismo resolva todos os roblemas, todas as questões que se referem ao seu objecto, isto é, à realidade cognoscível, aliás qualquer questão, qualquer problema que se apresente, seja relativo ao espírito, seja relativo à Natureza ou a Deus, pertence à ciência espiritual. Na realidade, não há ciências particulares, mas ramos do onhecimento científico; não há verdades particulares sem relação, mas aspectos da verdade.

«O Espiritismo não é filosofia ou sistema religioso de conclusões fechadas, como quem tivesse encontrado o filão que buscava. Por muito que se saiba ficará sempre mais por saber e este limite móvel dos nossos conhecimentos marcará a imperfeição humana que, tendo por legenda o «plus ultra», impedirá todo o dogmatismo».

Eis aqui um princípio transcendental do nosso ideal; longe de estancar, procura conhecimentos novos e novos descobrimentos, como afirma o Mestre Kardec nas suas obras básicas.

«Convém esclarecer aqui uma questão — conclui o Doutor Sanz Benito em sua obra «A Ciência Espirita», Editora Vítor Hugo, Buenos Aires —. A verdade é sempre verdade; uma recta entre dois pontos é mais curta que uma curva entre os mesmos pontos, tanto para o douto, como para o indouto. É como esta, são todas as verdades. Não quer dizer que a verdade de hoje deixe de o ser amanhã, mas que o conhecimento da verdade se aclare e amplifique e propague».

Daqui se vê claramente que o Espiritismo não é uma seita fechada em limites estreitos e unilaterais, pois abarca todo o conhecimento humano, na sua trajectória evolucionista. Isto significa que o materialismo carece pràticamente de tão sólidos fundamentos. Por essa razão se acha no acaso da sua existência, resultante lógica do seu fracasso.

(Tradução de I. D. S.)

INTERCÂMBIO JUVENIL

A ideia de intercâmbio espirita em gente moça de duas pátrias irmãs é sempre acolhida com franca simpatia. Avigora os laços que unem as almas e consolida a base do ideal que se professa. Assim, diversos jovens da Mocidade Espirita da Cidade de Cruzeiro, Estado de S. Paulo, Brasil, desejam corresponder-se com jovens espiritas de Portugal, não só para troca de impressões, como também para filatelia (troca de selos postais). Aqui vão os seus nomes e endereços:

José Cândido Fortes
Maria Teresinha Fortes
José Cláudio Fortes
Rua Cel. José de Castro, 787.

Aurora de Carvalho Mota
Rua Cap. Avelino Bastos, 546.

Eneia Fernandes
Caixa Postal 56.

Esperamos que alguns leitores abracem a ideia, dando provas de bom senso e dedicação à Causa.

VÍCIOS E MANIAS

Por LUÍS DE BARROS CASTRO

Vamos hoje tratar de um assunto muito interessante e de grande importância para a nossa vida, apreciando a acção das forças espirituais extra-terrenas. Confirmaremos mais uma vez a asserção de que os mortos mandam.

Qual a razão porque existem vícios e manias? Porque há pessoas em que a falta de bom senso é manifesta?

Há homens que em certos ramos da ciência são autoridades indiscutíveis e, todavia, são fanáticos religiosos; homens virtuosos que fumam quase constantemente; indivíduos educados e que roubam (cleptomania); outros, que jogam, apesar de reconhecerem o que tal vício tem de condenável; outros, que bebem bebidas alcoólicas não obstante o aviso dos médicos de que estão cavando a sepultura; outros ainda, que são verdadeiros glutões; e ainda outros que sofrem de histeria que os leva à loucura, etc., etc.

Estas misérias, que são gravíssimas para o espírito e para o corpo, é que contribuem em grande parte para que o espírito permaneça, às vezes, por largos anos, como que chumbado à Terra. As más tendências, infelizmente, não morrem com o corpo. Atingindo também o espírito, nele se fixam e ali permanecem tão fortemente, que só após longos períodos de sofrimento e luta ele consegue convencer-se de que precisa de libertar-se da escravidão em que tem vivido. A razão por que todos estes vícios existem e perduram é exactamente por as pessoas desencarnarem e sentirem necessidade de satisfazê-los. Os seus espíritos continuam preocupados com os mesmos cuidados que tinham na Terra. Como porém lhes está vedado satisfazê-los directamente, aproximam-se dos encarnados com iguais tendências (que eles vêem na aura de cada um de nós) e, dando-lhes a intuição para persistirem no mal, satisfazem-se por indução. Quantas vezes o organismo repele violentamente o veneno do fumo e entretanto o viciado persiste e fuma, apesar de reconhecer que naquele momento, pelo menos, não precisava de fumar? O comilão está exactamente nas mesmas condições. O cleptómano é vítima de espírito frívolo que estabelece confusão entre pessoas incapazes de acreditar que aquele indivíduo «tão educado» fosse capaz de roubar. O espírito dominado por desejos carnais manietará o encarnado com tendência para o abuso sexual. O que desencarnou, dominado pelo vício do alcool, levará o bebedor à embriaguez permanente. O avassalado pela paixão do dinheiro levará o pobre mortal a viver rodeado de miséria, apesar dos cofres abarrotados!

Ainda não deve estar esquecido o caso que os jornais de Lisboa relataram do indivíduo que apareceu morto num monte de palha rodeado de notas de mil escudos e de libras. Possuía propriedades no valor de vinte milhões de escudos e nem cama tinha!...

Quer dizer: nem só o próprio é responsável pela gravidade da perturbação, mas também as entidades invisíveis que o rodeiam. Elas vigiam-nos e aproximam-se mais ou menos de nós, conforme as nossas tendências. Apesar do nosso livre-arbítrio, devemos recear a influência dos espíritos atrasados que, por estarem libertos do corpo, dispõem de mais poder do que nós, tornando-se, portanto, muito mais eficaz a sua acção. Para conseguirem os seus fins dispõem de tal poder de persuasão, de persistência nos seus intentos, que este estado pode durar toda a vida duma pessoa.

★

Em alguns deste defeitos falo por experiência própria. Eu fui um grande fumador. Logo, porém, que tomei a decisão de seguir a norma imposta pelo Espiritismo, pus de parte esse vício. Ainda que muito entranhado nos meus hábitos — pois fumei durante mais de vinte anos — consegui essa vitória com relativa facilidade. Não andei com paliativos nem a diminuir a ração do tabaco a pouco e pouco. Foi tal a convicção adquirida, que desde então não mais acendi um cigarro. Já se passaram anos. Pois, apesar disso, ainda de vez em quando me lembro: «E se fumasse um cigarro? Um só, para ver se saberá mal... Todos fumam... Que mal há nisso? Não fumam os reis, os ministros, os grandes escritores? E os médicos, e até tantas mulheres?!».

(Não falo das mulheres do continente negro; falo das mulheres com pretensões a civilizadas, como as dos grandes centros urbanos e que, sob esse aspecto, em nada são superiores às gentias africanas).

Aquela sugestão é dada, não pelo meu desejo de fumar, mas pelas tais entidades invisíveis, que não cessam de vigiar a nossa força de vontade e de experimentá-la de vez em quando, a ver se conseguem dominar-nos para continuar a persuasão. De acordo com a intensidade com que repelimos ou toleramos a ideia sugerida, assim actuam os desencarnados.

Mas voltemos ao tema inicial. Analisemos agora o comportamento do alcoólico:

Primeiro, convenceu-se de que tinha sede e bebe um copo de vinho para dessedentar-se. Dois dedos de conversa com o dono do estabelecimento — que às vezes nem conhece — e pede mais um copo na intenção fraca de se ir embora. Mas, eis que aparece um conhecido ou um amigo que ontem bebera com ele e, naturalmente, não vai cometer a indelicadeza de deixá-lo só... Beberá mais um copo, e — quem sabe? — pode ser que até saiam os dois logo a seguir e pronto — acabou-se. Ele sente que já bebeu mais do que o que queria, mas, caso interessante: o vinho está a cair-lhe tão bem, que mais um copo não há-de estragar-lhe a boa disposição nem prejudicar-lhe a vida. O amigo, porém, contra a sua espectativa, declara que não tem nada que fazer e que até gostou de encontrá-lo, para ter com quem conversar... E eis que o nosso homem, já turvado, mas querendo aparentar a mais perfeita disposição, começa a pensar que o que tinha a fazer pode bem ficar para o outro dia, ou, se tiver de prestar contas a alguém, remediará o caso com qualquer desculpa e não se pensa mais nisso, porque um dia não são dias. Que diria o amigo, se lhe não retribuísse o que este já lhe pagou? Dê lá para onde der, mal não há-de ficar.

— Traga mais vinho — diz ele com violência — que alguém há-de pagar.

E, com decisão, tira a carteira e põe o dinheiro em cima do balcão, acompanhado de um murro bem sonoro.

Este homem está no caminho do resvaladouro. As «forças inferiores» tomaram conta dele e dominá-lo-ão até à ruína material e moral! É assim, a traços largos, que se manifesta a acção das poderosas entidades invisíveis.

Vede agora o aspecto do jogador viciado, no próprio acto de jogar. Um pouco de atenção e desconhecereis o homem que está na vossa frente. Em nada se parece com a personalidade que lhe é habitual fora do lugar do jogo. Como justificar a mudança? Tudo nele é diferente: os gestos, o rosto, a maneira de falar, de rir, de olhar, movimentos, tudo. A individualidade que ali está é-nos totalmente desconhecida, porque se trata agora de entidade invisível que se apoderou do corpo nosso conhecido, para com ele dar largas ao vício do jogo. Este fenómeno é verdadeiro de mais, para ser fàcilmente aceite pela maioria. Mas, se bem atentarem, não poderão deixar de reconhecer que o pobre jogador perdeu totalmente a personalidade. Arruinar-se-á, moral e econòmicamente. Roubará e matará. Em momentos de lucidez, vendo a quanto desceram, ou desesperados por não possuirem ou não conseguirem mais dinheiro, muitos vão até ao suicídio! Histórias destas são tantas, que não há ninguém que não conheça alguma de lamentável fim.

★

Até aqui, temos visto alguns exemplos de vícios; agora vamos falar da mania do futebol, por ser uma das mais avassaladoras e conhecidas da moderna humanidade. Vejam:

O estádio está repleto. Setenta mil pessoas, algumas das quais lutaram para conseguir bilhete, a maior parte permanecendo durante horas de pé e ao sol, ao frio ou à chuva, aguardando nervosamente o começo da luta (muitas chegam a ir para o campo de jogos no período da manhã, apesar do desafio começar às 16 ou 17 horas!). Depois de muitos cigarros queimados, chega o momento emocionante! Contemplai, ó gentes, e dizei se a cena que se vai desenrolar é digna de tão grande aglomeração! Em fila, entram no campo 22 seres percorrendo-o em toda a volta e saudando a multidão. Enorme salva de palmas, gritos, apupos, guinchos e assobios sobem ao espaço, ofendendo a serenidade das alturas... Os vinte e dois alinham em frente da tribuna de honra. Cumprimentam e são cumprimentados pelas autoridades (a quanto estão obrigados às vezes um Presidente de República, um Rei ou um Ministro!), trocam flores os grupos, escolhe-se a parte do campo que pertencerá a cada grupo e o árbitro faz recomendações que os «capitães» ouvem com atenção. O público, impaciente, fuma e sobe de ponto a sua expectativa, conforme os jogadores que se apresentam em campo, já de todos conhecidos. Agora, no centro do relvado, colocam-se eles e a bola, o árbitro e os «juízes de linha». Há um certo momento de espera. A grande multidão não respira sequer! De repente, um apito estridente dá início à partida. Nada mais é preciso para que comece o delírio da multidão! São duas horas ou mais de loucura varrida e quantas coisas em tão pouco tempo ali se vêem de nos deixar atónitos! Às mil voltas que a bola dá em pouco tempo correspondem mil movimentos de cabeças, como se aquele enorme aglomerado uma só cabeça tivesse. Por causa de um pontapé, vereis a multidão gritar até enrouquecer, invectivar com os mais baixos termos o jogador que o deu, ou elevá-lo à categoria de herói, mais famoso e admirado do que aquele que à Pátria prestou valioso e relevante serviço! Quando acabar a peleja, será passeado em triunfo, e uma cidade inteira alterará e suspenderá a actividade para o ver passar e aplaudir! A multidão berra, escabuja, cospe asneiras e exclamações e faz silêncios impressionantes, como se a Terra se abrisse a seus pés! E os bonequitos, estropiados, cansados, sujos, arrasados, deitando os «bofes pela boca», lá continuam, sob o império da multidão ululante, correndo vezes sem conta o mesmo caminho, fazendo esforços incríveis para conseguir dar o pontapé que electrizará a vaga humana durante um segundo, para em seguida lhes exigir esforço ainda maior! Agora, por paixão clubista, os ânimos se exaltam e, de onde em onde, há cenas de pancadaria, gritos e correrias, insultos e atropelos, desordem e confusão. Há feridos e às vezes mortos, e sobretudo há o lastimoso estendal de tanto atraso e insensatez. Os jogadores ficam mais ou menos aleijados, um ou outro recebeu tão brutal tratamento, que foi parar em mísero estado ao hospital. Durante a partida, usaram de todas as deslealdades possíveis. Esmurram-se a soco ou a pontapé, desrespeitaram a autoridade presente e o público e chegam a rasgar-se as vestes. Tremendos pontapés danificam-lhes os membros ou as costelas e isto às vezes com o apoio unânime daquela multidão furiosa e apaixonada, como se se estivesse ali decidindo o seu próprio destino de vida ou de morte! Pasmai, ó gentes sensatas, e dizei se exagero, ou, pelo contrário, não falta ainda muito mais para completar a descrição. Quanta futilidade! Quanto erro ali manifestado! O comportamento daquela gente é mais que infantil e, por mais que queiramos compreender, nenhuma razão encontramos que o justifique. Os antigos frequentadores do circo romano, sanguinários, impiedosos e bestiais, talvez não tenham descido tanto na escala da insensibilidade, nem da falta de senso, em relação aos hodiernos frequentadores dos estádios da bola ou do boxe. Vede o elo que liga o presente ao passado, apesar da distância de mi-

TRABALHO HARMÓNICO

Eis como o jornal «Unificação», orgão da União das Sociedades Espiritas do Estado de S. Paulo, se refere à nossa revista:

«Trabalho de equipa, isto é, trabalho de solidariedade a superar o personalismo e as igrejinhas, é o que faz a equipa de «Estudos Psíquicos». Nessa revista, onde fulgurou a pena do Coronel Faure da Rosa, continua a aparecer a colaboração dos que transpuseram os umbrais da morte. E que mensagens equilibradas e obejectivas! Tanto que, para esta secção, transportamos uma notícia internacional: a elevação do padrão doutrinário da bela revista lisboeta, notícia que vale por um incentivo à sua leitura».

lhares de anos! Quão pouco a humanidade tem caminhado e, entretanto, quanta vaidade num progresso mecânico, pródigo em comodidades materiais! Nunca se cuidou tão pouco do espírito como agora e a falta de senso dos antigos não era, por certo, maior do que a que hoje se vê.

★

Mas para compreender a ligação entre o presente e o passado (proveniente da sobrevivência do espírito) de uma Humanidade que por culpa de mentores interesseiros parece ter estabilizado no caminho do progresso espiritual, há muitos outros espectáculos. Além do fanatismo intolerante das religiões, com as suas absurdas cerimónias, temos as touradas, o carnaval famoso do Rio de Janeiro e de outras cidades, os matadouros em que os empregados infligem aos animais as maiores crueldades antes do golpe final, as lutas de boxe, as perseguições políticas por ocasião de revoluções, as guerras e todos os crimes individuais que em tão impressionante escala hoje se praticam!

De resto, o mal caminha mais ràpidamente do que o bem. Senão, vejamos: Descobriu-se a bomba atómica aniquiladora. Pois, hoje, poucos países há que não gastem milhões na desintegração da matéria, uns declarando-o pùblicamente e outros a ocultas, mas todos com o desejo de ser os primeiros a chegar na infernal corrida. Certamente, não condeno aqui esse esforço, porque representa a natural reacção de defesa a um possível ataque. Sòmente pergunto a mim mesmo:

Por que razão se escrevem livros indicando honestos caminhos para que a humanidade ascenda e se torne melhor — como os que tratam da ciência espirita — e entretanto os governantes dos povos, as religiões, a grande imprensa, ficam indiferentes, ou o que é mais lamentável, impedem a propagação e o conhecimento de teorias manifestamente benéficas?

Nas condições em que o desporto hoje se pratica, qual o benefício que se colhe? É pelo facto de se juntar uma multidão enorme num campo de desportos, que se pode afirmar que esse povo é desportista? Pagou, gritou, bolsou sandices, pôs à prova a sua má educação e falta de senso, apanhou pancada, irritou-se, enervou-se, arranjou inimizades insanáveis, atropelou-se tudo, porquê e para quê? Mas há mais: Um imbecil que às vezes só tem como recomendação a brutalidade e a violência de que usa nos desafios, não sabendo sequer rabiscar o epíteto por que é conhecido na gíria futebolística, passa, mercê de tais virtudes, a usar no peito o distintivo duma nação, a ser representante dela no estrangeiro!

Gastam-se milhões na construção de estádios (e está certo), fomentam-se e organizam-se espectáculos desta natureza a propósito de tudo e de nada, e vivem à custa desta mania muitas pessoas que em nada são úteis à sociedade, incluindo os próprios desportistas que se tornam profissionais. À parte o que o Estado obtém dos impostos, enormes quantias revertem a favor das agremiações e federações. Em que utilizam as agremiações essas grandes somas? No benefício de todos os seus associados? Não. São empregadas e quase exclusivamente em benefício dos seus jogadores ou para *comprar* estes a outros clubes. Quer dizer: no meio da massa associativa de milhares de pessoas, apenas vinte ou trinta auferem razoável vantagem em pertencer a essa associação — jogadores e técnicos. Assim, terão viagens ao estrangeiro e dentro do país, permanência nos melhores hoteis, estágios nas melhores estâncias de repouso, assistência médica, vencimentos mensais muito superiores à média comum, gratificações para se esforçarem um pouco mais nos desafios, festas de «homenagem», de «despedida», prémios, ofertas do clube e dos particulares entusiastas, (destes, alguns, naturalmente nunca tiveram a gentileza de oferecer qualquer lembrança a nenhum dos seus familiares), etc. Muito bem, porque se instruiram e lucraram. E os outros associados?

Por um jogador chegam a dar ao clube e ao interessado em transacção, centenas de contos — especialmente no Brasil — como se fosse um animal puro-sangue! O desporto, tal como está organizado, é puro mercantilismo. A saúde dos poucos praticantes dele, é cuidada ùnicamente com o fim de obter sucessos estrondosos, exigindo do organismo esforços desumanos, e não para conseguir um equilíbrio físico, base real de boa saúde e vida que pode chegar a ser longa. Raro é o desportista que não fica com atrofiamento de certos órgãos, e que não decaia ràpidamente, quando o organismo já não pode continuar os excessos que lhe impuseram.

Por mim, pratiquei e pratico hoje, mas nunca com carácter de competição, que não fosse comigo próprio, para avaliar meu esforço, para o caso de necessitar de o despender, — nadar, remar ou caminhar, ou pedalar. Resultado: Com meia idade, tenho tido explêndida saúde, e sinto em mim tais energias e um funcionamento orgânico tão regular, que, a par de outros rapazes da minha idade e até mais novos, que foram campeões de várias modalidades, mas logo postos de lado por terem sido batidos, é manifesta a diferença de aspecto físico e de ânimo, a meu favor.

★

Na saúde do corpo, é certo que deve contar a diferença que há entre a minha maneira de pensar de acordo com a doutrina e a do indivíduo que a desconhece. É bem conhecido o ditado: «Mente sã em corpo são», mas pouco se trata de saber como tornar a mente sã.

Condenamos, portanto, o desporto mercantilizado, de competição brutal e desonesta, em que a maioria não é beneficiada, e em que as multidões dão triste nota de si.

Sobre este assunto, falta apenas dizer a parte mais difícil e ao mesmo tempo mais fácil: Nessas ocasiões a multidão é sujeita à acção de numerosas e poderosas entidades espirituais invisíveis, no seu mais baixo grau de atraso e que são em grande parte responsáveis pelos desacatos e incidentes mais ou menos graves, trágicos e cómicos, que na maior parte das competições se verificam. Não esqueçam aquele indivíduo que, ouvindo o relato pela rádio, como as coisas não corressem a seu gosto, sacou da pistola e matou a namorada que estava também presente! Nem aquele que, ao ser metido um «goal», morre fulminado pela comoção! Assim se manifesta a acção medonha, mesmo fora dos campos de luta, dessas forças inferiores! ESTA É A VERDADE, ainda que isto surpreenda (era bom que surpreendesse) ou faça rir os milhões de adeptos de pugnas violentas e que, por serem tantos, se poderão convencer que o louco sou eu. Tempo virá, porém, que reconhecerão seu erro. Oitenta ou mesmo mais anos, é muito, porque pode ser a vida duma pessoa, mas não é mais do que um átomo, na marcha eterna da vida do espírito. Portanto, quem não quiser ver enquanto cá andar, verá depois e com mais clareza, quando o corpo baixar à terra e a alma ficar iluminada.

Lisboa, Maio de 1953.

DISTRIBUIDORES DE AMARGURAS

Por TITO L. BANCÉSCU

Pouquíssimos são os homens que se sentem alegres ante a felicidade alheia. A inveja, o egoísmo ou a ausência de espírito generoso, inclinam os mortais a considerarem-se desditosos perante ventura de seus semelhantes. Não há bondade nem altruísmo em suas almas, dir-se-ia que a maior parte da felicidade alheia lhes pertence ou que a mesma lhes foi arrebatada. Julgam-se com direito a desfrutá-la, sem pensar que nada fizeram para o merecer. A vida, para eles, tem um sentido unilateral e desenvolve-se num pequeno e escuro cenário. Desconhecem o prazer de majestosos arranques e não são espontâneos nas virtudes enaltecedoras.

Estas lacunas psíquicas induzem-nos a transformar-se em permanentes distribuidores de amarguras. Cada vez que logram perturbar a tranquilidade dos outros ou destruir uma felicidade, por insignificante que seja, experimentam o regosijo próprio dos seres psicopatológicos e consideram-se triunfantes com o acto ignóbil. Silenciosamente, assaltam a vida dos que vivem mergulhados em expressões elevadas, que vibram nas gamas incompatíveis com o cidadão vulgar, e ali ensaiam seus malevolentes métodos.

Quando não podem distribuir amargura em toda a sua integridade, distribuem-na em gotas, lentamente, estratègicamente. Se não podem sentir-se alegres nem felizes, têm a certeza de que ninguém poderá aproveitar a sorte livremente.

A sua consciência vegeta sempre atormentada. Não a escutam nunca. Cada vez que ela tenta fazer-lhes algumas sugestões saudáveis e orientadoras, afogam-na, porque se sentem menoscabados se não podem ou não encontram oportunidade de fazer algum dano. Sentem ingratas sensações se durante o dia não amarguraram alguém. São hedonistas à sua maneira. É então quando operam mentalmente, transmitindo pensamentos tóxicos de baixa frequência aos que vivem em seu clima sossegado, saturado de humana compreensão e respeito fraterno.

Pequenez microscópica é a dos que respiram tão rarefeito ambiente. Contudo, os distribuidores de amarguras sentem-se muito satisfeitos na sua própria desgraça. E quando observam que às pessoas ditosas crescem as asas do espírito e as forças morais se ampliam para lhes infundir autoridade, prestígio, respeito e dignidade, é quando a dose da amargura a ministrar aos outros aumenta automàticamente, distilando-se em seu foro íntimo na mesma proporção em que a ventura dos outros adquire aspectos regosijantes e promissores.

Quão felizes se sentirão os distribuidores de amarguras, se se inverterem os seus papeis, espalhando doçura, persuasão e bondade! Eles mesmos poderiam disfrutar essas vibrações terapêuticas de elevada categoria, esses eflúvios que emanam do fundo do seu espírito purificado. Deixariam ser o que são. Não seriam aborrecidos nem odiados. A sua presença seria grata em todo o ponto.

Deixar atrás de nós dolorosas recordações, impregnar a alma alheia com o veneno que brota da amargura, é não compreender a beleza da vida, nem as leis biopsíquicas que as regem.

Não nos veríamos cercados de cintilações vivificantes, se empreendêssemos nesta e noutras existências a prática do bem, contribuindo para a felicidade colectiva? E não seria, porventura, muito mais grato este esforço do que semear discórdia e malevolência? Porque não nos rodeamos de resplendores que devem brotar da nossa mente sã, provocando vibrações psíquicas carregadas de bondade, cooperação, fraternidade e amor? Acaso é mais difícil ser bom, que mau? Para distribuir dores e amarguras corremos o risco de nos envolvermos em conflitos comprometedores, ao passo que obrando em sentido contrário captamos simpatias, respeito e elevada consideração.

Colaboremos, pois, no bem-estar e aperfeiçoamento colectivo e no embelezamento da vida harmoniosa, se quisermos sentir alegria na consciência.

(Trad. de *I. D. S.*)

D'AQUÉM E D'ALÉM...

★ *Gilbert Guilleminault deu a conhecer no Paris-Presse de 20 de Janeiro a seguinte declaração do escritor francês Mauriac: «Nunca leio os meus livros. Não sinto necessidade disso... Nem gosto de ir ao cemitério. Contudo, vivo cercado de mortos queridos. Encontro-os em toda a parte, menos naquele lugar».*

★ *O diário carioca* Vanguarda *abriu um inquérito intitulado «A Religião de Umbanda em face do Espiritismo», no qual muitos escritores e jornalistas estão a lançar os seus depoimentos.*

★ *O Albergue Nocturno da Federação Espirita do Paraná foi criado em 11 de Abril de 1915 e até 1952 atendeu duzentas e duas mil e quatrocentas pessoas, num rosário de caridade que honra aquela Federação.*

★ *Realizou-se com grande êxito na cidade paulista de Santos a* Primeira Semana Espirita, *que, entre outros animadores, teve o nosso representante António Alonso Delgado. Todos os objectivos foram atingidos: confraternização, estudo da mediunidade e explanação evangélica, a cargo dos confrades Luis Monteiro de Barros, Pedro de Camargo e outros.*

★ *A estação emissora CMK, de Havana, Cuba, difunde todos os domingos o programa espirita «Horizontes de Luz» destinado a descobrir as leis transcendentes da vida e a melhorar o carácter do homem.*

★ *Acaba de fundar-se em Buenos Aires a Acção Juvenil Espirita com o fim de estimular a fraternidade e organizar festivais, acampamentos, conferências e conjuntos artisticos para melhor difusão da Doutrina.*

★ *A Sociedade Espirita «La Fraternidad», de Buenos Aires, comemorou o seu 73.º aniversário com um acto cultural de grande concorrência, no qual prestou homenagem ao Mestre Allan Kardec e a António Ugarte, fundador daquela agremiação.*

★ *A Livraria da Federação Espirita do Paraná assumiu a função de distribuidora de livros por todos os Estados brasileiros e editou «Cinzas do Meu Cinzeiro», de Manuel Quintão, e «A Reencarnação e Suas Provas», de Carlos Imbassahy e Carlos Cavalcante de Melo.*

★ *A Federação Espirita do Estado de S. Paulo apelou para os sentimentos humanitários dos médicos, no sentido de que prestem o seu concurso gratuitamente aos enfermos pobres que em grande número procuram a Federação para alívio de seus males físicos.*

★ *O Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira vai lançar brevemente três obras valiosas: «A Levitação», do coronel de Rochas, «No País das Sombras», de E. D'Esperance, e «Ave-Cristo», romance histórico de Emmanuel, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier.*

★ *O curador inglês Harry Edwards andou em viagem na Holanda, tendo sido muito aclamado em Haalem e na Haia.*

★ *A Federação Espirita do Rio Grande do Sul tem desenvolvido grande actividade na expansão da doutrina, sob a orientação do seu presidente, Francisco Spinelli, que tantos e tantos serviços há prestado à Causa.*

★ *Vai em franco andamento a ideia de um congresso espirita brasileiro, a realizar no 4.º centenário da cidade de S. Paulo, entre 3 e 4 de Outubro do ano corrente.*

★ *Na Escola de Biomagnetismo de Belo Horizonte, que funciona sob a direcção do nosso confrade Arlindo Correia da Silva, têm-se operado curas notáveis, entre elas, a da epilepsia.*

★ *A Câmara dos Comuns de Inglaterra reprovou um projecto de abolição da pena de morte por cinco anos, apesar do erro judiciário últimamente verificado no caso Christie, que confessou o assassinio do garoto Evans, depois do inocente ter sido enforcado.*

★ *Um médico inglês enviou ao médium curador Harry Edwards um doente de surdez, numa das suas últimas demonstrações de cura no Civic Hall, de Wolverhampton. Com o auxílio da sr.ª Olive Burton e seu marido George, que assistem o curador, o doente sentiu grandes melhoras e saiu imensamento satisfeito.*

★ *O compositor francês Lucien Nivard fundou um grupo de intelectuais espiritas, entre eles, músicos profissionais, escritores, poetas, compositores, pintores e escultores, com o fim de promover demonstrações de arte, música e literatura psiquica. O sr. Nivard acha que as actividades desta organização não deviam limitar-se a Paris e à União Espirita Francesa e que seria de grande utilidade arranjar sócios correspondentes.*

★ *Numa reunião efectuada no Instituto de Artistas Psiquicos, de Eythorne, Inglaterra, a médium Margaret Moyat conseguiu fazer desenhos de espíritos, cada um no pequena lapso de 40 segundos, os quais foram inteiramente reconhecidos pelos assistentes.*

★ *Um leitor de* Two Worlds *sugeriu uma edição em Braille deste semanário, em benefício dos cegos interessados no Espiritismo.*

★ *A Editorial Espirita Vitor Hugo, de Buenos Aires, pertencente à Sociedade do mesmo nome, ampliou o seu campo de acção, inaugurando uma livraria na rua José Maria Moreno, 426, daquela cidade.*

★ *Acaba de sair o jornal* Unificação, *órgão da União das Sociedades Espiritas do Estado de São Paulo, dirigido por um Conselho de Redacção composto por J. Herculano Pires, Luis Pessanha Camargo Branco, Heitor S. Cardoso, Luis Monteiro de Barros e Abraão Sarraf. A sua redacção é na Rua de Santo Amaro, 362, S. Paulo.*

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM CASO DE TRIPLA PERSONALIDADE

Diez Minutos, de Madrid, publicou em sua edição de 31 de Maio uma notícia muito curiosa relativa ao primeiro caso de tripla personalidade descoberto nos Estados Unidos.

«Através de livros e películas — diz o articulista — todo o mundo está familiarizado com os casos de «dupla personalidade». Mas os psiquiatras ficaram surpreendidos com o descobrimento em Augusta (Geórgia, Estados Unidos) do primeiro caso de «tripla personalidade»: uma jovem dona de casa que encarna «três» pessoas diferentes.

«O caso foi descoberto por dois psiquiatras de Augusta, o doutor Gorbett H. Thigpen e o doutor Hertey M. Cleckley, e refere-se a uma recém-casada da localidade, mãe de um filho e a quem os médicos dão o nome de «Eve White» para lhe ocultar a verdadeira identidade. Na sua personalidade de «Eve White», é uma mulher modesta, amante da família, excelente mãe e esposa. Mas nos momentos mais inesperados converte-se numa pessoa a quem os médicos chamam «Eve Black», despreocupada, atreita a diversões e que trata marido e filho como a estranhos. À terceira personalidade chamam os médicos «Jane». É então mulher de negócios séria e eficiente, situada entre as duas outras. «Jane» conhece a existência de «Eve White» e «Eve Black», mas não compartilha todas as suas lembranças. Afirma, por exemplo, que nunca se casou. «Eve Black» admite estar casada, mas não com o marido de «Eve White».

«Como «Eve Black», a jovem dona de casa abandonou há pouco a família, colocou-se num clube nocturno e comprou a crédito ricos vestidos. Como «Jane», devolveu-os à loja onde os comprara.

«Convertida novamente em «Eve Black», voltou a comprá-los, mas pediu que os transformassem de modo que ninguém pudesse devolvê-los. As duas personalidades suplementares de «Eve White» começaram a aparecer há um ano, depois de um período, durante o qual a jovem se queixava de fortes dores de cabeça e de ouvir «vozes estranhas». Os dois médicos que descobriram o caso submeteram-na a complicadas provas para eliminar qualquer possibilidade de fraude e disseram, finalmente, depois de muitas análises:

— Cremos que tanto «Eve White», como «Eve Black», desaparecerão com o tempo e será «Jane» que sobreviverá ao fenómeno».

UMA SESSÃO DE «APPORTS»

No dia 3 de Maio realizou-se uma sessão no *Grupo Familiar «Fenix»*, de Londres, com a seguinte assistência: Médium Joseph de Santos, como visitante; Marjorie Bishop, bacharel em ciências, Dorothy Herrington e Ben Harrington, este último agraciado por Jorge VI com a comenda da Ordem do Império Britânico.

Desde a abertura dos trabalhos que se notava uma grande influência psíquica, diferente da que é costume sentir-se nas reuniões vulgares. Primeiro, o médium Joseph caiu em transe e recebeu várias mensagens. Depois, ouviu-se um ruído estranho e Dorothy Herrigton sentiu uma coisa bater contra a perna da cadeira onde estava sentada.

Em seguida uma voz de inflexão chineza disse que tinham sido dados cinco *apports* com significação especial e que não deviam tocar-lhes enquanto não terminasse a sessão. Quando se estabeleceu a luz, estavam no chão quatro peixes de madre-pérola com perto de cinco centímetros de comprimento. O quinto peixe que fora anunciado não se encontrou.

Marjorie Bishop e Joseph de Santos procuravam cuidadosamente na sala do Santuário, ao mesmo tempo que Dorothy e Ben desciam as escadas, a fim de preparar uma refeição. Quando Dorothy, que ia na frente, se dispunha a descer o primeiro degrau, foi ouvido o mesmo som estranho que se notara no Santuário e Ben viu bater na cabeça de Dorothy o peixe que faltava. Todos os peixes têm marcas de barbatanas hàbilmente esculpidas, olhos, etc., e parecem trabalho de artezanato oriental. Os assistentes atribuem este belo fenómeno à mediunidade de Joseph de Santos, a quem estão muito reconhecidos.

«ESCLARECENDO DÚVIDAS»

O *Reformador,* orgão da Federação Espirita Brasileira, publicou o seguinte artigo subordinado ao título desta nota:

«O Espiritismo, conforme reconhece o Conselho Federativo Nacional, orgão da Federação Espirita Brasileira, é a Revelação prometida pelo Cristo de Deus para os séculos em que a humanidade alcance um grau de assimilação mais elevado.

«Os fenómenos psíquicos, tão velhos quanto o mundo, só atraiam a atenção dos intelectuais, quando surgiram os ocorridos em Hydesville, em 1848. Em 1857, Allan Kardec lançou o primeiro livro dessa nova Revelação — «O Livro dos Espíritos»,—criando o vocábulo «espiritismo» para a designar e hoje conhecida noutros países por «neo-espiritualismo».

«O Espiritismo difere das religiões conhecidas por demonstrar a lógica de seus ensinos através de experiências científicas e por apresentar uma filosofia baseada igualmente na experimentação e observação e documentada por legião de sábios de renome universal.

«Religião científico-filosófica, confirmando os ensinamentos básicos de todas as religiões, não pretende demolir as que a precederam, antes reconhece a existência delas para grande parte da humanidade, cuja evolução se processará lenta e gradualmente.

«Doutrina religiosa sem dogmas pròpriamente ditos, sem liturgia, sem símbolos, sem sacerdócio organizado, ao contrário de quase todas, não adopta em suas reuniões e práticas:

a) paramentos ou vestes especiais;

b) vinho ou bebida alcoólica;

c) incenso, mirra, fumo ou substâncias que produzam fumaça;

d) altares, imagens, andores, ve-

las e outros objectos materiais para atrair o público;

e) hinos ou cantos em línguas mortas ou exóticas, só os admitindo na língua do país em reuniões realizadas pela infância e juventude e em sessão de efeitos físicos;

f) danças, procissões e actos análogos;

g) atender a interesses materiais.

h) pagamento de qualquer graça concedida ao próximo;

i) talismãs, amuletos, orações miraculosas, bentinhos, escapulários ou coisas semelhantes;

j) administração de sacramentos, concessão de indulgências, distribuição de títulos mobiliárquicos;

k) confecção de horóscopos, exercício de cartomancia, quiromancia, astronomia, etc.;

l) rituais e encenações extravagantes, com o fim de impressionar os leigos;

m) termos exóticos ou heteróclitos para designar seres ou coisas;

n) promessas ou despachos, riscos de cruzes ou pontos, enfim, longa série de actos materiais oriundos das velhas e primitivas concepções religiosas.

«O fenómeno psíquico pode surgir em qualquer meio religioso ou irreligioso e seu aparecimento pode conduzir a criatura ao Espiritismo, mas a consolidação da crença, o conhecimento das leis que presidem os destinos do homem e a perfeita assimilação da Doutrina Espírita só se conseguem através do estudo das obras de Allan Kardec e dos que lhes são subsidiárias».

No actual momento achamos de flagrante actualidade os esclarecimentos do *Reformador,* dirigidos não só aos leigos, mas também aos adeptos que necessitem de recomendação. Como na Inglaterra, o Espiritismo no Brasil evidencia carácter religioso, visto que sem ele não preencheria o seu fim primordial: a reforma moral e espiritual do homem.

O MAGO DE NÁPOLES

O mago de Nápoles é um grande curador a braços com um pleito judicial em vias de solução. Toda a Itália vive este estranho acontecimento profundamente interessada. É também de *Diez Minutos,* de Madrid (edição de 3-5-953), que traduzimos o relato.

«O mago vive num elegante primeiro andar do conhecido Hotel Plaza, de Nápoles, o mesmo que foi ocupado pelo famoso compositor Mascagni. Na sala de espera encontram-se diàriamente umas vinte pessoas de todas as classes, enfermos, sãos, pobres e ricos. Há ali um aviso muito visível a anunciar que o «Professor Aquiles Ângelo» só tratará doentes acompanhados de um médico-oculista ou tragam certificado, recomendando a consulta.

«Um dia chega à «clínica» um velho cego, com a esposa da mesma idade. Havia quatro horas que esperavam. O «mago» pegou no braço do ancião e conduziu-o lentamente ao consultório. A «clínica» é um apartamento de hotel como qualquer outro, do qual se retirasse a cama. Num canto há um armário e, entre outros móveis, um grande cofre cheio de cartas de toda a parte do mundo sobre consultas dos olhos. Há também uma pasta com atestados de cura, alguns de pessoas eminentes. O médico assistente de um deles diz textualmente: «Assisti hoje a uma experiência com o magnetizador Ângelo e fiquei convencido do seu extraordinário poder magnético. No seu género ainda não vi coisa semelhante». A esposa do cego entregou ao «mago» o escrito de um dos médicos oftalmologistas mais notáveis de Roma, em que recomendava ao sr. Momicchiolo (este é o nome do cego) o tratamento magnético. O «mago» mandou-o sentar, tirou-lhe as grossas lentes e começou a consulta. Ao mesmo tempo, a esposa do enfermo pediu-lhe que fizesse tudo o que pudesse.

«— Nada lhe asseguro — respondeu ele —; além disso não sou o Deus que tudo pode. Veremos primeiro se o doente sente as minhas radiações magnéticas.

«O magnetizador colocou-se atrás do paciente, a um metro de distância; e cerrando o punho esquerdo dirigiu-lho lentamente para a nuca até perto de 50 centímetros. Depois de repetir três vezes o movimento, perguntou:

«— Notou alguma coisa?

«Ao que o cego respondeu:

«— Tocou-me três vezes na cabeça.

«A anciã tremia de emoção e o magnetizador insistiu:

«— Tem a certeza de ter notado os toques?

«— Sim, senhor, respondeu o cego com firmeza —. Foi assim...

«E bateu três vezes com o punho sobre a mesa.

«Depois o «mago» colocou-se em frente dele e disse-lhe que fechasse os olhos. Em seguida dirigiu-lhe as mãos horizontalmente para os olhos.

«— Agora — disse o paciente — parece que me soprou fortemente nos olhos.

«O magnetizador deu-lhe muitas maçagens nos olhos com os polegares e depois uns passes circulares com as mãos estendidas em torno das fontes e da nuca, dizendo enèrgicamente:

«— Abra os olhos!

«Aproximou-lhe a mão, a cinco centímetros, com dois dedos estendidos e perguntou-lhe quantos via.

«— Dois — respondeu o cego.

«Repetiu a mesma operação com mais exercícios, sempre com resposta afirmativa. A mulher começou a chorar. Ângelo afastou-se 50 centímetros e repetiu as mesmas perguntas, recebendo idênticas respostas. O homem estava emocionado.

«— Cerre de novo os olhos — ordenou o magnetizador.

«Houve uma pausa de descanso, enquanto este girou as mãos abertas em torno da cabeça do velho. Voltam as perguntas, fazem-se mais provas e as respostas foram dadas aos gritos:

«— Três... quatro... nenhum.. dois...

«— A anciã dizia, entre gemidos, que os médicos não tinham nenhuma esperança e no rosto do cego reflectia-se a surpresa e o terror.

«— Oxalá que volte a trabalhar! — dizia ele —.

«— Não tão depressa — respondeu Ângelo —. Antes disso terá que vir aqui cinco ou seis vezes. Seja como for, agora digo-lhe que podemos ter esperança.

«— Quanto lhe devemos, senhor? — perguntou a mulher —.

«O magnetizador estava convencido da pobreza do cliente.

«— O preço da consulta são dez mil liras, mas não me devem nada. Depois veremos.

«O sr. Momicchiolo tinha sido guarda-livros durante trinta anos e foi perdendo a vista pouco a pouco. Após muitas consultas, o médico disse-lhe que nada havia a fazer, pois o nervo óptico estava destruído. E concluiu, dizendo:

— Consultem o magnetizador Ângelo. Talvez lhes possa fazer alguma coisa.

«Pouco depois, o velho ficou desempregado e a miséria entrou no seu lar.

«— Amanhã voltem às quatro horas — disse-lhes o magnetizador.

«E acompanhou à porta os dois anciãos, que choravam emocionados. Eram oito horas da tarde. A consulta durara uma hora e na sala ainda estavam dezoito pessoas...».

Comentários? Não vale a pena. O leitor que os faça à vontade, tirando as ilações que entender. Só dizemos uma coisa: a arte de curar não é exclusivo de uma classe e mais vale quem Deus ajuda, do que quem muito madruga. Se lhes chamam curadores, é porque curam..

Notas & Comentários

CARITA BORDERIEUX

Acaba de desencarnar em França a senhora Carita Borderieux, fundadora e directora da revista «Psychica», que durante cerca de vinte anos exerceu grande influência nas investigações psíquicas e expandiu os nossos postulados da sobrevivência e da evolução anímica.

Pertencia a uma família espírita. Seu avô trabalhara com um médium, cujo Espírito-Guia era especializado na cura das doenças. Chamava-se Carita e, em lembrança de tal convivência, deu o mesmo nome à neta.

A sr.ª Carita Borderieux era assistida pelo espírito de seu marido, Pierre Borderieux, grande coração e grande inteligência e abandonou a vida terrestre no dia 20 de Março, quando se encontrava em Etampes junto de seus sobrinhos.

La Revue Spirite, donde extraímos estas notas, diz que ela era muito amiga dos animais e que os considerava muito próximos dos homens, se lhe não fossem superiores pela generosidade, confiança e afeição que manifestam aos donos, pois conseguira fazer do seu pequenino aluno — o cão Zou — um estranho e surpreendente calculador.

Almas deste quilate deixam atrás de si aureoladas recordações.

UMA CARTA ESPONTÂNEA

Do nosso prezado assinante de Luanda, sr. J. M. A. Soares Guedes, recebemos uma carta, da qual extraímos os seguintes passos que, pela espontaneidade que revelam, ficam bem nestas colunas, em compensação de muitos dissabores sofridos em holocausto à doutrina:

«Estudos Psíquicos não precisa de elogios, nem o seu Director vive desses incitamentos. Permita, no entanto, que, em palavras bem curtas, não cale por mais tempo o que sinto: a sua revista é muito bem feita e a sua orientação eclética, desapaixonada, inteligente, é uma lição em qualquer parte do mundo, nestas lides das correntes espiritualistas.

«Eu tenho-me dedicado a auxiliar o trabalho de Krishnamurti e digo-lhe que penso exactamente como o meu prezado confrade. Inúmeras vezes eu faria minhas as suas palavras.

«Mas, infelizmente, ainda há raros exemplos como o de Estudos Psíquicos. Parece que não é bom quem quer, mas quem pode, que mantém essa atitude serena de compreensão — que vem a redundar numa atitude de amor — como a de Estudos Psíquicos, já para com os adversários (caso das Novidades), já para com searas mais vizinhas (suas referências aos teósofos e à Federação Espírita Portuguesa, seus incitamentos a um congresso espírita, etc.).

«Convicto de tudo aquilo de que Estudos Psíquicos é arauto, muita alegria sinto, quando vejo doutrinar, como, por exemplo, no «fundo» da sua revista de Fevereiro do ano corrente. Enfim, serão inúmeros os pretextos para me declarar absolutamente solidário com a sua acção, e por isso dispenso-me de os citar, sr. Director».

Temos recebido várias cartas neste sentido e não as tomamos como elogio barato, porque estes correspondentes não são cultores de lisonja, nem têm motivos para vergar a espinha, acto deprimente para uns e outros. A nossa posição é a do homem que procura superar a própria obra com bom senso e eficiência. Às palavras laudatórias não damos carácter de elogio, mas de concordância, e o nosso maior desejo é ser compreendido pela maioria. Na carta do sr. Soares Guedes há sinceridade e compreensão. Isso nos basta para activar a marcha no mesmo rumo.

ORIGINAIS DO VELHO TESTAMENTO

O Diário de S. Paulo publicou a seguinte notícia datada de Jerusalém:

«O Serviço de Antiguidades de Jerusalém anunciou a descoberta dos restos de 70 pergaminhos bíblicos de perto de dois mil anos, entre os quais 8 manuscritos originais do Velho Testamento. O sr. G. L. Harding, director das Antiguidades, situou essa descoberta no antigo território dos Esseniaros, em Khiroet Qumran, a alguns quilómetros a noroeste do Mar Morto e cerca de 40 quilómetros a leste de Jerusalém. O pergaminho de Isaías e outros fragmentos de manuscritos já haviam sido descobertos nessa região em 1947.

«Segundo o sr. Harding, 38 dos pergaminhos que acabam de ser descobertos relacionam-se com 19 livros diferentes do Velho Testamento. Quanto aos outros pergaminhos descobertos, o mesmo sr. disse que se tratava de comentários e de paráfrases de livros bíblicos, de numerosas obras apócrifas conhecidas e desconhecidas e de algumas obras concernentes à organização da seita dos Essenianos, a cuja biblioteca os pergaminhos parecem ter pertencido. Esses últimos fragmentos são redigidos em hebraico, aramaico, grego e em escrita fenícia. Certos pergaminhos fornecem textos em hebraico e aramaico, cuja única tradução conhecida é em grego. Esses pergaminhos, que são em papiros e em pele, foram descobretos por beduínos que, alertados pelas descobertas de 1947, exploraram sistemàticamente todas as grutas da região. Como parte dos achados de 1947 havia sido explorada, exportada em contrabando e encaminhada para os Estados Unidos, ante a notícia da descoberta, a Legião Árabe montou guarda em toda a gruta. Os beduínos vendedam os documentos por 15.000 dinares, fornecidos pelo governo jordaniano. Vinte por cento dos manuscritos ainda estão em poder dos beduínos».

UMA NOVA EDITORA

Fundo-se há pouco em Buenos Aires a Editora León Denis, sob a direcção de Hugo L. Nale, presidente da Confederação Espírita Argentina, a qual foi há pouco inaugurada com a publicação do livro daquele confrade «La Antoeducación del Pensamento y de la Voluntad al Servicio del Espiritismo».

Eis uma notícia promissora que damos com prazer. O Espiritismo necessita de espalhar a doutrina em toda a parte e a palavra escrita é o seu arauto mais perfeito. O livro é agente precioso, ao lado do folheto e da imprensa. Por isso devemos estimular todo o esforço feito nesse sentido.

A nova Editora, os nossos cumprimentos fraternais.

Noticiário

37.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se o 37.º sorteio de livros espiritas. Entramos assim no 4.º ano deste generoso empreendimento e praza a Deus que ele se possa manter e progredir, segundo as directrizes estabelecidas.

Mais uma vez lembramos aos amigos leitores que se não esqueçam de trazer a sua contribuição para esta obra. Dêem-nos alguma coisa do supérfluo que, bem aproveitado, poderá contribuir para estancar dores e alentar a pobreza envergonhada. Quantos e quantos não estão a receber do Centro Espiritualista Luz e Amor benefícios consideráveis, muito e muito superiores à sua contribuição, sem se lembrarem do que poderiam fazer neste sentido! Tantas consultas médicas lhes foram evitadas, cuja importância reverteu em favor do seu orçamento doméstico! Seria bom que não se esquecessem de pobres de outra espécie que se encontram em transes aflitíssimos.

Os prémios deste sorteio foram os seguintes:

«Luz no Caminho» — José Pinho Trindade, de Luanda.

«Dois Mundos»—Armando da Glória Alves, do Cartaxo.

«Pierino Gamba» — César Carneiro Franco, de Lisboa.

«Ronda Espiritual» — Ângelo Lameiras Fernandes, de Lisboa.

Aos contemplados, as nossas felicitações. Muitos subscritores já receberam cinco e seis prémios valiosos. Quem dá, recebe. Eles deram e receberam e ficaram satisfeitos. Será pena que esta modalidade beneficente se extinga por falta de cooperadores. Entretanto... leiam a nota seguinte, que a generosidade não acabou no mundo...

A ACÇÃO SOCIAL DO ESPIRISTIMO

O Centro Espirita Allan Kardec, de Campinas, Estado de S. Paulo, fundou o Instituto Popular «Humberto de Campos», organização beneficente de educação e assistência instalada em moderno edifício próprio dotado de óptimas instalações. Actualmente tem em pleno funcionamento os seguintes cursos: pré-primário, primário, dactilografia, bordados, corte-costura e comércio, com 1.039 alunos matriculados e 245 alunos dispensados de pagamento. Os primeiros pagam a taxa mensal de 20 cruzeiros.

Além disso, a escola mantém gratuitamente assistência médica e dentária, merenda escolar, fornecimento de material, roupa e calçado aos alunos reconhecidamente pobres. Em breve será iniciada a construção do Educandário «Eurípedes», internato para meninos órfãos e abandonados. Que felicidade ler notícias destas na imprensa brasileira! Dá vontade de emigrar para sentir de perto a alegria e o consolo destas acções filantrópicas.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 12 do corrente realizou-se na sede do Centro E. Luz e Amor a última conferência deste ciclo de trabalhos. Coube a vez à nossa colaboradora D. Adelaide Ivone de Sousa. «O Espiritualismo e a Mulher» foi o tema escolhido. E temos pena de que na assistência houvesse poucas mulheres para ouvir palavras altamente judiciosas acerca do sexo feminino.

D. Ivone de Sousa tratou o assunto com grande clarividência e soube esmaltar a leitura com oportunos comentários que estimularam o interesse dos ouvintes. A verdadeira posição da mulher foi encarada sob o aspecto de natural companheira do homem, amigável competidora a quem estão reservados os maiores e mais justificados triunfos. Podemos dizer que as nossas conferências públicas encerraram com chave de ouro, pois nenhum tema haveria mais aliciante e mais próprio.

O presidente da Direcção analisou o trabalho apresentado e enalteceu a posição da mulher no Espiritismo, afirmando que a maior parte da doutrina se deve aos médiuns e que, destes, oitenta por cento eram mulheres. E citou vários exemplos de irmãs nossas que atingiram os mais elevados cumes da inteligência, demonstrando assim que os dois sexos, sendo desiguais, não eram susceptíveis de cotejo e deviam ser encarados como duas metades de um todo harmónico nas vias do progresso.

D. Ivone de Sousa recebeu felicitações de muitos dos presentes.

FÉRIAS DO CENTRO

Como nos anos anteriores, o Centro E. Luz e Amor encontrar-se-á em férias durante os meses de Agosto e Setembro.

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez avisamos os nossos correspondentes de que devem enviar 2$50 em selos postais, sempre que desejem alguma informação, pois não dispomos de fundos para essas despesas, atendendo a que são muitos os que se nos dirigem a pedir esclarecimentos de seu interesse particular.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

No domingo, 2 de Agosto, realizar-se-á a sessão de encerramento dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor, em que falarão vários oradores.

COMUNICAÇÕES

Tiveram a amabilidade de nos comunicar a eleição de seus corpos administrativos o *Instituto Espirita Dias da Cruz*, de Porto Alegre, de que são presidente os Drs. João Pompílio de Almeida Filho e Frederico Carlos Toledo Bordini, e o *Centro Espirita Jesus*, de Pelotas, de que são presidentes Manuel Pinto Tavares e o Dr. Djalma de Matos, nosso antigo representante nesta cidade.

Às duas operosas instituições, que grandes serviços estão a prestar à Causa, apresentamos os nossos cumprimentos amistosos com votos de prosperidade.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Alberto Rosa, de Bissau, 30$00; Domingos José Malheiro, de Lisboa, 10$00; D. Maria Cristina Pinto, de Coimbra, 8$00; D. Clementina França, de Lisboa, 50$00; Anónima, de Lisboa, 20$00; D. Piedade Barros Gomes, de Lisboa, 40$00; Subscrição do 37.º Sorteio de livros espiritas, 150$00. Total — 348$00.

O donativo que no boletim de Maio se atribuiu a D. Maria Mateus da Silva Dias foi enviado pelo nosso confrade Mário Mateus da Silva Dias, de Lourenço Marques.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INACIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato cada um		60$00
Além Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	53$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo Espírito de *Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renuncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Ascensões Humanas, por *Pietro Ubaldi*, obra de luxo, ricamente encadernada		130$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Brage* recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritsmo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos Espíritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento, pelo *Dr. O. Emboaba*	15$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		130$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle*, A conversão espírita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espíritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Poeira da Estrada, por *Júlio Abreu Filho*	12$00	
Problemas (Os) do Futuro (última solução dos problemas científicos, biológicos, sociais e místicos) por *Pietro Ubaldi*, ricamente encadernado		130$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espírita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ALLAN KARDEC

Ver página 253

CONTÉM: O Espírito, da **Redacção**; O Espiritualismo Através dos Tempos, por **António Martins**; Seres Sem Rosto, por **Georges Tiret**; Os Fenómenos Metapsíquicos nos Animais, pelo **Dr. Bruno Adamo**; Não O Crucifiqueis de Novo, por **A. J. Trindade**; Ecos do Além (Mensagem do **Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos**); Swedenborg, por **Henry Thomas** e **Dana Lee Thomas**; A Maior Maravilha da Civilização, por **Silvio Brito Soares**; Espírito e Matéria, por **Henrique Magalhães**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

14.º ANO AGOSTO DE 1953 N.º 8

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $60,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
Síntese do Livro dos Espíritos	12$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro
Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO | LISBOA, AGOSTO DE 1953 | N.º 8

Redactor: **Ramos Pereira** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administradora: **Maria Eugénia**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRAFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

O ESPÍRITO

O espírito tem prerrogativas inalienáveis. É a parte mais nobre do ser, a centelha que ilumina os actos, emitindo e captando pensamentos. É o foro íntimo do homem. Vê e ouve, pensa, analisa, compara, maneja os sentidos, orienta a mentalidade, abre caminhos ao passo indeciso, ilumina arcanos fechados, sabe esperar a sua hora.

As remodelações mundiais são obra sua. Quando as ideias amadurecem, um poder oculto as traz à superfície. É semelhante à força que manda revestir as plantas e desabrochar as flores. Um fenómeno estranho envolve os vegetais da mesma espécie, sem que os botânicos o compreendam...

O espírito é imponderável, é abstracção para muitos, mas tem artes de revolucionar a matéria.

Todos sabem que o dia está ligado à noite. O progresso de uma hora liga-se ao da hora seguinte. Os factos encadeiam-se naturalmente e o espírito é que tira as ilações, estabelecendo planos de engrandecimento.

A vida é luta incessante em que o forte domina o fraco. Não é preciso citar o conceito darwinista para compreender que umas espécies sobrevivem a expensas de outras.

No reino do espírito sucede o mesmo. Os ideais afirmam-se, seja qual for o ambiente e a latitude. Às vezes, o meio facilita a marcha de uns tantos, cujas directrizes pareciam confusas. Outros ficam para trás, como veículos que estacionam. Um dia chegará a sua vez.

O Espiritismo é um veículo, cuja marcha tem sido irregular devido aos barrancos do caminho. Há cem anos que avança na floresta materialista, abrindo estradas, erguendo miradouros, colocando aqui e ali pedras brancas de bondade.

A hora que passa é-lhe adversa nalguns países. Mas nem por isso devemos esmorecer. A adversidade tempera as energias, obriga a esforço ordenado. E o adepto aproveita as horas de ócio para meditar no futuro que o aguarda.

— É preciso saber esperar — diz ele para consigo —.

O ideal não morre no espírito de quem o sente; e sabermos que aqui e ali se impôs e triunfou, é compensação para as agruras sofridas.

Houve períodos na História em que o Espírito não tinha asas para voar. Ficou a um canto, como ave desfalecida, até que novos tempos o alimentaram. O estacionamento levou-o a maior impulso e ganhou o que perdera na noite insondável.

Tenhamos fé e esperemos. Continuemos a amar os homens e a perdoar os malefícios da ignorância, que há-de ser luz, quando a evolução se objectivar.

O mérito é diferente, se subirmos ao cume ou descermos ao vale. É preferível chegar ao monte com os pés em sangue, do que permanecer na várzea a cubiçar a lonjura, sem meios de alcançá-la.

Mantenham-se firmes, os que se alistaram nas hostes da salvação. Firmes e coerentes, sem receio de tempestades. O reino do espírito vale mais que o reino da matéria. Vale mais e está primeiro.

Na meditação, na conversação, na acção diária, poderemos erguer um grande edifício que os ventos não abalem. Ninguém impedirá semelhante voo que se opere nas almas, à margem do conhecimento directo. «O Espírito sopra aonde quer» — como dizia S. Paulo —, e franqueia as barreiras que o obscurantismo levanta à sua passagem. Nada o abala: nem os tempos, nem os ventos. Afinal, tudo é necessário à sua expansão.

O ESPIRITUALISMO ATRAVÉS DOS TEMPOS

3.º

Não há efeito sem causa, disse Kardec, e todo o efeito inteligente tem forçosamente uma causa inteligente. É o axioma sobre que repousa integralmente o Espiritismo, disse Léon Deniz. Aplicado às manifestações de Além-túmulo, esse axioma demonstra a existência dos espíritos e, do mesmo modo, se o aplicarmos ao estudo do mundo e das leis universais, ele demonstrará a necessidade de uma causa inteligente. Eis porque a existência de Deus constitui um dos pontos essenciais da doutrina espírita. Basta comprovar que há inteligência e consciência nos seres criados para ficarmos certos de as encontrar na fonte criadora, nessa Unidade suprema que não é a causa primária como dizem uns, nem uma causa final como pensam outros, mas a causa eternamente activa, donde dimana toda a vida.

Podemos discordar das ideias dos outros, mas seria absurdo e anti-científico pretender possuir o monopólio da verdade, e, como muito bem disse Paul Glourieux, decano da Faculdade de Teologia do Instituto Católico de Lille, «cada um pode alegar as suas razões; cada qual pode criticar, apreciar as que lhe opõem e não deve, por isso mesmo, condenar ou excomungar os que pensam de maneira diferente. Deve saber, por outro lado, que há outros pontos de vista além do seu, outras soluções possíveis.

«O campo das forças invisíveis pode ser muito mais considerável do que se pensa. Fenómenos estranhos encontrariam ali a sua explicação. Não se pode dizer que a radiestesia seja desprovida de valor científico; longe disso, como na telapatia, no Espiritismo, nos médiuns e talvez na bruxaria.

«A linha de demarcação é, às vezes, difícil de traçar entre a experimentação e a fraude. É preciso ser prudente; proceder cientìficamente, e não tirar conclusões demasiado rápidas. É bom que reconheçamos lealmente a nossa ignorância a este respeito».

É a voz da razão pela boca deste ilustre professor, em seu livro *Introduction à L'Étude du Dogme*, para uso dos padres, mas não é a única.

«Eu sei — confessava o pastor e professor de teologia Harold Nielson no seu livro *Mes Expériences Personnelles en Spiritisme Expérimental*, publicado em 1929 — que falei com seres do Além, bons e afectuosos, e que aqueles momentos foram os mais santos da minha vida.

«Os infelizes com quem me comuniquei proporcionaram-me um grande ensinamento. Aprendi a elevar o meu coração até eles. Oh! de que valor foi para mim esta experiência que me permitiu quebrar os laços estreitos dos preconceitos e do dogmatismo que aprisionavam a minha alma e quanto se elevaram em mim as concepções que eu tinha de Deus ede Cristo! Que me perdoem de não poder acreditar noutras coisas; o que elevou a minha vida a um tão alto grau pode também servir para elevar a vida dos outros».

Falam assim os que objectivamente procuram a verdade. E porque não há-de ser assim? Não é o homem um espírito? E, se o é, porque tamanha guerra, tamanha má vontade à doutrina dos espíritos? Não fará ela parte integrante do seu ser moral?

Eu penso, logo existo, disse Descartes. Ora, se o homem pensa e existe, não será um conceito errado e contraditório admitir que o facto de existir provenha do nada? E, se não provém do nada, não pode voltar ao nada; seria contrariar a lei do progresso.

O mistério em que as rotineiras doutrinas têm mantido as sociedades vai desaparecendo na medida em que o nível da cultura dos povos vai subindo.

Abordarei agora, para terminar, uma das mais interessantes facetas não só do Espiritismo, mas do Espiritualismo em geral. Assunto de importância capital para a vida do homem, que o conhece porque dele depende a sua elevação na escala dos seres e a sua desgraça ou felicidade futuras.

A Índia Védica e Bramânica, a Pérsia Mazdeísta, como o Egito e a Grécia, e todas as doutrinas Iniciáticas deram sempre como certa a palingenesia ou reencarnação.

Pitágoras afirma que o renascimento da alma é lógico e necessário e Platão, adoptando a lei de Pitágoras, desenvolve-a, fundando-a em duas razões principais expostas no Fédon.

A primeira é que na Natureza a morte sucede à vida e, sendo assim, é lógico admitir que a vida sucede à morte, porque nada

pode nascer do nada, e, se os seres que vemos morrer não voltassem mais à Terra, tudo acabaria por se absorver na morte.

Em segundo lugar, o grande filósofo baseia-se na reminiscência, porque, segundo ele, aprender é recordar.

No Livro IX da *Segunda Eneida*, Plótino concretiza o seu pensamento na seguinte frase: «A Providência dos Deuses nos assegura a cada um a sorte que lhe convém, e que é harmónica com os seus antecedentes, conforme as suas vidas sucessivas».

A *Bíblia* e os *Evangelhos* estão cheios de alusões à necessidade dos renascimentos da alma. Na Judeia esperava-se que a vinda de Elias ia preceder a vinda de Jesus. Foi por isso que Jesus respondeu aos discípulos, quando lhe perguntaram se Elias voltaria: «Elias já veio e não o reconheceram, antes lhe fizeram tudo quanto quiseram». Os discípulos compreenderam então que era de João que Ele falava, isto é, da reencarnação de Elias na pessoa de João Baptista.

Outra prova da reencarnação que nos dão os *Evangelhos*, quando o fariseu Nicodemus

Artigo de ANTÓNIO MARTINS

interroga Jesus sobre o dogma da vida futura: «Em verdade te digo, disse Jesus, que ninguém verá o reino de Deus se não nascer de novo». Nicodemus, perturbado, pergunta-lhe como é possível nascer de novo sendo velho e poder entrar novamente no seio de sua mãe para nascer segunda vez. Mas Jesus responde-lhe: «Não vos maravilheis de vos dizer que é necessário nascer de novo; o espírito sopra onde quer e ouvis a sua voz, mas não sabeis de onde vem nem para onde vai». Como pode ser isso? Responde-lhe Jesus: «Sois mestre em Israel e ignorais estas coisas?».

Nicodemus não as conhecia, como a maior parte das pessoas as não conhece ainda hoje; uns porque nada lhe interessa a vida futura e se limitam à adoração da vida terrestre; outros porque têm olhos e não vêem e sistemàticamente negam tudo o que escapa aos sentidos materiais.

O célebre poeta francês Lamartine, viajando pelo Próximo Oriente, teve a intuição de já ter vivido naquelas paragens. Conta ele: «Não tinha comigo, na Judeia, nem a *Bíblia* nem qualquer livro de viagem, nem alguém que me pudesse dar o nome antigo dos lugares ou montanhas. Reconheci no entanto, desde logo, o vale de Terebinto e o campo de batalha de Saúl. Em Séphora, designei com o dedo e dei o nome de uma colina no alto da qual havia um castelo arruinado como o lugar provável do nascimento da Virgem. Quando fomos ao Convento, os padres confirmaram as minhas afirmações».

«No dia seguinte, ao pé de uma árida montanha, reconheci o túmulo dos Macabeus, e dizia a verdade sem o saber. Excepto o vale do Líbano, nunca encontrei na Judeia lugar ou coisa que não fosse para mim como que uma recordação».

Teremos pois vivido mais do que uma vez? Não será a nossa memória uma imagem desbotada que o sopro reaviva?

Tinha razão Lamartine, porque a memória durante a nossa estadia na Terra conserva-se desbotada, mas o contacto directo com as coisas que nos foram outrora familiares aviva-nos essa memória e o nosso espírito percebe, muitas vezes inconscientemente, que já ali desenvolveu a sua actividade, o que só poderia ter sido em vidas anteriores.

No campo das desigualdades sociais são inúmeros os testemunhos que militam a favor desta lei. Deparamos constantemente com pessoas fisicamente imperfeitas. A sua imperfeição física, como nos cegos, paralíticos, coxos, aleijados, loucos, etc., é o resultado de faltas anteriormente cometidas.

Deus deixaria de ser Deus, se, sem razão, lançasse no mundo esses desgraçados ao lado de pessoas fisicamente completas. Onde estaria a sua Justiça? Com que amor esses desgraçados se lembrariam desse Deus que os distinguiu de todos os outros seres de maneira tão cruel?

Vamos do simples ao composto. Partidos do estado rudimentar, elevamo-nos pouco a pouco à dignidade de seres responsáveis, disse Gabriel Delanne. A Humanidade compõe-se de espíritos mais jovens ou mais velhos, tendo uns adquirido mais virtude e sabedoria em confronto com outros, que menos trabalharam. Assim se explica a imensa variedade de caracteres, de aptidões e os meninos prodígios que há por este mundo.

Oh! Divina reencarnação! disse uma alma

sublime em comunicação do Além. Por ti o bruto e insciente se converte em génio; por ti, o mau adquire a bondade suprema e o ignorante o conhecimento de todas as coisas. Por ti, o homem toma gradualmente consciência de si mesmo; cada vida lhe traz uma experiência, cada existência uma força e um poder novos; por ti, não há dor nem prova que não tenham objectivo; toda a alegria é uma recompensa.

Por ti, a mais íntima solidariedade vincula todas as criaturas no progresso e na formação de uma sociedade melhor. Por ti, o homem compreenderá finalmente que existe um foco imenso do qual ele é chamado a tornar-se uma centelha consciente e fecunda, depois de haver aprendido, na série das suas vidas sucessivas, o segredo da eterna vida, isto é: a inteligência que sabe, a consciência que age e o amor que ama.

O que à primeira vista parece uma lei arbitrária transforma-se numa lei de pura justiça. O Homem tem o que merece; Deus dá a cada um segundo as suas obras. O miserável de hoje será o rico de amanhã. O potentado de ontem é possìvelmente o desgraçado de hoje. A vida terrestre é uma escola, um meio de educação e aperfeiçoamento pelo trabalho, pelo estudo e pelo sofrimento.

Tudo se explica e se esclarece na obra divina quando a contemplamos do alto, disse Léon Deniz. A lei do progresso, que a voz dos espíritos desenrola diante de nós, rege a vida infinita e faz o esplendor do Universo. As lutas do espírito contra a matéria, a sua ascensão pela dor — tal é a grandiosa epopeia que os Céus cantam à Terra e que a voz dos invisíveis repete a todos os que têm sede de verdade.

Nasce-se a chorar; morre-se a sorrir. É conceito popular que encerra verdades profundas mas em que pouco reparamos. Será que a alma tem consciência, ao despontar neste mundo para uma nova existência, das terríveis responsabilidades que a esperam?

A alma renasce para a dor e pressente o vendaval da vida, pressente a tempestade que vai desencadear-se em nova existência que começa. Por isso se chora ao nascer.

Ao morrer, a alma regressa à Pátria que lhe é própria, e é com satisfação que antegoza o repouso e a alegria dos que souberam viver no cumprimento sagrado do dever. E a alma sorri à morte, porque antevê nela a aurora de um novo dia.

Quando o homem se tiver libertado de todos os preconceitos que lhe atormentam o cérebro, compreenderá então a serena beleza e a majestade do que se chama «morte». Ela perderá assim o carácter aterrador e lúgubre com que ora a encaramos, para nela vermos apenas o meio ardentemente desejado que nos conduzirá aos umbrais da eternidade.

E, para que o homem compreenda estas grandes verdades, o Espiritismo aí está. Aí está para gritar bem alto que a Humanidade, no círculo da vida, se debate entre dois erros: um que afirma, outro que nega: Um que diz ao homem: *crê sem compreender;* outro que lhe grita: *morre sem esperar.*

Aí está para dizer ao homem, como disse o grande filósofo Eckart: que a verdadeira vida não consiste em sermos de palavras doces e gestos devotos, nem em termos grande aparência de santidade. Tão-pouco a morte do Cristo nos pode poupar o nosso próprio trabalho. Temos de fazer como Ele. De nada nos serve termos um irmão perfeito; nós próprios temos de nos tornar perfeitos.

Aí está, para mostrar que a conduta moral, como disse ainda Eckart, faz empalidecer todo o exercício religioso exterior tendente a impressionar as massas, porque não é a oração externa que purifica o coração, mas sim o coração puro que a purifica.

Aí está, apresentando à Humanidade o futuro sem os prejuízos da ignorância e da superstição, o futuro palpável e tão certo como a sucessão do dia e da noite.

Aí está, para testemunhar ao homem que o seu ser não fica adstrito a alguns instantes de uma existência efémera e que a vida espiritual não é interrompida pela morte. Aí está a utopia de ontem, a verdade de hoje e a esperança de amanhã.

Aí está o roteiro da verdade, traçado pela mão de Deus a guiar a Humanidade em seus inelutáveis destinos.

É o código da lei do progresso a guiar a alma humana, de instância em instância, de conquista em conquista, a uma soma sempre maior de luz, de experiência e de ciência.

O Espiritismo é forte porque assenta, como disse Kardec, sobre as próprias bases do Cristianismo: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras. É a razão mesmo da vida, a ideia *mater* que dirige a evolução das almas e dos mundos. Verdade consoladora e fortificante, e símbolo de paz entre os homens.

Nenhum sistema filosófico se elevou a mais alta concepção da vida espiritual; nenhum pregou moral mais pura. Do simples ao com-

posto: de monstros como Nero e Calígula, se fazem através das reencarnações os Franciscos de Assis e os Vicentes de Paula.

ESPIRITISMO! Doutrina do perdão, Doutrina da compreensão, Doutrina do Amor. Não são os fenómenos que produzes em abundância o que mais interessa à nossa alma. É a harmonia do teu amor, da tua filosofia e da tua certeza que nos apaixonam.

Todos exultam quando te conhecem: todos exultam quando ouvem os acordes sublimes da música purificadora que a tua moral, através das tuas palavras de luz, leva aos ouvidos dos viandantes do sofrimento.

Todos exultam, todos sentem o fluxo da esperança salvadora quando te diriges à alma e ao sentimento e lhe segredas: escuta ó alma! Pára um instante no eterno caminho da vida; pára e contempla: contempla como é cheia de harmonia e beleza a obra de Deus; grande e incomensurável o Seu amor; escuta o coro das vozes dos teus maiores, dos Puros Espíritos e das legiões celestes, que sobem em cânticos de louvor, hinos de glória, para Deus, eterna fonte da vida.

O cântico é imenso, é eterno, e espera-te para o contemplares no seio de Deus. A visão do Seu amor, das Suas obras e da Sua Omnipotência hão-de trazer-te a paz e a consolação. Volve o teu olhar para o sofrimento e, quando ele tiver atingido as fibras mais íntimas do teu coração, agradece a Deus, porque Deus está contigo.

As imensidades que contemplas por esses Céus sem fim não foram criadas para tragar-te nos seus mistérios, mas para glorificar-te em Deus e na Santa Luz, donde emergem os acordes sacrossantos do hino da vida.

Quando a terra estremece sacudida pela tempestade, o teu ser estremece também, transido de terror, mas não tenhas medo, ó alma! porque Deus está contigo.

Quando, finalmente, se aproximar o fim da tua existência na Terra, não te assustes, não temas, porque Deus designou-te para entrares na Vida e mil vozes te dirão: vem, irmão, descansa, recobra forças, enxuga as lágrimas, porque chegaste ao fim da tua via dolorosa.

E os cânticos continuam, intermináveis, no seu louvor ao Altíssimo, até que a nossa alma, depurada e feliz e na plenitude da sua elevação moral, possa reunir-se àquele cortejo de vozes que sobem para o Alto, para se integrar na suprema aspiração que é Deus.

FIM

DOGMAS

Por ALFREDO MIGUEL

«Defender um dogma — julgo que foi Renan quem o disse — é mostrar que se tem necessidade dele». Nós, os espiritas, não precisamos de nenhum dogma, não os temos na nossa Doutrina, não os achamos necessários, por isto não os defendemos. O dogma é cárcere do pensamento, açaimo da razão. Ninguém raciocinará livremente desde que se mantenha fiel a um dogma. Em religião significa imposição de um ponto de fé, sobre o qual já não é lícito discutir nem discordar sem incorrer em pecado... A quem seja estudioso e indagador em questão de crença, o dogma constitui um obstáculo insuperável, uma coacção a qualquer tentativa de investigação da verdade.

É fácil responder a este argumento dizendo que a verdade procurada está contida no dogma e só isto faz com que ele não comporte discussão. Mas, então, pergunta-se, que espécie de verdade é essa que foge à análise, não admite ser discutida? Não se diz que a verdade é soberana e tudo vence?

Estas interrogações são, sem dúvida, embaraçantes... Ora, o que singulariza o dogma é certamente a total falta de verosimilhança, é o que ele intrinsecamente encerra de nebuloso e ininteligível. Daí, só duas alternativas: ou proscrevê-lo a priori, ou esquadrinhá-lo meticulosamente. Aceitá-lo e defendê-lo só porque há quem o recomende à aceitação, é atitude servil e reveladora de um comodismo que repugna aos espiritas. Convenhamos que não basta afiançar que uma coisa é verdadeira; é imperioso exibir as provas pelas quais se veja porque o é. Este, o único método de persuasão aceitável em nossos dias, visto que todos os demais falharam. Foram-se os tempos do «magister dixit» em que a grande virtude cristã era crer sem ter o trabalho de raciocinar. Hoje sente-se que «a fé precisa de um fundamento e este consiste na inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta VER; é necessário, sobretudo, COMPREENDER. A fé cega já não é deste século, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número de incrédulos, porque ela pretende impor-se exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo e dela é que se pode com verdade dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, deixa no espírito alguma coisa de vago, que faz nascer a dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos factos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem a certeza e ninguém tem a certeza se não porque compreendeu. Eis porque não se dobra. FÉ INABALÁVEL É SÓ A QUE PODE ENCARAR DE FRENTE A RAZÃO EM TODAS AS ÉPOCAS DA HUMANIDADE».

O leitor espirita já percebeu que estes últimos períodos entre aspas são de Allan Kardec, em «O Evangelho Segundo o Espiritismo», e com eles quisemos rematar esta crónica pelo vigor da dialéctica em que os mesmos estão vazados.

SERES SEM ROSTO

2.º

O diagnóstico psicológico depende da qualidade e do valor moral do prático que o escolheu e dirige. O valor moral não se ensina, nem se impõe a ninguém, e o prático tem geralmente o colaborador que merece.

Quanto ao valor técnico do médium, o único de que falaremos aqui, poderá ser controlado fazendo passar o mesmo diante dum segundo médium. Pràticamente não deve haver divergências entre os dois exames. Se, por exemplo, o primeiro médium notou uma aura com três cores — cinzento, verde-pálido e laranja-claro — e o segundo médium revelará as mesmas cores com igual disposição. De resto e se a sua clientela o consentisse, não hesitaríamos em aconselhar ao psicanalista este sistema de duplo exame que lhe permitiria basear com segurança o seu diagnóstico. Este duplo exame deve ser concomitante ou, pelo menos, o segundo deve ser feito logo a seguir ao primeiro e na mesma sessão. As radiações áuricas unem-se intimamente ao estado de alma do doente e, consequentemente, mudam com ele. Mas se um passivo se submete a esse exame sob o domínio dum sentimento que o excite e o irrite, apresentará uma aura perturbada em forma de espiral e um conjunto de radiações vermelhas que ocultarão as outras cores ou as poderão alterar. O azul, por exemplo, torna-se violeta pela junção do vermelho. Pouco depois, quando o passivo tenha retomado a sua calma e voltado ao estado normal, as radiações vermelhas terão desaparecido e as cores habituais tornar-se-ão visíveis e outro exame por um segundo médium deixará o prático completamente desconcertado, se não tiver já os devidos conhecimentos, e o levará a duvidar de um ou outro dos seus médiuns.

Assim, compreendemos que o exame de verificação deve seguir-se imediatamente ao primeiro, ou até simultâneamente. Se o exame for simultâneo, cada médium escreverá numa folha de papel o que vê, e o psicanalista comparará os resultados assim obtidos.

O transe impõe ao médium uma dispersão nervosa considerável e não deve ultrapassar a duração duma hora por dia. Portanto, o prático deverá vigiar para não fatigar o seu médium, com sessões de excessivo trabalho, que, afinal, só dariam resultados medíocres. Deverá aproveitar o transe para submeter ao exame 5 ou 6 passivos, uns após outros. Depois do médium terminar o seu trabalho e entregues as suas fichas ao psicanalista, este retomará particularmente o exame de cada um desses doentes e fará o diagnóstico.

O psicanalista não deve impacientar-se ou manifestar o seu descontentamento, quando o médium não conseguir resultado positivo.

Os melhores médiuns têm fraquezas e é absolutamente preferível que ele confesse o seu momentâneo fracasso, de preferência a mascará-lo, inventando auras coloridas. O prático arriscar-se-ia aos maiores perigos, se exigisse bons resultados do médium. Esta falta de tacto provocaria fraudes.

Enfim, é preciso que o psicanalista saiba que certos médiuns são intuitivos e não videntes e com eles obterá resultados excelentes, talvez mais precisos e mais pormenorizados. Portanto, tais médiuns nada viram e o passivo pôde ficar fora das suas vistas, numa sala contígua. Acontece frequentemente que eles próprios não têm a consciência da natureza exacta do fenómeno a que deram origem.

O mecanismo deste fenómeno é muito simples: o estado de transe serve para que o médium comunique com entidades dum meio magnético que representa o mundo da nossa sobrevivência e são estas entidades que informam o médium, ditando-lhe o que percebem do nosso mundo concreto, especialmente do passivo a examinar, cuja estructura psíquica se apresenta nítida e com as suas manifestações radiantes.

Esta afirmação será acolhida sob reserva por alguns. Quanto a nós, apenas quisemos apresentar claramente a nossa maneira de ver a respeito da questão, sem a impor, pois o que para nós agora constitui uma evidência, representa a aquisição de muitos anos de persistentes investigações.

De resto, isto é uma controvérsia que o médico psicanalista deve evitar, porque o seu fim é utilizar os resultados obtidos pelo médium, vidente ou intuitivo, únicos resultados que devem contar para ele, permitindo-lhe basear um diagnóstico sério. Além disso, trata-se de um campo de pesquisas que não pode ficar ao alcance de qualquer pessoa, devido às rigorosas condições exigidas pela experimentação mediúnica, tanto do médium como do experimentador.

Quanto ao filósofo, a sua atitude deve ser diferente. A investigação mediúnica não poderia sòmente representar aos seus olhos um novo método psicanalista de descoberta dos complexos. Se o prático, cujo papel é curar, só se interessa pelo nevrótico, o psicanalista, cuja missão é descobrir, verá na experimentação mediúnica um meio incomparável — o único — de explorar o ser psíquico, sondar a sua natureza radiante e magnética.

Abrindo uma passagem através das camadas sobrepostas da aura e depois do influxo nervoso, ele penetrará nos centros do encéfalo onde se elaboram os pensamentos do eu aparente e descobrirá um meio simultâneamente energético e psíquico, cuja complexidade provocará a sua admiração.

Depois conseguirá penetrar nessa crosta superficial da personalidade aparente, à procura do eu recalcado e entrará nesse túnel dramático do inconsciente, reino terrível dos complexos e da loucura.

Mas ainda lhe será necessário ir mais longe, sair desse domínio obscuro para encontrar sùbitamente o eu subconsciente, esse ser sobrenatural (sic) que dormita em nós, o nosso eu real e eterno, esse herói das nossas vidas anteriores, às vezes manietado e impotente, essa testemunha imóvel dum infinito divino.

Então, o filósofo, se puder levar mais longe as suas pesquisas, aventurar-se-á num campo mais recalcado e misterioso, que representa as próprias bases deste eu subconsciente, o solo alimentício onde penetram as raízes mais profundas do ser psíquico. Esse novo campo é tão vasto, que não poderá abarcá-lo nem analisá-lo, tão fora está das «dimensões» humanas.

Ele terá simplesmente alguns aspectos que talvez descreva à maneira de C. G. Jung, que coloca o inconsciente colectivo «à margem»

da especulação dos sexos, da juventude e da velhice, do nascimento e da morte, convencido da experiência humana, quase imortal, de um ou dois milhões de anos (1).

Talvez ele prefira assimilá-lo, como R. Rouyer (2), a uma camada superior da vida espiritual, um domínio transespacial das essências, dos valores e das memórias específicas e individuais.

Pouco importa. Bastar-lhe-á compreender que o eu psíquico o envolve e se dilui num meio anódino e incomensurável, simultâneamente espiritual e radiante, um meio que o transcende e constitui o testemunho do seu passado como penhor do seu futuro.

Como poderemos ficar insensíveis ao perfume que envolve uma tal aventura? E essa viagem imóvel para a qual nos convida a investigação mediúnica não será de natureza a proporcionar ao pesquisador o mesmo esplendor de alma, como se ele tivesse embarcado em 1499 para a conquista do Novo Mundo? Perante os seus contemporâneos, os exploradores fazem sempre figura de aventureiros. Por isso sentimos certos escrúpulos em nos termos aventurado como exploradores sem bagagem, num domínio que os filósofos reservam ciosamente aos técnicos da psicologia.

É absolutamente vão pretender condensar nalgumas páginas as impressões tão diversas, tão novas e tão desconcertantes daquele que consegue aventurar-se nesse domínio das ideias e dos sentimentos, sem dúvida abstractos, mas também surpreendentemente concretos, porque neles se descobre que o pensamento é levado pela onda, que o conflito moral supõe ser um choque do influxo, que a vida do espírito reveste com um aspecto ao mesmo tempo psíquico e magnético.

O aspecto mais empolgante e que mais surpreende a grande maioria dos experimentadores é, sem dúvida, o facto de se verificar que o pensamento vem de fora, que é exterior ao cérebro, e que nós somos todos, de certo modo, ramos do fluxo do pensamento universal. O pensamento humano, que tão diferentemente anima cada um de nós, não é apenas um reflexo individualizado pelo nosso comportamento proveniente duma luminosa origem comum. Acaso poderíamos sequer imaginar que somos todos, a tal ponto, seres colectivos?

Provàvelmente, em consequência duma muito longa evolução que representa a história de toda a humanidade e que, sem dúvida nenhuma, ainda continua, esse fluxo do pensamento acaba por cavar um leito no seio desse amálmaga de células cerebrais, soldadas umas às outras como os grãos das romãs, e que constituem a sede de toda a vida espiritual. E, devido a um lento movimento de adaptação ao meio, apareceram as localizações psíquicas discrimináveis no homem contemporâneo. A experimentação mediúnica instrui-nos com bastante exactidão acerca dessas localizações tão curiosas, que são três: cedo ou tarde o seu estudo deve impor-se, porque formam a própria estrutura do ser psíquico.

A primeira zona tem a sua origem nos tubérculos quadrigémeos e é levada para a frente do cérebro, no ponto aonde terminam os grandes reflexos de motricidade, das percepções sensoriais. Esta zona, a sua zona obscura sobre todo o conjunto do encéfalo, constitui a sede do eu consciente e representa a nossa personalidade oficial aparente. Ela agrupa os sentimentos, os instintos; a sua roupagem é a inteligência com o seu corolário: a razão.

Atrás do encéfalo, no seio da árvore da vida do cerebelo, longe dos centros motores, esconde-se o subconsciente, esse segundo eu, que não é efémero e representa a nossa alma. Finalmente, um eu recalcado incrusta-se como se fosse um esconderijo entre essas duas zonas, no nível do centro regulador de Flourens. É o inconsciente, que estende a sua zona obscura sobre todo o bolbo raquidiano.

Até esse momento o eu consciente não reteve a atenção dos filósofos, embora estes lhe consagrassem a maior parte dos seus trabalhos. Mas a investigação abre-se livremente para os dois outros «eus» que, praticamente, são recém-chegados em psicologia.

O subconsciente representa, no nosso comportamento, um papel misterioso e preponderante. É a alma que na sua essência encerra todas as profundas tendências do ser psíquico e traz à vida mental os seus próprios elementos: impulsos de bondade, desejos de aperfeiçoamento, idealismo e predilecção pela pureza. O valor moral dum homem depende quase essencialmente das suas qualidades subconscientes; é a psique que dá a cada ser humano o seu próprio valor, único entre a multidão dos seus semelhantes.

Quanto mais idosa é a alma, mais activo e vigilante é o subconsciente durante a vida terrena, tanto quanto lho permitem as faculdades humanas. Então ele dota o ser com um sentido verdadeiramente precioso — a intuição. É um verdadeiro dom que transforma a vida mental. O homem depressa compreende que pode confiar plenamente na sua intuição, como em antenas que infalìvelmente o guiam. A intuição é a certeza que não vem da razão que não se discute, e que não precisa de ser submetida ao crivo da inteligência, visto que a razão e a inteligência são, como as percepções sensoriais, pertença de outro domínio, do consciente, enquanto a intuição marca o predomínio do subconsciente.

Da mesma maneira que o sangue irriga todo o corpo, graças às pulsações do coração, as tendências subconscientes retinem no conjunto do campo magnético humano para colorir as linhas de força exteriores do corpo e que formam a aura.

Acentuemos, enfim, que o subconsciente conserva a sua memória, memória puramente espiritual e independente da memória cerebral, que está à disposição do consciente. Se o eu consciente pudesse subir para o teclado da memória espiritual, teríamos a recordação das nossas vidas anteriores e conheceríamos o nosso destino, esse futuro já criado e escolhido.

Assim, depois de ter feito o inventário das funções subconscientes, convém definir qual a parte adquirida ao subconsciente na nossa vida mental. Esta parte é importante, porque o subconsciente desempenha o

---

(1) C. G. Jung — «L'homme à la Découverte de son Âme».

(2) R. Rouyer — «Le Domaine Naturel du Transpatial».

Artigo de GEORGES TIRET

(Correspondente em Marselha)

papel de intermediário entre o fluxo do pensamento universal e o eu consciente. É por seu intermédio que estamos ligados a essa força radiante, cósmica, que ao mesmo tempo conduz até nós a vida energética e o pensamento colectivo de que é animada, porque vida e pensamento estão inseparàvelmente associados.

Mas, ainda assim, tudo depende do valor desse subconsciente, das suas qualidades intimas. Quanto mais idosa é a alma, maior é a sua voltagem e melhor absorve as radiações cósmicas que lhe são destinadas. Empregando uma comparação com imagens, diremos que o subconsciente procede como um passador cujos buracos aumentarão de número à medida que aumente a evolução da alma. Quanto mais poroso for o filtro, mais o cérebro será irrigado e mais intensa será a vida espiritual.

Do interior do cérebro o pensamento parece surdo às profundezas do subconsciente, donde brota sem cessar, servindo-se do circuito magnético humano para chegar até ao consciente. Mas como descrever com exactidão o fenómeno da transmissão interna do pensamento? O pensamento é uma onda. Logo que é emitida pelo subconsciente com louca velocidade, percorre os hemisférios cerebrais para se afirmar, poderosa, rápida e ampliada, nas regiões conscientes. O fenómeno é instantâneo; desde que brotou do subconsciente, a onda do pensamento reflecte-se no posto receptor do consciente, onde se submete às múltiplas solicitações dos instintos e dos sentimentos. A inteligência apodera-se para a discutir e submeter ao mecanismo do raciocínio, acomodando-a a ele, ou, pelo contrário, rejeitá-la. As percepções sensoriais dos órgãos físicos têm o seu reflexo mecânico nesse fenómeno inicial, tirando-lhe a sua pureza e a sua precisão, mas também enriquecendo-o com outras qualidades marcantes que o diluem e ampliam, e assim lhe permitem a eclosão daquilo a que os filósofos chamam «um estado de consciência».

Compreende-se desde logo a razão deste pensamento universal, divino, que, pela sua própria essência, é todo bondade, amor e pureza, e se possa metamorfosear a esse ponto, quando se torna humano. Ele aflui fecundo e vibrante ao subconsciente, mas logo este o afugenta parcimoniosamente, ao ponto de só deixar transparecer um influxo irrisório. Este influxo toma-o o consciente, por sua vez, para o mascarar, o arrastar num jogo fantasmagórico em que o conjunto dos sentimentos e das percepções sensoriais se agitam com o seu tumulto — a inteligência humana —. E aqui o pensamento rebaixa-se, lançando-se num abismo, a ponto de se tornar irreconhecível.

Quando o consciente não é bom, à primeira vista é mesquinho, baixo e insensato, se bem que possua raciocínio, matéria que é egoista por natureza. Invadido pelos maus instintos, fica sob a dependência dos órgãos sensoriais. Nele não existe grandeza moral nem ideal. O seu único enfeite é a inteligência, com o seu corolário — a razão. Mas que se poderá esperar duma sociedade governada pela fria inteligência e pelo rigoroso mecanismo da razão? Felizmente que um grande fluxo de amor e de bondade inunda sem cessar o subconsciente e consegue educar o homem até ao heroísmo, ao sacrifício e à abnegação.

Por muito desconcertante e inesperada que pareça esta afirmação, todos nós estamos ligados à mesma fonte do pensamento, que nos vem de fora, e que cada um de nós se limita, em suma, a dar-lhe os atavios pessoais; portanto, esta afirmação não choca.

Felizmente que ela acaba por despertar em nós ressonâncias concordantes que nos fazem considerar essa explicação como satisfatória. Não é, pois, evidente que o cérebro não segrega o pensamento, assim como um posto de T. S. F. não organiza o concerto? E esse concerto não é diferentemente retransmitido, com tonalidades mais ou menos agradáveis, segundo a qualidade das lâmpadas e da aparelhagem eléctrica, e também segundo os comprimentos de ondas captadas?

Quanto ao mecanismo das ramificações, a experimentação mediúnica apresenta-o como fenómeno de impregnação eléctrica perfeitamente concebível. O campo magnético humano — a igual distância dos seus dois polos e ao nível do cerebelo — no ponto onde se situa o subconsciente, absorve as radiações cósmicas, como se fosse mata-borrão. E a psique recebe com avidez este benefício do pensamento universal, porque ela encontra ali as delícias de um saudoso Além, do qual está momentâneamente afastada.

Mas este fluxo do pensamento, em sua marcha incessante no interior do subconsciente, apresenta uma notável particularidade que, por si só, explica melhor do que uma dissertação filosófica todo o extraordinário funcionamento do fluxo, cujo valor psicológico só agora começamos a vislumbrar. Esse fluxo, que irriga todo o encéfalo, e sem dúvida o envolve duplamente, mas sem penetrar nele, leva o bolbo raquidiano a criar assim uma zona neutra entre o consciente e o subconsciente. É o corredor escuro do inconsciente, sobre o qual se abrem ao mesmo tempo as portas do consciente e do subconsciente.

Desse corredor (quando as suas aberturas o permitem) percebem-se as vivas claridades do consciente e a radiação mais discreta do subconsciente. Mas essas luminosidades logo ali se extinguem, asfixiadas pela ausência de qualquer fluxo espiritual. Muitas vezes se abrem as portas do consciente e deixam penetrar os fugitivos sentimentos que correm para o inconsciente e nele morrem. Depois, as células fosforadas emocionam-se um instante e voltam logo à sua atonia. O sentimento recalcado sufoca-se, porque este corredor é ùnicamente destinado a sufocar, a ocultar. Semelhante aos foguetes coloridos, que se distinguem uns dos outros quando caem nas águas tranquilas dum lago onde se lança fogo de artifício, assim os pensamentos que sulcam o subconsciente se extinguem como o fogo na água, logo ao seu contacto com o inconsciente.

O mecanismo do recalcamento é simples. Quando um sentimento, um estado de consciência ou uma associação de ideias estão em desacordo com a razão, as necessidades sociais ou o julgamento subconsciente são repelidos pelo nosso eu consciente. Por causa disto manifesta-se logo um impulso automático para o inconsciente, como acontece quando nos queremos desembaraçar de qualquer coisa. Se o influxo corresponder ao sentimento, ao estado de consciência, à associação, atravessa a porta do consciente para o inconsciente, essa porta que trabalha como válvula e só permite a passagem neste sentido.

O influxo expulso morre ali, porque uma ideia, um estado de consciência, não representa apenas um certo valor psíquico, visto que é uma força concreta, uma força eléctrica. É preciso dissecar este conjunto radiante, para que ele se perca numa infinidade de grãos de pó nessa areia predestinada. Deste modo, todos os instantes da nossa vida, todos os pensamentos perturbados que o inconsciente expulsa, todos esses pensamentos palpitantes da vida são atraídos em silêncio pelo inconsciente, que se apodera deles, fragmentando-os, separando-os, para os destruir completamente.

O papel puramente passivo do inconsciente, papel verdadeiramente

negativo, é indispensável ao equilíbrio psíquico do homem. Uma tela silenciosa é indispensável para sufocar as fortes ressonâncias do consciente, no seio do qual brotam sem cessar receios insensatos, ideias tumultuosas, instintos insatisfeitos. Tudo isto constitui as escórias da nossa vida mental; e é absolutamente necessário e urgente expulsá-las, queimá-las, à medida que se produzam, impedindo assim o grande perigo da sua acumulação. A este respeito, o inconsciente representa, muito naturalmente, o papel de órgão de eliminação das secreções psíquicas, frisante analogia com os órgãos corporais que asseguram a expulsão dos detritos da nutrição.

De resto, isto é só um aspecto da sua função. Há uma outra, talvez menos importante, mas que merece ser citada. O inconsciente, não o esqueçamos, tem uma fronteira comum com o subconsciente. Assim, pode refrear e amortecer as manifestações, por vezes demasiado vivas, da alma, cujas intuições quereriam guiar o ser directamente para o seu destino, restringindo assim a margem dum livre-arbítrio que outorga o justo preço ao comportamento humano. A tela do inconsciente mascara-nos assim um futuro já criado, mas que é bem mais prudente ignorar. Enfim, sempre nos evita a chamada intempestiva e embaraçosa das nossas vidas passadas.

*

Este papel de neutralização explica-se, como já vimos, pelo facto de a zona do inconsciente estar desprovida do fluxo do pensamento que a envolve sem nela penetrar.

Mas, se, em consequência de anomalia do nosso circuito magnético, esse fluxo conseguir infiltrar-se nessas regiões desconhecidas e criar ilhéus internos ligados pelos istmos ao influxo nervoso — é exactamente isso que acontece algumas vezes —, então tudo muda e as desordens psíquicas aparecem.

O sentimento recalcado permanece activo, ainda vivo, nesse meio anormalmente dotado duma vida radiante, e a combustão da ideia continua o meio, como fogo latente, sob as próprias cinzas. Saindo do seu papel passivo, o inconsciente alimenta e liberta os pensamentos recalcados que refluem sobre o consciente, através das válvulas desregradas. A perturbação psíquica pode ser mais ou menos caracterizada, mais ou menos grave; pode acentuar-se até à completa loucura. Então o inconsciente dilata a sua matéria e estende a acção mórbida sobre o encéfalo. O consciente, enfraquecido por perda eléctrica de que se aproveita o seu perigoso vizinho, recua, pouco a pouco, diante desta maré, que ele já não pode conter. Lentamente, vai caindo num estado de atonia que aniquila a inteligência e a razão. Acontece-lhe mesmo perder o *contrôle* dos centros motores do encéfalo, o que ocasiona a perversão das funções corporais, a decadência física, que se vai juntar à decadência moral e o arruína completamente.

Durante este tempo, o subconsciente, que assiste impotente ao desastre, lança em vão seu grito de alarme e é neste estado de ansiedade ou de neurastenia que se manifestam os prenúncios de loucura. Depois, sabendo que a provação é inevitável, porque está inscrita no destino, aguardará o fim, escondido na sua própria zona, longe dos tumultos dum cérebro entregue às ideias fantasmagóricas dum inconsciente desenfreado.

Um estado de loucura assim caracterizado prova completo desequilíbrio, não obstante as diferentes zonas de influência que dividem habitualmente o nosso comportamento e contribuem para a sua harmonia. Mas, pondo de parte a completa extinção do consciente, haverá, por acaso, um ser humano cujo inconsciente fique inteiramente passivo durante toda a vida? ...

A mais ligeira perturbação das forças eléctricas do corpo, motivada por indisposições físicas — como, por exemplo, os períodos mensais das mulheres —, ou mesmo devida a circunstâncias exteriores insignificantes, como um clima tormentoso, logo provoca outra perturbação psíquica equivalente.

O fluxo chega com um pouco mais de vigor ao consciente, ao passo que impregna as franjas movediças do inconsciente, e logo aparecem as ideias morosas, os complexos mais ou menos pálidos do ciume, dos desejos refreados pelos que o rodeiam, do rancor até então recalcado, receios insensatos, toda essa lama do inconsciente que se agita, todas essas flores tenebrosas que desabrocham cheias de sucos venenosos.

Na verdade, estamos muito longe desse eu aparente, sobre o qual os filósofos pouco se inclinaram até hoje, e estamos longe dessas afirmações peremptórias de que a consciência é a única testemunha irrefutável de tudo que em nós se passa, e que um *processus* psíquico está à frente, um verdadeiro *processus* consciente, e que o resto não conta para nada.

À luz da investigação mediúnica, a realidade aparece bem mais complexa e mais rica. Certamente que no primeiro plano descobrimos sempre o mesmo «ego» pensante que constitui a nossa personalidade aparente, oficial, mas esse eu consciente é, no trabalho, como uma central eléctrica cuja rede de fios entrelaçados e constantemente percorridos pelo influxo que transmite as ideias, suscita os sentimentos e recebe as percepções sensoriais.

Com um ritmo de inverosímil rapidez semelhante a um rádar lúcido, a inteligência atinge tudo, transforma, encadeia, amplia, joeirando os estados de consciência para os aceitar, ou, ao contrário, os rejeitar. Também, sem tréguas, esta carne de células nacaradas se acende em fosforescências que faíscam e brilham como centelhas eléctricas diferentemente coloridas e o ser psíquico ensombra-se com as cores dos seus sentimentos.

Mas no vestígio dum segundo plano, o eu recalcado também cumpre silenciosamente a sua sórdida tarefa. Sem parar, estrangula as suas presas anelantes da vida do espírito, espreitando a ocasião propícia para fortalecer a sua matéria.

Ao mesmo tempo e atrás desta perigosa vizinhança, o eu subconsciente comunica com o pensamento universal que aflui para o fecundar e alia-se a ele para influenciar o nosso comportamento com as suas intuições e os seus impulsos.

Que mago do verbo poderia traduzir estas grandes e profundas correntes mentais conscientes, inconscientes e subconscientes que, sem cessar, se chocam, e que, a despeito de todos os debates da inteligência e do raciocínio, da desagregação dos sentimentos e das lamentações da carne, se forçam por conduzir o homem, quer queira quer não, para uma finalidade que ele não atinge e à qual só chegará pelo longo caminho do sofrimento?

Em suma, que ficará da responsabilidade do homem, desse homem em luta com as forças ocultas e contraditórias, quando já é governado por um destino preestabelecido e que o seu pobre ser carnal é presa de egoísmo instintivo que ele não consegue acalmar? Por outro lado, os seus órgãos são lançados na usura e o seu corpo na morte.

Na verdade, será preciso que ele seja divino, para resistir a tanta adversidade?! Será necessário que esse pensamento de Deus que o anima seja tão poderoso para que aceite a vida sem revolta, para que se submeta, ou, melhor ainda, para que ele a deseje!

(De «Spiritualisme Moderne». Tradução de Ivone de Sousa)

Artigo do doutor BRUNO ADAMO

2.º

Os casos de aparições espontâneas de fantasmas de animais levam-nos a considerar as materializações obtidas em sessões mediúnicas e das quais não é lícito duvidar, atendendo às fontes donde provêm as informações.

Desprezando os episódios de menor importância, ocupar-me-ei das manifestações obtidas por intermédio do célebre médium Franck Kluski, estando presentes o professor Pawloski, o coronel Ochorowicz e o doutor Gustavo Geley, manifestações estas que já pertencem ao domínio das pesquisas científicas.

As materializações mais importantes, realizadas em várias sessões, eram as de um ser estranho, meio macaco, meio homem, denominado pelos presentes «o Pitecantropo». Era um enorme macaco antropóide, coberto de pêlo basto que, na cabeça, se tornava encaracolado e macio, caindo-lhe quase até às sobrancelhas. Não falava, mas emitia sons roucos, dava estalidos com a língua, rangia os dentes e tinha o odor de fera ou cão com pêlo molhado. Consentia que lhe passassem a mão por cima do pêlo e era impelido pelo irresistível desejo de lamber essas mãos com a sua língua enorme e quente. Dotado de força hercúlea, certa vez derrubou uma estante carregada de livros. Embora não parecesse muito inteligente, manifestava boas intenções e prestava-se a trazer aos presentes os objectos indicados por eles. Uma noite, a sessão teve de ser interrompida para libertar um dos assistentes do pesadíssimo sofá que o macaco lhe colocara em cima dos joelhos. Outra vez ergueu dois dos experimentadores, com as cadeiras em que estavam sentados, quebrando assim a cadeia mediúnica e provocando o brusco despertar do médium. Outras vezes materializava-se, no círculo limitado de uma lâmpada vermelha, enorme ave de rapina com aparência de abutre, aparição que foi vista por todos e até fotografada.

Outra materialização interessante era a de uma doninha que aparecia sempre acompanhando um fantasma humano de tipo oriental e com ele desaparecia. O animalzinho corria com ligeireza por cima da mesa e pelo chão, saltava para os ombros dos presentes e demorava-se, muitas vezes, a farejar as mãos e os rostos, tocando-lhes com o seu focinho muito frio.

Durante muitas sessões se materializou um natural do Afganistão acompanhado por uma leoa, cujos olhos brilhavam na escuridão como os de um gato. Tinha, não raro, ímpetos ferozes e às vezes mostrava-se dócil, lambendo as mãos dos presentes com a sua língua enorme e áspera. Nem o fantasma do animal nem o do homem eram do agrado dos presentes, porque o último também se mostrava rude e brutal. Em consequência, foram convidados a afastar-se, mas em vão, e é curioso que, mal se aproximavam, as outras entidades materializadas desapareciam. É de notar-se que, nos episódios narrados e noutros semelhantes, as materializações de animais se manifestam simultâneamente com as materializações humanas, que tomam a função de espíritos-guias dos animais. Isto leva-nos a pensar que a organização ectoplásmica necessária para plasmar o corpo do animal é determinada pelo pensamento e pela vontade da entidade humana, como acontece entre os vivos, visto que o animal, privado de auto-consciência, não poderia concentrar o pensamento no desejo de se considerar vivo no primitivo corpo carnal.

OS FENÓNEMOS

O único animal que, nas materializações obtidas por intermédio de Kluski, conseguia manifestar-se sem auxílio de um espírito-guia era o *Pitecantropo,* o que nos leva a formular a hipótese sugestiva de que se tratava de um antepassado do homem actual, isto é, o ser a que os antropologistas chamam: «Pitecantropus alalus».

Posto isto e a título de curiosidade, descrevemos uma comunicação ultrafânica de *Rector,* o espírito-guia de Stainton Moses, afirmando que os espíritos elementares interferem muitas vezes nas sessões mediúnicas e podem materializar-se, tomando a forma de um macaco. E acrescentava: «Se fosse possível revelar-vos a forma de os ligar a vós, esses espíritos tornar-se-iam humildes servidores do homem».

Tudo isto concorda com o que escreveu Annie Besant, referindo-se às suas experiên-

cias com os *Yoguis* hindus. Estes, de facto, afirmavam que os transportes por ela efectuados eram obtidos por meio dos espíritos elementares que, cegamente, lhe obedeciam. Segundo a tradição hindu, esses espíritos são larvas aguardando encarnação nas mais atrasadas raças humanas, para começarem assim a sua evolução psíquica que, através de numerosas reencarnações, os conduzirá ao fastígio da individualização auto-consciente.

*

Passemos das materializações a outra categoria de fenómenos não menos importantes como confirmação da tese da sobrevivência da alma dos animais, fenómenos que demonstram neles a existência de faculdades de preconhecimento em tudo semelhantes às dos homens, embora mais limitadas.

É sabido que os animais dispõem de sentidos mais apurados do que o homem e que lhes permitem sentir a aproximação de fenómenos telúricos e meteóricos.

«Quis dedit gallo intelligentiam ut agnoscret horas noctis?», está escrito no livro de Job. Não é, porém, dessa faculdade que pretendo falar, mas sim de outra bem mais misteriosa, que diz respeito à predição do futuro contingente.

METAPSÍQUICOS NOS ANIMAIS

Os uivos dos cães, predizendo a morte, fazem parte das tradições de todos os povos. Acredita-se que esses animais domésticos, prevendo a morte de uma pessoa familiar, a anunciam com uivos e gemidos característicos. Mais surpreendente é o facto de os animais pressentirem a própria morte iminente, apesar de acidental.

Em Fevereiro de 1939, os cães do Convento de S. Bernardo recusaram-se obstinadamente a acompanhar os frades no habitual passeio de manhã. Decorrida uma hora, uma avalanche despenhava-se sobre a estrada por onde os frades e os cães deveriam passar.

O pintor e músico Marcel Mangin, falecido em 1915, tinha um cão que, por mais de uma vez, pressentira a morte de pessoas da família do pintor. Certo dia começou a uivar desesperadamente e tanto o dono como sua mulher, que já conheciam as faculdades do animal, ficaram alarmados. No dia seguinte, o pintor, apesar de estar de perfeita saúde, foi atacado de embolia e morreu sùbitamente.

O episódio, entre tantos outros semelhantes, é dos mais probatórios, porque a repetição do fenómeno com o mesmo animal, exclui a hipótese de mera coincidência. A origem dos avisos premitórios, seja por parte dos animais ou dos homens, continua envolta no mais denso mistério, à excepção das previsões de morte por doença. Nesses casos, pode admitir-se que a doença, estando já latente no organismo, por um período mais ou menos longo, sem que o doente o sinta, possa ser pressentida por certos sensitivos, possìvelmente devido às mudanças operadas nas radiações electromagnéticas emitidas pelo organismo doente.

Uma das mensagens ultrafânicas de Rodolfo Valentino, recebida e publicada por sua mulher, Natacha Rambova, afirmou que os cães podem, muitas vezes, sentir a morte de uma pessoa de quem gostem, por sentirem as vibrações especiais que o organismo emite na iminência da libertação do espírito dos vínculos da carne.

Posto isto, está provado que seria inútil tentar penetrar o mistério das premonições de mortes acidentais e que, portanto, teremos de nos contentar em afirmar que as provas de conhecimento prévio da morte dadas pelos animais são idênticas às manifestadas pelo homem.

CONCLUSÕES DE ORDEM FILOSÓFICA

Fizemos assim uma breve descrição das faculdades metapsíquicas inatas nos animais. Desejando agora dizer alguma coisa sobre o que expusemos, podemos afirmar com segurança que os animais são dotados de percepção psíquica de ordem supranormal, tal como os homens. Muitas vezes, até pressentem primeiro as coisas do que as pessoas presentes, cuja atenção é despertada pelo terror ou raiva manifestada pelo animal. Portanto, a hipótese de uma alucinação nascida nos centros cerebrais do homem, cai pela base. Isto leva-nos a supor que no subconsciente animal se encontram faculdades análogas às

faculdades supranormais próprias da subconsciência humana, o que já anteriormente demonstrámos pela manifestação, nos animais, de faculdades de conhecimento prévio, entre as quais algumas que não existem no homem, como, por exemplo, o facto de pressentirem perturbações atmosféricas, fenómenos telúricos ou vulcânicos.

Posto isto, se admitimos (e os factos o provam) a existência de faculdades de carácter espiritual independentes do corpo físico, tanto no animal como no homem, parece-nos racional admitir que a alma animal deve sobreviver ao corpo. Estas considerações, formuladas de um ponto de vista apriorístico, são depois confirmadas pela vidência de fantasmas animais identificados, manifestados *post-mortem*, tal como acontece com fantasmas humanos.

Essas aparições têm um carácter objectivo, porque, muitas vezes, são vistas simultâneamente por várias pessoas, entre as quais crianças de tenra idade e, embora raras vezes, tem sido possível fotografá-las.

Disto resulta que a hipótese da sobrevivência animal se apoia sobre bases muito admissíveis, enquanto não é reconhecida como verdade irrefutável e isto quando os episódios probatórios forem em quantidade bastante para impor a evidência dessa verdade.

Segundo algumas religiões orientais, é incoerente, por parte dos crentes na imortalidade da alma, supor que basta a simples diferença de grau na escala da evolução do espírito para decidir do seu destino, condenado sem culpa ou imortal sem merecimento.

Uma diferença de grau na evolução espiritual dos seres não implica a diferença qualitativa, mas apenas quantitativa, visto que o espírito encarnado nos animais é idêntico, em sua essência, ao espírito do homem, diferindo apenas no estado de adiantamento que alcançou.

Admitindo-se a doutrina reencarnacionista, não repugna aceitar a suposição de que o espírito se vai individualizando lentamente, até alcançar a autoconsciência, à custa de inúmeras experiências conquistadas na passagem por numerosas vidas vegetais, animais e, por fim, humanas. A involução precede a evolução, isto é, o que se tornou actual no homem existe em potência nos animais, que podem considerar-se formas transitórias, pelas quais todos os seres, na sua evolução, devem passar.

Uma das melhores definições do processo evolutivo foi dado por *lady* Cathness por via ultrafânica: «O gás mineraliza-se, o mineral vegetaliza-se, o vegetal animaliza-se, o animal humaniza-se e o homem diviniza-se».

Ainda por comunicação ultrafânica, sabe-se que no plano astral mais próximo do plano terrestre existe grande número de espíritos de animais superiores, que conviveram com o homem na terra, tirando dessa convivência, como benefício, certo apuramento espiritual. No entanto, o período de vida *post-mortem* é curto, porque a sua consciência rudimentar depressa se obscurece, uma vez separada do corpo. A atracção pela matéria torna-se irresistível e a nova reencarnação, numa forma orgânica mais evolvida, realiza-se automàticamente, devido às leis de afinidade.

Para os animais mais atrasados, depois da morte não há vida espiritual, mas apenas um breve período letárgico, preparatório de nova reencarnação. Afirma-se que o progresso é uma força poderosa, impelindo tudo quanto vive para o fatal e eterno *devenir*. Ora, se esse *devenir* é fatal para o homem, porque o não será também para os animais, para todas as espécies humanas? Tiremos o progresso ao homem e não ficará mais do que o animal. Demos o progresso ao animal e teremos o homem.

A hipótese oriental da sobrevivência da alma animal e da sua ascensão através de numerosas reencarnações até à humanidade é, certamente, ousada. No entanto, ao terminar esta breve exposição, não posso deixar de afirmar que tal hipótese vem lançar nova luz sobre o eterno problema que todas as religiões e doutrinas filosóficas tentaram resolver, isto é, o alvo da vida cujo desenvolvimento teria como fim a evolução da centelha divina que, encerrada na matéria, deve alcançar a individualidade moral perfeita e consciente, pela experiência adquirida através de numerosas reencarnações nos organismos vivos, alternadas com períodos de vida nos planos espirituais, até alcançar a identificação com Deus, alvo supremo de todos os seres, sem que Ele perca a individualidade que lhe é própria.

Ao Microcosmo-Homem, síntese suprema polizóica e polipsíquica no domínio do Relativo, corresponde o Macrocosmo-Deus síntese suprema polipsíquica e Una, eterna, infinita, no domínio do Absoluto. É esta a significação do aforismo hermético: *superius sicut inferius*, isto é, o arcano entrevisto no grande signo de Salomão.

(SIBIL traduziu de «Le Vie dello Spirito»).

Não o Crucifiqueis de Novo...

Por A. J. TRINDADE

«Logo que a sua pele seja consumida pelo fogo, lhe revestirei o corpo com outra, para fazê-lo passar por novo suplício».

Alcorão.

DEPOIS de longos quarenta e cinco anos de ausência deste abençoado Portugal, foi com verdadeira surpresa que o percorri de novo, visitei seus recantos mais pitorescos, revi lugares que de perto me falaram aos longínquos anos da minha infância, como aos da minha mocidade e adolescência, matando aquelas saudades que me sopitavam o coração, revendo seus prados e vergeis, seus vinhedos e suas montanhas, como seus monumentos, deixando em mim sulcos profundos, uns, pelo que tanto tinham avançado pela civilização adentro e outros pelo que a mão dos homens, aqui, e a acção do tempo, além, foram deixando neste interregno imenso, de quase uma existência, desde que quarenta e cinco anos são uma verdadeira existência...

Admirei a pujança deste país, este surto de progresso que abisma, confunde, pois o deixara imerso em verdadeiro marasmo, em certas províncias em verdadeira miséria, mas que agora, após este longo espaço de tempo, venho encontrar prenhe de fartura, de progresso, mas, sobretudo, de tal forma encorporado numa evolução tão sadia, que não encontro palavras para exprimir minha admiração, meu entusiasmo, lamentando apenas que o governo da nação não tire filmes de longa metragem para mandar a seus filhos que estão fora da Pátria, para que, ao verem o que são hoje as palhoças e caminhos de cabras que deixaram ao partir daqui, possam vir ver as estradas sem igual, seus prados, em sua maioria transformados em montes abandonados, nesses imensuráveis jardins em que tudo foi transformado, sem escapar as áridas serras do Marão e outras que tais, em que a calvície que as desfeava e infestava de lobos foi substituída por longa cabeleira de pinheiros e outras essências que as matiza e perfuma ao mesmo tempo.

E vendo e revendo tudo isso *com olhos de ver*, não escapava sequer o arvoredo que orna suas estradas, como as essências que se sucedem, encontrando-se de permeio com o pinheiro, o sobreiro e a oliveira, tronco raquítico, mas secular, para mais adiante ver os mesmos sobreiros e choupos vergados ao peso de videiras que amanhã darão esse vinho verde que torna as regiões do Minho e do Marão sem igual na face da Terra...

Mas, sobretudo, o que mais chamou a minha atenção foi um imenso sobreiral, cujas árvores, à porfia, se erguiam para o Céu, como que a pedir justiça e misericórdia...

E falou-me mais fundo aos sentidos essa plantação de sobreiros, porque, na véspera, como não tivesse nada à mão para ler, passara os olhos no *Alcorão*, e eis que eles paravam justamente naquele n.º 59 da *Sura IV*, em que, como se frisa acima: «Logo que a sua pele seja consumida pelo fogo, lhe revestirei o corpo com outra, para fazê-lo passar por novo suplício», ou na íntegra:

«Aqueles que se negam a acreditar em nossos sinais, palavra, os aproximaremos do fogo ardente. E logo que a sua pele seja consumida pelo fogo, lhes revestiremos o corpo com outra, para fazê-los passar por novo suplício. Deus é poderoso e prudente».

Tudo isto, talvez, para completar o que ficara expresso na *Sura III*, n.º 172, onde diz:

«Que não pensem os ímpios que a longa vida que lhes concedemos é um bem. Se lha concedemos longa, é para que se multipliquem suas iniquidades e seu castigo seja mais envilecedor».

Ora, ao ver aquele calvário de sofrimento expresso na pele que, na véspera, pessoas ávidas de dinheiro lhes tinham tirado, veio-me à lembrança o que acabámos de citar e, maquinalmente, lá me fui transportando tempo e espaço afora, vendo o calvário do Espiritismo que, na hora presente, se pode personificar nessas pequenas árvores que a simonia humana despe de quando em quando, deixando que a acção do tempo lhes vá dando nova epiderme, para que eles, periòdicamente, lha venham roubar, motivo por que elas, ao verem-se nuas, vão estendendo um braço para aqui e outro para acolá, numa ânsia de

sobrevivência, em que um instinto de conservação lhes dá esta auto-defesa, com o que os homens pouco se importam, pois a eles é apenas o vil metal que interessa, por saberem que é a única palavra que abre todas as portas, sejam da Inquisição ou de um palácio.

Por esse motivo, personifiquei o Espiritismo nessa pobre planta que, constantemente imolada à voracidade humana, nem por isso nega o que dela se reclama, antes, à semelhança do sândalo, é capaz até de perfumar o machado que a corta...

E afloraram-me também estas considerações, porque, ao ver o que impera nos arraiais do Espiritismo pela terra fora, vi com tristeza que os homens continuam a ser os mesmos em todos os tempos e em todas as latitudes, de que nada valeu a morte ignominiosa infligida a Jesus, como inúteis também foram os inúmeros mártires que houve em todos os tempos, nem sequer aquelas cenas pavorosas a que os primitivos cristãos foram submetidos na antiga Roma, deixando amarrar os corpos a postes e untados com óleo ou resina para serem queimados vivos, o que eles suportavam com estoicismo sem igual, desde que sabiam que só assim podiam provar que amavam verdadeiramente a seu Senhor, e que só regada a terra com seu sangue inocente ela poderia fortificar-se e permitir o advento de um verdadeiro cristianismo, de uma religião capaz de levar os homens a «amar-se uns aos outros como Cristo os amara».

Mas todo esse martirológio de pouco ou nada valeu, pois os homens, à proporção que iam evolvendo pela escala do progresso, foram também levando consigo outra vereda, que era a do pecado, da concupiscência e cupidez, que por vezes os colocou abaixo das feras sedentas de carniça.

E naquela árvore, ao relembrar os versículos do *Alcorão*, eu vi sempre o Espiritismo personificando Jesus, mas um Jesus que vem sendo crucificado de há milhares de anos, não só neste ou naquele continente, mas em toda a Terra, por todas as regiões, não apenas pelos tiranos de todos os povos, mas principalmente por aqueles que têm Deus nos lábios, embora «odiando em seus corações», como diz o profeta.

Vêem todos os exegetas, não apenas do Espiritismo, mas de todos os credos religiosos, que nenhum deles teria subsistido sem a manifestação do Espírito, sem a qual não existiria o Cristianismo, como o Budismo, o Shintoísmo, o Bramanismo, e muito menos o Islamismo ou o credo Mosaico.

Lendo-se as origens de todos esses credos religiosos, somos obrigados a encontrar sempre o Espírito que está em toda a parte, o Espírito que aqui vaga sobre as águas, além sobre as nuvens, como além no murmúrio dos ventos, nas plantas e até no vagido dos animais, mas sempre uma crença que se funda no Espírito, que dele se alimenta, que dele se abebera, que nele e sòmente nele encontra a sua razão de ser...

E, no entanto, sendo ele o alfa e o ómega, o princípio de todas as coisas, que a todos devia unir, é em nome dele que os homens se trucidam, que os homens se odeiam, que os homens se destroem sem dó nem piedade, que os homens ultrapassam o troglodita, que só matava para subsistir, para defender a espécie e jamais para que a terra fosse dele e sòmente dele!

Vamos, pois, encontrar o Espírito e suas sequentes manifestações nos tempos mais fundos da espécie humana, no mais recôndito das Índias, como das florestas, nas inóspitas regiões dos polos, como nas imarcessíveis ilhas dos mais distantes mares do Pacífico.

Está o Espírito em toda parte...

Vêmo-lo na Índia, Brahma, criando os *Devas* que, por sua vez vão depois criando os *Yakshas*, os *Kakshasas*, muitos e muitos mais deuses e Espíritos que se manifestam por toda a parte, a propósito de tudo e a propósito de nada, mas a que o homem tem de obedecer, queira ou não queira, porque, em caso contrário, lá vêm as condenações que reduzem o homem a escravo, a animal da selva ou a peixe dos mares, quando não são rebaixados para a serpe que coleia pela selva, ou abutre que escava no lixo...

Disso é prova o *Manava-Dharma-Sastra*, livro das leis revelado pelo próprio Brama; portanto o Espírito a manifestar-se sempre a toda a carne e em toda a parte.

E lá vamos também encontrar na China o Espírito que se manifesta como verdadeiro Rei que é, de origem divina.

Vindo para mais perto — o Egito —, lá encontramos uma voz misteriosa que tudo transmite do alto, que os sacerdotes dizem provir da divindade.

E, do outro lado, lá encontramos o *Zend-Avesta* (a palavra viva) revelado a Zoroastro por *Amschaspand* nas margens do rio Daitia, para onde se retirara para iniciar o seu apostolado.

E, encontremo-nos com Moisés ou com Mahomé, é sempre o Espírito que se manifesta para ditar suas leis pela sarça ardente,

ou pela voz que vinha do alto, prova mais do que provada de que, pela manifestação directa do alto, pela boca até dum asno, como pelo ribombar do trovão, é sempre o Espírito que está presente, que o homem, embora sabendo que tudo isso é verdade incontroversa, não tem coragem de o contestar; mas pelos actos vai *descarnando* sempre que pode, tal como tira a pele ao pobre sobreiro, sem cuja pele ele sabe não poder fazer certas coisas, não pode suster a rede em alto-mar, como as boias que, por centenas de anos, têm salvo a vida a muitos milhares de pessoas, como até para lhes fechar e guardar os mais refinados licores e vinhos com que se banqueteiam, é ainda a essa pele (casca do sobreiro...) que têm de recorrer, tal como, embora sabendo que nada são fora da sombra do Espírito, tudo fazem para o *perturbar*, tudo fazem para que ele não possa içar e molhar as velas para a corrida, a fim de atingir o ómega da perfectibilidade humana.

Sabem que tudo é governado, dirigido e programado por um Espírito Omnisciente e Omnipresente — *sine qua non* —, que nada se pode conduzir no Cosmos e que tudo se esboroaria no caos, na matéria universal, mas nem por isso abrem mão da sua pseudo sapiência e combatem o maior de todos os inimigos que encontram em seu caminho, que é o amor próprio, talvez que base de muita miséria humana, quando, se de facto amassem a Cristo, saberiam obedecer a seu preceito: «O que quiser ser grande faça-se ministro, mas o que quiser ser o primeiro, torne-se servo».

Porque, olhando para os mentores de todos os credos religiosos, personificados em Buda ou Mahomé, em Zoroastro como em Moisés, outra coisa se não tem feito até hoje que não seja o de *atar pesados fardos* para os outros carregarem, sem que, no entanto, esses mentores lhes não toquem com um dedo...

É de pasmar a forma vergonhosa com que todos esses mentores de religiões em causa têm abusado do seu poder e falsa representação e como têm envenenado a existência da pobre humanidade.

Devendo dar-se em absoluto às ovelhas que o Senhor dos mundos entregou à sua guarda, eles usam e abusam delas, tendo o desplante de dizerem que o rebanho é seu e seu também é o direito de fazerem de tais ovelhas o que todo o criador faz às que cria em seus pastos ou apriscos...

Outros, se acaso assim não procedem, querem, no entanto, ser superiores a tudo e a todos, para o que armam discussões e sabatinas a propósito de tudo, como a propósito de nada, esquecendo-se de que, com isso, lá vão *descarnando* o corpo d'Aquele que dizem representar, ao qual exaltam por palavras, mas odeiam na pessoa de seu semelhante, que por sua vez lhes paga na mesma moeda, o que faz com que continuemos, como nos dias de Noé ou nos da Babel, numa confusão tal, que, se do Alto não houvesse quem vigiasse por este estado de coisas, a Terra estaria hoje entregue aos vândalos, regressando assim à era da caverna.

Portanto, espiritas, erguei-vos, ponde-vos de pé! Capacitai-vos de que representais nesta hora o verdadeiro Paráclito, que há-de trazer a luz para fora do alqueire, e que, mais do que isso, «muito será pedido a quem muito se houver dado».

Ora, a vós muito tem sido dado! Logo, tratai de amarrar as sandálias e apertar os cintos, pondo-vos a caminho para nova jornada, deserto em fora desta indiferença que impera na face da terra, que vos leve a um novo Sinai de fé e espiritualidade, não já para receberdes um novo Decálogo, mas sim para vos tornardes seus arautos.

Dai-vos, pois, todos as mãos, para o que é preciso que quebreis as durindanas que com tanto afã brandis, com vossas penas e com vossa palavra, mostrando ao mundo que vos não interessa a política nem as coisas do mundo, mas sim, que lendo os Evangelhos de nosso doce Jesus, lá encontrastes exarado:

«Amados, tratai primeiro das coisas do Céu, que as da terra vêm depois».

E que, assim sendo, não quereis mais perder tempo com discussões vãs, mas sim, que, querendo servir a Jesus em Espírito e Verdade, é em Espírito e Verdade que quereis servir a Seus irmãos mais pequeninos, pelo que exortais a que todos vos sigam, de olhos abertos, fixos no Sinai, *verdadeiro Ómega*, pois lá encontrareis ao verdadeiro Senhor do mundo, que premiará vossas intenções de hoje, se boas, ou vos fará conhecer as agruras do fogo da Geena, se não escutardes Sua voz que clama do Alto; pois, reflectindo sobre o que fica exarado acima, na imagem do pobre Sobreiro que periòdicomente ides imolando, como imolado tendes desde tempos imemoriais ao Cordeiro, ao Espírito Consolador, mantendes a mão no arado e seguis em demanda da escada de Jacob, que só ela vos pode conduzir ao Senhor.

Porto, Julho de 1953.

ECOS DO ALÉM...

XVII

Se virmos bem, todas as sessões que tenho narrado são diferentes entre si. Cada uma revela qualquer coisa nova, sempre interessante, sempre atractiva para o leitor. E aqui e ali, a identificação aparece, cheia de oportunidade e de verdade.

Em 27 de Junho, a médium vê uma nuvem branca que se eleva em forma de cone à altura de um metro e a chama de uma vela a oscilar de um lado para outro, ao mesmo tempo que lhe dizem: «Pai! Onde estiverdes, eu estou! Onde estiverdes, eu estou!» E depois: «Eu serei vosso e vós sereis minha».

Eu sentia o sinal do costume havia mais de dois minutos, quando a médium disse que Lia estava presente. E acrescentou:

— Ouço: «Nesta noite dancei. Não aqui. Lá longe...». Vejo duas mãos que se dirigem para a minha cabeça. Dedos compridos... «Fluidos magnéticos, podes dizer». E numa rápida mutação:

— Lia gostava muito de dançar?

— Gostava.

— Dizem-me que tinha alegria de viver. Vivia feliz. Compreendia e era compreendida. Ela está ali e diz: «Muito bem». Vejo isto, mas não distingo bem a pessoa que fala. Agora dizem: «Então, mostro-me». Já vejo: É Reper-Siam, de olhos muito vivos. É alto. Olhos grandes e magnéticos, faiscantes. E ela diz:«Olhar que prende e encanta, não é?» E ri-se. Tem os dentes muito brancos. Exclama: «É como o passarinho e a serpente. Vós o merecestes ver». O cabelo é preto e ondulado, voltado para cima. As mãos eram dele. Por isso vi aquela nuvem. Neste momento vejo Lia com um cordão doirado em volta da cintura, a brilhar muito. Veste de branco. Vejo-lhe as mãos e a cara... tudo branco... e o cinto, larguinho, com duas pontinhas pendentes. E diz: «Aguarda. Quando houver oportunidade, ditarei outro livro. Não é por muito se madrugar que amanhece mais cedo. Não é a escrita que nos une, porque unidos estamos sempre. Tens muito que fazer e há muito que fazer. Para nós e para muitos. Por nós e por muitos». Agora pega no cordão e diz: «Já ganhei. Estou contente».

Li uma carta do centro espirita argentino «Casa de Paz», informando-me de que o espírito de Lia se havia lá comunicado por transfiguração e perguntei se a informação tinha fundamento.

— Sim. Não só ali. Já tenho visitado outros lugares. Mas só onde há paz e harmonia.

— Prometeste voltar lá?

— Veremos.

— E porque te emocionaste?

— Por ver a boa vontade de tantos. Eram sinceros.

— Como foste atraída para lá?

— Sempre fui curiosa. Sempre gostei de ver e aprender. Às vezes, vamos só pelos médiuns. Vamos por eles, conforme o seu espírito. Hás-de saber de outros lados, mas nem sempre acredites.

— Eu pensava exactamente nisso, isto é, que viriam mistificações.

— Uns, para agradar; outros, para se elevarem. Mas nem uns agradam, nem outros se elevam. O que não tem valor, não tem mesmo, e a mentira nunca agradou. Mas isto é para nós, ouviste?...

— Compreendo. Nem tudo se pode dizer e há formas diversas de o dizer.

Entrou novamente aqui o problema da mistificação. Há entidades que se fazem passar por outras, como sucede na vida quotidiana. E a dificuldade persiste com todas as suas consequências...

A médium faz uma pausa para observar outros panoramas. De repente informa:

— Vejo uma grande luz verde-clara e ouço dizer: «Falaremos mais tarde». É uma pessoa alta e magra e diz: «Aqui passei bons bocados. Podia-se conversar, que havia quem nos compreendesse».

— Aqui, onde?

— Nesta casa.

— Conversaste comigo algumas vezes?

— Conversei. Mas era-me mais grato

conversar com uma pessoa que aqui estava, que aqui falta agora (1). Aqui; não onde estou.

D. Maria Bacelar diz que este homem tem os olhos um pouco claros; nem castanhos, nem azuis. É calvo e de mãos muito magras e compridas. E tem na carteira um retrato de rapariga por quem chorava muito. Vejo-o como que chorando para dentro... a engolir... «Um homem não chora. Engole o pranto. Calca a dor, não a pode arrancar». Teve doença na bexiga, rins, etc. Custava-lhe muito a respirar. Tinha cor de cera...

— Onde me conheceste primeiramente?

— Na tropa.

— Tinhas afinidade comigo?

— Não. Amizade grande.

— Estavas ligado ao Centro Luz e Amor?

— Ligado à Causa.

— Estiveste nas colónias?

— Mais de uma vez. Nas nossas e nas dos outros. Também por lá andei.

— Tens consciência do tempo que passa?

— Estou consciente de quase tudo. Há uma coisa que ainda me prende, embora saiba que não devia pensar nela.

— A pessoa a quem te referes acima abandonou a Terra pouco antes de ti.

— Entendíamo-nos bem.

— Não te lembras de nenhum acontecimento comum aos dois?

— De boa vontade te darei uma prova, logo que o possa fazer. Assim como as tens obtido dela, a obterás de mim.

Eu pedi à médium que visse se a entidade comunicante estava fardada.

— Está à paisana — disse ela —. Tem sapatos castanhos e calças às riscas. Tinha espada e uma corrente com qualquer coisa pendente. Tinha um relógio de algibeira. Às vezes tossia e faltava-lhe o ar. Morreu com a boca entreaberta e viam-se-lhe os dentes amarelados. Não levou padre. Pelo menos, não queria padre. Foi para a terra, não foi para jazigo.

— Era casado ou viúvo?

— Casado e pai de filhos. Uma filha — pobre dela! — era loira e tão bonita! Tinha o seu retrato na carteira.

— Que idade teria quando desencarnou?

— Vejo 70. Ele encolhe os ombros e diz: «O que vês é um farrapo desiludido».

— E a esposa? Que idade teria nessa altura?

— Mais velha.

— Não te lembras do teu nome?

A médium diz que ele está a olhar para o chão... Não diz o nome e chora.

Eu dirigi-me a ele directamente:

— Porque choras?

— Com pena do que vejo no mundo.

— E onde estás não vês coisas piores?

— Pois, é por tudo o que vejo.

— Tiveste desilusões?

— Lá e cá. Lá, tive muitas.

— Todos nós as temos.

— E de cá vejo muitas.

— Não é razão para chorar. Devemos ser fortes.

— Faz-me pena e agora posso chorar livremente. Aí, não o podia fazer. Tudo mo impedia: a minha dignidade de homem, de militar, de chefe de família. Tudo me obrigava a ser forte e a dar ânimo aos outros.

— Quando estamos sós desabafamos à vontade...

— Isso era só para mim, era só comigo. Tu terás os teus momentos, mas faz como eu: guarda só para ti. Não digas nada, mostra-te forte.

— Um desabafo é sempre útil...

— Nem tudo se pode e deve dizer. É raro, muito raro, quem nos compreenda. Há muito pouco, pouquíssimo, quem sinta as nossas mágoas.

— Desejas mais alguma coisa?

— Já disse muito mais do que queria. Talvez vá mais aliviado. Talvez aqui venha mais vezes. Talvez tivesse sido um pouco compreendido. Talvez... talvez... talvez...

A entidade afasta-se, ao mesmo tempo que a médium ouve estas palavras: «Deste pão, deste esmola a uma inteligência desenvolvida, mas que está um pouco perturbada».

— Referes-te a quem acaba de falar?

— Sim. Para outra vez esclarecerá. A vida não lhe sorria.

(1) Esta sessão foi realizada na minha residência de Lisboa.

— *Há sempre altos e baixos na vida humana...*

— *E conforme a encaramos, assim sofremos. Há espíritos fortes que resistem mais* (1).

★

A seguir, a médium fixa um retrato de Lia que estava sobre um móvel e diz:

— *Ela não sofria do fígado? Estou a ver naquele retrato. Tinha agonias e vómitos. Ela ri-se e diz: «Era a bílis, o mau génio...». Nunca lhe falaram em operação? E nunca falou nisso?*

— *Ùltimamente, chegou a pensar nisso.*

— *É o que leio no pensamento dela, que diz: «Muito bem! Muito bem! É ou não é? Estou ou não estou aqui?».*

— *Desde o princípio da sessão já eu sentia o sinal.*

— *Mas dantes havia dúvidas ...*

— *Agora já não há. A tua presença não se confunde e sensibiliza-me a dedicação que tens pelos que ficaram.*

— *Achas que é de admirar? Não dei bastantes provas dela enquanto aí estive?*

— *Eu faria o mesmo nas tuas circunstâncias.*

— *Porque havia de mudar? Sempre fui persistente, um bocadinho teimosa...*

— *Serviu-te de muito.*

— *A persistência ou a teimosia?*

— *A persistência. A outra, não.*

— *A teimosia é só para te maçar o bichinho do ouvido.*

— *Também eras um pouco teimosa. Éramos os dois...*

— *Um pouco, é favor. Mas nunca há um teimoso só... Às vezes é conveniente sê-lo um pouco. Consegue-se.*

— *Saber levar a água ao moinho...*

— *Sim. Se não teimássemos na Causa, não tínhamos feito nada. Não achas?*

— *Falas no sentido de porfiar...*

— *Pois.*

— *Nesse ponto éramos iguais. Teimámos... persistimos... e temos conseguido alguma coisa. Vejo uma faixa branca que vamos percorrendo... Caminha, que eu me esforçarei por afastar os escolhos. Mas sem dificuldades não há valor...*

— *Eu não peço facilidades, peço coragem e elementos de luta. Quanto mais obstáculos vencer, maior será o mérito.*

— *Sim. Ia dizer o mesmo por outras palavras. Quanto mais obstáculos surgirem, maior mérito terás, se os venceres. Mas não penses no mérito. Pensa em vencer os obstáculos.*

— *Penso nos serviços que devo à Causa. É uma retribuição que faço.*

— *Pagas o que te emprestaram.*

— *Para minha dignificação.*

— *Para tua elevação.*

— *Afinal, trabalho para mim mesmo.*

— *Ùnicamente. E todos o deviam fazer. Colherás os frutos do que semeias.*

— *Dando aos outros, recebo.*

— *Espalhando, semeias, e o que colheres servir-te-á para vires até mim, mais ou menos brevemente.*

— *Agora sou conformista, submeto-me aos desígnios do Alto. Vim para trabalhar, trabalharei até ao fim.*

— *Não. Até ao princípio. Trabalharás até ao princípio, porque aqui é que começa a verdadeira vida.*

---

(1) *O que acaba de ler-se leva-nos a pensar numa individualidade de grande projecção no meio espírita português que se revelou como conferencista de rara elegância. Refiro-me ao Coronel Faure da Rosa, falecido em Novembro de 1950 e com quem trabalhei mais de 20 anos em camaradagem exemplar que ele citava a cada passo, como sintoma bem raro de unidade mental e fraternal.*

Os dados fornecidos por D. Maria Bacelar estão certos, segundo nos disse pessoa de família do nosso saudoso companheiro. Quem o conheceu sabe muito bem a predilecção que teve pela filha que partira há muito e cujo retrato trazia sempre na carteira.

Na idade, há uma pequena diferença. Tinha 72 e não 70 anos, mas a esposa era, de facto, mais velha.

Quando lhe perguntei o nome, não respondeu e limitou-se a chorar. Já disse que é difícil obter nomes exactos. O Espírito carece de símbolos para exprimir o pensamento e há nomes que pouco dizem a respeito. Só médiuns especiais proporcionarão às entidades o prazer da identificação literal.

Era grande amigo de Lia, com quem falava amistosamente. Entre mim e ele havia um traço comum apoiado na causa que servíamos e que deu lugar à sólida amizade que nos uniu. Usava relógio de algibeira, tossia, faltava-lhe o ar, sofria da bexiga e dos rins e levava injecções para urinar. Também morreu com a boca entreaberta e não levou padre no enterro nem o corpo foi para jazigo. As características da personalidade também correspondem à verdade.

— Concordo. Trabalharei até ao «princípio». Aceitarei o que me derem na distribuição do trabalho.

D. Maria Bacelar diz que está presente um Espírito muito branco ao lado de Lia. É uma mulher loira, de olhos grandes e azuis, e, quando estende os braços, a médium sente arrepios.

— Tem alguma afinidade connosco? — inquiri.

— Tem — diz a médium —, acrescentando que usa tranças loiras e que as duas entidades dão as mãos atrás de mim, formando uma luz branca. A loira também está descalça, com os pés acima do soalho, e exclama: «Paira, não anda».

Referindo-se a Lia, pergunta-me se lhe não inchavam as pernas, às vezes.

— A perna esquerda.

— Ela mostra: «Aqui em cima...». E peso no abdome.

— Sim, é verdade.

— Eu era uma doente — pondera a entidade —. Várias coisas pequeninas que se reuniram e ajudaram no final. Há pequenos nadas que descuramos e depois é tarde para atalhar.

— Descuraste a saúde... Disse-to muitas vezes.

— Bem sabemos que ao chegar a hora temos de ir, mas nunca devemos abreviar. Casos há em que prolongamos a estadia. É claro, com a vontade do Pai. Sem isso nada se faz. Mas prolongamos e ganhamos com isso. Quanto mais andarmos, menos teremos que andar. Mais descansaremos depois do dever cumprido, porque trabalhar, trabalhamos nós aqui também e bastante, mas não nos cansamos, como aí.

— É trabalho de outra espécie...

— Sim. Trabalha o espírito, que não se cansa. O que se cansa é a matéria.

— Tudo é relativo no mundo em que se vive.

— Assim tem que ser...

A sessão termina sem mais formalismos. A troca de impressões caracterizou perfeitamente os dois interlocutores e mais uma vez a genuidade do fenómeno esmaltou a conversa aqui e ali.

★

Estes trabalhos nem sempre decorreram plàcidamente. Houve circunstâncias em que foi preciso empregar a fundo os recursos mentais no sentido de alcançar a vitória. Não eram só os intrusos que exerciam sua obra maléfica; era o ambiente que se modificava sem causa aparente.

No dia 4 de Julho assistiu minha irmã Amélia, que reside em Nova-Iorque. Lia apareceu logo no começo dos trabalhos e colocou-se entre mim e ela.

— Mas há outra coisa, atrás de um véu, que eu não percebo — diz a médium —. Junto de sua irmã há uma luz verde-clara. E há outra, cor de rosa. Esta senhora parte para longe, mas é de comboio ou carro, por estradas e campos, e vejo-a ajoelhar e o pensamento ir para Deus ou para cima. É um pensamento bom, como se fosse uma prece... É nervosa. Já tem chorado. Já se tem exaltado... Agora estão a fazer passes à Gena. Vão dos braços aos estômago, mas quem lhos faz tem mãos de velho. Põe-lhas no peito e depois escreve e apresenta um frasco com remédio. Tira com uma colher e dá-lhe.

Achei isto estranho e por isso perguntei se se referia a um líquido que ela estava a tomar.

— Nem a um, nem a outro... — disse a entidade.

E acrescenta, irònicamente:

— Este era o que eu lhe queria dar...

— Mas não lho dá — responde a médium.

— Nem pode dar — acrescentei —. Tomara ele que não lhe dessem líquido semelhante.

Faço passes dispersivos à Gena. A médium diz que este espírito era doutor. Alto, magro, nariz aquilino, olhos claros e cara rapada.

— Tem razões para fazer mal?

— Nem mal, nem bem, — disse ele —. Gosto de fazer experiências. As experiências devem fazer-se nos novos, que reagem melhor.

— Porque não experimentas nos novos do Além?

— Não os tenho ao pé, ou talvez à mão...

— Procura.

— Às vezes tenho que me procurar a mim... Se já não sei onde estou...

— Bem me parecia.

— *Ela agora está melhor com os passes...*

— *Far-lhos-ei até te desalojar. Não receio o assédio.*

— *A ti é mais difícil, tens mais resistência.*

— *Estou a sentir-te fortemente, mas não tenho medo. Posso repelir-te. Entretanto, não te quero mal. Desejo o teu aperfeiçoamento.*

— *Não me queres mal... Eis a tua primeira arma de defesa.*

— *Para te vencer, basta pagar-te o mal com o bem.*

— *Trata-lhe dos nervos e fortalece-a. O resto não precisas que te ensine. E temos conversado, por hoje.*

— *Não te pedi o conselho nem a presença.*

— *Mas eu dei e não levei nada pela receita.*

— *Receita que eu dispenso.*

— *Mas bom conselho sempre se agradece.*

— *De quem pode aconselhar. Não aconselha quem quer...*

— *Mas, quando o conselho é bom, deve aceitar-se.*

— *Pelo fruto se conhece a árvore.*

— *Há árvores más que às vezes dão bom fruto.*

— *Tu é que precisas de conselho. O primeiro é trabalhar no teu aperfeiçoamento e deixar as doenças aos médicos verdadeiros.*

A médium informa: «Ele diz Cid... Cid... Cid...» e passou para junto de si. Lia continua ao seu lado direito. Ele tenta aproximar a mão da sua cabeça, mas sente um choque e retira-a. Está entre duas forças brancas. Agora, exclama, repetidamente:

— *E o mal que me fizeram fica impune?*

— *Que mal. Fomos nós que to fizemos?*

— *Não. Foram eles.*

— *Então, porque nos atacas, se nada tivemos com isso?*

— *Foi um crime. Eu não ataco ninguém... Eu sei lá...*

— *Mas que crime foi esse?*

A médium vê um caixão e um homem lá dentro ás voltas. Parece que o enterraram vivo. Inopinadamente, pensei no Dr. Sobral Cid e que o «crime» a que se referia era terem-no enterrado vivo.

— *Foi vivo! Foi vivo!* — exclamou ele.

Perguntei à médium quem seria a entidade.

— *Não sei. Fala em Cid. É alto, de olhos muito vivos. E diz: «Doenças nervosas e mentais».*

— *Conhecia o Espiritismo?*

— *Conhecia muita coisa* — diz ele —. *Muita coisa... Se tu soubesses o que eu estudei, o que eu vi, o que eu ouvi... Sinto grande confusão na cabeça!*

— *Como vieste para aqui?*

— *Vim com ela.*

— *Quando?*

— *Eu estava com a outra (referia-se a minha irmã).*

— *Porque a abandonaste?*

— *Achei esta melhor.*

— *Esta é muito nova e não pode submeter-se a experiências. Procura outra cobaia. Não se deve constranger ninguém.*

— *Não era isso que eu fazia. Os nervos têm que ser dominados.*

— *A começar por ti...*

— *Talvez. E porque não?*

A médium diz que a entidade se afasta e desaparece, pouco a pouco, num sítio escuro. Eu sinto extinguir-se a atmosfera psíquica que me envolveu durante a conversação. Lia ri-se e diz:

— *Vês bem a diferença?*

— *Vejo e sinto. Agora estou aliviado.*

— *Tudo são provas para o futuro. Há muito que fazer...*

— *De cá e de lá...*

— *Os de cá pelos de lá e os de lá pelos de cá.*

— *Não sentes a presença desta visita (Amélia)?*

Ri-se outra vez e exclama:

— *Criança!*

— *Que queres dizer com isso?*

— *Julgavas que não sentia? Não te tenho mostrado que sinto outras visitas que aqui têm vindo? Porque não havia de sentir esta?*

— *Não tens palavras para ela? Dantes falavas muito...*

— *Continuamos a ser as mesmas. Ela é um pouco infeliz, mas eu também a não desamparo. Os meus amigos continuam a sê-lo. E longe, como ao pé de ti, eu a*

vejo e estou com ela. Quando me procura, vem o seu pensamento junto ao meu.

D. Maria Bacelar volta a observar. Há duas mãos brancas sobre a cabeça da Amélia e pergunta a esta se não ora por pessoas falecidas, ao mesmo tempo que responde: «Faz, sim, faz a sua prece diária». Depois, acrescenta: «Há um pensamento cinzento de homem que vem para esta senhora e outro branco. Um bom e outro mau. Um parece que está ao balcão. Recebe, parece negócio. Dá e recebe qualquer coisa.

— Esse é o bom ou o mau?

— Ele não é muito mau. É cinzento.

— Falou em dois...

— Pois. O branco abraça-a, mas há nevoeiro de permeio. Parece que os pensamentos têm que o atravessar. Vejo-o dar dinheiro e darem-lhe uma coisa... É muito longe, muito longe... Umas moedas. Uma grande e outras pequenas.

Dirigindo-se a minha irmã:

— A senhora nunca teve nada na perna? O seu espírito foge. É enérgica. Vejo um médico de máscara, como quando vão operar. Há uma coisa qualquer num dedo...

— Veja o que operam — disse eu.

— É difícil... Parece que é no abdome. Mas a senhora também costuma ter dores nos rins... E o coração... um bocadinho... Quando se irrita sente um pouco o coração... A perna... inchava-lhe a perna ou doía-lhe... Mostram-me uma perna...

— Que relação tem com ela o homem branco?

— Mostra um anel... uma aliança... Parece que é marido. Come à mesma mesa...

— Há mais alguma entidade?

— A menina loira...

— Está só?

— Está com Lia. A princípio não estava.

★

Na última sessão aqui relatada há duas coisas dignas de registo: a intromissão de uma entidade pouco evolvida que, segundo informou, tinha acompanhado minha irmã e se dispunha a fazer experiências com a Gena e uma série de revelações muito compreensíveis para a interessada. Seu marido encontrava-se em Nova-Iorque e trabalhava junto de um balcão, na tarefa de dar e receber; e ela já fizera operação ao rim. De resto, todas as revelações feitas pela médium lhe diziam respeito com grande verdade. Mais adiante relatarei outras revelações feitas a minha irmã demonstrativas de magnífica vidência.

Quando passam ao seu verdadeiro mundo, os Espíritos mantêm suas tendências e desígnios, como aquele que na terra se dedicara a questões nervosas e mentais, pois todas as aquisições nos pertencem, como património intransmissível. As maiores preocupações da nossa vida planetária continuam a acicatar-nos durante algum tempo, segundo a lucidez da individualidade. Muitos ignoram a mutação e persistem nos hábitos antigos, como se cá estivessem. Chegam a compreender menos do que compreendiam, em virtude da confusão que os envolve durante certo tempo, até que a luz os esclareça. Não nos admiremos, pois, de certos letrados mostrarem ignorância como espíritos libertos e de alguns ignorantes se revelarem autênticos filósofos. Uma vez desfeito o véu da carne, tudo se modifica inteiramente.

A médium tinha dito: «Há qualquer coisa num dedo...». No fim da sessão aludi ao caso e a Gena disse que metera um dedo ferido em água quente, facto que eu ignorava por completo.

Mais uma vez repito: há pormenores nestes diálogos que, pela minuciosidade, parecerão redundantes; mas o que é certo é que auxiliam a compreender o panorama espiritual e o grau de interesse que liga à Terra as entidades comunicantes. O leitor arguto verá muita coisa útil nas palavras mais simples; o analítico, esse necessitará de esclarecimentos, muitos esclarecimentos, para basear o estudo. O pleonasmo é muitas vezes necessário para reforçar opiniões. Nesta obra tudo é conciso, até na questão sentimental, onde há muito que aprender e nem só o que directamente nos respeita merece atenção. O que se deu comigo pode dar-se com outro qualquer...

I. D. S.

(continua)

VIDAS DE GRANDES RELIGIOSOS

De Henry Thomas e Dana Lee Thomas

I

SWEDE

MANUEL Swedenborg nasceu bafejado pela fortuna. Seu pai era um bispo, amigo da família real sueca, homem de inteligência rica e imaginação superior, um vulto proeminente. Sua mãe, a filha sagaz, honesta e perfeitamente mediana do assessor das minas — uma mulher prática, cujo sangue contrabalançava os ardores extraterrenos do místico. A sagacidade extremada combinou-se bem com o espírito do Senhor, na formação da criança. Quando esta nasceu, o pai alongou os olhos para as nuvens, e deu ao pimpolho o nome de Emanuel, que quer dizer *Deus connosco*. E a mãe limitou-se a olhar para a balança, a fim de ver quanto pesava o filho.

Rigorosa e sobrecarregada de deveres era a educação do filho de um eclesiástico. Desde o princípio, o garoto mostrou possuir excepcional inteligência e poderosa personalidade. «Com frequência— —observa ele modestamente, com respeito à infância — eu revelava, na conversação, coisas que enchiam de espanto meus pais, e os impelia a declarar... que certamente os anjos falavam pela minha boca».

Os anjos devem ter continuado a falar pela sua boca durante toda a adolescência, pois vamos encontrá-lo feito doutor em Filosofia (Universidade de Upsala) aos vinte e dois anos. Na verdade, com a arrogância precoce do génio imaturo, sentia-se superior ao seu meio social. «Este lugar oferece-me muito poucas oportunidades; e os meus estudos não são devidamente apreciados por aqueles que deviam estimular-me». De modo que empacotou os livros e foi viajar pela Europa ocidental, visitando a Holanda, a França e a Inglaterra. Sofria a inquietude do espírito enérgico e ardente, hipersensível às diversas correntes científicas de todas as idades. De Londres, escreveu aos pais: «Estudo Newton diàriamente, e estou ansioso por vê-lo e ouvi-lo». E algumas semanas depois: «Com respeito à Astronomia... fiz tantos progressos nela que já descobri muitas coisas, as quais, penso eu, serão de grande utilidade para o seu estudo... Inventei um método infalível para determinar a longitude terrestre por meio da Lua...».

Perseguia sempre um objectivo definido. «Tenho tirado algum partido das moradias onde me alojo. Primeiro, hospedei-me em casa de um relojoeiro, depois em casa de um marceneiro, e agora estou convertido em fabricante de instrumentos matemáticos».

Travou conhecimento com os maiores sábios da época, em quem deixou profunda impressão. Muito lhe custava, no entanto, convencer seu pai, o bispo, de que «todas essas actividades científicas poderiam trazer alguma vantagem». Até um jovem de vinte e quatro anos, com a mente vivificada pelo génio, tem as suas dificuldades. O bom do bispo resolvera atrair novamente o filho à Suécia e a uma «carreira honesta».

E o velho bispo valeu-se de um método suasório muito simples. Reduziu-lhe a mesada. «Ando escasso de meios — escreve Emanuel. — Sou afastado dos meus estudos pela falta de dinheiro. Não sei por quê, meu pai não mostra interesse em mim, e deixa-me viver, há mais de dezasseis meses, com menos de cinquenta libras... É difícil viver sem comer nem beber, como um pobre trabalhador de Schone» — difícil até para um homem que descobre novos métodos de medir a Lua!

No entanto, continuou com as suas medições e aparelhos. O seu espírito era um vasto armazém de planos fantásticos que ele constantemente desenvolvia para aplicação «prática». Aos amigos, os projectos de invenções mecânicas pareciam devaneios de um visionário de conformação mental excêntrica. Mas hoje é assombroso observar a justeza das intuições de um espírito peiado, como o seu, pelos preconceitos anti-científicos do século XVIII. Mediante equações matemáticas, elaborou «o plano de certo navio que, com os seus tripulantes, poderia andar sob a superfície do mar, sempre que quisesse, e causar grandes danos à frota inimiga». Nada menos que o moderno submarino! Traçou planos para o transporte de navios através da terra firme, por meio de canais e comportas. Idealizou um «canhão de ar» que daria setenta tiros sucessivos sem necessidade de tornar a carregar, e um «navio voador», que levaria os passageiros pelo ar.

Enviou esta última invenção, o plano do navio voador, ao físico mais eminente da Suécia. Mas, para o bom homem, era inconcebível tal «disparate». Com a máxima delicadeza, o grande cientista respondeu ao impetuoso jovem que «quanto ao voo por meios artificiais, não é mais exequível do que a construção de uma máquina de movimento perpétuo, ou a transformação da lama em ouro». E mandou-lhe uma longa carta cheia de números e fórmulas com que aniquilava a «louca esperança do voo humano através do ar».

E assim foi Swedenborg severamente deixado a sós com os seus sonhos. Sonhos de gigante — significativa mostra do gigantesco molde do seu espírito. Eram os sonhos de um cientista da visão — e da energia — de um profeta. Swedenborg foi um desses raros pensadores cuja ciência se baseava na fé. Tinha a convicção de que havia novos horizontes, novas dimensões, novos mundos, à espera do descobrimento pelo espírito humano que *pensa* e *crê*. Estava certo de que «o mundo da criação científica está implícito no mundo do pensamento abstracto» — e, mesmo, que só o espírito pujante e fiel do poeta-cientista poderá construir uma ponte entre os dois mundos fazendo que o pensamento se traduza em facto.

E foi precisamente isso que Swedenborg, o filho da religião e pupilo da ciência, tentou fazer. No projecto do seu quadrante, estava contido o plano da catedral; nas suas experiências com o prisma revelavam-se as cores com que glorificar o altar; o anelo de encurtar as distâncias entre os corações humanos serviu de inspiração para o seu navio voador. A ambos os mundos ele devia obrigações de família. A exploração num mundo significava criação no outro.

II

Por fim, o estudioso regressou das suas viagens. Estava já com bastante idade — e não tinha ocupação. O pai fez um último esforço para proporcionar uma situação de independência àquele filho «cabeça de vento». Empenhando a sua influência na corte sueca, logrou cha-

mar para o caso a atenção do famoso rei-guerreiro Carlos XII. O rei ofereceu a Emanuel um posto no departamento das minas reais. O jovem Swedenborg aceitou o cargo.

Por essa época, deu-se outro facto que concorreu para o prender aos valores concretos do mundo do tempo e dos sentidos. Emanuel apaixonou-se loucamente pela filha do físico sueco que derramara água fria no sonho do navio voador. O sábio mais idoso, embora céptico em relação à capacidade inventiva de Swedenborg, tinha contudo aposto a chancela da sua aprovação à cultura humanística do jovem, oferecendo-lhe a filha mais velha. Mas a jovem, indiferente aos hieróglifos da avaliação paterna, concedeu a sua mão a outro. Swedenborg então disse ao cientista que isso não o perturbava. Era pela *outra,* pela filha mais nova, que ele sentia interesse. O pai imediatamente pôs um contrato diante da menina, que ainda não contava

NBORG

dezasseis anos, e mandou-a assinar o compromisso de casamento com Swedenborg. Ela escreveu com mão trémula o seu nome no documento. Mas o coração da jovem estava comprometido algures.

Passou o tempo. A consolação única de Swedenborg era ler todos os dias o contrato que a punha legalmente em seu poder — em época futura. Uma bela manhã, não encontrou o precioso papel. O irmão da aflitta jovem roubara-o e entregara-lho.

E assim o mancebo que investigara as mais profundas leis da Natureza descobriu que não soubera entender as operações mais elementares de um coração de donzela. A jovem não o amava. Observava-a mais com espírito de cientista do que de místico. Fez o juramento solene de nunca mais se apaixonar. E cumpriu-o.

Mas por algum tempo sofreu grande depressão. Nem os estudos o excitavam. Mas um espírito forte sobrevive a uma caso de amor. Principalmente quando está ocupado em projectos de engenharia que abrangem o transporte terrestre das galeras do rei, a abertura de canais e a investigação de depósitos minerais — e quando, além de tudo isso, está absorvido no plano de escrever uma filosofia do cosmos.

Entretanto, o pai de Swedenborg fora distinguido com um assento na Câmara dos Nobres. Mas as perspectivas de carreira política, assim abertas ao jovem Emanuel, não o tentaram. Continuou como pesquisador humilde, e obscuro assessor. Preferia escrever sobre o infinito a contar alguns votos finitos. De vez em quando, pedia ao governo licença para ausentar-se do cargo e ir viajar. Recusara uma cadeira na Universidade de Upsala, por sentir que escreveria com mais liberdade sem o entrave das exigências rígidas de um curso universitário.

O seu espírito não fora feito para a clausura da sala de aulas. Swedenborg abarcava o Mundo com o intelecto. Parecia ter a curiosidade magnificamente atrevida do homem supremo da Renascença, Leonardo da Vinci. Tudo lhe interessava. «Aonde quer que vá, visita as bibliotecas, os museus, as galerias de quadros, as igrejas, os mosteiros, os asilos, os teatros...». Para ele, o palco era tão sagrado como a Palavra de Deus.

Nunca houve homem mais sadio. Nem de simpatias mais amplas. E não menos amplo que as simpatias era o seu optimismo — a fé no futuro do homem. Era o irmão temporal de um grupo de cépticos num mundo de descrença. Mas acreditava com ardor varonil na capacidade infinita do espírito humano. «Não há limite para a aventura do homem. Quando Colombo encontrou o caminho do novo continente, não foi apenas pelos ventos e as águas do Atlântico que ele navegou, mas pelos ventos e águas das aspirações da sua própria alma».

E assim Emanuel Swedenborg chegou ao meio da rota da sua aventura pessoal. Começou a examinar a Ciência com olhar crítico. É um passo muito natural, no desenvolvimento mental deste profeta-inventor, o pensar agora em inventar uma superciência. Uma ciência além da ciência.

Planeia a *Economia do Reino Animal*—estudo exaustivo do corpo humano, síntese de todas as descobertas dos anatomistas sobre os nervos, músculos, ossos e sangue. E não se deterá aí. As suas pesquisas científicas não visam apenas *descrever,* mas também *interpretar.* Tudo com um propósito mais elevado. «Pretendo examinar, física e filosòficamente, toda a anatomia do corpo... O fim que me proponho é o conhecimento da alma». Projectava nada menos do que descobrir os movimentos do espírito do mesmo modo que Harvey descobrira a circulação do sangue. Os trabalhos de todos os cientistas anteriores foram apenas a preparação da grande pesquisa. «Está a chegar o momento de deixarmos o porto e fazermo-nos de vela para o alto mar».

Investigar a causa das coisas, descobrir onde reside a força da vida. Swedenborg não alimentava ilusões ao escrever esse livro ambicioso. A terminologia da obra era para cientistas; a sua mensagem, para os que se ocupam do espírito. Os eruditos podiam rir-se da sua presunção. Na época de Alexander Pope, era muito perigoso falar sobre a alma humana. No frontispício do livro, o sumo sacerdote da ciência estampou corajosamente uma passagem do filósofo estóico Séneca: «Aquele que pensa nos homens do seu tempo nasceu para servir a muito poucos. Milhares de anos, numerosas gerações de homens ainda estão por vir: tende a esses em mira».

III

Chegamos agora a um dos acontecimentos mais estranhos da experiência humana. O espírito de Swedenborg abre-se repentinamente como uma casca de ovo, e a luz solar de outro mundo irrompe nele. O filósofo conta aos amigos que foi recebido num universo de espíritos, e penetrou no mundo do além. É já um homem de mais de cinquenta anos — um dos cientistas mais abalizados da época. Os outros examinam-lhe com espanto a fisionomia honesta. Observam-lhe uma expressão vaga nos olhos arregalados. Começam a fazer perguntas. Acha-se de perfeita saúde? Fala com sinceridade e tino? Escutemos este cientista racional, que efectuou experiências com os materiais concretos da vida. «Foi-me permitido ver e ouvir coisas em outra existência que assombram, e que, até então, nunca haviam chegado ao conhecimento de ninguém». O desenvolvimento dessa segunda vista, declara ele, foi progressivo. Três penosos anos de êxtase foram precisos para a preparação da sua alma. Durante esse tempo, esteve sujeito a períodos anormalmente longos de inexplicável modorra, preenchidos por uma sequência contínua — e lógica — de sonhos. No seu diário, refere-nos com simplicidade a transformação que se operou no seu espírito. «Fui guindado pouco a pouco até ao Céu, e, à medida que subia,

FORMAI A VOSSA BIBLIOTECA

adquirindo os livros da Colecção romântica ditados pelo Espírito do Conde de Rochester à médium russa Krijanowsky

O Chanceler de Ferro, encantandor romance histórico que relata a vida de José, no antigo Epito, vida que o *Genesis* sintetizou nalguns capítulos. O leitor fica maravilhado e sente desejo de o reler muitas vezes.

Brochado ..... 54$00

Herculanum, passado na Roma dos Césares, com a descrição da catástrofe do Vesúvio, onde ficaram soterrados duas lindas cidades para um sono de 18 séculos.

Brochado ..... 38$00

A Vingança do Judeu, obra notabilíssima onde se apresenta em vivas cores o quadro enigmático e bisonho da sociedade europeia de então, com os preconceitos de raça, de classe ou de riqueza, com o fundo encantador da fé revigorada nos alicerces do cristianismo, ante os albores da Boa-Nova.

Brochado ..... 48$00

Sinal da Vitória, contendo os factos ocorridos em Roma, no começo do 4.º século, com as perseguições aos cristãos, até à época da conversão do imperador Constantino, através da visão da cruz.

Brochado ..... 48$00

A Abadia dos Benedetinos, romance forte em que os quadros da vida conventual se apresentam cheios de realismo, induzindo o leitor a séria meditação.

Brochado ..... 45$00

O Faraó de Mernefetá, no qual se descreve a antiga civilização egípcia e a evolução política do povo judaico e sua religião. Moisés é o protagonista, e o entrecho gira em torno da sua luta com um faraó para a libertação do povo eleito de Jeová.

Brochado ..... 42$00

Outros romances do mesmo autor que aguardam tradução em português:

Episódios da Vida de Tibério
A Rainha Hatsou
O Sacerdote de Baal
O Festim de Belçatzar
Um Grego Vingativo
Diana de Saurmont
A Fraqueza de Um Grande Herói
Dolores
O Judas Moderno

Os compradores desta colecção receberão como brinde o livro «Almas Errantes».

o meu entendimento ampliava-se, de modo que gradualmente me tornei capaz de perceber coisas de que a princípio não dera fé». E, finalmente, obteve «a solução do maior de todos os mistérios — a situação da alma depois da morte».

Parecia ter adquirido o que hoje denominaríamos dupla personalidade. Exteriormente, continuava o mesmo homem tranquilo, prático, de hábitos conservadores. Usava espada, empoava os cabelos, andava com uma bengala de castão de ouro. Mas, interiormente, transformara-se num verdadeiro Niagara de ideias que pareciam porvir de uma mente hipnotizada. Uma mente sincera e branda, que muitas vezes subia a extraordinárias alturas poéticas. Já não era o cientista, mas o místico empolgado por uma visão. Tudo o que os outros homens *sabiam,* ele, agora, *via* — «via com os seus sentidos e com a sua vista interior».

Abandonou o posto de assessor das minas e voltou aos seus manuscritos e viagens. Viagens pelo mundo físico da Europa e ao mundo espiritual da alma. Registou os resultados das suas «jornadas espirituais» numa torrente de livros «escritos em conformidade com as instruções do Senhor». E então, aos oitenta e cinco anos, partiu finalmente para aquele «único mundo real» que tão apaixonadamente o absorvera.

(Continua)

A Maior Maravilha da Civilização

Por SILVIO BRITO SOARES

OS homens, nos últimos tempos, têm avançado muito em todos os ramos do conhecimento. Muitas pessoas talvez vivam esquecidas de que todo o progresso e bem-estar que ora desfrutamos, e que nos maravilham, se devem a um agente extraordinário que jamais advogou, em seu favor, as homenagens que por justiça lhe cabem. É que ele não se preocupa, como bom missionário que é, das louvaminhas dos homens, das honrarias do mundo; ele deseja apenas servir, ser o transmissor do progresso, o animador das boas iniciativas, o conselheiro daqueles que muitas e muitas vezes se vêem a braços com a dúvida e a incerteza, o encorajador dos tímidos, a voz amiga que consola e reanima os que choram, enfim, preocupa-se tão sòmente em espargir a luz da verdade e espancar as trevas da ignorância.

Esse agente imortal — e que a nosso ver foi a maior bênção de Deus aos seus ingratos filhos da Terra, amantes das coisas que os afastam da Fonte de todo o bem, chafurdando na lama dos sentimentos impuros, cujos miasmas os farão sofrer por séculos afora —, esse agente imortal e sacrossanto, repetimos, que a Infinita misericórdia do Pai lançou à Terra para instruir-nos e chamar-nos ao caminho do dever, da honra e sobretudo do amor, é o LIVRO!

Mas, a fim de que o livro pudesse desempenhar, de facto, a sua grande missão, era imprescindível que o homem possuísse meios mais práticos e acessíveis para guardar, de maneira precisa, os ensinos e as experiências dos pensadores de todos os tempos. Era necessário que o livro pudesse ser transportado fàcilmente, que ele pudesse veicular aos milhões, por todos os recantos do mundo. Como, porém, conseguir tal empreendimento, se os processos de que dispunham os homens eram os da pedra bruta, do papiro, do couro, dos tijolos de barro, etc.?

Escreve Grove Wilson que houve, no século XV, «verdadeiro sacolejão nos cérebros dos homens, uma ânsia de colher conhecimentos. Monges e copistas enchiam o mundo com os escritos feitos à pena de pato, copiando febrilmente cediças filosofias e infestadas teologias. Os monges e os copistas, porém, trabalhando em escuras celas, interrompendo a sua tarefa para louvar a Deus, faziam livros com muita lentidão. E, quando concluídos, eram enormes volumes, cada qual mais difícil de sobraçar, caros, penosos de ler. Devido a tudo isso, a produção e a circulação eram necessàriamente restritas». E indaga, então, esse escritor: «Não haveria para esse animal divinamente irrequieto, que é o homem, algum meio mais rápido de produzir livros?»

Eis que então surgiram, quando o momento já se anunciava oportuno, três simples e humildes missionários, que em países diferentes tiveram a ideia de tornar mais prática a feitura e a manuseabilidade do livro!

Cada um deles trabalhou, com entusiasmo, na concretização do seu ideal, tornando-se os grandes pioneiros desses três importantes factores: — LINOTIPOS e MONOTIPOS — ROTATIVAS IMPRESSORAS — PAPEL, para que os pensamentos, as ideias, as pesquisas, os estudos, as canções de amor, os ensinos morais, os actos de heroísmo e os fastos históricos ficassem plasmados nessa coisa extraordinária e maravilhosa, que é o Livro.

Prestemos, pois, nossa pálida e sincera homenagem a esses três missionários da luz:

LOURENS JANSZOON COSTER, estalajadeiro em Haarlem, na Holanda, onde nasceu em 1370 e desencarnou lá pelo ano de 1440. Foi ele quem inventou os tipos móveis e com eles confeccionou o primeiro livro impresso.

HANS GENSFLEISCH GUTENBERG, cujo nascimento e desencarnação se deram na cidade alemã de Mogúncia. Foi o inventor da primeira máquina impressora. Há quem assevere, todavia, que ele pròpriamente não a inventou, pois que a prensa para imprimir já era conhecida antes do seu nascimento, que ele, sim, a aperfeiçoou, bem como os tipos móveis. A verdade, no entanto, é que com Gutenberg a impressão tomou um desenvolvimento considerável.

LOUIS ROBERT, quando dirigia, em Paris, sua cidade natal, a contabilidade da papelaria de Essonnes, de propriedade de Didot Saint-Léger, inventou uma máquina para fabricar papel, de modo contínuo, isto em 1798, e, como sói acontecer à maior parte dos iniciadores de grandes invenções, sofreu duros reveses e decepções.

Seu invento, como o de Gutenberg e Coster, estão hoje de tal modo aperfeiçoados, que dificilmente se poderá acreditar que as actuais máquinas sejam realmente a consequência natural da evolução que se processou e se processa em todos os ramos da actividade humana.

Nós, espiritas, comemoramos, neste mês, o aparecimento da primeira obra da Codificação kardequiana — O LIVRO DOS ESPÍRITOS —, que, em 18 de Abril de 1857, lançou ao Mundo o brado de alforria dos espíritos, acendendo uma luz que há-de iluminar, em todos os tempos, a consciência humana, dando-lhe uma concepção mais exacta da vida que nos aguarda depois de nossos corpos somáticos serem entregues ao sepulcro. Em consequência, da mente dos homens se extirpará a ideia mesquinha que geralmente fazem de Deus, e com o amor imunizarão o vírus do ódio há muito alimentado pela incompreensão e pela ignorância.

E o homem, então liberto e consciente, isto é, não mais escravo de ideias antropomórficas, e, sim, exemplificador do Evangelho de Jssus, Evangelho sem os prejuízos da letra que ensombra a luz cintilante de amor que se irradia de todos os seus ensinos, saberá nortear sua vida de relação dentro de normas sadias e úteis, e vencer, sem dificuldade, esse tropel ensurdecedor de ideias incompatíveis com a essência divina que existe em todos nós.

Aproxima-se o terceiro milénio, que marcará o início de uma nova etapa, cujo centro de gravidade estará precisamente no Evangelho do Messias, à luz da Terceira Revelação. Eis porque imensa falange de Espíritos vem desenvolvendo intensiva actividade junto a seus irmãos encarnados, no propósito de se estabelecerem os esteios necessários para o embate, ou melhor, das ideias espiritualistas, em toda a sua pureza, contra as concepções materialistas e pseudo-espiritualistas.

Daí o segredo por que o livro espírita se vem expandindo dentro de

um ritmo acelerado, daí a razão da avidez com que incalculável número de criaturas busca essas obras norteadoras da fé viva, dessa fé que as levará a um mundo melhor!

Eis porque disse alguém, e disse com muito acerto, que um pensamento escrito num livro tem mais força do que uma estátua modelada em mármore, e na história do mundo a pena tem sido mais poderosa do que a espada.

Atentemos, a título de curiosidade, para algumas das opiniões que, a respeito do valor do livro, fizeram vários pensadores ilustres: do *Padre Antônio Vieira:* «São os livros mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, respondem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como à força de tratar com pessoas honestas e virtuosas se adquire insensìvelmente os seus hábitos e costumes, também à força de ler os livros se aprende a doutrina que eles ensinam.»; de *Stefan Zweig:* «O progresso do mundo inteiro se baseia no livro. Sem ele, a chamada civilização não existiria. Quando lemos, penetramos na alma dos outros homens, pois que vemos com seus olhos e pensamos com suas inteligências. Quanto mais perto estivermos do livro, mais profunda será a nossa concepção da vida.»; de *Eduardo Renato Lefebre de Laboulaye:* «O livro é uma voz que se ouve, uma voz que nos fala; é o pensamento vivo de uma pessoa separada de nós pelo espaço e pelo tempo; é uma alma»; do *Padre Sena Freitas:* «O jornal é o arroio que desliza e passa; o livro é o lago que colige e guarda.»; do *Barão Ramiz Galvão,* então decano dos educadores brasileiros, colhemos esse pensamento: «O livro é prodigioso talismã que opera milagres. Abençoemos o Livro!»; de *Coelho Neto:* «Que é o livro? tesouro que não se esgota e que, quanto mais nele nos sortimos, mais cresce, como aqueles cinco pães e os dois peixes que, abençoados por Jesus, se multiplicaram prodigiosamente, fartando a mais de cinco mil homens — sem falar em mulheres e menores —, como nos diz o evangelista. O homem que lê tem a sua independência, guia-se por si mesmo, porque, em verdade, o livro é uma bússola. Um povo de analfabetos vale tanto como uma multidão de cegos — nunca poderá gozar a Liberdade, que é luz, que só se manifesta aos que vêem.»; de *Marcel Prévost:* «O livro é uma urna maravilhosa, cujas cinzas têm vida.».

Os que conservam a luz sob o alqueire, bem pesando todos esses valores, e atemorizados com os danos que essa arma, que é o livro, poderá causar aos seus interesses, tiveram, em época que já vai longe, a triste ideia de levar ao fogo inquisitorial, além de várias publicações de natureza espirita, numerosíssimos exemplares das obras até então escritas pelo grande Codificador: «O Livro dos Espíritos», «O que é o Espiritismo», «O Livro dos Médiuns» e colecções da «Revista Espirita».

Esse desespero, essa fraqueza, essa intolerância, esse crime que feria princípios de direito internacional, enfim, essa atitude caricata, assumida pelo Bispo de Barcelona, ficou conhecida, na história do Espiritismo, com o nome de «Auto-de-fé de Barcelona».

Não será fora de propósito que transladernos para estas colunas o extracto da acta da execução da sentença desse Bispo: «Neste dia, nove de Outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, no local onde são executados os criminosos condenados ao derradeiro suplício e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber: *O Livro dos Espíritos,* por Allan Kardec, etc.». A respeito desse acto ignominioso e infantil, o «Espírito da Verdade» disse a Allan Kardec, entre outras coisas, o seguinte: «Deves compreender quanto uma perseguição tão ridícula, quão atrasada, como essa, poderá fazer a bem do progresso do Espiritismo na Espanha.». E assim aconteceu.

O livro espirita, cujo pioneiro foi «O Livro dos Espíritos», preenche admiràvelmente os preceitos estabelecidos por Denham, poeta inglês, que, ao referir-se ao livro em geral, disse que eles deveriam conduzir a uma destas finalidades: sabedoria, piedade, deleite ou utilidade.

E em toda a vasta biblioteca surgida por efeito da Codificação kardeciana os seus leitores encontram sempre oportunidades de iluminarem suas inteligências, sedentarem sua sede de conhecimentos, aformosearem seus corações e enriquecerem seus espíritos com coisas úteis e que muito lhes servirão para lutarem a bem da colectividade e em proveito de sua evolução.

Os lares espiritas devem possuir uma biblioteca formada com as obras da Terceira Revelação, de maneira que estas estejam sempre ao alcance de seus familiares, porque de seu manuseio constante, de todas as horas e de todos os instantes, muitos lograrão modificar seus ímpetos, e mais tarde, talvez, quando a desdita se apresentar para experimentá-los, sàbiamente saberão defender-se, graças às lições que lhes ficaram impressas nas almas.

A biblioteca espirita será sempre a voz silenciosa, imparcial e amiga que há-de orientar os passos dos que dela se socorrem com o desejo de acertarem ou de se corrigirem.

Do grande Castro Alves, o poeta jovem que tão bem soube cantar, através de sua lira inspirada, o martírio dos escravos negros, são estes versos:

Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros a mão-cheia...
E manda o povo pensar!

e esses versos bem reflectem a acção silenciosa, mas profícua, da Casa de Ismael, que bem cedo soube compreender e seguir as directrizes que lhe foram inspiradas do Alto: a difusão do Espiritismo, não sòmente pela simples palavra de seus oradores, porque as palavras se perdem fàcilmente, ficam logo esquecidas, ou são deturpadas, mas por meio do livro, para que os ensinos permaneçam inalterados e vivos pelos séculos afora, levando o esclarecimento a todos os necessitados do presente e do futuro. É sem dúvida um trabalho árduo o de semear livros, livros a mancheias por todos os recantos da pátria do Cruzeiro e até fora de nossos limites geográficos. Esta grande tarefa, graças à qual o Espiritismo no Brasil é, sem vaidades, o expoente maior do Mundo, pelas suas mais diversas realizações, tem sido executada pela FEB, apesar das dificuldades e da incompreensão de alguns irmãos.

Não contassem os Espíritos com os elementos materiais capazes de fixarem e divulgarem seus ensinamentos em larga escala e, sem dúvida, muito, muitíssimo mesmo, se perderia de bom e de belo. Milhares de seres ficariam impossibilitados de ouvir a sua palavra consoladora.

Cooperemos, pois, todos nós, com a nossa parcela de sacrifício e de boa vontade, a prol da difusão do livro espirita, porque só assim estaremos proporcionando ao Brasil e ao Mundo, para sua maior felicidade, a palavra dos maiores do Espaço, a palavra de inspirados companheiros encarnados, ao mesmo tempo que, de modo admirável, estaremos homenageando o ínclito missionário que, pelo livro, se revelou o bom senso encarnado, na feliz expressão de Camilo Flammarion!

(Do *Reformador*, do Rio de Janeiro, n.º de Abril de 1953).

ESPÍRITO E MATÉRIA

Por HENRIQUE MAGALHÃES

CASIMIRO Pitanga era materialista incorrigível. Quem lhe quisesse falar em espíritos ou Espiritismo era repelido imediatamente. Se alguém insistia, com o sagrado desejo de lhe abrir os olhos da alma, recebia em pleno rosto gargalhadas sarcásticas e respostas como esta:

— «Não me fale de espiritóides! Conheço o bastante para não acreditar nessas balelas.

Um outro companheiro voltava à carga, relatando casos interessantes passados no seio do Espiritismo, curas realizadas, etc., mas o Pitanga não se dava por vencido. Irónico, respondia:

— Meu tempo é precioso para gastá-lo em banalidades. Se fosse criança ainda se justificava me deixasse iludir por essas patranhas, mas, nesta idade, com tantos anos de experiência na vida...

E explodia estrondosa gargalhada, desconcertando os companheiros e terminando a conversa.

Os anos passaram, aumentando os cabelos brancos do nosso herói.

Em determinada época o prédio onde morava o Casimiro foi vendido e o novo proprietário pediu a casa para nela se instalar. Nessa altura começou a via-sacra do nosso amigo. É que no prédio que ele alugou começaram a dar-se coisas estranhas... Os móveis eram arrastados; os pratos caíam ao chão, produzindo enorme estrondo; um gato miava, bem próximo a seu quarto e até parecia ouvir-se o rosnar de um cão, no corredor!

Na primeira noite que essas coisas se produziram nosso herói acendeu a luz, pegou num revólver e com ares de valente gritou: — Pega ladrão... pega ladrão... vou dar-lhe um tiro...

Passados momentos, o bastante para que os pseudo ladrões fugissem, Casimiro abriu a porta do quarto, muito cauteloso, acendeu as várias lâmpadas e passou em revista toda a casa. Mas aí o esperava a maior das decepções!... Móveis, pratos, etc., tudo estava em seus lugares e o que é mais estranho, as portas e janelas continuavam fechadas, sem o mínimo vestígio de arrombamento. Gato e cão também não existiam em casa.

Bastante contrafeito, o Pitanga murmurou: «Ué! Quem provocou todas estas coisas?!...».

Nessa altura lembrou-se das palavras dos amigos, ao lhe relatarem casos idênticos, provocados por espíritos. Aí a coisa mudou!...

Olhos desmedidamente abertos, cabelos eriçados, nosso amigo meditava, meditava...

Para espantar o medo deixou as luzes acesas até manhãzinha.

Os dias passavam e o Casimiro esqueceu os estranhos acontecimentos, voltando à posição anterior, ou seja, de negador incorrigível, mas quando menos esperava repetiram-se os fenómenos, com mais violência ainda.

— Que diabo será isto? — pensava o Casimiro. Será que os espíritos existem mesmo?...

Após várias noites de insónia lembrou-se, afinal, de que tinha chegado à localidade um homem respeitável, e que seus amigos espiritas lhe tinham anunciado que essa criatura era profundo conhecedor das coisas da além.

— Porque não vou procurá-lo? — monologava o Pitanga —. É pessoa desconhecida e em frente da qual não tenho de que me envergonhar.

Raciocinou dessa farma por lhe aflorar à mente as reiteradas negativas junto a seus amigos e também a maneira sarcástica com que recebia suas sábias sugestões. Pensando assim dirigiu-se certo dia à casa do sr. Carlos, o espirita de quem tanto se falava.

Ao deparar com o desconhecido mirou-o, de alto a baixo. Longas barbas, alvas como a neve, rosto simpático, o desconhecido caiu logo na simpatia do Casimiro. Apresentando-se a si próprio, o Pitanga entrou logo no cerne da questão. Por seus lábios desfilaram todas as peripécias nos mínimos detalhes. Por fim rogou, embora com uma pontinha de dúvida pairando em seu espírito:

— Que me diz a respeito, sr. Carlos? Será que poderei contar com seu concurso? Tenho informes de que o sr. é profundo conhecedor desses assuntos!

O sr. Carlos, que intencionalmente se manteve calado durante toda a narrativa, abriu-se num sorriso franco, cofiou as alvas barbas e respondeu:

— Como não! Estou inteiramente ao seu dispor.

Começaram a sair de seus lábios narrativas análogas às que se vinham desenrolando na casa do visitante. Falou-lhe nas experiências levadas a efeito pelo sábio William Crookes, nas irmãs Fox, nos trabalhos encetados por Charles Richet, Lombroso, Bozzano e outros expoentes da ciência, em seu tempo, na velha Europa. A certa altura da palestra, meio tonto com o que ouvia, o Casimiro atalhou, indagando:

— Mas... então é verdade que há espíritos!

Sorrindo, o ancião fez um gesto significativo e redarguiu:

— Sem dúvida alguma. E para o elucidar melhor revelou-lhe à queima-roupa;

— O senhor mesmo é um espírito.

— Eu, um espírito!... gemeu o infeliz, assombrado. Maquinalmente o Pitanga apalpou-se, a ver se se achava a si próprio, tal o choque que sofreu.

— Sim — continuou imperturbável o sr. Carlos —, o meu amigo, eu e toda a humanidade somos espíritos encarnados.

E começou a ministrar ao outro noções muito rudimentares a propósito da nossa personalidade, como se faz com uma criança nos primeiros meses da escola.

— Quando o senhor não consegue dormir, por este ou aquele motivo — prosseguiu — no dia seguinte levanta-se cansado, não é verdade?

— Realmente — respondeu o Casimiro, um tanto apalermado —, já tenho experimentado essa angústia. Mas qual a relação entre esse pormenor e o nosso caso?

O sr. Carlos tomou de novo a palavra e elucidou:

— É que o nosso espírito acha-se ligado ao corpo enquanto está em estado de vigília, transmitindo-lhe todas as impressões através do sistema nervoso. Além disso, cabendo-lhe comandar todo o organismo — de vez que este é passivo, ao passo que o espírito é activo — nós, que verdadeiramente somos o espírito ou ser pensante, mantemos o corpo em permanente movimento, não lhe permitindo repouso. Em casos tais, o nosso físico, em seu

todo repousa na cama, mas os seus membros continuam em movimento, tangidos por nós mesmo, ou seja o espírito. É lógico, portanto, que, continuando em constante movimento, o nosso corpo sinta fadiga ao levantar, embora aparentemente nos pareça que o corpo repousou. Além dessa particularidade, cumpre saber que as nossas impressões, boas ou más, são transmitidas por nós, o espírito, ao corpo, através do sistema nervoso. Se essas impressões são derivadas de preocupações graves, etc., o corpo sente em cheio essas vibrações, em forma de choque eléctrico, cujas descargas abalam certos membros do organismo, causando-lhes, por vezes, graves moléstias.

— ?...

— Sim, não ponha dúvida nesta revelação, sr. Casimiro. O que lhe afirmo é pura verdade.

E para dar base mais consistente às suas conclusões, o velhinho continuou:

— Por outro lado, quando se manifesta o fenómeno do sono é justamente no momento em que nós, o espírito, deixamos o corpo, embora fiquemos preso a ele por pequeno laço fluidico, o qual faz o papel de sentinela avançada. Naturalmente, estando a força motriz — o espírito — deslocada, mantêm-se todos os membros do corpo em absoluto estado de repouso, a que denominamos «relaxamento», e vem daí a sensação de leveza e bem-estar que todos nós sentimos ao terminar o sono. Podemos tomar por analogia uma máquina movida a electricidade. Ao ligar-se à corrente, toda a máquina se movimenta, vibra em todas as direcções. Quando se desliga a força, a máquina pára e descansa. O espírito representa para o nosso corpo o que a electricidade é para a máquina, com a única diferença de que o espírito é a parte inteligente que dirige, ao passo que a electricidade, embora seja activa, necessita que a dirijam. Compreendeu?

O Pitanga, de boca aberta e assombrado com o que ouvia, respondeu, quase que maquinalmente:

— É! Estou começando a compreender.

Desejando expor a coisa mais claramente, o ancião prosseguiu:

— A teoria materialista afirma que todos os sentidos fazem parte integrante do corpo, ou seja um todo inseparável, não é verdade?

— Oh! Sim! — apoiou o Casimiro, criando fôlego —. Sempre me bati por esse princípio, que julgava indestrutível.

O rosto do velhinho emoldurou-se com um sorriso simpático e prosseguiu:

— Não lhe tem acontecido estar dormindo em seu quarto e alguém, de manhã e algures, mexer em coisas, no seu mesmo quarto, sem ser por si pressentido?

Casimiro, espantado em face do que ouvia, encarou o interlocutor e exclamou:

— O senhor parece que adivinha! Na verdade, quando às vezes chego atrasado a casa costumo levantar-me mais tarde, o mesmo se dando aos domingos. Nesses dias, quando eu acordo, já a minha mulher tem feito o café e às vezes chega mesmo a arrumar a roupa que deixei em desalinho dentro do meu quarto, por cima dos móveis, na véspera, para não amarrotar, sem que eu note todo esse movimento por me achar adormecido.

Como o bom esgrimista que aproveita o momento asado, o sr. Carlos indagou:

— Se todos os sentidos são parte inseparável do corpo, como afirmam os materialistas, porque os seus ouvidos, que fazem parte integrante desses sentidos, não escutam o barulho das pisadas, do movimento de panelas, etc., na cozinha, e de um ou outro esbarro em algum móvel?

Casimiro arregalou as órbitas, franziu a testa e, respirando fundo, respondeu:

— Eh, mesmo, sr. Carlos! Por essa não esperava. Nunca me veio à mente semelhante coisa.

Com ar triunfante e palavras doces, o ancião ponderou:

— Não é só ao meu amigo que escapam essas coisas, aparentemente banais mas de subida importância. Milhões e milhões de criaturas seguem o mesmo caminho, despercebidas das grandes verdades.

Poisou o seu terno olhar no interlocutor e prosseguiu:

— Na verdade, a criatura humana é formada de duas partes distintas: o corpo físico e o espírito, compreendendo-se que este está fortemente ligado ao corpo perispiritual, formando os dois últimos um todo.

A explicação sobre a ligação do corpo etéreo ao espírito será motivo de outra palestra.

— Quando o corpo dorme, o espírito sai e vai para o espaço, ou deambula na Tera, visitando lugares e pessoas, deixando aquele em completo repouso. Estando todos os sentidos ligados ao corpo etéreo, onde tem a sua sede, segue-se que, quando este deixa o invólucro material, priva-o da audição e de todos os outros sentidos, e é devido a isso que o meu amigo não escuta barulho em torno de si enquanto dorme.

Nessa altura o rosto de Casimiro iluminou-se, demonstrando completa compreensão, ao mesmo tempo que o velhinho sorria, externando a sua alegria íntima. Concluíndo, disse:

— Aí tem o sr. Pitanga, comprovada por si mesmo, a existência do espírito, independendo do corpo.

Casimiro estava abismado e ao mesmo tempo radiante em face das revelações recebidas. A sua teoria de que tudo nos seres é matéria, acalentada há tantos anos, ruiu por terra, em poucos minutos, diante dos golpes demolidores da ciência nova, trazida à Terra pelos espíritos de luz. Saíndo do assombro que o assaltara, exclamou:

— Agradeço-lhe imenso, sr. Carlos, o seu grande auxílio. O senhor tirou-me a venda dos olhos. Compreendo agora que o espírito independe do corpo e que há espíritos e espíritos, ou seja, encarnados e desencarnados.

Fez um gesto para despedir-se, mas, com a mão, bateu na testa, como quem se lembra de algo importante e indagou, súplice:

— E a propósito, o senhor não me indica o remédio para terminar com o barulho que os espíritos lá produzem em casa?

O sr. Carlos sorriu com o inesperado da pergunta e aconselhou:

— Bem, isso é outra coisa. Compareça hoje à noite à reunião, no nosso «Centro», para tratarmos do assunto.

(Do livro em preparação «Lições de Vôvô»).

AOS ASSINANTES BRASILEIROS

Aos prezados assinantes do Distrito Federal que mudem de residência rogamos o favor de comunicar seu novo endereço aos nossos representantes José Carlos de Chelmicki Afflalo ou Henrique Magalhães, Avenida Passos, 30-1.°, Rio de Janeiro pois muitos exemplares se têm extraviado por falta dessa indicação.

Aos assinantes do interior fazemos igual pedido, isto é, que informem o nosso representante na zona onde residirem, para que não sofram interrupções na remessa da revista.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A VIDA DE ALLAN KARDEC

De *La Idea*, de Junho último, extraímos a seguinte notícia:

«*São Paulo, Brasil* — Pelo jornal espírita brasileiro *Orientador*, sabemos que a firma local denominada «Costelo Films S. A.» requereu ao Departamento Nacional de Propaganda Industrial o registo da patente para filmar uma película que se intitularia «A Vida de Allan Kardec».

«Não pode ter maior ressonância o facto de se passar à celulóide a vida transcendente do codificador espírita, pois o que este espírito representa no mundo do saber humano ainda permanece obscurecido ou desconhecido para muita gente que o admiraria em toda a grandeza, se conhecesse os aspectos sublimes que esmaltam a sua vida de estudioso, sua alma pura e dotada do privilégio de nos haver dado a Mensagem Espírita que hoje conhecemos».

Sim, não poderia ter maior ressonância no mundo profano e todos ficariam sabendo quem é a figura máscula que em boa hora codificou a doutrina espírita.

A propósito, damos um pequeno resumo da sua biografia extraída do *Reformador*, órgão da Federação Espírita Brasileira. Primeiro, vejamos os diplomas e títulos principais obtidos na sua carreira de professor:

1.º — Diploma de fundador da Sociedade de Previsão dos Directores de Colégios e Internatos de Paris (1829).

2.º — Diploma da Sociedade de Instrução Elementar (1847); Secretário Geral: H. Carnot.

3.º — Diploma do Instituto Linguístico fundado em 1837.

4.º — Diploma da Sociedade de Ciências Naturais de França (1835). Presidente: Geoffrey de Saint-Hilaire.

5.º — Diploma da Sociedade de Educação Nacional, constituída pelos directores de Colégios e Internatos de França.

6.º — Diploma da Sociedade Gramatical, fundada em Paris em 1807, por Urbain Domergue (1829).

7.º — Diploma da Sociedade de Emulação e de Agricultura do Departamento de Ain (1828). Rivail (Allan Kardec) foi designado para apresentar e expor em França o método de Pestalozzi.

ALLAN KARDEC

8.º — Diploma do Instituto Histórico, fundado em 1833 e organizado em 1834. Presidente: Michaud, membro da Academia Francesa.

9.º — Diploma da Sociedade Francesa de Estatística Universal, fundada em 1820, em Paris, por César Moreau.

10.º — Diploma da Sociedade para Fomento da Indústria Nacional, fundada por Jomard, sócio do Instituto.

11.º — Medalha de ouro (1.º prémio) conferida pela Sociedade Real de Arrás em concurso realizado em 1831 sobre educação e ensino.

Eis as obras principais de Hipólito Denizar Rivail publicadas durante o professorado:

a) *Curso Prático e Teórico de Aritmética segundo o Método de Pestalozzi* — 2 volumes (1824).

b) *Plano para o melhoramento da Instrução Pública* (1828).

c) *Gramática Clássica Francesa* (1831).

d) *Qual o sistema de estudos mais adequados à época* (1831), obra premiada pela Academia Real de Arrás.

e) *Manual dos exames para certificação de capacidade, soluções racionais de perguntas e problemas de Aritmética e Geometria* (1846).

f) *Catecismo Gramatical da Língua Francesa* (1848).

g) *Programa dos cursos ordinários de Química, Física, Astronomia e Fisiologia* (1849).

h) *Pontos para os exames na Municipalidade e na Sorbona* (1849).

i) *Instruções sobre as dificuldades ortográficas* (1849).

Era bacharel em ciências e letras aos 18 anos e doutor em Medicina aos 24. Pedagogo eminente, regeu cursos de Química, Matemática, Astronomia, Física, Fisiologia, Francês, Retórica e Anatomia Comparada e conhecia a fundo, além do seu idioma pátrio, o alemão, o inglês e o holandês, exprimindo-se fàcilmente nestes idiomas. Também possuía sólidos conehcimentos de latim e grego e falava correctamente espanhol e italiano.

Como se vê, *Allan Kardec* (come-

çou a usar este pseudónimo quando se converteu ao Espiritismo) não foi um *reles caixeiro viajante*, como certos caixeiros reles lhe chamaram, mas uma verdadeira sumidade que honrou a França imortal, antes de erguer o grandioso monumento espírita conhecido por *Codificação Kardeciana*... Seria, pois, um ruidoso acontecimento levar ao cinema a biografia do homem, cujas obras, em português, já ultrapassaram um milhão de exemplares.

O ESPIRITSMO NAS FILIPINAS

A *Revista Espirita do Brasil*, do Rio de Janeiro, escreve o seguinte acerca do Espiritismo nas Filipinas, onde o nosso movimento tem operosos cultores:

«Em todas as sociedades do arquipélago, cuja capital é Manilha, onde está a sede da União Espiritista Cristã (entidade central federativa), segue-se a orientação de Allan Kardec. É o que nos informa a correspondência da própria União Espiritista. Nossos irmãos das Filipinas declaram-se *espiritas*, aceitam a reencarnação, orientam-se pelas obras de Allan Kardec divulgadas em espanhol, porque a língua inglesa tem ali grande influência. Podemos dizer que não seguem a *escola espiritualista* inglesa, que prefere o fenómeno e não aceita a tese reencarnacionista. Diz-nos, em sua última carta, o presidente daquela União: «O Espiritismo (lá não se diz «Espiritualismo», como os ingleses, ou «Moderno Espiritualismo», como os norte-americanos, mas *Espiritismo*) não foi implantado aqui pelos espanhóis, os quais, até, com seus padres, movem campanha constante contra o nosso movimento, nos púlpitos e nos jornais. Nós, porém, estamos calmos e só respondemos com delicadeza. É assim que retribuímos os insultos dos nossos intolerantes adversários». As publicações espiritas dos Filipinos, como nos informa o confrade Tibúrcio Ramirez, são escritas na língua nacional (Tagalo), e por isso, infelizmente, não podem ser divulgadas fora do seu território. O movimento espirita das Filipinas está, porém, muito adiantado, especialmente do ponto de vista cultural».

Isto é a bola de neve que rola sempre. Onde há um homem, há um espírito. Que admira que a nossa doutrina dê a volta ao mundo a tonificar as almas, chamando os famintos ao banquete espiritual?... Se ela é doutrina de verdade...

MÉDIUM-PINTORA

O jornal *República*, de Lisboa, inseriu em 31 de Julho a seguinte notícia, sob o antetítulo de «Arte Sonâmbula»:

«A senhora Franca Biscia Micca, de Turim, nunca soube pegar num pincel até aos 62 anos, nem aprendeu, tão pouco, as mais elementares noções de pintura, ou para a arte mostrou qualquer inclinação. Há três meses, porém, levantou-se numa noite de insónia e de estranho mal-estar e, sem quase dar por isso, agarrou numa caixa de lápis de cor, comprada para oferecer a um neto, e pôs-se a desenhar. Estranha febre a dominava e parecia-lhe ver as imagens estampadas no papel, como se o lápis apenas as recalcasse, com espantosa velocidade e sem esforço algum. Quando terminou o desenho, advorecia e sentia-se aliviada.

«Desde essa noite, a sr.ª Biscia Micca tem continuado a pintar sem se preocupar em saber que estranha força a inspira nesses trabalhos de arte. E o facto teria ficado, certamente, ignorado, se um industrial amigo da referida senhora não visse, por acaso, um dos seus desenhos. Por curiosidade, mostrou-o a um crítico de arte, que não queria acreditar que o desenho tivesse sido feito durante uma crise de sonambulismo. Em sua opinião, a pessoa que tinha feito aquele desenho devia trabalhar há muitos anos e conhecer a fundo o mester.

«Muitos pintores e estudiosos de ciências metafísicas quiseram, depois, conhecer a referida senhora. Aventaram-se numerosas hipóteses sobre estas pinturas «nocturnas» e uma sociedade teosófica interessou-se também pelo assunto.

«Certo médium quis acompanhar Biscia Micca e diz ter comunicado com a «entidade» que lhe guia a mão, que seria um pintor chinês que viveu durante a terceira dinastia. A senhora Micca, porém, não acredita que esse pintor chinês soubesse pintar com o vigor impressionista que ressalta das suas obras, comparadas por uns às de Rousseau, e, por outros, às de Leonardo da Vinci. No entanto, há um desenho seu em que as figuras têm traços caracteristicamente orientais.

«Um dos aspectos mais curiosos deste caso é que as pinturas têm às vezes carácter profético.

«Na noite precedente ao «tornado» que derrubou a Mole Antonelliana, em Turim, a sr.ª Biscia Micca pintou um bosque sacudido pela tempestade. E doutra vez, depois de ter desenhado um grupo de chineses em fuga, aterrorizados, um ciclone devastou a província de Pequim.

«Uma nota singular dos seus quadros é que a todas as figuras românticas falta a mão esquerda. Diz a sr.ª Biscia Micca que talvez o seu inspirador saiba que ela estudou quirologia e não queira que lhe leia o segredo...

«As vizinhas julgam-na bruxa e crêem que tudo aquilo seja obra do Diabo... Mas a sr.ª Biscia Micca, que por sinal é fervorosa católica, não se preocupa com os ditos das comadres e julga serem os anjos que lhe guiam a mão...».

Este relato vem acompanhado da fotografia da referida senhora, cujas mãos seguram o quadro «Tornado sobre Turim», e extraímo-lo da secção «Ciência. Letras» do mesmo jornal. A maneira como o articulista se refere ao assunto constitui um passo em frente na atitude da imprensa portuguesa.

FACTO ESPIRITA

Do semanário *O Poder*, de Belo Horizonte, Minas Gerais, extraímos a seguinte notícia:

«Na Academia de Medicina de Paris, o cientista Marinesco apresentou a seus pares e ao grande auditório que enchia o salão, o caso que passamos a narrar: uma jovem estudante de Direito, que fizera, com distinção, os exames do primeiro ano, adoeceu em seguida de grave enfermidade, a que sobreveio prolongada letargia. Desperta da letargia e curada da doença, era outra pessoa em espírito.

«Esquecera completamente a língua francesa, seu idioma, e passou a usar a mão esquerda com admirável agilidade, contra seus hábitos anteriores. Exprimia-se em 12 idiomas. Tratava-se, em suma, de uma entidade em tudo diferente da jovem estudante.

«Explicação para o caso? «Coisas do subconsciente» — dirá a ciência materialista. «Manifestação do sexto sentido» — afirmará a metapsíquica do sr. Charles Richet. «Mediunidade poliglota» — ensina o Espiritismo, por se tratar de outra entidade espiritual no corpo da moça.

«Com que tese, a razão?

«Só examinando todas as teorias para aceitar a verdadeira, a mais demonstrável, a melhor, a conselho da doutrina espirita, parafraseando Paulo de Tarso».

Esta notícia saiu no *Deustsche Nachirichten*, de S. Paulo.

Charles Richet, em carta a Ernesto Bozzano, disse que a teoria espirita era a mais simples e mais verdadeira.

Notas & Comentários

FIDELIDADE DE UM CÃO

Segundo relata Psychic News, o jornal escocês Evening Dispatch publicou a seguinte notícia, verdadeiramente emocionante para quem viva mais do espírito, que da matéria:

«A dona de Sandy sofria de amnésia. Ùltimamente, vagabundeava durante 12 horas seguidas, mas Sandy, o seu cão fiel, não a abandonava. Quando a dona perdia as forças e desfalecia, Sandy chamava a atenção de um automobilista, que levava a doente ao hospital».

«Um espírita dirigiu-se ao jornal, perguntando:

«— Quem teria incitado o cão a proceder assim? Os cães terão alma? Muitos pensam e respondem que sim. Então, poderá um animal como Sandy terminar a existência na mesa de vivissecção?».

«Muitos animais são mais fiéis do que alguns homens... e possuem o sexto sentido, coisa que muitos humanos perderam»...

Grande verdade nestas últimas palavras! Já Vítor Hugo dizia que quanto melhor conhecia os homens, mais gostava dos cães...

«CADERNOS DE MEDICINA NATURAL»

O director desta revista, de colaboração com o nosso confrade e amigo Dr. Fred Wachsmann, acaba de lançar uma publicação de interesse geral que se dirige a todos os amantes da vida sã. Medicina Natural é o título do mensário e destina-se a orientar o homem, dando carácter científico ao naturismo tradicional e dogmático; pugnando pela reforma mental e observação das leis naturais, a fim de se conseguir vida longa e pura; pela substituição dos meios preventivos farmacológicos, lutando contra o jogo, a prostituição, a exploração de menores, os vícios e a literatura imoral.

Além disso, preconiza alimentação moderada e científica, quanto possível vegetariana, casas arejadas, vestuário higiénico, criação de jardins públicos, balneários citadinos, etc., etc.

Estes cadernos têm o formato de livro para serem fàcilmente manuseados e são de leitura sintética e variada. Tudo é útil nas suas 20 páginas sugestivamente apresentadas. A assinatura anual é de 16 escudos, acrescida das despesas de cobrança.

Todos os leitores de Estudos Psíquicos lucrarão com a aquisição dos cadernos de Medicina Natural, pois neles encontrarão matéria de grande alcance profilático.

Prevenir a doença é mais racional do que ter de ensinar o processo de cura, sobretudo para quem reside em localidades onde não há médico.

Medicina Natural é, pois, um complemento de Estudos Psíquicos. Um cuida do corpo, outro cuida da alma, duas coisas que reagem intimamente, tão solidárias se apresentam na vida quotidiana.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser dirigidos à Rua do Salitre, 149, 1.º, Lisboa.

A OPINIÃO DOS OUTROS

O Centro de Investigações Psíquicas de Ozabal, Mardel Plata, Argentina, enviou ao Director desta revista uma carta honrosa, da qual salientamos os seguintes períodos, que agradecemos, para compensar os vitupérios com que de vez em quando nos mimoseiam:

«Atendiendo una disposición de la Comissión Directiva de esta Institución, nos complacemos en hacer el texto de su resolución unánime:

«Transmitir al distinguido paladin de la Causa, el dilecto hermano Isidoro Duarte Santos, un sincero y efusivo saludo de reconocimiento por sus constantes y fructíferos esfuerzos en favor del hermoso Ideal que nos vincula, como por su dedicación puesta al servicio de la difusión espiritista por médio de la revista Estudos Psíquicos, de su digna dirección, que constituye una valiosa tribuna de doctrina y cuyo envío honra la mesa de lectura de nuestra Biblioteca, mereciendo nuestro mayor agradecimiento.

«Sea esta carta portadora de los sentimientos más puros de confraternidad y sirva para iniciar una corriente constante de vinculación entre nosotros y a la vez portadora de los saludos cordiales de éste Centro».

Ass.) Atilio A. Metez, presidente, e Francisco Garcia Montoro, secretário.

Muito agradecemos ao Centro mencionado a imerecida prova de consideração que distinguiu a nossa humilde tarefa em prol da doutrina espírita. Que ela sirva de estimulante no esforço cada vez maior que estamos a realizar.

MACKENZIE KING ESPIRITA

O «Paris-Presse» de 25-12-1951 publicou o seguinte:

«M. L. Mackenzie King, primeiro ministro canadiano durante 21 anos e falecido em Julho de 1950, era espírita. Tal é a revelação feita pela senhora Hamilton, viúva do Dr. T. Glenn Hamilton, espírita notável, ao publicar algumas cartas escritas há 18 anos, em que o antigo ministro relatou uma conversa que teve com o espírito de Robert Louis Stevenson, célebre autor do livro «Ile au Tresor».

«Mackenzie King começou a estudar o Espiritismo há mais de 30 anos, a conselho da Marquesa de Aberdeen, e manteve secretas as suas actividades neste campo com receio de alienar a simpatia dos católicos do Canadá francês, que não lhe teriam dado certamente o seu voto se soubessem que era espírita. Além disso, era profundamente religioso. Militava no presbiterianismo e conversava muitas vezes acerca da sua crença espírita com o pastor Dr. Ian Burnet, a quem contava as conversas que tivera com os espíritos de sua mãe e do presidente Roosevelt.

«Estas revelações, que esclarecem de maneira nova a forte personalidade de Mackenzie King, causaram profunda emoção no Canadá, onde foram objecto de todas as conversações».

No Canadá e em todo o mundo culto, sobretudo anglo-saxónico. É tão estranha para alguns a crença espírita, que arregalam os olhos de admiração quando sabem da profissão de fé de pessoas eminentes como Mackenzie King, Lorde Dowding ou Conan Doyle. Quão atrasado está o mundo em matéria espiritual!

Noticiário

38.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se o 38.º sorteio de livros espiritas cujos prémios couberam aos seguintes subscritores:

«Luz da Ásia» (Vida de Buda)» — D. Maria Ilídia de Lemos Armada, de Lisboa.

«Nos Umbrais do Além» — Rui de Jesus, de Luanda.

«Dois Mundos» — Policarpo Rocha, de Lisboa.

«Graças Sobre Graças» — D. Virgínia Lameiras Fernandes, de Lisboa.

Aproveitamos o ensejo para informar, mais uma vez, que os premiados poderão trocar os livros por outros quaisquer à sua escolha, existentes em nosso catálogo, desde que entrem com a importância correspondente à diferença de preço. Também o tesoureiro do Centro e encarregado dos sorteios informa que tem dado preferência às obras de *Estudos Psíquicos Editora* nos prémios distribuídos, em virtude do grande desconto com que tais obras são adquiridas com destino à beneficência.

ATENÇÃO, LEITOR!

Se vires referências ao Espiritismo em qualquer jornal profano, agradecemos que as recortes e no-las envies, com data e nome do periódico em que forem publicadas. É um bom serviço que prestas à Causa, pois assim poderemos contribuir para maior expansão da doutrina e responder ao que mereça resposta.

GEORGES TIRET

O artigo «Seres Sem Rosto», cuja publicação hoje concluímos, é do nosso redactor-correspondente Dr. Georges Tiret, Juiz do Tribunal Civil de Marselha e autor de quatro interessantes livros intitulados «Le Monde Invisible vous parle», «Survie et Métamorphoses», «J'ai vecu après la mort» e «Psycanalyse et Mediumnité».

Estas obras encontram-se à venda nas «Edições de Jean Meyer», 8, rue Copernic, Paris, XVI°.

Os dois trabalhos que publicámos da sua autoria foram insertos, primeiramente, na *Revue Spirite*, de Paris, e no *Spiritualisme Moderne*, de Liège.

O Dr. Georges Tiret promete-nos assídua colaboração e nós congratulamo-nos com o facto, porquanto os seus estudos e experiências fazem dele um escritor que honra as revistas onde escreve.

TRANSCRIÇÕES

Muitos são os jornais e revistas que têm transcrito artigos das nossas páginas, entre eles *Reformador*, do Rio de Janeiro, *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, e *La Conciencia*, de Buenos Aires. Nesta nota agradecemos a deferência, que se reflecte não só em bela camaradagem, como também na difusão da boa doutrina. Mais uma vez dizemos que todos podem transcrever o que entenderem, desde que mencionem a fonte de origem, coisa que alguns não fazem, decerto por esquecimento que eles serão os primeiros a lamentar.

ENCERRAMENTO DE TRABALHOS

No dia 2 de Agosto realizou-se no Centro E. Luz e Amor a sessão de encerramento dos trabalhos, em que falaram vários oradores, dispostos a dar à Causa o melhor do seu esforço. Todos foram unânimes em reunir energias no sentido de fazer mais e melhor, neutralizando assim as dificuldades surgentes que retardam a marcha. Sem projectos pomposos, sem programa novo para 1954, estamos dispostos, todavia, a aumentar o quadro dos oradores e colaboradores. Nós próprios não nos pouparemos a fadigas, antes redobraremos de esforço e vigilância, quer no Centro, quer na revista.

DR. CARLOS IMBASSAHY

Encontra-se doente o nosso amigo e antigo colaborador Dr. Carlos Imbassahy, fogoso polemista e escritor brilhante que muitas vezes tem terçado armas pela doutrina espírita. A onda de frio que assolou o Brasil tevou à cama o grande obreiro da Causa, obrigando-o à imobilidade, em virtude de dores nevrálgicas que o atacaram.

Que ele se restabeleça o mais depressa possível e possa voltar ao seu posto de vigilância, eis os nossos votos. Homens como Imbassahy são raros, muito raros, e de bem difícil substituição em qualquer reduto. Por isso a sua vida é preciosa.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Temos recebido as seguintes publicações, às quais apresentamos os nossos cumprimentos com desejos de progresso:

Revista de Metapsicologia, Luz e Caridade, La Revue Spirite, Spiritualisme Moderne, L'Aube Nouvelle, Psychic News, Two Worlds, Psychic Realm, The Spiritual Healer, Mundo Espirita, Reformador, Revista Espirita do Brasil, O Nosso, O Clarim, Revista Internacional do Espiritismo, O Pensamento, Almenara, O Semeador, Luminar, Jornal Espirita, A Aliança, Mensageiro da União, A Flama, União dos Caixeiros Viajantes, Mensageiro do Órfão, Luz da Verdade, A Luz, Saravá, Jornal de Umbanda, A Luz de Damasco, O Espirita Mineiro, Boletim do Instituto Espirita João Evangelista, A Rosacruz, Boletim da Casa de Saúde André Luís, Boletin de Información e Propaganda, El Siglo Espirita, Predica del Pensamiento Espiritualista Moderno, Forces Spirituelles, Região de Leiria, Progreso Espirita, Survie, La Idea, Constancia, La Fraternidad, La Conciencia e Psychic Observer.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Com destino ao Fundo Permanente de Beneficência recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Ernesto Abrantes, de Benguela, 13$30; Cristiano de Almeida Henriques, de Bissau, 13$50; D. Maria Clementina França, de Lisboa, 20$00; Subscrição do 38.º sorteio de livros espiritas, 150$00. Total — 236$80.

Diversos, para o Grupo de Protecção às Crianças, em Junho e Julho e entregue ao mesmo ..... 422$50

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lanza*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

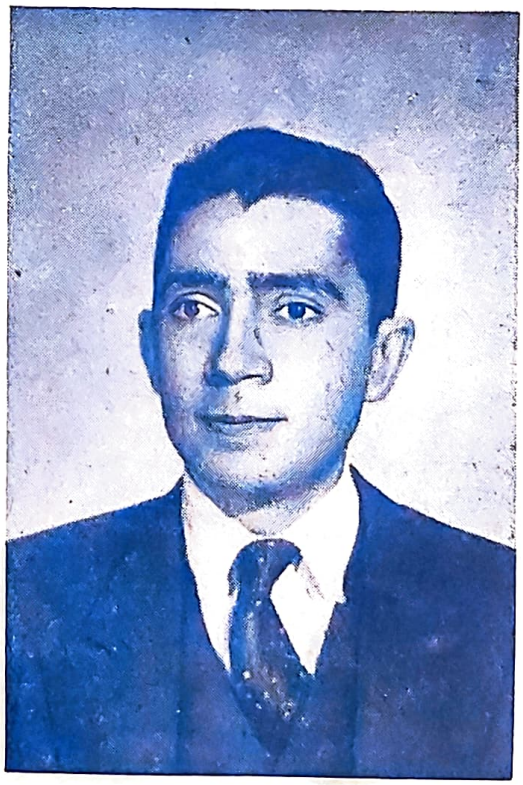
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



PEDRO ALVAREZ Y GASCA

(Ver página 263)

CONTÉM: Concórdia, da **Redacção**; Contra Factos Não Valem Argumentos, por **F. Noronha**; Minha Mãe, por **J. A. de Oliveira**; Projecção Espiritual da Obra de Hidalgo, por **Pedro Alvarez y Gasca**; Falta de Unidade, por **Luís de Barros Castro**; O Homem que Curou 29 Médicos, por **Jean Palaiseul**; Réplica à «Nossa Vida Mental», pelo **Dr. Sérgio Vale**; Hospital Espirita «André Luís»; Conceitos de Allan Kardec, por **Deolindo Amorim**; Vidas de Grandes Religiosos — Swedenborg, por **Henry Thomas** e **Dana Lee Thomas**; A Vida no Além, por **B. B. Martins**; O Espiritualismo e a Mulher, por **Adelaide Ivone de Sousa**; O Segredo do Êxito, por **Cyrilo Aleixo**; Divina Mensagem, por **José Simões de Matos**; Seres Errantes, por **Eduardo Ferreira da Conceição**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

14.º ANO SETEMBRO DE 1953 N.º 9

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores — Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $60,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
Síntese do Livro dos Espíritos	12$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro
Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO | LISBOA, SETEMBRO DE 1953 | N.º 9

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 56605

Composto e Impresso na EDITORA GRAFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 25295 — LISBOA

CONCÓRDIA

Temos assistido ùltimamente a manifestações que se afastam da ética espiritualista e que produzem na opinião pública efeitos contraproducentes. Nem podia deixar de ser assim. Os homens são caracterizados por suas palavras, gestos e atitudes; e a dialéctica, embora eloquente, não desfaz a impressão inicial que fica nos leitores ou nos ouvintes.

Cada baluarte responde pelos seus actos, mas há coisas que os transcendem e ninguém pode alterar o rumo da pedra solta.

Somos espectadores e não queremos ser mais do que isso. Prouvera a Deus que o não fôssemos e antes víssemos esforços concorrentes de combate ao inimigo comum.

A mais bela prerrogativa do espírito é a liberdade de expressão. Ninguém o contesta. Ninguém o pode contestar. Há, porém, limites para tudo e quando se ultrapassa a medida o remêdio é aguentar. Principalmente, se há excessos desordenados.

Podemos defender nossos pontos de vista com argumentos de toda a espécie. Podemos até apaixonar-nos na refrega. O que não é lícito é usar de liguagem imprópria, utilizando vocabulário contundente. Quem assim fizer define-se ou é definido.

Atravessamos um período dificílimo e nem toda a boa vontade chegará para o vencer, incólume. É necessário que um milagre de equilíbrio unifique as almas e as leve à concórdia. Só em paz conteremos a onda que espadana o cairel da vasa, salpicando e maltratando quem passa descuidado. A retaliação gera conflitos, mesmo na defesa lógica, e a violência é mãe da violência.

Uma palavra dura admite-se entre adversários, se um deles é insensato ao serviço da teimosia. Nunca dentro do baluarte e muito menos em torneio público. Isso causa má impressão. Que dirão de nós os que nos combatem? Que dirão aqueles que pretendem desagregar-nos para melhor nos destruir? Não argumentemos engenhosamente, com metáforas insidiosas, que a sabedoria dos simples vale mais que a ciência infusa de certos próceres que se esquecem disto. E muitas vezes é melhor calar do que alardear.

O leitor é infenso à polémica bizantina. O «dize tu, direi eu» passou de moda, estamos fartos dele, e por isso devemos afastá-lo de nossas controvérsias. Se há divergências, resolvam-se em casa. Que tem o mundo profano com as nossas quisílias?

A concórdia espirita, eis o grande objectivo. Uma vez atingido, tudo se resolverá por si mesmo. Dir-nos-ão, porém, que sempre houve e haverá polémicas e que nenhum sector se eximiu a elas. Que em toda a parte há discussões, cisões e violências, e nem por isso o progresso deixa de exercer-se. Mas se essas atitudes galgarem as paredes associativas, induzirão em erro os profanos e quem paga é a doutrina.

A controvérsia menos elevada é índice de precariedade e nenhuma publicação a deve admitir em suas colunas. Valorizemos os nossos orgãos de propaganda com artigos selectos e orientação adequada e o público virá até nós cheio de interesse pelo nosso ideal.

Os directores dos jornais espiritas têm um grande dever a cumprir: exercer censura rigorosa em tudo o que neles se publica, para que se não volte o feitiço contra o feiticeiro. E não esqueçam a concórdia entre os adeptos, indicada pela doutrina e que devemos estimular em todos os actos da nossa vida. O contrário é impressionar desagradàvelmente e enfraquecer o reduto em que se trabalha.

DESDE os bancos da escola secundária soam em minha outiva estas palavras, que formam uma oração gramatical completa, abrangendo um período.

Mormente, quando fui aluno de Filosofia, tendo por professor um homem de autêntico mérito e de saber invulgar.

Depois, pela vida fora, o raciocínio conformou-me com a letra daquela frase e a lógica fortificou-me em seu conteúdo, preclaramente manifesto.

Que mais se me imporia exigível para identificar-me com o seu texto axiomático?

E, se contra factos não procedem argumentos, quais os factos do Espiritismo que brigam com os argumentos formulados em seu apoio ou abono, portanto irredutìvelmente improcedentes?

Se isto constituísse uma realidade, que explicação eficiente justificaria a presença de intelectuais proeminentes, de todas as províncias da Ciência e em todos os graus do saber, nas fileiras dos espiritas? Haveria absurdo maior?!... Enferma de alguma eiva ou pecha o Espiritismo?

O erro é próprio da humanidade, e no melhor pano cai a nódoa; mas, um que outro caso de deslise, de fraude, de má fé, perfeitamente averiguado, dá margem à condenação totalitária duma instituição que é a prireira a escrupulizar quanto aos seus componentes e simpatizantes?

Não são espiritas os embusteiros e videirinhos, que procuram manter-se à custa dos ignorantes, dos ingénuos e dos fanáticos, e contra essa malta cafilosa estão sempre de sobreaviso os centros espiritas em toda a parte e as autoridades constituídas.

Imenso é o bem-fazer do Espiritismo através do mundo, sendo assombrosa e empolgante, neste capítulo, a missão de grandiosidade magnífica em que se investiu por voto próprio a alma brasileira.

O ideal de assistência, debaixo de todos os aspectos, possui, ali, os eloquentíssimos testemunhos de verdade prática, na acção ininterrupta de abnegados cristãos que apreciam Jesus, o grande iniciado palestino, e buscam imitá-lo.

E toda a vastidão povoada do continente americano mostra-se entendida na suma espirita e no seu sublime conceito de fraternidade.

É certo que há lá divergências políticas e incompreensões deletérias, mas o espírito não perde o predomínio que lhe pertence, e os órgãos da imprensa espirita cumprem, sem desamor, o agradável dever de propaganda salubérrima.

Como no título que cobre a presente elaboração se lê o vocábulo FACTOS, tomo a liberdade de inserir nela os que me pareceram, de memória, não deslocados neste lugar e não, por certo, antipáticos ou repugnantes para os leitores que os percorrerem:

João Paulo Freire (Mário), jornalista e escritor contemporâneo de mérito consagrado, teve por padrinho o padre Alexandre António Duarte, que foi pároco de Mafra (1867 a 1869).

Fazendo-lhe referência, em seu livro *Caminhos Percorridos* (Lisboa, 1933), o ilustre e erudito homem de letras diz (págs. 111 *in fine* e 112): «Dizem os *espíritos fortes* que os mortos não voltam. Não discuto o caso, nem é este opúsculo local apropriado para

Contra factos não

Por F. N

isso. Mas conto este facto, a que o leitor pode dar a classificação que quiser. Meu pai, homem rude do campo, habituado a calcurriar os áridos e solitários caminhos das nossas aldeias a toda a hora da noite, não acreditando em aparições nem em almas do outro mundo, foi um dia, ao lusco-fusco, à quinta do meu padrinho fazer não me lembro o quê. Daí a pouco voltava. Vinha pálido, trémulo, mal podendo articular palavra. Interroguei-o:

— «Que tem, meu pai?

«Silêncio. Tirou o lenço, limpou as camarinhas de suor e fixou-me demoradamente.

« — Mas o pai não está bem?!

« — Estou. *Isto* não é nada. Olha lá: tu acreditas que os mortos possam voltar?!

« — Mas porque é que o pai pergunta isso?

« — É que *vi* agora o teu padrinho lá em baixo, ao pé da mina, sentado na pedra do costume.

« — Oh, meu pai!

« — Já te disse, *vi-o*. E não torno lá a pôr os pés.

« — Mas o pai não acredita em *almas do outro mundo*?!

« — Eu não sei se acredito ou se deixo de acreditar. O que te garanto é que *vi* agora, lá em baixo na quinta, o teu padrinho.

«E meu pai, homem forte, não acreditando em bruxas nem duendes, nem sabendo o que

sejam reencarnações nem aparições, tinha tremores de voz ao afirmar-me a sua visão de além-túmulo...».

*

O meu saudoso amigo Couto Brandão, que foi proprietário do desaparecido *Correio Agrícola de Lisboa*, pertenceu ao *Século*, lançou a público como editor, em 1900, a interessante brochura *Para onde vamos? — Estudo sobre a vida futura*, da autoria de P. Lodiel, escrupulosamente vertida pelo não menos saudoso e lúcido jornalista de talento que se chamou Avelino de Almeida e honrou as colunas do aludido *Século* como laureado redactor.

De págs. 118 e 119 dessa brochura transcrevo o seguinte passo:

«Em 1855, o irmão do capitão G. F. Colt,

valem argumentos

ORONHA

de Gartsherrie, Coatbridge (N. B.), achava-se na Crimeia, em frente de Sebastopol, na qualidade de tenente do 7 de carabineiros reais. Em a noite de 8 de Setembro de 1855, escreve o capitão G. Colt, fui bruscamente acordado e vi, em frente da janela do meu quarto, junto do meu leito, meu irmão, de joelhos, envolto numa espécie de leve e fosforescente vapor. Tentei falar, mas em vão. Ocultei a cabeça sob a roupa da cama, não por causa do terror mas para coordenar as minhas ideias. Concluí que isto devia ser um caso de imaginação provocado pelos efeitos da lua sobre um guardanapo ou sobre outro objecto. Mas, erguendo os olhos, vi ainda no mesmo sítio meu irmão, encarando-me com um olhar afectuoso, suplicante e triste. Tentei ainda uma vez falar; a minha língua, porém, parecia presa. Saltando para fora do leito, olhei através da janela e vi que não havia luar. Estava escuro e ouvia a chuva a bater fortemente nas vidraças. Voltei-me e percebi ainda meu pobre irmão Oliver. Fechei os olhos, atravessei a aparição e cheguei à porta do meu quarto. No momento de sair, quando segurava o puxador da porta, voltei-me de novo. A aparição girou lentamente com a cabeça, fitando-me ainda com um ar suplicante e afectuoso e, pela primeira vez, notei-lhe na fonte direita um ferimento donde se escoava um fio vermelho. A face era duma palidez de cera, transparente; jamais esquecerei semelhante visão. Volvidos quinze dias, as notícias da Crimeia confirmaram esta aparição. Oliver Colt havia sido morto no ataque do Redam; recebera uma bala no temporal direito e fora achado trinta e seis horas depois como que ajoelhado no meio de um montão de cadáveres que o mantinham nesta posição».

Alguém que queira certificar-se melhor poderá consultar (*Proceedings of Society for Psychical Research*, London, 1883, vol. I, pág. 124).

*

O desencarnado académico, poeta e conferencista D. Alberto Bramão, no livro *Recordações*, faz esta narrativa:

«Há dois episódios curiosos que dão a estas páginas uma nota especial. Hintze Ribeiro não acreditava em Espiritismo. Uma vez, em sua casa, no Estoril, algumas pessoas lembraram-se de fazer a experiência da mesa de pé de galo. Que espírito haviam de evocar? Alguém lembrou Mousinho de Albuquerque. O Espírito falou e disse: «Rasga a carta». Hintze, que logo compreendeu qual era a carta a que o espírito de Mousinho se referia, respondeu:

« — A carta já foi rasgada há muito.

«O espírito repetiu:

« — Rasga a carta.

«Hintze confirmou:

« — Já foi rasgada.

«Mas o espírito insistiu, até que a senhora D. Joana (esposa do estadista) esclareceu o caso. Hintze tinha-lhe dito que rasgasse a carta, mas não o tinha feito ainda. Tratava-se de uma carta enviada por Mousinho de Albuquerque a uma pessoa amiga e que tinha ido parar às mãos de Hintze Ribeiro. Nela o antigo aio do Príncipe Real dizia coisas violentas contra o Rei. Hintze Ribeiro, no seu monarquismo inabalável, nem sequer desejava que a carta um dia pudesse ser lida por alguém.

«O outro episódio de carácter espirita foi o da carta recebida pela senhora D. Joana no dia seguinte ao da morte de seu marido. Foi-lhe enviada por Fernando de Lacerda, funcionário superior da polícia de Lisboa e medium muito conhecido. Era uma carta de despedida à sua esposa, que o espírito de Hintze ditara. A linguagem era perfeitamente a de Hintze, assim como a sua forma de redigir. Mas o que havia de extraordinário era o fi-

nal, em que fazia referência a uma coisa que era segredo só conhecido dos dois. Não vi a carta; foi a senhora D. Joana quem mo contou. Eu já não duvido de nada, tantas são as coisas inacreditáveis a que tenho assistido. Por isso, quanto a espiritismo, nem creio nem descreio. É assunto que transcende as faculdades raciocinantes. Está quase incluído naquela sentença de Camilo: *O homem não sabe nada de telhas acima.* Mas a verdade é que me fez grande confusão o caso do segredo, que era exclusivamente de Hintze e de sua esposa. Como é que o Lacerda, se não passava de um embusteiro, como muita gente dizia, possuindo apenas faculdades imitativas de formas de pensar alheias, teve conhecimento daquele segredo? Possuiria ele uma excepcional impressionabilidade receptora de pensamento transmitido? Mas para isso era necessário que Hintze, no minuto da sua morte, estivesse a pensar no tal segredo, o que não é natural, visto que vinha conversando com alguns amigos quando a morte o surpreendeu instantâneamente». (Págs. 136 a 138).

*

O bacharel em Direito José Maria Andrade Saraiva, natural do concelho de Aguiar da Beira, onde faleceu, foi funcionário do antigo Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Geral, tendo sido vogal do seu Conselho de Administração, desencarnando aposentado.

Apesar da diferença de idade existente entre nós, a paixão do livro aproximou-nos, tornando-nos não amigos verdadeiros, mas irmãos muito unidos.

Oficialmente, eu era o Encarregado do «Boletim de Emigração», e no «Boletim de Previdência Social» não era escassa a colaboração de Saraiva, que, a meu convite, elaborou um estudo para aquele. Em suma, as nossas relações estreitaram-se mais e mais na esfera de cultura pròpriamente dita.

A esse tempo nada me ligava ao Espiritismo, aliás já não estranho para mim, mas não me interessando.

Andrade Saraiva encontrava-se, a tal respeito, em situação idêntica.

A sua inclinação científica revelava-se no campo económico e, entre as publicações em brochura que deixou, figura uma obra de que foi editor, intitulada *Perigos Que Ameaçam A Europa e a Raça Branca.*

Depois que, fora da actividade por aposentação, resolveu ir habitar a terra natal, continuámos a conviver por correspondência regular e, sempre que vinha à capital, de longe em longe, avistava-se comigo, pedindo-me com insistência que o fosse visitar e ser seu hóspede.

Ambos colaborávamos no semanário *Gazeta do Sul,* de Montijo.

Um dia, decorridos alguns anos, indo a um quarto da minha residência, onde desencarnaram duas pessoas de família muito queridas, parando diante do local em que uma delas exalara o derradeiro alento, no meu lado esquerdo, e cerrando as pálpebras, na posição de sentido, surgiu-me do lado direito, de perfil, o rosto de Saraiva, em quem não pensava no momento, e reconheci-o nìtidamente, soltando a seguinte frase: «Este é o Saraiva».

Ocorreu o caso a meio duma semana.

No domingo próximo, recebendo o exemplar da *Gazeta do Sul,* respectivo, e percorrendo-o, segundo costumo, nas páginas centrais, deparou-se-me a triste notícia do desencarnamento do meu dilecto amigo.

Contra factos não colhem argumentos.

«Muitas vezes a falta de espírito é o por que o miserável corpo tão fàcilmente se queixa», diz-se no cap. XXI do livro I, de *Da Imitação de Cristo,* e, seguramente, essa falta marca o materialismo de negativistas, milhentos dos quais nem sequer conhecem a ciência espirita vagamente.

Os fenómenos postos em evidência, precedentemente, a que poderia acrescentar muitos outros, muitíssimos mesmo, com exuberância de elementos e argumento potente de razão imperativa, serão mera ilusão de sentidos, sem valor provante de espécie alguma?

O que referi a meu respeito, achando-me perfeitamente sereno, sem cogitação de qualquer natureza e só, seria o produto de mal-estar interior, sem a menor sensação que mo denunciasse?!...

Isto é crível porventura?

Inventariam, como passatempo, Paulo Freire, D. Alberto Bramão, Lodiel, o que extraí dos seus indicados livros?

Porquê? Que motivo forte os arrastaria a semelhante ausência de probidade?

Logo, continuo a afirmar, com convicção matemática:

Contra factos não procedem argumentos.

Já alguém demonstrou, por A mais B, que o Espiritismo é sem fundamento, que é urdidura diabólica, inépcia, desvairamento, finalidade inconfessável, disparate de vesanos?

Tal demonstração espera quem a faça, e esperará perpètuamente.

Minha Mãe

por

J. A. de Oliveira

(Narrativa verídica de um facto vivido pelo autor)

NO cofre de jóias raras, dessas raras jóias espirituais, que de longe a longe se abre para uma contemplação subtil e extasiante, eu guardo, mãe querida, as filigranas mais belas que um rico joalheiro pode possuir.

As jóias, mãe querida, são as recordações da tua imagem, que vive perenemente em minha alma. Imagem que irradia esta afinidade sublimada e amorosa de nossos espíritos. São, ainda, a tua presença em minha meninice, quando vivias multiplicando as carícias maternais de teu amor puro e santificante.

As filigranas são a lembrança de nosso lar, da tua vida devotada à educação de tua prole. São os sacrifícios e as incompreensões... São, ainda, a presença da tua dor, do teu martírio circundado por sofrimentos inenarráveis que precederam o teu desenlace, após o acto operatório... São, mãe querida, os vinte e cinco anos em que teu Espírito vagou pelo espaço infinito envolto em trevas, à procura de uma réstea de luz e de uma gota de orvalho espiritual para matar a sede que te atormentava. Reflexo patente de tua natural perturbação, em virtude do choque violento e inesperado, para o qual não estavas devidamente preparada. Eras tão moça! E sobrecarregada com a grande responsabilidade de educares uma prole respeitável: oito filhos menores... Teu coração e tua alma cariciosa não poderiam resistir a tanto. Daí os vinte e cinco anos de perturbação.

E assim, com o coração amargurado e a alma despedaçada, partias para um mundo desconhecido, dentro de tua prova tormentosa... Não houve notícias a teu respeito... Para uns, o túmulo foi a tua última morada; para outros... que teria sido?

Abril de mil novecentos e trinta e cinco. Foi por ocasião da Páscoa. Surge, para teu filho, qual dádiva dos Céus, um mundo novo e desconhecido! Sim, mãe querida! A Doutrina da imortalidade da alma, das vidas sucessivas, da reencarnação, da comunicação com os Espíritos, veio mostrar-me esse tesouro incomensurável e o mundo até então desconhecido, onde se vive a verdadeira vida em Espírito e Verdade, dentro da sábia Lei de causa e efeito! Ó mãe! Foi assim que teu filho vislumbrou a Nova Aurora, radiosa, cheia de luz! Sorvi com sofreguidão intensa aqueles mananciais de conhecimentos maravilhosos, devorando livros sobre livros com entusiasmo fremente! Foi assim que teu filho recebeu o baptismo da espiritualidade.

Dezembro de mil novecentos e trinta e seis. Foi após o Natal. Andava triste e a pensar em ti. A melancolia apoderava-se de mim. Sòzinho no mundo (assim pensava eu, tal o vácuo da minha alma), sem mãe para nortear-me os passos, como iria viver? Era, então, um período difícil de minha mocidade. Tão só, que fazer? E, nesses momentos, meu pensamento rasgava o espaço e ia em busca de ti. E, de tanto clamar pela tua presença, tive a impressão de que vieste até mim! Foram momentos rápidos, sublimados por uma torrente de lágrimas... Depois, recordações do passado. Era a nossa casa na cidade do Porto. Era a «Quinta das Andorinhas», era a casa dos «Quatro Caminhos». Enfim, recordações cheias de amargura e de tédio. Então, via a tua imagem, as tuas lutas, as minhas e as peraltices de meus manos... Mas, passados esses breves momentos, sou impulsionado a escrever-te uma longa carta, a qual denominei de «Confissão de um Filho»... E aqui está, como se fora uma confissão, esta página que encerra ensinamentos para todos.

Passaram-se os tempos...

Mas, eis que a vinte e seis de Agosto de mil novecentos e quarenta e cinco, como se fora uma recompensa dos Céus, recebo como prémio a dádiva mais cara de toda a minha vida! Data abençoada, ditosa data! Noite bendita, noite feliz, porque de alegrias e emoções contagiantes. É que o Pai, misericordioso e bom, permitiu que viesses em Espírito e verdade ao encontro de teu filho amado!

Foram momentos indescritíveis.

Chegaste com a perturbação natural das mães que muito sofreram e amaram, pedindo água e pedindo luz. Clamando pelo nome de teu filho: José! Foi o clamor repentino e inesperado que ressoou por toda a sala... E logo após: — «José, meu filho! não me escutas?!». Todo o ambiente se transformou e todos os olhares caíram sobre mim, e tu, incontinente, rojavas-te ao chão e, de joelhos, erguendo os braços e enlaçando-me como se fora um amplexo, clamaste ainda: — «Dá-me água, que tenho sede! Dá-me luz, que estou no escuro!...».

Foi um momento dramático, inesperado, que explodia através da mediunidade de uma senhora. Era o fenómeno maravilhoso que extravasava, magnificente, confirmando a realidade dos factos numa choupana onde se reunia um pequeno grupo para as práticas de Umbanda.

Foi, pois, num humilde «terreirinho» de Umbanda que eu deveria receber esse prémio de consolação. Esse prémio que não há dinheiro no mundo que pague.

A emoção contagiou a todos. Todos choravam de alegria pela dádiva que o Senhor dos mundos nos concedera. Como Deus é bom! E como Lhe estamos agradecidos por tanta bondade! Rendamos graças ao Pai, que nunca esquece os seus filhos, dando a cada um de acordo com o justo merecimento.

Pedindo água e pedindo luz, mãe querida, revelavas o estado de perturbação em que te encontravas ainda, envolvido como estava o teu Espírito pelos fluidos pesados e o reflexo de 25 anos de lutas e sofrimentos inenarráveis através da imensidão do espaço, em busca de teus filhos queridos. A angústia, o desespero e a dor se multiplicaram, por certo, com a separação violenta e rápida de teus filhos quando a ciência da terra não te pôde livrar dos males físicos e morais.

Revelada e confirmada ficou, sem dúvida, nossa afinidade espiritual. Pudeste vir ao meu encontro pelos maravilhosos meios da mediunidade. Pudeste ouvir a voz de teu filho muito amado, que igualmente te procurava através das preces e dos pensamentos mais íntimos. E partiste após, mais confortada e esclarecida, pois o «*Pai não dá pedra ao filho que Lhe pede pão*». Mas, eis que voltas sùbitamente, em ambiente totalmente diferente do primeiro! Não havias sido convocada para vires, mas, como a graça de Deus é infinita, voltavas passados três dias, já consciente de teu estado, livre dos fluidos pesados. É que as preces fervorosas se transformaram em luz radiosa para o teu Espírito. E pudeste falar com o mesmo sotaque do idioma de nossa terra natal. E os presentes à pequena sessão da Liga Espírita (do Brasil) puderam igualmente sentir as mesmas emoções dos nossos irmãos da Umbanda!

E assim, por acréscimo da misericórdia divina, posso relatar aos Irmãos de aquém e de além-mar este facto, simples e natural, como o demonstra a Doutrina Espírita, mas de importância transcendente para as nossas vidas.

PROJECÇÃO ESPIRITUAL DA OBRA DE HIDALGO

Por PEDRO ALVAREZ GASCA (Correspondente no Mexico)

«Estudos Psíquicos» vai renovando as fileiras de seus colaboradores. Há pouco veio o Dr. Sérgio Vale, grande médico e grande espirita. Hoje vem D. Pedro Alvarez y Gasca, mentalidade nobre em plena maturação que no México trabalhou ao lado do nosso antigo correspondente Rufino Juanco.

Este primeiro artigo caracteriza a sua alma de eleição. Aproveitou a comemoração do 2.° centenário do nascimento de D. Miguel Hidalgo y Costilla, precursor da independência mexicana, para se apresentar aos confrades portugueses e brasileiros e falar de um tema oportuno.

D. Pedro Alvarez nasceu em 1913 na povoação de Moroleón, estado de Guanajato, época da revolução mexicana, começada em 1910 por D. Francisco I. Madero, contra a ditadura do Presidente Porfirio Diaz. Para maior segurança, seus pais transferiram-se em 1918 para a cidade de Morelia, do estado de Michoacán, onde ele passou a infância e fez os primeiros estudos. Seu irmão mais velho José Alvarez Gasca ocupou sucessivamente os lugares de Director do Museu Michoacano e do Museu da Casa dos Morenos e ele auxiliou-o na reorganização do primeiro (1930) e do segundo (1933). Em 1935 passou à cidade de México e ingressou no Departamento de Monumentos (Instituto Nacional de Antropologia e História), com o cargo de Etnólogo Auxiliar, onde fez carreira e se formou em História.

Em 1929, conheceu o Espiritismo (tinha então 15 anos) e notou que nele havia fenómenos dignos de estudo, assim como uma profunda filosofia e tornou-se logo um verdadeiro adepto. Em 1950 colaborou com Rufino Juanco na fundação da Central Espirita Mexicana, onde desempenhou vários cargos.

Eis como ele encara o Espiritismo em carta que nos acaba de escrever:

«Estudando o Espiritismo compreendi que a ciência materialista, depois de sólidas demonstrações, deixa na alma um vácuo impossível de encher, visto que, excluindo o espírito, jamais poderá conter o ser humano em sua integridade. Por seu turno, as religiões, em luta com a ciência, destroem o direito e as ambições mais nobres do ser humano: o conhecimento e a investigação da Verdade. É por isso que nem a ciência nem a religião podem satisfazer as necessidades espirituais do homem moderno, precisamente porque este tem sido educado em parte na ciência e na razão e em parte na filosofia e no sentimento religioso.

«O Espiritismo baseado na investigação científica, criando uma filosofia capaz de explicar as aparentes contradições da vida e da organização do universo e expandindo, sem limites, o sentimento religioso numa moral puríssima coroada pela adoração de um Deus infinitamente poderoso, sóbrio, justo e amoroso é o único ideal capaz de manter o ser humano em sua integridade e a única barreira efectiva que pode opôr-se ao materialismo. Não exclui a matéria nem o espírito; ante os olhos da alma abre os esplendentes horizontes do progresso infinito e constitui a maior força moral conhecida, a única susceptível de unificar a humanidade».

Este é o ponto de vista de «Estudos Psíquicos»; por isso estamos certos de que o novo companheiro continuará aqui o esforço meritório de Rufino Juanco, que os leitores apreciaram em muitos artigos de magnífica doutrina.

COMEMORA-SE este ano no México o segundo centenário do nascimento de D. Miguel Hidalgo y Costilla, chamado com justiça o *Pai da Pátria*. A nação inteira tributou ardente homenagem ao promotro da independência, a quem se atreveu a conquistar, para todos os seus concidadãos, a liberdade, esse dom divino que, como todo o divino que chega à terra, se converte em pérola calcada pela ignorância, pelas paixões e pelas ambições dos homens.

Pedro Hidalgo não se limitou a guardar esse sublime sonho no altar da sua alma; projectou-o no exterior, converteu-o em planos de realização imediata e, posto em marcha, lutou sem descanso pelo seu Ideal, até cair varado pelas balas inimigas, sem uma expressão de dúvida ou desalento.

Por isso Hidalgo é grande. Porque soube iluminar a vida com a chama brilhante de um ideal nobre e elevado. Porque soube manter esse ideal puro de ambições mesquinhas e demonstrou a sua honradez e lealdade à causa que defendia, oferecendo sem vacilações a própria vida como preço do triunfo.

«Os que começam estas coisas não as vêem terminar» — disse ele, ao promover a revolução. Estas palavras dão-nos a medida dos seus pensamentos, antes de se lançar na luta. Ele, pessoalmente, não esperava alcançar o triunfo e, por isso mesmo, não pensava na glória, na riqueza, no poder. Só queria a Liberdade para os seus concidadãos, quebrar as cadeias sob as quais gemiam dolorosamente aqueles pobres indígenas, cujo sofrimento pudera compreender convivendo com eles, atendendo às suas necessidades corporais e sondando as cruéis feridas de suas almas.

Hidalgo soube que morreria na demanda, mas soube também que ainda morto triunfaria, porque a liberdade é um direito divino que nenhum poder humano, por maior que seja, pode destruir. Os tiranos passam. Os povos vão crescendo em idade e compreendendo seus direitos e responsabilidades para sulcar o infinito —, sem que nada, nem ninguém, possa impedi-lo. Hidalgo sabia que este momento chegara para o México, e a certeza do triunfo — não pessoal — acompanhou seus passos e brilhou em sua fronte até ao último momento. A glória coroou o seu espírito, porque não buscou a glória. Simplesmente e sem alardes sacrificou o que tinha: posição social, bem-estar, família, bens, filhos e a própria vida, com lenha calcinada no fogo sagrado do seu amor à liberdade.

Mas a obra dos grandes homens não se detém nas fronteiras do político e do social. Vai muito mais além, entra nos domínios do Espírito, onde tem as suas últimas e mais transcendentes realizações. A liberdade política e social que o sacrifício de Hidalgo ganhara para o povo do México depressa se converteu em liberdade moral e espiritual. Ao romperem-se as cadeias seculares, ouve-se no ar o rumor de asas abertas e os espíritos estão prontos a levantar voo.

A escravidão é o opróbrio mais ignominioso na vida social dos povos. É verdade que as leis de Índias proibiam a escravidão do indígena, mas deixava-se a porta aberta com pretextos como a guerra e, sobretudo, as colónias americanas eram complicada engrenagem de relógio gigantesco que não podia funcionar bem, porque o relojoeiro estava muito longe. Assim o atestam as vozes potentes e acusadoras de Fr. Bartolomeu de las Casas, Motolinia, Nicolau de Wite e tantos outros, assim como as crónicas e documentos de toda a época colonial.

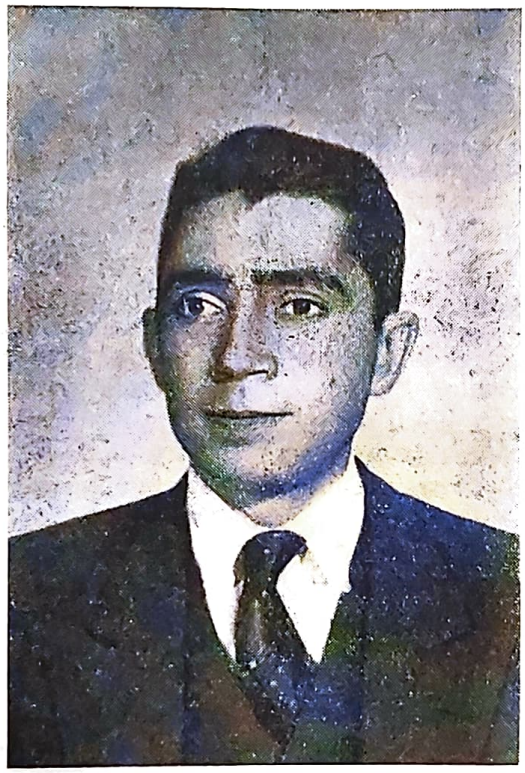
A escravidão existia, franca para o negro e encoberta para o índio; esta última é mais espantosa ainda.

Não se apresenta como um destino prefixado, ante o qual o homem pode rebelar-se ou resignar-se. Espreita nas trevas e escuda-se na lei. Seus mil braços monstruosos apertam-se e expremem o que de mais nobre há no ser humano. Não permite um momento de paz nem deixa uma esperança. Não pode ser abolida, porque não existe perante a lei.

O escravo é o mais miserável de todos os seres. O roubo e o assassinato podem arrebatar ao homem os seus bens ou a sua vida. A escravatura vai mais além e desapossa-o de si mesmo. É então que a estrutura moral do ser humano se desapruma; nele já não fica nada, senão a consciência a dormitar sob um montão de ruínas.

Perdido nesse dominador interno, o homem não sabe distinguir entre o bem e o mal. As leis morais não lhe importam, porque não as conhece. A sua vida também não lhe importa, porque não lhe pertence. Nada ambiciona e nada espera. Tirita de frio nas trevas e acalenta-se na chama lívida do vício, do crime e da degradação. Sabe que está no último degrau da escala social, moral e humana e que, faça o que fizer, não pode descer mais. O seu alimento é o ódio e a sua alegria, a vingança. A sociedade é o seu inimigo, porque foi injusta consigo e todo o homem é seu inimigo, porque pertence à sociedade. Inocular noutros o seu veneno, contaminar os outros com o vírus de suas chagas morais, enche-o de maligno prazer. O escravo alimenta-se do seu ódio e deforma cada vez mais o seu espírito.

Mas, se neste caos de suplícios corporais e horrendas flagelações morais, a palavra liberdade é como luz que obriga o homem a olhar para o céu; se um libertador da envergadura de Hidalgo, ou de Tell, de



PEDRO ALVAREZ Y GASCA

Moisés ou de Ghandi funde com a chama do seu alento colossal as cadeias da ignorância, o Espírito põe-se de pé, abandona o leito pantanoso em que jazia e empreende a marcha sob os auspícios de Deus.

A emancipação do homem é a emancipação do espírito. Toma posse do seu destino e isso o engrandece e ennobrece. Toma posse da vida social e humana e as suas relações o fazem compreender a necessidade da moral. Toma posse da família e com isso renascem as afeições da alma e a capacidade de amar e perdoar.

Tal é a obra de todos os libertadores. Tal é a obra de Hidalgo e dos que o seguiram na luta. Mas ainda há mais. A obra dos grandes homens não se detém com o tempo. Não se cinge ao momento em que se efectuou, nem se esgota ao cumprir os seus propósitos. Através dos séculos continua a dar frutos à inteligência.

A vida dos grandes homens converte-se para nós em escola fecunda de ensinamentos de alto valor social e humano. O estudo dessas vidas solitárias vigoriza o nosso espírito, porque nos ensinam, de facto, como se resolvem as mais desesperadas situações e como se deve proceder nos momentos mais difíceis da vida. Há gigantes que enfrentaram o destino e conseguiram vencer os obstáculos que se opunham a seus ideais. Seguindo as suas pègadas, encontraremos novos rumos ao futuro. Em seus triunfos e suas derrotas, em seus acertos e em seus erros, eles nos ensinam que a prudência deve guiar sempre os nossos passos, se quisermos aumentar os acertos e diminuir os erros, e que a humildade é tão necessária no triunfo, como o estoicismo na derrota.

Não importa que as circunstâncias e o cenário da vida mudem continuamente. Não importa que não ocupemos os postos relevantes que eles ocuparam. Não importa que a nossa vida não transcenda as portas do lar e da oficina. Na vida aparentemente transcendente há situações tão graves, tão importantes e delicadas, ou talvez mais ainda, do que aquelas que em altos postos de responsabilidade moral e social têm resolvido os grandes homens.

Há no ser humano lutas interiores muito mais espantosas que as mais espantosas batalhas. Desesperações intensas, profundos desalentos, humilhações e fadigas esmagadoras.

Em tais momentos é que deve fortalecer-nos a recordação e o exemplo dos que souberam e puderam vencer em suas mais terríveis lutas internas, resistir a grandes desânimos, dominar o cansaço e o desalento, e levantar-se com dignidade de todas as humilhações. E recordar que não há vidas intranscendentes. Porque cada vida é um elo necessário para as excelsitudes da Vida Infinita.

(Trad. de I. D. S.).

FALTA DE UNIDADE

Por LUÍS DE BARROS CASTRO

COM o Espiritismo está a verificar-se um fenómeno que, a não se analisar e se estudar convenientemente, poderá ter, num futuro mais ou menos próximo, consequências bem graves.

Trata-se da sua ramificação e das diversas maneiras de ser interpretado em vários pontos do globo.

Entre os espiritas já hoje há dissidentes que seguem normas completamente opostas às de outros.

Os Racionalistas estão em completo desacordo com os Kardecistas; a Inglaterra oficializou o Espiritismo, considerando-o uma religião; cada centro espirita funciona sob normas, métodos e finalidades diferentes, chegando estes a acusar-se de menos verdadeiros uns aos outros! Há baixo espiritismo e alto espiritismo, etc., etc.

De todas estas derivações e discordâncias, uma só coisa resulta: descrédito.

Faltando a unidade a uma doutrina que mais do que nenhuma permite subdivisões, têm os seus inimigos valioso ponto de apoio para atacá-la.

Já se reuniram vários congressos espiritas e pelo menos que seja do meu conhecimento, parece não terem ventilado este assunto, que por demais me parece importante.

É necessário impedir tanta ramificação que faz com que a elevada e bela Doutrina do Espiritismo, possa ser comparada a qualquer seita religiosa.

Devia reunir-se um congresso em que os representantes de todas essas derivantes, ou escolas, do Espiritismo, se pusessem de acordo, fazendo mútuas concessões. Desse congresso sairia um trabalho tão construtivo quanto possível e de unificação: Pontos de vista comuns, doutrina semelhante. Sairia um Código em que todos encontrassem igual orientação, não só de trabalhos como de afirmações doutrinárias.

Dado o carácter evolutivo de todas as coisas, também este Código ficaria sujeito a alterações. Deste modo, sempre que em qualquer país houvesse razão para alteração substancial, faria a comunicação ao Congresso quando da sua nova reunião, aguardando o que sobre a comunicação fosse decidido, que teria carácter oficial, sendo portanto adoptado em toda a parte.

O Congresso reunir-se-ia periòdicamente, para resolver casos de comunicações que com a Doutrina se relacionassem e analisar, duma maneira geral, a marcha do Espiritismo em toda a parte, e no período decorrido.

Dada a importância que a Doutrina já hoje tem em quase todos os países, e à qual os Governos já vão dando a sua atenção e auxílio, pedir-se-ia a estes que facilitassem a organização desses congressos e custeassem as despesas com a deslocação dos delegados aos países onde esses congressos se reunissem.

O Código de orientação comum, só poderia ser alterado pelo próximo Congresso. As comunicações que cada país tivesse a fazer aguardariam portanto a sua reunião.

O que nessas reuniões fosse resolvido, teria valor como lei, que cada um dos países representados faria respeitar e cumprir. Para isso todos os centros espiritas de cada país estariam inscritos, só podendo funcionar dentro das normas que o Congresso estipulasse.

Aos centros que porventura se organizassem e não quisessem estar filiados, não lhes seria reconhecido o direito de se denominarem espiritas.

É para lamentar já hoje apresente facetas tão diversas uma doutrina que, em boa verdade, uma só essência possui e que é afinal o fulcro de todas as ramificações em que se está dividindo.

Muita gente confunde — quase sem má intenção — espiritismo com artes do demónio, bruxaria, etc., não sòmente devido aos ataques que a Doutrina sofre por parte dos seus inimigos, como pela própria culpa dos espiritas, visto que se apresentam divididos entre si.

É de admitir que a Doutrina seja atacada e criticada. Desse ataque e dessa crítica, só resulta maior fortalecimento dela, porque não lhe faltam argumentos para defender-se e razões para impôr-se vitoriosamente.

O que não está certo é que se exponha a um ataque, e um dos seus flancos fraqueje na defesa, exactamente por falta de unidade.

Toda a religião que conseguiu uma certa

unidade, teve não só grande poder — de que algumas abusaram — como foram até construtivas sobre vários aspectos. Vejam-se os efeitos da unidade religiosa conseguida por Maomé; as vantagens que a igreja tem disfrutado durante séculos, sòmente provenientes da sua organização interna e pontos de vista iguais, na parte doutrinária, seguidos em toda a parte, etc.

O facto da nossa Doutrina suplantar — como está comprovado — o valor de todas as filosofias e teorias das seitas religiosas, não quer dizer que se descure a sua unidade e até a sua defesa.

A unidade da nossa doutrina é tão necessária, como a unidade política de qualquer país. Em virtude da sua superioridade real, fácil se torna antever os resultados que produzirá, necessàriamente superiores também, aos já produzidos por outras unidades, seja em que campo for.

Povos houve e há que, mercê da sua unidade política e religiosa, foram poderosos e grandes.

Se o Espiritismo soluciona os mais diversos problemas, seja no campo espiritual, moral, político, económico, geográfico, etc., forçosamente temos de concordar que uma vez conseguida a sua unidade, ele se tornará uma força, que sem ser violenta, todavia será indestrutível. Será indestrutível, porque partirá da consciência do próprio indivíduo — será convicção íntima, profunda, porque se apoiará na razão, de antemão honestamente esclarecida.

Dessa unidade, só poderiam resultar benefícios para os povos, para a Humanidade inteira. Os Governos veriam a sua tarefa de governar extremamente simplificada; reinaria a paz e o amor na Terra!

Só os mal intencionados, os egoístas, os prepotentes, os invejosos, se não sentiriam bem, no meio de tanta harmonia.

É necessário confiar em que a Humanidade atingiria este elevado grau de compreensão, porque é o caminho que naturalmente lhe está indicado, mas não esquecendo que foi o Espiritismo que primeiro desvendou a razão do seu eterno caminhar.

O Espiritismo tem a virtude de convencer intelectuais — não é doutrina que se apoie em dogmas. O Espiritismo apoia-se no escol das sociedades e esse escol é que as governa e orienta. Daí a sua força, que se manifesta não pelo poder violento, mas na convicção, que parte de inteligências superiores. Para chegar ao Espiritismo é necessário que o indivíduo atinja certo grau de cultura, uma certa maturação. Só então poderá compreender toda a beleza do seu ideal sem par. Todo o valor do Espiritismo está mais nesta faceta do que pròpriamente na fenomenologia que também o caracteriza e que possìvelmente é que mais contribui para a sua expansão.

Há que evidenciar o seu idealismo e orientar e disciplinar a actividade dos Centros, em muitos dos quais mais se procura provocar fenómenos, do que elevar o espírito.

Quem escreve estas linhas, aqui declara honestamente, que nunca foi assistir a uma sessão espirita, nem nunca entrou em qualquer sala, para a mais pequena experiência de invocação de espíritos, na mira de assistir a fenómenos. Toda a sua convicção e paixão por tão bela doutrina, é derivada sòmente do estudo que lhe tem dedicado. Apesar de nunca os ter observado — em sessões — sabe que se podem verificar.

Neste aspecto, a disciplina a que devem estar sujeitos os Centros é uma necessidade imperiosa.

Luanda.

As Obras de Pietro Ubaldi

Como dissemos no mês de Junho, as obras completas de Pietro Ubaldi estão a ser editadas com regularidade em belos volumes encadernados em percalina com douração a oiro legítimo e em papel de linho. Dissemos também que a tiragem era reduzida, motivo por que aceitávamos, desde então, encomendas de colecções.

Este último facto fez com que se esgotassem em nosso depósito todas as as obras do autor tendo sido feita nova requisição. Entretanto, vem a caminho a primeira e a quarta obra, das abaixo mencionadas.

VOLUMES PUBLICADOS

Introdução e Grandes Mensagens ...	**130$00**
A Grande Síntese	**130$00**
Ascensões Humanas	**130$00**
Problemas do Futuro	**130$00**
As Noures	**130$00**

Estes preços especiais destinam-se aos coleccionadores e não a compradores de ocasião. Os 12 volumes da colecção constituem um magnífico repositório de ensinamentos.

Quem desejar as obras, escreva-nos nesse sentido. Tratando-se de uma obra de luxo, dificilmente será reeditada.

MANDE RESERVAR A SUA COLECÇÃO

O Homem que Curou 29 Médicos

Por JEAN PALAISEUL

MÁRIO Toulon poderia ser ser conhecido pelo «Curador Invisível», pois há muitos meses, que nenhum cliente franqueou a soleira da sua porta, em Grenoble.

Uma folha de papel presa na sua porta por quatro *punaises*, adverte o visitante: «O Sr. Toulon não recebe ninguém e só faz tratamentos a distância».

— Isto admira-o! — diz-me ele —. Entretanto, os resultados obtidos assim são nitidamente superiores aos que eu obtinha com os tratamentos directos e o sr. compreendê-lo-á melhor, quando eu lhe der uma explicação, que talvez não seja científica (como poderia sê-lo num domínio em que a ciência tem tudo por fazer?), mas que é lógica.

Mário Toulon abre uma gaveta da secretária e tira um maço de fotografias que coloca diante de si. Aqui estão os doentes que eu trato neste momento. Se eles desfilassem no meu gabinete, o que se passaria? Eu recebê-los-ia das tantas às tantas e impunha-lhes as mãos para lhes transmitir os fluidos. Não poderia consagrar muito tempo a cada um, pois haveria momentos em que me sentiria fatigado e seria obrigado a continuar. Além disso, teria que perder tempo a conversar com eles e teria perda inútil de energia.

«Ao passo que, com o tratamento a distância, posso magnetizar cada doente durante mais tempo (coloco as fotos entre as mãos e a última do maço recebe o meu fluido durante hora e meia). Quando me sinto fatigado, paro e só recomeço quando me sinto reconstituído».

Escutando as «explicações lógicas» que Mário Toulon me dá com acento meridional, eu experimento uma dúvida que ainda me não deixou desde que comecei este inquérito. Custa-me a acreditar que baste segurar uma foto entre os dedos para que a pessoa, cuja imagem o preocupe, receba o fluido a centenas de quilómetros de distância. Visivelmente, a incredulidade lê-se no meu semblante.

Também, muito naturalmente, o magnetòpata (é o título que Mário Toulon mandou gravar na chapa de cobre que orna a sua porta) continua:

— Provas da eficácia do tratamento a distância, posso fornecer-lhe quantas queira. Veja este arquivo. São atestados de doentes que curei sem remédio algum, ùnicamente com o meu fluido. E nenhum me viu. Mas há melhor. Um caso recente confirmado por estas cartas com a vantagem de se ter passado com a mulher dum médico, o que elimina toda a ideia de complacência da parte do interessado...

«Há dias recebi uma carta dum médico parisiense que, depois de me saudar com a forma clássica «Senhor e caro colega» — é assim que os médicos se exprimem, quando me escrevem — me pedia fizesse qualquer coisa em favor de sua mulher, da qual me enviava a fotografia. A infeliz estava doente havia muito, seu marido tratou-a, consultou os professores e o seu estado era cada vez pior. Aqui tem a carta. Como pode ver, é um verdadeiro grito de socorro.

«Sem perder tempo, pego na fotografia e começo imediatamente o tratamento a distância. Nesse mesmo dia escrevo ao médico, avisando-o de que se não admire se o estado da doente piorar. Será motivado pela acção do fluido. No dia seguinte recebo nova carta do médico em que este se mostra verdadeiramente alarmado: «Minha mulher, — escreve ele — desde manhã que tem crises violentas. Seu estado agravou-se bruscamente. Peço-lhe que me diga o que hei-de fazer para aliviá-la». Fiquei encantado. Era o meu tratamento que produzia os seus efeitos, antes do médico ter recebido a minha carta. Veja o que ele me diz nesta outra:

«Desde que recebi o seu aviso, estou mais sossegado. Ao mesmo tempo retomei a esperança. Visto que minha mulher esteve tão atrapalhada com o vosso tratamento — e demais a mais sem saber que você já o havia começado — é provável que tire dele o melhor proveito... Agora vai muito melhor. Tive notícias dela esta manhã».

Mário Toulon sorri e os seus olhos azuis brilham de prazer. Poder-se-ia acreditar que o faz com a ideia de ter pregado uma boa partida aos médicos. Seria, no entanto, conhecê-lo mal. Disse-me que tratava actualmente cinco médicos e que já havia curado vinte e nove. Está, portanto, insensível a este respeito.

Não, a alegria que ilumina o seu rosto enérgico é a que ele experimenta todas as vezes que sabe que aliviou um ser humano.

Ele faz do seu mister de curador um verdadeiro apostolado e acontece-lhe às vezes chorar de alegria, quando lê frases como esta: «Estava condenado à morte e fui salvo».

«É a mais bela satisfação — diz ele — porque não tem preço. Para mim, vale mais que milhões. Oh! meu Deus, mas eu não curo todos os doentes! Só os charlatães é que curam tudo. Há fracassos e eu sou o primeiro que fico desolado. Veja que eu considero os doentes como meus filhos e eles amam-me. Alguns deixar-se-iam matar por mim».

★

Há perto de 29 anos que Mário Toulon descobriu o seu dom de curador, arrancando à morte uma sobrinha com um fleimão na garganta, mas esperou vinte e quatro anos antes de praticar.

— Quis — diz ele — rodear-me primeiro de todas as garantias indispensáveis.

Décimo sexto e último filho de uma família de ricos proprietários da África do Norte, Mário Toulon nasceu na Argélia no dia de Natal de 1906. Sua mãe, que era alsaciana, queria que ele fosse médico ou veterinário. Ele preferiu ser empregado bancário, onde subiu a sub-director antes de se lançar no jornalismo e na literatura, (escreveu alguns romances, e um deles que conta a vida duma francesa casada com um árabe vai agora ser publicado). Trabalhou igualmente no economato do hospital de Grenoble.

— Se me fosse necessário procurar a origem deste dom, diria que o recebi de minha mãe, que era curadora sem saber. Criou os seus dezasseis filhos sem nunca precisar de médico. Tratava-os à sua maneira. A mim, livrou-me da gripe espanhola, fazendo-me chupar pedaços de gelo. Um médico conhecido empregou o mesmo método e salvou todos os seus doentes.

Depois contou-me as experiências que precederam a sua instalação definitiva como curador.

Primeiramente lançou-se no hipnotismo. Um dia adormeceu um mecânico e fê-lo regressar à vida anterior. O homem pôs-se a falar inglês e afirmou que nessa vida tinha sido um inglês e que foi morto por uma bala na guerra dos Boers. Deu o endereço da sua família e em particular dum dos seus irmãos, pastor duma pequena aldeia.

— «Escrevi-lhe, a fim de verificar esta história impressionante, — disse Mário Toulon. O pastor era ainda vivo; respondeu-me que efectivamente seu irmão tinho sido morto nas circunstâncias que eu indicava e o que era ainda mais perturbador: *o seu irmão tinha morrido três dias antes do nascimento do meu mecânico.*

Apesar desta experiência notável, Mário Toulon abandonou os estudos sobre a metempsicose e o hipnotismo, porque, segundo afirma, este último só tem interesse espectacular. Entretanto, numa noite do ano passado ouviu a seguinte revelação de uma estranha voz: «Tu és herdeiro de muitos pintores. É preciso que pintes». No dia seguinte comprava o material necessário, e um mês depois tinha pintado 46 quadros.

— «O que é mais curioso, — diz ele — é que, conforme o dia, pinto telas em estilo antigo ou estilo moderno. Parece que os meus «verdes» são extraordinários. Alguns pintores conhecidos já mo disseram. Mas, confesso, sou incapaz de julgar a minha obra, porque, antes daquela famosa noite, nunca tinha experimentado o desenho...

Muitos desses quadros, os piores — diz ele — estão pendurados na parede verde-pálida do seu gabinete. Um, faz lembrar Utrillo; outro evoca Bonnard.

— «É pintura industrial — diz ele ainda —. Eu não levo mais de duas horas com uma tela e já me aconteceu fazer três numa tarde. Um dia um homenzinho que me via pintar a toda a velocidade (eu parece que sou guiado) perguntou se eu era maluco.

Mas voltemos aos vinte e quatro anos, durante os quais ele se «rodeou de garantias» antes de utilizar o seu magnetismo.

— «Pacientemente, procurei os centros nervosos correspondentes a cada doença. Procedi por tentativas. Avançava num nevoeiro completo. Depois, pouco a pouco, cheguei a leis indiscutíveis, a uma técnica pessoal que deu as suas provas. Eis, porque decidi criar uma escola, a fim de que tudo o que descobri pela experiência se não perca. Certamente, que transmitirei esta bagagem a meu filho que tem onze anos e meio e todas as qualidades para ser um bom magnetizador. Mas gostaria que todos os indivíduos dotados transmitissem o seu fluido aos doentes.

Mário Toulon definiu o que ele entende por «indivíduo dotado». Não sòmente deve possuir um fuido magnético excepcional, mas ainda deve ser bom, isto é, exercer o seu mister como um apostolado e não como um modo de ganhar dinheiro. Ele mesmo trata gratuitamente mais de metade dos seus doentes. Ele deve, enfim, «parar no momento preciso», quando o seu poder enfraqueça e isto,—diz ele— «é muito difícil». Se eu soubesse que daqui a seis meses isso me aconteceia, preferiria parar já, para que se diga: «É pena que ele já não trabalhe, pois, se não fosse isso, certamente me curaria».

Porque só há cinco anos resolveu abrir o seu gabinete, por instância de alguns amigos que lhe diziam que não tinha o direito de não empregar o seu dom, e já curou dezenas de milhares de doentes.

— «Não há doença que se não cure», afirma ele.

Entende que o magnetismo, sob a forma de fluido, dá armas ao doente para reforçar a acção do nosso «médico interno» que se chama «auto-defesa». Infelizmente, alguns temperamentos não reagem com o magnetismo. Daí, os fracassos. Mas segundo os documentos que nos mostrou, entre as suas curas mais sensacionais há quatro cancros devidamente controlados (um na face, em Louviers, outro na garganta, em Oujda, um no seio duma doutora, em Beauvais, e um em Grenoble.

Contou-me também com pormenores a cura deste último caso que ele mesmo qualifica de «coisa espantosa»: Uma senhora de Grenoble tinha um cancro na madre, com ramificações na perna, e estava em tratamento no hospital de Villejuif. Mandaram vir o marido e disseram-lhe: «A sua mulher pode morrer dum momento para outro. A fim de evitar aborrecimentos com a trasladação do corpo para Grenoble, é muito melhor que a leve já para casa».

A moribunda veio para casa e uma amiga (curada de tuberculose por Toulon em 1947) aconselhou-a a tentar o tratamento por magnetismo. Ao fim de seis sessões, a doente levantou-se. Ao fim de dez (o magnetismo nunca faz mais) retoma as suas actividades caseiras. Quando ela se apresentou em Villejuif para ser examinada, quiseram saber como se tinha curado. Ela não respondeu para não causar aborrecimentos ao seu salvador. E quando pediu um certificado, a fim de obter licença com parte de doente, responderam-lhe:

— Para nós, você está curada. Se lhe dermos o papel que você pede, será apenas por complacência.

Entre outras curas importantes (além de doenças de estômago, reumatismo, etc., que são para ele «moeda corrente», citou-me ainda: 3 leucemias, uma poliomielite, cinco loucuras e uma paralisia.

Até os próprios juízes reconheceram os poderes excepcionais do Curador de Grenoble, pois que, ùltimamente, o tribunal correccional de Annecy o absolveu pura e simplesmente, sem pagar custas e selos, precisando na sua sentença que: «*segundo numerosos testemunhos de personalidades particularmente respeitáveis, que foram tratadas por Toulon com um sucesso inegável, parece que Mário Toulon só exerce o magnetismo por meio de passes, quer sobre o doente, quer sobre uma simples fotografia, mas que as curas efectivas verificadas pelas autoridades médicas permitem acreditar que o acusado agia com boa fé inegável...*)».

Mário Toulon espera que os «atendendo» do seu julgamento que definem o magnetismo como actividade semelhante à de um massagista ou dum operador de tratamentos eléctricos, farão, no futuro, jurisprudência.

Todavia, esperando a hora em que os verdadeiros magnetizadores já não sejam perseguidos, ele já pactuou um pouco com a medicina oficial.

Sua filha é casada com o filho de um médico britânico e ele quer que o seu filho Jean Jacques seja médico, pois é uma criança extraordinàriamente inteligente, a qual, com 11 anos, pede termómetros quando o desejam presentear...

— Ele será médico-magnetizador — declarou Toulon —. Ou então magnetizador-médico. Há uma pequena diferença...

(Tradução de Mário Bacelar de «*Noire et Blanc*»).

Assinai as obras completas de Pietro Ubaldi, onde os problemas sociais e espirituais se revelam em surpreendentes aspectos filosóficos.

RÉPLICA À "NOSSA VIDA MENTAL"

I

SE compararmos um sábio espirita, um Russel, um Lodge, por exemplo, com os sábios materialistas ou ateus, não encontraremos grande diferença na substância de cada um deles. Estão todos de acordo em que os conhecimentos reais, adquiridos através de nossos sentidos, por ministério da observação e do experimentalismo, merecem o nosso acatamento. As conquistas científicas lhes são, igualmente, respeitáveis e respeitadas.

Wallace Russel, competidor e rival de Darwin no estabelecimento da doutrina evolucionista (Darwin, aliás, não perdeu jamais a fé em Deus, ao contrário do que no-lo fez acreditar o seu péssimo intérprete que foi Haeckel), passou do materialismo para o Espiritismo, levando consigo todo o cabedal de naturalista e de biólogo. Sem abjurar a sua ciência, externou a convicção espirita em termos inequívocos:

> «Até o dia em que, pela primeira vez, presenciei os factos do Espiritismo, eu era materialista refinado... Era céptico, materialista tão obstinado, que nem sequer podia conceber a existência do espírito. Mas os factos acabaram por me convencer. Obrigaram-me a aceitá-los como factos, muito antes que me fosse possível admitir a explicação espírita. Nessa altura, ainda não havia no meu pensamento lugar para semelhante ordem de ideias. Pouco a pouco, a evidência dos factos criou uma vaga no meu pensamento...».

Nesta purgação de Wallace Russel, presenciamos as fases naturais por que passam os materialistas ignorantes dos fenómenos, quando os defrontam com a inteligência vigilante, capaz de apreender o significado do que lhes entre pelos sentidos, livres do misoneísmo académico. Este é muito semelhante ao carro de bois, onde há uma dupla lerda e pesada chamada «do coice», que sòmente trabalha nas descidas, para impedir o desastre da velocidade inconveniente.

O verdadeiro experimentador, o verdadeiro cientista, o verdadeiro sábio, quaisquer que sejam as suas hipóteses iniciais, curvam-se, reverentes e humildes, diante de um facto, mesmo que este lhes venha destruir todo o castelo de cartas laboriosamente arquitectado.

Citemos a opinião de dois sòmente: Lamarck e Pasteur.

Pasteur traçou-nos, iluminado que era —era um biólogo espiritualista— as normas compatíveis com o bom senso e com a moral. Pensava — infelizmente não lhe segue os conselhos a cega e orgulhosa ciência materialista — que o *facto* está acima da religião, da filosofia, do ateísmo e do materialismo: «*Il n'y a ici ni religion, ni phylosophie, ni atheïsme, ni materialisme qui tiennent... C'est une question de fait*».

Lamarck, afeito aos métodos de observação e de experiência, na pesquisa dos factos, prática que lhe deu a glória, assim como a propiciou a todos os investigadores felizes, generalizou: «*Tirante os factos, tudo o mais não passa de opinião. Para o homem, sòmente serão verdades positivas os factos que ele puder observar*».

Foi, talvez, meditando no exemplo de Russel, na sua conversão ao espiritualismo (1), que o eminente Cardeal Lépicier emitiu, a nosso favor, o seguinte cheque: «o espiritismo *costuma dar o golpe de misericórdia no materialismo*». E Annie Besant, desdenhosa da convivência com os desencarnados, embora acreditando neles — no que não deixa de ter alguma razão —, confessou que o materialista é «*um tipo que não pode ser convencido senão pelo testemunho dos sentidos*». Outro cheque a nosso favor, emitido espontâneamente, e que muito nos enriquece. Porque o materialismo é o tropeço da evolução espiritual.

Para salientar o merecimento de Wallace Russel, nos domínios neutros da ciência, daremos a palavra ao próprio Darwin. Ninguém poderia julgá-lo com maior conhecimento de causa. Na sua obra *Origem das Espécies* confessou que foi aconselhado pelos amigos a antecipar a publicação de um resumo dos seus trabalhos, apesar de incompletos e não obstante o seu precário estado de saúde, *para afastar a concorrência perigosa de Wallace:*

> «A minha obra está actualmente quase completa. Ser-me-ão, contudo, necessários alguns anos para terminá-la e, estando longe de ser boa a minha saúde, os meus amigos me têm aconselhado a publicar o resumo que faz objecto deste volume. Uma outra razão me decidiu por completo: Mr. Wallace, que estuda actualmente a história natural no arquipélago Malaio, *chegou a conclusões quase idênticas às minhas sobre a origem das espécies*. Em 1858, este sábio naturalista enviou-me memória a este respeito, pedindo-me para comunicá-la a Sir Charles Lyell, que a remeteu, a seu turno, à Sociedade Lineana. A memória de Mr. Wallace apareceu no III volume do jornal desta Sociedade. Sir Charles Lyell e o Dr. Hooker, que se acham ao corrente dos meus trabalhos — o Dr. Hooker leu o extracto do meu manuscrito feito em 1844 — aconselharam-me a publicar, ao mesmo tempo que a memória de Mr. Wallace, alguns extractos das minhas notas manuscritas».

Wallace, o *nosso* Wallace, descreveu-nos o processo de assimilação das verdades novas, quando nos revolucionam interiormente. Primeiro, a ingestão dos factos, às vezes dolorosa, repugnante, conforme estejamos mais ou menos desabituados de tais alimentos, por perversão do gosto, que tanto pode ser uma simples malácia, isto é, preferência pelos alimentos excessivamente condimentados da imoralidade, como degradação impulsiva, desejo incoercível de ingerir toda a espécie de substâncias não alimentares — terra, botões, tintas, etc.

A segunda ingestão já se atenua nos seus sofrimentos: o neófito faz apenas uma cara feia, mas engole. «Não havia lugar, no meu pensamento, para semelhante ordem de ideias», conta-nos Russel.

---

(1) Esta palavra está escrita na acepção de Espiritismo, pois os ingleses chamam «spiritualism» à doutrina espirita — N. da R.

O facto novo encarrega-se de abrir brecha, imitando a maneira pela qual os embriologistas nos descrevem as proezas incríveis do elemento masculino diante do óvulo que o deve, afinal, agasalhar. E a fecundação é fatal. «*Pouco a pouco, a evidência dos factos criou uma vaga no meu pensamento*», acrescenta Russel. O alimento foi mastigado, deglutido, assimilado e incorporado à pessoa. Agora vai executar o trabalho íntimo, a reforma substancial dos conceitos e dos postulados filosóficos, para se transformar em espiritualidade, com todas as consequências morais, benéficas para a conduta humana.

O facto, por conseguinte, tem valor alimentar. Se o paladar desvirtuado do comensal não lhe quer dar guarida, se o não aceita, ou se o devolve no vómito, a culpa não será sua. Se a maioria não o ama, pior para ela. Nunca se viu jamais um facto deixar de existir para satisfação dos maus comedores, isto é, dos incrédulos e dos obstinados.

tais, cuja aceitação terá de modificar a nossa «maneira de agir»?

Procuremos a explicação razoável para o divórcio que se estabelece entre a imperativa objectividade do facto mediúnico (por mais grosseiro que seja), como a sentiram alguns sábios autênticos, os quais se curvaram respeitosamente diante da evidência experimental, e a teimosia inacreditável de opinadores teóricos ou de observadores falidos.

Dir-se-ia achar-se o sábio, que se demitiu de suas funções investigadoras ou do seu juízo crítico, acometido daquilo que a psiquiatria nos descreve como a *síndrome de Cotard*. É o delírio do hipocondríaco, em que o indivíduo se pulveriza ou se volatiliza, passando a negar a sua própria existência ou a existência de alguns de seus órgãos. Cai no delírio niilista, no qual a autoscopia não descobre o estômago, o cérebro, o coração, os olhos, os ouvidos, etc. Não pode usar nenhum dos seus sentidos: não degusta nada, não cheira nada, não vê nada, não

em cinzas. Releve-nos a lembrança a psiquiatria que não acredita no psíquico.

A negação de um facto devidamente comprovado equivale à negação de todos os factos, à balbúrdia, à confusão, ao caos, à *síndrome de Cotard* da loucura. Porquê? Porque o facto não desiste, não pode desistir. Repete-se. Firma-se. Proclama-se. Acumula-se. Até que lhe prestem a devida atenção. Os seus negadores desajuizados, sim, esses é que, segundo a *síndrome de Cotard* e o Padre António Vieira, vão passando de um niilismo para outro, porque, «*se o homem vivo é pó levantado, o homem morto é pó caído*».

*

O reino hominal, ao alcançar o acme da sua evolução morfológica, de acordo com os princípios de Darwin, tornou-se possuidor de um cérebro, máquina prodigiosa à qual os cinco sentidos abrem cinco janelas para o meio exterior, captando,

Pelo DR. SÉRGIO VALE

Correspondente em S. PAULO

Um fisiologista nacional, acostumado à experimentação — Miguel Osório de Almeida—assim admoesta os teoristas que se querem descartar dos factos incómodos e obstrutores: «A perseverança em manter no campo da discussão hipóteses inaceitáveis diante de resultados experimentais bem confirmados é um desses factores de retardamento no desenvolvimento da ciência».

Não sabemos se este cientista nacional usa o conselho que nos dá. Quanto a nós, tomamo-lo ao pé da letra, na companhia de William Crookes, de Richet, de Russel, de Lombroso, de Lodge, para citar sòmente os nomes que ocupam, na ciência universal, alguns dos pontos mais culminantes.

Todos os revolucionários que quebraram normas estabelecidas e subverteram postulados assentes — Copérnico, Darwin, Pasteur — foram impugnados veementemente pela *ciência oficial* e académica durante muitos anos. Vinte anos após as descobertas geniais de Pasteur havia contraditores que as negavam eloquentemente. Se assim é, quando o litigio nasce de modificações que apenas dizem respeito a questões científicas relacionadas com a nossa «maneira de pensar», que se há-de esperar de descobertas transcendenouve nada, não sente nada... O delirante julga-se pó, cinzas, resíduos, sem vida e sem personalidade. Perturba-se-lhe, desvanecida, toda a percepção do mundo exterior. E pede tal psicótico que ninguém lhe toque, porque se desmontará...

A atitude patoplástica, isto é, a reacção individual diante de um facto qualquer de natureza metapsíquica, tomada por um observador argamassado no materialismo, denuncia, pelo menos, uma predisposição acentuada para a *síndrome de Cotard*. Se o tal algum dia ficar maluco, não lhe será difícil a utilização da tara que lhe é congénita e que espera apenas, como todas as taras, uma oportunidade para explodir. Assim no-lo ensina a psiquiatria materialista, por conseguinte insuspeitíssima...

O experimentador rebelde ao facto que se lhe apresenta diante dos olhos reiteradamente, ao alcance das mãos, registado ao mesmo tempo na retina das chapas fotográficas, para afastar a hipótese da alucinação (foi o que aconteceu com Richet durante 50 anos, até que Bozzano o ajudou com as suas «monografias magistrais»), nega-se a si mesmo. Semelha — permita-se-nos a comparação irreverente — o delirante niilista, que se transformou

seleccionando, etiquetando todos os fenómenos que o rodeiam. E penetra dentro de si mesmo, disseca-se, esmiuça-se, cheira-se, apalpa-se, mede-se, registando a estrutura de todas as suas células, a função de todos os seus órgãos, tudo quanto se lhe manifeste na dualidade aparente — casca e noz — isto é, corpo e espírito. Os métodos de estudo — a observação e a experiência; o objectivo real — as relações entre os efeitos e as causas; o critério ou o juízo final — a imparcialidade, a impessoalidade e a veracidade nos protocolos.

Manda-nos um aforismo dos tempos de Hipócrates e reeditado por Claude Bernard que observemos como animais e raciocinemos como sábios. Há quem inverta geralmente o conselho: observe como sábio e raciocine como animal. No decorrer desta exposição dar-vos-ei alguns exemplos da anomalia.

A qualidade eminente, o cunho aristocrático, o selo autenticador do verdadeiro sábio, quem os confere é o componente de fundo moral — a posse de carácter. E há batoteiros nos gabinetes e nos laboratórios da ciência, assim como os há nas mesas de jogo.

Quando as observações se reali-

zam dentro de certo determinismo, se confirmam pelo testemunho de todos os sentidos, se ratificam pela serenidade e fidelidade absolutas *contrôles* físicos — balanças, chapas fotográficas, termómetros, etc. —, mesmo que levem o observador a conclusões contrárias à sua hipótese inicial de trabalho, seja ela qual for, o dever inelutável do sábio será o de publicar, de atestar, com a responsabilidade do seu nome — *assim agiu William Crookes* — tudo quanto acabou de descobrir. Ou não será um sábio; será um mistificador, um amoral, um fraudulento, um larápio de alto coturno.

Tranquilizai-vos. Não vou denunciar ninguém. Os sábios com os quais vamos debater o nosso assunto são, via de regra, de outra espécie: confessam cândidamente que não viram *nada* e explicam tudo...

Se a hipótese do trabalho faliu; se o que se lhe afigurava à direita se lhe deparou à esquerda; se o que ambicionava por cima foi encontrado por baixo; se a suspeita de brancura foi desmentida pelo negrume; se o que pressentia levíssimo e gasoso se lhe revelou pesado e sólido, confessará o observador—*assim agiu William Crookes* — do mundo fenomenal a revolução que a sua experiência acarretar.

O máximo de acomodação que lhe será possível, se vive em épocas de intolerância e de fogueiras (que o digam João Huss e Giordano Bruno), consistirá numa contemporização, até que a morte lhe dê os primeiros avisos, para publicar as novidades. Foi o que fez Copérnico, em *1543*, para evitar os aborrecimentos que, quase um século depois, em *1632*, deviam atribular a velhice gloriosa do seu discípulo e partidário de heresia — o Galileo Galilei.

Isto é ciência, na sua impessoalidade e na sua universalidade. Um energúmeno, um fanático, um misoneísta, um psicópata, um delirante, não sòmente será capaz de negar o que possuir no côncavo das suas mãos, como tresvariará e enxertará na experiência a contribuição das suas deficiências congénitas... A ciência é a pesquisa da causa através do efeito por um observador idóneo. O grau de idoneidade varia ao infinito. O aresto final do cientista dependerá da sua maturação biológica.

A psiquiatria e a psicologia ensinam que o instrumento humano é o mais falível de todos, porque é o mais afecto a taras, a neuroses e a psicoses, que podem manifestar-se na cleptomania (ladrão por vocação congénita), na compulsão mórbida do *sádico*, na perversão paradoxal do masoquista, no predomínio do pensamento mágico com desprezo dos dados imediatos da consciência, etc. Então, perturbam-se-lhe as coordenadas fundamentais do pensamento lógico: esquece de que, se um objecto possui uma qualidade privativa e essencial, não pode possuir a qualidade contrária; que é irreversível a ordem temporal, isto é, que o efeito não pode ser anterior à causa, e, principalmente, que toda a acção se compõe de uma causa e de um efeito. Os fenómenos que constituam objecto da experiência devem ser isolados nas suas manifestações; urge que o observador obedeça a leis, a normas de raciocínio, para concluir sensatamente.

Quanto à análise dos fenómenos metapsíquicos do mediunismo, o hábito mais nocivo que inutiliza as conclusões finais é, como já o salientara a acuidade intelectual raríssima de Ernesto Bozzano, aquela deficiência de ponderação que conduz o julgador invigilante ao esquecimento, às vezes propositado, de factos positivos e comprovados, na hora de enfileirar toda a fenomenologia conhecida, fraudando a análise comparada e a convergência de provas.

A ciência parte de um princípio absoluto, do qual, todavia, costuma não se lembrar o cientista: todo o efeito pressupõe a existência de uma causa correspondente da mesma natureza e dotada do poder necessário para agir. Até os animais, à proporção que se nos aproximam na escala zoológica, aprendem a raciocinar dentro deste princípio, infalível como a lei da gravitação. O cão, o cavalo, o elefante, o macaco, sòmente se habilitam nas artes dos saltimbancos, porque se acostumam a associar novos efeitos a novas causas. Se a cada rebeldia se segue a ameaça de uma chicotada e a cada gracinha executada um carinho ou uma gulodice, entra em acção o reflexo condicionado de Pavlov, imperante sobre todos os animais. Ficam sabendo que o efeito guarda relação específica com a causa: pequenos efeitos, pequenas causas; grandes efeitos, grandes causas.

Toda a experiência humana, desde a dos selvagens e a dos antropófagos, até a dos sábios das academias, se funda na proporcionalidade, na correlação, na infalibilidade de acção entre o efeito conhecido e a causa, quer esta já tenha sido identificada, quer não. Relembrados, preliminarmente, tais conhecimentos, estamos aptos para discernir entre as pretensões da ciência materialista e os anseios da ciência espiritualista. A primeira usou o binómio causa e efeito até que senhoreasse todos os fenómenos físicos, químicos e biológicos. Agiu tal qual o animal domesticado. Este se inteirou de que a mão do dono espalmada sobre a sua cabeça, em movimentos suaves e lentos, ou traduz a aprovação de um acto realizado, ou é convite amorável para uma acção desejada; a voz irritada, o chamamento imperioso, o cabo do chicote em punho, efeitos desastrados de atitudes desastradas. Toda a ciência humana não é mais do que um conglomerado de efeitos associados às suas causas. Todas as descobertas se realizaram dentro desse programa. Para o efeito físico da bile encontrou o quimismo da célula hepática; explicou o movimento do sangue pelo trabalho motor e rítmico do coração, etc. Mas agora ela se detém diante daquilo que lhe parece um abismo. Não aceita o efeito imponderável e espiritual da bondade, do amor, da vontade, do heroísmo, da memória, da santidade, da consciência, daquilo que, na opinião deles, se convencionou chamar, absurda e irracionalmente, de *espírito humano*, como sendo a petição imperiosa de uma causa da mesma natureza, da mesma força, da mesma imponderabilidade. Causa que não pode, racional e lògicamente *(razão e lógica materialista)*, sob pena de termos de repudiar todos os conhecimentos até hoje adquiridos, deixar de obter o deferimento favorável, causa maior, eterna, permanente, como o éter físico para o mundo físico, como o electrónio para o átomo, como a gravitação para a maçã de Newton, (causa da mesma natureza e da mesma essência) um Ser que é Luz, que é Espírito, que é Amor, que é Infinito, que é Verdade, que é Sabedoria, que é Deus.

*
* *

A psicologia materialista já não se atreve mais a colocar a parte imaterial ou psíquica *(res cogitans)*, as funções anímicas, exclusivamente no cérebro. A alma (embora não a aceitem sequer como hipótese) já foi promovida a *persona*, uma unidade biológica indivisível, um equipo funcional, utilizando-se de todas as estruturas celulares e de todas as funções orgânicas, do sistema cérebro espinal, do sistema nervoso vegetativo e das diversas glândulas de secreção interna. O organismo, segundo a ciência materialista, agiria sobre a *persona* (?) e esta reagiria ao estímulo orgânico. Este

dogma, tão absurdo como todos os dogmas, impõe-nos uma excepção escandalosa ao princípio de causa e efeito, necessário ao pensamento lógico e sem o qual ninguém pode raciocinar. A dualidade causa e efeito, base das conclusões científicas, deixa de existir: o organismo seria a causa da *persona* e a *persona* seria a causa do organismo. Um efeito que tira a causa de si mesmo, ou uma causa desnecessária para a manifestação de um efeito. Um piano que carrega no seu bojo o pianista, ou um pianista da mesma estrutura do piano.

Um acto reflexo, o mais elementar de todos, realizado pelas células nervosas sensitivas e motoras, uma resposta rígida e invariável, com as duas superfícies de percepção e de reacção, encontra o seu equivalente biológico em uma nota isolada, batida a esmo pelo dedo do pianista, ou por um pianista que tivesse um dedo só. E assim como a nota não tira de si mesma o som, sem o estímulo externo do dedo do pianista, a célula, o «átomo biológico», não extrai de si mesma a sua propriedade inicial — a propriedade de se irritar.

Os animais unicelulares repetem, com monotonia, o primitivismo de seus actos reflexos, apenas esboçados, pois a causa ainda não aperfeiçoou os órgãos de que precisa.

Nos acordes musicais associam-se notas que possuem entre si vibrações harmónicas ou consonantes, tendendo já para uma finalidade melódica, assim como se associam actos reflexos convergentes para funções mais complexas, isto é, para actos deflexos.

Nas variadas modulações dos acordes, como nos actos deflexos, há uma como que intenção, uma irradiação e uma inibição. Se o pianista percutir conjuntamente o *dó* e o *mi*, ficam inibidos o *ré* e o *fá*, pois a consonância das duas primeiras notas é com o *sol*. As duas sonoridades iniciais, ou as duas irradiações, conforme queiramos usar a linguagem da harmonia musical ou da biologia, inibem o *ré* e o *fá* e pedem o *sol*.

O trabalho celular primitivo seria comparável às vibrações isoladas de notas. Os órgãos, células associadas para uma função específica, teriam a sua correspondência nas múltiplas unidades dos acordes. A constelação dos aparelhos seria melodia intencional, cuja soma daria, como resultado, o pensamento, a afectividade, a consciência, tanto mais complexos quanto mais perfeitos o corpo do piano e a alma do pianista, que o criou.

No homem dotado de raczão e de intuição, a vida física e a vida mental alcançam, ao mesmo tempo, a perfeição e a riqueza máxima da vida orgânica(assim como a possibilidade das mais belas sinfonias da alma.

Primeiro, as características da masculinidade e da feminilidade enumeradas por Termam, conforme a predominância das glândulas sexuais. No homem, o exame do fundamental, a afirmação do poder, o predomínio do conhecimento lógico, maior propensão para a atitude sádica, as decisões rápidas, os movimentos amplos, seguros, enérgicos; na mulher, o interesse pelo pormenor, o desejo de felicidade e de paz na intimidade, o conhecimento intuitivo, a atitude masoquista (ela prefere sofrer), os movimentos suaves e graciosos.

Depois, se quiséssemos inventariar a humanidade, teríamos, conforme a constituição corporal, o temperamento, a inteligência, o carácter, a experiência, a afectividade, a constelação familiar, a profissão, etc., ora falhando o pianista, ora o piano, todos aqueles tipos de nomes arrevesados que enchem os tratados de psiquiatria: os oligofrénicos, os primários, por idiotice, imbecilidade ou debilidade mental de origem congénita; os psico-neuróticos, entre os quais os histéricos e os neurasténicos; a multidão de psicópatas com os seus esquizóides, ciclóides, histeróides, etc., portadores das taras que os candidatam às psicoses, isto é, aos transtornos mórbidos pròpriamente ditos, aos dementes com as suas lacunas adquiridas e irreparáveis.

À proporçãa que se transfere da biosfera, onde se lhe desenvolveu a vitalidade inicial, misteriosa e divina, para o plano psicológico da vivência e das formas, a fim de alcançar a actividade moral e a introspecção, a alma do «átomo biológico», o pianista rudimentar, aumenta a sua virtuosidade e constrói novos pianos, utilizando-se de órgãos cada vez mais complexos e mais perfeitos.

Da nota isolada do automatismo celular, vegetal ou animal, subimos aos deflexos dos instintos, nos animais inferiores e nos órgãos do nosso corpo, alcançando-se, afinal, a personalidade pluridimensional da consciência. Resumindo: primeiro o inconsciente ou o automatismo, depois o subconsciente ou o instinto, no fim a consciência ou a razão. Já se entrevê a superconsciência da intuição, nosso instrumento do futuro, graças à força omnipotente da evolução, a que vivemos escravizados, para nossa felicidade. Omnipotente, porque ela é a manifestação da vontade de Deus.

No começo, o pianista, o *élan* vital de Bergson, bate sòmente a tecla única do automatismo. Deve viver assim todo o reino vegetal. Depois, múltiplos actos reflexos se associam em acordes ou em funções específicas, e teremos a abelha, a formiga, o fígado, o estômago, o pâncreas, etc., cada um exercendo uma actividade limitada e restrita, do nascimento à morte.

Ao término da evolução físio-psíquica (piano-pianista), as maravilhas do piano cerebral que possibilita a maravilha maior do pianista, o espírito, capaz de compor com a maior liberdade as sinfonias mais arrebatantes. Nossa alma está sempre em fase de transição: acabou de construir o instrumento com o qual penetrará os planos da espiritualidade, aproximado-se progressiva e velozmente de Deus.

Qual será o materialista bastantemente atrevido e inepto que recuse aceitar a actividade da evolução multimilenária daqui por diante? Os precedentes do passado, visíveis aos nossos olhos, não nos induzem a esperar novas e maiores maravilhas para o futuro? Deverá limitar-se a visão do homem ao exame superficial e ligeiro das cenas insignificantes de sua vida transitória, ou deve abraçar a experiência total da espécie, desde que surgiu no planeta?

A concepção do reflexo condicionado, devida ao génio fisiologista do russo Pavlov; a psicanálise profunda — um simples método de pesquisa do inconsciente, que Freud e seus discípulos fanáticos querem arvorar em filosofia ateia e em negação da Moral, muito mais racionalmente utilizado por C. G. Yung — não são conquistas decisivas no terreno das causas primárias: apenas penetram mais profundamente nos segredos das *relações* entre a forma visível e a essência invisível dos seres vivos. São puras contribuições científicas que explicam com mais profundidade o mecanismo do piano, surpreendem novas funções das peças do motor, mas nem sequer desconfiam da *energia animica*. Ainda são simples mecânicos: não se promoveram a engenheiros. Entendem de peças isoladas, mas não identificaram a corrente eléctrica que as acciona. Válidas são as suas contribuições para o entendimento da matéria, da *res extensa*, mas não da imaterialidade da alma, isto é, da *res cogitans*.

(Continua)

Hospital Espirita "André Luís"

A obra social do Espiritismo é imenso caudal em terras brasileiras. Muitas referências lhe temos feito já e muitas mais haveremos de fazer no decorrer do tempo, que vai esgotando a ampulheta e engrossando o património da doutrina.

Agora é o Hospital Espirita André Luís, em construção na Vila Salgado Filho, Belo Horizonte, numa chácara de 40 mil metros quadrados, onde os doentes encontrarão o equilíbrio perdido que os restitua ao lar e à sociedade.

Não é fácil compreender como, de um momento para outro, surgem obras de grande vulto e grande responsabilidade apoiadas em populações maciças de adeptos beneficentes. O terreno deste Hospital custou 350 mil cruzeiros e 3.000 sócios respondem pela realização da obra destinada a tratamento médico e espiritual de enfermos obsidiados desprovidos de recursos.

No seu Estatuto se lê o seguinte: Por iniciativa do Grupo Fraternidade e sob o augusto patrocínio de Jesus foi fundada em 25 de Dezembro de 1949 nesta cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, onde terá a sede, administração e foro jurídico, uma sociedade denominada Hospital Espirita André Luís, *cuja duração será indefinida. Instituição de beneficência, essencialmente espirita, destinada a prestar, dentro dos princípios cristãos, assistência médica e hospitalar aos que busquem seus serviços, será administrada por sete membros de livre nomeação do Conselho Administrativo escolhidos de entre os crentes espiritas.*

É presidente do Conselho o Dr. J. Schembri, que no Boletim do Hospital *relativo a Abril passado faz incisivas declarações a todos os espiritas de boa vontade. Ninguém melhor do que ele poderia dizer o que é a obra em curso e a necessidade de a intensificar, e por isso transcrevemos as palavras que proferiu na Assembleia Geral do Hospital, na presença das autoridades:*

«Para esta Assembleia, que pela primeira vez se realiza, foram convidados todos os sócios do H. E. A. L., todos os espiritas ou não, mas que, possuídos de sentimento fraterno, almejam ver em nossa Capital mineira erguida uma casa de caridade, cujas finalidades sejam as que se propõe este Hospital, isto é, o tratamento de doentes mentais, enfermidade afecta às zonas do espírito, ou, melhor, da mente, para a qual a medicina terrena pouco ou nada pode fazer, pois a enfermidade, em muitos casos, deixa de ter raízes na matéria — como as provocadas pela sífilis, etc. — para se localizar na mente do indivíduo.

«Após uma fase de espectativas e experiências úteis, achamo-nos agora diante de uma nova investida para realizar a construção do Hospital Espirita «André Luís», concretizando-se o desejo de muitos e aqui nos reunimos para fortalecer os laços de maior interesse e amor pela obra, diante de um sem número de casos de perturbados mentais, que não passam de obsidiados, ou médiuns não orientados e presos por grilhões de sua construção. É uma série de enfermidades mentais que terão de entrar nos quadros da psico-patologia, até então deixadas de lado, pois são inúmeros os casos de curas que se processam com os recursos espirituais, exigindo novos estudos e análises cada vez mais científicos e cuidadosos.

«São os doentes ou são os familiares que estão à espera aflitivamente de novas luzes em sua vida que parece precipitar num abismo pessoas que estão esperançosas de novos recursos para amenizar as dores morais, já que as esperanças se desvaneceram perante os últimos recursos utilizados.

«Suicídios, crimes, desarmonias de lares, etc., muitos casos como estes poderão ser evitados ou combatidos quando se fizerem sentir os novos meios que venham arejar as mentes, antes apossadas de influências negativas.

«Aqui nos achamos para unir mais fortemente os nossos corações, vibrando em sintonia com o Cristo, agora não mais para pregar sòmente, mas para agir segundo as suas recomendações aos apóstolos: curar os enfermos, retirar demónios (espiritos inferiores), pela fé, pela imposição das mãos em transfusão de fluidos magnéticos e espirituais.

«Não será contudo desprezada a Ciência que nos tem dado muito para beneficiar os enfermos. Deverá, ao contrário, unir-se a Ciência à Fé com o fim único de beneficiar a humanidade.

«Este Hospital, cuja maqueta se acha exposta na entrada do salão, mostrando o que será a sua construção, e mais, cuja planta já está aprovada pela Secretaria de Saúde e Assistência — portanto dotado de todos os recursos de amparo aos doentes —, será uma organização que satisfará todas as exigências da construção hospitalar e deve ser vista como casa de Caridade de primeira necessidade.

«A convergência dos interesses pela causa deve intensificar-se, evitando personalismo, evitando dispersão de esforços, pois os recursos financeiros de que dispomos em nosso meio não são fartos e há inúmeros casos de obsidiados julgados por aí como loucos incuráveis, faltando-lhes a real terapêutica que o caso exige.

«Não vivemos uma época em que o número deles é maior? Não estamos na fase de transformação do mundo em que a luta e o sofrimento convergem, atingindo mais as zonas da mente com a participação de elementos inferiores da espiritualidade, como que para despertar a humanidade para novas e reais compreensões da vida? Pensando nessas coisas todas e na tristeza que um doente mental impregna em todos que o rodeiam, é que o H. E. A. L. fixou as suas directrizes.

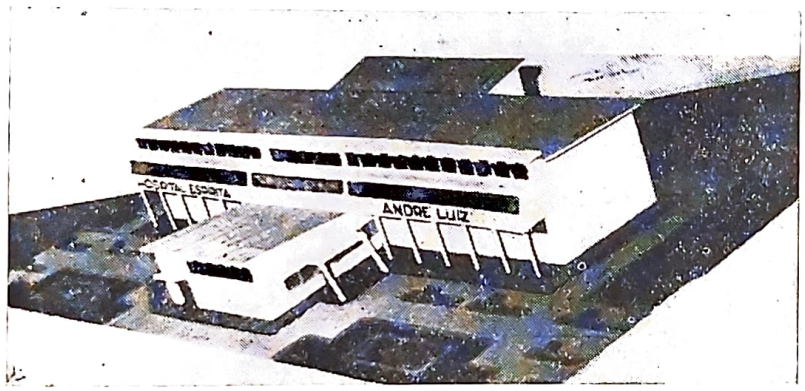
«Há em nosso meio essa lacuna, no sentido dos novos recursos terapêuticos, para os casos em que o choque eléctrico ou o choque pela insulina ou pelo Cardiozol sejam infrutíferos ou que, pelo menos, devam dar um passageiro alivio, sem contudo levar à cura. Para eles, uma nova terapêutica deverá entrar em acção: a terapêutica dos espiritos, fundamentada na Lei do Amor e que o Cristo recomendou na cura dos «endemoninhados». A cooperação da espiritualidade deverá fazer-se sentir então nos recursos de transfusões magnéticas e espirituais, dirigidas pelo poder da vontade e principalmente pelo sentimento do amor — pois é verdade que nós somos portadores de magnetismo dito animal (Mesmer) e podemos tam-

bém contar com o magnetismo dos espíritos elevados. É o sentimento puro de curar que permitirá que esse magnetismo seja manipulado de acordo com as enfermidades, substituindo as vibrações doentias destas enfermidades pelas vibrações saudáveis de uma transfusão magnética positiva e equilibrada; o emprego de medicamentos homeopáticos ou alopáticos, a utilização dos choques ou dos recursos psicanalíticos serão escolhidos de conformidade com a natureza de cada enfermo, ou então ajudarão a vencer os males, reforçando as defesas materiais; depois de o doente estar liberto do pesado fardo de uma obsessão, poderá seguir novas directrizes de educação mental e espiritual.

«No próprio Hospital deverá haver aulas, conferências, palestras de cunho espiritualista ou evangelização dos doentes em fase de restabelecimento; aulas educativas com práticas para educação do pensamento, enfim, tudo o que possa beneficiar os enfermos, tornando-os seres aptos para nova vida. Tudo isso, no entanto, será possível quando se tiver desobstruído a mente de agentes obsessores que impossibilitam qualquer entendimento com os ensinamentos mais elevados, pois a mente se acha terrivelmente confusa e em baixo padrão vibratório. O objectivo deve ser a libertação da mente e da individualidade do enfermo mental, fazendo-o conhecer as leis da natureza, as leis de Deus e segui-las normalmente. Passará então a amar, ao invés de odiar; servir, ao invés do desejo único de ser servido; deixará de ser egoísta, para ser fraterno; com a mente educada, saberá pôr em equilíbrio as necessidades biológicas, cujo emprego desarmónico coopera para o desequilíbrio do ser. Se somos dotados de uma alma pensante, ou seja o espírito divino, este liga-se ao corpo físico através do corpo perispiritual, actuando nos centros nervosos cerebrais e nas glândulas endócrinas. Se utilizamos o pensamento para manifestação do espírito, este pensamento, se negativo ou positivo, irá influenciar para o desequilíbrio ou equilíbrio do organismo físico. É por isso que é necessário conhecer-se as Leis Divinas, as leis que regem o pensamento, para que sejamos dotados de mente sadia em corpo sadio. Daí, a necessidade de processar a cura de um doente mental pelas diferentes fases que acabamos de enumerar.

«Ora, vemos que o trabalho será árduo e infelizmente raros são os núcleos que tenham os objectivos deste Hospital. Assim, conclamamos em altos brados, todas as consciências de boa vontade para tomarem parte neste labor espiritual, concorrendo com o óbulo da boa vontade, ajudando o erguimento desta obra, obra que não é criação da mente humana mas oriunda de planos da alta espiritualidade.

«Hoje, durante esta Assembleia, serão dadas informações completas das realizações que se vão processando nos bastidores do H. E. A. L, por dever e por consideração pelos interessados. Em carácter público, portanto, verão repassadas todas as realidades do movimento concreto do Hospital e todos verão o que têm feito por ele.



PROJECTO DO HOSPITAL ANDRÉ LUÍS

«Os directores do H. E. A. L. desejam externar aqui os mais puros sentimentos de gratidão para com todos os que têm ajudado esta tarefa difícil e que permitiram que chegássemos onde nos encontramos. Acreditamos nos novos auxílios que nos permitirão levar ao final o objectivo, entregando ao povo nova casa de caridade.

«O agradecimento se estende não só àqueles que contribuem com maior vulto para a obra, como também àqueles que deixam seus 5 cruzeiros mensais para o mesmo fim. E mais ainda, àqueles que, no anonimato, desejam ver construído o «André Luís», para atender um amigo, um ente querido — pai, mãe, irmã ou esposa — acometidos de enfermidade para a qual todos os recursos foram baldados e para os quais surge mais uma oportunidade de alívio. Esses anónimos vibram com coração e pensamento puros.

«Sentindo a maior necessidade no momento de um hospital como este, que esteja de acordo com as exigências dos Serviços de Saúde, é que procuramos despertar naqueles que ainda não tiveram a oportunidade de sentir a dura realidade da vida de um doente mental e de seus familiares o interesse pelo erguimento, o mais rápido possível, do «André Luís». O preço da construção é elevado, pois as exigências hospitalares o obrigam.

«Solicitamos então o apoio valioso, sincero, amigo e fraterno de todos, tornando-se sócios, fazendo doações, auxiliando na venda de tômbolas, tendo sempre na mente a natureza e finalidades do Hospital.

«A União Espírita Mineira foi a casa escolhida para esta primeira Assembleia, justamente por ser a casa «mater» do Espiritismo em Minas onde se filiam os centros, numa forma de unificação de princípios, não uma casa que se compare com o Vaticano para os católicos, pois não temos um chefe aqui na Terra, mas sim o Cristo. Significa isto que procuramos o apoio de todos os Centros, mesmo dos que não estejam filiados nesta Casa, assim como de todas as pessoas de quaisquer religiões ou núcleos filosóficos ou mentalistas que se debatam em prol da melhoria do pensamento e sentimento da humanidade. O Hospital dará grande apoio a todos, aceitando os doentes que para ele forem encaminhados, tudo na medida das suas possibilidades, sem distinção de centros, sem fronteiras de espécie alguma — seja de raça, religião, cor ou partido político.

«A própria direcção do Hospital Espírita «André Luís» não obedece à orientação de uma ou duas consciências individuais. Todos têm o mesmo direito de nele trabalhar, desde que se fixem nas directrizes dos estatutos cuja base assenta no Evangelho, pois o lema do Hospital Espírita «André Luís» é a CARIDADE».

Assim se faz a história do Espiritismo em monumentos imperecíveis de caridade. Como poderá morrer esta doutrina de emancipação e regeneração?

CONCEITOS DE

Por DEOLIN

Quando se faz a interpretação de uma obra, de uma doutrina ou, mesmo, do pensamento de um autor, desde que a interpretação seja imparcial, com o objectivo sincero de procurar a Verdade, é de regra não colocar um conceito subsidiário ou auxiliar acima de conceitos básicos. Em toda a obra de pensamento, seja em que domínio for, há sempre um grupo de proposições e conceitos fundamentais que, através de uma sequência lógica e uniforme, encerram a tese central da obra. À margem da ideia fundamental também se formam inevitàvelmente alguns conceitos que, embora não estejam em contradição com a ideia capital da obra, não podem exprimir o pensamento completo do autor. Toda a argumentação baseada em conceitos subsidiários, em frases soltas, em ideias esparsas, sem acompanhar a sequência do pensamento central, sem ligação com ideias antecedentes, sem subordinação, finalmente, a um conjunto de proposições fundamentais, está em desacordo com as mais elementares regras de hermenêutica.

Não é de boa regra interpretar uma doutrina, uma obra qualquer sem a noção de conjunto, sem a compreensão de seus conceitos básicos. Afinal de contas, qual a diferença entre conceito básico e *conceito subsidiário ou marginal, uma vez que estamos tratando de hermenêutica? Conceito básico é aquele que exprime o pensamento principal, é o conceito que se forma através do encadeamento lógico das ideias, depois de estabelecidas as premissas que servem de ponto de partida à argumentação; conceito subsidiário ou auxiliar é apenas o que dá ideia do assunto, mas não encerra todo o conteúdo, toda a essência do pensamento. Vamos entrar, agora, no terreno prático.*

Se alguém quiser, por exemplo, dizer que o homem mais religioso do mundo negou a existência de Deus (tudo é possível...), pode encontrar, através de frases soltas ou de um conceito marginal, um motivo, um elemento que justifique *tal afirmativa. Por meio de frases soltas, sem coordenação, sem ligação com proposições gerais, podem-se justificar, até, os maiores absurdos, as mais contundentes contradições: basta que se despreze o conjunto, que se deixem de lado as proposições fundamentais para extrair sòmente uma frase, um pensamento que interesse no momento. Este sistema é perigoso e está em desacordo com todas as regras de hermenêutica e de ética. Figuremos um caso, para ilustração. Se alguém vier dizer, suponhamos, a qualquer de nós, espiritas, que existe inferno, que o pecador não tem mais salvação, etc., e que tudo isso é obra de Deus, naturalmente qualquer de nós responderá, com base na própria lógica da doutrina espirita, que, se é assim, então Deus não existe... Claro, lógico, inevitável. A conclusão está de acordo com as proposições iniciais. Pois bem, se um crítico ou adversário quiser argumentar apenas com uma frase, sem ligação com o conjunto, sem levar em consideração as ideias antecedentes, poderá tirar do período a frase final — «Deus não existe» — e dizer que os espiritas são inimigos de Deus, etc., porque o espirita Fulano ou Beltrano disse que «Deus não existe»... Realmente, lá está escrito: «Deus não existe». Todavia, é indispensável notar que a frase final — «Deus não existe» — está subordinada a ideias antecedentes, é a conclusão de um raciocínio decorrente de premissas que, realmente, levam a tal conclusão, dentro da dialética espirita.*

Qual a regra mais elementar de argumentação? Em primeiro lugar, não tomar uma parte pelo todo; em segundo lugar, não utilizar frases soltas ou expressões isoladas; em terceiro lugar, procurar compreender o conjunto em que a frase ou expressão se acha contida. O valor de uma frase, quando solta, inteiramente fora de um trecho, é muito diferente do valor que a mesma frase pode ter, quando en-

SEMENTES DO CAMINHO

(Do livro "Gotas de Luz", do Espírito de Casimiro Cunha, psicografado por F. Cândido Xavier)

Tem cuidado, estrada afora,
Sofrendo, sorrindo, amando.
Enquanto a galinha dorme,
A raposa está velando.

Entre as maldades da terra,
Não te percas, meu amigo;
Se fores ver algum lobo,
Conduz algum cão contigo.

Vigia sobre ti mesmo,
Se queres a própria cura,
Que os erros da Medicina
Não saem da sepultura.

Não te afastes do equilíbrio:
Sobriedade nunca é pouca.
Quando é fácil a receita,
A despesa é sempre louca.

ALLAN KARDEC

DO AMORIM

quadrada num sistema de proposições, quando no conjunto, finalmente. No tempo da Bastilha, que a Revolução Francesa destruiu em 1789, muita gente foi parar às masmoras da realeza em consequência de acusações deficientes. Uma frase solta, por exemplo, poderia levar alguém a ser condenado como inimigo do rei...

Façamos, agora, a aplicação destes princípios à doutrina espirita. Há, na doutrina espirita, como em todas as doutrinas, um grupo de conceitos básicos e, ao mesmo tempo, certos conceitos subsidiários ou marginais.

Um dos cenceitos básicos de Allan Kardec é o de que O ESPIRITISMO NÃO É UMA RELIGIÃO CONSTITUÍDA, justamente porque não tem ritual, nem sacerdote, nem culto material de espécie alguma. Outro conceito básico de Allan Kardec: espirita é todo aquele que aceita os princípios básicos da doutrina e com eles conforma os seus actos. Quem apenas acredita nos espíritos, desde que não aceite os princípios doutrinários do Espiritismo, não é espirita. Daí a existência de escolas que, embora admitam o fenómeno extra-humano ou supranormal, não aceitam a explicação espirita: a escola metapsíquica, a parapsicológica. Não se pode dizer que essas escolas sejam ESPIRITAS apenas porque partem do fenómeno. Elas mesmas não se dizem espiritas, tanto assim que adoptaram outras denominações, outra terminologia.

Uma coisa, finalmente, é aceitar o fenómeno como facto real e outra coisa muito diferente é aceitar conscientemente os princípios doutrinários que decorrem do fenómeno. Este o conceito central de Kardec quando diz que «espirita é todo aquele — convém repetir — que aceita os princípios da doutrina e com eles conforma os seus actos. Para chegar a esta conclusão, Kardec partiu de premissas que nunca devem ser desprezadas. Se quisermos sair das premissas de Kardec ou utilizar apenas conceitos subsidiários do Codificador, sem apoio nos conceitos básicos, chegaremos à conclusão de que até o católico é espirita, porque acredita na manifestação dos espíritos. Pode, porém, um católico ser espirita? Há pontos comuns — a imortalidade da alma, a existência de Deus, a moral cristã — mas também há pontos irreconciliáveis, como a reencarnação e as «penas eternas», a lei de progressividade do espírito e o inferno, o princípio da preexistência e o «pecado original». Como é possível conciliar opecado original com a preexistência, como poderia o católico acomodar as «penas eternas» com a reencarnação? No entanto, o católico acredita na manifestação dos espíritos. Poderíamos dizer que o católico é espirita? Não, porque há princípios profundos, irreconciliáveis entre a doutrina espirita e a doutrina da Igreja.

Pode um espirita ser, ao mesmo tempo, espirita e católico? Como?... Embora haja três pontos comuns entre o católico e o espirita — a imortalidade da alma, a existência de Deus e a moral cristã — jamais um espirita poderia conciliar a lei da reencarnação com a existência do inferno. Logo, não é possível, lògicamente falando, ser católico e espirita ao mesmo tempo. Não estamos atacando crenças, estamos discutindo PRINCÍPIOS. Já se vê que não basta acreditar nas manifestações dos espíritos para ser espirita. Há muita gente que acredita em tais manifestações, mas não aceita os princípios da doutrina espirita. Se, portanto, como diz Kardec, o Espiritismo não é «uma religião constituída», isto é, organizada, não se pode dizer que haja Espiritismo onde se pratica o mediunismo com liturgia, «pontos cantados», velas, imagens e, em suma, com todos os elementos de culto material.

Crónica lida no programa «Selecções Espiritualistas» da Rádio Guanabara, Rio de Janeiro

---

Em teus hábitos no mundo,
Não permaneças dormindo.
A loucura inventa as modas
E a tolice vai seguindo.

Se um dia fores bigorna,
Seja a calma o teu segredo;
Mas quando fores martelo,
Rebate forte e sem medo.

Teme apenas a ti mesmo
Na esfera do teu dever.
Quem se amedronta consigo
Nada mais tem a temer.

Fala pouco e pensa muito.
Não gastes verbo ilusório.
De palavras em palavras
Caímos no purgatório.

Procura a simplicidade,
Não gabes a própria sorte;
Por enquanto não chegaste
À grave questão da morte.

Buscas a paz do infinito
E a claridade sem véu?
Trabalha e auxilia o mundo,
Guardando a visão do céu.

VIDAS DE GRANDES RELIGIOSOS

De Henry Thomas e Dana Lee Thomas

II

(Continuado do número anterior)

IV

Dos dois mundos — declara Swedenborg — o físico, longe de ser real em si, é apenas o símbolo do espiritual. A estátua é meramente a roupagem de mármore da ideia criadora que tomou forma no espírito do escultor. E o corpo humano é simplesmente o revestimento da alma, pois só nas suas dimensões físicas podem os traços rutilantes do espírito fazer-se perceptíveis aos débeis sentidos humanos. Por esse motivo é que Deus converteu o seu espírito em carne. Deus fez-se humano para demonstrar ao homem que Ele era divino.

«A matéria é ùnicamente uma expressão». No entanto, uma vez que a matéria corresponde ponto por ponto ao espírito, é possível ao homem bom e sábio compreender o verdadeiro mundo espiritual, embora estorvado pela teia dos sentidos, pois «nada existe na Natureza que não se assemelhe à sua origem, o espírito». Cada partícula de carne, fibra e músculo do corpo é semelhante à carne, fibra e músculo da substância espiritual, ou da «parte mais íntima da matéria». Cada objecto do mundo material é um «reflexo» do mesmíssimo objecto no mundo do espírito. Todas as ideias da mente são simbolizadas por factos físicos. Todas as coisas são projectadas do mais íntimo do espírito sobre os factos exteriores. «Nada há na natureza que não provenha do espírito e não exista *pelo* espírito...». Na semente da árvore está a forma da floresta; na circulação do sangue está o princípio universal da vida — «o ciclo constante de nascimento e morte, dissolução e renovação». Tudo é, em si, a imagem perfeita da forma total do ser. A gota de água encerra em si a forma e a substância do oceano inteiro. No comentário que escreveu a essa doutrina swedenborguiana das correlações, Emerson expõe o pensamento de maneira concreta e pitoresca. «As unidades de cada órgão (humano) são outros tantos órgãos em escala reduzida; as unidades da língua são pequenas línguas; as do estômago, pequenos estômagos; as do coração, pequenos corações. Esta ideia fecunda dá-nos a chave de todos os segredos... O homem é uma espécie de paraíso em miniatura... Deus é o homem em grande escala».

Este é o santo-e-senha do fim supremo do Universo: «A Natureza está inteira nas suas ínfimas partes... Realmente, vivemos e andamos aqui qual microscosmo, e levamos em nós tanto o Céu como o Mundo, e, por conseguinte, o Reino de Deus».

Mas o nosso próprio mundo físico não foi criado, de uma vez para sempre, por um acto divino delimitado. A criação do Mundo é um processo contínuo — uma constante interpenetração e impregnação pelo mundo espiritual. A alma do indivíduo — e do Universo — está sempre a unir-se com o corpo em sabedoria e amor. Pudéssemos usar os óculos do espírito, e veríamos que a sabedoria e o amor são as vigas de aço que sustentam o edifício da existência, e que os materiais deste mundo são meramente as nuvens de vapor que escapam da chaminé. «*Essa* é a verdade da vida».

E assim o honesto filósofo deixou o seu corpo e «enveredou pelos corredores da verdade».

V

Da metafísica do Universo, Swedenborg passou à teologia dos céus. Escreveu uma série de livros que fizeram brilhar mais viva a imagem de Cristo na consciência do homem.

O Senhor, declarou ele, aparecera-lhe numa das visões e dera-lhe ordem para reinterpretar a significação de Sua Palavra, tal como ficara registada na Bíblia. E depois que a «luz espiritual» abriu suficientemente os olhos de Swedenborg, este pôs mãos à obra.

«As escrituras têm uma significação espiritual, assim como um sentido literal», pois referem-se tanto ao mundo espiritual como ao material. Até ao presente, a Igreja tomou-lhe ao pé da letra as prescrições e cronologia. Mas as narrações da Bíblia, construídas como o foram com os materiais do tempo e do espaço, do fogo e da terra e da carne, são apenas a maneira divina de exprimir a Verdade Eterna das esferas imateriais. Por exemplo, a narrativa do *Génesis* é simplesmente a figuração carnal de uma ideia. Os seis dias da criação representam as seis fases «pelas quais o homem chega ao conhecimento e ao amor, e completa a imagem de Deus». Os primeiros seres criados pela mão de Deus foram os peixes e as aves. E essas criaturas simbolizam o primeiro grau da vida espiritual, em que a *fé* predomina. Os animais criados a seguir representam o estádio da vida espiritual em que a força activa é o *amor*. Finalmente veio o homem, o remate da criação, a alma regenerada que encerra não só a fé e o *amor*, mas também a *compreensão*. Igualmente, a Árvore do Conhecimento, do Jardim do Éden, não deve ser tomada em sentido literal. É a representação da ciência humana e do prazer sensual. «Esta espécie de alimento é perigosa à vida superior do homem».

Do mesmo modo, sustentava Swedenborg, muitas doutrinas da Igreja

SWEDE

deviam ser submetidas a nova interpretação. Corajosamente, procurou fazer voltar a religião à simplicidade primitiva. Discutiu particularmente a doutrina literal da Trindade. «Jesus, longe de ser o Filho de Deus e a segunda pessoa da Trindade, é o próprio Deus, o Deus único, e exprime na sua pessoa toda a Trindade». Swedenborg impugna a doutrina calvinista da predestinação, e declara que a salvação do homem não está na «fé», mas no carácter, e no empenho sincero de praticar o bem. «A vida que leva ao Céu não é a vida de afastamento *do* mundo, mas a de acção *no* mundo... A vida só de devoção, sem caridade... aparta-nos do Céu, em vez de *conduzir* a ele, como vulgarmente se crê». O homem deve levar uma existência de acção na sociedade, e não uma existência de reclusão e de prece. A concepção popular sobre as relações entre Deus e o homem, declara Swedenborg, é falsa. Não se trata de um drama aparatoso, representado no tempo e no espaço, mas de um discreto entrelaçamento do espírito humano com o divino. Mas Deus não pro-

cura atrair o espírito para o Céu. «Essa concepção é um conto de fadas». É o estado da vida *interior* de um homem que constitui o céu para ele. O céu está *dentro* de nós, e não *fora* de nós. «Ninguém irá para o céu, se não tiver recebido o céu no coração».

O céu, em suma, é um estado constante de *amor activo*. «O amor é vida; a vida é amor; o amor é a própria vida de cada homem». Esta espécie de vida-amor é indestrutível, sobrevive à própria morte, assim como o Sol brilha sobre os outros planetas, sobrevivendo às nuvens da nossa reduzida atmosfera, que o subtraem temporàriamente à nossa vista. O corpo da vida é heliotrópico — isto é, está sempre voltado para o Sol. Todos os revestimentos, vagens e casulos que protegem as sementes da vida pendem irresistìvelmente para a luz, até que essa cobertura exterior se resseca por fim ao excessivo calor material. Então emerge da casca a essência interior amadurecida, como o grão dourado

NBORG

do trigo. O grão do espírito vive num campo alheio ao tempo, e não pode ser destruído pelos ventos, chuvas e calores. E Swedenborg, mergulhando a pena num poço de ternura, começa a descrever essa «vida ulterior» — o mundo imortal da alma humana.

Durante anos, conta ele, comunicou-se com os espíritos dos desaparecidos, assim como nós nos comunicamos à mesa com os vivos. E travou íntimas amizades com os mais ilustres «mortos» que existiam. Todos o inteiraram de muito bom grado da maneira como se davam com a nova vida.

«A morte é apenas a continuação da vida». Não é nem a inversão, nem a cessação da nossa existência actual. Na verdade, em nada difere da nossa actividade terrena. Com um encanto peculiar, Swedenborg relata como, tendo dito a alguns espíritos amigos que muitas pessoas na Terra duvidam da existência futura, os espíritos se surpreenderam com tal cepticismo. E não recordaram que também tinham pertencido ao número dos cépticos, na Terra. «Que pueril estupidez a nossa em não reconhecer a certeza desta vida ulterior!».

Swedenborg passa então a uma descrição minuciosa dessa vida ulterior do espírito humano. «Medeia apenas o espaço de alguns dias entre a morte do corpo e a entrada do homem no outro mundo». Assim que o homem perece corporalmente, «é conduzido a um certo estado intermédio entre o sono e a vigília, e, quando se acha nesse estado, não pode saber senão que está inteiramente desperto; tem todos os sentidos tão alerta como na mais completa vigília do corpo: assim a vista como o ouvido e, o que é extraordinário, o tacto, o qual se revela mais delicado do que se poderia imaginar na vida do corpo...». Logo o novo espírito, afazendo-se gradualmente ao seu meio, experimenta a primeira grande surpresa: o mundo em que se encontra difere tão pouco do mundo que ele acaba de deixar, que «muitos se recusam a crer que hajam realmente morrido». O espírito «recém-chegado» acha-se na posse de um corpo semelhante ao que deixou na Terra; encontra as mesmas espécies de pessoas, e vê em torno de si os mesmos objectos e cenas com que estava familiarizado no Mundo. «Goza, com efeito, de uma existência verdadeira, real».

Mas há uma diferença essencial. Os seus sentidos estão muito mais despertos, mais *vivos*. «Cumpre tomar o cuidado de não dar crédito à opinião errónea de que os espíritos não possuem sensações muito mais subtis do que durante a vida do corpo... Os espíritos não sòmente possuem a faculdade de ver, mas vivem numa luz com a qual não se pode comparar a luz meridiana deste mundo... Desfrutam igualmente a faculdade de ouvir, mas em grau tão perfeito que excede sobremaneira a audição que tinham em vida... Os seus desejos e afeições, além disso, são incomparàvelmente mais fortes do que durante a vida do corpo... Em uma palavra, o homem nada perde ao morrer, mas permanece homem sob todos os aspectos, embora mais perfeito que durante a existência no corpo».

Não só leva consigo os sentidos, mas as opiniões, preconceitos e hábitos, e toda a mentalidade que lhe foi dada pela educação no mundo anterior. Muitas almas nobres, por exemplo, esperavam poder conversar com os maiores sábios de todos os tempos a respeito da bem-aventuranca celestial. E têm satisfeito o seu desejo. São apresentados aos antigos filósofos e pensadores da raça humana e podem conversar com eles até descobrir que estão um tanto fatigados do prazer concedido e pedem licença para retirar-se. Outras almas piedosas foram levadas, na Terra, a crer que o céu é um lugar «onde as congregações nunca se dissolvem e as celebrações dominicais não têm fim». A esses espíritos é permitido entrar num templo e cumprir os seus ritos religiosos pelo tempo que quiserem. «A princípio, ficam em êxtase; mas, depois de longo período de devoções, o seu fervor começa a declinar — alguns cabeceiam e dormem, outros bocejam, ou clamam pela sua libertação, e todos se mostram cansados do excesso de práticas piedosas».

Por fim, o espírito aprende a conhecer a verdadeira natureza do paraíso. «É o prazer de fazer algo útil para si e para os outros». De vez em quando — observa Swedenborg — um espírito, ao ouvir isso, exclama aturdido: «Mas não é a principal finalidade do homem glorificar a Deus, gozar a Sua presença eternamente?». «Com efeito» — respondem os anjos. E passam a explicar que a «glorificação de Deus» consiste em algo mais do que «cantar salmos». Compreende «o germinar dos frutos do amor — isto é, a execução diligente, fiel e sincera do trabalho a que cada um se adapta melhor... pois nisso está o amor de Deus e o amor do próximo; é esse o liame da sociedade e o seu bem».

Todo esse trabalho de orientação do espírito recém-chegado, continua Swedenborg, efectua-se num estado intermediário entre o céu e o inferno. O homem tem de ser julgado antes de partir definitivamente para uma das duas regiões. No entanto, «é errónea a concepção de um Dia de Juízo, em que a alma é submetida a julgamento diante de uma Inquisição». Na realidade, não há nenhum tribunal, nem atmosfera policial. Os «anais da vida de um homem» são apresentados a este e recordados todos os actos da sua existência anterior. Ele é o seu próprio juiz e testemunha. E escolhe por si mesmo o lugar onde passará os dias futuros. «O Senhor não lança ninguém no inferno»; mas os espíritos que ingressam no outro mundo com as suas disposições perversas anteriores — explica Swedenborg — gravitam naturalmente para o inferno da sua preferência pessoal, visto que só ali encontram o ambiente e as companhias que lhes agradam». Com frequência, é permitido a um espírito mau entrar no paraíso, se assim deseja; mas, não podendo suportar-lhe a pureza, precipita-se es-

pontâneamente no inferno. Os espíritos maus não são castigados pelas acções más que praticaram na Terra, mas antes porque, tendo sido finalmente esclarecidos com um resumo das suas faltas e uma explanação do bem, e tendo-se-lhes dado a escolher o seu caminho futuro, ainda persistem no mal. Não há nada «mesquinho» na punição divina. «O Senhor nunca envia ninguém para o inferno; pelo contrário, deseja tirar todos de lá. Tão pouco encoraja os tormentos; mas, uma vez que o próprio espírito se precipita neles, o Senhor extrai até dos castigos e torturas algum benefício».

A punição da alma, assim como a sua recompensa, é distribuída em conformidade com a lei divina da clemência. «A clemência do Senhor estende-se a todos e a tudo... Ele compadece-se da condição daqueles que permite sejam castigados» — do mesmo modo que se compadece daqueles a quem permite desfrutar a bem-aventurança. Todos os homens são criaturas frágeis, qualquer que seja a sua temporária morada. O anjo afortunado não vê com despreso o demónio infeliz. Antes, murmura ao contemplar o abismo: «Lá, não fosse a graça de Deus, estaria eu também». E vai ainda além da simples piedade. «Quando os perversos padecem o castigo, estão sempre presentes anjos que lho regulam e suavizam as dores...».

Então, com um traço de consoladora piedade cristã, o místico sueco prossegue: «Todo o mal tem o seu limite — mesmo no inferno». Os precitos são constantemente impedidos de lançar-se em mais profundos abismos de maldade que os que lhes couberam na Terra, «pois uma lei dispõe que ninguém deve tornar-se pior do que foi no Mundo».

Inútil é dizer que este S. Francisco sueco encontrou um lugar no céu para todos os homens de boa vontade, sejam ou não sejam cristãos. «Não se conhece no céu nenhuma passagem das Escrituras que se refira a discriminações entre pessoas, nações ou povos; lá, os anjos não se preocupam com a personalidade de Abraão, Isaac ou Jacob, e não vêem entre eles outra diferença que a das qualidades humanas».

Todas as crianças, baptizadas ou não, são imediatamente mandadas para o céu ao morrerem e ali criadas pelos anjos. E, passado o período de preparação espiritual, todos os homens e mulheres bons gravitam para aquela paragem abençoada. Swedenborg descreve a «cena celeste» com a segurança de uma testemunha ocular, pois «foi-me permitido entrar lá quatro ou cinco vezes». O céu, na sua forma total, é Um Homem — o Senhor. Cada sociedade de anjos desempenha a respectiva função do Seu corpo, assim como o coração, os rins, os vasos sanguíneos e as fibras musculares desempenham cada um o seu papel na conservação da vida e da saúde do corpo humano. É realmente um paraíso muito humano o que Swedenborg nos apresenta — humano em grau sublime. O novo espírito entra para esse paraíso — isto é, na última fase do seu desenvolvimento — na posse das suas melhores faculdades e mais puros desejos. O rosto e o corpo assumem os contornos correspondentes à bondade do espírito. E, uma vez chegado ao céu, experimenta uma agradável surpresa após outra. Descobre, não sòmente que o amor conjugal é praticado entre anjos masculinos e femininos, mas que marido e mulher, quando se amaram profundamente na Terra, são reunidos em matrimónio celeste. «O amor sexual é a energia mais pura da condição divina». No seu amplexo, os casais enamorados «formam um só Anjo». Mas se marido e mulher não foram felizes na sua união terrena, recebem permissão de seguirem cada um o seu caminho no céu e procurar companheiros mais satisfatórios. «Na vasta colectividade do céu, tanto o marido como a mulher hão-de encontrar companhia adequada». Os espíritos atraem-se uns aos outros, com as suas formas, fisionomias e coração, pela semelhança de qualidades. E tudo o que o coração pensa, no Céu, revela-se no aspecto exterior. É impossível a uma cabeleira dourada ocultar uma língua viperina.

Nesta nova «terra dos anseios do coração» — declara Swedenborg — o amor nunca termina. Não é demarcado pela passagem das estações, ou pelas rugas da idade. Não existe no céu a noção do tempo, «mas ùnicamente mudanças de estado». As estações, nesse arcano sagrado, são caracterizadas pelas disposições do coração. Quando este se acha contente, é Primavera e alvorecer; quando está triste, é Inverno e noite. Tão pouco existe no Céu a noção de distância ou espaço. «Quando alguém viaja de um lugar a outro, chega mais depressa se deseja ir, e tarda mais se não tem vontade de chegar». Só a vontade do coração amante pode trazer para junto de si o amado, através dos marcos miliares do infinito. O amor é o doce eixo em redor do qual gira o eterno planeta do paraíso. Ninguém envelhece nesses «trópicos da pureza». Ou melhor, «envelhecer, no Céu, é rejuvenescer». Todos «avançam constantemente para a Primavera da sua vida, de tal maneira que os anjos mais velhos parecem os mais jovens». As mulheres que morreram velhas e desfeitas pela idade, mas que viveram «no amor ao próximo... alcançam... uma florescência juvenil e uma beleza que ultrapassa todas as nossas concepções terrenas de beleza...».

Tal é, em resumo, a imagem do céu, espelhada no credo de Swedenborg. E quem poderá dizer com plena certeza que não existe essa região maravilhosa? O Paraíso será um sonho? Bem, e porque não? «O homem, nos seus sonhos perfeitos, é o paraíso». E Swedenborg, cego pelo excesso de luz, larga a pena.

VII

Quando esta bomba de humanidade e brandura explodiu sobre os dogmas petrificados do século XVIII, os homens taparam os ouvidos e cerraram as portas do coração. Uma religião que, na sua tolerância ilimitada, admitia aos deleites do Paraíso até os budistas, muçulmanos e judeus, era uma fonte de perigo para todas as couraças interiores, salvo para a alma desarmada do santo. Swedenborg distribuira exemplares das suas obras por todo o Continente, insistindo por comentários. «Nenhuma voz respondeu». Atrevera-se a sugerir, com a autoridade de Deus, que o diabo, nos seus piores aspectos — é apenas humano.

Mas gradualmente as partículas do poderoso explosivo chegaram até Emerson, Hawthorne, Carlyle, Thoreau, Coleridge, De Quincey, Goethe, Maeterlinck — e uma multidão de outros poetas, filósofos e místicos. Então, o poder da imaginação de Swedenborg despedaçou velhos preconceitos e inundou o Mundo com a luz de um pensamento novo. E as almas reuniram-se, em grande número, para adorar.

São dois os supremos poemas de vida e morte. *A Divina Comédia* de Dante, debuxada com as cores vivas do fogo e do ódio, fascinou a mente humana. Mas a *Visão do Céu*, de Swedenborg, comoveu o coração humano, pois este poema foi pintado com o pincel da piedade numa tela de lágrimas.

F I M

A VIDA NO ALÉM

Por B. B. MARTINS

AS comunicações entre desencarnados e encarnados nem sempre são fáceis, nem simples. Raymond conta-nos claramente as dificuldades que experimentou para conseguir comunicar-se com o mundo físico.

Há desencarnados que conhecem a técnica das comunicações entre os dois mundos e que estão suficientemente desenvolvidos para se comunicar directamente, por si mesmos. Mas há outros que não têm esse conhecimento, ou que não têm ainda a prática suficiente para o fazer com êxito. Daí, as comunicações incoerentes, cheias de interferências de outras entidades, ou modificadas pelas ideias dos médiuns terrenos e pelas sugestões dos assistentes.

Raymond comunicava-se com a família, servindo-se simultâneamente de dois médiuns — um encarnado (em transe) actuando no mundo material, e outro desencarnado (a entidade *Feda)* que, do mundo espiritual, transmitia, através do primeiro médium, as palavras e os gestos do inexperiente Raymond, descrevendo também o ambiente espiritual.

Depois duma certa aprendizagem, Raymond tentou controlar, sòzinho, o médium terreno, mas não o conseguiu com êxito. Nesse intuito, chegava a travar luta encarniçada com o próprio médium motivando o estrebuchar deste, mas não podendo, mesmo assim, dar uma comunicação razoável e clara, pois não só não era capaz de obter o *contrôle* do médium, como, ainda, por se encontrar mergulhado na sua aura, ficava perturbado e se esquecia até do que tinha para dizer.

A páginas 174 lemos o seguinte: «Raymond não consegue falar quando controla directamente o médium. Diz que não pode lembrar-se das coisas. Quanto mais sente de modo físico, menos pode pôr o cérebro no trabalho e mais perde a inteligência. Quando controla directamente, tem de usar o estilo do médium, porque não é capaz de dominar de modo absoluto e tem de usar o que encontra no cérebro do médium». E a páginas 185: «Temos de tomar a cabeça do médium como um crivo, que nem sempre está em condições de coar o que desejamos».

Por meio da mesinha (tiptologia), já Raymond conseguia comunicar-se um pouco melhor, podendo até dispensar o auxílio da entidade *Feda,* e actuando ele mesmo sobre o móvel. A páginas 128 lê-se: «Raymond jamais consegue dizer o que deseja. Às vezes é uma palavra que surge sem ligação. Frequentemente, as palavras *não procedem* da sua mente. Quando o senhor (seu pai, *sir* Oliver Lodge) se senta à mesinha, ele fica certo de que o que ele quer dizer sofre influência de qualquer dos assistentes. Alguns querem ajudá-lo (!); outros começam a imaginar (?) a palavra que deve vir. Às vezes, começa uma palavra e outro conclui».

Vê-se, por aqui, que nem mesmo por meio da mesa conseguia libertar-se completamente de interferências de estranhos, nem da influência do ambiente dos assistentes, que não se mantinham em completa passividade, ficando as suas comunicações deformadas ou truncadas.

Acerca da mediunidade de voz directa, encontramos o seguinte, a páginas 184: «Na mediunidade de corneta, a voz, embora pareça independente do médium, está de qualquer modo ligada à sua garganta e à sua laringe. A voz da corneta não é autónoma».

Raymond informa-nos que se encontram também os dois sexos no outro mundo, mas que lhe parece não exercerem actividade sexual idêntica à de cá, embora os indivíduos de sexo diferente sintam ainda, uns pelos outros, interesse semelhante ao que sentiam quando encarnados. Diz a páginas 119: «Há homens e mulheres aqui. Não creio que se comportem em relação uns aos outros como na terra; mas parecem ter os mesmos sentimentos, embora expressáveis de maneira diversa. Não parece haver crianças nascidas cá. As criaturas são enviadas ao plano terrestre para terem filhos; não os têm neste.

(Ver o livro «Raymond, ou a Vida e a Morte», de sir Oliver Lodge, em depósito nesta redacção).

1.º ARTIGO

Nunca é demais recordar o quanto as mulheres devem às doutrinas espiritualistas de Kardec e de Blawatsky.

A pretensa inferioridade da mulher, que tão nefastas consequências trouxe à sociedade através de séculos duma educação defeituosíssima, só hoje é aceite pelos espíritos tacanhos, chamados «botas de elástico».

A finalidade deste trabalho é demonstrar quanto a mulher deve à Doutrina Espirita, pela divulgação das Leis da Reencarnacão, do Livre-arbítrio e do Karma, cujos princípios se divulgaram no mundo através de numerosas colectividades, permitindo-lhe conquistar em poucos anos um lugar proeminente em todos os países civilizados.

Dia a dia, a mulher vai compreendendo a sua missão na terra; e o homem, longe de se considerar prejudicado naquilo que noutro tempo considerava direito exclusivo, sente-se mais feliz e mais compreendido pela sua companheira, seja ela mãe, esposa, filha ou irmã.

Todos somos companheiros nesta peregrinação evolucionista, e aqueles que connosco colaboram são factores designados para esse fim.

Em nossos dias, a educação ministrada à juventude assenta em base inteiramente diferente daquela em que fomos educados. Uma completa evolução se está operando nos costumes de todas as sociedades. As «desencantadas» de Pierre Loti, quase não existem, e tenhamos em vista o que recentemente se passou com a família real egípcia, os descendentes dos Faraós, divorciando-se e casando-se com plebeus, como sucedeu à irmã do rei Faruk. Outra princesa possuidora dum dos mais ilustres nomes da Roménia, entra para o cinema aos 16 anos e, pouco depois, casa-se com um aviador.

As escrituras anunciam «O Reino da Mulher». Na verdade, parece que uma força misteriosa da própria Natureza tem estabelecido grande percentagem de nascimentos femininos.

Nos quatro pontos cardiais sopra o vento da revolução, reduzindo a poeira os velhos sistemas educativos.

Entre as notícias sensacionais desse género, a imprensa comunicava-nos há tempo que uma atriz francesa — Lise Merville — desafiára à pistola o crítico teatral Roger Dornes e que no Alto Zambeze a Rainha Nakatâta e o seu Conselho de Damas receberia o governador-geral da Colónia, capitão Silva Carvalho! Naquela região — que o jornalista classificou de «Reino das Mulheres» — esta rainha estende o seu poder sobre quase todo o Alto Zambeze, região onde os homens obedecem humildemente às esposas. Este povo parece manter ainda as antiquíssimas leis do Matriarcado.

Nos princípios espiritualistas, a harmonia ideal consiste na igualdade de direitos e deveres nos dois sexos. Para essa harmonia tende o sistema educativo que já se esboça neste perturbado momento de transição que atravessamos.

Rabindranah Tagore sublimou a mulher como esposa e mãe. Para este delicado poeta, a mulher era o símbolo de todas as virtudes morais; era a deusa do lar.

O ESPIRITUALISM

Por ADELAIDE M

O lar hindu da época de Tagore, está sofrendo modificações, e nós não podemos prever como serão os lares ideais no ano 2.000.

É provável que sejam exigidas, tanto à mulher como ao homem, a mesma soma de virtudes morais.

Os conflitos conjugais que hoje vêm ao nosso conhecimento levam-me a pensar que assim seja. Além de que, a expansão cada vez maior das correntes neo-espiritualistas tenderá a fazer da mulher e do homem factores responsáveis, *em partes iguais*, da boa harmonia, não só dum lar, mas de toda a sociedade.

Através dos séculos o problema da educação feminina foi o espelho das diversas civilizações.

Dizia Novicow: «A mulher deve ter como nós a mesma representação no universo».

Este conceito de um sábio confirma plenamente a minha opinião de que a chamada «fraqueza» da mulher provém principalmente da maneira como é educada. Sem dúvida que há naturezas excessivamente delicadas, inaptas para a vida activa, comprazendo-se ùnicamente na serena ambiência dum lar. Temperamentos desse género também os encontramos sob a forma masculina, e eu conheço alguns. Nesses lares, são as esposas os fac-

tores activos, «os homens» de decisão, num momento difícil da vida.

De futuro, os seres serão observados muito diversamente. A moderna ciência psicológica, de acordo com a ciência neo-espiritualista, tenta dar novos rumos à educação dos indivíduos, segundo *os testes* por eles fornecidos, e não apenas como até aqui, impondo-lhe directrizes rígidas pelo facto de terem nascido homens ou mulheres.

Fernando de Azevedo, no seu livro «A Educação e os Seus Problemas», (pág. 309), disse com razão:

«A vida moderna com as suas reivindicações no sentido da igualdade dos sexos e com as exigências económicas que impeliram a mulher a entrar em concorrência com o homem em todas as actividades de produção, abriu ao trabalho feminino perspectivas ilimitadas. A mulher entrou a competir com o homem em todos os sectores de actividade

O E A MULHER

IE DE SOUSA

e não se pode contestar que, lucrando os sentimentos dos homens com a sua delicada presença por toda a parte, essa revolução na concorrência vital deve ter, como já tem tido, repercussões profundas na organização do trabalho e nas instituições sociais. O ridículo já não atinge as mulheres que querem pensar e agir, dentro de qualquer das modalidades das novas carreiras que se lhes tornaram acessíveis, depois que se colocaram em pé de igualdade com os homens».

A mulher tem sido sempre um valioso factor de trabalho, em todas as actividades humanas, através dos séculos.

Enquanto ela esteve sob a tutela das religiões que dominam os povos, era apenas uma costela do homem transformada em corpo humano e ao qual era sistemàticamente negado o direito de pensar e de agir, como factor energético que é, dentro dos mesmos princípios que Deus estabeleceu para o seu companheiro.

O neo-espiritualismo revolucionou o Mundo moderno, e está preparando o futuro ciclo da Humanidade.

Esta grande transformação que agora se está operando é o fruto do muito que se disse e se escreveu no fim do último século e no princípio do actual.

Homens como Paul Marguerite, Rudiard Kipling e tantos outros, apresentaram a mulher tal como o Criador a enviou ao mundo, com qualidades e defeitos, semelhantes aos do homem. Kipling disse dela: «Eu olho para mim mesmo, estudo os meus desejos, o desenvolvimento da minha vida, e, assim, é como realizo o conhecimento que tenho da mulher e que procuro exprimir. A mulher é a imagem de mim mesmo; é o outro eu. É uma duplicata do homem».

A opinião que este grande escritor inglês teve da mulher, revela o profundo pensamento dum grande espiritualista. Ele viu a mulher exactamente como ela é — humana — na completa accepção da palavra.

Deus criou a Humanidade com o Eterno Masculino e o Eterno Feminino em evolução; criou-os iguais, com iguais condições de vida na terra alternando-lhes as existências, ora feminina ora masculina. A Sapiência Divina criou a Justiça; o homem e a mulher estabeleceram entre si a desigualdade e a injustiça devido às suas próprias imperfeições. Nem a mulher, usando do Matriarcado, tem o direito de submeter o homem a uma condição inferior, nem este de relegar aquela para escravidão anti-humana, como está acontecendo ainda hoje com a escravatura branca ou prostituição!

Esta chaga que, infelizmente, ainda subsiste em muitas das actuais sociedades, é o ferrete a indicar ao homem o seu atraso espiritual. A prostituição e as corridas de touros à espanhola, o tiro aos pombos, etc., são costumes nefandos que o neo-espiritualismo está tentando espurgar da educação dos povos.

O Romantismo teve a sua época. Ela morreu. Os cânticos dos poetas desse tempo, não têm para nós, e muito menos para os nossos filhos, aquele encanto que aliciou as passadas gerações. Mas o português é romântico, sentimental por natureza, correndo-lhe ainda nas veias certa parte de sangue árabe, o que o leva a embalar-se com as velhas melopeias dos cantos das «fadas do lar». E o português sofre, quando, pelas duras exigências económicas, a sua «fada» tem de ir como ele, a mourejar num escritório, numa escola ou num hospital, para que não falte em casa o conforto que ele, chefe de família, não pode, por si só, proporcionar-lhe como desejaria.

Estas dificuldades, não serão as forças ocultas da Lei da Evolução, a mostrar ao homem que o seu reino está prestes a findar?

(continua)

ARTIGO DE CYRILO ALEIXO

SENTES-TE abatido, desanimado, e sem ânimo para nada?

A vida pesa-te como triste fardo, cheia de sombras e de pesadelos?

É que tua alma dorme ainda o sono alto e o despertar impõe-se, para poderes gozar de certas regalias, que por direito te pertencem.

Segue-me, pois. Vou conduzir-te a um estado mental, onde acabarás por sorrir às apreensões que ora te acabrunham onde ficarás maravilhado ante a profusão de recursos, que, inconscientemente, vinhas calcando, na tua caminhada de cegueira e de indiferença!

A vida, com suas inevitáveis e ásperas refregas, ciladas, desilusões e sofrimento, tem de ser encarada de fronte bem erguida, indomável coragem e firme propósito de triunfo, sempre inabaláveis às suas arremetidas, antevendo com júbilo a inefável alegria da vitória final.

Vindos a esta vasta arena que é o mundo, com penosos débitos a saldar e promessas de regeneração a cumprir, não é em vidas calmas e tranquilas que aqueles objectivos se processam, mas antes no torvelinho do mundo, no vaivém das massas, no entrechoque das paixões, anseios, ambições e desesperos, de onde aquele que soube manter a clarividência da sua situação e se submeteu inteiramente a esse processo depurativo sairá mais purificado, sentindo mais leves os pendores que o inferiorizavam.

Sorrir, quando tudo nos convida à melancolia; ter fé na vitória, quando a derrota é iminente; erguermo-nos bem de frente, quando a dor nos esmaga e procura reduzir-nos ao silêncio dos cobardes, é apanágio das almas valorosas e ao alcance de qualquer mortal.

Por mais fracos que vos sentirdes, por maior que seja a vossa falta de esperança e de coragem, podereis, se o quiserdes, ingressar também no exército desses batalhadores destemidos, para quem o medo não existe e a certeza no êxito os não abandona.

Com efeito: como poderá ser de outra maneira, se de vós não partisse o impulso inicial? Acaso julgais que o milagre vem de fora e pode operar, mesmo à revelia da vossa vontade? Se assim pensais, é mister convencer-vos de que o remédio está sempre dentro de vós; de contrário, sereis como a princezinha da lenda, à espera de quem quebre o seu encanto...

Portanto, o primeiro requisito vem da nossa própria vontade.

Querer, é o impulso original, que determinará uma série de estados sucessivos, tendentes à objectivação dos nossos desejos.

Mas não se julgue que um querer frio e indiferente seja neste caso a varinha de condão... Sem o concurso da fé, não passará de inútil espantalho, rindo-se de nós e afundando-nos ainda mais no báratro das nossas misérias.

Querer com fé, eis o segredo, a alquimia que transforma as sombras da nossa mente, em catadupas de luz e os nossos desejos em palpáveis realidades.

O concurso da fé é, portanto, indispensável, mas qual a sua natureza e como adquiri-la? Não se trata aqui, bem entendido, de qualquer fé religiosa, se bem que esse género de fé possa coexistir com aquela, mas de uma fé diferente, plena de ardor e de audácia, fazendo-nos sentir, bem intimamente e sem qualquer dúvida, o êxito final dos nossos empreendimentos.

É certo que há coisas impossíveis, inalcançáveis, por maior que seja a nossa fé. Não podemos, por exemplo, transpor de um salto os continentes, ou atingir a lua, mas a fé verdadeira também só se faz sentir, quando as nossas pretensões têm o cunho da viabilidade.

Desejar com fé, é apanágio de quem triunfa e independente do grau de cultura de cada um; no entanto, um estudo adequado do assunto, é de grande valor, principalmente para os de vontade débil.

Há um poder infinito, um verdadeiro oceano de forças, presente em todo o universo, de que todos os seres são uma manifestação. Dele nos utilizamos todos os dias, mas, infelizmente, quase sempre em nosso próprio prejuízo, por desconhecermos a natureza dessa força formidável, que, se opera para o mal, está pronta também a beneficiar-nos, pois é-lhe inteiramente indiferente o uso que dela possamos fazer.

Tal como a electricidade ou qualquer outra forma de energia, nem é boa nem é má, uma vez que os resultados obtidos, dependem do nosso livre arbítrio, sendo bons ou maus, conforme a empregarmos num ou noutro sentido.

O que é inegável, é o facto de responder sempre ao nosso apelo, pondo-se inteiramente à nossa disposição, quando aprendemos a servir-nos desse auxiliar invisível que, em nosso interesse, deve ser empregado visando sòmente o bem.

Cada ser constitui um canal aberto para esse oceano de poder, sendo a sua manifestação directamente proporcional à intensidade da fé, posta nos nossos desejos.

A este respeito, ninguém existe privado daquele poder, podendo apenas dar-se o caso de o canal por onde ele flui, se encontrar mais ou menos obstruído, por falta de confiança em tudo e em todos. Desde que saibamos manter desimpedido esse canal de acesso, o poder infinito, presente em nossas profundezas, responderá ao nosso chamamento, com toda a sua força, sentindo-nos capazes de operar verdadeiras maravilhas.

O SEGREDO

Porém, quando se é negativo, quando o querer é fraco e a fé é nula, essa força oculta fica impassível, por faltar o elemento impulsionador, expresso na vontade potente das pessoas positivas. Tudo isto é muito simples, mas nem por isso deve ser rejeitado, porque as coisas simples, são, geralmente, as que encerram maior valor.

Quem ainda não lançou mão desse auxiliar invisível, ficará admirado com os resultados obtidos logo às primeiras tentativas, visto que a ninguém é vedada a comunicação com esse império de energia.

Como dissemos, todos nós nos utilizamos mais ou menos inconscientemente desse poder, mas, geralmente, em nosso prejuízo, porque então, a fé empregada, condicionando estados mentais negativos, serve-se igualmente do poder oculto, para lhes dar objectivação.

O receio de vermos realizados os nossos temores, é um estado mental negativo frequente, que atrai também o poder universal, mas neste caso, para a concretização daquilo que não desejamos. Cuidado, pois, com os vossos pensamentos. Temer uma coisa, é trabalhar inconscientemente na sua realização, com tanto mais rapidez, quanto maior for a intensidade desse temor. Assistimos diàriamente, a exemplos desta natureza. Se pretendermos entrar num aposento sem ser pressentidos,

receando ao mesmo tempo que se dê o contrário, é certo e sabido que a nossa presença será assinalada, com tanto mais de rapidez, quanto maior for esse receio.

O temor da doença pode anàlogamente originar uma enfermidade real e por isso se impõe a fiscalização do nosso pensamento, a fim de que os estados negativos não tenham guarida em nossa mente.

Experiências várias, atestam a presença do poder infinito, despertado pela nossa imaginação, quando nos convencemos inteiramente de que determinada coisa se vai realizar, isto é, quando sentimos aquela fé viva desobstruindo o canal de acesso e fazendo com que ele flua livre e intensamente. Foi assim que certo indivíduo ia sucumbindo a um fingido derramamento de sangue, depois de um experimentador lhe ter sugerido a extracção daquele

DO ÊXITO

líquido, tendo o cuidado de acompanhar a experiência do ruído da queda de água, que o paciente julgava a ser do próprio sangue.

Chama-se a isto sugestão e a sugestão não passa do convencimento íntimo de determinada objectivação, podendo operar tanto para o bem como para o mal. Como às nossas forças ignoradas, conforme já vimos, é indiferente operar neste ou naquele sentido, apenas lhes competindo acorrer ao nosso apelo, seja ele qual for, impõe-se, em nosso próprio interesse, uma adequada fiscalização sobre os nossos desejos e os nossos pensamentos, expulsando, como indesejáveis, todos os que sejam susceptíveis de nos acarretar qualquer mal-estar.

Pela sugestão se operam também curas importantes. É conhecida a história de um doente desiludido, curado com umas simples pílulas de pão. Igualmente neste caso entraram em acção as possibilidades ocultas, despertadas pela sua mente, então saturada da maior viva fé, porque aquelas pílulas, receitadas por um «especialista da sua doença», haviam «curado» outros «doentes», e também o curariam a ele.

Depois de nos sabermos ao alcance de um poder sempre à nossa disposição, para que alimentarmos ideias depressivas, ou receio de qualquer espécie?

É claro que não conseguiremos furtar-nos a certos e necessários reveses e sofrimentos, impostos pela sábia lei da causalidade, mas, por meio daquele poderoso auxiliar, podemos e devemos adquirir a paciência e a resignação necessárias para suportá-los.

Sempre que seja preciso, devemos recorrer aos seus importantes préstimos, não sendo para admitir qualquer fracasso, depois de sabermos como triunfar em todas as circunstâncias da vida.

Nos momentos de fraqueza, ou quando tudo contra nós parece conspirar, devemos procurar um local discreto e, de pé, com a fronte bem erguida, afirmar com fé e energia: «Eu sou um centro de poder infinito. Sou livre, eterno, invencível e invulnerável. Nego toda e qualquer influência negativa sobre mim. Sou positivo, nada me mete medo; sei vencer todos os obstáculos».

Com estas e outras afirmações análogas, feitas em tom decisivo, conseguiremos desvanecer todos os estados mentais nefastos, que frequentemente procuram toldar a nossa existência. Se estamos tristes e desalentados, devemos reagir, sorrindo, ainda que contra vontade. Mantendo o sorriso durante algum tempo, a tristeza se aligeira, em virtude da lei de correlação entre os estados mentais e as atitudes físicas correspondentes. É assim que, cerrando-se os punhos e pondo-nos numa atitude de ameaça, despertamos o estado mental correspondente da irritabilidade.

Pensai amiudadas vezes no facto de serdes um centro de poder, por onde as forças infinitas podem fluir livremente em vosso benefício, porque isso vos tornará fortes e conscientes de vossas possibilidades. Mas lembrai-vos também de que sem a força do desejo, esse poder ficará inerte e que com a ajuda da fé conseguireis despertá-lo.

Se tendes algum mau pendor a eliminar ou alguma qualidade a desenvolver, aquelas potências invisíveis vos auxiliarão, sendo bom que de vez em quando façais uma forte representação mental de como desejaríeis ser.

Isto auxiliar-vos-á muito, porque todos os estados mentais fortes tendem a concretizar-se, pelo que, deveis não fixar a atenção nos defeitos que desejais eliminar.

Se tendes sido negativo e de vós toda a gente parece afastar-se, cultivai as qualidades positivas, fazendo frequentemente as afirmações dinâmicas atrás expostas e ficareis admirados com os resultados.

Tornai-vos positivos pelos métodos indicados e outros idênticos e em pouco tempo tudo em vossa volta mudará. Aquelas mesmas pessoas a quem, em vão, desejáveis agradar, ao contágio da vossa influência positiva, se aproximarão espontâneamente e tudo o mais por que em vão sempre suspirastes.

Cultivando as qualidades positivas, criareis em vossa volta uma aura dinâmica, que actuará em vosso favor, em todas as circunstâncias da vida.

Se sofreis de apatia e de indecisão, lembrai-vos de que quanto mais esforços fizerdes para solucionar qualquer assunto, mais confusão estabelecereis em vossa mente e de que o processo mais simples de resolver todos os problemas, é confiá-los ao subconsciente, esse auxiliar dedicado, que silenciosamente trabalha para nós e está sempre pronto a servir-nos.

Se quereis fazer uma impressão favorável sobre os vossos semelhantes, induzir neles estados mentais correspondentes, pois, certamente não ignorais que podemos influenciar os outros seres.

A este respeito, certos orientais conseguem coisas extraordinárias, como o lançamento de uma semente à terra, seguido da sua germinação, aparecimento de uma planta, seu crescimento, frutificação e morte, tudo isto em poucos minutos, ou o desaparecimento de uma pessoa sem se saber como e a sua reaparição num ponto distante, etc., etc. Para a obtenção destes fenómenos, que alguns mestres orientais conseguem ainda por outro sistema, eles se concentram fortemente, criando poderosas imagens mentais do que desejam mostrar, projectando-as em seguida nas mentes dos espectadores, o que, porém, só conseguem, após um longo e aturado treino de muitos anos.

O poder infinito universal manifesta-se também em muitos animais. A cobra cascável, por exemplo, exerce uma influência irresistível sobre pássaros, lebres, etc. Estes pequenos animais são incapazes de desviar os seus olhos dos da cobra e por maiores que sejam os esforços feitos para fugir, não conseguem senão aproximar-se cada vez mais do réptil, acabando mesmo por se lhe introduzir na boca, já aberta para esse fim.

O poder da vontade, quando aliado a uma fé inabalável, obra prodígios! Pessoas há que com esse poder se curam de muitas doenças, evitando outras, tais como constipações, enxaquecas, etc.

Como senhores absolutos do nosso

corpo e da nossa mente, devemos aprender a impôr a nossa vontade a esses instrumentos do nosso Ego, de forma a exercer sobre eles um completo domínio, pelo que, nunca devemos ser cúmplices das forças negativas, com afirmações como estas: «Estou constipado» (ao dar um simples espirro). «Sinto-me doente; estou perdido; estou desgraçado», etc., etc. Nestes casos, uma reacção imediata se impõe, como quem decididamente toma as rédeas de uma direcção, a fim de que se pulverizem, ante a força colossal do poder latente, despertado pela nossa vontade e decisão.

Ao lembrarmo-nos de certas curas, operadas sòmente pela vontade, como a de certo indivíduo, que aos primeiros sintomas da raiva, contrapôs uma enérgica e imediata reacção, que o livrou daquele terrível flagelo, não podemos deixar de sentir uma bem grande e íntima satisfação, com as possibilidades latentes em nosso âmago.

Pessoas há que têm naturalmente esse dom, enquanto outras o conseguem por esforços adequados.

Entre as primeiras, figura o grande general Napoleão.

Quando os soldados, com as espingardas apontadas ao seu peito, aguardavam apenas a ordem de fogo, viu-se Napoleão avançar magestosamente para eles e, não obstante nessa altura soar aquela ordem, nem uma só bala foi disparada. Em vez de cumpri-la, todos os soldados baixaram as armas, correndo para ele aos brados de «viva o imperador», enquanto os oficiais fugiam e Napoleão se punha à frente dessas mesmas tropas que o deviam ter executado, marchando, sobre Paris.

É também mercê das influências ocultas, que certos assaltantes conseguem reduzir ao silêncio os mais ferozes cães de guarda e, por sua vez, certas pessoas conseguem deter os larápios, obrigando-os a depôr a seus pés os objectos roubados.

Temos, sem dúvida, à nossa disposição, um poder sem limites, mas cuidado, porque se o empregarmos para fins inconfessáveis, teremos de lhe sofrer as consequências.

E agora, uma vez de posse do segredo do êxito, levantai-vos ufanos do poder que Deus vos conferiu e, quais valorosos soldados entre o berço e a sepultura, lutai sempre de fronte erguida, confiantes na eficácia das armas de que dispondes e que vos levarão infalìvelmente à vitória.

DIVINA MENSAGEM

O Evangelho é uma Mensagem Divina, convidando a humanidade para a felicidade, que é o reino de Deus. E este reino está ao nosso alcance. Para chegar lá é preciso querê-lo com boa vontade e uma condição se impõe: Converter-se à verdade. Isto significa dizer: «Abandonar o erro, os maus hábitos e entrar no caminho recto do dever e da obediência à lei moral que é a vida nova a seguir».

É libertar-se ainda do reino do egoísmo, da mentira, tornando-se mais justo e sincero consigo mesmo.

Não há maiores dificuldades, dúvidas nem temores, ódios e egoísmos para quem vive com Jesus através de sua consciência, na obediência à Lei, de acordo com seus ensinos. Só a vida separada dele acarreta sofrimentos e misérias de toda a sorte.

Precisamos de viver em constante comunhão com o Pai e Jesus, nosso Mestre e amigo. Assim como a vara da videira não pode ter vida sem estar ligada à cepa, também o homem não poderá ter verdadeira vida e tranquilidade de espírito se não permanecer unido ao Pai por meio do Cristo, através de sua consciência.

A vida fora dele, fora da consciência, é barco sem leme, é relógio sem ponteiros. Ele continua a afirmar-nos: «Quem vem a mim vive na luz e seu passo é firme porque sabe que leva em si mesmo a vida eterna».

JOSÉ SIMÕES DE MATOS

SERES ERRANTES

Os espíritos errantes
Que vagueiam invisíveis,
São forças alucinantes
Que tecem cenas horríveis.

É preciso conhecer
A maneira de evitar
O que nos podem fazer
Se os deixarmos actuar.

Meditai, é pecadores,
No poder do pensamento.
O que tiver maus pendores
Sofrerá grave tormento.

Por não sabermos viver
Quantos desastres se dão!
É preciso conhecer
O valor do coração.

Todos querem ser doutores,
Mas raros sabem viver.
E são muitos os senhores
Que nem sequer sabem ver.

Nas sete esferas celestes
Que circundam este mundo,
pode haver almas agrestes
Mas nenhum ser iracundo.

É só pela perfeição
Que se vai a outros mundos,
Onde há muita evolução
E pensamentos profundos.

Entre os mortais e imortais
Há estreitas relações;
Estes, mais sentimentais,
Dão lhes imensas lições.

Os «cientistas das retortas»
Conhecem bem a Matéria,
Mas não as forças «ignotas»
Por serem coisa mais séria.

O disfarce da ignorância
Com palavras elegantes
Traduz-nos a petulância
Dos mais ilustres farçantes.

Desde Rhama a Jesus Christo,
Quanto tempo vai passado!
Todo o erro foi previsto
Mas o mal é renovado!

A vida é imortal
E os seres são renováveis
Pelas séries, que afinal
São seres inumeráveis.

Eduardo Ferreira da Conceição

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UMA CASA ASSOMBRADA

O *Diário de Notícias* de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, relata em suas edições de 1 e 2 de Agosto corrente os estranhos acontecimentos produzidos numa casa assombrada sita no prédio n.º 280 da Avenida 8 de Novembro da mesma cidade e cujos moradores foram despertados de madrugada com o ruído de louças partidas. Só ali se encontrava a locatária, sr.ª Aldair Condessa, que, depois de ver uma chávena cortar os ares e cair no soalho, pediu auxílio aos vizinhos, muitos dos quais assistiram ao voo dos objectos mais variados e à quebra de louça de todo o tamanho.

Ao local acorreu muito povo e até a polícia foi obrigada a intervir. Na madrugada seguinte os espíritos voltaram a agir, sobretudo quando maior era o número de fotógrafos e elementos da Federação Espírita do Rio Grande do Sul se reuniam em sessão. Ante os olhos assombrados, as chávenas desciam e partiam-se de encontro ao soalho.

«Um porta-retratos duplo fechou-se como que por encanto, prendendo em seu interior o guardanapo sobre o qual fora colocado. E o cepticismo do noticiarista sofreu tremendo abalo ao ver que o objecto ficara em posição oblíqua, contrariando a lei da gravidade».

O conhecido médico portoalegrense Dr. Enapino Brusque Borges, membro da Sociedade Espírita Allan Kardec e especialista em assuntos psíquicos, declarou tratar-se talvez da maior manifestação espírita ocorrida naquele Estado brasileiro.

O povo aglomerou-se em torno da casa assombrada e a polícia foi obrigada a tomar conta da chave para evitar danificação do mobiliário pelos curiosos que ali foram atraídos pelo acontecimento.

O guarda-nocturno João Tridente, principal testemunha da primeira manifestação dos espíritos, disse que fora preso pelos fantasmas no interior de casa de banho.

— Logo à minha entrada — afirmou — vi que uma arma de brinquedo, colocada sobre a mesa, subia no ar e caía na mesma posição. Depois ouvi um barulho no quarto de banho e ao pentrar ali a porta fechou-se sòzinha. Tentei sair e embora a mesma não tivesse sido *chaveada*, pois isso averiguei, não consegui abri-la. Após várias tentativas e um simples manejo do trinco, cedeu misteriosamente. Corri então à rua e pedi auxílio à polícia.

Ainda segundo o mesmo jornal, os espíritos não se manifestaram na madrugada seguinte. Entretanto, o quotidiano ouviu algumas pessoas de projecção social e mental e o caso teve enorme repercussão na grande e bela cidade de Porto Alegre.

O Dr. Enapino Borges disse tratar-se de efeitos físicos normais e que a catalizadora era a senhorita Aldair Condessa, razão por que não se repetiram os fenómenos duas noites seguidas, em virtude dela se encontrar ausente.

Este abalizado médico deve estar com a verdade, porquanto as entidades espirituais necessitam de apoio mediúnico, a fim de agir sobre a matéria.

Contudo, os confrades da Sociedade Espírita Allan Kardec realizaram uma sessão para conhecer os objectivos dos espíritos comunicantes e souberam tratar-se do defunto marido da dona do apartamento que vive com a médium, o qual se mostrou agastado com o procedimento delas e por isso resolveu obrigá-las a mudar da casa que julga pertencer-lhe.

Relatamos estes factos a título de curiosidade e para demonstrar que o combate ao Espiritismo é inútil, venha de onde vier e quando vier. Embora o misoneísmo de certos indivíduos leve a rotundas afirmações de carácter agressivo, bastará um facto puro e simples para demonstrar a verdade da sobrevivência. Destruir as obras espíritas ou impedi-las de circular não resolveria o problema anti-espírita, porquanto novas obras surgiriam e o mundo estaria sempre ao corrente do assunto que se tentasse ocultar. Por isso, o dever da ciência é estudar e não impedir o conhecimento das manifestações.

UMA PERGUNTA INTERESSANTE

Segundo lemos em *La Révue Spirite* de Julho-Agosto, o director da secção «O Correio do Misterioso Além», do hebdomadário parisiense *Ici-Paris* fez a seguinte pergunta a Herbert Forestier, director daquela revista:

— O mesmo médium poderá transmitir coisas boas e más?

Eis a resposta, que servirá para elucidação de muitos leitores da nossa revista:

«Neste particular, como noutro do domínio espírita, é ainda Allan Kardec o mais qualificado para nos esclarecer. É, pois, auxiliado por ele que eu respondo à pergunta feita, porquanto, se as minhas próprias observações de trinta anos corroboram a sua opinião, elas são, todavia, de um aluno que se encontra em ligação com o mestre.

«A faculdade mediúnica depende ao mesmo tempo do organismo físico e do estado psíquico e é independente das qualidades morais do médium. Encontra-se, portanto, desenvolvida nos mais dignos e nos mais indignos.

«O que constitui a qualidade de um médium não é a facilidade com que obtém comunicações, mas o desejo de só receber as boas e de não ser joguete de espíritos frívolos e embusteiros.

«De resto, a faculdade do médium pode atrair os espíritos bons e afastar os maus. É questão de superioridade moral, que é sempre proporcional às qualidades que caracterizam o homem de bem. Assim, ele capta a simpatia dos espíritos superiores e exerce ascendente sobre os inferiores ou maus.

«A experiência demonstra que os médiuns moralmente imperfeitos e irregeneráveis são, mais tarde ou mais cedo, presa dos espíritos malévolos que muitas vezes os conduzem à ruína e às grandes infelicidades. Quanto à sua faculdade, por bela que pudesse ser ou que fosse, perverter-se-ia em virtude do abandono dos espíritos superiores e acabaria por se perder».

Nesta resposta há muito que meditar e aprender. Atentem nela aque-

les que dizem: «A mediunidade nada tem com as qualidades morais do médium». Se a experimentação espírita se exercesse num laboratório de matéria amorfa, bem estaria. Tal, porém, não sucede. É um laboratório inteligente e sentimental. E a lei de afinidade regula a aproximação ou o afastamento dos indivíduos.

A MEDIUNIDADE DE HARRY GREEN

Two Worlds de 12 de Setembro publica um interessante artigo acerca da mediunidade de um famoso actor judaico amigo de Winston Churchil e que na sua carreira artística adoptou o pseudónimo de Harry Green.

— Toma nota! — disse-lhe uma voz ao ditar-lhe certa mensagem às seis horas da manhã. E duas vezes experimentou com resultados surpreendentes. O comunicante era o espírito de David Belasco, talvez o maior produtor teatral americano, médium espírita e autor da célebre peça «A Volta de Peter Grimm», que esteve dois anos seguidos no cartaz de um teatro de Nova York. Sucedeu isto em Londres, durante os ensaios desta peça espírita, na qual Harry Green desempenhava o papel principal.

O actor ouviu a voz nitidamente e verificou que era médium auditivo. A primeira mensagem apontava um lapso no papel, onde havia uma lacuna de página e meia. Green ignorava-o, assim como os restantes actores, à excepção de uma actriz que julgava tratar-se de um corte.

No segundo reparo, Green soube que na parte cortada havia alguns erros. Portanto, Belasco tinha razão. Nas duas mensagens figurava a assinatura do antigo produtor e que Green nunca vira. Um amigo, porém, tinha uma carta assinada por Belasco e puderam confrontar as assinaturas.

Harry Green é espírita nato e não esconde as suas convicções. Também não procura médiuns para confirmar as suas faculdades. Uma vez estava no grande hotel Waldof Astória, de Nova York, onde se instalara um dos maiores *gangsters* americanos, e leu num jornal que o médium Arthur Ford ia demonstrar a sua mediunidade num centro da cidade.

— Venha daí — disse ele ao *gangster*, que primeiro recusou e depois se prontificou a acompanhá-lo.

Durante a demonstração, Ford disse que tinha uma mensagem para Henry Blitzer.

— É para mim!—exclamou Green, estendendo a mão.

Ford olhou, viu quem falava e retrucou:

— Não é para si. Você é Harry Green.

E não lhe deu a mensagem. Mas Henry Blitzer era o seu nome. Harry Green era o nome teatral que sempre usara desde que aparecera como actor infantil numa companhia dirigida por um homem do mesmo nome.

Quando voltaram ao hotel, o *gangster* mostrou desejos de conhecer Arthur Ford. Green telefonou-lhe nesse sentido, mas o médium recusou-se.

— Diga-lhe que lhe dou mil dólares — obtemperou o *gangster*.

Ford recusou novamente, pelo qeu o *gangster* o ameaçou, dizendo que o mandaria buscar pelos criados. Receando qualquer acontecimento, Green convenceu Ford a vir ao hotel.

O *gangster*, que o médium nunca tinha visto, inisistiu na sessão. Imaginem o seu desapontamento, quando o médium lhe disse que seria brevemente assassinado (e nomeou o homem que o mataria). E assim sucedeu precisamente...

Green tem histórias extraordinárias.

— Eu sei que os «mortos» podem ouvir — disse ele.

— Como sabe isso? — perguntou-lhe o jornalista.

— Porque já estive «morto» e ouvi.

Uma tarde, ao chegar a casa, não se sentiu bem e deitou-se. Depois «morreu». Passado tempo despertou. Ouvira tudo o que sucedera. Todas as experiências feitas pelo médico, inclusive a de lhe colocar um espelho em frente dos lábios e verificar que não havia respiração, mostravam que tinha morrido. Por fim, ouviu o médico dizer:

— Isto já não faz nada, mas sempre lhe dou uma injecção de adrenalina.

Green «ressuscitou».

Na sua infância tinha estranhas faculdades, mas ignorava que fosse médium. Às vezes dava um salto e contava até cinco, suspenso no ar, antes de chegar ao solo.

Tem tido muitas clarividências. Há pouco «viu» sua mãe e a mulher de um grande especialista.

A cura é a sua mais recente actividade.

— Posso curar instantâneamente uma constipação — diz ele.

Uma vez curou uma úlcera nalguns minutos.

— Sinto a vibração — acrescentou ele, pondo a mão no braço do redactor de *Two Worlds*. E depressa notou a palpitação especial denunciadora da cura.

Não se liga a pessoas que se riem do Espiritismo, nem aos que julgam que basta visitar um médium, para que as provas surjam imediatamente.

— Não — diz ele —. O mundo espiritual não tem interesse em convencê-los.

Sim, dizemos nós, o mundo espiritual tem os seus objectivos, como nós temos os nossos. Ai dele, se gastasse o tempo a convencer os terrícolas, a dizer-lhes que a morte é uma falácia! Não faria outra coisa, com prejuízo de suas actividades naturais, tantos são os renitentes e os incrédulos.

Como se vê, há personalidades eminentes que escudam o Espiritismo e lhe dão o melhor de suas convicções. No mundo teatral contam-se às centenas os que aderiram à nossa causa.

ESTRANHA SENSAÇÃO

Segundo narra o *Psychic News*, de Londres, a conhecida novelista Ursula Bloom contou no *Empire News* uma série de fenómenos ocorridos durante a lua de mel do seu segundo matrimónio. A família do marido vivera numa grande casa de aldeia e depois construíu outra para onde se mudaram. Foi nesta que Miss Bloom presenciou os fenómenos.

Na primeira noite despertou às três horas da manhã, verdadeiramente assustada. Ao pôr a mão sobre os cobertores ficou gelada de horror, pois sentiu instintivamente que se avançasse mais três centímetros com o braço tocaria num caixão aberto.

Nada disse desta terrífica experiência; mas quando o caso se repetiu na noite seguinte, acordou o marido e contou-lhe o sucedido, acrescentando estar quase convencida de que o caixão era da mãe dele.

Pensando melhor, viu que não podia ser assim, porque ela tinha morrido na outra casa.

—Oh! Não! — replicou o marido —. Ela morreu neste quarto, precisamente às três horas da manhã.

Miss Bloom disse então que lhe parecia que o caixão fora aberto naquela cama e que depois é que o tinham colocado ao pé do fogão.

Para maior espanto de Miss Bloom, seu marido disse-lhe que era tudo absolutamente verdadeiro...

Notas & Comentários

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR...

É sempre com alegria que lemos transcrições de «Estudos Psíquicos» em revistas e jornais estrangeiros. É prova de que partilham de nossas ideias. Alguns, porém, não transcrevem. Copiam e estampam integralmente como se fosse obra sua.

Isto não está certo. É maneira cómoda de fazer jornalismo, ou, antes, de encher o espaço do jornal.

Há bem pouco ainda, chegou-nos um órgão brasileiro que costumamos folhear com certo interesse e lá vimos três coisas diferentes extraídas da nossa revista e compostas em itálico. Começámos a ler... Como diabo aparecia ali fruta do nosso lavrado? Voltámos as páginas e zás! Uma secção inteirinha que em nossas colunas leva o título «D'aquém e D'além». Mas nem uma linha a informar donde extrairam a prosa.

Nós agradecemos as deferências, somos sensíveis como qualquer mortal. Mas que deferência foi aquela? Que dignidade se vislumbra neste procedimento?

O jornalismo impõe deveres sagrados, um dos quais é indicar a origem do que se transcreve. E quando um periódico forrageia artigo ou notícia e não indica o nome do alheio a coisa não vai boa. Será que na redacção não há jornalistas que saibam disto? Por muito ecléticos que sejamos, não podemos compreender o gesto cómodo daqueles que sub-repticiamente se apoderam do trabalho dos outros.

Já aqui temos falado nesta espécie de jornalistas e continuaremos a falar, enquanto não arripiarem caminho.

A César o que é de César.

«SEARA JUVENIL»

Entre os muitos arautos do Espiritismo no Brasil, salientamos com prazer a «Seara Juvenil», órgão da União Social Espírita Nina Arneira, de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. É, de facto, um jornal moderno, cujos directores — Carlos Cavalcanti e Martins Peralva — o têm sabido manter com aprumo e galhardia. Três anos volvidos sobre a sua fundação e eis que oficinas próprias anunciam um grande movimento de progresso que se reflectirá na Doutrina e no futuro da sua padroeira.

A inauguração da Gráfica Vitória e da Casa do Livro Espírita constituem, sem dúvida alguma, verdadeiro índice de trabalho que há-de atingir a construção da sede própria da colectividade.

Neste jornal tudo é variado e sintético e todos encontram nele qualquer assunto de interesse geral ou particular. O número 35, de Julho último, que temos presente, é uma bela edição de 8 páginas (grande formato), profusamente ilustradas e ali se encontram artigos diversos, entre eles, de Carlos Imbassahy e Deolindo Amorim, além de instantâneos da inauguração das oficinas, onde se vê uma «Intertype» magnífica adquirida na América do Norte.

Não escrevemos a título de reclamo. As palavras brotam espontâneamente da nossa pena, por sabermos avaliar o trabalho que é necessário a uma obra como esta, onde há muito que aprender, com vista a toda a imprensa espírita.

«JORNAL DE UMBANDA»

Fomos agradàvelmente surpreendidos pelo número de Agosto do «Jornal de Umbanda», do Rio de Janeiro, o qual, em sua secção «Livros Doutrinários», presta homenagem cativante a Estudos Psíquicos Editora e ao director desta revista, fazendo justa apreciação ao livro «Ronda Espiritual» e a todas as obras publicadas.

«Jornal de Umbanda» é um órgão dinâmico orientado pelo Dr. Jaime Madruga e a cuja redacção pertence um confrade português — J. A. Oliveira — que há pouco ali escreveu uma série de artigos intitulados «Como Entendemos a Umbanda», terminando por afirmar que ela nada tem com o Espiritismo e que a palavra «espírita» englobada na denominação de suas Tendas é um erro crasso, com o que estamos de acordo.

Eis como este jornal se refere ao nosso director:

«O intercâmbio literário espiritualista entre as duas pátrias irmãs há muitos anos que se faz em grande escala. Entretanto, o movimento cresceu com o aparecimento de «Estudos Psíquicos Editora», que nos tem dado boas traduções e magníficos originais, onde sobressai o nome do seu director, Isidoro Duarte Santos.

«Os espíritas luso-brasileiros não cessam de alimentar o «fogo sagrado» pelo ideal maravilhoso que é o Espiritismo. Há em Portugal um verdadeiro bandeirante que é esse intimorato de palavras inflamadas e atitudes decisivas que descobrimos através da excelente revista «Estudos Psíquicos»:—Isidoro Duarte Santos. Mas a sua actividade atómica é simplesmente incrível! E então vemos sobressair o escritor emérito e o sensitivo notável, esmerado, preciso, e o tradutor competente! Foi no livro «Pierino Gamba» (o menino maestro à luz de nova psicologia) que encontrámos o escritor idealista como poucos, em campanha ardente e vitoriosa em defesa do Espiritismo. O entusiasmo, a decisão, o desejo de bem servir a Causa em conquista de novas glórias, produzindo um livro vibrante repleto de factos sobre a reencarnação e elucidando o «caso» Pierino Gamba que empolgou Lisboa e o mundo, lançando ao prelo em pouco mais de 11 dias um livro que preencheu totalmente o seu fim; e mais — foi um sucesso de livraria, dupla vitória para o escritor e para as letras espiritistas. Eis, em rápidos traços, o homem que dirige a magnífica revista «Estudos Psíquicos», querida, admirada e muito difundida no Brasil».

Se o director em questão fosse de confusões, ficaria confundido com tanta amabilidade. A obra de Estudos Psíquicos pertence ao domínio público; e se às vezes a criticam por um ou outro lapso inadvertido — errare humanum est — é bom que saibam como outros a apreciam. Se o que Jornal de Umbanda escreveu é justo ou não... os leitores o dirão.

Agradecemos ao articulista as imerecidas palavras que dedicou a «Estudos Psíquicos» e ao seu director.

Noticiário

39.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se o 39.º sorteio de livros espiritas relativo a Setembro e cujos prémios beneficiaram os seguintes subscritores:

«Nos Umbrais do Além» — Joaquim Fernandes de Matos, Porto Alegre, Brasil.

«... e as Águas Passaram»—Isaac Oliveira Marques, de Viseu.

«O Céu em nossas Almas» — D. Maria Ilídia de Armada, de Lisboa.

«Em Verdade vos Digo...» — D. Maria Marques, de Lisboa.

REABERTURA DE TRABALHOS

No próximo dia 4 de Outubro reabre o Centro Espiritualista Luz e Amor os seus trabalhos com uma sessão solene em que falarão vários oradores acerca da orientação a dar à nova jornada de 1953-54. Em virtude da variedade e gravidade dos problemas, cumpre-nos utilizar todos os meios que o bom-senso aconselha para evitar contratempos. Queremos estreitar relações com todas as colectividades neo-espiritualistas, porque só a união nos proporcionará a força. Sectores desunidos são sectores perdidos. O apoio moral, quando é sincero, produz milagres de firmeza.

A linha que temos seguido deu personalidade ao Centro, que, mesmo silenciosamente, vai edificando a sua obra.

É necessário doutrinar e, sobretudo, exemplificar. Só a verdadeira doutrina salvará a Causa, só a verdadeira doutrina cimentará para os séculos os postulados que difundimos. Esperamos que, neste sentido, alguma coisa se faça de novo. Esperamos também que novos elementos venham até nós, com inteligência e boa vontade, e impulsionem o barco para a frente, visto em frente estar o rumo que seguimos.

CENTRO ESPIRITA «MANUEL GONÇALVES»

A secretaria desta agremiação sediada em Santos, Av. Senador Pinheiro Machado, 632, Estado de S. Paulo, teve a gentileza de nos comunicar a eleição da nova Directoria, que ficou assim constituída:

Presidente — Ricardo Luís Lamas; *Vice-presidente* — António Fortes de Freitas; *1.º Secretário* — António Alonso Delgado; *2.º Secretário* — José Mazzeu; *1.º Tesoureiro* — António Requejo; *2.º Tesoureiro* — Américo Pedro; *Bibliotecário* — João Pace; *Assistência* — António Requejo; *Ensino* — Manuel Gomes de Faria.

A todos estes amigos e em especial ao nosso representante António Alonso Delgado, apresentamos os nossos agradecimentos com desejos de progresso. E se virem que nalguma coisa lhes poderemos ser úteis, contem connosco, como se conta com irmãos dilectos.

CORRESPONDÊNCIA

Apesar de muitas vezes termos pedido que nos poupem a despesas com correspondência destinada a informações de interesse particular, continuamos a receber cartas e postais deste género, aos quais não poderemos responder directamente pelos motivos apontados. Só responderemos aos correspondentes que enviarem 2$50 em estampilhas postais para a resposta.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM OUTUBRO DE 1953

Dia 4, Domingo, às 16 horas — Sessão de abertura dos trabalhos em que falarão vários oradores.

Dia 5, 2.ª feira, ás 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 8, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», sob a direcção do Cap. José dos Reis Pires.

Dia 10, sábado, às 21.30 — Grupo de Estudos «Allan Kardec», dirigido por Carlos Pereira.

Dia 11, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina».

Dia 12, 2.ª feira, às 21.30 — Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 15, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 16, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», dirigido pelo Cap. José dos Reis Pires.

Dia 18, Domingo, às 16 horas — Conferência por Isidoro Duarte Santos, intitulada «Radiestesia Médica».

Dia 19, 2.ª feira, às 21.30 — Grupo «Irmãos Rammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 22, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 23, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», dirigido pelo Cap. José dos Reis Pires.

Dia 24, sábado, às 21.30 — Grupo de Estudos «Allan Kardec», dirigido por Carlos Pereira.

Dia 25, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 26, 2.ª feira, às 21.30 — Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 29, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 30, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», dirigido pelo Cap. José dos Reis Pires.

NOTA—As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, munir-se da última quota paga.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

B. B. M., de Manique do Intendente,20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; João Pinto Muge, da Cidade da Beira, 100$00; Jaime da Silva Sabino, de Aveiro, 9$50; João Maria dos Reis, de Lourenço Marques, 17$00; D. Ana Ruivo, de Santarém, 5$00; João da Silva Gomes, de Cabaços, 40$00; Subscrição do 39.º sorteio de livros espiritas, 150$00. — TOTAL ..... 361$50

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espírita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lanza*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pegadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

EISENHOWER

(Ver pág. 307)

CONTÉM: Congressos, da **Redacção**; Réplica à «Nossa Vida Mental», pelo **Dr. Sérgio Vale**; Ara Poética, versão de **I. D. S.**; Os Últimos Serão os Primeiros, por **António J. Trindade**; Mediunidade, por **Rodolfo Coelho Calvacanti**; Espíritos Que Nos Protegem, por **Luís de Barros Castro**; A Paz, por **F. Noronha**; Se Não Fosse Domingo...; O Espiritualismo e a Mulher, por **Adelaide Ivone de Sousa**; A Cura Psíquica; D'Aquém e D'Além; «Ronda Espiritual» na Crítica Brasileira; Destruir ou Construir?, pelo **Dr. Inácio Ferreira**; Eisenhower e o Espiritismo; O Texto da Condenação de Galileu, por **Anselmo Parmentier**; Milagre, por **Alfredo Miguel**; Notável Experiência — Sinais do Além Através de Auscultadores; Aproxima-se o Natal; Espiritismo, Richet e Neofobia, por **Tito L. Bancescu**; O que é a U. S. E.; Carta Aberta aos Congressistas do 3.º Congresso Espirita Pan-Americano de Cuba; Firmai a Vossa Fé, por **José Simões de Matos**; O Nada, por **Damião de Vasconcelos**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

14.º ANO OUTUBRO DE 1953 N.º 10

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luis de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1953 — N.º 10

Redactor: **Ramos Pereira** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administradora: **Maria Eugénia**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

CONGRESSOS

Temos dito muitas vezes que é preciso unificar as práticas doutrinárias do Espiritismo. Hoje, repetimo-lo com maior convicção. Essa necessidade impõe-se cada vez mais, à medida que o progresso avança.

A codificação kardeciana deu origem a múltiplos intérpretes que, em vez de agregar, desagregaram, lançando a confusão nalguns sectores. A um século de distância, o Espiritismo não se apresenta uno, mas subordinado a exegetas vários, segundo a mentalidade predominante. Depois, as coordenadas geográficas influem grandemente no fenómeno. Assim, podemos dizer: o Espiritismo português, francês, inglês, argentino ou brasileiro. Cada um deles está para a Doutrina, como qualquer dialecto para a língua-mãe. Os próprios idiomas falados pelos povos necessitam de filólogos na orientação do léxico. De outra forma seria a torre de Babel.

O Espiritismo tem posição especial no concerto de ciências, filosofias e religiões. Essencialmente evolucionista e por vezes eclético, não pode estratificar em seus postulados, que serão progressivos e abarcarão todo o conhecimento humano, do ponto de vista espiritual. Por isso mesmo exigem enormes cuidados no sentido de se não abastardar. As árvores requerem trato e limpeza, a fim de crescerem livremente e com proveito.

A forma de obviar a estas dificuldades reside, precisamente, em reuniões plenárias, onde os assuntos sejam livremente expostos, tendo em vista o interesse da Causa. Quanto maior dinamismo tiver uma ideia, mais frequentes devem ser essas reuniões ou congressos, que desempenharão papel semelhante ao dos filólogos citados.

Os congressos espiritas pan-americanos, de carácter móvel, extensivos a diferentes países onde a doutrina espirita tem maior incremento, preenchem o fim em vista, procuram esclarecer e orientar os adeptos e fornecer às agremiações normas salutares que as orientem e ponham ao abrigo de erros e confusões lamentáveis.

Em Setembro de 1954 realizar-se-á na Holanda o 3.º Congresso Espirita Internacional após a guerra de 1939-45. Todas as Federações Espiritas do mundo ali poderão enviar os seus delegados e as suas teses, cuja presença e estudo serão devidamente considerados no certame.

O movimento espirita português ressente-se dessas lacunas e há verdadeiros motivos para isso. Toda a gente os reconhece. Ninguém ignora os factores que militam contra a organização de congressos especiais, que não só promoveriam a unificação de nossas práticas, como reforçariam laços de amizade entre adeptos. «Quem não aparece, esquece», diz o povo na sua linguagem típica ligada à sabedoria das nações. É por isso que nos encontramos tresmalhados, quase sem orientação, habituados a isolamento ascético, quando devíamos conviver, trocar impressões e elaborar uma estatística, para saber o número de profitentes que se poderiam enquadrar nas fileiras. Não importa que os tempos sejam infensos à boa sementeira. O que importa é não perder a fé nos destinos do ideal e fazer tudo para que os vindouros disfrutem maior liberdade do que nós disfrutamos.

Esmorecer é estagnar. Ora, um espirita de verdade, cuja convicção é inabalável, não pode abandonar o seu reduto, e, mesmo em conversa, deve servir a propaganda, lutando por congressos nacionais onde os centros e grupos estejam representados.

Há questões dignas de estudo colectivo, questões primordiais que só um Congresso apreciaria em devidos termos. Enquanto permanecermos apáticos, como se não fôssemos portugueses iguais aos outros, a vitória estará longe de nossos passos.

RÉPLICA À "NOSSA VIDA MENTAL"

II

Há entre nós uma obra, cuja finalidade é a divulgação de conhecimentos científicos, bem coligida e bem escrita, lida e estudada pela mocidade de nossos tempos. São os nove volumes que compõem a enciclopédia de A CIÊNCIA DA VIDA, elaborada por H. G. Wells, assessorado por G. P. Wells e por Julian Huxley. Foram traduzidos para o vernáculo por escritores nacionais dotados dos requisitos necessários para a empresa: Amir de Andrade, Vivaldo Coaracy, Maurício de Medeiros e Hamilton Nogueira.

Naquelas páginas, a vida é esmiuçada sob todos os seus aspectos, desde as prístinas eras geológicas, desde os fósseis imemoriais, até o estado actual das sociedades humanas. Um resumo substancioso da biologia geral desdobra-se-nos aos olhos, enriquecido e ilustrado com as noções mais seguras da geologia, da arqueologia, da botânica, da anatomia comparada, da fisiologia, da genética, da psicologia animal e humana, da medicina, da higiene, da eugenia e da sociologia.

A ciência e a filosofia espiritas aceitam todas as conclusões deduzidas do estudo dos fenómenos vitais, todas as teorias e todas as hipóteses que permaneçam dentro do âmbito da ciência objectiva ou experimental.

Concordamos com a génese aventada pela ciência materialista; com o modo por que descreve a formação da Terra; com o aparecimento da primeira célula; com a evolução proteiforme da máquina viva através de períodos milenários; com a multiplicação das espécies animais, segundo o darwinismo; com a evolução mental dos vertebrados e com a evolução geral da humanidade.

No último capítulo de um dos últimos volumes, o VIII, que se ocupou dos fenómenos metapsíquicos, intitulado A NOSSA VIDA MENTAL, o Espiritismo é nominalmente citado e chamado a debate. Se a vaidade não fosse pecado, seria o caso de nos deixarmos encher dela, neste momento. Uma obra eminentemente materialista, agnóstica e zombadora da espiritualidade, a qual é recenseada entre as taras visíveis das psicopatias desiquilibrantes, que ocupam nas suas páginas um lugar intermediário de evidência, depois das tonturas dos oligofrénicos, com as suas deficiências congénitas, e antes dos psicóticos ou loucos varridos; uma ciência autoritária que nos manda escolher o nosso lugar entre os psicópatas — *que sofrem* — e os psicopatógenos — *que fazem sofrer* — dignou-se conceder-nos a graça de um capítulo inteiro na sua enciclopédia.

Balfour, no seu livro, OS FUNDAMENTOS DA FÉ, a respeito do qual o nosso Rui Barbosa traçou apreciações cintilantes, desmascarou, de uma vez para sempre, as pretensões do *naturalismo,* quando este abandonou os seus métodos experimentais de estudo, a ciência das coisas, para se arvorar em árbitro filosofante. Englobando sob a única rubrica — naturalismo — todas as fantasias abortivas do agnosticismo, do empirismo e do positivismo, simples métodos que se querem promover a filosofias niilistas, estabelece a distinção necessária entre os postulados das construções passageiras das ciências naturais, que muitas vezes, como Saturno, já devoraram os seus próprios filhos, e as sínteses filosóficas a que elas se atrevem, subindo, evidentemente, acima das chinelas.

Balfour pergunta aos cientistas ateus, que abandonam os seus utensílios grosseiros de trabalho para reduzir a alma humana a uma secreção semelhante à bile, como se a ciência já não houvesse produzido numerosos espiritualistas da estatura de Aristóteles, de Newton, de Copérnico, de Darwin, de Pasteur, de Einstein, etc., para citar sòmente os cumes das cordilheiras:

«Quem daria ao naturalismo a mínima atenção, se ele não se misturasse à força na comitiva da ciência, não lhe vestisse a libré, reclamando, à guisa de parente, a honra de encarnar-lhe a autoridade e reproduzir-lhe a voz? Por si mesmo, ele nada é. Nem provê às necessidades do género humano, nem lhe satisfaz à razão».

Situando-nos na trincheira que separa os dois campos adversários, o campo do espiritualismo e o campo do materialismo, os autores de A NOSSA VIDA MENTAL provaram que são observadores sagazes. Nem sequer se dignaram de leve referência às revelações religiosas contidas nas várias escrituras sagradas. Fizeram abstracção de todos os deuses, mas julgaram indispensável a apresentação de alguns argumentos para rechaçar a *cabeça de ponte* do Espiritismo, que os ameaça corajosamente.

A nossa posição na luta é sumamente incómoda e difícil: pela frente, o poder temporal da ciência materialista; pela retaguarda, as desconfianças e as incompreenções do espiritualismo das religiões, rebelado contra as leis da evolução espiritual.

A trinca de cépticos que deu à luz o capítulo sobre os fenómenos metapsíquicos, falando em nome dos conhecimentos biológicos, de que se julgam representantes credenciados, aceita a parte material, mortal e visível, que se desintegra com a morte, porém rejeita a presunção do espírito imortal, invisível e actuante: *para eles, são as peças do motor que dão origem à energia que as move.*

Diante da vida que estua em nós e fora de nós, diante da consciência, que surpreendemos com atributos divinos, prefere a atitude do ignorante que se deixasse mistificar pelos movimentos de um linótipo, por exemplo, aceitando-os como resultado de reflexos e deflexos partidos da entrosagem de peças que se ajustam e se completam para as respectivas funções, excluindo, por desnecessária, a presença da energia actuante — a electricidade — embora invisível.

Clama pelos seus direitos à incredulidade, pelas suas convicções contrárias à finalidade da vida e da consciência, apegando-se ao argumento misoneísta — «*todas as ideias gerais, admitidas pelo resto da humanidade, estariam erradas*». Consideram o «resto da humanidade»» os ateus e os materialistas... Porque a humanidade, em seu conjunto, teve sempre a intuição de Deus e de todas as consequências morais que nele se contém.

Se Copérnico se ativesse a este preconceito — preocupação com o juizo do resto da humanidade — não teria arquivado Ptolomeu, cujas mentiras universais duraram nada menos de 12 séculos; se Darwin não houvesse desobedecido às ordens do *Génesis,* arquivando Moisés, ainda hoje viveria o homem na tola ilusão de ser um anjo decaido; se Pas-

teur não tivesse zombado dos miasmas, defendidos pelas barbas grisalhas de provectos doutores, a medicina seria ainda hoje aquela farsa representada por três autores: o médico, o doente e a moléstia, na observação de Rabelais.

Não negamos à trinca célebre os seus direitos à incredulidade; mas as razões desta, ilógicas e sofísticas, uma vez publicadas, são património de todos nós, caem debaixo do nosso juizo crítico, que se utilizará delas com a maior liberdade.

Procurando desfazer nas observações coligidas até aqui por metapsiquistas famosos, aconselham-nos os três autores — «*se quisermos entrar na parte experimental com esperança de fazer observações competentes*» — que busquemos investigadores idóneos: alienistas, criminologistas, prestidigitadores profissionais, psicólogos, fisiologistas, físicos, «*misturando a fé com o espírito crítico*». Mas em que mundo havemos de encontrar esta gente, se recusarem as experiências notabilíssimas de William Crookes, de Wallace Russel, de Rochas, de Schrenck-Notzing, de Myers, de Lombroso, de Morselli, de William James, de Ernesto Bozzano, de Lodge, de Richet e do celebérrimo prestidigitador Harry Price? Se todos estes expoentes nas suas especialidades faliram, na opinião inapelável da ciência académica, separadamente ou associados, «*sem a mistura da fé* com o espírito crítico», *excedendo as condições impostas* — não tinham fé alguma — como satisfazer ou saciar tais negadores gratuitos, desapercebidos de quaisquer experimentações pessoais?

Quereis saber qual o tratamento que os historiadores de A CIÊNCIA DA VIDA dispensaram a William Crookes (médico, físico, químico e astrónomo!), descobridor de tantas coisas notáveis, um dos vultos mais respeitáveis, mais completos e mais gloriosos da ciência materialista? Ei-lo: «*O próprio Crookes desistiu da tentativa de convencer os seus companheiros de ciência e retornou aos seus trabalhos químicos*».

Crookes construiu e publicou uma obra de 199 páginas a que deu título — *Researches in the Phenomena of Spiritualism* (Londres, 1874), traduzida para o francês *Les Nouvelles Expériences sur la Force Psychique*, onde afirmou a autenticidade, a legitimidade, a veridicidade de inúmeros factos espíritas, inclusive as materializações de Katie King, na intimidade do seu lar, durante meses seguidos, nas seguintes palavras:

«Tendo-me assegurado de sua realidade, seria uma covardia moral negar-lhes (aos factos espiritas) o meu testemunho, só porque as minhas publicações precedentes foram ridicularizadas por críticos e outras pessoas que nada conheciam do assunto».

Que havia de fazer Crookes depois da publicação da obra em que esgotou completamente a matéria, sob o ponto de vista da experimentação científica diante do sorriso de incredulidade e de mofa de seus pares, candidatos prováveis à sindrome de Cotard?

Desembaraçam-se das experiências de Crookes (e aqui estava a oportunidade para provarem que houve fraude!), com esta conclusão sumária e fulminante, de uma gratuidade absoluta, própria de «crítico e outras pessoas que nada conheciam do assunto»: «e hoje se admite *(se admite, eis a prova!)* que a elas não presidiu nenhum critério científico». Há em A NOSSA VIDA MENTAL perguntas de infantilidade tamanha que nos lembram passagens do livro de Silva Melo. Analisando a personalidade de Walter, que falou através da mediunidade de Margery, com voz «masculina, forte e ligeiramente rouca», isto é, com o timbre característico que possuía em vida, inquirem revoltados: «se Walter morreu, se os seus órgãos vocais deixaram de existir, como é, então, que sua voz continuava a ser ouvida?». E propõem uma solução mais crível: «Seria mais compreensível, se ele produzisse um disco de vitrola ectoplásmico...».

Tais intérpretes querem que os factos observados se adaptem aos conceitos errados ou apriorísticos, ou que não se distanciem muito da sua ciência, para que possam aceitá-los. Seriam muito capazes de interpelar Copérnico: Que havemos de fazer, então, com o movimento do sol? E a Pasteur admoestariam: Para que servem, então, os miasmas? Não teria sido por esta razão que o sábio Crookes desistiu da pretensão de convencê-los de qualquer novidade da qual já não estivessem convencidos, dentro da sua ignorância?

A respeito da tiptologia, onde há uma personalidade inteligente que fala, que dá de si todas as provas de identidade, com espontaneidade e segurança, das quais se obtiveram confirmações posteriores, verificando-se que os factos relatados, desconhecidos de todos os presentes, eram absolutamente reais, como o caso inicial de Hydesville (Rochester), vem a seguintes explicação *científica:* «Eram pancadas que se ouviam e que se tomavam como sinais da morte (!), embora mais tarde fossem explicadas como sons oriundos dos *batimentos do dedo grande do pé* dentro dos sapatos das mulheres que figuravam como médiuns».

Não fez muito bem William Crookes, representante sem rival da experimentação científica, desistindo de levar tais mentalidades à admissão dos fenómenos que observou e registou, com a maior imparcialidade, pois depunham, disse ele, «*contra minhas idéias preconcebidas*»?

Refere-se A NOSSA VIDA MENTAL a um quadro de Tissot, que «reproduziu a impressão de verdadeira beleza recebida em sessão espirita» — uma mulher em companhia de seu espírito guia — com as restrições naturais que todos subscrevemos, pois nós também não admitimos como prova digna de respeito «essas sublimações do testemunho visual».

Inutilizado, em boa hora, e com o nosso aplauso, o depoimento impressionista de um pintor, encarecem os críticos a técnica moderna dos flagrantes fotográficos, de que a ciência experimental se socorre largamente: «As câmaras fotográficas, asseveram sensatamente, mostram as coisas tais como se passam». Óptimo! Mas, ao comentarem as fotografias do que, afirmam eles, «se dizia serem materializações parciais», extraídas, por obséquio, de um livro de Schrenck-Notzing, ao invés de assinalarem, como era natural, o aparecimento da médium ao lado da entidade encarnada, *prova decisiva* da presença de duas pessoas físicas distintas; implicaram com a cara do fantasma, quando o que lhes competia era provarem que houve fraude ou que a dualidade de imagens corria por conta de uma di-

Pelo DR. SÉRGIO VALE

Correspondente em S. PAULO

plopia ou de uma alucinação provável da... chapa fotográfica. Esqueceram-se, completamente, do merecimento dos flagrantes fotográficos.

Numa sessão de materialização, dessas nas quais os observadores foram Crookes, Richet, Schrenck-Notzing. Lombroso, etc., sabeis, na realidade, o que foi que aconteceu?

Eis a explicação deles: «*personalidades dissociadas dos médiuns, ou produtos do seu subconsciente, análogos às criações dos sonhos*», fazem com que os observadores e as chapas fotográficas tomem como realidade tais «encarnações». Em resumo: o médium sonha e as pessoas presentes vêem o sonho dele materializado. Tão simples tudo! Esta teoria equivale à insanidade de admitir que entre o real e o ilusório não há distinção possível. Neste momento em que me ouvis dentro desse auditório, podeis admitir, por exemplo, duas verdades em competição: ou estais pacientemente aqui presentes, ou sois apenas encarnações de um sonho meu, sonhado na minha cama, em sono profundo. Eu sonho convosco e vós bondosamente materializais os meus devaneios com a vossa presença em carne e osso, neste recinto...

Para tais críticos, Eusápia Paladino não era médium, não, era uma deusa: durante ciquenta anos, mistificou mais de cinquenta sábios de dois continentes, executando, sem comparsas, actos inacreditáveis.

Depreciando as comunicações obtidas por Myers e Hdgson, dois nomes respeitabilíssimos da metapsíquica espirita, através das senhoras Piper e Verral, não lhes foi possível ocultar o seguinte: «*Nos menores detalhes usados para a identificação, o médium encarnou, de maneira notável, os traços mais íntimos das referidas personalidades*». Ora, a medicina legal nos ensina que a ciência dos pormenores é capital nas provas de identificação. A simples cor de um fio de cabelo, o fio isolado de um tecido, a obturação de um dente, a análise química de qualquer mancha podem solucionar um caso misterioso.

Ao contrário da autoridade científica inexcedível de Crookes, para o qual «*a exatidão e o conhecimento da minúcia ocupam o primeiro lugar entre as grandes aspirações dos sábios modernos*», os três amadores da metapsíquica, ao comentarem as observações do Dr. J. R. Tillard, renomado entomatologista, a respeito da Sr.ª Grandon (conhecida mundialmente por «Margery»), confessam ingènuamente: «*Não entraremos aqui nos pormenores do momentoso caso...*». Uma experimentação da qual se roubem os pormenores perde todo o seu valor probante, na opinião dos experimentadores... honestos.

★

Vamos colher, aqui e acolá algumas sínteses em que os três historiadores dos fenómenos biológicos e romancistas da metapsíquica expressaram as suas convicções contrárias a quaisquer tipos de espiritualidade.

«*A ideia de uma imortalidade individual é absolutamente contrária à ideia da evolução contínua*». Eis uma conclusão desprovida de senso comum. Se a evolução morfológica, a única que eles conhecem, significa, em última análise, uma sucessão de formas *caminhando inteligentemente* para um alvo determinado, não só a ideia de uma força directora está implicitamente contida no fenómeno orgânico, a prender os elos da cadeia. A força orientadora e construtora não pode perecer na morte de cada indivíduo, quer seja uni, quer seja pluricelular, porque se assim acontecesse, então é que a evolução não se poderia realizar. Tal hipótese é necessária e útil à própria ciência materialista. Perder-se-iam os modelos anteriores sobre os quais actuou aquele *quid* a que Claude Bernard chamou de *ideia directriz*.

Uma célula ou um conglomerado de células que tirasse de suas substâncias orgânicas e inorgânicas a força necessária para modificar a sua inércia natural, agiria ao modo do cavaleiro do Barão de Munckausen, o célebre contador de mentiras romanceadas. Figurou ele a seguinte situação desesperada: Um fidalgo, que cavalgava a sua montaria, foi cair, inadvertidamente, num pantanal. Esporeado, o cavalo esperneava sem encontrar ponto de apoio sólido que lhe evitasse o afundamento na lama. Foi então que o cavaleiro teve uma ideia genial, motivo de plágio da ciência sem Deus: agarrou-se a si mesmo, puxou-se violentamente pelos próprios cabelos, salvando-se da morte, salvando a cavalgadura e continuando calmamente o seu passeio habitual.

Vejamos, agora, o respeito em que eles têm as suas próprias personalidades: «A personalidade pode ser nada mais que um dos vários métodos da Natureza, uma ilusão provisória que se tornou conveniente pelo seu considerável valor estratégico». É sempre assim que eles explicam tudo — *obscurum per obscurius* — evitando que o seu calhamaço se arrebente e se esboroe, ao embicar sobre um recife importuno. Negam a existência de um Deus como força inteligente e orientadora, que soluciona todos os nossos problemas biológicos, morais e espirituais. E criam uma Natureza inventora de valores estratégicos consideráveis, com discernimento tão apurado, tão infalível e tão omnipotente, que se diverte, conforme se lhe desembeste o capricho, ou em produzir maravilhas concretas, como todos os sóis que povoam os espaços infinitos, ou em mistificar-nos, como o prestidigitador em cena de teatro, com «uma ilusão provisória», a ilusão da nossa personalidade e da nossa consciência. Para tudo negar, arrasam tudo. Mas há-de sobrar alguma coisa: sobre este intelecto que, abusando da sua liberdade, serve de instrumento ao erro.

Aqui intervém Descartes, com três palavras sòmente, fazendo retroceder a polémica ao marco zero: *Cogito, ergo sum*. Somos imortais, a nossa personalidade sobrevive, ainda mesmo que o não queiramos.

Estarão os nossos adversários, nossos e de todas as religiões que se foram adaptando à evolução do espírito humano, cuja função é, segundo S. Paulo «frutificar na prática do bem e adquirir pleno conhecimento de Deus», achar-se-ão eles, realmente, convencidos das filosofices que inoculam na alma da mocidade? Pelas queixas e pelas confissões que irrompem das frinchas do seu negativismo, poderemos concluir pela hipótese contrária.

Forneço-vos aqui um período luminoso, equivalente aos momentos de lucidez dos loucos remediáveis. Na página 276, da sétima à décima terceira linha do volume VIII, 3.ª edição de 1949, encontrareis a seguinte pedra de tropeço:

«Ainda há muito que investigar, em extensas regiões da nossa vida mental (isto não deve soar bem aos ouvidos da sexomania freudiana) e da nossa actividade fisiológica; e essa investigação pode descobrir factos de qualidade e conteúdo diferente dos que actualmente se acham estabelecidos — factos que se podem tornar incontroversos e *modificar até os nossos conceitos fundamentais sobre a vida*».

Eis as portas largas que eles mesmos se abriram. Este período, nós ainda havemos de vê-lo, daqui ou de LÁ, servindo de introdução e de justificativa a enciclopédias do futuro.

Os autores de A NOSSA VIDA MENTAL são simplesmente bons arquivistas. Registam e vulgarizam a ciência alheia. As fichas de seus volumes são úteis a quem pretenda se informar das aparências das coi-

sas. Arroladores das contribuições científicas de outrem, balanceiam os conhecimentos actuais da ciência humana. Melhor seria que se detivessem neste ponto.

Aceitamos os seus esclarecimentos na atitude do viajante que percorresse terras desconhecidas: apreciam os guias e os cicerones que lhes mostram as curiosidades autóctones, os monumentos nacionais, os costumes originais do povo. Nada mais.

Sem espiritualidade, querem insinuar-nos, no final da obra, as suas opiniões pessoais, naquela pretensão que Balfour nos apontou com dedo — confundindo-se na comitiva da ciência, vestindo-lhe a libré.

Que se lhes conceda o direito reclamado da incredulidade. Também nós possuímos direitos a reivindicar: ao invés de nos enfeudarmos servilmente à opinião de historiadores da ciência alheia, preferimos a companhia dos maiores *produtores* de ciências, dos que deram a esta, pelas suas descobertas, o lugar de respeitabilidade que conquistou no mundo — preferimos a companhia e a espiritualidade de Newton, de Copérnico, de Darwin, de Pasteur, de Einstein... Sem estes, não teríamos, ainda hoje, ciência alguma.

Os mesmos estudiosos que se abarrotaram de conhecimentos obtidos pelo estudo das camadas geológicas, dos fósseis, das vivissecções, dos cortes histológicos, das reacções químicas e das desintegrações atómicas reconhecem que houve, que há, que haverá sempre uma evolução. Eis um outro efeito inteligente, que se orienta no melhor sentido e que implica, lògicamente, na existência de uma causa da mesma essência ou de essência superior.

A ciência das coisas é um emaranhado inevitável de causas e efeitos. Assenta na lei absoluta, na lei básica para o raciocínio lógico, a irreversibilidade, na ordem temporal, das relações entre causa e efeito: a primeira precede ao segundo.

Quando o efeito alcança o máximo de sua manifestação secundária — o mundo infinito, os astros incontáveis, a consciência humana que tudo apreendeu, inclusive a realidade de si mesma, aconselha-se-nos o abandono da hipótese de trabalho que tudo nos desvendou. O conjunto de todos os efeitos deve ser presidido por uma causa única e universal, directora e responsável. Ao chegar a este ponto, o materialismo, a doutrina filosófica mais desprovida de conteúdo e de substância própria, porque a matéria desapareceu completamente do mercado, tudo se resumindo a forças e vibrações, tanto nos domínios da física como nos da biologia, ao chegar a este ponto, não quer estender as suas cogitações além do visível, nem continuar aceitando a mesma hipótese de trabalho de que se serviu continuamente. Retrata-se, abjura a dupla inseparável — causa e efeito — desmonta todo o edifício construído, chegando a admitir que a nossa personalidade é «uma ilusão provisória que se tornou conveniente pelo seu considerável valor estratégico», e concluíndo, dogmàticamente, através de suas cátedras, que o mundo e tudo quanto nele se contém é um efeito sem causa.

Negando Deus e negando o ideal ético, como o fez o *filósofo* Freud, cuja *psicanálise* não conhece, em nenhum momento, o *espírito* humano, mas apela, em todos os tons, para o «complexo de Édipo», a voz monótona das glândulas sexuais que, de energia dirigida, se transformou em árbitro do mundo, a ciência sem Deus realiza neste século decisivo aquela previsão de Claude Bernard: «Os homens feitos pela ciência são monstros morais».

O Evangelho de Ramacrishna depara-nos imagem perfeita, algo realista, da intelectualidade. É como o abutre, que voa acima das nuvens, sumindo-se no azul dos céus, banhando-se directamente nos raios puros da luz solar, mas que se acha preso ao imã das materialidades terrenas, às quais baixa, diàriamente, em busca da carniça.

Como produto ultramoderno, como tipo final da monstruosa parturição da ciência sem Deus, da ciência que zomba do espírito e da «moral burguesa», podemos apontar alguns técnicos ocupados na fabricação da bomba atómica. Apesar da contínua vigilância policial de que são cercados nos países chamados civilizados, de vez em quando desgarra um do seio de sua pátria para vender aos inimigos o produto de sua inteligência. Eis o «monstro moral» no seu modelo mais evolvido.

Não é preciso ser profeta para prever a desintegração total da falsa civilização, que desintegrou o átomo, antes de se integrar em Deus, para seu castigo.

FIM

ARA POÉTICA

DUAS CANÇÕES

de *Humberto Mariotti*

1

Paz, faze-te árvore, faze-te pedra,
faze-te um cavalo que relincha,
faze-te quarto crescente.
Paz, faze-te fogo,
converte-te em montanha,
transforma-te em rio,
faze-te coração e fala!
Paz, faze-te mundo.

2

Venham os puros ares
e mãos limpas que orem.
Venham as virgens do canto
e contra as mortes
cantem.
Venha o mel olvidado
nas velhas árvores
a adoçar as carnes amargas.
Venham sóis longínquos
e nossas noites matem;
venham os mundos amigos
e as aves inocentes;
venham com rumores azuis
todos.
As antigas vozes venham
e as novas vozes;
venham as suaves palavras
com suas mariposas,
e as águas correntes venham
com anjos novos.
Venha o sangue distante
e venham
também os mortos!...

INTROSPECÇÃO

de *Pilar Santana Becerra*

Quero ver meus pecados;
não alguma virtude
em minha alma nascida.

Quero ver os meus erros;
e não meus feitos bons
que não conhecem ódio,
vinganças e rancores.

Quero ver os obscuros
arcanos de minh'alma,
onde jamais entrou
o esplendor da chama.

Eu quero ver as trevas
que me invadem o espírito
ansioso de rasgar-lhes
divinas claridades.

Eu quero finalmente,
ver a senda abrolhosa
que palmilhar me falta
para alcançar a meta!

(Versão de I. D. S.)

OS ÚLTIMOS SER

Por ANTÓNIO

Uma das coisas que mais nos impressionou ao assistir a uma sessão espirita de trabalhos práticos em certa latitude, foi o atraso reinante nesse sector de nossa doutrina.

Isso mesmo fizemos ver, quando interrogados pelo director dos trabalhos, uma vez terminada a sessão, o que deu em resultado termos que fazer dias após uma outra sessão em a qual provávamos à saciedade a assertiva de nossas afirmações.

Vimos mais: Que em vez do doutrinador inquirir ou doutrinar o Espírito, pelo contrário, era este que manejava o doutrinador a seu bel talante, o que tornava tais trabalhos duma monotonia tal, que motivava desinteresse absoluto pela assistência.

Houve mesmo um espírito (por sinal que dum padre) que afirmou já ali ter estado várias vezes em batepapo com o doutrinador ou director dos trabalhos, sem que dessa tertúlia algo saísse de útil para o mesmo Espírito, que nem sequer conhecia ainda o seu verdadeiro estado.

Isto não quer dizer que o doutrinador não fosse uma pessoa bem intencionada, mas que lhe faltava o tirocínio necessário para dirigir trabalhos dessa natureza.

Para que uma pessoa possa adquirir conhecimentos suficientes para conversar com um Espírito, saber arguí-lo, ou responder a suas perguntas ou réplicas, não há escola alguma onde possa adquirir tais conhecimentos.

Pode, não há dúvida nenhuma, ir a pouco e pouco abeberando-se da doutrina para *ficar na fila* dos candidatos a doutrinador, que é como quem diz, a substituir numa sessão a quem do alto vem com esse encargo.

Porque o verdadeiro doutrinador deve ter pelo menos rudimentos de Sociologia, História, Religiões Comparadas, ser quase um técnico, pois ao defrontar-se com entidades sem lhes conhecer os propósitos nem o estado espiritual, precisa de poder aquilatar tudo isso para não ser vencido por tais Espíritos, que tanto podem vir em demanda de luz, de conhecimentos que ignora, como ser um mistificador, um inimigo da Causa, que tenha até em mira atraí-lo para seu aprisco, aumentando, por esse meio, as imensuráveis hostes que constituem os Espíritos do mal.

Ademais, não raro, o Senhor permite que alguns de seus mensageiros venham pôr à prova aqueles que se julgam aptos para tais missões, tomando-lhe o peso, a ver se ele está certo ou não...

É que ser doutrinador de Espíritos, é muito mais delicado do que ser-se condutor de homens.

Aos homens, basta falar-lhes um pouco à vaidade ou oferecer-lhes um copo de bebida, para que se deixem conduzir como ovelhas em rebanho, embora com a mesma facilidade, depois, à semelhança do que fizeram com o Cristo, clamem por vossa cabeça, após o grito que saia da turba com essa finalidade.

Não foi assim que levaram à cruz aqueles que, dias antes, o aclamavam Filho de Deus vivo, e verdadeiro condutor da Humanidade?

Portanto, para ser doutrinador não basta querer.

Para se exercer tal missão, mistér se faz que haja rudimentos de Sociologia, História e outros que tais, mas, sobretudo, que haja outros conhecimentos que, aliados a grande

MEDIUNIDADE

Por Rodolfo Coelho Cavacanti

A mediunidade é um dom que Deus concede a todos os seus filhos. É algo que a criatura possui, latente em si mesmo. A mediunidade é como o saber: necessita de estudo ou desenvolvimento; por isso, uns têm mais aptidão do que outros.

Assim como Deus deu aos homens a inteligência, deu também a mediunidade. Acontece que certas mediunidades se revelam nos indivíduos, inesperadamente, como nos casos das crianças «prodígios».

Mozart, aos 4 anos, interpretava difíceis autores musicais, e Pascal, aos 12, descobria parte da geometria plana, já disse alguém. Artur Conan Doyle, aos 6 anos, escrevia o seu primeiro conto. Gianela, em 1949, com 6 anos apenas, regia uma grande orquestra; da mesma maneira, Pierino Gamba, outra notabilidade em talento.

Se fôssemos citar os grandes vultos que se revelaram génios em

ÃO OS PRIMEIROS

J. TRINDADE

dose de bom senso, o podem tornar um verdadeiro pegureiro de Israel, um verdadeiro pescador de almas.

E quando não houver nenhuma destas virtudes, ou predicados, pode-se desistir de tal apostolado, para não incorrer na condenação de Jesus, quando afirmou: «Eu não vos mandei».

Certo, que não há regra sem excepção, o que significa dizer que, embora Moisés tivesse proibido a invocação dos Espíritos, vem logo a seguir a promessa do Senhor: «Não invocarás o Espírito», mas «se eu o entregar em tua mão, é porque foi necessário para teu benefício, ou desse mesmo Espírito».

O que é necessário, portanto, é pelo menos haver regular dose de bom senso, para obedecer à norma kardeciana de rejeitar noventa e nove comunicações boas, se tiver dúvidas sobre a centésima comunicação.

E foi por esse motivo que João, o discípulo amado, disse numa de suas Epístolas:

«Amados, não creiais em todos os Espíritos sem saber se eles são de Deus», «todo o Espírito que disser que Jesus veio em carne, esse Espírito é de Deus, mas o que disser que Ele veio em Espírito, este não é de Deus, mas sim o Anticristo».

Portanto, não havendo certa cultura e bom senso, não se pode aquilatar da veracidade do que diz o Espírito, se ele é de Verdade ou de mentira, se vem para *semear* ou para *colher*, ou apenas para semear entre vós a cizânia, a dúvida, ou conquistar-vos para o seu imensurável rebanho de Espíritos das trevas.

Todo aquele, pois, «que quiser ser grande torne-se ministro; mas o que quiser ser o primeiro, torne-se servo», assim disse Jesus. O que significa dizer que, em primeiro lugar, se devem estudar bem os Evangelhos de N. S. Jesus-Cristo, ouvir Moisés e os profetas, e só então, depois de saber interpretá-los em Espírito e Verdade, é que se pode candidatar a doutrinador, que é como quem diz, a condutor de almas, para poder ser um condutor de homens.

Mas, quando tiver adquirido estes conhecimentos, não mais terá coragem para se julgar com capacidade e aptidão para tal, porque já terá gravado em seu subconsciente a parábola do Mestre, quando certo rei ofereceu um banquete a seus amigos, e muito principalmente a da advertência de que «os últimos serão os primeiros».

Portanto, aquele de nossos leitores que se julgar em condições de se arvorar em arauto da Verdade, não o faça enquanto não conhecer a fundo os Evangelhos, Moisés e os profetas, mas, acima de tudo isto, de que de nada lhe valem estes conhecimentos, se os não sentir em Espírito e Verdade.

Porque, quando assim for, não se insinuará, não procurará impôr-se, para lhe não suceder o que sucedeu ao que tinha ido assistir ao banquete e que, porque tomou um lugar que lhe não pertencia, foi dali tirado e mandado para o último lugar.

Procure apenas vigiar muito e orar, vigiar mais do que orar, porque, quando menos o esperar, o Senhor da Vinha o mandará chamar, e Ele paga bem a quem O serve.

A bordo do «Conte Grande», em Setembro de 1953

---

idade infantil, não poderíamos esquecer Edison, Lincoln, Rui Barbosa, Beethoven e tantos outros, que só o mediunismo e a palingenesia poderão explicar com mais clareza e lógica o tal «fenómeno da precocidade».

Somos pigmeus em melhor demonstração psicológica, através do psiquismo, no vasto campo da mediunidade; entretanto, dissemos e afirmamos que os génios que se revelam em idade precoce são Espíritos que trazem de reencarnações passadas o «enigma» dos seus vastos conhecimentos.

Os grandes sofredores são espíritos culpados de vidas pretéritas. A mediunidade não é privilégio de pessoa alguma, sendo que todos nós somos médiuns.

Todas as religiões possuem os seus grandes «inspirados» (médiuns) e também os seus falsos profetas. O Espiritismo é a única Doutrina que explica com mais acerto, em espírito e verdade, os efeitos da mediunidade. Não há Santo nem Génio em religião alguma e sim verdadeiros intérpretes do Além, quando os médiuns sabem utilizar as suas faculdades medúnicas.

Espiritos que

Por LUIZ DE B

(Corresponden

Nem sempre damos conta das entidades invisíveis que nos acompanham e que verdadeiramente nos protegem curando de nossos desmandos, ou de consequências de futuros acontecimentos com o mesmo ou maior desvelo, com que nós cuidamos das criancinhas.

Já várias vezes tenho sentido os efeitos da protecção de entidades invisíveis na minha vida e até, como prova do meu íntimo reconhecimento, vou contar uma ou duas intervenções das forças amigas, com seu valioso auxílio, sem o qual, possìvelmente, não estaria agora a escrever estas linhas:

Acabara de almoçar à pressa, pois naquele dia a comida chegara muito tarde do hotel. O local onde eu trabalhava era longe e não queria chegar tarde. Um empregado meu — que me tomava conta duma casa comercial — arreliou-me, por não fazer o serviço conforme lhe tinha determinado.

Excitado fortemente de nervos por todas estas coisas, subi para o carro — um carro que por vezes não «pegava» a trabalhar com facilidade — e logo nesta altura, já atrasado, este não havia maneira de «pegar»... Mexe daqui, mexe dali, cada vez mais aborrecido, lá se resolveu a trabalhar e aí vou eu, em marcha acelerada, mais do que a que o bom senso permitia.

Era costume acompanhar-me um colega de trabalho, que se aproveitava do meu carro.

Numa rua relativamente estreita, vejo à minha frente um caminhão parado. Quando vou desviar-me dele, surge-me, em sentido contrário, um outro ainda maior, que por não me ver também, não poderia parar de repente. Preciso de parar eu ràpidamente, pois não tenho lugar por onde passar. Os travões, porém, surpreendem-me, porque, conquanto accionados com força, o carro não abranda sequer a marcha! Só havia uma alternativa: Bater de frente, na trazeira do carro que estava parado! Talvez do mal, fosse o menos...

Uma ideia fulminante, porém, me assalta, como se fosse uma ordem: «Salta o passeio; É melhor ir de encontro à parede!».

Volto a direcção toda, ainda antes de ter resolvido se devia ou não obedecer à sugestão! Minhas mãos fizeram tão depressa o movimento, que ainda hoje tenho a impressão de que não fui eu que executei tão pronta manobra.

O carro dá um grande salto ao galgar os bordos do passeio, mas qual não é o meu espanto, quando à minha frente não há uma pessoa, nem sequer uma árvore das que ornamentam as ruas, e, —alívio supremo! — tenho até largura suficiente para passar e voltar novamente à estrada, sem o mais leve incidente!

O meu companheiro, pálido, fica boquiaberto, respira fundo, e só passado um pouco pode falar, dando largas à sua admiração por tão genial e providencial manobra!

Eu, que fiz tudo isto em muito menos tempo do que leva a dizer, quando pensei nas consequências de um desastre naquelas condições e na maneira como fui libertado da apertada situação, e em que, para tanto, quase nada contribuí fiquei mudo de espanto e admiração com o coração repleto de reconhecimento para com aqueles que invisìvelmente me estendem sobre a cabeça a sua mão protectora e amiga!

É nestas ocasiões da vida, que pensamos: «Na verdade, vimos ao mundo com uma finalidade que se terá de cumprir, ainda que muitas vezes a nossa falta de senso e calma esteja prestes a levar-nos para um caminho diferente.

★

Não resisto à tentação de narrar ainda outro caso de intervenção das entidades amigas invisíveis que, nos supremos momentos do nosso desespero ou má situação, quase sempre nos assistem, para nos salvar, ou pelo menos amenizar a gravidade do mal que nos oprime. Vejamos:

A profissão de comerciante, em África, é algo ingrata, porque é necessário lutar contra a ambição de outros comerciantes que, para atrair o indígena aos seus estabelecimentos, o habituaram a tais descontos e ofertas, que este se convenceu de que o comerciante o intruja sempre, por mais barato que venda.

Logo que um novo comerciante se estabelece, toda a freguesia indígena vai àquela casa, na esperança de comprar mais barato. Durante os primeiros dias, todos os colegas próximos ficam à espera que acabe a novidade, para que o equilíbrio se restabeleça. Se um estabelecimento muda de dono, sucede exactamente a mesma coisa. O negro, por sua vez, gosta de ter crédito e, se não lho concedem, não só não gasta, como leva os seus amigos e conhecidos para outros lados... O europeu, vizinho, porque é branco e conterrâneo, impõe esse crédito, quase, e a verdade é esta: Muitos pagam, mas um ou outro, não. Este, que não cumpriu, torna-se então ainda mais prejudicial ao comerciante de que o indígena, porque move campanhas de descrédito, que são de consequências muito funestas e impossíveis de evitar!

O comerciante que se queira amoldar a este ambiente, terá de adaptar-se e conformar-se a trabalhar para si e para muitos dos vizinhos...

Além disso, um preto que não paga, limita o seu «calote» — passe o termo — a pequenas importâncias, ao passo que o branco, geralmente, fica a dever quantias razoáveis.

A quem falta esse poder de adaptação — e a mim me falta porque não tolero a intrujice, nem sei viver de bem com quem não é sério — essa vida torna-se extremamente desagradável e chega-se a pontos, que mal podemos permanecer em casa. Foi exactamente o que me aconteceu.

Desesperei por tudo isto e resolvi trespassar o estabelecimento que possuia. Isto, porém, também não se consegue com facilidade, se a transacção é de certo vulto, ou a casa não está bem afreguesada. Há que esperar a ocasião.

Entreguei, pois, a casa a um empregado, mais ou menos sabedor da minha situação de quase desespero e, para justificar a minha permanente ausência, arranjei um emprego. A situação, porém, em vez de melhorar, pelo contrário, piorou! O meu empregado, sabendo-me seguro fora de casa durante quase todo o dia, deixou de trabalhar o mais que podia e às pessoas que por lá iam interessadas no trespasse da loja, dizia que a casa não prestava, que não fazia negócio, e isto era o suficiente para as afastar imediatamente. Este pobre perturbado — que outra coisa não era — procedia assim na esperança de que eu, no auge do desespero e como sabia que eu não podia deixar o emprego que tinha, lhe viesse simplesmente entregar a casa a ele e que me pagaria quando quisesse e conforme quisesse. Teve a petulância, de, estando eu em casa, no quarto, dizer a um interessado, que a casa «já era dele havia quatro meses!». Pois tive que ouvir e calar, porque, se o despedisse, ou teria de fechar as portas

do estabelecimento, ou então faltar ao meu trabalho, o que era mau em qualquer dos casos.

Cheguei assim ao auge do desespero. Ofereci a casa, sujeitando-me a perder já a importância que tinha dado pela chave, facilitando o pagamento das mercadorias, etc. Não havia maneira! Que tormento ter de suportar aquele indivíduo e os crescentes prejuízos que estava tendo! Não podia mais!

Fui ter com um irmão meu, também comerciante, disse-lhe que levasse tudo, que vendesse de sua conta, que fizesse o que quisesse, pois ia entregar a chave ao senhorio e fechar duma vez para não perder de todo a cabeça perante o doido que se me introduzira em casa, pedindo-me com lágrimas nos olhos que o admitisse!

Meu irmão lá me acalmou um pouco, mas «que fizesse como quisesse»... E tudo continuou na mesma. Desespero e desespero!

Já exausto de tanto pensar, abandonei-me à sorte e dirigi meu pensamento para os ensinamentos da Doutrina que pouco antes tinha adoptado. Nela encontrei então calma e conformidade e até ideia de compreensão para o pobre homem que tanto me tinha prejudicado!

Invoquei Luz para ele e paciência e Luz para mim! E os meus negócios lá iam correndo à mercê do acaso e quase à vontade do homem que cada vez se julgava mais senhor da situação e me falava já de maneira ostensiva e com assomos de incorrecção!

Um dia, um homem que eu já conhecia, mas que não calculava que pudesse tomar a casa, começa a falar-me nela com grande entusiasmo. «Que conhecia um outro, seu amigo, que tinha dinheiro e que talvez lho emprestasse, ou quisesse associar-se a ele».

Conclusão: Naquele mesmo dia, quase à vista do empregado que tanto me prejudicara, o homem entrega-me sinal, como prova de negócio concluído e fechado!

Naquela noite mesmo, tive a satisfação de começar o balanço de existência e, como os novos proprietários não quiseram ficar com esse empregado, foi o mesmo dispensado.

Estava enfim salvo! Que alívio! Que sensação de liberdade! Que alegria! Que bom não ter nada de meu! Que bom que é ser pobrezinho!

Agora, ganhando o suficiente para viver, ainda que modestamente, a Terra me parece um paraíso, quando até aí era um verdadeiro inferno!

Não. Eu não quero ser rico. A riqueza custa um preço demasiadamente elevado, não tanto em trabalho, mas em dignidade e liberdade do corpo e do espírito! Do corpo, porque obriga a uma permanente guarda e atenção nas riquezas, e do espírito, porque o absorve totalmente na orientação dos negócios e no cuidado de possíveis prejuízos. Na dignidade, porque, para que a requiza cresça, se torna necessário transigir com a intrujice, com o egoísmo feroz, com a escravidão, com a constante preocupação de prejudicar o nosso semelhante, tirando-lhe o máximo de dinheiro e dando-lhe o menos possível de mercadoria!

São profissões em que o coração se tem de abafar e o espírito rastejar permanentemente à face da Terra e jamais ascender às alturas radiosas do Céu!

A contemplação do dinheiro, não compensa o sacrifício da baixeza necessária para adquiri-lo.

O comerciante mais orgulhoso, na expectativa dum negócio vantajoso, dobrará a cerviz a qualquer indivíduo, enquanto este não largar o dinheiro que tem em seu poder. Após a conclusão do mesmo, vê-lo-eis bem depressa ímpar de vaidade e importância e cheio de afazeres, com receio de qualquer reclamação, que nunca está disposto a aceitar.

As forças inferiores, embora predominem e durante algum tempo possam causar muito mal, (de resto, merecido) vêm sempre a ser dominadas e vencidas. Estas forças que, neste caso, estavam representadas pelo meu empregado e pelas entidades invisíveis que o perturbavam e por certo o acompanhavam, foram impotentes perante a acção benéfica das Forças Superiores que me assistiram, dada a justiça que me era devida. Apesar desta justiça, qual a razão por que ainda tive de sofrer tantos e tão fundos aborrecimentos e consideráveis prejuízos?

Muito simplesmente, porque noutra qualquer época do meu passado, (não importa quando) devo ter causado a qualquer pessoa idêntico prejuízo, a mesma situação de angústia e desespero.

Se paguei esta atrasada dívida, nada tenho, portanto, que me revoltar contra a dor sofrida, nem ficar com ideias de vingança contra o empregado que me afligiu, porque, bem vistas as coisas, ele foi apenas o instrumento da minha expiação.

Se eu me vingasse agora nele, ficaria o meu mal duplamente agravado e seria o mesmo que um devedor ver um inimigo no cobrador, pelo facto deste, em nome doutro, lhe ir apresentar uma conta a pagamento...

Perdoemos, portanto, àqueles que nos ofendem, porque eles não são mais que instrumentos executores dum castigo que vai redimir culpas nossas dum passado mais ou menos longínquo.

Se todos pensassem assim, bem depressa se extinguiria o sentimento de vingança em nossa mente e inúmeras desgraças deixariam de se verificar por toda a parte.

Quem já ensinou ao povo a cultivar esta virtude?

Os castigos dos tribunais são severos, mas nem por isso os crimes diminuem. Porquê? Porque não é sòmente na repressão violenta (castigo do corpo, liberdade coartada, etc.) que está a supressão do crime, mas sim e quase sòmente na convicção que há-de partir do íntimo do próprio indivíduo. Actuai de dentro para fora e não de fora para dentro. Modificai a alma do homem e deixará de ser necessário castigar o corpo. Penetrai no íntimo — alma — e não na superfície — corpo —.

Preparemos melhor nossos filhos para o sofrimento, para a bondade, para o perdão. Façamos com que tenham um corpo forte, mas não para lutar, vencer e atropelar os outros, porventura mais fracos. O vigor que desejarmos para o seu organismo, deve ser para que tenham uma boa saúde. Demos-lhes ideias de bondade, de fraternidade. O que há de mais pernicioso para uma criança, é deixá-la convencida de que ficamos muito contentes, quando ela nos vem dizer que bateu noutra, seja por que pretexto for. Obrigai-a a ir beijar o seu inimigo, a abraçá-lo e façamos tudo para que se reconciliem. Alimentar nas crianças a ideia de superioridade, é outro grande crime que se irá reflectir com enorme gravidade na sua vida futura. Ensinemos-lhes a estimarem-se como irmãos e a respeitar os interesses dos outros, para que

nos protegem

ARROS CASTRO
e em Luanda)

estes respeitem também os seus. Coartai o mais possível às crianças a tendência inata para a prepotência. Exaltai as atitudes brandas, calmas, de perdão e bondade. Ensinemos-lhes a estimar os seus semelhantes e também os animais e as plantas com verdadeira paixão. Que amem a liberdade e a luz do Sol e as estrelas que brilham no infinito, ensinando-lhes que foi dali que todas as crianças vieram. Condenemos a intrujice e a esperteza que redunde em prejuízo seja de quem for, mas exaltemos a actividade que levou de vencida uma dificuldade. Exemplo: uma lição que era particularmente difícil, mas que a criança conseguiu aprender.

Ainda que uma criança seja de intelecto inferior, nunca a devemos diminuir perante as outras, ou perante ela própria. Animai-a e ponde em foco qualquer pequena vitória que tenha conseguido. O complexo de inferioridade, que tão fàcilmente se adquire, é de horrível efeito na mente das crianças e por largo tempo se faz sentir até nos adultos.

A criança desenvolve-se às vezes intelectualmente, com a mesma irregularidade, que fisicamente. É por isso que devemos sempre ter esperança no desabrochar da sua inteligência e do seu corpo. Os professores primários, em especial, deviam ter uma formação moral elevadíssima e nunca tendenciosa.

Ensinemos as crianças a amar a nossa terra, a nossa pátria, mas façamos-lhes compreender que as crianças que têm outra pátria, também têm o dever e o direito de amar a sua terra com o mesmo amor com que nós amamos a nossa. Amar a nossa pátria não quer dizer odiar a dos outros. Amar os nossos irmãos de raça, não quer dizer que os outros povos de raças ou cores diferentes não tenham direito à nossa estima e à vida, porque esses são também nossos irmãos, visto que todos somos filhos de Deus. Que a criança sinta que, com os seus pequeninos braços, pode abraçar o mundo inteiro. Que a criança sinta que, com o seu pequenino coração, deve amar toda a Humanidade.

Se, apesar dos nossos erros constantes, as Forças Superiores já se vão manifestando na nossa vida com a eficiência destes casos que agora contei e de outros que possìvelmente são ainda mais evidentes e que os leitores talvez conheçam, muito mais benéficas se mostrarão, no dia em que a maior parte dos habitantes da Terra, por sua elevada perfeição moral, mais dignos se tornem de ser por elas assistidos.

A PAZ

Por F. NORONHA

IMPÕE-SE ao mundo uma urgência viva e imperativa. A lição da História, através dos séculos, demonstra que só há progressividade onde predomina boa fé, mutualidade respeitosa e não vinga egoísmo.

Denominamos de luzes vários períodos, em que a força bruta foi contida pela razão e pelo direito, e em que a espada embora presente se conservou na bainha. Aquela idade remota dos senhores da Babilónia e de correrias permanentes, sem estabilidades resistentíssimas, atingiu a sua meta, e a Antiguidade Oriental soltou o derradeiro alento. Não passaram as chamdas sociedades constituídas de então, de maquinismos desarticulados, sem observância de princípios e sem ideia de disciplinamento, só agindo triunfadores de ocasião em emergências favoráveis.

Em suma, primeiro que tudo era o mais forte que resolvia e nem sequer havia letra legal que orientasse o regimento de preceitos lógicos.

Tarde, a gente ancestre deixou a rudeza selvática, e surgiram regras e preceitos esboçando fundamentos de ordenação e regras práticas de entendimentos necessários.

Não caminhava tudo às cegas e à matroca, mas não divergia grandemente o homem do animal contemporâneo, que talvez lhe ensinasse alguma coisa de utilidade aproveitável. E, como *nemo contentus sorte sua*, do menos avançou o nosso antepassado para o mais, iniciando assim a carreira de progressos que o habilitaram a assenhorear-se do Planeta e a criar a bomba atómica.

Quase toca o intelecto humano e o potencial de suas faculdades, o grau sublime de acerto divino e de magia eterna.

A Ele, omnipotência augusta, único na essência, causa das coisas, é força confessar a realidade das existências e o positivo das cerebrações.

Em face do que é, não há forma, por nossa parte, de apear a divindade, sofismá-la, diminuí-la, mistificá-la.

Será a guerra de sua exclusiva responsabilidade? As monstruosas hecatombes deste século são ou terão sido típico devaneio seu? Não fujamos dos factos. O Decálogo é a ética moral por excelência e o livre arbítrio concedido à criatura humana pelo seu criador, um tesouro formal de inteireza genuína e de proporção grandíloqua.

Eis, a meu ver, um campo largo, em que os doutrinários da fraternidade se recomendam como elemento activo de molde.

Onze apóstolos bastaram para semear o verbo de Jesus na terra inteira.

Não lhes assistirá validade, sendo milhões, para efeito idêntico relativamente à obra?

É verdade que sim.

Daqui, desta tribuna propícia vos dirijo um apelo de alma em semelhante sentido e com tal finalidade. Se tomardes o assunto a peito e tal quiserdes, sem soluções de continuidade, operareis de vulto e cantarei vitória. Avan-

te, pois, irmãos, em espírito.

Implorais o Deus das Alturas, tranquilo de consciência.

Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominis bonæ voluntatis.

Missão sublime e tarefa nobre se vos depara neste capítulo honroso.

Ides para o Ser Supremo na ânsia do sentimento nobre e recebereis por certo o prémio da benignidade e recompensa.

Neste implorar, vai compreendido o emotivo brado, que soa assim:

«Salus populi suprema lex».

E alguém duvida de que a Paz não seja para os povos a pura filosofia daquela tão expressiva, quanto acessível frase?

«Glória a Deus, nas alturas; na terra, paz aos homens de boa vontade».

Encontra-se avariada a política mundial e existem contrastes difíceis de arrumo, mas não é impossível a varredura de lixos e a promoção de terapêuticas apropriadas. Os cães açulam-se e os dentes rangem, mas o medo é prudente e guarda a vinha.

O espectáculo das guerras precedentes deve ter algum valor no consenso dos homens, e porventura poupar uma terceira luta esmagadora e irreparável.

Eu não ignoro que, por enquanto, o equilíbrio está longe de efectivação perdurável e que existe sério perigo de fogueira desastrosíssima.

Os armamentos absorvem somas astronómicas, e os incêndios de hostilidades podem rebentar em escala gigante. Entretanto, repito: o medo guarda a vinha, e a vida não corre de molde a distracções ou devaneios.

Nestes termos, e por me não sentir pessimista, não julgo inviável que as oficinas diplomáticas possam conseguir acordos justificáveis e conciliações oportunas.

Assim seja e nós o testemunhemos.

Não se me antolha, neste meio século ultrapassado, capacidade mais insigne para o edifício da junção e do entendimento, ou seja do amor do próximo e da humanidade, do que aquela que define o um por todos e todos por um, sem coacção, sem espórtulas a dinheiro de contado, sem miras de cálculo inconfessável, sem intuitos de fraude e de embelezamento, sem deslize de espécie alguma.

Fazendo excepção ao fútil, ao ventoinha e ao desclassificado, apenas verifico desassombradamente emancipada de tortuosidades e de vínculos suspeitos a classe de seres humanos, imácula de freios, jungida por conformidade ideológica de correlação anímica, asseverando a existência da energia incriada, prestando culto ao mártir do Calvário, enlaçando-se mão a mão e braço a braço, que a consanguinidade fraternal proclama sempre e a consciência louva.

Aqueles que distinguem e sabem distinguir o imaterial do material, a alvura da pretidão, o escorreito do enfermo e o honesto do bandoleiro, a esses cabe sem favor e sem lisonja a deferência dos concidadãos e o registo de ombridade.

Não são falidos, nem fisiológica nem anatòmicamente. São o que são, sob o aspecto individual e jurídico.

Sem o livre arbítrio seria manca a situação social e, em verdade, impeditivo tudo o que surgisse fora de rotina. A fraternidade e a sua expressão legítima são a atmosfera do espírito e o expoente máximo que lhe consagra a áurea dignidade, evidentemente solidária.

Se não fosse Domingo...

HÁ uma seita cujos componentes não fazem negócio de espécie alguma aos domingos; nem ao menos compram alimentos, só pegando em dinheiro para fins caridosos e nada mais.

Conta-se que dois caboclos pertencentes a essa seita encontraram-se um dia, à porta da igreja, num domingo. Um tinha vindo a cavalo e o outro a pé. Um gostou do cavalo do outro, mas, como era domingo, não ficava bem propor negócio, ainda mais à porta da igreja, onde o facto poderia ser notado.

E puseram-se a conversar:

— Se não fosse domingo, eu apreguntava ao irmão se queria vender esse cavalo...

— Pois óie! Se não fosse domingo... eu arrespondia que vendia.

— Uái! Pois se não fosse domingo, eu apreguntava se o cavalo não tem algum defeito...

— Se não fosse domingo, eu arrespondia que não tem defeito nenhum.

— Pois é, irmão! Se não fosse domingo, quanto mecê queria pelo cavalo?

— Ora! Se não fosse domingo, eu «torrava» por mil cruzeiros.

— Pois acredite: Se não fosse domingo, eu topava a parada e comprava o bicho!

— Pois é, irmão! Se não fosse domingo, eu dizia: «Tá feito!»... e amanhã, ao meio dia, ia buscá o cavalo ao seu sítio!

— Ah, irmão! Se não fosse domingo,... eu dizia a mecê que o negócio tá fechado...

— Pois veja só! Se não fosse domingo, eu dizia a mecê que amanhã tava lá p'ra buscá o cavalo...

— Pois é mêmo, irmão! Intão, como hoje é domingo, nóis não fazemo negócio, mas aminhã mecê pode me levá os mir cruzero e ficá co cavalo, pramorde que hoje nóis não faz negócio...

(Do *Semeador*, de S. Paulo)

2.º ARTIGO

O ESPIRITUALISM

Por ADELAIDE IV

DISSE um dia o professor Dr. Ferreira de Mira que «o génio humano tem complicado o mundo em volta de nós» (artigo do *Diário de Notícias*).

Meditando sobre este pensamento chamo a atenção deste País, para a necessidade de «olharmos em volta de nós».

Numa nação de latinos sonhadores como são os Lusitanos, compete aos neo-espiritualistas uma grande tarefa.

1.º — Exemplificar no máximo dos seus conhecimentos as belezas do Ideal neo-Espiritualista, sobretudo do Espiritismo Experimental objectivo no campo das suas reivindicações morais e sociais, pelas provas da Lei da Reencarnação.

Todos sabem que o Homem partiu da Inconsciência e caminha para a Consciência, ou integração na Divindade. A Lei da Evolução tem por missão reunir esses dois polos. Quando esse facto se der realiza-se a fusão do homem inconsciente no consciente, os seres que alternadamente foram homens e mulheres, realizando assim o Grande Andrógina dos Hermetistas. Não haverá homens mas o Homem — que os englobará a todos. O arcanjo Lucifer, símbolo das trevas, terá terminado a sua missão na matéria, terá cessado a sua queda, e penetrado na Divindade.

Jesus sacrificando-se para salvar os homens é o símbolo do homem inferior abandonando o plano divino da sua origem, para encarnar em todos os átomos da matéria, e fazê-los evolver para a Divindade. O sacrifício de Jesus é o símbolo da nossa peregrinação terrena em igualdade de circunstâncias para todos os seres humanos.

Adão comendo a maçã que lhe deu Eva significa que Lúcifer ou o homem inferior penetrou nos átomos que têm a forma redonda como uma maçã, e assim se integrou na Natureza-matéria. Assim ele «mordeu» o fruto da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, ficando por isso separado do Éden ou Divindade para durante milhares de séculos realizar a sua evolução ou depuração, *comendo de todos os frutos da vida*, até que tenha completamente assimilado a Grande Lição.

A lenda bíblica, proveniente da Sabedoria Antiga, afirma que o Homem (e consequentemente a Mulher) foi precipitado do Céu para as trevas ou Terra, por ter querido igualar-se a Deus. A verdade é que o Homem necessitou lançar-se na escuridão e no sofrimento da Matéria para conseguir aprender as Leis Universais, progredir e conseguir aproximar-se de Deus.

Por isso se afirma que cada homem — ou mulher — pode tornar-se num deus, porque em cada um de nós existe latente essa centelha da divindade, essa origem que temos de desenvolver durante milénios, até que se atinja a meta.

Nesta imensa trajectória em que teremos que nos fazer deuses, a lei da Igualdade é de modo absoluto regida tanto para o homem como para a mulher. As condições da dor e da sua finalidade são exactamente as mesmas para ambos os sexos que só valem como formas para a reprodução da espécie.

Para quê, então, tanto orgulho no homem, pela sua constituição física, e tanta humilhação na mulher devida por sua vez também à sua delicada compleição?

A análise experimental tem demonstrado que cerebral e espiritualmente os factores homem e mulher são absolutamente idênticos.

Os *testes* organizados nas escolas de todas as especialidades têm provado à evidência que a inferioridade intelectual da mulher é, única e simplesmente, um acto de injustiça do homem para com a outra metade do género humano.

Para justificar a sua iniquidade, o homem alega que os dois sexos são em tudo diferentes; que à mulher falta o raciocínio lógico e que os actos da sua vida são apenas guiados pela sua intuição. Ora sendo a intuição a inteligência da alma, ela é a mesma nos dois sexos, porque as almas são iguais, isto é, as almas não têm sexo. O que acontece devido às condições de vida que impõem à mulher, é que ela se vê forçada a desenvolver essa intuição como recurso instintivo de defesa contra a escravatura a que tem sido submetida.

Desde que se estabeleceram dois métodos de educação, um para os rapazes e outro para as raparigas, esses resultados serão diferentes.

Se não ensinaram às raparigas a utilizarem a lógica, a análise e a síntese das manifestações da vida, como o poderão elas saber?

Acaso um homem educado entre os negros ou os peles-vermelhas poderá pensar como um europeu? Contudo ambos são homens.

De facto existe uma desigualdade — desigualdade indispensável para a procriação da espécie, e nada mais.

Permita-se à Mulher um campo de acção social idêntico ao do homem, e ver-se-á que as suas faculdades são absolutamente idênticas, tanto no trabalho manual, intelectual e artístico, como nos domínios da economia e da política.

Ensine-se-lhe a ser verdadeiramente Mulher, usando de todos os dons que Deus lhe concedeu e vereis a Humanidade mais feliz, gozando duma harmonia que agora quase desconhece.

Ensine-se ao rapaz que a rapariga é sua

O E A MULHER

ONE DE SOUSA

igual na vida, e vereis os costumes mais moralizados e os lares mais sólidos.

Nos tempos modernos, parece ter sido na Polónia, em 1866, que uma mulher, Josefa Joteyko, abriu as fileiras para as mulheres psicólogas. Ela iniciou a sua carreira como fisiologista. Os seus trabalhos científicos levam-na a criar «La Revue Psychologique», depois dirige o laboratório da Universidade de Bruxelas. Em 1911 organiza um Congresso Pedagógico Internacional, e nesse congresso ela lançou, pela primeira vez, a ideia da criação de instituições psicológico-escolares. A ideia desta sábia polaca foi mais tarde realizada na sua pátria, por seu marido. A sua sapiência não a impediu de se casar, o que prova que se manteve bem feminina. Durante a guerra de 1914-1918, foi professora no conhecido «College de France». A Polónia, principalmente, conta grande número de mulheres cientistas entre as quais figura a célebre Maria Slodowska (M.me Curie) e a terminar nas famosas professoras de psicologia e de psicotécnica que modernamente têm enriquecido aquele país com o seu talento, como M.elle Aniela Szye, professora na Universidade Livre da Polónia e autora de vários tratados sobre psicologia pedagógica; Maria Grzegorzewska, autora da «Psicologia dos Cegos», M.me Francesca Baumgarten-Tramen, professora de psicotécnica na Universidade de Soleure (Suíça), autora do «Exame de Aptidões Profissionais» e de numerosos trabalhos de psicologia.

Em Portugal, a mulher é destinada especialmente para o lar, mas na realidade as raparigas de hoje sabem dirigir uma casa? As nossas avós sem outros horizontes, consagravam o seu tempo a aprender as artes da caçarola e da agulha, mas, presentemente, muitas jovens pensam no casamento como condição indispensável à sua vida física, sem se preocuparem com a aprendizagem da economia doméstica e com a arte de saber manter um lar.

Foram ainda as estrangeiras e muito especialmente as polacas, que organizaram os cursos de Economia Doméstica escrevendo livros, criando revistas e círculos como a «Organização da Economia Doméstica» e o «Conselho de Educação Doméstica das Mulheres», etc., etc., chegando a constituir-se o «Sindicato das Donas de Casa».

Todas estas instituições, como bem se depreende, tiveram a finalidade de valorizar o trabalho caseiro, sob todos os aspectos: 1.º em competência técnica; 2.º dando-lhe a categoria de uma profissão.

Assim se verifica que o Progresso só tende a erguer a mulher ao seu verdadeiro nível como factor social energético semelhante ao homem na composição da família, da sociedade e de uma nação. A Mulher, como bem o prova o Ideal Espiritualista é um ser humano sujeito às mesmas leis da Vida, e da Morte, portanto da Reencarnação do Livre Arbítrio e do Karma.

Quando o neo-espiritualismo for geralmente aceite, quando as velhas fórmulas religiosas e sociais que actualmente nos governam tiverem caducado, a Humanidade será outra tão diferente, que olhando para os nossos dias se sentirá tão longe de nós, como nós estamos da época lacustre.

O que digo decerto parecerá a alguns pura fantasia minha ou anseios de feminista: nem um nem outro desses conceitos povoam o meu cérebro: apenas antevejo a expansão, ou, antes, a realização do Espiritualismo nas futuras sociedades em que a Humanidade saberá viver cristãmente, em que o Homem e a Mulher cumprirão os preceitos da vida como lhes foi determinado pelo Criador nas Suas sábias e divinas Leis.

(A concluir)

A CURA PSÍQUICA

O curador Jesse Thomas fala de suas curas à revista inglesa "Illustrated"

COM a maior convicção, a senhora Magdalena Horseman contou-me que foi curada de uma coxeadura por um cirurgião que veio do outro mundo a operá-la, acrescentando que o doutor se serviu de um médium espiritta.

Isto parece uma história que custa a acreditar, mas a senhora Horseman é uma perfeita dona de casa e mulher de negócios nada inclinada à sensação ou à superstição. Há quatro anos que tinha o abdome descaído. Dada como incurável, foi obrigada a usar uma pesada cinta de aço. Hoje parece uma mulher inteiramente saudável.

Os seus parentes e colegas de Salisbury confirmam isto, apesar de alguns deles não se mostrarem muito convencidos acerca do método da cura. Parece que a Sr.ª Madalena Horseman é um caso particular de cura psíquica.

A Sr.ª Horseman foi tratada através da mediunidade de Jesse Thomas, de Brigton, conhecidíssimo na Europa e um dos mais dramáticos expoentes da cura psíquica.

— Primeiro fui ver o sr. Thomas — disse ela — porque a minha família teimou muito comigo. Eu nunca fui espirita e não sei o que isso seja. Mas eu usava essa desconfortável cinta há treze anos e, depois de três operações, os médicos disseram que nada mais podiam fazer. E por isso fui a Brigton experimentar as faculdades do sr Thomas.

«Ele operou-me, mas não senti qualquer efeito. Disse até a meu marido que ele não tinha feito nada. No entanto, dois dias depois senti-me muito doente (o efeito da operação, segundo ele havia predito). Passados alguns dias, uma coisa extraordinária aconteceu: senti-me grandemente aliviada. Tirei a cinta e vi que todo o meu corpo tinha voltado à normalidade. Isto foi há quatro anos e nunca mais necessitei de cinta e nunca mais tive uma dor.

No seu centro de Brigton nada existe de especial que chame a atenção. A sala de operações é pequena mas bastante arejada. Em cima de um estrado que serve de mesa operatória está uma marquesa alta, semelhante às dos psiquiatras, um lavatório e um retrato do *Dr. Robert*.

O *Dr. Robert*—explica Thomas—é o espírito que se serve do meu corpo. Foi um dos maiores cirurgiões da Alemanha, onde morreu há 66 anos. Thomas não pode identificá-lo melhor, porque os espíritos lhe dizem que os nomes nada valem no mundo espiritual. O retrato talvez não seja exacto, mas—diz ele—é a objectivação daquilo que viu um médium pintor.

A conversação de Thomas gira em volta do *Dr. Robert* e dá a impressão de que este está sempre presente e Thomas afirma que pode conversar com ele como se conversasse comigo. «Mas numa operação — acrescenta ele — tenho de cair em transe e o espírito apossa-se completamente do meu corpo».

As operações a que assisti quase não tiveram formalidade. Thomas vestia uma bata branca e fez uma curta prece, de olhos fechados; respirou fundo durante alguns segundos e passou a ser actuado pelo *Dr. Robert*. A sr.ª Ruby, esposa do médium, agiu como intérprete junto dos doentes e não como assistente.

— O *Dr. Robert* — diz Ruby Thomas — é assistido por uma turma de médicos de todas as idades e de todas as nações.

Ao mesmo tempo que operava, o *Dr. Robert* mantinha alegre conversação em voz diferente da de Thomas e mostrou interessar-se pelos trabalhos de Maurice Ambler, o fotógrafo que nos acompanhava e que estava a fotografar um canto da sala, ao mesmo tempo que o *Dr. Robert* fazia os movimentos próprios das incisões, costuras, etc. Durante as operações, não se vê qualquer instrumento.

Segundo nos explicaram, a operação é feita no corpo espiritual do doente e costuma levar dois dias para passar ao corpo físico. Esta diferença altera a técnica operatória, — disse Thomas — porque o *Dr. Robert* não tem que recear tocar nos nervos físicos.

O *Dr. Robert* disse-me que o diagnóstico também é simplificado e que os órgãos enfermos são de cor cinzenta e os outros são vermelhos, aureolados de azul. Ora — obtempera ele — como eu vejo no interior do corpo, vou directamente à fonte da doença sem me preocupar com a área da dor.

Assim, a rapidez do trabalho leva os assistentes a julgá-lo muito fácil. Eu já vi fazer oito operações em cerca de noventa minutos e os doentes tratados sofriam de asma, diafragma, reumatismo e várias doenças intestinais.

Quando Thomas despertou do transe parecia exausto e cheio de dores. O *Dr. Robert* — diz ele — transfere os sintomas dos doentes para o meu corpo e eu fico assim durante horas.

Este intrigante ritual, sem dúvida que reforça a fé dos convertidos e ajuda muito o tratamento, mas também pode aumentar as dúvidas do céptico. Todavia, aos olhos dos imparciais que querem boas provas, pouco ou nada adianta.

A mudança de voz e os gestos de perito operatório, quando Thomas está em transe, podem ser uma bela representação.

A própria história de Thomas, de como teve conhecimento das suas faculdades e de como foi obrigado a entrar em acção contra sua vontade, embora dita com convicção, pode ser interpretada de maneira diferente, pois, durante estas operações, nada de *provável* aconteceu aos doentes.

Achando tudo isto muito interessante, mas não podendo prová-lo, volto à história da sr.ª Horseman e encontrei prova mais tangível em Salisbury.

A minha primeira testemunha era sólida e bastante independente, mesmo para o céptico mais endurecido. O sexagenário Artur O'Brien é gerente da Lavandaria de New Forest, onde a senhora Horseman foi chefe de serviços durante nove anos. Ele é membro do Real Instituto de Química e antes de se ter «semi-reformado» no negócio da lavandaria, superintendeu em furos de petróleo em quase todos os países do mundo e foi químico-chefe em Abadan.

— Eu julguei que a lavandaria ia

perder a sr.ª Horseman — disse ele — pois ficava muitas vezes doente, durante o trabalho. E depois do tratamento ficou como vê.

— O sr. O'Brien admirou-se do resultado do tratamento de Thomas? — perguntámos —,

— Quando você visitar o Oriente não se admirará.

O irmão da senhora Horseman não acredita no tratamento psíquico embora tenha confirmado este relato. «Mesmo agora — diz ele — parece uma coisa inverosímil. De facto, se não se tivesse passado com a minha irmã, não acreditaria.

O testemunho mais interessante é o dum comerciante de Salisbury que prefere o anonimato. Sua mulher sofria de úlcera no duodeno, quando ouviu a sr.ª Horseman falar de Thomas. Eis o que ele diz:

— Eu e minha mulher tivemos muitas dúvidas, mas fomos a Brigton assistir aos tratamentos. Enquanto o *Dr. Robert* operava minha mulher, disse-me que eu tinha a mão doente. Fiquei estupefacto. Na verdade, eu não podia agarrar nada com a mão direita. Mas nada lhe tínhamos dito e a mão não tinha sinal algum aparente. Ele disse que eu ficaria livre desta aflição, *passando-a* a Thomas. Fiquei bom desde então e minha mulher está melhor. Você pode acreditar, porque eu não sou lunático. Mas também devo dizer que não tenho credenciais do Espiritismo.

Thomas afirma que estas experiências ilustram a aura psíquica na sua forma mais simples. Em seguida falou-me da «cura de ausentes», porquanto o *Dr. Robert* trabalha directamente nos doentes, enquanto dormem, se lho tiverem pedido por meu intermédio.

Na clínica, os clientes dão o que podem dar. Muitos, de facto, não pagam nada. Fora disso, Thomas diz que recebe somas importantes de doentes ricos, que o fazem de propósito, para que possa manter o seu trabalho.

E agora, o motivo mais profundo que anima Thomas no seu trabalho: — aproximar os homens de Deus, através do coração e da prática do bem.

Resulta de tudo isto uma crescente massa de doentes e desesperados que (conforme verifiquei em Salisbury) vêem com os próprios olhos, que há boas razões para renovar a sua esperança.

Constituirão tais casos razão suficiente para que as autoridades abram um inquérito em grande escala? Acho que sim, quanto mais não seja, por causa do número de enfermos prontos a sujeitar-se à cura psíquica.

O pior são aqueles que procuram Thomas fiados nas histórias exageradas de crentes mais arraigados do que a sr.ª Horseman. Este é o menor motivo da investigação, que deve ser feita.

Trad. de MÁRIO BACELAR

(Da revista inglesa *Ilustrated* de 25 de Abril de 1953).

NOTA — Devemos uma explicação ao leitor. Na Inglaterra, como o temos dito muitas vezes, existe a mediunidade profissional e por isso não admira que o sr. Thomas diga que recebe somas importantes pelo seu trabalho. Não discutimos o facto. Simplesmente o esclerecemos para evitar confusões. Este médium, quando expôs os seus pontos de vista ao redactor do Illustrated, *disse textualmente: «O mundo dos espíritos sabe que ganho o suficiente com os meus trabalhos». Os espíritos parece que acham bem estas coisas. Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso...*

D'AQUÉM E D'ALÉM...

★ *A Spiritualist's National Union (União Nacional dos Espiritas de Londres, enviou à rainha Isabel um telegrama por ocasião da Conferência Anual dos Espiritas do Reino Unido, saudando-a e desejando-lhe um reinado cheio de prosperidade. A rainha respondeu, agradecendo a todos os participantes da Conferência os seus bons desejos, que ela agradàvelmente apreciou.*

★ *A. W. Austen abandonou a direcção do semanário espirita* Psychic News, *de Londres, fundado em 1939 por Maurice Barbanell. Austen seguiu para a Austrália, a fim de assumir a direcção do* Harbinger of Light, *decano dos jornais espiritas mundiais.*

★ *O* Psychic Observer, *de Nova-York, que acaba de nos chegar às mãos, um belo quinzenário de 16 páginas (grande formato), insere anúncios de 300 sociedades espiritas espalhadas pelos numerosos Estados da Confederação americana, desde Alabama a Wisconsin. Como se vê, é vazia de sentido a afirmação, segundo a qual o Espiritismo só prolifera entre ignorantes.*

★ La Conciência, *de Buenos Aires, transcreveu o artigo do Dr. Bruno Adamo, publicado em* Estudos Psíquicos, *bem como um capítulo do livro «Dois Mundos», de Lia.*

★ *O eminente cientista Professor F. J. M. Stratton, foi eleito Presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas de Inglaterra. Tem 71 anos, os mesmos da Sociedade a que preside e de 1928 a 1947 foi professor de Astrologia na Universidade de Cambridge. Como é sabido, a função daquele organismo não é só provar a existência de fantasmas ou a realidade da telepatia, mas estudar todos os fenómenos que não podem ser explicados pelas leis conhecidas.*

★ *Alguns associados da Universal Brotherhood Federation enviaram cartas a Eisenhower e Malenkov, no sentido de estabelecer a paz.*

★ *Harry Dawson acaba de ser eleito presidente da* Spiritualist's National Union, *de Londres, a maior associação espirita inglesa, de que era vice-presidente e à qual prestou relevantes serviços como «director de educação», durante muitos anos.*

★ *Fred Archer assumiu a direcção do semanário espirita londrino* Psychic News, *em substituição de A. W. Austen. Fred Archer é um belo jornalista com sentido da oportunidade e entrevistou várias notabilidades científicas para aquele jornal, de que então era redactor. Há pouco escreveu alguns artigos sensacionais acerca da família real inglesa, onde se prova a ligação desta ao Espiritismo.*

"RONDA E
NA CRÍTICA

MAIS um livro nos chega de Portugal, com o título acima, ditado pelo espírito de Lia, servindo-se da mediunidade recentemente desabrochada e já agora fecundante, daquele que foi na Terra seu companheiro de todas as lides — o nosso preclaro amigo Isidoro Duarte Santos. Livro de 244 páginas, de boa apresentação gráfica, editado por «Estudos Psíquicos Editora», sediada à rua do Salitre, 149, 1.º, Lisboa. O que não revela ou sugere o rótulo, expressa-o eloquentemente o sub-título — «Análise psicológica do homem» — dando-nos uma ideia fiel, perfeita, do conteúdo de toda a obra. É, de feito, uma análise psicológica fria, independente, superior, incisiva e esclarecedora sobre o carácter do homem, sempre encarado em tese, feita sem azedume, com autoridade, do homem especialmente que vive de engodos, de ilusões, pedantismos e veleidades estultas e fantasmagóricas, fugindo à realidade simples da própria existência, encarada na sua naturalidade expressiva e profunda. É uma advertência aos que tentam escapar à eloquência da vida prática, das suas realizações concretas e objectivas, sustadas pelos idealismos sadios e pela contingência mesma da sua destinação incoercível de progressão e aperfeiçoamento.

Este é um livro realmente sério, que obriga a meditar para agir melhor, a corrigir sempre para bem e melhor orientar atitudes, gestos, palavras, pensamentos e acções, no sentido do belo e do ideal, do perfeito e sublimado. Os conceitos que emite, postula e expande são sementes puras que, caindo na alma, germinam maravilhosamente, transformando-se em árvores amigas, que dão a sombra da iluminação interior, as flores que embalsamam as consciências, trescalando o perfume das bênçãos celestes e produzem os frutos sazonados que constituem o alimento ideal da vida eterna, sem deslustres nem fantasias, sem aleives nem imposições impertinentes capazes de forcejar uma corrigenda inadequada, uma mudança brusca de comportamento, tendo em vista um ajustamento integral, ainda prematuro, extemporâneo.

As grotescas personagens que desfilam ante os olhos perquiridores do leitor atento, são as figuras caricatas de sempre, vegetando no seio da sociedade humana, ridículas, fúteis e despudoradas, cegas pela vaidade, ensandecidas pelo orgulho, desvairadas pelo egoísmo e de coração empedernido à força da influência de desmedida ambição. São personagens de ontem e de hoje, que preenchem um lugar ao sol da vida sem produzirem uma acção nobre, sem praticarem um gesto digno de servir de paradigma, sem mostras de aproveitamento algum. São criaturas possuídas de valores negativos, eivadas de esterilidade mórbida, corrompidas, viciadas, que se acomodam ao lodo do amesquinhamento e no antro das ilusões mais líquidas e funestas.

«Ronda Espiritual» é uma obra admirável, que fala de assuntos ligados a pessoas abjectas, pelo agir vicioso e condenável, mas o faz com elegância, alusões de um modo especial e simpático, revolvendo excrescências, de sorte a fazer compreender aos brutos que devem sensibilizar-se, aos homens que devem espiritualizar-se, a fim de que se transformem de homens em anjos e de anjos em deuses, pela evolução sublimadora e pelo aperfeiçoamento e perfectibilidade integrais.

LIA nos fala de coisas graves, sisudas, sérias, e o faz com arte, graça e sabedoria, numa linguagem cantante, num estilo apurado e sedutor, numa prosa que mais parece poesia, com ritmo e musicalidade. Há mesmo versos perfeitos, com cadência e métrica, abundantes no livro. Abramo-lo à página 39, para exemplo; lá encontramos mais de vinte redondilhas, como estas:

«O ser age livremente...
Essa luz indagadora
Obriga a jejuns frequentes,
A renúncias dolorosas...
Quem ganhará a partida?
Muitos trunfos do seu jogo
Se dirigem para ela.
Dá-se início a outra luta,
Sem detritos nauseantes.
Outras vozes mais solícitas
Criaram novos sentidos.
A defesa do reduto
Lhe dá superioridade...
Se desfrutam panoramas...
Sujeito à corrosão... etc.

Há ainda versos, também de 7 sílabas tónicas, continuados e não apenas esporádicos, como estes:

«Surge impetuosamente,
Como carro triunfal,
Que não pára na corrida».

Ainda notamos versos seguidos, de 5 sílabas, compondo uma frase, como estes dois, precedida por um de sete:

«A gula estende os tentáculos (7),
Prepara a ventosa (5)
E cai a surpresa (5)».

Deparam-se-nos, finalmente, maravilhosos versos, sendo um decassílabo e um outro de 11 sílabas, rigorosamente dentro das regras da metrificação, este último com a tónica forte na 5.ª sílaba:

«O destempero deu lugar à calma;
E a matéria surge impetuosa-
[mente».

Maiores provas de que a poesia domina na prosa de Lia?

Seria fastidioso insistir. Sentimo-nos capaz de redigir um opúsculo inteiro em que o texto seria constituído dos versos catados em «Ronda Espiritual». A amostra que aqui fica — convém não esquecer — é uma parte dos versos notados numa só página do livro!

Outra faceta atraente e grácil do estilo de Lia, predominante na obra em apreço, é a forma proverbial, sentenciosa de que se vale a sua invejável habilidade literária, o seu modo peculiar na arte de expressar. O que a sabedoria popular consagrou como verídico ou utilitário, Lia aproveita engenhosamente, seduzindo gostosamente o leitor com ilações extraídas em franca similitude e perfeita sintonia com os ensinos do Evangelho de Jesus e a Doutrina Espírita, concordes e sublimadas pelo perfeito e profundo sentido de uma moralidade inconteste. Abramos, para comprovação do que afirmamos, o novo livro de Lia, na página 45. Lá está uma das figuras extravagantes e caricatas que a autora esmerila e pulveriza com o escalpelo da crítica construtiva — «O Faladorr». Pois bem. A propósito desta personagem vulgar, podemos apreciar alguns anexins, adágios ou rifões, por via dos quais Lia ensina, doutrina e instrui, e dos quais damos a seguinte amostra: «A pa-

PIRITUAL"
RASILEIRA

lavra é de prata e o silêncio é de oiro»; «em boca fechada não entram moscas»; «ouvir com um ouvido e esquecer com o outro»; «quem muito fala pouco acerta»; «o pior cego é o que não quer ver» (Bíblia).

Temos ainda uma curiosidade a ressaltar. Lia não se limita a mostrar os inconvenientes da máscara, da caricatura, do despistamento. Vai mais longe. Depois de mostrar e provar os erros, os defeitos, as deformações, os riscos e os perigos, procura dar um jeito para cada caso, um remédio para cada doença, uma solução para cada problema, aconselhando, instruindo, edificando. Eis que, por todos os títulos de que se basta, não podemos calar o entusiasmo pela excelência do livro «Ronda Espiritual», proclamando-lhe a utilidade, por o considerarmos conveniente, precioso e agradável.

AMADEU SANTOS

(Do *Jornal Espírita*, do Rio de Janeiro).

★

Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia), fundadora do mensário Estudos Psíquicos, *editado em Lisboa há 14 anos, após o seu desencarne vem enriquecendo a literatura e a filosofia espiritista com uma série de boas obras, por intermédio de seu marido, o jornalista-escritor Isidoro Duarte Santos.*

De «Dois Mundos», «Almas Errantes» e «Luz no Caminho», tivemos oportunidade de ler magníficas apreciações expendidas por conhecedores da Doutrina. Mas ainda não lemos estas obras.

Agora, por gentileza do director da revista, Isidoro Duarte Santos, chegou-nos às mãos o trabalho psicográfico intitulado «Ronda Espiritual». Lia, como era e ainda é conhecida Maria Gonçalves no sector espiritualista lisbonense, nos apresenta um profundo estudo psicológico do homem, nos variados mesteres que exerce no plano terráqueo.

Como que manejando poderosa lente, do plano invisível, o espírito comunicante devassa a alma humana e, de seu interior, traz, à luz da verdade, todas as mazelas, os defeitos e as vibrações negativas. Cada ser, contra a sua própria vontade, deixa cair a máscara e o fantasma trabalha com o mesmo, no laboratório, como se ele fora simples cobaia.

No género, não conhecemos outro volume que se lhe possa equiparar. A análise psicológica real dos personagens escolhidos, — muitos dos quais andam por aí a nos acotovelar diàriamente—, nos mostra uma interessante galeria com as suas imperfeições, caturrices, egoísmo, ciúme, fanatismo e orgulho, factores negativistas que raramente são mostrados, no convívio apressado de cada dia.

Orison Marden, perquirindo a natureza humana, acentua que o homem possui duas personalidades: — a íntima e a que ele usa na sociedade. Individualmente, ele se comporta à vontade, engendra os seus planos de conquista e surge na colectividade dando salamaleques, rasgando seda, procurando agradar, para melhor enfiar as unhas na vítima.

No mundo hodierno, preponderante de crises, o que acontece, normalmente, é que ninguém se dá ao trabalho de pesquisar, interiormente, o seu semelhante. E quando o faz, afasta-se decepcionado ante a negrura das baixas vibrações que ali residem, escondidas, qual cascável na moita, pronta para o bote.

Por outro lado, em consequência da época de desregramento em que vivemos, poucos são os que se dispõem ao exame introspectivo e permanecem em oração e vigilância, fiscalizando os sentimentos que possam causar aflições, ou prejuizos ao próximo. A maioria, como aquele personagem do conhecido romance «O Retrato de Dorian Gray», passa a vida enganando os outros, nunca mostrando o que realmente é, e, atrás da aparente bondade e honradez, esconde a degradação e o ódio.

«Ronda Espiritual», desprezando os preconceitos humanos, veio nos escancarar o íntimo desses fantoches e, numa observação acurada, exibe à luz do dia a hipocrisia que chafurda no benfeitor, no conselheiro, no falso amigo, na beata, no agiota e no sábio. Tem-se a impressão de que se está num original teatro de bonecos que representam a tragédia nua e crua da vida.

Devassando o recesso interior do falador, do revolucionário, do fanático, do crítico e daquele que se julga superior aos demais, a obra nos revela um mundo caricato, num desnudamento que ora nos faz sorrir, ora nos surpreende pela semelhança com tipos que conhecemos e nos transmite amargura, fazendo-nos enterrar a carapuça até às orelhas

Mas, Cícero já advertia: — «Maxima culpa in eo qui veritatem aspertur...» — a maior culpa está naquele que despreza a verdade. Eis por que, embora não seja um livro que possa agradar aos que aborrecem a verdade e aos que defendem seus vícios porque preferem desculpá-los do que repeli-los, a obra mediúnica em apreço deve ser estudada por todos os que desejam sinceramente trabalhar pelo seu aperfeiçoamento espiritual e material.

Justificando a maneira pela qual procedeu à análise do homem, que à primeira vista pode causar estranheza, explica-nos (Lia) que: — «não ataca o homem; mostra-lhe o que ele é, para que se corrija. Como unidade individual, o homem é digno do maior respeito. Por isso o meu estudo se dirige para a unidade social. Aí é que os fantoches aparecem, em corrida célere, envergam todo o vestuário, põem todas as máscaras, para fingir o que não são».

Exaaminando o conteúdo da peça, chega-se à conclusão, realmente, que Maria Gonçalves recebeu a ingrata missão de mostrar ao homem a sua própria imagem, que ele evita conhecer, porque teima em não ter «olhos para ver e ouvidos para ouvir...». Sua tarefa, aliás, foi esplêndidamente cumprida em nome da fé que nos anima e nos dá a esperança de melhores dias. O resto depende de nós, do nosso exame de consciência diário, a fim de que, policiando os nossos arrebatamentos e corrigindo as nossas imperfeições, possamos um dia mirar o espelho espiritual, enfrentar a própria consciência e, com alegria, verifcarmos que evolvemos na exemplificação dos sublimes ensinamentos pregados às margens do Tiberíades e nos caminhos de Jerusalém.

ADEMAR DIAS DUARTE

(Do «Espirita Mineiro», de Belo Horizonte)

DESTRUIR OU CONSTRUIR?

Pelo DR. INÁCIO FERREIRA

Meu amigo

Recebi, com dedicatória e com apelo de responder às «BOBAGENS DE JUSTINO MENDES», contidas no livro «Tolices de Allan Kardec».

Sinto imenso, meu amigo.

O tempo é escasso e estou convicto de que é preferível CONSTRUIR a DESTRUIR.

Enquanto o clero procura abalar os alicerces do ESPIRITISMO, esquecido de que os seus se acham carcomidos, vamos empregando (nós, os espiritas) o nosso esforço em trabalho construtivo em prol da doutrina, dando cumprimento às leis divinas da caridade, sem tempo para notar a sujeira na casa alheia. Basta sentir o cheiro; não é bastante?

Os espiritas mantêm o SANATÓRIO com média de 40 católicos internados.

Gastaram CEM MIL CRUZEIROS em melhoramentos na tipografia de «A Flama».

Construíram o LAR ESPIRITA, onde se acham residindo 32 crianças.

Gastaram no «Centro Espirita Uberabense» 30 mil cruzeiros em aquisição de benfeitorias.

Adquiriram o «CINE ROYAL», que produz uma pequena renda para o sustento das crianças do LAR.

Transformaram uma nesga de terra inculta em celeiro para as crianças e para os loucos católicos abandonados pelos seus missionários.

Como vê, meu amigo, segundo os ensinamentos do Espiritismo, o tempo é curto para CONSTRUIR, mesmo porque não temos à nossa disposição o tesouro nacional e, sim, o desprendimento, a compreensão, a boa vontade e o auxílio de amigos independentes.

Nos arraiais de António Conselheiro tudo é diferente — não existe trabalho CONSTRUTOR e o tempo — oh, o tempo! — pode ser inteiramente consagrado ao repouso e à destruição.

Em vez de um artigo de resposta ou de análise, prefiro algumas linhas implorando contribuições para a aquisição de um «Moinho de Vento», com o auxílio do qual as crianças do Lar Espirita terão leite, verduras e frutas, para o seu sustento.

Para a destruição daquilo destrutível, o tempo se encarregará.

Para a DEFESA DO ESPIRITISMO — basta lembrarmo-nos de que «SE CONHECE A ÁRVORE PELO FRUTO».

Defender o Evangelho de Kardec?

Meu amigo:

«Não se atiram pérolas aos porcos».

(De «A FLAMA», de Uberaba, Minas Gerais, Brasil)

Eisenhower e o Espiritismo

O Psychic News de 3 do corrente insere uma notícia sensacional. O grande crítico norte-americano Drew Pearson revelou que na Casa Branca se têm realizado sessões espíritas com a presença dos Eisenhowers. A médium é a senhora Jeanne Dixson, conselheira da esposa do Presidente nos últimos dez anos e que previu com grande antecedência o armistício da Coreia.

Desde que a esposa do Presidente entrou no edifício da Casa Branca, a médium citada tem sido ali chamada várias vezes, a fim de pôr a primeira dama dos Estados Unidos ao corrente do futuro, assim como ao Presidente.

Estas afirmações devem-se, como dissemos, a Drew Pearson, que, no entanto, entrevistou a senhora Dixson, sem que esta se quisesse referir aos Eisenhowers. Apesar disso, diz-se na Casa Branca que ela, em muitas ocasiões, causou grande espanto ao chefe da grande nação.

EISENHOWER

O passado desta médium regista previsões notáveis, tais como a separação da Índia, a vitória surpreendente de Truman em 1948 e o movimento republicano em 1952.

Ao ser perguntada acerca do seu método de trabalho, respondeu:

— Penso fortemente nos assuntos e compreendo... Umas vezes símbolos, outras vezes quadros e retratos. A Bíblia diz que todos os acontecimentos estão preditos. Pois é esta a minha forma de comunicação.

O jornal espírita americano Psychic Observer comentou as revelações de Drew Pearson, dizendo que devem ter atingido milhões de leitores e lembra que, nos últimos tempos, todos os Presidentes da América se têm interessado muito pelas comunicações espíritas e pela vida futura. Como exemplos notáveis, lembram-se os nomes de George Washington, que tinha visões e ouvia vozes, e Abraham Lincoln, que assistiu a muitas sessões na Casa Branca. Na primeira grande guerra de 1914, o famoso Presidente Wilson recebeu muitos avisos mediúnicos durante as hostilidades. O próprio Franklin D. Roosevelt demonstrou sempre grande interesse pelas verdades espíritas.

Como poderá morrer uma doutrina destas, com tão grandes expoentes a robustecê-la? Só a sua rápida expansão pode justificar os ataques dos católicos e dos materialistas, em triste ligação. A marcha do progresso indica que só as verdades triunfarão. As nuvens ofuscam o Sol num minuto de relógio, mas o astro-rei brilha sempre, numas ou noutras latitudes.

Há muitos governantes que recorrem a médiuns para resolver problemas à primeira vista insolúveis. Assim sucedeu com Mackenzie King, primeiro ministro do Canadá, e em Portugal a vox populi atribui o mesmo a altos dignitários que teriam realizado sessões espíritas com objectivos semelhantes aos dos Presidentes norte-americanos.

O Texto da Condenação de Galileu

Por ANSELMO PARMENTIER

JULGUEI conveniente, para ilustração dos leitores, recapitular os antecedentes que se relacionam com a condenação de Galileu Galilei, a fim de que este episódio histórico seja cotejado com o sentido da liberdade e progresso científico.

Antes de mais nada, seja-me permitido assinalar uma síntese biográfica de Galileu. Diz o «Pequeno Dicionário de Larousse»: «Foi um ilustre matemático, físico e astrónomo italiano, nascido em Pisa, e o verdadeiro fundador da ciência experimental no seu país. Uma vez, enquanto assistia aos ofícios da catedral de Pisa, seus olhos fixaram-se numa lâmpada que se movia suavemente e viu que as oscilações, ainda que menos amplas, conservavam sempre a mesma duração. Deste modo descobriu a lei do isocronismo das oscilações pequenas, que logo resolveu utilizar na regularização dos relógios. Inventou o termómetro e a balança hidrostática, descobriu as leis da gravidade, estabeleceu os princípios da mecânica moderna e construiu em 1609, em Veneza, a primeira lente astronómica com que descobriu as oscilações aparentes da Lua em torno do seu eixo. As suas observações levaram-no a aceitar o sistema do mundo proposto por Copérnico. Assim, afirmou que o Sol, e não a Terra, era o centro do mundo planetário e que a Terra girava em torno dele, como os demais planetas que lhe reflectem a luz. A profissão dessa verdade suscitou-lhe a animadversão dos escolásticos e da corte de Roma e, para alcançarem os seus objectivos, denunciaram como herético o sistema de Copérnico. Galileu foi ameaçado e prometeu tudo o que quiseram; mas, de volta a Florença (1632), coligiu em livro todas as suas provas acerca da verdade do sistema. Todavia, a sua obra foi condenada pela Inquisição e ele, na idade de 70 anos, teve de abjurar, de joelhos, a sua heresia, ante aquele tribunal (1633). Depois da abjuração, que o livrou da fogueira, ficou algum tempo em semi-cativeiro e permaneceu sob a vigilância rigorosa da Inquisição. Morreu cego (1564-1642)».

Este antecedente é pouco favorável à doutrina cristã e aos que se intitulam vigários do Cristo. Aqui, o amor ao próximo não existe. Mas deixemos para depois o comentário e reproduzamos o texto da condenação de Galileu obtido pelo Conde de L'Espinais, fervente católico, mediante a fotografia que logrou no arquivo do Vaticano. Diz assim:

«Foste denunciado em 1615 ao Santo Ofício, porque sustentavas uma doutrina falsa que muitos propagavam, a saber: *que o sol permanece fixo no centro do mundo e que a Terra tem um movimento diurno.*

«Porque ensinavas esta doutrina a teus discípulos, porque mantinhas correspondência deste género com matemáticos da Germânia, porque publicavas cartas sobre as manchas solares em que apresentavas esta doutrina como verdadeira e explicavas as Sagradas Escrituras de harmonia com as tuas ideias.

«O Tribunal quis prevenir os inconvenientes e os danos que disto resultavam e se agravavam em detrimento da fé.

«Segundo a ordem do Papa e dos Cardiais, os teólogos encarregados desta missão qualificaram assim as proposições: *O Sol está fixo no centro do mundo e imóvel.*

«Proposição absurda, falsa em filosofia — dizia o Santo Ofício — e herética em sua expressão, por contrária às Escrituras.

«A Terra — dizia Galileu — não é o centro do mundo, não está imóvel, mas move-se por movimento diurno.

«Proposição igualmente absurda e falsa em filosofia — acrescentava o Santo Ofício — e considerada teològicamente errónea na fé...

«Declaramos que te tornaste fortemente suspeito de heresia.

«Porque creste e mantiveste uma doutrina falsa e contrária às Sagradas e Divinas Escrituras, a saber: que o Sol é o centro do Universo e se não move do ocidente para oriente; que a Terra se move e não é o centro do mundo.

«Porque julgaste que podias manter como provável uma opinião que foi declarada contrária às Sagradas Escrituras, declaramos que incorreste em todas as censuras e penas impostas pelos sagrados cânones e outras constituições gerais e particulares contra os

que desobedecem aos estatutos e outros decretos promulgados. De cujas censuras nos apraz absolver-te com a condição prévia de que abjures sinceramente perante nós, maldigas e detestes, segundo a fórmula que te apresentamos, os ditos erros e qualquer erro e heresia contrários à Igreja Católica Apostólica e Romana.

«A fim de que o teu erro pernicioso e a tua desobediência não fiquem impunes;

«A fim de que, futuramente, sejas mais reservado e sirva de exemplo aos outros, para que evitem tais delitos;

«Declaramos que, por édito público, o livro dos «Diálogos» de Galileu fique proibido;

«Te condenamos ao cárcere ordinário deste Santo Ofício por tempo que será limitado à nossa vontade. A título de penitência saudável, te ordenamos que recites durante três anos, uma vez por semana, os sete salmos da Penitência. Reservando-nos a faculdade de moderar, trocar ou perdoar tudo ou parte das penas ou penitências referidas».

Como disse a princípio, Galileu teve de abjurar de joelhos perante o Tribunal da Inquisição, e ficou em semi-cativeiro.

Passou o tempo e eis que o diário *La Acción*, de Rosário, publica o seguinte telegrama datado de 8-9-952:

«*Cidade do Vaticano* — Ao receber os membros do Congresso Mundial de Astronomia, o Papa Pio XII pronunciou uma alocução, na qual, depois de mencionar os progressos realizados neste ramo de ciência, discreteou acerca de novos conceitos sobre o Universo, dizendo que se admite implicitamente a possibilidade de existirem seres vivos noutros planetas. O Papa acrescentou que tais ideias não são contrárias aos conceitos religiosos».

Ante semelhante rectificação ideológica, contrária aos conceitos arbitrários do Santo Ofício da época de Galileu, ressalta uma contradição evidente: a infalibilidade dos homens, seja qual for a sua categoria nas crenças religiosas, é uma ficção, não existe, verificando-se que Galileu foi pública e històricamente reivindicado e que a Inquisição incorreu numa heresia tremenda. Para que essa reivindicação pudesse apagar as falhas dos presumidos infalíveis seria necessário manifestar pùblicamente esse erro gravíssimo e erigir monumentos ao sábio sacrificado nas aras da ignorância.

Oh! A luz do progresso tem a grande virtude de esclarecer as almas mais escuras e empedernidas e o Espiritismo aponta o caminho da vida terrestre e extra-terrestre, dizendo a todos que devem lutar incessantemente contra as próprias imperfeições, porque aqui todos somos pecadores e ninguém é infalível.

MILAGRE

Por ALFREDO MIGUEL

«Quando houver um eclipse do Sol durante a Lua cheia, quando um morto fizer a pé duas léguas de caminho levando a cabeça debaixo do braço, isto quer dizer que sucedeu um milagre». Palavras são estas registadas por Voltaire no seu «Dicionário Filosófico», e não vemos como se possa negar razão ao criador do Doutor Pangloss. Aquilo que ele alvitra seria, sim, se acontecesse, um autêntico milagre, porque então estaríamos diante de um facto inaudito, inconcebível e inexplicável. Certo, não havendo para um facto explicação possível, e ademais sendo insólito e isolado, sem precedente nem consequente da mesma ordem, só assim, de miraculoso se poderia qualificá-lo.

Porém, isso nunca se deu, nem se dará, é claro. Na sua eterna credulidade, o vulgo sempre foi propenso a acreditar em «milagre» e habituou-se a vê-lo por toda a parte, porém mais particularmente no domínio religioso. Deus — pressupõe — é por meio de prodígios que atesta a sua existência e poder. Logo, se prodígios e maravilhas não se operam, é que Deus, talvez, não existe... Ora, o que o vulgo não sabe, e é bem difícil fazê-lo compreender, e que no Universo todos os acontecimentos são regulados por leis perfeitas e imutáveis, existentes desde toda a eternidade, sòmente acontecendo que a Natureza ainda não revelou, nem mesmo aos sábios, todas as suas leis... Por ignorá-las e não encontrar explicação para certas ocorrências que delas dimanam, a essas ocorrências acha o vulgo cómodo chamar «milagre», por falta, aliás, de um outro nome mais apropriado para defini-las. Hoje, contudo, sabe o homem muito mais do que sabia há cem anos; e, ao transpor o terceiro milénio, dentro de menos de meio século, mais adiantado estará ele em inteligência e saber. Sua caminhada é para a frente e sem parança, por força da evolução que é também uma lei. Pelo estudo e pela investigação irá pouco a pouco desvendando novos segredos da Natureza, aprendendo sempre e ascendendo. Já dizia Jesus que nada há encoberto que não haja de revelar-se, nem oculto que não venha a ser conhecido. A ciência viu-se outrora embaraçada para explicar certos actos naturais havidos por miraculosos mas que logo perderam esse carácter depois que as suas causas a mesma ciência as tornou conhecidas. O que a populaça classifica sob a denominação de «milagres», são, portanto, efeitos derivados de causas que ela não pode perceber devido à sua incapacidade mental ou ignorância. O homem esclarecido, conhecendo como e porque tais efeitos se produzem, da ingenuidade popular é que se admira.

NOTÁVEL EXPERIÊNCIA

Sinais do Além através de auscultadores

AO apresentar o relatório anual aos sócios da «Sociedade para a Comunicação Electrónica com os Espiritos», em 25 de Abril, o Sr. Ernesto Thompson anunciou três sucessos espectaculares nas experiências levadas a efeito com o aparelho «Teledyne» excitado pelos Raios «Zwaan», em ligação com a mediunidade de Don Emerson, médium de Manchester, e a comunicação electrónica com o Mundo dos Espíritos. Ao cabo de três meses, Emerson desenvolveu a «voz directa» e por sinais em auscultadores se obtiveram comunicações no seu grupo. Antes de se encerrar a sessão, Emerson fez uma demonstração de «voz directa» à assembleia.

— «Ao apresentar o meu quarto relatório anual — disse o Sr. Thompson — tenho o prazer de anunciar um êxito notável pela aplicação dos raios «Zwaan» no desenvolvimento da mediunidade.

«Primeiro, deixem-me corrigir a ideia errónea de alguns a propósito da função dos raios «Zwaan», pois se julga que dão origem à mediunidade. A mediunidade é uma faculdade humana e os raios «Zwaan» não podem transmitir forças psíquicas que fora do organismo não existem potencialmente. Contudo, os raios «Zwaan» auxiliam a descoberta de forças psíquicas que estimulam; além disso, aceleram o desenvolvimento da mediunidade, como se prova neste relatório, e podem aumentar e reforçar os fenómenos e o período da sua duração; finalmente, elevam as vibrações e refinam o ambiente, de forma que os espíritos possam mais fàcilmente manifestar-se.

«A maneira como os raios «Zwaan» foram aproveitados no aparelho «Teledyne» acelerou o desenvolvimento das faculdades do nosso médium Don Emerson e ficará como exemplo clássico da aplicação desta energia no campo mencionado.

«Emerson começou a desenvolver a mediunidade em 1945. Nos últimos 12 meses, com a ajuda do «Teledyne», obteve fenómenos de levitação, tansporte, *apports,* materializações parciais, telecinesia, *raps* muito fortes. ectoplasma luminoso e fenómenos químicos.

«Nos últimos três meses conseguiu fenómenos de «voz directa» num grau de perfeição sem precedentes na história do Espiritismo.

«Em vez da usual trombeta, a «voz directa» obteve-se na câmara de cobre do «Teledyne».

«Nas primeiras duas ou três sessões, ouviram-se ruidos que pareciam uma serra a cortar madeira. Depois todos os assistentes viram um globo luminoso de ectoplasma.

«No segundo mês de sessões semanais, começaram a ouvir-se vozes, a princípio frouxas e depois mais fortes.

«Os guias disseram que era difícil usar os «órgãos vocais». Era como se se quisesse falar com a boca cheia de gesso.

«Depois, as vozes tornaram-se mais claras e fortes. No mês seguinte, fizeram ouvir a voz a diferentes distâncias do «Teledyne», dentro e fora do grupo. Depois veio o mais espantoso fenómeno. Até aqui, os guias falavam pela forma usual. Agora, porém, e sem anunciarem as intenções, despertavam o espírito de Emerson, que, durante anos, sempre trabalhou em transe, ficando inconsciente do que se passava em volta do seu corpo adormecido. Fizeram com que ele tomasse consciência no Mundo dos Espíritos e assim pôde ver e falar dos seus guias e espíritos familiares.

«A princípio assustou-se, pensou que «tinha acabado». Suzana Barlow, autora dos «Ensinos dos Espíritos», crónica semanal de *Psychic Realm,* estava lá também e ficou alarmada, imaginando que Don tinha partido para sempre. Então o guia pediu-lhe que falasse por «voz directa» aos seus amigos do grupo. Olhando em volta, ficou espantado ao ver o seu próprio corpo e o ectoplasma escorrendo da boca até ao peito. Depois começou a falar. Os sócios do grupo não estavam bem certos do que se passava; apesar das suas primeiras palavras serem indistintas, logo reconheceram o tom e o modo de falar do médium. Dois deles exclamaram:

«— É a voz de Don; falamos-lhe.

«— Pode ouvir-me, disse eu. Isto é extremamente engraçado — ouvimo-lo dizer.

«— É você, Don? É Ernesto que fala. Pode ouvir-me.

«— Sim, você ouve-me?

«— Sim, podemos ouvi-lo agora distintamente.

«— O Rocky está aqui? Pode vê-lo?

«— Sim, — disse Don —. Está agora na minha frente. É um grandalhão, mais de seis pés de altura. Irradia grande força. Eu posso senti-la. Está vestido de índio para meu benefício. É maravilhoso!

«— E Mac também está?

«— Sim, — respondeu Don.

«— Como é ele?

«— Estatura média, cabelo encaracolado; é muito activo. Vai a toda a parte ràpidamente. Beatriz (Suzana Barlow) também está aqui. Veste-se de azul, parece muito mais nova e usa o cabelo muito comprido.

«— Pode ver-nos?

«— Sim. Vocês parecem afastados do lugar onde estou. Todos parecem diferentes, mais jovens.

«A conversação prosseguiu. O médium esteve cinco horas em transe. Tinha caído às 8 da noite e retomou a consciência à 1 hora da madrugada. Depois de tomar o costumado copo de água e descançar, sorriu ao reconhecer-nos a todos e lembrou-se de que tinha visto os espíritos amigos e falado connosco.

Na curta pausa dos trabalhos, os guias levaram-no a casa, onde viu os seus parentes junto ao fogão de sala, a ouvir música no aparelho de rádio.

«— Isto é para mim uma prova especial — disse ele.

«Escusado será dizer que perdemos as primeiras

APROXIMA-SE O NATAL

Como nos demais anos, «Estudos Psíquicos» abre as suas colunas aos gestos filantrópicos de muitos leitores que não esquecem nesta quadra os nossos irmãos necessitados.

Os seus donativos são bálsamo refrigerante em ferida aberta; e como não podem multiplicar-se durante o ano em carácter permanente, devido às dificuldades colectivas, cairão agora da bolsa generosa para aliviar a dor e o apuro.

Estamos certos de que alguma coisa faremos em benefício dos deserdados da sorte, pois nunca apelámos em vão para os corações bondosos, dispostos a secundar-nos.

Centro Espiritualista Luz e Amor	100$00
Revista «Estudos Psíquicos»	100$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra	50$00
G. F. M., de Manique do Intendente	365$00
B. M., de Manique do Intendente	365$00
D. Maria Eva Rodrigues Alves, de Sagres	40$00
	1.020$00

horas da manhã a discutir esta maravilhosa sessão, antes de nos retirarmos.

«Emma Hardinge Britten, que eu conheci muito bem nos últimos anos, foi o primeiro «visitante» a falar pelo *Teledyne*, dizendo:

— Gostaríamos de realçar a importância deste aparelho, tornando possível a ligação dos dois mundos. Através dele nós vos traremos a verdade do Espírito, os mais altos ensinamentos e o conhecimento espiritual para a liberdade e progresso da humanidade.

«Resumindo outros trabalhos da nossa agremiação, devo recordar o dia 17 de Junho, em que se recebeu a primeira mensagem por intermédio dos auscultadores. Primeiro foi a repetição, quatro vezes seguidas, de oito sinais claros e precisos. Depois veio a primeira mensagem — «Boa Sorte» —, soletrada, letra por letra. Ao mesmo tempo ouviram-se 143 sinais no *Teledyne*, que trabalha com os raios «Zwaan» e energia psíquica.

«Na reunião de Abril apresentei o meu plano de trabalhos referentes à organização do nosso plano de pesquisas em duas secções: o *Departamento Electrónico* composto de vários aparelhos e o *Departamento Psíquico*, composto de Mediunidade Potencial, Mediunidade Mental, Mediunidade Física e Mediunidade Curadora.

«Infelizmente muitos dos trabalhos foram abandonados por falta de trabalhadores.

«Na reunião de Outubro, o sr. Russel fez demonstrações do seu novo aparelho para a mediunidade, o qual, trabalhando sob princípio científico diferente, produziu os mesmos resultados que os raios «Zwaan».

«A secção de Teleondas registou uma longa série de experiências com o *Osciloscópio*. Gráficos de campos de raios «Zwaan» foram completados e uma contracção de quatro centímetros na forma de onda foi produzida no tubo de raios catódicos por meio desses raios, o propósito dos quais era fornecer aos espíritos comunicantes um meio visual de nos darem sinais.

«A secção de mediunidade potencial fez experiências públicas com raios «Zwaan» em 27 grandes cidades da Grã-Bretanha. Na mediunidade física, muitas espécies foram desenvolvidas pelo médium sr. Emerson, incluindo materializações parciais, *apports, asports*, telecinesia, levitação, *raps*, transportes, ectoplasma luminoso e fenómenos químicos.

«O sr. Gill, encarregado da mediunidade curadora, foi bem sucedido em suas experiências, usando produtos químicos com os raios «Zwaan».

«Na reunião de Outubro apresentei a minha tese sobre a nova ciência Electro-psíquica e a «Comunicação Electrónica para a Emancipação Espiritual dos Povos», que alcançou grande êxito de venda.

«Na nossa última reunião o sr. Russel apresentou novas teorias para melhorar as comunicações com os Espíritos, por métodos científicos.

Em conclusão, posso dizer que tudo isto é trabalho de meia dúzia de pioneiros e espero que o seu exemplo nos últimos 12 meses possa inspirar os nossos restantes confrades e quebrar a oposição que ainda se nota em muitas organizações.

«Faço votos para que o Espiritismo se mova com o tempo e se conserve a par da ciência nos seus trabalhos nesta época da Idade da Ciência.

Na reunião pública que se seguiu, o sr. Don Emerson entrou em transe. O seu guia «Mac» respondeu então a perguntas sobre a vida no Mundo dos Espíritos e anunciou subitamente que ia fazer nova demonstração de «voz directa» através do médium.

Enquanto este estava em transe, as janelas foram fechadas, por causa da luz do sol.

Como introdução dos fenómenos, trouxeram água para a sala e borrifaram a assistência; em seguida toda a sala se encheu de perfume de flores. A mesa do presidente foi levitada e passou através do sobrado. Depois, «Mac» dirigiu os trabalhos de «voz directa». As suas palavras eram nítidas, toda a gente ouviu o que dizia. Não se utilizaram trombetas, gabinetes ou altofalantes.

(Do *Psychic Realm*, de Manchester)

NOTA — Este artigo era ilustrado por uma gravura, na qual se viam cinco assistentes em torno do aparelho «Teledyne», que estava ao centro. Por cima via-se uma antena. Além disso, via-se a câmara do condensador, a ligação do aparelho aos auscultadores e o motor de raios «Zwaan», trabalhando com quatro enrolamentos e alimentado por um gerador. Ainda sobre a antena, via-se o radiador de cobre, cujas pontas eram seguras pelos assistentes.

Espiritismo, Richet e Neofobia

Por TITO L. BANCESCU
Correspondente em Rosário, Argentina

É fácil mofar do Espiritismo, mas o difícil é estudá-lo para o compreender e ao mesmo tempo compreender-se a si mesmo. Geralmente, os homens dos nossos dias não gostam de fazer esforços para adquirir novos conhecimentos. Todo o mundo obedece à lei do menor esforço e, por conseguinte, espera que lhe ofereçam os problemas resolvidos e bem servidos.

É um mal dos tempos, mal que encerra enormes prejuízos. Quando sábios mundialmente conhecidos, como o Professor Doutor Charles Richet (Prémio Nobel), apresentam livros, folhetos, conferências e lições, nos quais afirmam que o Espiritismo deve ser estudado, aparecem censores gratuitos a clamar contra o sábio francês, embora nada tenham lido do mencionada ciência.

Esses críticos *sui generis* que se apresentam a Richet ou a outros sábios notáveis e de autoridade científica indiscutível não conseguem abalar a ciência daquele, que continuará a honrar as gerações futuras. O autor do *Tratado de Metapsíquica* afirma com razão que há no mundo científico marcada neofobia, isto é, animadversão pelas coisas novas. Por isso diz: «Quando se ataca *a priori* o Espiritismo é pela sua novidade, visto que não podem encontrar nos seus factos nada que contradiga as leis estabelecidas pela ciência» (1).

E mais adiante acrescenta: «É necessário que a ciência não imite o exemplo do avestruz, procurando ignorar uma seita que cresce na sombra, que declara basear a sua doutrina na experiência, que reconhece a experiência como mestra soberana e que pretende fazer ciência. Não se dar ao trabalho de inquirir de seus métodos e resultados, sob o pretexto de que experimentam mal e de que não são científicos, é, a meu ver, uma torpeza. Talvez haja ali fecundas verdades a descobrir. E não se pode sabê-lo antes de ter investigado» (2).

Felizmente, os críticos sistemáticos do Espiritismo e da Metapsíquica não conseguem nem conseguirão o seu objectivo mesquinho, mercê da ignorância algumas vezes e da vanglória quase sempre.

Durante um século, o Espiritismo avançou consideràvelmente em todo o mundo, abraçado com carinho e respeito por cérebros robustos, ou, segundo o pensamento de Richet, «por verdadeiros sábios». Para o autêntico sábio os conhecimentos biopsíquicos constituem uma necessidade. Por isso, ele procura investigar, analisar, aprofundar as leis que regem os fenómenos metapsíquicos e espiritas, a fim de separá-los dos princípios vitais que os regem, porque assim aumenta o caudal de seus conhecimentos.

Os cientistas, embora notáveis, que sofrem de neofobia deixam de servir o progresso, a cultura e a civilização.

«Na história da Metapsíquica — acrescenta Richet — não conheço um só caso, repito, de observador consciencioso que, após dois anos seguidos de estudo, pronunciasse uma negação. Dois anos de estudo não é muito, porque só chegam para fazer duas ou três experiências mais ou menos completas, com ideias preconcebidas e a arreigada intenção de negar. Os negadores, quando consentem mais alguma coisa do que zombar a seu bel-prazer, fazem-nos a mercê de justificar a nossa ingenuidade, dizendo que envidamos esforços inimagináveis para nos auto-sugestionar e aceitar os fenómenos como autênticos. Dá-se, precisamente, o contrário. Tentamos provar, não que tais factos existem, mas que não existem. A nossa preocupação constante é buscar a fraude possível e o erro sistemático. Julgar que queremos achar fenómenos sobrenaturais ou paranormais é simplesmente estúpido» (1).

Eis aqui um valor científico que se exprime com naturalidade e sinceridade. Estas palavras são suficientes para o admirar nas suas actividades de sábio honesto, veraz e são. Não pensam o mesmo os adversários do Espiritismo e da Metapsíquica, pois recorrem a sofismas, a subterfúgios, a tranquibérnias próprias de quem se julga «sábio» para ocul-

(1) *Deve Estudar-se o Espiritismo?*, de Richet. Edição de *La Voz Espiritista*, de Rosário.
(2) Idem.

(1) *A Grande Esperança*, de Richet.

lar a verdade. Que poderá esperar deles a espécie humana? Que garantia de conhecimentos oferecem ao progresso? Negam-se a estudar e a investigar para comprovar os *factos em toda a sua nudez* e depois atrevem-se a negar os fenómenos metapsíquicos, como certo catedrático brasileiro que escreveu um livro volumoso contra o ideal espirita, após reunir elementos nos piores centros, valendo-se até de feiticeiras para justificar os seus desacertos e os seus erros.

Admitimos que os adversários do Espiritismo e da Metapsíquica tenham em benquistar-se com determinado sector social, valendo-se para isso das argumentações mais infantis e ridículas. Compreendêmo-los e toleramo-los. A sua evolução moral e espiritual é medida pela maneira de servir a verdade. A centenária história moderna do Espiritismo teve na sua trajectória inimigos encarniçados que até condenaram à fogueira os livros do Dr. Léon Hipolite Denisard Rivail (Allan Kardec), e, em vez de terem prejudicado a causa espirita, beneficiaram-na grandemente. Os meios que usaram são prova irrecusável de que lutam com armas indignas, o que é pouco louvável em pessoas que se prezam.

O arsenal científico, ético e espiritual de que dispõem é demasiado frouxo para alterar o rumo do ideal espirita, estreitamente vinculado a forças psíquicas invisíveis, que executam mandatos divinos. É por isso que eles se desagregarão sempre. O Espiritismo, a Metapsíquica, a Parapsicologia, a Metapsicologia e a Espiritologia impor-se-ão ao mundo, para orientar a humanidade nas verdadeiras rotas a seguir. Combater sem conhecimento técnico implica perda de tempo.

Os espiritas e metapsiquistas estudiosos teriam grande prazer no dia em que os seus opositores sinceros e ilustrados lhes demonstrassem com factos palpáveis a inexistência do espírito após a desaparição do corpo material. Na balança dos *factos espiritas* devem colocar num dos pratos *os seus factos igualmente palpáveis.*

Entretanto, a sua neofobia não deixa de ser uma palavra sem valor ou transcendência. Richet, Geley, Lombroso e muitos outros sábios demonstraram que «a inteligência pode alcançar impressões sem ajuda dos sentidos». A este tremendo desafio ainda não responderam os adversários do Espiritismo. Não responderam nem responderão.

(Tradução de I. D. S.)

O que é a U. S. E.

Surgida do 1.º Congresso Espirita Estadual de 1947, a União Social Espirita assumiu a direcção do movimento espirita bandeirante e sua legítima representação ante o Espiritismo nacional. Pelos seus estatutos e sob o patrocínio das quatro principais entidades espiritas paulistas, a U. S. E. constituíu-se para promover, no Estado, a unificação direccional do movimento: uniformização das práticas espiritas na base kardeciana e realização das tarefas de projecção social. Depois da reforma que sofreu em 1952, transformou-se num organismo que cobre todo o território paulista com o nome de **União das Sociedades Espiritas do Estado de São Paulo.**

Como funciona? De modo lógico. O Estado foi dividido em 12 regiões com seus conselhos regionais de S. Paulo, Sorocaba, Campinas, Taubaté, Casa Branca, Avaré, Araraquara. Baurú, Ribeirão Preto. Assis, S. João do Rio Preto e Araçatuba. Destas regiões excluíu-se S. Paulo que, dividido em 12 distritos, constitui o Conselho Metropolitano.

As sociedades, centros e grupos, bem como as instituições assistenciais espiritas do mesmo município, cada qual representada por dois delegados, formam a União Municipal Espirita (U. M. E.), os quais, reunidos em conselho, escolhem uma comissão executiva. Assim, os interesses espiritas de cada município são tratados pela respectiva U. M. E.

Cada uma destas elege dois conselheiros para o Conselho Regional Espirita (C. R. E.) a que pertence. Os problemas regionais são estudados pelo C. R. E. e postos em prática pela sua Comissão Executiva.

Cada C. R. E. elege um conselheiro para o Conselho Deliberativo Estadual (C. D. E.), onde todo o Estado está representado.

As sociedades e instituições de cada distrito de S. Paulo agrupam-se na sua União Distrital Espirita (U. D. E.) e enviam representantes ao Conselho Metropolitano Espirita (C. M. E.) e ao Conselho Deliberativo Estadual.

Assim se fez na Capital, em virtude da grande massa espirita ali concentrada, com múltiplos centros e grupos e sérios problemas de transportes.

Deste modo, o Conselho Deliberativo Estadual é constituído por 12 representantes do interior, 12 metropolitanos e mais 8 representantes de sociedades inicialmente patrocinadoras. A execução das deliberações é feita pela Directoria Executiva auxiliada por vários departamentos.

(Resumido do jornal «Unificação», de S. Paulo)

CARTA ABERTA A

DO 3.º CONGRESSO ESPIRITA

A Associação de Periodistas, Publicistas, Escritores Espiritas e Metapsiquistas, de Buenos Aires, (A. P. P. E. E. M.) dirige-se à vossa honorabilidade por intermédio do Sr. Presidente da Comissão Organizadora desse 3.º Congresso da C. E. P. A., Dr. Miguel Santiesteban, com o fim de que esta Carta seja lida no mesmo, cientes de que o seu conhecimento beneficiará o ideal espirita.

Os irmãos congressistas terão certamente um conceito cabal da importância que reveste a difusão de ideias, isto é, o pensamento escrito, através da Imprensa. No século actual, constitui uma necessidade de vital importância, por ser, ao lado da radiotelefonia, um instrumento de trabalho e de propagação insuperável. Estes dois meios são profusamente utilizados na divulgação de todas as actividades humanas, inclusivamente na propaganda espirita. Contudo, como jornalistas e simples observadores, devemos consignar que, se bem que o jornalismo espirita das Américas adquiriu incremento, os impulsos que lhe deram carecem de certa unidade orgânica, de orientação metódica e de um plano de trabalho rítmico e consciente, ágil e amplo. Há publicações que merecem a nossa admiração; mas, querendo nós referir-nos à nossa imprensa em sentido global, chegamos à conclusão de que os nossos órgãos de publicidade vegetam devido a uma disposição que os impede de alcançar o resultado perseguido.

Em cada localidade onde funcionam dois ou mais centros ou sociedades espiritas se editam pelo menos dois ou três órgãos jornalísticos. Deste modo, a Argentina tem 15 publicações, enquanto o Brasil conta cerca de 75. Em geral, a maioria são necessários, havendo muito poucos quinzenários, uns em caracteres de imprensa e outros dactilografados.

Nesses versículos de propaganda alguns há bem redigidos e apresentados, mas temos de reconhecer que também abundam os que não beneficiam da cultura e propaganda espirita, porquanto a sua boa vontade é muito superior à qualidade.

Entendemos que, para editar uma publicação espirita, se requere cultura espirita. Assim, deste ponto de vista técnico e erudito na arte de escrever, nem todos os alfabetos reunem condições para fazer bom jornalismo. Quando se escreve para o grande público é necessário ter notável perspicácia no manejo da pena; de contrário, não se logrará o objectivo colimado e poder-se-á até desacreditar o ideal. Também não achamos benéfico restringir toda a literatura espirita à circulação entre os adeptos, porque a imprensa espirita deve dirigir-se aos profanos, quer dizer, deve valer-se dos homens que sabem escrever e orientar a boa propaganda.

Neste particular, as nossas instituições carecem em geral de falhas inexplicáveis. Com a dispersão da propaganda jornalística malogram-se os resultados que se objectivam, desacreditando-se o ideal com conceitos peregrinos ou erróneos, ao mesmo tempo que se malbaratam ingentes somas de dinheiro. Se fosse unida, poder-se-iam fàcilmente editar valiosos e úteis diários, ou pelo menos importantes semanários destinados a belos arautos do Espiritismo.

Admitindo o princípio universalmente reconhecido de que o jornalismo forma e reforma a opinião pública, temos de reconhecer que a imprensa espirita do continente americano tem gravitado negativamente na marcha evolutiva da Doutrina, em virtude da sua dispersão. Para sermos consequentes com o princípio de fraternidade e união e para consolidar a posição do Espiritismo, achamos que essa união e fraternidade devem pôr em execução as esperanças e perspectivas espirituais seculares, através da imprensa espirita destinada a fazer sentir a sua prédica na alma das multidões, hoje mais do que nunca sedentas de novas verdades.

É claro que, se tivéssemos dado ao Espiritismo americano uma orientação positiva, teríamos agora em cada país um semanário de envergadura com seu corpo redactorial. E os espiritas seriam neste aspecto mais respeitados, sem que alguns quotidianos profanos os agredissem, como sucede quando algum curandeiro, a que chamam *espirita*, é detido pela polícia. Nem sequer os adversários materialistas ousariam mofar sarcàsticamente. Disporíamos de um instrumento público capaz de os reduzir ao silêncio, inclusivamente os materialistas adoradores de ídolos e que se dizem «religiosos». Em troca, temos que suportar as invectivas e o escárneo, porque os nossos actuais periódicos circulam apenas entre espiritas.

As sociedades e centros ou núcleos espiritas poderiam publicar no diário ou semanário tudo o que se relacionasse com os seus movi-

FIRMAI A VOSSA FÉ

Por José Simões de Matos

PRECISAMOS de firmar a nossa fé no ideal ou religião que professamos. O mundo em que vivemos atravessa uma séria crise moral. Estão profundamente abalados os fundamentos da nossa fé e da nossa civilização. E a causa maior dessa decadência é a degradação dos costumes que constituiram o equilíbrio da ordem e da obediência aos princípios divinos que em cada ser pensante se contêm, com base na nossa consciência. E este mal vem-se generalizando cada vez mais por toda a parte, em todas as classes, por falta de melhores exemplos daqueles que, tendo recebido a missão de instruir, educar e orientar os povos da terra na sua evolução para Deus, pelas sendas do trabalho, da sabedoria e do amor, se desviaram da sua missão, dominados por intereses materiais que não deveriam, jamais, sobrepor-se ao ideal e nobreza de tais missões. Do ponto de vista religioso, o que vemos?

Por toda a parte, em todas as doutrinas ou religiões, se nota uma acentuada falta de firmeza dos seus adeptos ou praticantes, motivando isso constantes vacilações que os levam a crer e a aceitar verdadeiros absurdos nos momentos de prova

OS COMPONENTES
PAN-AMERICANO DE CUBA

mentos internos e, deste modo, a propaganda de cada um seria mais eficaz, devido ao número considerável de leitores que tais publicações teriam. Não é necessário ser jornalista profisional para compreender claramente a importância da iniciativa que sustentamos e submetemos à consideração dos senhores congressistas.

Possivelmente, este projecto não poderá ser já materializado; existe muito amor-próprio e personalismo no nosso meio ambiente e, também — porque não dizê-lo? — alguns interesses criados, causa provável de resistência à formação de uma larga corrente de propaganda. Apesar disso, não perdemos a esperança de que esses efeitos desapareçam, quando se compreender melhor a importância do curso evolutivo e irresistível do Espiritismo, porque nós somos transitórios, ao passo que a ideia, que subsiste como síntese apreciável e transcendente da ciência, da filosofia e da religião, é permanente.

Se estes inconvenientes não encontrarem fácil acesso nesse Congresso, a A. P. P. E. E. M. — cuja orientação acompanhamos — oferece desde já os seus serviços gratuitos a toda a imprensa espirita ou profana do nosso continente, assim como à da Eurásia, da África e da Oceânia, pois conta com um quadro de redactores especializados em problemas espiritas e metapsiquistas, cujas colaborações enviaríamos a todas as publicações, sòmente com a condição de se citar a origem, nome e apelido do autor.

Estas colaborações subordinam-se a um plano didáctico, isto é, cada colaborador apresenta o prob'ema com critério pedagógico. É assim que este organismo desenvolve uma propaganda metódica, tendo-se convertido em tribuna séria e eficiente, pois tem a convicção de que as colaborações devem ajustar-se ao espaço de cada publicação preferindo os trabalhos sintéticos e ao alcance de todas as inteligências.

Algumas revistas francesas e italianas já publicaram trabalhos da APPEEM, o que representa alento significativo, e revistas portuguesas, brasileiras e cubanas fizeram o mesmo. Oferecemo-los muito especialmente aos órgãos oficiais das instituições representadas pelos irmãos congressistas deste 3.º Congresso, bem como a permuta com o órgão oficioso da APPEEM, *La Conciência*. O nosso fim é realizar uma propaganda espirita e metapsiquista séria e garantida, tanto mais que o Espiritismo e a Metapsíquica são ciências acessíveis aos espiritas progressivos.

Pela A. P. P. E. E. M.

Genaro Pucci, director, e *Tito L. Bancéscu*, secretário da redacção.

Australásia, 1626 (Suc. 33) Buenos Aires.

N. R. — Concordamos plenamente com as considerações expostas na carta em apreço. O Espiritismo, como doutrina de vivos para vivos, deve dirigir-se ao mundo profano. Ali é que está o seu grande, o seu maior objectivo. Enquanto se confinar entre simpatizantes e adeptos, andará vagarosamente.

A onda materialista ameaça subverter o orbe e é preciso detê-la na sua carreira. O Espiritismo é um dique a opôr à torrente.

O primeiro objectivo é torná-lo conhecido do maior número. Os veículos são a palavra escrita e falada e a exemplificação da doutrina. A imprensa e a rádio desempenham papel especial na expansão das ideias e quem quiser progredir neste campo tem que utilizá-las.

O Espiritismo deve dirigir-se ao público, através dos jornais diários, onde for possível obter colaboração sistemática.

Há escolas, educandários, asilos, orfanatos, ambulatórios e hospitais que dão a medida do vasto programa empreendido, mas a imprensa bate com mais frequência, lembra diàriamente os alvos visados. O mundo quer que lhe impressionem os ouvidos para melhor assimilar as verdades que lhe interessam.

Já temos semanários no Brasil e na Inglaterra, alguns deles com tiragens de perto de quarenta mil exemplares (vide «Psychic News») e este facto mais reforça ainda o alvitre acima citado.

Deixemo-nos de «sessões de entreter» e levemos o Espiritismo à escola, ao campo e à oficina, onde houver lágrimas a estancar e transviados a reconduzir.

Eis por que aplaudimos a *Carta Aberta* dirigida aos congressistas pan-americanos e lhe damos expansão em nossas colunas. Há-de haver dificuldades, como se espera, mas o problema foi apresentado desassombradamente por quem tinha credenciais para o fazer. Veremos como reagem os destinatários.

---

e de testemunho da sua fé cristã. Isto porque nunca fizeram um estudo sério da doutrina que professam e consequentemente da sua pessoa em face da mesma, para ver se ela se ajusta às necessidades e aspirações da sua vida.

Precisamos de ser coerentes connosco mesmos. Se somos cristãos ou procuramos sê-lo, devemos estudar o Evangelho e seguir os ensinos de Jesus, fazendo do mesmo Evangelho o nosso roteiro. É ele que nos diz: «Não podemos servir a dois senhores ao mesmo tempo». Ou a um ou a outro. Devemos ser sinceros, definindo as nossas crenças e atitudes, dizendo sempre o que a consciência nos dita. Sim, sim; não, não...

Tais vacilações são resultantes de uma mal orientada iniciação espiritual. As coisas todas são regidas por leis, e não são como nós queremos que sejam. São como são. Elas não têm culpa de que as julguemos acima ou abaixo do que elas são. O erro está na maneira como as encaramos. Depois, dificilmente nos corrigimos das nossas faltas, acusando quase sempre os outros por tais desacertos. E enquanto assim procedermos estamo-nos afundando cada vez mais em nossos erros, aumentando o nosso sofrimento e o daqueles que nos cercam. Urge uma séria revisão em nossas ideias, razões e aspirações, para restabelecer mais a nossa fé em Deus, com Jesus, e a confiança em nós mesmos.

Porto Alegre — Brasil

O NADA

por Damião de Vasconcelos

O Nada não existe. É um impossível, uma quimera. E como pode reduzir-se ao Nada, que não existe, o que é alguma coisa? Outro impossível. Pois são alguma coisa a inteligência, a vontade, a razão e a consciência. É alguma coisa o santo amor à verdade e aos semelhantes, pela qual os seus mártires vão alegremente até ao sacrifício!

E a inteligência, a vontade, a consciência, o amor, como tudo o que significa grandeza, elevação, pureza, radica-se na alma, ser distinto do corpo, que o rege e lhe é superior por ser indestrutível, por sua natureza super-física.

A ciência certifica que a matéria não morre; apenas se transforma. Menos morrerá, pois, o espírito, que é superior a ela.

Na natureza coisa alguma se contradiz. Leis harmoniosas regem tudo. Ora, a contradição e o caos informe equivaleriam a existência da matéria e a não existência do espírito; a imortalidade daquela e o aniquilamento deste.

A vida não terminava, pois, com ao que pròpriamente chamamos morte; perpetua-se através dos tempos; é eterna.

Efectivamente, ou a vida tem um objectivo, ou não o tem. Ou tem uma razão, ou não a tem. Dizer que a vida não tem objectivo, o mesmo é dizer que ela não tem razão; dizer que ela não tem razão, equivale a dizer que há *efeito sem causa,* o que não é verdade. Logo, a vida sobre a terra tem uma causa, e, portanto, é um *efeito.*

Ora, o Nada não pode existir, porque se existisse, estaria em toda a parte ou em parte alguma. E então a vida, que teria saído do Nada, voltaria para ele. Mas a vida, enquanto dura, é alguma coisa. Logo, o Nada cessaria. Cessando o Nada por um instante, teria cessado para sempre, porque nada se cria e nada se perde.

Portanto, o Nada não existe: — não há senão a Vida em tudo, por toda a parte e sempre, igual à Eternidade, sob formas diversas, eternamente mudáveis.

Se a vida terrena não tivesse outro objectivo ou outro fim que a própria vida, seria como se não tivesse fim ou objectivo, visto que tudo acabaria com a morte ou desagregação das moléculas corporais. Ela seria, pois, inútil: inútil o sofrimento, inútil a experiência adquirida, inútil o desenvolvimento que transforma a criança — simples animal ao princípio — num homem, o qual aprende, desenvolve o seu julgamento, eleva os seus sentimentos, aumenta as suas ideias e, bem ou mal, sabe, à partida, milhões de coisas que desconhecia à chegada.

Mas o *inútil* é o mesmo que o *nada,* sob outra forma — e o inútil não poderia existir. De resto, visto que nada se perde, nós não devemos perder todo este mundo de ideias, de experiências adquiridas, que a vida nos proporciona, da mesma forma que também não se perdem os nossos elementos puramente físicos, os os menores átomos do nosso corpo.

Não há duas leis — há só uma. Se nada se perde, *nada absolutamente pode perder-se.* Ora as nossas ideias, os nossos sentimentos e até os nossos vícios, assim como as virtudes, são alguma coisa de *muito real,* verdadeiras forças, boas ou más, que, uma vez criadas, persistem, como tudo!

E como nada se perde no no grande *Todo,* nós voltamos a cada reencarnação, enriquecidos de todas as nossas experiências e de todos os progressos, ou vergando ao peso de todas as nossas cobardias, de todas as nossas fraquezas anteriores.

Porque o que nós fomos, somos e havemos de ser, é obra *exclusivamente* nossa; nós elevamos pedra a pedra, o sublime edifício da nossa imortalidade, destacando e transformando em chama a faísca divina, oculta, — como ouro no fundo da mina —, no seio de tudo quanto existe; ou então, quando nos tornamos profundamente maus, deixamos partir essa faísca, que regressa à origem, e nós caímos de novo na grande matriz universal, restituíndo aos elementos o que deles recebemos, até ao raiar de um novo dia cósmico.

Portanto, a nossa imortalidade é obra nossa, depende de nós a sua conquista, pelo desenvolvimento da nossa espiritualidade e conhecimento da verdade, isto é, da *Lei Única,* que a nossa vida e as nossas reencarnações sucessivas servem.

E só por esta forma a lei que pretende que nada se perde, pode ser aplicada, e o Nada não existe.

No espaço infindável não há solidão e morte, mas vida universal e eterna.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

O ESPIRITISMO NO BRASIL

La Revue Spirite publicou há tempos a seguinte notícia, bem digna de ser divulgada pelos pormenores que nos dá de uma entidade a que bastas vezes nos temos referido nestas colunas: a Federação Espírita Brasileira:

«O Brasil é um grande país com uma população de 52 milhões de habitantes e uma superfície dezasseis vezes maior do que a da França. A sua organização política compreende 21 Estados e em cada um deles existe uma sociedade espírita regional, que agrupa as sociedades locais. As regionais aderem, por sua vez, à Federação Espírita Brasileira, situada na capital do país — Rio de Janeiro, Avenida Passos, 30.

«A Federação E. Brasileira controla assim o movimento espírita em todo o país, obediente ao espírito das obras de Allan Kardec.

«Há no Brasil mais de 3.000 sociedades espíritas organizadas segundo as normas legais e mais de 1.000 agrupamentos familiares.

«A Federação E. Brasileira (F. E. B.) possui muitos organismos internos: Direcção, Assembleia Deliberativa, Conselho Federal Nacional, Assistência aos Necessitados, Departamento das Juventudes Espíritas, Dispensário Médico, Farmácia, Gabinete Dentário, Contencioso, Biblioteca, Departamento Editorial, Livraria, Escola Primária, Secção de Esperanto, etc.

«A Federação já publicou mais de 1.300.000 (um milhão e trezentos mil) volumes das obras de Allan Kardec, em português e esperanto, e mais de 5.000.000 (cinco milhões) de exemplares de obras espíritas, mediúnicas ou não, entre as quais os notáveis livros ditados pelos Espíritos ao famoso médium brasileiro Francisco Cândido Xavier, e que já ultrapassaram a casa dos quarenta, num total de 660.000 exemplares.

«O Espiritismo brasileiro orienta-se exclusivamente pelo Evangelho, mesmo nas experiências de ordem física, e deste modo tem encorajado a fundação de numerosos organismos de assistência, tais como hospitais, orfanatos, berçários, escolas, etc.

«Muitas sociedades dão programas na rádio e publicam revistas e jornais espíritas.

«A Federação E. Brasileira, fundada em 1 de Janeiro de 1884, é reconhecida pelo Estado como sociedade de utilidade pública e impõe-se ao respeito dos próprios adversários do Espiritismo. O *Reformador*, seu órgão oficial, começou a publicar-se em 21 de Janeiro de 1883 e actualmente a sua tiragem atingiu 20.000 exemplares.

«Em qualquer localidade brasileira se encontram espíritas ou organizações espíritas. O número de adeptos cresce de ano para ano e neste momento o governo brasileiro acaba de publicar a estatística do movimento religioso, incluindo o Espiritismo.

«O montante do património da F. E. B. é de quatrocentos milhões de francos, totalmente invertidos em iniciativas de interesse doutrinário, entre elas, as subvenções às obras de assistência social mantidas por organizações espíritas».

Há apenas dois lapsos na notícia supra, os quais passamos a esclarecer. A Federação Espírita Brasileira, embora disponha de grande força no Rio e nos Estados, não controla todo o movimento espírita. Grande parte é controlada pela Liga Espírita do Distrito Federal (antiga Liga Espírita do Brasil), pela União das Sociedades Espíritas de S. Paulo e pelo Centro Redentor do Rio de Janeiro. Além disso, há muitas sociedades que trabalham com plena independência.

Também nem todo o Espiritismo se orienta exclusivamente pelo Evangelho e muito menos nas experiências físicas. Quanto ao resto, está tudo certo, e é com prazer que transcrevemos as palavras de *La Revue Spirite*, fundada há 96 anos por Allan Kardec.

O RÁDAR NA PEUGADA DOS ESPÍRITOS...

Do jornal *O Nosso*, do Rio de Janeiro, extraímos a seguinte notícia verdadeiramente edificante:

«Os homens querem continuar a divertir-se à custa dos espíritos, praticando isso a que eles chamam espiritismo científico, que justificam com a necessidade de provar a existência dos espíritos e sua influência sobre os homens, esquecidos de que, quando tais provas se necessitaram, em tempos passados, foram dadas a cientistas de renome, cuja integridade moral ninguém tem o direito de pôr em dúvida. Os homens esquecem-se de cumprir as recomendações dos mentores espirituais que procuram, em vão, minorar-lhes os sofrimentos actuais e futuros, no cumprimento das profecias do Evangelho em plena realização, e procuram divertir-se, «caçando fantasmas» com rádar!

«Os nossos amigos ingleses, então, são mestres nestas coisas! Eles só entendem o Espiritismo assim... Ora, um telegrama de Londres conta o seguinte disparate:

«Na estação balnear de Hove, no sul de Inglaterra, realizou-se uma caçada aos fantasmas, com auxílio do rádar. Pouco antes da meia-noite, cinco sócios do Clube dos Caçadores de Fantasmas, do Condado de Sussex, dirigiram-se a uma velha casa desabitada há duas décadas, em virtude de ser mal-assombrada, e instalaram os aparelhos num compartimento, ficando a máquina assestada sobre um corredor em ruínas. Todas as frinchas de portas e janelas haviam sido hermèticamente calafetadas. À meia-noite em ponto apagaram as luzes e os «caçadores» ficaram imóveis junto dos aparelhos. Cinco minutos depois sentiram uma corrente de ar no corredor, seguida de estalos sinistros dos móveis e logo ruídos de passos, cavos a princípio e cada vez mais fortes. Passados 12 minutos notaram-se movimentos imprecisos na tela do rádar, da direita para a esquerda. Mais 7 minutos e ouviu-se leve tosse e uns passos arrastados no corredor. De repente, um barulho análogo ao rebentar de uma bola de borracha...

«A máquina foi deslocada, misteriosamente, alguns centímetros, e o feixe de raios invisíveis perdeu o contacto com o «objectivo».

«Quando as luzes se estabeleceram, os «caçadores» verificaram que

o fantasma não havia tocado nos numerosos fios, contactos e armadilhas colocados no corredor. E assim o Clube dos Caçadores de Fantasmas nada conseguiu e o mistério da casa mal-assombrada não será desvendado».

Amigos! «Não se pescam trutas a bragas enxutas»!

UM FEIXE DE NOTÍCIAS

O nosso correspondente no Rio de Janeiro enviou-nos as seguintes notícias:

3.º *Congresso Espirita* — A fim de entregar o arquivo da CEPA, seguiu para Havana, por avião da linha internacional, o Dr. José Augusto de Miranda Ludolf, presidente da Confederação Espirita Pan-americana, cuja sede estava no Brasil desde 1949. O Dr. Miranda Ludolf, que é elemento de grande relevo no movimento espirita brasileiro, vai participar do 3.º Congresso Espirita Pan-americano, como presidente da CEPA. Terminado o Congresso, a CEPA ficará em Cuba durante três anos, de acordo com o sistema de rodizio.

Homenagem a Allan Kardec — Como sempre, os espiritas brasileiros comemoram a data natalícia de Kardec — 3 de Outubro — com muito entusiasmo. Para este ano, por exemplo, foram organizadas diversas «semanas espiritas» e «semanas de Kardec», tanto no Rio de Janeiro, como em Pinheiral, Nova Friburgo, Barra Mansa, Volta Redonda e muitas outras cidades brasileiras.

Colégio Espirita do Rio de Janeiro — Realizou-se há pouco na sede da Liga Espirita do Distrito Federal uma reunião para tratar da fundação de um Colégio Espirita no Rio de Janeiro. Como primeiro passo, resolveu-se fundar uma sociedade que terá o nome de *Organização Educacional Espirita*. A referida sociedade, uma vez instalada, lançará no meio espirita a campanha pró-Colégio Espirita. Estão à frente desse movimento diversos professores e confrades de responsabilidade. Há no meio espirita brasileiro muitos professores primários, secundários e superiores. A campanha pró-Colégio Espirita é orientada pelos professores Lauro Pastor de Almeida, do Colégio Pedro II e presidente da sociedade recém-fundada; pelo prof. Torres Pastorino (ex-padre), prof. do Colégio Militar; pelo General Mário Travassos, ex-director do ensino do exército, ex-comandante da Academia Militar de Agulhas Negras e comandante da Força na última guerra como integrante da Força Expedicionária Brasileira, além de conferencista muito apreciado pela sua cultura; pelo capitão Jaime Rolemberg, da Cruzada dos Militares Espiritas, e pela professora Ruth Santana, presidente do Orfanato «Casa de Lázaro», e muitos outros professores adeptos do Espiritismo.

DOCUMENTO SENSACIONAL

Conhecemos a atitude da maior parte dos médicos, quase a sua totalidade, ante os diagnósticos fornecidos pelos Espiritos em sessões adequadas, e todos estão lembrados da célebre operação de apendicite levada a efeito pelo Espirito do médico Luís do Amaral, em Pindamonhangaba, Estado de S. Paulo. A imprensa diária relatou o estranho acontecimento em que alguns médicos entraram, não esquecendo o filho do Dr. Luís do Amaral e o apêndice extraído foi ilustrado por radiografias que não deixaram dúvidas a respeito.

Hoje chegou-nos à mão a *Revista Espirita do Brasil*, do Rio de Janeiro, donde transcrevemos o seguinte *Atestado a Bem da Verdade:*

«O *cliché* que publicamos ao lado reproduz um documento de alto valor moral e científico em favor do Espiritismo. Valor moral, porque se trata de pessoas reconhecidamente idóneas, dois médicos imparciais, ambos com responsabilidade, também, na vida pública; valor científico, porque eles, como se vê no *cliché*, atestam corajosamente, por amor à verdade, sem qualquer influência religiosa ou sentimental, que *«o diagnóstico dado do Além-túmulo, pelo Espirito do Dr. Octacílio Dourado, foi confirmado, com absoluta precisão, pela radiografia»*.

«O facto ocorreu, há pouco tempo, na Bahia, onde os dois médicos signatários do atestado podem prestar quaisquer esclarecimentos. A família do Dr. Octacílio Dourado é de Morro do Chapéu, sertão da Bahia. É uma família numerosa e tradicional, com ramificações no sertão baiano e no interior do Piauí. O Dr. Reinaldo Moreira é médico na capital baiana e deputado estadual; o Dr. Mário Dourado Sobrinho, o segundo médico que assinou o atestado, era prefeito do Município de Iracê, Bahia, onde se deu o fenómeno.

«O documento foi publicado em primeira mão pelo jornal *Vanguarda*, do Rio de Janeiro. Quem lho forneceu foi o professor Samuel Dourado Guerra, vice-prefeito de Paranaguá, Estado do Piauí. O prof. Samuel, que viera do Protestantismo, é conferencista espirita. Eis o atestado médico:

«Nós abaixo firmados, o primeiro, brasileiro, casado, médico e Deputado Estadual, domiciliado e residente na Cidade do Salvador, o segundo brasileiro, casado, médico, Prefeito Municipal de Irecê e ali domiciliado e residente, atestamos a bem da VERDADE que o diagnóstico dado do Além-túmulo pelo espirito do Dr. Octacílio Dourado, em sua mensagem de 22 de Junho de 1949, foi confirmado com absoluta precisão pela radiografia nessa Cidade do Salvador, pouco depois. Declaramos ainda que, apesar de termos examinado o referido cliente, não nos fora possível precisar tal diagnóstico, o que só foi verificado após a respectiva radiografia. E por ser verdade autorizamos que se utilize este atestado a bem da mesma Verdade. — Cidade do Salvador, 20 de Dezembro de 1950. — (Ass.) *Dr. Reinaldo Moreira* e *Dr. Mário Dourado Sobrinho*. Firmas reconhecidas pelo tabelião Marback, de Salvador, Bahia)».

Não necessita de comentários.

Aos Assinantes Brasileiros

Na hora grave que atravessamos queremos dirigir uma palavra aos prezados assinantes do Brasil. Em virtude da queda do Cruzeiro e das dificuldades opostas à transferência de numerário para o exterior, a posição de Estudos Psíquicos ***não poderá manter-se sem grandes prejuízos materiais. Assim, vemo-nos obrigados a elevar para Cr$70,00 o preço da assinatura anual, na certeza de que todos concordarão, continuando a manter a sua posição actual para com a revista.***

O que dizemos estende-se a todos os representantes, que devem elevar para 7 cruzeiros o preço da venda avulsa por exemplar.

Desde já agradecemos o bom acolhimento que derem à presente resolução.

Notas & Comentários

«RONDA ESPIRITUAL»

Eis como La Revue Spirite, de Paris, se refere à obra «Ronda Espiritual», há pouco lançada por Estudos Psíquicos Editora e da autoria do nosso director:

«Mais uma obra do lápis intuitivo do nosso amigo português.

Intitula-se «Ronda Espiritual» e oferece-nos uma série de vários tipos humanos, dançando a ronda ante os nossos olhares deslumbrados. A operação conceptual destes quadros humanos é curiosa, o tom jocoso e divertido, as metáforas picantes, notando-se imediatamente a forma socrática de ironizar. A caricatura das comparações põe a nu os defeitos, denuncia as faltas e coloca o homem em relação com a psicologia, em virtude do meio em que o seu destino se cumpre. Original pela concisão e profundo pelo ensinamento, este livro não deixará de merecer os louvores dos críticos portugueses, como os precedentes do mesmo autor».

JORNAIS ESPIRITAS

A crise vai alastrando como rastilho. Toda a imprensa espirita luta com dificuldade, em virtude do desinteresse que se nota em grande parte dos adeptos e simpatizantes.

Os jornais brasileiros da especialidade alteraram sistemàticamente os preços e fizeram-no com grande pesar, reconhecendo que o nível de vida tem repercutido desfavoràvelmente nos orçamentos familiares.

Coube agora a vez à Revista Internacional do Espiritismo, de Matão, S. Paulo, que há 28 anos trabalha galhardamente na difusão da doutrina espirita.

«Bem contra a nossa vontade—diz ela — somos forçados a aumentar o preço das assinaturas. Se não aplicarmos esta justa medida, os nossos empregados tomarão outro rumo, prejudicando a marcha da propaganda que vimos fazendo com toda a regularidade».

É certo. As dificuldades aumentam para os jornais espiritas, principalmente aqueles que não inserem anúncios e só contam com as assinaturas. O nosso desejo seria despertar a consciência dos que podiam e deviam ajudar a nossa imprensa deficitária. Não era preciso muito. Bastaria um cigarro a menos por cada 24 horas. Essa economia, transformada em oportuno suprimento, era capaz de resolver o magno problema.

Nós sabemos o que vai por casa e por isso compreendemos o recurso da nossa colega de Matão, cuja operosidade e dignidade são dignas de louvor. Que se há-de fazer contra a onda de insânia que avassala o mundo, senão trabalhar na construção de um grande dique que a reprima?... Para isso se fundam jornais e agremiações espiritas, que vivem de recursos limitados, erguendo bem alto o lábaro da fé que os não deixa morrer, apesar dos obstáculos sem conto que os põem a dura prova.

Constância, de Buenos Aires, queixava-se, em Agosto último, da inexplicável indiferença dos assinantes no tocante ao pagamento das assinaturas e incitava-os ao cumprimento do seu dever... É preciso levantar o moral dos adeptos e interessá-los verdadeiramente na difusão da doutrina, para que as publicações espiritas desempenhem a sua missão.

UMA CERIMÓNIA MILITAR

No passado mês de Agosto alguns aspirantes brasileiros da Academia Militar das Agulhas Negras realizaram uma festa gratulatória religiosa no auditório do Colégio Militar.

A cerimónia foi promovida pela Cruzada dos Cadetes Espiritas na presença das autoridades militares e civis, tendo sido orador o presidente da Cruzada dos Militares Espiritas, almirante Carlos Olímpio Borges de Faria, coronel Milton O'Reilly de Sousa, orientador da Cruzada, Laércio Monteiro da Rocha, 9.º presidente da Cruzada dos Cadetes Espiritas, e o aluno João Lima Neto, presidente da Mocidade Espirita do Colégio Militar.

Também se fizeram ouvir em números declamados as Mocidades e Juventudes da Federação Espirita Brasileira, da Liga Espirita do Distrito Federal, da Liga Espirita do Estado do Rio e da Mocidade Espirita do Colégio Militar.

Os novos aspirantes espiritas são os seguintes: Alcir da Silva Amaral, António Fernandes da Silva, Cleverson da Silva Gomes, Germano Arnold Pedroso, Itamar Licarião Barbosa, João Casseta, José de Araújo Ramos, José Ribamar, N. Moreira, Laércio Monteiro da Rocha, Luís Beaurepaire Pinto Peixoto, Luís Carlos Sallaberry, Paulino Ramos González, Sérgio Roma e Vicente de Paula Baptista Júnior.

Estes confrades serão os futuros dirigentes das Forças Armadas do Brasil, uma das maiores nações do mundo.

E esfalfam-se os católicos a proclamar o demonismo da nossa doutrina! Eles bem sabem que cometem uma grande injustiça e por isso os seus articulados já pouco influem nas massas a que se dirigem. A transformação do mundo vai-se operando em novos moldes e a ideia espirita avassala as inteligências de escol, como se vê nos académicos de Agulhas Negras, correspondentes aos nossos alunos da Escola Naval. E são os próprios almirantes e generais que presidem às manifestações ideológicas sem medo de sanções ou represálias. O mesmo sucede na livre Inglaterra, onde o Marechal do Ar, Lorde Dowding, tem defendido briosamente o Espiritismo.

A BORBOLETA E A LAGARTA

Um dia, a borboleta poisou nos bordos de uma folha onde se encontrava uma lagarta, que lhe perguntou:

— Quem és tu?

— Uma lagarta que aprendeu a voar.

— Mas as lagartas não voam.

— Voam, sim, — respondeu a borboleta —. Tu voarás um dia.

A lagarta pôs-se a rir, exclamando:

— Nunca ouvi semelhante loucura.

E continuou a devorar as folhas, enquanto a borboleta voava.

Pouco depois, a lagarta contou o sucedido a outra lagarta, que lhe disse:

— Eu ouvi dizer isso, mas é impossível. Vamos dormir.

As lagartas adormeceram; mas quando acordaram estavam transformadas em borboletas...

(Da *Light*, de Londres).

Noticiário

TRABALHOS DO CENTRO

No dia 4 de Outubro reabriram os trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor com uma sessão em que falaram vários oradores, entre eles D. Adelaide Ivone de Sousa e José F. Cabrita.

O Presidente da Direcção, 1.º tenente Isidoro Duarte Santos, dirigiu um apelo a todos os presentes no sentido de se percorrerem caminhos novos de propaganda, pois era tempo de se compreender a necessidade lógica de nos enquadrarmos nos postulados kardecianos. «Tem havido demasiada transigência com certa rotina — disse-ele — e é tempo de arripiar caminho e enfrentar a situação com denodo». Em seguida anunciou que o novo ciclo de trabalho se ressentiria desta nova orientação e que se promoveriam sessões especiais dedicadas aos médiuns abandonados às contingências, quando é certo que eles constituem os verdadeiros pilares da doutrina.

D. Ivone de Sousa e F. Cabrita congratularam-se com os desígnios apresentados e ofereceram os seus préstimos incondicionais para que o novo ano de trabalho fosse prolífico.

TRÊS AMIGOS

Tivemos o prazer de apreciar o convívio de três amigos que muito prezamos, os quais, há muitos anos no Brasil, aqui vieram em visita a seus familiares e voltaram à pátria-irmã, o primeiro em 7 de Setembro e os dois últimos em 29 de Outubro corrente.

Referimo-nos a António J. Trindade, já conhecido de nossos leitores e que se lembrou desta revista no alto mar, donde nos enviou suas notícias e o artigo «Os Últimos Serão os Primeiros», inserto neste número; a Joaquim da Silva Gomes, nosso representante em Recife, capital pernambucana, onde «Estudos Psíquicos» conta boas dezenas de assinantes; e a Eduardo Alberto Simões, operoso confrade que vive também no Recife com a família mais chegada e onde agora vai encontrar dois bisnetos.

Estes três amigos deixaram em nossa alma as mais gratas recordações. Fazemos votos para que tenham boa viagem e continuem na sua missão de arautos da Doutrina.

40.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se o 40.º sorteio de livros espiritas, iniciativa que vai caminhando para o quarto ano de existência e que muitos prémios tem distribuído aos generosos subscritores. Desta vez foram contemplados os seguintes confrades:

«Falando à Terra» — D. Antónia Leyguarda Ferreira, de Lisboa.

«... e as Águas Passaram» — D. Minervina Lameiras Franco, de Lisboa.

«O Espiritismo e a Igreja» — Cláudio Silva Santos, de Lisboa.

«A Existência de Deus e a Imortalidade da Alma» — Joaquim Fernandes, de Lisboa.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM NOVEMBRO DE 1953

Dia 1, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 2, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 5, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 7, Sábado, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 8, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 9, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 12, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 13, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 15, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 16, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 19, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 20, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 21, Sábado, às 21 horas — Grupo Experimental «Ernesto Bozzan», dirigido por António Cardoso.

Dia 22, Domingo, às 16 horas — Conferência por António Cardoso, intitulada «Os Sonhos».

Dia 23, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 26, 5.ª feira, às 21,30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 27, 6.ª feira, às 21,30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 29, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 30, 2.ª feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos.

OUTUBRO — Manuel Domingos, do Casal do Carril, 15$00; João Oliveira Pinto Muge, da Cidade da Beira, Moçambique, 100$00; B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; U. S. J., de Ponta Delgada, 20$0; Anónima, de Lisboa, 20$00; Subscrição do 40.º Sorteio de Livros Espiritas, 150$00. Total. — 345$00.

Diversos para o Grupo de Protecção às Crianças, em Julho, Agosto e Setembro	455$00
Entregue ao mesmo	1.055$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
O Reino de eJsus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

D. FRANCISCO DE NORONHA

Ver página 325

CONTÉM: Fraternização, da **Redacção**; O Eterno Presente, por **Cyrilo Aleixo**; Planalto; Um Grande Colaborador Que Desaparece; O Padre Ângelo Fantoni é um Vidente Extraordinário, por **Mons. Dr. Felicio Magaldi**; Alimentação, por **S. Teixeira**; O Futuro da Metapsíquica, por **Charles Richet**; Provas? Mas Suaves..., por **Leopoldo Machado**; O Caodaismo, por **Henri Regnault**; O Ensino Religioso, por **José Simões de Matos**; Propagando Uma Doutrina (Conferência de Isidoro Duarte Santos), por **A. C.**; O Poder do Exemplo, por **Henrique Magalhães**; Meditação, por **Rúbens C. Romaneli**; Da Origem do Espiritismo, por **Damião de Vasconcelos**; O Materialista, por **Luís Barros de Castro**; Congresso Espirita Pan-Americano; Exclusivismo, por **Alfredo Miguel**; Uma Iniciativa Original; Livros de Todo o Mundo, anotados por **Ramos Pereira**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

14.º ANO NOVEMBRO DE 1953 N.º 11

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ☆ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1953 — N.º 11

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

FRATERNIZAÇÃO

A Fraternidade Esotérica *é uma agremiação espiritualista que trabalha num campo semelhante ao nosso, procurando espalhar os seus conceitos do ponto de vista evangélico. Alguns dos seus dirigentes são colaboradores da obra que impulsionamos e nela têm posto o melhor do seu esforço. É um gesto que não esquecemos. Registamo-lo com fervor no tabernáculo da nossa amizade para retribuir em gratidão devotada.*

No próximo dia 29 de Novembro o Centro Espiritualista Luz e Amor vai ali ser objecto de carinhosa deferência. Pela nossa parte rejubilamos com o facto e daremos à nossa presença o mais alto significado fraternal.

Todas as colectividades espiritualistas se deviam conhecer melhor do que se conhecem, evidenciando postulados comuns e trabalhando por mais estreita colaboração. Temo-lo dito milhares de vezes, escrevendo ou falando, e repetí-lo-emos sempre, certos de que o isolamento enfraquece e desagrega todas as empresas. O conhecimento mútuo, a simpatia mútua, são verdadeiro calmante no trabalho e estimulam os adpetos da Causa em seus projectos de engrandecimento.

Os mesmos inimigos surgem no caminho de todos os espiritualistas: o obscurantismo e a intolerância. E quando obreiros de sectores diferentes são obrigados a enfrentá-los, conjugam as forças numa aliança colectiva e nunca a amizade mergulha mais fundo no recesso das almas.

Fraternizar é comungar. A parte nobre do ser exalta-se às culminâncias. A inferioridade esbate-se e as almas alteiam-se para a luta comum. Há menos indecisão e as palavras ecoam diferentemente. Não é preciso que os outros pensem como nós para nos sentirmos apoiados. Há qualquer coisa no ar de quem simpatiza connosco, embora não partilhe de nossas ideias. As atitudes correctas concitam a atenção dos próprios adversários. Traduzem lealdade e harmonia espiritual, oferecem base ao trabalho empreendido.

As agremiações são como os indivíduos. Têm o seu ambiente específico, atraem ou repelem, segundo as pessoas que as constituem. A sociedade organizada é o reflexo do aglomerado humano. Por isso dizem que tal ou tal colectividade tem bom ou mau ambiente.

A resolução da Fraternidade Esotérica *revelou um princípio que se integra absolutamente nas leis naturais. O homem nasceu para a vida de relação. Segregá-lo da comunidade é cercear-lhe as mais belas prerrogativas, é cortar as asas ao condor. Dando e recebendo em solidária permuta, vai plasmando a individualidade até se afirmar como valor intrínseco, susceptível de polarizar reflexos inteligentes ou impulsos afectivos.*

Retribuiremos com justificado prazer a homenagem projectada e tudo faremos por merecê-la. Apelaremos para as nossas energias num desdobramento carinhoso que abranja maior número de valores e tal gesto pode vir a ser o fermento de outra obra moral em que trabalhamos.

Nunca se fez sentir tanto a união dos que visionaram um mundo equitativo em que os seres se movessem livremente, regidos por códigos virtuosos, sem o alçapão da tranquibérnia e o visco da calúnia soez.

Por isso apreciámos tanto o gesto da Fraternidade Esotérica. *Ele transcende os limites da simples urbanidade, que pode limitar-se a estado latente, a expectativa benévola, a petrificação de sentimento.*

Que ela progrida no sentido visionado, concitando a atenção do mundo espiritualista, nele buscando novas simpatias para basear o edifício moral do seu programa de acção presente! Que alargue ainda mais as suas visitas e procure agregar à ideia o maior número de profitentes! Assim, o campo ir-se-á preparando para a grande sementeira do Evangelho Racionalista.

O ETERNO PRESENTE

NA agitação e intranquilidade em que a humanidade vive, fortemente dominada ainda pelas exigências dos instintos, poucos são relativamente aqueles que, saturados da sua tirania, conseguem penetrar no mundo superior do pensamento e admirar os esplendores de um mundo desconhecido, de beleza e harmonia incomparáveis, onde todos ingressaremos, quando tivermos atingido a necessária maturação psíquica.

Os homens são como as crianças que, apegadas aos folguedos da meninice, não admitem a ideia de serem deles privadas, por sentirem que, para além, imenso vácuo as tragaria.

Assim, também, muita gente, incapaz de se aperceber dos vislumbres do mundo introspectivo, faz vida comum com os animais, ultrapassando-os apenas no refinamento dos baixos pendores.

Mas também, tal como as crianças, à medida que a maturação se processa, vai sendo posto de parte, como inútil, tudo o que anteriormente era objecto de nossa adoração, em virtude de os horizontes se dilatarem, ante a gradual expansão anímica, num sucessivo escalonamento, através dos mais variados planos, neste bendito retorno para o Eterno.

Aos efémeros prazeres animalescos, outros se seguem, numa crescente amplitude e subtileza, de causar vertigem às almas infantes, mas que os espíritos evolvidos aceitam como natural produto da sua maioridade psíquica.

Um mundo de mistério se abre ante a humanidade, convidando-a a perscrutar a natureza, relicário de maravilhas sem par; mas os homens, no seu desvairamento, só pensam em materializar fórmulas químicas cada vez mais mortíferas, quais tábuas de salvação, neste iminente naufrágio universal.

Felizes dos que vão compreendendo as ilusões da carne. Seu espírito prepara-se para emergir do lodo ancestral, sedento de luz e de verdade.

O problema do Eterno Presente, coloca-nos em face de singular mistério. Segundo essa teoria, o passado e o futuro são coisas meramente relativas, não existindo mais do que um perpétuo presente.

Assim, todos os acontecimentos pretéritos e vindouros se encontram sempre patentes, como numa grandiosa pintura cósmica, acessível em parte e em certos casos à nossa psique.

Vários são os factos que corroboram esta teoria, ocorridos em todos os tempos e em diversos pontos do globo, os quais têm merecido a atenção de muitos investigadores.

Tem-se assistido, em certos locais, onde se desenrolaram acontecimentos de importância, à sua reedição etérea, muitas vezes na própria atmosfera desses locais.

Verdadeiras batalhas aéreas têm sido presenceadas sobre terrenos, onde anteriormente as mesmas tiveram lugar, reproduções fieis de acontecimentos passados, chegando-se mesmo a reconhecer certas figuras históricas, participantes de tais conflitos.

Estes espectáculos singulares, que chegam a impressionar animais, têm sido assinalados em épocas diferentes por inúmeras pessoas, desde aquelas que fàcilmente se sugestionam, às mais cépticas e exigentes, curvadas ante a inconcussa realidade do fenómeno, a menos que, propositadamente, não queiram ver.

Um dos casos mais recentes desta natureza, citado por C. de Vesme, que em 1929 ainda se verificou, foi o da ilha de Creta.

As ruínas do velho castelo Francokastelli, que fica a cerca de quatro quilómetros de Capsodosso, era um teatro de furiosa batalha, repetida de tempos a tempos e presenceada por grande número de pessoas, propositadamente ali deslocadas em Maio e Junho de cada ano, época em que o fenómeno costumava ter lugar. O testemunho dos espectadores, era sempre idêntico. Ao cair da noite, ou antes do nascer do sol, surgiam de vários pontos, sem se saber como, numerosas figuras guerreiras, armadas com escudos e lanças, em direcção às ruínas do referido castelo, onde, ante o terror de uns e o espanto de todos, tinha lugar feroz combate, no meio de ruído infernal e da gritaria dos combatentes, tudo se dissipando ao fim de algum tempo. Este espectáculo chegou a ser presenceado por várias autoridades civis, militares e eclesiásticas, assim como por muitos turistas, tendo sido posta de lado, por observadores competentes, a hipótese de qualquer ilusão dos sentidos dadas certas particularidades assinaladas durante a sua manifestação.

É de notar que, em 18 de Maio de 1828, o citado castelo foi teatro de sangrento combate entre gregos e turcos, tudo parecendo mostrar que aquelas visões se relacionavam com o mesmo, tanto mais que se chegaram a reconhecer alguns dos etéreos combatentes.

Refere o coronel Pater, que em 22 de Janeiro de 1854, em Büderich, depois do pôr-do-sol, os habitantes daquela aldeia assistiram, estupefactos, ao desfile de um exército aéreo, constituído por milhares de soldados de infantaria, cavalaria e artilharia, ao mesmo tempo que assistiam ao incêndio numa casa, em um local onde não existia qualquer edifício.

Certos homens de ciência têm levianamente pretendido pôr nestas visões o rótulo de miragens, alucinações colectivas, etc., etc., em virtude de não quererem, ou não terem competência para abordar um fenómeno inexplicável pelas leis conhecidas.

Certo, há visões que parecem encontrar, o seu mecanismo, que, evidentemente, é regulado por leis tão naturais como aquelas.

A primeira hipótese que se apresenta para explicar estes fenómenos, é, sem dúvida, a espirita, segundo a qual os espíritos dos antigos combatentes, sentindo-se ainda intensamente absorvidos na contenda que os vitimou, reproduzem, por pensamento, as cenas do passado, projectando assim alucinações telepáticas nos observadores.

É esta, afinal, a explicação de certo género de assombramentos, se bem que é necessário ter sempre em conta o animismo, como elemento de peso em muitos casos perturbantes.

Uma outra hipótese é aquela segundo a qual tudo o que existe no mundo físico tem sua correspondente imagem no plano astral.

Assim, todos os acontecimentos ficam registados automàticamente numa espécie de cliché astral, podendo posteriormente ser percebidos, em determinadas circunstâncias.

Porém, nos casos em que em vez de cenas

Por CYRILO ALEIXO

em parte, justificação em certas leis da ciência catedrática. Numa delas, observada pelo Reitor dum colégio de Oxford, em Agosto de 1914, juntamente com dois dos seus alunos, distinguia-se perfeitamente no ar a vastidão oceânica e um navio em chamas, rodeado por embarcações mais pequenas, que, observadas através de um binóculo, mostravam nìtidamente os mastros e outros pormenores.

Este espectáculo foi atribuído então a um fenómeno de miragem, provocado por camadas de nevoeiro, dispostas qual enorme espelho reflector de cenas actuais e longínquas.

A história dos povos regista casos análogos, em que tudo militava em favor de aparições sobrenaturais, mas que o bom senso e a perspicácia de algumas pessoas souberam explicar convenientemente. Foi assim que o espanto de certa multidão ante a figura de um anjo deslizando na atmosfera ficou reduzido a zero, com a sensata explicação de que se tratava apenas da sombra de uma figura de certa igreja próxima projectada sobre uma nuvem, que no seu movimento através do espaço parecia dar vida à singular aparição.

Todavia, se em certos casos os referidos fenómenos têm explicação nas leis conhecidas, noutros mantêm-se no domínio do misterioso simplesmente por não ser conhecido ainda pretéritas se verificam cenas futuras, o caso torna-se mais desconcertante, sendo aquela teoria incapaz de lhes dar qualquer explicação, uma vez que o astral não pode ser impressionado por acontecimentos que ainda se não deram.

Citam os «Analles des Sciences Psychiques», n.º 4-5 de 1900, o seguinte curioso facto: Quando certo indivíduo, na ilha de Tire, se dirigia para casa, numa noite de luar, viu passar por ele uns quatrocentos soldados seguidos por um oficial montado num cavalo cinzento, os quais, acamparam mais adiante, num campo próximo. Em face de tão inesperado como estranho acontecimento, o referido indivíduo correu a despertar os moradores do lugarejo, os quais, porém, nada viram.

Tudo isto poderia ficar no rol das ilusões, mas a verdade é que, passados vinte anos, o mesmo sujeito, bem como os moradores da localidade, assistiram no mesmo sítio ao desfile de tropas absolutamente iguais às da visão de outrora, desta vez, bem entendido, de carne e osso. Atrás, ia também um oficial, montado num cavalo cinzento e pouco depois acampavam, num campo vizinho.

Espectáculo maravilhoso e cheio de mistério esse, que lhe foi dado contemplar duas dezenas de anos antes da sua concretização,

PLANALTO

Para nós não há tangível, como lhe chamais. Há substância mais ou menos degradada. Essas limitações são para os terrícolas. Necessitam delas para seus estudos e para os sentidos que os servem.

No planalto onde cheguei à custa de trabalho há outros seres confiantes que andaram, como eu, para alcançar um ponto superior. Vêm de longe, foram seleccionados, souberam conquistar apoios que o segregaram das turbas. E continuarão a subir à sua custa, gemendo e chorando, porque o caminho é feito de risos e de lágrimas. Um dia, estas estancarão e aqueles encolherão. O ser entrará em equilíbrio.

O presente livro atingiu a meta. Quem percorrer estes caminhos de ânimo leve, pouco lucrará com isso. É preciso calcorreá-los de olhos abertos. Coração, raciocínio, inteligência, irmanados no mesmo desejo de compreender. Muitas vezes isto não chegará ainda e a dúvida permanecerá, como sombra adusta, na consciência do leitor. Se tal se der, volte ao princípio, leia novamente, profunde o sentido das palavras e verá claridades que não vira. E num esforço introspectivo visionará o planalto a que subimos e poderá abarcar o grandioso da paisagem. Notar-se-á que só Deus existe e que o sofrimento está na falta de compreensão. Quem compreende, não sofre. A escada evolutiva está para lá da morte, ou antes, das mortes que aguardam o viandante. Esses fenómenos são os degraus da escada e representam portas abertas a caminhos novos e diferentes, pertencendo, embora, à mesma jornada.

(Do livro «Novos Caminhos», ditado pelo Espírito de Lia).

quando muitos daqueles jovens militares ainda não eram nascidos!

Uma outra visão registada por Motley, referente a uma batalha futura, foi presenceada em Utrecht por alguns soldados que se encontravam de guarda numa certa noite do ano de 1574.

Ante o pasmo dos mesmos, dois grandes exércitos avançavam no ar, com bandeiras desfraldadas, toque de clarins, etc., envolvendo-se pouco depois em terrível peleja, durante a qual se ouviam distintamente os gritos dos combatentes, as descargas de artilharia, o galope da cavalaria e outros ruídos próprios destas contendas. Após algum tempo, tudo se desvaneceu, deixando estupefactos os espectadores de tão insólito fenómeno.

Facto curioso: passados apenas alguns dias, essa batalha veio a ter lugar em todos os seus pormenores, ficando conhecida na história, pela batalha de *Moorkerheyde*.

A teoria de que tudo o que vai sucedendo se vai gravando no astral, não é, como se vê, aplicável a este caso, porque se a batalha real ainda não havia sido travada, não podia ter a correspondente imagem no astral, não podendo, também, aplicar-se-lhe a teoria espírita atrás citada. O caso da ilha de Tiree, está nas mesmas condições.

Como explicar então o curioso fenómeno? É tão vasto o campo do desconhecido, que toda a ciência do mundo não passa de microscópica gota de luz nas trevas da ignorância humana.

As visões dos acontecimentos futuros parecem confirmar, de forma particular, a teoria do Eterno Presente, admitida por homens como Myers, Oliver Lodge, Bergson, Kant, Schopenhauer, etc., segundo a qual o passado e o futuro são coisas relativas neste mundo de três dimensões — duma só, íamos a escrever e esta imperfeita, quanto ao progresso do espírito...

Em tais casos, as cenas e os acontecimentos futuros seriam tirados do eterno «cliché» universal, onde o passado e o futuro se fundem num sumptuoso conjunto de grandeza — o Eterno Presente, que o nosso actual estado evolutivo não pode compreender, mas que nos deixa conceber.

Aguardemos que o espírito científico se emancipe das velhas peias e preconceitos e desassombradamente, sem a fobia do ridículo, se resolva a enfrentar os problemas psíquicos, que não podem continuar no olvido, sem pôr em risco a civilização e a própria vida do planeta.

UM GRANDE COLABORADOR QUE DESAPARECE

D. Francisco de Noronha

À uma hora da manhã de 14 de Novembro abandonou a Terra D. Francisco de Noronha, na sua casa de Almada. O seu estilo fluente e por vezes gongórico fazia lembrar em similitude os velhos tempos arcádicos.

Homem de rija têmpera, conseguiu atingir a casa dos noventa, como Fontenelle, e, a exemple deste sábio astrónomo, encarou a vida como arena de trabalho.

Visitámo-lo em Abril na companhia de João José Pilar, tesoureiro do Centro Espiritualista Luz e Amor e amigo dedicado. Estava convalescente de grave enfermidade, mas os pulmões revelavam força assombrosa. Contudo, no seu espírito havia névoas intuitivas acerca do destino inexorável. O ciclo terreno acabava para ele e pouco tempo duraria o crepúsculo do trabalhador insigne, sempre pronto a auxiliar-nos com pensamentos elevados.

A surdez que o acompanhava há muitos anos obrigava-o a erguer a voz de estentor, dando-lhe ainda maior aparência de vitalidade. Mal diria a grande poetiza e nossa saudosa amiga Emília Pomar de Sousa Machado (foi ela que o iniciou na doutrina espírita) que D. Francisco exerceria nestas colunas acção tão nobre e eficaz. Mas quem era F. Noronha, o articulista inspirado que muitos julgavam em plena maturidade, pelo fogo do verbo e beleza dos conceitos?

Nasceu em 1863 numa quinta do Arripiado, à beira-Tejo, e a breve trecho foi entregue a sua tia Teresa de Noronha, casada com o bacharel João de Melo Carneiro Zagalo, delegado na comarca de Tomar. Três anos depois este é promovido a juiz e colocado na ilha Graciosa e para lá o levaram, regressando à Metrópole em 1868. Nessa ocasião, fazendo escala por S. Miguel, visitaram, em Ponta Delgada, a família de Antero, que estava ausente. Com as andanças do tio, esteve em Odemira e Castro D'aire, na primeira das quais aprendeu a ler com o professor José de Matos Reis e na segunda se aperfeiçoou com o padre José Joaquim da Costa Ferreira, que honrou o púlpito com grande brilho. Daqui passou a Mogadouro, Moncorvo e Vila Franca de Xira, onde um padre que regia ensino livre o habilitou para a instrução primária. Em seguida deambulou pela Bairrada, Estarreja, etc, passando depois pelo Seminário de Coimbra, sem, contudo, tomar ordens.

Grande admirador de Leão XIII, acompanhou a acção deste pontífice e foi convidade a biografá-lo na antiga revista O Ocidente.

Colaborador voluntário da imprensa regionalista, sempre que se lhe ofereceu, teve contacto com perto de 100 publicações. Foi também encarregado do Boletim de Emigração do Ministério do Interior e perito de emigração no «Bureau International du Travail (Sociedade das Nações).

Os políticos monárquicos despertaram-lhe o folheto «Excesso de Podridão», que circulou profusamente. Dizia que nunca tivera nem tinha coleira, mas jamais se atravessara a quem quer que fosse.

Depois de aposentado, só um valor o dominava: o livro: «E, felizmente — dizia-nos — esta paixão é satisfeita sem despesa para mim, que, aliás, me sujeito fàcilmente às circunstâncias em que me encontro. Nemo contentus sua, é frase latina que pessoalmente desminto».

A uma pergunta que lhe fizemos acerca de sua vida presente, respondeu-nos:

— Não estou isolado. Vive comigo um sobrinho experimentado neste cenário trágico da existência e que já não está em idade de ilusões. Os 90 batem-me à porta e a derradeira instância depara-se-me.

Admiramo-nos da sua fecundidade literária e do calor que imprimia aos artigos apologéticos, onde transparecia a cultura sólida do plumitivo que levou mais de sessenta anos e emitir pensamentos. Certa vez — já tivemos ocasião de o revelar — encheu 260 linguados de papel de uma assentada.

Coitado! Seus despojos foram enterrados em campa rasa no cemitério de Almada. Em torno do velho haviam-se aglomerado os corvos devoradores e a sua «ilusão» tornou-se realidade nua. Os «melhores amigos» é que o levaram à cova. Foi a doença moral e o desgosto que o arrebataram. As centenas de contos que possuía desapareceram, levados por mãos espúrias. No derradeiro instante não tinha um fato para vestir. Um antigo serviçal lho forneceu para a última viagem.

Curvemo-nos, respeitosos, ante aquele que foi colaborador eminente desta revista e nos deixou mais 14 trabalhos para publicar, tal a sua fecundidade literária!

Que o seu espírito liberto saiba amar e perdoar àqueles que por mor das paixões se perderam e na Terra ficaram amarrados ao opróbrio!

E. Psiq. - Nov/53

O PADRE ANGELO FANTONI

(Do "Jornal do Brasil" de 13-3-1953)

PUBLICÁMOS o ano passado uma crónica sobre o Padre Ângelo Fantoni, que embora não sendo médico, só ao ver um doente lhe diagnostica a doença e descreve com acerto o remédio. Chega-nos agora uma reportagem da revista «L'Época» a respeito do mesmo sacerdote, a qual vale a pena reproduzir no interesse de muitos leitores do «Jornal do Brasil» que receberam do dito padre receitas de remédios para os seus males, e que produziram seus efeitos.

A ciência oficial, representada pela Ordem dos Médicos de Arezzo, está travando uma batalha encarniçada contra o Pároco de Verniana de Monte São Savino, o qual, com seus diagnósticos acertados, curou prodigiosamente milhares de pessoas.

Há tempos o padre Ângelo Fantoni, o sacerdote que percebe a doença de uma pessoa ao simples aproximar-se dela, teve um pequeno incidente com a justiça. A Ordem dos Médicos de Arezzo, alarmada pela popularidade do padre e pelo desprezo de certa gente para com a ciência oficial, denunciou-o pelo exercício abusivo da arte médica. A denúncia teve seu prosseguimento e, chegado o momento de abrir a instrução do processo, o Pretor e o escrivão foram a Verniana de Monte São Savino, de que Padre Ângelo é pároco, para efectuar seu interrogatório e lavrar a respectiva acta. Estavam certos de que iriam ouvir um charlatão, e pelo caminho iam comentando com gargalhadas a próxima visita que estavam prestes a realizar. O Pretor imaginava o momento em que, com as suas perguntas e suas argumentações, poria o padre Ângelo em sérias dificuldades. Era voz comum que o padre Fantoni diagnosticasse as doenças do próximo sem ao menos tocar no paciente, limitando-se por vezes a apalpar o pulso. Dizia-se, outrossim, que graças à exactidão dos diagnósticos, conseguira alcançar curas prodigiosas de milhares de doentes. *Seus métodos de cura, porém, nada tinham de extraordinário. Eram constituídos por remédios normais, preparados na farmácia, ou por indicações de ervas, cujo segredo o Padre Ângelo não escondia.*

Ao chegarem à minúscula praça de Verniana, cercada de casas coloniais, o Pretor e o Escrivão sorriam com ares zombeteiros. A praça estava cheia de gente e de automóveis até o limite do possível. Havia automóveis até com chapa de Roma e de Milão e até da Suíça. A gente esperava em boa ordem e, com breves intervalos, alguém subia a casa do Padre Ângelo. Quando este descia, a multidão aglomerava-se ao redor dele, crivando-o de perguntas. Na maior compostura e severidade, como é conveniente para dois representantes da Justiça, o Pretor e o Escrivão avançaram entre a multidão e fizeram-se anunciar ao Senhor Vigário. Padre Ângelo estava em seu gabinete, entre as fotografias de seus pais, do corredor Bartali, de Padre Pio, tendo atrás das costas um prato sobre o qual estavam pintadas as palavras de Confúcio: «Na tua obra divina, não chegarão a recompensar-te os doentes, mas só o tempo que eles subtraem a teus maravilhosos estudos», e logo os recebeu, sorrindo plácido e rubicundo.

O Pretor e o Escrivão sentaram-se, sacaram de uma volumosa papelada e, enquanto o escrivão ia dispondo em boa ordem as folhas ainda virgens e a caneta e o tinteiro para lavrar a acta, o Pretor apresteou-se a falar. Queria dizer ao pároco do que era acusado, explicando-lhe que o exercício abusivo da arte médica era um crime particularmente odioso, porquanto atenta à incolumidade e ao mesmo tempo ofende à ciência médica. Mas não o fez a tempo. De repente Padre Ângelo, que o olhava de rosto fechado e perscrutador, apontou com o dedo rubicundo e gordinho o peito do hóspede e, em tom carinhoso, lhe disse. «*Tome cuidado, senhor juiz, o senhor tem uma úlcera que lhe causará sérios incómodos*».

Depois, dirigindo-se ao escrivão, asseverou: «*E o senhor, prezado escrivão, sofre duma boa colite... Alguém lhe notificou isso?*».

Estes dois diagnósticos, lançados à queima roupa às faces dos dois funcionários da justiça de Arezzo, foram decerto os mais felizes do padre de Verniana. Se depois acrescentarmos o facto de que o senhor Pretor tinha verdadeiramente uma úlcera no estômago e que o senhor escrivão, já há tempos sofria deveras de dores intestinais, como fora comprovado poucos dias depois por diagnóstico médico, compreende-se a popularidade do padre Ângelo e o facto de que em Verniana se tenha dado um fenómeno quase igual ao do padre Pio, até ao ponto de alarmar a própria igreja, que, conforme veremos, interveio com alguma decisão.

Padre Ângelo é um homem de cinquenta anos, alto e cheio de corpo, vermelho, de rosto encimado por óculos através dos quais brilham dois olhinhos argutos e inquisidores. Não tem aparência de médium ou de asceta, como legìtimamente se esperaria de um homem dotado de poder tão sólido. É esbelto, batalhador, arguto, uma espécie de Dom Camilo, a quem só faltava o hábito de lutar a socos, por ser isso nocivo ao próximo, cujo bem tanto estimava.

Seus pais eram camponeses, terceiro de treze filhos, dos quais dois, como ele, são sacerdotes. Há mais ou menos vinte anos, desde que, sendo pároco de Cardoso de Stazzema, um arraial perdido sobre os Alpes Apuanos, se tornou consciente do inexplicável fenómeno que o seu corpo experimentava desde pequenino.

Quando as pessoas doentes dele se aproximavam, o sangue subia-lhe à cabeça e tornava-se vermelho como uma cereja madura. Quando, ao invés, se defrontava com gente sã, sentia-se alegre e sereno, como de costume nos sentimos após uma boa digestão.

OS OLHOS DE PADRE ÂNGELO VÊEM TODOS OS MALES

O que fosse este fenómeno nunca o padre Ângelo tivera o cuidado de decifrá-lo. Chamava-o ele *fluido*. Na realidade, entre ele e a pessoa que lhe estava perto estabelecia-se como que um fluido. Andar pelas ruas entre a multidão constituía para o pobre pároco uma tortura inaudita. Com tantos doentes e sãos que lhe passavam ao lado o seu sangue subia e descia continuamente.

Mal chegava a soltar um suspiro de alívio quando cruzava com pessoa sã, e logo sentia inflamarem-se-

-lhe as faces por causa de um tal que em gravíssimo estado de saúde lhe dera um empurrão. Chegava ao ponto de sentir-se sufocar e, para não comprometer a sua própria saúde, era obrigado a tomar um taxi e deixar-se levar para a roça, onde só encontrava vacas, arvoredos e animais de quintal.

Em Cardoso de Stazzema gozava de relativa calma. Contudo, a paróquia estava sempre cheia de doentes. Ele descobria as causas das doenças e sua mãe curava-as. A genitora era uma guardiã ciosa de receitas populares em prol da saúde, uma daquelas camponesas que transmitem, vocalmente, de pai para filho, o segredo de uma pomada ou de uma decocção. Ele mesmo, porém, aprenderia a manejar as ervas: a quercina para as febres maltesas, o sabugo para as colites, a cauda de cavalo para as conjuntivites e a saboeira para as ciáticas.

É UM VIDENTE EXTRAORDINÁRIO

Em padre Ângelo o fervor religioso era sempre acompanhado pela paixão da medicina.

Naquele período, um dos seus mais ilustres clientes foi Mussolini, que ia veranear para Badia de Prataglia, junto de Camoldoli. Padre Ângelo ensinava catecismo aos filhos dele e, logo que o conheceu, disse-lhe: «Vossa Excelência tem uma úlcera no estômago». Mussolini, que na realidade sofria desse mal, tornou-se seu amigo e frequentemente o chamava a Roma para lhe trazer decocções e pílulas. Em Stazzema, padre Ângelo permaneceu muitos anos, mas, terminada a guerra, pediu para ser transferido para a província de Arezzo, onde nascera, por sentir que seus pais, embora sãos, estavam às portas da morte.

UMA VISITA HISTÓRICA

Enviaram-no pois para Verniana de Monte São Savino, uma pequena vila em cima de um outeiro, na província de Arezzo, com poucas dezenas de moradores, uma estrada inexistente, uma igreja meio desmoronada. A sua profecia acerca de seus pais verificou-se pouco depois da sua chegada. Padre Ângelo ficou pezaroso mas não surpreendido: era uma prova indiscutível do seu fluido. Mas a notícia correu logo de vila em vila e a gente tornou-se mais entusiasmada do que antes. Vinham às centenas, provocando incríveis episódios, como quando duas mil pessoas se aglomeraram diante da casa, arrancando duas portas e derrubando um pedaço de muro. Naqueles anos padre Ângelo coleccionou uma multidão de pessoas altamente colocadas, que ainda constituem uma *élite* de que se orgulha: a condessa Borgia, a condessa Chigi, Dona Helena Corsini, os deputados Carignani e Martini e Gino Bartali. Mediador do encontro com este último fora o padre Bruno France, vítima de uma intoxicação por ter comido, durante a Volta à França, uma banal coxinha de frango com o carimbo da alfândega. Sòmente padre Ângelo tinha sido capaz de apagar as consequências do carimbo alfandegário da saúde do padre Bruno, o qual, grato e entusiasta, lhe apresentou Bartali, que se sentia mal. A visita ao corredor é histórica. «Meu filho», disse-lhe o padre Ângelo, apalpando-lhe o pulso, «o senhor tem um princípio de artrite». Bartali, incrédulo, pôs-se a berrar: «dizer a um campeão de ciclismo que tem artrite é a mesma coisa que dizer a um cavalo que possui bonitas trunfas de cabelo».

Depois ficou convencido e deixou-se curar. Ao cabo de um mês estava completamente curado, como patenteia a fotografia com dedicatória presenteada ao padre Ângelo, que se tornara bartaliano. Por essa razão, quando algum tempo depois teve o ensejo de ver Coppi, teve cuidado de não aproximá-lo e disse-lhe que tomasse precauções: era fraco do estômago e, não se curando, estava sujeito a ter algum desgosto, o que, evidentemente, custou a Coppi todos os males do Giro da Itália e da Volta à França do ano de 1951.

Com efeito, em casos excepcionais, padre Ângelo afirma poder individualizar a doença mesmo de longe, mesmo olhando a fotografia do paciente. Assim aconteceu um dia em que uma senhora lhe mostrara o retrato do marido: revelou, sem demora, ter este numerosos cálculos no fígado. A senhora, que tinha na bolsa a radiografia da qual resultava o mesmo diagnóstico, pela emoção que sentiu, desmaiou. Em outras circunstâncias bastava-lhe ouvir a voz de uma pessoa para compreender que ela estava passando mal, como aconteceu, quando, ouvindo falar uma paroquiana, que todos julgavam gozar óptima saúde, sentiu inflamar-se-lhe a cabeça e compreendeu que a senhora se achava em estado gravíssimo. Os familiares, a quem procurou explicar a situação da senhora, chamaram-lhe doido. Mas uma semana depois a mulher estava morta, vítima de doença fulminante. Com a mesma facilidade assevera poder ler na alma da gente, revelando inexplicáveis pormenores sobre a vida de pessoas nunca vistas anteriormente. Compreende com certeza se a pessoa que o vai visitar é movida pelo interesse ou por céptica curiosidade; se tem confiança ou quer zombar dele. Um dia dois médicos foram à paróquia para indagar. Logo que eles atravessaram a soleira do seu pequeno consultório, padre Ângelo adivinhara-lhes a identidade. Um lampejo passou pelos seus olhinhos maliciosos e o seu carão arredondou-se num vago sorriso maldoso. «Que honra para mim — disse — em receber dois ilustres médicos vindos aqui para visitarem um pobre padre como eu! Decerto, porém, não quererão os senhores curar, com a medicina e com a ciência de que dispõem, a infecção que contrairam!....

Os dois médicos haviam realmente contraído uma infecção ao realizarem certos estudos e regressaram assombrados, como duas crianças que vêem o mar pela primeira vez... Qualquer que seja a atitude que se tome e qualquer que seja o juízo que se faça sobre alguns diagnósticos e algumas curas, não podemos deixar de ficar pasmados perante episódios realmente verificados e da desconcertante figura deste sacerdote. Estudiosos de ciências ocultas e de relações humanas, quiseram caracterizar o fenómeno do padre Ângelo, convidando-o, porém, inùtilmente, a tomar parte nos seus congressos internacionais de Génova e de Paris. Outros não hesitaram em reconhecer este seu poder sobre bases de explicações rigorosamente científicas, mesmo perante o problema da elevada percentagem de curas que o pároco alcança. Dizem que o choque psíquico de quem sente assinalar ou confirmar uma doença torna o terreno mais propício, quase o estado de graça ideal, para os bons resultados terapêuticos.

Naturalmente, os únicos a não estarem de acordo são os médicos. Era óbvio que eles negassem crédito a este padre, sempre em estudos de tratados de medicina, de revistas médicas que assina, para explicar doenças e receitar com uma imperturbabilidade que se aproxima do desafio. A hostil atitude deles concretizou-se na denúncia por exercício abusivo da arte médica feita contra o padre Ângelo pela Ordem dos Médicos de Arezzo. E por causa dela padre Ângelo sofreu muitos desgostos. Num primeiro tempo tudo pareceu ter boa solução: o juiz instrutor, que ouvira diagnosticar com tanta segurança a úlcera no seu estômago, tornou-se seu cliente e acabou por absolvê-lo na instrução do processo. Mas a sentença não agradou ao Procurador da República, Sr. Bigazzi, que a anulou, renovando a instrução. O incidente jurídico não conseguiu outra coisa senão acautelar as autoridades da igreja contra o padre Ângelo. O bispo de Arezzo, Dom Emanuel Mignone, chamou-o e proibiu-lhe receber doentes daquele dia em diante. Para o padre Ângelo isso foi como pancada de martelo na cabeça. Para ele, repelir o povo era a mesma coisa que renegar o Evangelho. «Está bem — respondeu —, enviá-los-ei a Vossa Excelência». Aconteceu que o bispo se achou com a casa cheia de gente implorante e ameaçadora, de sorte que, não sabendo a que partido se ater, os reenviou ao padre Ângelo, com a recomendação de não receitar remédio algum.

«Está bem — disse padre Ângelo —, farei passar a receita por um médico».

Desde algum tempo lograra a amizade de um irredutível inimigo, o doutor Jacinto Uva, um velho médico municipal, que durante meses e meses fora recolhendo provas e receitas para denunciar o padre à autoridade judiciária. Em seguida deram-se factos estranhos. Um menino, doente de raquitismo e por ele tratado sem sucesso, ficara definitivamente curado por padre Ângelo. Uma mulher, que estava de cama havia muitas semanas, voltara a trabalhar no campo após dois dias de tratamento. O velho doutor fora ter com o padre Ângelo para ver como ia esse negócio e, na soleira da porta, ouvira dizer-lhe: «Doutor, tome cuidado, o senhor tem a sua tensão muito baixa».

Também isto correspondia à verdade exacta e o doutor Uva, cofiando o seu bigode, resolveu trabalhar juntamente com o padre. Os diagnósticos teriam sido feitos pelo padre Ângelo e ele os teria confirmado e receitado os remédios.

ACTIVIDADE TOLERADA

A aliança demonstrou-se eficaz e dura ainda, mau grado a censura infligida pela Ordem dos Médicos ao Dr. Uva e a intimidação com que a Igreja proibiu ao padre Ângelo de continuar na sua actividade. A ordem peremptória viera de Roma, do cardeal Bruno, prefeito da S. Congregação do Concílio, e o bispo Mignoni procurou remediar escrevendo ao eminentíssimo purpurado uma carta em favor do padre Ângelo, que, depois de o ter curado de algumas doenças, tornara-se seu amigo e protector.

«Devo dizer a Vossa Eminência que o Padre Fantoni nada aceita de quem quer que seja. As ofertas, quem quer dá-las, deve depositá-las numa caixa da Igreja e vão para benefício público. Em princípio os médicos insistiram muito comigo para que, se não quisesse impedir-lhe a sua obra, o transferisse para outro lugar. Respondi que não podia impedi-lo de fazer bem e não queria criar um novo Padre Cristóforo».

Esta carta continha uma observação muito importante, isto é que Padre Ângelo não exigia dinheiro pelo que fazia.

As moedas oferecidas espontâneamente, em sinal de gratidão, tinham sido empregadas para trazer a luz eléctrica a Verniana, para reconstruir a igreja desmoronada e comprar um terreno para o cemitério que antes não existia, embora tudo isso não conseguisse deixar em paz o pobre Padre e não cessassem as vozes de que seria transferido.

Então Padre Ângelo perdeu a paciência e resolveu ir pessoalmente a Roma para procurar o Cardeal Bruno. O Perfeito da S. Congregação do Concílio recebeu-o conforme o Cerimonial, sentado na cadeira, em atitude muito severa. Quem presenciou a entrevista, dela fala como de coisa nunca vista. Padre Ângelo entrou, rubicundo e faceiro, fez uma bonita inclinação, beijou devotamente o anel do augusto prelado, depois levantou o olhar sobre ele e, com ares de humildade, diagnosticou: «*Mas Vossa Eminência tem bonquite crónica. Está cheio de catarro. Deve tratar-se*».

Inútil é acrescentar que o diagnóstico era certo. De então em diante não mais se falou de transferência. A actividade do Padre Ângelo é, por assim dizer, tolerada.

Quem quiser dela utilizar-se, mande sua fotografia ao abaixo assinado, com a quantia necessária para a despesa do correio e receberá a receita do remédio que precisa... o qual, se lhe não fizer bem, mal não lhe fará...

Mons. Dr. Felício Magaldi
(Pároco de Santo António).

LIVROS DE GRANDE VALOR

AS NOSSAS FORÇAS MENTAIS — Um verdadeiro monumento de saber erguido pelo poderoso cérebro de Prentice Mulford, onde se ensinam as leis da prosperidade, do triunfo, do bem-estar e da saúde. Os seus ensinos têm confortado milhões de seres.

4 grossos volumes brochados — 170$00; encadernados — 270$00

MAGIA MENTAL, *por W. W Alkinson* — Obra grandiosa onde o estudante do ocultismo aprende a governar os pensamentos a ponto de adquirir uma força poderosa que lhe dará numerosos benefícios para utilizar em prol da humanidade.

1 volume brochado — 70$00

MAGIA PRÁTICA, *de Papus* — O mais completo tratado de magia prática. Adaptação, realização e teoria da magia, com um apêndice sobre a história e a biografia da evolução mágica e um vocabulário da magia dos campos, dos filtros do amor, etc.

1 volume de 600 páginas e 160 gravuras — 120$00

ALIMENTAÇÃO

Por S. TEIXEIRA

TODAS as correntes de espiritualismo esotérico dispensam certa importância à questão alimentar. Purificar os veículos inferiores é o primeiro passo do neófito. Contudo, cremos que nenhuma escola de ocultismo, pelo menos ocidental, impõe aos seus filiados regras de alimentação. O discípulo descobrirá por si, ao percorrer o caminho, a regra de conduta que mais lhe convém.

Diz-se que os grandes iniciados eram vegetarianos, tais como Buda, Jesus, Sócrates, Platão, etc.

Consultando os Evangelhos, nada nos diz que o Mestre Jesus se alimentasse de maneira diferente da dos doze companheiros que, como pescadores, tinham por base de alimentação o peixe, como é lógico deduzir. Não há dúvida de que alguns deles tinham preocupações quanto à dieta. Ou eram puros vegetarianos ou, considerando a carne dos animais alimento impuro, usavam, todavia, o peixe.

Vamos ver, através das contradições aparentes das Sagradas Escrituras, qual a alimentação que convém aos indivíduos que desejam avançar no Caminho. Comecemos por citar Daniel, certamente o maior mago da antiguidade:

«Daniel assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia; portanto pediu ao chefe dos eunucos que lhe concedesse não se contaminar. Então disse ao dispenseiro... experimenta, peço-te, os teus servos dez dias, fazendo que nos dêem legumes a comer e água a beber». Daniel, como rezam as Escrituras, devido a uma intriga, foi metido na cova dos leões famintos, que mal algum lhe fizeram.

«E ouvi uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro; mata e come. Mas eu disse: De maneira nenhuma, Senhor; pois que nunca na minha boca entrou coisa alguma comum ou imunda». Note-se que o apóstolo punha a pureza como coisa de primordial importância. Um apóstolo de hoje diria: «De modo nenhum, Senhor; a morte repugna-me. Tu dás a vida; só tu a podes tirar às tuas criaturas», e assim não seria censurado por julgar impura a criação, obra de Deus.

«Bom é não comer carne nem beber vinho, nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece...». (Epístola de Paulo aos Romanos).

«Pelo que, se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne...» (idem, aos Coríntios).

Muitas são as citações de abstenção contidas no Velho e Novo Testamento; como também há muitas passagens em que não se vê qualquer preocupação abstinente. Deixa-se, pois, o discípulo entregue ao seu discernimento, certo de que, oportunamente, escolherá o que melhor lhe convier. Consciência implica responsabilidade. A Lei não tem a mesma severidade para a criança e para o adulto. O Homem começa a despertar no homem.

Apesar de ainda serem tolerados pùblicamente espectáculos que torturam os pobres animais, tais como touradas, tiro aos pombos, luta de galos, etc., destaca-se uma forte corrente de opinião pública que condena manifestações de barbárie como atentatórias contra a dignidade humana.

Quanto à alimentação carnívora, há-de vir um dia em que será posta definitivamente de parte. É mesmo possível que esse dia não esteja longe. Uns já se abstêm devido aos distúrbios patológicos que provoca, pois não se infringe impunemente a Lei (há quem opine que o extraordinário desenvolvimento do cancro, nos últimos anos, se deve ao abuso da carne); outros, porque a consciência vai despertando e se convenceram de que, para viver, não precisam de fazer derramar o sangue dos animais, que são, segundo a filosofia espirita, irmãos em grau inferior de evolução.

Se tratarmos com carinho e delicadeza um gato, animal que o vulgo diz não conhecer o dono, notar-se-á que adquire características diferentes dos gatos vulgares, se torna inteligente e dedicadíssimo ao dono.

Também é certo que se todos os indivíduos que actualmente usam a carne como alimento fossem obrigados a sacrificar os animais pelas próprias mãos, uma grande parte, cremos, privar-se-ia do prazer material de comer, para evitar a tortura moral de matar.

O FUTURO DA METAPSÍQUICA

(Trad. de I. D. S.)

Há pessoas que negam autenticidade a factos belamente demonstrados, mas não duvidam narrar com prazer um facto pessoal que julguem ter visto e que nada absolutamente significa. É muito curioso! — Charles Richet.

Charles Richet foi um grande mestre, investigador profundo dos fenómenos supranormais, o pai da metapsíquica, ciência que os pretende explicar em sua causa e mecanismo; a sua contribuição ao conhecimento da mediunidade e faculdades mediúnicas dos sensitivos tem sido valiosíssima. Este artigo apareceu um ano após a sua desencarnação; e se apresenta conceitos que parecem colidir com alguns postulados espiritas, representa fundada esperança num futuro luminoso da ciência espiritual, conduzindo o homem a destinos superiores.

1

A metapsíquica — palavra que eu criei há trinta anos e que se tornou clássica, é o conjunto das ciências ocultas antigas. É com esse nome que agora se conhecem? Pode-se e até se deve fazer esta pergunta. Realmente, não basta uma palavra nova para formar uma ciência.

Nos últimos cinquenta anos registaram-se grande número de factos e escreveram-se milhares de volumes, de livros, de periódicos e de revistas. Ao lado dos inúmeros factos habituais que nos rodeiam constantemente, podem produzir-se fenómenos inabituais.

A diversidade das coisas é infinita e universal. Quando em matemática se diz *a* e *b*, ou $\frac{a}{b}$, ou a^3, sabe-se perfeitamente o que se quer dizer.

Entretanto, foram apenas abstracções, simples concepções do espírito, porque, se denominarmos as coisas da natureza por *a* e *b*, jamais conseguiremos raciocínios irrefutáveis como em matemática, visto que não existem nem existirão na natureza dois *aa* ou dois *bb* idênticos.

Num grande montão de areia — por maior que seja — não há dois pequenos grãos que tenham exactamente e absolutamente a mesma forma, o mesmo peso, a mesma cor, a mesma situação no espaço. Em matemática, todos os *aa* são iguais. Na natureza não há, nunca houve dois objectos de igualdade perfeita. Pode até acontecer que esta pequena proveta em que se agitam milhares de milhões de átomos de hidrogénio, não tenha um só que seja idêntico a outro. É a imperfeição de nossos sentidos e de nossos aparelhos que nos leva a concluir a sua identidade.

Se temos que admitir esta diversidade entre os átomos, com muito mais razão a devemos aceitar entre os seres vivos. Não há dois grãos de trigo exactamente iguais. Semeiem-nos e verão depois se os grãos crescem com o mesmo vigor.

Num carreiro de formigas, embora não possamos distingui-las, não há duas formigas iguais. Cada uma caminha com velocidade diferente.

Que dizer então dos homens? A fisiologia ensina que não há duas gotas de sangue iguais.

2

Aceite o princípio de que não há identidade entre os seres humanos, compreende-se que pode haver criaturas profundamente diferentes do comum dos homens que tenham propriedades psicológicas e mecânicas que os separem nitidamente da multidão humana. Chamemos-lhes entes excepcionais ou médiuns (eis a palavra execrável) e estaremos imediatamente no domínio do ocultismo, isto é, do inabitual.

3

Há duas espécies de médiuns: os que têm propriedades *psicológicas* excepcionais e os que têm propriedades *mecânicas, físico-químicas,* muito mais excepcionais.

Que testemunho poderemos dar destes poderes excepcionais? Primeiramente, a autoridade dos sábios, e depois a do grande público.

4

Invocarei em primeiro lugar a autoridade dos sábios. É muito difícil dizer que se enganaram ou que foram enganados. Semelhante objecção está ao alcance do primeiro tolo que apareça.

Quando o grande Crookes conta que no seu laboratório viu Katie King, fantasma capaz de viver, mover-se e respirar ao lado da médium — Florence Cook — pode o referido tolo encolher os ombros e dizer: «É impossível; Crookes é um imbecil». Tal apreciação não me causa o menor estremecimento. Serei eu quem terá o direito de encolher os ombros ao ouvir classificar de *imbecil* o grande Crookes, porque não foi ele, o pobre tolo, que descobriu o *talium,* nem a matéria radiante, nem as ampolas que nos dão a luz eléctrica. Pouco importa também que a reboque do tolo surja em enxame de jornalistas que nada viram e nada estudaram e me digam que a opinião de Crookes não é convincente: é coisa que não me comove.

Ainda se Crookes estivesse só! Mas não! Há uns cinquenta sábios pelo menos (grandes sábios) que narram fenómenos extraordinários. Terei então de supor que todos eles são farsantes ou loucos?

Os fenómenos produzidos por Eusápia Paladino foram testemunhados e confirmados por ilustres experimentadores; por Morselli, um dos maiores psiquiatras de Itália; pelo célebre Lombroso, por Botazzi, Foa, Herlitzka, professores de fisiologia nas Universidades italianas; por Oliver Lodge, por Albert de Rochas... O testemunho formal de um só destes grandes homens seria suficiente...

O grande matemático Zöllner viu fenómenos asombrosos com o médium Slade. Station Moses, sacerdote de rara penetração de espírito e de lealdade absoluta, obser-

vou em si mesmo, durante dez anos, fenómenos muito singulares que o seu amigo Epeer descreveu com todos os pormenores.

5

Quanto aos fenómenos objectivos da Metapsíquica, acumulam-se com tanta abundância e são garantidos por tais autoridades, que é preciso tapar os olhos para não reconhecer a sua existência. Citarei apenas as palavras bem típicas dos meus ilustres amigos William Crookes e Oliver Lodge:

Disse Crookes: «Eu não digo que os fenómenos são possíveis, digo que são reais». E Lodge: «Quem se recusa a admitir estas realidades diminui-se a si mesmo».

6

É esta a opinião dos sábios. Quanto ao público especial que aceita os factos da Metapsíquica, esse aumenta diàriamente em quantidade e qualidade. Há no mundo da a lealdade e simplicidade, recusam-se a admitir a veracidade destes factos. Pode-se perguntar porquê?... Responderei com uma só palavra: porque se trata do *inabitual*.

Nós não queremos admitir um fenómeno desde que não seja habitual. O inabitual é inverosímil. Agora só admitimos verdades novas, se forem verosímeis.

7

A metapsíquica divide-se em duas partes: mental e objectiva. A metapsíquica mental pode resumir-se numa frase curta: *factor que os sentidos normais não podem revelar e que, no entanto, chegam ao conhecimento humano.*

Certos indivíduos, como, por exemplo, o gentil-homem e hábil engenheiro polaco Stephane Ossowietzki, podem ler, ao simples apalpamento de mãos, o que está num sobrescrito fechado. Também se conhecem centenas de casos em que a morte de uma pessoa se tornou certos de Roma, Berlim, Londres, ou Nova Iorque. Não é, portanto, absurdo supor que a realidade, através de certas vibrações misteriosas, mas desconhecidas, seja recebida por certos indivíduos mais sensíveis do que a maioria dos homens.

8

A metapsíquica mecânica, físico-química, é ainda mais inverosímil — se é possível — que a sensibilidade às ondas vibratórias das coisas reais. E ponho resolutamente de lado os fenómenos singulares das mesas e da varinha divinatória. Quero supor que os movimentos das mesas e da varinha são apenas devidos a contracções musculares inconscientes do médium.

Mas há muito mais. Primeiro há os «raps» (percussões), isto é, vibrações sonoras produzidas no interior da madeira, acompanhadas de ruídos e de pancadas. Ora *estas pancadas são inteligentes,* quer dizer, respondem às perguntas feitas,

Por CHARLES RICHET

mais de 360 sociedades espiritas (1) e a propaganda espirita é servida por uma centena de periódicos em todas as línguas e em todos os países. Há congressos internacionais onde homens sérios e honestos se reunem, ora em Copenhague, ora em Atenas, uma vez em Varsóvia, outra vez em Londres ou em Milão, para expôr o que todos viram ou julgam ter ouvido.

A bibliografia desta nova ciência é extremamente volumosa. Só os títulos das obras ocupariam mais de 50 páginas desta revista (2).

É certo que aparecem muitas lucubrações doentias, muitas afirmações sem prova, algumas fraudes e muitas ilusões; mas seria impossível, sob pena de pôr em dúvida todo o testemunho humano, afirmar que na fenomenologia espirita só há erros e mentiras.

Apesar de todas as provas dadas, apesar da descrição minuciosa das experiências, muitas pessoas, com toconhecida através de um sonho verídico.

Um exemplo mais — e esta é a parte mais surpreendente da metapsíquica —: um acontecimento futuro é claramente anunciado com grande antecedência, dias, semanas ou meses. É o que se chama *premonição.*

Myers chamou *telepatia* à sensação sincrónica e sinérgica entre dois cérebros humanos. O pensamento de A evocaria em B um pensamento análogo, mais ou menos simbólico. Os sócios da Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas e o sábio Warcollier pensam que toda a lucidez supranormal se explica pela telepatia; mas eu julgo que a telepatia é um caso especial e que é preciso ir muito mais longe. Porque a realidade, seja ela qual for, chega ao conhecimento de B, antes que A a conheça.

Além disso, nos descobrimentos recentes temos um magnífico exemplo de vibração de realidade que, fora do alcance dos nossos sentidos imperfeitos, se espalha pelo universo inteiro, no silêncio nocturno. Enquanto escrevo estas linhas, não posso ouvir o que se diz em Roma, em Berlim, em Londres, em Nova Iorque. Mas se eu tivesse um receptor apropriado de T. S. F., ouviria nitidamente os discursos ou os concomo, por exemplo, na célebre experiência de Hydesville, quando as duas irmãs Fox imaginaram a confusa história do Espiritismo.

Há também os prolongamentos extraordinários que saiem do corpo do médium e a que dei o nome de *ectoplasmas,* que podem tomar a forma de mãos, braços, e revestir formas complicadas, tornando-se verdadeiros fantasmas. Porque há fantasmas!

Crookes viu-os. Schrenck-Notzing também os viu, assim como Osty e Morselli.

Estes faantasmas foram fotografados em condições irrepreensíveis. Puderam tirar-lhes o molde das mãos e dos braços. Puderam verificar que começavam por um vapor que, pouco a pouco, se plasmava, se transformava em rosto, cabeça que se elevava do solo e desaparecia como nuvem depois de haver tomado, durante segundos e às vezes minutos, toda a aparência de criatura humana, caminhando, respirando, falando como qualquer pessoa.

Quantos fenómenos não poderia citar ainda!...

9

Uma ciência não consiste apenas num montão de factos disparatados. Um monte de pedras não é uma

(1) Este conceito é errado. Só no Rio de Janeiro há mais de 300 e na América do Norte cerca de 3.000, não falando na Inglaterra e no resto do mundo. — *Nota do tradutor.*

(2) «Le Mois».

catedral. Pois bem! Até agora, os factos autênticos, inverosímeis e absurdos do ponto de vista dos nossos hábitos ancestrais, têm-se acumulado, sem podermos encontrar o laço que os une. Uma conclusão formal é quase impossível, mas é necessário intentá-la. Para isso, há três hipóteses.

Primeira — Os narradores das observações ou das experiências realizadas são de credulidade infantil. A metapsíquica nada tem de verdadeiro; nem uma só palavra deve subsistir dos milhares de vocábulos compactos que a tal respeito foram escritos. Os sábios que descreveram esses fenómenos foram grosseiramente enganados.

Crookes, Myers, Zöllner, A. de Rochas, Flammarion, Osty, Geley e até eu, não passamos de uns simplórios.

Eis, pouco mais ou menos, a opinião dos nossos sábios colegas e correligionários.

Mas eu creio que o erro está do lado deles, tanto mais que as suas negações são feitas *a priori*. Não foi após longa experimentação que eles concluiram que a metapsíquica não existe; foi sem ter visto coisa alguma, sem ter visto fosse o que fosse, que eles tiveram a audácia de negar.

E a sua atitude explica-se, porque se trata do inabitual. Quando um químico ou um fisiólogo faz uma experiência, terá bom êxito, se as condições estiverem bem determinadas. Mas em metapsíquica não acontece nada de semelhante. Os mais poderosos médiuns que em dez experiências tenham obtido resultados admiráveis podem falhar completamente na undécima e na décima terceira, apesar das condições de experimentação terem sido idênticas, na aparência.

Então, — a não ser que se disponha de paciência sobre-humana — desanima-se e tenta-se lançar nas gemónias toda a experimentação anterior.

Isto sucede, em parte, com o estudo dos meteóritos. Se, para tirar uma conclusão, esperam ver cair um meteórito, arriscam-se a passar o resto da vida a esperar e a duvidar; e eu posso comparar aqueles que esperam a queda de um meteórito para crer na existência de meteóritos, com as numerosas pessoas que me dizem: «Eu acreditaria nos factos, se visse um deles».

Na verdade, não merecem crédito algum as opiniões negativas *a priori*. Portanto, *consideremos verdadeiros a maior parte dos fenómenos inabituais da metapsíquica, mas dupliquemos o rigor, antes de admiti-los como autênticos.*

Segunda — A inteligência humana, muitas vezes dotada de poderes misteriosos, é capaz de conhecer, por fragmentos, certas realidades que os sentidos normais lhe não revelaram, como se as realidades emitissem vibrações, as quais comunicariam aos médiuns, sob a forma de símbolos, algumas parcelas da realidade. E isto não necessita da intervenção de nova personagem.

Mas há muito mais: a máquina humana pode emitir prolongamentos, *ectoplasmas*, que moverão as mesas, criarão seres fantasmáticos com aspecto de seres reais(ideoplastias).

Todavia, quantas inverosimilhanças! Que inextrincáveis problemas! Temos, assim, de conceder poderes quase divinos a certos humanos, com a reconstrução (psicológica ou material) de um ente humano com todos os atributos da vida.

Realmente, é ultrapassar prodigiosamente o resultado de uma experiência ou de uma observação.

Terceira — Com algumas modificações, a dos espiritas, de que o homem, por si mesmo, é nada ou quase nada; mas, frequentemente é auxiliado por forças estranhas — anjos ou demónios —, por desencarnados susceptíveis de pôr a matéria em movimento.

Mas, nesta hipótese, também, quantas suposições fantásticas não somos obrigados a fazer!...

Nenhuma necessidade vejo em insistir que deparamos com enormes inverosimilhanças. *E, contudo, em certos casos, esta hipótese é, realmente, a mais racional.*

Deste modo, temos que aceitar como explicação dos factos metapsíquicos uma ou outra, talvez uma e outra destas ridículas hipótesee.

10

Uma verdade ressalta evidente: é que nós não sabemos nada, nem das pessoas, nem das coisas. Materializações, aparições, casas encantadas, *apports* maravilhosos, e, sobretudo, as premonições, tudo isto nos prova que o inabitual intervém a cada instante (ou pelo menos pode intervir) em nossa precária existência.

Vivemos como num sonho e talvez não tenhamos compreendido coisa alguma das agitações e dos tumultos de tal sonho. Estamos inconscientemente envolvidos pelo inabitual, que muitas vezes é de realidade pasmosa.

E isto permite-nos ter grandes esperanças.

Quem sabe o que nos espera? O tempo e o espaço talvez sejam apenas formas defeituosas do nosso intelecto.

Quem sabe se um dia não despertaremos e, com laivos reminiscentes, não veremos realidades muito superiores às pobres concepções de um mundo espirita tristemente copiado do nosso mundo material?!...

A ciência estabeleceu que todas as coisas são vibrações desse misterioso éter que, segundo a frequência de suas ondas, pode assumir formas múltiplas e originar as mas diversas sensações. Provàvelmente, a nossa vida e a nossa inteligência fazem parte dessas vibrações, Ora. uma vibração nunca poderá desaparecer.

Os mares ainda estão agitados pelo sulco dos navios de Cleópatra.

Bem sei que essas considerações ficam um pouco vaporosas; mas em presença dos factos extraordinários que se comprimem à nossa volta e que são visíveis a quem abrir os olhos, certo que é permitida a evasão momentânea deste mundo material e mesquinho, em vez de se procurarem explicações alambicadas, ou tentar explicações ridículas de factos inexplicáveis.

11

Em todo o caso, apesar desta incursão nas nuvens. é preciso não perder o equilíbrio nem abandonar o terreno sagrado da ciência experimental. Se quisermos que a grande esperança se transforme em realidade, é preciso observar e experimentar, experimentar e observar. Então, talvez encontremos os elos que ligam entre si os factos numerosos, incoerentes, dispersos, que provocam o nosso assombro, porque são inabituais e, por conseguinte, inverosímeis.

O progresso realizado há meio século pela ciência oculta autoriza-nos a esperar isso.

E, principalmente, visto que a vida é como um sonho; visto que factos estranhos nos autorizam a esperar um poder maior e um futuro melhor; visto que talvez palpitem em redor de nós forças desconhecidas, provàvelmente benéficas, façamos tudo por esse futuro, tornemo-nos dignos dessas forças.

Tenhamos contra a ignorância e contra o ódio o culto da verdade e do amor. Saibamos amar o bem e detestar o mal.

(De «Progreso Espirita», de Buenos Aires, em transcrição de «Le Mois», de Paris.

PROVAS? MAS, SUAVES...

Por LEOPOLDO MACHADO
(correspondente em Nova-Iguaçú)

DIZEM que uma prova, ou um mal, nunca vem só. Quem deve, paga. E, pagar o que se deve, não nos parece que seja um mal.

Nunca estivemos, graças a Deus, em fase de tantos pagamentos de velhas e tenebrosas dívidas acumuladas em vidas criminosas!

★

Oito dias depois do desastre da filha, Maria da Conceição, resgatámos mais uma dívida muito séria.

Foi na noite de S. Bartolomeu, a 24 de Agosto de 1953.

Noite que, se um ano houve em que foi trágica na França, pelo trucidamento de protestantes e huguenotes por ordem de Carlos IX, insuflado pelo fanatismo de Catarina de Médicis, não deixa de trazer sempre ventos fortes e catastróficos em nosso clima e zona.

Deixámos, ao cair da noite, o LAR DE JESUS, rumo de casa.

A igreja pentecostal vizinha recepcionava um político em evidência, com músicas, vivas e discursos berrantes.

Começou a soprar forte, o vento.

— Cuidado, que é o vento da noite de S. Bartolomeu!!!

O *Auditorium Marilia Barbosa*, de nosso Colégio, que seria inaugurado pelo encerramento das aulas do *Colégio Leopoldo*, com a colação de grau da turma do ano em curso, já estava com todas as paredes de pé, com o vigamento para as telhas assente.

O vento transformou-se em tufão. Sibilou forte e impetuoso, derrubou a primeira parede do *Auditorium*, contra a segunda e esta contra a nossa residência, que dista, apenas, metro e meio do Colégio. Uma trave da cumieira fura as telhas da casa, o forro e vai rebentar o rádio que irradiava melodias profanas. Alarme em casa, da irmã e dos filhos. Metemo-nos no quarto, construído, com a nossa viuvez, nos fundos do prédio, a orar, a agradecer a Deus por mais aquela prova, a deprecar-lhe força e coragem para suportá-la. Coragem e força para nós e para a nossa gente.

A irmã, muito nervosa e vendo os filhos pequeninos a chorar, apavorados, sugeriu, inquietíssima:

— Vamos para a casa do vizinho, que tudo isto vem abaixo!

— Não virá. Só está desabando a parte atingida pela parede do *Auditorium*.

— Vamos, sim, que vai cair o restante.

— Eu não vou. Prefiro ficar orando, a dar graças a Deus por mais este desastre. Não vou!

A esse lance, caiem as outras vigas, as outras paredes. Mas, as paredes da casa residencial resistiram. Então, a orar, mesmo dentro da angústia do momento, lembramo-nos do que disséramos, há quinze anos, ao construtor, quando se construía a casa da mana. «Você parece que está construindo casa com cuspo e areia. Ponha cimento e pedra nisso, homem!».

— Entretanto, se o Ginásio cair sobre ela, não a derrubará, fique certo disso.

E a casa não ruíu, efectivamente.

Quando amainou o vendaval, em lugar do *Auditorium*, destroços, ruínas, escombros.

— E o construtor? — perguntareis.

Um confrade sem carta de construtor. Esperava uma oportunidade para tirá-la, sob garantia de uma grande obra. O *Auditorium* seria a garantia desejada há tempos. Infelicidade, ou desonestidade dele? Parece que as duas coisas juntas. Podíamos chamá-lo à responsabilidade, jurìdicamente. Mas, para quê? Não seria levar mais aflições ao aflito?...

Tudo, no fim, muito certo. Quem deve, paga. E nós pagamos, no presente, graças a Deus, ou levado por velhas provas do passado, ou por não sabermos escolher gente capaz e competente. Saldamos, de um ou outro modo, dívidas seriíssimas. Foi um desastre-tipo, *queda e coice*. A queda, o desabamento do *Auditorium*. O coice, o desabamento sobre a nossa residência. Tudo orçando um prejuízo de uns cinquenta mil cruzeiros. Certo, para quem, trabalhando sem férias desde os dez anos, não chegou a fazer fortuna, nunca teve propriedades, nem cadernetas recheadas de banco. Connosco, mais do que com qualquer outro, ajusta-se o velho adágio: «Quem nasceu para vintém, não chega a tostão...».

Provas? Sim, mas levíssimas, graças a Deus!

O CAODAISMO

por HENRI REGNAULT

(Correspondente em Paris)

O meu fim, ao apresentar este relato do Caodaísmo ao Congresso de Casabranca, não é só mostrar em pormenor o que é esta religião oriunda do Espiritismo. Desejo simplesmente levar a sua existência ao conhecimento dos Congressistas. Os interessados podem enviar-me o seu endereço, que eu terei o prazer de lhes enviar gratuitamente a obra póstuma de Gabriel Gobron, intitulada «História e Filosofia do Caodaísmo». Basta que me escrevam para 10, Rue Léon Delhomme, XVeme, Paris.

Em 1925 os espiritas da Conchinchina recebiam mensagens de grande elevação moral. No noite de 24 de Dezembro um dos Espíritos revelou o seu nome, que havia ocultado. Ao manifestar-se, Cao-Daí deu também as instruções necessárias para a criação de uma religião baseada nos seus ensinos.

No princípio de 1926 fundou-se o Caodaísmo, mas seis anos depois o sr. Ngo-Van-Chieu, alto funcionário do Governo da Conchinchina, aderia ao Espiritismo e recebia de Espíritos superiores as instruções tendentes à sua evolução espiritual. Entre esses Espíritos encontrava-se Cao-Daí.

Após a manifestação de 24 de Dezembro de 1925, Cao-Daí iniciou os seus discípulos na nova doutrina. Eram jovens anamitas, secretários de diversas administrações importantes (Alfândegas, Serviços Públicos, Caminhos de Ferro, etc.) ou de grandes sociedades. Como escreveu Jean Ross no *Colon Français*, eles «mantiveram conversações com os Espíritos superiores do mundo oculto, a quem pediam conselho. E nenhuma dúvida aflorava à sua mente acerca da natureza das conversações, pois que, partilhando do mesmo ponto de vista, não supunham que qualquer deles fosse capaz de uma intrujisse; além disso, porque certas comunicações revelavam tal elevação de sentimento e conhecimentos científicos e filosóficos tão profundos, que nenhum deles os poderia subscrever».

O correspondente do Além pediu aos jovens espiritas que se relacionassem com o sr. Ngo-Van-Chieu, muito versado em Espiritismo, que lhes ensinaria a trabalhar com a cesta de bico (uma espécie de prancheta), a qual permitiria receber as mensagens mais ràpidamente do que pela mesa.

Por indicação do mesmo Espírito, encontraram o velho mandarim conchinchinês Lé-Van-Trung, cuja existência ignoravam e que também praticava o Espiritismo. Lé-Van-Trung conhecia bem Ngo-Van-Chieu.

«Já depois dos cinquenta anos — diz Jean Ross — Lé-Van-Trung, que passava por materialista impenitente, mas que era espirita amador, tomou como aviso do Alto o facto de ter sido designado com Ngo-Van-Chieu aos jovens espiritas. Desde então resolveu seguir uma vida exemplar e mostrar-se digno da missão que lhe fora revelada por Cao-Daí. Esta conversão miraculosa grangeou-lhe um primeiro núcleo de adeptos procedentes de famílias abastadas ou desempenhando funções administrativas de ordem elevada».

O Caodaísmo estava fundado. Numerosas sessões se realizaram, principalmente em Cholou-Ville, em Cangioc, Locgiang, Tandinh, Thuduc e Cankho, e dois médiuns foram ligados a cada oratório para receber os ensinamentos do Grande Mestre.

Em 7 de Outubro de 1926, vinte e oito pessoas assinaram a declaração oficial dirigida ao Governador da Conchinchina, dando-lhe a conhecer a existência do Caodaísmo, como nova religião. Hoje, tem mais de dois milhões de fiéis. Tolerante para com todas as crenças, o Caodaísmo respeita as consciências humanas, como respeita a Consciência Universal, que vem de Deus, que é o «incomensurável, o Eterno, o Muito Alto, o Absoluto e sem nome».

Esta religião é a mais simples que existe e o seu fim é conciliar todas as convicções religiosas e adaptar-se a todos os graus de evolução espiritual. Pratica o amor universal e o caodaísta não deve apenas conciliar os homens como irmãos, mas ser bom para os animais e as plantas.

O Caodaísmo liga os seus adeptos entre si e os encarnados actuais com os desencarnados de todos os tempos. Os caodaístas são tolerantes em extremo, pois esta religião

não pode atacar nenhuma outra. Em suas preces, os caodaístas veneram os Espíritos superiores que em diversas épocas foram benfeitores da humanidade. Não esquecem nenhum deles. O Cristo, o Buda Gautama, Confúcio e os diferentes génios da antiguidade são mencionados nas orações. Os Deuses asiáticos são ligados aos Deuses europeus. Nos templos do Caodaísmo, crentes descrentes podem orar segundo os seus desígnios.

O Caodaísmo aceita a teoria da reencarnação. Assim como escreveu Tran-Quang-Vinh, «o conhecimento desta lei permitirá aos homens destruir o egoismo, o ódio, a inveja e o orgulho. Ensinará a todos que devem aceitar o sofrimento para atingir a perfeição da alma e auxiliará a compreender as causas das desigualdades terrenas».

Numa carta que escreveu a Gabriel Gobron, então delegado do Caodaísmo, Sua Santidade Ho-Phás-Pham-Cong-Tac, chefe actual desta religião, exprimia-se assim:

«As religiões são como as Faculdades: superficialmente, os seus dogmas, crenças, etc., parece não se harmonizarem entre si e estão muitas vezes em oposição. Devem ser assim, porque um homem tem um gosto, uma inclinação, um desejo, uma instrução e educação completamente diferente dos do seu vizinho. As religiões foram criadas assim, por causa do estado de civilização dos povos, do seu grau de evolução, do ambiente, do meio em que vivem, dos seus hábitos, de seus costumes, mas sobre estas coisas tão divergentes há o Criador, Deus, isto é, a Consciência Universal, que une todos os homens, apesar das diversas cores da pele e do seu grau de civilização».

Esta missiva foi escrita ao meu excelente confrade Gabriel Gobron em 25 de Março de 1938. Depois sobreveio a guerra mundial, hoje terminada, é certo, embora haja países vergados ainda ao horrível pesadelo. Na sua esfera, os caodaístas prosseguem tenazmente na sua obra de união e fraternidade. A sua religião, tão influente já, apesar da sua jovialidade, é o traço de união entre o Oriente e o Ocidente.

Acabo de levar ao conhecimento dos Congressistas de Casabranca esta mensagem de paz, de bondade e de fraternidade.

Exprimindo-lhes o meu pesar de não poder estar com eles, bastará que lhes manifeste o desejo de que recebam o livro póstumo de Grabiel Gobron, intitulado «História e Filosofia do Caodaísmo».

(I. D. S. traduziu)

O ENSINO RELIGIOSO

por José Simões de Matos

A religião cristã, antes de ser ensinada, deve ser vivida em espírito e verdade por aqueles que têm a missão de a propagar, pela escrita ou pela palavra. Julgamos o ensino religioso necessário. Mas o lugar mais apropriado de praticá-lo e ensiná-lo é o lar. A escola ajuda e deve ser considerada como a parte teórica do mesmo ensino. A verdadeira prática está no lar. E se os pais não praticam o que ensinam, também pouco adianta a teoria da escola.

A religião é missão dos pais aos filhos. As várias escolas religiosas devem dedicar-se mais ao esclarecimento e conversão dos pais para que estes melhor possam cumprir sua misão no ensino cristão e prático dos filhos.

O Cristianismo tem a sua base no lar, santuário da família e célula máter da pátria em que vivemos.

Os fracassos da juventude e da mocidade devem ser levados, em sua maioria, à conta das faltas dos pais que descuraram ou não souberam esclarecer e educar seus filhos, como era necessário. Especialmente na parte religiosa, à luz do Evangelho, que é o roteiro a seguir. Depois, que esperar de filhos cujos pais, além de não praticarem, fazem crítica de tudo que diz respeito à religião, que em sua maioria desconhecem?

E se a conhecem, tudo procuram aniquilar com seu enraizado pessimismo! Não se dão conta, esses pais, da responsabilidade que lhes cabe na educação dos filhos e, mais tarde, quando vêm os defeitos, procuram culpar os outros; mas a causa do fracasso vem da falta de educação.

Tais elementos constituem, em grande parte, o número de desajustados que perambulam sem norte, através de vilas e cidades, dando trabalho à polícia, à família e à sociedade, que sofrem à vista de tais quadros.

Entretanto, não devemos confundir o dever religioso, com o ser religioso..

O dever religioso é uma coisa. Ser religioso é outra. A religião do espírito tem a sua base na consciência e nos mantém ligados ao Pai por Jesus, nosso Mestre, na conformidade de seu Evangelho, todo amor, compreensão e tolerância. Este é o religioso.

O religioso por dever é um ser que obedece mais à escola ou igreja do que à sua consciência. Age e pratica mais por rotina do que por conhecimento próprio. Podem ser bem intencionados; mas, por ignorância ou fraqueza moral, tornam-se intolerantes com os adeptos de outras crenças e, nestas condições, também são péssimos educadores da religião que professam.

PORTO ALEGRE — BRASIL

PROPAGANDO UMA DOUTRINA

O Espiritismo, como doutrina essencialmente dinâmica que é, precisa de ser propagado em todos os sentidos. Assim como o Sol quando nasce é para todos, conforme diz um adágio popular, da mesma forma a nossa doutrina deve ser conhecida por crédulos e incrédulos, materialistas e espiritualistas, alicerçando as convicções de muitos e obrigando a meditar alguns indiferentes e incrédulos. É necessário (já várias vezes aqui o temos dito) que o Espiritismo saia do âmbito acanhado dos centros e venha cá para fora, para junto do povo, da multidão desencontrada dos nossos dias, que se move em todas as direcções, à procura de uma tábua salvadora onde se possa agarrar, já que as religiões não conseguiram dar-lhe, após 20 séculos de cristianismo, aquilo que ela queria. O Espiritismo, compreendendo a sua alta missão, afirmando que o seu papel não se deve limitar exclusivamente ao campo científico e filosófico, mas deve ser também um Espiritismo de *vivos* para *vivos*, tem promovido conferências nos mais diversos locais, tem distribuído milhares e milhares de folhetos, para que todos possam ficar conhecendo as ideias que nos norteiam, os nobres princípios que defendemos.

Entre nós — apesar de ventos contrários que não têm deixado de soprar — alguma coisa de útil se tem feito. Mercê, em grande parte, da grande actividade que o *Centro Espiritualista Luz e Amor* vem há 14 anos realizando, o Espiritismo encontra-se hoje difundido em todas as camadas sociais e em todos os sectores da opinião pública. Recordemo-nos — e isto só como exemplo do muito que se poderia dizer — dessas duas jornadas heróicas, que foram as conferências do saudoso Coronel Faure da Rosa no *Cinema Condes* e do Dr. Ramos Pereira no *Teatro do Ginásio*. Nessa altura, muitos que faziam ideia errada da Parapsicologia e do Espiritismo viram as suas opiniões destruídas e convenceram-se de que estes assuntos merecem estudo sério.

Coube agora a vez a Isidoro Duarte Santos — um dos mais incansáveis propagandistas do Espiritismo em Portugal — de fazer uma conferência fora da sede, na cidade de Santarém. Isidoro Duarte Santos é conhecido por todos, quer como director desta revista, quer como presidente do Centro, quer como escritor espiritualista de reconhecido mérito, quer como conferencista de verbo fluente, que sabe prender uma plateia inteira. Não admira, portanto, que a sua conferência, intitulada «Uma Doutrina Regeneradora», fosse esperada, na cidade de Santarém, com grande ansiedade, aumentada ainda pela notícia da sua realização, dada pela *Rádio Ribatejo*, quer na véspera, quer no próprio dia.

*

O dia 8 de Outubro estava magnífico! Sol doirado, céu limpo e temperatura admirável, parecendo assim que até a Natureza queria contribuir com a sua quota parte no êxito da jornada que se ia empreender. Poucos minutos depois das 15 horas, Isidoro Duarte Santos chega a Santarém, acompanhado pelos confrades Raul Ribeiro, Túlio Rosa, José Pilar e António Cardoso. A sua chegada era esperada por Marecos Henriques — director da *Filial do Centro Espiritualista Luz e Amor* — e por outros dedicados confrades. Depois de abraços e cumprimentos, como a conferência só começasse às 17 horas, visitou-se a sede do Centro, situada em pleno coração da cidade, embora num lugar sem movimento (óptimo para o sossego que os trabalhos experimentais requerem), e ainda as famosas *Portas do Sol*, donde se desfruta um panorama admirável, difícil de traduzir por palavras.

A hora da conferência aproximava-se e todos se dirigiram para o *Grémio Literário Guilherme de Azevedo*, onde ela se realizaria e onde já numerosa assistência esperava ansiosamente o seu começo. Por todas essas pessoas foram distribuídos folhetos de propaganda e alguns números de *Estudos Psíquicos*. Formou-se a mesa, presidindo Marecos Henriques, secretariado pelo Tenente Francisco de Freitas Moura, Francisco Henriques, Francisco Ribeiro de Almeida Júnior, José Pilar e António Cardoso.

Dispensando o protocolo da apresentação, o nosso director começou por agradecer às autoridades e à Direcção do Grémio Literário todas as facilidades que tinham sido dadas para a realização da sua conferência.

Entrando pròpriamente no assunto, em fluente improviso, recordou alguns princípios fundamentais acerca da constituição da matéria, apresentando as principais características dos diversos tipos de moléculas (mineral, vegetal, animal, etc.) e mostrou, com enorme clareza, usando de uma linguagem fluente que prendeu durante o seu trabalho toda a assistência, que a evolução não se manifesta só no aspecto físico, como Darwin e outros demonstraram, mas também no psíquico. «A memória dormita em cada reencarnação para reaparecer depois da morte — afirmou o orador, apresentando provas científicas, filosóficas e éticas que corroboraram plenamente a afirmação —; e só a teoria da reencarnação é capaz de explicar as desigualdades existentes de indivíduo para indivíduo, só ela é capaz de explicar muitos problemas psicológicos até hoje tidos como insolúveis».

UMA CONFERÊNCIA
SANTOS NA CIDA

A existência do perespírito foi em seguida tratado pelo conferencista. «Sem ele — afirmou — nenhum ser poderia desenvolver normalmente o organismo e prover à manutenção e reparação do corpo somático; o próprio feto humano não seria um ser em formação, mas simples massa amorfa sem transcendência».

E continuando:

«Como poderia eu manter a recordação de inúmeros acontecimentos de que fui protagonista, se as minhas células orgânicas se renovam muitas vezes durante a vida que estou vivendo?».

Referiu-se depois às aparições de vivos, só explicáveis pela existência do perispírito.

Passando à estrutura da alma humana, estabeleceu as principais características do consciente, subconsciente e inconsciente, afirmando que neste se encontram os materiais acumulados pelo ser durante as suas vidas passadas.

Entrando na descrição dos mais vulgares fenómenos metapsicológicos, referiu-se às materializações, às actuações, aos fenómenos de efeitos físicos, *apports*, escrita directa, psicografia, etc. — tudo isto numa linguagem clara, com numerosos exemplos que ilustravam a sua brilhante exposição. Disse que a maioria dos fenómenos chamados de incorporação não passam de meras actuações, pois que a verdadeira incorporação implica ajustamento integral do perispírito da entidade ao corpo do médium, e este fenómeno há muito é conhecido com o nome de *possessão*. Acrescentou que em muitos trabalhos a obscuridade total ou parcial é necessária, pois a luz branca incomoda por vezes o médium, e desfaz a matéria ectoplásmica, no caso de materializações. Mostrou ainda que muitos dos fenómenos que

E ISIDORO DUARTE
E DE SANTARÉM

acabara de narrar só tinham solução satisfatória recorrendo-se à hipótese espírita. «Eu não venho aqui fazer a apologia de uma doutrina — afirmou Isidoro Duarte Santos — venho como simples expositor apresentar factos e ideias. Cada um que tire as conclusões mais racionais». Recordou, a propósito, que um dia Allan Kardec, antes de se ter dedicado à Doutrina que o havia de imortalizar, fora convidado por um amigo a assistir a uma sessão de Espiritismo. Como livre-pensador que era, lá foi desejoso de tudo ver e tudo estudar. À saída, o amigo que o levara vê que Kardec se mantinha silencioso e pensativo. — «Que pensas?» — perguntou-lhe. — «Penso no que estará por trás das pancadas que ouvi durante a sessão». E foi assim — disse o orador — que um espírito inteligente como Allan Kardec, movido por enorme desejo de saber, por inesgotável amor à Verdade, codificou uma doutrina — Ciência, Filosofia e Moral — que é o Espiritismo.

Falando em seguida nos fenómenos anímicos (acção a distância, exteriorização da sensibilidade, telepatia, clarividência, etc.), afirmou que eles não vinham negar o Espiritismo, mas confirmá-lo — como já exuberantemente havia mostrado Ernesto Bozzano no seu magistral «Animismo ou Espiritismo?».

Entrando na última parte da conferência, o orador mostrou que o Espiritismo está de acordo com todas as ciências: Com as Físico-químicas, mostrando o paralelismo entre a unidade de matéria e a unidade de força; com a Fisiologia, mostrando como o conceito de perispírito está conforme com as teorias de Claude Bernard; com a Psicologia, com o Hipnotismo Superior, com a Filosofia, etc., etc.

Disse que de todos os factos que o Espiritismo nos oferece, uma moral nova se deduz, moral que assenta em três princípios fundamentais: 1.º Conhecimento das leis e das condições evolutivas; 2.º Necessidade do livre desenvolvimento individual; 3.º Noção da relatividade da liberdade moral apoiada na compreensão do mal e das desigualdades humanas. Daqui — afirmou o conferencista — várias conclusões se tiram:

— O ser deve trabalhar, dando provas de bondade.

— Nunca prejudicar o semelhante.

— Evitar a fadiga e todos os perigos inúteis; combater o suicídio.

— Não deve considerar os prazeres terrestres como «pecados», mas lembrar-se de que os prazeres elevados é que promovem a evolução individual.

— Deve renunciar a prazeres que causem dano a outrem.

— A pátria e a família serão consideradas mais amplamente e generosamente.

— As desigualdades humanas são a verdadeira essência da humanidade evolucionada.

E terminou, afirmando que também os animais devem merecer a nossa atenção e amizade, pois eles são grandes amigos e auxiliares do homem.

Uma grande salva de palmas ecoou na plateia, aplausos que traduziram bem o apreço da assistência pelo notabilíssimo trabalho que acabava de ser apresentado, a aceitação que as ideias do orador tiveram entre os presentes.

Marecos Henriques, como presidente da mesa, e, como já dissemos, presidente da *Filial do Centro Espiritualista Luz e Amor* em Santarém, agradeceu a Isidoro Santos a magistral lição que havia dado, afirmando que conferências como aquela serviam não só para os homens alargarem o horizonte dos seus conhecimentos, mas também para estreitarem os laços de amizade que deviam unir todos os seres.

Tal como Isidoro Santos, foi também muito aplaudido.

A sessão estava encerrada.

Mais uma jornada heróica se tinha consumado.

Muitas pessoas da assistência — é um facto digno de registo — apresentaram cumprimentos de parabéns ao conferencista, felicitando-o pelo seu belo trabalho. Isidoro Santos, porém, sem a menor parcela de vaidade, com aquela simplicidade que todos lhe conhecem e admiram, agradecia por delicadeza, pois no seu íntimo sentia que estava ali a cumprir um dever, uma simples obrigação que o Ideal lhe impunha.

★

Saindo do Grémio Literário, Isidoro Santos dirigiu-se à Filial do Centro E. Luz e Amor na companhia de vários confrades, onde proferiu algumas palavras. Falou em certas fases críticas que o Centro de Santarém tem atravessado, afirmando a certeza de que, ajudados pelo Alto, todas as contrariedades desapareceriam, todas as dificuldades seriam vencidas. Citando a frase bíblica «Amai os vossos inimigos», disse que ninguém devia irradiar pensamentos inferiores sobre os irmãos que abandonaram o Centro e seguiram novos rumos.

— Fizeram bem — disse Isidoro Santos —; seguiram o caminho de acordo com a sua consciência. Não os censuremos por isso! E se um dia decidirem voltar, para bem da Causa, não lhes vireis as costas. Não! Recebei-os de braços abertos, como amigos, como irmãos que todos devemos ser.

Isidoro Santos terminou a sua palestra com uma prece, pedindo Paz, Alegria e Felicidade para todos os homens.

E foi assim, num ambiente de alta espiritualidade, que terminou a jornada que o *Centro E. Luz e Amor* realizou em Santarém.

No Alto, certamente, os Guias do Centro deviam estar satisfeitos por verem que o *Centro E. Luz e Amor* está entregue a um Homem — com H grande — que sabe interpretar fielmente os mais altos princípios do Espiritismo, propagando-o desassombradamente pela palavra, pela pena e, sobretudo, pelo exemplo.

A. C.

O PODER DO EXEMPLO

O Hospital Infantil de Muquí, Estado do Espirito Santo (Brasil)

Por HENRIQUE MAGALHÃES

Já lá vão sete anos! E que saudades devem ter dessa época as duas pessoas de que nos vamos ocupar! São momentos que se passam connosco uma só vez na vida, momentos inspirados, que não voltam mais! Se os soubermos aproveitar, com coragem e denodo, poderemos aguardar, desde logo, muitos trabalhos e canseiras, mas também gozos inefáveis nos proporcionarão.

Certa vez, D. Marília Machado, esposa de Leopoldo, ao ler determinado apelo, desceu de Nova-Iguaçú à capital da República, a fim de assistir a uma pobre mãe desamparada e doente, com quatro filhinhos. Após entregar roupinhas, dinheiro, mantimentos e brinquedos, teve esta inspiração sublime: «Vamos fundar, em Nova-Iguaçú, uma Casa para agasalhar a senhora e a seus filhinhos, e outras mães desamparadas. Essa Casa chamar-se-á «LAR DE JESUS». E, juntando o exemplo à palavra, iniciou a obra, inaugurada pouco tempo depois.

Vem a propósito a fundação do Hospital Infantil de Muquí.

A 12 de Outubro de 1946, dois companheiros de ideal saíram da sua pequena cidade — Muquí — para a sede do município — Mimoso do Sul —, a fim de registar o Estatuto do Grupo Espirita de Muquí. Nem imaginar podiam que aquela viagem ficaria marcada a letras de fogo no espiritismo da sua terra.

Registado o Grupo Espirita, foram, na companhia de Ceciliano de Melo Portinho, visitar as obras do Hospital Apóstolo Pedro, ainda em começo. Depois de todos os informes e examinada a obra nos seus mínimos detalhes, despediram-se daquele confrade. Podemos analisar o seu estado de alma pelas impressões que trocaram os dois. Um fogo devorador os consumia, fogo sagrado, queimando os últimos resquícios da inércia e vida cómoda. As impressões eram no sentido de seguir o exemplo do Portinho. Se aquele confrade, quase só, tinha metido ombros a empreitada tão difícil e gigantesca, qual a de levar avante a construção de um hospital, porque, também eles e seus companheiros de Muquí, não fariam o mesmo?

Um dos dois confrades comentou:

— Escuta, Lugon; como poderemos levar avante tal ideia, se o Grupo não tem um tostão! (tostão, moeda antiga, com o equivalente a 10 centavos na actualidade).

O outro respondeu:

— Não faz mal. Deus vai ajudar-nos.

Foi assim, amigo leitor, que nasceu o Hospital Infantil de Muquí.

Benditos, portanto, esses dois companheiros e todos os outros que os secundaram na obra que realizaram.

Nascida a ideia, iniciou-se desde logo a propaganda.

Mas uma pessoa havia na pequena cidade que não gostou do caso em si. Dizemos uma, porque todos os outros habitantes aplaudiram frenèticamente tal ideia. Como não ser assim, se aqueles milhares de criaturas não tinham um hospital, ou mesmo ambulatório, onde pudessem tratar as doenças de seus filhos?!

A única pessoa que não gostou da coisa foi o pároco local. Sim — deveria ele dizer com os seus botões —, quem ousará fazer um hospital em meus domínios? Eu é que mando aqui e se hospital houver algum dia, esse deve ser construído por católicos. Jamais consentirei que Satanás se intrometa com as minhas ovelhas...

Durante cinco meses consecutivos, esse ilustre sacerdote, aos domingos, no sermão da missa, não se esquecia de repetir que o hospital projectado era obra demoníaca. E foi mais longe, afirmando que os espiritas pediam para um hospital, mas, na realidade, eles queriam construir o seu «Centro Espirita» e o dinheiro angariado das suas ovelhas destinava-se justamente a esse fim!

Esta passagem, real em todos os pormenores, faz-nos lembrar uma outra, muito interessante também, passada há uns quinze anos em Teresópolis, bonita cidade fluminense. Nessa época, um confrade nosso teve a luminosa ideia de fundar um Albergue Nocturno para os desamparados. A ideia correu célere, principalmente no comércio, por ser muito assediado pelos pobres pedintes. O nosso companheiro deu-lhe carácter leigo por não haver quase nenhum espirita na cidade. Entraram, portanto, para o Grupo que se estava organizando, gregos e troianos, ou sejam católicos, espiritas, protestantes e ateus. O que se projectava não era nenhuma igreja ou seita religiosa, mas sim uma casa onde pudessem recolher todos os necessitados, sem distinção de raças, cor ou religião.

Certo dia, uma das senhoras que se achava empolgada pela ideia e já vinha trabalhando na mesma encontrou-se com uma amiga e contou-lhe a «boa nova». A outra escutou-a com toda a atenção e perguntou onde nascera ideia tão admirável.

— A senhora não sabe? — respondeu a comunicante —. Partiu do dentista, aquele bom do Rigomedes.

— Do Rigomedes! — respondeu a interlocutora, com os olhos desmedidamente abertos —. Não pode ser. Esse homem tem parte com o diabo.

— ?...

— Então a senhora não sabe que o Rigomedes é espirita? Pois fique sabendo que é e até faz reuniões com o demónio, em sua casa.

Sem mais resposta da outra, continuou:

— Não fique triste, dona fulana; vamos continuar com o trabalho que a senhora e esse biltre iniciaram, mas, antes, vamos à igreja falar com sua eminência.

A criatura ficou estupefacta. Jamais lhe passou pela cabeça que o Dr. Rigomedes fosse espirita. Assim, aceitou os conselhos da amiga e tocaram as duas para a igreja.

O sacerdote ouviu-as em profundo silêncio e naturalmente procurou desde logo tirar partido, pois sabia que estava falando com pessoas respeitáveis e de vastos recursos. Aplaudiu a ideia, mas acrescentou que o dinheiro angariado seria dividido em duas partes, uma das quais seria aplicada na conclusão da igreja.

E assim ficou assente. O nosso confrade, o «diabólico» Rigomedes, foi posto de lado e as duas mulheres, mais o padre e a comissão que o mesmo nomeou para esse fim, entraram firmes no trabalho de angariamento. Uma senhora doou da sua parte a quantia de 50.000 cruzeiros, que hoje deveriam valer uns 500.000.

No final dos trabalhos tinham angariado 400 e tantos mil cruzeiros, quantia elevada naquele tempo.

As obras da igreja tomaram impulso, embora não acabassem na época, pois tiveram de fazer, mais tarde, novos peditórios. Quanto ao Albergue Nocturno, esse ainda não foi construído.

Lembrei-me de trazer este pitéu aos leitores para fazer um paralelo do que pregava o sacerdote de Muqui, afirmando que os espiritas da cidade pediam para o Hospital, mas, na realidade, segundo sua eminência, o dinheiro destinava-se à construção do Centro Espirita de Muqui.

Quem sabe se esse sacerdote sabia o que tinha realizado o seu colega em Teresópolis!?

Que nos perdoe sua eminência, pois calculamos que deve ser um homem de bem. Mas o que está errado é ele ajuizar mal as criaturas sem saber o que lhes vai no íntimo.

Essa propaganda do pároco contra a formação do hospital produziu o seu efeito, De um lado, algumas das «ovelhas» fecharam a bolsa, em obediência ao seu guia espiritual, e, de outro, os católicos mais esclarecidos não deram ouvidos ao sacerdote, cooperando, daí em diante, com mais ardor.

Aparando o golpe, os espiritas começaram desde logo a trabalhar também para construir a sede, a fim de provar que o que pediam para o hospital era para o hospital.

Como primeiro passo começaram por comprar um terreno. Acontece, no entanto, que o terreno era foreiro à igreja e o sacerdote não quis consentir na construção do Centro Espirita. Fincou o pé e não consentiu mesmo. Houve desolação por parte dos espiritas. O seu projecto ia por água abaixo. Foi quando surgiu certa pessoa que se ofereceu para comprar o foro — embora por bom preço — e colocou-o à disposição dos espiritas. Estava vencida a batalha! Construiu-se, portanto, a sede própria do Centro Espirita bem próximo do Hospital.

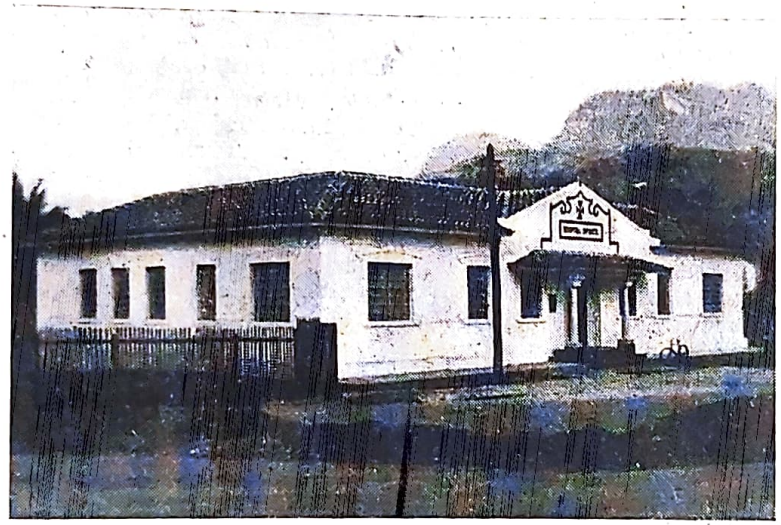
É desnecessário dizer que o sacerdote ficou zangado. Pudera, depois de tanto trabalho perdido...

Passemos agora a palavra ao mensário *A Senda*, que nos dirá em pormenor o que foi a inauguração do Hospital Infantil de Muqui:

«Como parte do programa de festejos do Dia de Muqui, foi inaugurado o Hospital Infantil de Muqui, o segundo do Estado, montado dentro da moderna técnica hospitalar e com o total de 28 leitos.

Iniciativa do Grupo Espirita de Muqui, recebeu o apoio da população do Município e dos poderes públicos, sendo, na frase feliz do seu Director Médico, «uma obra de gigantes, construída por pigmeus».

O acto contou com a presença do governador, Sr. Jones dos Santos Neves, e sua comitiva, de que faziam parte três Secretários de Estado (Fazenda, Interior e Viação), o Director do Departamento Estadual de Saúde, Dr. Jaime dos Santos Neves, incansável trabalhador em prol da expansão e eficiência dos serviços de assistência médico-social no Estado, o Dr. Jolindo Martins, Chefe do Serviço de Higiene Infantil do Departamento Estadual de Saúde e representante do Departamento Nacional da Criança no Estado, um dos maiores amigos da infância desvalida no Espirito Santo, além de várias outras autoridades estaduais e federais.



O HOSPITAL INFANTIL DE MUQUI
Estado do Espirito Santo — Brasil

«Estiveram presentes também os deputados federais Dr. Francisco de Aguiar e Dr. Álvaro Castelo e os prefeitos municipais de Muqui, Mimoso do Sul e Cachoeiro de Itapemirim, estes dois últimos por representantes credenciados.

«Foi uma festa espirita em todas as suas manifestações, acorrendo à graciosa cidade sulina representações de várias instituições espiritas do Estado e da Capital Federal, destacando-se o representante do Conselho Federativo Nacional da Federação Espirita Brasileira, que representava também a Casa da Mãe Pobre, do Rio, e o Delegado da Federação junto ao Conselho Federativo, o Presidente da Federação Espirita do Espirito Santo, acumulando a representação do órgão oficial da Federação Espirita Estadual, «A Senda», na qualidade de seu Director e do Grupo Espirita Maria Madalena, como seu vice-presidente, o representante do Hospital Apóstolo Pedro de Mimoso do Sul, e membro de um dos grupos espiritas da mesma cidade, o representante do Grupo Espirita Páscoa de Jesus,de Mimoso do Sul, e Centro Espirita de Apiacá, representantes do Centro Espirita Jerónimo Ribeiro, de Cachoeiro de Itapemirim, sendo a delegação chefiada pelo seu Presidente, representantes dos Centro Espirita «André Luís» do Distrito Federal e o Presidente do Centro Espirita Paz e Amor a Deus, de São Torquato o qual integrava também a delegação da Federação Espirita do Estado, como dos seus mais dedicados colaboradores.

«O acto teve lugar no dia 24 de Junho, às treze horas, mas desde o dia 23 festejavam o notável feito, realizando uma sessão ordinária, já com a presença de vários representantes de organizações co-irmãs. No dia 24 às dez horas, realizou-se a sessão comemorativa, na qual usaram da palavra todos os representantes de sociedades espiritas presentes e dois oradores do Grupo local.

«Às treze horas, no acto inaugural, foram ouvidos o presidente do Grupo local, o director-médico do hospital, o representante do Governador e do Departamento Nacional da Criança, o presidente da Federação Espirita do Estado, o representante do Conselho Federativo da Federação Espirita Brasi-

leira e o Prefeito Municipal de Muqui. Todos exaltaram a notável obra dos espiritas de Muqui, devendo assinalar-se afirmações do representante do Senhor Governador e do Prefeito Municipal, como um reconhecimento dos poderes públicos pela obra realizada e como promessa de amparo, sem restrições, à manutenção da casa de caridade que o sentimento humanitário dos confrades de Muqui ofertou à população local, cumprindo os ensinamentos de Jesus.

«O Hospital Infantil de Muqui é uma afirmação de fé e capacidade de realização, valendo, sobretudo, como demonstração positiva de que é possível chegar-se, com êxito, ao fim de jornadas difíceis, desde que a fibra dos responsáveis não permita o arrefecimento do seu ânimo, proporcionando oportunidade para a transposição de todos os obstáculos.

«Pedir aos que têm para os que não têm, é uma jornada árdua, mas a sinceridade de propósitos convence, mesmo os corações mais endurecidos, e isso poderemos constatar na pujante realização daqueles trabalhadores de ânimo inquebrantável do Grupo Espírita de Muqui, pois a contribuição oficial representou, até o momento, menos de vinte por cento do dispêndio total da obra, significando mais de oitenta por cento a contribuição particular, constante de solicitações ou ofertas.

«As despesas de construção e montagem elevaram-se a mais de UM MILHÃO DE CRUZEIROS, estando o Hospital dotado de sala de operações com o respectivo equipamento anexo para esterilização, aparelhos para ràdioterapia, duas enfermarias com o total de 28 leitos, sendo uma para meninos e outra para meninas, dois quartos particulares com acompanhantes, refeitório, cozinha, secção de rouparia, sala para curativos e interessante área descoberta e ajardinada, em que são dispostas as cadeirinhas para a acomodação dos pequenos enfermos, contendo dísticos de sã moral. Além destas instalações, contém os necessários complementos.

«Extenso terreno proporcionou aos realizadores dessa obra desenvolver importante cultura de caridade, chamando a si a obrigação de administrá-la, numa admirável distribuição de tarefas, onde os mínimos detalhes são estudados e discutidos, com o propósito de assegurar a possibilidade de atingir o objectivo que inspirou a sua construção, — gratuidade e assistência».

MEDITAÇÃO

Por RÚBENS C. ROMANELI

QUANDO, nas horas de íntimo desgosto, o desalento te invadir a alma e as lágrimas te aflorarem aos olhos, busca-me: Eu sou Aquele que sabe sufocar-te o pranto e estancar-te as lágrimas;

QUANDO te julgares incompreendido dos que te circundam e vires que, em torno, a indiferença recrudesce, acerca-te de Mim: Eu sou a *LUZ*, sob cujos raios se aclaram a pureza de tuas intenções e a nobreza de teus sentimentos;

QUANDO se te extinguir o ânimo para arrostares as vicissitudes da vida e te achares na iminência de desfalecer, chama-me: *EU* sou a *FORÇA* capaz de remover-te as pedras dos caminhos e sobrepor-te às adversidades do mundo;

QUANDO, inclementes, te açoutarem os vendavais da sorte e já não souberes onde reclinar a cabeça, corre para junto de Mim: Eu sou o *REFÚGIO*, em cujo seio encontrarás guarida para o teu corpo e tranquilidade para o teu espírito;

QUANDO te faltar a calma, nos momentos de maior aflição, e te considerares incapaz de conservar a serenidade de espírito, invoca-me: Eu sou a *PACIÊNCIA* que te faz vencer os transes mais dolorosos e triunfar nas situações mais difíceis;

QUANDO te debateres nos paroxismos da dor e tiveres a alma ulcerada pelos abrolhos dos caminhos, grita por Mim: Eu sou o *BÁLSAMO* que te cicatriza as chagas e te minora os padecimentos;

QUANDO o mundo te iludir com suas promessas falazes e perceberes que já ninguém pode inspirar-te confiança, vem a Mim: Eu sou a *SINCERIDADE*, que sabe corresponder à fraqueza de tuas atitudes e à exelcitude de teus ideais;

QUANDO a tristeza e a melancolia te povoarem o coração e tudo te causar aborrecimento, clama por Mim: Eu sou a *ALEGRIA*, que te insufla um alento novo e te faz conhecer os encantos de teu mundo interior;

QUANDO. um a um, te fenecerem os ideais mais belos e te sentires no auge do desespero, apela para Mim: Eu sou a *ESPERANÇA*, que te robustece a fé e te acalenta os sonhos;

QUANDO a impiedade se recusar a relevar-te as faltas e experimentares a dureza do coração humano, procura-me: Eu sou o *PERDÃO*, que te levanta o ânimo e promove a reabilitação de teu espírito;

QUANDO duvidares de tudo, até de tuas próprias convicções, e o cepticismo te avassalar a alma, recorre a Mim: Eu sou a *CRENÇA*, que te inunda de luz o entendimento e te habilita para a conquista da felicidade;

QUANDO já não provares a sublimidade de uma afeição terna e sincera e te desiludires do sentimento de teu semelhante, aproxima-te de Mim: Eu sou a *RENÚNCIA*, que te ensina a olvidar a ingratidão dos homens e a esquecer a incompreensão do mundo; e

QUANDO, enfim, quiseres saber quem sou, pergunta ao riacho que murmura e ao pássaro que canta, à flor que desabrocha e à estrela que cintila, ao moço que espera e ao velho que recorda. Eu sou a dinâmica da vida e a harmonia da Natureza: chama-me *AMOR*, o remédio para todos os males que te atormentam o espírito.

Estende-me, pois, a tua mão, ó alma filha de minhalma, que eu te conduzirei, numa sequência de êxtases e deslumbramentos, às serenas mansões do Infinito, sob a luz brilhante da Eternidade.

(De *Mundo Espírita*, de Curitiba).

DA ORIGEM DO ESPIRITISMO

Por DAMIÃO DE VASCONCELOS

O culto dos mortos, nasceu principalmente da interpretação primitiva dos sonhos em que apareciam amigos ou parentes defuntos. Estes fantasmas dos sonhos foram os primeiros testemunhos da sobrevivência. O homem primitivo acreditou neles, e, como a sua existência nocturna e misteriosa os aureolava de terror, de amor e de curiosidade, depressa os rodearam de um culto destinado a lisonjeá-los, a respeitá-los, a conquistar-lhes o afecto e a desviar as suas cóleras.

Esse culto encontra-se em toda a parte, nos tempos primitivos, juntamente com o da Natureza, e, em muitos casos, a fusão de ambos apressa a transformação do animismo primitivo em espiritismo.

Poderá ser ilusório, fantástico, isso tudo que o homem das primeiras idades realmente viu e que, agora, recordado, a memória lhe recorda? Evidentemente que não.

Desde logo o mundo interno, o mundo dos outros e o mundo dos sonhos, se povoa de espíritos, de almas, de sombras, de terror.

Quando, pois, o homem primitivo dorme e sonha, supõe viver de um modo tão positivo como quando está acordado. As evocações da memória, passando-lhe no cérebro como as fantasias multicores do caleidescopo, tem para ele tanta realidade como esse turbilhão de astros que lhe passa diante da vista matizando o fundo obscuro do firmamento. Depois, a própria singularidade do que viu dormindo aguça-lhe a atenção no despertar: recorda, memora, medita, interpreta, e em volta das fogueiras, encruzados, cismadores, os selvagens contam entre si o que viram, por onde andaram a noite da véspera. O contacto da curiosidade é como a lenha no fogo: aumenta o volume das labaredas de uma imaginação plástica, excitando o cérebro, lançando na memória o germe da vida do Além.

Fechados os olhos, dormindo, abrem-se as portas de um mundo incógnito. Começam as viagens da alma, ou as visitas de outras almas que vêm tratar com a nossa.

Sabido isto, e uma vez concebida a alma, o homem animizou tudo, absolutamente tudo. Se a alma é Vida, tudo o que vive tem alma: vegetais, animais; se a alma é imagem, não há objecto inanimado, porque não há coisa irrepresentável. E assim sucedeu logo, pois o mundo inteiro povoou-se de almas.

A população inteira dos ares, dos bosques, das águas, é uma coorte de espíritos ou almas que vivem a sua vida. Mas nem só os animais são almas: são-no as rochas e as árvores, tudo, até as coisas mais ínfimas que se quebram nos funerais para que em espírito acompanhem o morto.

A morte é, pois, a chave do enigma das coisas. A morte é como o sono: o cadáver sonha, a *sombra* viaja: a alma fugiu para habitar as regiões inacessíveis do céu nocturno iluminado de estrelas e das visões dos sonhos onde se desdobram os países fantásticos.

Quem sonha vive com os mortos.

Um certo número de almas habita em certo número de corpos vivos, e há almas errantes em busca de moradia.

Um certo número de almas habita um certo número de corpos: quando algum morre, a sua alma revive numa criança que nasce. A ideia da imortalidade, surge como uma aurora. O povo primitivo, e ainda hoje alguns povos, entre eles os africanos, dizem à criança que nasce: «afinal voltaste!». Quem nasce ressuscita. Por isso os algonquis enterram os mortos à borda dos caminhos, para que as almas possam passar da cova para o ventre das mulheres grávidas transeuntes; por isso entre os taculis o feiticeiro *sopra* a alma do morto para o corpo do parente mais próximo, cujo primeiro filho herda o nome e o lugar do falecido; por isso os nutcas diziam de uma tribo remota, cuja língua e usos eram iguais aos deles, que nessa tribo viviam as almas dos seus antepassados.

Outras vezes não há transmigração: há a ressurreição simples de corpo e alma: assim os australianos crêem que os brancos idos da Europa são negros ressuscitados que no outro mundo perderam a cor; e os negros escravos do Brasil mais de uma vez se suicidaram para renascerem na pátria. Mas o realismo constitucional de todas estas concepções, vê-se aqui, vê-se em toda a parte. O espírito, imagem real do corpo, reproduz todas as suas feições: desde que os senhores de roças degolaram e mutilaram os cadáveres dos suicidas, a mania cessou no Brasil, porque o espírito nasceria acéfalo, ou mutilado. Assim, também, quando o australiano mata um inimigo, corta-lhe o polegar para que o espírito, buscando vingança, não possa jogar o dardo. Também o negro teme morrer de uma doença longa, porque ficaria magro e feio no outro mundo; e o chinês tem o horror sabido às amputações.

O iroquês faz buracos no túmulo para que a alma possa sair e voltar. O chinês faz um buraco no teto da casa para que a alma passe, quando alguém morre. O médico malgalhe vai aos túmulos, fura, colhe uma alma no seu barrete e vem metê-la na cabeça do enfermo: a doença é uma ausência da alma.

Nas crianças renascia a alma dos falecidos. A morte é a fonte da vida — pensamento profundo, exacto, que o homem primitivo formulou. Para ele o espaço estava coalhado de espíritos que entravam um a um nos corpos no acto do nascimento.

E se fixássemos o ouvido a perscrutar os sons daquele mundo remoto, chegaria até nós o vago sussurro das almas que habitavam em toda a parte, os astros e os homens, as árvores e as pedras, as trevas e a luz, o dia e a noite, o túmulo e a casa, o bosque e o mar, as feras e os peixes e os pássaros. É o murmúrio vasto da Vida e da Morte.

E o destino das almas consagrava-se por uma doutrina de penas e prémios, emanada de Justiça Superior.

Eis, em síntese, o Espiritismo concebido nos tempos primitivos da Humanidade.

BOLA DE CRISTAL

Fazei exercícios de vidência com a bola de cristal. Fortalecereis o olhar e desenvolvereis a mediunidade.

PREÇO 50$00

LUÍS DE BARROS CASTRO,

correspondente em Luanda, escreveu

O MATE

O homem quando observa pouco profundamente a natureza só vê a vida por um único prisma e numa só direcção.

É o homem prático, que só vê o lado material. A sua acção é tão ordenada e activa no sentido de conseguir bens terrenos, quanto inconsciente da finalidade espiritual da existência do homem. A sua actividade não tem a enobrecê-la o consciente conhecimento de estar cumprindo um dos mais sagrados deveres que, sem excepção, todo o indivíduo tem: o de trabalhar. Pelo contrário, essa actividade demonstra que é a ambição sem limites e sem meta racional que a determina.

Para ele há só uma maneira de dominar os homens e a própria vida: ter dinheiro. Mas, por mais que o tenha, nunca considera que seja o suficiente e raras vezes utiliza em seu proveito a riqueza que acumulou.

Vive amontoando e morre preocupado pelo destino que a riqueza terá depois da sua morte, ainda que poucas vezes pense que esta um dia há-de vir também para ele.

Não pode deixar passar um dia sem ganhar, nem pode afastar-se dos seus pensamentos de lucro. Todas as coisas que não girem à volta de negócios são supérfluas e classifica de «filósofo» todo aquele que de negócios se não cupa.

O materialista é sarcástico, prepotente e impiedoso. Se pratica um gesto nobre, de auxílio por exemplo, não tolera que fique no esquecimento e ele o fará realçar quando se ofereça ocasião.

Falar-lhe da alma, da vida do além túmulo, de moralidade, de morigeração de todos os nossos desejos, é martirio que não suporta. São «pobres diabos» todos os que se ocupam de tais bagatelas, em que não acredita nem quer pensar, por serem coisas que não vê, dificilmente admitindo que está sujeito à mesma lei, que leva à cova, um dia por outro, algum de seus conhecidos.

A sua admiração vai toda para aqueles que são mais ricos do que ele e só com esses gosta de conviver. Para ele tem valor sòmente o que com dinheiro responde àquele que em dinheiro fala.

O materialista admite ser enganado, porque está sempre à espera de enganar toda a gente. O seu lucro é sagrado e não pode perdoá-lo seja a quem for, incluindo mesmo os membros seus parentes mais aproximados.

O seu pensamento perde-se mais no lucro que poderia ter tido e que não teve do que no prazer de pensar no que já lucrou. Sempre que ganhou, lamenta o que ainda mais poderia ter ganho se melhor tivesse orientado a transacção ou aproveitado o tempo.

Contanto que ganhe, não lhe interessa o modo nem a maneira como ganhou.

A base da sua riqueza está toda assente em alicerces de mentira, exploração do seu semelhante, egoismo e impiedade monstruosa. Tão falsos fundamentos não podem de forma alguma consolidar nem estabilizar essa riqueza, sendo por esse motivo que com frequência se vê desmoronar, ao sopro inesperado do vendaval: herdeiros que ràpidamente gastam tudo, incêndios devoradores, desastres financeiros sucessivos que levam à ruína fortíssimas empresas, roubos, abusos de confiança, etc., etc. Às vezes, em poucos momentos, desaparece por completo o produto de uma ou mais gerações que consumiram as suas vidas em incessante e trabalhosa actividade. É a lei do equilíbrio que se cumpre e a que nenhum fenómeno escapa!

O pobre materialista vive tão erradamente toda a vida, que, ainda mesmo no último momento dela, a sua preocupação máxima é o destino que irá ter a riqueza que é obrigado a deixar! Custa-lhe mesmo convencer-se de que há-de chegar a morte e que tudo quanto tem terá de abandonar irremediàvelmente.

Alguns, senão a maior parte, até mesmo depois de desencarnados continuam, em estado de espírito, com a mesma preocupação, e não abandonam os locais em que se desenvolveu a sua actividade, e, nesse estado — em que à Terra já nada os deveria prender —, vão sofrendo, talvez mais intensamente, os altos e baixos da riqueza, que continuam considerando como sua.

Na contemplação do seu ouro está todo o seu prazer. Jamais o vereis ter uma divagação espiritual, apaixonar-se pela leitura de bons livros, sensibilizar-se perante a beleza de uma obra de arte, perder-se por instantes na contemplação de impressionante paisagem ou dar valor ao génio que rasgou clarões de luz à Humanidade, mas foi incapaz de ganhar o seu sustento!

Dizei-lhe, por exemplo, que Mozart quando morreu teve de ser lançado à vala comum por não ter deixado dinheiro para um mísero caixão, e vê-lo-eis ficar indiferente ou sorrir-se, talvez, por aquele ter gasto o seu tempo a produzir música de que os outros tanto dizem gostar, mas que, finalmente, nem para viver lhe dava...

Dizei-lhe que Camões produziu uma das obras mais dignas de admiração do género humano, de todos os tempos, mas que morreu nos braços de um escravo que para ele tinha de mendigar! Oh, ele, o materialista, talvez nem vos pergunte que espécie de obra foi essa para ser assim tão famosa mas que de nada lhe serviu...

Dizei-lhe que Pietro Ubaldi transmite aos homens a ciência que ultrapassa e se antecipa à dos mais famosos sábios modernos; que podia ganhar muito dinheiro com seus livros únicos, mas que desses ganhos prescinde voluntàriamente; que repudiou a herança paterna; que vive sòmente do que a sua profissão lhe faculta e que, voluntàriamente também, prescinde de ter criados, fazendo ele absolutamente tudo quanto lhe é necessário, sòmente para não vexar os seus semelhantes! E o materialista arregalará os olhos e duvidará, pensando: «Se pode e sabe ganhar dinheiro e o não ganha, para que quer a habilidade? Deve ser doido, com certeza!»...

Como pode ele compreender o amor à Humanidade que tais gestos revelam?

Dizei-lhe que Ghandi se sujeitava a morrer de fome para conseguir a liberdade que ambicionava para o seu povo e o materialista não louvará a nobreza nem a grandeza de tal atitude...

Dizei-lhe que um sem número de homens se tem sacrificado por amor à sua pátria e a seus irmãos, dando a vida, e ele não terá um pensamento de admiração e respeito por aqueles que generosamente abdicaram do seu direito de viver, para ele, materialista, viver agora em maior segurança...

Falai-lhe nestes exemplos de altruísmo, que não o moverão à admiração, como ficará indiferente se lhe afirmardes que Cristo se deixou condenar ao mais ignominioso castigo da época sòmente para que a sua doutrina não ficasse esquecida na mente dos homens que um dia o ouviram. A sua morte foi como que o registo indelével das suas palavras em documento que o tempo não poderá destruir jamais. Tão grande amor ao aperfeiçoamento do homem não é fàcilmente avaliado pelos que a Cristo rezam e muito menos pelo materialista, esse insensível, esse símbolo vivo do egoísmo e do egocentrismo mais acendrado e impenetrável!

RIALISTA

Frente a tal muralha, todas as palavras para o chamar ao bom caminho perdem o som e tornam-se ridículas por não encontrarem a menor aceitação!

O materialista! Que monstro! E como tem quem o acompanhe!

Proveniente da sua acção, o egoísmo campeia e a prepotência domina. O homem é lobo do homem porque ele existe, joeirando capitais numa só direcção, promovendo portanto o desequilíbrio.

O resultado de uma acumulação tão desordenada só pode ser o desmoronamento imprevisto, qual edifício cujos fundamentos não são apropriados ao peso das paredes.

Muitas vezes a morte o apanha de surpresa, de nada tendo valido aquele esforço gigantesco, e sòmente meritório na aparência.

Há tendência para admirar esse tipo de homem, que desenvolve tão constante e febril actividade, mas só seria realmente digno disso se tivesse a norteá-lo uma finalidade superior. Porém é apenas um desejo desenfreado de tudo arrebanhar para si, raramente ultrapassando a sua generosidade o estreito círculo familiar. São bem numerosos os casos em que nem a família é abrangida, tão pequenino é o seu coração!

Toda aquela pressa, aquela corrida à aquisição de bens, nos dá a ideia de que o indivíduo se prepara para uma instalação definitiva na Terra, como se este mundo fosse a meta final! Para ele não há mais caminho a percorrer, as coisas boas que este mundo tem são as melhores que se podem lograr, não é necessário levantar os olhos para as estrelas, admirar a vastidão do espaço, interrogar o mistério que por todos os lados nos envolve, e muito menos pensar no sofrimento do nosso semelhante e na miséria que por todos os lados o rodeia!

Cada um que se governe, que faça como ele: que intruje, que roube, que falsifique, que mate, que atropele, que bajule, que se baixe, que sirva de tapete, porque o que é preciso é ganhar a todo o custo, seja de que forma for! Que façam como ele, que não sabe o que é um dia de descanso, um passeio, um cinema, um teatro, nunca teve tempo para ler — nem o seu dinheiro é para livros... Cada um que se arranje, que é o que ele sempre fez e há-de continuar fazendo.

E ele vai digerindo o que extorquiu e conseguiu à custa de mil mentiras, qual fera que, tranquila, devora a sua inocente presa.

O mundo é dele e só para ele foi feito!

Consciência? É coisa que não vê nem apalpa; portanto não deve existir.

Deus? Ele tem visto que é coisa que se compra fàcilmente!... Qualquer pequena moeda dada em qualquer ocasião o tem deixado convencido de que Deus pode muito bem esperar outra altura em que o seu tempo lhe não seja tão precioso. Se o ministro dele aceita tudo que lhe dão e nada diz — e até o cumprimenta com tanta amabilidade que lhe chega a parecer servilismo — é porque tudo está bem e Deus deve estar satisfeito com ele. Se o ministro dele lhe perdoa e lhe vende Deus pelo preço que ele, materialista, quiser, tem sempre tempo de comprá-lo, tanto mais que é transacção que não lhe dará qualquer lucro.

Ele realmente pensa assim. Mas será sua a culpa? Ele dá e fica perdoado, logo é questão de dinheiro. Deus, finalmente, é coisa bem simples, que se pode arrumar mesmo em último lugar.

Não tem tantos cuidados, tantos afazeres importantes e que lhe tomam todo o tempo? Se Deus sabe tudo, também vê isso, e portanto pode muito bem esperar.

O que é necessário a todo o custo é arranjar, cada ano, lucro maior do que no ano anterior, de forma que chegue o mais depressa possível àquela «continha» que há tanto tempo lhe anda na mente. Tem mil; mas quem chega a mil, é questão de mais algum tempo e os dois mil — quem sabe se não mais? — virão depressa...

Tem sessenta anos, mas a idade exacerbou-lhe ainda mais o egoísmo e o seu olhar fulmina quem queira negar-lhe o lucro sagrado! Aquele olhar só se ameniza quando contempla as suas propriedades de rendimento e torna-se aveludado em frente da porta do cofre! Lá dentro está encerrada toda a sua alegria de viver, toda a sua deliciosa emoção!

As notas, numa ordem admirável, ali estão alinhadas, separadas, acamadas, atadas, divididas em maços, permitindo avaliar toda a importância.

Tudo foi feito carinhosamente, com voluptuosidade que enche o coração, como nenhum outro prazer proporciona!

Noutro compartimento estão, ainda sob outras chaves, documentos. escrituras, cadernetas, cheques, letras, ordens, hipotecas, confissões de dívida, etc., tudo perfeitamente ordenado, registado, balanceado, escriturado por datas, importâncias, juros vencidos e vincendos, nomes dos devedores, dos fiadores, dos abonadores, tudo tão explícito e tão completo, que nem um só dia há-de passar além do que as datas de vencimento indicam.

Mais abaixo, em gaveta exclusiva, há um sem número de objectos de ouro sobre os quais emprestou dinheiro a juros, embrulhados, metidos em sobrescritos, nos quais está escrito o nome do dono, os juros pagos e a pagar — tudo criteriosamente arrumado, por onde, de vez em quando, passa revista para verificar os que possivelmente os proprietários não irão mais levantar, de tal forma os juros crescem em pouco tempo.

O seu cofre é relicário sagrado, onde só ele pode meter as mãos sem profanar o conteúdo. Ele colocou-o na sombra de um canto do seu escritório, ou quarto, e ali, a sós, na obscuridade, contemplando a calculando, frui os seus mais inefáveis momentos de ventura!

O dinheiro! Que magia e que sortilégio!

Às vezes, vaga e aterradora lembrança lhe acode à mente: Os cabelos estão ficando todos brancos, e os músculos e os ossos, uma ou outra manhã, dóem-lhe inexplicàvelmente... Nem sabe mesmo como

é que tantos anos já passaram, sempre naquela vida de trabalho e de privações!

Mas bem depressa esquece tudo, bastando para isso um olhar àquele cofre, que o compensa de todo um passado de escravidão! E a lembrança da morte desvanece-se como fumo que o vento espalha e ele fica tranquilo, como se na Terra ficasse para sempre, acariciando seu tesouro e fazendo-o crescer.

Muitos não têm mulher nem filhos, nem família, nem amigos, mas não sentem a necessidade de um olhar carinhoso, nem prazer em dedicarem-se seja a quem for. Seus corações repletos do mais cego egoísmo não vibram à ideia de outro sentimento que não seja o do amor ao dinheiro.

Um dia, porém, virá, que lá das alturas do espaço, hão-de lamentar um tempo que realmente foi precioso, mas que de nada lhes serviu, por perdido totalmente. De lá verão quanta inutilidade na louca corrida ao dinheiro e quão baixo é o sentimento da desmedida ambição que os moveu.

Tanta intrugice, tanto expediente, tanta mentira tão bem urdida, tanto açambarcamento, tantos produtos deixados estragar só para manter os preços elevados, tantas vítimas lentamente garrotadas pelo poder do seu capital, tantos escravos que a fome por ele provocada lhe atirou para o seu total domínio e que a troco de miserável côdea obrigou a trabalhar toda a vida para si, são os fantasmas que agora se erguem à sua volta, ameaçando-o sem descanço e aterradoramente! Por um momento de tranquilidade, daria agora todo o dinheiro amealhado enquanto viveu na Terra! Daria tudo!

Sofrerá todas as aflições que causou, todos os desesperos, toda a fome, todas as escravidões, toda a arrogância, todo o sarcasmo, toda a impiedade, e montanhas de notas desabarão sobre si ameaçando asfixiá-lo, com as quais quereria fazer calar todas as suas vítimas, que se riem dele com um riso tão atrós, como atrós é a ameaça de se afogar em dinheiro e no ouro que roubou!

Vê também o seu corpo em asquerosa decomposição e fica surpreso e confuso! Foi por aquele corpo que ele tanto lutou e que agora ali jaz como coisa inútil e que tanto o embaraçou!

Como é possível ter-se iludido e praticado tanto erro, por causa «daquilo», que em breve irá desaparecer completamente?!

Foi como pesado fardo que deixou de o sobrecarregar e, para ver-se completamente livre, falta-lhe — ele bem o pressente — sòmente expiar o mal que fez aos semelhantes e que ele, depois de explorado, não contava mais encontrar em seu caminho.

Aqueles a quem violentou, coagiu, oprimiu, forçou, iludiu, reduziu à escravidão e ao silêncio, vexou e ridicularizou, roubou e extorquiu, aí estão quais gigantes, contemplando-o, com presença tão superior, tão dominadora, que ele se sente qual fera perseguida e impotente, morrendo de mil mortes horrorosas e implacáveis!

Ele aí está, envolvido pelo círculo que minuto a minuto mais se estreita, debatendo-se ante a aproximação inevitável daquele exército de vítimas e o rolar fragoroso de montanhas de notas, e blocos de ouro, que irremediàvelmente o hão-de asfixiar, esmagar, trucidar!

Quão lenta a marcha e incrível o seu suplício!

Maldito dinheiro por quem tanto se apaixonou e como lhe abafou a voz da consciência, daquela consciência que ele não quis ouvir, nem admitia existir, por não a ver nem a poder tocar!

Se ele soubesse, se todos os homens soubessem!...

Se eles pudessem ver a superioridade que no alto têm os humildes e modestos que pela Terra passam quase sem deixar vestígios de sua passagem! Os desprezados, os postos à margem, os que sofreram fome, frio, abandono, os martirizados pela violência e dureza da vida que na Terra lhe impuseram, se eles pudessem adivinhar o quanto estão acima dos que na Terra são ou foram senhores todos poderosos!...

Que horrível sacrifício baixar à Terra e em vez de elevar-se como é sempre a finalidade, degradar-se ainda mais, por, uma vez lá, não dar ouvidos à voz da consciência e utilizar tão mal o nosso livre arbítrio!

Que precioso tempo perdido e como é necessário voltar novamente àquele inferno, onde os fortes só o são na aparência e os fracos verdadeiramente lucram, quando ali vivem conformados e indiferentes às vãs grandezas!

Se ele soubesse, se todos os prepotentes da Terra soubessem...

Corrupta matéria! Vil ambição, que tanto retarda a radiosa ascensão do homem!

Luanda, Outubro de 1953.

APROXIMA-SE O NATAL

Mais uma vez lembramos aos estimados leitores que o Natal se aproxima a passos de gigante. A nossa subscrição habitual encontra-se no princípio e é necessário que ela atinja o montante que atingiu em 1952.

A vossa generosidade não será desmentida na quadra que vamos viver, alegre e buliçosa para alguns, triste e desoladora para muitos. Cumpramos, pois, o nosso dever para com os que têm menos do que nós.

Recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos.

Transporte	**1.020$00**
Frederico Pereira, de Lisboa	**10$00**
Rafael dos Santos, de Lisboa	**5$00**
Manuel Lopes Gonçalves, de Lisboa	**20$00**
Dr. Júlio Magalhães, de Sintra ...	**10$00**
Anónima, de Almeirim	**10$00**
Anónimo, de Setúbal	**10$00**
Adolfo O. Fernandes, de Coimbra ...	**20$00**
Cap. Toscano, de Lisboa	**20$00**
M. G. F., de Lisboa	**50$00**
Cipriano José Marques, de Saíde ...	**11$00**
Total	**1.186$00**

CONGRESSO ESPIRITA PAN-AMERICANO

Mensagem da Liga Espirita do Distrito Federal ao 3.º Congresso Espirita Pan-americano, subscrita por Aurino Barbosa Souto e Deolindo Amorim.

NO momento em que se realiza, na culta e gloriosa Cidade de Havana, a solene instalação do III Congresso Espirita Pan-Americano, sob os auspícios de uma circunstância muito significativa para todos nós, ou seja a de se inaugurarem os trabalhos do Congresso precisamente no dia 3 de Outubro, data natalícia de ALLAN KARDEC, o inolvidável codificador do Espiritismo, deseja a Liga Espirita do Distrito Federal expressar, através desta mensagem de afecto e solidariedade espiritual, toda a sua admiração e simpatia ao nobre povo cubano e, em particular, aos espiritas desse país irmão, já cognominado, com inteira justiça, a «Pérola das Antilhas».

Com esta mensagem, que será entregue pessoalmente pelo nosso querido e ilustrado companheiro Dr. José Augusto de Miranda Ludolf, presidente da Confederação Espirita Pan-Americana (CEPA), e 1.º Vice-Presidente desta entidade, a Liga Espirita do Distrito Federal sauda a todas as Delegações ora reunidas na Capital de Cuba e pede a DEUS que ilumine os altos propósitos do III Congresso Espirita Pan-Americano, a cujos organizadores envia o seu fraternal abraço espiritual.

Motivos ponderáveis e já notórios justificam senão mesmo determinam o pronunciamento da Liga Espirita do Distrito Federal a respeito desse Congresso, conquanto esta entidade não participe directamente de tão relevante movimento, em virtude das modificações por que passou a sua organização estatutária, por força do acordo de 5 de Outubro de 1949.

Teve a Liga, entrentanto, a satisfação e a honra de figurar entre as entidades fundadoras das CEPA, justamente por ocasião do I Congresso Espirita Pan-Americano, realizado em 1946, na República Argentina, ocasião em que a Liga chegou a ser distinguida com a presidência do Congresso, na pessoa do coronel Delfino Ferreira, que fora a Buenos Aires na qualidade de representante desta entidade, então denominada Liga Espirita do Brasil. Coube ainda à Liga a direcção no Rio de Janeiro de 3 a 12 de Outubro de 1949, tendo-se realizado em sua sede todas as sessões preparatórias e plenárias do Congresso. Na sede da Liga ficou a CEPA desde o dia em que se transportou de Buenos Aires para o Rio de Janeiro, de Outubro de 1949 até agora, portanto.

Antes mesmo dos movimentos que deram origem aos Congressos Espiritas Pan-Americanos e, consequentemente, à fundação da CEPA, já existiam entre a então Liga Espirita do Brasil e o movimento espirita de Cuba, há seguramente vinte anos, relações muito frequentes e amistosas, através de um intercâmbio que jamais se interrompeu. Inspirando-se, pois, em tais antecedentes, é natural que a Liga Espirita do Distrito Federal tenha motivos especiais para dirigir, agora, algumas palavras aos espiritas cubanos, a propósito da inauguração do III Congresso Espirita Pan-Americano, tanto mais que se lhe afigura muito justo e até imperioso reconhecer o esforço da própria CEPA no Brasil e das entidades espiritas cubanas — esforço louvável e meritório — para que o plano do Congresso se convertesse, como de facto se converteu, em magnífica realidade.

Nesta feliz oportunidade, convém acentuar, em nome da verdade histórica, certas ocorrências que envolvem a projecção do movimento espirita de Cuba, no continente americano. As tradições do Espiritismo em Cuba constituem, sem dúvida alguma, a herança moral de uma responsabilidade sobremodo honrosa para a geração presente. Basta recordar-se, em linhas gerais, que a propaganda espirita em terras de Cuba coincidiu, em parte, com as lutas pela independência do país, justamente quando o ideal de liberdade, de emancipação política, arrebatava a alma cubana, guiada pelo apostolado de JOSÉ MARTÍ, já consagrado um ídolo nacional pelo consenso da posteridade e pelo «julgamento da História».

Recorde-se ainda que em 1888, quando se organizou o I Congresso Espirita Internacional em Barcelona, o movimento espirita de Cuba já se apresentava com expressão internacional. Depois da independência, em todos os momentos, por mais difíceis que tenham sido até hoje as condições internas ou externas, o movimento espirita cubano manteve-se tanto quanto possível coeso, sem se desviar da orientação doutrinária de Allan Kardec.

Ao invocar, com todo o prazer, as circunstâncias históricas em que se organizou e consolidou o movimento espirita de Cuba, quer a Liga Espirita do Distrito Federal considerar, por isso mesmo, o acerto com que fora escolhida a Cidade de Havana para a sede da Confederação Espirita Pan-Americana durante o triénio que ora se inaugura, segundo o sistema de rodízio estabelecido desde 1946.

Mais do que nunca, impõe-se agora a maior divulgação e o mais inteligente estudo sistematizado das obras do Espiritismo, para que a doutrina possa conservar a pureza e a integridade que se consubstanciam nas obras mestras da Codificação de ALLAN KARDEC, sem cuja acção missionária, não suplantada até hoje, o Espiritismo jamais seria um sólido e inabalável corpo de doutrina capaz de resistir, como vem resistindo através dos tempos, a todas as transformações mundiais, a todas as revoluções de carácter científico, social ou político.

O problema fundamental da propaganda espirita, no momento, não é fazer prosélitos, não é aglutinar multidões: é esclarecer, é orientar espiritualmente, é educar. Não basta a simples crença na vida futura, não basta apenas a fé em Deus, como não basta a aceitação pura e simples do fenómeno de além túmulo para definir o *Espirita*. Quem no-lo diz é o próprio KARDEC, quando afirma que, para ser *Espirita*, é necessário, além da crença nos espíritos, ajustar os actos individuais aos princípios da doutrina. Isto implica, sem a menor dúvida, em grande responsabilidade para quantos, em qualquer país, se apresentem como espiritas, porque, antes de tudo, como disse, ainda, o inesquecível codificador do Espiritismo, «conhece-se o verdadeiro espirita pela sua transformação moral». Já se vê que não basta formar grande número de crentes ou movimentar massas pela persuasão demagógica: é indispensável colocar no primeiro plano de cogitações a reforma moral do homem,

para que, uma vez reformado interiormente, o homem possa influir na reforma do grupo social. O movimento espirita não pode portanto perder de vista o problema da educação popular, que lhe é indispensável, especialmente porque a unidade doutrinária do Espiritismo está sujeita a conflitos inevitáveis nos países onde se conservam «sobrevivências culturais» que ainda não foram totalmente absorvidas pela evolução social e religiosa.

Os países da América Latina, por influência dos elementos que preponderaram em suas origens e, ainda, por força das culturas primitivas que se implantaram neste Continente, não podem abrir mão radicalmente de certos braços marcantes de sua formação, muito caldeada de hábitos e práticas que, embora não possam nem devam ser incorporadas ao Espiritismo, concorrem para a formação de equívocos que sòmente o estudo bem organizado, o esclarecimento inteligente e a compreensão segura e consciente da doutrina poderão dissipar sem ódio nem prevenções, porque as raízes de uma cultura só se neutralizam ou se extinguem pelo processo natural de evolução, quando essa cultura é ultrapassada por outra mais adiantada e mais duradoura.

Se, de um lado, em razão das próprias condições do meio, o movimento espirita da América Latina está sujeito a deturpações determinadas pelo fanatismo religioso, uma vez que ainda subsiste o lastro de remanescentes culturais não de todo desligados de suas influências ancestrais, de outro lado, não é menor o problema das concepções materialistas que podem penetrar com habilidade em todos os ambientes sob os pretextos e disfarces mais engenhosos e empolgantes. Doutrina fundamentalmente imortalista, o Espiritismo não pode, por nenhma dialéctica, combinar os seus princípios com qualquer doutrina ou filosofia de base materialista.

Diante desses fenómenos de ordem geral, é necessário a todo o custo evitar que a unidade da doutrina seja prejudicada pelos diversos tipos de fanatismo ou pela introdução de rituais, crendices ou idolatria, assim como é indispensável preservar a doutrina contra as diversas formas de perturbação, principalmente porque se sabe que nenhuma colectividade humana está isenta de ser explorada por movimentos que se apresentam em todos os meios com propósitos aparentemente simples e despretenciosos, mas escondem, no fundo, objectivos que, embora possam estar em concordância com a natureza de determinadas colectividades, não se coadunam com o ideal espirita.

Conquanto adopte, como norma básica, o respeito a todas as religiões e convicções políticas ou filosóficas, dentro do próprio espírito da doutrina, que tem por lema o *Trabalho*, a *Solidariedade* e a *Tolerância*, o Espiritismo não pode ser enquadrado em nenhum sistema sectário, como em nenhuma forma de culto material, porque é um corpo de doutrina inteiramente autónomo, embora tenha, na ordem científica, filosófica e religiosa, evidentes pontos de contacto com diversos campos de conhecimento humano.

Por todos esses motivos, é claro que o problema da educação e do estudo regular da doutrina se impõe naturalmente, porque, sem ser necessário apelar para argumentos violentos ou ferir o espírito de fraternidade que deve caracterizar a atitude dos espiritas em relação a todos os credos e cultos religiosos, a própria doutrina, por si mesma, quando bem estudada e compreendida, já é suficiente para desfazer qualquer confusão com práticas e formas de culto que lhe são inteiramente inadequadas.

EXCLUSIVISMO

Por ALFREDO MIGUEL

O orgulho que leva um indivíduo ou corporação a presumir-se infalível em seus juízos, repelindo com altivez as opiniões alheias, é o que se chama exclusivismo. *No âmbito da ciência e das religiões, notadamente, esse espírito de exclusão reponta mais acentuado e mais vivo. Reside nele, incontestàvelmente, a causa principal, senão única, de separatividade que divide as massas religiosas, sem excepção mesmo do rebanho que se supõe ter o Cristo como pegureiro e inspirador de sua conduta. Não há negar que no exclusivismo está o germe das desinteligências, das discórdias, e enquanto cada religião ou seita persistir na obstinação de crer-se depositária de toda a verdade, vendo-se umas nas outras sòmente rivais que se devem recìprocamente combater, entre elas nunca terão fim as disenções e os conflitos. Nem faltará até quem as considere mais nocivas do que úteis, fugindo de tal forma à sua nobilitante missão, que é apaziguar os homens e encaminhá-los para Deus. No passado foi o pernicioso exclusivismo que gerou as chamadas «guerras santas», por sinal as mais atrozes e devastadoras em que se lançaram povos ditos cristãos para ostentarem o seu desprezo pelo Cristo... Ainda em nossos dias o clima é o mesmo, propício às hostilidades e às contendas, porque o velho espírito sectário não se desarmou de seus propósitos belicosos.*

Só o Espiritismo se mantém equidistante dessas rivalidades turbulentas, não podendo, portanto, ser confundido. Em todo o curso de sua existência histórica jamais derramou uma gota de sangue, nem provocou atrito, nem tentou pela violência impor-se à aceitação de ninguém. Doutrina evolutiva e liberal, imune desse vesgo espírito exclusivista, di-lo bem a sua feição adogmática, o seu «criterium» condicionando a felicidade do ser depois da morte à prática exclusivamente das BOAS OBRAS com que se haja creditado em vida. Debaixo da sua bandeira de paz podem abrigar-se os homens de todas as raças e de todos os credos, e o Espiritismo os ensinará a viver pacìficamente numa atmosfera de tolerância e respeito mútuo. A distinção que o Espiritismo faz entre os indivíduos é apenas de carácter, mas isto não será motivo de dissídio e sim de reajustamento. Qualquer religião que pretenda disputar entre as demais a primazia e aumentar o seu prestígio, só terá, ao nosso ver, que se manter no terreno da ordem e dos princípios, mostrando pela força dos seus ensinamentos que é capaz de fazer mais homens de bem. «Esse o sinal — está dito no «Livro dos Espíritos», n.º 842 — porque reconhecereis que uma doutrina é boa, visto que toda a doutrina que tiver por efeito semear a desunião e estabelecer uma linha de separação entre os filhos de Deus, não pode deixar de ser falsa e perniciosa».

UMA INICIATIVA ORIGINAL

Da Associação de Periodistas, Publicistas, Escritores Espiritas e Metapsiquistas, de Buenos Aires, recebemos a seguinte carta:

Buenos Aires, 15 de Julho de 1953

Sr. Isidoro Duarte Santos:

Um grupo de espiritas conscientes da necessidade de imprimir ao Espiritismo e à Metapsíquica orientação mais eficaz e metódica em conformidade com o valor das duas ciências, deram há anos vida prática a um organismo sério e responsável, criando em Buenos Aires a Associação de Periodistas, Publicistas, Escritores Espiritas e Metapsiquistas *(A. P. P. E. E. M.), com a seguinte finalidade:*

a) *realizar uma constante e metódica propaganda das mesmas sob os auspícios de um plano orgânico que as ponha ao alcance de todas as inteligências, seguindo a linha traçada pelos mestres com regras precisas e pontos de vista evolutivos.*

b) *oferecer artigos, comentários, notas, crónicas, paralelos, traduções, fotografias supranormais, que constituam reflexos autênticos das experiências realizadas até agora e o que se fará no futuro.*

Estas colaborações serão distribuídas gratuitamente à imprensa espirita, metapsíquica e profana que se comprometa a publicá-las.

As que foram enviadas nos últimos três anos a publicações americanas e europeias encontraram favorável acolhimento. Considerando, pois, que o período experimental é uma justificação, a Associação espera dar-lhe maior impulso, o que se conseguirá mediante a colaboração de escritores, publicistas e homens de ciência interessados na marcha nobre dos conhecimentos e que desejam entrar neste organismo, sendo V. um dos convidados a honrar com a sua valiosa pena os trabalhos a distribuir.

Eis as bases normativas:

1) *Podem ser colaboradores todas as pessoas que reunam condições de desenvolvimento técnico dos temas relacionados com o Espiritismo, a Metapsíquica, a Parapsicologia e ciências afins.* 2) *as colaborações devem ser originais e assinadas com o nome e apelido dos autores.* 3) *Todos os trabalhos ficarão sujeitos ao conselho de Redacção, cujo papel consiste em examinar, sem qualquer censura, os escritos e traduções para verificar se se enquadram na orientação da APPEEM.* 4) *Cada colaboração terá que ser documentada, única maneira de despertar interesse na imprensa e na opinião pública.* 5) *Em virtude de haver tendências na maioria das publicações profanas, os colaboradores terão que respeitar os credos religiosos e filiações políticas, abstraindo de suas inclinações pessoais para não responsabilizar a APPEEM.* 6) *Nenhum colaborador será remunerado materialmente pelos trabalhos, dado o carácter gratuito da sua distribuição.* 7) *Pede-se a todos os colaboradores que se ponham em contacto directo com os directores de diários e revistas da localidade, com o fim de lhes oferecer as colaborações da nossa associação.* 8) *Por razões de espaço e papel, os colaboradores devem ser sintéticos nos seus escritos.* 9) *Para fazer frente às despesas de correspondência, impressão, etc., aceitam-se contribuições voluntárias de cada colaboração que chegue.* 10) *A APPEEM anunciará a fundação de* Escolas de Jornalistas Espiritas e Metapsiquistas *de qualquer parte do mundo.* 11) *Os artigos e traduções publicadas, serão reunidos anualmente em volume, enviando-se um exemplar a cada colaborador, sempre que os recursos económicos o permitam.* 12) *As colaborações devem ser redigidas de um só lado do papel, ser escritas à máquina a dois espaços e com 3,5 cm. de margem.* 13) *Os originais não se devolvem e do seu conteúdo são responsáveis os respectivos autores.*

Reiteramos-lhe o nosso desejo de o contar na lista dos colaboradores da APPEEM e por isso esperamos a sua resposta, com o fim de sabermos quantos escritores, publicistas e tradutores conta esta associação.

a) *Genaro Pucci,* director; *Tito L. Bancéscu,* secretário de redacção; Direcção — Austrália 1626 (Suc. 33), Buenos Aires, Argentina.

Apoiamos inteiramente a ideia exposta pelos confrades argentinos e dar-lhe-emos o apoio que estiver ao nosso alcance. De resto, já temos publicado alguns artigos da referida agremiação e continuaremos a reservar-lhe espaço em números subsequentes.

A expansão do Espiritismo merece todo o esforço racional, principalmente quando a cargo de organismos sérios e, portanto, responsáveis.

Os dois signatários da carta são pessoas idóneas e respeitadas, quer na Argentina, onde desenvolvem acção eficacíssima, quer no estrangeiro, por reflexo de trabalhos insertos em *La Conciencia, Constância, Estudos Psíquicos,* etc.

Genaro Pucci é um cérebro muito equilibrado que impôs a sua revista a quantos desejam Espiritismo forte e sadio. O seu dinamismo reflecte-se nas colunas de *La Conciencia,* não só buscando colaboração em países diversos, como traduzindo belos trabalhos para a formosa língua de Cervantes. Tito L. Bancéscu, esse é demasiadamente conhecido dos nossos leitores, para que necessite de apresentação. Os muitos artigos que dele temos publicado impõem-no como talentoso arauto da codificação kardeciana e um dos melhores defensores da pureza da Doutrina.

É pena que noutras latitudes se não faça o mesmo. Em vez de estratificarmos em sessõezinhas que não chegam a atingir objectivos reais, devíamos reservar as energias para obras deste quilate. Sempre pensámos que a palavra escrita suplanta a verbosidade de certos oradores, cuja eloquência se restringe a meia dúzia de ouvintes interessados. Hoje mais do que nunca se radicou em nós essa ideia. Apesar das excelências da rádio, o jornal e a revista mantêm-se eficientes na sua missão divulgadora. Através da leitura meditam-se melhor os problemas, compreendem-se mais fàcilmente. A fala é menos duradoira: «palavras leva-as o vento...»

Que o empreendimento destes confrades se fortaleça e estenda a terras de outros idiomas são os nossos votos. Que os tradutores concorram assim para a expansão natural das ideias, à semelhança dos congressos internacionais que, além de unificarem as prátitcas espiritas, têm o alto mérito de aproximar os homens e estreitar ainda mais os laços que a correspondência uniu em óptimo intercâmbio.

LIVROS DE TODO O MUNDO

Anotados por RAMOS PEREIRA

174. CASA DE JUDAS — por *Guedes de Amorim*. Ed. SIT, Lisboa, 1953.

As obras acumulam-se e o estilo acrisola-se, ao mesmo tempo que o poder de observação e descrição se intensifica, atingindo frequentemente uma agudeza que magoa.

Neste novo romance, voltámos a encontrar o Guedes de Amorim da «Aldeia das Águias» e de «Almas sem Medo». O quadro de uma época — a primeira vintena deste século — é o pano de fundo para a apresentação do sentido profundamente trágico da vida. Há longas ressonâncias camilianas nesta «Casa de Judas», nas ambições de Jerónimo, na dor sublime de Soledade e na sua revolta de incompreensão e de incompreendida, e até em algumas figuras arlequinescas que perpassam nesta obra.

Qual o objectivo fundamental perseguido? Uma tese? Sinto que ainda aqui Guedes de Amorim não cedeu aos impulsos dominantes numa grande parte da literatura moderna: — ele continua tradicionalmente português, *contando* o que viu e o que imaginou sobre o que viu, não formulando uma temática apriorística que a descrição deverá argumentar. Se algum problema se levanta é porque estava impresso na própria coisa vivida; não é problema *pensado*.

E o romance termina onde devia: — quando Soledade abre a porta da esperança, rezando para que volte o único filho que o seu ventre gerara. Que admirável figura a desta mulher, tão simplesmente mulher e tão portuguesa! A agrura com que o romancista vai pincelando os seus contornos é afinal irmã da rudeza que essa mulher recebe da vida, desde o corpo à alma. Foi ela que nos ficou impressa nos olhos, talvez por a sentirmos como a única grande vítima do complexo representado na «Casa de Judas» — casa de ambições desmedidas, de orgulhos falsos, de maldades mesquinhas, de revoltas sem fundo, de um ciúme estúpido, de espíritos tacanhos.

Na sua grande simplicidade e na sua simples grandeza, Soledade é uma labareda poética, porque, no fundo, é no espelho da sua alma que se vão reflectir todas as andanças desencontradas da «Casa de Judas», guardando ainda a força superior de esperar!...

175. ROTEIRO — por *Francisco Cândido Xavier*. Ed. FEB Rio, 1952.

Mais outra obra do operoso médium brasileiro, desta vez sob a acção do luminoso espírito de *Emmanuel*. Como sempre, a perfeição e transparência do estilo venceu a beleza superior da intenção doutrinária, da exposição clara de princípios. Volta a ser tocada a branca tecla do evangelismo cristão, com a mestria costumada, com uma simplicidade que impressiona. «Roteiro» de muitos caminhos, conduzindo todos ao ideal supremo do aperfeiçoamento humano.

176. GOTAS DE LUZ — por *Francisco Cândido Xavier*. Ed. FEB. Rio, 1953.

Casimiro Cunha ditou as quadras singelas desta obra, cada uma das quais é «gota» que caída em alma sedenta a inunda da luz que se acendeu ao primeiro palpitar do coração do Cristo da terra. Não há preocupações literárias, a forma poética serve o objectivo doutrinário; mas nem por isso é menor a beleza que transparece das quadras fáceis, verdadeiras «cantigas» de um «romanceiro» cristão. Repare-se, por exemplo, nesta «gota»:

Cabeça que não se nutre
nas águas do coração,
mais cedo encontra o deserto
da secura e da aflição.

ou nesta outra, de não menos brilho:

Não te rebeles na vida.
Cumpre, calmo, o teu dever.
Nas simples horas de um dia
Tudo pode acontecer.

E como estas muitas outras estão espargidas ao longo das páginas deste livro, que mais parece um campo de flores silvestres, coloridas e perfumadas, cobertas pelo orvalho fresco de manhã de primavera.

177. PAI NOSSO — por *Francisco Cândido Xavier*. Ed. FEB. Rio, 1952.

Um livro para crianças, ditado pelo espírito de *Meimei*? Sim, parece ser esse o intuito imediato, mas a lição é de tal modo grandiosa que todos podem aprender nas sucessivas ilustrações das palavras fundamente intencionais deste «Pai nosso...». Há contos que são verdadeiras obras primas no género, de tal modo a forma se adapta à plástica da imagem e à extensão da ideia. Não resistimos em destacar: — «Existência de Deus», «Presença Divina», e «O Efeito da Cólera».

Estamos convencidos de que, se o espírito de *Meimei* o quiser, poderá legar-nos um livro de contos a ficar entre as mais belas obras ditadas do Além. Para tal... sobram-lhe qualidades e o médium é dócil e apropriado.

178. EL ESPIRITISMO Y LOS PROBLEMAS HUMANOS. por *Deolindo Amorim*. Edição Vítor Hugo. Buenos Aires, 1951.

Do valor e êxito da obra de Deolindo Amorim — que a Gráfica Mundo Espirita editou sob o título «O Espiritismo e os Problemas Humanos» — são prova a tradução feita agora pela prestigiosa casa editora argentina, tradução indubitàvelmente perfeita de Alberto Giordano. Notas diferentes das que escrevemos à margem da edição brasileira não poderíamos ajuntar e... apensar mais adjectivos seria ridículo, porque Deolindo Amorim não ama o incenso que... também não sabemos queimar. Queremos tão só repetir aqui o derradeiro parágrafo escrito em 1948: — «Deolindo Amorim afigura-se-me um dos escritores espiritas de maiores possibilidades intrínsecas e uma das cerebrações mais capazes de obra pessoal e personalizante. Não compreendo, pois, porque se não lança a uma obra mais de «gabinete» e menos de «jornal». Estas nunca poderão compensar aquela, por boas que sejam (e são-no).

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

BERNARD SHAW COMUNICA-SE A FRANCES DAY

A conhecida atriz Frances Day concedeu uma entrevista a Richard Viner, do *Sunday Graphic*, de Londres, declarando que o escritor George Bernard Shaw se comunicara com ela doze vezes após a desencarnação.

— Não tive medo nenhum — diz ela —. Devo até dizer que tinha grande desejo que ele viesse.

Primeiro, a actriz ouviu um som especial semelhante a ruído de papel e julgou que fosse um rato. Depois soube que era Bernard Shaw. E explica como soube:

— Eu não sou médium nem supersticiosa. Pelo contrário, sou até muito positiva com aguda intuição.

Em seguida conta como o grande dramaturgo lhe pediu desculpa uma vez, por tê-la falsamente acusado de revelar o nome da sua nova peça «Buoyant Millions». Foi um engano que teve origem nalgum pensamento telepático. E acentua:

— Shaw acreditava na telepatia.

A primeira vez que ela ouviu aquele ruído, tinha ele desencarnado havia três ou quatro meses. O som veio de um canto do tecto da sala-de-estar.

Certa manhã notou que um pedaço de papel do tecto pendia do sítio donde saíam os ruídos. Três vezes tentou colar o papel sem resultado. O tecto não estava úmido e não havia razões para que o papel não colasse.

Alguns meses depois estava na cozinha a fazer um molho de Bechamel e a ouvir a radiodifusão da «Apple Cart», de Shaw:

— De costas voltadas para a porta, senti um toque no ombro. A minha amiga Moie tem o hábito de fazer isso e, sem me voltar, disse-lhe: «Você sabe que não pode tirar os olhos de um molho de Bechamel...».

Quando Frances se voltou, não viu ninguém na cozinha.

Nisto, sentiu outra ligeira pancada e largou o molho e correu escada acima, a chamar por Moie: «Então, que brincadeira é essa? Não sejas estúpida!». Mas a sua amiga não estava ali. Voltou à cozinha e teve outro desapontamento, porque sentiu outra pancada.

Frances exclama:

— Eu soube. Se me perguntar como o soube, só lhe direi que é um conhecimento, uma concepção do inconcebível. Tudo isto me obrigou a prestar a maior atenção à radiodifusão da peça. E enquanto escutava, ouvia Shaw dizer na minha cabeça: «Agora já sabe o que quero dizer. Você devia fazer o papel do Rei Magnus como se fosse mulher, como se fosse rainha». E ainda espero um dia poder tentá-lo e provar as palavras de Shaw.

George Bernard Shaw

Viner telefonou a Roy Limbert, colega de Shaw no teatro e contou-lhe o caso da famosa actriz.

— Isso é muito extraordinário — disse Limbert —. Está aqui William Maxwell, editor há mais de cinquenta anos das obras de Shaw. Estávamos a noite passada a discutir o dramaturgo, quando imediatamente ouvimos um som semelhante a um gongo ou ao bater das horas de um relógio.

— Pode ser Bernard Shaw — disse alguém.

No dia seguinte, Maxwell disse-me que lhe tinha acontecido qualquer coisa de inédito:

— Imagine que eram três horas de manhã e eu estava completamente acordado. Olhei para cima e vi um homem alto e magro a fixar-me. «Que quer você?» — perguntei: E gritei-lhe que desaparecesse. Não lhe pude ver bem o rosto, mas, como vê, foi uma coisa surpreendente».

IDENTIFICAÇÃO ESPIRITUAL

O *Progreso Espirita*, de Buenos Aires, dirigido pelo nosso antigo colaborador Natálio Ceccarini (h), publicou em Junho de 1952 o seguinte relato, feito pelo sr. Mário Incerti numa sessão que se realizava no Grupo *Progreso Espirita* daquela Capital:

«Na parte dedicada à vidência — diz o articulista —, a médium M. P. de L., dirigiu-se a minha esposa que participava da cadeia mediúnica e disse-lhe:

«— Sr.ª Incerti, vejo a seu lado um homem pobremente vestido. Olha-a com muita satisfação e noto nele desejo de agradecer-lhe qualquer benefício recebido. Sente-se contente por estar a seu lado.

«Produz-se uma transição no médium com manifesta atitude de

quem vê um animal pela primeira vez. Diz então que este homem tem um cão na frente, de cor negra, nem pequeno, nem grande (sic), a mover a cauda em sinal de amizade pelo dono.

«Esta violência foi uma prova da realidade da alma para lá do corpo físico. Referia-se a uma pessoa que desencarnara havia alguns anos e que nos costumava visitar ao entardecer, quando eu e minha companheira estávamos sentados à porta de casa. Era uma pessoa muito culta e partilhávamos momentos agradabilíssimos, conversando em diversos assuntos, embora os que se referissem a fenómenos psíquicos nos despertassem maior interesse. Conheceu as obras de Allan Kardec, pois eu próprio lhas emprestei.

«Apesar da sua cultura, tinha-se descuidado e vivia sozinho num casebre feito com latas velhas, num baldio de Caseros, rua Uruguai. No bairro chamavam-lhe o «inglês», em virtude da sua pronúncia e outras características. Alimentava-se do que lhe davam os vizinhos e entretinha-se a beber vinho quando lhe davam dinheiro. Mas tinha sempre o cão negro a seu lado. Desencarnou nesse casebre, sozinho, na companhia do animal.

«É de notar que na reunião não nos lembrávamos dessa pessoa e que a médium a desconhecia inteiramente, assim como as circunstâncias que a rodearam. Mais ainda: até esse momento e na sua larga experiência de vidente nunca percebera forma alguma de animal. Por isso ficou surpeendida e demonstrou a transição mencionada».

UM APARELHO BIOMÉTRICO

O *Psychic News* de 30 de Maio insere uma notícia interessante. Uma sociedade de investigadores de Hastings deu a conhecer um instrumento baseado nos princípios radiestésicos e próprio para medir a aura. Talvez possa demonstrar a existência das vagas etéricas pela ciência e abrirá novos horizontes aos pesquisadores. Chama-se «biómetro da aura» e é da autoria do Dr. W. E. Benham. A sua construção apoia-se nas experiências do Dr. Bovis, grande pioneiro da radiestesia e destina-se a medir e registar as radiações cuja oscilação é 20 milhões mais intensa do que a luz.

Até hoje, ainda não conseguimos um aparelho capaz de medir as radiações emitidas por objectos, metais enterrados, e outros raios subtis captados pelo pêndulo ou pela varinha do vedor.

O biómetro consiste numa escala de 1 m. de comprimento graduado em cm., colocada em base de madeira e disposta segundo os princípios do pêndulo. Este está afinado magnéticamente e toda a matéria susceptível de produzir interferências é cuidadosamente eliminada.

A descoberta em questão tem a vantagem de permitir a experimentação de quaisquer radiações, por mais subtis que sejam.

Os que desejarem informações sobre pormenores técnicos do aparelho podem dirigir-se à Sociedade de Matepsíquica. Archer's Court, Hastings, Inglaterra.

CONGRESSO TRIENAL

Segundo lemos em *Survie*, órgão oficial da União Espirita Francesa, a Federação Espirita Internacional realizará de 11 a 18 de Setembro de 1954, em Amesterdão, o seu 3.º congresso internacional após a guerra. O primeiro foi em Londres, em 1948, e o segundo em Estocolmo, em 1951.

O Koninklist Institut, que é um dos mais belos salões dos Congressos da Capital, reservou para o efeito a sua maravilhosa sala de 850 lugares com as magníficas dependências. Em torno da sala há apartamentos destinados a conversações particulares e que se adaptam perfeitamente a pequenas reuniões.

À entrada, ficará um escritório para o Secretariado. Haverá também um serviço especial de autocarros entre o Instituto e os hotéis escolhidos pelas delegações. Oportunamente se anunciarão pormenores deste serviço.

O Koninklist Institut está situado no Mauritskade. No mastro do salão flutuará durante uma semana uma bandeira de três metros de comprimento, com os símbolos da Federação Espirita Internacional, bem conhecidos dos espiritas do mundo inteiro.

Ao mesmo tempo haverá excursões e conferências. Os organizadores do certame têm um vasto programa de realizações, entre elas, a visita à principal estação emissora de T. S. F. do Palácio de Sua Majestade a Rainha Guilhermina e aos canais de Amesterdão.

O Congresso é organizado pelo «Nederlandse Spiritual Kerkgenootschap» e a Sociedade «Harmonia» em ligação com o Secretariado da Federação Espirita Internacional.

Todos os congressistas ou as organizações podem dirigir-se ao Secretariado, 72, Woodstock Road, Bedford Park, Londres W. 4 — Inglaterra, de forma que o Secretário Geral, David Bedbrook, possa ter à disposição as indicações necessárias acerca das personalidades que desejem participar no Congresso, quer agrupamentos, quer indivíduos.

Todas as nações ali terão a sua bandeira, de 1m,50 de comprimento. As nações que não possam comparecer podem enviar o seu emblema com um mês de antecedência.

Quem quiser tomar parte nestas manifestações deverá inscrever-se o mais cedo possível, para que o Secretariado tome as devidas disposições relativas ao número de participantes, anúncios na imprensa, facilidades de alojamento, etc.

O ESPIRITIMO NA ISLÂNDIA

Segundo lemos em *Yours Fraternally*, órgão da Federação Espirita Internacional (72 Woodstock Road, Bedford Park, Londres, W. 4.), os islandeses há muito que simpatizam com o Espiritismo, que apelidam de investigação psíquica, embora haja uma organização puramente espirita que ali exerce a sua actividade. Por estranho que pareça, a linguagem islandesa não tem no seu vocabulário a palavra «espiritismo» nem outros termos adequados que possam usar-se a propósito.

A Igreja luterana tem manifestado verdadeira simpatia para com o nosso movimento e alguns dos seus dirigentes chegam a advogar abertamente a prática da mediunidade e o estudo científico dos fenómenos, cujo aspecto espiritual e religioso não preocupa os adeptos, embora muitos tenham feito dele a verdadeira base da sua fé.

Presentemente, o movimento espirita é de grande categoria devido aos esforços da senhora Haldora Sigurjonson. O seu entusiasmo não conhece desfalecimento, desde a sua conversão.

Em Reyjavik, capital da Islândia, é que se exerce a maior actividade, em trabalhos regulares muito frequentados por associados e simpatizantes. A sr.ª Sigurjonson tem uma filha adoptiva que é excelente médium intuitiva e conseguem obter interessantes fenómenos, corroborados por diferentes oradores, que costumam ventilar assuntos de sobrevivência, cura, teosofia e ocultismo.

Os islandeses são pessoas estudiosas e por isso mesmo incapazes de abastardar a Doutrina.

Notas & Comentários

INTOLERÂNCIA

O Globo, diário brasileiro de grande projecção e altamente conceituado, publicou a seguinte notícia sob o título: «Será processado o frade»:

«O caso, senão inédito, é raríssimo, revelando, ainda, rara obediência à Constituição: um frade, Frei Inocêncio Capoli, capuchinho, residente em Belém do Pará (de onde nos chega a notícia), vai ser processado como incurso no artigo 208 do Código Penal, por haver, propositadamente, perturbado um culto religioso de protestantes. Passou-se o facto, há meses, no território do Macapá, quando o referido frade realizava, ali, trabalho missionário.

«Certa noite promoveu uma romaria de fiéis ao cemitério, onde se fariam orações, em acto de piedosa saudade. A caminho do campo santo, o cortejo passou em frente do templo protestante «Assembleia de Deus», onde se realizava culto. O capuchinho mandou parar os fieis e perguntou em voz alta: «Alguém quer ser protestante?», a que o povo respondeu «Não, não, não!». Entusiasmado, Frei Inocêncio levou a multidão a desrespeitar a outra seita religiosa e logo começaram as vaias, apupos, ditos escarnecedores, que se prolongaram durante algum tempo, perturbando e impedindo a realização do culto no interior do templo, ferindo, assim, a Constituição, que defende a liberdade de culto e de crença religiosa. Passou-se algum tempo e o Frei voltou a Belém, mas agora o sr. Erasmo Silveira Fortes, Juiz de Direito da 8.ª Vara Criminal de Belém, enviou uma carta precatória contra Frei Inocêncio, denunciado pelo promotor público como incurso na sanção punitiva do artigo 208 do Código Penal».

O que levou este homem ao procedimento indicado foi o lamentável fanatismo que gera a intolerância e obnubila a razão. De outra forma, saberia respeitar o credo alheio, para que respeitassem o seu. Às vezes é a ignorância da lei que leva ao desmando; mas nesta conjuntura não houve ignorância, houve maldade. Ainda bem que o chamaram a capítulo, a fim de saldar o seu débito.

A crença, seja ela qual for, é digna de respeito e acatamento. Respeitemo-la sempre em todas as latitudes, fazendo aos outros o que queremos que nos façam.

Assim, daremos provas de elevação e isenção. São exemplos que a Doutrina Espirita impõe aos adeptos e que eles têm obrigação de dar em todas as conjunturas da vida física.

BERNARD SHAW ESPIRITA?

Muito se tem escrito acerca deste escritor inglês, possìvelmente uma das figuras literárias mais discutidas nos últimos vinte anos e que desencarnou quase centenário. As atitudes e trocadilhos, o horror às convenções e o inconformismo que nele gritavam caracterizaram-no de tal modo, que o público aceitava-lhe sem ofensa os ditos mais estranhos e picarescos.

Mais do que uma vez se referiu ao Espiritismo em termos irreverentes, embora após a morte tivesse dado positivos testemunhos da sobrevivência, principalmente através do médium Joseph de Santos, de Manchester, como oportunamente relatámos, desmentindo em espirito liberto o que afirmara em espirito encarcerado.

Agora, segundo lemos em La Revue Spirite, a escritora Simone Saint-Clair escreveu no seu livro «Le Flambeau Ardent»:

«No prefácio da sua peça «Buoyant Milions», escrita aos 92 anos, Bernard Shaw faz-nos as seguintes revelações:

«Quando pego na pena ou me sento diante da máquina, sou um médium como D. D. Home ou Job ou João de Patmos. Minha mãe costumava servir-se de um «oui-ja» que, debaixo da sua mão, produzia abundantemente o que se chamava «escrita automática».

«Aqueles que não acreditam na mensagem automática, Shaw responde: «O mesmo poderemos dizer das Escrituras que a greja afirma serem a palavra de Deus ditada de maneira supranormal a médiuns cristãos, que a transcreveram literalmente, como qualquer carta ditada pelo patrão ao empregado».

DESENCARNOU O DR. JINARAJADASA

Deixou o plano físico o Dr. Charles Jinarajadasa, discípulo de Annie Besant e um dos dirigentes da Sociedade Teosófica. Tinha 78 anos de idade e era um elevado espírito que durante a sua vida pregou os ideais espiritualistas. Pode-se-lhe chamar um génio precoce. Aos 15 anos doutorou-se na Universidade de Cambridge, Inglaterra, e falava quase todas as línguas vivas. Em cada país que visitava exprimia-se no idioma da região e esta particularidade muito contribuiu para a simpatia de que foi alvo.

A Sociedade Teosófica perdeu um dos seus mais abalizados elementos e a humanidade um dos melhores cidadãos. Que a sua obra frutifique na alma e na inteligência dos leitores são os nossos votos. E que o seu espírito se libre nas alturas para maior glória do ideal que serviu.

TRANSCRIÇÕES

Continuam as revistas e jornais brasileiros a fazer transcrições de Estudos Psíquicos, entre eles, o provecto Reformador, a Revista Internacional do Espiritismo, a Revista Espirita do Brasil e a Unificação.

É um meio útil de propaganda. Os artigos que o mereçam devem ser transcritos no maior número de publicações. Assim se difunde a ideia e serve a doutrina. Infelizmente, muitos periódicos espiritas enchem as colunas com notícias pessoais de nascimentos, baptizados, casamentos e óbitos, além de inserirem permanentemente a efígie de certos plumitivos, cujos articulados não passam, em regra, de lugares comuns. E fazem-no para demonstrar que têm muita colaboração original, nem de outra forma se compreende semelhante procedimento.

Sabe bem ver transcrever trabalhos valiosos que emergem da vulgaridade. Bem hajam os que tal fizerem, porque assim contribuirão para o jornalismo sádio, bem diferente do outro que nada aumenta ao que todos sabem.

Noticiário

41.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se mais um sorteio de livros espiritas, em benefício da pobreza envergonhada, que está lutando com a indiferença dos bem instalados na vida.

Apesar dos apelos que temos feito, só uma pequena percentagem acorreu ao chamamento. Se sabemos que a crise é geral, que as dificuldades aumentam dia-a-dia, tanto mais para que o homem não descure os seus deveres para com o próximo. Se hoje estamos bem, podemos amanhã estar mal. O futuro só Deus o sabe.

Assim, mais uma vez apelamos para todos: Inscrevei-vos no Sorteio Mensal de Livros Espiritas, para que a nossa cruzada dê os seus frutos benéficos. Quanto mais livros distribuirmos, mais alegria levaremos aos deserdados.

Desta vez foram premiados os seguintes subscritores:

«À Margem do Espiritismo» — Jaime da Silva Sabino, de Aveiro.

«Ronda Espiritual» — D. Maria da Glória de Loural Santos, de Lisboa.

«No Limiar do Etéreo» — Eduardo Fernandes de Matos, de Lisboa.

«Graças Sobre Graças»—D. Gracinda Pires da Rocha, de Lisboa.

ALFREDO MIGUEL

Do nosso amigo Alfredo Miguel, redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos*, recebemos atenciosa carta em que nos comunica o seu novo endereço: *Rua General Argolo, 40 — Salvador — Bahia.*

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

«Radiestesia Médica» foi o tema da conferência realizada no domingo, 18 de Outubro, na Sede do Centro, pelo seu director Isidoro Duarte Santos. Embora se tratasse dum problema extremamente complexo, no qual avultam as mais heterogéneas teorias, Isidoro Santos, com aquele à-vontade que todos lhe conhecemos, com aquela inteligência que todos admiramos, soube dar aos assistentes, no curto espaço de hora e meia, uma ideia exacta do que é a radiestesia e as suas inúmeras aplicações no campo da Medicina. Ilustrando a sua interessantíssima exposição com esquemas, mapas e até um pêndulo radiestésico, contou experiências curiosíssimas, deixando bem vincada na assistência que a Radiestesia é uma mina inesgotável de surpresas e maravilhas, para quem a quiser explorar.

António Martins, que presidiu à conferência, congratulou-se pelo explêndido trabalho apresentado, contando também alguns casos interessantes no campo da Radiestesia.

«MEDICINA NATURAL»

A nossa revista de *Medicina Natural* (Cadernos Populares) está em plena circulação no meio social português e muitos confrades se tornaram seus assinantes. Ler esta revista é evitar as doenças através de uma vida sã. Prevenir o mal é muito melhor do que remediá-lo.

Folhear esta publicação é assiná-la, tão sugestiva se apresenta e tão exíguo é o seu preço: 1$50.

Vamos enviar um número espécime aos nossos prezados assinantes e aqueles que a desejem podem devolver-nos o talão anexo à circular, juntamente com 16$00, correspondentes ao ano de 1954.

Medicina Natural é uma revista que veio preencher uma lacuna. Nenhum lar português a deve repelir, em virtude dos grandes ensinamentos que contém. A sua presença afasta o médico e atrai a saúde e a boa disposição.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM DEZEMBRO DE 1953

Dia 3, 5.ª feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 4, 6.ª feira, às 21.30 — Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 5, Sábado, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 6, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 7, 2.ª feira, às 21.30 — Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 10, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 11, 6.ª feira, às 21.30—Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 13, Domingo, às 16 horas — Conferência por D. Maria Cristina Nazaré, intitulada «Como cheguei ao Espiritismo».

Dia 14, 2.ª feira, às 21.30—Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 17, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 18, 6.ª feira, às 21.30—Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 19, Sábado, às 21.30—Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 20, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 21, 2.ª feira, às 21.30—Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Maria da Glória.

Dia 24, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 25, 6.ª feira — Dia de Natal, consagrado à família. Não há trabalhos no Centro.

Dia 27, Domingo, às 16 horas — Conferência por Isidoro Duarte Santos, intitulada «Os Fenómenos Físicos da Mediunidade».

Dia 28, 2.ª feira, às 21.30—Grupo «Irmão Rhammurthi», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 31, 5.ª feira, às 21.30—Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1 de Janeiro — Dia de Ano Bom. Não há trabalhos no Centro.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; J. O. P. M., da Cidade da Beira, 100$00; Manuel António Baptista, de Benguela, 25$00; J. M. S. Ferreira Pires, de Benguela, 41$50; Manuel Trindade da Silva, do Funchal, 100$00; Subscrição do 41.º Sorteio de Livros Espiritas, 150$00. D. L., de Lisboa, 20$00. Total — 476$50

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infnnito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
O Reino de eJsus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

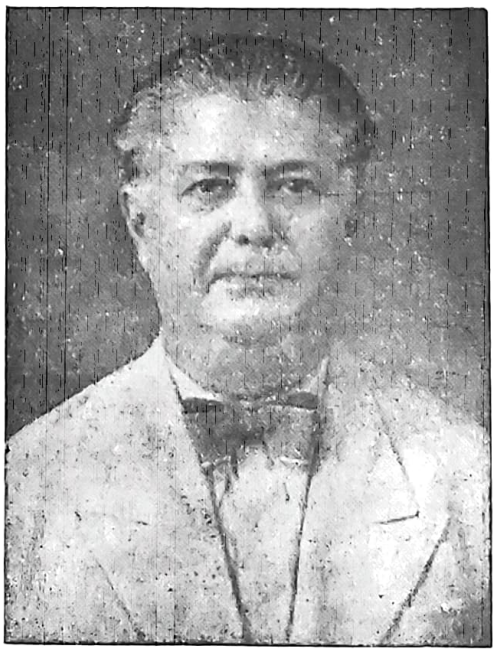
O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Natal Espirita, da **Redacção**; O Espiritismo e a Actualidade, por **F. Noronha**; Pecado Original, por **Alfredo Miguel**; Não Guardes para Amanhã o que podes fazer Hoje, por **A. J. Trindade**; Paz e Harmonia, pelo **Espírito de Reper-Siam**; Maternidade Casa da Mãe Pobre; Desencarnação, pela Médium **Hortênsia Naranjo**; Espiritismo sem Kardec, por **Tito L. Bancéscu**; A Tríada Básica no Espiritismo Experimental, por **Fiat Lux**; O Homem na Grande Escala da Vida, por **Luís de Barros Castro**; O Natal no Centro Luz e Amor; Fenómenos Espiritas, por **Leopoldo Machado**; Não Atire a Primeira Pedra, por **Rodolfo Cavalcante**; O Espiritualismo e a Mulher, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Curadores que Curam - O Abade Héritier, por **Jean Palaiseul**; Auxílio aos Necessitados; A Atlântida, Lenda ou Realidade?, por **António Cardoso**; Natal!; O Reino de Jesus, por **Fernando da Cruz Ferreira**; Olímpio de Vasconcelos; Livros de Todo o Mundo, Anotados por **Ramos Pereira**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.



OLÍMPIO DE VASCONCELOS

(Ver pág. 379)

14.º ANO DEZEMBRO DE 1953 N.º 12

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores — Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

14.º ANO — LISBOA, DEZEMBRO DE 1953 — N.º 12

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Eugénia**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

NATAL ESPIRITA

Os números exercem grande influência na vida do homem. A dúzia, o cento e o milhar são predilecções tradicionais e atávicas a que nenhum ocidental pode eximir-se. São padrões de contagem que se fixaram no temperamento e na inteligência e nenhuma força conseguiria alterá-los. É que o hábito é segunda natureza. Há 43 anos que se alterou a moeda em Portugal e a maior parte dos habitantes fala em tostões, em frente dos centavos.

O mesmo sucede no tocante a certas datas do ano. Quando elas se aproximam, o tempo modifica-se, adquire aspectos novos no espírito de quem as vive e sente. A Páscoa, o Entrudo, os Santos Populares, o Dia-de-todos-os-Santos e o Natal são degraus de uma escada, cada qual com seu aspecto e a sua origem lendária, e cujo conteúdo se reflecte nas almas, em atitudes morais e espirituais diferentes e relativas.

O Natal português é ilustrado pela doce poesia que envolve os presépios e por cânticos litúrgicos que tangem as cordas mais íntimas do sentimento popular. Nessa atitude mística o altruismo exterioriza-se com menos dificuldade. Mas a data esbate-se no tempo e os corações volvem ao ritmo anterior, engolfados na vertigem da vida. Os cânticos emudecem e a existência torna-se dura para quem moureja em condições precárias.

O Natal Espirita não tem efemérides no calendário. Não está circunscrito a um dia especial, nem prefere esta ou aquela quadra do ano. O Natal espirita é a fraternidade bem compreendida que o viandante impõe a si próprio, seja qual for a conjuntura.

Temos dito muitas vezes que a necessidade é permanente. Todos temos faltas e ninguém diga «desta água não beberei». A opulência material não livra de certos apuros que se remedeiam com moeda diferente.

Somos pedras de um xadrez imenso e não podemos fugir da nossa dimensão. Ali é que nos encontramos com as outras «pedras», ali gozamos ou sofremos, ali construímos um futuro que só Deus sabe o que será.

Os últimos dias do ano são iguais a todos os outros. Nós é que os endeuzamos, atribuíndo-lhes significado que não têm. Devíamos englobar o ano no mesmo círculo amoroso e agradecer ao Céu as dádivas recebidas, porque tudo o que sucede tem sua causa prevista.

Portanto, o Natal Espirita não tem presépios com figuras alegóricas: tem horizontes humanos que é preciso ver e compreender. Cada dia que passa é uma experiência vencida que não pode repetir-se mais. Serve de orientação no porvir, mas os factos ficaram marcados na tela da história, donde não sairão, por maiores que sejam as forças interessadas. O espirita convicto sabe que é assim e procede em concordância. Não partilha da caridade condicionada, nem arma ao sentimento protocolar usado pela maioria. Faz o que pode, sem alarde, por imperativo de consciência. Considera-se enquadrado num vasto sector de necessitados e o que fizer a outros recairá em si correcto e aumentado.

Um presente isolado não resolve problemas económicos. O que importa é elevar o nível de vida moral, mental e material. Que todos tenham o necessário. Bem-estar sem justiça é desequilíbrio social. Portanto, amigos, que o sol se não esconda um só dia sem acções meritórias de nossa parte. Seja Dezembro ou Janeiro, o programa é este e sempre este. Bolo-rei ou folar, tudo corresponde ao mesmo princípio de humanidade. E quantas vezes um auxílio moral não será mais desejado do que o festim de Baltazar?

O Natal Espirita é uma cadeia de actos meritórios. Cada elo é um degrau que se oferece a nossos pés exangues. Subamos a ladeira, soframos resignadamente como galerianos cumpridores e a Terra se transformará. Esta é a Mensagem de Natal que trazemos aos companheiros de jornada. Que eles a sintam como nós e se transcendam em solidariedade e amor espiritual!

O Espiritismo e a Actualidade

Por F. NORONHA

NUNCA se deparou ao olhar do homem um período angustioso de incerteza e desânimo como o que vamos atravessando presentemente.

Os naturais escrúpulos que evitavam fraquezas de ânimo e tombos deprimentes esfriaram quase totalmente, e a disciplina doméstica e social tem-se desvirtuado num crescendo que ameaça submergir sem remédio povos e nações.

Tudo parece tender para uma idolatria falha de fundamento sólido, ocultando em si a sua pecha de morte. É o dinheiro, a moeda, ponto de mira em todas as hipóteses e obsecação indómita em todas as modalidades. E para possuir dinheiro, para saciar a sede e fome de capital, não se hesita na infâmia nem se renega do crime:

Este encontra agentes em todos os meios e mandatários em todas as posições.

As suas taras anoitecem e desaprumam a companheira do homem que, não raro, é a iniciadora do desmando e a única responsável pelo resvalar sombrio.

Ao pretérito precavido e educado sucederam anos, meses, dias e horas de desinteresse funesto, em que predominou a falência de bom senso, o entusiasmo pelo jogo da bola, e o desapego de laços consanguíneos e familiares.

E, assim, os baluartes da vida regular de relação e entendimento foram declinando, inequìvocamente, sem oportunidade de concerto, e cessaram exangues, sem prestígio nem aproveitamento de espécie alguma. Contudo, o dilúvio não foi completo.

Permaneceu ilesa uma instituição de ética moral e de personalidade científica: o Espiritismo. Vitalizou-o um ser de eleição, desprendido de egoísmo e apóstolo de fraternidade: Kardec, médico de corpo e médico de alma. A ele deve uma fase de alvor inofusável o Espiritismo, e a sua verdade uma triunfal preeminência de aceitação. Lés a lés deste planeta miudo, que nos transporta através da imensidade e em que sofremos provações merecidas, o seu impulso anímico acompanha-nos e incrusta-nos a modo de benção dulcíssima, alentando-nos em nossos âmbitos, em que a prece nos enleva e o sentimento de humanidade nos aproxima.

É templo de confiança e de amor cada um dos recintos em que celebramos as nossas sessões e em que levamos a efeito experimentação correspondente.

Não penetra em nossa atmosfera a insinuação ardilosa e o cálculo explorador.

Aqui não vinga a perversão astuta, a vil hipocrisia, o sofisma intoxicado.

Impera Deus como fonte augusta de energia e potência mental, como presciência peregrina infalível, como paternidade misericordiosa. Tal é o nosso clima salubre, o nosso timbre de colectividade e calma de convencimento profundo.

Com estas ensanchas de respeitabilidade inconcussa, valorizando mais e mais o conceito de união que a própria essência doutrinária do Espiritismo traduz e exprime, é clara a sua missão de ordenador orgânico, de propaganda e de progresso normal.

E os serviços prestimosos e impagáveis susceptíveis de sua diligência vitoriosa e de sua dedicação voluntária, seriam o maior argumento de sua consagração e o mais eloquente depoimento de índole e carácter que o informam e radicam.

Devemos empenhar-nos nesta ideia e neste sentido. Importa ao mundo, à Glória e à Suma Justiça que haja intérpretes do bem, praticando-o, e exemplificações de benemerência, exercendo-a.

Esta é regra que redime, filosofia que purifica e conselho que enaltece.

Não demuda para ambição o cogitar do homem nem o torna revoltado contra incentivos da Providência.

Brindou-nos Ela com o livre arbítrio, facultou-nos o senhorio da animalidade e a orientação desta nos seios rúbidos da natureza inesgotável.

Nada mais categórico, mais expressivo e mais em ascese triunfante. Aura plena de unção divina, reverberação espiritual da Causa excelsa, prova empolgante da tua existência, ó Deus!

Céu, Terra e Mar te proclamam; a ma-

temática de leis eternas é santo e senha no teu esplendor imáculo de Criador.

E é este o brado metálico do existente, desde o minúsculo fora de alcance de olho nú, até os aglomerados, de dimensões desmedidas e aos picos inacessíveis de altitudes montanhosas.

De facto, o Espiritismo falece de recursos, no físico, mas jamais de propriedades no anseio de elevação e na miragem do Além. Entende-se com os desencarnados, fala com os mortos, se estes representam uma realidade, e transcende edificações de todas as características, modalidades de todos os aniquilamentos e até mesmo os simbolismos de todas as categorias.

Kardec foi o obreiro de garra, libertou-se de imposições dogmáticas, paralisantes e estultas do fulgor da ideia e da expansão hábil do pensamento.

O espírito é activo, não se ajusta à inércia tresloucada nem lhe é legítimo o sustamento.

Ele trava o bom combate da razão imperativa, que é a luz ondeante e a jorros, e entoará o hino da glória pelo ditame livre da consciência honrada e por determinação peremptória de sua faculdade volitiva.

Coisa alguma o diminui na actualidade ou poderá movê-lo a indolência vergonhosa.

Reage, felizmente, em todas as hipóteses; e como o seu reagir não é postiço nem fementido, o lodo não o afoga nem o salpica.

Permanece no seu direito de autónomo e em sua expressão de verdade. Não é manco nem deficiente de outiva.

Nas vozes da natureza distingue o verbo do seu Autor e na arquitectura dos mundos o engenho de quem os revelou.

Eis o externato espirita perante juízo imparcial, crítica ilustrada e relato meticuloso da História.

Não confundamos as coisas, os factos, os institutos e os centros de estudo, observação e experiência.

De tudo isto participa o espirita, cobrando ânimo e temperatura de fôlego vivo interno.

É para o Alto e do Alto que se esmera por atracção, por simpatia e por aliança reflectida.

O Alto é seu sol magnífico e sua Pátria definitiva.

São dois níveis de alcandor divino, sem elo possível com a estatura humana, muito abaixo da de outros animais da fauna terrena, que o bípede racional é incapaz de atingir, supondo-o mesmo dotado de génio e aplaudido por multidões compactas.

Pecado Original

Por ALFREDO MIGUEL

POR causa de presumível falta cometida por uma suposta personagem bíblica chamada Adão, se convencionou que o ser humano vinha ao mundo com o estigma dum pecado original. A alma que pecar — diz um profeta — essa perecerá; o filho não sofrerá pela iniquidade do pai e o pai não sofrerá pela iniquidade do filho.

Nada mais justo e compreensível do que o dito desse profeta. Pretender-se que um desregramento de Adão estendeu suas consequências até nossos dias, maculando inocentes que nada têm a ver com a sua maldade, nem chega a ser uma antinomia, porque não passa de rematada tolice. E quando se considera que Adão devera ter sido um mito, a tolice torna-se irrisória.

Mas, afinal, dizei-nos como pode a criança trazer do berço mancha de pecado, se a sua alma saiu das mãos de Deus especialmente para o corpinho que se formou no ventre materno? De duas, uma: ou essa alma, criada por Deus, surgiu sem mácula, para a vida, ou Deus a criou impura. Sucede que a Suma Pureza não pode gerar a impureza; e se a alma veio imaculada, onde o pecado de que a inquinam?

A estas conclusões nos leva a doutrina da unicidade da existência, proclamada e sustentada por quantos aceitam essa história de Adão a transmitir sua herança de pecado a todo o género humano. Admitida a preexistência do ser, tudo se aclara e se explica fàcilmente. Vimos de um passado longínquo que se perde na noite infinita do tempo e cada existência nossa é um episódio na vida imortal do Espírito. Réus da Justiça divina em virtude da nossa iniquidade no curso de inúmeras encarnações terrenas, ainda agora renascemos trazendo o germe de nossas paixões e os vestígios de nossa inferioridade, visíveis nas inclinações do nosso «Eu» desde a primeira infância. Tudo o que dá sinal da nossa natureza ainda imperfeita — a maldade, em suma — que se nos diz ter vindo do berço, tudo isso retrata em nós a alegoria do «pecado original». Fomos nós que o gerámos e somos nós ùnicamente que o havemos de destruir. Consegui-lo-emos com o tempo. Diante de nós estende-se a eternidade e o infinito.

Não Guardes para Amanhã o que podes fazer Hoje

Por A. J. TRINDADE

O TORMENTO DO INOCENTE

Nos seus últimos anos o célebre Nahum foi vítima de inenarráveis desventuras.

Horrìvelmente chagado nas mãos, nos pés, em todo o corpo e, além disso, cego, jazia imóvel no seu leito de morte num pobre e ruinoso tugúrio.

Junto dele estavam os seus discípulos, que o contemplavam com reverência e piedade; finalmente, fizeram-lhe esta pergunta: «Oh, amado mestre! Sendo tu tão íntegro, tão piedoso e tão santo, como é que a divina justiça te atormenta assim?».

Respondeu o moribundo com apagada voz: «— Filhos meus! Eu mereci este castigo. Ouvi-me: seguido de três carros carregados de alimentos e bebidas dirigia-me a casa de meu sogro. No caminho, um pobre, morto de fome, saíu-me ao encontro, clamando: «Senhor, senhor! dai-me com que matar a fome, com que sustentar-me!». Ao que eu respondi: «Quando me desempenhar da minha missão, terás quanto necessitares», e segui no meu caminho. Depois de caminhar um pouco, voltei atrás. E que vi? O pobre homem estava caído em terra, extenuado, morto.

«Desesperado, precipitei-me do carro, deitei-me sobre o cadáver, estendendo-me sobre aqueles restos inanimados e gritei: «Desgraçado de mim! Ceguem-se os meus olhos, que não repararam na tua miséria; sejam inutilizadas as minhas mãos, que te não ofereceram o que precisavas, o teu desejado sustento, e que os meus pés, que não correram a prestar-te ajuda, me caiam de podres!». O Senhor ouviu a minha súplica e, pouco tempo depois, o meu corpo ficou uma completa chaga...

— Infelizes de nós — diziam, chorando, os discípulos —, que te vemos em tal estado!

— Infeliz de mim — respondeu, tranquilo, o moribundo — se não estivesse em tal estado! («Talmud Tahanid», pág. 21).

A maior parte da humanidade deixa ficar sempre para «amanhã o que pode fazer hoje».

Esquecendo-se de que não sabe quando será chamado a contas, vai protelando os seus deveres para o dia imediato, quando, como dizia Jesus, não sabe se nesse dia será chamado a contas por Quem de Direito.

Temos escutado muita vez de espiritas de responsabilidade (e de pessoas de credos religiosos diferentes!), que sabem muito bem que precisam de fazer isto e aquilo, mas que também sabem que têm a eternidade na sua frente, motivo por que aquilo que deixarem de fazer hoje o farão amanhã, e que, se não puder ser nesta encarnação, o farão na próxima, etc.

Não vêem estes inconscientes que uma acção boa que não se pratica hoje, agora mesmo, jamais pode ter nova oportunidade para se praticar.

Esquecem-se igualmente o que disse, algures, certo filósofo: «Não fazer o bem é já praticar o mal».

E que, portanto, jamais se deve perder a oportunidade de prestar assistência seja lá a quem for, deixar, em suma, de praticar uma acção assistencial, que tanto pode ser com dinheiro ou outras coisas materiais, mas até em dar um simples conselho a quem dele necessite, e que — embora a nós não custe nada! — pode mudar o curso de graves acontecimentos familiares, sociais e espirituais.

Por nosso gabinete de trabalho passam os casos mais extraordinários, pedem-nos as coisas mais extravagantes, mas que, embora por vezes bem a contragosto, somos obrigados a resolver, pois as pessoas que a nós se dirigem nesse sentido, é porque julgam só em nós encontrarão o conselho ou solução consentânea com a razão para o seu caso!...

E, por vezes, é com verdadeira repugnância que tratamos de tais assuntos, pois medindo os conhecimentos da pessoa com seu desejo ou pedido, compreendemos que a nossa negativa para aventar sobre o seu caso, podia motivar soluções de que amanhã nos teríamos de arrepender. Por isso, lá vamos dando a melhor solução para o assunto, não raro duvidando muito dos seus resultados.

Entretanto, pouco tempo após, lá voltam à nossa presença essas mesmas pessoas para nos agradecer o conselho que déramos na emergência, que foi um *santo remédio*, que deu o resultado que ela esperava, etc., e que nos mostra o quão somos ainda pequeninos para aquilatar dos desígnios divinos, dos quais não somos aqui na terra mais que inconsciente instrumento...

✯

Ora, quando de nossa estadia em nosso querido Portugal, a cada vez que falávamos, fosse lá com quem fosse, da actualidade espirita portuguesa e do que era esperado de seus orientadores, verificávamos que reinava ânsia tal no ânimo dessas criaturas, que todas estavam sedentas de provas, de conhecimentos que melhor norteassem seus passos na vereda da verdade e os dessedentasse. Se eles tinham apostado sobre seus credos antigos, agora encontravam-se quais náufragos humanos ao sabor de ondas adversas ou de credos imperantes na actualidade.

✯

Ora, meus prezados confrades e amigos, a advertência do Cristo, de que «muito será pedido a quem muito se houver dado», está de pé, e bem viva!

Ai «daqueles que vêem e não atentam, ou escutam e não querem compreender»! A justiça divina amanhã não será implacável, porque ela não condena a ninguém, mas vossa ascensão para o Alto será retardada neste sentido.

Portanto, meus amigos, se é que as leis do país vos inibem por agora de exemplificar o Espiritismo na prática, deixa-vos entretanto o campo livre para a sua disseminação pela palavra e pela escrita, mas que, a esta, deveis preferir sempre a da palavra, que convence, que arrebata e pela qual podereis arregimentar não apenas as ovelhas que esperam a voz de seu pastor, mas até as desgarradas da Casa de Israel.

Avante, pois, meus queridos companheiros: Começai a semeadura.

S. Paulo, Brasil.

PAZ E HARMONIA

Pelo Espírito de REPER-SIAM

Caminhai em frente, que o triunfo é dos que avançam sem olhar a impecilnos. De que serve pregar sem exemplificar? Por isso eu gosto do vosso dinamismo empreendedor, para que a doutrina saia do marasmo em que tem estado.

Nunca vos detenhais ante um obstáculo. Ou se galga, ou se ladeia, contanto que a marcha se não atrase. Assim procedem todos os que conseguem obra de vulto, em campos semelhantes ao vosso.

Sempre que dais um passo em frente, regosijamo-nos, por vermos alguns frutos da nossa sementeira. Por isso, não vos embaraceis com coisas fúteis. Não luteis por inquidades, nem levanteis atritos por simples frioleiras. Segui o vosso caminho, confiante nos vossos maiores, que deste lado vos aguardam e incentivam.

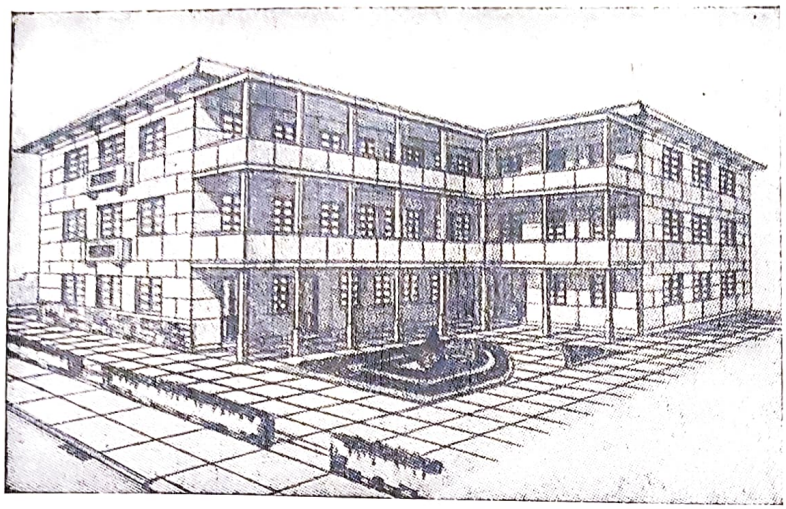
Muitas vezes vos tenho dito que nada espereis dos homens. Nem justiça, nem compreensão. Quem abriu caminhos como os que pisais, não pode esperar auxílio de certos companheiros, devido à distância que os separa. Mas nem por isso deixareis de ir até eles. Segui avante, que outros vos acompanharão e zelarão.

Sede superiores a mesquinhices. Crede que não é por mais um ou menos dois que a marcha deixa de continuar no mesmo ritmo. Outro tanto não será, se vos alterardes a ponto de comprometer a vossa harmonia psíquica, os vossos nervos fracos e abalados. Portanto, eu também recomendo: acima de tudo paz e harmonia, condições essenciais para o triunfo.

As pessoas nervosas e doentes que se acabrunham com tudo, nunca foram vencedoras. Qualquer coisa lhes tolhe os movimentos e deixam-se prender por forças vegetativas. Mas os fortes caminham sempre direitos ao alvo, deixando atrás a ganga, a letra que mata, a inveja que estiola e o vozear da turba que nada mais faz que refocilar na lama.

Numa coisa ainda fraquejais: é na obtenção daquela paz e harmonia que venho apregoando há tanto tempo. Se procedesseis como aconselho, o problema estaria resolvido.

Médium — *Maria Gonçalves Duarte Santos*



MATERNIDADE CASA DA MÃE POBRE

MATERNI

Voltamos mais uma vez a referir-nos à vida desta modelar instituição, através do relatório do seu presidente e nosso grande amigo Henrique Magalhães, cuja modéstia terá de ser ferida com expressões justas, derivadas da simples apreciação dos factos.

O nascimento da Maternidade envolve uma ideia transcendente e de tal modo elevada, que não custa acreditar no imponderável do seu avanço, não obstante as dificuldades quase insuperáveis que lhe barram às vezes o caminho. O ano passado, por exemplo, foi para ela um ano de angústia, tantos e tantos foram os compromissos e as responsabilidades assumidas por seus abnegados dirigentes. Mas a Providência facilitou certos empreendimentos e tocou alguns espíritos de escol que vieram em auxílio do que parecia irremediável. E a ferida foi cicatrizando e as forças voltaram ao organismo deficitário por esforço excessivo.

Os valores potenciais em prédios, bibliotecas, móveis e utensílios, instalações, material cirúrgico, equipamento hospitalar, veículos, material de copa e cozinha, devedores, adiantamentos, títulos de renda, roupa-ria, farmácia e despensa, etc., etc., atingem a cifra de *onze milhões de cruzeiros* (números redondos), acrescendo que os prédios da Rua Frei Pinto e Rua Ibituruna estão actualmente valorizados em mais *seis milhões de cruzeiros*. Foi a sua aquisição que desequilibrou a administração da Maternidade e que, graças ao esforço dum pugilo de servidores operosos, se está a reconstituir com justificado optimismo, conforme demonstra o balanço financeiro com o activo de perto de *doze milhões de cruzeiros* e uma diseiscentos mil, mercê, como dissevida atenuada de *três milhões* e mos, de amigos da instiutição, entre os quais é lícito salientar os srs. Emílio Raúl de Miranda, Germano José Gonçalves, o nosso grande amigo Manuel Jorge Gaio, Benjamim Rezende Reis, Filipe Santiago Quintãs e Nelson de Azevedo, esse dinâmico lutador que se encontra à frente da União dos Discípulos de Jesus, os quais serviram de fiadores ou emprestaram vultosas quantias para pagar o prédio da Rua Ibituruna, 81, e reconstruir o prédio da Rua Frei Pinto, 18, precisamente no momento mais difícil da *Casa da Mãe Pobre*.

Sob a proficiente direcção do Dr. Osvaldo Nazaré, coadjuvado pelos Drs. Edgar Falci e Nelson Machado, continuam os serviços de assistência social à maternidade e infância dasvalida. Assim, de Julho de 1952 a Junho de 1953 matricularam-se 837 gestantes nas enfermarias e 185 nos quartos particulares. As consultas de serviço pre-natal foram 2.573 nas enfermarias e 272 nos quartos particulares. As internações atingiram o número de 2.468. Houve 2.068 partos e nasceram 2.085 crianças. Portanto 17 partos gemelares. Neo-mortos, 18. Nati-mortos, 60.

O Banco de Sangue também tem cumprido com eficiência a sua tarefa.

O Laboratório tem prestado inestimáveis serviços sob a orientação do Dr. Wilson Fragoso. Realizaram-se ali 9.358 exames, assim discriminados: urina, 4.218; Sangue,

Desencarnação

Pela médium HORTÊNSIA NARANJO

— Diz-me, bem amado, que impressões tiveste ao deixar o corpo?

— Antes de partir tive a sensação de estar fora do meu cárcere terreno, aquele corpo que me foi tão querido.

Pouco depois de ouvir-te dizer: «espera, meu amor, eu te abrirei os olhos», vi-te e ouvi pela última vez... a tua querida voz.

Um sonho doce como brando amanhecer se apoderou de mim. A tua voz tornou-se um éco longínquo e na minha pupila espiritual ficaram gravadas as minhas filhas, os meus filhos; e tu, qual manto suave, nos envolvias a todos.

Senti-me passar de um lugar a outro, parecia ter nascido outra vez entre meus pais que me esperavam num mundo feliz...

«As horas, não as contei, o tempo passou despercebido. Era viver instantâneamente suspenso pelos mais belos pensamentos dos que me amavam e tu eras sempre a primeira... (sempre o foste).

«Numa manhã de luz se abriram os olhos da minha alma em Natureza riquíssima de

DADE CASA DA MÃE POBRE

5.104; fezes, 29; escarro, 2; diversos, 5.

A puericultura tem merecido igualmente a carinhosa atenção dos Drs. Balbino Carlos Dias e Mauro Wilson Mota, sobretudo quanto às crianças pobres. As consultas realizadas foram 1.620.

O utilíssimo berçario, em boa hora criado na Maternidade, socorreu 30 crianças.

Uma das mais belas facetas desta instituição é, sem dúvida, a Legião Protectora da Mãe Pobre, cuja missão é realizar festas e campanhas financeiras, angariar sócios, solicitar donativos, intensificar os serviços de costura, etc. No período a que nos referimos, a presidência esteve a cargo de D. Clotilde Bacelar, com os melhores resultados. A Festa da Rosa rendeu 261.000, cruzeiros; a Campanha Financeira, 95.000; a Campanha do Natal, 33.500; a Festa do Clube Municipal, 17.000, tudo isto no total de mais de quatrocentos mil cruzeiros. Por aqui se vê o esforço inestimável destes falangistas do Bem que tudo esquecem para atender a tão sublime causa.

A Maternidade recebeu também três magníficos legados: do Governo da União, relativo a 1952, 125.000 cruzeiros; idem, relativo a 1953, 325.000; da Prefeitura do Distrito Federal, 300.000. Além destes, há outro de 300.000 da Câmara dos Vereadores, que foi obtido, graças ao esforço hercúleo do Coronel da Aeronáutica, Dr. Telémaio Gonçalves Maia, e que constará no exercício financeiro de 1953 por ter sido recebido em Julho. Já no ano transacto o mesmo confrade conseguira igual donativo daquela Câmara. É um grande espirita este denodado pioneiro da Maternidade.

A Legião Brasileira de Assistência, à qual a Casa da Mãe Pobre tem prestado grandes serviços, ofereceu 200.000 cruzeiros.

Os sócios oscilaram durante o ano em referência. Entraram 2.284 e sairam 2.386. Houve decréscimo de 102, mas a arrecadação total elevou-se a 1.153.405 cruzeiros (um milhão, cento e cinquenta e três mil, quatrocentos e cinco cruzeiros).

Também recebeu uma herança de S. Paulo no valor de 25.000 cruzeiros.

Uma das suas obras mais interessantes é a Lavandaria. Para se apreciar a utilidade deste departamento, basta dizer que em 2 meses que não funcionou em virtude do concerto da Caldeira, tiveram de ser pagos 40.000 cruzeiros de lavagens de roupa.

O empréstimo contraído entre associados, a fim de enfrentar a dívida com a aquisição dos prédios já citados atingiu 136.000 cruzeiros.

Quanto a refeições, serviram-se 83.000, cujo preço unitário foi de dez cruzeiros.

O índice mais significativo do movimento da Casa está na avalanche de correspondência e telegramas trocados durante o ano: 46.643, ou, seja, a média de 130 cartas por dia!

O relatório termina assim:

«No relatório do ano anterior dizíamos, entre outras palavras: «O tufão há-de passar e tudo leva a crer que está chegando ao fim». Naquele momento estávamos a braços com uma crise sem precedentes e, não sei porquê, aventurei-me a prognosticar sobre um ponto que nos parecia impossível de realizar. Embora não chegássemos ao fim da tormenta, é justo salientar que a situação financeira melhorou sensìvelmente, como prova o balanço».

De facto, o *superavit* verificado no exercício a que nos referimos foi de 1.247.455,00 (um milhão, duzentos e quarenta e sete mil, quatrocentos e cinquenta e cinco cruzeiros).

A *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»* está entregue em boas mãos e tem honrado sobremaneira o nome que a identifica e distingue entre todas as suas congéneres do Brasil. Fundada e dirigidas por espiritas, acolhe em seu seio os necessitados que solicitem internamento, sem cuidar de raças, ou credos políticos e religiosos. Nisto reside a sua grande força, o seu prestígio inabalável.

O Alto vela pelos obreiros do bem e facilita-lhes a tarefa nos caminhos pedregosos da terra. Bendita a hora em que dois ou três pensaram na fundação de um pequenino refúgio da mãe pobre, nunca julgando que a obra surgisse tão grandiosa e opulenta. Mais uma vez se prova que o homem põe e Deus dispõe. Como os seus desígnios são inescrutáveis!

cores, essências, ideais, espaço, formas incompreendidas, mundos que giravam à minha volta, ecos longínquos de almas amarguradas, ais de dor dos que se angustiavam pela vida da Terra, um mundo de luz que compreendi...

«Ali, no meio daquela luz, é que te encontrei, sim, pois os teus pensamentos foram sempre o suave bordão a que o meu espírito se apoiou...

«Então os Mestres do Espaço, os iniciadores das leis do Criador, tomaram, de forma especial, o meu espírito, e elevámo-nos sobre este globo terráqueo para empreender novas tarefas que me dariam a consciência mais elevada, o sentimento mais puro: o amor...

«Amor, leve emanação das almas compreensivas! Luz vivificadora dos que compreendem a Deus! Amor!... Experiência saudável, quando atingimos o ponto a que todas as almas hão-de chegar, em sua depuração constante! Amor, idílio de almas em pureza, renascimento, excelsitude pura, elevação superior!

«Esta, amada minha, é a carta amorosa, sempre esperada por um amor que continuará através deste mundo de paz e ressurreição espiritual.

NARDO

(De *La Conciencia*, de Buenos Aires)

ESPIRITISMO SEM KARDEC

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário, Argentina)

NÃO exageramos o título destas linhas. Concretizamos uma realidade das nossas esferas institucionais. Em quase todos os países americanos se tem desenvolvido um espiritismo que nada tem com Kardec, isto é, com o Dr. Hipólito Lion Denizard Rivail, codificador do ideal espirita. Muitos centros e sociedades praticam um espiritismo doméstico, de estilo caseiro, cujas manifestações colidem notòriamente com os princípios básicos do Mestre.

Qual é o motivo deste estado de coisas? Falta de bases orgânicas, desciplina científica, orentação metódica, controlo e responsabilidade. Em nenhum campo científico ocorrem anomalias como no nosso: em qualquer sector destinado a formar discípios e mestres que tarde ou cedo tenham de entregar-se ao magistério, se iniciam os trabalhos na fase teórica (antecipado plano de estudo), um programa de labor a que se adaptem professores e alunos. Entre os espiritas não se usou igual método; mas pôs-se em prática, em primeiro lugar, o fenomenismo mediúnico. Claro está que nem Kardec, nem os espíritos que o auxiliaram na compilação científico-filosófica do Espiritismo sugeriram semelhante método.

O estado programado desta ciência exige paciência, assimilação, análise, comparação que, lògicamente, deve durar de três a cinco anos, com seus respectivos exames. A ela não se submete toda a gente para a beneficiar, porque é muito mais fácil uma Avé-Maria do que estudar um livro. E se a isso juntarmos o conselho do guia que aconselha os seus irmãozinhos a «não ler nem estudar», mas a obedecer-lhe, então o problema da «intercomunicação» com o outro mundo é mais fácil de resolver: basta sentarem-se quatro, dez ou vinte pessoas à volta da mesa, murmurar-se uma oração, fazer o sinal da cruz e «pedir a comunicação», como quem recorre às empresas telefónicas, solicitando «longa distância».

O vulgo convence-se de que essa «intercomunicação» é sumamente fácil e que as entidades do espaço se encontram à disposição dos mortais em qualquer momento e qualquer dia. Muitas vezes, as sessões mediúnicas realizam-se sem medir as consequências resultantes da atitude dos audazes que procedem assim, por o terem visto fazer noutras partes.

Deste modo se constituiram não poucos centros chamados «espiritas», nos quais prestes se arraigou o fanatismo com todas as suas consequências posteriores. O religiosismo determinou uma situação que eclipsou o sentido da ciência kardeciana e os seus seguidores. A lei do menor esforço não poderia determinar outros resultados, principalmente quando se chegou ao cúmulo de desqualificar a ciência e classificá-la abertamente de «nociva».

Claro que nem Kardec, nem qualquer espirita responsável sugeriram jamais semelhante orientação. Pelo contrário, as obras do Mestre são claras e inconfundíveis neste sentido. Mas, como são desconhecidas em seus pormenores e liniamentos gerais, como os de Gustave Geley, William Crookes, Schrenk-Notzing e tantos outros investigadores de linhagem científica, pratica-se um espiritismo desligado das normas apresentadas por estes e as entidades superiores que com eles colaboraram.

Ignorando-se o método essencial, registaram-se com o tempo outras anomalias importantes que, cedo ou tarde, tinham que produzir seus frutos negativos. Queremo-nos referir à concorrência de elementos sem preparação nem conhecimento às sessões experimentais, como se se tratasse de problemas fúteis a encarar, dando-se a esses actos transcendentes aspectos teatrais ou de romaria. Os dirigentes de tais centros apressaram-se a atrair adeptos e contribuintes para formar número, sem atribuir importância alguma à finalidade de seleccionar os elementos para as sessões fenoménicas.

Dir-se-á que desejamos

um sistema que impeça o conhecimento do nosso ideal. Não é assim. Todo o mundo tem direito ao conhecimento da cultura espirita ou metapsíquica. A gente tem necessidade de saber, antes de mais nada, o que significa o Espiritismo em sua trajectória histórica, que é, na essência, como se produz um fenómeno, o que é um médium, quais os efeitos vibratórios e o ambiente indispensável para obter bom êxito, qual a filosofia do mesmo, etc. A nossa escola deve necessàriamente ter carácter pedagógico, se quisermos lograr objectivos superiores e formar consciências espiritas, introduzindo na sala das sessões sòmente pessoas com suficiente preparação teórica que possam interpretar conscientemente os fenómenos, assim como relativamente aos antecedentes morais de cada um.

Em geral, diz-se que é preciso convencer os neófitos. Convencê-los de quê? Não é possível convencer ninguém de uma coisa que não compreende. Donde se conclui que, em lugar de formar um adepto, este sai da sessão mais incrédulo do que antes, desde que não conheça a técnica da mediunidade. Outra coisa sucederia se as nossas instituições criassem cursos de Espiritismo, Metapsíquica, Parapsicologia, Metapsicologia, Filosofia, Psicologia, etc., impondo exames e assistência obrigatória ou voluntária para quem não pudesse assistir às aulas.

Em virtude de se não ter adoptado este regime orgânico, a marcha institucional do Espiritismo estacionou, abundando em suas fileiras elementos que o não honram, nem moral, nem espiritualmente. Quando pessoas de alguma preparação intelectual presenceiam uma sessão mediúnica, formulando depois certas perguntas para explicar determinados fenómenos, os directores não sabem responder ou procuram libertar-se quanto antes do «curioso».

No campo intelectual é fácil de observar irregularidades análogas, pois se o universitário é, por exemplo, um médico, esforça-se por apresentar os fenómenos com o critério puramente materialista da psicologia clássica; e acredita-se, em regra, que a psicanálise freudiana é capaz de resolver fàcilmente esta classe de problemas, limitando-os ao paralelismo psicofisiológico. Para ele, o que vale é a ciência psicossomática; quer dizer, que o cérebro do médium é que determina toda essa série de fenómenos psíquicos, fazendo considerações em torno da dupla ou tripla personalidade, que não resistem a vigorosa controvérsia. Explica à sua moda a histeria, a epilepsia, etc., qualificando os espiritas e especialmente os médiuns de *sujeitos esquisofrénicos*.

Encontramos aqui as mesmas falhas, porque, em geral, os universitários não leram o seu colega que, como escritor, usava o pseudónimo de *Allan Kardec*, e ignoram a existência dos profundos estudos publicados por sábios da envergadura de William Crookes, Myers, Oliver Lodge, Ricket, Lombroso, Morselli, Zöllner e muitas dezenas mais. Pois já o Dr. Geley, autor do famoso livro «Do Inconsciente ao Consciente», afirmava que a metapsíquica era uma ciência totalmente nova e digna de estudo para quem quiser compreender os fenómenos do psiquismo.

E se temos de entrar no mundo pedagógico, especialmente o jornalístico, entre cem pessoas talvez encontremos duas que tenham algum conhecimento acerca destas questões transcendentais. Não obstante, nada disto impede que universitários, professores, médicos ou jornalistas condenem aprioristicamente o Espiritismo, valendo-se de argumentos ridículos e absurdos.

Nós entendemos que as ciências do psiquismo são inerentes à Medicina, à Sociologia, à Pedagogia e ao Espiritismo, sem direito a que os seus cultores exteriorizem sorrisos piedosos nem transtornem a cabeça ao povo, levando-o a pensar que espiritas e metapsiquistas têm macaquinhos no sòtão. Há um século que os fenómenos do Espiritismo se registam em toda a parte do mundo, nos sectores científicos e em alguns ambientes opostos. Só na Inglaterra há 10.000 volumes escritos sobre estes problemas e quantidade igual no resto do mundo. Portanto, negar a sobrevivência da personalidade humana de forma sistemática, é fácil. O essencial, o lógico, é que os negadores comprovem cientìficamente, com os dados na mão, que a verdade está com eles. Os espiritas e os metapsiquistas estudiosos estão em condições de demonstrar o que afirmam.

Em resumo: as falhas existem nas duas partes: no campo dos ignaros e no dos universitários de critério unilateral. Seria conveniente que uns e outros reagissem em seu próprio benefício para encarar o psiquismo sob todas as formas, destinado a abrir horizontes novos ao género humano. Os problemas sérios devem ser tratados com seriedade e método científico. De contrário, será desprestigiar a mais bela das ciências e a mais ampla filosofia científica.

(Trad. de I. D. S.).

UM ARTIGO DE "FIAT LUX"

«Nada vi, nem li que me convencesse do fundamento científico do Espiritismo».—?...

«... só Deus é sábio; os homens são apenas amigos de saber, investigadores da verdade; mas sábios, não»
A. P. Morais

Há no Homem 3 elementos:

1) — a Alma (ou espírito), princípio inteligente, no qual reside o senso moral;

2)—o corpo físico, de que está temporàriamente *revestido*, para actuar no mundo material;

3)—o *perispírito*, envoltório «fluídico», semi-material, que tem a função de relação entre a alma (imaterial) e o corpo físico.

O perispírito, apesar de «fluídico», etéreo, vaporoso e invisível, no seu estado normal, não deixa de ser *material*... (A. Kardec).

Forma a «alma e o perispírito» um *todo homogéneo*, com o nome de ESPÍRITO.

A «alma» é a essência (*imaterial*, para a nossa compreensão), *foco* do pensamento, e não muda de natureza (que nos é desconhecida).

O «perispírito» (invólucro semi-material «fluídico») é a *substância* que a circunscreve, quer integrada no corpo físico, quer desagregada.

O «perispírito», isolado, não é um «ser», porque não *pensa*.

A «alma», desintegrada do perispírito, não teria *forma* concebível por nossas actuais faculdades intelectivas; pelo que o perispírito faz parte integrante do Espírito, porque é através deste que a *alma* dá forma ao corpo físico. Esta ideia da *forma* é inseparável da do espírito, por não se poder conceber *uma* sem o *outro*.

O Espírito não é abstracção, mas um *ser* definido, limitado e circunscrito, «vivendo» nas condições de invisibilidade natural...

O Espírito «encarnado no corpo» é que constitui a Alma Humana...

*

O Espiritismo experimental conceitua-se, então, como ciência *natural, positiva* e *experimental*, porque estuda um grupo de *fenómenos naturais* — os fenómenos espiritas —, procurando determinar as suas *causas* e leis imediatas, por meio do método experimental.

O objectivo do experimentalismo espirita *empírico* ou científico é constituído pelos chamados *fenómenos mediúnicos*, vulgarmente designados pelos nomes de *médiuns de efeitos físicos, sensitivos* ou *impressionáveis, auditivos, falantes, videntes, sonambúlicos, curadores, pneumatógrafos, escreventes* ou *psicógrafos*, clássicos na terminologia e na variedade, pela ordem dos fenómenos, e quantas forem as espécies de *manifestações*.

O conceito do fenómeno espirita pode variar, conforme as decorrências sejam espiríticas — intervenção de inteligências invisíveis «desencarnadas» — ou anímicas — actuação de *forças psíquicas* — e desprendimento da individualidade integrada no corpo somático; ou «influência psíquica», emanada do complexo *bio-físio-psíquico* individualizado e de um corpo vivo e pela sua natureza hominal de fenómeno meramente psíquico e que pode e deve ser estudado pelo Espiritismo, para comprova de um dos seus postulados: *a existência da alma humana* e a sua autonomia pela liberação transitória da corporatura fisiológica.

Está universalmente aceite esta definição: «Os fenómenos espiritas são funções de relação do homem com o meio, realizadas por intermédio das suas faculdades supranormais com o mundo invisível pelos sentidos fisiológicos» (cf. A. Kardec).

Estas *funções de relação* «físio-psico-anímica» estão provadas por muitos factos...

*

«A valorização que se dá à alma e ao princípio vital como entidade autónoma não obriga ninguém a ser mais do que *espiritualista*».

Mas um único passo faz sair da periferia do espiritualismo subjectivo e metafísico e entrar no círculo *contangente* do «espiritismo tão detestado» que faz desencorajar o estudioso, levando-o deliberadamente a penetrar nos domínios da «metafísica supranormal», objectiva e aliciante, desprezando com altivez os adjectivos mais benévolos: necromante, feiticeiro ou charlatão, que é o melhor apodo com que passará a ser mimoseado...

Mas... na opinião dos ESPÍRITOS...: «Nossa causa não necessita daqueles que, por orgulho, se julgam indispensáveis; chamamos *aqueles que queremos* e esses são, muitas vezes, os pequenos e humildes» (sic)...

Resulta desta *Lei* a seguinte consideração final:

«... Se vos quereis convencer, tendes outros meios, além dos esforços extremos: começai primeiro por vos submeterdes; a disciplina não manda que o discípulo se imponha ao mestre» (sic).

Propomos, então, este problema:

— Em *ciências espiritas* quem serão os *mestres*?...

*

Prosseguindo, vamos passar, sucintamente, pelos domínios da Física moderna:

O mundo inorgânico e orgânico é formado apenas de protões, neutrões e electrões, etc.

A TRÍADA BÁSICA

A água, a tinta, o vidro, o papel, os metais, o sangue, os colóides, etc., são constituídos pelos mesmos materiais.

É a associação das suas partículas, de forma que produzam ou ferro ou chumbo, visto que, por si só, protões e electrões não possuem as propriedades daqueles metais.

Vejamos, por exemplo, o fenómeno espirita denominado «escrita directa, ou *pneumatografia*»:

O primeiro que a fez conhecer em Paris foi o Barão de Guldenstube, na sua obra ilustrada com grande número de *fac-similes*: «A realidade dos Espíritos e as suas Manifestações». Trata-se aqui de um «princípio de transmutação da matéria» e de *pneumatologia*.

Segundo a teoria, a pneumatografia «é composta da matéria do elemento primordial universal, que faz passar, por vontade própria, pelas modificações necessárias ao *efeito* a produzir; lápis vermelho, tinta de impressão, ou de escrever, lápis preto, caracteres tipográficos em relevo, etc., e até substâncias semelhantes ao pastel».

Este fenómeno caracteriza-se pela espontaneidade e limitado a *pala-*

vras, sinais ininteligíveis em todas as línguas: grego, latim, siríaco, hieróglifos, etc.

Poderá ser explicado pelo magnetismo?

De facto, um magnetizador pode operar uma transmutação por meio do «fluido magnético», que, como se sabe, é a substância mais aproximada da *matéria cósmica,* ou elemento universal.

Todavia, há magnetizadores de grande *força psíquica* que não seriam capazes de fazer mover um pequeno objecto.

Podendo mudar as propriedades da água pela vontade, não poderá *associar as partículas de matéria,* de modo a produzirem, pelas «modificações necessárias», a matéria utilizada nos factos da *escrita directa.*

A prova da existência de uma *inteligência* extra-corpórea é que todo o fenómeno nos dê sinais *evidentes* de inteligência e vontade livre, «que é o sinal mais característico».

Vantagens do fenómeno *pneumatológico:* permitir a verificação material de um facto, pelo qual só se poderá admitir uma *inteligência* invisível aos observadores, com manifestação concreta de presença.

*

Continuando a estudar na Física, encontramos isto: «Na sua composoção química, a célula nãi tem qualquer elemento que não se encontre na matéria inorgânica».

Vamos certificar a sua aplicação no estudo dos fenómenos que se caracterizam pela teoria da animação fictícia — e não pode ser de outra maneira —; as coisas formadas pelos espíritos têm existência temporária subordinada à sua vontade ou necessidade. Podem ter, em certos casos, aos olhos dos observadores, todo o aspecto de realidade; tornam-se momentâneamente visíveis e mesmo tangíveis. Mas «há formação, não há criação, visto que os espíritos *nada podem tirar do nada*»...

Hipótese provável: uma espécie de transmutação de *energia em matéria.*

Como o «perispírito» dos espíritos extra-corpóreos e «encarnados» (nos médiuns) é impregnado de «fluidos», estes transformam-se possìvelmente em «energia mecânica», que poderá produzir os efeitos físicos característicos: «isolar, tornar invisível, mover certos objectos materiais e até as próprias pessoas»; os *raps* e a *sematologia,* os fenómenos tiptológicos, as levitações e os *apports.*

Operando-se ainda uma «desmaterialização, seguida de rematerialização», em harmonia com «os *princípios directores das funções de elaboração e do conhecimento*», da *inteligência,* e pela correlação de «uma energia espiritual cinética», obtida no «meio ambiente»...

Como explicar os fenómenos?

A acção teleplástica do médium, nas materializações e moldagens, já foi refutada pela demonstração «do paralelismo entre telepatia e electromagnetismo» (Aksakoff e Delanne).

O «ectoplasma» em estado vibratório pode não resistir à claridade que o dissolva; por isso os fenómenos de materialização podem ser prejudicados por uma luz actínica, tal como certas reacções químicas — em fotografia e radiologia — e na propagação das ondas de Hertz — em rádio dispersão.

Mas há médiuns que podem trabalhar à luz do dia.

Para as radiações de efeitos mecânicos e foto-químicos e eléctricos podem-se empregar raios infra-vermelhos para excluir fraudes.

Modernamente, os fenómenos da motricidade espirita — telecinesia e materializações — não podem admitir fraudes; há já muitos métodos de segurança para exclusão de qualquer tentativa de fraude: controlo eléctrico do médium, dos assistentes e do estenógrafo; a chapa fotográfica, aparelhos registadores de sons, controlados pelo silenciador adaptado à boca do médium, durante as experiências; células foto-eléctricas; o «receptor mediúnico de Lapagesse» e o «Avisador Van der Meulen», conjugados com os reflectógrafos, etc. Tal maquinaria poderá não provocar fenómenos... Mas, se os houver?... Não se enganam por auto-sugestão?!...

Ainda há fenómenos espiritas que se podem realizar com a luz branca, sem cortinas escuras, etc., «pois a obscuridade não é necessária, visto *os fenómenos poderem ser obtidos em pleno dia*» (Kardec e Maxwell).

A elaboração dos «fantasmas», pelo argumento de se tratar de uma exteriorização do «antropoflux R» — do médium e dos assistentes — ou do magnetismo animalizado mesmérico — também não pega..., «pois os raios magnéticos humanos, ou os raios N, não são *forças* puramente *psíquicas*» (Maxwell e Lombroso).

De facto, são fenómenos simples e mantêm grande analogia com os fenómenos físicos da electricidade e do magnetismo os factos tangíveis de pancadas, movimentos e suspensão; mas falta-lhes este princípio: — que os *efeitos notòriamente inteligentes,* nesta fenomenologia, são os únicos que *atestam* a acção de um *espírito,* fora da matéria...

O magnetizador irradia de si e pode alterar a «frequência» das suas radiações «pelo pensamento e pela vontade».

A «levitação» pode, também, explicar-se pelo magnetismo humano, sem intervenção de espíritos extra-corpóreos, pelo estado *diamagnético* do corpo humano em face da terra (que funciona como electro-imã), contrabalançar o «efeito da gravitação», pela polarização (+ ou —), mas de sinal = (para a *repulsão*).

Quanto às aparições de «fantasmas» no estado de *vigília* (raros), ou no estado momentâneo de «abstração», ou, melhor, de um alheamento passivo que nos faculta a «visão», são verdadeiras entidades espirituais, pois as suas imagens têm *vivacidade* evidente e movimento *próprio, espontâneo* e *inteligente.*

Pode comunicar-se, na aparência, por sons articulados, semelhantes à voz humana; mas, na maioria dos casos, *há transmissão de pensamento.* A claridade pode tornar invisível uma aparição leve.

O princípio por que se regula o fenómeno é o mesmo para todas as manifestações *genuìnamente espiritas:* «depende das propriedades do *perispírito*», vontade e conhecimento do «processus», pelo Espírito.

Só por meio do envoltório semi-material, que é o intermediário pelo qual actua sobre os nossos sentidos, condicionado a uma *lei da física:* a «massa» dos «fluidos» *combinados* é proporcional à massa dos objectos; isto é, a força deve estar na razão da resistência... do observador.

NO ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

É sob esse mesmo envoltório que têm lugar as aparições com forma humana, quer nos sonhos, quer na vigília, à luz ou na escuridão, mas que só se efectuarão sobrepondo-se a todas as *leis:* as de *afinidade* entre o perispírito do Espírito e o do vidente!...

E isto é do Espiritismo, que não se socorre de sugestões psíquicas, de mistificações ou de ilusionismo, para divertir espectadores ávidos de emoções, ou de *pseudo ciência,* para *despistar* pesquisadores intelectuais, honestos e sinceros estudiosos dos *factos.*

*

Foram precisamente estudiosos investigadores, que por intermédio de *clarividentes* — que são os naturais *instrumentos* de pesquisa para o homem de ciência —, que nos deram «a constituição, por análise e síntese experimental» da *alma* (segundo o critério deles, mas que nós ajuizamos tratar-se do *perispírito*).

A alma comporta, pois, a «energia-essencial» e o perispírito a semi-matéria (a força espiritual).

A *alma-espírito* — como a passaremos a designar, a fim de a correlatarmos com a ideia comumente percebida — tem o poder director e é autoconsciente.

Se a alma actuar num corpo físico qualquer, só o poderá fazer no perispírito; como todos os «corpos» derivam da *alma-espírito* (toda a energia é una), *não devem ter autoconsciência,* poder director (saber o que faz); embora as funções de elaboração e do conhecimento sejam ordenadas pela *alma* e os «corpos» intermediários sejam os *instrumentos* desta, ela também depende daqueles: mas, cada «corpo» *não é consciente* como a alma.

Na síntese, a «alma e o perispírito» formam *um todo homogéneo* que se denomina ESPÍRITO.

E, sendo assim, a «alma», que é constituída por energia mais vibrante, acompanhada da *sua matéria* rarefeitíssima (imaterial ou espiritual) para a nossa compreensão, é o *foco* do «pensamento» e não pode mudar de natureza, que, para nós, *continua a ser* desconhecida...

O «perispírito» é o «invólucro» semi-material em simples estado de vibração e densidade, o instrumento de que a alma se utiliza para actuar no mundo das formas bio-psico-físicas... associadas pela *afinidade.*

Conclui-se, portanto, que, objectivamente, para as ciências espiritas, o espírito não é uma abstracção, mas uma entidade individualizada, definida, limitada e circunscrita, actuando «na carne ou fora da carne», nas condições de *invisibilidade natural*...

Logo, o espírito «encarnado no corpo» é que devia constituir o *objecto* das pesquisas denominadas «psíquicas», isto é, a *alma* concretizada dos seres humanos, sem materialismos preconcebidos, ideias de poli-holizoísmo animalista ou de um *monismo espiritualista,* expresso pelas conclusões de um dualismo psico-físico experimental, que se explica na hipótese polipsíquica; um juízo negativo da existência daquele *intermediário,* que se *desprende* naturalmente, como que «*isolando*» o espírito, como se pode verificar no *sonambulismo espontâneo*... e que poderá interferir, *individualizado,* numa sessão experimental, mas que não admitirá *sugestões, ideias fixas* e *regressões de memória,* dos operadores e quaisquer assistentes, por se encontrar liberada, transitòriamente, do complexo corpóreo, que funciona pelo automatismo anímico, na exteriorização do «seu director», isto é, ausência do «autoconsciente».

Não há no «lugar vago» possibilidades de desdobramentos de quaisquer personalidades extra-vertidas, de presentes ou ausentes, pois o critério é este: o espírito não está dobrado e arrumado no seu aparelho electro-físico, como um paraquedista no seu invólucro que, ao abrir-se, o fizesse pelas pregas do tecido diáfano em que o dobraram...

Aqueles que assim ajuízam de experiências, quando derem pelo seu erro estarão dentro do *Espiritismo*... sem saber como «passaram o limiar».

*

Como já se disse que a «autoconsciência» diminui gradualmente no mundo inferior, que é o físico em que nos locomovemos, ou, melhor, o geofísico em que labutamos, a «consciência», na vigília — verifique-se o estado da «vigília mediúnica»... — é um pálido reflexo da «alma-espírito» que reside em nós, isto é, *alma* como a definimos, e *espírito,* como vulgarmente o compreendemos.

Porquanto, «pela ordem natural da hierarquia» das coisas, se a energia-matéria das «camadas» superiores for *semi-consciente,* a do nosso mundo geofísico é apenas «subconsciente»; ou na generalidade energética, pelo que o conceito do inconsciente é uma falsa proposição metafísica.

Toda a matéria é una..., e deve ser de origem espiritual; e gradativamente tem vida e vai do subconsciente ao consciente; cada partícula de matéria deve ter o seu princípio vital e «intelectual»—bio-psíquico—rudimentar, isto é, semi ou subconsciente, dependendo da constituição das suas formas condicionadas pela afinidade química e pelo tropismo.

É, pois, errado o conceito que se faz normalmente da «consciência psíquica», como um dos factores do auto-conhecimento da *personalidade* — o que será? —, e classificar «a livre consciência da alma» de «*subconsciente*» é prestar homenagem ao vestuário, desprezando a *individualidade* que o veste...

Esta associação de ideias lembra-nos o preto na selva.

Também, em discordância, temos os factos da *autoscopia* nos clarividentes que no mesmo grau de autonomia da alma (ou do espírito) percebem o seu próprio *consciente,* que alguns denominam de «subconsciente», e o seu corpo físico, incluindo o cérebro e o aparelho visual; vêem as suas radiações externas e possuem visão interna, o que poderá ser confirmado pelos raios X, quanto ao corpo somático.

Com a mentalidade preparada por termino-metodologia divergente — efeito psicológico de uma pedagogia universitária —, não se pode, por melhor que seja a boa vontade, pesquisar nos domínios particulares de qualquer ramo de conhecimento científico, e tanto pior quando os nossos conhecimentos teóricos se encontram desajustados na verificação dos factos que não condizem exactamente com a aplicação das regras que nos ensinaram os nossos Mestres.

O invisual de nascença, nem que se lhe decomponha a luz branca nas sete cores básicas do espectro luminoso, conseguirá «ver» outra, mesmo com a contraprova do disco de Newton...

Qualquer observador de um facto nunca poderá exercer «autoconsciência» na pesquisa da verdade. Apenas desenvolverá a «subconsciência» (ou, como quiserem, a *consciência*) de si próprio, referente ao mundo da física; como experimentalista, pode bem seguir a regra *bernardiana* exigida para um bom método experimental: «posta a causa, posto o efeito; suprimida a causa, suprimido o efeito; variada a causa, variado o efeito».

Mas tal regra psicológica não deve dar resultado em relação *aos espiritas,* pois quem o tentar, experimentalmente, é como «tocar em casa de *marimbondo,* é passar os bocados piores da sua existência»...

Lourenço Marques, Dez.º de 1953.

O HOMEM NA GRANDE ESCALA DA VIDA

por LUÍS DE BARROS CASTRO
(correspondente em Luanda)

O HOMEM não pode ir além do ambiente que lhe é próprio e que Deus lhe limitou. Em quase nada difere do que se verifica em todas as outras manifestações de vida, a não ser, pelo menos aparentemente, na extensão do âmbito em que cada forma de vida se move.

Temos então como que escalões ou planos, distribuídos a cada espécie. Estes escalões são em número infinito, assim como, dentro de cada um, as espécies que por ele se distribuem envolvem um número quase infinito de seres.

Estes seres, manifestações vitais de toda a espécie, incluindo as inorgânicas, movimentam-se nesses planos numa grande comunidade e íntimo contacto, resultando daí experiência e sabedoria, para cada um de per si. Com o rodar do tempo e da evolução, ora um, ora outro ser, vão-se como que emancipando e adquirindo o direito de alcançar outro plano de vida, necessàriamente superior, e portanto melhor.

Em rápida observação, podemos enumerar, apenas como exemplo e não como escala científica (dificílima de estabelecer), alguns desses planos:

Temos então os seres inorgânicos — todos os minerais — formando por hipótese o primeiro plano. A seguir o reino vegetal — todas as plantas — a que chamaremos o segundo plano. Depois, todos os seres que se movimentam — todos os animais — formando o terceiro plano. Isto no planeta em que habitamos. A estes planos deveríamos chamar grandes planos, porquanto, em cada um deles, existe, por assim dizer, um número infinito de outros, tantas são as variedades de seres que cada um desmitir sair do elemento líquido.

Em face da maneira sábia como estes planos e sub-planos estão perfeitamente separados e todavia tão ìntimamente confundidos — com o único fim de facilitar a evolução de todas as manifestações vitais — em nós se radica a crença profunda de que nem o mais leve grão de areia ou o mais pequenino insecto estão esquecidos na marcha sem par de todas as coisas que, ansiosamente e à compita, ambicionam alcançar plano após plano, onde a vida é diferente e sempre melhor. É como na floresta, em que a luta para atingir a luz solar revela verdadeira tragédia entre as plantas.

Apenas um exemplo de um sub-plano nos revela a grandiosidade do âmbito que é oferecido pela Natureza a esta ou àquela espécie de animais ou seres, e ao mesmo tempo a sua nítida separação de outros sub-planos: o mar, ou, melhor, o reino das águas.

Os seres que nele se movimentam são em número infinito, assim como infinita é, por assim dizer, a sua variedade; mas, entretanto, todos irmanados pela limitação do ambiente em que são forçados a viver, enquanto a sua evolução não lhes permitir sair do elemento líquido.

Vejamos agora, ùnicamente entre os peixes, algumas diferenças que tão claramente revelam os efeitos da evolução:

Não é verdade que alguns são muito mais inteligentes do que outros? Esses, que já têm essa qualidade, estão prestes a passar para outro plano de vida em que o ambiente não é o reino das águas, mas o sub-plano imediatamente superior.

Entretanto, cada um destes sub-planos está tão ìntimamente em contacto com todos os outros, que cada espécie de seres que nele vive vai conhecendo, por experiência, o que noutros se passa, estando a sua existência dependente desse contacto. Assim, os peixes conhecem as rochas em que se refugiam e descansam, alimentam-se de muitos frutos e detritos que da terra vêm arrastados pelas correntes fluviais, conhecem muitas plantas, pois muitas vivem na água, conhecem os efeitos da temperatura, necessitam de ar, etc., etc. Quer dizer: sem poderem sair das águas, têm já íntimo conhecimento da existência de outros ambientes.

Certamente não iremos agora afirmar que os peixes «pensam» que precisam de subir a esses outros planos e que isso lhes convém. O que não resta dúvida é que uma Lei deve reger esse movimento ascensional e que, conhecida ou não desses seres, a ela fatalmente obedecem.

Mas a evolução é tão lenta, que nem mesmo na passagem de um sub-plano para outro a transição se opera bruscamente, e isto se verifica em todas as espécies de formas vitais: de uns para outros, há os indivíduos intermediários, que são como que os degraus que levam à nova situação de superioridade. Os peixes, ao passarem para as formas aladas, começam por ter asas — peixes voadores, tão conhecidos dos que viajam por mar —, transparentes, gelatinosas, e que servem ao mesmo tempo de barbatanas; dão já grandes voos, mas o seu elemento essencial é ainda o mar e não o ar. Não há dúvida de que se trata de uma forma intermediária entre aves e peixes.

Certas aves voam com a maior perfeição, mas não são menos exímias a nadar e do mar tiram ainda exclusivamente a sua alimentação. Trata-se de um outro ser transitório em lenta passagem de um sub-plano para outro.

O mesmo se verifica no reino vegetal, na passagem da planta para o ser animal.

Ninguém desconhece a existência de plantas com verdadeira sensibilidade, umas ao contacto, outras à luz, e outras ainda que, munidas de fortes braços, deles se servem para prender com grande rapidez qualquer animal, se acaso lhes tocam nos ramos-braços que arteiramente estendem pelo chão, mais ou menos escondidos, apenas mostrando as pontas! Estas plantas são ainda plantas, mas, além de serem carnívoras, nelas aflora já sensibilidade rapidíssima, movimento correspondente e — porque não dizer? — princípio inteligente.

Deve, naturalmente, tratar-se de seres intermédios entre o reino vegetal e o reino animal, transição entre os segundos e os terceiros grandes planos.

Há animais que têm vida quase totalmente vegetativa. Aquelas plantas e estes animais são alguns dos muitos intermediários que fazem parte da escala de transição. *Natura saltus non facit.*

A passagem do reino mineral para o vegetal é também tão evidente como todas as outras:

O pau-ferro é um dos muitos espécimes de transição entre os dois grandes planos. É já vegetal, mas tem dureza de mineral. Certas árvores, como as Sequoias, têm vida longa, que bem se pode comparar à longa vida de muitas espécies minerais — milhares de anos! A dureza daquele e a longevidade destas mostram-nos quanto estão próximos do reino mineral, mas a configuração e o ambiente em que vivem mostram-nos muito bem a proximidade do reino vegetal.

Não só estão irmanadas as várias espécies que vivem em cada um dos três grandes planos apontados como, finalmente, o estão igualmente entre si todas as suas espécies. Assim o demonstram os intermediários dos grandes planos, bem como os seres da escala intermediária dos sucessivos sub-planos.

Daqui concluímos também que o mundo Terra é um corpo vivo. Muitos julgarão que ele é apenas sustentáculo da vida do homem, quando a verdade é que o homem é consequência, embora talvez culminante, da própria vida da Terra.

Não fora o psiquismo do homem, e ele não seria mais do que um vulgar ser entre o infinito número dos seres que encadeiam a vida da Terra!

Só esse psiquismo e a inteligência de que é dotado lhe alargam o ambiente que lhe foi destinado pela Natureza. Afora isso, o seu ambiente seria mais limitado do que o de muitas outras espécies de seres que constituem o organismo Terra.

As aves movimentam-se com muito maior facilidade do que o pesado e pouco resistente corpo humano.

Mas, apesar disso, não há dúvida de que o homem suplanta todos os seres; e o ambiente em que vive, embora limitado para a deslocação do corpo, é extensíssimo, pelas possibilidades que a sua alma tem de se elevar a altíssimas regiões do espaço. O simples gesto de o homem contemplar as estrelas lhe confere uma superioridade absoluta sobre todas as espécies animais.

Pela sua inteligência supre todas as deficiências do seu desajeitado corpo; assim, por ela, conseguiu ultrapassar, em velocidade de deslocação, todos os animais que se movimentam em terra, no mar ou no ar; consegue vencer todos os que são mais fortes do que ele; explora as alturas por observação directa, embora seja incapaz de, por si próprio, se elevar no espaço pouco mais do que 1 metro, tal é o seu salto máximo! A máquina em que se desloca no ar vai já muito acima da altura em que voa a águia real; e onde não chega a máquina ou o seu olhar, ultrapassa em muito o telescópio; ele se comunica hoje entre si com a rapidez da electricidade, porque a sua inteligência domina cada vez mais e melhor as forças e os elementos da Natureza! Na terra adusta e árida faz desabrochar plantas; na terra escaldante e desértica faz surgir cidades maravilhosas; estuda as profundezas do oceano e explora as entranhas da Terra; vasculha a imensidade do Infinito e não deve vir longe o dia em que viajará de planeta para planeta!

É assim, contínua e progressivamente, alargado o seu ambiente, mas os extremos limites, que ainda não atingiu, lá estão bem definidos e além deles não passará, a exemplo das outras espécies, que também não podem sair daqueles que lhes estão marcados.

Esses extremos hão-de ser ultrapassados pelo homem mas sòmente quando ele, pela sua evolução, tiver direito a ascender a esse plano superior — que já está fora da Terra — onde a vida é necessàriamente superior também. Na passagem do plano terráqueo para o plano astral deve haver estados intermediários, porque essa regularidade, verificada sempre, não pode de modo algum ser quebrada pelo facto de estarmos já em planos extra-terrenos.

E, assim, o homem, depois da morte, e quando já não tenha de encarnar novamente, passará a ter um aspecto que, embora intermédio, deve já ser bem diferente do de agora.

Ele se lembrará ainda da vida que tinha neste planeta, mas gozará as delícias duma liberdade muito maior, embora igualmente condicionada.

Pela sucessão das espécies, pela ligação íntima e constante, pela dependência entre si, verifica-se que a vida é uma cadeia, cujos elos são formados por tudo quanto existe, sem excepção.

O homem é um elo dessa imensa cadeia, ficando assim irmanado e ligado a todas as coisas. Para chegar ao estado actual teve de passar por todos os estádios da matéria, por todos os grandes planos e sub-planos e ainda por todos os estádios intermediários ou de transição.

Que longo e penoso caminhar o do homem! Que calvário passado e que nem de longe podemos avaliar!

Os homens respeitam-se bem pouco a si próprios e ainda menos uns aos outros, exactamente por desconhecerem o incrível trabalho que já realizaram através de séculos sem conta.

A emancipação da partícula inteligente — alma humana — quando se dá, é absolutamente merecida e nenhum fracasso lhe sucede, tão previdente e segura é a Natureza.

É um trabalho sem par a ascensão humana, e que só é possível por ser sempre condicionado com imensa sabedoria, em relação aos diversos períodos que todos têm de transpor.

E vós, que julgais que quando o corpo baixa à tumba tudo terminou, sois ímpios e revelais viver ainda num obscurantismo que é melhor não classificar...

Vossos olhos são apenas os tristes olhos da matéria! Por eles não olham ainda os olhos da alma, que está em vós, mas sonolenta, preguiçosa e quase indiferente ao ritmo maravilhoso da marcha da vida, que anima todas as coisas à vossa volta, com a mesma vibração permanente, brilho e reflexo das estrelas que percorrem o espaço infinito!

Sois ímpios e blasfemos quando sistemàticamente negais tudo isto, que, afinal, tão bem se pode contemplar e em que vós próprios, no meio de tanta harmonia, igualmente esplendeis como fulgurantes elos da grande cadeia da Vida!

Luanda, Julho de 1953.

Fenómeno Sensacional

No próximo número publicaremos uma fotografia sensacional, reprodução fluídica do rosto de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia), fundadora e antiga directora desta revista, obtida inesperadamente no Estado brasileiro do Ceará, através do médium Peixotinho. Será acompanhada de um artigo de Leopoldo Machado e de uma carta do fotógrafo-amador que bateu a chapa à luz do magnésio.

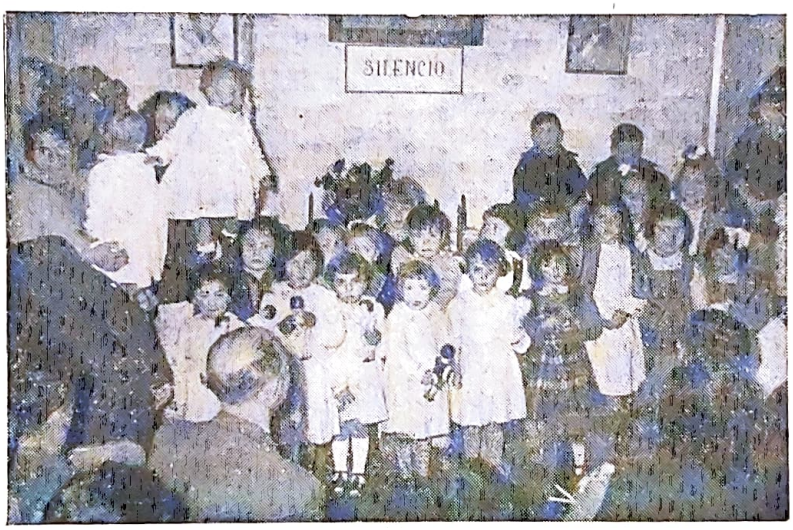
O Natal no Centro Luz e Amor

«FORA da caridade não há salvação« afirmou Allan Kardec quando codificou o Espiritismo. A atestar esta frase do Mestre, vemos que a nossa doutrina, além dos seus aspectos científico, filosófico e ético, apresenta uma característica nitidamente social, cujos frutos, excedendo tudo quanto se poderia imaginar, têm-se feito sentir principalmente no Brasil. Os berçários, as maternidades, os orfanatos, as escolas, feitos e dirigidos por espíritas, no sentido de minorar um pouco o sofrimento daqueles que vivem na miséria, são e serão exemplos edificantes do Espiritismo Social, a tal ponto que o Governo Brasileiro o considera de utilidade pública. As grandes obras levadas a efeito para aqueles que sofrem, física e moralmente, sem distinção de raça, cor ou religião, não serão prova suficiente da grande força moral do Espiritismo? Julgamos que sim.

Em Portugal, por multiplas razões sobejamente conhecidas que não vale por conseguinte a pena repetir, o Espiritismo Social pràticamente não existe, e, mesmo assim, o pouco que se tem feito nesse sentido deve-se sobretudo ao espírito de sacrifício e perseverança de meia dúzia de incansáveis trabalhadores. Foi sem dúvida o seu grande amor à Causa que permitiu que, este Natal, mais uma vez o Centro Espiritualista Luz e Amor pudesse minorar um pouco o sofrimento daqueles que, mesmo nesta época do ano, nem uma côdea dura de pão têm para mitigar a fome. No dia 22 de Dezembro efectuo-se um bodo, em dinheiro, a algumas centenas de pobres, mercê do bom acolhimento que teve, por parte dos nossos leitores e sócios do Centro, a subscrição efecuada para esse fim.

O dia 23 esteve a cargo do Grupo «Irmão Rhammurthi», que, como se sabe, realiza trabalhos mediúnicos no Centro, às segundas-feiras. A médium, Sr.ª D. Maria da Glória, foi a alma da pequena mas significativa festa de Natal realizada, durante a qual se vestiram muitas crianças e se destribuiram brinquedos e bolos a todas que assistiram. Quando nos disseram que a Sr.ª D. Maria da Glória e um grupo de dedicadas consócias tinham conseguido realizar aquela festa no curto espaço de um mês, arranjando vestidinhos, abafos e mil e uma coisas para naquele dia oferecerem às criancinhas pobres, ficámos a pensar no autêntico milagre realizado, convencidos de que quando trabalhamos por um nobre Ideal, as dificuldades desaparecem, mercê da incansável ajuda dos nossos irmãos espirituais. Ladeada pelo Presidente do Centro — Isidoro Duarte Santos — e D. Maria Luisa Macedo, a Sr.ª D. Maria da Glória abriu a festa, proferindo umas breves palavras alusivas ao acto. A menina Lúcia tocou ao piano uma bonita melodia, que a assistência escutou atentamente. Seguiu-se a Sr.ª D. Maria Luisa Macedo — uma das incansáveis trabalhadoras do Grupo «Irmão Rhammurthi» — que recitou, com agrado geral, uma interessante poesia da sua autoria, alusiva ao Natal. O nosso colaborador António Cardoso recitou em seguida «Aos Simples» e «Regresso ao Lar» do grande poeta-espiritualista Guerra Junqueiro, e o soneto «O Palácio da Ventura» de Antero do Quental. A Sr.ª D. Maria da Glória, contou em seguida, algumas engraçadas anedotas que muito divertiram as crianças... e os adultos! António Cardoso voltou ao estrado, agora para dizer algumas palavras. Depois de apresentar as suas saudações às irmãs do Grupo pelo extraordinário trabalho realizado, fez um resumo histórico do chamado dia de Natal, afirmando que ao contrário do que a grande maioria supõe, não existem quaisquer provas que nos mostrem que o nascimento do Cristo se deu no 25 de Dezembro, devendo-se esta data a uma influência pagã, cujo «deus», o Sol, nascia a 25 de Dezembro... Afirmou ser hipócrita a atitude dos homens que chegando a esta quadra fingem esquecer-se dos seus inimigos, mas passado o dia 25 de Dezembro voltam a alimentar ódios contra o seu semelhante. O homem nesta altura finge em geral que é bom, mas finge sòmente, e a prova é que, se nesta quadra dá uma esmola a todos quantos lhe pedem, passa 364 dias recusando um simples auxílio ao seu semelhante. Por último falou Isidoro Duarte Santos que, dirigindo-se aos pais e mães presentes, disse que não se deveriam esquecer que deviam aquela festa ao Espiritismo, a essa doutrina que algumas vozes chamam de doutrina diabólica, essa doutrina que segue os mais belos princípios do Cristianismo. Foi ao terminar muito aplaudido. João José Pilar pôs no pic-up algumas melodias alusivas ao acto.

No dia seguinte o Grupo de Protecção às Crianças fez a sua distribuição de vestuário, assim se confortando muitos lares desamparados.



Um aspecto da distribuição de vestuário às Crianças no Centro Espiritualista Luz e Amor

Fenómenos

Sim, de materialização, d
de voz directa, de transpor

Por LEOPOLD

O LAR DE MARIA, de Macaé, foi uma das primeiras obras espiritas inspiradas pelo LAR DE JESUS, que teve, por isso mesmo, a colaboração exígua, embora, dos espiritas de Nova Iguaçú.

Inaugurou-se sem a nossa presença, mau grado nosso.

Por isso, a carta de velho e querido amigo pedia, generoso: «...esta lenga-lenga e para dizer ao Leopoldo que ele é comparticipante directo do LAR DE MARIA. E, sendo assim, tanto você como a Lourdes estão no dever moral, que julgo intransferível, de visitar a nossa casa da criança... Eu não quero «embarcar» para o outro lado sem os rever...».

Sentindo que ainda éramos capazes de algum sacrifício, rumámos, cauteloso, para Macaé, num auto de amigo, em companhia de quatro confrades, a Lourdes inclusive. Estava terminando mais uma semana espirita de Macaé.

Assistimos ainda à última reunião da Semana Espirita.

Nela tomámos parte, salientando que ali estávamos por convite especial do Serafim de Almeida, para não nos pesar na consciência o crime do velho confrade e amigo morrer sem nos ver. E fizemos ràpidamente o histórico sintético da origem e expansão das Semanas Espiritas. As forças começaram a faltar-nos. No final da mesma reunião voltámos à tribuna, para fazer a história reservada do LAR DE JESUS e das

Foi isso num domingo.

Segunda-feira teríamos uma sessão de tratamento psíquico, que o médium Peixotinho estava na terra.

Seríamos um dos beneficiados.

Para maior êxito dos trabalhos da noite, houve mister de jejum espiritual durante o dia: abstinência de carne, de álcool, de tabaco, de maledicências, de leviandades, de palavras e de julgamentos, etc., etc.

Alcool, carne e tabaco, jejum espiritual? Pois, «o corpo não é o templo do espírito?».

Às nove horas a sessão, no C. E. Pedro, depois da primeira sessão presidida pelo Raimundo Peixoto Lins, irmão do médium.

Cruzámos com ele à porta do centro. E perguntámos-lhe:

— Não fica para a reunião?

— Impossível. Comi carne e fumei hoje.

Transformou-se o palco, improvisando-se aí um reservado para o médium e acomodações, em camas próprias, para os doentes.

A nossa cama ficou à esquerda, junto à parede.

O médium foi colocado na cama, no reservado de roupa mudada, e preparou-se a reunião, que constaria de preces, explanações evangélicas e cantos espiritualizados. Programa que seria dirigido pelo Prof. Pierre Tavares Ribeiro.

Feita a primeira prece, a primeira explanação evangélica e ouvido o primeiro canto, um vulto branco apareceu à entrada do gabinete do médium e caminhou para nós. Um vulto de mulher, de boa altura, roupa de matéria fosforescente, que se nos afigurou uma espécie de corpete, as mangas que mal se distinguiam nas trevas. Tudo eram trevas, na verdade. Chegando-se perto da nossa cama, a falar que mal entendíamos, desabotoou-nos o cinto, a calça, e entrou a fazer fricções sobre o fígado com uma lâmpada fosforescente. Depois desabotoou-nos a camisa e subiu com a mão e a lâmpada até ao coração, friccionando-o. Pedimos que repetisse o que dizia. Só da terceira vez ouvimos bem:

— Trouxe máquina «fortogárfica?», num sotaque estrangeiro, arrastado.

— Não. Não sabia que podia trazer.

— Pois é pena. Se trouxesse máquina «fortogárfica» a Marília ia se materializar. Ela lhe manda um grande e forte abraço. Ela está aqui.

— Vai materializar-se?

— Não sei. Você não vai ficar bom. Mas vai melhorar muito...

Depois derramou um óleo perfumado, suave e brando, sobre as fricções, repetindo, animadora:

— Você não vai ficar bom. Mas vai melhorar muito. Isto é para ajudar nas suas tarefas.

A vez da Lourdes, minha cunhada. Lamentou, friccionando-lhe um quisto na vista:

— Se trouxessem máquina de *fotorgarfia*, a Marília seria *fotorgarfada* entre você e o Leopoldo.

O espírito foi visto, perfeitamente, por todos, num bloco fosforescente, luminoso. Só não se lhe viu o rosto.

Atendidos todos os enfermos, derramou perfume nos assistentes. Principalmente no companheiro Ismael Ramos que nos levou no seu «Desguit». O perfume que este amigo recebeu na cabeça chegou a descer-lhe pela fronte até à ponta do nariz. Dono de drogaria, acostumado a lidar com perfumes bons e caros, confessou-nos não conhecer coisa igual, tão suave e penetrante.

O pequeno quisto da Lourdes viera, dias depois, a supurar, sarado.

Não atire a primeira pedra

Ninguém quer ser julgado, mas gosta de julgar!
Ninguém quer ser ofendido, mas gosta de ofender!
Ninguém quer ser culpado, mas gosta de culpar!

Meu irmão, você que segue ao Cristo:
— Tem perdoado aos que o ofendem?
— Tem consolado os que choram?
— Tem amado os que o odeiam?
— Tem visitado os enfermos, os encarcerados?

— Se quer ser Espirita, tem de seguir ao Cristo e fazer o que Ele fez!
— Você nunca zombe de um desgraçado!
— Não fuja do leproso!
— Não aborreça os velhos!
— Não desampare as crianças!
— Não critique os ébrios!
— Não repugne as meretrizes!
— Não maltrate o ladrão!
— Não ofenda o criminoso!
— Não critique as religiões!
— Nunca ATIRE A PRIMEIRA PEDRA!

Espiritas?

de tratamento psíquico, e de solidariedade cristã

MACHADO

Belo fenómeno de materialização, de tratamento psíquico, de transporte...

E continuou a sessão.

Coube-nos a vez de falar.

Comentámos então a passagem do Poço de Jacó:

«Era um poço milagroso, cujas águas, quando revolvidas por um anjo do Céu, curavam os enfermos que nelas mergulhavam.

«Um pobre entrevado ali permanecia há muito tempo, esperando a sua vez; vez que nunca chegava. Sempre que as águas eram revolvidas, os que tinham melhores pernas eram os primeiros a mergulhar no poço e saravam. Ele ia ficando para depois. Para um *depois* que custava muito a chegar.

«Jesus passou por ali e viu-o, condoendo-se dele. Perguntou-lhe então porque ainda não havia dado o seu mergulho curador.

«— Ah!, meu Senhor: quando o anjo vem e revolve as águas, os que têm boas pernas são os primeiros a mergulhar. Nunca ninguém se lembrou de ajudar-me! Eu vou, assim, ficando para depois.

«— Levanta-te e anda! — diz-lhe o Cristo.

«O entrevado levantou-se e andou.

«Encontrando-o depois à porta do Templo, perguntou-lhe:

«— Não foste tu o entrevado do Poço?

«— Fui eu, Senhor! Fui eu...

«— Pois, não peques mais, para que não te aconteça coisa pior».

Por aqui se vê, meus irmãos, que os males do nosso corpo são consequências directas dos pecados do nosso espírito. Pequemos menos, que seremos menos doentes. Sejam puros os nossos espíritos, que puríssimo, sem males e sem doenças, será o nosso corpo. Esta, a bela e grande lição do Cristo...

Agora, fenómeno de voz directa.

Uma voz de homem, forte e feia, entremeada de «Rê! Rê! Rê», ouve-se distintamente, aqui, ali e algures, em lugar diferente:

— É o José Grosso! disseram os seus conhecidos.

Improvisou, alviçareiro:

O Leopoldo esteve aqui
Com muita paz e alegria
Veio visitar as obras
De nosso Lar de Maria.

D. Lourdes também veio,
Com seu grande coração;
Veio ver o nosso Lar
De que foi a inspiração.

Pândego e gárrulo, o espírito derrama estrofes e humorismo sadio pela assistência. E no meio de tanto improviso, ficou-nos esta quadra:

A Vida tem suas lutas.
Lutemos com humildade,
Porque o Céu só se abre
A quem faz a Caridade!

O Antenor de Sousa, grande e bom amigo de Cruzeiro, onde constrói uma grande obra, o «Sanatório Jesus», também da mesma inspiração do LAR DE JESUS, quer saber se, pronto o Sanatório, haverá clima para realizar, naquela cidade de Cruzeiro, um lar para os filhos dos Abrigados do Sanatório.

O Espírito respondeu:

Você, ontem, não ouviu
O que o Leopoldo falou?
A obra dos Lares Cristãos
Foi Jesus quem inspirou.

A sessão encerrou-se com uma prece emotiva. Durara três horas e ninguém dera por essa duração.

Corremos ao reservado do médium. Havia-se levantado, combalido e aturdido. Recebia passes da irmã Olímpia e comia bocados de maçã descascada. Perdera, naturalmente, algum peso, tal o seu estado de abatimento.

Comentários a caminho do LAR DE MARIA, onde ficámos hospedados:

— Você, seu Ismael, sem ser espirita, assistiu hoje a fenómenos que eu só cheguei a assistir após mais de trinta anos de Doutrina. Os meus parabéns!

— Privilégio?

— Não, absolutamente, que não há privilegiados no Espiritismo. Porque você é bom e generoso. Trouxe-nos aqui no seu automóvel de luxo, sacrificando dois dias do seu labor comercial, sem outro interesse senão o da nossa amizade, que, na verdade, pouco ou nada vale...

— E o bife prometido para depois da reunião, de vez que não se comeu, hoje, carne? — lembrou a ilustre colega, professora Áurea Gonçalves, companheira de caravana.

— Bife a esta hora? Onde iria encontrar melhor ceia do que este banquete de espiritualidade, que a ninguém deixou dúvidas e desconfianças?

Fenómenos espiritas?

Sim, de materialização, de tratamento psíquico, de voz directa, de transporte. E principalmente de boa e sólida confraternização cristã-espiritual entre os dois mundos.

— Nunca julgue, para que não seja julgado!

— Nunca ofenda, para que não seja ofendido!

— Não zombe, para não ser zombado!

— Não furte, para não ser furtado!

— Não fira, para não ser ferido!

— Não maltrate, para não ser maltratado!

Você já pensou, meu caro irmão:

— Quem sofre é bem-aventurado!

— Quem ama será amado!

— Quem serve será servido!

— Quem perdoa será perdoado!

Lembre-se ainda, meu caro irmão:

O pobre de hoje será o rico de amanhã!

O rico de hoje foi o pobre de ontem!

E o rico de ontem é o pobre de hoje!

O homem culto poderá ser ainda ignorante!

Ninguém tem o direito de atirar pedras de desprezo, de sofrimento, de maldade a qualquer dos seus irmãos!

Não Atire a Primeira Pedra!

Bahia, 12-12-1953.

Rodolfo Cavalcante

3.° ARTIGO

UM dos fenómenos do nosso tempo é o facto da mulher ser chamada a participar em quase todos os domínios da vida social.

Quanto mais o Espiritualismo se desenvolver através do Mundo, maior será a influência da Mulher e mais intensa a sua cooperação nas organizações para a reforma da moral e dos costumes.

Quando em 1872 Bethénia Owens assistia pela primeira vez a uma autópsia, quase a iam matando. Esta corajosa americana foi a primeira médica que numa hora terrível de obscurantismo iniciou a sua cruzada pela emancipação da mulher, e simultâneamente da educação dos homens.

Esta ousada rapariga, ao receber a sua primeira lição prática de anatomia, deu ao médico uma outra lição de alto valor moral, e nela se pode confirmar que a mulher não é inferior ao homem.

Com expressão de desdém, o médico disse-lhe em voz alta:

— Nenhuma mulher tem o direito de assistir à autópsia de um homem.

Em resposta, Bethénia disse:

— Que diferença há entre uma mulher assistir à autópsia de um homem e um homem à de uma mulher?...

Um dos médicos, algo embaraçado, alegou em voz baixa, que a doença que vitimara o indigente, tinha atacado uma parte melindrosa da anatomia.

Bethénia, ante os olhares de todos aqueles homens, teve vontade de fugir; mas, reunindo forças, replicou calmamente:

— Para um médico, todas as partes do corpo humano são sagradas!

Esta resposta foi como uma rajada ciclópica que abalou os preconceitos dos assistentes.

— Pois então tome! — disse o médico que ia autopsiar. E deu-lhe a caixa dos instrumentos.

Bethénia arregaçou calmamente as mangas do seu vestido de verão e fez as incisões com toda a perícia.

Em 1872 as luvas de borracha e os desinfectantes e outros processos de técnica eram totalmente desconhecidos. O cheiro nauseabundo que enchia a cabana, pois fora numa aldeia que este facto ocorrera, era o suficiente para fazer desmaiar.

Depois de ter explicado com voz firme a causa da morte, coseu devidamente o corpo. Nascera a primeira médica! Os homens receberam nesse dia uma grande lição que havia de se repercutir por todo o Mundo. Esta rapariga foi uma heroína tão grande como Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral. Eles descobriram o caminho marítimo para a Índia e o Brasil; Bethénia Owens conquistou uma civilização!

Citei este episódio para desmentir a alegação de que quase tem foros de lei, que as mulheres não vivem pelo raciocínio mas sòmente pela intuição.

Sim! Vivem guiadas pela intuição as «desenchantées» encerradas nos harens, ou nos genicéus da Europa, porque tudo ignorando da vida, só a intuição lhes pode valer. Mas a mulher que sente, vibra e pensa, a mulher

O ESPIRITUALISM

Por ADELAIDE IV

que respira o ar e o sol nas mesmas condições do homem, essa sabe raciocinar tão bem como ele em todas as circunstâncias da vida; atesta-o a História de todos os povos e de todas as épocas.

E se melhor não pensa é porque lhe têm proibido de pensar e de raciocinar como o homem, a fim de que ele possa manter a sua supremacia no mundo e ela aceite como verdadeira a sua pretensa inferioridade. Felizmente, esta educação desaparece dia a dia, para dar lugar a outro método mais racional e equitativo — o da colaboração dos dois factores humanos nos múltiplos aspectos da sociedade. Esta colaboração torna-se em estreita cooperação nos numerosos ramos científicos, no estudo das leis e relações internacionais, da história contemporânea, da geografia humana, da economia, das ciências económicas, da psicologia, da sociologia, da política, etc., etc., tendendo especialmente para um melhor conhecimento dos povos entre si, e consequentemente para um maior desejo de entendimento entre eles.

Esta cooperação exige necessàriamente uma grande colaboração intelectual. Ninguém

ousará negar que desde 1914 as mulheres foram chamadas para esta colaboração, e as estatísticas provam à evidência, todo o senso prático, todo o bom raciocínio que as mulheres têm demonstrado em todos os sectores onde devem desempenhar as suas actividades. E cada vez mais a mulher terá de prestar os seus esforços à Sociedade, pelas exigências do Progresso que a todos dirige a sua mensagem de Paz e Concórdia.

As faculdades, as actividades da mulher, a sua compreensão e vontade inquebrantável não terá por finalidade o grande desejo de ajudar o próximo? Não será neste sentido que as mulheres de todo o mundo têm respondido ao apelo dos seus países, no desejo de melhorarem as suas pátrias?

A mulher colaboradora sabe tomar inteiramente as suas responsabilidades nesta hora angustiosa dos povos. Ela tem sabido risistir corajosamente às restrições, às perseguições;

O E A MULHER

NE DE SOUSA

tem manifestado a sua dedicação a combater o desespero, e a dor; e sem hesitações, valorosamente tem contribuído para reconstruir as sociedades destruídas.

No campo, no escritório, na oficina ou nas lojas, no laboratório, como nos hospitais, na escola e no berçário, na paz como na guerra, na poesia como na política, a mulher do após-guerra 1914 é uma autêntica cooperadora do homem! Ela possui uma extraordinária facilidade de assimilação que lhe permite ser um valor real em todas as actividades.

A China e a América têm mulheres juízes; vários países já têm diplomatas femininos, e a França orgulha-se da tenente Odette Marsingot, da F. F. I. que 93 vezes se lançou em paraquedas e foi ferida pelas forças da «Gestapo». É condecorada com a Cruz da Resistência.

As «Nações Unidas» tiveram representadas *vinte e uma* delegadas de várias nações. Em 1848 as mulheres americanas pensaram, através duma organização composta de *10 milhões* de filiadas, em eleger M.me Roosevelt para a presidência dos Estados Unidos. Além desta senhora foram indigitadas para esse elevado cargo Claire Booth Luce, dramaturga, e a duqueza de Windsor. Essa agremiação endereçou ao povo americano o seguinte apelo: «Despertai, mulheres! Caminhemos para um Mundo melhor».

Graças à expansão dos ideais neo-espiritualistas que em todos os países contam numerosas colectividades, a Mulher soube compreender que tinha *direitos* e *deveres* a cumprir na sociedade. E ei-la que denodadamente começa a participar da vida social. Quando em 1914 os homens foram chamados às fileiras, a mulher francesa segurou a rabiça do seu arado, conduziu o seu cavalo, dirigiu o seu estabelecimento comercial, a sua oficina, foi para os campos de batalha como enfermeira e médica. E desde então sabe fazer de tudo. Ser dama numa sala, entre as mil futilidades da vida mundana, e envergar um uniforme ou uma bata, se o momento o exige.

A Mulher é em todo o Mundo a irmã do Homem, amando-o nas horas de paz, e auxiliando-o nos momentos de angústia.

O Espiritismo afirma que a Mulher é por excelência um factor de Paz Mundial.

A cooperação intelectual da Mulher levará o ser humano a considerar definitivamente a guerra como um cruel flagelo, como o maior atentado contra as leis de Deus.

As mulheres americanas conseguiram que o Estado instituísse a Comissão Americana de Estudos Internacionais, que tem realizado valiosas conferências em várias cidades da Europa com largos frutos para a ideia da Paz Universal. Ninguém ignora a larga representação que a Mulher tem na O. N. U. e na UNESCO.

Em suma, a cooperação intelectual da mulher manifesta-se cada vez mais em todos os sectores da vida humana, e não consta, antes pelo contrário, que esse facto tenha produzido qualquer espécie de desequilíbrio na boa marcha das sociedades. O Estado de Israel decretou que os homens e as filhas de Rebeca fossem chamados para o serviço militar obrigatório a partir dos 18 anos!

Estamos no começo de uma nova era. A Evolução segue o seu curso; e belos enobres esforços ela exigirá de nós. Ao mesmo tempo que este grande acontecimento social e moral se vai desenrolando em todos os países, nós temos o dever de estar a postos para responder à chamada do nosso Ideal.

F I M

CURADORES QUE CURAM

O ABADE HÉRITER

Por JEAN PALAISEUL

O Abade Hériter deu uma gargalhada.

— Em suma, disse-me ele, eu fui uma decepção. Você esperava encontrar alguém que curasse pela oração e afinal está uma vez mais em frente dum vulgar pendulador...

Eu confesso que, efectivamente, tudo me levava a crêr que os inumeráveis doentes por ele arrancados à morte, o tinham sido de uma maneira miraculosa.

Sabendo que o abade era vice-presidente do grupo pro-reconhecimento da Radiestesia Médica, quando entrei no modesto local que lhe serve de gabinete de consulta, a dois passos de um grande hotel parisiense, a minha imaginação começou a funcionar.

A primeira coisa que se vê na sala de espera é um grande quadro com a fotografia de Jesus. Mais abaixo sobre uma prateleira a meio da chaminé de mármore, vê-se também um bronze representando o Cristo, ladeado de dois castiçais e de duas gravuras, uma representando Santa Terezinha do Menino Jesus e outra Santo António de Pádua. Sobre a mesa, ao lado de uma pilha de revistas, encontra-se um trabalho que se intitula «Le Ciel».

Este relancear de olhos levou-me naturalmente a supor que o dono da casa havia recorrido a uma força sobrenatural, a fim de aliviar o sofrimento daqueles que lhe pedem auxílio. Finalmente, quem melhor do que um curandeiro de sotaína poderá servir de intermediário para aplicar uma intervenção divina?

— Não é este o meu ponto de vista, — explica-me o abade Hériter —. Cálculo não me ser possível pedir a Deus um milagre permanente. É por isso que só utilizo as leis naturais para tentar a cura dos meus semelhantes. Tenho tido alguns prejuízos. Se me limitasse a orar, como referiu o juiz instrutor do meu segundo processo, em nada me poderiam censurar, pois que a minha condição espiritual exige que eu ore...

★

Com o seu grande cachimbo, com a sua conversa, por vezes salpicada de expressões populares, o Abade Hériter faz lembrar uma famosa personagem de Clément Vautel. Há nele simplicidade, bom senso, alegria sã e directa: «*O meu cura entre os ricos*» tem um sucessor, «*O meu cura entre os curandeiros*».

Com o seu predecessor, ele sòmente obedece a Deus e à consciência. Há perto de um ano, no seu primeiro processo, foi condenado a 15.000 francos de multa e a 15.000 de indemnização à Ordem dos Médicos, que o processaram por exercício ilegal de medicina. Apesar disso continuou a receber doentes, porque não tinha direito de recusar auxílio ao seu semelhante. Isto conduziu-o mais uma vez ao tribunal em Maio último: Resultado: 50.000 francos de multa e 30.000 de indemnização.

O Abade apelou, mas esta diminuição no orçamento assim como os impostos consideráveis que o cobrador lhe reclamava anualmente, impediram-no de gozar férias este ano. No entanto, tem necessidade delas em absoluto, pois a tarefa a que se entregou de corpo e alma exige-lhe repouso.

— Ela absorve-me de tal maneira, — disse-me ele — que não mais poderei pensar no meu doutoramento em letras. O assunto que escolhi e para o qual muito já tenho trabalhado é deveras apaixonante: baseia-se no estudo do Graal, cujo objectivo é mostrar como se cristianiza uma legenda pagã.

Este aspecto inesperado do curador levou-me a interrogá-lo sobre a sua vida, pois não poderia supor que ele sacrificasse uma carreira de letras e de professor, por uma profissão que o levaria quase a ser considerado como criminoso.

— Resumi-a nesta ficha, — disse-me ele, estendendo-me um papel —. Pensei que «me cozinharieis» e assim tentei facilitar-vos a tarefa.

Li: «Abade Héritier Pierre, nascido em Château-Thierry (Aisne), em 26 de Novembro de 1912. Entrou para o pequeno seminário aos 12 anos. Fez os estudos secundários na Instituição de S. Carlos, de Chaunay. Os seus estudos teológicos fê-los no grande seminário de Soissons, onde foi ordenado padre em 29 de Junho de 1937.

«Nomeado professor de 5.ª «Clássica», na Instituição de São Carlos de Chauny, em 1937-38. Nesta altura, o bispo de Soissons pediu-lhe que preparasse uma licenciatura em letras. Em Outubro de 1938 inscreveu-se na Faculdade de Letras. Chamado em Agosto de 1939, no posto de sargento-enfermeiro do Regimento de Infantaria n.º 155, foi feito prisioneiro em Épinal, em Julho de 1940, e transferido para Marienbourg, na Prússia Oriental, até Outubro de 1941. Durante o cativeiro partiu uma perna, razão porque foi repatriado como mutilado.

«Na volta, terminou a licenciatura em letras, e foi professor, durante um ano, no colégio Saint-Léon (anexo de Stanislas), onde desempenhou o lugar de capelão da Igreja de São João Baptista, de Grenelle. A pedido do bispo de Soissons, foi dispensado destes dois lugares, a fim de preparar o seu doutoramento».

— Mas, no meio de tudo isto, não vejo aparecer a radiestesia...

— Descobria-a —disse o abade— tinha 18 anos. Estudava teologia e, como sempre, reuníamos-nos com alguns padres. Foi numa dessas reuniões que encontrei um abade vedor, de Château-Thierry. Ele era e é muito conhecido na região e por ele é que eu soube da existência do pêndulo...

Explicou-me então como se procuram as toalhas de água subterrânea. O meu cepticismo era grande. Para me convencer, propôs-me uma experiência espantosa. «Dê-me a sua mão — disse ele — e reveja mentalmente a sua vida. Cada vez que chegar a um facto importante, o pêndulo que eu seguro na mão suspenderá o movimento». Revi assim, mentalmente, a minha vida e a cada facto importante, o pêndulo ficava, efectivamente, imobilizado! Após esta demonstração, o abade vedor declarou-me: «Fique sabendo que será um bom pendulador! Francamente, isto fez-me rir...

«Todavia, a sua experiência deixou-me confuso e despertou-me curiosidade. Não pude resistir ao desejo de adquirir um pêndulo, e, muito em segredo, estudava o assunto, principalmente no que dizia respeito a nascentes e à descoberta de metais. Foi o meu passatempo durante os momentos de ócio. No Regimento, alarguei o campo das minhas experiências. Era então sargento-enfermeiro e assim me pude exercitar nos diagnósticos dos doen-

tes que iam à consulta. Confesso, os resultados foram convincentes.

«Mas só quando abandonei o cativeiro é que resolvi dedicar-me à minha actividade actual. Deparei nessa altura com um monge ortodoxo (converteu-se depois à Igreja romana) que tinha sido radiestesista em Paris. Uma avalanche de correspondência de doentes que solicitaram o seu auxílio o submergia. Um dia, diz-me ele: «Veja lá que diagnóstico será capaz de fazer, servindo-se apenas das «testemunhas» (medeixas de cabelos) que me enviam!» Ficou totalmente satisfeito com os meus resultados, pelo que me aconselhou a tentar a radiestesia médica. Foi com ele que aprendi a homeopatia. Ensinou-me as propriedades benéficas e curativas das plantas. Entretanto, adoptei o método do mestre Bourdoux e estudei as misturas feitas por este missionário, os «poconéol». Assim fui curando, hoje um, amanhã outro, e deste modo se formou a bola de neve, porque a melhor publicidade de um curador é a que lhe fazem os doentes curados...».

O abade Héritier fazendo uma pesquisa

Presentemente, contam-se às centenas os doentes curados pelo abade, quer directamente, quer por correspondência. Haja em vista algumas personagens, tais como aquele célebre organista de Paris que ele livrou do reumático, ou o grande industrial de Nancy que ele curou duma anemia perniciosa.

— Quando este último me procurou, — conta-me o curador — avisou-me logo: «Não creio nos seus truques, sr. Abade. Mas já experimentei tudo e por isso posso também experimentar os seus métodos!». «Só lhe peço uma coisa — disse-lhe eu —. Tome as gotas que lhe vou dar». Ele aceitou. Três meses depois estava curado. Para depor como testemunha no meu primeiro processo, levou uma noite inteira de comboio — encontrava-se então no estrangeiro —, e nem sequer lhe deixaram abrir a boca!».

Sem acrimonia, mas não sem ironia, disse que fizeram o mesmo à maior parte das testemunhas que nessa altura citou.

— Curei um rapazito de nove anos, Michel F., de Pontoise, que era paralítico. Os especialistas tinham declarado que nunca poderia andar. Ora, ele veio à barra do tribunal, provando assim que tinha recuperado o uso das pernas. Isto explica a razão por que não dei qualquer testemunha, quando do meu último processo...

Ele teria podido impressionar, teria podido trazer Madame S..., que os médicos queriam operar de uma poliartrite e que foi curada em três meses, ùnicamente com as gotas do abade. Poderia ter contado ao escrivão do tribunal de S. como sua filha de 19 anos de idade fora curada. Tratada havia alguns anos de «anemia perniciosa», o que ela tinha, de facto, era um rim tuberculoso, facto este que o curador revelou desde a primeira visita.

— Encarreguei-me de a curar, mandando-a a um médico — disse o Abade —. É o meu sistema: Prefiro dois juizes a um só. Deste modo tenho a opinião do doente e do prático. Com efeito, o médico que observou a menina verificou em primeiro lugar uma diminuição de bacilos de Kock seguida do seu desaparecimento. O chefe do laboratório que procedeu aos exames periódicos, perguntou ao pai da ex-doente o nome do homem que tinha realizado este milagre. O pai não lho quis dizer, porque nessa altura ainda não fora inquietado e tinha receio de me causar aborrecimentos. Mesmo assim, vieram...

— Se quiser ver alguns atestados, aqui os tem. Peço desculpa de ter tão poucos para lhe mostrar, mas eu nunca os coleccionei! Estes foram-me enviados espontaneamente por doentes que se põem à minha disposição, quando me processam. Enfim, isto dar-lhe-à uma ideia!

Madame B..., de Paris, escreve: «Permita-me que lhe demonstre todo o meu reconhecimento pelo que fez por minha filha Jeannine, de 20 anos de idade, já lá vão 18 meses, em virtude duma afecção cutânea bem visivel e que os médicos não conseguiram curar durante alguns anos, nem mesmo atenuar. Então os seus conselhos trouxeram-lhe a cura que já não esperávamos e que os médicos julgavam impossível.

De M. P., de Montfermeil: «Agradeço-lhe profundamente tudo o que fez por meu filho Bernard. Ao vê-lo, o professor H. ficou bastante surpreso, pelas melhoras desta criança. Diz ele que o quisto seria assimilado. Todavia, continua sempre a acusar a existência do ácido nas urinas. Enfim, esperamos brevemente um resultado completo...».

De Madame P., de Sévran (carta endereçada ao advogado do curador); «Sou uma antiga doente do Abade Hériter, que me curou gratuitamente dum sopro na aorta. Consultei numerosos médicos antes dele, sem qualquer resultado; assim, atesto sob a minha honra que fui curado por ele, que é um benfeitor de humanidade. Por isso me revolto por ele ter passado por um tribunal correccional...».

De M. L., de Clichy: «Estou à sua disposição como testemunha, pois num mês fui curado de reumatismo articular no pé esquerdo, após a visita que lhe fiz em meados do ano findo... Além disso, mandei-lhe numerosos amigos que se encontram bastante aliviados e alguns completamente curados inteiramente...».

— Tenho obtido muito bons resultados, principalmente nas nevralgias do trigéneo e nas desinterias amibianas. Também me interesso pelas crianças paralíticas e anormais, por quém a medicina nada pode fazer. Melhorei bastante um retardado mental. Após 3 meses de tratamento,

trabalha presentemente em Halles».

Agora cita-me um dos seus mais belos êxitos: M. B., torturado pelos alemães, sofria duma doença de coração. Um médico amigo disse-lhe: «Não quero enganar-te. Tu não vives mais de três meses!». O abade Héritier tratou-o: o «condenado» continua vivo há 7 anos e sobe para os comboios em andamento

— Aqui está um documento raro — exclama ele — É um atestado de um médico assistente do serviço de cardiologia dum grande hospital parisiense. Declara que Madame L., sofrendo de cardio-valvulite do tipo «aperto mitral», apresentou um despertar evolutivo de doença em 1943, ou seja na idade de 53 anos. Admirou-se de vêr, em 1947, data em que eu a curei, (não sòmente uma paragem na evolução da doença, mas uma reaparição de actividade quase normal». E acrescenta: «Desde então, uma observação de 5 anos permite apreciar os sólidos resultados obtidos». E conclui: «Tais evoluções estão ainda muito acima dos recursos da medicina, nenhuma terapêutica especial ou mesmo indiscutìvelmente eficaz (fora do leito) lhe pode ser oposta».

O abade Héritier diz-me, finalmente, que já fez de «detective». Ajudou um polícia amigo a prender uma inglesa que a justiça do seu país procurava. Precisou o itinerário que ela tinha seguido e indicou onde ela se encontrava.

Fez melhor ainda. Certo dia, um homem visìvelmente preocupado encontra-o e põe-lhe na sua frente uma foto virada para baixo. «Já que você é tão forte, vai dizer-me o que ela representa, mas proibo-o de a virar». O abade pegou no seu pêndulo.

— É uma paisagem, — diz ele — uma paisagem onde há água.

— Exacto, — diz o homem — é um poço.

— É curioso! — prossegue o abade —. Também vejo ouro.

— De acordo. É mesmo por isso que lá estou, para saber se é mesmo dentro do poço.

— Mas há outra coisa dentro de seu poço. É um cadáver.

O homem muda de cor, perturba-se, e confessa ao abade que tentou pescar novamente o tesouro, mas que tinha trazido tufos de cabelo. Este último, concluíu:

— O tipo pegou na fotografia e foi recuando, a repetir: «O Sr. Abade... é um homem extraordinário. Percorri Paris inteiro. Visitei todos os videntes, mas nenhum me disse isso. Hei-de cá voltar!». Escusado será dizer que ele não voltou...

(M. R. traduziu de «*Noir et Blanc*»)

Auxílio aos Necessitados

Destinados à subscrição do Natal, recebos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do número anterior — *1.186$00. Manuel J. Rodrigues, 20$00; Anónimo do Entroncamento, 30$00; Sócio 542, 5$00; M. Garcia, 16$50; M. J. C. M., 10$00; Joaquim Dias, 20$00; S. A. S., 10$00; Damião Teixeira, 10$00; D. Maria Pilar Potier, 10$00; D. Gracinda Rocha, 20$00; Maximino Belo, 30$00; António Mendes, 50$00; Vicente Pinheiro, 15$00; J. D. R., 20$00; C. V. C., 20$00; E. P., 10$00; D. Luiza Pacheco Martins, 20$00; Eduardo F. de Matos, 50$00; Aires dos Santos Pinto, 200$00; Henrique da Silva Horta, 50$00; Francisco Grilo Fevereiro, 4$00; Matias Nobre, 10$00; Jaime J. Jerónimo, 20$00; Dr. Ernesto B. de Andrade, 24$00; Francisco Rodrigues, 20$00; Mário Gomes Trovão, 7$50; Luís Lopes da Silva Faria, 50$00; D. Maria Ventura, 30$00; D. Georgina Figueira, 4$00; Anónimo, 8$00; José Joaquim, 5$00; A. Levi Gomes, 10$00; D. Lilia C. Silva, 10$00; Anibal G. Portugal, 5$00; J. Fernandes Branco, 50$00; D. Ermelinda Correia, 4$00; José Farinha, 30$00; Costa Felix, 20$00; J. Fernando Alcântara, 20$00; J. António Bernabé, 20$00; Correia Gouveia, 20$00; Amadeu Gaia, 20$00; D. Maria de Vasconcelos, 20$00; Rosado Silva (?), 20$00; D. Elisa do C. Cardoso, 20$00; Severo Moreira e D. Alice Moreira, 50$00; G. E. A. C., 50$00; Luís António Branco, 50$00; M. Fonte Santa, 5$00; Miguel M. Carvalho, 3$00; Agostinho J. Gomes, 40$60; Rogério L. de Faria, 14$00; D. Deolinda Lucas, 20$00; C. S. S., 20$00; D. Belmira C. Baptista, 10$00; D. Feliciana Freire, 20$00; Jerónimo G. de Almeida, 20$00; Albano A. Ribeiro, pelo espírito de Mário e Maria Cândida, 20$00; D. Maria Luiza Leal Bravo, 50$00; D. Adelina G. Baptista, 50$00; Martinho M. Ganhão, 10$00; Joaquim Novais, 30$00; Bernardo C. de Almeida, 10$00; César Alves, 20$00; David da Silva Guimarães, 20$00; D. Julieta Reis Beleza, 20$00; Isaac Oliveira Marques, 20$00; F. E. Carvalho Simão, 50$00; D. Ana Colaço Guerreiro, 20$00; Alfredo Vieitas, 20$00; Júlio X. Ribeiro, 7$50; D. Maria Luiza, 10$00; J. D. F. S. F., 20$00; António Gonçalves Campos, 20$00; Cristiano A. Henriques, 50$00; António M. dos Santos, 40$00; António L. Lopes Dias, 40$00; Jaime da S. Sabino, 26$00; Abraão Borges, 20$00; E. F. A., 20$00; Adriano L. do Paço, 20$00; João de Oliveira Muge, 100$00; Assinante de Luanda, 100$00; D. Maria S. de Sousa, 5$00; Grupo das 3.as feiras, 50$00; Melherghi, 50$00; Henrique L. Alves, 10$00; Anónima do Funchal, 20$00; D. Fortunata C. Bravo, 50$00; Serafina Brites, 20$00; M. F., 5$00; Manuel Domingos, 5$00; Romão Velez, 20$00; Fragoso, 20$00; A. S. (?), 20$00; Anatólio Cardoso, 20$00; Lourenço A. Ribeiro, 50$00; U. S. J., 20$00; J. Maria do Patrocínio Manso, 35$00; Meninos Alberto e António, por alma de seu avô, 300$00; D. Maria Ilidia Meireles Arnada, 100$00; D. Ilídia Meireles, 50$00; D. Maria da Conceição S. Santos, 50$00; Grupo Rhammurthi, 50$00; Anónimo de Oliveira, 50$00; D. Maria Rosa Pereira, 5$00; M. A., 10$00; D. Josefa Ramos Calvete, 20$00; D. Maria dos Anjos Ferreira, 10$00; A. C. G., 20$00; José Maria Cabral, 20$00; Manuel F. dos Santos, 5$00; D. Adelaide de Jesus Ferreira, 20$00; D. Ana da Conceição S. Lopes, 10$00; Eduardo F. Gomes, 20$00; J. Sismeiro, 20$00. TOTAL — 4.667$10.*

(Continua)

A ATLÂNTIDA

LENDA OU REALIDADE?

Por ANTÓNIO CARDOSO

O Dr. Boutaric, professor da Faculdade de Ciências de Dijon, escreveu um dia, acerca da Atlântida: «Encontramo-nos em presença de um dos mais apaixonantes e discutidos problemas que nos legou a história da antiguidade do nosso globo». Perante esta afirmação somos forçados a perguntar a nós mesmos: — Que há de verdade sobre o chamado continente desaparecido? Teria existido no local hoje ocupado pelo Oceano Atlântico um sexto continente, onde, segundo alguns, floresceu uma exuberante civilização constituida por verdadeiros super-homens?

Para grande número de pessoas tais assuntos não passam de lendas, a que nenhuma importância se deve ligar; outra grande parte de indivíduos caiem no oposto, aceitando piamente, sem o mais leve raciocínio, tudo aquilo que lhes impingem. Uns e outros não nos podem merecer atenção — pois se a negação sistemática é prejudicial, e, sobretudo, anti-científica, a credulidade tem por vezes conduzido os homens às mais fantásticas concepções. Afastemo-nos portanto de um e outro campo, e vejamos se com uma análise serena dos factos, podemos tirar algumas conclusões.

No Museu Britânico encontra-se um manuscrito de proveniência «Maya» que fez o relato duma catástrofe durante a qual um continente desapareceu 8.000 anos A. C. Esse país era o chamado «Mu». Porém, é aos escritos de Platão que a maioria dos investigadores recorre, como ponto de partida dos seus estudos... e ficaremos assombrados ao sabermos que depois dele já se publicaram sobre este assunto mais de 5.000 volumes. Por aqui se vê o interesse que este problema tem suscitado no mundo inteiro!

No *Timon*, de Platão, encontramos estas palavras: «Porque, nesse tempo, esse mar podia ser atravessado. Havia uma ilha em frente dessa passagem, a que chamais, dizem, as colunas de Hércules. Esta ilha era maior que a Líbia e a Ásia reunidas. E os viajantes desse tempo podiam passar dessa ilha para as outras e destas para o continente, que bem merecia esse nome. É que, de um lado, dentro desse estreito de que falámos, parece não haver mais do que uma enseada de estreita embocadura e do outro, para a parte de fora, fica esse verdadeiro mar com a terra que o rodeia e à qual, no sentido próprio do termo, pode chamar-se, em verdade, um continente. Ora nesta ilha Atlântida, alguns reis tinham formado um grande e maravilhoso império». E acerca do seu desaparecimento diz-nos ainda o genial filósofo: «Contudo houve terríveis tremores de terra e cataclismos. Durante um dia e uma noite todo o vosso exército foi tragado pela terra, a própria ilha Atlântida desapareceu no mar».

A simples leitura destas passagens levanta duas questões fundamentais: o problema da existência ou não existência do chamado continente desaparecido, e em caso afirmativo verificar-se se houve ou não uma civilização atlante.

Embora os 2 problemas propostos apresentem bastante complexidade, a do 1.º é sem dúvida muito menor do que a do outro. Pode-se hoje já afirmar, com sólidos fundamentos, que no lugar presentemente ocupado pelo oceano Atlântico existiu outrora um continente, nas vizinhanças da era terciária. Devido a diversos factores de carácter glaciário ter-se-ia dado o seu afundamento progressivo, restando por fim apenas uma enorme ilha de que Platão nos fala, como tivemos ocasião de ver. É muito provável que, tal como afirma o filósofo grego, essa ilha fosse por fim submersa por um tremendo cataclismo. Apenas por curiosidade, não quero deixar de me referir a algumas opiniões modernas, segundo as quais a causa da catástrofe reside no facto de a Lua passar de planeta para satélite. Devo acrescentar que tal hipótese se me afigura muito pouco consistente, a não ser que me demonstrem o contrário.

O que não resta dúvida — e sobre este ponto é que convém desde já assentar — é que existiu REALMENTE um continente, hoje coberto pelo Oceano Atlântico, e onde as nossas ilhas da Madeira, Açores, etc., não são mais do que os cimos das montanhas submersas. A Geologia diz-nos que foi no Neocretácico (Gretácio Superior) — primeiro período da era Mesozóica ou Secundária que se teria iniciado a génese destes arquipélagos. Formar-se-ia portanto, não estas ilhas, mas uma grande ilha, de que estas são simples resíduos. O carácter estruturalmente vulcânico que apresentam não invalida, como estamos vendo, esta hipótese, pois ele poderia ter-se manifestado com a própria génese do continente.

Vejamos quais os principais argumentos a favor da existência da Atlântida:

1.º Estudos feitos no campo da Zoologia demonstram a existência das mesmas espécies animais de um e outro lado do oceano Atlântico. Tem-se tentado explicar essa identidade de fauna, admitindo a existência de uma grinalda de ilhas atravessando o oceano. Essa hipótese afigura-se-me, porém, pouquíssimo consistente, pois é impossível, pelo menos para animais que não saibam nadar, ou voar, transitar de uma ilha para outra. Vemos assim que para esta hipótese poder ser aceite, teremos de admitir que tais ilhas coincidem... mas isto não será o mesmo que dizer que havia uma passagem contínua entre os 2 continentes?

2.º Estudos feitos no campo da Botânica mostram-nos que a fauna dos arquipélagos dos Açores, Madeira e de Cabo Verde apresenta um carácter nitidamente continental. Se fôssemos admitir a opinião de muitos, que afirmam, APENAS, que foi no fim do Cretácico Superior que estas ilhas se formaram, sem falarem portanto em mais nada, ficaríamos embaraçados para explicar o seu carácter continental. De facto, se estas ilhas se formaram isoladamente, como explicar esse carácter? Como explicar vestígios de adaptação à vida desértica de um continente que ligasse os dois continentes actuais? Vemos que sem admitir a sua existência, a aplicação destes factos permanece insolúvel.

3.º O arqueólogo alemão Henri Schliemann — falecido em 1890 —, afirmou que a lendária cidade de Tróia existiu de facto, calando os sorrizinhos de dúvida e de troça de muitos, mandando efectuar escavações num local por ele expressamente indicado; à medida que estas se iam efectuando, ruínas da antiga cidade iam surgindo, deixando todos boquiabertos. Pois bem! Em 1873 Schliemann encontra nessas ruínas o famoso «Tesouro de Priano», do qual fazia parte um vaso de bronze e muitos outros objectos, todos contendo a seguinte inscrição, feita em caracteres fenícios: *De Chronos — rei da Atlnâtida*

Esta descoberta, tem, como os leitores estão vendo, uma importância extraordinária, pois é não só mais uma prova, a juntar às duas que vimos, a favor da existência do continente desaparecido, como também nos leva a admitir a existência de seres humanos habitando esse continente! Dez anos depois desta sensacional descoberta o mesno arqueólogo visitando o Museu do Louvre e examinando alguns objectos vindos de Tihuanoku (América Central), verificou, estupefacto, que eles eram em tudo idênticos aos que encontrara no célebre «Tesouro de Priano». O leitor, ao ler isto, dirá muito provàvelmente para consigo:

— Podia tratar-se de pura coincidência!

Sem dúvida que assim poderia ter sido... Mas Schliemann, a quem talvez — quem sabe? — a mesma dúvida o tivesse feito desconfiar, fez com que tais vasos fossem submetidos a um exame químico. E o seu resultado, foi o seguinte: tais vasos eram fabricados com o mesmo tipo de argila dos de Tróia! Isto provava, de uma maneira indiscutível, que a tal semelhança, não se tratava de uma simples coincidência. Ora, o mais interessante de tudo isto — como se coisa mais curiosa ainda pudesse haver — é que tal tipo de argila nem se encontra na região de Tróia nem na própria América Central. Onde existia portanto? Só poderia ser... no tal continente desaparecido!

4.º Em 1898 estava-se levantando em pleno oceano Atlântico um troço do cabo submarino que se tinha avariado e se encontrava sobre um fundo de 3.000 metros. Ora, quando ele foi levantado verificou-se que agarrados às fateixas vinham pedaços dum mineral especial, o *tachyly*, que se encontrava no estado vítreo. Ora tal mineral só pode solidificar em tal estado, quando submetido a pressão atmosférica. Por conseguinte, se ele tivesse sempre estado debaixo de água, a 3.000 metros de profundidade, jamais se poderia apresentar nesse estado — pelo contrário, o seu aspecto seria então cristalino. O que prova isto? Que tal mineral existiu já à superfície do solo, e portanto os terrenos onde agora estava assente, viram a luz do dia em épocas extremamente remotas.

Por estes argumentos apresentados, aos quais muitos se poderiam juntar, vemos que a existência da Atlântida é hoje na generalidade aceite. Isso não obsta — pelo contrário até explica — que à sua volta se tenham levantado problemas extraordinàriamente complexos. Qual a verdadeira situação desse continente? Quais os seus verdadeiros limites? Eis um dos que bastante têm apoquentado os investigadores. Bailly (1779) localizava-a no Spitzberg, o alemão Bock encontrava-a na África do Sul... e até há quem descobrisse vestígios dela no Mar do Norte! Tenho diante de mim o jornal *Nice-Matin* do dia 23 de Setembro deste ano, que traz na sua página 8 um interessante artigo sobre a Atlântida, afirmando que dois exploradores alemães descobriram um «Palais Royal» localizado a uma dezena de quilómetros da ilha de Heligoland — em pleno mar do Norte, portanto. Henry Fries, e sua mulher Frau Fries, são dois especialistas de explorações submarinas, pertencendo mesmo a um clube francês da especialidade.

No verão passado, em companhia do pastor Jurgen Spanuth, partiram num barco de pesca para um local situado mais ou menos a uma dezena de quilómetros da ilha de Heligoland, já citada. Foi aí que Herr Fries fez a sua descoberta. A própria esposa assim o diz:

— Passado menos de uma hora, meu marido voltou ao barco, super-excitado. Trazia em cada mão dois blocos de pedra, que mostravam ter sido trabalhados por mãos humanas.

Voltando ao fundo do mar, os intrépidos exploradores puderam observar um muro, com diversas aberturas que, segundo o pastor, deveriam ir dar ao palácio do rei da Atlântida.

Por que razão ele faz «a priori», tão grande afirmação? Ele próprio explica o motivo:

— Os cálculos a que se tem chegado após o estudo de certos manuscritos gregos e de caracteres hieroglifos encontrados em monumentos egípcios, têm-me feito chegar à conclusão que o palácio da Atlântida deveria encontrar-se a uma dezena de quilómetros de uma certa falésia de Heligoland.

Claro que estas afirmações do pastor Jergen Spanuth são sem dúvida alguma interessantíssimas e devem ser, não digo aceites sem reserva, mas pelo menos tomadas em consideração e servirem até de ponto de partida para futuras investigações. O que se me afigura demasiado anti-científico é aceitarmos desde já que o muro encontrado pertence ao continente desaparecido, e então o afirmar-se que as fendas que apresenta conduzem ao palácio da Atlântida, acho que só deve ser feito quando futuras expedições, penetrando por elas, nos dêem o produto das suas observações.

Chegados a este ponto é lícito perguntarmos: Existiu uma civilização atlante? Seria ela constituida por verdadeiros super-homens, como afirmam muitos?

Sabemos que a paleontologia humana demonstrou já — o que dantes era tido como inaceitável — a existência do homem no fim da época terciária. Ora, se nessa altura existiu um continente onde hoje se encontra o oceano Atlântico, os homens que habitavam a Europa e a África Ocidental teriam assistido ao tremendo cataclismo, e daí a lenda de um continente desaparecido, lenda que as investigações recentes mostraram ser verdadeira. O vaso e os objectos descobertos por Schliemann, onde se encontra a inscrição «*De Chronos — rei da Atlântida*» vem mostrar-nos que os homens que nessa altura habitavam a terra, não se limitavam à Europa e à África, mas existiam na própria Atlântida. Este facto, aliado a outros de não menor importância, levam-nos a concluir pelo afirmativo, restando agora, porém, o esclarecimento de como seriam esses homens.

Annie Besant, que se dedicou a este problema, pretendeu esclarecer-nos sobre este ponto, afirmando: «Segui-me em pensamento na Atlântida, aí onde hoje rolam as ondas do Atlântico, aí onde existia outrora um poderoso continente; nesse continente elevava-se uma grande capital, a do Império Toltec, capital chamada a Cidade das Portas de Ouro. Aí reinou o Imperador Branco, descendente duma dinastia divina; aí ergueram os seus mensageiros uma civilização prodigiosa que ainda não foi ultrapassada na terra. Se seguirdes os nomes que partem desse centro, vereis que cada um deles corresponde a um reino. Reinos sobre reinos, impérios sobre impérios! O Egipto conheceu-os,

país cuja civilização, diz Bunsen, apareceu completamente formada na história sem que nada no passado possa explicá-la, nem mesmo de maneira como Palas fez sair Atenas da fronte de Zeus. Vede os esplêndidos edifícios do Egipto, tão explêndidos que os nossos engenheiros ficaram estupefactos de admiração diante dessas ruínas e perguntam como é que os homens de então soergueram essas enormes pedras que coroam os pilares gigantescos dos seus templos; pensai na ciência do Egipto, nas suas dinastias divinas, nos seus Faraós pré-árias, nos extraordinários conhecimentos que ele tinha dos mundos invisíveis como do visível».

Os comentários que Annie Besant faz acerca da civilização egípcia são muito importantes, e merecem a devida atenção; se admitirmos que essa civilização é proveniente da atlante, vemos que para esta ter adquirido já um nível bastante elevado, devia ter-se iniciado há muitos anos já, e assim somos forçados a recuar à época do aparecimento do género humano no Globo. O facto dos esqueletos desses seres não terem ainda aparecido, não nos deverá surpreender, se atendermos ao enorme cataclismo que submergiu a Atlântida, tudo destruindo e afundando! Claro que isto não passa de uma hipótese, repito, hipótese que só o futuro poderá confirmar ou não. O que já incluo dentro do domínio da pura fantasia é o afirmar-se que a capital dum tal Império Toltec, existente na Atlântida se chamava a cidade das Portas de Ouro! Como é que Annie Besant pode provar estas suas afirmações? Recorreu-se provàvelmente — e digo porvàvelmente porque ela nem sequer o indica — a algum manuscrito antiquíssimo... como se isso pudesse servir de prova decisiva numa questão melindrosa como esta! Que ela dissesse que se afirmava nesta e naquela parte, tal e tal coisa, vá que não vá; agora chamar cidade das Portas de Ouro à capital dum não menos fantástico Império Toltec com a mesma convicção com que se diz que Bruxelas é a capital da Bélgica, é que é um critério anti-científico, impossível de ser seguido.

George Poisson, porém, não pensa da mesma forma que Annie Besant, e, quanto a mim, as suas ideias são incomparàvelmente mais substanciais, não se deixando levar por fantasias... Sabe-se, por estudos feitos nesse sentido, que o *Homo Sapiens* apresenta diversos tipos, um dos quais, o Cro-Magnon, tem como mais puras descendentes algumas raças de peles-vermelhas, na América, e entre os bascos, na Europa, havendo — caso curioso! — nìtidas parecenças etnológicas entre os bascos e esses índios americanos. Isto levou George Poisson a localizar a origem desta raça *no meio* dessas duas regiões, donde emanou para esses locais. Mas esse *meio* é, como os leitores já estão vendo, a própria Atlântida. Ora, o homem do Cro-Magnon é ainda pouco evolvido, exceptuando a sua extraordinária tendência para a pintura; os frescos encontrados nas paredes de algumas cavernas são verdadeiramente geniais.

Quem terá razão? Annie Besant ou George Poisson? Só um dia, que me parece ainda longínquo, se poderá responder, com inteira certeza, a esta pergunta.

De tudo o que ficou dito, é possível porém tirar algumas conclusões, que bem podem servir de pontos de partida para futuras descobertas.

1.º A existência da Atlântida é hoje um facto geralmente aceite, em virtude das múltiplas provas a seu favor.

2.º Os verdadeiros limites desse continente, permanecem ainda desconhecidos, embora muitos investigadores tenham pretendido ter encontrado a chave do problema, os últimos dos quais foram dois exploradores alemães.

3. Existem fortes razões para nos levar a admitir a existência duma civilização atlante.

4.º Alguns autores afirmam que os seres desse continente eram autênticos super-homens; outros — pelo contrário — dizem que eles não passavam de criaturas mediocres. Uma e outra afirmação não puderam até hoje ser definitivamente aceites ou rejeitadas por carência absoluta de dados rigorosamente positivos.

E, como isto, muitíssimas questões ligadas a este magno problema, continuam ainda por resolver, até à altura em que a Ciência, mercê de incansáveis investigadores, possa dar resposta satisfatória às nossas legítimas interrogações.

NATAL!

Que momento tão grandioso! Quem saberá a tua grandeza? A tua profundidade?... Jesus, meu Senhor, tu o sabes.

Natal! Natal! Foste a primeira pedra do edifício de uma vida cheia de Amor, Luz e Sacrifício.

Jesus, meu Redentor, que, da mangedoira ao Calvário, traçaste, com a tinta do teu sangue inocente, o caminho da eterna ascensão, o caminho que, sem Ele, jamais alguém poderá chegar ao Pai!

Jesus, meu imortal Jesus, oceano límpido e sereno cuja profundidade só o Pai conhece: quando chegarei a ver-te? Quando chegarei a conhecer-te? Oh! Microscópica célula que sou, na minha multimilenária descida só o teu amor infinito me tem travado; na minha rara subida só o teu amor sem limites me tem sustentado!

Sejas sempre, para mim e para todos os delinquentes, o nosso Caminho, a nossa Verdade, a nossa Vida, a nossa Luz, o nosso Eterno Amor!

José, humilde servo de Jesus

O Reino de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

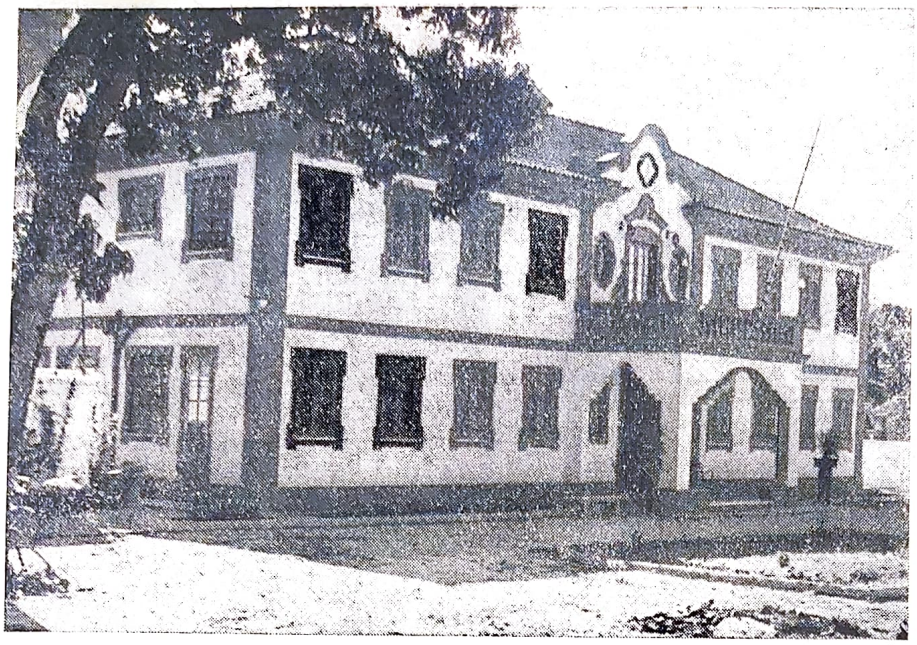
Editado pelo autor, recebemos um volume impresso na Sociedade Tipográfica de Aveiro, intitulado «O Reino de Jesus», da autoria do nosso antigo colaborador Fernando da Cruz Ferreira. Trata-se da colectânea de artigos que publicou nesta revista.

Toda a decisiva lição da vida de Jesus e do seu ensino se vinca nesta obra, de uma forma clara e digna. Fernando da Cruz Ferreira reconta fundamentais passagens da caminhada do Cristo, do Verbo feito carne, sabendo tirar de cada uma aquele «espírito que vivifica», posto que os seus olhos de espírita lhe permitiram ver para além da «letra que mata».

É uma obra equilibrada, dada a adequação da expressão formal aos objectivos descritos e éticos.

Ao mesmo tempo, presta-se admirávelmente a brinde que os pais poderão oferecer aos filhos, tal a suavidade evangélica que se desprende das suas 200 páginas.

Este livro encontra-se à venda no depósito de Estudos Psíquicos Editora, *ao preço de 20$00.*



ORFANATO ESPIRITA CASA DE LUCIÁ

OLÍMPIO DE

O Espiritismo vai sendo desfalcado nos seus valores morais e dia-a-dia se intensifica o apelo aos novos que despontam, para que as fileiras não enfraqueçam. E, graças a Deus, os novos têm acorrido e dão boa conta de si nas mil tarefas que os solicitam a cada passo.

Há, portanto, continuidade lógica na sementeira da ideia. Não poderia ser de outra forma. Quando cai um pioneiro, outro se levanta com a sua reserva ao lado. É o progresso em marcha, é a substituição exigida pela lei do ritmo. E as obras singram, colhem adeptos, alargando mais e mais a esteira da sua rota.

O discípulo imita seu mestre e substitui-o, quando ele parte. Isto, no tocante às obras colectivas.

Todavia, há obras notáveis que morrem com os próprios criadores e animadores e passam à história como heróicas tentativas que servem de exemplo a todos os homens de bem.

A figura a que nos referimos hoje chamou-se Olímpio Leomil de Vasconcelos Oliveira e nasceu na cidade brasileira de Santos, Estado de S. Paulo, de família ilustre e abastada. Tirou o curso de humanidades na capital paulista, tendo em seguida embarcado para os Estados Unidos, onde aperfeiçoou os seus estudos. Na mocidade labutou no comércio e na indústria, salientando-se sempre por lúcida inteligência e sólida cultura. Em 1932, juntamente com sua esposa, D. Rosa Leomil, fundou o Orfanato Casa de Luciá em sua própria residência e seus próprios recursos. Daí em diante a sua vida foi inteiramente dedicada à instituição, hoje modelar, abrigando perto de 70 crianças, meninos e meninas desvalidas. Pois este grande espirita desencarnou em 8 de Setembro último, trocando as palavras terrenas pelos horizontes mais belos da espiritualidade.

Estudos Psíquicos tem consideração especial pelo Orfanato Casa de Luciá, do Rio de Janeiro. Conhecemo-lo através da nossa querida amiga e colaboradora D. Marcolina Alves, já lá vão perto de seis anos, e tivemos ocasião de nos referir à bela reportagem que O Globo lhe dedicou. Dissemos então que esta obra foi idealizada e fundada por D. Rosa Leomil de Vasconcelos, então sua presidente e a maior contribuinte do magnífico património. Ela própria era lavadeira, cozinheira, directora, professora e mãe dos pequeninos.

Dissemos também que, ao sair do Orfanato, a criança vinha apetrechada para tudo, sem recear a vida, com uma educação prática digna da melhor orientação.

A sua directoria é composta de 18 membros, entre eles 5 portugueses que apagam o nome para que a obra mais avulte aos olhos de todos.

Há 6 edifícios majestosos (3 de três pavimentos, 2 de dois e 1 de um pavimento). O edifício que se vê na gravura acima tem grande imponência e deixa entrever o

que serão os outros a que aludimos.

Em 1947 foi ali inaugurado o Departamento Masculino, onde se gastaram mais de 150 mil contos. São dois esplêndidos edifícios com salas de aula e dormitório para 150 albergados, banheiros, roupa-ria, enfermaria, salas para cirurgia de emergência, refeitório, cozinha, recreio coberto e um solário muito bem apetrechado.

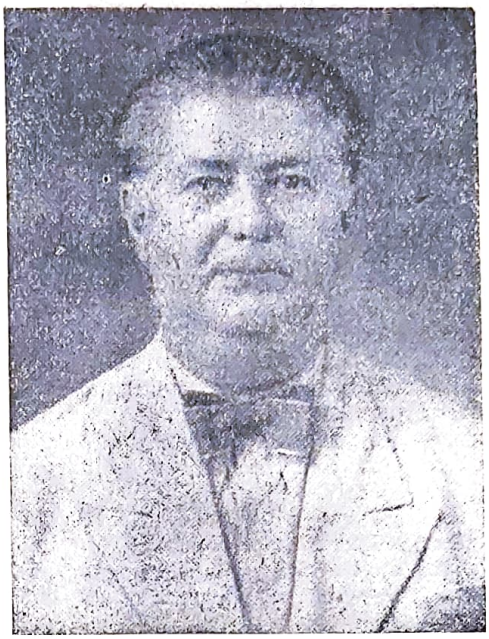
Hoje, é possível que o Orfanato tenha sofrido modificações ou ampliações que o tornem ainda mais imponente.

Olímpio de Vasconcelos era purista da língua e admirador de Rabindranah Tagore. Há pouco nos encarregara de obter muitas obras deste autor hindu, em tradução portuguesa feita em Portugal, ou em francês e castelhano.

A nossa revista suscitava-lhe o maior interesse e a mais justificada simpatia, motivo por que sentimos profundamente a sua perda.

A Casa de Luciá tem continuadores que a não deixarão morrer. Bem ao contrário, a sua luz irradiará em círculos promissores; e o espírito liberto que a materializou para os séculos continuará do Além a auxiliá-la com suas vibrações de amor paternal.

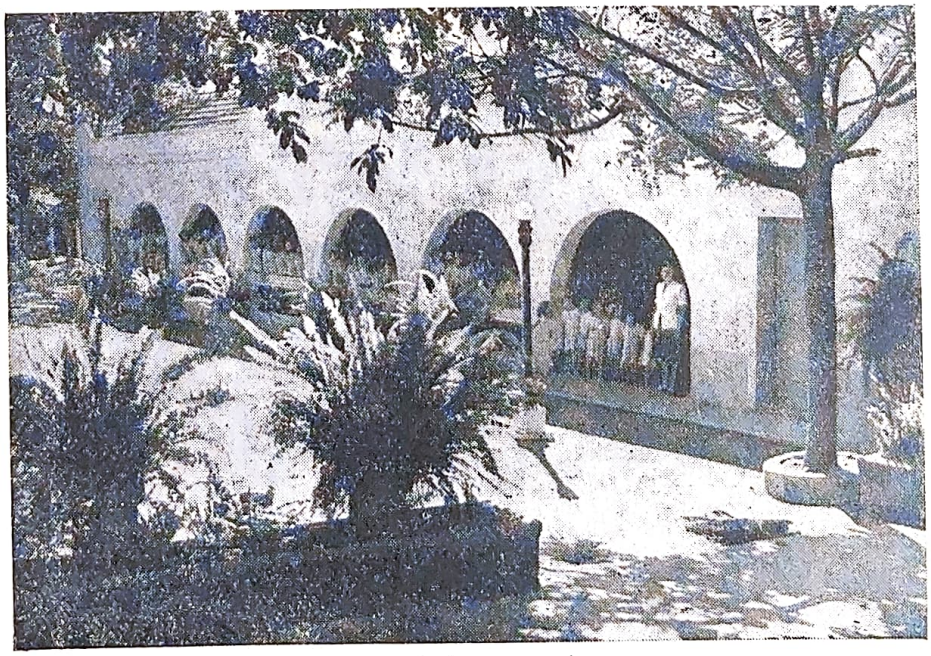
O Espiritismo vai sendo desfalcado nos seus valores morais, dissemos nós no princípio desta página; mas a lei das compensações permitirá que tudo se recomponha e o progresso se exerça em benefício do existente. As brechas serão oportunamente preenchidas, porque em toda a parte há obras a erguer e campos a desbravar. Seja qual for o momento e a latitude, os obreiros aparecerão de picareta ao ombro. Os cavoueiros pertencem a todos os tempos, aprenderam todas as línguas. Por isso as nossas obras sociais são pilar e fundamento da nova moral evangélica, que orienta as almas em voos grandiloquentes. É isto que temos visto sempre, principalmente nesse Brasil imenso onde está o nosso coração.



OLÍMPIO DE VASCONCELOS

VASCONCELOS

Que o espírito bondoso de Olímpio de Vasconcelos continui do Além a tarefa momentâneamente interrompida, para maior prestígio da Casa de Luciá e da doutrina Espírita!



OUTRO ASPECTO DO ORFANATO

LIVROS DE TODO O MUNDO

Anotados por RAMOS PEREIRA

SE bem que editada já há tempos pela *Portugália Editora*, só agora tivemos a oportunidade de ler a novela «Calafrio», de Henry James, um dos maiores escritores americanos. Daqui chamamos para esta obra a atenção dos nosos leitores e, mais ainda, a daqueles que têm tentado a novela ou romance com base no fenómeno «sobrenatural».

É certo que o Autor disse que quisera dar apenas «a perfect example of an exercise of the imagination». Todavia, tal «exercício de imaginação» descreve-nos, com a maior das perfeições possíveis, a luta angustiosa de uma perceptora, sensitiva clarividente, para *salvar* duas crianças das nefastas influências de dois *espíritos* inferiores — o de «Miss Jessel», antiga professora, e o de «Peter Quint», um criado de alma demoníaca. É um típico caso de obsessão, contado por alguém que sabia como manejar as palavras para suscitar emoções profundas — verdadeiros calafrios... — na alma dos seus leitores.

Não nos é dito como se efectuava a obsessão ou qual o fim que se pretendia atingir. Isso é deixado à imaginação de quem lê; é o *Mistério* que... exercitará a imaginação... Na verdade, cada um de nós tem suficiente conhecimento do mal de que é capaz o homem, para com ele preencher a lacuna misteriosa deixada pelo Autor como «a point of suspense!».

E para terminarmos esta nota, permitimo-nos transcrever as seguintes palavras de Gaspar Simões na sua «Breve introdução à leitura de Henry James»: — «Se a literatura é uma imagem da vida, negar à literatura o direito de exibir como realidades aspectos da própria vida é negar-se-lhe a sua própria condição de existência. *Quer queiramos quer não, o sobrenatural é um dos aspectos da vida*».

Que melhor justificação se poderia dar para o fundo desta extraordinária novela de James?

179. **MILAGRE E FÉ NA CURA** — pelo *Dr. Fred Wachsmann*. Lisboa, 1953.

Sub-intitulado «estudos clínicos do misterioso poder dos curadores», este trabalho do Dr. Wachsmann é um bom repositório de casos variados de curas (e pseudo-curas) anormais, obtidas pelos mais variados processos, desde a auto-sugestão e hetero-sugestão à acção de certas forças psico-somáticas existentes em todos os humanos, em variados graus de desenvolvimento.

Uma certa falta de sistematização, de metodologia expositiva, dificulta a apreensão dos passos temáticos e da respectiva argumentação. O fio condutor aparece-nos muito emaranhado, dando, por vezes, a impressão de verdadeiras contradições de pensamento: — ora julgamos justificada (e até apoiada?) a actividade de alguns charlatães ao obterem curas, ora a crítica vem de tal forma incisiva, irónica e virulenta que só a condenação irremissível é possível.

Parece-nos, porém, ser a intenção fundamental do Autor o chamar a atenção para novas terapêuticas e para a função, por vezes decisiva, da *fé* na obtenção da cura, embora pouco se nos diga sobre a natureza das forças que entrarão em jogo e das acções orgânicas que produzem.

Antes de fechar esta nota temos que dizer da admiração que nos causou a inclusão de Silvio Grell entre os casos do charlatanismo sugestivo e isto por se tratar de... história monetária! Já Diógenes na velha Grécia e John Law na França do século 18 tinham pugnado pela instauração da «moeda fiduciária», hoje a forma monetária mais usada (excepto nos países anglo-saxónios onde prepondera a conta de depósito). Grell não é um charlatão como o não foi Law, *enquanto* defensores da ideia de alargar o uso da nota — que hoje... é dinheiro por força de lei e, também, dos hábitos adquiridos. Se tem havido experiências de rápida e vasta depreciação do poder de compra das notas (Alemanha depois da 1.ª Guerra, Grécia ou Hungria no sucessivo da 2.ª Guerra Mundial), isso não quer dizer que se tenha dado a natural consequência de um charlatanismo dos bancos emissores... O problema é mais complexo e não pode (nem deve) ser tratado no âmbito destas notas e de uma Revista como esta em que escrevemos; remeteremos o Autor do livro em epígrafe e o leitor interessado para uma obra como «Monnaie, Prix et Change», de Aftalion ou «Treatise on Money» de Keynes para que se possa aquilatar com segurança das impressões originadas pela leitura dos comentários ao caso Grell.

Terminaremos afirmando ao Doutor Wachsmann que apreciámos a coragem com que tocou em certos «podres» da medicina numa crítica séria de palavras duras mas justas.

180. **REFLEJO DIVINO** — por *Isabel de Maranesi*. Libreria Unidad, Mar del Plata, 1953.

Há nestas poesias um tom de sinceridade que empolga, a par de uma inquestionável beleza formal. *Sente-se* que é o cantar de uma alma que sofreu e chorou, dando-se, agora que encontrou o Caminho que passa no coração do Cristo, ao prazer de abrir aos outros os reflexos produzidos.

Reparemos, por exemplo, nesta confissão:

«Profunda fué la herida
que tu me ocasionaste;
inmenso fué el desgaste
de mi alma dolorida.
Y en esa poca vida
que el mundo me restaba,
en mi dolor ansiaba
vivir para escudarte;
vivir y prodigarte
la luz... que me quedaba.

Não há esforço; a poesia sai não-pensada, não serventuária de um tema. Parece-nos antes que foi este — um cristianismo vivido — que foi dar maior força a um sentir poético já existente. Ouça-se este grito de «ansiedade»:

«Largas horas de ansiedad
soporté mientras llegabas;
millares fueron las trabas
de esta gran felicidad,
mas no obstante, te aguardé,
y en silencio pronuncié
palabras de gratitud,
por aquella excelsitud
que reforzaba mi fe.

Isabel de Maranesi é Mulher, é uma poetisa e uma sensitiva. Frequentemente nos pareceu que seus versos eram fruto de uma infusão entre o amor terreno pelas coisas do mais além e a graça misericordiosa do céu pelas coisas do aquém.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM CURADOR DE ANIMAIS

Two Worlds de 15 de Agosto insere interessante artigo de Maurice Barbanell acerca do curador G. W. Tomkins, de Mitcham, Surrey, Inglaterra, que há mais de 20 anos se dedica à cura dos nossos irmãos inferiores, missão que lhe foi revelada por uma entidade espiritual e que, apesar do seu cepticismo, se verificou exuberantemente, pois, entre animais domésticos, aves e peixes, macacos, elefantes e tartarugas, já tratou mais de 2.000.

Trata-se de um homem simples, humilde, sem pretensões, verdadeiramente familiar e chegou ao Espiritismo por brincadeira.

Uma vez teve uma sessão com a famosa clarividente Estelle Roberts, que lhe disse terminantemente: «Você é curador». Intrigado com esta revelação percorreu muitos centros e em toda a parte corroboraram as palavras da médium, até que, finalmente, numa sessão que realizou em casa, fez a seguinte pergunta ao guia que lhe revelara a sua missão espiritual:

— Onde hei-de fazer as curas?

— Neste quarto.

— Quando?

— Muito brevemente.

— Mas eu não tenho doentes...

— Eles virão.

Dias depois batem-lhe à porta. Era uma senhora aflita.

— É o sr. Tomkins, o curador de animais?

— Sou — disse ele, precipitado —. Assim mo disseram.

— É que o meu cãozito está muito mal. Tem seis ou sete ataques cardíacos por semana e os veterinários não conseguem curá-lo.

Felizmente para o apreensivo Tomkins, ele era agora médium e o seu guia podia curar. Por isso este último disse no fim do tratamento realizado: «Não haverá mais ataques. Não lhe dê mais drogas».

Dias depois a senhora voltou e disse que o animal não tivera ataque algum desde o tratamento. Continuou as sessões de cura e as melhoras mantiveram-se.

Certa noite, Tomkins perguntou à senhora:

— Como soube o meu nome e endereço? Quem lhe disse que eu era curador de animais?

— É que eu sou presidente do Centro Espirita de New-Malden — disse ela — e, durante uma sessão, o meu guia aconselhou-me a que o procurasse e ele próprio me deu o seu endereço.

Desde esta primeira cura, o seu trabalho aumentou extraordinàriamente. Cartas da América do Norte, Austrália, Canadá e do continente europeu testemunhavam as suas numerosas curas, a maioria das quais feitas a distância.

A revista *The Greater World* inseriu também um belo depoimento do sr. Tomkins, relativo ao assunto. Diz o curador:

— O poder divino de curar os animais é desconhecido de quase toda a gente; no entanto, as provas são cada vez mais numerosas, não só em gatos e cachorros, como em diversos animais, aves e peixes.

Em seguida diz que o psiquismo animal é muito acentuado e que às vezes dão mostra da presença dos espíritos muito antes de nós e captam ràpidamente as nossas vibrações de amizade. Em tantos tratamentos feitos nunca lhe morderam, mesmo os que eram considerados perigosos.

Conta igualmente o caso de um cavalo de corrida com um tendão seccionado numa competição e que ele conseguiu curar sem intervenção cirúrgica, embora os médicos o dessem como incurável; e um cão com a bacia fracturada abandonado pelos médicos-veterinários e curado em poucas semanas; e um gato com a omoplata fracturada curado a distância em duas semanas; e um cavalo com o pulmão avariado quase a desfazer-se e que foi curado em dois meses, o que impressionou extraordinàriamente os médicos veterinários; e uma vaca que engulira um bocado de arame farpado, que foi curada sem operação; e um cavalo dado por incurável com paralisia na laringe restabelecido nalgumas semanas, a ponto de poder tomar parte nas corridas.

Assim trabalha o sr. Tomkins, que tem em seu poder grande número de atestados das curas que realiza, sem retribuição de espécie alguma.

Além disto, tem obtido belos êxitos em doentes de paralisia, espinhas curvadas, cãimbras, etc., por contacto e a distância.

As curas realizam-se às 5.as feiras à noite, no seu Santuário, n.º 47, Brookfields Avenue, Mitcham, Surrey, e às 3.as feiras, também à noite, n.º 42, The Kingsway, Ewell, Surrey.

Todos os leitores que necessitem do auxílio deste médium curador podem escrever-lhe relatando a doença, com o dinheiro para a resposta, (poderá ser um cupão internacional). O sr. Tomkins não exige retribuição, como dissemos, embora aceite doações voluntárias para a manutenção do Santuário.

TENDA ESPIRITA VICENTE DE PAULO

Já nos temos referido muitas vezes ao desenvolvimento do Espiritismo no Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, onde proliferam agremiações beneficentes ligadas à doutrina, além de centros de cultura que muito contribuem para o conhecimento dos caminhos que se abrem à nossa curiosidade ansiosa.

Hoje cabe a vez à *Tenda Espirita Vicente de Paulo,* fundada em 1921 na florescente cidade de Bagé, um aglomerado de 32.000 habitantes que alarga progressivamente suas numerosas actividades.

Esta agremiação encontra-se instalada em edifício próprio, cuja entrada conduz a uma larga sala que serve de secretaria e biblioteca, com com livros para venda e para empréstimo aos sócios. A seguir há outro grande compartimento que serve de farmácia para distribuição de medicamentos homeopáticos aos que os solicitam. Depois há um salão de reuniões públicas com 165 metros quadrados e 250 cadeiras. Além disto, tem um dependência destinada a passes e sessões mediúnicas particulares. Na parte exterior tem um lavabo para homens e outro para senhoras.

Às 2.as feiras realiza estudos de conjunto. As 3.as feiras, aulas de estudo e discussão de pontos doutri-

nários e científicos. Às 4.as feiras, sessões mediúnicas particulares. Às 5.as feiras, sessões públicas doutrinárias. Às 6.as feiras, estudos orientados por um Instrutor Espiritual e reservadas a alguns elementos. Aos sábados, sessões de passes e doutrina. Aos domingos, aula de evangelização às crianças.

Além deste Centro, existem mais sete nesta cidade, os quais funcionam regularmente, embora com outro programa de trabalhos.

Sob o título de «Personalidade e Mediocridade», a Tenda Espírita distribuiu a seguinte comunicação mediúnica:

«O conceito da mediocridade modifica-se no plano das nossas conquistas universalistas após a transição da morte. Aí, no mundo, costumais entronizar o escritor que enganou o público, o político que ultrajou o direito e o capitalista que enriqueceu sem escrúpulos. Vós os colocais como homens superiores e lhes exaltais o mérito com louvaminhas.

«Muito falais em mediocridade, em rebanho, em personalidade superior. Para nós, a virtude da resignação não se compara aos dotes do intelectual que gesticula numa tribuna, emaranhado em confusões palavrosas e não se importando com os exemplos do mundo.

«O trabalhador que passa a vida laborando no amanho da terra e fabricando o pão saboroso tem mais valor para Deus do que os artistas de inteligência viciada que só perturbam a marcha divina das leis.

«Ser trabalhador, não é ser mediocre».

CRUZADA DE MILITARES ESPIRITAS

Acaba de nos chegar às mãos uma comunicação da Cruzada dos Militares Espiritas de Natal, Estado brasileiro do Rio Grande do Norte, com sede própria na Praça Augusto Leite, 268, Tirol, da mesma cidade, informando-nos de que no dia 9 de Outubro (4.º aniversário desta instituição) foi empossada a seguinte directoria para o período de 1953 a 1954:

Presidente, 1.º Tenente Filipe Soares de Melo (Exército); *Vice-presidente*, 1.º Sargento Lauro Pereira (Marinha); *Secretário*, Major Altino Cordeiro de Paula (Polícia Militar); *Tesoureiro*, 1.º sargento António Alves Ribeiro (Exército); *Bibliotecário*, 1.º Sargento Luís Florentino de Moura (Aeronáutica); *Director de Instrução e Assistência Social*, 1.º Sargento Sebastião Avelino de Macedo (Exército).

Esta Cruzada mantém as seguintes instituições: *Mocidade Espírita «Auta de Sousa»*, com aula de evangelho para crianças; *Escola Major Viana de Carvalho*, reconhecida pelo Governo do Estado e destinada ao ensino gratuito de crianças, jovens e adultos; *Escola Espiritualista «O Precursor»*, a funcionar semanalmente na Casa de Detenção de Natal com autorização do Chefe da Polícia; *Acção Social «Lins de Vasconcelos»*, com assistência aos presos, leprosos, etc.

«As Cruzadas surgidas no velho mundo no século 12 e 13 — diz o *Cruzado 553* num articulado que acompanhava o comunicado — foram organizadas para dar combate aos infiéis. Levaram ao Oriente e ao Ocidente europeu as guerras destruidoras ao grito de «Deus o quer!». No século actual surgem em todas as cidades do Brasil, apoiadas e dirigidas pelos militades de terra, mar e ar, as Cruzadas dos Militares Espiritas, com a missão de combater o analfabetismo, educar e instruir as crianças e os jovens, tornando-os úteis à humanidade; moralizar a mocidade; reeducar e esclarecer os mais velhos; amparar a infância e a velhice desvalida; espalhar por todo o país o Evangelho do Cristo *em espírito e verdade*, a fim de que o Brasil seja, de facto, a *Pátria do Evangelho e Coração do Mundo*».

Esta Cruzada, fundada em 9 de Outubro de 1949, já tem um belo património de realizações humanitárias. Felicitamo-la por isso, apresentando os mais efusivos cumprimentos ao seu presidente e nosso representante no Rio Grande do Norte, 1.º tenente Filipe Soares de Melo, a quem enviamos um grande abraço de simpatia.

O IMORTAL GHANDI

La Revue Spirite transcreveu do jornal parisiense *La Presse:*

«O comboio rápido de Amritsar roda para Bombaim. Na sua carruagem-salão, o Presidente Nehru relê o texto do discurso que pronunciará no dia seguinte. Sùbitamente, o comboio pára em pleno campo e Nehru vê as horas no relógio. Faltam duas para chegar à cidade.

«A paragem foi demasiado brusca para não ser insólita. No silêncio progressivo ouvem-se passos ao longo da via. Os guardas da linha chegam e postam-se em frente da portinhola da carruagem. Um homem surge, empalidecido e sufocado. É o comissário encarregado da segurança do comboio.

«— Que foi isto? — pergunta Nehru.

«— Excelência... Uma catástrofe se evitou. Estavam cinco bombas na via férrea e conseguimos tirar-lhes a escorva.

«Profunda emoção entre os oficiais. Só Nehru manteve a calma.

«— Não se enervem, meus amigos. Sejamos dignos do mestre desaparecido. Se o Mahatma morreu às mãos de um fanático, o mundo esqueceu o assassino, mas lembrar-se-á sempre do nome de Ghandi».

MAUS CRÍTICOS

Há tempos o *comentarista* do diário carioca *Vanguarda* publicava o seguinte na secção «Fronteiras do Outro Mundo»:

«Quase sempre as pessoas que combatem o Espiritismo procuram fazê-lo com base nas sessões mal orientadas. De facto, há sessões espiritas, infelizmente, dirigidas por pessoas que desvirtuam os princípios fundamentais da doutrina. Todos nós sabemos disto. As instituições e até mesmo alguns homens de responsabilidade no movimento espirita sempre trabalharam e trabalham para corrigir tais falhas, que, aliás, não correm por conta do Espiritismo, mas de pessoas que teimam em realizar sessões espiritas à margem dos ensinos de Allan Kardec. Os inimigos do Espiritismo, entretanto, são unilaterais, na maioria, porque apoiam os seus argumentos apenas naquilo que — sem conhecimento do assunto — observam em sessões empíricas.

«Há no Espiritismo grandezas que edificam, realizações que deslumbram: mas o que se procura ver na maioria dos casos é ùnicamente a deturpação, o empirismo. Há muita coisa que não é Espiritismo, mas, na realidade, «falso» Espiritismo, «falsa» mediunidade, «falso» cristianismo, etc. Quem tem «olhos de ver» ou quem procura ver as coisas com equilíbrio e honestidade, sabe separar «o trigo do joio».

Estes críticos tomam em geral, a parte pelo todo. Lendo uma página, ficam logo a saber o conteúdo da obra.

Assim, o público é ludibriado. Seria interessante que os directores de jornais e outras publicações exercessem rigorosa vigilância em torno dos maus críticos. Elevariam o padrão da imprensa, que foi criada para educar e ensinar, e aumentaria a sua força moral.

Há «falso» Espiritismo? A resposta afirmativa reconhecerá imediatamente a existência do Espiritismo verdadeiro, — o único que nos interessa.

Notas & Comentários

«CARAVANA DA FRATERNIDADE»

O nosso colaborador e amigo Leopoldo Machado, que há tempo experimentou duramente a adversidade, não só através de doença grave, como de acidente que lhe danificou a casa de habitação, continua a trabalhar na grande seara do Mestre e a dar-nos belos livros, onde palpita a sua aspiração de perfectibilidade humana. Homem tenaz e denodado, nada lhe cerceia o entusiasmo e a fé no futuro do ideal.

Ainda há pouco surgiu mais um livro de sua autoria, «Uma Grande Vida», acerca de outra grande figura do Espiritismo: Cairbar Schutel, o fundador de O Clarim e da Revista Internacional do Espiritismo, e já vamos ter outra, intitulada «Caravana da Fraternidade», essa grandiosa excursão aos Estados brasileiros do interior que constituiu verdadeira marcha triunfal e lhe forneceu elementos para um belo livro de memórias. As suas 320 páginas, com prefácio póstumo de A. Lins de Vasconcelos, tratam de crónicas e impressões de viagem, mensagens de espiritas, amigos caravaneiros invisíveis, excertos das actas das sessões de unificação, repercursão na imprensa espirita e profana, etc., etc. Livro em que palpita o movimento espirita brasileiro, na prosa incisiva de um escritor consumado, temos a certeza de que será bem acolhido, como todos que têm saído de sua pena.

Leopoldo Machado diz que chegou ao fim do seu trabalho de propagandista, mas a obra continua, cheia de vigor, aliciando gregos e troianos para o festim da espiritualidade. Temos esperança de o ver removado — ao contrário do que ele julga —, a dar aos novos o exemplo do seu esforço gigantesco No Brasil espirita, os livros de Leopoldo Machado são acontecimentos que se registam com agrado. Por isso lhe auguramos um grande êxito.

LIVRARIA ESPIRITA

A «Casa do Espirita», grandioso monumento arquitectónico que está a ser construído na idade de Porto Alegre, Capital do Rio Grande do Sul, Brasil, vai inaugurar brevemente, numa de suas lojas, opulenta livraria de obras espiritas nacionais e estrangeiras, bem como de fundo espiritualista que possam interessar os estudiosos.

A maior caridade que se deve prestar ao povo é dar-lhe a conhecer as verdades que o libertem das forças do mal. Uma livraria espirita é fonte de benefícios incalculáveis e nenhum sedento deixará de lhe apreciar o mérito.

Porto Alegre é cidade moderna, cheia de perspectivas, onde o Espiritismo encontrou elementos valiosíssimos, cujo trabalho está dando frutos saborosos. Haja em vista o Hspital Espirita e o Instituto Espirita Dias da Cruz, que tão bela obra têm realizado. Faltava agora uma livraria central que estimulasse o conhecimento do Espiritismo e é isso que vai fazer-se com a que será inaugurada na Avenida André da Rocha, n.º 49. Temos a certeza de que será um magnífico empreendimento que encherá de alegria a população espirita do Rio Grande do Sul.

NOVO INQUÉRITO DE MARCEL PETIT

Lemos em Survie, órgão da União Espirita Francesa, que o consagrado jornalista e escritor Marcel Petit realizou um grande inquérito em La Nouvelle Republique de Bordéus subordinado ao título: «Pode-se comunicar com os mortos?».

Eis como o importante quotidiano apresentou o conhecido repórter:

«O nosso colaborador Marcel Petit começa hoje um novo inquérito sobre os misteriosos e estupefacientes fenómenos supranormais que põem imensos problemas, entre eles o da sobrevivência.

«Marcel Petit, a que muitos psiquistas chamam o explorador do Além, é autor dos retumbantes inquéritos: «Espírito, estás lá?», «Os Curadores Curam?» e «Os Maravilhosos Segredos do Pêndulo».

«Sem deixar de ser objectivo, mas com a competência inerente a longos anos de experiências pessoais, vai tentar, novamente, a decifração do grande enigma».

Survie revela também que Marcel Petit publicou «A Cura das Doenças pelos Curadores», obra inteiramente esgotada, e que vai publicar um livro em que exporá o resultado de suas experiências. «As conclusões — diz a nossa colega de Paris — não devem ser desfavoráveis ao Espiritismo».

Lamentamos que em Portugal se não imite a França nos processos jornalísticos, galgando a fronteira dos assuntos triviais em que os nossos diários são férteis. Os quotidianos estrangeiros são cá recebidos e os nossos periodistas não ignoram o que se passa no mundo em matéria de psiquismo. Seria bom que algum «Repórter X» ou «Y» seguisse o exemplo de Marcel Petit e informasse o grande público com sinceridade e verdade. Ver-se-ia então que os problemas que entre nós fazem rir o povo ignaro, em virtude da forma como lhos apresentam, são interessantíssimos e merecem toda a atenção e respeito das pessoas sisudas...

HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

O Dr. Canuto Abreu está a publicar no jornal Unificação de S. Paulo um folhetim muito interessante, intitulado «O Livro dos Espíritos e a sua Tradição Histórica e Legendária». Trata-se de história romanceada de fundo verídico baseado em documentos que o antigo director da Revista Metapsíquica obteve em Paris em 1922.

Temos lido esse trabalho e achamo-lo de grande utilidade para o conhecimento de muitos pormenores imprescindíveis à compreensão do esforço gigantesco de Allan Kardec, em sua tarefa de codificador. Temos a certeza de que este livro constituirá um grande êxito de livraria.

EPITÁFIO DE UM TÚMULO

Nas «Memórias de Vivos e Mortos», de Fra Diávolo, encontra-se este parágrafo edificante:

«Não ouses evocar-me, porque eu não te ouvirei. Este túmulo está vazio. E se cheio estivesse, também não te ouviria. Nós não aparecemos àqueles que não se parecem connosco. Não evoques também as almas dos mortos vulgares, porque elas, temendo-se a si mesmas, temem aqueles que com elas se parecem. Lê, medita e segue o teu caminho».

Noticiário

SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Mais um mês, mais um sorteio de livros em benefício dos necessitados. Desta vez foram quatro prémios que couberam aos seguintes subscritores a quem enviamos os nossos cumprimentos:

«Somos Todos Irmãos» — D. Marília Lameiras Carneiro Franco, de Lisboa.

«Erros Doutrinários» — José Francisco Cabrita, de Lisboa.

«Prolonguemos a Vida» — D. Feliciana Mira de Abreu, de Lisboa.

História de Catarina» — D. Ana Cardoso Telinhos, de Lisboa.

HOMENAGEM AO CENTRO LUZ E AMOR

A *Fraternidade Esotérica Iniciática,* instituição a que nos ligam fortes laços de simpatia e que tem desenvolvido intensa actividade em prol do neo-espiritualismo, realizou no passado dia 29 de Novembro uma tocante homenagem ao Centro Espiritualista Luz e Amor. Presidiu o nosso confrade Francisco Cabrita, o qual, abrindo a sessão, disse palavras que muito nos sensibilizaram. Falou de Isidoro Duarte Santos, a figura central da nossa agremiação, o qual, sem desfalecimentos, com uma vontade de ferro que muitos invejavam, conseguira torná-la conhecida e admirada, em Portugal e no estrangeiro, assim como à revista *Estudos Psíquicos.* Disse também que convidara o nosso director a realizar ali uma conferência sobre «Radiestesia Médica», em virtude deste assunto interessar sobremaneira aos sócios da *Fraternidade Esotérica.*

Isidoro Santos agradeceu as palavras amigas que lhe haviam sido dedicadas e saudou fraternalmente a instituição congénere, dando início ao seu trabalho — tema de grande importância, sobretudo para os esoteristas. E durante cerca de hora e meia, em linguagem simples mas precisa, num tom de familiaridade que subjugou toda a assistência, conseguiu apresentar um esboço perfeito do complexo problema que se propôs tratar.

Seguiu-se depois Eduardo Fernandes de Matos, um dos fundadores da *Esotérica.* Teceu louvores à obra das duas sociedades que, seguindo embora caminhos um pouco diferentes, perquirem o mesmo fim — a paz, a harmonia e a felicidade de todos os seres. Referindo-se ao conferente, disse que já o conhecia há muito como escritor e sentiu grande alegria quando o pôde conhecer pessoalmente, terminando por ler algumas poesias da autoria do nosso director.

António Cardoso, depois de saudar a *Esotérica,* declamou o poema «Se», de Rudyard Kipling, em adaptação de Félix Bermudes, e uma poesia de Guerra Junqueiro.

Francisco Cabrita encerrou a sessão com novas palavras de carinho para o Centro Luz e Amor e seus colaboradores, a quem desejou os maiores progressos espirituais.

Pela nossa parte, daqui lhes enviamos um agradecimento de retribuição sincera.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 22 de Novembro coube a vez a António Cardoso de falar acerca de um problema psicológico a que muitos autores se têm dedicado. Tratou dos «Sonhos» e dividiu-os em duas grandes classes: sonhos provocados e sonhos espontâneos. Demorando-se nos sonhos da última categoria, tratou primeiro dos emanados do subconsciente, entre eles, os devidos à mudança do centro de gravidade, os provocados por certas doenças e acidentes, os originados por ideias recalcadas e outros motivados por intenso trabalho intelectual. Depois passou aos sonhos paranormais, que dividiu em desdobramentos do espírito, transmissões telepáticas e sonhos premonitórios.

A assistência seguiu com interesse a sua exposição, que demonstrou verdadeiro conhecimento de causa.

Em 13 de Dezembro, perante expectativa geral, estreiou-se na sede do Centro a sr.ª D. Maria Cristina Nazaré. No seu primeiro contacto com o público contou como chegou ao Espiritismo. Numa linguagem simples mas elucidativa, prendeu durante meia hora a assistência, no relato sugestivo do seu caso. Disse como fora educada na religião católica e como ia notando as incoerências da mesma com o Evangelho; narrou a influência do Espiritismo na sua alma sequiosa de verdade, respondendo às suas interrogações mais íntimas e insuflando-lhe extraordinária energia na luta pela vida, coisa que lhe não dera catolicismo. Concluindo, afirmou que lhe interessa mais a parte moral do Espiritismo, pois daí partirá necessàriamente a renovação integral da sociedade.

Isidoro Duarte Santos congratulou-se com o trabalho apresentado e augurou à conferente uma posição de relevo entre as mulheres espiritas portuguesas.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM JANEIRO DE 1954

Grupo de irradiação Mental

Todas as 5.as feiras, às 21,30, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

Grupo «Irmão Rhammurthi»

Todas as 2.as feiras, às 21,30, com a médium D. Maria da Glória.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as 6.as feiras, com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 2, sábado, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 3, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 9, sábado, às 21,30 — Sessão do Grupo «Irmão Rhammurthi» (parte prática).

Dia 10, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 16, sábado, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 17, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 23, sábado, às 21,30 — Sessão do Grupo «Irmão Rhammurthi» (parte prática)

Dia 24, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 30, sábado, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 31, domingo, às 16 horas — Conferência por Ângelo da Costa Cabral, intitulada «Naturismo e Espiritualismo».

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infnnito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pegadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
O Reino de Jsus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*...	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A